

# O

# R̥g Veda

## LIVRO 1

### (Maṇḍala 1)

Traduzido para o inglês por:

**H. H. Wilson**

Primeiro Aṣṭaka. Segunda Edição – 1866  
(Parte do) Segundo Aṣṭaka. Primeira Edição – 1854.  
[Disponíveis em [archive.org](http://archive.org)]\*

**Ralph T. H. Griffith**

Segunda Edição – 1896  
[Disponível em [sacred-texts.com](http://sacred-texts.com)]

Incluindo 48 hinos por

**Hermann Oldenberg** – 1897  
[Disponível em [archive.org](http://archive.org) e em [sacred-texts.com](http://sacred-texts.com)]

E 21 hinos por

**Max Müller** – 1891  
[Disponível em [archive.org](http://archive.org) e em [sacred-texts.com](http://sacred-texts.com)]

Versões traduzidas para o português por

**Eleonora Meier** – 2013.

\* Sites consultados em 2013.

Páginas de Título:

# ṚG-VEDA SAMHITĀ

UMA COLEÇÃO DE

**HINOS HINDUS ANTIGOS,**

CONSTITUINDO

O PRIMEIRO AṢṬAKA,<sup>1</sup> OU LIVRO

DO

**ṚG-VEDA,**

A MAIS ANTIGA AUTORIDADE PARA AS  
INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS E SOCIAIS DOS HINDUS.

TRADUZIDO DO SÂNSCRITO ORIGINAL

**POR H. H. WILSON, M.A., R.F.S.**

*Membro da Sociedade Asiática Real, das Sociedades Asiáticas de Calcutá e Paris, e da Sociedade Oriental da Alemanha; Membro Estrangeiro do Instituto Nacional da França; Membro das Academias Imperiais de Petersburgo e Viena, e das Academias Reais de Munique e Berlim; Ph. D. Breslau; M.D. Marburg, etc., e Professor Boden de Sânscrito na Universidade de Oxford.*

**PUBLICADA SOB O PATROCÍNIO DA CORTE DE DIRETORES DA COMPANHIA DAS ÍNDIAS ORIENTAIS.**

SEGUNDA EDIÇÃO

LONDRES  
N. TRÜBNER & CO.,  
TRAVESSA PATERNOSTER, 60.  
1866

<sup>1</sup> O primeiro *Aṣṭaka*, ou Oitavo, vai até o hino 121 do Primeiro *Maṇḍala* ou Livro.

**OS**  
**HINOS DO R̥GVEDA**

TRADUZIDOS COM UM COMENTÁRIO POPULAR

POR

**RALPH T. H. GRIFFITH, M.A., C.I.E.**

ANTIGO REITOR DA UNIVERSIDADE DE BENARES E ANTIGO DIRETOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA NAS  
PROVÍNCIAS DO NOROESTE E OUDH

---

**SEGUNDA EDIÇÃO**  
**COMPLETA EM DOIS VOLUMES**

---

**VOL. 1**



**BENARES**

**IMPRESSO E PUBLICADO POR E. J. LAZARUS & CO.**

---

1896

**OS**  
**LIVROS SAGRADOS DO ORIENTE**

**VOL. XLVI**

**HINOS VÊDICOS**

TRADUZIDOS POR

**HERMANN OLDENBERG**

PARTE II

HINOS A AGNI (MĀṆDALAS 1-5)

**OXFORD**

**CLARENDON PRESS**

**1897**

---

**OS**  
**LIVROS SAGRADOS DO ORIENTE**

**VOL. XXXII**

**HINOS VÊDICOS**

TRADUZIDOS POR

**F. MAX MÜLLER**

PARTE I

HINOS AOS MARUTS, RUDRA, VĀYU, E VĀTA

**OXFORD**

**CLARENDON PRESS**

**1891**

## Prefácio

“Por meio da ajuda da história e dos Purāṇas o Veda pode ser interpretado; mas o Veda teme alguém que tem menos informação do que deveria”. Essa afirmação é encontrada na minha tradução do Mahābhārata traduzido por Ganguli (Adi; pág. 25). Exatamente esse trecho foi divulgado a princípio com um erro, posteriormente corrigido tendo como base o Vāyu Purāṇa (1.1.181), que diz: “O Veda teme aquele que é deficiente em tradição, pensando ‘ele me danificará’”. Portanto, foi exatamente por temer ‘danificar o Veda’ que apresento abaixo duas versões completas desse primeiro livro do Ṛg Veda, além de alguns hinos traduzidos por outros dois estudiosos.

As diferentes versões do mesmo hino encontram-se uma abaixo da outra, para facilitar sua comparação assim como seu possível entendimento. Elas têm semelhanças esclarecedoras e diferenças significativas. Por primeiro está a tradução de Horace Hayman Wilson, a primeira completa para o inglês (iniciada em 1850), que tem, seguindo o comentário de Sāyaṇa, uma pequena introdução de cada hino especificando seu autor, sua métrica ou método de versificação, e a quem o hino é dedicado; e várias notas explicativas, das quais a maioria está incluída aqui, além da introdução completa do primeiro Aṣṭaka, e de parte da introdução do segundo, que começa no Hino 122 do primeiro Maṇḍala.

Em seguida vem a tradução de Ralph Thomas Hotchkin Griffith, que segue o texto da edição de seis volumes de Max Müller, mas que também é parcialmente baseada na obra de Sāyaṇa. Dela eu incluí aqui o prefácio e as notas explicativas dos termos e expressões não totalmente esclarecidos, ou esclarecidos de modo diferente, na versão antecedente.

Por último vêm alguns hinos traduzidos por Hermann Oldenberg e Friedrich Max Müller (veja a lista abaixo<sup>1</sup>), publicados na série *Sacred Books of the East* (*Livros Sagrados do Oriente*). Eles também possuem notas explicativas, das quais a minoria está incluída aqui. Abaixo de cada hino há um link direto para o hino seguinte do mesmo autor e outro para o [Índice Rápido](#).

As poucas inclusões feitas por mim estão entre colchetes, especialmente nas notas daqueles hinos que também foram traduzidos por A. A. Macdonell, em seu *Hymns from the Rigveda, Selected and metrically translated* (*Hinos do Rigveda, Seleccionados e traduzidos metricamente*), de 1922.

Eu incluo aqui também a [lista das métricas](#), que explica resumidamente aquelas que aparecem no Ṛgveda, encontrada na versão de Griffith, além do [Índice dos Sūktas](#) (Hinos), que especifica em tabela as divisões (Adhyāya, Anuvāka, etc.), os deuses aos quais os hinos são endereçados, os autores dos hinos, o número de versos ou estrofes em cada hino, e as métricas usadas na composição deles.

Eleonora Meier;

Joinville, 21 de novembro de 2013.

---

<sup>1</sup> **Hinos por Hermann Oldenberg:** 1, 12, 13, 26, 27, 31, 36, 44, 45, 58, 59, 60, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 127, 128, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 188, 189.

**Hinos por Max Müller:** 2, 6, 19, 37, 38, 39, 43, 64, 85, 86, 87, 88, 114, 134, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172.

## Organização da Ṛgveda Saṃhitā

A tradição antiga dividiu a *Ṛgveda Saṃhitā* de duas maneiras diferentes. Elas são:

*Método Aṣṭaka* – Foi projetado para facilitar a memorização por distribuir um número mais ou menos igual de mantras para cada seção.

*Método Maṇḍala* – Nesse método, o assunto é mais importante.

Desses dois esquemas, o esquema *Maṇḍala-Sūkta* (Livro-Hino) é mais popular.

As seguintes tabelas dão os detalhes de ambos os métodos:<sup>1</sup>

### *Método Aṣṭaka*

Aṣṭakas	Adhyāyas	Vargas	Mantras
1	8	265	1370
2	8	221	1147
3	8	225	1209
4	8	250	1289
5	8	238	1263
6	8	331	1730
7	8	248	1263
8	8	246	1281
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>2024</b>	<b>10.552</b>

### *Método Maṇḍala*

Maṇḍalas	Anuvākas	Sūktas	Versos
1	24	191	2006
2	4	43	429
3	5	62	617
4	5	58	589
5	6	87	727
6	6	75	765
7	6	104	841
8	10	103	1716
9	7	114	1108
10	12	191	1754
<b>Total</b>	<b>85</b>	<b>1028</b>	<b>10.552</b>

Os **Maṇḍalas 1 e 10** foram acrescentados à coleção posteriormente: embora contenham muito material que tem o mesmo nível linguístico e religioso das partes centrais do *Ṛgveda* eles têm algum material mais recente e ‘popular’.

Os **Maṇḍalas 2 a 7** são conhecidos como os ‘Livros Familiares’, são as partes mais antigas e os livros mais curtos do *Ṛgveda*, cada um atribuído a uma diferente família de bardos. As linhagens familiares são as seguintes: **2.** Gṛtsamada, **3.** Viśvāmitra, **4.** Vāmadeva, **5.** Atri, **6.** Bharadvāja e **7.** Vasiṣṭha.

<sup>1</sup> Fonte: *Hindupedia*.

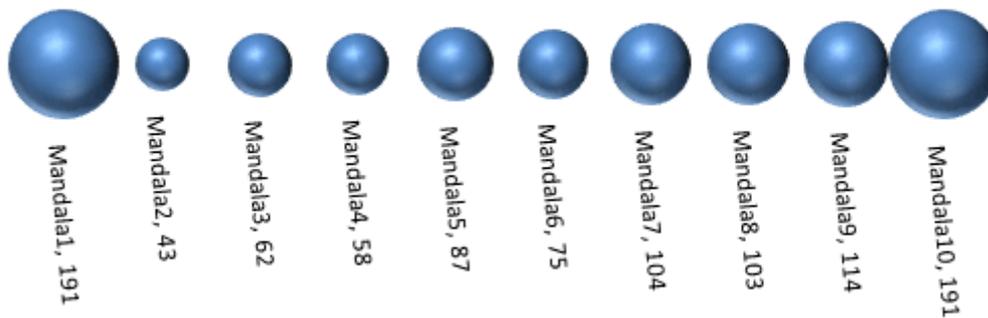
O **Maṇḍala 8** contém pequenas coleções atribuídas a poetas específicos ou a famílias de poetas, e tem um caráter um tanto singular, incluindo os 11 hinos apócrifos chamados Hinos Vāḷakhilya (8.49-59).

O **Maṇḍala 9** só contém hinos dedicados a Soma Pavamāna (o Soma Purificador), por isso também chamado de Soma Maṇḍala.

O **Maṇḍala 10** é uma coleção de hinos a maioria escrita em linguagem mais moderna, e contém alguns dos hinos mais conhecidos no ocidente, como o Hino da Criação, o Hino do Homem entre outros.

A imagem abaixo mostra o tamanho dos Maṇḍalas em termos do **número de hinos** contidos em cada Maṇḍala.

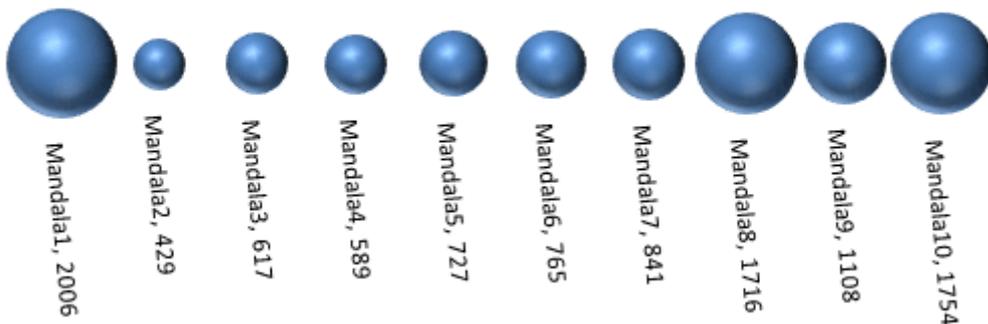
### ṚGVEDA - HINOS



JIJITH NADUMURI RAVI No Rights Reserved. Use Freely.

A imagem abaixo mostra o tamanho dos Maṇḍalas em termos do **número de versos** contidos em cada Maṇḍala.

### ṚGVEDA - VERSOS



JIJITH NADUMURI RAVI No Rights Reserved. Use Freely.

## NOTA:

Como os próprios nomes ‘Hino’ (Sūkta) e ‘versos’ (ṛcas ou mantras) indicam, o Ṛgveda deve ser cantado ou recitado. No entanto, em qualquer situação repetir algo sem saber o significado não é aconselhável, e, mesmo que em diversos casos do Veda haja vários sentidos atribuídos a uma estrofe, pelo menos existe alguma ideia a respeito do assunto tratado.

Há ainda uma série de ocasiões e momentos nos quais os hinos e versos deveriam ser cantados, e isso é tratado em outros textos como os Brāhmaṇas (Aitareya ou Āśvalāyana e Kauṣītaki ou Śāṅkhāyana), o Ṛgvidhāna e outros.

Aqui você verá as versões em português de dois ou mais tradutores do Ṛg, e, para ver os hinos em sua bela escrita devanāgarī e sua transliteração e ouvir como eles são cantados um site excelente é o [Site Of Sri Aurobindo & The Mother](#). O texto em sânscrito e a transliteração também se encontram no site [Sacred Texts](#).

Então saiba o significado, veja o hino em sua escrita original, ouça o canto e se lhe aprouver treine cantá-lo, assim você terá uma experiência mais completa do Ṛg Veda.

E. M.

## Conteúdo

Páginas de Título: .....	2
Prefácio .....	5
Organização da Ṛgveda Samhitā.....	6
Introdução ao Primeiro Aṣṭaka.....	20
Introdução ao Segundo Aṣṭaka.....	39
Prefácio da Primeira Edição (Griffith).....	45
Hino 1. Agni (Wilson) .....	52
Hino 1. Agni (Griffith).....	53
Hino 1. Agni (Oldenberg).....	54
Hino 2. Vāyu (Wilson) .....	54
Hino 2. Vāyu (Griffith).....	55
Hino 2. Vāyu (Müller) .....	56
Hino 3. Ásvins (Wilson).....	57
Hino 3. Ásvins (Griffith) .....	58
Hino 4. Indra (Wilson).....	59
Hino 4. Indra (Griffith).....	60
Hino 5. Indra (Wilson).....	61
Hino 5. Indra (Griffith).....	62
Hino 6. Indra (Wilson).....	63
Hino 6. Indra (Griffith).....	64
Hino 6. Indra e os Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller).....	65
Hino 7. Indra (Wilson).....	66
Hino 7. Indra (Griffith).....	67
Hino 8. Indra (Wilson).....	67
Hino 8. Indra (Griffith).....	68
Hino 9. Indra (Wilson).....	69
Hino 9. Indra (Griffith).....	70
Hino 10. Indra (Wilson).....	71
Hino 10. Indra (Griffith).....	72
Hino 11. Indra (Wilson) .....	73
Hino 11. Indra (Griffith).....	74
Hino 12. Agni (Wilson).....	75
Hino 12. Agni (Griffith) .....	75
Hino 12. Agni (Oldenberg) .....	76
Hino 13. Āprīs (Wilson).....	77
Hino 13. Agni (Griffith) .....	78
Hino 13. Hino Āprī (Oldenberg) .....	79
Hino 14. Viśvedevas (Wilson) .....	80
Hino 14. Visvedevas (Griffith).....	81
Hino 15. Ṛtu (Wilson).....	82

Hino 15. Ṛtu (Griffith).....	83
Hino 16. Indra (Wilson) .....	84
Hino 16. Indra (Griffith).....	84
Hino 17. Indra e Varuṇa (Wilson) .....	85
Hino 17. Indra-Varuṇa (Griffith).....	85
Hino 18. Brahmaṇaspati (Wilson).....	86
Hino 18. Brahmaṇaspati (Griffith) .....	87
Hino 19. Agni e Maruts (Wilson) .....	88
Hino 19. Agni, Maruts (Griffith).....	88
Hino 19. Agni (o Deus do Fogo) e os Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	89
Hino 20. Ṛbhus (Wilson) .....	90
Hino 20. Ṛbhus (Griffith).....	91
Hino 21. Indra e Agni (Wilson) .....	92
Hino 21. Indra-Agni (Griffith) .....	92
Hino 22. Ásvins e Outros (Wilson).....	93
Hino 22. Ásvins e Outros (Griffith) .....	95
Hino 23. Vāyu e Outros (Wilson).....	97
Hino 23. Vāyu e Outros (Griffith) .....	98
Hino 24. Varuṇa e Outros (Wilson).....	100
Hino 24. Varuṇa e Outros (Griffith) .....	102
Hino 25. Varuṇa (Wilson).....	104
Hino 25. Varuṇa (Griffith) .....	105
Hino 26. Agni (Wilson).....	107
Hino 26. Agni (Griffith) .....	107
Hino 26. Agni (Oldenberg) .....	108
Hino 27. Agni (Wilson).....	109
Hino 27. Agni (Griffith) .....	110
Hino 27. Agni (Oldenberg) .....	111
Hino 28. Indra, etc. (Wilson).....	112
Hino 28. Indra, etc. (Griffith).....	113
Hino 29. Indra (Wilson) .....	114
Hino 29. Indra (Griffith).....	114
Hino 30. Indra (Wilson) .....	116
Hino 30. Indra (Griffith).....	117
Hino 31. Agni (Wilson).....	119
Hino 31. Agni (Griffith) .....	121
Hino 31. Agni (Oldenberg) .....	122
Hino 32. Indra (Wilson) .....	125
Hino 32. Indra (Griffith).....	127
Hino 33. Indra (Wilson) .....	129
Hino 33. Indra (Griffith).....	130
Hino 34. Ásvins (Wilson).....	132

Hino 34. Ásvins (Griffith) .....	133
Hino 35. Savitr (Wilson).....	135
Hino 35. Savitar (Griffith).....	136
Hino 36. Agni (Wilson).....	137
Hino 36. Agni (Griffith) .....	138
Hino 36. Agni (Oldenberg) .....	140
Hino 37. Maruts (Wilson) .....	142
Hino 37. Maruts (Griffith).....	143
Hino 37. Aos Maruts (Os Deuses da Tempestade) (Müller).....	144
Hino 38. Maruts (Wilson) .....	145
Hino 38. Maruts (Griffith).....	146
Hino 38. Aos Maruts (Os Deuses da Tempestade) (Müller).....	147
Hino 39. Maruts (Wilson) .....	148
Hino 39. Maruts (Griffith).....	149
Hino 39. Aos Maruts (Os Deuses da Tempestade) (Müller).....	150
Hino 40. Brahmaṇaspati (Wilson).....	151
Hino 40. Brahmaṇaspati (Griffith) .....	152
Hino 41. Varuṇa, Mitra, Aryaman (Wilson) .....	153
Hino 41. Varuṇa, Mitra, Aryaman (Griffith).....	154
Hino 42. Pūṣan (Wilson) .....	155
Hino 42. Pūṣan (Griffith).....	156
Hino 43. Rudra (Wilson) .....	157
Hino 43. Rudra (Griffith) .....	157
Hino 43. Rudra (Müller) .....	158
Hino 44. Agni (Wilson).....	159
Hino 44. Agni (Griffith) .....	160
Hino 44. Agni (Oldenberg) .....	161
Hino 45. Agni (Wilson).....	162
Hino 45. Agni (Griffith) .....	163
Hino 45. Agni (Oldenberg) .....	163
Hino 46. Ásvins (Wilson).....	165
Hino 46. Ásvins (Griffith) .....	166
Hino 47. Ásvins (Wilson).....	167
Hino 47. Ásvins (Griffith) .....	168
Hino 48. Aurora (Wilson) .....	169
Hino 48. Aurora (Griffith).....	170
Hino 49. Aurora (Wilson) .....	171
Hino 49. Aurora (Griffith).....	171
Hino 50. Sūrya (Wilson).....	172
Hino 50. Sūrya (Griffith) .....	173
Hino 51. Indra (Wilson) .....	175
Hino 51. Indra (Griffith).....	177

Hino 52. Indra (Wilson) .....	179
Hino 52. Indra (Griffith).....	181
Hino 53. Indra (Wilson) .....	183
Hino 53. Indra (Griffith).....	184
Hino 54. Indra (Wilson) .....	185
Hino 54. Indra (Griffith).....	186
Hino 55. Indra (Wilson) .....	187
Hino 55. Indra (Griffith).....	188
Hino 56. Indra (Wilson) .....	189
Hino 56. Indra (Griffith).....	190
Hino 57. Indra (Wilson) .....	191
Hino 57. Indra (Griffith).....	192
Hino 58. Agni (Wilson).....	193
Hino 58. Agni (Griffith) .....	194
Hino 58. Agni (Oldenberg) .....	195
Hino 59. Agni (Wilson).....	196
Hino 59. Agni (Griffith) .....	197
Hino 59. Agni (Oldenberg) .....	198
Hino 60. Agni (Wilson).....	199
Hino 60. Agni (Griffith) .....	199
Hino 60. Agni (Oldenberg) .....	200
Hino 61. Indra (Wilson) .....	201
Hino 61. Indra (Griffith).....	202
Hino 62. Indra (Wilson) .....	204
Hino 62. Indra (Griffith).....	205
Hino 63. Indra (Wilson) .....	207
Hino 63. Indra (Griffith).....	208
Hino 64. Maruts (Wilson) .....	209
Hino 64. Maruts (Griffith).....	210
Hino 64. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	212
Hino 65. Agni (Wilson).....	214
Hino 65. Agni (Griffith) .....	215
Hino 65. Agni (Oldenberg) .....	216
Hino 66. Agni (Wilson).....	217
Hino 66. Agni (Griffith) .....	217
Hino 66. Agni (Oldenberg) .....	218
Hino 67. Agni (Wilson).....	219
Hino 67. Agni (Griffith) .....	219
Hino 67. Agni (Oldenberg) .....	220
Hino 68. Agni (Wilson).....	221
Hino 68. Agni (Griffith) .....	221
Hino 68. Agni (Oldenberg) .....	222

Hino 69. Agni (Wilson).....	223
Hino 69. Agni (Griffith) .....	223
Hino 69. Agni (Oldenberg) .....	224
Hino 70. Agni (Wilson).....	225
Hino 70. Agni (Griffith) .....	225
Hino 70. Agni (Oldenberg) .....	226
Hino 71. Agni (Wilson).....	227
Hino 71. Agni (Griffith) .....	228
Hino 71. Agni (Oldenberg) .....	229
Hino 72. Agni (Wilson).....	231
Hino 72. Agni (Griffith) .....	232
Hino 72. Agni (Oldenberg) .....	233
Hino 73. Agni (Wilson).....	235
Hino 73. Agni (Griffith) .....	236
Hino 73. Agni (Oldenberg) .....	237
Hino 74. Agni (Wilson).....	238
Hino 74. Agni (Griffith) .....	238
Hino 74. Agni (Oldenberg) .....	239
Hino 75. Agni (Wilson).....	240
Hino 75. Agni (Griffith) .....	240
Hino 75. Agni (Oldenberg) .....	240
Hino 76. Agni (Wilson).....	241
Hino 76. Agni (Griffith) .....	241
Hino 76. Agni (Oldenberg) .....	242
Hino 77. Agni (Wilson).....	243
Hino 77. Agni (Griffith) .....	243
Hino 77. Agni (Oldenberg) .....	244
Hino 78. Agni (Wilson).....	245
Hino 78. Agni (Griffith) .....	245
Hino 78. Agni (Oldenberg) .....	245
Hino 79. Agni (Wilson).....	246
Hino 79. Agni (Griffith) .....	247
Hino 79. Agni (Oldenberg) .....	248
Hino 80. Indra (Wilson) .....	249
Hino 80. Indra (Griffith).....	250
Hino 81. Indra (Wilson) .....	252
Hino 81. Indra (Griffith).....	253
Hino 82. Indra (Wilson) .....	254
Hino 82. Indra (Griffith).....	254
Hino 83. Indra (Wilson) .....	255
Hino 83. Indra (Griffith).....	256
Hino 84. Indra (Wilson) .....	257

Hino 84. Indra (Griffith).....	259
Hino 85. Maruts (Wilson) .....	261
Hino 85. Maruts (Griffith).....	262
Hino 85. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	263
Hino 86. Maruts (Wilson) .....	265
Hino 86. Maruts (Griffith).....	265
Hino 86. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	266
Hino 87. Maruts (Wilson) .....	267
Hino 87. Maruts (Griffith).....	267
Hino 87. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	268
Hino 88. Maruts (Wilson) .....	270
Hino 88. Maruts (Griffith).....	270
Hino 88. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	271
Hino 89. Viśvedevas (Wilson) .....	272
Hino 89. Viśvedevas (Griffith).....	273
Hino 90. Viśvedevas (Wilson) .....	275
Hino 90. Viśvedevas (Griffith).....	275
Hino 91. Soma (Wilson).....	277
Hino 91. Soma (Griffith) .....	278
Hino 92. Aurora (Wilson) .....	280
Hino 92. Aurora (Griffith).....	282
Hino 93. Agni-Soma (Wilson) .....	284
Hino 93. Agni-Soma (Griffith) .....	285
Hino 94. Agni (Wilson).....	286
Hino 94. Agni (Griffith) .....	287
Hino 94. Agni (Oldenberg) .....	289
Hino 95. Agni (Wilson).....	291
Hino 95. Agni (Griffith) .....	292
Hino 95. Agni (Oldenberg) .....	293
Hino 96. Agni (Wilson).....	295
Hino 96. Agni (Griffith) .....	296
Hino 96. Agni (Oldenberg) .....	296
Hino 97. Agni (Wilson).....	298
Hino 97. Agni (Griffith) .....	298
Hino 97. Agni (Oldenberg) .....	299
Hino 98. Agni (Wilson).....	300
Hino 98. Agni (Griffith) .....	300
Hino 98. Agni (Oldenberg) .....	300
Hino 99. Agni (Wilson).....	301
Hino 99. Agni (Griffith) .....	301
Hino 99. Agni (Oldenberg) .....	301
Hino 100. Indra (Wilson) .....	302

Hino 100. Indra (Griffith) .....	304
Hino 101. Indra (Wilson) .....	306
Hino 101. Indra (Griffith) .....	307
Hino 102. Indra (Wilson) .....	308
Hino 102. Indra (Griffith) .....	309
Hino 103. Indra (Wilson) .....	310
Hino 103. Indra (Griffith) .....	311
Hino 104. Indra (Wilson) .....	312
Hino 104. Indra (Griffith) .....	313
Hino 105. Viśvedevas (Wilson) .....	314
Hino 105. Viśvedevas (Griffith) .....	316
Hino 106. Viśvedevas (Wilson) .....	318
Hino 106. Viśvedevas (Griffith) .....	319
Hino 107. Viśvedevas (Wilson) .....	320
Hino 107. Viśvedevas (Griffith) .....	320
Hino 108. Indra-Agni (Wilson) .....	321
Hino 108. Indra-Agni (Griffith) .....	322
Hino 109. Indra-Agni (Wilson) .....	323
Hino 109. Indra-Agni (Griffith) .....	324
Hino 110. Ṛbhus (Wilson) .....	325
Hino 110. Ṛbhus (Griffith) .....	326
Hino 111. Ṛbhus (Wilson) .....	328
Hino 111. Ṛbhus (Griffith) .....	328
Hino 112. Aśvins (Wilson) .....	329
Hino 112. Aśvins (Griffith) .....	333
Hino 113. Aurora (Wilson) .....	336
Hino 113. Aurora (Griffith) .....	337
Hino 114. Rudra (Wilson) .....	340
Hino 114. Rudra (Griffith) .....	341
Hino 114. Rudra (Müller) .....	342
Hino 115. Sūrya (Wilson) .....	343
Hino 115. Sūrya (Griffith) .....	344
Hino 116. Aśvins (Wilson) .....	345
Hino 116. Aśvins (Griffith) .....	348
Hino 117. Aśvins (Wilson) .....	351
Hino 117. Aśvins (Griffith) .....	353
Hino 118. Aśvins (Wilson) .....	355
Hino 118. Aśvins (Griffith) .....	356
Hino 119. Aśvins (Wilson) .....	356
Hino 119. Aśvins (Griffith) .....	357
Hino 120. Aśvins (Wilson) .....	359
Hino 120. Aśvins (Griffith) .....	360

Hino 121. Indra (Wilson) .....	361
Hino 121. Indra (Griffith) .....	363
Hino 122. Viśvedevas (Wilson) .....	365
Hino 122. Viśvedevas (Griffith) .....	367
Hino 123. Aurora (Wilson).....	369
Hino 123. Aurora (Griffith) .....	370
Hino 124. Aurora (Wilson).....	372
Hino 124. Aurora (Griffith) .....	373
Hino 125. Svanaya (Wilson) .....	375
Hino 125. Svanaya (Griffith).....	376
Hino 126. Bhāvayavya (Wilson) .....	377
Hino 126. Bhāvayavya (Griffith).....	378
Hino 127. Agni (Wilson).....	379
Hino 127. Agni (Griffith) .....	381
Hino 127. Agni (Oldenberg) .....	382
Hino 128. Agni (Wilson).....	384
Hino 128. Agni (Griffith) .....	385
Hino 128. Agni (Oldenberg) .....	386
Hino 129. Indra (Wilson) .....	387
Hino 129. Indra (Griffith) .....	388
Hino 130. Indra (Wilson) .....	390
Hino 130. Indra (Griffith) .....	392
Hino 131. Indra (Wilson) .....	393
Hino 131. Indra (Griffith) .....	394
Hino 132. Indra (Wilson) .....	395
Hino 132. Indra (Griffith) .....	396
Hino 133. Indra (Wilson) .....	398
Hino 133. Indra (Griffith) .....	399
Hino 134. Vāyu (Wilson) .....	400
Hino 134. Vāyu (Griffith).....	401
Hino 134. Vāyu (Müller).....	402
Hino 135. Vāyu, Indra-Vāyu (Wilson) .....	403
Hino 135. Vāyu, Indra-Vāyu (Griffith).....	404
Hino 136. Mitra-Varuṇa (Wilson).....	406
Hino 136. Mitra-Varuṇa (Griffith) .....	407
Hino 137. Mitra-Varuṇa (Wilson).....	408
Hino 137. Mitra-Varuṇa (Griffith) .....	408
Hino 138. Pūṣan (Wilson).....	409
Hino 138. Pūṣan (Griffith) .....	410
Hino 139. Viśvedevas (Wilson) .....	411
Hino 139. Viśvedevas (Griffith) .....	413
Hino 140. Agni (Wilson).....	415

Hino 140. Agni (Griffith) .....	416
Hino 140. Agni (Oldenberg) .....	418
Hino 141. Agni (Wilson).....	420
Hino 141. Agni (Griffith) .....	421
Hino 141. Agni (Oldenberg) .....	423
Hino 142. Āprīs (Wilson).....	425
Hino 142. Āprīs (Griffith).....	426
Hino 142. Hino Āprī (Oldenberg).....	427
Hino 143. Agni (Wilson).....	429
Hino 143. Agni (Griffith) .....	430
Hino 143. Agni (Oldenberg) .....	430
Hino 144. Agni (Wilson).....	431
Hino 144. Agni (Griffith) .....	432
Hino 144. Agni (Oldenberg) .....	433
Hino 145. Agni (Wilson).....	434
Hino 145. Agni (Griffith) .....	434
Hino 145. Agni (Oldenberg) .....	435
Hino 146. Agni (Wilson).....	436
Hino 146. Agni (Griffith) .....	436
Hino 146. Agni (Oldenberg) .....	437
Hino 147. Agni (Wilson).....	438
Hino 147. Agni (Griffith) .....	438
Hino 147. Agni (Oldenberg) .....	439
Hino 148. Agni (Wilson).....	440
Hino 148. Agni (Griffith) .....	440
Hino 148. Agni (Oldenberg) .....	441
Hino 149. Agni (Wilson).....	442
Hino 149. Agni (Griffith) .....	442
Hino 149. Agni (Oldenberg) .....	443
Hino 150. Agni (Wilson).....	444
Hino 150. Agni (Griffith) .....	444
Hino 150. Agni (Oldenberg) .....	444
Hino 151. Mitra e Varuṇa (Wilson) .....	445
Hino 151. Mitra e Varuṇa (Griffith).....	446
Hino 152. Mitra-Varuṇa (Wilson).....	447
Hino 152. Mitra-Varuṇa (Griffith) .....	448
Hino 153. Mitra-Varuṇa (Wilson).....	449
Hino 153. Mitra-Varuṇa (Griffith) .....	449
Hino 154. Viṣṇu (Wilson) .....	450
Hino 154. Viṣṇu (Griffith).....	451
Hino 155. Viṣṇu-Indra (Wilson).....	452
Hino 155. Viṣṇu-Indra (Griffith) .....	453

Hino 156. Viṣṇu (Wilson) .....	454
Hino 156. Viṣṇu (Griffith) .....	455
Hino 157. Aśvins (Wilson) .....	456
Hino 157. Aśvins (Griffith) .....	457
Hino 158. Aśvins (Wilson) .....	458
Hino 158. Aśvins (Griffith) .....	459
Hino 159. Céu e Terra (Wilson) .....	460
Hino 159. Céu e Terra (Griffith) .....	461
Hino 160. Céu e Terra (Wilson) .....	462
Hino 160. Céu e Terra (Griffith) .....	462
Hino 161. Ṛbhus (Wilson) .....	463
Hino 161. Ṛbhus (Griffith) .....	465
Hino 162. O Cavalo (Wilson) .....	467
Hino 162. O Cavalo (Griffith) .....	470
Hino 163. O Cavalo (Wilson) .....	473
Hino 163. O Cavalo (Griffith) .....	474
Hino 164. Viśvedevas (Wilson) .....	476
Hino 164. Viśvedevas (Griffith) .....	483
Hino 165. Indra. Maruts (Wilson) .....	489
Hino 165. Indra. Maruts (Griffith) .....	490
Hino 165. Aos Maruts e Indra (Müller) .....	492
Hino 166. Maruts (Wilson) .....	495
Hino 166. Maruts (Griffith) .....	496
Hino 166. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	497
Hino 167. Indra. Maruts (Wilson) .....	499
Hino 167. Indra. Maruts (Griffith) .....	500
Hino 167. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	501
Hino 168. Maruts (Wilson) .....	502
Hino 168. Maruts (Griffith) .....	503
Hino 168. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	504
Hino 169. Indra (Wilson) .....	505
Hino 169. Indra (Griffith) .....	506
Hino 170. Indra. Maruts (Wilson) .....	507
Hino 170. Indra. Maruts (Griffith) .....	507
Hino 170. Diálogo entre Indra e seu Adorador, Agastya (Müller) .....	508
Hino 171. Maruts (Wilson) .....	509
Hino 171. Maruts (Griffith) .....	509
Hino 171. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	510
Hino 172. Maruts (Wilson) .....	511
Hino 172. Maruts (Griffith) .....	511
Hino 172. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller) .....	511
Hino 173. Indra (Wilson) .....	512

Hino 173. Indra (Griffith) .....	513
Hino 174. Indra (Wilson) .....	515
Hino 174. Indra (Griffith) .....	516
Hino 175. Indra (Wilson) .....	517
Hino 175. Indra (Griffith) .....	518
Hino 176. Indra (Wilson) .....	519
Hino 176. Indra (Griffith) .....	519
Hino 177. Indra (Wilson) .....	520
Hino 177. Indra (Griffith) .....	520
Hino 178. Indra (Wilson) .....	521
Hino 178. Indra (Griffith) .....	521
Hino 179. Rati (Wilson) .....	522
Hino 179. Rati (Griffith) .....	523
Hino 180. Ásvins (Wilson) .....	524
Hino 180. Ásvins (Griffith) .....	525
Hino 181. Ásvins (Wilson) .....	526
Hino 181. Ásvins (Griffith) .....	527
Hino 182. Ásvins (Wilson) .....	528
Hino 182. Ásvins (Griffith) .....	529
Hino 183. Ásvins (Wilson) .....	530
Hino 183. Ásvins (Griffith) .....	531
Hino 184. Ásvins (Wilson) .....	532
Hino 184. Ásvins (Griffith) .....	533
Hino 185. Céu e Terra (Wilson) .....	534
Hino 185. Céu e Terra (Griffith) .....	535
Hino 186. Viśvedevas (Wilson) .....	536
Hino 186. Viśvedevas (Griffith) .....	537
Hino 187. Louvor ao Alimento (Wilson) .....	539
Hino 187. Louvor ao Alimento (Griffith) .....	540
Hino 188. Āprī (Wilson) .....	541
Hino 188. Āprī (Griffith) .....	542
Hino 188. Hino Āprī (Oldenberg) .....	543
Hino 189. Agni (Wilson) .....	544
Hino 189. Agni (Griffith) .....	545
Hino 189. Agni (Oldenberg) .....	546
Hino 190. Bṛhaspati (Wilson) .....	547
Hino 190. Bṛhaspati (Griffith) .....	548
Hino 191. Água, Grama, Sol (Wilson) .....	549
Hino 191. Água, Grama, Sol (Griffith) .....	551
Métrica .....	553
Índice dos Sūktas do Maṇḍala 1 .....	558
Índice Rápido .....	570

## Introdução ao Primeiro Aṣṭaka

[Que vai até o Hino 121 do Primeiro Livro ou Maṇḍala.]

Quando o patrocínio generoso da Corte de Diretores da Companhia das Índias Orientais habilitou o Dr. Max Müller a empreender a sua inestimável edição do *Rg Veda*, foi manifestado um desejo que o aparecimento dela deveria ser acompanhado, ou seguido, como toda rapidez conveniente, por uma tradução inglesa. Como eu tinha considerado por longo tempo tal trabalho, e feito algum progresso em sua execução, mesmo antes de deixar a Índia, eu me encarreguei prontamente de completar meus labores e de publicar a tradução.

Poderia, também, ser considerado pouco necessário repetir uma tradução do primeiro *Aṣṭaka*, Ogdóade, ou Oitavo de livro, do *Rg Veda*; porque essa já tinha sido realizada, mais de uma vez; parcialmente, em inglês, pelo Rev. Sr. Stevenson e pelo Dr. Roer, e, integralmente, em latim, pelo falecido Dr. Rosen. Uma tradução em francês, também, pelo Sr. Langlois, se estendendo por quatro *Aṣṭakas*, ou metade do *Veda*, tinha sido publicada recentemente em Paris, mas eu não estava ciente, quando me dediquei a publicar uma tradução inglesa, que essa obra tinha sido iniciada. Ao mesmo tempo, essas traduções não parecem excluir, totalmente, a utilidade de uma tradução em inglês. A publicação mais antiga, a obra do Rev. Sr. Stevenson, se estende só até os três primeiros hinos da terceira preleção, ou seção, das oito que compõem o primeiro livro, ou *Aṣṭaka*; a tradução do Dr. Roer é igualmente limitada, parando com duas seções, ou trinta e dois hinos. Ambas as traduções foram publicadas na Índia, e são obteníveis, com dificuldade, nesse país. A tradução do Dr. Rosen do primeiro livro é completa, quanto ao texto, mas sua morte prematura interrompeu seus comentários. Embora realizada com profundo conhecimento e exatidão cuidadosa, e de todos os modos digna de confiança, como uma representante autêntica do original, o sânscrito é convertido ao latim com tal fidelidade literal que a obra mal permite leitura contínua, e é mais valiosa como uma referência. A tradução é, de fato, subordinada a uma edição do texto o qual ela acompanha na mesma página; e a obra é destinada menos para leitores em geral do que para estudiosos de sânscrito e estudantes do *Veda*. O princípio seguido pelo Sr. Langlois é o oposto do adotado pelo Dr. Rosen; e ele admitidamente procurou dar às passagens vagas e misteriosas do original uma interpretação clara, simples e inteligível. Nisso pode-se admitir que ele foi admiravelmente bem sucedido; mas pode-se pensar, às vezes, que ele não foi suficientemente cauteloso em sua interpretação do texto, e que se desviou da sua fraseologia, especialmente como interpretada pelo Comentador nativo, mais amplamente do que é recomendável. O verdadeiro valor do original não se encontra tanto em seus méritos como composição literária quanto na ilustração que ele fornece do mais antigo sistema de culto religioso e organização social hindu; e, a menos que sua linguagem seja preservada tanto quanto possa ser consistente com a inteligibilidade, impressões errôneas dos fatos e opiniões do hinduísmo primitivo podem ser produzidas. Também deve ser observado que o Sr. Langlois fez sua tradução a partir das cópias manuscritas do *Veda* e seu comentário, o que, embora tenha aumentado grandemente a dificuldade e mão-de-obra da tarefa e, até agora, contribuído para o crédito do tradutor, sugere menor confiança na genuinidade do original – porque os manuscritos são, todos, mais ou menos defeituosos – do que se a versão tivesse sido feita a partir de uma edição cotejada cuidadosamente. A presente tradução possui, pelo menos, a vantagem, sobre suas predecessoras, de um texto acurado; e será falha do tradutor se ele não se beneficiar disso. Ao converter o original para o inglês seu objetivo

tem sido aderir tão estritamente ao sânscrito original quanto a necessidade de ser inteligível permite.

Pode ser quase desnecessário informar ao leitor que as mais antigas, e, nominalmente, as mais importantes autoridades dos brâmanes para sua religião e instituições são os *Vedas*, dos quais quatro obras são geralmente enumeradas: o *Ṛc*, *Ṛg Veda*; o *Yajush*, ou *Yajur Veda*, o *Sāman*, ou *Sāma Veda*; e o *Ātharvaṇa*, ou *Atharva Veda*. Muitas passagens podem ser encontradas em escritos sânscritos, algumas nos próprios *Vedas*, que limitam o número a três;<sup>1</sup> e não há dúvida que o quarto, ou *Atharva Veda*, embora ele se aproprie livremente do *Ṛc*, tem pouco em comum com os outros, em seu caráter geral ou em seu estilo: a linguagem indica claramente uma época diferente e posterior. Ele pode, portanto, ser permissivelmente considerado antes como um complemento aos três, do que como um dos quatro *Vedas*.

Dos outros três *Vedas*, cada um tem suas características peculiares, embora eles tenham muito em comum; e eles são, aparentemente, de datas diferentes, embora não separados, talvez, por um intervalo prolongado. O *Ṛg Veda* consiste em preces métricas, ou hinos, chamados *Sūktas*, – dirigidos a diferentes divindades – cada um dos quais é atribuído a um *Ṛṣi*, um autor santo ou inspirado. Esses hinos estão reunidos com pouca tentativa de arranjo metódico, embora aqueles que são dedicados ao mesmo deus às vezes sigam em uma ordem consecutiva. Não há muita conexão nas estrofes das quais eles são compostos; e o mesmo hino é, às vezes, dirigido a diferentes divindades. Não há, no próprio *Veda*, instruções para o uso e aplicação dos *Sūktas*, nem notícias das ocasiões nas quais eles devem ser empregados, ou das cerimônias nas quais eles devem ser recitados. Essas são indicadas por escritores subseqüentes nos *Sūtras*, ou preceitos relativos ao ritual; e, mesmo pelos reputados autores dos hinos, e pelos deuses em cuja honra eles são compostos, nós somos, em sua maior parte, gratos a autoridades independentes, especialmente a uma *Anukramaṇikā*, ou índice, que acompanha cada *Veda*. O *Yajur Veda* difere do *Ṛc* por ser, mais especialmente, um ritual, ou uma coleção de fórmulas litúrgicas. As preces, ou invocações, quando não emprestadas do *Ṛc*, são, a maioria, breves, e em prosa, e são aplicáveis à consagração dos utensílios e materiais da adoração cerimonial, assim como ao louvor e culto dos deuses. O *Sāma Veda* é pouco mais do que uma remodelação do *Ṛc*, sendo composto, com muito poucas exceções, dos mesmos hinos, divididos em partes, e organizados de nova maneira, com a finalidade de serem cantados em diferentes ocasiões cerimoniais. Tanto quanto, também, o *Atharva Veda* pode ser considerado como um *Veda*, será verificado que ele compreende muitos dos hinos do *Ṛc*.<sup>2</sup> Por causa do modo extensivo, então, no qual os hinos do *Ṛg Veda* entram na composição dos outros três, nós devemos, naturalmente, inferir sua anterioridade a eles, e sua maior importância para a história da religião hindu. Na verdade, é ao *Ṛg Veda* que devemos recorrer, principalmente, se não exclusivamente, em busca de noções corretas das formas mais antigas e mais genuínas das instituições, religiosas ou civis, dos hindus.

Essas observações se aplicam às que são chamadas de *Samhitās* dos *Vedas* – o conjunto reunido, em uma única coleção, das preces, hinos, e fórmulas litúrgicas das quais eles são compostos. Além das *Samhitās*, a designação *Veda* inclui uma extensa classe de composições, chamadas, coletivamente, de *Brāhmaṇa*, a qual todos os escritores bramânicos chamam de parte integral do *Veda*. De acordo com eles, o *Veda* consiste em duas partes componentes, chamadas, respectivamente, *Mantra* e

<sup>1</sup> Colebrooke sobre os *Vedas*. – *Asiatic Researches*, Vol. 8, p. 370.

<sup>2</sup> "Pelos seguidores do *Ātharvaṇa*, os *Ṛcas*, ou estrofes do *Ṛg Veda*, são numerosamente incluídas em sua própria *Samhitā* (ou coleção)". Sāyaṇa Ācārya, Introdução, edição de Müller, p. 2.

*Brāhmaṇa*,<sup>3</sup> a primeira sendo os hinos e fórmulas agregados na *Samhitā*; a segunda, uma coleção de regras para a aplicação dos *Mantras*, instruções para a realização de ritos específicos, citações dos hinos, ou estrofes separadas, para serem repetidas em tais ocasiões, e comentários ou narrativas ilustrativas, explicativos da origem e objetivo do rito. Das partes *Brāhmaṇa* do *Ṛg Veda* a mais interessante e importante é o *Aitareya Brāhmaṇa*, no qual várias lendas notáveis são detalhadas, altamente ilustrativas da condição do bramanismo na época na qual ele foi composto. O *Aitareya Āraṇyaka*, outro *Brāhmaṇa* desse *Veda*, é mais místico e especulativo do que prático ou lendário; de um terceiro, o *Kauṣītaki*, pouco é conhecido. O *Brāhmaṇa* do *Yajur Veda*, o *Śatapatha*, compartilha mais do caráter do *Aitareya Brāhmaṇa*; ele tem extensão considerável, consistindo em quatorze livros, e contém muitos assuntos interessantes. Os *Brāhmaṇas* do *Sāma* e do *Atharva Vedas* são poucos, e pouco conhecidos; e as partes suplementares desses dois *Vedas* são, mais especialmente, os tratados metafísicos e místicos chamados *Upaniṣads*, pertencentes a uma condição mental hindu totalmente diferente daquela da qual o texto dos *Vedas* surgiu e encorajou. Conectados com, e dependentes dos *Vedas* em geral, também são os tratados sobre gramática, astronomia, entonação, prosódia, ritual, e o significado de palavras obsoletas, chamados de *Vedāṅgas*. Mas esses não são partes do próprio *Veda*, mas suplementares a ele, e, na forma na qual nós os temos, não são, talvez, inteiramente genuínos, e, com poucas exceções, não são de muita importância. Além dessas obras, há os *Prātisākhya*s, ou tratados sobre a gramática do *Veda*, e os *Sūtras*, ou aforismos, inculcando e descrevendo as práticas dele; o todo constituindo um corpo de literatura védica cujo estudo forneceria ocupação para uma vida longa e laboriosa. Só uma pequena parte está impressa até o momento. Nenhum dos *Brāhmaṇas* foi publicado; nem os *Sūtras* ou *Prātisākhya*s.<sup>4</sup> As *Upaniṣads* têm sido mais afortunadas em encontrar editores.<sup>5</sup> Os textos das *Samhitās* dos *Vedas* estão em progresso; porque, além da presente edição do *Rc*, uma edição da parte *Vājasaneyi* do *Yajur Veda* foi iniciada, – pelo Dr. Weber, em Berlim – cuja publicação tem sido, também, auxiliada generosamente pela Corte de Diretores.

O texto da *Samhitā* do *Sāma Veda*, e uma tradução pelo Rev. Sr. Stevenson, foram publicados, alguns anos desde então, pelo Fundo de Tradução Oriental; e uma edição do mesmo elaborada mais cuidadosamente, com uma tradução em alemão, e um glossário amplo e índice, foi publicada recentemente pelo Professor Benfey, de Göttingen. Com o tempo, portanto, nós estaremos bem supridos com a parte *Mantra* do *Veda*, mas há ainda apenas uma perspectiva parcial e distante de nós termos o *Brāhmaṇa* publicado, e sermos, portanto, permitidos, a partir de materiais adequados, determinar até que ponto o todo pode ser legitimamente considerado como uma parte constituinte do *Veda*.

A partir de um exame cuidadoso do *Aitareya Brāhmaṇa*, com um excelente comentário de Sāyaṇa Ācārya, é suficientemente evidente que essa obra, pelo menos, é de um tipo totalmente distinto da coleção de *Mantras*, ou da *Samhitā*, do *Ṛg Veda*. Embora, sem dúvida, de antiguidade considerável, ele é, manifestamente, de uma data

<sup>3</sup> Como na *Yajña Paribhāṣā* de Āpastamba, citada por Sāyaṇa, "O nome *Veda* é aquele do *Mantra* e do *Brāhmaṇa*"; e, também, na *Mīmāṃsā*: "O *Brāhmaṇa* e o *Mantra* são as duas partes do *Veda*: aquela parte que não é *Mantra* é *Brāhmaṇa*"; essa constitui a definição do último. Introdução, p. 4 e p. 22.

<sup>4</sup> Parte do primeiro Kāṇḍa do *Śatapatha Brāhmaṇa* foi publicada pelo Dr. Weber, simultaneamente com sua edição do texto do *Yajur Veda*, e é sua intenção completá-lo.

<sup>5</sup> Algumas das *Upaniṣads* mais curtas foram publicadas, com traduções, por Rammohun Roy; e cinco das do *Yajur* foram publicadas pelo Sr. Poley: Berlim, 1844. A *Bṛhadāraṇyaka* foi publicada pela Sociedade Asiática de Calcutá, sob a editoração do Dr. Roer, na *Bibliotheca Indica* deles; e a *Chāndogya Upaniṣad* foi iniciada na mesma série.

muito posterior aos originais *Sūktas*, ou hinos, por causa do modo no qual eles são citados – não sistematicamente, ou de forma contínua, ou completamente, mas separadamente, de modo não conectado, e parcialmente; apenas poucas frases sendo apresentadas, formando o início, nem mesmo de um hino inteiro, mas de uma estrofe isolada, ocorrendo em qualquer parte do hino, ou em qualquer parte da *Samhitā*; conseqüentemente provando que a *Samhitā* deve ter sido compilada e amplamente divulgada, e estudada geralmente, antes que tais citações mutiladas pudessem ser reconhecidas, ou verificadas, por aqueles a quem o *Brāhmaṇa* foi apresentado. É evidente, também, que o grande corpo do ritual bramânico deve ter sido sancionado pela prática estabelecida, antes que o *Brāhmaṇa* pudesse ter sido compilado; porque o seu principal objetivo é a aplicação dos textos separados da *Samhitā* para a realização das principais cerimônias e sacrifícios dos brâmanes, reforçando a necessidade e eficácia delas por meio de textos e argumentos, e ilustrando sua origem e conseqüências por narrativas tradicionais e lendas populares, cuja invenção e circulação deve ter sido a obra do tempo – de um intervalo muito longo entre a *Samhitā*, na qual pouco ou nada do tipo aparece, e o *Brāhmaṇa*, no qual esses elementos são abundantes. Além disso, nós encontramos, no *Brāhmaṇa*, todo o sistema de organização social desenvolvido, a distinção de castas plenamente estabelecida, e o brâmane, *kṣatriya*, *vaiśya* e *śūdra* citados repetidamente por suas denominações próprias, e discriminados por suas funções peculiares e posições relativas, como no *Código de Manu*. O exame superficial do *Śatapatha Brāhmaṇa*, tanto quanto publicado, e de algumas das suas seções no manuscrito, mostra que ele é de um caráter semelhante ao *Aitareya*; ou ele pode ser até, talvez, de uma época posterior, e nós podemos nos arriscar a afirmar, em oposição às afirmações consencientes de estudiosos e críticos bramânicos, que nenhuma dessas obras tem o menor direito de ser considerada a contrapartida e contemporânea da *Samhitā*, ou como parte integral do *Veda*; compreendendo, por essa expressão, o registro primitivo das crenças e práticas religiosas e das instituições arcaicas da sociedade hindu.

Embora reconhecendo, com exceções pontuais, a data primitiva dos *Brāhmaṇas*, e aceitando-os como ilustrações valiosas da aplicação dos hinos primitivos e textos da *Samhitā*, nós devemos confiar somente na última como um guia seguro, nas nossas investigações da condição mais antiga dos hindus; e devemos nos esforçar para transmitir uma noção mais precisa do que significa a designação, tal como é exemplificado no *Veda*, que foi tomada como o texto da seguinte tradução, e que, como já foi mostrado, pode ser considerado a fonte e o modelo de outras obras similarmente nomeadas.

De acordo com as tradições críveis dos hindus, os *Sūktas*, as preces e hinos – agora reunidos como uma *Samhitā* – existiram, de forma separada e individual, muito antes de serem reunidos e organizados na ordem e conexão na qual eles são encontrados agora. No *R̥g Veda* o número de *Sūktas* é algo acima de mil,<sup>6</sup> com pouco mais de dez mil estrofes. Eles estão organizados de duas maneiras. Uma os divide entre oito *Khaṇḍas* (Porções) ou *Aṣṭakas* (Oitavos), cada um dos quais é, novamente, subdividido em oito *Adhyāyas* ou Preleções. O outro plano classifica os *Sūktas* em dez *Maṇḍalas*, ou Círculos, subdivididos em pouco mais de cem *Anuvākas*, ou subseções. Uma subdivisão adicional dos *Sūktas* em *Vargas*, ou Parágrafos, de cerca de cinco estrofes cada, é comum a ambas as classificações. Os hinos são de extensão variada: em um ou dois casos, um *Sūkta* consiste numa única estrofe [1.99] em alguns, de várias

<sup>6</sup> [1028; 1017 sem contar os hinos apócrifos ou 'meio apócrifos' chamados de Hinos Vālahilya (8.49–59), e 10.552 versos].

estrofes [mais de cinquenta]; mas o número médio, como se conclui a partir dos totais acima de mil hinos e dez mil estrofes, é, evidentemente, cerca de dez. Os hinos estão compostos em uma grande variedade de métricas, várias das quais são peculiares aos *Vedas*, e cuja variedade e riqueza evidenciam uma cultura extraordinária de arranjo rítmico. Em geral, um hino é dirigido a um único deus, mas, às vezes, a dois, e, ocasionalmente, os versos são distribuídos entre um número maior.<sup>7</sup> As divindades são várias, mas o maior número dos hinos nesse primeiro livro do *Ṛc*, e, tanto quanto foi averiguado até o momento, nos outros livros também, são dedicados a Agni e Indra, os deuses, ou personificações, do Fogo e do Firmamento. Dos 121 hinos contidos no primeiro *Aṣṭaka*, por exemplo, trinta e sete são dirigidos a Agni, sozinho, ou associado com outros; e quarenta e cinco, a Indra, do restante, doze são dirigidos aos Maruts, ou Ventos, os amigos e seguidores de Indra; e onze aos Ásvins, os filhos do Sol; quatro, à Aurora personificada; quatro, aos Viśvedevas, ou deuses coletivos; e os demais, a divindades inferiores – uma distribuição que mostra inequivocamente o caráter elementar da religião. Em partes subsequentes do *Veda* ocorrem poucos hinos que parecem ter uma tendência poética, ou fantasiosa, ao invés de religiosa; como um, no qual há uma descrição do renascimento das rãs, no início da estação chuvosa; e outro, no qual um jogador reclama da sua má sorte; mas apreciaremos melhor o caráter de tais exceções aparentes quando chegamos a elas. Cada *Sūkta* tem, como seu autor reputado, um *Ṛṣi* ou professor inspirado, por quem, em fraseologia bramânica, ele foi originalmente *visto*, isto é, para quem ele foi revelado; os *Vedas* sendo, de acordo com lendas mitológicas posteriores, o ditado inciado de Brahmā. Pelos nomes dos *Ṛṣis*, exceto quando mencionados incidentalmente no hino, nós estamos em dívida, como observado acima, com um índice dos conteúdos do *Veda*, que também especifica a métrica e o número de estrofes de cada hino, e o deus adorado. Ele é um livro antigo, e de grande autoridade, mas, visto que é de composição posterior ao texto, ele pode não ser, sempre, considerado de correção inquestionável. A maioria dos *Ṛṣis* são conhecidos das lendas dos *Purāṇas*, como Gotama, Kaṇva, Bharadvāja, Vasiṣṭha, Viśvāmitra e outros. A alguns desses, vários hinos são atribuídos; a outros, de menor nota, e, talvez, apenas de existência imaginária, um ou dois somente são atribuídos. O arranjo dos *Sūktas* por *Aṣṭakas* não parece depender de qualquer princípio fixo. Daquele por *Maṇḍalas*, seis dos dez ‘círculos’ compreendem hinos pelo mesmo indivíduo, ou por membros de uma mesma família. Assim, os hinos do segundo *Maṇḍala* são atribuídos a Gr̥tsamada, filho de Śunahotra, da família de Aṅgiras; os do terceiro, a Viśvāmitra e seus filhos, ou parentes; do quarto, a Vāmadeva; do quinto, a Atri e seus filhos, que têm nomenclatura bastante duvidosa; do sexto, Bharadvāja e, do sétimo, a Vasiṣṭha e seus descendentes. Os *Ṛṣis* do primeiro e dos três últimos *Maṇḍalas* são mais diversos, os hinos do nono Círculo são, todos, endereçados a Soma, a Planta da Lua, ou sua personificação deificada. Essa organização tem sido considerada como a mais antiga e a mais original das duas; a distribuição em *Aṣṭakas* sendo planejada para a conveniência da instrução; formando, por suas subdivisões – *Adhyāyas* e *Vargas* – muitas preleções, ou lições, a serem aprendidas pelos estudiosos. A inferência não é improvável, mas nós somos ainda pouco qualificados para chegar a uma conclusão positiva. A divisão mais comum dos manuscritos é aquela em *Aṣṭakas*, e em nenhum caso o princípio de classificação é manifestado inequivocamente a ponto de sugerir motivos razoáveis para um afastamento da prática estabelecida.

A ausência de qualquer dependência óbvia dos *Sūktas* uns dos outros é suficientemente indicativa da sua origem separada e assistemática. Que eles são as

<sup>7</sup> [Para detalhes veja o [Índice dos Sūktas do Mandala 1](#)].

composições dos sábios patriarcais a quem eles são atribuídos é, às vezes, evidente a partir de alusões que eles fazem ao nome do autor ou de sua família, mas essas indicações são de recorrência infrequente e devemos confiar, em geral, na tradição, como preservada pela *Anukramaṇikā*, para a exatidão da atribuição. Eles serem dirigidos ao mesmo deus é um teste menos equívoco de identidade; e eles, provavelmente, foram compostos, em muitos casos, pelos chefes de família, ou de escolas seguidoras de uma forma de culto semelhante, e adorando, de preferência, deificações específicas. Além da evidência interna proporcionada pela diferença de estilo, os hinos, não infreqüentemente, admitem uma diferença de data; e nós encontramos alguns atribuídos a *antigos Ṛṣis*, enquanto outros admitem serem de composição *nova* ou *a mais nova*. A grande variedade de métricas empregadas mostra, também, um desenvolvimento progressivo dos poderes de linguagem, o que poderia ter sido somente o efeito de refinamento longo e diligente. Há pouca dúvida, portanto, de que eles se estendem por um intervalo considerável; embora, tanto quanto diz respeito ao seu significado geral, eles pertençam à mesma condição de crença, e a um período durante o qual nenhuma mudança de qualquer importância ocorreu na crença nacional. As mesmas divindades são adoradas de um modo similar, e, com uma ou duas exceções duvidosas – que são, possivelmente, interpolações, ou que podem admitir explicação – não oferecem nada que seja contraditório ou incongruente. Isso é o mais notável, visto que há pouca dúvida que os hinos foram ensinados, originalmente, verbalmente, e que o conhecimento deles foi perpetuado pelo mesmo modo de instrução. Isso é perceptível suficientemente a partir da sua construção: eles estão repletos de frases elípticas; de epítetos gerais, dos quais a aplicação está longe de ser óbvia, até que seja explicada; de comparações breves, que não podem ser apreciadas sem aqueles detalhes adicionais que pode-se esperar que um professor vivo forneça; e de todos aqueles espaços em branco e deficiências que tornam o texto escrito dos *Vedas* ainda ininteligível, em muitas passagens, sem a assistência do comentador, e que somente ele é capacitado para preencher pela maior ou menor fidelidade com a qual as explicações tradicionais dos primeiros intérpretes de viva voz, ou, talvez, dos autores dos próprios hinos, chegaram até o tempo dele. A explicação de um professor vivo, ou de um comentador, deve ter sido indispensável para uma compreensão correta do significado dos *Sūktas*, em diversas passagens, a partir do momento da sua primeira comunicação; e a probabilidade é a favor de um instrutor oral, porque é a mais em harmonia com a circulação desconexa e assistemática dos hinos; com o uso restrito da escrita – mesmo se a arte fosse conhecida naqueles tempos primitivos (um objeto de dúvida considerável) – e com o caráter do ensino sânscrito, mesmo no tempo atual, no qual o estudo de livros é subordinado a explicações pessoais e tradicionais do professor, transmitidas a ele por meio de uma série indefinida de instrutores precedentes.

Finalmente, porém, chegou um período no qual a antiguidade dos hinos, a obscuridade do seu estilo, as peculiaridades da linguagem, e o número ao qual eles tinham se multiplicado, com as correspondentes dificuldades de recordá-los e ensiná-los, e, possivelmente, também, a percepção de que alguma autoridade venerável, sobre a qual suas crescentes alegações de santidade superior pudessem ser baseadas, estava faltando, sugeriram, para a melhoria progressiva da literatura dos brâmanes, a conveniência de resgatar os *Sūktas* dispersos e obsoletos do risco do esquecimento, e de moldá-los em alguma forma consistente e permanente. A realização desse objetivo é tradicionalmente atribuída ao filho do Ṛṣi Parāśara, Kṛṣṇa Dvaipāyana, por isso apelidado de Vyāsa, o *Organizador*; uma pessoa de cronologia e existência bastante questionáveis, que supõe-se que tenha vivido na época da grande guerra entre as famílias rivais de Kuru e Pāṇḍu, à última das quais ele era ligado. O relato que

normalmente é dado dos seus métodos mostra que a esfera de ação principal dele era a de supervisão – possivelmente sob o patrocínio do *Rājā* Yudhiṣṭhira, depois do seu triunfo sobre os Kurus – e que várias outras pessoas eruditas, já familiarizadas com os hinos dos respectivos *Vedas*, foram empregadas para preparar cada respectiva *Samhitā* ou coleção; assim, Paila foi designado para coletar os *Sūktas* do *Ṛc*, Vaisampāyana, o texto do *Yajur*; Jaimini, os hinos do *Sāma*; e Sumantu, os do *Ātharvaṇa*. Cada um tornou-se o professor de sua própria coleção, e teve uma sucessão de discípulos por quem a coleção original foi repetidamente subdividida e reorganizada, até que as *Samhitās* do *Ṛg Veda* chegaram a dezesseis ou vinte; as do *Yajur Veda* – distinguido como duplo, chamado de *Yajur Preto* e *Yajur Branco* – chegaram a quarenta e dois; e as do *Sāma Veda* a vinte e quatro. Havia, também, várias *Samhitās* do *Atharva Veda*; e, além dessas, havia inúmeras *Śākhās*, ou ramos, de cada *Samhitā*, estudadas no mesmo número de escolas separadas.<sup>8</sup> A natureza exata dessas distinções não é conhecida muito satisfatoriamente atualmente, porque elas desapareceram quase totalmente; mas elas consistiam, aparentemente, em variedades de forma, (não substância), contendo os mesmos hinos e fórmulas dispostos em uma ordem diferente, de acordo com as concepções do professor a respeito da sua sucessão histórica ou valor litúrgico, ou de acordo com as diferenças no modo de sua recitação – alguns sendo recitados audivelmente, alguns repetidos inaudivelmente, e alguns sendo entoados ou cantados. Várias leituras, também, parecem ter sido seguidas por diferentes escolas, embora não a tal ponto de afetar materialmente a identidade entre o original e seu descendente. Das *Samhitās* do *Ṛg Veda* a única agora em uso é a atribuída a um professor chamado Vedamitra ou Śākalya. Se as autoridades que professam detalhar a multiplicidade dessas compilações têm direito a toda confiança pode ser assunto de dúvida; mas as tradições são concordantes e consistentes; e há pouca dúvida de que houve uma época na qual a reunião e classificação, e estudo, dos poemas religiosos, os quais, mesmo naquele tempo, levavam a marca de antiguidade, formaram um ramo importante e popular da literatura dos brâmanes, e devem ter sido exercidos, com extraordinária diligência, zelo e competência, através de um intervalo prolongado, anterior ao surgimento da especulação filosófica, fábula mitológica, lendas poéticas, e história tradicional.<sup>9</sup>

O interesse evidenciado na coleta e preservação dos seus hinos e fórmulas antigas é notável por eles terem, tanto quanto podemos julgar até agora, fornecido poucas características das instituições religiosas e sociais que, sem dúvida, estavam completamente desenvolvidas na data da compilação deles. É, no entanto, talvez, pouco seguro arriscar qualquer afirmação positiva a respeito do sistema de crenças e práticas religiosas ensinadas no *Ṛg Veda* ou a condição da sociedade que prevalecia quando seus hinos foram compostos; e seria ainda mais indiscreto arriscar uma negativa, e negar sua sanção às características principais dos institutos bramânicos, até que o tenhamos examinado totalmente, e determinado, sem dúvida, que nenhuma sanção desse tipo pode ser encontrada nele. Ao oferecer quaisquer opiniões sobre esses pontos, portanto, deve ser compreendido que elas são derivadas unicamente a partir do que está verdadeiramente diante de nós – o Primeiro Livro do *Ṛg Veda*, agora traduzido – e que elas estão sujeitas à confirmação, ou à contradição, de acordo com a evidência

<sup>8</sup> Colebrooke sobre os *Vedas* – *Asiatic Researches*, Vol. 3, p. 373. *Viṣṇu Purāṇa*, Livro 3, cap. 4, [pág. 234 da tradução em português de 2012].

<sup>9</sup> A fundação da filosofia Vedānta, e a compilação dos *Itihāsas* e *Purāṇas*, são, também, atribuídas a Vyāsa. Estaria fora de lugar entrar em qualquer exame da questão aqui, além da observação que parece haver pouca evidência satisfatória para a tradição, vários dos *Purāṇas* sendo, de fato, atribuídos a outras pessoas. A tradição pode ter se originado no impulso dado ao cultivo geral da literatura sânscrita pela escola, ou escolas, de crítica védica.

adicional que possa ser produzida. É verdade que nós temos um campo um pouco mais amplo para especulação, nos outros três livros, traduzidos pelo Sr. Langlois, e em partes separadas de outros livros, que foram traduzidas e publicadas por outros estudiosos de sânscrito, especialmente pelo Sr. Colebrooke, pelo professor Burnouf e pelo Dr. Roth. As últimas, no entanto, por causa do seu estado parcial e isolado, são, necessariamente, autoridades imperfeitas; e, dos primeiros, pode ser observado que eles não parecem oferecer nada materialmente contrário ao teor do primeiro *Aṣṭaka*. Será suficiente, portanto, por ora, nos limitarmos à evidência à mão, e deduzirmos, a partir dela, algumas das conclusões mais importantes às quais ela parece levar, a respeito da fé religiosa e mitológica do povo da Índia – cujos sentimentos e noções os *Sūktas* enunciam – e das circunstâncias da sua condição social, às quais ela ocasionalmente, embora brevemente, se refere.

A adoração que os *Sūktas* descrevem compreendem oferendas, prece e louvor. As primeiras são, principalmente, oferendas e libações: manteiga clarificada derramada no fogo, e o suco espremido e fermentado da Planta Soma, oferecido, em conchas, às divindades invocadas – de que maneira não aparece exatamente, embora ele pareça ter sido, às vezes, aspergido sobre o fogo, às vezes, no chão, ou, antes, na *Kuśa*, ou erva sagrada, espalhada no chão; e, em todos os casos, o resíduo era bebido pelos assistentes. A cerimônia acontece na casa do adorador, em uma câmara apropriada para o propósito, e, provavelmente, para a manutenção de um fogo permanente; embora as frequentes alusões ao acendimento ocasional da chama sagrada estejam bastante em desacordo com essa prática.<sup>10</sup> Não há menção de qualquer templo, nem qualquer referência a um lugar público de adoração; e é claro que o culto era totalmente doméstico. O adorador, ou *Yajamāna*, não parece ter tido, necessariamente, qualquer parte, pessoalmente, na cerimônia; e há uma variedade considerável de sacerdotes oficiantes – em alguns casos, sete; em alguns, dezesseis – pelos quais os diferentes ritos cerimoniais são realizados, e por quem os *Mantras*, ou orações, ou hinos, são recitados. Que vítimas animais eram oferecidas em ocasiões específicas pode-se inferir de alusões breves e obscuras nos hinos do primeiro livro,<sup>11</sup> e é deduzível, a partir de algumas passagens, que sacrifícios humanos não eram desconhecidos, embora raros, e, às vezes, simbólicos. Mas essas são exceções; e as oferendas habituais podem ser consideradas como consistindo em manteiga clarificada e no suco da Planta Soma.

O *Sūkta* quase invariavelmente combina os atributos de prece e louvor. O poder, a vastidão, a generosidade, a bondade, e até mesmo a beleza pessoal do deus abordado são descritos em melodias altamente laudatórias, e suas bênçãos, ou façanhas do passado, são recitadas e glorificadas, em retribuição de quais encômios, e das libações e oblações que ele é solicitado a aceitar, e em aprovação do rito em sua honra, no qual sua presença é invocada, ele é rogado a conceder bênçãos sobre a pessoa que instituiu a cerimônia, e, às vezes, mas não tão comumente, também sobre o autor, ou recitador, da prece. As bênçãos pedidas são, em sua maioria, de um tipo temporal e pessoal – riqueza, alimento, vida, posteridade, gado, vacas e cavalos, proteção contra inimigos, vitória sobre eles, e, às vezes, sua destruição, especialmente quando eles são representados como hostis à celebração de ritos religiosos, ou, em outras palavras, pessoas que não professam a mesma fé religiosa.<sup>12</sup> Há poucas indicações de uma esperança de imortalidade e de felicidade futura, mas elas não são nem frequentes nem,

<sup>10</sup> É dito, em um lugar, no entanto, que os homens preservavam o fogo *constantemente aceso* em suas residências (1.73.4).

<sup>11</sup> No segundo *Aṣṭaka*, nós temos dois hinos sobre a ocasião do *Aśvamedha*, um sacrifício de um cavalo. (Veja a Tradução do Sr. Langlois, Palestra 3, Hinos 5, 6.)

<sup>12</sup> 1.51.8, nota.

em geral, anunciadas claramente; embora a imortalidade dos deuses seja reconhecida, e a possibilidade da sua obtenção por seres humanos exemplificada no caso dos semideuses chamados Ṛbhus – elevados, por sua devoção, ao posto de divindades. Proteção contra os maus espíritos (*Rākṣasas*) é, também, solicitada; e, em uma ou duas passagens, Yama e seu ofício como soberano dos mortos são aludidos obscuramente. Há pouca procura por benefícios morais, embora, em alguns poucos casos, ódio à mentira e aversão ao pecado sejam manifestados, a esperança é pronunciada que esse último possa ser arrependido, ou expiado; e os deuses são, em um hino, pedidos para livrarem o fiel do pecado de todo tipo. Os principais objetivos das preces, porém, são benefícios de um caráter mais mundano e físico. O tom no qual esses são solicitados indica uma tranquila confiança em sua concessão, como um retorno pelos benefícios que se supõe que os deuses derivam das oferendas feitas a eles, em satisfazer suas necessidades corpóreas, e dos louvores que dão a eles maior energia e poder aumentado. Não há nada, no entanto, que indique qualquer potência especial na prece, ou hino, de modo a obrigar os deuses a cumprirem os desejos do adorador – nada daquela necessidade imposta que forma uma figura tão evidente e característica na mitologia hindu de uma data posterior, pela qual a realização de austeridade por um período contínuo obriga os deuses a concederem a bênção desejada, embora repleta de perigos, e até destruição, para eles próprios.

A próxima questão é: quem são os deuses a quem os louvores e preces são dirigidos? E aqui encontramos, também, uma diferença marcante entre a mitologia do *Rg Veda* e a dos poemas heroicos e *Purānas*. Os deuses adorados não são desconhecidos aos sistemas posteriores, mas eles lá cumprem funções muito subordinadas; ao passo que as divindades que são os grandes deuses – os Deuses Maiores – do período subsequente são ou totalmente não mencionados no *Veda*, ou são citados em um âmbito inferior e diferente. Os nomes de Śiva, de Mahādeva, de Durgā, de Kālī, de Rāma, de Kṛṣṇa, nunca ocorrem, tanto quanto sabemos até agora. Nós temos um Rudra, que, em épocas posteriores, é identificado com Śiva, mas que, mesmo nos *Purānas*, é de origem e identificação muito duvidosas, enquanto, no *Veda*, ele é descrito como o pai dos ventos, e é, evidentemente, uma forma ou de Agni ou de Indra. O epíteto Kapardin, que é aplicado a ele, parece, de fato, ter alguma relação com um atributo característico de Śiva – o uso de seu cabelo em uma trança peculiar, mas o termo tem, provavelmente, no *Veda*, uma significação diferente – agora esquecida – embora ele possa ter sugerido, em época posterior, a aparência de Śiva, em tal penteado, como identificado com Agni. Por exemplo, Kapardin pode indicar a cabeça dele sendo cercada por chama radiante; ou a palavra pode ser uma interpolação. De qualquer forma, nenhum outro epíteto aplicável a Śiva ocorre, e não existe a menor alusão à forma na qual, nos últimos dez séculos, pelo menos, ele parece ter sido quase exclusivamente adorado na Índia – a do *Liṅga* ou Falo. Também não há o menor indício de outra característica importante do hinduísmo mais recente, a *Trimūrti*, ou a combinação trina de Brahmā, Viṣṇu e Śiva, como simbolizada pela sílaba mística *Om*; embora, de acordo com a maior autoridade sobre as religiões da antiguidade, a *Trimūrti* foi o primeiro elemento na fé dos hindus, e a segunda foi o *Liṅga*.<sup>13</sup>

Os deuses principais do *Veda* são, como foi citado acima, Agni e Indra. O primeiro compreende o elemento do Fogo sob três aspectos: primeiro, como existe na terra, não só como fogo culinário, ou religioso, mas como o calor da digestão e da vida, e o princípio vivificante da vegetação; segundo, como existe na atmosfera, ou meio do céu, na forma de raio; e, terceiro, como ele está manifestado nos céus, como a luz, o sol, o

<sup>13</sup> Creuzer, *Religions de l'Antiquité*, Livro 1, cap. 1; p. 140.

amanhecer, e os corpos planetários. O Sol, de fato, é reconhecido e louvado com hinos como um deus, a alma de todos os seres móveis e imóveis, e suas manifestações são conhecidas como *Ādityas*, incluindo vários dos nomes preservados nos *Purāṇas*, como Viṣṇu, Mitra, Varuṇa, Aryaman, Pūṣan, Bhaga e Tvaṣṭṛ, que nada mais são do que o Sol diversificado como presidindo cada mês do ano solar. Mesmo assim, no entanto, o sol não ocupa aquele lugar de destaque, na liturgia védica, o qual ele parece ter ocupado na dos antigos persas; e ele é venerado principalmente como o representante celestial do Fogo.

Se atentarmos mais particularmente aos atributos de Agni, encontraremos neles aquela confusão que pode ser esperada por causa dos vários personagens que ele desempenha. Como o fogo do sacrifício, ele é o servo dos homens e deuses, levando as invocações e as oferendas dos primeiros aos últimos, ele é o *Hotṛ*, ou sacerdote, que convoca os deuses para a cerimônia, o *Purohita*, ou sacerdote familiar, que realiza o rito em nome do dono da casa. Personificado como um deus, ele é imortal, desfrutando de juventude perpétua, dotado de poder e esplendor infinitos, o concesso de vitória, de riqueza, de gado, de alimentos, de saúde, de vida; ele viaja em um carro puxado por cavalos vermelhos, ele é a fonte e o difusor de luz, o destruidor e renovador de todas as coisas. Ele é conhecido sob muitas e diferentes denominações; e muitas divindades inferiores são consideradas meramente suas manifestações. Os atos e atributos de outros deuses são, não raro, atribuídos a ele; ele pode assumir a forma ou natureza de qualquer outro deus que seja invocado para um rito cerimonial. Ele é identificado com Yama, Varuṇa, Mitra, com o Sol, e com o eterno *Vhedas* (1.72.1). Uma curiosa série de alusões, evidentemente de uma antiguidade remota, o identifica com *Aṅgiras*, que, no *Veda*, bem como nos *Purāṇas*, é um Patriarca e *Ṛṣi*, e o fundador de uma célebre família santa, aos membros da qual muitos dos hinos do *Veda* são atribuídos. *Aṅgiras* é, em um lugar (1.1.6), usado em lugar da repetição do nome Agni; e, em outro, Agni é expressamente chamado de o primeiro e principal *Aṅgiras* (1.31.2). O significado desse mito é, aparentemente, explicado em outra passagem, na qual se diz que os *Aṅgirasas* primeiro asseguraram Agni, daí devotos subsequentes preservaram seus fogos e praticaram seus ritos (1.71.3); o que dá a entender claramente que essa família sacerdotal, ou escola, ou introduziu o culto com fogo, ou o expandiu e organizou nas várias formas nas quais ele veio, por fim, a ser praticado. O teor da lenda, como ela foi depois expandida nos *Brāhmaṇas* e poemas heroicos, igualmente sugere o último, e atribui a multiplicação, ou universalidade, das ocasiões no qual o fogo constituía um elemento essencial da adoração dos hindus, a *Aṅgiras* e seus descendentes.<sup>14</sup> Dos atributos de Agni, em geral, o significado é suficientemente óbvio: aqueles de um caráter físico falam por si mesmos; e a alegoria transmitida por outros, é, também, bastante palpável, como quando é dito que Agni é o filho do Vento, ou surge, naturalmente, de noções hindus, como quando se diz que ele é tanto o pai quanto o filho dos deuses – nutrindo-os, como um pai, pelas oblações que ele leva para eles, enquanto o ato de oferecer essas oblações é o dever de um filho. A lenda de ele se esconder nas águas, por medo dos inimigos dos deuses, embora citada em mais de um lugar, não é narrada muito explicitamente; e seu detalhamento mais minucioso é, provavelmente, o trabalho dos *Brāhmaṇas*. As alusões dos *Sūktas* podem ser uma indicação figurativa do calor latente existente na água, ou a má interpretação de um fenômeno natural que parece ter causado uma grande impressão, em tempos posteriores – a emissão de chamas a partir

---

<sup>14</sup> Veja a passagem do *Mahābhārata* citada em 1.1.6, nota.

da superfície da água, ou na forma de ar inflamável, ou como resultado de ação vulcânica submarina.<sup>15</sup>

A deificação de Indra é mais consistente, porque ele não tem funções incongruentes a cumprir. Ele é uma personificação dos fenômenos do firmamento, particularmente na qualidade de mandar chuva. Essa propriedade é descrita metaforicamente como um conflito com as nuvens, que são relutantes em se desfazer dos seus estoques de água, até que são atacadas e atravessadas pelo raio de Indra. Como em todas as alegorias, a linguagem de fato e ficção é suscetível de ser misturada e confundida na descrição desse conflito; e a nuvem, personificada como um demônio chamado Ahi ou Vṛtra, é representada como combatendo Indra com todos os atributos de um inimigo pessoal, e como sofrendo, na batalha, mutilação, ferimentos e morte. Nas versões do conflito encontradas em obras posteriores, e nos poemas heroicos e *Purāṇas*, a alegoria original é perdida de vista completamente, e Vṛtra se torna um personagem real, um *Asura*, ou rei dos *Asuras*, que trava uma guerra duvidosa com o rei dos deuses. Essa disputa com as nuvens parece ter sugerido, para os autores dos *Sūktas*, o caráter guerreiro de Indra em outras ocasiões; e ele é descrito especialmente na forma de deus das batalhas, o concesso de vitória para seus adoradores, o destruidor dos inimigos dos ritos religiosos, e o destruidor das cidades dos *Asuras*. Um mito popular o representa, também, como o descobridor e salvador das vacas, ou dos sacerdotes ou dos deuses, que tinham sido roubadas por um *Asura* chamado Paṇi ou Bala. Como Agni, ele é o possuidor e doador de riquezas, e o concesso de todas as bênçãos temporais, quando adorado devotamente, e quando propiciado pelo suco Soma, o qual parece ser mais especialmente apropriado para ele, e que tem o efeito de inspirá-lo com entusiasmo e coragem. Alguns dos atributos dele são, obviamente, referências alegóricas à localidade do firmamento; como quando ele é dito ter elevado o sol, e fixado as constelações no céu; ser mais vasto do que o céu e a terra, e tê-los separado, quando originalmente unidos (1.62.7). De outro, que se refere a ele na forma de um carneiro, nenhuma explicação muito satisfatória é dada; embora, como observado pelo Sr. Nève, a metamorfose sugira alguma analogia entre ele e Júpiter-Amon. Sua participação nas guerras de tribos e príncipes, e de garantir o triunfo daqueles que ele favorece, pertence à parte poética da personificação, e surge, sem dúvida, daquele caráter de bravura pessoal derivado da sua derrota metafórica de Vṛtra, e da ação real da eletricidade da atmosfera, na descida das chuvas fertilizantes.

O Sol, Sūrya ou Savitrī, ocupa um lugar muito menos visível, na adoração hindu, do que poderíamos antecipar a partir da magnificência visível desse luminar, e da adoração dele por nações vizinhas. Nós temos, no primeiro livro, apenas três *Sūktas* dirigidos a ele, individualmente; e eles não transmitem muito notavelmente reconhecimento expressivo da sua supremacia. Como Agni e Indra, ele é o dador de bênçãos temporais para seus adoradores; ele é a fonte de luz, movendo-se, com demasiada rapidez, entre o céu e a terra, em uma carruagem puxada por dois cavalos de patas brancas, ou, como é dito às vezes, por sete – significando os sete dias da semana. É dito que ele é curador de lepra, o que pode ter dado origem à lenda mais moderna de ele ter curado Sāmba, filho de Kṛṣṇa, dessa doença; se isso não for um enxerto não autorizado sobre o tronco original. Ele é representado como de olhos dourados e mãos douradas; meras figuras de linguagem, embora uma lenda seja concebida para responder pelas últimas.

O texto do *Veda*, em uma passagem notável no primeiro livro, reconhece uma diferença de grau na relativa dignidade dos deuses, e até mesmo em sua idade;

---

<sup>15</sup> Veja a lenda de Aurva, *Viṣṇu Purāṇa* 3. Cap. 8, [pág. 245, nota 1, da tradução em português de 2012].

proclamando veneração aos grandes deuses, aos menores, aos jovens, e aos velhos, (1.27.13). Entre os deuses menores, uma parte importante da adoração é desfrutada por um grupo declaradamente subordinado a Indra – envolvendo uma alegoria óbvia – os Maruts, ou Ventos, que são naturalmente associados ao firmamento. Nós temos, de fato, um deus do vento, em Vāyu; mas pouco é dito sobre ele, e, isso, principalmente em associação com Indra – com quem ele é identificado por comentadores do *Veda*. Os Maruts, pelo contrário, são frequentemente tratados como os atendentes e aliados de Indra, unidos a ele na batalha com Vṛtra, e auxiliando e estimulando os esforços dele. Eles são chamados de filhos de Pṛṣni, ou Terra, e, também, de Rudras, ou filhos de Rudra; o significado de quais filiações não é muito claro, embora, sem dúvida, seja alegórico. Eles são, também, associados, em algumas ocasiões, com Agni; uma metáfora óbvia, expressando a ação do vento sobre o fogo. É, também, anunciado que eles eram, originalmente, mortais, e se tornaram imortais por adorarem Agni, o que é, também, de explicação fácil. Sua participação na produção de chuva, e sua natureza feroz e impetuosa, são representações figurativas de fenômenos físicos. O comentarista se esforça para ligar a história da origem deles com aquela narrada nos *Purāṇas*, mas sem sucesso; e a última, absurda como ela é, parece não ter nenhuma base melhor do que uma etimologia proposta do nome – "Não (*mā*) chore (*rodh*)" – que é meramente fantasiosa, embora não seja muito pior do que outras explicações do nome que os comentaristas têm sugerido.

Os *Ādityas*, ou Sóis menores, são especialmente os filhos de Aditi, que tem, em geral, o caráter de mãe dos deuses, identificada, nessa parte do *Veda*, com a Terra, ou até mesmo com o Universo; em qual caso ela é, evidentemente, alegórica. Pouco é falado dos *Ādityas* coletivamente, mas alguns deles são abordados individualmente. Não há hino separado para Viṣṇu; mas ele é mencionado como *Trivikrama*, ou aquele que deu três passos ou passadas, o que o Sr. Colebrooke pensou que pode ter formado a base da lenda purânica do *Avatāra* anão. Isso pode ter sugerido a lenda, mas nenhuma alusão à noção de *Avatāras* ocorre no *Veda*; e há pouca dúvida de que os três passos, aqui mencionados, são os três períodos do curso do sol – sua ascensão, culminação e ocaso.<sup>16</sup> Mitra nunca é abordado sozinho: ele aparece entre os Viśvedevas (ou deuses coletivamente), ou associado com Varuṇa e Aryaman. O comentarista diz que ele é um deus que preside o dia, e, em conjunto com Varuṇa, um dispensador de água. Varuṇa ocupa um lugar muito mais visível nos hinos: é dito que ele é um deus que preside a noite, e, nessa qualidade, provavelmente, as constelações são chamadas de seus atos sagrados, e diz-se que a lua se move pelo comando dele. O título de rei ou monarca, *Rājā* ou *Samrāt*; é muito comumente ligado ao seu nome. Com Mitra, ele é chamado de senhor da luz; e ele sustenta a luz no alto, e torna amplo o caminho do sol; ele concede riqueza, afasta o mal, e protege o gado; em todos os quais não temos traço da posição que lhe é atribuída, na mitologia posterior, de soberano das águas. Em uma passagem muito obscura, no entanto, é dito dele, que, permanecendo no oceano, ele conhece o rumo dos navios; mas também é dito, na mesma estrofe, que ele conhece o vôo das aves e a sucessão periódica dos meses. As noções nutridas sobre Varuṇa, além da sua conexão com o sol, não parecem ser muito precisas. Aryaman nunca é citado sozinho; mais usualmente, com Mitra e Varuṇa: nós temos um texto identificando-o com o sol, e o comentarista diz que ele preside o crepúsculo. Pūṣan, além de ser mencionado ocasionalmente, tem, no primeiro livro, um hino para si próprio, cujo principal propósito é pedir a proteção dele em uma viagem, especialmente contra ladrões; é dito que ele é o

<sup>16</sup> Isso é expressamente afirmado desse modo por Durgācārya, em seu comentário sobre o *Nirukta*. – Veja Burnouf, Introdução ao vol. 3 do *Bhāgavata Purāṇa*, p. 22.

deus, ou antes, talvez, o *Āditya*, ou sol, que preside a terra. A conexão da aurora personificada, ou Uṣas, ou melhor, muitas alvoradas, ou Uṣasas, com o sol forma uma parte natural da adoração solar: vários hinos são endereçados a ela, cuja linguagem não envolve mistério, mas é ditada pelas propriedades óbvias da manhã, não raro descritas pitorescamente e poeticamente.

Semideuses que são, com muito mais frequência do que qualquer um dos anteriores (exceto os Maruts), objetos de louvor, são os dois Ásvins – os filhos do Sol, segundo a mitologia ulterior, mas de cuja origem nós não temos tal lenda no *Veda*, tanto quanto avançamos até agora. Em um lugar é dito, de fato, que eles têm o mar (Sindhu), como sua mãe, mas é explicado que isso sugere a sua identidade, como afirmam algumas autoridades, com o sol e a lua, que se erguem, aparentemente, do oceano. Eles são chamados de *Dasras* – destruidores, ou de inimigos ou de doenças, pois eles são os médicos dos deuses. Eles são, também, chamados de *Nāsatyas* – em quem não há falsidade. Eles são representados como sempre jovens, bonitos, viajando em um carro de três rodas e triangular, puxado por burros, e como se envolvendo com uma variedade de transações humanas, concedendo benefícios para seus adoradores, permitindo-lhes frustrar ou superar seus inimigos, auxiliando-os em suas necessidades, e livrando-os da dificuldade e do perigo. Seus assuntos parecem estar mais na terra do que no céu, e eles pertencem, por suas façanhas, mais à mitologia heroica, do que à celeste, ou solar. Eles são, no entanto, ligados, em diversas passagens, ao brilho do sol, e são citados como os precursores da alvorada, em qual período eles devem ser adorados com libações de suco Soma.

O Sabeísmo dos hindus – se pode ser assim chamado – é completamente diferente daquele dos caldeus, ao omitir a adoração dos planetas. As constelações nunca são mencionadas como objetos de veneração ou culto; e, embora a lua pareça ser ocasionalmente indicada sob o nome *Soma* – especialmente quando citada como dissipando escuridão – o nome e a adoração são, de um modo muito menos duvidoso, aplicados à planta Soma, a *Asclepias acida*, real ou personificada. A grande importância atribuída ao suco dessa planta é uma parte singular do antigo ritual hindu: ele é suficientemente proeminente mesmo nessa parte do *R̥g Veda*, mas quase todo o *Sāma Veda* é dedicado ao seu louvor; e esse é, sem dúvida, pouco mais do que uma repetição do *Soma Maṇḍala* do *R̥c*. A única explicação da qual isso é suscetível é, o deleite, bem como a surpresa, que a descoberta das propriedades estimulantes, se não inebriantes, do suco fermentado da planta deve ter excitado em mentes simples, ao se familiarizarem pela primeira vez com seus efeitos. Isso, no entanto, é, naturalmente, totalmente diferente de qualquer adoração da lua ou dos planetas, como luminares divinos, da qual eles não parecem ter participado com o sol.

Indra e Savitr, portanto, têm seus respectivos partidários, dependentes de, e identificáveis com, seus dirigentes. Agni não parece ter quaisquer múltiplos subordinados, exceto nas deificações muito anômalas chamadas *Āprīs*, as quais, embora incluindo certas divindades femininas e objetos insensíveis, como as portas do salão de sacrifício, são consideradas personificações de Agni. Brahmaṇaspati, também, tanto quanto podemos compreender seu caráter a partir das estrofes ocasionais dirigidas a ele, parece ser identificável com Agni, com o atributo adicional de presidir a prece. As propriedades características dessa divindade, no entanto, não são explanadas muito distintamente nessa parte do *Veda*.

De Rudra, igualmente, o caráter é incerto; mas pode-se duvidar se ele compartilha, em qualquer grau notável, daquela ferocidade e ira que pertencem ao Rudra de uma data posterior. Ele é chamado, é verdade, de matador de heróis; mas Indra também o é. Tenta-se afastar pela prece os efeitos da ira dele sobre homens e

animais, mas ele é, também, invocado como sábio e generoso, o criador da fertilidade, e dador de felicidade; e suas características peculiares são, evidentemente, sua presidência sobre plantas medicinais e remoção de doenças – atributos de um deus benevolente, e não maligno e irascível. Como observado acima, os Maruts, ou Ventos, são chamados de filhos dele, e essa relação o igualaria a Indra. Há, também, uma classe de deuses inferiores, chamados Rudras, que, em uma passagem, são adoradores de Agni, e, em outra, são os seguidores de Indra; sendo os mesmos que os Maruts. Até agora, portanto, Rudra pode ser identificado com Indra, mas nós temos o nome aplicado, de forma inequívoca, a Agni, em um hino dedicado exclusivamente a esse deus (1.27.10). O termo denota, de acordo com o comentador, o ‘terrível Agni’, mas não há fundamento para isso, no texto, e podemos nos contentar, portanto, com o último, a considerar Rudra como uma forma ou denominação do fogo.

Das outras personificações divinas que ocorrem nesse primeiro livro os detalhes são muito poucos para autorizar qualquer generalização incriticável. Algumas delas são como toda religião imaginativa cria: personificações da terra, do mar, da noite, e de coisas inanimadas. Divindades femininas fazem seu aparecimento, mas são apenas citadas, sem que nada seja narrado a respeito delas; e nós não temos, por enquanto, materiais suficientes sobre os quais construirmos qualquer teoria sobre seus atributos e caráter. A única exceção é a de Ilā, que é chamada de filha de Manus, e instrutora dele na realização de sacrifício; mas o que isso significa requer maior elucidação. Os Viśvadevas, ou deuses universais, não aparecem, nessa parte do *Veda*, como a classe específica que é citada por *Manu*, e nos *Purāṇas*; mas meramente como a agregação dos deuses em outra parte mencionados separadamente, ou Indra, Agni, Mitra, Varuṇa, e o resto.

Nós verificamos desse modo que a maioria, se não todos os deuses citados nos hinos do *Ṛc* – até onde os do primeiro *Aṣṭaka* se estendem – são resolúveis em três: Agni, ou fogo; Indra, ou firmamento; e o sol. Ou, de fato, – como o sol é apenas uma manifestação do fogo, – podemos separar todas as formas em duas, Agni e Indra. Nós podemos, no entanto, concordar em aceitar a afirmação de Yāska, que há, no *Veda*, “três deuses: Agni, na terra; Vāyu ou Indra, no firmamento; e Sūrya, no céu; de cada um dos quais há muitas denominações, expressivas de sua grandeza, e da variedade de suas funções”. Não há nada, entretanto, – limitando a nossa negação à presente porção do *Ṛc*, – para justificar a outra afirmação de Yāska, que “todos os deuses são apenas partes de um *ātman*, ou alma, subservientes à diversificação de seus louvores por causa da imensidão e variedade de seus atributos”.<sup>17</sup> A *Anukramaṇikā* vai mais longe, e afirma que existe só *um deus*, a Grande Alma (*Mahān Ātmā*); citando, no entanto, em apoio dessa doutrina, uma passagem que, em seu próprio lugar, se aplica apenas ao Sol, que é chamado lá (1.115.1) de ‘a alma de tudo o que se move ou que é imóvel’; uma expressão que deve, provavelmente, ser compreendida figurativamente, não literalmente.

A noção de uma alma do mundo pertence, sem dúvida, a um período muito posterior à composição dos *Sūktas*. Se os autores deles nutriam qualquer crença em um criador e governante do universo certamente não aparece a partir de qualquer passagem encontrada até agora; mas, ao mesmo tempo, os objetos da adoração primitiva dos hindus – o fogo, o céu, a planta Soma, até mesmo o sol – são abordados em linguagem tão evidentemente ditada por atributos físicos palpáveis, ou pelas personificações alegóricas mais óbvias, que mal podemos pensar que eles foram inspirados por qualquer sentimento profundo de veneração ou de fé, ou que a adoração de tais elementos

<sup>17</sup> *Nirukta, Daivata Kāṇḍa*, 1.4,5.

simples e manifestos os contemplava de qualquer outro ponto de vista que não símbolos do poder de um criador. Por mais extravagantes que sejam as expressões, nós mal podemos imaginá-las terem sido proferidas a sério, especialmente como procedentes de homens de talento e observação evidentes, dotados de mais do que atividade intelectual comum e agudeza de percepção.

Deixando a questão da religião original dos hindus para investigação ulterior, nós podemos agora considerar qual grau de luz essa parte do *Veda* reflete sobre a condição social e política deles. Tem sido uma noção favorita, de alguns estudiosos eminentes, que os hindus, no período da composição dos hinos, eram um povo nômade e pastoral. Essa opinião parece se basear unicamente nas frequentes solicitações de alimentos, e de cavalos e gado, que são encontradas nos hinos, e não é sustentada por quaisquer afirmações mais positivas. Que os hindus não eram nômades é evidente a partir das repetidas alusões às moradias fixas, e aldeias, e cidades; e nós dificilmente podemos supor que eles tenham estado, nesse aspecto, atrás de seus inimigos bárbaros, a derrubada de cujas numerosas cidades é tantas vezes falada. Um povo pastoral eles podem ter sido, até certo ponto, mas eles eram, também, talvez, em um grau ainda maior, um povo agrícola, como é evidenciado por suas súplicas por chuva abundante e pela fertilidade da terra, e pela menção de produtos agrícolas, especialmente a cevada (1.23.15). Eles eram um povo manufatureiro, pois a arte da tecelagem, os trabalhos do carpinteiro, e a fabricação de ouro e de armaduras de ferro, são citados; e, o que é mais notável, eles eram um povo marítimo e mercantil.

Não apenas os *Sūktas* são familiarizados com o oceano e seus fenômenos, mas temos comerciantes descritos como se apertando energicamente a bordo de navios, por causa de lucro (1.56.2); e temos uma expedição naval contra uma ilha estrangeira, ou continente (*dvīpa*), frustrada por um naufrágio (1.116). Eles devem, também, ter feito algum avanço em cálculo astronômico, porque a adoção de um mês intercalado, com o objetivo de ajustar os anos solar e lunar um ao outro, é mencionada (1.25.8). A civilização deve ter, portanto, feito um progresso considerável; e os hindus devem ter se distribuído para o litoral, possivelmente ao longo do Sindhu ou Indo, para Cutch e Gujarat, antes que eles pudessem ter se empenhado em navegação e comércio. Que eles tinham se expandido de um lugar mais ao norte, ou que eles eram um povo do norte, é tornado provável por causa da expressão peculiar utilizada, em mais de uma ocasião, ao pedir vida longa – quando o adorador pede cem invernos (*himas*); uma benção que provavelmente não seria desejada pelos nativos de um clima quente (1.64.14). Eles parecem, também, ter sido um povo de pele clara, pelo menos comparativamente, e invasores estrangeiros da Índia; porque é dito (1.100.18) que Indra dividiu os campos entre seus amigos de cor *branca*, depois de destruir as tribos nativas bárbaras; já que essas, há pouca dúvida, nós devemos entender pela expressão *Dasyu*, a qual se repete tão frequentemente, e que é muitas vezes definida significar aquele que não só não executa ritos religiosos, mas tenta perturbá-los, e incomodar seus realizadores; os últimos são os *Āryas*: a raça *Ária*, respeitável, ou hindu, ou Ariana. *Dasyu*, em linguagem posterior, significa um ladrão, um assaltante; e *Ārya*, um homem rico ou respeitável, mas os dois termos são usados constantemente, no texto do *Veda*, como contrastados um com o outro, e como expressões de antagonistas religiosos e políticos; não requerendo, portanto, abuso de conjectura para identificar os *Dasyus* com as tribos nativas da Índia, se recusando a adotar o cerimonial dos *Árias*, uma tribo mais civilizada, mas intrusa; e valendo-se de todas as oportunidades para atacá-los, para levar seu gado, perturbar seus ritos, e impedir seu progresso – com pouco proveito, parece, porque os *Árias* mereciam o auxílio de Indra, diante de cujo raio as numerosas cidades, ou aldeias, dos *Dasyus* foram destruídas.

Nós não temos nenhuma indicação específica da condição política dos hindus, exceto a especificação de diversos nomes de príncipes, muitos dos quais são peculiares ao *Veda*, e diferem daqueles dos poemas heroicos e *Purāṇas*. Uns poucos são idênticos, mas a nomenclatura evidentemente pertence a um período anterior à construção das dinastias do Sol e da Lua, nenhuma alusão às quais, até aqui, ocorre. Os príncipes citados são, às vezes, descritos como em hostilidade uns com os outros, e a condição das províncias da Índia ocupada pelos hindus era, sem dúvida, a mesma que continuou a ser até a conquista muçulmana – dividida em partes entre os principados insignificantes, sob príncipes pequenos e disputantes.

Sobre um assunto de primordial importância na história da sociedade hindu, as distinções de casta, a linguagem dos *Sūktas* – do primeiro *Aṣṭaka*, pelo menos, não é explícita de modo algum. Sempre que mencionada coletivamente, é dito que a humanidade é separada em cinco tipos, ou classes, ou, literalmente, cinco homens, ou seres (*pañca kṣitayah*). O comentador explica que esse termo denota as quatro castas, Brâmane, *Kṣatriya*, *Vaiśya* e *Śūdra*, e a bárbara, ou *Niṣāda*; mas Sāyaṇa, naturalmente, expressa as impressões recebidas da sua própria época. Nós não encontramos as denominações *Kṣatriya* ou *Śūdra* em nenhum texto do primeiro livro, nem aquela de *Vaiśya*; pois *Viś*, a qual ocorre, é, lá, um sinônimo de homem em geral. Brâmane é encontrada, mas em qual sentido é questionável. Na forma neutra, *Brahma* geralmente implica oração, ou louvor, ou alimento sacrificial, ou, em um lugar, preservação (1.105.15); na sua forma masculina, *Brahmā* ocorre como o louvador, ou recitador do hino (1.80.1), ou como o sacerdote específico, assim denominado, que preside o cerimonial de um sacrifício (1.10.1); e em nenhum dos casos implica necessariamente um brâmane por casta, pois, que os sacerdotes oficiantes podiam não ser brâmanes torna-se evidente a partir da parte tida por Viśvāmitra no sacrifício de Śunaḥśepa, que, embora, segundo a tradição, um *kṣatriya* por nascimento, exerce as funções do sacerdócio. Há uma frase que é a favor de considerar o brâmane como o membro de uma casta, distinguindo-a da casta militar (1.108.7): "Se vocês, Indra e Agni, alguma vez se deleitaram [na casa de] um brâmane, ou de um *Rājā* [príncipe], então venham para cá", mas mesmo isso mal pode ser considerado como decisivo. Um hino que ocorre em uma parte subsequente do *Veda*, no entanto, foi traduzido pelo Sr. Colebrooke, no qual as quatro castas são especificadas por nome, e a lenda usual da origem delas a partir de *Brahmā*, mencionada.<sup>18</sup> Mais pesquisas são necessárias, portanto, antes que um parecer final possa ser pronunciado.

A partir desse estudo dos conteúdos do primeiro livro do *Rg Veda*, embora algumas questões muito importantes ainda precisem ser respondidas, é indiscutivelmente evidente que os hinos que o compõem representam uma forma de culto religioso, e uma condição de sociedade muito diferentes daquelas que encontramos em todas as outras autoridades escriturais dos hindus, sejam *Brāhmaṇas*, *Upaniṣads*, *Itihāsas* (ou poemas heroicos), ou *Purāṇas*. Várias noções, e personificações, e personalidades do *Veda*, sem dúvida, foram adotadas e transmitidas para os períodos posteriores, embora, não raro, com modificações importantes; mas a grande massa do ritual, todos os deuses mais populares, possivelmente as principais leis e distinções da sociedade, e todo o corpo dos personagens heroicos e purânicos, não têm lugar, nem parte, nos *Sūktas* do *Rg Veda*. Que o último precedeu os primeiros por um vasto intervalo é, portanto, uma inferência necessária, pois o imenso e complicado mecanismo de toda

<sup>18</sup> No *Puruṣa Sūkta*, no oitavo *Aṣṭaka*, temos este verso: "Sua boca tornou-se um sacerdote (brâmane); seu braço foi tornado um soldado (*kṣatriya*); sua coxa foi transformada em um lavrador (*vaiśya*); dos seus pés surgiu o homem servil (*śūdra*)". – Colebrooke sobre as Cerimônias Religiosas dos Hindus, *Asiatic Researches*, Vol. 7; p. 251.

a literatura e mitologia dos hindus deve ter tido um desenvolvimento lento e gradual; e, como muitas das tradições genealógicas e históricas preservadas pelo *Rāmāyaṇa*, o *Mahābhārata*, os poemas, as peças de teatro, e os *Purāṇas* provavelmente não são meras invenções, mas podem ter tido suas bases na realidade, então o curso de eventos, a expansão dos hindus pela Índia, a origem e a sucessão das dinastias reais, e a formação de principados poderosos, todos desconhecidos da *Samhitā*, são igualmente indicativos do lapso de séculos entre a composição dos *Sūktas* e a data das primeiras obras que são posteriores às grandes mudanças religiosas, sociais e políticas que, no intervalo, tinham ocorrido. Se os hinos da *Samhitā* são genuínos – e não há razão por que eles não deveriam ser; se há alguma sombra de verdade nas partes históricas do *Rāmāyaṇa* e do *Mahābhārata* – e deve haver alguma; mil anos não seria um intervalo muito longo para as condições alteradas que são descritas nas composições mais antigas e nas mais recentes. Considerações deduzidas do progresso provável da literatura hindu são calculadas para confirmar esse ponto de vista da distância que separa a época do *Veda* daquela dos escritos posteriores, e, desse modo, levar a uma aproximação da era do primeiro. Os próprios *Sūktas* são, reconhecidamente, composições de vários períodos – como podemos concluir de evidências internas – e estavam, provavelmente, caindo no esquecimento, antes de eles serem reunidos nas *Samhitās*. Nós temos, então, uma sucessão de escolas envolvidas na coleta, organização, e remodelação delas, após o que vêm os *Brāhmaṇas*, citando seus conteúdos de um modo que prova que a sua compilação coletiva tinha se tornado extensivamente corrente e era facilmente identificável.

Depois dos *Brāhmaṇas* vêm os *Sūtras*, regras para a aplicação das passagens citadas nos *Brāhmaṇas* para cerimônias religiosas, obras de autores aos quais uma grande antiguidade é atribuída – Āpastamba, Kātyāyana, e outros, que citam os *Brāhmaṇas* como suas autoridades. Dos *Sūtras* filosóficos, o *Sāṃkhya*, que parece ser o sistema mais antigo, é, talvez, independente do *Veda*; mas a *Pūrva* e *Uttara Mīmāṃsās* são, declaradamente, destinadas a explicar e esclarecer a filosofia e as práticas do *Veda*, e são, portanto, necessariamente posteriores à *Samhitā* e ao *Brāhmaṇa*, embora atribuídas a nomes de celebridades antigas – Jaimini e Vyāsa. Essas obras eram, possivelmente, contemporâneas dos aforismos litúrgicos, os *Vedānta Sūtras* sendo, também, posteriores às *Upaniṣads*. Agora, todos esses escritos são mais antigos que *Manu*, cuja cosmogonia é, evidentemente, um sistema de ecletismo compilado das *Upaniṣads*, do *Sāṃkhya* e do *Vedānta*, e muitas de cujas leis, eu tomei conhecimento por intermédio do Dr. Müller, são encontradas nos *Sūtras* litúrgicos. No entanto, *Manu* não cita *Avatāras*, nem *Rāma*, nem *Kṛṣṇa*, e é, conseqüentemente, admitido ser muito anterior ao crescimento do culto deles como estabelecido no *Rāmāyaṇa* e no *Mahābhārata*.

Há, em *Manu*, uma leve sugestão de que opiniões budistas estavam começando a exercer uma influência sobre as mentes dos homens – na admissão que a maior das virtudes é a abstinência de dano aos seres vivos – o que faria suas leis posteriores ao sexto século AEC. Mas, conjecturando que as prováveis datas dos poemas heroicos são aproximadamente o terceiro século AEC, nós não podemos colocar *Manu* abaixo do quinto, ou sexto, pelo menos, além do qual temos todo o corpo filosófico e literatura védica. Isso nos levaria, para a época do *Brāhmaṇa*, ao sétimo, ou oitavo, pelo menos, e não podemos admitir menos de quatro ou cinco séculos para a composição e circulação dos hinos, e a ocorrência daquelas mudanças importantes, tanto civis quanto religiosas, que o *Brāhmaṇa* exhibe. Isso nos levará à mesma era que aquela que foi previamente calculada, ou cerca de doze ou treze séculos AEC. O Sr. Colebrooke, a partir de dados

astronômicos, daria aos *Sūktas* uma antiguidade maior; porque ele coloca a sua agregação, ou *Samhitā*, quatorze séculos AEC, uma data não muito distante da que é aqui sugerida.<sup>19</sup> Tudo isso deve, sem dúvida, ser recebido com grande reserva, pois, ao lidarmos com a cronologia hindu, não temos marcos dignos de confiança, nem épocas fixas, nem história comparativa, para nos guiar. Ao propor as datas acima, portanto, não se pretende nada mais que conjectura, e ela pode estar longe da verdade. Nós não podemos estar muito errados, no entanto, em atribuir uma data muito remota à maioria, se não a todos, os *Sūktas* do *Rg Veda*, e em considerar que eles estão entre os registros mais antigos existentes do mundo antigo.

O texto que serviu para a seguinte tradução compreende os *Sūktas* do *Rg Veda* e o comentário de Sāyaṇa Ācārya, publicados, pelo Dr. Müller, a partir de uma compilação de manuscritos, dos quais ele deu uma descrição em sua Introdução.<sup>20</sup> Sāyaṇa Ācārya era o irmão de Mādhava Ācārya, o primeiro-ministro de Vīra Bukka Rāya, *Rājā* de Vijayanagara no séc. XIV, um patrono generoso da literatura hindu. Ambos os irmãos são célebres como estudiosos, e muitas obras importantes são atribuídas a eles – não só escólios sobre as *Samhitās* e os *Brāhmaṇas* dos *Vedas*, mas obras originais sobre gramática e lei; o fato sendo, sem dúvida, que eles se utilizaram dos meios que sua situação e influência lhes garantiam, e empregaram os brâmanes mais eruditos que puderam atrair para Vijayanagara nas obras que levam o nome deles, e com as quais eles, também, contribuíram com seu próprio trabalho e erudição. Suas obras foram, portanto, compiladas sob vantagens peculiares, e são merecidamente tidas na mais alta estima.

Os escólios de Sāyaṇa sobre o texto do *Rg Veda* compreendem três partes distintas. A primeira interpreta o texto original, ou melhor, o traduz para um sânscrito mais moderno, preenche qualquer elipse, e, se alguma lenda é brevemente mencionada, narra-a em detalhes; a parte seguinte do comentário é uma análise gramatical do texto, segundo o sistema de Pāṇini, cujos aforismos, ou *Sūtras*, são citados; e a terceira parte é uma explicação sobre a acentuação das várias palavras. Essas duas últimas partes são puramente técnicas, e são intraduzíveis. A primeira parte constitui a base da tradução inglesa; pois, embora a interpretação de Sāyaṇa possa ser, ocasionalmente, questionada, ele tinha, sem dúvida, um conhecimento do seu texto muito além das pretensões de qualquer estudioso europeu, e deve ter estado em posse, ou através do seu próprio conhecimento, ou daquele dos seus assistentes, de todas as interpretações que tinham sido perpetuadas, pelo ensino tradicional, desde os tempos mais primitivos.

Além dessas divisões do seu comentário, Sāyaṇa prefacia cada *Sūkta* por uma especificação do seu autor, ou *Ṛṣi*; do deus, ou deuses, a quem ele é endereçado; da estrutura rítmica dos vários *Ṛcas*, ou estrofes, e do *Viniyoga*, a aplicação do hino, ou de partes dele, aos ritos religiosos nos quais eles devem ser repetidos. Eu fui incapaz de fazer uso dessa última parte da descrição, porque as cerimônias são, principalmente, indicadas por seus títulos apenas, e seus detalhes peculiares não podem ser determinados sem uma investigação mais trabalhosa do que a importância ou interesse do assunto me pareceu demandar.

Eu tenho, talvez, que oferecer, se não uma desculpa, uma justificativa, por manter as denominações originais das divisões do *Veda* como *Samhitā*, *Maṇḍala*, *Aṣṭaka*, *Adhyāya*, *Anuvāka*, *Sūkta* e *Varga*, em vez de tentar expressá-las por meio de equivalentes em inglês. Pareceu-me, no entanto, que, embora os termos Coleção, Círculo, Livro, Palestra, Capítulo, Hino, e Seção pudessem ter sido usados como

<sup>19</sup> *Asiatic Researches*, Vol. 7, 283, e Vol. 8, 483.

<sup>20</sup> *Rg-Veda*, Prefácio, p. vii.

substitutos, e, de um modo geral, fossem admissíveis, contudo eles em nenhuma circunstância expressavam exatamente o significado dos originais, e seu uso poderia ter levado a impressões errôneas. Eu considerei aconselhável, portanto, tratar os termos originais como se eles fossem nomes próprios, e somente os representei em caracteres romanos. Eu não receio que qualquer grande inconveniente será sentido por causa do uso dessas designações originais, seu significado convencional sendo prontamente lembrado. Eu também especifiquei a métrica que é usada em cada *Sūkta* a fim de mostrar a variedade que prevalece. A descrição dos diferentes tipos será encontrada no *Essay on Sanskrit and Prakrit Prosody* [Ensaio sobre Prosódia Sânscrita e Prácrita], do Sr. Colebrooke, no décimo volume das *Asiatic Researches* [Pesquisas Asiáticas].

H. H. WILSON.

1º de julho de 1850.

## Introdução ao Segundo Aṣṭaka

[Que vai do Hino 122 do Primeiro Livro ao Hino 6 do Terceiro Livro.]

A publicação do texto da segunda divisão do *Rg Veda* pelo professor Müller fornece autoridade segura para a continuação da tradução, que é, portanto, agora oferecida ao público, sob o mesmo patrocínio generoso da Corte de Diretores da Companhia das Índias Orientais, sob o qual o volume precedente apareceu, e sem o qual ele teria sido provavelmente retirado do prelo: pouco interesse na obra tem sido manifestado nesse país, embora os *Vedas* possam ser indispensáveis para um conhecimento exato dos conceitos religiosos do mundo antigo, e das instituições primeiras dos hindus.

O ponto de vista que foi adotado na introdução ao volume anterior, sobre a religião e mitologia dos povos da Índia e sua condição social, quinze séculos, no mínimo, antes do cristianismo, como derivável a partir do *Veda*, é confirmado pelos novos dados fornecidos no presente volume. A adoração é a do fogo e dos elementos; ela é patriarcal e doméstica, mas é celebrada através da ação de um grupo de sacerdotes bastante imponente, embora consista em pouco mais que o oferecimento, por meio do fogo, de manteiga clarificada e de suco da planta Soma, aos deuses, que são chamados para estarem presentes, cujo poder e benevolência são glorificados, cuja proteção contra inimigos e infortúnios é implorada, cujo desagrado e ira são afastados por meio de prece, e que são solicitados a conceder alimentos, gado, riquezas, e posteridade para os indivíduos que realizam o culto, ou em cujo nome ele é realizado; insinuações ocasionais da esperança de felicidade após a morte ocorrem, mas não são frequentes, nem insistentes, e os principais objetivos de cada prece e hino são as coisas boas da vida atual.

Os principais objetos de culto individual são os mesmos que no volume anterior, até mesmo em uma proporção ainda mais envolvente; dos cento e dezoito hinos do Segundo *Aṣṭaka*, trinta são dedicados a Agni em sua própria forma ou manifestações subordinadas, enquanto para Indra sozinho ou com outras divindades, e, especialmente, com os ventos ou os Maruts, seus atendentes, são designados trinta e nove; dos demais hinos, seis são dirigidos aos Ásvins, cinco a Mitra e Varuṇa, cinco a Br̥haspati e Brahmaṇaspati, cinco aos Viśvedevas, e três a Vāyu; Viṣṇu tem dois, a Aurora dois, Céu e Terra, três; o resto é distribuído, na sua maior parte individualmente, entre uma variedade de personificações, algumas das quais são divinas, como Rudra, Varuṇa, Savitr̥, os Ādityas e Pūṣan, cada um tendo um hino; alguns dos objetos são seres humanos, como o *Rājā* Svanaya, que é o herói de dois *Sūktas*, Agastya e sua esposa que são os interlocutores em um, e os Ṛbhus, ou filhos divinizados de Sudhanvan, para quem um hino é endereçado; alguns do total são fantasiosos, como *Pitu*, Alimento; Água, Grama, e o Sol; as supostas divindades de um *Sūkta* cada; ao passo que dois hinos, que logo serão citados mais detalhadamente, são dedicados ao Cavalo, que é a vítima do sacrifício *Aśvamedha*.

Os pormenores que são narrados de Agni são pouco mais que repetições daqueles atribuídos a ele no Primeiro *Aṣṭaka*, contados com muito menos detalhes, a linguagem de panegírico geral sendo muito mais difusa nesse *Aṣṭaka* do que no primeiro, enquanto que os incidentes lendários são relativamente escassos; pode-se dizer o mesmo dos hinos dirigidos a Indra; as façanhas dele que são citadas são aquelas que foram detalhadas previamente, mas menos delas são especificadas, e algumas foram atribuídas no livro anterior a outros agentes, como, por exemplo, aos Ásvins (2.13.12). Existem alguns hinos nesse livro que evidentemente implicam um enxerto recente do

culto dos Maruts sobre o de Indra, uma inovação da qual o *Ṛṣi* Agastya parece ter sido o autor, e que não foi efetuada sem oposição por parte dos adoradores de Indra sozinho (1.165-172); os Maruts são, aqui, bem como no primeiro Livro, chamado de filhos de Rudra.

Há apenas um hino dirigido aos Ādityas coletivamente, mas os principais deuses da classe são separadamente os temas de outros hinos, ou de estrofes dispersas, como Mitra, Varuṇa, Aryaman e Viṣṇu; o último, em um lugar, aparece como idêntico ao Tempo (1.155.6), em qual qualidade seus três passos, que são mencionados repetidamente, podem ser destinados a alegorizar o passado, presente e futuro. Varuṇa, além de ser caracterizado pelos mesmos atributos que aqueles ligados a ele anteriormente, é representado como o recurso especial das pessoas em dívida, ou daquelas que foram reduzidas da riqueza à pobreza (2.28).

Os Ásvins são descritos do mesmo modo como no Primeiro Aṣṭaka, e vários dos seus feitos são repetidos, mas com menor copiosidade e distinção; embora isto seja dado a entender vagamente, eles são considerados mitologicamente como nascidos no firmamento e no céu (1.181.4), e em um lugar eles são chamados de netos do céu, sendo identificados, segundo o comentador, como em uma ocasião anterior, com o sol e a lua, ou sendo, de fato, personificações mitológicas dos primeiros.

Savitṛ, o Sol, tem apenas um hino endereçado a ele, e esse oferece menos informações do que as que se encontram nos três *Sūktas* dos quais ele é o deus, no Primeiro Livro; o principal atributo citado é ele definir o dia e distingui-lo da noite; diz-se, também, que é função dele efetuar a geração da humanidade, mas isso parece ser pouco mais do que um conceito etimológico, o substantivo sendo derivado da raiz *sū*, gerar; ele também é chamado de marido ou protetor das esposas dos deuses, geralmente consideradas personificações das métricas do *Veda*.

Brahmaṇaspati é nesse *Aṣṭaka* identificado com Br̥haspati, e ambos recebem mais honra do que no Livro anterior, no qual Br̥haspati é citado apenas incidentalmente em versos isolados de hinos para Indra, ou para os Viśvedevas, e um hino apenas é dedicado a Brahmaṇaspati; o primeiro, quando tratado separadamente, é idêntico a Indra, por seus atributos de mandar chuva (1.190.2) e manejar o raio (2.30.9); mas ele é cantado indiscriminadamente com Brahmaṇaspati, que é denominado o senhor dos *Gaṇas*, ou companhias de divindades, e também – o que está em harmonia com seu antigo caráter – chefe ou o mais excelente senhor dos *mantras*, ou preces dos *Vedas* (2.23.1); ele também, em alguns dos seus atributos, como os de dividir as nuvens e enviar a chuva, e recuperar as vacas roubadas (2.24.2-4), é idêntico a Indra, embora, com alguma inconsistência, ele seja citado como distinto, embora associado com ele (2.24.12), mas isso pode ser um equívoco do comentador; seu atributo de pai, ou criador, e *Purohita*, ou sacerdote familiar dos deuses, pode ser meramente figurativo como ligado ao fato de ele presidir a oração.

Rudra é descrito, como no primeiro livro, por qualidades bastante incompatíveis, tanto feroz quanto benigno, mas seu campo de ação específico é aqui também a tutela das plantas medicinais, e a administração de medicamentos, e ele é designado como médico dos médicos (2.33.4). Com relação também à sua presidência sobre as plantas medicinais, ocorre uma passagem digna de nota, porque é dito que entre as ervas estão aquelas que Manu escolheu, aludindo, muito provavelmente, às sementes das plantas que Manu, de acordo com a lenda como narrada no *Mahābhārata*,<sup>1</sup> levou com ele em seu navio na época do dilúvio. Tem mais dados da aparência de Rudra do que o usual. Às vezes é dito que ele é moreno ou fulvo, mas também se diz que ele é de cor branca

<sup>1</sup> [*Vana Parva*, cap. 186].

(2.33.8); ele tem barriga lisa e queixo belo, ele está armado de arco e flechas, e é brilhante com ornamentos dourados. Ele também é chamado de pai dos Maruts. No entanto há pouco em tudo isso exceto sua ferocidade para identificá-lo com o Rudra dos *Purāṇas*.

Dos indivíduos restantes do panteão védico, que aparecem nessa parte, as informações que ocorrem geralmente estão de acordo com aquelas do *Aṣṭaka* anterior, e não necessitam de observação. Existem vários hinos, porém, de um caráter particular, alguns dos quais merecem atenção. Os dois hinos, dos quais o *Rājā* Svanaya, filho de Bhāvayavya, é o patrono ou deus, registram a generosidade de um príncipe hindu para com o *Ṛṣi*, Dīrghatamas, e fornecem, aparentemente, o modelo dos muitos atos semelhantes de generosidade real que são narrados nos poemas heroicos e *Purāṇas*, bem como das alianças de famílias das tribos reais e religiosas, ou militares e bramânicas, por casamento, as filhas de *Rājas* sendo casadas com *Ṛṣis* santos. Isso também fornece provas da prevalência da poligamia naquela época primitiva, porque Dīrghatamas se casa com as dez filhas do *Rājā*. Pode-se duvidar, no entanto, se isso era praticado em toda parte, porque o instituidor de um sacrifício é comumente associado com uma só esposa em sua celebração; e no *Aśvamedha*, embora quatro denominações de mulheres sejam especificadas como as esposas do *Rājā*, somente aquela casada primeiro é considerada a *Mahiṣī*, ou rainha. A multiplicidade de esposas pode ter sido um privilégio dos *Ṛṣis* – se, de fato, esses dois hinos não forem composições de uma época posterior, e alheios ao significado mais antigo dos *Vedas*. O mesmo pode ser suspeitado do *Sūkta* que registra o diálogo entre Agastya e Lopamudrā (1.179), embora esse tenha um maior ar de antiguidade, apesar de um pouco fora do lugar. Quanto aos dois últimos versos do segundo dos *Svanaya Sūktas* (1.126.6-7), eles são óbvias incongruências, embora também possam ser antigos. O Hino ao Pitu (1.187), nutrição ou alimento, é meramente fantasioso. O Hino à Água, à Grama, e ao Sol (1.191), como antídotos para o veneno de criaturas venenosas, é um pouco obscuro e místico, e apresenta vários termos para cujo significado não há outra autoridade além do comentador. A intenção geral dele é, contudo, especificada positivamente pela autoridade competente com a qual o texto não oferece nada incompatível, e ele expressa noções que ainda são familiares na crença popular. O mesmo pode ser dito dos dois hinos ao *Kapiñjala*, ou perdiz, como um pássaro de bom presságio (2.42).

Um *Sūkta*, notável por sua extensão incomum de cinquenta e dois versos, e pela aplicação indeterminada da maior parte deles, Sāyaṇa julga que transmite os dogmas principais da Filosofia Vedānta, ou a unidade e a universalidade do espírito, ou Brahma. De acordo com o índice, essas estrofes são dirigidas aos Viśvedevas, mas seu propósito geral, embora às vezes indicado obscuramente, é a glorificação do Sol, como idêntico às divisões de tempo, ou ao próprio tempo, e ao universo (1.164.2). Todos os versos desse *Sūkta* se encontram também no *Atharva Veda*, com cujo estilo ele concorda melhor do que com o do *Ṛc*, pelo menos em geral.

Os mais peculiares e marcantes, contudo, dos hinos contidos nesse *Aṣṭaka*, são os dois dos quais o *Aśvamedha*, ou sacrifício de um cavalo, é o tema. O rito como descrito nos *Purāṇas* foi trazido à poesia inglesa na *Maldição de Kehama*<sup>2</sup>, bastante corretamente de acordo com as autoridades seguidas por Southey; mas o principal objetivo da cerimônia – a deposição de Indra do trono de Svarga, e a elevação do sacrificador, depois de cem celebrações, àquele posto são ficções de uma data posterior, não apoiadas pelo *Veda*; até a doutrina dos *Brāhmaṇas*, que o *Aśvamedha* deve ser celebrado por um monarca desejoso de domínio universal, não é sustentada

<sup>2</sup> [*Curse of Kehama*, Robert Southey, 1810.]

por esses hinos, não mais do que no *Rāmāyaṇa*, onde ele é nada mais do que o meio de obtenção de um filho por Daśaratha que não tinha filhos. Como ordenado pelo *Ṛg Veda*, o objetivo do rito parece ser não mais do que, como é habitual com outros ritos, a aquisição de riqueza e posteridade; mas como ele é detalhado no *Yajur Veda*, 22, 26, e mais detalhadamente nos *Sūtras* de Kātyāyana (*Aśvamedha* 1-210), o objetivo é o mesmo que aquele do *Rāmāyaṇa*, ou posteridade, como um passo em direção ao qual a rainha principal, Kauśalyā, no poema, é orientada a se deitar a noite toda em contato muito próximo com o cavalo morto: de manhã, quando a rainha é libertada dessa proximidade repulsiva, e de fato impossível, um diálogo, tal como consta no *Yajush*, e na seção *Aśvamedha* do *Śatapatha Brāhmaṇa*, e, como explicado nos *Sūtras*, ocorre entre a rainha e as mulheres que a acompanhavam ou atendiam, e os sacerdotes principais, o qual, embora breve, é tolo e obsceno no mais alto grau. Nós não encontramos nenhum vestígio, entretanto, dessas impurezas repugnantes no *Ṛg Veda*, embora ele seja autoridade para práticas suficientemente rudes, e tais que hindus respeitáveis da geração atual acharão difícil de acreditar que fazem parte das revelações incriadas de Brahmā. Outros detalhes que são encontrados nos *Sūtras*, e no *Rāmāyaṇa* e no *Mahābhārata*, como a infinita multiplicação de vítimas, não têm autorização do nosso texto. Que o cavalo deve ser de fato imolado não admite discussão; que o corpo era cortado em fragmentos é igualmente claro (1.162); que aqueles fragmentos eram cozidos, em parte fervidos e em parte assados, é também incontestável; e, embora as expressões possam ser entendidas de forma diferente, ainda há pouca razão para duvidar de que parte da carne era comida pelos assistentes, e parte oferecida como uma oferenda queimada aos deuses. O segundo dos dois *Sūktas* relativos ao mesmo sacrifício trata menos de fatos que o primeiro, e é mais ou menos místico, mas não há nada nele que seja incompatível com uma imolação verdadeira, e nenhuma dúvida razoável pode ser nutrida de que o antigo ritual dos hindus autorizava o sacrifício de um cavalo, cujos detalhes e objetivos foram logo aumentados e distorcidos grosseiramente; ao mesmo tempo deve ser observado que esses dois hinos são os únicos no *Ṛc* que se relacionam especialmente com o assunto; a partir do que pode ser inferido que eles pertencem a um período diferente, e que o rito estava caindo ou tinha caído em desuso, embora ele possa ter sido revivido posteriormente no tempo dos *Sūtras* e dos poemas heroicos, no qual o *Aśvamedha* do *Mahābhārata* tem um lugar intermediário, sendo, em vários elementos essenciais, especialmente no papel desempenhado por Draupadī,<sup>3</sup> a mesma cerimônia que aquela do *Rāmāyaṇa*; enquanto em outros, como na proteção do cavalo por Arjuna, ela seja aquela do *Padma* e outros *Purānas* (*Mahābh. Aśvamedha Parva*). Como a solenidade aparece no *Ṛc*, ela tem um caráter mais bárbaro, menos poético, e isso pode ter sido uma relíquia de um período pré-védico, importada de alguma região estrangeira, possivelmente da Cítia, onde vítimas animais, e especialmente cavalos, eram comumente sacrificadas (*Heródoto*, IV.71); os últimos também eram oferecidos pelos Massagetas ao Sol (*Idem*, I. 216), e no segundo Hino *Aśvamedhika* do *Ṛc* há vários indícios de que a vítima era consagrada especialmente à divindade solar; embora isso seja possível, o rito, como aparece no *Ṛg Veda*, dificilmente pode ser considerado como constituindo um elemento integrante do sistema arcaico de culto hindu, embora o seu reconhecimento de qualquer modo seja expressivo da barbárie existente.

Que essa não era a condição dos hindus na data da composição da maior parte dos *Vedas*, como concluído anteriormente, é corroborado pelas várias indicações

<sup>3</sup> [Veja a tradução em português do *Aśvamedha Parva*: "eles fizeram Draupadi de grande inteligência ... sentar perto do animal dividido".]

espalhadas e incidentais que estão dispersas através desse *Aṣṭaka* também; a questão da instituição de castas ainda permanece indeterminada, embora os comentadores expliquem invariavelmente que as cinco classes de seres vivos, que são mencionadas frequentemente, indicam as quatro castas, e os bárbaros como a quinta. Nós temos também algo muito parecido com uma especificação de brâmanes, como aqueles familiarizados com as formas de discurso ou como os apropriados repetidores de hinos (1.164.45). As expressões, porém, não indicam qualquer privilégio exclusivo. O termo *kṣatriya* não ocorre neste livro, e há indicações de *Rājas* hostis ao ritual que não teriam, portanto, pertencido à ordem militar reconhecida. Nem tal palavra como *sūdra* é usada, embora, como no primeiro livro, os Árias e *Dasyus* sejam contrastados. Parece, além disso, como se fosse pretendido designar os últimos como especialmente de cor escura (1.130.8). Eles não eram, no entanto, tão bárbaros, mas estavam reunidos em vilas ou cidades, das quais, bem como das cidades dos *Asuras*, Indra é representado repetidamente como o destruidor. Se esse era o caso, os árias eram ainda mais prováveis de serem similarmente localizados, do que nós também temos menção (1.139.8).<sup>4</sup> Em suas vilas ou cidades nós encontramos existentes as artes, ciências, institutos e vícios da vida civilizada, ornamentos de ouro, cotas de malha, armas de ataque, o uso de metais preciosos (1.126.2), de instrumentos musicais, a fabricação de carros, e o uso da agulha, e embora não tenhamos as alusões aos comerciantes por mar que ocorrem no primeiro *Aṣṭaka*, contudo as observações e menções inequívocas do oceano são tão frequentes e precisas quanto a provar além de dúvida que ele era conhecido familiarmente e navegado ocasionalmente. Nós temos também o conhecimento de remédios e antídotos, a prática da medicina, e o cálculo das divisões de tempo até uma extensão mínima, incluindo repetidas alusões à sétima estação, ou mês intercalado. Nós temos menção, não apenas de *Rājas*, mas de enviados e arautos, de viajantes e de *Sarais*, ou lugares fornecidos para o descanso deles; é verdade que na passagem em que eles são citados (1.166.9), é dito que os refrescos são fornecidos para os *Maruts*, ou os ventos, mas, nesse caso, como no caso das cidades dos *Asuras*, a noção deve ter sido derivada do que realmente existia: *prapathas*, ou *choltris*, não eram susceptíveis de serem puras invenções mitológicas; aqueles para os *Maruts* devem ter tido seus protótipos na terra. Então, com relação às leis de propriedade, parece, embora não descrito muito claramente, que filhas tinham direitos a uma parte da herança paterna (1.124.7); que mulheres participavam de sacrifícios nós já vimos, e parece que elas apareciam fora de casa em público. De alguns dos vícios da condição civilizada, nós temos provas na observação sobre mulheres comuns (1.167.4), sobre nascimentos secretos, e, por inferência do abandono de crianças recém-nascidas (2.29.1); ladrões são mencionados frequentemente; dívidas e devedores são aludidos mais de uma vez, e embora a ideia seja tornada confusa com aquela de obrigações morais, contudo a dívida deve se originar em fato, antes de se tornar uma figura. Reveses de fortuna, e ser reduzido à pobreza a partir de um estado de opulência, formam o tema principal de mais de um *Sūkta*. Todas essas informações, embora sejam apenas observadas brevemente e incidentalmente, principalmente por meio de comparação ou ilustração, tornam indiscutível que os hindus da era védica tinham mesmo chegado a um estágio avançado de civilização, pouco ou nada diferindo daquela na qual eles foram encontrados pelos gregos na invasão de Alexandre, embora, sem dúvida, eles não tivessem se espalhado tão longe para o leste, e estivessem localizados principalmente no Panjab e ao longo do Indo. O mesmo estado avançado de civilização pode ser inferido do grau de perfeição ao qual a construção gramatical da língua tinha sido levado, e ainda mais do sistema

---

<sup>4</sup> [Pois lá é dito: "Que as *nossas cidades* nunca decaiam".]

elaborado de composição métrica da qual ocorrem muitos exemplos, e, dos quais os *Sūktas* atribuídos ao *Ṛṣi* Parucchepa (Hinos 127-139) proporcionam tais exemplos notáveis.

Ao traduzir o texto do segundo *Aṣṭaka*, foi seguido o mesmo princípio adotado para a tradução do primeiro, e uma conformidade tão próxima ao texto quanto possível foi visada, sem qualquer tentativa de dar à tradução um caráter poético ou retórico; para mim os versos do *Veda*, exceto em seu ritmo, e em algumas raras passagens, parecem singularmente prosaicos para uma época tão antiga quanto a da sua provável composição, e de qualquer forma o seu principal valor não reside em sua fantasia, mas em seus fatos, sociais e religiosos. Na tradução no texto, o comentário de Sāyaṇa Ācārya foi invariavelmente consultado e quase sempre seguido fielmente, porque fornece o guia mais seguro através das complexidades e obscuridades do texto; ocasionalmente, mas apenas sobre os motivos mais fortes, a interpretação desse comentador muito competente foi questionada, e onde até a ajuda dele falhou em remover toda a incerteza, a passagem foi normalmente citada nas anotações, para permitir que o estudante forme uma conclusão independente. Embora eu nem sempre possa concordar com a versão do texto do Sr. Langlois, todavia eu pensei que era meu dever me referir à tradução dele, e também tenho sempre aludido à tradução do Professor Benfey daquelas passagens do *Ṛc* que são repetidas no *Sāma Veda*, bem como ao comentário de Mahīdhara sobre versos paralelos similares na *Vājasaneyī Saṃhitā* do *Yajur*, editada pelo professor Weber; uma referência fácil a tais passagens sendo agora colocada ao nosso alcance pelo excelente *Índice Comparativo dos Hinos dos Quatro Vedas*, compilados pelo Sr. Whitney, e publicado no segundo volume da *Indische Studien* do Dr. Weber. Com essas e outras ferramentas, a tarefa de tradução foi facilitada em algum grau, embora eu não possa alegar ter sempre lutado com sucesso com as dificuldades inerentes do original; uma breve observação das quais pode eventualmente contribuir para uma avaliação justa da arduidade do empreendimento, e pode ser de alguma utilidade para os estudantes do texto.

[Aqui eu omito as observações e exemplos a respeito da dificuldade da tradução, que vão da pág. XIX até a pág. XXIX da Introdução ao vol. 2 do *Ṛg Veda* por Wilson.]

Os vários tradutores concordam razoavelmente bem no fim; mas as suas discrepâncias em uma passagem de menos do que confusão comum podem ser consideradas como testemunho da utilidade ou mesmo da necessidade de um intérprete competente, como nós temos em Sāyaṇa Ācārya, embora ele possa não ser infalível; de qualquer modo eu reconheço com gratidão o valor do seu auxílio, e sem ele eu não teria ousado tentar uma tradução do *Ṛg Veda*.<sup>5</sup>

H. H. Wilson.

Londres, 17 de outubro de 1854.

Os acentos são ocasionalmente omitidos ou colocados fora de lugar, mas o estudante de sânscrito não terá dificuldade em corrigi-los.

<sup>5</sup> [Controvérsias à parte, eu faço minhas essas últimas palavras de Wilson, então referindo-me a ele mesmo.]

## Prefácio da Primeira Edição (Griffith)

"O que pode ser mais tedioso que o Veda, e, contudo, o que pode ser mais interessante, uma vez que sabemos que ele é a primeira palavra falada pelo homem ariano?"

"O Veda tem um interesse duplo: ele pertence à história do mundo e à história da Índia ... Enquanto o homem continuar a ter algum interesse na história da sua raça, e enquanto reunirmos em bibliotecas e museus as relíquias das eras antigas, o primeiro lugar naquela longa lista de livros que contêm os registros do ramo ariano da humanidade pertencerá para sempre ao R̥gveda."

– F. Max Müller

Esta obra é uma tentativa de tornar de fácil acesso para todos os leitores de inglês uma tradução dos Hinos do R̥gveda que, enquanto objetivando especialmente fidelidade precisa à letra e ao espírito do original, será tão legível e inteligível quanto a natureza do assunto e outras circunstâncias permitirem.

Veda, significando literalmente conhecimento, é o nome dado a certas obras antigas que formaram a base da fé religiosa primitiva dos hindus. Essas são o R̥gveda, o Sāmaveda, o Yajurveda e o Atharvaveda; e dessas o R̥gveda – assim chamado porque sua Saṃhitā ou coleção de mantras ou hinos consiste em Ṛcas ou versos destinados à recitação em voz alta – é o mais antigo, o mais importante, e o mais geralmente interessante, alguns dos seus hinos sendo mais indo-europeus que hindus, e representando a condição dos árias antes do seu estabelecimento final na Índia. Esses quatro Vedas são considerados como de origem divina e como tendo existido desde toda a eternidade, os Ṛṣis ou poetas sagrados a quem os hinos são atribuídos sendo apenas videntes inspirados que os viram ou receberam por meio da visão diretamente do Criador Supremo. De acordo com essa crença esses livros sagrados têm sido preservados e transmitidos com o máximo cuidado reverente de geração em geração, e acompanharam o grande exército de imigrantes arianos em sua marcha a partir da Terra dos Sete Rios para o Oceano Índico e a Baía de Bengala. Cada um desses quatro Vedas é dividido em duas partes distintas, uma o Mantra contendo prece e louvor, a outra o Brāhmaṇa contendo instruções detalhadas para a realização das cerimônias nas quais os Mantras deviam ser usados, e explicações sobre as lendas ligadas a eles, o todo formando um vasto corpo de literatura sagrada em verso e prosa, devocional, cerimonial, expositiva e teosófica.

A Saṃhitā do R̥gveda é uma coleção de hinos e canções trazidos pelos ancestrais remotos dos atuais hindus dos seus lares antigos nas margens do Indo, onde eles eram usados inicialmente na adoração do Pai do Céu, do Sol, da Aurora, de Agni ou Deus do Fogo, em preces por saúde, riqueza, vida longa, filhos, gado, vitória em batalha, e libertação dos grilhões do pecado; e na celebração da sempre renovada guerra entre o benevolente Indra manejador do trovão, o defensor especial dos arianos, e os poderes malévolos da escuridão e os demônios da seca que impediam a chuva do céu.

Desses hinos há mais de mil, organizados em dez Maṇḍalas, Círculos ou Livros de acordo com uma tradição antiga do que nós devemos chamar de autoria, os hinos atribuídos ao mesmo Ṛṣi, poeta inspirado ou vidente, ou à mesma escola ou família de Ṛṣis sendo colocados juntos. Dentro dessas divisões os hinos são geralmente organizados mais ou menos na ordem dos deuses aos quais eles são endereçados. Agni e Indra são os Deuses invocados mais frequentemente. Os Hinos para Agni geralmente vêm primeiro, em seguida vêm os dirigidos a Indra, e depois deles aqueles em honra de outras divindades ou objetos divinizados de adoração. O Nono Livro é dedicado quase totalmente a Soma, o suco deificado usado para derramar oblações para os Deuses, e o Décimo forma um tipo de

apêndice de materiais peculiares e variados. Independentemente da evidência fornecida pela tradição indiana, não pode haver dúvida razoável da grande antiguidade da *Ṛgveda Saṃhitā*, que, com a exceção dos monumentais registros e rolos de papiro egípcios, e da recentemente descoberta literatura assíria, é provavelmente o documento literário mais antigo existente. Mas parece impossível determinar, com algo próximo à certeza, alguma data para a composição dos hinos. No primeiro Hino do Livro 1, *Ṛṣis* ou videntes antigos e recentes ou modernos são citados, e há outra evidência interna de que alguns hinos são mais antigos que outros. Colebrooke chegou à conclusão, a partir de cálculos astronômicos, que certo calendário védico foi composto no décimo quarto século antes da era cristã; a partir do qual ele continuaria, e que como esse calendário deve ter sido preparado depois da organização do *Ṛgveda* e da inclusão do hino mais moderno, a data do hino mais antigo pode ser levada para trás, talvez, alguns milhares de anos. A correção da conclusão de Colebrooke, entretanto, tem sido questionada, e alguns estudiosos recentes consideram que os cálculos dele são de um caráter muito vago e não produzem qualquer data definida desse tipo. Na ausência de qualquer evidência direta, as opiniões dos estudiosos variam e devem continuar a variar com relação à época dos Hinos do *Ṛgveda*. "As razões, no entanto" (para citar o professor Weber<sup>1</sup>) "pelos quais estamos totalmente justificados em considerar a literatura da Índia como a literatura mais antiga da qual registros escritos em uma ampla escala têm sido transmitidos a nós são estas: – nas partes mais antigas da *Ṛgveda Saṃhitā*, nós encontramos o povo indiano estabelecido nas fronteiras do noroeste da Índia, no Panjāb, e até além do Panjāb, no Kubhā, ou Kopen em Kabul. A expansão gradual do povo a partir desses locais em direção ao leste, além do Sarasvatī e pelo Hindustão até o Ganges, pode ser traçada nas partes mais antigas dos escritos védicos quase passo a passo. Os escritos do período seguinte, o do épico, consistem em relatos dos conflitos internos entre os próprios conquistadores do Hindustão, como, por exemplo, o Mahābhārata; ou da expansão mais adiante do bramanismo para o sul, como por exemplo, o Rāmāyaṇa. Se relacionarmos a isso a primeira informação razoavelmente correta sobre a Índia que temos de uma fonte grega, isto é, de Megástenes,<sup>2</sup> fica claro que no tempo desse escritor a bramanização do Hindustão já estava completa, enquanto na época de Périplo (veja Lassen, *Indische Alterthumskunde [Arqueologia Indiana]*, ii. 150, n.; Weber, *Indische Studien [Estudos Indianos]*, ii. 192) o próprio ponto mais ao sul do Deccan já tinha se tornado a base do culto de Gaurī, a esposa de Śiva. Qual série de anos, de séculos, deve necessariamente ter passado antes que esse trecho enorme da região, habitada por tribos selvagens e vigorosas, pudesse ter sido convertido ao bramanismo!"

Eu devo pedir aos meus leitores europeus para não esperarem encontrar nesses hinos e canções a poesia sublime que eles encontram em Isaías ou Jó, ou nos Salmos de Davi. "Para mim", diz o professor Wilson, "os versos do Veda, exceto em seu ritmo, e em algumas raras passagens, parecem singularmente prosaicos para uma época tão antiga quanto a da sua provável composição, e de qualquer forma o seu principal valor não reside em sua fantasia, mas em seus fatos, sociais e religiosos". O professor Cowell, também, diz, "A poesia do *Ṛgveda* é singularmente deficiente naquela simplicidade e patos<sup>3</sup> natural ou sublimidade que procuramos naturalmente nas canções de um período primitivo da civilização. A linguagem e estilo da maioria dos hinos é excepcionalmente artificial .... Ocasionalmente encontramos afloramentos excelentes de poesia, especialmente nos hinos dirigidos à aurora, mas esses nunca são mantidos por muito tempo, e como regra encontramos poucos símiles ou metáforas grandiosas". O pior defeito de todos, na Coleção

<sup>1</sup> *The History of Indian Literature*, por Albrecht Weber, Trübner's Oriental Series, 1878.

<sup>2</sup> Que como embaixador de Seleuco residiu por algum tempo na corte de Chandragupta. Seus relatórios estão preservados para nós principalmente na *Índica* de Arriano, que viveu no segundo século EC.

<sup>3</sup> [*Patos*: o patético expresso na fala, em escritos, acontecimentos, etc.]

considerada como um todo, é a monotonia intolerável de um grande número de hinos, uma monotonia que alcança seu clímax no Nono Livro que consiste quase totalmente em invocações de Soma Pavamāna, ou o suco Soma deificado em processo de filtragem e purificação. O grande interesse do R̥gveda é, de fato, mais histórico que poético. Como em sua linguagem original vemos as raízes e rebentos das línguas gregas e latinas, celtas, teutônicas, eslavas, do mesmo modo os deuses, os mitos, e as crenças e práticas religiosas lançam uma torrente de luz sobre as religiões de todos os países europeus antes da introdução do cristianismo. Como a ciência da filologia comparativa mal poderia ter existido sem o estudo do sânscrito, assim a história comparativa das religiões do mundo seria impossível sem o estudo do Veda.

A minha tradução, que segue o texto da esplêndida edição de seis volumes de Max Müller, é parcialmente baseada na obra do grande comentador Sāyaṇa, que foi Primeiro Ministro na corte do Rei de Vijaynagar – no que é hoje o Distrito de Bellary no [antigo estado de] Madras [atualmente Karnataka] – no décimo quarto século da nossa era. O Comentário de Sāyaṇa foi consultado e considerado cuidadosamente para o sentido geral de cada verso e para o significado de cada palavra, e a interpretação dele foi seguida sempre que ela pareceu racional, e consistente com o contexto, e com outras passagens nas quais a mesma palavra ou palavras ocorrem. Com relação às qualificações de Sāyaṇa como um interpretador do Veda há, ou havia, um conflito de opinião entre os estudiosos europeus. O Professor Wilson – cuja tradução é mais propriamente uma versão da paráfrase de Sāyaṇa – estava firmemente convencido que ele tinha um "conhecimento de seu texto muito além das pretensões de qualquer estudioso europeu, e deve ter estado em posse [...] de todas as interpretações que tinham sido perpetuadas, pelo ensino tradicional, desde os tempos mais primitivos". Porém, como o Dr. J. Muir<sup>4</sup> ressaltou, o professor Wilson nas notas da sua tradução admite que ele "ocasionalmente falhou em encontrar em Sāyaṇa um guia perfeitamente satisfatório", que "o comentador está evidentemente confuso",<sup>5</sup> e que suas explicações são obscuras. Por outro lado, o Professor Roth – o autor da parte védica do grande *St. Petersburg Lexicon* – diz em seu prefácio daquela obra: "tanto quanto diz respeito a um dos ramos da literatura védica, os tratados sobre teogonia e culto, não podemos desejar guias melhores do que esses comentadores, tão exatos em todos os aspectos, que seguem seus textos palavra por palavra, que, enquanto até a aparência de uma concepção errônea possa surgir, nunca se cansam de repetir o que disseram antes frequentemente, e que muitas vezes parece como se tivessem escrito mais para nós estrangeiros do que para seus próprios alunos sacerdotais que cresceram em meio a essas concepções e impressões. Aqui ... eles estão na sua própria área. O caso, entretanto, é bem diferente quando os mesmos homens assumem a tarefa de interpretar as antigas coleções de hinos ... Aqui eram necessárias não apenas qualificações muito diferentes para interpretação, mas também uma maior liberdade de julgamento e uma maior amplitude de visão e de percepções históricas. Liberdade de julgamento estava faltando ao conhecimento sacerdotal, enquanto na Índia ninguém jamais tinha tido qualquer concepção de desenvolvimento histórico. As próprias qualidades, que faziam daqueles comentadores guias excelentes para uma compreensão dos tratados teológicos, os tornavam condutores inadequados a respeito daquele domínio muito mais antigo e situado diferentemente. Como o assim chamado sânscrito clássico era perfeitamente familiar para eles, eles procuraram o seu idioma comum nos hinos védicos também. Visto que qualquer diferença no ritual lhes parecia inconcebível e acreditava-se que as formas atuais existiam desde o início do mundo,

<sup>4</sup> [Essas observações de Muir com vários exemplos se encontram no *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, 1866, nova série; vol. 2, Londres; pág. 391 e seguintes.]

<sup>5</sup> [Essa frase se encontra na nota 2 da pág. 144 do quarto volume da R̥gveda Samhitā por Wilson.]

eles imaginaram que os patriarcas da religião indiana deviam ter sacrificado da mesma maneira. Como os sistemas mitológicos e clássicos reconhecidos da sua própria época lhes pareciam variedades inatacáveis e reveladas, eles deviam necessariamente (assim pensavam os comentadores) ser detectáveis naquele ponto central de revelação, os hinos dos R̥sis antigos, que tinham, de fato, vivido em comunicação familiar com os Deuses, e possuíam sabedoria muito maior do que as gerações seguintes ... Nunca ocorreu a ninguém fazer a nossa compreensão dos livros hebraicos do Antigo Testamento depender do Talmude e dos Rabinos, enquanto não faltam estudiosos que consideram como o dever de um interpretador consciencioso do Veda traduzir em conformidade com Sāyaṇa, Mahīdhara, etc. Consequentemente, nós não acreditamos, como H. H. Wilson, que Sāyaṇa, por exemplo, compreendia as expressões do Veda melhor do que qualquer interpretador europeu; mas pensamos que um interpretador europeu consciencioso pode entender o Veda muito melhor e mais corretamente do que Sāyaṇa. Não consideramos que a nossa principal tarefa é chegar àquela compreensão do Veda que era corrente na Índia alguns séculos atrás, mas procurar o sentido que os próprios poetas colocaram em seus hinos e expressões. Por isso consideramos que os escritos de Sāyaṇa e dos outros comentadores não estabelecem uma regra para o interpretador, mas são meramente um daqueles auxílios dos quais o último se valerá para a execução da sua tarefa indubitavelmente difícil, uma tarefa que não é para ser efetuada de primeira, ou por uma pessoa sozinha ... Nós temos, portanto, nos esforçado para seguir o caminho prescrito pela filologia para derivar dos próprios textos o significado que eles contêm, por meio de uma justaposição de todas as passagens que são cognatas em dicção ou conteúdos – um caminho fatigante e trabalhoso, no qual nem os comentadores nem os tradutores nos precederam. O dever duplo de intérprete e lexicógrafo desse modo recaiu sobre nós. Um simples procedimento etimológico, praticado como deve ser por aqueles que buscam adivinhar o sentido de uma palavra somente a partir da consideração da passagem diante deles, sem dar atenção às dez ou vinte passagens nas quais ela ocorre, não pode possivelmente levar a um resultado correto".<sup>6</sup>

O Professor Max Müller diz: "Como os autores dos Brāhmaṇas estavam cegos pela teologia, os autores dos Niruktas ainda mais recentes foram enganados por ficções etimológicas, e ambos contribuíram para desencaminhar por meio da sua autoridade os comentadores posteriores e mais sensíveis, tais como Sāyaṇa. Onde Sāyaṇa não tem autoridade para iludi-lo seu comentário é racional em todos os casos; contudo as suas noções escolásticas nunca o permitiriam aceitar a livre interpretação que o estudo comparativo desses documentos veneráveis impõe sobre o estudioso imparcial. Devemos, portanto, descobrir por nós mesmos os reais vestígios daqueles antigos poetas".

O professor Benfey diz: "Todo aquele que tem estudado cuidadosamente as interpretações indianas está ciente de que absolutamente nenhuma tradição contínua se estendendo a partir da composição do Veda até sua explanação por estudiosos indianos pode ser aceita; que, pelo contrário, entre os genuínos vestígios poéticos de antiguidade védica e suas interpretações uma longa ruptura em tradição deve ter intervindo, a partir da qual quando muito a compreensão de alguns detalhes pode ter sido resgatada e transmitida aos tempos posteriores por meio de práticas litúrgicas e palavras, fórmulas e talvez, também, poemas associados a elas. Além desses vestígios de tradição, que devem ser avaliados como muito escassos, os interpretadores do Veda mal tinham, essencialmente, quaisquer outros auxílios além daqueles que, na sua maior parte, ainda estão à nossa disposição, o emprego do discurso clássico, e a investigação gramatical e etimológica

---

<sup>6</sup> *On the Interpretation of the Veda*, por J. Muir [Art. IX do *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, 1866, nova série; vol. 2, Londres; pág. 303 e seguintes.]

lexicográfica de palavras. No máximo, eles encontraram alguma ajuda em materiais preservados em dialetos locais; mas essa vantagem é quase totalmente superada pela comparação que somos capazes de estabelecer com o Zend, e que nós podemos fazer (embora aqui devamos naturalmente proceder com cautela e prudência) com as línguas cognatas ao sânscrito – uma comparação que já forneceu muitos auxílios para um entendimento mais claro dos Vedas. Mas independentemente de todas as ajudas específicas, o método de interpretação indiano se torna em toda a sua essência um totalmente falso, devido ao preconceito com o qual ele escolhe conceber as circunstâncias e ideias antigas que se tornaram bastante estranhas a ele, a partir do seu próprio ponto de vista religioso, tantos séculos mais tarde, enquanto, por outro lado, a vantagem para a compreensão do todo nos é garantida pela familiaridade (extraída de relatos análogos) com a vida, as concepções, as carências, dos povos antigos e canções populares, que nós possuímos – uma vantagem que, mesmo se os indianos devessem mais detalhes do que eles de fato devem, à tradição, não seria eclipsada pela interpretação deles".<sup>7</sup>

Uma opinião muito diferente sobre o valor dos comentadores indianos era defendida e expressada pelo professor Goldstücker. "Sem a vasta informação", diz ele, "que aqueles comentadores revelaram para nós – sem seu método de explicar o texto mais obscuro – em uma palavra, sem sua sabedoria, nós ainda nos encontraríamos nas portas externas da antiguidade hindu". Ele ridiculariza a afirmação que um estudioso europeu pode compreender o Veda mais corretamente que Sāyaṇa, ou chegar mais perto do significado que os Ṛṣis deram aos seus próprios hinos, e, contudo mesmo esse defensor leal dos comentadores indianos "não pode ser totalmente isento (como o Dr. J. Muir diz e mostra) de certa tendência herética de se desviar na prática das interpretações de Sāyaṇa".

A última citação que eu farei com relação a esse assunto é do prefácio do professor E. B. Cowell da sua edição do quinto volume da tradução de Wilson da Ṛg-Veda Saṃhitā: "Essa obra não pretende oferecer uma tradução completa do Ṛg Veda, mas apenas uma imagem fiel daquela fase específica da sua interpretação que os hindus medievais, como representados por Sāyaṇa, preservaram. Esse ponto de vista é em si mesmo interessante e de um valor histórico; mas um estudo muito mais amplo e mais profundo é necessário para compreender o verdadeiro significado desses hinos antigos. O comentário de Sāyaṇa sempre manterá um valor próprio – até seus erros são frequentemente interessantes – mas as explicações dele não devem nem por um momento barrar o progresso do conhecimento. Nós podemos ser gratos a ele por alguma ajuda real; mas não vamos esquecer a dívida que temos com os estudiosos modernos, especialmente os da Alemanha. O grandioso St. Petersburg Dictionary é de fato um monumento de erudição triunfante, e ele iniciou uma nova era na interpretação do Ṛg-Veda".

A minha tradução, então, é parcialmente baseada no comentário de Sāyaṇa, corrigido e ajustado pela probabilidade razoável, contexto, e comparação entre palavras e passagens similares. Pelo auxílio constante e muito valioso em meu trabalho eu sou profundamente grato às obras de muitos estudiosos ilustres, alguns falecidos, e alguns, felizmente, ainda vivos. Eu sou grato a Sāyaṇa, meu primeiro guia para os hinos do Ṛgveda; ao meu venerável Mestre, o professor H. H. Wilson; aos professores Roth, Benfey, Weber, Ludwig, Max Müller, Grassmann, e Monier Williams, e ao Dr. John Muir e ao Sr. Wallis. Eu também tenho consultado, e provavelmente utilizarei mais futuramente, as obras do Sr. Bergaigne e do Dr. Oldenberg; e não posso deixar de mencionar *Siebenzig Lieder des Ṛgveda* [Setenta Canções do Ṛgveda] por Geldner e Kaegi, *Der Ṛgveda*, por Kaegi, e *Hymns from the Ṛgveda* pelo Professor Peterson de Bombaim, todos os quais eu tenho lido com prazer e proveito.

---

<sup>7</sup> *Idem.*

Porém, não se deve supor que os estudantes e intérpretes europeus do Veda clamam algo como infalibilidade, perfeição, ou finalidade para os resultados aos quais sua pesquisa os tem levado. Todos os estudiosos modernos reconhecerão que muitos hinos são tão difíceis de entender quanto o oráculo mais obscuro, de modo que, como o professor Max Müller diz, há versos inteiros que, até agora, não revelam nenhum sentido, e palavras cujo significado só podemos adivinhar. Como a interpretação dos livros mais difíceis do Antigo Testamento e dos Poemas Homéricos, igualmente na explicação do Veda o êxito completo, se atingível algum dia, poderá ser obtido somente pelos labores de gerações de estudiosos.

Os Hinos estão compostos em várias métricas, algumas das quais são extremamente simples e outras comparativamente complexas e elaboradas, e duas ou mais métricas diferentes são encontradas frequentemente no mesmo Hino; um Hino, por exemplo, no Livro 1, [120] mostra nove variedades distintas no mesmo número de versos. Os versos ou estrofes consistem em três ou mais – geralmente três ou quatro – Pādas, semi-hemistíquios ou linhas, cada um contendo oito, onze ou doze sílabas, às vezes, mas raramente, cinco, e ainda menos frequentemente, quatro ou mais de doze. Com relação à quantidade as primeiras sílabas da linha não são estritamente definidas, mas as quatro últimas são regulares, a medida sendo iâmbica nos versos de oito e doze sílabas e trocáica nos de onze sílabas. Em parte como forma de defesa contra a tentação constante de parafrasear e expandir, e em parte na esperança de preservar, embora imperfeitamente, algo da forma dos Hinos, eu traduzi cada verso por um verso proporcional silabicamente ao original e geralmente dividido em hemistíquios correspondentes.

Os versos que consistem em três ou quatro linhas octossilábicas são toleravelmente bem representados pela métrica comum octossilábica ou dímeter iâmbico que eu usei. Em outros versos eu não tentei reproduzir ou imitar o ritmo ou métrica do original: tal tarefa, supondo que sua realização seja possível, requereria mais tempo e trabalho do que eu poderia dispensar para o propósito. Tudo o que eu fiz, ou tentei fazer, foi mostrar até certo ponto a forma externa original dos Hinos por apresentá-los em hemistíquios e versos proporcionais silabicamente, como Benfey e os tradutores dos *Setenta Hinos* fizeram com uma parte do R̥gveda, e Grassmann com quase toda a Coleção.

Para mais informações com relação ao R̥gveda o leitor inglês é encaminhado à *History of Ancient Sanskrit Literature*, de Max Müller; *Original Sanskrit Texts*, de Muir; e *History of Indian Literature*, de Weber; ou, se uma explicação mais simples e mais popular for necessária, à *Ancient and Mediaeval India* da Sra. Manning, ou ao *Der R̥gveda* de Kaegi, do qual uma tradução inglesa apareceu recentemente. O estudante que lê alemão e francês irá, logicamente, consultar a grande obra *Der R̥gveda* de Ludwig e os *Etudes sur La Religion Vedique*, de Bergaigne.

Para concluir, os meus motivos para publicar essa obra são principalmente estes: não há no momento uma tradução completa do R̥gveda em inglês, a versão do Professor Wilson – da qual os últimos dois volumes só apareceram recentemente – sendo "apenas uma imagem fiel daquela fase específica da sua interpretação que os hindus medievais, como representados por Sāyaṇa, preservaram", e, além disso, o preço dos seis volumes de Wilson – acima de noventa rúpias – põe o livro além do alcance da grande maioria dos leitores da Índia.

Eu dificilmente posso esperar que o meu trabalho encontre a aceitação dos pânditas e estudiosos indianos, visto que ousou me desviar amplamente e frequentemente de Sāyaṇa, a quem eles têm sido ensinados a considerar como infalível. Não é provável que algum argumento abale essa crença. Nada menos do que um método de estudo semelhante àquele ao qual os líderes da escola moderna de interpretação védica têm dedicado a metade de suas vidas permitirá que eles vejam com nossos olhos e aceitem o nosso ponto de vista. Eu confio, entretanto, que eles de qualquer forma darão crédito aos líderes e aos

seguidores dessa escola moderna pela profunda devoção à antiga literatura indiana e a devida admiração pelos grandes estudiosos indianos que a têm explicado, e reconhecerão que esses estudiosos modernos – embora os pontos de vista deles possam parecer errados – estão trabalhando sinceramente e unicamente para encontrar e proclamar o espírito e a verdade dos registros literários mais antigos e venerados que são a herança do homem ariano.

R. T. H. Griffith.

Kotagiri, Nilgiri, 25 de Maio de 1889.

Nota:

A Segunda Edição da minha tradução é na maior parte uma reimpressão em uma forma mais compacta e mais barata, com algumas correções e outras melhorias no texto e comentário, da edição original de quatro volumes.

R. T. H. G.

Kotagiri, 15 de Outubro de 1896.

## Hino 1. Agni (Wilson)

(Primeiro Aṣṭaka. Primeiro Adhyāya. Anuvāka 1. Sūkta I)

O primeiro Sūkta ou Hino é endereçado a Agni;<sup>1</sup> o Ṛṣi ou autor é Madhucchandas, o filho de Viśvāmitra. A métrica<sup>2</sup> é Gāyatrī.

Varga 1. **1.** Eu glorifico Agni, o sumo sacerdote do sacrifício,<sup>3</sup> o divino,<sup>4</sup> o ministrante,<sup>5</sup> que oferece a oblação (para os deuses),<sup>6</sup> e é o possuidor de grande riqueza.

**2.** Que aquele Agni, que deve ser celebrado por sábios antigos e modernos,<sup>7</sup> conduza os deuses para cá.

**3.** Através de Agni o adorador obtém aquela afluência que aumenta dia a dia, que é a fonte de fama, e a multiplicadora da humanidade.

**4.** Agni, o sacrifício não obstruído<sup>8</sup> do qual tu és, por todos os lados,<sup>9</sup> o protetor, seguramente chega aos deuses.

**5.** Que Agni, o oferecedor de oblações, o obtentor de conhecimento, ele que é verdadeiro, renomado, e divino, venha para cá, com os deuses.

Varga 2. **6.** Qualquer bem que tu possas, Agni, conceder ao doador (da oblação), aquele, de fato, Aṅgiras<sup>10</sup>, reverterá para ti.

**7.** Nós nos aproximamos de ti, Agni, com homenagem reverencial em nossos pensamentos, diariamente, de manhã e à noite;

**8.** De ti, o radiante, o protetor dos sacrifícios, o constante iluminador da verdade, aumentando em tua própria residência.<sup>11</sup>

<sup>1</sup> Uma grande variedade de etimologias é inventada para explicar o significado do termo *Agni*, a maioria das quais é, obviamente, imaginária, mas cujo sentido expressa as noções nutridas a respeito do seu caráter e funções. Na terra, ele é invocado (*nīyate*) o principal (*agra*) dos deuses; no céu, ele é o líder (*agrāṇī*), das hostes de deuses; ele é o primeiro dos deuses (*prathamō devatānām*); ele foi o primogênito dos deuses (*sa vā eśho'gre devatānām ajāyata*). Nessas derivações, *Agni* é composto, irregularmente, a partir de *agra*, principal [ou primeiro], e *nī*, liderar. Ele também é derivado de *anga*, corpo; porque ele oferece a sua própria substância, no acendimento do fogo sacrificial. O autor de um *Nirukta*, ou glossário, chamado *Śthūlāśṭhivīn*, o deriva da raiz *knu*, com o negativo prefixado (*aknopayati*), aquele que não poupa o combustível. Outro compilador de um glossário, Śākapūṇi, deriva a palavra destas raízes: *i*, ir, *anj*, ungir, e *dah*, queimar, coletivamente; as letras sendo mudadas arbitrariamente para *ag*, e *ni*, da raiz *nī*, ser adicionado. Veja também o *Nirukta* de Yāska, 7, 14.

<sup>2</sup> [Para entender mais sobre as métricas, veja a lista com as breves descrições delas no final do livro, e visite o site [utexas.edu/cola/centers/lrc/RV/RV01.html](http://utexas.edu/cola/centers/lrc/RV/RV01.html) (consultado em 01/08/2013), pois lá você encontra o texto metricamente restaurado, por Karen Thomson e Jonathan Slocum.]

<sup>3</sup> Agni é chamado de *Purohita*, o sacerdote que dirige ritos familiares, ou porque ele é um dos fogos sagrados nos quais oblações são primeiro (*purā*) oferecidas (*hita*).

<sup>4</sup> *Deva*, o que, no uso comum, significa um deus, é normalmente explicado, nas passagens na qual ocorre no *Veda*, como 'o brilhante, resplandecente, radiante'; sendo derivado de *div*, brilhar; ou, também é explicado como alguém que reside no céu ou firmamento. Ele é, aqui, também facultativamente traduzido como 'generoso', 'doador'; o sentido de *dar* sendo atribuído ao mesmo radical.

<sup>5</sup> *Ritvij*, um sacerdote ministrante.

<sup>6</sup> *Hotṛ*, o sacerdote que oferece a oblação, ou que invoca ou convoca as divindades para a cerimônia.

<sup>7</sup> Os termos 'antigos e recentes', aplicados aos *Ṛṣis*, ou sábios, são dignos de nota, porque declaram a existência de professores mais antigos e hinos mais antigos. É dito que os antigos *Ṛṣis* são Bhṛgu, Aṅgiras, e outros; talvez, aqueles que são em outra parte chamados de *Prajāpatis - Viṣṇu Purāṇa* [livro 1, cap. 7; pág. 91 da versão em português.]

<sup>8</sup> Isto é, livre de dano ou interrupção por *Rākṣasas*, maus espíritos, sempre vigilantes para arruinar um ato de culto.

<sup>9</sup> Isso se refere aos fogos que, em um sacrifício, devem ser acesos nos quatro pontos cardeais, leste, oeste, sul e norte, chamados, respectivamente, *Āhavanīya*, *Mārjālīya*, *Gārhapatya* e *Āgnīdhṛīya*.

<sup>10</sup> A identificação de Aṅgiras com Agni, em função, embora não em pessoa, é contada no *Mahābhārata*, *Vana-parva* [cap. 216; pág. 419 da versão em português.]

9. Agni, sê para nós de fácil acesso; como um pai é para seu filho: está sempre presente conosco, para o nosso bem.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 2 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 1. Agni (Griffith)

1. Eu louvo Agni,<sup>12</sup> o sacerdote escolhido, Deus, ministro do sacrifício,  
O Hotar, que dá riqueza em profusão.
2. Agni é digno de ser louvado por videntes contemporâneos como pelos antigos.  
Ele trará os Deuses para cá.
3. Através de Agni o homem obterá riqueza, sim, fartura aumentando dia a dia,  
A mais rica em heróis,<sup>13</sup> gloriosa.<sup>14</sup>
4. Agni, o sacrifício perfeito que tu cercas por todos os lados  
Vai de fato até os deuses.
5. Que Agni, o Sacerdote de mente sábia, verdadeiro, o mais gloriosamente grandioso,  
O Deus, venha para cá com os deuses.
6. Toda bênção, Agni, tu concederás para teu adorador,  
Essa, Aṅgiras,<sup>15</sup> é de fato a tua verdade.<sup>16</sup>
7. A ti, dissipador da noite, ó Agni, nós vimos dia a dia com prece,  
Trazendo-te reverência
8. Regente de sacrifícios, guardião da Lei Eterna,<sup>17</sup> Radiante,  
Crescente em tua própria morada.
9. Sê para nós de aproximação fácil, assim como o pai para seu filho;  
Agni, fica conosco para a nossa felicidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 2 \(Griffith\)](#)

---

<sup>11</sup> Isto é, na câmara na qual o culto ao fogo é realizado, e onde o fogo aumenta pelas oblações derramadas nele.

<sup>12</sup> Agni é o deus do fogo, o mensageiro e mediador entre a terra e o céu, que apresenta os hinos para os Deuses, e leva para eles as oblações dos adoradores deles, convidando-os com o som das suas chamas crepitantes e levando-os para o lugar do sacrifício. Todas as riquezas estão à disposição dele, e ele é o recompensador mais generoso, diretamente e indiretamente, dos devotos cujas oblações ele carrega para os deuses.

<sup>13</sup> Os heróis aqui citados, que acompanham a aquisição e aumento de riqueza, são filhos e dependentes corajosos.

<sup>14</sup> [Macdonell lê esse verso desta maneira: “Através de Agni que nós ganhamos riqueza e prosperidade dia a dia, repleta de fama e filhos valorosos.” *Hymns from the Rigveda.*]

<sup>15</sup> Aṅgiras, aqui um nome de Agni. Os Aṅgiras pareciam ter sido considerados como uma raça de seres superiores entre Deuses e homens, os simbólicos primeiros sacrificadores, cujo ritual é o modelo que os sacerdotes posteriores devem seguir.

<sup>16</sup> [Macdonell lê esse verso desta maneira: “Qualquer bem que tu queiras dar, ó Agni, para o homem piedoso, aquele presente se torna real, ó Aṅgiras” – *Idem.*]

<sup>17</sup> *Lei Eterna*. A palavra usada para denotar a concepção da ordem do mundo é *ṛtá*. Tudo no universo que é concebido como mostrando regularidade de ação pode ser dito ter a *ṛtá* como seu princípio.

## Hino 1. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I, HINO 1.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 1, VARGA 1–2.

1. Eu magnífico Agni, o Purohita, o divino ministrante do sacrifício, o sacerdote Hotṛ, o maior concesso de tesouros.
2. Agni, digno de ser louvado calorosamente pelos Ṛṣis antigos e pelos atuais, que ele conduza os deuses para cá.
3. Que alguém obtenha através de Agni riqueza e bem-estar dia a dia, que possam trazer glória e a grande bem-aventurança de descendência valente.
4. Agni, todo sacrifício e culto que tu cercas por todos os lados, aquele de fato vai até os deuses.
5. Que Agni, o Hotṛ pensativo, ele que é verdadeiro e o mais esplendidamente renomado, que o deus venha para cá com os deuses.
6. Todo bem tu farás para teu adorador, ó Agni, aquele (trabalho) realmente é teu, ó Anḡiras.
7. De ti, ó Agni, nós nos aproximamos dia a dia, ó (deus) que brilha na escuridão; com nossa prece, trazendo adoração a ti –
8. Que és o rei de todo culto, o guardião de Ṛta, o brilhante, crescendo em tua própria casa.
9. Desse modo, ó Agni, sê de fácil acesso para nós, como um pai é para seu filho. Fica conosco para a nossa felicidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 12 \(Oldenberg\)](#)

---

## Hino 2. Vāyu (Wilson)

(Sūkta II)

O Ṛṣi é Madhucchandas; a métrica, Gāyatrī; das nove estrofes das quais o Hino consiste, três são endereçadas a Vāyu, Vento; três, a Indra e Vāyu conjuntamente; e três, a Mitra e Varuṇa.

- Varga 3. 1. Vāyu, belo de se ver, aproxima-te. Essas libações<sup>1</sup> estão preparadas para ti. Bebe delas, ouve a nossa invocação.
2. Vāyu, teus adoradores te louvam com preces sagradas, tendo derramado o suco *Soma*, e conhecendo a época (adequada).
3. Vāyu, tua fala aprovadora<sup>2</sup> chega ao dador (da libação), e a muitos (outros que te convidam) para beber o suco *Soma*.
4. Indra e Vāyu, essas libações são derramadas (para vocês). Venham para cá, com alimento (para nós). Realmente, as gotas (do suco *Soma*) esperam vocês dois.
5. Indra e Vāyu, permanecendo no rito sacrificial, vocês estão cientes dessas libações. Venham, ambos, (então), rapidamente, para cá.

---

<sup>1</sup> Essas *Somas* são libações do suco da planta *Soma*, a *Asclepias* ácida ou *Sarcostema viminalis*, que produz para expressão um abundante suco leitoso, de um sabor ácido suave e natural. – *Roxburg* ii, 32. De acordo com o Sr. Stevenson, ele não é usado, em sacrifícios, até que tenha passado pelo processo de fermentação, e se tornado uma forte bebida alcoólica. – *Introduction to Translation of the Sāma-Veda*. Isso é certificado por numerosas expressões nos hinos seguintes. Ele é, evidentemente, o *Hom* dos Parses, embora eles afirmem que a planta não é encontrada na Índia, e a obtenham das montanhas de Gilan e Mazenderan, e da área de Yezd.

<sup>2</sup> Supõe-se que Vāyu diz: ‘Eu beberei a libação’.

Varga 4. **6.** Vāyu e Indra, venham para o rito do sacrificador; pois desse modo, homens,<sup>3</sup> a conclusão será rapidamente (alcançada) pela cerimônia.

**7.** Eu invoco Mitra<sup>4</sup>, de vigor puro, e Varuṇa, o devorador de inimigos, – os realizadores em comum do ato de conceder água (à terra).<sup>5</sup>

**8.** Mitra e Varuṇa, aumentadores de água,<sup>6</sup> dispensadores de água, vocês conectam esse rito perfeito com sua verdadeira (recompensa).

**9.** Sábios Mitra e Varuṇa, tornem próspero o nosso sacrifício, e aumentem a nossa força. Vocês nasceram para o benefício de muitos; vocês são o refúgio de multidões.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 3 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 2. Vāyu (Griffith)

**1.** Belo Vāyu,<sup>7</sup> vem, para ti essas gotas de Soma<sup>8</sup> foram preparadas;  
Bebe delas, escuta o nosso chamado.

**2.** Conhecendo os dias,<sup>9</sup> com suco Soma derramado, os cantores glorificam  
A ti, Vāyu, com seus hinos de louvor.<sup>10</sup>

**3.** Vāyu, tua corrente penetrante vai até o adorador,  
Espalhando-se ao longe em busca da dose de Soma.

**4.** Essas, Indra-Vāyu, foram derramadas; venham por nossas iguarias oferecidas;  
As gotas estão ansiando por ambos.

**5.** Vocês notam bem libações, Vāyu e Indra, ricos em saque!

---

<sup>3</sup> *Narā*, dual de *Nara*, um homem. Esse termo é aplicado frequentemente a seres divinos: ele é usualmente explicado, pelo comentador, como *netr*, líder ou guia; mas pode ser duvidado se ele não transmite o sentido de homem ou mortal, aludindo à existência limitada das divindades. Nesse lugar, ele é dito ser aplicável a Indra e Vāyu, porque eles são possuidores de vigor varonil.

<sup>4</sup> Mitra, em seu sentido comum, é um nome do sol; Varuṇa, do regente das águas: mas eles estão, ambos, incluídos entre os doze *Ādityas*.

<sup>5</sup> Como identificados com o sol, ou como *Ādityas*, é dito que Mitra e Varuṇa causam chuva, indiretamente, por produzirem evaporação. Os vapores assim erguidos, condensando-se na atmosfera, descem novamente, em chuvas.

<sup>6</sup> *Rtāvṛdhau*: *Rta* normalmente significa verdadeiro ou verdade, mas, no *Veda*, significa, também, água e sacrifício.

<sup>7</sup> *Vāyu*: Deus do vento.

<sup>8</sup> Libações do suco da Soma, ou Planta da Lua, dita ser a *Asclepias Ácida* ou *Sarcostema Viminalis*. A planta era colhida à luz da lua em certas montanhas, despida de suas folhas, e então levada para o lugar do sacrifício; os talos tendo sido lá esmagados pelos sacerdotes eram borrifados com água e colocados em uma peneira ou filtro, de onde, depois de mais pressão, o suco ácido gotejava em um recipiente chamado *Droṇa*, depois do que ele era misturado com farinha, etc., feito fermentar, e então oferecido em libações para os Deuses ou bebidos pelos brâmanes, por ambos os quais as suas qualidades estimulantes eram supostamente muito apreciadas. Essa planta famosa permaneceu não identificada até recentemente (veja Max Müller, *Biographies of Words*, Apêndice III.) “O Dr. Aitchison afirmou recentemente que a Soma deve ser a *Ephedra pachyclada*, que no vale Harirud é dita ter o nome de *hum*, *huma*, e *yahma*. Essa suposição é confirmada pelo Dr. Joseph Bornmuller, um botânico que reside há muito tempo em Kerman, que identifica a planta Soma com alguma espécie de *Ephedra*, provavelmente a *Ephedra distachya*, mas que observa que diferentes variedades de *Ephedra* são encontradas da Sibéria até a Península Ibérica, de modo que nós devemos abandonar a esperança de determinar o lar original dos árias por meio do habitat da planta Soma”. (*Quarterly Review*, No. 354; Outubro de 1894, p. 455).

<sup>9</sup> Os dias corretos para sacrifícios; ou, talvez, sabendo ou observando a hora do romper do dia, o momento exato para o início de ritos sacrificiais.

<sup>10</sup> *Ukthas*, louvores recitados ou falados, em oposição aos versos que são cantados ou entoados.

Então, venham depressa para cá.

6. Vāyu e Indra, venham logo em direção ao que o espremedor de Soma preparou; Heróis, desse modo eu faço a minha oração.

7. Eu chamo Mitra, de força sagrada, e Varuṇa, destruidor de inimigos, Que tornam completo o rito alimentado com óleo.<sup>11</sup>

8. Mitra e Varuṇa, amantes e apreciadores da Lei, através da Lei,<sup>12</sup> Vocês têm obtido seu poder imenso.

9. Nossos sábios, Mitra-Varuṇa, de domínio amplo, fortes por nascimento, Concedam-nos a força que opera bem.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 3 \(Griffith\)](#)

## Hino 2. Vāyu (Müller)

MAṄDALA I, HINO 2.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 1, VARGA 3-4.

1. Vem para cá, ó Vāyu, tu belo! Esses Somas estão prontos, bebe deles! Ouve o nosso chamado!

2. Ó Vāyu, os adoradores te celebram com hinos, eles que conhecem os dias de festa,<sup>13</sup> e prepararam o Soma.

3. Ó Vāyu, tua corrente satisfatória vai até o adorador, de amplo alcance, para beber o Soma.

4. Ó Indra e Vāyu, essas (libações de Soma) são derramadas; venham para cá por causa das nossas oferendas, pois as gotas (de Soma) anseiam por vocês.

5. Ó Indra e Vāyu, vocês percebem as libações, vocês que são ricos em saque; venham então rapidamente para cá!

6. Ó Vāyu e Indra, aproximem-se da obra do sacrificador, rápido, essa é minha oração, ó homens!

7. Eu chamo Mitra, dotado de força sagrada, e Varuṇa, que destrói todos os inimigos; que ambos realizam uma oração acompanhada por oferendas de óleo.<sup>14</sup>

8. Do modo correto, ó Mitra e Varuṇa, vocês obtiveram grande sabedoria, vocês que aumentam a justiça e aderem à justiça;

9. Esses dois sábios, Mitra e Varuṇa, os poderosos, de domínio amplo, nos deem força eficiente.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 6 \(Müller\)](#)

<sup>11</sup> *Alimentado com óleo*: realizado com *ghṛtam* (a moderna *ghī*) e manteiga clarificada, ou manteiga que foi fervida vagarosamente e então permitida esfriar. A manteiga então é usada para propósitos culinários e também oferecida em sacrifício para os Deuses. *Tornam completo*: por conceder o rogo do adorador.

<sup>12</sup> *Através da Lei*: isto é, de acordo com *ṛtā*, a Lei eterna ou ordem perpétua do universo. Veja a nota 17 do Hino 1.

<sup>13</sup> Isto é, os dias ou estações corretos para cada sacrifício.

<sup>14</sup> Isto é, com oblações de manteiga jogadas no fogo.

## Hino 3. Ásvins (Wilson)

(Sūkta III)

O R̥ṣi e a métrica são os mesmos como nos dois Hinos precedentes. Das doze estrofes, três são endereçadas aos Ásvins; três, a Indra; três, aos Viśvedevas; e três, a Sarasvatī.

Varga 5. **1.** Ásvins,<sup>1</sup> apreciadores de atos virtuosos, de braços longos,<sup>2</sup> aceitem, com mãos esticadas, as iguarias sacrificais.

**2.** Ásvins, abundantes em atos poderosos, guias (de devoção), dotados de fortaleza, ouçam, com mentes não desviadas, as nossas orações.

**3.** Ásvins, destruidores de inimigos,<sup>3</sup> livres de inverdade, líderes na vanguarda de heróis, venham para as libações misturadas borrifadas sobre a grama sagrada<sup>4</sup> cortada.

**4.** Indra, de esplendor magnífico, vem para cá. Essas libações, sempre puras, espremidas pelos dedos (dos sacerdotes), estão desejosas de ti.

**5.** Indra, percebido pela compreensão, e apreciado pelos sábios, aproxima-te, e aceita as preces do sacerdote, enquanto ele oferece a libação.

**6.** Veloz Indra, com os corcéis fulvos, vem para cá para as preces (do sacerdote), e nessa libação aceita o nosso alimento (oferecido).

Varga 6. **7.** Deuses universais,<sup>5</sup> protetores e sustentadores de homens, concessores (de recompensas), venham para a libação do adorador.

**8.** Que os Deuses universais de movimento rápido, os derramadores de chuva, venham para a libação; como os raios solares vêm, diligentemente, para os dias.

**9.** Que os Deuses universais, que são livres de decadência, oniscientes,<sup>6</sup> desprovidos de malícia, e portadores (de riquezas), aceitem o sacrifício.

**10.** Que Sarasvatī,<sup>7</sup> a purificadora, a concessora de alimento, a recompensadora do culto com riqueza, seja atraída, por nossas iguarias oferecidas, para o nosso rito.

**11.** Sarasvatī, a inspiradora daqueles que se deleitam na verdade, a instrutora dos honrados, tem aceitado o nosso sacrifício.

**12.** Sarasvatī manifesta, pelas ações dela, um rio poderoso, e (em sua própria forma), ilumina todas as mentes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 4 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Os Ásvins são os dois filhos do Sol, gerados durante a metamorfose dele como um cavalo (*aśva*), dotados de juventude e beleza perpétuas, e médicos dos deuses. Eles são os heróis de muitas lendas nos *Purāṇas*, mas de ainda mais nesse *Veda*. A enumeração das ações extraordinárias deles é o assunto especial dos Hinos 116 e 117.

<sup>2</sup> *Purubhujā*, que também pode ser traduzido como 'grandes comedores'.

<sup>3</sup> *Dasrā*, destruidores, ou de inimigos, ou de doenças. O caráter médico dos Ásvins é uma tradição védica.

<sup>4</sup> A erva sagrada *Kuśa* (*Poa cynosuroides*), depois de ter suas raízes cortadas, é espalhada sobre o *vedī* ou altar; e sobre ela a libação de suco Soma, ou oblação de manteiga clarificada, é derramada.

<sup>5</sup> Os Viśvedevas são, às vezes, vagamente aplicados a divindades em geral; mas eles também formam uma classe, cuja posição e caráter são citados imperfeitamente, mas que tem direito, na maioria dos ritos sacrificais, a cota na solenidade. Nessa e nas duas estrofes seguintes, que formam um *tr̥ca*, ou terceto, a ser recitado no culto dos Viśvedevas, alguns dos atributos deles são especificados, conectando-os com os elementos.

<sup>6</sup> A palavra original é incomum, *ehimāyāsaḥ*. O comentador o explica por 'aqueles que obtiveram conhecimento universalmente'. É mais do que provável que a origem e o significado do termo estivessem esquecidos quando Sāyaṇa escreveu.

<sup>7</sup> Sarasvatī é, aqui, como em outros lugares, a *Vāgdevatā*, deusa da fala.

### Hino 3. Ásvins (Griffith)

1. Ó Ásvins,<sup>8</sup> ricos em tesouro, senhores do esplendor, que têm mãos ágeis,<sup>9</sup>  
Aceitem o alimento sacrificial.
2. Ó Ásvins, ricos em atos prodigiosos, ó heróis dignos do nosso louvor,  
Aceitem nossas canções com pensamento poderoso.
3. Nāsatyas,<sup>10</sup> operadores de milagre, são suas essas libações com grama cortada;  
Venham vocês cujos caminhos são vermelhos com chama.
4. Ó Indra maravilhosamente brilhante, vem, essas libações anseiam por ti,  
Purificadas desse modo por dedos excelentes.<sup>11</sup>
5. Incitado pelo cantor santo, apressado pela música, vem, Indra, para as preces,  
Do sacerdote que derrama libação.
6. Aproxima-te, ó Indra, apressando-te, Senhor dos Cavalos Baios, em direção às preces.  
Deleita-te em nossa libação.
7. Ó Víśvedevas, que protegem, recompensam e sustentam os homens,  
Aproximem-se da oferenda de bebida de seu adorador.
8. Ó Víśvedevas, rápidos no trabalho, venham para cá rapidamente para a bebida,  
Como vacas leiteiras se apressam para seus estábulos.
9. Os Víśvedevas, que mudam de forma como serpentes,<sup>12</sup> intrépidos, desprovidos de  
malícia, portadores, aceitem a bebida sagrada.
10. Rica em vantagens, enriquecida com hinos, que a brilhante Sarasvatī<sup>13</sup> deseje,  
Com amor ansioso, nosso sacrifício.
11. Incitadora de todas as músicas agradáveis, inspiradora de todo pensamento bondoso,  
Sarasvatī, aceita nosso rito
12. Sarasvatī, a inundação poderosa, – ela ilumina com sua luz,  
Ela ilumina todo pensamento piedoso.<sup>14</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 4 \(Griffith\)](#)

---

<sup>8</sup> Os Ásvins parecem ter sido um enigma até para os mais antigos comentadores indianos. Yāska se refere a eles deste modo no *Nirukta* XII. I: ‘Seguintes na ordem são os deuses cuja esfera é o céu; desses os Ásvins são os primeiros a chegar... Quem então são esses Ásvins? ‘Céu e Terra’, dizem alguns; ‘Dia e Noite’, dizem outros; ‘o Sol e a Lua’, dizem outros; ‘Dois reis, realizadores de atos sagrados’, dizem os escritores lendários. O professor Roth fala deste modo sobre esses deuses: ‘Os dois Ásvins, embora, como os antigos interpretadores do Veda, nós não estejamos de acordo de nenhuma maneira quanto à concepção do caráter deles, têm, contudo, uma posição perfeitamente distinta no grupo inteiro das divindades védicas da luz. Eles são os primeiros portadores da luz no céu da manhã, que em suas carruagens se apressam para frente antes da alvorada, e preparam o caminho para ela’. J. Muir. *O. S. Texts [Original Sanskrit texts on the origin and history of the people of India, their religion and institutions]*, Vol. 5; p. 234.

<sup>9</sup> *Mãos ágeis*: mãos esticadas e rápidas para pegar as oferendas.

<sup>10</sup> *Nāsatyas*: ‘não falsos’. É dito que Nāsatya é o especificamente o nome de um dos Ásvins, o outro sendo então chamado de Dasra, ‘fazedor de milagres’, ou talvez ‘destruidor’ (dos maus).

<sup>11</sup> Isto é, espremidas cuidadosamente pelos sacerdotes.

<sup>12</sup> *Ehimāyāsaḥ* parece ser outra forma de *ahimāyāsaḥ*, que é explicada por Bohtlingk e Roth como ‘multiforme ou versátil como uma cobra, mostrando a mesma variedade de cor e forma’.

<sup>13</sup> Sarasvatī é celebrada como um rio e como uma deusa. Ela parece ter sido para os antigos indianos o que o Ganges (o qual é citado só duas vezes no R̥gveda), tornou-se para os descendentes deles. J. Muir, *O. S. Texts*, Vol. 5; p. 338.

<sup>14</sup> Benfey traduz: ‘Sarasvatī, por sua luz, faz o grande oceano ser conhecido; ela brilha através de todos os pensamentos’. Ele compreende o ‘grande oceano’ como o universo, ou como a vida.

## Hino 4. Indra (Wilson)

(Anuvāka 2. Sūkta I)

O R̥ṣi e a métrica continuam inalterados; o Hino é endereçado a Indra.

Varga 7. **1.** Dia a dia nós invocamos o fazedor de boas obras, para nossa proteção; como uma boa vaca leiteira (é chamada pelo ordenhador) para a ordenha.

**2.** Bebedor do suco *Soma*, vem aos nossos ritos (diários), e bebe da libação. A satisfação de (ti, que és) o concessor de riquezas é, de fato, (a causa da) doação de gado.<sup>1</sup>

**3.** Nós te reconhecemos no meio dos honrados, que estão mais próximos a ti. Vem a nós; não nos ignores, para revelar (-te a outros).<sup>2</sup>

**4.** Vai, adorador, ao sábio e incólume Indra, que concede a melhor (das bênçãos) aos teus amigos, e pergunta a ele (sobre a aptidão) do erudito (sacerdote que recita o louvor dele).<sup>3</sup>

**5.** Que os nossos ministros, realizando zelosamente o culto dele, exclamem: ‘Partam, ó difamadores, daqui e de todo outro lugar (onde ele é adorado)’.

Varga 8. **6.** Destruidor de inimigos, que nossos inimigos digam que nós somos prósperos; que os homens (nos felicitem). Que nós sempre permaneçamos na felicidade (derivada da graça) de Indra.

**7.** Oferece a Indra, o que permeia (todo rito de libação), o suco que está presente (nas três cerimônias), a graça do sacrifício, o alegrador da humanidade, o aperfeiçoador do ato, o favorito (daquele Indra) que dá felicidade, (para o oferecedor).<sup>4</sup>

**8.** Tendo bebido, Śatakratu,<sup>5</sup> desse (suco *Soma*), tu te tornaste o matador dos Vṛtras,<sup>6</sup> tu defendes o guerreiro em batalha.

**9.** Nós oferecemos a ti, Śatakratu, o poderoso em batalha, alimento (sacrificial), para a obtenção, Indra, de riquezas.

**10.** Canta para aquele Indra, que é o protetor da prosperidade, o poderoso, o realizador de bons atos, o amigo do oferecedor da libação.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 5 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Isto é, se Indra estiver satisfeito, ele aumentará os rebanhos do devoto. A noção está representada muito elipticamente.

<sup>2</sup> Aqui, também, nós temos fraseologia elíptica. O original é ‘não fales além de nós’, o sentido completo é fornecido pelo comentador.

<sup>3</sup> A injunção é endereçada ao *Yajamāna* (o sacrificador), que é desejado perguntar se o *Hotṛ* é adequado para seu dever. O próprio *Hotṛ* deve ordenar isso.

<sup>4</sup> Esses epítetos do suco *Soma* seriam um tanto ininteligíveis sem a ajuda do comentador.

<sup>5</sup> Śatakratu, um nome de Indra, é explicado por Sāyaṇa: aquele que está conectado com cem (muitos) atos, ritos religiosos, como realizador deles, ou como objeto deles; ou ele pode ser interpretado como ‘dotado de grande sabedoria’, *kratu* significando karma, ato, ou *prajñā*, conhecimento. No primeiro sentido, a palavra pode ser a fonte da ficção purânica, que o alto cargo de *Indra* é obtível por meio de cem *Aśvamedhas*.

<sup>6</sup> Dos inimigos, dos quais o *Asura* Vṛtra era o chefe, de acordo com o comentador.

## Hino 4. Indra (Griffith)

1. Como uma boa vaca para aquele que ordenha, nós chamamos o fazedor de ações justas<sup>7</sup>  
Para nosso auxílio dia a dia.
2. Vem para nossas libações, bebe do Soma; tu bebedor de Soma!  
O rico êxtase do Único concede vacas.<sup>8</sup>
3. Para que nós fiquemos familiarizados com a tua benevolência mais secreta:  
Não nos negligencies, vem para cá.
4. Vai para o sábio Invicto, pergunta a Indra, hábil em música,  
Ele, que é melhor que teus amigos.<sup>9</sup>
5. Se os homens que zombam de nós falarem, ‘partam para outro lugar,  
Vocês que servem Indra e ninguém mais’;
6. Ou se, Deus de atos maravilhosos, todo o nosso verdadeiro povo nos chamar de bem-aventurados, ainda que nós possamos permanecer sob os cuidados de Indra.<sup>10</sup>
7. Para o Rápido traze o rápido, alegrador de homens, graça do sacrifício,  
Que para o Amigo dá asas e alegria.<sup>11</sup>
8. Tu, Śatakṛatu, bebeste isso e foste o matador de Vṛtras;<sup>12</sup> tu  
Ajudas o guerreiro na luta.
9. Nós te fortalecemos, Śatakṛatu, sim, a ti o poderoso em luta,  
Para que, Indra, nós possamos ganhar riqueza.
10. Para ele, o poderoso rio de riqueza, amigo diligente de quem derrama o suco,  
Sim, para esse Indra cantem sua canção.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 5 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Indra.

<sup>8</sup> Indra é especialmente o senhor do Soma e seu principal bebedor. A euforia produzida por beber o suco fermentado oferecido em libações estimula suas energias marciais e o dispõe a distribuir, de suas riquezas ilimitadas, recompensas generosas na forma de gado e outros bens para aqueles que o cultuam.

[Sāyaṇa interpreta a última frase do verso, de acordo com Vladimir Yatsenko, desse modo: “A intoxicação de ti, o rico, é de fato concessora de vacas”. – *universityofhumanity.org*; (consultado em 08/2013).]

<sup>9</sup> [Como na nota acima: “Vá até ele e pergunte sobre mim, o inteligente, (se eu o tenho louvado corretamente ou não), – ao inteligente e incólume Indra que dá aos teus amigos (os sacerdotes) a melhor riqueza”. *Idem.*]

<sup>10</sup> O sentido geral desse e dos dois versos anteriores parece ser este: Indra é o melhor amigo e protetor, e enquanto nós desfrutarmos da amizade e da proteção dele nós não nos importaremos de modo algum com as injúrias dos ímpios que zombam do nosso culto fiel.

<sup>11</sup> *O Rápido*: Indra. O suco Soma que alegra homens ou heróis e acompanha ou agracia o sacrifício também é chamado de rápido, porque ele flui rapidamente e porque ele faz Indra se apressar para a solenidade. O Amigo é Indra, a quem o suco alegra e manda rapidamente para o sacrifício.

<sup>12</sup> Os Vṛtras, os inimigos, os opressores, ou obstrutores, são ‘os poderes hostis na atmosfera que prendem malevolamente os tesouros aquosos nas nuvens. Esses demônios da seca, chamados por uma variedade de nomes como Vṛttra, Ahi, Śuṣṇa, Namuci, Pipru, Śambara, Uraṇa, etc., etc., armados do seu lado, também, com toda variedade de artilharia celestial, tentam, mas em vão, resistir ao ataque dos deuses’. – J. Muir, *Original Sanskrit Texts*. V. 95.

## Hino 5. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O deus, Ṛṣi, e métrica, inalterados.

Varga 9. **1.** Apressem-se para cá, amigos, oferecendo louvores, sentem-se, e cantem, repetidamente, os louvores de Indra.

**2.** Quando a libação é derramada, louvem respectivamente Indra, o derrotador de muitos inimigos, o senhor de muitas bênçãos.

**3.** Que ele esteja conosco, para a realização dos nossos objetivos; que ele esteja conosco, para a obtenção de riquezas; que ele esteja conosco, para a aquisição de conhecimento; que ele venha a nós com alimento.

**4.** Cantem para aquele Indra, cujos inimigos, em combates, não esperam os corcéis dele atrelados ao seu carro.

**5.** Esses sucos *Somas* puros, misturados com coalhos, são derramados para a satisfação do bebedor de libações.

Varga 10. **6.** Tu, Indra, realizador de boas obras, te tornaste subitamente de vigor aumentado, por beberes a libação, e (mantendo) superioridade em idade (ou principalidade, entre os deuses).

**7.** Indra, que és o objeto de louvores, que esses sucos *Soma* penetrantes entrem em ti: que eles sejam propícios para a tua (obtenção de) inteligência superior.

**8.** Os cantos (do *Sama*)<sup>1</sup> têm-te magnificado, ó Śatakṛatu; os hinos (do Ṛc) têm-te magnificado: que os nossos louvores de magnifiquem.

**9.** Que Indra, o protetor desimpedido, desfrute dessas múltiplas iguarias (sacrificais), nas quais residem todas as propriedades viris.

**10.** Indra, que és o objeto de louvores, não deixes os homens nos fazerem mal. Tu és poderoso: afasta a violência.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 6 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> O comentador fornece esses detalhes, mas, nessa e outras passagens onde Sāyaṇa insere a designação de outros *Vedas* – o *Sāma* e o *Yajush*, – deve ser observado que a exatidão das adições dele envolve a existência anterior daqueles *Vedas*, pelo menos aos hinos do Ṛc nos quais se supõe que eles são citados; uma conclusão a qual há motivo para hesitar admitir.

## Hino 5. Indra (Griffith)

1. Ó, venham para cá, sentem-se: cantem sua música para Indra, Companheiros,<sup>2</sup> trazendo hinos de louvor.
2. Para ele, o mais rico dos ricos, o excelente Senhor dos tesouros, Indra, com suco Soma derramado.
3. Que ele fique ao nosso lado na nossa necessidade e na abundância para o nosso bem-estar: que ele se aproxime de nós com sua força.
4. Cujo par de cavalos castanhos atrelados em batalhas os inimigos em guerra não desafiam:<sup>3</sup> para ele, Indra, cantem sua música.
5. Perto do bebedor de Soma chegam, para a apreciação dele, estas gotas puras, Os Somas misturados com a coalhada.
6. Tu, crescido de uma vez à força perfeita, nasceste para beber o suco Soma, Indra forte, por preeminência.
7. Ó Indra, amante da música, que esses Somas penetrantes entrem em ti: Que eles possam trazer bem-aventurança para ti, o Sábio.
8. Os nossos cânticos de louvor, e os nossos louvores, têm te fortalecido, ó Śatakṛatu, Assim que te fortaleçam as canções que cantamos.
9. Indra, cujo socorro nunca falha, aceita essas mil iguarias, Onde todos os poderes viris residem.<sup>4</sup>
10. Ó Indra, tu que amas música, que nenhum homem fira nossos corpos, mantém A matança longe de nós, pois tu podes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 6 \(Griffith\)](#)

---

<sup>2</sup> O chamado é dirigido aos sacerdotes ministrantes.

<sup>3</sup> À visão de cuja carruagem e cavalos todos os inimigos fogem.

<sup>4</sup> As oblações dos adoradores, assim como seus hinos de louvor, estimulam e fortalecem os Deuses para atos de heroísmo.

## Hino 6. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O R̥ṣi e a métrica continuam. As três primeiras e últimas estrofes são endereçadas a Indra; as restantes, aos Maruts, ou Ventos, com, ou sem, Indra.

Varga 11. **1.** Os circunstanciados (habitantes dos três mundos)<sup>1</sup> associam com (Indra), o poderoso (Sol), o indestrutível (fogo), o movente (vento), e as luzes que brilham no céu.  
**2.** Eles (os quadrigários) atrelam ao carro dele seus dois corcéis desejáveis, colocados em ambos os lados, de cor castanho-avermelhada, intrépidos, e que trazem o comandante.  
**3.** Mortais, vocês devem seu nascimento (diário a esse Indra), que, com os raios da manhã, dá percepção ao inconsciente, e forma ao informe.<sup>2</sup>  
**4.** Depois disso, realmente, aqueles que têm nomes invocados em ritos sagrados, (os Maruts),<sup>3</sup> tendo visto a chuva prestes a ser engendrada, o instigaram a retomar sua condição de embrião (nas nuvens).  
**5.** Associado com os Maruts transportadores, os viajantes de lugares de acesso difícil, tu, Indra, descobriste as vacas escondidas na caverna.<sup>4</sup>

Varga 12. **6.** Os recitadores de louvores louvam os poderosos (a tropa de Maruts), que são célebres, e conscientes do poder de conceder riqueza, de modo semelhante como eles glorificam o conselheiro (Indra).  
**7.** Que vocês sejam vistos, Maruts, acompanhados pelo destemido Indra,<sup>5</sup> (ambos) regozijantes, e de esplendor igual.  
**8.** Esse rito é realizado em adoração ao poderoso Indra, junto com os irrepreensíveis, que se dirigem para o céu, os amáveis grupos (dos Maruts).  
**9.** Portanto, circundante (tropa de Maruts), vem para cá, seja da região do céu, ou da esfera solar, pois, nesse rito, (o sacerdote) recita seus louvores integralmente.  
**10.** Nós invocamos Indra, – ele venha dessa região terrestre, ou do céu acima, ou do vasto firmamento, – que ele (nos) dê riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 7 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> O texto tem somente ‘aqueles que estão permanecendo em volta’; ‘os seres vivos dos três mundos’ é a explicação do comentador.

<sup>2</sup> Indra é aqui, novamente, identificado com o sol, cujos raios matutinos pode-se dizer que reanimam aqueles que tinham estado mortos, no sono, durante a noite.

<sup>3</sup> Os Maruts não são citados no texto; mas as alusões justificam a especificação do comentador: os ventos conduzem Indra, ou o firmamento, para uma agregação de nuvens, nas quais a chuva se reúne novamente, como em seu útero.

<sup>4</sup> Alusão é feita aqui a uma lenda, que é frequentemente citada, de os *Asuras* chamados Pañis terem roubado as vacas dos deuses, ou, de acordo com algumas versões, dos *Aṅgirasas*, e as escondido em uma caverna, onde elas foram descobertas por Indra, com a ajuda da cadela Saramā. Um diálogo entre ela e os ladrões é apresentado, em outro lugar, no qual ela os concilia. Em outras passagens, as vacas são representadas como recuperadas à força por Indra, com a ajuda dos Maruts.

<sup>5</sup> Alusão, é dito, é feita aqui a um combate entre Indra e Vṛtra. Os deuses que tinham ido ajudar o primeiro foram afugentados pelos cães de Vṛtra; e Indra, para obter superioridade, chamou os Maruts para ajudá-lo.

## Hino 6. Indra (Griffith)

1. Aqueles que estão em volta<sup>6</sup> dele enquanto ele se move arreiam o brilhante, o Corcel vermelho,<sup>7</sup> as luzes são brilhantes no céu.
2. Em ambos os lados do carro eles unem os dois cavalos baios estimados por ele, Bravos, fulvos, carregadores do Comandante.
3. Tu, fazendo luz onde não havia luz, e forma, ó homens! onde não havia forma, Nascestes em conjunto com as Auroras.<sup>8</sup>
4. Posteriormente eles, como é seu costume, se livraram da condição de bebês não nascidos, assumindo nomes sacrificais.<sup>9</sup>
5. Tu, Indra, com os Deuses da Tempestade, os derrubadores do que é firme, Encontraste as vacas mesmo na caverna.
6. Adorando assim como eles desejam, cantores louvam a ele que encontra riqueza, O muito famoso, o Poderoso.
7. Que tu possas realmente ser visto vindo ao lado do destemido Indra: Ambos alegres, iguais em seu brilho.
8. Com as hostes bem amadas de Indra, as irrepreensíveis, acelerando para o céu, O sacrificador clama.
9. Vem desse lugar,<sup>10</sup> ó Viajante,<sup>11</sup> ou para baixo a partir da luz do céu: Nossos cânticos de louvor todos anseiam por isso.
10. Indra nós procuramos para dar-nos ajuda, a partir daqui, do céu acima da terra, Ou do firmamento espaçoso.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 7 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> Esses provavelmente são os Maruts, os companheiros constantes de Indra.

<sup>7</sup> Provavelmente o Sol, com quem Indra é conectado frequentemente.

<sup>8</sup> *Tu*, isto é, o Sol. *Ó homens!* é talvez apenas uma exclamação expressiva de admiração. Se for aceito que *maryāh*, homens, quer dizer os Maruts, as palavras *tu*, *fazendo*, *nascestes*, embora no número singular, podem se aplicar a esses Deuses considerados como uma hoste ou companhia e nascidos em um nascimento.

<sup>9</sup> [Veja a nota 13.]

<sup>10</sup> Isto é, da terra.

<sup>11</sup> Indra.

## Hino 6. Indra e os Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄḌALA I, HINO 6.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 1, VARGA 11-12.

1. Aqueles que permanecem em volta dele enquanto ele se move adiante arreiam o (corcel) brilhante vermelho<sup>12</sup>; as luzes resplandecem no céu.
2. Eles atrelam à carruagem em cada lado os dois baios favoritos dele (de Indra), os castanhos, os valentes, que podem carregar o herói.
3. Tu que criaste luz onde não havia luz, e forma, ó homens! onde não havia forma, nasceste junto com as alvoradas.
4. Depois disso eles (os Maruts), de acordo com seu costume, assumiram novamente a forma de bebês recém-nascidos,<sup>13</sup> obtendo seu nome sagrado.
5. Tu, ó Indra, com os velozes Maruts, que rompem até mesmo a fortaleza, encontraste mesmo em seu esconderijo os brilhantes (dias ou nuvens).<sup>14</sup>
6. Os cantores piedosos (os Maruts), por sua própria vontade, têm gritado em direção ao dador de riqueza, o grandioso, o glorioso (Indra).
7. Que tu, (hoste de Maruts), possas realmente ser vista vindo junto com Indra, o destemido: vocês dois são fazedores de alegria, e de esplendor igual.
8. Com as amadas hostes de Indra, com os impecáveis, apressados (Maruts) o sacrificador clama.
9. De lá, ó viajante (Indra), vem para cá, ou da luz do céu; os cantores todos anseiam por isso;
10. Nós pedimos a ajuda de Indra daqui, ou do céu, ou de acima da terra, ou do grande firmamento.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 19 \(Müller\)](#)

---

<sup>12</sup> O poeta começa com uma descrição um tanto abrupta de um nascer do sol. Indra é considerado como o deus do dia brilhante, cujo corcel é o sol, e cujos companheiros são os Maruts, ou deuses da tempestade.

<sup>13</sup> A idéia de que os Maruts assumiram a forma de um *garbha*, literalmente, de um embrião ou de um recém-nascido, serve apenas para expressar que eles nasceram, ou que as tempestades irrompem do ventre do céu, logo que Indra surge para lutar contra o demônio das trevas. Como auxiliares de Indra nessa batalha, os Maruts, cujo nome manteve por muito tempo seu sentido puramente apelativo de tempestades, alcançaram sua posição como divindades ao lado de Indra, ou, como o poeta expressa, eles assumiram seu nome sagrado. Esse parece ser todo o significado da lenda posterior que os Maruts, como os Ṛbhus, não eram originalmente deuses, mas vieram a ser deificados por suas obras.

<sup>14</sup> As vacas brilhantes são aqui as vacas da manhã, as auroras, ou os dias em si, que são representados como resgatados no final de cada noite pelo poder de Indra.

## Hino 7. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Indra, o Ṛṣi e a métrica, como antes.

Varga 13. **1.** Os cantores (do *Sāma*) glorificam Indra com canções; os recitadores do Ṛc, com preces; (os sacerdotes do *Yajush*) com textos.<sup>1</sup>

**2.** Indra, o que mistura todas as coisas, vem, de fato, com seus dois corcéis que são atrelados pela palavra dele, – Indra, o ricamente enfeitado,<sup>2</sup> o manejador do raio.

**3.** Indra, para tornar todas as coisas visíveis, elevou o sol no céu<sup>3</sup>, e carregou a nuvem com águas (abundantes).

**4.** Indra invencível, nos protege, em batalhas abundantes em saque, com defesas insuperáveis.

**5.** Nós invocamos Indra por grande riqueza; Indra, por riqueza limitada, – (nosso) aliado, e manejador do raio contra nossos inimigos.

Varga 14. **6.** Derramador de chuva, concessor de todos os desejos, abre essa nuvem. Tu és sempre complacente com nossos desejos.

**7.** Todos os louvores excelentes que são dados às outras divindades, (eles são, também) devidos a Indra, o que faz trovejar. Eu não conheço louvor adequado para ele.

**8.** O derramador de chuva, o senhor poderoso, o sempre complacente, investe homens com sua força; como um touro (defende) um rebanho de vacas.

**9.** Indra, que governa sozinho sobre homens, sobre riquezas, e sobre as cinco (classes)<sup>4</sup> dos habitantes da terra.

**10.** Nós chamamos por ti, Indra, que estás em todos os lugares entre os homens. Que ele seja exclusivamente nosso.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 8 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> O comentador fornece a especificação dos vários *Vedas*. O primeiro termo, *ghāthinah*, significa apenas cantores, embora ele o interprete como ‘os *Udgātr̥s*, com *Sāmas* a serem cantados’, uma interpretação, ele pensa, confirmada pelo termo seguinte, (canções), *br̥hat̥*, por *br̥hatā*, ‘com o *Br̥hat Sāma*’. A frase seguinte, *arkebh̥ir arkiṇaḥ*, é mais similar ao Ṛc, ‘Aqueles do *Ṛg Veda*, com estrofes’: mas isso não é necessariamente limitado a esse sentido; e, como *arha* é um sinônimo de *mantra*, uma oração, o sentido pode ser, aqueles que oram, ou louvam, a Indra com orações. Com relação aos *Adhvaryus*, ou sacerdotes do *Yajush*, nós não temos absolutamente nada no original; e o termo *vāṇīḥ*, por *vāṇībhiḥ*, ‘com textos ou palavras’, que ocorre, aparentemente sem qualquer ligação gramatical, pode ser aplicado tanto aos cantores quanto aos recitadores das orações. Ele é aplicado, pelo comentador, aos textos do *Yajush*, – aparentemente, só porque ele tinha ligado as expressões anteriores com os outros dois *Vedas*. Como já se observou, [na nota 1 do hino 5,] qualquer referência ao *Yajush* ou ao *Sāma*, em um verso do Ṛc, implica a anterioridade dos dois primeiros ao último.

<sup>2</sup> Assim o comentador explica o termo do texto, *hiranyaya*, literalmente, dourado, ou feito de ouro.

<sup>3</sup> O mundo sendo envolvido em escuridão por Vṛtra, Indra, para removê-la, elevou (ou, como diz o comentário, colocou) o sol no céu. A última parte da passagem também pode ser traduzida como: ‘ele (o sol) animou a montanha (isto é, o mundo), com seus raios’.

<sup>4</sup> O texto tem, sobre os cinco homens, ou classes de homens, *pañca kṣitīnām*. O último termo é explicado etimologicamente, aqueles que são adequados para habitações (*nivāsārḥāṇām*). A frase não é de recorrência infrequente, e é dito usualmente que implica as quatro castas: *br̥hmanes*, *kṣatriyas*, *vaiśyas* e *sūdras*, mais os *niṣādas*, – bárbaros ou aqueles que não têm casta; querendo dizer, provavelmente, as tribos nativas da Índia, todas em uma fase muito inferior de civilização, como os Gonds, Kholes, e Bhils dos dias atuais.

## Hino 7. Indra (Griffith)

1. A Indra os cantores com elogios, a Indra recitadores com seus louvores,  
A Indra os coros, têm glorificado.
2. Indra tem sempre perto dele seus dois cavalos baios e carro jungidos por palavra,  
Indra, o dourado, o armado com o trovão.
3. Indra ergueu o Sol alto no céu, de modo que ele possa ver longe:  
Ele rompeu a montanha<sup>5</sup> pelas vacas.
4. Ajuda-nos, ó Indra, nas lutas, sim, lutas, onde milhares de despojos são obtidos,  
Com ajudas terríveis, ó terrível.
5. Na grande batalha nós invocamos Indra, Indra na luta menor,  
O amigo que curva seu raio em demônios.
6. Descerra, nosso herói viril, tu sempre generoso, aquela nuvem,  
Para nós, tu irresistível.
7. Ainda mais alto, em cada esforço meu, os louvores de Indra armado com o trovão se  
erguem; Eu não encontro louvor digno dele.
8. Assim como o touro conduz os rebanhos, ele conduz o povo com seu poder,  
O Soberano irresistível:
9. Indra que governa com domínio único homens, riquezas, e a raça quántupla<sup>6</sup>  
Dos que habitam sobre a terra.
10. Por sua causa de cada lado nós chamamos Indra para longe de outros homens:  
Nosso, e não de outros, que ele possa ser.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 8 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 8. Indra (Wilson)

(Anuvāka 3. Sūkta I)

O deus, Ṛṣi, e métrica, como antes.

- Varga 15. 1. Indra, traze, para nossa proteção, riqueza, muito abundante, agradável, a fonte de vitória, a que humilha inimigos;
2. Por meio da qual nós possamos repelir nossos inimigos, seja (enfrentando-os) corpo a corpo, ou a cavalo; sempre protegidos por ti.
3. Defendidos por ti, Indra, nós possuímos uma arma ponderosa, com a qual nós podemos conquistar totalmente os nossos oponentes.
4. Contigo como nosso aliado, Indra, e (ajudados por) heróis lançadores de mísseis, nós somos capazes de superar (nossos inimigos) organizados em tropas.
5. Poderoso é Indra, e supremo. Que magnitude sempre pertença ao portador do raio; que os fortes (exércitos) dele sejam, sempre, vastos como os céus.

---

<sup>5</sup> A massa de nuvens densas em forma de montanha; as vacas são as águas.

<sup>6</sup> Benfey explica isso como 'todo o mundo habitado'. Mas a expressão parece querer dizer somente os povoados ou tribos arianas, e não os habitantes nativos da região. As cinco tribos ou povoados eram provavelmente a confederação dos Turvaśas, Yadus, Anus, Druhyus, e Purus. Não havia distinções de casta quando o hino foi composto.

- Varga 16. **6.** Todo homem que recorre a Indra, – em batalha, ou para a obtenção de filhos, – e os sábios que estão desejosos de inteligência, (obtêm seus desejos).
- 7.** A barriga de Indra, que bebe o suco *Soma* abundantemente, cresce, como o oceano, (e está sempre) úmida, como os abundantes fluidos do palato.<sup>7</sup>
- 8.** De fato, as palavras de Indra para seu adorador são verdadeiras, diversas, concessoas de vacas, para serem respeitadas: (elas são) como um ramo (carregado de fruto) maduro.
- 9.** Realmente, Indra, tuas glórias são, em todos os tempos, as protetoras de todo adorador como eu.
- 10.** Realmente, seus louvores cantados e recitados devem ser desejados e repetidos para Indra, de modo que ele possa beber o suco *Soma*.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 9 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 8. Indra (Griffith)

- 1.** Indra, traze riqueza que dá alegria, a riqueza do vencedor que sempre conquista, A mais excelente, para ser nosso auxílio;
- 2.** Por meio da qual nós possamos repelir nossos inimigos na batalha corpo a corpo, Ajudados por ti com o carro.<sup>8</sup>
- 3.** Ajudados por ti, o armado com o trovão, Indra, que nós possamos erguer o raio,<sup>9</sup> E conquistar todos os nossos inimigos em combate.
- 4.** Contigo, ó Indra, como aliado, com heróis atiradores de mísseis, Que nós conquistemos nossos inimigos em combate.
- 5.** Poderoso é Indra, sim, supremo; grandeza seja dele, o que faz trovejar; Grande como o céu se estende seu poder
- 6.** Que ajuda aqueles a obterem filhos, que vêm como heróis para a luta, Ou cantores que amam pensamentos santos.
- 7.** Sua barriga, bebendo os mais profundos goles de Soma, cresce como um oceano, Como amplas torrentes a partir da abóbada celeste.
- 8.** Assim também é a excelência dele, grande, vigorosa, rica em gado, como Um ramo maduro para o adorador.
- 9.** Pois realmente teus poderes imensos, Indra, são amparos que ajudam imediatamente Um adorador como eu.
- 10.** Assim são suas dádivas encantadoras; que louvores e elogios sejam cantados para Indra; Que ele possa beber o suco Soma.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 9 \(Griffith\)](#)

---

<sup>7</sup> A frase poderia, também, ser traduzida desse modo: “como as abundantes águas (ou torrentes) dos topos das montanhas.”

<sup>8</sup> *Com o carro: árvatā*, literalmente, com um cavalo, Sāyaṇa explica que significa lutando a cavalo. Mas cavalos parecem ter sido usados em guerra só como puxadores de carruagens.

<sup>9</sup> O raio aqui citado é o sacrifício o qual, quando usado contra inimigos, é uma arma tão poderosa quanto o raio de Indra.

## Hino 9. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

Deus, Ṛṣi, e métrica, os mesmos.

Varga 17. **1.** Vem, Indra, e banqueteia-te com todas as iguarias e libações, e, daí, poderoso em força, sê vitorioso (sobre teus inimigos).

**2.** A libação estando preparada, ofereçam a (bebida) estimulante e eficaz para o regozijante Indra, o realizador de todas as coisas.

**3.** Indra com o belo queixo<sup>1</sup>, fica satisfeito com essas preces animadoras, tu, que és para ser reverenciado por toda a humanidade<sup>2</sup>, (vem) para esses ritos (com os deuses).

**4.** Eu tenho dirigido a ti, Indra, o derramador (de bênçãos), o protetor (de seus adoradores), louvores que têm chegado a ti, e os quais tu tens aprovado.

**5.** Coloca diante de nós, Indra, riquezas preciosas e multiformes; pois o bastante, e mais do que o bastante são, seguramente, teus.

Varga 18. **6.** Opulento Indra, encoraja-nos nesse rito para a obtenção de riqueza; pois nós somos zelosos e renomados.

**7.** Concede-nos, Indra, riqueza além dos limites ou cálculo, inesgotável, a fonte do gado, do alimento, de toda vida.

**8.** Indra, concede-nos grande renome, e riqueza adquirida de mil maneiras, e aqueles (artigos) de alimento (que são trazidos do campo) em carroças.<sup>3</sup>

**9.** Nós chamamos, para a preservação da nossa propriedade, Indra, o senhor da riqueza, o objeto de versos sagrados, o que se dirige (ao local do sacrifício), glorificando-o com nossos louvores.

**10.** Com libações derramadas repetidamente, o sacrificador glorifica a vasta destreza de Indra, o poderoso, o morador de (uma mansão eterna).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 10 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Suśipra*. Mas *śipra* significa a mandíbula inferior, ou o queixo; e o composto pode denotar igualmente ‘o de nariz belo’.

<sup>2</sup> O epíteto é, literalmente, ‘ó você que é todos os homens’; ou, como Sāyaṇa o explica: ‘que está unido com todos os homens’.

<sup>3</sup> O original desse hino, como de muitos outros, é tão conciso e elíptico a ponto de ser ininteligível, sem a amplificação generosa do comentador. Nós temos, no texto, simplesmente ‘aqueles carros tendo provisões’, significando, diz Sāyaṇa, aqueles artigos de alimento que são transportados em carros, carroças ou carroções, a partir do lugar de sua produção; como arroz, cevada, e outros tipos de grãos.

## Hino 9. Indra (Griffith)

1. Vem, Indra, e delicia-te com o suco em todos os banquetes Soma, Protetor, poderoso em tua força.
2. Para Indra despejemos o suco, o suco vigoroso que alegra para ele O Deus que torna feliz, que cria todas as coisas.
3. Ó Senhor de todos os homens, de face bela, regozija-te nos elogios que alegram, Presentes nesses oferecimentos de bebida.
4. Músicas têm se derramado para ti, Indra, o forte, o Senhor Guardião, E se elevado insatisfeitas.<sup>4</sup>
5. Manda para nós recompensa múltipla, ó Indra, digna do nosso desejo, Pois o poder supremo é só teu.
6. Ó Indra, estimulados a isso nós queremos riqueza ambiciosamente, E gloriosa, ó mais esplêndido.
7. Concede, Indra, fama extensa e grandiosa, abundância em gado e em força, Que dure pelo nosso tempo de vida, sem se extinguir.
8. Dá-nos grande fama, Indra, concede riquezas outorgando milhares, aqueles Bons frutos da terra levados para casa em carroças.
9. Glorificando com canções louváveis aquele que vem em nosso auxílio, nós chamamos Indra, o Senhor dos Tesouros de riqueza.
10. Ao sublime Indra, residente por cada libação, o homem piedoso Canta alto um hino fortalecedor.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 10 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>4</sup> Isto é, com preces sempre novas.

## Hino 10. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus e Ṛṣi são os mesmos; a métrica é a usual Anuṣṭubh.

- Varga 19. **1.** Os cantores (do *Sāma*) te louvam, Śatakratu; os recitadores dos Ṛcas louvam a ti, que és digno de louvor; os Brāhmaṇas<sup>1</sup> te erguem no alto, como um poste de bambu.
- 2.** Indra, o derramador (de bênçãos), conhece o objetivo (de seu adorador), que realizou muitos atos de culto (com a planta *Soma*, colhida) nos cumes da montanha<sup>2</sup> e, (portanto), vem com a tropa (de Maruts).
- 3.** Indra, bebedor do *Soma*, tendo atrelado teus corcéis de crina longa, vigorosos, e bem condicionados,<sup>3</sup> aproxima-te, para ouvir nossos louvores.
- 4.** Vem, Vasu,<sup>4</sup> (para esse nosso rito); responde aos nossos hinos, responde (aos nossos louvores), responde (às nossas preces); sê propício, Indra, para o nosso sacrifício, e (concede-nos abundante) alimento.
- 5.** O hino, a causa de progresso, deve ser repetido para Indra, o que repele muitos inimigos; que Śakra<sup>5</sup> fale (com bondade) para nossos filhos e para nossos amigos.
- 6.** Nós recorreremos a Indra, por sua amizade, por riqueza, por força perfeita; pois ele, o poderoso Indra, que confere riqueza, é hábil (para nos proteger).
- Varga 20. **7.** Indra, por ti alimento é (produzido), em todos os lugares, abundante, de fácil obtenção, e seguramente perfeito. Manejador do raio, abre as pastagens das vacas<sup>6</sup>, e fornece (ampla) riqueza.
- 8.** Céu e terra são incapazes de suportar-te, quando destruindo teus inimigos. Tu podes comandar as águas do céu. Manda para nós, generosamente, vacas.
- 9.** Ó tu cujos ouvidos ouvem todas as coisas, ouve, prontamente, a minha súplica; mantém, em teu coração, os meus louvores; mantém perto de ti esse meu hino, como se ele fosse (as palavras de) um amigo.
- 10.** Nós te conhecemos, generoso derramador (de bênçãos), o ouvinte do nosso chamado em batalhas, nós invocamos a proteção lucrativa mil vezes maior de ti, o derramador (de dádivas).
- 11.** Vem rapidamente, Indra, filho de Kuśika;<sup>7</sup> encantado, bebe a libação; prolonga a vida que merece louvor: faz a mim, que sou um Ṛṣi, dotado abundantemente (de posses).

<sup>1</sup> Essa estrofe é bem semelhante à primeira estrofe do sétimo hino, e é explicada similarmente pelo comentador. O primeiro termo, *gāyatrīṇa*, literalmente, ‘aqueles que empregam a métrica *Gāyatrī*’, é dito, por Sāyaṇa, denotar o *Udgātr*, o cantor dos hinos do *Sāma*: *arkīṇaḥ* é explicado, como antes, os recitadores do Ṛc, e o mesmo que o *Hotr* de um sacrifício. O terceiro termo, *brahmāṇaḥ*, é explicado como o *Brahmā* de um sacrifício, ou sacerdote assim denominado, e os outros Brāmanes. A objeção à explicação do primeiro, como envolvendo o reconhecimento prévio do *Sāma Veda*, já foi mencionada. A frase conclusiva, ‘eles têm te erguido, como um poste de bambu’, é bastante obscura. O comentador diz, que eles têm erguido Indra, como saltadores levantam uma vara de bambu, no topo do qual eles se equilibram, uma façanha não incomum na Índia; ou, como *vanśa* significa, também, uma família, isso pode ser traduzido, ‘como pessoas ambiciosas elevam sua família à importância social’.

<sup>2</sup> O original tem somente ‘subindo de cume a cume’, o que o comentador completa por observar que isso é dito do *Yajamāna*, que vai para a montanha coletar a planta *Soma* para esmagar, ou combustível para o fogo, ou outros artigos necessários para a cerimônia.

<sup>3</sup> Literalmente, ‘preenchendo suas circunferências’.

<sup>4</sup> *Vasu*, usado aqui como sinônimo de Indra, é explicado como ‘o doador original ou causa de habitações’.

<sup>5</sup> *Śakra* é um sinônimo comum de Indra, e é usado aqui como um epíteto, significando ‘o poderoso’.

<sup>6</sup> Indra, como aquele que manda chuva, fertiliza os campos, e, por fornecer pasto abundante, permite que o gado produza grande quantidade de leite.

12. Que esses nossos louvores estejam, em todas as ocasiões, em volta de ti, digno de louvor, que tens vida longa; e, sendo agradáveis para ti, que eles deem alegria (para nós).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 11 \(Wilson\)](#)

## Hino 10. Indra (Griffith)

1. Os cantores te louvam com hinos, aqueles que falam a palavra de louvor te magnificam. Os sacerdotes te ergueram no alto, ó Śatakratu, como um poste.
2. Quando ele subiu de cume a cume e considerou a tarefa penosa,<sup>8</sup> Indra observa esse desejo dele, e o Carneiro se apressa com sua tropa.<sup>9</sup>
3. Arreia teu par de fortes cavalos baios, de crina longa, cujos corpos enchem as circunferências; E, Indra, bebedor de Soma, vem ouvir os nossos cânticos de louvor.
4. Vem para cá, responde à música, canta em aprovação, clama. Bom Indra, faz a nossa oração ter sucesso, e torna próspero esse nosso sacrifício.
5. Para Indra um hino de louvor deve ser recitado, para fortalecer a ele que doa livremente, Que Śakra tenha satisfação em nossa amizade e libações.
6. A ele, a ele nós buscamos por amizade, a ele por riqueza e poder heroico. Pois Indra, ele é Śakra, ele nos ajudará, quando ele nos der riqueza.
7. Fácil de desviar e afastar, Indra, é o despojo dado por ti.<sup>10</sup> Abre o estábulo do gado, e dá-nos riqueza, ó armado com o trovão<sup>11</sup>
8. O céu e a terra juntos não te contêm, em tua disposição irada. Conquista para nós as águas do céu, e envia-nos vacas em abundância.
9. Ouve, tu cuja audição é penetrante, o meu chamado, toma para ti prontamente as minhas canções; Ó Indra, que esse meu louvor chegue mais perto até do que teu amigo.<sup>12</sup>
10. Nós sabemos que tu és o mais poderoso de todos, em batalhas ouvinte do nosso clamor. De ti o mais poderoso, nós invocamos o auxílio que dá mil vezes mais.
11. Ó Indra, Filho de Kuśika,<sup>13</sup> bebe nossa libação com prazer. Prolonga a nossa vida de novo, e faz o vidente ganhar mil presentes.
12. Amante da música, que essas nossas músicas te cerquem por todos os lados; Fortalecendo a ti de vida prolongada,<sup>14</sup> que elas sejam deleites queridos por ti.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 11 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Em todas as genealogias purânicas, o filho de Kuśika é o sábio Viśvāmitra; e, para explicar sua aplicação a Indra, Sāyaṇa cita a lenda dada no Índex (*Anukramāṇikā*), que afirma que Kuśika, o filho de Iṣīratha, estando desejoso de um filho igual a Indra, adotou uma vida de continência, em recompensa do que, Indra nasceu como o filho de Gāthī, o Gādhi dos *Purāṇas*.

<sup>8</sup> [Veja a nota 2.] Ludwig pensa que isso se refere a Indra, erguendo-se cada vez mais alto, e, contudo não demorando a chegar ao sacrifício.

<sup>9</sup> O Carneiro (*vṛṣṇīh*) é Indra, e seu rebanho ou tropa são os Maruts, que vão rapidamente para o sacrifício.

<sup>10</sup> O despojo mencionado no R̥gveda consiste principalmente em bovinos, os quais com a ajuda de Indra são facilmente desviados e afastados do inimigo que os possui.

<sup>11</sup> Abre a nuvem densa que mantém a água aprisionada, e fertiliza nossos campos com chuva.

<sup>12</sup> Esse provavelmente é o *vājra* ou raio que é o associado e aliado inseparável de Indra.

<sup>13</sup> Kuśika era o pai ou o avô de Viśvāmitra que era o pai do poeta ou vidente desse hino. Esse epíteto Kauśika, filho de Kuśika, é aqui aplicado a Indra como sendo o Deus principal ou especial da família do vidente.

<sup>14</sup> Imortal.

## Hino 11. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é, ainda, Indra; mas o Ṛṣi agora se chama Jetr, o filho de Madhucchandás; a métrica é Anuṣṭubh.

Varga 21. **1.** Todos os nossos louvores magnificam Indra, extenso como o oceano,<sup>1</sup> o mais valente dos guerreiros que lutam em carruagens, o senhor do alimento, o protetor dos virtuosos.

**2.** Encorajados por tua amizade, Indra, apreciador dos fortes, nós não temos medo, mas glorificamos a ti, o conquistador, o inconquistado.

**3.** As antigas liberalidades de Indra, suas proteções, nunca estarão faltando para aquele que oferece, para os recitadores de hinos, abundância em alimento e gado.

**4.** Indra nasceu o destruidor de cidades, sempre jovem, sempre sábio, de força ilimitada, o sustentador de todos os atos pios, o manejador do raio, o louvado por muitos.

**5.** Tu, manejador do raio, abriste a caverna de Vala,<sup>2</sup> que tinha escondido lá o gado; e os deuses a quem ele tinha oprimido não mais temeram, quando eles te obtiveram (como aliado deles).

**6.** (Atraído) por tuas recompensas, eu venho novamente, herói, a ti, celebrando (a tua generosidade), enquanto oferecendo essa libação. Os realizadores do rito se aproximam de ti, que és digno de louvor; pois eles conhecem (tua munificência).

**7.** Tu mataste, Indra, por meio de estratégias, o astuto Śuṣṇa;<sup>3</sup> os sábios conhecem essa tua (grandeza). Concede a eles alimento (abundante).

**8.** Os recitadores de hinos sagrados louvam, com toda a sua força, Indra, o regente do mundo, cujas dádivas são (calculadas aos) milhares, ou até mais.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 12 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Um modo vago de indicar a difusão universal de Indra como o firmamento.

<sup>2</sup> Vala, de acordo com o comentador, era um *Asura*, que roubou as vacas dos deuses, e as escondeu em uma caverna; Indra cercou a caverna com seu exército, e recuperou o gado. Na lenda, já citada [no hino 6, nota 4], é dito que os Paṇis, outrora mencionados como ladrões de gado, eram os soldados de Vala, e os verdadeiros ladrões que as esconderam na caverna.

<sup>3</sup> Śuṣṇa é descrito como um *Asura* morto por Indra: mas esse é, evidentemente, um assassinato metafórico. *Śuṣṇa* significa secador, exsicador (ou desseccador): a causa da secagem ou definhamento dos seres, calor ou seca, no qual Indra, como a chuva, colocaria um fim.

## Hino 11. Indra (Griffith)

1. Todas as canções sagradas têm engrandecido a Indra extenso como o oceano, O melhor dos guerreiros conduzidos em carros, Senhor, o próprio Senhor da Força.
2. Fortes em tua amizade, Indra, Senhor de força e poder, nós não temos medo. Nós te glorificamos com louvores, o conquistador nunca conquistado.
3. As dádivas de Indra, desde a antiguidade, seu auxílio salvador, nunca falham Quando para os cantores de louvor ele dá a bênção de riqueza abundante em vacas.
4. Esmagador de fortes,<sup>4</sup> o jovem, o sábio, de força imensurável, ele nasceu Sustentador de cada rito sagrado, Indra, o que faz tropejar, muito exaltado.
5. Senhor do trovão, tu rompestes a caverna de Vala<sup>5</sup> rica em vacas. Os Deuses vieram pressionando ao teu lado, e livres de terror te ajudaram,
6. Eu, Herói, pelas tuas recompensas vim ao rio<sup>6</sup> dirigindo-me a ti Amante de canções, aqui os cantores ficam e testemunham a ti mesmo.
7. O astuto Śuṣṇa, Indra! tu derrotaste com teus poderes maravilhosos. Os sábios viram esse teu feito: agora vai além dos elogios deles.<sup>7</sup>
8. Nossas músicas de louvor têm glorificado a Indra que governa por seu poder, Cujas dádivas preciosas vêm aos milhares, sim, ainda mais abundantemente.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 12 \(Griffith\)](#)

---



---

<sup>4</sup> Destruidor ou quebrador das nuvens que retêm a chuva, as quais são consideradas como os fortes ou fortalezas de Vṛtra e dos outros poderes hostis do ar.

<sup>5</sup> Vala é o irmão de Vṛtra, ou o próprio Vṛtra sob outro nome, que roubou as vacas dos Deuses e as escondeu em uma caverna, isto é, manteve a luz e as águas aprisionadas em nuvens escuras.

<sup>6</sup> Isto é, até Indra, o rio ou o oceano de generosidade.

<sup>7</sup> Isto é, faze proezas dignas de louvor ainda maior. Ou isso pode significar, faze durar os elogios deles.

## Hino 12. Agni (Wilson)

(Anuvāka 4. Sūkta I)

O deus abordado é Agni; o Ṛṣi é Medhātithi, o filho de Kaṇva; a métrica, Gāyatrī.

- Varga 22. **1.** Nós escolhemos Agni, o mensageiro dos deuses,<sup>1</sup> o invocador deles, o possuidor de todas as riquezas, o aperfeiçoador desse nosso rito.
- 2.** (Os oferecedores de oblações) chamam, com suas invocações, Agni, Agni, o senhor dos homens, o portador de oferendas, o amado de muitos.
- 3.** Agni, gerado<sup>2</sup> (por atrito), traze para cá os deuses para a erva sagrada cortada. Tu és o invocador deles para nós, e deves ser adorado.
- 4.** Como tu cumpres o dever de mensageiro, incita-os, desejosos de oblação: senta-te, com eles, sobre a grama sagrada.
- 5.** Resplandecente Agni, invocado por oblações de manteiga clarificada, consome nossos adversários, que são defendidos por maus espíritos.<sup>3</sup>
- 6.** Agni, o sempre jovem e sábio, o guardião da residência (do sacrificador), o carregador de oferendas, cuja boca é (o veículo) de oblações, é aceso por Agni.<sup>4</sup>
- Varga 23. **7.** Louvemos, no sacrifício, Agni, o sábio, o observador da verdade, o radiante, o removedor de doença.
- 8.** Resplandecente Agni, sê o protetor daquele oferecedor de oblações que adora a ti, o mensageiro dos deuses.
- 9.** Sê propício, Pāvaka<sup>5</sup>, para aquele que, oferecendo oblações para a satisfação dos deuses, se aproxima de Agni.<sup>6</sup>
- 10.** Agni, o brilhante, o purificador, traze para cá os deuses para o nosso sacrifício, para as nossas oblações.
- 11.** Louvado com nosso mais novo hino, concede-nos riqueza e alimento, a fonte de progênie.
- 12.** Agni, brilhando com radiância pura, e carregado com todas as invocações dos deuses, sê satisfeito por esse nosso louvor.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 13 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 12. Agni (Griffith)

- 1.** Nós escolhemos Agni, o mensageiro, o arauto, mestre de toda riqueza,  
Bem hábil nesse nosso sacrifício.
- 2.** Com chamados eles sempre invocam Agni, Agni, Senhor da Casa,

<sup>1</sup> O comentador cita o *Taittirīya Brāhmaṇa*, em confirmação dessa função; Uśanas, o filho de Kavi, sendo o mensageiro dos *Asuras*.

<sup>2</sup> O original tem somente ‘sendo nascido’, isto é, sendo produzido artificialmente pela fricção de dois pedaços de um tipo específico de madeira, aquela da *Premna spinosa*, usada para o propósito.

<sup>3</sup> *Rākṣasas*.

<sup>4</sup> Isto é, o fogo *Āhavaniya*, no qual a oblação é derramada, é aceso pela aplicação de outro fogo, seja tirado do fogo doméstico, ou aceso por atrito.

<sup>5</sup> Um nome do fogo, ou *um* fogo; literalmente, ‘o purificador’.

<sup>6</sup> Esse verso deve ser repetido, quando o adorador se aproxima dos fogos *Āhavaniya* e *Gārhapatyā* combinados, para oferecer a oblação.

Portador de oblação, muito amado.

3. Traze os Deuses para cá, Agni, nascido, para aquele que espalha a erva sagrada; Tu és nosso arauto, digno de louvor.

4. Desperta os Deuses dispostos, visto que tu, Agni, cumpres o dever de mensageiro; Senta-te na grama sagrada com os Deuses.

5. Ó Agni, Radiante, para quem o óleo sagrado é derramado, queima Nossos inimigos a quem os demônios protegem.

6. Por Agni Agni é inflamado, Senhor da Casa, o sábio, o jovem,<sup>7</sup> que carrega O presente: a concha<sup>8</sup> é sua boca.

7. Louvemos Agni no sacrifício, o Sábio, cujos caminhos são sempre verdadeiros, O Deus que afasta aflição.

8. Senhor, Agni, sê a defesa forte daquele que, senhor dos presentes sacrificais,<sup>9</sup> Presta culto a ti o mensageiro.

9. Aquele que com presente sagrado chama alegremente Agni para o festim dos Deuses, Ó Purificador,<sup>10</sup> favorece-o.

10. Assim, Agni, purificador, brilhante, traze para o nosso sacrifício, Para a nossa oblação, traze os Deuses.

11. Louvado desse modo pela nossa mais nova canção de louvor traze opulência para nós, E alimentos, com heróis como nossos filhos.

12. Ó Agni, pela chama refulgente, por todas as invocações dos Deuses, Mostra satisfação nesse nosso louvor.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 13 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 12. Agni (Oldenberg)

MANDALA I, HINO 12.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 1, VARGA 22–23.

1. Nós escolhemos Agni como nosso mensageiro, o possuidor de tudo, como o Hotṛ desse sacrifício, o muito sábio.

2. Agni e Agni novamente eles chamaram constantemente com suas invocações, o Senhor dos clãs, o portador de oferendas, o amado de muitos.

3. Agni, quando nascido, conduze os deuses cá para aquele que espalhou a *Barhis* (grama sacrificial), tu és nosso Hotṛ, digno de ser magnificado.

4. Desperta-os, os dispostos, quando fores como mensageiro, ó Agni. Senta-te com os deuses na *Barhis*.

5. Ó tu, para quem oblações de Ghr̥ta são derramadas, (deus) resplandecente, queima contra os maldosos, ó Agni, contra os feiticeiros.

6. Por Agni Agni é aceso (ou, pelo fogo o fogo é aceso), o sábio, o dono da casa, o jovem, portador de oferendas, cuja boca é a colher sacrificial.

7. Louvemos Agni o sábio, cujas ordenanças para o sacrifício são verdadeiras, o deus que afasta a doença.

8. Sê o protetor, ó Agni, de um dono de alimentos sacrificais que adora a ti, ó Deus, como seu mensageiro.

---

<sup>7</sup> *Jovem*: como recém-nascido cada vez que o fogo é produzido.

<sup>8</sup> Usada para derramar a manteiga sacrificial no fogo.

<sup>9</sup> O rico patrocinador ou instituidor do sacrifício.

<sup>10</sup> *Pāvaka*.

9. Sê misericordioso, ó purificador, para o homem que é rico em alimento sacrificial, e que convida Agni para o banquete dos deuses.
10. Assim, ó Agni, purificador resplandecente, conduze os deuses para cá para nós, para o nosso sacrifício e nossa comida.
11. Elogiado desse modo por nós com o nosso novo hino *Gāyatra*, traze-nos abundância de alimentos e homens valentes.
12. Agni com teu esplendor luminoso está satisfeito, através de todas as nossas invocações dos deuses, com esse nosso louvor.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 13 \(Oldenberg\)](#)

## Hino 13. Āprīś (Wilson)

(Sūkta II)

O Ṛṣi e a métrica são os mesmos, mas o Hino é dirigido a uma variedade de divindades, ou objetos deificados, aos quais o nome geral Āprīś é aplicado. As primeiras cinco estrofes cantam várias formas de Agni; a sexta, as portas do salão de sacrifício; a sétima, manhã e noite; a oitava, dois sacerdotes divinos ou deificados; a nona, as deusas Iḷā, Sarasvatī, e Bharatī; a décima, Tvaṣṭṛ; a décima primeira, Vanaspati; a décima segunda, Svāhā. Eles são, todos, considerados como identificáveis ou conectados com Agni.<sup>1</sup>

- Varga 24. 1. Agni, que és Susamiddha,<sup>2</sup> invocador, purificador, traze os deuses para cá para os oferecedores da nossa oblação; e sacrifica.
2. Sábio (Agni), que és Tanūnapāt,<sup>3</sup> oferece, hoje, o nosso sacrifício de bom sabor para os deuses, para a alimentação deles.
3. Eu invoco o amado Narāśaṃsa,<sup>4</sup> o de língua doce, o oferecedor de oblações, para esse sacrifício.
4. Agni, (que és) Īḷita,<sup>5</sup> traze os deuses para cá, em uma carruagem de movimento rápido; pois tu és o invocador instituído pelos homens.
5. Espalhem, sacerdotes eruditos, a grama sagrada,<sup>6</sup> bem amarrada junto (em feixes), e borrifada com manteiga clarificada, a imagem da ambrosia.
6. Que as portas brilhantes,<sup>7</sup> as aumentadoras do sacrifício, (até agora) não adentradas, sejam abertas; pois, certamente, o sacrifício deve ser feito hoje.
- Varga 25. 7. Eu invoco as adoráveis noite e alvorada<sup>8</sup> para se sentarem sobre a erva sagrada, nesse nosso sacrifício.

<sup>1</sup> As Āprīś são, geralmente, enumeradas como doze, mas, às vezes, – omitindo um dos nomes do fogo, Narāśaṃsa, – apenas onze.

<sup>2</sup> ‘O completamente aceso’.

<sup>3</sup> *Tanūnapāt*: o devorador de manteiga clarificada (*tanūnapa*); ou, de acordo com outra etimologia, o consumidor da sua própria substância (*tānu*) ou combustível. *Napāt* ocorre, no *Nighaṇṭu*, como um sinônimo de filho ou prole, mas, nesse composto, o segundo membro é considerado como *ad*, que come, ou *pā*, que preserva, – o último, com *na* prefixado, *napāt*, que não preserva, que destrói.

<sup>4</sup> Aquele a quem homens (*narāh*) louvam (*śansanti*).

<sup>5</sup> ‘O adorado’.

<sup>6</sup> É dito que *Barhis*, aqui, também é um nome de Agni. O significado duplo permeia a frase conclusiva, na qual (na qual grama, ou na qual Agni) é a aparência da ambrosia, *amṛita-darśanam*; *amṛita* significando a manteiga clarificada borrifada sobre a grama, ou o imortal Agni.

<sup>7</sup> As portas do aposento no qual a oblação é para ser oferecida; ditas serem personificações de Agni.

<sup>8</sup> De acordo com o significado comum de *nakta* e *uṣas*. Mas elas, segundo o comentador, denotam, nesse lugar, duas formas do fogo, que presidem aqueles períodos.

8. Eu chamo os dois eloquentes, divinos, e sábios invocadores (dos deuses), para que eles possam celebrar esse nosso sacrifício.
9. Que as três deusas imperecíveis, concessoas de alegria, *Īā*, *Sarasvatī*, *Mahī*,<sup>9</sup> sentem-se sobre a grama sagrada.
10. Eu invoco o principal e multiforme *Tvaṣṭr*,<sup>10</sup> que ele seja, exclusivamente, nosso.
11. Oferece, divino *Vanaspati*,<sup>11</sup> a nossa oblação para os deuses; e que o verdadeiro conhecimento seja (a recompensa) do doador.
12. Realizem o sacrifício transportado através de *Svāhā*<sup>12</sup> para Indra, na casa do adorador. Portanto eu chamo os deuses para cá.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 14 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 13. Agni (Griffith)

1. Agni, bem aceso, traz os Deuses para aquele que oferece presentes sagrados.<sup>13</sup>  
Adora-os, purificador, Sacerdote.
2. Filho de Ti mesmo,<sup>14</sup> apresenta, ó Sábio, nosso sacrifício aos deuses hoje.  
Doce para o paladar, que eles se regalem.
3. O caro *Narāśaṃsa*,<sup>15</sup> de língua doce, o dador de oblações, eu  
Invoco para esse nosso sacrifício.
4. Agni, glorificado, em teu carro mais ligeiro, traz os deuses para cá;  
*Manu*<sup>16</sup> te nomeou como Sacerdote.
5. Espalhem, ó sábios, a erva sagrada que pinga com óleo, na devida ordem,  
Onde o Imortal<sup>17</sup> é contemplado.
6. Que sejam abertas as Portas Divinas, infalíveis, que ajudam o rito,  
Para o sacrifício hoje e agora.
7. Eu chamo as adoráveis Noite e Alvorada para que elas se sentem na grama sagrada  
Nesse nosso sacrifício solene.
8. Os dois Invocadores<sup>18</sup> eu convido, os sábios, divinos e de linguagem agradável

---

<sup>9</sup> É dito que *Mahī* é um sinônimo de *Bharatī*, como se depreende a partir de uma passagem análoga onde os nomes se encontram *Īā*, *Sarasvatī*, *Bharatī*. Essas são, também, designadas, pelo comentador, como personificações de Agni; elas são, igualmente, chamadas de três chamas de fogo personificadas. Como deusas, a primeira, *Īā*, é a terra, a noiva de *Viṣṇu*; *Sarasvatī* é, como sempre, a deusa da eloquência, e esposa de *Brahmā*; a terceira, sinônimo de palavra, é chamada de a esposa de *Bharata*, um dos *Ādityas*: mas essas personificações mitológicas são de um período pós-védico.

<sup>10</sup> *Tvaṣṭr*, no sistema popular, é identificado com *Viśvakarma*, o artífice dos deuses; e ele parece possuir alguns atributos dessa natureza nos *Vedas*, sendo chamado de o fabricante do vaso ou concha sacrificial original. Um texto do *Veda* é também citado, que atribui a ele a disposição das formas de animais em pares. Ele é, além disso, um dos doze *Ādityas*, e aqui é dito ser um Agni.

<sup>11</sup> Senhor das florestas, geralmente uma grande árvore; aqui, dito ser um Agni, como se o combustível e a queima dele fossem considerados como sendo o mesmo.

<sup>12</sup> *Svāhā* [Salve! Bênção!], como a exclamação usada ao derramar a oblação no fogo, também pode ser identificada com Agni.

<sup>13</sup> Isto é, para o instituidor de um sacrifício.

<sup>14</sup> *Tanūnapāt*. Esse é um nome de Agni que ocorre frequentemente, assim chamado porque o fogo é às vezes autogerado, como no relâmpago, ou produzido por atrito, e não necessariamente derivado de outro fogo. Outras derivações fantasiosas são dadas.

<sup>15</sup> 'Louvor dos Homens' é um dos nomes místicos de Agni.

<sup>16</sup> *Manu* é o homem por excelência, ou o homem representante e pai da raça humana, considerado como o primeiro instituidor de sacrifícios e cerimônias religiosas.

<sup>17</sup> De acordo com *Sāyaṇa*, ou a manteiga clarificada ou Agni o Deus.

Para celebrar esse nosso sacrifício.

**9.** *Ilā*,<sup>19</sup> *Sarasvatī*, *Mahī*,<sup>20</sup> três deusas que trazem deleite,

Sentem-se, serenas, na grama.

**10.** *Tvaṣṭar*<sup>21</sup> eu chamo, o mais antigo nascido, utente de todas as formas à vontade:

Que ele seja nosso e só nosso.

**11.** Deus, Soberano da Floresta, apresenta essa nossa oferta para os Deuses,

E que o doador seja renomado.

**12.** Com *Svāhā* prestem o sacrifício para Indra na casa do ofertante:

Eu chamo os Deuses para cá.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 14 \(Griffith\)](#)

### Hino 13. Hino Āprī (Oldenberg)

MAṄDALA I, HINO 13.

AṢṬAKA I, ADHYĀYA 1, VARGA 24–25.

**1.** Estando bem aceso, ó Agni, nos traze para cá os deuses para o homem rico em alimento sacrificial, ó *Hotṛ*, purificador, e realiza o sacrifício.

**2.** *Tanūnapāt!* faze o nosso sacrifício rico em mel e leva-o para os deuses hoje, ó sábio, para que ele possam se banquetear.

**3.** Eu invoco aqui nesse sacrifício *Narāśaṃsa*, o amado, o preparador, de língua de mel, do alimento sacrificial.

**4.** Ó magnificado Agni! Conduze os deuses para cá em um carro de movimento rápido. Tu és o *Hotṛ* instituído por *Manus*<sup>22</sup>.

**5.** Espalhem, ó homens meditativos, na devida ordem a grama sacrificial, cujo verso (ou superfície) está borrifada com manteiga, na qual a aparência da imortalidade (é vista).

**6.** Que as divinas portas se abram, as aumentadoras de *Ṛta*, que não se unam, que hoje, que agora o sacrifício possa prosseguir.

**7.** Eu invoco aqui nesse sacrifício a Noite e a Alvorada, as deusas lindamente enfeitadas, para que elas possam se sentar sobre essa nossa grama sacrificial.

**8.** Eu invoco os dois *Hotṛs* divinos, os sábios de línguas belas. Que eles possam realizar esse sacrifício para nós.

**9.** *Ilā* ('Nutrição'), *Sarasvatī*, e *Mahī* ('a Grandiosa'), as três deusas que dão conforto, as que não falham, se sentarão na grama sacrificial.

**10.** Eu chamo aqui o principal, *Tvaṣṭṛ* de todas as formas para vir para cá; que ele seja só nosso.

**11.** Ó árvore<sup>23</sup>, que o alimento sacrificial vá, ó Deus, aos deuses. Que o esplendor do doador seja o mais notável.

<sup>18</sup> Parece incerto quem são esses dois invocadores ou sacerdotes, se Agni ou *Āditya*, ou Agni e *Varuṇa*, ou *Varuṇa* e *Āditya*. Veja M. Müller, *A History of Ancient Sanskrit Literature*, p. 464.

<sup>19</sup> *Ilā*: a deusa da fala sagrada e ação.

<sup>20</sup> 'A grande' (deusa), dita ser idêntica a *Bhāratī*, também uma deusa da fala.

<sup>21</sup> O Hefesto, ou Vulcano, do panteão indiano, o artista ideal, o artesão divino, o mais hábil dos artífices, versado em todos os dispositivos extraordinários e admiráveis.

<sup>22</sup> *Manurhita*, 'instituído por *Manus*', não por homens. Veja Bergaigne, *Religion Védique*, I, 6, 5 seq.

<sup>23</sup> Parece-me evidente que a árvore, ou, para traduzir mais literalmente, o senhor da floresta (*vanaspati*) invocado nesse verso *Āprī* só pode ser o poste sacrificial (*yūpa*) ao qual a vítima era amarrada antes de ser morta. O *yūpa* é chamado de *vanaspati* no *Rg-Veda* (3, v. 8), bem como nos textos védicos mais modernos (por exemplo, *Taittirīya Saṃhitā*, I, 3, 6, 1).

12. Ofereçam o sacrifício com a palavra Svāhā para Indra na casa do sacrificador. Para esse lugar eu chamo os deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 26 \(Oldenberg\)](#)

## Hino 14. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi e a métrica não mudam; mas o Hino é endereçado aos Viśvedevas.

Varga 26. 1. Vem, Agni, para nossa adoração, e para nossos louvores, com todos esses deuses, para beber o suco *Soma*; e (tu) oferece sacrifício.

2. Os Kaṇvas<sup>1</sup> te chamam, Agni sábio, e louvam tuas façanhas. Vem, Agni, com os deuses.

3. Sacrifica, Agni, para Indra, Vāyu, Bṛhaspati, Mitra, Agni, Pūṣan, e Bhaga, os Ādityas, e a tropa de Maruts.<sup>2</sup>

4. Por todos vocês esses sucos são derramados, satisfatórios, estimulantes, doces, caindo em gotas, ou coletados em conchas.

5. Os sacerdotes sábios, desejosos da proteção (dos deuses), tendo espalhado a grama sagrada, oferecendo oblações, e oferecendo ornamentos, te glorificam.

6. Que os corcéis que te transportam, de costas lustrosas<sup>3</sup> e arreados à vontade, tragam os deuses para beber o suco *Soma*.

Varga 27. 7. Agni, faz aqueles objetos de veneração, aumentadores de atos piedosos, (participantes da oferenda), junto com suas esposas;<sup>4</sup> dá a eles, de língua brilhante, para beber do suco *Soma*.

8. Que aqueles objetos de veneração e de louvor bebam, com tua língua, do suco *Soma*, no momento da libação.

9. Que o sábio invocador (dos deuses) traga para cá, da (esfera) brilhante do sol,<sup>5</sup> todas as divindades, que despertam com a alvorada.

10. Com todos os deuses, com Indra, Vāyu e as glórias de Mitra,<sup>6</sup> bebe, Agni, o doce suco *Soma*.

11. Tu, Agni, designado, pelo homem, como o invocador (dos deuses), estás presente em sacrifícios. Oferece essa nossa libação.

12. Une, divino Agni, tuas éguas velozes e poderosas, Rohits,<sup>7</sup> à tua carruagem; e por meio delas, traze os deuses para cá.

<sup>1</sup> Os Kaṇvas propriamente denotam os descendentes, ou os discípulos, do Ṛṣi Kaṇva; mas o comentador limitaria o termo, aqui, ao sentido de sábios, ou de sacerdotes oficiantes.

<sup>2</sup> “Sacrifica, Agni, para” é fornecido pelo comentário; pois o verso contém apenas os nomes no caso objetivo. A maioria desses já ocorreu. Mitra, Pūṣan e Bhaga são formas do Sol, ou Ādityas, especificados individualmente, assim como a classe de Ādityas, ou Sóis, nos doze meses do ano. Porque Vṛhaspati ou Bṛhaspati, o preceptor espiritual dos deuses, deve ser inserido não é explicado.

<sup>3</sup> As costas deles brilhando com, ou de, *ghee*, ou manteiga clarificada: diz o comentário, com a qual os cavalos são alimentados.

<sup>4</sup> *Patnīvatah*: tendo suas esposas.

<sup>5</sup> Literalmente: do brilho do Sol.

<sup>6</sup> Com os raios, ou, de acordo com o comentador, as várias formas de Mitra.

<sup>7</sup> Elas são chamadas de *Rohits*, o que pode significar vermelho. O *Nighaṇṭu* define o termo como o nome dos cavalos de Agni.

## Hino 14. Visvedevas (Griffith)

1. Para beber o Soma, Agni, vem, para o nosso serviço e nossas músicas  
Com todos esses deuses; e os adora.
2. Os Kaṇvas te invocaram; eles, ó Cantor, cantam canções de louvor a ti.  
Agni, vem para cá com os deuses;
3. Indra, Vāyu, Bṛhaspati,<sup>8</sup> Mitra, Agni, Pūṣan,<sup>9</sup> Bhaga,<sup>10</sup>  
Ādityas,<sup>11</sup> e a hoste Marut,
4. Para vocês são derramados esses sucos que alegram e divertem,  
As gotas de hidromel que repousam na taça.
5. Os filhos de Kaṇva desejosos de ajuda te adoram, tendo espalhado a grama,  
Com oferendas e todas as coisas preparadas.
6. Que os corcéis velozes que te carregam, jungidos com pensamento e gotejando óleo  
sagrado, tragam os deuses para a dose de Soma.
7. Adorados, os fortalecedores da Lei, une-os, Agni, com suas Damas;<sup>12</sup>  
Faze-os beberem o hidromel, ó de língua brilhante.
8. Que eles, ó Agni, que merecem adoração e louvor bebam com tua língua  
O hidromel em sacrifício solene.
9. De longe, do reino de luz do Sol, o Sacerdote sábio invocador<sup>13</sup> trará  
Todos os Deuses que despertam com o amanhecer.
10. Com todos os deuses,<sup>14</sup> com Indra, com Vāyu, e esplendores de Mitra, bebe,  
Agni, o suco Soma agradável.
11. Ordenado por Manu<sup>15</sup> como nosso Sacerdote, tu tens assento, Agni, em todo rito:  
Consagra esse nosso sacrifício.
12. Arreia as Éguas Vermelhas ao teu carro, as Baias, ó Deus, as flamejantes:  
Com elas traze os Deuses para cá.

<sup>8</sup> Bṛhaspati, 'alternando com Brahmaṇaspati é o nome de um deus em quem a ação do adorador sobre os deuses é personificada. Ele é o suplicante, o sacerdote que intercede com os Deuses em nome dos homens, e os protege contra os maus. Por isso ele aparece como o arquétipo dos sacerdotes e da classe sacerdotal, e é também designado como o Purohita da comunidade divina'. J. Muir – *Original Sanskrit Texts*; V. 272.

<sup>9</sup> Pūṣan é um deus que protege e multiplica o gado e as posses humanas em geral. Em posição ele é um deus solar, vê o universo inteiro, e é um guia em estradas e jornadas.

<sup>10</sup> Bhaga, o Senhor bondoso e protetor, é considerado como o conessor de riqueza.

<sup>11</sup> Ādityas. 'Lá (no mais alto céu) residem e reinam aqueles Deuses que têm em comum o nome de Ādityas. Nós devemos, entretanto, se nós queremos descobrir seu caráter mais antigo, abandonar as concepções que, em uma época posterior, e até naquela dos poemas heroicos, foram nutridas a respeito dessas divindades. De acordo com essa concepção eles eram doze deuses do Sol, fazendo alusão evidente aos doze meses. Mas para o período mais antigo nós devemos considerar firmemente a significação primária do nome deles. Eles são os seres invioláveis, imperecíveis, eternos. Aditi, eternidade ou a eterna, é o elemento que os sustenta e é sustentada por eles... O elemento eterno e inviolável no qual os Ādityas residem, e que forma a essência deles, é a luz celestial... Os Ādityas, os deuses dessa luz, portanto não correspondem de nenhuma maneira com alguma das formas nas quais a luz é manifestada no universo. Eles não são nem sol, nem lua, nem estrelas, nem aurora, mas os eternos sustentadores dessa vida luminosa, que existe, por assim dizer, por trás de todos esses fenômenos'. Roth, citado por Muir, *Original Sanskrit Texts*, V. p. 56.

<sup>12</sup> Isto é, faze-os (virem) com suas consortes.

<sup>13</sup> Agni, que chama os Deuses.

<sup>14</sup> *Todos os deuses*, ou Viśvedevas; veja o Hino 3, n. 5.

<sup>15</sup> *Manu*: veja o Hino 13, v. 4, n. 16.

## Hino 15. Ṛtu (Wilson)

(Sūkta IV)

O Ṛṣi e a métrica são os mesmos; o deus é Ṛtu<sup>1</sup>; associado, em cada estrofe, com alguma divindade mais familiarmente conhecida.

- Varga 28. **1.** Indra, bebe, com Ṛtu, o suco *Soma*. Que as gotas satisfatórias entrem em ti, e lá permaneçam.
- 2.** Maruts, bebam, com Ṛtu, do vaso sacrificial: consagrem o rito; pois vocês são generosos.
- 3.** Neṣṭṛ,<sup>2</sup> com tua esposa, recomenda nosso sacrifício para os deuses: bebe, com Ṛtu; pois tu és possuidor de riquezas.
- 4.** Agni, traze os deuses para cá; organiza-os em três lugares;<sup>3</sup> decora-os, bebe com Ṛtu.
- 5.** Bebe o suco *Soma*, Indra, do vaso precioso do Brāhmaṇa,<sup>4</sup> depois de Ṛtu, por quem tua amizade é ininterrupta.
- 6.** Mitra e Varuṇa, propícios a atos virtuosos, estejam presentes, com Ṛtu, em nosso sacrifício, eficaz, e não perturbado (por inimigos).
- Varga 29. **7.** (Os sacerdotes), desejosos de riqueza, segurando pedras<sup>5</sup> em suas mãos, louvam o divino (Agni), Draviṇodas,<sup>6</sup> nos sacrifícios primários e secundários.<sup>7</sup>
- 8.** Que Draviṇodas nos dê riquezas das quais se ouça falar. Nós as pedimos para os deuses.
- 9.** Draviṇodas deseja beber, com os Ṛtus, da taça do Neṣṭṛ.<sup>8</sup> Apressem-se, (sacerdotes, para o salão de oferenda); ofereçam a oblação, e partam.
- 10.** Já que, Draviṇodas, nós te adoramos, pela quarta vez,<sup>9</sup> junto com as Ṛtus, portanto sê um benfeitor para nós.
- 11.** Áśvins, realizadores de atos virtuosos, brilhantes com fogos sacrificais, aceitantes, com as Ṛtus, do sacrifício, bebam a bebida doce.
- 12.** Concessor de recompensas, (Agni), sendo identificado com o fogo doméstico, e participante, com Ṛtu, do sacrifício, cultua os deuses, em nome do adorador deles.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 16 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Ṛtu* é, propriamente, uma estação, um sexto do ano hindu, mas é, aqui, personificado como uma divindade.

<sup>2</sup> Neṣṭṛ é outro nome de Tvaṣṭṛ, por ele ter assumido, é dito, em alguma ocasião, a função do Neṣṭṛ, ou sacerdote assim denominado, em um sacrifício.

<sup>3</sup> Ou nas três cerimônias diárias, - ao amanhecer, ao meio-dia e ao pôr do sol, - ou nos três fogos acesos em sacrifícios, o *Āhavanīya*, *Dākṣiṇa*, e *Gārhapatya*.

<sup>4</sup> O texto obscuro é, literalmente: 'da riqueza bramânica,' mas o primeiro termo é explicado como um recipiente caro ou opulento, e o último, relativo ao *Brāhmaṇāchchhansī*, que é um dos dezesseis sacerdotes empregados em sacrifícios; correspondendo, na segunda divisão de quatro, ao *Brahmā* na primeira: e, talvez, sua função seja segurar alguma concha, ou vaso, no qual a oferenda é apresentada, ou no qual a parte não gasta é removida; porque dele é dito: "a relação é a concha que tem as sobras".

<sup>5</sup> Para esmagar a planta *Soma*.

<sup>6</sup> Draviṇodas é um epíteto ou título de Agni, como o dador (*das*) de riqueza, ou de força (*draviṇa*).

<sup>7</sup> No *adhvara* e nos *yajñas*, o primeiro é dito ser a cerimônia primária ou essencial, como o *Agniṣṭoma*, o segundo, as cerimônias modificadas, como a *Ukthya*, que é, em outra parte, chamada de uma oferenda com suco *Soma*.

<sup>8</sup> Um dos dezesseis sacerdotes oficiantes.

<sup>9</sup> Isto é, Draviṇodas já foi celebrado em quatro estrofes.

---

## Hino 15. Ṛtu (Griffith)

1. Ó Indra, bebe o suco Soma com Ṛtu, que as gotas que animam Afundem profundamente, que se estabeleçam lá.
2. Bebam do cálice do Purificador,<sup>10</sup> Maruts, com Ṛtu; santifiquem O rito, pois vocês dão presentes preciosos.
3. Ó Neṣṭar, com tua Dama aceita nosso sacrifício, bebe com Ṛtu, Pois tu és aquele que dá riqueza.
4. Traze os Deuses, Agni, coloca-os nos três locais indicados; Circunda-os, e bebe com Ṛtu.
5. Bebe Soma, depois dos Ṛtus, da generosidade do Brāhmaṇa: não dissolvido, Ó Indra, é o laço da tua amizade.
6. Mitra, Varuṇa, vocês cujos caminhos são firmes, – um Poder que ninguém engana –, Com Ṛtu vocês chegaram ao rito.
7. Os espremedores de Soma, ansiosos por riqueza, louvam o Concessor de riqueza no rito, Em sacrifícios louvam o Deus.
8. Que o Dador de riqueza conceda a nós riquezas que serão muito famosas. Essas coisas nós ganhamos, entre os deuses.
9. Ele, o Concessor de Riqueza, com Ṛtu beberia ávido da taça do Neṣṭar. Apressem-se, deem sua oferenda, e partam.
10. Como nós esta quarta vez,<sup>11</sup> Concessor de Riqueza, te honramos com as Ṛtus, sê Um Doador generoso para nós.
11. Bebam o hidromel, ó Áśvins brilhantes com chamas, cujos atos são puros, que com Ṛtus aceitam o sacrifício.
12. Com Ṛtu, através do fogo doméstico,<sup>12</sup> Tu, bondoso Doador, guia o sacrifício: Adora os deuses para o homem piedoso.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 16 \(Griffith\)](#)

---

<sup>10</sup> O recipiente sacrificial do Potar, ou Purificador, que derrama no fogo a libação para os Maruts.

<sup>11</sup> Agni, como Draviṇodās ou concessor de riqueza, foi até agora celebrado em quatro estrofes em vez do usual *trca* ou terceto; ou nós podemos traduzir com Ludwig, ‘Como nós em quatro lugar’, Agni sendo o quarto na invocação (Indra, Maruts, Tvaṣṭar, Agni).

<sup>12</sup> O *gārhapatya* é o fogo sagrado mantido perpetuamente pelo chefe de família; o fogo a partir do qual fogos para propósitos sacrificais são acesos.

## Hino 16. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

O R̥ṣi e a métrica continuam; o deus é Indra.

- Varga 30. **1.** Indra, que teus corcéis te tragam para cá, concessor de desejos, para beber o suco *Soma*; que (os sacerdotes) radiantes como o sol, (te façam manifesto).
- 2.** Que os corcéis dele transportem Indra, em uma carruagem de movimento rápido, para cá, onde esses grãos (de cevada crestada), imersos em manteiga clarificada, estão espalhados (sobre o altar).
- 3.** Nós invocamos Indra, no rito matutino; nós o invocamos, no sacrifício seguinte; nós invocamos Indra para beber o suco *Soma*.<sup>1</sup>
- 4.** Vem, Indra, para a nossa libação, com teus corcéis de crina longa. A libação sendo derramada, nós te chamamos.
- 5.** Aceita esse nosso louvor, e vem para esse nosso sacrifício, para o qual a libação está preparada: bebe, como um veado sedento.<sup>2</sup>
- Varga 31. **6.** Esses sucos *Somas* gotejantes são derramados na erva sagrada. Bebe-os, Indra, para reabastecer teu vigor.
- 7.** Que esse nosso hino excelente, tocando teu coração, seja agradável para ti; e, por isso, bebe a libação derramada.
- 8.** Indra, o destruidor de inimigos, se dirige, seguramente, para toda cerimônia onde a libação é vertida, para beber o suco *Soma*, para regozijo (dele).
- 9.** Śatakṛatu, realiza nosso desejo, com (a doação de) gado e cavalos. Meditando profundamente, nós te glorificamos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 17 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 16. Indra (Griffith)

- 1.** Que teus Cavalos Baios tragam a ti, o Forte, para cá para beber a dose de Soma - Aqueles, Indra, que são brilhantes como sóis.<sup>3</sup>
- 2.** Aqui estão os grãos borrifados com óleo: que os velozes Cavalos Baios tragam para cá Indra sobre seu carro mais ligeiro.
- 3.** Indra nós chamamos de manhã cedo, Indra no decorrer do sacrifício, Indra para beber o suco Soma.
- 4.** Vem para cá, com teus Corcéis de crina longa, ó Indra, para ele nós derramamos a bebida. Nós te chamamos quando o suco é derramado.
- 5.** Vem para essa nossa canção de louvor, para a libação derramada por ti Bebe dela como um veado<sup>4</sup> sedento.
- 6.** Aqui estão as gotas de suco Soma espremidas na grama sagrada: Bebe delas, Indra, para aumentar teu poder.

---

<sup>1</sup> Embora não citada mais particularmente, a especificação implica a adoração matutina, do meio-dia, e vespertina.

<sup>2</sup> Como o *gaura*, dito ser uma espécie de veado. [Veja a nota 4.]

<sup>3</sup> Sāyaṇa entende que isso se refere aos sacerdotes.

<sup>4</sup> Como um Gauro (Bos Gaurus), uma espécie de búfalo. 'Bebe como um búfalo sedento' seria talvez uma versão mais estritamente correta.

7. Bem recebido por ti seja esse nosso hino, chegando ao teu coração, mais excelente; Então bebe o suco Soma espremido.
8. Para cada dose de suco espremido Indra, o matador de Vṛtra, vai, Beber o Soma em busca de leite.
9. Realiza, ó Śatakṛatu, todos os nossos desejos com cavalos e gado; Com pensamentos santos nós cantamos teu louvor.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 17 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 17. Indra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta VI)

Métrica e Ṛṣi, como antes; deuses, Indra e Varuṇa, conjuntamente.

- Varga 32. 1. Eu busco a proteção dos dois governantes soberanos, Indra e Varuṇa. Que eles, ambos, nos favoreçam conseqüentemente;
2. Pois vocês estão sempre prontos, guardiões da humanidade, a conceder proteção, ao apelo de um ministro como eu.
3. Satisfaçam-nos com riqueza, Indra e Varuṇa, de acordo com nossos desejos. Nós os desejamos sempre perto de nós.
4. As (libações) misturadas dos nossos ritos religiosos, as (louvações) misturadas dos nossos (sacerdotes) honrados (estão preparadas). Que nós estejamos (incluídos) entre os doadores de alimento.
5. Indra é um doador entre os doadores de milhares; Varuṇa deve ser louvado entre aqueles que são dignos de louvor.
- Varga 33. 6. Através da proteção deles nós desfrutamos (de riquezas), e as empilhamos; e, ainda, há abundância.
7. Eu chamo vocês dois, Indra e Varuṇa, por opulência múltipla. Façam-nos vitoriosos (sobre nossos inimigos).
8. Indra e Varuṇa, concedam rapidamente felicidade para nós; pois nossas mentes são devotadas a vocês dois.
9. Que o louvor fervoroso que eu ofereço a Indra e Varuṇa chegue a vocês dois, – aquele louvor conjunto que vocês, (aceitando,) dignificam.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 18 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 17. Indra-Varuṇa (Griffith)

1. Eu peço ajuda dos Senhores Supremos, de Indra-Varuṇa;<sup>1</sup> que Os dois favoreçam um de nós como eu.
2. Guardiões da humanidade, vocês sempre vêm com socorro pronto ao apelo De todo cantor como eu.
3. Satisfaçam, de acordo com seu desejo, ó Indra-Varuṇa, com riqueza;

---

<sup>1</sup> Indra o Herói e Varuṇa o Rei são abordados conjuntamente como um deus dual, Indrāvaruṇa. Os mais proeminentes dos outros deuses duais são Agni-Soma, Indra-Vāyu, Indra-Agni, Indra-Bṛhaspati, Indra-Soma, Mitra-Varuṇa, Indra-Pūṣan, Indra-Viṣṇu, Dyaus-Prthivī e Soma-Rudra.

Nós almejamos tê-los mais perto de nós.

4. Que nós sejamos participantes dos poderes, participantes da benevolência  
De vocês que dão força generosamente.

5. Indra e Varuṇa, entre os doadores de milhares, dignos de glorificação,  
São Poderes que merecem o maior louvor.

6. Por meio da proteção deles que nós ganhamos grande suprimento de riqueza, acumulada  
O suficiente e ainda de sobra, seja nossa.

7. Ó Indra-Varuṇa, a vocês por riqueza em muitas formas eu chamo  
Continuamente nos mantenham vitoriosos.

8. Ó Indra-Varuṇa, por nossas canções que buscam conquistar vocês para nós mesmos,  
deem-nos imediatamente sua ajuda que acolhe.

9. Ó Indra-Varuṇa, que chegue a vocês o elogio amável que eu ofereço,  
Elogio conjunto que vocês dignificam.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 18 \(Griffith\)](#)

## Hino 18. Brahmanaspati (Wilson)

(Anuvāka 5. Sūkta I)

A métrica e o Ṛṣi são como nos precedentes. As primeiras cinco estrofes são dirigidas a Brahmanaspati, associado, na quarta, com Indra e Soma, e, na quinta, com eles e Dakṣiṇā; as três seguintes são endereçadas a Sadasaspati; e a nona, ao mesmo, ou Narāśamsa.

Varga 34. 1. Brahmanaspati,<sup>1</sup> torna o oferecedor da libação ilustre entre os deuses, como Kakṣivāt, o filho de Uśij.<sup>2</sup>

2. Que ele, que é opulento, o curador de doenças, o adquiridor de riquezas, o aumentador do alimento, o imediato (concessor de recompensas), seja favorável a nós.

3. Protege-nos, Brahmanaspati, de modo que nenhuma crítica caluniosa de um homem malevolente possa nos atingir.

4. O homem generoso a quem Indra, Brahmanaspati, e Soma protegem nunca perece.

5. Tu, Brahmanaspati, e vocês, Soma, Indra e Dakṣiṇā,<sup>3</sup> protejam aquele homem do pecado.

Varga 35. 6. Eu solicito inteligência de Sadasaspati<sup>4</sup>, o extraordinário, o amigo de Indra, o desejável, o caridoso;

7. Sem cuja ajuda o sacrifício até do sábio não é concluído; ele permeia a associação dos nossos pensamentos.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> O comentador não nos fornece relato da posição ou funções desse deus. A etimologia justificará a definição do Dr. Roth dele, como o deus da prece sagrada, ou, antes, talvez, do texto do *Veda*; mas se ele deve ser considerado como uma personificação distinta, ou como uma forma modificada de uma daquelas já reconhecidas, e, especialmente, de Agni, é duvidoso. Ele dar riqueza, curar doença, e promover nutrição, não são propriedades específicas dele; e ele ser associado com Indra e Soma, enquanto o torna distinto deles, deixa a ele Agni como seu arquétipo. Ele ser, de um modo especial, ligado com a oração aparece mais inteiramente em uma passagem subsequente, Hino 40. Agni é, em um grau específico, o deus do Brahman; e, de acordo com algumas afirmações, o Ṛg-veda é suposto proceder dele; uma noção, no entanto, a qual, segundo Medhātithi, o comentador sobre Manu, foi sugerida por sua abertura com o hino para Agni, *agnim īe*.

<sup>2</sup> Kakṣivāt era o filho de Dīrghatamas com Uśij, uma criada do rei Kalinga. [A história é encontrada em português no *Mahābhārata*, *Adi*, cap. 104; e no *Vāyu Purāṇa*, 2. 37, v. 63 e seguintes.]

<sup>3</sup> *Dakṣiṇā* é o presente feito aos brâmanes na conclusão de algum rito religioso, aqui personificado como uma divindade feminina.

<sup>4</sup> Propriamente, o mestre ou protetor (*Pati*) da assembleia (*sadas*); ele é, aqui, um nome de Agni. Ele é o amigo ou associado de Indra, visto que, nessa ocasião, compartilha das mesmas oblações.

8. Ele recompensa o oferecedor da oblação; ele leva o sacrifício à sua conclusão; (através dele) nossa invocação chega até os deuses.  
 9. Eu tenho visto Narāśaṃsa <sup>6</sup>, o mais resoluto, o mais renomado, e radiante como os céus.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 19 \(Wilson\)](#)

## Hino 18. Brahmaṇaspati (Griffith)

1. Ó Brahmaṇaspati, torna glorioso aquele que espreme Soma, Igual a Kakṣīvān Auśija.<sup>7</sup>  
 2. O rico, o curador de doença,<sup>8</sup> que dá riqueza, aumenta fartura, O rápido, – que ele esteja conosco continuamente.  
 3. Não deixes a maldição do inimigo, não deixes um ataque violento cair sobre nós Preserva-nos, Brahmaṇaspati.  
 4. Nunca é prejudicado o herói mortal a quem Indra, Brahmaṇaspati, E Soma<sup>9</sup> inspiram benevolentemente.  
 5. Ó Brahmaṇaspati, tu, e Indra, Soma, Dakṣiṇā, Protejam esse mortal do perigo.  
 6. Do maravilhoso Senhor da Assembleia, do adorável Amigo de Indra que dá Sabedoria, eu tenho me aproximado em oração.  
 7. Ele sem o qual nenhum sacrifício, mesmo do homem sábio, prospera, Ele incita a série de pensamentos.  
 8. Ele faz a oblação prosperar, ele promove o progresso do sacrifício; Nossa voz de louvor vai até os deuses.  
 9. Eu tenho visto Narāśaṃsa, ele o mais resoluto, o mais amplamente famoso Por assim dizer o Sacerdote Familiar<sup>10</sup> do céu.<sup>11</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 19 \(Griffith\)](#)

<sup>5</sup> *Dhīnām yogham invati*; o que pode significar ‘ele permeia a associação de nossas mentes’, ou ‘os objetos de nossos atos virtuosos’; porque *dhī* significa ou *buddhi*, compreensão, como sempre, ou tem o significado védico de *karma*, ato.

<sup>6</sup> Esse já ocorreu (no Hino 13. 3) como um nome de Agni, e confirma a aplicação de *Sadasaspati* e *Brahmaṇaspati* ao mesmo deus.

<sup>7</sup> Kakṣīvān, chamado de Auśija, ou filho de Uśij, foi um renomado Ṛṣi ou vidente, da família de Pajra, e o autor de vários dos hinos do Ṛgveda.

<sup>8</sup> Isto é, Brahmaṇaspati.

<sup>9</sup> O Deus que representa e anima o suco da planta Soma. Ele era nos tempos antigos o Dionísio ou Baco indiano. ‘O povo ário de mente simples’, diz o professor Whitney, ‘cuja religião inteira era uma adoração dos poderes e fenômenos extraordinários da natureza, logo percebeu que esse líquido (o suco Soma) tinha o poder de elevar os espíritos, e produzir um frenesi temporário, sob a influência do qual o indivíduo ficava disposto a, e capaz de, atos além dos poderes naturais dele, que encontraram nele algo divino: ele era para a sua compreensão um deus, dotando aqueles em quem ele entrava com poderes divinos; a planta que proporcionava isso se tornou para eles o rei das plantas; o processo de prepará-la tornou-se um sacrifício sagrado. A grande antiguidade desse culto é atestada pelas referências a ele encontradas ocorrendo no Avesta persa’. Veja Muir, *Original Sanskrit Texts*, V. 258.

<sup>10</sup> *Sádmamakhasam*; de acordo com Sāyaṇa, ‘radiante como os céus’; de acordo com Ludwig, ‘como alguém que lutou para ganhar lugar no céu’.

<sup>11</sup> O significado parece ser: por meio da minha invocação e louvor eu tenho alcançado os Deuses, e com a visão do espírito tenho contemplado Agni no céu.

## Hino 19. Agni e Maruts (Wilson)

(Sūkta II)

A métrica e o Ṛṣi são os mesmos; Agni e os Maruts são as divindades.

- Varga 36. **1.** Fervorosamente tu és chamado para esse rito perfeito, para beber o suco *Soma*. Vem, Agni, com os Maruts.
- 2.** Nem deus nem homem tem poder sobre um rito (dedicado) a ti que és poderoso. Vem, Agni, com os Maruts.
- 3.** Que são todos<sup>1</sup> divinos, e desprovidos de malignidade, que sabem (como causar a descida) das grandes águas;<sup>2</sup> vem, Agni, com os Maruts.
- 4.** Que são violentos, e enviam chuva, e são insuperáveis em força; vem, Agni, com os Maruts.
- 5.** Que são brilhantes, de formas terríveis, que são possuidores de grande riqueza, e são devoradores dos malevolentes; vem, Agni, com os Maruts.
- Varga 37. **6.** Que são divindades que residem no céu radiante acima do sol; vem, Agni, com os Maruts.
- 7.** Que espalham as nuvens, e agitam o oceano (com ondas); vem, Agni, com os Maruts.
- 8.** Que se propagam (pelo firmamento), junto com os raios (do sol), e, com sua força, agitam o oceano; vem, Agni, com os Maruts.
- 9.** Eu derramo o doce suco *Soma*, para tu beberes, (como) antigamente. Vem, Agni, com os Maruts.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 20 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 19. Agni, Maruts (Griffith)

- 1.** A esse sacrifício auspicioso para beber a dose láctea tu és chamado;  
Ó Agni, vem com os Maruts.
- 2.** Nenhum homem mortal, nenhum Deus, supera o teu poder mental, ó Poderoso:  
Ó Agni, vem com os Maruts.
- 3.** Todos os Deuses desprovidos de malícia, que conhecem a imensa região do ar:  
Ó Agni, vem com aqueles Maruts.
- 4.** Os terríveis, que cantam sua canção, não conquistados pela força:  
Ó Agni, vem com aqueles Maruts
- 5.** Brilhantes, e terríveis em sua forma, poderosos, devoradores de seus inimigos:  
Ó Agni, vem com aqueles Maruts
- 6.** Que estão colocados como divindades no céu, acima da esfera da abóbada luminosa do firmamento: Ó Agni, vem com aqueles Maruts
- 7.** Que espalham nuvens sobre o céu, longe sobre o mar revolto:  
Ó Agni, vem com aqueles Maruts
- 8.** Que com seus raios brilhantes se espalham sobre o oceano com poder

---

<sup>1</sup> Pelo termo 'todos' deve-se entender as sete tropas de Maruts.

<sup>2</sup> Muitos textos atribuem aos Maruts, ou ventos, a principal ação na queda da chuva.

Ó Agni, vem com aqueles Maruts.

9. Para ti, para ser teu primeiro gole, eu derramo o hidromel misturado com Soma:

Ó Agni, vem com os Maruts.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 20 \(Griffith\)](#)

## Hino 19. Agni (o Deus do Fogo) e os Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MANDALA I, HINO 19.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 1, VARGA 36-37.

1. Tu és chamado a esse sacrifício auspicioso para um gole de leite;<sup>3</sup> com os Maruts vem para cá, ó Agni!
2. Nem deus de fato, nem mortal, está além do teu poder, o poderoso; com os Maruts vem para cá, ó Agni!
3. Eles que conhecem o grande céu,<sup>4</sup> os Viśve Devas,<sup>5</sup> sem malícia,<sup>6</sup> com aqueles Maruts vem para cá, ó Agni!
4. Os fortes que cantam sua canção,<sup>7</sup> inconquistáveis pela força; com os Maruts vem para cá, ó Agni!
5. Eles que são brilhantes, de formas terríveis, poderosos, e devoradores de inimigos; com os Maruts vem para cá, ó Agni!
6. Eles que no céu estão entronizados como deuses, na luz do firmamento; com os Maruts vem para cá, ó Agni!
7. Eles que agitam as nuvens através do mar revolto;<sup>8</sup> com os Maruts vem para cá, ó Agni!
8. Eles que se movem rapidamente com seus dardos (relâmpagos) sobre o mar com poder; com os Maruts vem para cá, ó Agni!
9. Eu derramo para ti para teu primeiro gole,<sup>9</sup> o doce (suco) de *Soma*; com os Maruts vem para cá, ó Agni!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 37 \(Müller\)](#)

<sup>3</sup> *Ghopīthā* é explicado por Yāska e Sāyaṇa como ‘beber do *Soma*.’ Eu mantive o sentido literal da palavra, ‘um gole de leite’. No último verso do nosso hino é dito que a libação oferecida a Agni e aos Maruts consiste em *Soma*, mas o *Soma* era geralmente misturado com leite.

<sup>4</sup> O céu ou firmamento é a própria residência dos Maruts, e ‘eles que conhecem’ quer dizer simplesmente ‘eles que residem’ no grande céu. Os poetas védicos geralmente distinguem entre os três mundos: a terra; o firmamento; e o céu.

<sup>5</sup> A denominação *viśve devā*, todos os deuses juntos, ou, mais corretamente, tropas de deuses, é aplicada frequentemente aos Maruts.

<sup>6</sup> Sem perfídia ou fraude, sem ódio.

<sup>7</sup> Sāyaṇa explica *arkā* como água. Por isso Wilson: ‘Que são violentos e mandam chuva’. Mas *arkā* só recebeu esse significado de água no sistema de interpretação artificial começado inicialmente pelos autores dos *Brāhmaṇas*, que tinham perdido todo o conhecimento do significado natural dos hinos antigos.

<sup>8</sup> Se o mar revolto é para ser considerado como o oceano ou como o ar depende da ideia que nós temos da cosmografia mais antiga dos *Ṛsis* védicos.

<sup>9</sup> *Pūrvapīti*, o primeiro gole, sugere ao mesmo tempo a prioridade do deus a quem ele é dado.

## Hino 20. Ṛbhus (Wilson)

(Segundo Adhyāya. Continuação do Anuvāka 5. Sūkta III)

Métrica e Ṛṣi, como antes; endereçado aos mortais deificados chamados Ṛbhus.

Varga 1. **1.** Esse hino, o concessor de riquezas, tem sido endereçado, pelos sábios, com suas próprias bocas, à (classe de) divindades que têm nascimento.<sup>1</sup>

**2.** Eles que criaram, mentalmente, para Indra, os cavalos que são atrelados pelas palavras dele, têm tomado parte no sacrifício realizado com atos sagrados.<sup>2</sup>

**3.** Eles construíram, para os Nāsatyas,<sup>3</sup> um carro veloz e que se move universalmente, e uma vaca que produz leite.<sup>4</sup>

**4.** Os Ṛbhus, proferindo preces infalíveis,<sup>5</sup> dotados de retidão, e bem sucedidos<sup>6</sup> (em todos os atos virtuosos), fizeram<sup>7</sup> jovens seus pais (idosos).

**5.** Ṛbhus, os sucos estimulantes são oferecidos a vocês, junto com Indra, acompanhado pelos Maruts, e junto com os brilhantes Ādityas.<sup>8</sup>

Varga 2. **6.** Os Ṛbhus dividiram em quatro a nova concha, o trabalho do divino Tvaṣṭṛ.<sup>9</sup>

**7.** Que eles, movidos por nossas orações, deem, para o oferecedor da libação, muitas coisas preciosas, e concluam os três vezes sete sacrifícios.<sup>10</sup>

<sup>1</sup> *Devāya janmane*, literalmente, ‘ao nascimento divino ou brilhante’; mas o comentador interpreta o último como *jāyamānāya*, sendo nascido, ou tendo nascimento; e o primeiro como *devasanghāya*, uma classe de divindades, isto é, os Ṛbhus, dos quais é somente dito que eles eram homens virtuosos que, através de penitência, obtiveram deificação. Graças à erudição e esforço de Félix Nève, da Universidade de Louvain, nós estamos totalmente familiarizados com a história e caráter dos Ṛbhus, como eles aparecem em diferentes partes dos *Rg Veda*. – *Essai sur le mythe des Ribhavas*. A origem e ações deles são, também, narradas na *Nīti-maṅjarī*, como também nas notas de Sāyaṇa nessa e outras passagens similares. Os Ṛbhus eram os três filhos de Sudhanvan, um descendente (a *Nīti-maṅjarī* diz um filho) de Aṅgiras, respectivamente chamados Ṛbhu, Vibhu, e Vāja, e intitulados, coletivamente, Ṛbhus, por causa do nome do mais velho. Através de sua assídua realização de boas obras eles obtiveram divindade, usavam poderes sobre-humanos, e obtiveram o direito de receber louvor e adoração. Supõe-se que eles residem na esfera solar; e há uma identificação vaga deles com os raios do sol; mas, sejam simbólicos, ou não, eles demonstram a admissão, em uma data antiga, da doutrina que homens podem se tornar deuses.

<sup>2</sup> O sentido parece ser que eles permearam, se apropriaram, ou aceitaram, o sacrifício oferecido com os usuais utensílios e observâncias.

<sup>3</sup> [Os Aśvins.]

<sup>4</sup> *Takṣan*, em vez de *ataṣan*; literalmente, eles cinzelaram, ou fabricaram. Assim, no verso anterior, eles esculpiram os cavalos de Indra. Lá é dito que eles fizeram isso mentalmente; mas, nesse verso, não há tal qualificação; e o significado do verbo implica formação mecânica. Os Ṛbhus podem ter sido os primeiros a tentar a representação corpórea desses suplementos de Indra e dos Aśvins.

<sup>5</sup> Isto é, as quais eram certas de obter os objetos pedidos.

<sup>6</sup> De acordo com o comentador: não encontrando oposição em todos os atos, através da eficácia dos seus *mantras* verdadeiros ou infalíveis.

<sup>7</sup> *Akrata*, de *kr*, fazer, em geral; não como antes, *ataṣan*, fazer mecanicamente.

<sup>8</sup> Conforme Āśvalāyana, como citado por Sāyaṇa, as libações oferecidas no terceiro sacrifício diário, (ou vespertino), são oferecidas para Indra, junto com os Ādityas, junto com Ṛbhu, Vibhu, e Vāja, com Bṛhaspati e os Viśvedevas.

<sup>9</sup> Tvaṣṭṛ, na mitologia purânica, é o carpinteiro ou artesão dos deuses; então Sāyaṇa diz, dele, que ele é um deus cujo dever, com relação aos deuses, é carpintaria. Se ele tem autoridade védica de um tipo mais decisivo que a alusão do texto não aparece. O mesmo pode ser dito de ele chamar os Ṛbhus de discípulos de Tvaṣṭṛ. O ato atribuído a eles, no texto, de fazer de uma concha quatro, tem, provavelmente, antes referência a alguma inovação nos objetos de libação, do que à mera multiplicação das colheres de madeira usadas para derramar o suco Soma. A *Nīti-maṅjarī* diz que Agni, chegando a um sacrifício que os Ṛbhus celebravam, tornou-se um deles, e, portanto, eles tornaram a concha quádrupla, para que cada um pudesse ter a sua parte.

8. Oferecedores (de sacrifícios), ele possuíam<sup>11</sup> (uma existência mortal); por meio de seus atos piedosos eles obtiveram uma parte dos sacrifícios com os deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 21 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 20. Ṛbhus (Griffith)

1. Para o Povo Celestial essa canção de louvor que dá riqueza profusamente Foi feita por cantores com seus lábios.
2. Eles que para Indra, com sua mente, formaram cavalos atrelados por uma palavra, Obtiveram por meio de obras o sacrifício.
3. Eles fizeram para os dois Nāsatyas um carro leve que se move de todas as maneiras: Eles formaram uma vaca que produz néctar.
4. Os Ṛbhus com orações eficazes, honestos, com trabalho constante, fizeram Seu Pai e Mãe<sup>12</sup> jovens novamente.
5. Juntos alcançaram suas gotas que alegram com Indra cercado pelos Maruts, Com os Ādityas, com os Reis.
6. A concha sacrificial, feita recentemente pela mão do Deus Tvaṣṭar – Quatro conchas vocês fizeram dela.
7. Concedam-nos riqueza, a ele que derrama três vezes sete libações,<sup>13</sup> sim, a cada um Deem riqueza, satisfeitos com nossos elogios.
8. Como Sacerdotes ministrantes eles possuíram, por atos piedosos eles ganharam, para si mesmos, uma parte no sacrifício com os deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 21 \(Griffith\)](#)

---

<sup>10</sup> *Trirā sāptāni*. O comentador considera que *trih* pode ser aplicado a coisas preciosas, como significando melhores, medianas, piores; ou a *sāptāni*, sete sacrifícios, como classificados em três categorias: uma classe consiste no *Agnyādheya*, sete cerimônias nas quais manteiga clarificada é derramada no fogo; uma classe consiste nos *Pākayajñas*, nos quais alimentos cozidos são oferecidos aos Viśvedevas e outros; e uma compreende a classe *Agniṣṭoma*, na qual libações de suco *Soma* são a oferta característica.

<sup>11</sup> *Adhārayanta*, eles possuíam, ou desfrutavam, é tudo o que o texto diz: o que eles possuíam não é especificado. O comentador completa com *prāṇān*, ares vitais, vida, e sua adição está em harmonia com outros textos. Sendo mortais, eles obtiveram imortalidade. Eles compartilham de sacrifícios é, também, afirmado repetidamente; [veja em 3. 60. 1b.]

<sup>12</sup> Céu e Terra, os quais eles, como deuses das estações, renovam e restauram à juventude.

<sup>13</sup> Ou o 'três vezes sete' pode se referir a *rātnāni*, concedam três vezes sete ricos tesouros.

## Hino 21. Indra e Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

Ṛṣi e métrica os mesmos; o Hino é endereçado a Indra e Agni.

- Varga 3. **1.** Eu chamo para cá Indra e Agni, para quem nós desejamos oferecer nosso louvor. Que eles que são, ambos, copiosos bebedores do suco *Soma*, (aceitem a libação).
- 2.** Glorifiquem, homens, Indra e Agni, em sacrifícios; os enfeitem (com ornamentos); e os louvem com hinos.
- 3.** Nós invocamos Indra e Agni, – para o benefício do nosso amigo (o instituidor do rito), – bebedores do suco *Soma*, para beber a libação.
- 4.** Nós chamamos os dois que são ferozes (para seus inimigos), para estarem presentes no rito onde a libação é preparada. Indra e Agni, venham para cá.
- 5.** Que aqueles dois, Indra e Agni, que são poderosos, e guardiões da assembleia, tornem os Rākṣasas inócuos; e que os devoradores (de homens) sejam desprovidos de descendência.
- 6.** Por esse sacrifício infalível vocês sejam tornados vigilantes, Indra e Agni, no lugar que fornece conhecimento (das consequências de atos); e nos concedam felicidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 22 \(Wilson\)](#)

## Hino 21. Indra-Agni (Griffith)

- 1.** Eu invoco Indra e Agni,<sup>1</sup> nós estamos ansiosos por sua canção de louvor; Ambos são os principais bebedores de Soma.
- 2.** Louvem, ó homens, e glorifiquem Indra-Agni nos ritos sagrados, Cantem louvores a eles em canções sagradas.
- 3.** Indra e Agni nós convidamos, os bebedores de Soma, pela fama De Mitra,<sup>2</sup> para a dose de Soma.
- 4.** Deuses fortes, nós os convidamos para vir para essa libação que está pronta aqui; Indra e Agni, venham até nós.
- 5.** Indra e Agni, poderosos senhores da nossa assembleia, esmaguem os demônios;<sup>3</sup> Que os devoradores sejam desprovidos de filhos.
- 6.** Vigiem, por meio dessa sua veracidade, lá no lugar de vista ampla<sup>4</sup> Indra e Agni, nos mandem felicidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 22 \(Griffith\)](#)

<sup>1</sup> Abordados conjuntamente como um deus dual, Indrāgni, isto é, Indra e Agni.

<sup>2</sup> O significado não está claro. Mitra parece ser considerado o guardião do mundo.

<sup>3</sup> Os Rākṣasas, demônios que vagam à noite, iludindo e até devorando seres humanos, perturbando sacrifícios e homens devotos, e geralmente hostis à tribo ária.

<sup>4</sup> Sāyaṇa explica 'no lugar que preeminentemente torna conhecida a experiência dos resultados (das ações), que é no céu (Svarga)'. No lugar onde o que está oculto será dado a conhecer.

## Hino 22. Ásvins e Outros (Wilson)

(Sūkta V)

O R̥ṣi e a métrica continuam; o Hino consiste em vinte e uma estrofes, que são dirigidas a uma variedade de divindades, ou, quatro, aos Ásvins; e quatro, a Savitr̥; as duas seguintes, a Agni; a décima primeira, às deusas, coletivamente; a décima segunda, às esposas de Indra, Varuṇa, e Agni; as duas seguintes, ao Céu e à Terra; a décima quinta, à Terra somente; e as seis últimas, a Viṣṇu.

Varga 4. **1.** Despertem os Ásvins, associados para o sacrifício da manhã. Que eles, ambos, venham para cá, para beber desse suco *Soma*.

**2.** Nós invocamos os dois Ásvins, que são, ambos, divinos, os melhores dos aurigas, que viajam em um carro excelente, e chegam ao céu.

**3.** Ásvins, mexam<sup>1</sup> o sacrifício com seu chicote que está molhado com a espuma (de seus cavalos), e chicoteando alto.

**4.** A residência do oferecedor da libação não se encontra muito longe de vocês, Ásvins, indo para lá em seu carro.

**5.** Eu chamo Savitr̥, o de mão dourada,<sup>2</sup> para me proteger; ele designará a posição dos adoradores.

Varga 5. **6.** Glorifiquem Savitr̥, que não é amigo da água,<sup>3</sup> para nossa proteção. Nós desejamos celebrar seu culto.

**7.** Nós invocamos Savitr̥, o iluminador dos homens, o dispensador de diversas riquezas que garantem lar.

**8.** Sentem-se, amigos, Savitr̥, de fato, deve ser adorado por nós; pois ele é o concessor de riquezas.

**9.** Ó Agni, traze para cá as amáveis esposas dos deuses, e Tvaṣṭr̥, para beberem o suco *Soma*.

**10.** Vigoroso Agni, traze para cá, para nossa proteção, as esposas (dos deuses), Hotrā, Bhāratī, Varūtrī, Dhiṣaṇā.<sup>4</sup>

Varga 6. **11.** Que as deusas, cujas asas não são cortadas,<sup>5</sup> as protetoras da humanidade, nos favoreçam com proteção, e com completa felicidade.

<sup>1</sup> *Mimikṣatam*, misturem intimamente o suco da *Soma*. Não está claro como isso é para ser feito com o chicote. É dito que a alusão a ele sugere apenas que os Ásvins devem vir rapidamente. *Tayā*, por aquele, pode, também, significar ‘com aquele’, – venham com aquele seu chicote; ou *kaśā*, comumente, um chicote, pode significar discurso; em qual caso, *madhumatī* e *sūnṛtāvati*, explicados como molhado e alto, vão significar doce e verídico, – venham com tal discurso, Ásvins, e provem a libação.

<sup>2</sup> Savitr̥ é, geralmente, um sinônimo do Sol. ‘De mão dourada’ é interpretado como ‘aquele que dá ouro para o devoto’, ou por meio de uma lenda védica: Em um sacrifício realizado pelos deuses, Sūrya se encarregou do ofício do *R̥itvij*, mas se colocou na posição do *Brahmā*. Os sacerdotes *Adhvaryu*, vendo-o naquela posição, deram a ele a oblação chamada *Prāśitra*, a qual, assim que foi recebida por Sūrya, cortou a mão que a tinha aceitado impropriamente. Os sacerdotes que tinham dado a oblação concederam a Sūrya uma mão de ouro. É dito que a lenda é narrada no *Kauṣītaki Brāhmaṇa*, mas, lá, Sūrya perde ambas as mãos.

<sup>3</sup> Pode-se julgar que *apām napātam* significa ‘filho das águas’; porque *napāt* é usado frequentemente, no *Veda*, nesse sentido; mas o Sol é antes o pai, do que a progênie, das águas; conforme *Ādityāj jāyate vṛṣṭi* – a chuva nasce do sol. *Napāt* é usado aqui em seu sentido literal ‘que não nutre’, mas as seca por meio de seu calor.

<sup>4</sup> Hotrā é chamada de esposa de Agni, ou a invocação personificada; Bhāratī, de Bharata, um dos *Ādityas*. É muito duvidoso se Varūtrī é um nome próprio, ou um epíteto da seguinte: ele é interpretado por *varanīyā*, que é para ser escolhida ou preferida. Dhiṣaṇā é um sinônimo de Vāc ou Vāgdevī, a deusa da fala.

<sup>5</sup> *Achinnaṣatrāh*. A única explicação dada pelo comentador é que, as esposas dos deuses estando na forma de aves, ninguém tinha cortado as asas delas.

- 12.** Eu chamo para cá Indrāṇī, Varuṇānī, e Agnāyī, para nossa prosperidade, e para beber o suco *Soma*.
- 13.** Que o grande céu e a terra estejam satisfeitos em misturar esse sacrifício (com seus próprios orvalhos), e nos encham de nutrição.
- 14.** Os sábios provam, através de seus atos virtuosos, as águas que parecem *ghee* desses dois, (residindo) na região permanente dos Gandharvas.<sup>6</sup>
- 15.** Terra, sê de ampla extensão, livre de espinhos, e nossa morada, dá-nos felicidade.
- Varga 7. **16.** Que os deuses nos protejam (daquela parte) da terra de onde Viṣṇu, ajudado pelas sete métricas, andou.<sup>7</sup>
- 17.** Viṣṇu percorreu esse (mundo): três vezes seu pé ele plantou;<sup>8</sup> e o (mundo) inteiro foi colhido na poeira da (pegada) dele.
- 18.** Viṣṇu, o preservador,<sup>9</sup> o que não pode ser prejudicado, andou três passos, mantendo, por meio disso, atos virtuosos.
- 19.** Vejam as obras de Viṣṇu, pelas quais o adorador tem realizado votos (pios). Ele é o ilustre amigo de Indra.
- 20.** Os sábios sempre contemplam aquela posição suprema de Viṣṇu; como o olho percorre o céu.<sup>10</sup>
- 21.** Os sábios, sempre vigilantes, e diligentes em louvor, glorificam amplamente aquela que é a suprema posição de Viṣṇu.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 23 \(Wilson\)](#)

<sup>6</sup> A esfera dos Gandharvas, Yakṣas e Apsaras é o *antarikṣa*, a atmosfera, ou firmamento entre o céu e a terra, e, até agora, considerado como o lugar comum ou de ligação entre ambos.

<sup>7</sup> Sāyaṇa explica Viṣṇu como *Parameśvara*, o soberano supremo, ou, em seu comentário do próximo verso, que significa aquele que entra em, ou que permeia, o mundo. De acordo com os *Taittirīyas*, como citados pelo comentador, os deuses, com Viṣṇu em sua dianteira, subjugaram a terra invencível, usando as sete métricas do *Veda* como seus instrumentos. Sāyaṇa crê que o texto se refere ao *Trivikrama Avatāra*, no qual Viṣṇu atravessou os três mundos em três passos. O trecho ‘nos protejam da terra’ significa, de acordo com o comentário, o empecilho do pecado daqueles que habitam a terra. Mas a passagem é obscura.

<sup>8</sup> Isso parece mais ainda uma alusão ao quarto *Avatāra*, embora nenhuma menção seja feita do rei Bali, ou do anão; e esses podem ter sido enxertos subsequentes sobre a tradição original dos três passos de Viṣṇu. Os comentadores não concordam sobre o significado da frase ‘três vezes seu pé ele plantou’. De acordo com Śākapūṇi, foi na terra, no firmamento, e no céu; de acordo com Aurṇavābha, na montanha do leste, no céu meridiano, e na montanha do oeste, desse modo identificando Viṣṇu com o Sol, e seus três passos, com o nascer, culminação e pôr, daquele corpo luminoso. Alusão é feita aos três passos de Viṣṇu na *Vājasaneyi Saṃhitā* do *Yajur Veda*, e o comentador lá explica que eles significam a presença de Viṣṇu nas três regiões: terra, ar e céu, nas formas, respectivamente, de Agni, Vāyu e Sūrya – fogo, vento, e sol. Não pode haver dúvida que a expressão era, originalmente, alegórica, e que ela serviu como base do mito purânico do *Avatāra* Vāmana ou anão.

<sup>9</sup> O preservador de todo o mundo, é a explicação de Sāyaṇa; desse modo reconhecendo o atributo principal e distintivo de Viṣṇu.

<sup>10</sup> [Esse último trecho, no entanto, “Mahīdhara traduz, parece-me, corretamente, ‘como um olho estendido no céu claro’, ou (omitindo a partícula que denota semelhança) ‘aquele olho, o orbe do sol, que se estende no céu’, e ele cita a *Vājasaneyi Saṃhitā* VII. 42 (= R.V. 1.115.1) e XXXVI. 24 (= R.V. 7. 66.16) para mostrar que o orbe do sol (aqui representado por Viṣṇu) é chamado de ‘olho’. ‘Os sábios’, portanto, de acordo com Mahīdhara, ‘contemplam o posição mais elevada de Viṣṇu fixa no céu, como um olho’. Esta construção também é adotada por Benfey em sua versão do hino.” J. Muir – *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, N.S. 2 (1869), pág. 380.]

## Hino 22. Ásvins e Outros (Griffith)

1. Despertem o Par Ásvin que junge seu carro de manhã cedo: que eles Se aproximem para beber esse suco Soma.
2. Nós chamamos os dois Ásvins, os Deuses levados em um carro nobre, os melhores Dos aurigas, que alcançam os céus.
3. Seu chicote<sup>11</sup> está pingando com mel, Ásvins, e cheios de deleite Salpiquem com ele o sacrifício.
4. Como vocês vão para lá em seu carro, não muito longe, ó Ásvins, é a casa Daquele que oferece suco Soma.
5. Para minha proteção eu invoco Savitar<sup>12</sup> de mão dourada. Ele conhece, como um Deus, o lugar.
6. Para que ele nos envie auxílio, louvem o Filho das Águas Savitar: Nós estamos ansiosos por seus modos sagrados.
7. Nós chamamos a ele, distribuidor de recompensa maravilhosa e de riqueza, A Savitar que olha para os homens.
8. Venham para cá, amigos, e sentem-se; Savitar, a ser elogiado por nós, Que dá bons presentes, é belo.
9. Ó Agni, traze para cá para nós as cônjuges solícitas dos Deuses, E Tvaṣṭar, para beber o Soma.
10. Agni o mais jovem, traze para cá as Esposas deles, Hotrā, Bhāratī,<sup>13</sup> Varūtrī,<sup>14</sup> Dhiṣaṇā, para auxílio.
11. Esposas de Heróis, deusas, com asas inteiras<sup>15</sup> que elas possam vir a nós Com grande proteção e com ajuda.
12. Indrāṇī, Varuṇānī, e Agnāyī<sup>16</sup> eu convido para cá, Para a felicidade, para beber o suco Soma.
13. Que o Céu e a Terra, o Par Poderoso, orvalhem para nós nosso sacrifício, E nos nutram plenamente com alimentos.
14. Sua água rica em seiva,<sup>17</sup> lá no lugar fixo do Gandharva,<sup>18</sup> Os cantores provam através de canções sagradas.
15. Sem espinho sê tu, ó terra, estende-te ampla diante de nós como uma morada: Concede-nos abrigo amplo e seguro.
16. Os Deuses sejam bondosos para nós, mesmo a partir do lugar de onde Viṣṇu<sup>19</sup> caminhou

<sup>11</sup> O *madhukaṣā* ou chicote de mel dos Ásvins é talvez a brisa estimulante da manhã. Veja o Atharva-veda IX. 1: esse hino inteiro é uma glorificação desse chicote extraordinário.

<sup>12</sup> Savitar, o gerador ou vivificador, é um nome do Sol, no Veda às vezes identificado com, e às vezes distinto de, Sūrya.

<sup>13</sup> O Discurso ou Prece Sagrada.

<sup>14</sup> 'Ela que é' para ser escolhida, a excelente.

<sup>15</sup> Literalmente, com asas não cortadas; isto é, rápidas como aves cujas asas não foram cortadas.

<sup>16</sup> Respectivamente as consortes de Indra, Varuṇa e Agni.

<sup>17</sup> A chuva fertilizante mandada pelo Céu e pela Terra. O significado parece ser: os cantores sagrados desfrutem, como recompensa por seus hinos, da chuva agradável e outras dádivas excelentes que são mandadas para baixo a partir dos reinos acima pelos grandes pais Céu e Terra.

<sup>18</sup> Embora em épocas posteriores os Gandharvas sejam considerados como uma classe, no R̥gveda mais do que um raramente é mencionado. Ele é comumente designado como 'o Gandharva celestial', cuja habitação é o céu, e cujo dever especial é proteger o Soma divino, o qual os deuses obtêm através da permissão dele.

<sup>19</sup> Esse Deus não está colocado no Veda na categoria principal de divindades, e, embora invocado frequentemente com Indra, Varuṇa, os Maruts, Rudra, Vāyu e os Ādityas, nunca é afirmado que ele é superior a eles, e ele é até descrito em um lugar como celebrando o louvor de Indra e derivando seu poder daquele Deus. O ponto que o distingue dos outros deuses védicos é principalmente a sua caminhada pelos céus, a qual ele é dito fazer em três passos, explicados como denotando

Pelas sete regiões da terra!

**17.** Por todo esse mundo Viṣṇu caminhou; três vezes seu pé ele plantou, e o todo Foi colhido no pó da pegada dele.<sup>20</sup>

**18.** Viṣṇu, o Guardião, ele a quem ninguém engana, deu três passos; daí em diante Estabelecendo seus altos decretos.

**19.** Olhem as obras de Viṣṇu, pelas quais o amigo de Indra, aliado próximo, Deixou seus santos caminhos serem vistos.

**20.** Os príncipes<sup>21</sup> sempre contemplam aquele lugar mais sublime onde Viṣṇu está, Colocado como se fosse um olho no céu.

**21.** Essa, a posição mais sublime de Viṣṇu, os cantores, sempre vigilantes, Os amantes da música sagrada, iluminam.<sup>22</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 23 \(Griffith\)](#)

---

---

a manifestação tripla da luz na forma de fogo, relâmpago e o sol, ou como designando as três posições diárias do sol, em seu nascer, culminação e pôr.

<sup>20</sup> Viṣṇu era tão poderoso que o pó erguido por seu passo envolveu o mundo inteiro, ou a terra foi formada a partir da poeira dos seus passos.

<sup>21</sup> Os Sūris, os patrocinadores ricos do sacrifício.

<sup>22</sup> Isto é, glorificam com seus louvores.

## Hino 23. Vāyu e Outros (Wilson)

(Sūkta VI)

O R̥ṣi é, ainda, Medhātithi, o filho de Kaṇva; a métrica das primeiras dezoito estrofes é Gāyatrī; na estrofe dezenove, Pura Uṣṇih; na vigésima primeira, Pratiṣṭhā; e, nas restantes, Anuṣṭubh. O Hino consiste em vinte e quatro estrofes, das quais a primeira é endereçada a Vāyu; as duas seguintes, a Indra e Vāyu; então três, a Mitra e Varuṇa; três, a Indra e aos Maruts; três, aos Viśvedevas; três, a Pūṣan; sete e meia, às Águas; e o último verso e uma metade, a Agni.

Varga 8. **1.** Esses sucos *Soma*, fortes e portadores de bênçãos, são derramados. Vem, Vāyu, e bebe deles, conforme oferecidos.

**2.** Nós chamados os dois deuses que residem no céu, Indra e Vāyu, para beber desse suco *Soma*.

**3.** Os sábios chamam, para a preservação deles, Indra e Vāyu, que são rápidos como pensamento, têm mil olhos<sup>1</sup>, e são protetores de atos virtuosos.

**4.** Nós chamamos Mitra e Varuṇa, tornando-se presentes no sacrifício, e de força pura, para beber o suco *Soma*.

**5.** Eu invoco Mitra e Varuṇa, que, com palavra verdadeira, são os encorajadores de atos virtuosos, e são senhores de luz verdadeira.<sup>2</sup>

Varga 9. **6.** Que Varuṇa seja o nosso protetor especial; que Mitra nos proteja com todas as defesas; que eles nos tornem os mais opulentos.

**7.** Nós chamamos Indra, acompanhado pelos Maruts, para beber o suco *Soma*. Que ele, com seus associados, fique satisfeito.

**8.** Divinos Maruts, – dos quais Indra é o chefe, e Pūṣan,<sup>3</sup> o benfeitor, – ouçam todos as minhas invocações.

**9.** Doadores generosos, junto com o poderoso e associado Indra, destruam Vṛtra: que o mal não prevaleça contra nós.

**10.** Nós chamamos todos os divinos Maruts, que são ferozes, e têm a terra (de muitas cores) como sua mãe,<sup>4</sup> para beber o suco *Soma*.

Varga 10. **11.** Sempre que, líderes (de homens), vocês aceitam uma (oferenda) auspiciosa, então o grito dos Maruts se espalha com exultação, como (aquele) dos conquistadores.

**12.** Que os Maruts, nascidos do relâmpago brilhante, nos protejam em todos os lugares, e nos façam felizes.

**13.** Pūṣan resplandecente e de movimento (rápido), traz do céu o suco (*Soma*), em combinação com a grama sagrada matizada; como (um homem traz de volta) um animal que estava perdido.

**14.** O resplandecente Pūṣan encontrou o real (suco *Soma*), embora oculto, escondido em um lugar secreto,<sup>5</sup> espalhado entre a erva sagrada.

**15.** De fato, ele tem trazido para mim, sucessivamente, as seis<sup>6</sup> (estações), conectadas com as gotas (do suco *Soma*); como (um lavrador) ara (a terra) repetidamente, por cevada.

<sup>1</sup> A atribuição de mil olhos a Indra, compreendida literalmente, é uma lenda purânica; em nenhum lugar isso é dito de Vāyu, e, aqui, é aplicado ele, é dito, somente por causa da construção gramatical. Isso é, provavelmente, afirmado de Indra, ou do céu personificado, para indicar sua expansibilidade, ou por ele ser repleto de constelações. De modo semelhante ‘rápidos como o pensamento’, embora igualmente no plural, é, propriamente, aplicável apenas a Vāyu.

<sup>2</sup> Mitra e Varuṇa estão incluídos entre os *Ādityas*, ou sóis mensais, na enumeração védica dos oito filhos de Aditi.

<sup>3</sup> Os Maruts são chamados de *Pūṣarātayaḥ*, dos quais Pūṣan é doador ou benfeitor; de que modo não é especificado.

<sup>4</sup> *Pr̥śnimātaraḥ*, – que têm Pr̥śni como sua mãe. De acordo com Sāyaṇa, Pr̥śni é a terra de muitas cores. No *Nighaṇṭu*, Pr̥śni é um sinônimo de firmamento, ou céu em geral. Em alguns textos, como Rosen mostra, ele ocorre como um nome do Sol.

<sup>5</sup> A frase é *guhā hitam*, colocado em uma caverna, ou em um lugar de difícil acesso; ou de acordo com o comentador, céu.

Varga 11. **16.** Mães<sup>7</sup> para nós que estamos desejosos de sacrificar, as relacionadas (águas) fluem pelos caminhos (do sacrifício), qualificando o leite (das vacas) com doçura.

**17.** Que aquelas águas que são contíguas ao Sol, e aquelas com as quais o Sol está associado, sejam auspiciosas para o nosso rito.

**18.** Eu chamo as águas divinas nas quais nosso gado bebe. Ofereçamos oblações aos (rios) correntes.

**19.** Ambrosia se encontra nas águas; nas águas há ervas medicinais. Portanto, divinos (sacerdotes),<sup>8</sup> sejam diligentes na glorificação delas.

**20.** Soma declarou para mim:<sup>9</sup> ‘Todos os medicamentos, assim como Agni, o benfeitor do universo, estão nas águas’. As águas contêm todas as ervas curativas.

Varga 12. **21.** Águas, tragam à perfeição todos os medicamentos que dissipam doença, para (o bem do) meu corpo, para que eu possa contemplar o sol por muito tempo.

**22.** Águas, tirem todo pecado que seja encontrado em mim, se eu fiz mal (intencionalmente), ou pronunciei imprecações (contra homens santos), ou (tenho falado) mentira.

**23.** Eu hoje entrei nas águas: nós nos misturamos com a essência delas. Agni, residindo nas águas, aproxima-te, e enche-me, desse modo (banhado), com vigor.

**24.** Agni, concede-me vigor, progênie, e vida, de modo que os deuses possam conhecer o (sacrifício) desse meu (empregador), e Indra, com os R̥ṣis, possam conhecê-lo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 24 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 23. Vāyu e Outros (Griffith)

**1.** Fortes são os Somas; aproxima-te; esses sucos foram misturados com leite; Bebe, Vāyu, as doses oferecidas.

**2.** Ambos os Deuses que tocam o céu, Indra e Vāyu, nós invocamos Para beber desse nosso suco Soma.

**3.** Os cantores, pela ajuda deles, chamam Indra e Vāyu, velozes como a mente, Os de mil olhos, os senhores do pensamento.<sup>10</sup>

**4.** Mitra e Varuṇa, conhecidos como deuses de poder consagrado, Nós chamamos para beber o suco Soma.

**5.** Aqueles que pela Lei mantêm a Lei, Senhores da luz brilhante da Lei, Mitra eu chamo, e Varuṇa.

**6.** Que Varuṇa seja a nossa principal defesa, que Mitra nos proteja com todos os auxílios, Que ambos nos tornem extremamente ricos.

**7.** Indra, cercado pelos Maruts, nós chamamos para beber o suco Soma; que ele Se satisfaça em união com sua tropa.

**8.** Deuses, as hostes Marut que Indra lidera, distribuidores das dádivas de Pūṣan,<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> O texto tem somente *ṣaṭ*, seis: o comentador completa com ‘as estações’.

<sup>7</sup> *Ambayah*, que pode significar mães, ou águas.

<sup>8</sup> O termo é *devāh*, deuses, mas isso era incompatível com a ordem para louvar as águas. Ele foi, portanto, interpretado como o *Ritvij* e outros brâmanes; e a interpretação é defendida por um texto que chama os brâmanes presentes de divindades: ‘Essas divindades, que estão (presentes) perceptivelmente, são os brâmanes’.

<sup>9</sup> Para Medhātithi, o autor do hino. A presidência de Soma sobre as plantas medicinais é, geralmente, atribuída a ele. A entrada de Agni nas águas é citada em muitos lugares.

<sup>10</sup> *Dhī*, pensamento, significa especialmente no Veda pensamento sagrado, devoção, prece, um rito religioso, um sacrifício.

Ouçam todos vocês meu clamor.

**9.** Com o conquistador Indra como aliado, derrubem Vṛtra, ó deuses generosos  
Não deixem que o perverso nos controle.

**10.** Nós chamamos os Deuses Universais, e os Maruts para beber o Soma,  
Pois os Filhos de Pṛṣni são extremamente fortes.

**11.** Atterradora vem a voz trovejante dos Maruts, como aquela dos conquistadores, quando  
vocês avançam para a vitória, ó Homens.<sup>12</sup>

**12.** Nascidos do relâmpago alegre, que os Maruts nos protejam em todos os lugares  
Que eles sejam benevolentes para nós.

**13.** Como um animal perdido, guia até nós, brilhante Pūṣan, aquele que suporta o céu,<sup>13</sup>  
Repousando em grama de muitas cores.

**14.** Pūṣan o Brilhante encontrou o Rei,<sup>14</sup> oculto e escondido em uma caverna,<sup>15</sup>  
Que repousa em grama de muitos matizes.

**15.** E que ele traga devidamente para mim as seis<sup>16</sup> ligadas estreitamente, através dessas  
gotas;<sup>17</sup> Como alguém que ara com bois traz grãos.

**16.** Ao longo de seus caminhos as Mães<sup>18</sup> seguem, Irmãs de ministrantes sacerdotais,  
Misturando sua doçura com o leite.

**17.** Que as Águas reunidas perto do Sol, e aquelas com as quais o Sol está unido,  
Favoreçam esse nosso sacrifício.

**18.** Eu chamo as Águas, Deusas, nas quais o nosso gado mata a sede;  
Oblações para os Rios sejam dadas.

**19.** Amṛta<sup>19</sup> se encontra nas Águas, nas Águas há bálsamo curativo,  
Sejam rápidos, vocês deuses, a dar-lhes louvor.

**20.** Nas águas – Soma<sup>20</sup> me disse isso – habitam todos os bálsamos que curam,  
E Agni, aquele que abençoa todos. As Águas detêm todos os medicamentos.

**21.** Ó Águas, abundem com remédios para manter meu corpo a salvo de males,  
De modo que eu possa ver o sol por muito tempo.

**22.** Qualquer que seja o pecado encontrado em mim, tudo de mal que eu fiz,  
Se eu menti ou jurei falsamente, Águas, tirem isso de mim.

**23.** As Águas eu tenho procurado hoje, e à sua umidade nós chegamos;  
Ó Agni, rico em leite, vem, e cobre-me com teu esplendor.

**24.** Enche-me de esplendor, Agni; dá progênie e longevidade; os Deuses  
Devem me conhecer assim como eu sou, e Indra, com os Ṛṣis,<sup>21</sup> conhecem.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 24 \(Griffith\)](#)

<sup>11</sup> Pūṣan é o guardião dos rebanhos e manadas e da propriedade em geral.

<sup>12</sup> Isto é: ó Maruts heroicos.

<sup>13</sup> Soma, o suco que inspira os atos mantenedores do mundo dos Deuses.

<sup>14</sup> Soma.

<sup>15</sup> Em um lugar de difícil acesso; a referência é à fuga de Agni. Veja 3.9.4.

<sup>16</sup> As seis estações, primavera, verão, as chuvas, outono, inverno, os orvalhos.

<sup>17</sup> Isto é: que essa libação o induza a trazer, etc.

<sup>18</sup> As Águas, consideradas como as aliadas próximas dos sacerdotes, porque elas são misturadas com os ingredientes da libação de Soma.

<sup>19</sup> Néctar, a bebida que confere imortalidade; a ambrosia grega.

<sup>20</sup> Soma é especialmente o senhor das plantas medicinais.

<sup>21</sup> Talvez isso signifique os sete Ṛṣis: Marīci, Atri, Aṅgiras, Pulastya, Pulaha, Katru, e Vasiṣṭha.

## Hino 24. Varuṇa e Outros (Wilson)

(Anuvāka 6. Sūkta I)

Esse é o primeiro de uma série de sete Hinos que constituem essa seção, atribuídos a Śunaḥśepa, o filho de Ajīgarta.<sup>1</sup> A métrica é Triṣṭubh, exceto nas estrofes três, quatro e cinco, nas quais ela é Gāyatrī. O primeiro verso é dirigido a Prajāpati; o segundo, a Agni; os três seguintes, a Savitr, ou o último dos três, a Bhaga; o restante, a Varuṇa.

Varga 13. **1.** De quem, ou de qual divindade dos imortais, nós devemos invocar o nome auspicioso?<sup>2</sup> Quem nos dará à grande Aditi,<sup>3</sup> para que eu possa ver novamente meu pai e minha mãe?

**2.** Vamos chamar o nome auspicioso de Agni,<sup>4</sup> a primeira divindade dos imortais, para que ele possa nos dar à grande Aditi, e para que eu possa ver de novo meu pai e minha mãe.

**3.** Savitr sempre protetor,<sup>5</sup> nós solicitamos (nossa) parte de ti, – que és o senhor da afluência, –

<sup>1</sup> A história de Śunaḥśepa tem sido conhecida, há algum tempo, por estudantes de sânscrito, através da versão dela apresentada no *Rāmāyaṇa*, livro 1, cap. 61, Schlegel; 63, Gorresio. Ele é, lá, chamado de filho do Ṛṣi Rciḥka, e é vendido por cem vacas, por seu pai, para Ambariṣa, rei de Ayodhyā, como uma vítima para um sacrifício humano. Na estrada, ele chega ao lago Puṣkara, onde ele vê Viśvāmitra, e implora sua ajuda, e aprende, dele, uma prece, pela repetição da qual, na estaca, Indra é induzido a vir e libertá-lo. É óbvio que essa história foi derivada do *Veda*, pois Viśvāmitra ensina a ele, de acordo com o texto de Schlegel, dois *gāthās*, de acordo com o de Gorresio, um *mantra*; mas o último também afirma que ele propiciou Indra por meio de *Ṛcas*; mantras do *Ṛg Veda*, Vol. I; p. 249. *Manu* também alude à história (X. 105), onde é dito que Ajīgarta não incorreu em crime por abandonar seu filho para ser sacrificado, porque foi para proteger a si mesmo e sua família de perecer de fome. Kullūka Bhaṭṭa cita o filho Śunaḥśepa, e se refere, como sua autoridade, ao *Bahvṛcha Brāhmaṇa*. A história é contada, em todos os detalhes, no *Aitareya Brāhmaṇa*; mas o *Rājā* se chama Hariśchandra. Ele não tem filhos, e adora Varuṇa para obter um filho, prometendo sacrificar a ele seu primogênito. Ele tem um filho, por consequência, chamado Rohita; mas, quando Varuṇa reclama sua vítima, o rei adia o sacrifício, sob vários pretextos, de tempos em tempos, até Rohita chegar à adolescência, quando seu pai comunica a ele a sorte à qual ele estava destinado. Rohita recusa submissão, e passa vários anos na floresta, longe de casa. Ele, finalmente, encontra, lá, com Ajīgarta, um *Ṛṣi*, em grande infortúnio, e o persuade a entregar seu segundo filho, Śunaḥśepa, para assumir o lugar de Rohita, como uma oferenda para Varuṇa. A barganha é concluída; e Śunaḥśepa está prestes a ser sacrificado quando, pelo conselho de Viśvāmitra, um dos sacerdotes oficiantes, ele apela aos deuses, e é, finalmente, libertado. O *Aitareya Brāhmaṇa* forneceu ao comentador as circunstâncias que ele narra como ilustrativas da série de hinos nessa seção. O Dr. Rosen duvida que os hinos tenham alguma referência à intenção de sacrificar Śunaḥśepa: mas a linguagem do *Brāhmaṇa* não deve ser mal interpretada, porque Ajīgarta não somente amarra seu filho à estaca, mas vai munir-se de uma faca com a qual matá-lo. Ao mesmo tempo, deve ser admitido que a linguagem dos *Sūktas* é um pouco duvidosa, e deixa a intenção de um verdadeiro sacrifício aberta à dúvida. O *Bhāgavata* segue o *Aitareya* e *Manu*, ao chamar Śunaḥśepa de filho de Ajīgarta, e chama o *Rājā*, também, de Hariśchandra. No *Viṣṇu Purāṇa* [pág. 316 da versão em português], ele é chamado de filho de Viśvāmitra, e também Devarāta, ou dado por Deus. Mas isso diz respeito a circunstâncias subsequentes, citadas, de modo semelhante, pelas outras autoridades, nas quais ele se torna o filho adotado de Viśvāmitra, e o mais velho de todos os filhos dele; aqueles dos quais que se recusaram a reconhecer sua superioridade em idade sendo amaldiçoados a se tornarem os fundadores de várias tribos bárbaras ou proscritas. A parte de Viśvāmitra na lenda pode, possivelmente, sugerir a oposição dele, e a de alguns dos discípulos dele, aos sacrifícios humanos.

<sup>2</sup> Supostamente proferido por Śunaḥśepa, quando amarrado ao *yūpa*, ou estaca, como o *puruṣapaśu*, o homem-animal (ou vítima), como o *Bhāgavata* o chama. ‘De quem’ (*kasya*) também pode ser traduzido como ‘de Brahmā’, ou ‘de Prajāpati’, um de cujos nomes, no *Veda*, é *Ka*.

<sup>3</sup> Aditi, de acordo com Sāyaṇa, aqui quer dizer ‘terra’.

<sup>4</sup> Uma passagem do *Aitareya Brāhmaṇa* é citada pelo comentador, afirmando que Prajāpati disse a ele (Śunaḥśepa): ‘Recorre a Agni, que é o mais próximo dos deuses’, após o que ele recorreu a Agni.

4. Aquela riqueza que tem sido mantida em tuas mãos, e tem direito a elogios, como livre de inveja ou censura.

5. Nós somos assíduos em atingir o ápice da riqueza, através da proteção de ti, que és o possuidor de riqueza.

Varga 14. 6. Essas aves, que estão voando (pelo ar), não obtiveram, Varuṇa,<sup>6</sup> tua força física, ou tua destreza, nem (são capazes de suportar tua) ira; nem essas águas, que fluem incessantemente, nem (os temporais) de vento, superam tua velocidade.

7. O real Varuṇa, de vigor puro, (permanecendo) no (firmamento) sem base, sustenta, no alto, uma pilha de luz, os raios (da qual) estão apontados para baixo, enquanto sua base está acima. Que eles se tornem concentrados em nós, como as fontes de existência.<sup>7</sup>

8. O real Varuṇa, de fato fez amplo o caminho do sol, – (pelo qual) viajar em seu curso diário, – um caminho para percorrer no (espaço) ínvio. Que ele seja o que repele tudo o que aflige o coração.

9. Teus, ó rei, são cem e mil medicamentos. Que tua proteção, abrangente e profunda, esteja (conosco). Mantém longe de nós Nirṛti,<sup>8</sup> com olhares inamistosos; e nos liberta de qualquer pecado que nós possamos ter cometido.

10. Essas constelações, colocadas no alto, que são visíveis à noite, e vão para outro lugar de dia, são os atos sagrados imperturbados de Varuṇa; e (por ordem dele) a lua se move, resplandecente, à noite.

Varga 15. 11. Louvando-te com prece (sincera), eu te imploro por essa<sup>9</sup> (vida) que o instituidor do sacrifício solicita com oblações. Varuṇa, não desdenhoso, concede um pensamento a nós: muito louvado, não tires nossa existência.

12. Esse (teu louvor) eles repetem para mim de dia e de noite: esse conhecimento fala ao meu coração. Que ele a quem o acorrentado Śunaḥśepa invocou, que o real Varuṇa, nos liberte.

13. Śunaḥśepa, apanhado e amarrado à árvore<sup>10</sup> de três pés, chamou o filho de Aditi. Que o real Varuṇa, sábio e irresistível, o liberte; que ele solte as amarras dele.

14. Varuṇa, nós tentamos desviar tua ira com prostrações, com sacrifícios, com oblações. Aquele que evita infortúnio,<sup>11</sup> sábio e ilustre, está presente entre nós, e mitiga os males que nós temos cometido.

15. Varuṇa, solta, para mim, a faixa superior, a do meio, e a inferior.<sup>12</sup> Assim, filho de Aditi, através da perfeição em teu culto, nós seremos libertados do pecado.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 25 \(Wilson\)](#)

<sup>5</sup> Nessa e nas duas estrofes seguintes, solicitação é feita a Savitr, pelo conselho, é dito, de Agni; não, pode ser notado, por libertação, mas por riquezas, – um pedido um tanto irreconciliável com a suposta situação difícil na qual Śunaḥśepa se encontra.

<sup>6</sup> É dito que Savitr encaminha Śunaḥśepa a Varuṇa.

<sup>7</sup> As características aqui atribuídas a Varuṇa, sua permanência no *antarikṣa*, e sua ação de segurar um feixe de raios, o identificariam mais propriamente com o sol, ou, pelo menos, se refeririam a ele em seu caráter de um *Āditya*.

<sup>8</sup> De acordo com Sāyaṇa, Nirṛti é a divindade do pecado.

<sup>9</sup> O texto tem apenas, 'Eu peço essa'; o comentador preenche 'vida'. A adição pode ser questionada, mas sua correção é confirmada pela expressão conclusiva 'não tires nossa vida'.

<sup>10</sup> É dito que *árvore*, aqui, significa o poste sacrificial, um tipo de tripé.

<sup>11</sup> O texto tem *Asura*, que é interpretado como 'acostumado a rejeitar o que é indesejado', da raiz *as*, jogar. Esse é um significado incomum da palavra: mas mal seria decoroso chamar Varuṇa de *Asura*.

<sup>12</sup> Significando, de acordo com Sāyaṇa, a ligadura que prende a cabeça, os pés, e a cintura. O resultado, no entanto, não é desprender de amarras reais, mas daquelas do pecado.

## Hino 24. Varuṇa e Outros (Griffith)

1. Quem agora é ele, qual Deus entre os Imortais, de cujo nome auspicioso nós podemos nos lembrar? Quem nos restaurará à poderosa Aditi,<sup>13</sup> para que eu possa ver meu Pai e minha Mãe?
2. Agni, o Deus, o primeiro entre os Imortais, de seu nome auspicioso vamos nos lembrar. Ele nos restaurará à poderosa Aditi, de modo que eu possa ver meu Pai e minha Mãe.
3. A ti, ó Savitar, o Senhor das coisas preciosas, que nos ajuda continuamente, por nossa parte nós viemos –
4. Riqueza, altamente elogiada antes que qualquer reprovação tenha caído sobre ela, que está colocada, livre de todo ódio, em tuas mãos.
5. Pela tua proteção que nós possamos chegar ao auge da afluência, a qual Bhaga distribuiu para nós.<sup>14</sup>
6. Nunca aquelas aves que voam pelo ar atingiram teu domínio elevado ou teu poder ou espírito; Tampouco as águas que fluem para sempre, nem os montes, que reduzem a fúria selvagem do vento.
7. Varuṇa, Rei, de poder sagrado, mantém erguido o tronco da Árvore na região desprovida de base.<sup>15</sup> Seus raios, cuja base está no alto, fluem para baixo. Que eles afundem profundamente dentro de nós, e fiquem ocultos.
8. O rei Varuṇa fez um caminho espaçoso, um caminho para o Sol viajar nele. Onde não havia caminho ele o fez colocar sua pegada, e afastou tudo o que aflige o espírito.
9. Cem bálsamos são teus, ó Rei, mil; profundos e de grande alcance também sejam teus favores. Manda a Destruição<sup>16</sup> para longe, para muito longe de nós. Tira de nós até o pecado que cometemos.
10. Para onde partem de dia as constelações que brilham à noite, no alto no céu acima de nós? As leis sagradas de Varuṇa permanecem não enfraquecidas,<sup>17</sup> e durante a noite a Lua se move em esplendor.
11. Eu peço isso de ti com minha prece de adoração; teu adorador almeja isso com sua oblação. Varuṇa, fica aqui e não fiques zangado, não tomes a nossa vida de nós, ó tu Vasto Soberano.
12. De dia e de noite essa única coisa me dizem, isso também o pensamento do meu próprio coração repete. Que ele para quem Śunaḥṣepa orou acorrentado, que ele, o Soberano Varuṇa, nos liberte.

<sup>13</sup> O professor Max Müller (*Trans. of the R̥gveda*, I. 230) diz que 'Aditi, um deus ou deusa antiga, é na realidade o primeiro nome inventado para expressar o Infinito; não o Infinito como o resultado de um longo processo de raciocínio abstrato, mas o Infinito visível, o espaço infinito além da terra, além das nuvens, além do céu'.

'Essas palavras (Quem nos restaurará à poderosa Aditi?) podem ser compreendidas como faladas por alguém em perigo de morte... que rezava para ser permitido ver de novo a face da natureza... Se nós entendermos o pai e a mãe a quem o suplicante está ansioso para contemplar, como significando céu e terra, seria ainda mais provável que Aditi devesse ser compreendida como significando a natureza'. Muir, *Original Sanskrit Texts*, V. 45.

Sāyaṇa explica Aditi no texto como Terra; Roth, como liberdade ou segurança; Benfey, como impecabilidade.

<sup>14</sup> As riquezas que o distribuidor de riquezas, Bhaga, Sorte ou Fortuna, concedeu para nós.

<sup>15</sup> *Vānasya stūpam* no texto parece significar 'o tronco da árvore', e a explicação de Sāyaṇa 'a massa ou pilha de luz' parece forçada e artificial. A frase não é clara, mas talvez o antigo mito da árvore do mundo, a fonte de vida, pode ser aludido.

<sup>16</sup> Nirṛti é a Decadência ou Destruição personificada, a deusa da morte e corrupção. Sāyaṇa a chama de *pāpadevatā*, a divindade do pecado.

<sup>17</sup> Varuṇa é o chefe dos senhores da ordem natural. A atividade dele se mostra preeminentemente no controle dos fenômenos mais regulares da natureza. Veja Wallis, *Cosmology of the R̥gveda*, p. 97. A conexão parece ser: Não temam: as leis de Varuṇa são invioláveis, e as constelações reaparecerão devidamente.

**13.** Amarrado a três pilares Śunaḥśepa capturado fez sua súplica desse modo ao Āditya.<sup>18</sup> A ele que o Soberano Varuṇa liberte, sábio, nunca enganado, desata as amarras que o prendem.

**14.** Com reverências, oblações, sacrifícios, ó Varuṇa, nós tentamos evitar tua ira; Asura<sup>19</sup> sábio, tu Rei de domínio extenso, solta as amarras dos pecados cometidos por nós.

**15.** Desamarra os laços, ó Varuṇa, que me seguram, desata os laços de cima, do meio, e de baixo. Assim na tua santa lei que nós sejamos feitos impecáveis pertencer a Aditi,<sup>20</sup> ó tu Āditya.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 25 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>18</sup> O Āditya é Varuṇa, um dos filhos de Aditi.

<sup>19</sup> *Asura*: um ser incorpóreo, espiritual, divino; o Ahura avéstico.

<sup>20</sup> *Que nós pertençamos a Aditi*: Que nós sejamos devolvidos à liberdade e ao desfrute da natureza.

## Hino 25. Varuṇa (Wilson)

(Sūkta II)

O Hino é endereçado por Śunaḥśepa a Varuṇa; a métrica é Gāyatrī.

Varga 16. **1.** Visto que todas as pessoas cometem erros, assim nós, divino Varuṇa, desfiguramos diariamente teu culto por imperfeições.

**2.** Não nos faças os objetos de morte, através da tua indignação fatal, através da ira de ti muito desagradado.

**3.** Nós acalmamos tua mente, Varuṇa, por meio dos nossos louvores, para o nosso bem; como um cocheiro, seu corcel cansado.

**4.** Minhas tranquilas (meditações) voltam ao desejo de vida; como aves pairam em volta de seus ninhos.

**5.** Quando, para a nossa felicidade, nós traremos para cá Varuṇa, eminente em força, o guia (de homens), aquele que observa muitos?<sup>1</sup>

Varga 17. **6.** Compartilhem (Mitra e Varuṇa) da (oblação) comum, sendo propícios ao doador e celebrador desse rito religioso.

**7.** Ele, que conhece o caminho das aves que voam pelo ar, – ele, residindo no oceano, conhece (também,) o rumo dos navios.

**8.** Ele que, aceitando os ritos (oferecidos a ele), conhece os doze meses e suas produções, e aquele que é produzido complementarmente;<sup>2</sup>

**9.** Ele, que conhece o caminho do vasto, do gracioso, e do excelente, vento, e que conhece aqueles que residem acima;

**10.** Ele, Varuṇa, o aceitador de ritos sagrados, o fazedor de bons atos, sentou-se, entre a (divina) progênie, para exercer domínio supremo (sobre eles).

Varga 18. **11.** Através dele o sábio contempla todas as maravilhas que foram, ou serão, feitas.

**12.** Que aquele sábio filho de Aditi nos mantenha, todos os nossos dias, no caminho correto, e prolongue nossas vidas.

**13.** Varuṇa veste seu (corpo) bem nutrido usando armadura dourada,<sup>3</sup> de onde os raios (refletidos) são espalhados em volta.

**14.** Um (ser) divino, a quem inimigos não ousam ofender, nem os opressores da humanidade, nem os iníquos (ousam desagradar);

**15.** Que tem distribuído alimento ilimitado para a humanidade, e especialmente, para nós.

Varga 19. **16.** Meus pensamentos sempre se voltam para ele, que é visto por muitos; como o gado volta aos pastos.

**17.** Vamos, juntos, proclamar que a minha oferenda foi preparada, e que você, como se o ofertante, aceita a (oblação) apreciada.

**18.** Eu tenho visto a ele cuja aparência é agradável para todos; eu tenho visto a carruagem dele sobre a terra; ele tem aceitado esses meus louvores.

<sup>1</sup> O contemplador de muitos.

<sup>2</sup> Que conhece o que é *upa*, adicionalmente, ou subordinadamente, produzido. A expressão é obscura, mas, em conexão com a precedente, ‘que conhece os doze meses’, nós não podemos duvidar da correção da conclusão do comentador, que o décimo terceiro, o mês suplementar, ou intercalado, do ano hindu lunissolar é aludido; ‘aquele décimo terceiro ou mês adicional que é produzido por si mesmo, em ligação com o ano’. A passagem é importante, como indicativa do uso simultâneo dos anos solares e lunares nesse período, e do método de ajustar um ao outro.

<sup>3</sup> Isso parece como se a pessoa de Varuṇa fosse representada por uma imagem. O mesmo pode ser dito da fraseologia usada no verso 18.

19. Ouve, Varuṇa, essa minha prece, faze-nos, hoje, felizes; eu tenho apelado a ti, esperando por proteção.
20. Tu, que és possuidor de sabedoria, brilhas sobre céu e terra, e todo o mundo. Ouve e responde (às minhas preces), com (promessa de) prosperidade.
21. Liberta-nos das amarras superiores, desamarra as centrais e as de baixo, para que nós possamos viver.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 26 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 25. Varuṇa (Griffith)

1. Toda lei tua, ó Deus, ó Varuṇa, como nós somos homens,  
Dia após dia nós violamos.
2. Não nos dê como vítimas para a morte, para sermos destruídos por ti em ira,  
À tua ira violenta quando insatisfeito.
3. Para ganhar tua misericórdia, Varuṇa, com hinos nós atamos teu coração, como o  
Cocheiro retém seu cavalo amarrado.
4. Eles fogem<sup>4</sup> de mim desanimados, empenhados apenas na obtenção de riqueza,  
Como as aves do ar para seus ninhos.
5. Quando nós traremos, para ser apaziguado, o Herói, Senhor do guerreiro poderoso,  
Ele, o perspicaz Varuṇa?
6. Esta, esta com alegria ambos<sup>5</sup> aceitam em comum: eles nunca desapontam  
O adorador sempre fiel.
7. Ele sabe o caminho das aves que voam pelo céu, e, Soberano do oceano,  
Ele conhece os navios que se encontram nele.<sup>6</sup>
8. Fiel à sua santa lei, ele conhece as doze luas com sua prole:<sup>7</sup>  
Ele conhece a lua de nascimento posterior.
9. Ele conhece o caminho do vento, o vento vasto, elevado e poderoso;  
Ele conhece os deuses que residem acima.
10. Varuṇa, fiel à santa lei, senta-se entre o seu povo, ele,  
O mais sábio, senta-se lá para governar a todos.
11. Observando de lá, ele contempla todas as coisas maravilhosas, o que tem acontecido,  
E o que será feito futuramente.
12. Que aquele Āditya, muito sábio, faça bons caminhos para nós todos os nossos dias:  
Que ele prolongue nossas vidas para nós.
13. Varuṇa, usando armadura de ouro, está vestido em um manto brilhante.  
Seus espiões<sup>8</sup> são encontrados sentados em volta.
14. O Deus que os inimigos não ameaçam, nem aqueles que tiranizam os homens,  
Nem aqueles cujas mentes estão empenhadas no mal.

---

<sup>4</sup> Aparentemente, os meus inimigos; mas a passagem é muito obscura.

<sup>5</sup> Isto é, Mitra e Varuṇa. Porque Mitra é inserido assim subitamente não está claro. A estrofe quebra a conexão entre as estrofes 5 e 7; e é provavelmente uma interpolação.

<sup>6</sup> Varuṇa é Rei do ar e do oceano, o último sendo frequentemente considerado idêntico ao primeiro.

<sup>7</sup> Isto é, os doze meses com os dias que são sua progênie.

<sup>8</sup> Mensageiros ou anjos, provavelmente o resto dos Ādityas. Veja M. Müller, *A History of Ancient Sanskrit Literature*, p. 536.

- 15.** Ele que dá glória para a humanidade, não glória que é incompleta,  
Dando-a aos nossos próprios corpos.
- 16.** Ansiando pelo Uno de visão ampla, meus pensamentos se movem em direção a ele,  
Como vacas se movem para seus pastos.
- 17.** Falemos juntos uma vez mais, porque meu hidromel<sup>9</sup> é trazido: semelhante ao sacerdote  
Tu comes o que é apreciado por ti.
- 18.** Agora eu vi aquele a quem todos podem ver, eu vi seu carro acima da terra:<sup>10</sup>  
Ele aceitou essas minhas canções.
- 19.** Varuṇa, ouve este meu apelo: tem misericórdia de nós neste dia  
Ansiando por ajuda eu implorei a ti.
- 20.** Tu, ó Deus sábio, és o Senhor de tudo, tu és o Rei da Terra e do Céu  
Ouve, enquanto tu segues teu caminho.
- 21.** Liberta-nos da amarra superior, desata a amarra do meio, e desamarra  
Os laços de baixo, para que eu possa viver.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 26 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>9</sup> Ou mel (*mádhu*), a libação de suco Soma.

<sup>10</sup> Eu vi Varuṇa, visível para o olho mental dos adoradores dele.

## Hino 26. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O suposto autor ou recitador é Śunaḥśepa, como antes; o Hino é endereçado a Agni; a métrica é Gāyatrī.

Varga 20. **1.** Senhor do sustento, assume tuas vestimentas (de luz), e oferece esse nosso sacrifício.

**2.** (Propiciado) por melodias brilhantes, sempre vigoroso Agni, escolhido por nós, torna-te nosso sacerdote ministrante, (envolvido) com radiância.

**3.** Tu, Agni, és, de fato, como um pai amável para um filho, como um parente para um parente, como um amigo para um amigo.

**4.** Que Varuṇa, Mitra e Aryaman<sup>1</sup> sentem-se sobre a nossa grama sagrada, como eles fizeram no sacrifício de Manus.<sup>2</sup>

**5.** Sacrificador precedente,<sup>3</sup> fica satisfeito com esse nosso sacrifício, e com nossa amizade, e ouve esses teus louvores.

Varga 21. **6.** Tudo o que nós oferecemos, em oblação repetida e abundante, a qualquer outra divindade é, seguramente, oferecido a ti.

**7.** Que o senhor dos homens, o sacerdote sacrificante, seja benevolente, o escolhido, seja benevolente para nós; que nós sejamos, possuidores de fogos sagrados, amados por ti.

**8.** Como os brilhantes (sacerdotes), possuidores de fogos sagrados, têm se encarregado da nossa oblação, assim nós, com fogos sagrados, oramos a ti.

**9.** Imortal Agni, que os louvores da humanidade sejam, daqui em diante, mutuamente (as fontes de felicidade) para ambos, (para nós mesmos e para ti).

**10.** Agni, filho da força,<sup>4</sup> aceita esse nosso sacrifício, e esse nosso louvor, com todos os teus fogos, e nos concede alimento (abundante).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 27 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 26. Agni (Griffith)

**1.** Ó digno de oblação, Senhor dos poderes prósperos, assume tuas vestes,<sup>5</sup>  
E oferece esse nosso sacrifício.

**2.** Senta-te, sempre a ser escolhido, como nosso Sacerdote, o mais jovem,<sup>6</sup> através dos nossos hinos; Ó Agni, através da nossa palavra divina.

**3.** Porque aqui um Pai<sup>7</sup> adora por seu filho, Parente por parente,  
Amigo excelente por seu amigo.

**4.** Que se sentem aqui os destruidores de inimigos, Varuṇa, Mitra, Aryaman,  
Como homens, sobre a nossa grama sagrada.

---

<sup>1</sup> Aryaman é um *Āditya*, uma forma do sol mensal. É dito, também, que ele preside o crepúsculo.

<sup>2</sup> *Manuṣaḥ*, de Manus, que, diz o comentador, é o mesmo que Manu, o Prajāpati.

<sup>3</sup> O *Hotṛ* nascido antes de nós, de acordo com Sāyaṇa.

<sup>4</sup> É dito que esse epíteto, como aplicável a Agni, se refere à força necessária para friccionar os bastões, de modo a gerar fogo.

<sup>5</sup> Cobre-te com tua veste de chamas.

<sup>6</sup> Continuamente renovado para sacrifício, ou a partir do fogo doméstico ou por atrito repetido.

<sup>7</sup> Agni, que fica no lugar do pai, parente, e amigo de seu adorador.

5. Ó Mensageiro antigo, alegra-te nesse nosso rito e amizade:  
Ouve bem essas nossas canções.
6. Tudo o que nós sacrificamos nesse procedimento perpétuo para Deus e Deus,  
Aquele presente é oferecido em ti.
7. Que ele seja o nosso querido Senhor familiar, Sacerdote, agradável e, excelente  
Que nós sejamos, com fogos brilhantes, estimados por ele.
8. Os Deuses, adorados com fogos brilhantes, nos têm concedido riqueza preciosa  
Assim, com fogos brilhantes, nós oramos a ti.
9. E, ó Imortal, que os elogios dos homens mortais  
Pertencam a nós e a ti igualmente.
10. Com todos os teus fogos, ó Agni, encontra satisfação nesse nosso sacrifício,  
E nesse nosso discurso, ó Filho da Força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 27 \(Griffith\)](#)

### **Hino 26. Agni (Oldenberg)**

MAṆḌALA I, HINO 26.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 2, VARGA 20–21.

1. Veste-te, com tua roupa (de luz), ó (deus) sacrificial, senhor de todo vigor; e então realiza esse culto para nós.
2. Senta-te, deus mais vigoroso, como nosso Hotṛ desejável, através dos nossos pensamentos (devotos)<sup>8</sup>, ó Agni, com tua palavra que vai para o céu.
3. O pai, de fato, por sacrificar obtém (bênçãos) para o filho,<sup>9</sup> o companheiro para o companheiro, o amigo eleito para o amigo.
4. Que Varuṇa, Mitra, Aryaman, triunfantes com riquezas, sentem-se na nossa grama sacrificial como eles se sentaram na de Manu.
5. Ó Hotṛ antigo, está satisfeito com essa nossa amizade também, e ouve essas preces.
6. Pois sempre que nós sacrificamos constantemente a esse ou àquele deus, em ti somente o alimento sacrificial é oferecido.
7. Que ele seja estimado por nós, o senhor do clã, o concesso de alegria, Hotṛ eleito; que nós sejamos estimados (por ele), possuidores de um bom Agni (isto é, de bom fogo).
8. Pois os deuses, quando possuidores de um bom Agni, têm nos dado riqueza excelente, e nós nos consideramos possuidores de um bom Agni.
9. E que haja entre nós louvores mútuos dos mortais, ó Imortal, (e dos imortais).
10. Com todos os Agnis (isto é, com todos os teus fogos), ó Agni, aceita esse sacrifício e essa prece, ó jovem (filho) da força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 27 \(Oldenberg\)](#)

<sup>8</sup> *Manmabhiḥ* pode significar possivelmente ‘com teus (sábios) pensamentos’; compare, por exemplo, com 3.11.8: ‘Que nós obtenhamos todas as bênçãos de Agni por nossas preces’, ou ‘Que nós obtenhamos toda bem-aventurança através dos (sábios) pensamentos de Agni’.

<sup>9</sup> Agni é o pai, o mortal cujo sacrifício ele realiza, o filho.

## Hino 27. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

R̥ṣi, deus, e métrica, como antes, exceto na última estrofe, no qual a métrica é Triṣṭubh, e os Viśvedevas são abordados.

Varga 22. **1.** (Eu continuarei) a me dirigir a ti, o senhor soberano dos sacrifícios, com louvores; (pois tu espalhas nossos inimigos), como um cavalo (que espanta moscas) com sua cauda.<sup>1</sup>

**2.** Que ele, o filho da força, que se move em todos os lugares velozmente, seja propício para nós, e derrame (bênçãos).

**3.** Agni, que vais a todos os lugares, protege-nos sempre, de perto ou de longe, dos homens que procuram nos prejudicar.

**4.** Agni, anuncia, para os deuses, essa nossa oferenda, e esses nossos mais novos hinos.<sup>2</sup>

**5.** Obtém, para nós, o alimento que se encontra no céu e no ar, e nos concede a riqueza que está sobre a terra.<sup>3</sup>

Varga 23. **6.** Tu, Chitrabhānu,<sup>4</sup> és o distribuidor de riquezas; como as ondas de um rio são divididas por ilhas interjacentes. Tu sempre derramas (recompensas) sobre o dador (de oblações).

**7.** O mortal a quem tu, Agni, proteges em batalhas, a quem tu incitas a combater, sempre merecerá e receberá (alimento).

**8.** Ninguém jamais será o vencedor desse teu adorador, subjugador de inimigos; pois notória é a bravura dele.

**9.** Que ele, que é adorado por todos os homens, nos conduza, com cavalos, através da batalha; que ele, (propiciado) pelos sacerdotes, seja o concessor (de dádivas).

**10.** Jarābodha,<sup>5</sup> entra na oblação, para a conclusão do sacrifício que beneficia toda a humanidade. O adorador oferece louvação agradável ao terrível (Agni).<sup>6</sup>

Varga 24. **11.** Que o vasto Agni, ilimitável, de bandeira de fumaça, resplandecente, esteja satisfeito com nosso rito, e nos conceda alimento.

**12.** Que Agni, o senhor dos homens, o invocador e mensageiro dos deuses, o de raios brilhantes, nos ouça, com nossos hinos; como um príncipe<sup>7</sup> (escuta aos bardos).

**13.** Veneração aos grandes deuses; veneração aos menores; veneração aos novos; veneração aos antigos!<sup>8</sup> Nós adoramos (todos) os deuses, tanto quanto somos capazes. Que eu não omita o louvor das divindades mais antigas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 28 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> A comparação é somente ‘nós louvamos a ti como um cavalo com uma cauda’; os detalhes são fornecidos pelo comentador.

<sup>2</sup> *Ghāyatrām navyāṃsam*; mais novos versos *Gāyatrī*; mostrando a composição mais recente desse *Sūkta*.

<sup>3</sup> *No supremo, no meio, e do fim* são as expressões vagas do texto: sua designação apropriada é derivada do comentário.

<sup>4</sup> Um denominativo comum de Agni, aquele que tem brilho extraordinário ou variado.

<sup>5</sup> Ele que é despertado (*bodha*) por louvor (*jarā*).

<sup>6</sup> O texto em ‘a Rudra’ (*Rudrāya*), que o comentador explica: ‘ao feroz ou cruel Agni’, *krūrāyāgnaye*.

<sup>7</sup> ‘Como um homem rico’ é o texto inteiro. O comentador sugere todo o restante da comparação.

<sup>8</sup> É dito que Śunaḥśepa adora os Viśvedevas, pelo conselho de Agni.

## Hino 27. Agni (Griffith)

1. Com culto eu te glorificarei, Agni, semelhante a um corcel de cauda longa,<sup>9</sup> Senhor Supremo dos ritos sagrados.
2. Que o Filho da Força, que anda longe, que traz grande felicidade, Que derrama suas dádivas como chuva, seja nosso.
3. Senhor de toda vida, de perto, de longe, ó Agni, sempre Protege-nos do homem pecaminoso.
4. Ó Agni, anuncia afavelmente essa nossa oblação para os Deuses, E essa nossa mais nova canção de louvor.
5. Dá-nos uma parte da força mais elevada, uma parte da força que está abaixo, Uma parte da força que está no meio.
6. Tu distribuis dádivas, ó Resplandecente; próximo, assim como as ondas do Sindhu,<sup>10</sup> tu Fluis rápido em direção ao adorador.
7. É senhor de força infinita aquele homem a quem tu proteges na luta, Agni, ou incitas para o combate.
8. A ele, seja quem for, ninguém pode vencer, Poderoso: Mais que isso, poder muito glorioso é dele.
9. Que aquele que reside com toda a humanidade nos conduza com corcéis de guerra através da luta; E com os cantores<sup>11</sup> ganhe os despojos.
10. Ajuda, tu que conheces louvor,<sup>12</sup> esse trabalho, esse elogio a Rudra,<sup>13</sup> a ele Adorável em toda casa.
11. Que esse nosso Deus, grandioso, ilimitado, de bandeira de fumaça, excelentemente brilhante, nos estimule para a força e pensamento santo.
12. Como algum Senhor rico de homens que ele, Agni a bandeira dos Deuses,<sup>14</sup> Refulgente, nos ouça por meio dos nossos louvores.
13. Glória aos Deuses, os poderosos e os menores, glória aos Deuses, os mais jovens e os mais velhos!<sup>15</sup> Vamos, se nós tivemos o poder, prestar adoração a Deus: nenhuma oração melhor do que essa, ó Deuses, reconheçam.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 28 \(Griffith\)](#)

<sup>9</sup> Agni, ou Fogo, é comparado a um cavalo, provavelmente, por causa da sua impetuosidade; e suas chamas longas, onduladas e movidas pelo vento, são comparadas à cauda flutuante do cavalo.

<sup>10</sup> Sindhu: o Indus; ou a palavra pode significar qualquer rio, e a expressão pode significar, com grande abundância.

<sup>11</sup> Os sacerdotes que cantam hinos de louvor em um sacrifício.

<sup>12</sup> *Jarābodha* parece se referir ao Ṛṣi ou poeta do hino, não a Agni.

<sup>13</sup> Rudra: o Rugidor, ou o Berrador, é aqui um nome de Agni, por causa do estalido ou rugido de suas chamas. Ou a palavra pode significar vermelho, brilhante. Veja Pischel, *Vedische Studien*, 1, p. 55 e seguintes.

<sup>14</sup> Que como uma bandeira reúne os Deuses; ou isso pode ser interpretado como 'o arauto dos Deuses', aquele que notifica a eles, como Sāyaṇa o explica.

<sup>15</sup> Essas distinções de Deuses maiores e menores, mais velhos e mais novos, ou, como nós diríamos, anjos, não são mais explicadas em nenhum lugar. É dito que Śunaḥśepa adora os Viśvedevas, ou deuses universais, pelo conselho de Agni. Os Viśvedevas, como uma tropa ou classe separada de Deuses, são dez em número, adorados especialmente em funerais, e, além disso, segundo as leis de Manu, têm direito a oferendas diárias.

## Hino 27. Agni (Oldenberg)

MANḌALA I, HINO 27.  
AṢṬAKA I ADHYĀYA 2, VARGA 22–24.

1. Com reverência eu cultuarei a ti que tens cauda longa como um cavalo, Agni, o rei do culto.
2. Que ele, nosso filho da força, procedendo em seu caminho amplo, o auspicioso, venha a ser generoso para nós.
3. Desse modo protege-nos sempre, tu que tens uma vida plena, do mortal que procura nos prejudicar, seja de perto ou de longe.
4. E que tu possas, ó Agni, anunciar para os deuses essa nossa mais nova canção Gāyatra eficiente.
5. Deixa-nos partilhar de toda a recompensa que é a mais elevada e que é média (isto é, que reside no mundo mais alto e no intermediário); ajuda-nos com a riqueza que está mais próxima.
6. Ó deus de esplendor brilhante, tu és o distribuidor. Tu fluis imediatamente na direção do doador generoso na onda do rio, muito próximo.
7. O mortal, ó Agni, a quem tu proteges em batalhas, a quem tu ajudas nas competições, ele dominará nutrimento constante.
8. Quem quer que ele possa ser, ninguém o alcançará, ó conquistador (Agni)! Sua força é gloriosa.
9. Que ele (o homem), conhecido entre todas as tribos,<sup>16</sup> vença a corrida com seus cavalos, que ele, com a ajuda de seus sacerdotes, se torne um ganhador.
10. Ó Garābodha! Realiza essa (tarefa) para toda casa:<sup>17</sup> uma bela canção de louvor para o venerável Rudra.<sup>18</sup>
11. Que ele, o grandioso, o imensurável, o de bandeira de fumaça, rico em esplendor, nos incite a pensamentos virtuosos e à força.
12. Que ele nos ouça, como o rico senhor de um clã, o estandarte dos deuses, por conta dos nossos hinos, Agni de luz brilhante.
13. Reverência aos grandes, reverência aos menores! Reverência aos novos, reverência aos velhos! Vamos sacrificar aos deuses, se nós pudermos. Ó deuses, que eu não caia vítima da maldição de meu superior.<sup>19</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 31 \(Oldenberg\)](#)

<sup>16</sup> *Vísvacarṣaṇi*, um epíteto frequente de Agni, aqui se refere ao herói mortal protegido por Agni.

<sup>17</sup> *Víṣe-víṣe* pode possivelmente depender de *yajñiyāya*, de modo que nós teríamos que traduzir: ‘Administra essa tarefa: uma bela canção de louvor a Rudra que é venerável para toda casa’.

<sup>18</sup> Rudra é aqui uma designação de Agni, como os versos seguintes mostram.

<sup>19</sup> A última parte desse verso oferece alguma dificuldade. Muir, V, 12 a lê desse modo: ‘Que, ó deuses, eu não negligencie o louvor dos maiores’.

## Hino 28. Indra, etc. (Wilson)

(Sūkta V)

Śunaḥśepa é o Ṛṣi; a métrica das seis primeiras estrofes é Anuṣṭubh; das três últimas, Gāyatrī.

As primeiras quatro estrofes são endereçadas a Indra; as duas seguintes, ao almofariz doméstico; as duas seguintes, ao almofariz e pilão; e a nona é de uma distribuição mista, ou para Hariśchandra, (um Prajāpati), para o Adhiṣavaṇa (ou a libação derramada), para o suco Soma, ou para a pele (charma) na qual ela é derramada.

Varga 25. **1.** Indra, conforme a pedra de base larga<sup>1</sup> é erguida para espremer o suco Soma, reconhece e compartilha das efusões do almofariz.

**2.** Indra, (no rito) no qual os dois pratos<sup>2</sup> para conter o suco, – tão (largos quanto os) quadris (de uma mulher), – são empregados, reconhece e compartilha das efusões do almofariz.

**3.** Indra, (no rito) no qual a dona de casa repete saída e entrada na (câmara sacrificial),<sup>3</sup> reconhece e compartilha das efusões do almofariz.

**4.** Quando eles amarram a vara de bater (com uma corda),<sup>4</sup> como rédeas para conter (um cavalo), Indra, reconhece e compartilha das efusões do almofariz.

**5.** Se, de fato, ó Amofariz,<sup>5</sup> tu estás presente em toda casa, emite (nesse rito), um som forte, como o tambor de uma tropa vitoriosa.

Varga 26. **6.** Senhor da floresta,<sup>6</sup> como o vento sopra gentilmente diante de ti, desse modo, ó Almofariz, prepara o suco *Soma*, para a bebida de Indra.

**7.** Utensílios de sacrifício, concessores de alimento, de som alto, divirtam-se, como os cavalos de Indra triturando aos grãos.

**8.** Vocês dois senhores da floresta, de forma agradável, preparem, com libações adequadas, os nossos sucos doces (*Soma*), para Indra.

**9.** Traze os restos do suco *Soma* nos pratos; espalha-o sobre as folhas da erva Kuśa; e coloca o resíduo sobre a pele de vaca.<sup>7</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 29 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> A pedra, ou antes, aqui, talvez, o pilão de pedra, é aquele que é usado para esmagar as plantas *Soma*, e assim espremer o suco. O pilão usado em triturar ou debulhar grãos é, geralmente, de madeira pesada.

<sup>2</sup> *Ādhiṣavanyā*, dois pratos rasos ou páteras, para receber e despejar o suco *Soma*.

<sup>3</sup> O comentador explica os termos do texto, *apachyava* e *upachyava*, como ‘entrando e saindo do salão’ (*śālā*), mas, talvez, devesse ser, mais propriamente, ‘movendo para cima e para baixo’, com referência ao pilão.

<sup>4</sup> Em batedura, na Índia, o bastão é movido por uma corda passada em volta de seu cabo e em volta de um poste plantado no solo, como um eixo. As extremidades da corda sendo puxadas para trás e para frente, pelas mãos do batedor, dão ao bastão um movimento rotatório em meio ao leite, e assim produzem a separação de suas partes componentes.

<sup>5</sup> O almofariz é, geralmente, um recipiente pesado de madeira, encontrado na casa de todo agricultor. De acordo com Sāyaṇa, são as divindades que presidem o almofariz e o pilão, não os próprios utensílios, que são abordados.

<sup>6</sup> *Vanaspati*, uma grande árvore, mas, nesse verso, colocado, por metonímia, em lugar de almofariz, e, no verso 8, em lugar de almofariz e pilão. Veja o hino 13, nota 11.

<sup>7</sup> Esse verso é endereçado, diz o comentador, a Hariśchandra, – ou o sacerdote ministrante, ou certo deus assim chamado: nenhum nome se encontra no texto. Não está muito claro o que ele deve fazer. Aparentemente, ele deve colocar o que sobra, depois que a libação foi oferecida, contido nas páteras ou pratos, em algum recipiente, – o comentador diz, sobre uma carroça – e, tendo-o trazido, lançá-lo na *Pavitra*, que é explicada, no comentário da *Yajur Veda Samhitā*, significar duas ou três folhas de erva *Kuśa*, servindo como um tipo de filtro, – tipicamente, se não efetivamente, – através das quais o suco cai sobre um lençol, ou em um saco de couro, feito da pele da vaca. De acordo com o Sr. Stevenson, o suco *Soma*, depois de expressão, é filtrado por um coador feito de pelo de cabra, e é recebido em um tipo de jarro, o *droṇakalāśā*. Aqui, no entanto, as instruções se referem ao resíduo, ou sobras; tal sendo o termo usado no texto.

---

## Hino 28. Indra, etc. (Griffith)

1. Lá onde a pedra de base larga erguida no alto para espremer os sucos,  
Ó Indra, bebe com sede ávida as gotas que o almofariz derrama.
2. Onde, como quadris largos, para reter o suco os pratos<sup>8</sup> da prensa são colocados,  
Ó Indra, bebe com sede ávida as gotas que o almofariz derrama.
3. Lá onde a mulher observa e inclina o constante subir e descer do pilão,  
Ó Indra, bebe com sede ávida as gotas que o almofariz derrama.
4. Onde, como com rédeas para guiar um cavalo, eles amarram o bastão de bater com cordas;  
Ó Indra, bebe com sede ávida as gotas que o almofariz derrama.
5. Se de fato em cada casa, ó Almofariz, tu és colocado para trabalhar,  
Aqui emite teu som mais claro, alto como o tambor dos conquistadores.
6. Ó Soberano da Floresta, como o vento sopra suave na tua frente,  
Almofariz, para Indra espreme o suco Soma para que ele possa beber.
7. Melhores dos concessores de força,<sup>9</sup> vocês esticam mandíbulas largas, ó Utensílios Sacrificais;  
Como dois cavalos baios mastigando ervas.
8. Vocês Soberanos da Floresta, ambos velozes, com prensas rápidas espremam hoje o Suco Soma doce para a bebida de Indra.
9. Pega em canecas o que resta: derrama o Soma no filtro,  
E na pele de boi coloca os resíduos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 29 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>8</sup> Dois pratos rasos, um sendo usado como um recipiente e o outro como uma tampa.

<sup>9</sup> Provavelmente isso se refere aos dois pratos mencionados acima. Quando o prato superior é erguido para receber o suco dos talos de Soma a abertura entre os dois é como a boca de um cavalo quando ele mastiga grama succulenta.

## Hino 29. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

Śunaḥśepa<sup>1</sup> continua a ser o recitador; o deus é Indra; a métrica, Pañkti.

- Varga 27. **1.** Veraz bebedor do suco *Soma*, embora nós sejamos indignos, Indra, de riqueza ilimitada, enriquece-nos com milhares de vacas e cavalos excelentes.
- 2.** Tua benevolência, belo<sup>2</sup> e poderoso senhor do alimento, dura para sempre. Portanto, Indra, de riqueza ilimitada, enriquece-nos com milhares de vacas e cavalos excelentes.
- 3.** Faze adormecer (as duas mensageiras fêmeas de Yama). Olhando uma para a outra, que elas durmam, nunca despertando.<sup>3</sup> Indra, de riqueza ilimitada, enriquece-nos com milhares de vacas e cavalos excelentes.
- 4.** Que aqueles que são nossos inimigos durmam, e aqueles, ó herói, que são nossos amigos, fiquem despertados. Indra, de riqueza ilimitada, enriquece-nos com milhares de vacas e cavalos excelentes.
- 5.** Indra, destrói esse asno, (nosso adversário), que te louva com tal discurso dissonante;<sup>4</sup> e, Indra, de riqueza ilimitada, enriquece-nos com milhares de vacas e cavalos excelentes.
- 6.** Que a brisa (adversa), com rumo tortuoso, desça longe na floresta. Indra, de riqueza ilimitada, enriquece-nos com milhares de vacas e cavalos excelentes.
- 7.** Destrói cada um que nos insulta; mata cada um que nos causa dano. Indra, de riqueza ilimitada, enriquece-nos com milhares de vacas e cavalos excelentes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 30 \(Wilson\)](#)

## Hino 29. Indra (Griffith)

- 1.** Ó bebedor de Soma, sempre verdadeiro, embora nós estejamos totalmente desesperançados,  
Ó Indra, dá-nos a esperança de belos cavalos e vacas  
Aos milhares, ó mais rico.
- 2.** Ó Senhor da Força, cujas mandíbulas são fortes, grandes feitos são teus, o poderoso;  
Ó Indra, dá-nos a esperança de belos cavalos e vacas  
Aos milhares, ó mais rico.
- 3.** Aquieta adormecido, para não acordar mais, o par que olha uma para a outra;  
Ó Indra, dá-nos a esperança de belos cavalos e vacas  
Aos milhares, ó mais rico.
- 4.** Herói, que os espíritos hostis durmam, e todo gênio gentil desperte;

<sup>1</sup> É dito, no *Brāhmaṇa*, que Śunaḥśepa foi instruído pelos Viśvedevas a recorrer a Indra.

<sup>2</sup> *Śiprin*, literalmente, tendo um nariz ou mandíbula inferior ou queixo; isto é, tendo um belo nariz ou queixo proeminente.

<sup>3</sup> O texto é muito elíptico e obscuro. Ele é, literalmente: ‘Ponha para dormir as duas que se observam mutuamente; que elas durmam, não sendo despertadas’. Que duas fêmeas são indicadas é deduzível de os epítetos estarem no número dual e gênero feminino; e o comentador as chama – sob qual autoridade não é declarado – de duas mensageiras fêmeas de Yama.

<sup>4</sup> *Nuvantaṃ pāpayāmuyā*, louvando com esse discurso, que é da natureza de insulto. O comentador acrescenta: ‘Portanto ele é chamado de asno, pois zurra ou profere sons insuportáveis de ouvir’.

Ó Indra, dá-nos a esperança de belos cavalos e vacas  
Aos milhares, ó mais rico.

**5.** Destrói esse asno, ó Indra, que zurra para ti em tons dissonantes;

Ó Indra, dá-nos a esperança de belos cavalos e vacas  
Aos milhares, ó mais rico.

**6.** Muito distante na floresta caia a tempestade em uma rota circular!<sup>5</sup>

Ó Indra, dá-nos a esperança de belos cavalos e vacas  
Aos milhares, ó mais rico.

**7.** Mata cada difamador, e destrói aquele que nos prejudica em segredo;

Ó Indra, dá-nos a esperança de belos cavalos e vacas  
Aos milhares, ó mais rico.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 30 \(Griffith\)](#)

---

<sup>5</sup> Que o ciclone ou tempestade gaste sua fúria na floresta, e não se aproxime de nós. A palavra *kuṇḍṛṇācī*, que eu interpretei de acordo com Sāyaṇa, significa em outro lugar certa espécie de animal, um lagarto segundo Sāyaṇa. Essa passagem pode talvez significar, 'que o vento caia na floresta com a *kuṇḍṛṇācī*, o que quer que isso seja.

## Hino 30. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O Hino é atribuído a Śunaḥśepa; das vinte e duas estrofes que o compõem, dezesseis são endereçadas a Indra; três, aos Ásvins; e três, a Uṣas, ou a alvorada personificada. A métrica é Gāyatrī, exceto [no verso 11, no qual ela é Pādanicṛt, uma variedade de Gāyatrī, e]<sup>1</sup> no verso dezesseis, no qual ela é Triṣṭubh.

Varga 28. **1.** Vamos, nós, que estamos desejosos de alimento, satisfazer esse seu Indra, que é poderoso e de cem sacrifícios, com gotas (de suco *Soma*); como um poço (é enchido com água).

**2.** Que ele que é (o recebedor) de cem (libações) puras, e de mil destiladas, venha (para o rito); como água, para (lugares) baixos.

**3.** Todas as quais (as libações), sendo acumuladas para a satisfação do poderoso Indra, estão contidas na barriga dele; como água, no oceano.

**4.** Essa libação é (preparada) para ti. Tu te aproximas dela; como um pombo de sua (companheira) prenhe, pois, por essa razão, tu aceitas nossa prece.

**5.** Herói, Indra, senhor da afluência, aceitante de louvor, que prosperidade genuína seja (a recompensa daquele) que te oferece louvação.

Varga 29. **6.** Ergue-te, Śatakratu, para a nossa defesa nesse conflito. Nós conversaremos por outras questões.

**7.** Em toda ocasião, em toda batalha, nós chamamos, como amigos, o mais poderoso Indra, para a nossa defesa.

**8.** Se ele ouvir nossa súplica, que ele, de fato, venha até nós, com numerosas dádivas, e com alimento (abundante).

**9.** Eu invoco o homem (Indra), que visita muitos adoradores, de seu antigo lugar de residência, – a ti, Indra, a quem meu pai invocava antigamente.

**10.** Nós imploramos a ti, como nosso amigo, que és preferido e chamado por todos, (para ser favorável) para teus adoradores, o protetor das residências.

Varga 30. **11.** Bebedor do suco *Soma*, manejador do raio, ó amigo, (concede a) nós, teus amigos, e bebedores do suco *Soma*, (abundância de vacas) com mandíbulas proeminentes.<sup>2</sup>

**12.** Que assim seja, bebedor do suco *Soma*, manejador do raio, nosso amigo, que tu farás, por tua graça, tudo o que nós desejamos.

**13.** Desse modo, Indra, regozijante junto conosco, que nós tenhamos (alimento abundante); e que vacas robustas e ricas em leite sejam nossas, com as quais nós possamos ser felizes.

**14.** Ó Dhr̥ṣṇu,<sup>3</sup> que algum deus tal como tu és, apresentado por si mesmo, conceda prontamente, quando solicitado, (bênçãos) aos teus adoradores; como (eles giram) o eixo das rodas (de um carro).<sup>4</sup>

**15.** Tal riqueza, Śatakratu, que teus adoradores desejam, tu concedes a eles; como o eixo (gira) com os movimentos da carroça.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> [De acordo com Griffith e Gary Holland. Veja *Rig Veda: A Metrically Restored Text with an Introduction and Notes, second edition*; disponível em [linguistics.berkeley.edu/people/person\\_detail.php?person=18](http://linguistics.berkeley.edu/people/person_detail.php?person=18); consultado em 06/2013.]

<sup>2</sup> A expressão no texto é *śipriṇinām*, genitivo plural do feminino *śipriṇī*, tendo um nariz ou uma mandíbula. O comentador preenche com *gavām*, de vacas, e acrescenta *samūhah*, uma multidão, ou rebanho.

<sup>3</sup> O resolutivo, ou firme, ou dinâmico, – um nome de Indra.

<sup>4</sup> O verso inteiro é muito elíptico e obscuro, e é inteligível somente por causa das adições abundantes do comentador. O significado pretendido é, provavelmente, a esperança de que bênçãos provenham da adoração, como o eixo no qual elas revolvem; como as rotações das rodas de um carro giram em torno do eixo.

Varga 31. **16.** Indra sempre ganhou riquezas (de seus inimigos), com seus corcéis que mastigam, relincham e bufam: ele, o abundante em atos, o generoso, nos deu, como um presente, uma carruagem dourada.<sup>6</sup>

**17.** Ásvins, venham para cá, com provisões carregadas em muitos corcéis. Dasras, (que sua residência) seja repleta de gado e de ouro.

**18.** Dasras, sua carruagem, atrelada por ambos igualmente, é imperecível: ela viaja, Ásvins, pelo ar.

**19.** Vocês têm uma roda no topo da sólida (montanha), enquanto a outra gira no céu.<sup>7</sup>

**20.** Uşas,<sup>8</sup> que és satisfeita por louvor, qual mortal desfruta de ti, imortal? A quem, poderosa, tu afetas?

**21.** Difusiva, de muitas cores, brilhante (Uşas), nós não conhecemos (teus limites), eles estejam perto, ou distantes.

**22.** Filha do céu, aproxima-te, com essas iguarias, e perpetua nossa riqueza.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 31 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 30. Indra (Griffith)

**1.** Nós, buscando força, enchamos completamente com gotas de Soma seu Indra como um poço; O mais generoso, Senhor de Cem Poderes,<sup>10</sup>

**2.** Que deixa cem das doses puras, e mil das misturadas com leite  
Fluírem, assim como para baixo para um lugar profundo, até ele;

**3.** Quando para o forte, a alegria arrebatadora,<sup>11</sup> ele deu espaço dessa maneira  
Dentro de sua barriga, como o mar.

**4.** Isso é teu.<sup>12</sup> Tu te aproximas, como um pombo se dirige à sua companheira:  
Tu aprecias também essa nossa oração.

**5.** Ó Herói, Senhor das Bênçãos, elogiado em hinos, que poder e alegria  
Sejam daquele que canta o louvor a ti.

**6.** Senhor dos Cem Poderes, levanta para nos prestar auxílio nessa luta<sup>13</sup>  
Em outras também vamos concordar.

**7.** Em cada necessidade, em cada batalha nós chamamos como amigo para nos socorrer  
Indra, o mais poderoso de todos.

**8.** Se ele nos ouvir que ele venha com ajuda de mil tipos,

---

<sup>5</sup> Essa repetição da comparação é mais obscura do que na estrofe anterior. 'É como o eixo, pelos atos', – *akṣam na śacībhiḥ*. O comentador define 'os atos' como os movimentos do carro ou vagão.

<sup>6</sup> Conforme o *Brāhmaṇa*. Por Indra, satisfeito, uma carruagem dourada foi dada a ele, isto é, Śunaḥśepa. Ele, contudo, o passa de novo para os Ásvins.

<sup>7</sup> Não há explicação desse mito, no comentário. Ele pode estar conectado com a noção purânica da única roda da carruagem do sol. – *Viṣṇu Purāṇa*, [pág. 196 da versão em português].

<sup>8</sup> A alvorada; filha do céu personificado, ou sua divindade. Rosen traduz o nome como *Aurora*; mas parece preferível manter a denominação original; porque, exceto com relação ao tempo, não há nada em comum entre os dois. No *Viṣṇu Purāṇa* [pág. 198, último parágrafo], de fato, Uşā, uma palavra de derivação similar como Uşas, é chamada de *noite*; e o amanhecer é *Vyuṣta*. Várias passagens parecem indicar que Uşā ou Uşas é o período imediatamente anterior à aurora.

<sup>9</sup> Aqui nós nos despedimos de Śunaḥśepa; e, deve ser confessado que, na maior parte, há, nos hinos atribuídos a ele, pouca conexão com a lenda narrada no *Rāmāyaṇa* e outras autoridades.

<sup>10</sup> Śatakratu.

<sup>11</sup> Isto é, o estimulante suco Soma.

<sup>12</sup> Essa libação de Soma é para ti somente.

<sup>13</sup> O hino é uma oração por ajuda em uma batalha vindoura.

E tudo o que fortalece, ao nosso chamado.

**9.** Eu chamo a ele poderoso para resistir, o Herói da nossa casa antiga,<sup>14</sup>

A ti a quem meu pai invocava antigamente.

**10.** Nós oramos a ti, ó muito invocado, rico em todas as dádivas preciosas, ó amigo, Deus bondoso para aqueles que cantam teu louvor.

**11.** Ó bebedor de Soma, armado com o trovão, amigo das nossas damas de traços adoráveis,<sup>15</sup> e dos nossos amigos bebedores de Soma.

**12.** Que seja assim, bebedor de Soma; desse modo, amigo, que manejas o trovão, age Para ajudar a realização de cada anseio como nós desejamos.

**13.** Com Indra que deleites esplêndidos sejam nossos, ricos em todas as coisas que fortalecem, com as quais, ricos em alimentos, nós nos regozijemos.

**14.** Como tu, tu Amigo dos cantores, tu moves, por assim dizer, rogado, Corajoso, o eixo do carro.<sup>16</sup>

**15.** De modo que, Śatakratu, tu agracias e contentas teus louvadores, por assim dizer, Moves o eixo com tua força.

**16.** Com cavalos que mastigam, relinçam, e resfólegam alto Indra sempre ganhou grandes tesouros. Um carro de ouro ele cujas obras são maravilhosas recebeu de nós, e nós vamos também recebê-lo.<sup>17</sup>

**17.** Venham, Ásvins, com força permanente ricos em cavalos e em vacas E ouro, ó vocês de atos maravilhosos.

**18.** Sua carruagem atrelada por ambos igualmente, imortais, vocês de atos poderosos, Viaja, ó Ásvins, no oceano.<sup>18</sup>

**19.** No alto da testa do Touro<sup>19</sup> uma roda da carruagem vocês sempre mantêm, A outra gira em volta do céu.

**20.** Qual mortal, ó Alvorada imortal, desfruta de ti? Onde tu amas?

A quem, ó radiante, tu vais?<sup>20</sup>

**21.** Porque nós temos a ti em nossos pensamentos estejas perto ou longe, De cor vermelha e semelhante a uma égua mosqueada.

**22.** Vem para cá, ó filha do Céu, com esses teus fortalecedores, E manda riquezas para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 31 \(Griffith\)](#)

<sup>14</sup> O Deus tutelar da nossa família.

<sup>15</sup> O significado de *śipriṇīnām* no texto é muito incerto. Wilson segue Sāyaṇa [veja o verso correspondente acima]; Benfey considera que a palavra significa mulheres bonitas. Ludwig sugere 'protegido com capacete', a partir de uma possível forma de *śipriṇī*, concordando com *viśām*, de homens, implícita. Roth considera que a leitura é defeituosa, e sugere *śipriṇīvan*, no caso vocativo, concordando com bebedor de Soma.

<sup>16</sup> As linhas dessa e da estrofe seguinte referentes ao eixo e à carruagem ou carro são um pouco obscuras, e têm sido interpretadas de modo variado. A explicação de Ludwig, a qual eu sigo, parece ser a mais simples e a melhor. A expressão *moves*, ou *incitas*, o eixo, o qual é a parte mais firme e mais forte do carro, pretende demonstrar a grande força de Indra, exercida por causa das preces dos adoradores.

<sup>17</sup> O hino de fato termina com a estrofe anterior. O *carro de ouro* dado a Indra é o hino. O carro de ouro pedido é riqueza abundante.

<sup>18</sup> O oceano de ar.

<sup>19</sup> Aparentemente o Sol. O carro dos Ásvins permanece na cabeça dele ou na frente dele, e os Ásvins o precedem em seu percurso em volta do céu. Mas o significado não é muito claro.

<sup>20</sup> Nós somos lembrados do antigo mito grego de Aurora e Titono (Eos e Tithonus). Uças, Alvorada, ou Manhã, é a filha do Céu personificado, Dyaus, ou Dyu.

## Hino 31. Agni (Wilson)

(Anuvāka 7. Sūkta I)

O Hino é endereçado a Agni; o Ṛṣi é Hiranyastūpa, o filho de Aṅgiras. A oitava, décima sexta e décima oitava estrofes estão na métrica Triṣṭubh, o resto, em Jagatī.

Varga 32. **1.** Tu, Agni, foste o primeiro Aṅgiras Ṛṣi:<sup>1</sup> uma divindade, tu foste o amigo auspicioso das divindades. Em teu rito, os sábios, os que discernem tudo, os Maruts de armas brilhantes foram gerados.

**2.** Tu, Agni, o primeiro e principal Aṅgiras, ornas a adoração dos deuses; – sapiente, múltiplo,<sup>2</sup> para o benefício de todo o mundo, inteligente, o filho de duas mães,<sup>3</sup> e repousando de várias maneiras, para o uso do homem.

**3.** Agni, preeminente sobre o vento, torna-te manifesto para o adorador, em aprovação desse culto. Céu e terra tremem (pelo teu poder). Tu suportaste o fardo, no rito para o qual o sacerdote foi designado. Tu, Vasu, adoraste os veneráveis (deuses).

**4.** Tu, Agni, anunciaste o céu para Manu;<sup>4</sup> tu mais do que recompensaste Purūravas,<sup>5</sup> fazendo homenagem a ti. Quando tu és libertado por atrito de teus pais, eles te levam, primeiro, para o leste, então, para o oeste (do altar).<sup>6</sup>

**5.** Tu, Agni, és o derramador (de desejos), o aumentador da prosperidade (do teu adorador): tu deves ser convocado, quando a concha é erguida. Àquele que compreende totalmente a invocação e faz a oblação, tu, o provedor de sustento, primeiro concedes luz, e, então, para todos os homens.

Varga 33. **6.** Agni, excelentemente sábio, tu guias o homem que segue caminhos impróprios para atos que são adequados para corrigi-lo; – tu, que, na luta de heróis (agradável para eles) como riqueza amplamente espalhada, destróis, no combate, os poderosos, por meio dos fracos.

**7.** Tu sustentas, Agni, aquele mortal, (que te adora), na melhor imortalidade, por alimento diário; tu concedes ao sábio, que é desejoso (de criaturas) de ambos os tipos de nascimento,<sup>7</sup> felicidade e sustento.

**8.** Agni, que és louvado, por nós, por causa de riqueza, torna ilustre o realizador do rito. Que nós melhoremos o ato por uma nova prole (dada por ti). Preservem-nos, céu e terra, junto com os deuses.

<sup>1</sup> De acordo com Sāyaṇa, ele foi o primeiro, como sendo o progenitor de todos os Aṅgirasas; eles sendo, de acordo com o *Brāhmaṇa*, nada mais do que os carvões ou brasas do fogo sacrificial. Não há explicação da origem atribuída, nesse verso, aos Maruts.

<sup>2</sup> *Vibhu*, de acordo com o comentador, significa ‘de muitos tipos’, aludindo aos diferentes fogos de um sacrifício.

<sup>3</sup> *Dvimātā*, ou de duas mães, isto é, dos dois bastões, ou, o criador de dois, isto é, céu e terra. [“De acordo com Sāyaṇa. Compare *dvijanmā* em 1.140, 2, e 1.149, 4, que, no primeiro lugar, ele interpreta ou ‘nascido a partir de dois pedaços de madeira’, ou ‘por fricção e o subsequente rito de consagração’, enquanto na segunda passagem um terceiro sentido de ‘nascido do céu e da terra’, é adicionado”. – J. Muir. *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, N.S. 2 (1869), pág. 375.]

<sup>4</sup> É dito que Agni explicou para Manu que o céu devia ser alcançado por meio de atos virtuosos.

<sup>5</sup> A ação de Purūravas, o filho de Budha, o filho de Soma, na geração de fogo por atrito, e seu emprego na forma de três fogos sacrificais, como contados nos *Purāṇas*, (*Viṣṇu Purāṇa*, [págs. 310-311 da versão em português]), podem ser aludidos aqui; mas a frase é apenas: ‘fazendo mais bem a ele que fez bem’.

<sup>6</sup> O fogo é usado primeiro para acender o fogo *Āhavanīya*, e, então, o *Gārhapatya*, de acordo com o comentador.

<sup>7</sup> O significado não está muito claro. A expressão é, que está muito desejoso, ou ansioso, por ambos os nascimentos. O comentador diz, para a obtenção de bípedes e quadrúpedes.

**9.** Irrepreensível Agni, um deus vigilante entre os deuses, (residindo) na proximidade de (teus) pais,<sup>8</sup> e concedendo a nós (progênie) incorporada, desperta-nos. Sê favorável ao oferecedor da oblação; pois tu, auspicioso Agni, concedes todas as riquezas.

**10.** Tu, Agni, és favorável a nós; tu és nosso protetor; tu és o dador de vida para nós: nós somos teus parentes. Agni, imune à injúria, centenas e milhares de tesouros pertencem a ti, que és o defensor de atos pios, e acompanhado por bons homens.

Varga 34. **11.** Os deuses antigamente fizeram de ti, Agni, o general vivo do mortal Nahuşa;<sup>9</sup> eles fizeram de Iļā<sup>10</sup> a instrutora de Manus, quando o filho do meu pai nasceu.

**12.** Agni, que és digno de ser louvado, protege a nós, que somos opulentos, com tuas bênçãos, e, também, os corpos (dos nossos filhos). Tu és o defensor do gado, para o filho do meu filho,<sup>11</sup> que é sempre assíduo em tua adoração.

**13.** Tu, Agni de quatro olhos,<sup>12</sup> resplandeces, – como o protetor do adorador, – que estás próximo, para a (segurança do rito) ininterrupto; tu aprecias, em tua mente, a prece do teu adorador, que oferece a oblação a ti, o inofensivo, o benevolente.

**14.** Tu, Agni, desejas (que o adorador possa adquirir) aquela riqueza excelente que é necessária para o sacerdote recomendado por muitos; tu és chamado de o protetor bem intencionado do adorador, que sempre precisa de proteção. Tu, que és onisciente, instruis o discípulo, e (defines) os pontos do horizonte.<sup>13</sup>

**15.** Agni, tu defendes por todos os lados o homem que dá presentes (para os sacerdotes), como armadura bem costurada. O homem que mantém iguarias seletas em sua residência, e, com elas, regala (seus convidados), realiza o sacrifício de vida, e é o retrato do céu.

Varga 35. **16.** Agni, perdoa-nos essa nossa negligência, esse caminho no qual nós temos nos perdido. Tu deves ser procurado, como o protetor e encorajador daqueles que oferecem oblações adequadas; tu és o realizador (do objetivo dos ritos); tu te fazes visível para os mortais.

**17.** Puro Agni, que te moves (para receber oblações), vai, em tua presença, para o salão de sacrifício, como Manus, Añgiras e Yayāti fizeram antigamente.<sup>14</sup> Traze para cá os personagens divinos; senta-os sobre a grama sagrada; e oferece a eles (sacrifício) agradável.

**18.** Agni, prospera através dessa nossa oração, a qual nós fazemos de acordo com nossa habilidade, de acordo com nosso conhecimento. Portanto, leva-nos à opulência; e dota-nos de compreensão correta, assegurando alimento (abundante).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 32 \(Wilson\)](#)

<sup>8</sup> É dito que aqui os pais são céu e terra.

<sup>9</sup> Nahuşa era o filho de Āyus, filho de Purūravas, que foi elevado ao céu, como um Indra, até que foi derrubado de lá por sua arrogância. [Essa história de Nahuşa se encontra em dois lugares no *Mahābhārata*: no *Udyoga*, caps. 11-17; e no *Anusasana*, caps. 99-100.]

<sup>10</sup> Iļā, filha do Manu Vaivasvata. – *Viṣṇu Purāṇa*, [livro 4, cap. 1]. Frequentes passagens nos *Vedas* atribuem a Iļā a primeira instituição de regras de realização de sacrifícios.

<sup>11</sup> Nós devemos concluir que esse hino foi composto pelo autor em sua velhice, porque ele fala de seu neto.

<sup>12</sup> Que ilumina os quatro pontos cardeais.

<sup>13</sup> É dito que isso alude a uma lenda na qual os deuses, pretendendo oferecer um sacrifício, estavam perdidos para determinar os pontos cardeais, até que a perplexidade foi removida por Agni determinar o sul.

<sup>14</sup> De modo semelhante como antigos patriarcas, ou antigos reis, se dirigiam para diferentes lugares onde sacrifícios eram celebrados.

## Hino 31. Agni (Griffith)

1. Tu, Agni, foste o primeiro Aṅgiras,<sup>15</sup> um Vidente; tu foste, tu mesmo um Deus, o amigo auspicioso dos Deuses. Segundo a tua ordenança sagrada os Maruts, sábios, ativos através da sabedoria, com suas lanças brilhantes,<sup>16</sup> nasceram.
2. Ó Agni, tu, o melhor e mais antigo Aṅgiras, cumpres como um Sábio a santa lei dos Deuses.<sup>17</sup> Surgido de duas mães, sábio, espalhado por toda a existência, repousando em muitos lugares, por causa do homem vivo.
3. Para Mātariśvan<sup>18</sup> tu, Agni, foste revelado primeiro, e para Vivasvān<sup>19</sup> através do teu poder nobre interior. Céu e Terra, Vasu!<sup>20</sup> tremeram na escolha do sacerdote: a carga tu carregaste, tu adoraste Deuses poderosos.
4. Agni tu fizeste o céu tropejar para a humanidade, tu, ainda mais piedoso, para o piedoso Purūravas.<sup>21</sup> Quando tu és rapidamente libertado de teus pais,<sup>22</sup> eles te levam primeiro para o leste, e, depois, para o oeste.
5. Tu, Agni, és um Touro<sup>23</sup> que faz a nossa provisão aumentar, a ser invocado por aquele que ergue a concha. Conhecendo bem a oblação com a palavra que santifica,<sup>24</sup> unindo todos os que vivem, tu iluminaste primeiro nosso povo.
6. Agni, tu salvas na assembleia<sup>25</sup> quando procurado até aquele, ó Previdente! que anda em maus caminhos. Tu, quando os heróis lutam por despojos nos quais os homens se lançam, em volta, matas na guerra muitos pelas mãos de poucos.
7. Por glória, Agni, dia a dia, tu elevas o homem mortal à maior imortalidade, Tu mesmo que ansiando por ambas as raças<sup>26</sup> dás-lhes grande bem-aventurança, e ao príncipe<sup>27</sup> concedes alimento abundante.
8. Ó Agni, altamente elogiado, torna famoso o nosso cantor para que ele possa ganhar para nós grande quantidade de riquezas. Que nós melhoremos o rito com nova execução. Ó Terra e Céu, com todos os deuses, nos protejam.
9. Ó Agni irrepreensível deitado no colo de teus Pais, um Deus entre os Deuses, está atento para o nosso bem. Formador de corpos,<sup>28</sup> a Providência do cantor: todas as coisas boas tu tens semeado para ele, Auspicioso!
10. Agni, tu és nossa Providência, nosso Pai: nós somos teus irmãos e Tu és nossa fonte de vida. Em ti, rico em bons heróis, guardião de elevados decretos, se encontram cem, mil tesouros, ó infalível!

<sup>15</sup> Os Aṅgiras são a família sacerdotal mais importante mencionada nos Vedas.

<sup>16</sup> As lanças dos Maruts ou Deuses da Tempestade são os lampejos de relâmpago.

<sup>17</sup> A *santa lei dos deuses*: sacrifício para os Deuses, que Agni realiza.

<sup>18</sup> Mātariśvan: o nome de um ser divino descrito em 1.60.1 como levando o oculto Agni para Bhṛgu, e identificado por Sāyaṇa com Vāyu, o Deus do Vento.

<sup>19</sup> 'O brilhante'; ele parece ser o Deus da luz do dia e do sol da manhã, a personificação de todas as manifestações da luz. É dito que ele é o pai de Yama, e os deuses são chamados de filhos dele.

<sup>20</sup> Vasu (bom): usado frequentemente como um nome ou epíteto de Agni. Os Vasus como uma classe de deuses, oito em número, eram a princípio personificações de fenômenos naturais.

<sup>21</sup> Purūravas: filho de Budha. É dito que ele instituiu os três fogos sacrificais. Agni, para recompensá-lo, mandou o trovão o precursor da chuva.

<sup>22</sup> Isto é, produzido e separado dos bastões de fogo.

<sup>23</sup> Isto é, extremamente forte.

<sup>24</sup> A exclamação *Vaṣaṭ*: que ele (Agni) a leve (para os Deuses), usada no momento de derramar o óleo sacrificial ou manteiga clarificada no fogo.

<sup>25</sup> O *vidhāta*, sínodo ou assembleia sacrificial, parece ter sido considerado como um refúgio inviolável.

<sup>26</sup> Deuses e homens.

<sup>27</sup> O Sūri, o homem nobre ou eminente que institui e paga as despesas do sacrifício.

<sup>28</sup> Concessor de filhos.

**11.** A ti, Agni, os deuses fizeram o primeiro Vivo para o homem vivo, Senhor da casa de Nahuṣa.<sup>29</sup> Eles fizeram de Iḷā<sup>30</sup> a professora dos filhos dos homens, quando um Filho<sup>31</sup> nasceu para o pai da minha linhagem.

**12.** Digno de ser reverenciado, ó Agni, Deus, preserva os nossos ricos patrocinadores com teus auxílios, e a nós mesmos. Tu és guardião da nossa semente, ajudando nossas vacas a produzir, protegendo incessantemente em teu caminho santo.

**13.** Agni, tu és um guardião cuidadoso para o homem piedoso; tu estás aceso, de quatro olhos! para aquele que está desarmado. Com coração afeiçoado tu aceitas até a oração do homem pobre, quando ele trouxe sua doação para ganhar segurança.

**14.** Tu, Agni obtiveste para o sacerdote que louva alto a maior riqueza, o objeto de desejo de um homem. Tu és chamado de Pai, cuidando até dos fracos, e, o mais sábio, para os simples tu ensinas conhecimento.

**15.** Agni, como armadura bem costurada tu proteges por todos os lados o homem que dá recompensa para os sacerdotes. Aquele que, com alimento agradável, mostra bondade em sua casa, um ofertante aos vivos,<sup>32</sup> é o modelo do céu.

**16.** Perdoa, nós rogamos, este nosso pecado, ó Agni, – o caminho que temos trilhado, amplamente desviado, caro Amigo e Pai, que cuidas dos devotos, que te aproximam e que inspiras os mortais.

**17.** Como antigamente para Manus, para Yayāti,<sup>33</sup> Aṅgiras, desse modo Aṅgiras! puro Agni! vem para o nosso salão. Traze para cá a hoste celestial e senta-os aqui sobre a grama sagrada, e oferece o que eles querem.

**18.** Por essa nossa oração, ó Agni, sê fortalecido, a oração feita por nós de acordo com nosso poder e conhecimento. Leva-nos, portanto, à riquezas crescentes; dota-nos com tua graça que concede força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 32 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 31. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I, HINO 31.

AṢṬAKA I, ADHYĀYA 2, VARGA 32–35.

**1.** Tu, ó Agni, (que és) o primeiro Aṅgiras Ṛṣi, te tornaste como deus o amigo bondoso dos deuses. Segundo a tua lei os sábios, ativos em sua sabedoria, nasceram, os Maruts com lanças brilhantes.

**2.** Tu, ó Agni, o primeiro, o maior Aṅgiras, um sábio, aplicaste a lei dos deuses, poderoso para o mundo inteiro, sensato, o filho das duas mães, repousando em todos os lugares para (o uso do) vivo.

---

<sup>29</sup> Um dos grandes progenitores da raça humana.

<sup>30</sup> A personificação da prece, e a primeira professora das regras de sacrifício.

<sup>31</sup> Esse Filho é o próprio Agni. Hiranyastūpa, o Ṛṣi do hino, é o filho ou descendente de Aṅgiras, que, como um dos primeiros introdutores do fogo sacrificial e dos ritos de culto, é considerado como o gerador ou pai de Agni. O significado do verso é que Agni foi nomeado sacerdote, e Iḷā professora das regras de culto divino na época mais antiga quando Agni nasceu primeiramente na terra como fogo sacrificial.

<sup>32</sup> Provavelmente, alguém que oferece alimento e hospitalidade para um ser humano, o *nṛyajña*, adoração do homem, de Manu. Ou isso pode significar, como Ludwig sugere, alguém que oferece um sacrifício que transporta o sacrificador imediatamente, vivo, para o céu.

<sup>33</sup> Um rei famoso, um dos filhos de Nahuṣa.

- 3.** Tu, ó Agni, como o primeiro, te tornarás manifesto para Mātariśvan, pela tua sabedoria elevada, para Vivasvat. Os dois mundos tremeram em (tua) eleição como Hotṛ. Tu tens suportado a carga; tu, ó Vasu, tens sacrificado aos grandes (deuses).
- 4.** Tu, ó Agni, tens feito o céu ribombar para Manu, para o beneficente Purūravas, sendo tu mesmo um grande benfeitor. Quando tu és libertado pelo poder de teus pais, eles te guiaram para cá antes e depois novamente.
- 5.** Tu, ó Agni, o touro, o aumentador de prosperidade, deves ser louvado pelo sacrificador que ergue a colher, que conhece tudo sobre a oferenda e (o sacrifício realizado com) a palavra Vaṣaṭ. Tu, (deus) de vigor único, és o primeiro a convidar os clãs.
- 6.** Tu, ó Agni, levas adiante o homem que segue caminhos tortuosos, em tua companhia no sacrifício, ó deus que habita entre todas as tribos, que, na luta de heróis, no momento decisivo para a obtenção do prêmio, mesmo com poucos companheiros matas muitos inimigos na batalha.<sup>34</sup>
- 7.** Tu, ó Agni, manténs aquele mortal na mais elevada imortalidade, em glória dia a dia, (tu) que sendo tu mesmo sedento dás felicidade para ambas as raças (deuses e homens), e alegria para os ricos.
- 8.** Tu, ó Agni, louvado por nós, ajuda o glorioso cantor a ganhar prêmios. Que nós realizemos nosso trabalho com a ajuda do jovem ativo (Agni). Ó Céu e Terra! Abençoem-nos junto com os deuses.
- 9.** Tu, ó Agni, no colo de teus pais, um deus entre deuses, ó irrepreensível, sempre vigilante, sê o criador do corpo e protetor para o cantor. Tu, ó belo, derramas toda riqueza.
- 10.** Tu, ó Agni, és nosso guardião, tu és nosso pai. Tu és o dador de força; nós somos teus parentes. Tesouros centuplicados, multiplicados por mil se reúnem em ti, que és rico em heróis, o guardião da lei, o que não pode ser enganado.
- 11.** A ti, ó Agni, os deuses têm feito para o vivo como o primeiro vivo, o senhor do clã de Nahuṣa. Eles têm feito (da deusa) Iḷā a professora de homens (manuṣa), quando nasce um filho do meu pai.
- 12.** Tu, ó Agni, protege com teus guardiões, ó deus, aos nossos generosos doadores e a nós mesmos, ó venerável! Tu és o protetor dos amigos e parentes e das vacas, zelando incessantemente por tua lei.
- 13.** Tu, ó Agni, és aceso de quatro olhos, como o protetor mais próximo para o sacrificador que está sem (mesmo) uma aljava.<sup>35</sup> Tu aceitas em tua mente o hino até do pobre que tem feito oferendas, de modo que ele possa prosperar sem perigo.
- 14.** Tu, ó Agni, ganhas para o adorador amplamente renomado aquela propriedade que é desejável e excelente. Tu és chamado de guardião e pai até dos fracos; tu instrues os simples, tu, o maior sábio, os quadrantes do mundo.<sup>36</sup>
- 15.** Tu, ó Agni, proteges de todos os lados como armadura bem costurada o homem que dá taxas sacrificais. Aquele que coloca comida agradável (diante dos sacerdotes), que os faz confortáveis em sua casa, que mata (vítimas) vivas, ele (residirá) ilustre no céu.

<sup>34</sup> O professor Max Müller traduz este verso: "Tu salvas o homem que seguiu o caminho errado no auge da batalha, tu que és rápido no sacrifício; tu que na luta de heróis, quando o prêmio (ou o despojo) está cercado (rodeado por todos os lados), matas," etc.

<sup>35</sup> Agni deve proteger o homem que não tem aljava, e que não pode, portanto, proteger a si mesmo. Os quatro olhos do guardião divino parecem significar que ele pode olhar em todas as direções, e talvez também que ele tem o poder de ver demônios maus invisíveis. Os cães de guarda de Yama também têm quatro olhos, veja 10.14; versos 10-11.

<sup>36</sup> Eu acho que os quadrantes do mundo não têm nada a fazer aqui, mas que em vez de *pra diśah* devemos ler (com Ludwig) *pradiśah*. Um erro semelhante em relação à palavra *pradiś* ocorre várias vezes no texto do *Rg-Veda*. Eu proponho traduzir o texto corrigido: 'Tu instruis os simples, conhecendo bem os (divinos) mandamentos'.

**16.** Perdoa, Agni, essa nossa falha, (olha misericordiosamente para) esse caminho do qual nós temos nos desviado. Tu és o companheiro, o protetor, o pai daqueles que oferecem Soma; tu és o intenso, que fazes dos mortais Ṛṣis.<sup>37</sup>

**17.** Como tu fizeste por Manus, ó Agni, por Aṅgiras, por Yayāti em teu assento (sacerdotal), como para os antigos, ó brilhante, vem para cá, conduze para cá a tropa dos deuses, coloca-os sobre a grama sacrificial, e sacrifica para a adorada (hoste).

**18.** Sê magnificado, ó Agni, através desse encantamento que nós fazemos para ti com nossa habilidade ou com nosso conhecimento. E leva-nos adiante para coisas melhores. Que nós sejamos unidos com tua benevolência, que concede força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 36 \(Oldenberg\)](#)

---

---

<sup>37</sup> Compare com 3. 43; v. 5: 'Tu me farás um Ṛṣi depois que eu tiver bebido Soma?'

## Hino 32. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O R̥ṣi e a métrica são os mesmos; o Hino é endereçado a Indra.

Varga 36. **1.** Eu declaro os antigos atos heroicos de Indra, os quais o que faz trovejar realizou; ele partiu a nuvem; ele lançou as águas para baixo (para a terra); ele abriu à força (um caminho) para as torrentes da montanha.<sup>1</sup>

**2.** Ele rompeu a nuvem, que buscou refúgio na montanha; Tvaṣṭṛ afiou seu raio que rodopia longe; as águas correntes se apressaram velozmente em direção ao oceano, como vacas (se apressando) em direção a seus bezerros.

**3.** Impetuoso como um touro, ele bebeu o suco *Soma*: ele bebeu a libação no sacrifício triplo.<sup>2</sup> Maghavan pegou seu dardo, o raio, e, com ele, golpeou a primogênita das nuvens.

**4.** Visto que, Indra, tu dividiste a primogênita das nuvens,<sup>3</sup> tu destruístes as ilusões dos enganadores; e, então, produzindo o sol, a alvorada, o firmamento, tu não deixaste um inimigo (para se opor a ti).<sup>4</sup>

**5.** Com seu imenso raio destruidor, Indra atingiu o sombrio Vṛtra mutilado. Como os troncos de árvores são derrubados pelo machado, assim jaz Ahi,<sup>5</sup> prostrado na terra.

Varga 37. **6.** O arrogante Vṛtra, como se inigualado, desafiou Indra, o herói poderoso, o destruidor de muitos, o dispersador de inimigos; – ele não escapou do contato do destino dos inimigos (de Indra). O inimigo de Indra esmagou as (margens dos) rios.<sup>6</sup>

**7.** Não tendo nem mão nem pé, como alguém emasculado que finge virilidade ele desafiou Indra, que o atingiu, com o raio, em seu ombro como montanha; então Vṛtra, com muitos membros mutilados, adormeceu.

**8.** As águas, que deleitam as mentes (dos homens), fluem sobre ele, jacente sobre essa terra; como um rio (irrompe através de) suas (margens) destruídas. Ahi está prostrado debaixo dos pés das águas, as quais Vṛtra, por seu poder, tinha obstruído.

<sup>1</sup> Nesse e nos *Sūktas* subsequentes, nós temos uma ampla elucidação do significado original da lenda de Indra matando Vṛtra, convertida, pelos escritores purânicos, em uma disputa literal entre Indra e um *Asura*, ou chefe dos *Asuras*, a partir do que, nos *Vedas*, é meramente uma narrativa alegórica da produção de chuva. Vṛtra, às vezes também chamado de *Ahi*, é nada mais que a acumulação de vapor condensado, ou figurativamente, trancado em, ou obstruído por, uma nuvem. Indra, com seu raio, ou influência atmosférica ou elétrica, divide a massa agregada, e abertura é dada à chuva, a qual então desce à terra, e umedece os campos, ou flui pelos rios. A linguagem dos *R̥cas* não é sempre clara o suficiente, e confunde representação metafórica e literal; mas ela nunca se aproxima daquele modo inadequado de personificação, o qual, começando, aparentemente, com o *Mahābhārata* (*Vana Parva*, cap. 100; também em outros *Parvas*), tornou-se o tema de amplificação extravagante pelos compiladores dos *Purāṇas*.

<sup>2</sup> Nos *Tṛkadrukas*, os três sacrifícios chamados *Jyotiṣ*, *Gauh* e *Ayu*. Nenhuma outra descrição deles se encontra no comentário.

<sup>3</sup> A primeira nuvem formada.

<sup>4</sup> Por dissipar as nuvens, e afastar a escuridão, pode-se dizer que Indra é o pai do sol e do dia; não deixando inimigo, isto é, nada para obscurecer a atmosfera.

<sup>5</sup> Nós temos, aqui, e em outros versos, ambos os nomes, Ahi e Vṛtra. Eles são, ambos, apresentados como sinônimos de *megha*, uma nuvem, no *Nighaṇṭu*. É dito que ele é *vyanśa*, tendo uma parte ou, metaforicamente, um membro, separado; desse modo confundindo coisas com pessoas, como é feito ainda mais violentamente em um verso seguinte, onde é dito que ele não tem nem pés nem mãos.

<sup>6</sup> O texto tem somente, 'ele moeu os rios', o comentador preenche com 'as margens', as quais, ele diz, foram rompidas pela queda de Vṛtra, isto é, pela inundação causada pela descida da chuva.

**9.** A mãe de Vṛtra estava inclinada sobre seu filho, quando Indra atingiu a parte inferior dela com seu dardo. Assim a mãe estava em cima, e o filho embaixo; e Dānu<sup>7</sup> adormeceu (com seu filho), como uma vaca com seu bezerro.

**10.** As águas levam o corpo sem nome de Vṛtra, lançado no meio das correntezas que nunca param, nunca repousam. O inimigo de Indra adormeceu por uma longa escuridão.

Varga 38. **11.** As águas, as esposas do destruidor,<sup>8</sup> guardadas por Ahi, ficaram obstruídas, como as vacas por Paṇi; mas, por matar Vṛtra, Indra abriu a caverna que as tinha confinado.

**12.** Quando o sozinho Vṛtra resplandecente retornou o golpe (que tinha sido infligido), Indra, por teu raio, tu ficaste (furioso), como a cauda de um cavalo.<sup>9</sup> Tu resgataste as vacas; tu ganhaste, herói, o suco *Soma*;<sup>10</sup> tu libertaste os sete rios para fluir.<sup>11</sup>

**13.** Nem o relâmpago nem o trovão, (disparados por Vṛtra), nem a chuva que ele derramou, nem o raio, feriram Indra, quando ele e Ahi lutaram, e Maghavan triunfou, também, sobre outros (ataques).

**14.** Quando o medo<sup>12</sup> entrou, Indra, em teu coração, quando prestes a matar Ahi, que outro destruidor dele tu procuraste, que, alarmado, tu atravessaste noventa e nove rios, como um falcão (veloz)?

**15.** Então Indra, o manejador do raio, tornou-se o soberano de tudo o que é móvel ou imóvel, do gado de chifre e sem chifre; e, como ele permanece o monarca dos homens, ele abrange todas as coisas (dentro dele), como a circunferência compreende os raios de uma roda.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 33 \(Wilson\)](#)

<sup>7</sup> Dānu é derivada de *do*, cortar ou destruir, ou de Danu, a esposa de Kaśyapa, e mãe dos *Dāvanas* ou Titãs.

<sup>8</sup> *Dāsapatnīh*. É dito que *Dāsa* é um nome de Vṛtra, como o destruidor de todas as coisas, ou de todos os atos sagrados.

<sup>9</sup> Nós tivemos esse símile antes, como o cavalo chicoteia com sua cauda, para se livrar das moscas.

<sup>10</sup> Aludindo, é dito, a uma lenda de Indra ter bebido uma libação preparada por Tvaṣṭṛ, depois da morte de seu filho, – que, de acordo com uma lenda purânica, era Trīśiras, também morto por Indra, – e, para vingar o qual, Vṛtra foi criado por Tvaṣṭṛ.

<sup>11</sup> Segundo uma lenda purânica, o Ganges se dividiu, em sua descida, em sete rios, chamados Nalinī, Pāvanī, e Hlādinī, que vão para o leste; o Cakṣu, Sītā, e Sindhu, para o oeste; e o Bhāgīrathī, ou o próprio Ganges, para o sul. Em um lugar no Mahābhārata, os sete rios são chamados de Vasvokasārā, Nalinī, Pāvanī, Gangā, Sītā, Sindhu, e Jambūnadī; em outro, Gangā, Yamunā, Plakṣagā, Rathasthā, Sarayū, Gomatī, e Gaṇḍakī. (Veja o *Viṣṇu Purāṇa*, Livro 2, [cap. 2, pág. 164 da versão em português]). Em um texto citado e comentado por Yāska, nós temos dez rios, chamados Gangā, Yamunā, Sarasvatī, Sutudrī, Paruṣṇī, Asiknī, Marudvṛdhā, Vitastā, Ārjīkiyā, e Suṣomā. Desses, o Paruṣṇī é identificado com o Irāvati; o Ārjīkiyā, com o Vipās; e o Suṣomā, com o Sindhu. – *Nir.* III. 26. A enumeração original de sete parece ser aquela que deu origem às especificações dos Purāṇas.

<sup>12</sup> O comentador sugere que esse medo era a incerteza se ele devia ou não destruir Vṛtra; mas, nos *Purāṇas*, Indra é representado como temendo a bravura de seu inimigo, e se escondendo em um lago. Algo semelhante a isso é, também, sugerido em outras passagens do texto; daí a lenda purânica. O *Brāhmaṇa* e o *Taittirīya* são citados, como afirmando que Indra, depois de matar Vṛtra, pensando que ele tinha cometido um pecado, fugiu para uma grande distância.

## Hino 32. Indra (Griffith)

1. Eu te declararei os atos varonis de Indra, os primeiros que ele realizou, o manejador do Trovão. Ele matou o Dragão,<sup>13</sup> então descobriu as águas, e fendeu os canais das torrentes das montanhas.<sup>14</sup>
2. Ele matou o Dragão situado na montanha: Tvaṣṭar moldou seu dardo celestial de trovão. Como vacas mugindo as águas descendo em fluxo rápido deslizaram para baixo, para o oceano.
3. Impetuoso como um touro, ele escolheu o Soma e em três copos<sup>15</sup> sagrados bebeu o suco. Maghavan<sup>16</sup> pegou o trovão como sua arma, e feriu de morte aquele primogênito dos dragões.
4. Quando, Indra, tu tinhas matado o primogênito dos dragões, e vencido os feitiços dos encantadores;<sup>17</sup> <sup>18</sup> Então, dando vida ao Sol e Alvorada e Céu, tu não encontraste um inimigo para oferecer resistência a ti.
5. Indra com seu próprio trovão grandioso e mortal cortou Vṛtra, o pior dos Vṛtras, em pedaços.<sup>19</sup> Como troncos de árvores, quando o machado as derrubou, na terra assim jaz o Dragão prostrado.
6. Ele, como um guerreiro fraco insensato, desafiou Indra, o grande Herói impetuoso matador de muitos. Ele, o inimigo de Indra, não aguentando o choque das armas, esmagou na queda as fortificações quebradas.
7. Sem pés e sem mãos ele ainda desafiou Indra, que o feriu com seu raio entre os ombros. Emasculado, contudo alegando vigor viril, assim Vṛtra jaz com membros separados espalhados.
8. Lá como ele jaz,<sup>20</sup> as águas, como um rio rompendo a barragem, tomando coragem, fluem acima dele. O Dragão jaz sob os pés das torrentes que Vṛtra com sua grandeza tinha cercado.
9. Então a força da mãe de Vṛtra foi humilhada: Indra lançou seu raio mortal contra ela. A mãe estava acima, o filho estava embaixo e como uma vaca ao lado de seu bezerro jaz Danu.
10. Flutuando no meio de correntes incessantes que fluem adiante sem descanso para sempre; As águas levam embora o corpo sem nome de Vṛtra: o inimigo de Indra afundou em escuridão permanente.
11. Guardadas por Ahi estavam as servas dos Dāsas,<sup>21</sup> as águas ficaram como vacas mantidas pelo ladrão.<sup>22</sup> <sup>23</sup> Mas ele, quando ele tinha golpeado Vṛtra, abriu a caverna onde as correntes de água tinham sido presas.

<sup>13</sup> Ahi, literalmente a serpente.

<sup>14</sup> [Esse último trecho segundo Macdonell: ‘e perfurou as cavernas das altas montanhas’ – *Hymns from the Rigveda*.]

<sup>15</sup> *Trikadrukeṣu*, segundo Sāyaṇa, nos *Trīkadrukas*, os primeiros três dias da cerimônia Abhiplava.

<sup>16</sup> O rico e pródigo; Senhor Generoso.

<sup>17</sup> [O último trecho segundo Macdonell: ‘e frustrado todos os ardis de maquinadores astutos’.]

<sup>18</sup> *Os feitiços dos encantadores*: poderes mágicos ou sobrenaturais atribuídos a Vṛtra e seus aliados.

<sup>19</sup> [Essa primeira frase segundo Macdonell: ‘Indra matou Vṛtra e um pior do que Vṛtra, Vyāṃsa, com o raio, a arma irresistível’; Vyāṃsa significa literalmente ‘o sem ombros’, (de acordo com Monier Williams - *Sanskrit-English Dictionary*), e é citado em 1.101.2; 1.103.2; e 4.18.9.]

<sup>20</sup> [Aqui Macdonell acrescenta: ‘como junco quebrado’.]

<sup>21</sup> *Servas dos Dāsas*: no poder de Vṛtra e seus aliados. *Dāsa* é um nome comum aplicado no Veda a certos seres maus ou demônios, hostis a Indra e aos homens. Ele significa, também, um selvagem, um bárbaro, um dos habitantes não-ários da Índia.

<sup>22</sup> [Essa frase segundo Macdonell: ‘Cercadas por demônios, guardadas por uma serpente, as águas ficaram como vacas capturadas por Paṇi’.]

**12.** Uma cauda de cavalo tu foste<sup>24</sup> quando ele, ó Indra, golpeou teu raio, tu, Deus sem um segundo;<sup>25</sup> Tu ganhaste de volta o rebanho, tu ganhaste o Soma, tu libertaste para fluir os Sete Rios.<sup>26</sup>

**13.** De nada lhe valeu raio, trovão, granizo ou nevoeiro que tinham se espalhado em torno dele: Quando Indra e o dragão lutaram na batalha, Maghavan obteve a vitória para sempre.

**14.** Quem tu viste para vingar o Dragão,<sup>27</sup> Indra, que o temor possuiu teu coração quando tu o tinhas matado; Que, como um falcão atemorizado através das regiões, tu cruzaste noventa e nove rios correntes?<sup>28</sup>

**15.** Indra é o Rei de tudo o que se move e que não se move, das criaturas domesticadas e de chifres, o manejador do Trovão. Sobre todos os homens vivos ele governa como Soberano, contendo tudo como raios dentro da borda da roda.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 33 \(Griffith\)](#)

<sup>23</sup> *O ladrão: paṇi* (literalmente, alguém que negocia e trafica), significa um avaro, um mesquinho; um homem ímpio que dá pouco ou nada para os Deuses. A palavra é usada também como o nome de uma classe de demônios invejosos que vigiam tesouros, e como um epíteto dos demônios que roubam vacas e as escondem em cavernas de montanha.

<sup>24</sup> Isto é, destruindo teus inimigos tão facilmente quanto um cavalo espanta moscas com sua cauda.

<sup>25</sup> [Essa frase segundo Macdonell: 'Uma cauda de um cavalo tu te tornaste, ó Indra, quando, na lança dele empalado, como deus não ajudado'.]

<sup>26</sup> Segundo o professor Max Müller, o Indus, os cinco rios do Panjab (Vitastā, Asiknī, Paruṣṇī, Vipās, Śutudrī) e o Sarasvatī. Lassen e Ludwig colocam o Kubhā no lugar do citado por último.

<sup>27</sup> ['viste como vingador da serpente' – Macdonell.]

<sup>28</sup> Essa fuga de Indra é citada frequentemente. É dito que ele fugiu pensando que ele tinha cometido um grande pecado ao matar Vṛtra. *Noventa e nove* é usado indefinidamente em lugar de um grande número.

### Hino 33. Indra (Wilson)

(Terceiro Adhyāya. Continuação do Anuvāka 7. Sūkta III)

O Ṛṣi é, como antes, Hiraṇyastūpa. Indra, também, é a divindade; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 1. **1.** Venham, vamos nos dirigir a Indra, (para recuperar nosso gado roubado); pois ele, desprovido de malícia, alegra nossas mentes: por isso ele nos concederá perfeito conhecimento dessa riqueza, (a qual consiste) em gado.

**2.** Eu voo, como um falcão para seu ninho querido, em direção àquele Indra que deve ser chamado, por seus adoradores, em batalha; glorificando, com hinos excelentes, a ele que é invencível, e concessor de riqueza.

**3.** O comandante da hoste inteira amarrou sua aljava (em suas costas): o senhor<sup>1</sup> conduz o gado (para a residência) de quem ele quer. Poderoso Indra, que nos concedes riqueza abundante, não tires vantagem de nós, como um mercador.<sup>2</sup>

**4.** De fato, Indra, tu mataste o bárbaro<sup>3</sup> rico com teu (raio) adamantino; – tu, atacando(-o) sozinho, embora com auxiliares (os Maruts) à mão.<sup>4</sup> Percebendo o iminente poder de destruição múltipla do teu arco, eles, os Sanakas,<sup>5</sup> que negligenciavam o sacrifício, pereceram.

**5.** Os que negligenciam o sacrifício, lutando com os sacrificadores, Indra, fugiram, com rostos desviados. Indra, feroz, inflexível, senhor dos corcéis; (eles desapareceram,) quando tu sopraste os que desrespeitam a religião para fora do céu, da terra e do firmamento.

Varga 2. **6.** (Os partidários de Vṛtra) enfrentaram o exército do irrepreensível (Indra): homens de vidas santas o encorajaram.<sup>6</sup> Espalhados diante dele, cientes (de sua inferioridade), como os emasculados lutando com homens, eles fugiram por caminhos íngremes.

**7.** Tu os destruístes, Indra, eles chorassem ou rissem, no limite mais distante do céu. Tu destruístes o ladrão (tendo-o arrastado) do céu, e recebeste os louvores do adorador, glorificando-te e oferecendo oblações.

**8.** Enfeitados com ouro e jóias, eles foram se espalhando pelo perímetro da terra; mas, poderosos como eles eram, eles não triunfaram sobre Indra: ele os dispersou com o sol (nascente).<sup>7</sup>

**9.** Indra, como tu desfrutas do céu e da terra, investindo o universo com tua magnitude, tu sopraste para longe o ladrão com as preces que são repetidas em nome daqueles que não as compreendem.<sup>8</sup>

<sup>1</sup> *Arya*, aqui explicado como *svāmin*, mestre, dono, senhor, – significando Indra.

<sup>2</sup> Literalmente, ‘não sejas para nós um paṇi’, um comerciante; esse sendo um significado do termo. Pede-se que Indra não negocie duramente, não exija demais de seus adoradores.

<sup>3</sup> Vṛtra, o *Dasyu*, literalmente, um ladrão, mas, aparentemente, usado em contraste com *Arya*, como se significando as tribos incivilizadas da Índia. Ele é chamado de rico porque, de acordo com o *Vājasaneyīs*, ele abrange, dentro dele, todos os deuses, todo o conhecimento, todas as oblações.

<sup>4</sup> Conforme o *Brāhmaṇa*. Os Maruts que acompanhavam Indra não atacaram Vṛtra; mas eles ficaram próximos, e encorajaram o primeiro, dizendo: ‘Golpeia, ó Senhor, mostra-te um herói’.

<sup>5</sup> Os seguidores de Vṛtra são chamados por esse nome. Eles também são chamados, nesse e no verso seguinte, de não-sacrificadores; aqui, aparentemente, também identificando os seguidores de Vṛtra com as tribos que não tinham adotado, ou eram hostis ao ritual dos *Vedas*.

<sup>6</sup> *Kṣitayo navaghvāḥ*, homens cujas práticas eram recomendáveis. Ou os ‘homens’, é dito, podem ser os Aṅgirasas, empenhados em oferecer libações para Indra por nove meses, para dar coragem a ele.

<sup>7</sup> Nós voltamos, aqui, à alegoria. É dito que os seguidores de Vṛtra são, aqui, as sombras da noite, que são dissipadas pelo nascer do sol; de acordo com o *Brāhmaṇa*: “De fato, o sol, quando ele nasce no leste, afasta os *Rākṣasas*.”

**10.** Quando as águas não desceram sobre as extremidades da terra, e não cobriram aquela concessora de afluência com suas produções, então Intra, o derramador, pegou seu raio e, com seu brilho, ordenou as águas da escuridão.

Varga 3. **11.** As águas fluíram, para fornecer o alimento de Indra; mas (Vṛtra) cresceu, no meio dos (rios) navegáveis: então Indra, com seu raio fatal e poderoso, matou Vṛtra, cujos pensamentos estavam sempre dirigidos para ele.

**12.** Indra libertou (as águas) obstruídas por (Vṛtra), quando adormecido nas cavernas da terra, e matou o cornudo secador (do mundo).<sup>9</sup> Tu, Maghavan, com rapidez e força iguais, mataste, com teu raio, o inimigo que te desafiava em batalha.

**13.** A arma de Indra caiu sobre seus adversários; com sua (lança) afiada e excelente ele destruiu as cidades deles; ele então atingiu Vṛtra com seu raio, e, (por) matá-lo, alegrou sua mente.

**14.** Tu, Indra, protegeste Kutsa, grato pelos louvores dele; tu defendeste o excelente Daśadyu, envolvido em combate; o pó dos cascos dos teus corcéis subiu ao céu; o filho de Śvitṛā (por tua graça) ergueu-se, para ser novamente sustentado por homens.<sup>10</sup>

**15.** Tu protegeste, Maghavan, o filho excelente de Śvitṛā, quando combatendo por suas terras, e encorajado (por ti) quando imerso em água. Inflige dores fortes àqueles de mente hostil, que têm permanecido por longo tempo (em inimizade) contra nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 34 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 33. Indra (Griffith)

**1.** Venham, ávidos por saque<sup>11</sup> vamos procurar Indra: ele aumentará ainda mais seu cuidado que nos guia. O Indestrutível não nos dotará com o conhecimento perfeito dessa riqueza, do gado?

**2.** Eu voo para o invisível Dador de riqueza como o falcão voa para o seu ninho querido; Com os mais belos hinos de louvor adorando Indra, a quem aqueles que o louvam devem invocar em batalha.

**3.** Em meio a todo o seu exército, ele amarra a aljava: ele afasta o gado daquele inimigo, se lhe aprover; Reunindo grande fartura de riquezas, não sejas negociante conosco, Indra, o mais poderoso.

**4.** Tu mataste com teu raio o rico Dasyu,<sup>12</sup> sozinho, mesmo andando com teus ajudantes, Indra! Muito longe do chão do céu em todas as direções, os antigos sem ritos<sup>13</sup> fugiram para a destruição.

---

<sup>8</sup> Isto é, de acordo com o comentador, aqueles instituidores de sacrifícios que somente repetem os *mantras* sem compreender seu significado devem, todavia, ser protegidos por, ou devem colher o benefício de, aqueles *mantras*; e com *mantras*, ou preces dessa descrição, Indra é para ser incentivado, ou fortalecido para soprar para longe ou dispersar os seguidores de Vṛtra, nuvens ou escuridão.

<sup>9</sup> *Śrīghṇam* \* *śuṣṇam*. O primeiro, literalmente, ‘tendo chifres’ o comentador explica ‘equipado com armas como os chifres de touros e búfalos’. O segundo, literalmente, ‘secagem’, ‘ressecamento’, é aplicado a Vṛtra, ou a nuvem, porque ela retém a umidade necessária para a fertilidade.

<sup>10</sup> É dito que Kutsa é um *Rṣi*, fundador de um *Gotra*, uma família, ou escola religiosa, e é citado em outra parte como o amigo particular de Indra, ou até como filho dele. Ele é o suposto autor de vários hinos. Daśadyu também é chamado de *Rṣi*, mas ele parece ter sido um guerreiro. O mesmo pode ser dito de Śvaitreya, ou Śvitrya, o filho de uma mulher chamada Śvitṛā.

<sup>11</sup> *Gavyāntaḥ*, literalmente buscando ou ávidos por vacas, isto é, saque ou riqueza consistindo principalmente em gado.

<sup>12</sup> Segundo Sāyaṇa, ‘Vṛtra o ladrão’, o retentor da chuva fertilizante. Os Dasyus são também uma classe de demônios, inimigos de deuses e homens, e às vezes a palavra significa um selvagem, um bárbaro.

5. Lutando com fiéis devotos, os sem ritos se viraram e fugiram, Indra! com rostos desviados, quando tu, Senhor feroz dos Cavalos Baios, o Persistente,<sup>14</sup> sopraste da terra e do céu e do firmamento os ímpios.
6. Eles enfrentaram em luta o exército dos irrepreensíveis: então os Navagvas<sup>15</sup> empregaram todo o seu poder. Eles, como emasculados lutando com homens, fugiram de Indra, cientes, por caminhos íngremes, dispersos.
7. Eles chorassem ou rissem, tu os destruístes, ó Indra, no limite mais extremo do céu. O Dasyu tu queimaste do céu, e saudaste a oração daquele que derrama o suco e te louva.
8. Adornados com sua variedade de ouro e jóias, eles estenderam sobre a Terra um véu que cobre. Embora eles se apressassem, eles não derrotaram Indra: os espiões deles ele cercou com o Sol da manhã.
9. Como tu desfrutas do céu e da terra, ó Indra, cercados por todos os lados pela tua grandeza, assim tu com sacerdotes sopraste para longe o Dasyu, e aqueles que não adoram com aqueles que adoram.
10. Eles que permeavam o limite mais extremo da Terra não subjugarão com seus encantos o Concessor de Prosperidade: Indra, o Touro, fez do trovão seu aliado, e com sua luz ordenhou vacas a partir da escuridão.<sup>16</sup>
11. As águas fluíram de acordo com sua natureza; ele invadiu as correntes navegáveis tendo se tornado poderoso. Então Indra, com seu espírito concentrado, o atingiu para sempre com sua arma mais forte.
12. Indra quebrou os castelos fortes de Ilībiśa,<sup>17</sup> e Śuṣṇa com seu chifre<sup>18</sup> ele cortou em pedaços; Tu, Maghavan, com toda a tua força e rapidez, mataste teu inimigo combatente com teu raio.
13. Violenta sobre seus inimigos caiu a arma de Indra; com seu touro impetuoso<sup>19</sup> ele partiu as fortalezas deles em pedaços. Ele com seu raio desferiu golpes em Vṛtra, e venceu, cumprindo todo o seu propósito.
14. Indra, tu ajudaste Kutsa a quem amaste, e protegeste o corajoso Daśadyu quando ele lutou; A poeira dos cavalos pisoteando subiu para o céu, e o filho de Śvitṛā levantou-se novamente para a conquista.
15. O novilho brando<sup>20</sup> de Śvitṛā, ó Maghavan, tu ajudaste em combate pela terra, em meio às casas de Tugra.<sup>21</sup> Eles ficaram lá por muito tempo antes que a tarefa fosse concluída; tu foste o dono do tesouro dos inimigos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 34 \(Griffith\)](#)

<sup>13</sup> Os seguidores de Vṛtra, aqui aparentemente identificados com as tribos nativas que não tinham adotado, ou que eram hostis ao ritual dos Vedas.

<sup>14</sup> Aquele que permanece firme em combate. A palavra no texto, *sthātar*, parece corresponder exatamente ao Stator latino (Júpiter Stator). Veja Benfey, *Orient und Occident*, I. 48.

<sup>15</sup> O nome de uma família mitológica frequentemente associada com aquela de Aṅgiras, e descrita como tomando parte nas batalhas de Indra, regulando o culto dos deuses, etc.

<sup>16</sup> Isto é, atingiu a nuvem com seu relâmpago, e fez as torrentes leitosas de chuvas fertilizantes fluírem.

<sup>17</sup> Sāyaṇa diz que Ilībiśa é Vṛtra 'que dorme em cavernas da terra'. Provavelmente um dos demônios confederados é aludido.

<sup>18</sup> O significado de 'cornudo' ou 'com seu chifre' é simplesmente 'poderoso', o chifre sendo usado, como na poesia hebraica, como o símbolo da força.

<sup>19</sup> Isto é, o raio impetuoso.

<sup>20</sup> Isto é, filho forte, mas amável.

<sup>21</sup> O significado de *tugryāsu* no texto não está claro. Sāyaṇa o explica por 'nas águas'; Benfey traduz 'entre as filhas de Tugra', e o *Petersburg Lexicon* considera que ele significa 'entre as famílias dos Tugryans'.

## Hino 34. Ásvins (Wilson)

(Sūkta IV)

O R̥ṣi é o mesmo; o Hino é endereçado aos Ásvins; a métrica é Jagatī, exceto na nona e décima segunda estrofes, nas quais ela é Triṣṭubh.

Varga 4. **1.** Sábios Ásvins, estejam presentes conosco três vezes hoje.<sup>1</sup> Vasto é seu veículo, como também sua munificência; sua união é como aquela do (dia) brilhante e (noite) orvalhosa. (Permitam-se serem) detidos pelos sacerdotes eruditos.

**2.** Três são as (rodas) sólidas da sua carruagem portadora de abundância, como todos os deuses (a) conheceram, quando acompanhante de Venā, a amada de Soma;<sup>2</sup> três são as colunas<sup>3</sup> colocadas (sobre ela) para apoio; e, nela, vocês viajam três vezes por noite, e três vezes por dia.

**3.** Três vezes em um dia inteiro vocês corrigem as falhas (de seus adoradores). Três vezes hoje borrifem a oblação com doçura; e três vezes, de manhã e à noite, nos concedam alimento concessor de força.

**4.** Três vezes, Ásvins, visitem a nossa residência, e o homem que é bem disposto em direção a nós; três vezes se dirijam àquele que merece sua proteção, e nos instruem em conhecimento triplo; três vezes nos concedam (recompensas) gratificantes; três vezes derramem sobre nós alimento, como (Indra derrama) chuva.

**5.** Ásvins, três vezes nos concedam riquezas; aproximem-se três vezes do rito divino; preservem três vezes os nossos intelectos; três vezes nos concedam prosperidade; três vezes, alimento. A filha do sol subiu em seu carro de três rodas.

**6.** Três vezes nos concedam, Ásvins, os medicamentos do céu, e aqueles da terra, e aqueles do firmamento. Deem ao meu filho a prosperidade de Śanyu.<sup>4</sup> Apreciadores de (ervas) saudáveis, preservem o bem-estar dos três humores (do corpo).<sup>5</sup>

Varga 5. **7.** Ásvins, que devem ser adorados três vezes, dia a dia, repousem no (leito) triplo de grama sagrada sobre a terra, (que forma o altar). Nāsatyas<sup>6</sup> conduzidos em carro, dirijam-se, do altar, para o triplo (lugar de sacrifício);<sup>7</sup> como o ar vital, para corpos (vivos).

**8.** Venham, Ásvins, três vezes, com os sete rios-mãe.<sup>8</sup> Os três rios estão prontos;<sup>9</sup> a oblação tripla está preparada. Erguendo-se acima dos três mundos, vocês defendem o sol no céu, que está estabelecido de noite e de dia.

<sup>1</sup> Nós temos uma diversidade de variações cantadas, nesse hino, sobre o número 'três'. Nesse lugar, alusão, é dito, é feita aos três sacrifícios diários, – no amanhecer, meio-dia e pôr do sol, – ou à faculdade de todas as divindades, de ser *tripathagāh*, ou de percorrer igualmente os céus, o firmamento, e a terra.

<sup>2</sup> É dito que os Ásvins encheram seu *ratha*, ou carro, com todos os tipos de coisas boas, quando eles foram ao casamento de Venā com Soma, – uma lenda não encontrada nos *Purāṇas*.

<sup>3</sup> Postes colocados de pé sobre o corpo do carro, no qual os passageiros podem segurar, se, por seu movimento rápido ou irregular, eles tiverem medo de cair.

<sup>4</sup> É dito que Śanyu é o filho de Bṛhaspati, criado pelos Ásvins.

<sup>5</sup> O texto tem somente *tridhātu*, o agregado de três humores, os quais o comentador, conforme escritores médicos, diz serem vento, bile e muco.

<sup>6</sup> Aqueles em quem não há (*na*) inverdade (*asatya*).

<sup>7</sup> O texto tem somente 'para os três;' o comentador acrescenta: 'altares, respectivamente apropriados para oblações de *ghee*, para sacrifícios animais, e libações de *Soma*'.

<sup>8</sup> Gangā e os outros rios são aqui considerados como as mães da água que flui em suas correntes.

<sup>9</sup> Três tipos de jarros, ou cântaros, usados para conter e derramar o suco *Soma*, nos três sacrifícios diários.

9. Onde, Nāsatyas, estão as três rodas do seu carro triangular?<sup>10</sup> Onde, as três fixações e estacas (do toldo)? Quando o poderoso asno<sup>11</sup> será ajoujado, para que vocês possam vir para o sacrifício?

10. Venham, Nāsatyas, para o sacrifício. A oblação é oferecida. Bebam o suco, com bocas que apreciam o sabor doce. Antes da alvorada, certamente, Savitr envia, (para trazer vocês) para o rito, seu carro extraordinário,<sup>12</sup> brilhando com manteiga clarificada.

11. Venham, Nāsatyas, com as três vezes onze divindades;<sup>13</sup> venham, Ásvins, beber a oblação. Prolonguem nossas vidas, apaguem nossas falhas; detenham nossos inimigos; e estejam sempre conosco.

12. Conduzidos em seu carro que percorre os três mundos, tragam para nós, Ásvins, afluência presente, acompanhada por progênie (masculina). Eu invoco vocês dois, ouvindo-me, por proteção. Estejam conosco por vigor em batalha.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 35 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 34. Ásvins (Griffith)

1. Vocês que observam estejam conosco hoje mesmo três vezes:<sup>14</sup> sua generosidade se estende ao longe, Ásvins, e sua rota. A vocês, como a um manto no inverno, nós nos aferramos: vocês devem ser atraídos para perto de nós pelos sábios.

2. Três são as pinas em seu carro portador de mel, que viaja atrás da amada de Soma,<sup>15</sup> como todos sabem. Três são os pilares fixados sobre ele para apoio: três vezes vocês viajam por noite, ó Ásvins, três vezes por dia.

3. Três vezes no mesmo dia, ó deuses que banem a escassez, borrifem três vezes hoje o nosso sacrifício com Hidromel; E três vezes nos concedam fartura de alimentos com força abundante, à noite, ó Ásvins, e ao raiar do dia.

4. Três vezes venham à nossa casa, três vezes ao povo justo, ajudem três vezes triplamente o homem que bem merece a sua ajuda. Três vezes, ó Ásvins, nos tragam o que nos fará felizes; três vezes nos enviem fartura de alimentos de modo que nunca mais falte.

5. Três vezes, ó Ásvins, nos tragam riqueza abundante: três vezes na assembleia dos deuses, três vezes auxiliem nossos pensamentos. Três vezes, nos concedam prosperidade, três vezes nos concedam fama, pois a filha do Sol<sup>16</sup> subiu em seu carro de três rodas.

6. Três vezes, Ásvins, nos concedam os medicamentos celestes, três vezes os da terra e três vezes aqueles que as águas possuem; Graça e saúde e força concedam ao meu filho, tripla proteção, Senhores do Esplendor, concedam a ele.

---

<sup>10</sup> O vértice do carro é na frente, a base é a parte de trás, formando três ângulos.

<sup>11</sup> O texto tem *rāsabha*, um sinônimo de *gardabha*, um asno. De acordo com o *Nighaṇṭu*, há um par deles: 'Dois asnos são os corcéis dos Ásvins'.

<sup>12</sup> Sugerindo que os Ásvins devem ser adorados, com esse hino, no amanhecer.

<sup>13</sup> Essa é a autoridade para a usual enumeração purânica de trinta e três divindades, reconhecidamente baseada em textos védicos. A lista é, lá, composta dos oito Vasus, onze Rudras, doze Ādityas, Prajāpati, e Vaśaṭkāra (*Viṣṇu Purāṇa*, [pág. 136, e nota 27, da versão em português]); mas o comentador sugere uma classificação diferente, ou a repetição tripla de onze divindades, de acordo com o texto: 'Vocês onze divindades, que estão no céu'; veja 1.139.11.

<sup>14</sup> Isto é, em todos os três sacrifícios diários.

<sup>15</sup> Soma aqui é a Lua, sua amada é Jyotsnā ou Kaumudī o Luar, identificada com Sūryā, a luz emprestada do Sol.

<sup>16</sup> Sūryā que é chamada de a consorte dos Ásvins.

**7.** Três vezes vocês devem ser adorados dia a dia por nós: três vezes, ó Ásvins, vocês viajam ao redor da Terra. Conduzidos em carro, de longe, ó Nāsatyas, venham, como o ar vital para corpos, venham aos três.

**8.** Três vezes, ó Ásvins, com sete Correntes Mãe; três são os jarros, a oferta tripla está preparada. Três são os mundos, e movendo-se acima do céu vocês protegem a abóboda celeste fixada firme por dias e noites.

**9.** Onde estão as três rodas do seu carro triplo, onde estão os três lugares firmemente presos a ele? Quando vocês unirão o asno poderoso que o puxa, para trazê-los para o nosso sacrifício, Nāsatyas?

**10.** Nāsatyas, venham: o presente sagrado é oferecido; bebam o suco doce com lábios que conhecem bem a doçura. Savitar envia, antes do amanhecer do dia, seu carro, repleto de óleo, de várias cores, para o nosso sacrifício.

**11.** Venham, ó Nāsatyas, com os três vezes onze deuses, venham, ó Ásvins, para beber do Hidromel. Tornem longos os nossos dias de vida, e apaguem todos os nossos pecados: afastem os nossos inimigos; estejam sempre conosco.

**12.** Conduzidos em seu carro triplo, ó Ásvins, nos tragam prosperidade presente com descendência nobre. Eu clamo a vocês que me ouvem por proteção, que vocês sejam nossos auxiliares onde os homens ganham os despojos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 35 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 35. Savitr̥ (Wilson)

(Sūkta V)

O R̥ṣi é o mesmo; o primeiro e nono versos estão na métrica Jagatī; o resto, na Triṣṭubh. O deus do Hino inteiro é Savitr̥; mas, no primeiro verso, Agni, Mitra, Varuṇa e Noite estão incluídos, como divindades subordinadas ou associadas.

Varga 6. **1.** Primeiro eu chamo Agni, por proteção; eu chamo, por proteção, Mitra e Varuṇa; eu chamo *Noite*, que traz descanso para o mundo; eu chamo o divino Savitr̥, para a minha preservação.

**2.** Girando pelo firmamento escurecido, despertando mortal e imortal, o divino Savitr̥ viaja em sua carruagem dourada, contemplando os (vários) mundos.

**3.** O divino Savitr̥ viaja por um caminho ascendente e descendente;<sup>1</sup> digno de adoração, ele viaja com dois cavalos brancos; ele vem para cá, de uma distância, removendo todos os pecados.

**4.** O adorável Savitr̥ de muitos raios, tendo o poder (de dispersar) a escuridão do mundo, subiu em sua carruagem que permanece próxima, decorada com muitos tipos de ornamentos dourados, e equipada com jugos dourados.

**5.** Seus corcéis de patas brancas,<sup>2</sup> arreados ao seu carro com um jugo dourado, têm manifestado luz para a humanidade. Os homens e todas as regiões estão sempre na presença do divino Savitr̥.

**6.** Três são as esferas; duas estão na proximidade de Savitr̥, uma leva os homens à residência de Yama.<sup>3</sup> Os (corpos luminosos) imortais<sup>4</sup> dependem de Savitr̥; como um carro, do pino do eixo. Que aquele que conhece (a grandeza de Savitr̥) a declare.

Varga 7. **7.** Suparṇa,<sup>5</sup> profundamente trêmulo, concessor de vida, bem dirigido, tem iluminado as três regiões. Onde, agora, está Sūrya? Quem sabe para qual esfera os raios dele se estenderam?

**8.** Ele tem iluminado os oito pontos do horizonte, as três regiões dos seres vivos, os sete rios. Que Savitr̥ de olho dourado venha para cá, concedendo ao ofertante da libação riquezas desejáveis.

**9.** Savitr̥ de mão dourada, que tudo vê, viaja entre as duas regiões de céu e terra, afasta doenças, se aproxima do sol,<sup>6</sup> e cobre o céu com trevas, alternando radiância.

**10.** Que o afluente Savitr̥ de mão dourada, concessor de vida, que orienta bem, que alegra, esteja presente (no sacrifício); pois o deus, se adorado à noite, fica próximo, afugentando Rākṣasas e Yātudhānas.

<sup>1</sup> Isto é, ascendendo do nascer do sol até o meridiano, e então declinando.

<sup>2</sup> Os cavalos de Savitr̥ são aqui chamados de *śyāva*, o que, propriamente, significa ‘os marrons’, mas, no verso três, eles foram chamados de ‘brancos’, o presente deve ser, portanto, um nome próprio, a menos que o cantor do hino se contradiga.

<sup>3</sup> É dito que as esferas ou *lokas* que se encontram no caminho imediato do sol são céu e terra; o *loka* intermediário, antarikṣa, ou firmamento, é descrito como a estrada para o reino de Yama, o soberano dos mortos, pelo qual os *pretāh*, ou fantasmas, viajam.

<sup>4</sup> O texto tem somente *amṛtā*, ‘os imortais’; o comentador acrescenta ‘a lua e constelações’, ou, em outra acepção, ‘as chuvas’, *amṛta* tendo, como um significado, água.

<sup>5</sup> Suparṇa, o bem alado é, no *Nighaṇṭu*, um sinônimo de *raśmi*, um raio; um de seus epítetos, *asura*, é aqui explicado como ‘concessor de vida’; de *asu*, ar vital, e *ra*, que dá.

<sup>6</sup> O comentador se esforça para explicar isso, por observar que, embora Savitr̥ e Sūrya sejam o mesmo, com relação à sua divindade, contudo eles são duas formas diferentes, e, portanto, um pode ir até o outro.

11. Teus caminhos, Savitr, são preparados de antigamente, são livres de poeira, e bem colocados no firmamento. (Vindo) por aqueles caminhos, fáceis de serem percorridos, protege-nos hoje. Deus, fala conosco.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 36 \(Wilson\)](#)

### Hino 35. Savitar (Griffith)

1. Agni eu invoco primeiro para a nossa prosperidade; eu invoco Mitra, Varuṇa, para nos ajudar aqui. Eu invoco a Noite, que dá descanso a toda a vida movente; eu apelo a Savitar o Deus para nos ajudar.
2. Avançando por todo o firmamento escuro, colocando para descansar o imortal e o mortal; Trazido em sua carruagem dourada ele vem, Savitar, o Deus que contempla toda criatura.
3. O Deus se move pelo caminho ascendente, o descendente; com dois Baios brilhantes, adorável, ele viaja. Savitar vem, o Deus da distância longínqua, e afasta de nós toda angústia e tristeza.
4. Em sua carruagem adornada com pérolas, de várias cores, imponente, com lança de ouro, o Deus subiu; Aquele de muitos raios, Savitar o santo, em viagem, tendo poder e força, para regiões escuras.
5. Puxando o carro de jugo de ouro seus Baios, de patas brancas, têm manifestado luz para todos os povos. Mantidos no colo de Savitar, o Divino, todos os homens, todos os seres têm seu lugar para sempre.
6. Existem três céus, dois de Savitar,<sup>7</sup> próximos: no mundo de Yama é um, o lar dos heróis; Como em um eixo central,<sup>8</sup> firme, repousam coisas imortais: aquele que sabe disso que ele declare isso aqui.
7. Ele, de asa forte,<sup>9</sup> tem iluminado as regiões, Asura<sup>10</sup> de tremor profundo, o Líder Gentil. Onde está Sūrya agora, onde se encontra alguém para nos dizer para qual esfera celestial seu raio vagou?
8. Seu brilho iluminou oito pontos da Terra, três regiões desérticas e os Sete Rios. Deus Savitar o de olho dourado vem para cá, dando tesouros excelentes para aquele que adora.
9. Savitar de mão dourada, perspicaz, segue seu caminho entre a terra e o céu; Afasta doença, manda o Sol se aproximar de nós, e espalha o céu brilhante pela região escura.
10. Que ele, o Asura de mão dourada, Líder Bondoso, venha para cá até nós com sua ajuda e proteção. Rechaçando Rākṣasas e Yātudhānas,<sup>11</sup> o Deus está presente, louvado em hinos ao anoitecer.
11. Ó Savitar, teus antigos caminhos sem poeira estão bem estabelecidos na região média do ar; Ó Deus, vem por esses caminhos tão propícios para viajar, protege-nos do mal nesse dia, e nos abençoa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 36 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Céu e terra, ou o céu do dia e o céu da noite.

<sup>8</sup> O eixo central é o símbolo da estabilidade, mantendo sua posição inalterada pela revolução das rodas. Assim os Deuses permanecem impassíveis, não afetados pela morte ou mudança, ao contrário dos mortais que partem para o reino de Yama. Veja J. Ehni, *Der Mythos des Yama*, p. 115.

<sup>9</sup> *Suparṇāh*, um epíteto ou um nome do Sol.

<sup>10</sup> O Imortal e Divino.

<sup>11</sup> Uma classe de demônios ou maus espíritos, muito parecidos com os Rākṣasas, mas mais especialmente praticantes de feitiçaria.

## Hino 36. Agni (Wilson)

(Anuvāka 8. Sūkta I)

O Ṛṣi é Kaṇva,<sup>1</sup> o filho de Ghora; o deus é Agni, identificado, na décima terceira e décima quarta estrofes, com o Yūpa, ou poste sacrificial. A métrica dos versos ímpares é Bṛhatī, tendo doze sílabas no terceiro pāda, ou quarta parte da estrofe; a métrica dos versos pares é chamada de Satobṛhatī, tendo o primeiro e o terceiro pādas iguais.

Varga 8. **1.** Nós imploramos, com hinos sagrados, ao poderoso Agni, – a quem outros (Ṛṣis) também louvam, – para o benefício de vocês, que são muitas pessoas, que adoram os deuses.

**2.** Nós recorreremos a Agni, o aumentador de vigor. Oferecendo oblações, nós te adoramos. Generoso dador de alimento, sê favorável a nós, aqui, hoje, e sê nosso protetor.

**3.** Nós escolhemos a ti, Agni, o mensageiro e invocador dos deuses, que és dotado de todo o conhecimento. As chamadas de ti, que és poderoso e eterno, espalham teus raios em volta, tocam os céus.

**4.** Os deuses Varuṇa, Mitra, e Aryaman te acendem, o antigo mensageiro deles. O homem que te oferece oblações obtém, através de ti, Agni, riqueza universal.

**5.** Tu, Agni, és o concessor de deleite, o invocador e mensageiro dos deuses, o guardião doméstico da humanidade. As ações boas e duráveis que os deuses realizam estão, todas, agregadas em ti.

Varga 9. **6.** Vigoroso e auspicioso Agni, qualquer oblação que possa ser oferecida em ti, tu, bem disposto em direção a nós, agora ou em qualquer outro momento, transporta-a para os deuses poderosos.

**7.** Desse modo o devoto te adora, que és tal (como descrito), brilhante com teu próprio esplendor. Homens, com (sete)<sup>2</sup> sacerdotes ministrantes, acendem Agni (com oblações), vitoriosos sobre seus inimigos.

**8.** Os (deuses) destruidores, (junto contigo), mataram Vṛtra; eles fizeram da terra, e do céu, e do firmamento, a morada (de criaturas vivas). Que Agni, possuidor de riqueza, quando chamado, seja um benfeitor para Kaṇva; como um cavalo que relincha em um conflito por gado.

**9.** Toma o teu lugar, Agni, sobre a grama sagrada; pois tu és poderoso. Resplandece; pois tu és devotado aos deuses. Adorável e excelente Agni, emite a fumaça movente e graciosa.

**10.** Portador de oblações, (tu és aquele) a quem os deuses mantiveram por causa de Manu; a quem, doador de riqueza, Kaṇva, o anfitrião de convidados piedosos,<sup>3</sup> deteve; a quem Indra deteve; e a quem (agora,) algum outro adorador deteve.

Varga 10. **11.** Os raios daquele Agni, a quem Kaṇva fez mais brilhante que o sol, brilham preeminentemente; a ele esses nossos hinos, a ele nós, exaltamos.

<sup>1</sup> [‘Um Ṛṣi muito famoso, dito pertencer à família de Aṅgiras’. – Griffith.]

<sup>2</sup> O comentador completa com ‘os sete’. De acordo com outro texto: ‘os sete sacerdotes principais derramam a oblação’. De acordo com o Sr. Stevenson, os sete sacerdotes ou assistentes no *Soma-yāga* são: 1. O instituidor, ou *Yajamāna*; 2. O *Hotṛ*, que repete os hinos do *Ṛc*; 3. O *Udgātṛ*, que canta o *Sāma*; 4. O *Potṛ*, que prepara os materiais para a oblação; 5. O *Neṣṭṛ*, que a derrama no fogo; 6. O *Brahmā*, que supervisiona o todo; e, 7. O *Rakṣas*, que guarda a porta. Essa enumeração omite um dos principais realizadores, o *Adhvaryu*, que recita as fórmulas do *Yajush*, e que deve, provavelmente, tomar o lugar do *Yajamāna*. Os outros, exceto o último, estão incluídos entre os dezesseis.

<sup>3</sup> *Medhyātiti*, acompanhado por veneráveis (*medhya*) convidados (*atithi*), é, aqui, um epíteto de Kaṇva, cujo filho tinha sido antes apresentado como *Medhātithi*, o *Ṛṣi* do décimo segundo *Sūkta* e seguintes.

**12.** Agni, dador de alimento, completa nossos tesouros; pois a amizade dos deuses é obtível através de ti. Tu és o senhor de provisões notáveis. Faze-nos felizes; pois tu és grandioso.

**13.** Permanece ereto, para a nossa proteção, como o divino Savitr. Ereto, tu és o concessor de alimento, pelo qual nós te invocamos com unguentos, e sacerdotes (oferecendo oblações).<sup>4</sup>

**14.** Ereto, protege-nos, pelo conhecimento, do pecado; destrói todo espírito maligno; ergue-nos no alto, de modo que nós passemos (pelo mundo); e, para que nós possamos viver, leva nossa riqueza (de oblações), para os deuses.

**15.** Vigoroso e muitíssimo resplandecente Agni, protege-nos contra maus espíritos, e do (homem) malévolos que não oferece donativos; protege-nos de (animais) nocivos, e daqueles que procuram nos matar.

Varga 11. **16.** Agni, com os raios ardentes, destrói totalmente nossos inimigos, que não fazem doações, como (a louça do oleiro), com uma maça;<sup>5</sup> que alguém que é hostil a nós, e o homem que nos ataca com armas afiadas, não prevaleça contra nós.

**17.** Agni é solicitado para concessão de poder (afluência); ele tem concedido prosperidade a Kaṇva; ele tem protegido nossos amigos, assim como o (sábio que tem) a hoste dos santos, e (todo outro) adorador (que recorre a ele) em busca de riquezas.

**18.** Nós chamamos, de longe, junto com Agni, Turvaśa, Yadu e Ugrādeva. Que Agni, o que prende o ladrão, traga para cá Navavāstva, Bṛhadratha, e Turvīti.<sup>6</sup>

**19.** Manu te reteve, Agni, (para dar) luz para as várias raças da humanidade. Surgido por causa de sacrifício, e saciado com oblações, tu, a quem homens reverenciam, brilhaste por Kaṇva.

**20.** As chamas de Agni são luminosas, poderosas, terríveis, e não são confiáveis. Sempre, seguramente e totalmente, consome os poderosos espíritos do mal, e todos os outros nossos adversários.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 37 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 36. Agni (Griffith)

**1.** Com palavras emitidas em hinos sagrados, nós rogamos a Agni, o Senhor de muitas famílias que servem devidamente os deuses, sim, a ele a quem os outros também louvam.

**2.** Os homens ganharam Agni, ele que faz a força deles abundar: nós, com oblações, te adoramos. Sê hoje nosso Auxiliar de espírito benevolente em nossos atos de força, ó excelente.

**3.** A ti como o nosso mensageiro nós escolhemos, a ti, o Onisciente, como o nosso Sacerdote. As chamas de ti o poderoso estão espalhadas extensamente ao redor: teu esplendor alcança o céu.

**4.** Os Deuses acendem a ti seu mensageiro antigo, – Varuṇa, Mitra, Aryaman. Aquele homem mortal que tem derramado oferendas para ti, ó Agni, ganha através de ti toda riqueza.

---

<sup>4</sup> Agni, como ereto, é dito aqui ser identificado com o *yūpa*, ou poste ao qual as vítimas, em um sacrifício de animais, são amarradas; e, de acordo com Asvalāyana, esse verso e o seguinte devem ser recitados, em tais ocasiões, na hora de erguer o poste.

<sup>5</sup> O texto tem somente *ghanā*, com uma maça; o comentador completa com 'a cerâmica'.

<sup>6</sup> Nada mais é dito, das pessoas citadas nesse verso, além de que eles eram *Rājarsis*, sábios reais. Turvaśa pode ser outra leitura de Turvasu, que, com Yadu, era o filho de Yatāti, da raça lunar.

5. Tu, Agni, és um Sacerdote animador, Senhor da Casa, mensageiro dos homens; Todas as leis superiores imutáveis estabelecidas pelos deuses, reunidas, se encontram em ti.<sup>7</sup>
6. Em ti, o Auspicioso, ó Agni, o mais vigoroso, todo presente sagrado é oferecido; Nesse dia, e depois, benevolente, adora nossos Deuses, para que possamos ter filhos heroicos.
7. Dele em seu próprio esplendor brilhante o devoto se aproxima em adoração. Os homens acendem Agni com seus presentes sacrificais, vitoriosos sobre os inimigos.
8. Vṛtra eles derrotaram e mataram, e fizeram do céu e da terra e do firmamento uma grande morada. O Touro glorioso,<sup>8</sup> invocado, ficou ao lado de Kaṇva: o Corcel relinchou alto em disputas por vacas.
9. Senta-te, pois tu és poderoso, brilha, melhor animador dos Deuses. Digno de alimento sagrado, louvado Agni! solta a fumaça, rubra e bela de se ver.
10. Portador de oferendas, a quem, melhor Sacerdote sacrificante, os deuses ordenaram por causa de Manu; de quem Kaṇva, de quem Medhyātithi<sup>9</sup> fez a fonte de riqueza, e Vṛṣan e Upastuta.<sup>10</sup>
11. A ele, Agni, a quem Medhyātithi, a quem Kaṇva acendeu para seu rito; A ele, esses nossos cânticos de louvor, a ele, Agni, exaltam: seus poderes brilham preeminentes.
12. Faze a nossa riqueza perfeita, ó Agni, Senhor Divino, porque tu tens afinidade com os deuses. Tu governas como um Rei sobre força amplamente famosa: sê bom para nós, porque tu és grandioso.
13. Permanece ereto para nos prestar ajuda, eleva-te como Savitar o Deus; Ereto como concessor de força nós te chamamos em voz alta, com unguentos e com sacerdotes.<sup>11</sup>
14. Ereto, preserva-nos da dificuldade desagradável; mata com tua chama todo demônio devorador. Ergue-nos no alto para que possamos caminhar e viver: desse modo tu deves pronunciar nossa adoração em meio aos Deuses.
15. Protege-nos, Agni, do demônio, protege-nos do iníquo malicioso. Nos salva daquele que deseja nos ferir ou matar, O Mais Vigoroso, tu com luz imponente.
16. Derruba tal como com uma maça, tu que tens fogo como os dentes, golpeia o perverso, à direita e à esquerda. Não deixes o homem que conspira contra nós no meio da noite, nem qualquer inimigo, prevalecer sobre nós.
17. Agni tem dado poder heroico para Kaṇva, e felicidade: Agni tem ajudado nossos amigos,<sup>12</sup> tem ajudado Medhyātithi, tem ajudado Upastuta a ganhar.
18. Nós chamamos Ugradeva, Yadu, Turvaśa,<sup>13</sup> por meio de Agni, de longe; Agni, traze Navavāstva e Bṛhadratha, Turvīti, para subjugar o inimigo.

<sup>7</sup> A preservação do mundo inteiro depende, segundo o ponto de vista védico, dos sacrifícios oferecidos pelos homens, porque aqueles dão força aos Deuses e os tornam aptos a cumprirem seus deveres.

<sup>8</sup> O poderoso Agni, forte como um touro e impetuoso como um cavalo de guerra, ajudou seu favorito Kaṇva em batalha.

<sup>9</sup> *Medhyātithi*: Sāyaṇa considera essa palavra como um epíteto de Kaṇva [veja a nota 3]. Mas ela parece ser nome de um Ṛṣi da família de Kaṇva, o vidente de vinte e oito hinos dos livros 8 e 9.

<sup>10</sup> Vṛṣan e Upastuta: traduzidos por Wilson, conforme Sāyaṇa, 'Indra e algum outro adorador', são também aparentemente os nomes de dois outros Ṛṣis.

<sup>11</sup> Agni, como ereto, é identificado por Sāyaṇa com o poste sacrificial ao qual as vítimas, em um sacrifício animal, eram amarradas. Consequentemente ele considera que *añjibhiḥ* significa 'com unguentos', com os quais o poste era ungido. Essa palavra pode, entretanto se referir aos ornamentos – outra significação da palavra – usados pelos sacerdotes ministrantes.

<sup>12</sup> Sāyaṇa toma *mitrā* no texto como *mitrāṇi*, amigos. Benfey e Ludwig consideram que ela significa, o primeiro, Mitra, e o último, os dois Mitras, isto é, Mitra e Varuṇa; e eles traduzem respectivamente 'Agni e Mitra protegiam', e 'Agni, como Mitra (e Varuṇa) favoreceu'.

<sup>13</sup> Turvaśa e Yadu são citados juntos frequentemente como epônimos de tribos daqueles nomes. O poeta parece rezar pelo retorno de Navavāstva, quem quer que ele possa ter sido, para proteger o lar atacado pelos Dasyus ou ladrões, e talvez também para fortalecer sua prece por um apelo aos espíritos de heróis mortos.

**19.** Manu te estabeleceu uma luz, Agni, para toda a raça dos homens: Surgido da Lei, alimentado com óleo, por Kaṇva tu tens brilhado, tu, a quem o povo reverencia.

**20.** As chamas de Agni cheias de esplendor e de poder são terríveis, para não serem aproximadas. Consome para sempre todos os demônios e feiticeiros,<sup>14</sup> consome cada demônio devorador.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 37 \(Griffith\)](#)

---

### **Hino 36. Agni (Oldenberg)**

MANDALA I, HINO 36.

AṢṬAKA I, ADHYĀYA 3, VARGA 8–11.

**1.** Nós imploramos, com palavras bem faladas, ao vigoroso Agni que pertence a muitos povos, aos clãs que adoram os deuses, a quem outras pessoas (também) magnificam.

**2.** Os homens têm colocado Agni (no altar) como aumentador de força. Que possamos adorar-te, rico em alimento sacrificial. Assim, sê aqui hoje benevolente para nós, um ajudante em nossa luta por ganho, ó bom!

**3.** Nós te escolhemos, o possuidor de tudo, como nosso mensageiro e como nosso Hotṛ. As chamas de ti, que és grande, se espalham em volta; teus raios tocam o céu.

**4.** Os deuses, Varuṇa, Mitra, Aryaman, acendem a ti, o antigo mensageiro. O mortal, ó Agni, que te adora, ganha através de ti todos os prêmios.

**5.** Tu és o Hotṛ alegre e o chefe de família, ó Agni, o mensageiro dos clãs. Em ti todas as leis firmes que os deuses fizeram estão compreendidas.<sup>15</sup>

**6.** Em ti, o Abençoado, ó Agni, o deus mais jovem, todo o alimento sacrificial é oferecido. Sacrifica então, tu que és benevolente para nós hoje e depois, aos deuses para que nós possamos ser ricos em homens valentes.

**7.** Dele, o rei, os adoradores de fato se aproximam com reverência. Com oblações os homens acendem Agni, tendo superado todas as falhas.

**8.** Destruindo o inimigo,<sup>16</sup> eles (vitoriosamente) passaram pelo Céu e a Terra e as águas; eles abriram espaço amplo para sua habitação. Que o valoroso (Agni), depois de ter recebido as oblações, se torne brilhante ao lado da Kaṇva; que ele relinche como um corcel em batalhas.

**9.** Toma teu assento, tu és grande. Brilha, tu que te diriges muito excelentemente aos deuses. Ó Agni, deus santo, emite tua fumaça bela e vermelha, ó glorioso!

**10.** Tu, a quem os deuses colocaram aqui para Manu como o melhor realizador do sacrifício, ó portador de oferendas, a quem Kaṇva e Medhyātithi, a quem Vṛṣan e Upastuta (adoraram), o vencedor de prêmios.

**11.** Aquela nutrição de Agni tem brilhado a quem Medhyātithi e Kaṇva têm acendido em nome de Ṛta. A ele esses hinos, a ele nós exaltamos.

**12.** Enche (-nos de) riqueza, ó dependente de ti mesmo, pois tu, ó Agni, tens convivência com os deuses. Tu és senhor sobre saque glorioso. Tem piedade de nós, tu és grande.

**13.** Levanta-te em linha reta para nos abençoar, como o deus Savitr, justo ganhador de despojos, quando nós com nossos adoradores e com unguentos te chamamos em emulação (com outras pessoas).

---

<sup>14</sup> Rākṣasas e maus espíritos que praticam feitiçaria.

<sup>15</sup> “Em ti todas as obras eternas estão unidas, ou seja, dependem, que os deuses têm feito; tais como sol, estrelas, relâmpagos.” Max Müller.

<sup>16</sup> A palavra 'inimigo' (Vṛtra) faz alusão ao nome do demônio conquistado por Indra.

**14.** Permanecendo reto, protege-nos do mal com teu esplendor; queima todo demônio necrófago.<sup>17</sup> Que nós permaneçamos corretos para que possamos andar e viver. Descobre nossa adoração entre os deuses.

**15.** Salva-nos, ó Agni, do feiticeiro, livra-nos do mal, do avarento. Salva-nos daquele que nos prejudica ou tenta matar-nos, ó deus mais vigoroso com esplendor brilhante!

**16.** Atinge, assim como com uma maça, os avaros em todas as direções, e aquele que nos engana, ó deus de mandíbulas de fogo. O mortal que faz (suas armas) muito afiadas à noite, que aquele impostor não governe sobre nós.

**17.** Agni ganhou abundância em heróis, Agni prosperidade (para Kaṇva). Agni e os dois Mitras (ou seja, Mitra e Varuṇa) abençoaram Medhyātithi, Agni (abençoou) Upastuta na aquisição (de riqueza).

**18.** Através de Agni nós chamamos de longe para cá Turvaśa, Yadu e Ugradeva. Que Agni, nossa força contra o Dasyu, conduza Navavāstva, Bṛhadratha e Turvīti.

**19.** Manu te estabeleceu, ó Agni, como uma luz para todas as pessoas. Tu resplandeceste com Kaṇva, nascido de Ṛta, crescestes forte, tu, a quem as raças humanas cultuam.

**20.** As chamas de Agni são impetuosas e violentas, elas são terríveis e não devem ser suportadas. Sempre queima os feiticeiros, e os aliados dos *Yātus*, todos os maus espíritos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 44 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>17</sup> [*Ghoul*: espírito dos contos orientais, que ataca túmulos e se alimenta de cadáveres.]

## Hino 37. Maruts (Wilson)

(Sūkta II)

O R̥ṣi é Kaṇva; o Hino é endereçado aos Maruts; a métrica é Gāyatrī.

Varga 12. **1.** Celebrem, Kaṇvas,<sup>1</sup> a força reunida dos Maruts, alegres, sem cavalos,<sup>2</sup> mas brilhantes em seu carro;

**2.** Que, levados por veados pintalgados, nasceram autoluminosos, com armas, gritos de guerra,<sup>3</sup> e enfeites.

**3.** Eu ouço o estalo dos chicotes nas mãos deles, extraordinariamente inspirando (coragem) na luta.

**4.** Dirijam a oração dada por deus<sup>4</sup> àqueles que são sua força, os destruidores de inimigos, os poderosos, possuidores de reputação brilhante.

**5.** Louvem a força esportiva e irresistível dos Maruts, que nasceram entre vacas, e cuja força foi nutrida pelo (desfrute de) leite.<sup>5</sup>

Varga 13. **6.** Quem é o líder principal entre vocês, agitadores do céu e da terra, que abalam tudo em volta, como o topo (de uma árvore)?

**7.** O chefe de família, temendo sua aproximação feroz e violenta, plantou um (pilar)<sup>6</sup> firme; pois a montanha de muitos cumes é despedaçada (diante de vocês),

**8.** A cuja aproximação impetuosa a terra treme, como um monarca enfraquecido, por medo (de seus inimigos).

**9.** Estável é seu local de nascimento (o firmamento); porém as aves (são capazes) de sair (da esfera de) sua mãe: pois sua força é (dividida) em todos os lugares entre duas (regiões, ou, céu e terra).

**10.** Eles são os geradores de fala; eles espalham as águas, em seus cursos; eles estimulam o (gado) mugindo a entrar (na água), até seus joelhos, (para beber).

Varga 14. **11.** Eles impelem, diante deles, em sua rota, a nuvem longa, vasta, retentora de chuva, e que não pode ser diminuída.

**12.** Maruts, como vocês têm vigor, revigorem a humanidade; deem animação às nuvens.

**13.** Onde quer que os Maruts passem, eles encham o caminho de clamor, todos ouvem (o barulho) deles.

**14.** Venham rapidamente, com seus (veículos) velozes. As oferendas dos Kaṇvas estão preparadas. Fiquem satisfeitos com eles.

**15.** A oferenda está preparada para a sua satisfação; nós somos seus (adoradores), que nós possamos viver nossa vida inteira.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 38 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Kaṇvas pode significar os membros do *gotra* (a família, ou escola) de Kaṇva, ou, simplesmente, sábios ou sacerdotes.

<sup>2</sup> A frase é *anarvāṇam*, que o comentador explica como 'sem o filho de um irmão', o qual seria um epíteto bastante ininteligível. *Arvan* é, em sua acepção usual, um cavalo; e ser sem cavalos seria aplicável aos Maruts, cuja carruagem é puxada por cervos.

<sup>3</sup> *Vāśībhīh*, com sons, ou palavras; isto é, de acordo com o comentador, com gritos apavorando o exército do inimigo. *Vāśī* é um sinônimo de *vāch*, fala, voz, no *Nighaṇṭu*.

<sup>4</sup> *Devattaṃ brahma*, a prece ou oração que recomenda a oblação, obtida a partir da graça ou instrução dos deuses.

<sup>5</sup> A passagem é breve e obscura, – *jambhe rasasya vāṛdhe*, – a qual é explicada: seu vigor, derivado de, ou do leite, foi aumentado (ou) em desfrute ou na barriga. O Sr. Langlois tem “que reinam entre as vacas (celestes), e abrem com força (os úberes para derramar) o leite”. Ele considera que as vacas são as nuvens; e o leite, a chuva; mas é o *śardhas*, o *tejas*, a energia, ou força, dos Maruts, que tem sido aumentada em ou por, não exercida sobre, o *rasa*, ou leite.

<sup>6</sup> Uma coluna forte, para dar estabilidade à residência, segundo o comentador.

---

### Hino 37. Maruts (Griffith)

1. Cantem, ó Kaṇvas, para seu grupo de Maruts inatacáveis, Alegres, resplandecentes em seu carro.
2. Aqueles que, autoluminosos, nasceram juntos, com os cervos pintalgados, Lanças, espadas e ornamentos brilhantes.
3. Ouve-se, como se estivesse próximo, o estalo dos chicotes que eles seguram; Eles obtêm glória em seu caminho.
4. Agora cantem o hino dado por Deus para sua exultante tropa Marut, Os violentamente vigorosos, os fortes.
5. Louvem ao Touro entre as vacas;<sup>7</sup> pois ele é o grupo esportivo dos Maruts; Ele se fortaleceu porque bebeu da chuva.
6. Quem é o mais poderoso de vocês, Heróis, quando, ó abaladores da terra e do céu, Vocês que os agitam como a bainha de uma roupa?<sup>8</sup>
7. À sua aproximação o homem se segura diante do furor da sua ira: A montanha de juntas escarpadas cede.
8. Eles por cujos avanços a terra, como um senhor dos homens enfraquecido pela idade, treme em terror em seus caminhos.
9. Forte é o seu nascimento: eles têm vigor para emergir de sua Mãe, força, Sim, até duas vezes o suficiente, é deles.
10. E esses, os Filhos, os Cantores,<sup>9</sup> em suas corridas têm ampliado os limites, De modo que as vacas devem andar afundadas até os joelhos.<sup>10</sup>
11. Diante deles, nos caminhos que eles seguem, eles derramam essa prole da nuvem, Longa, ampla e inesgotável.
12. O Maruts, como sua força é grande, vocês têm derrubado homens na terra, Assim vocês têm feito as montanhas caírem.
13. Enquanto os Maruts passam, eles conversam no caminho: Alguém os ouve enquanto eles falam?
14. Venham rápido com corcéis velozes, pois vocês têm adoradores entre os filhos de Kaṇva Que vocês se regozijem entre eles completamente.
15. Tudo está preparado para o seu deleite. Nós somos seus servos sempre, Para viver tanto quanto a vida possa durar.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 38 \(Griffith\)](#)

---

<sup>7</sup> O grupo de Deuses da Tempestade preeminente entre as nuvens como um touro é entre as vacas.

<sup>8</sup> Isto é, quando todos são tão poderosos seria supérfluo perguntar quem é o mais poderoso.

<sup>9</sup> Os Maruts de voz alta.

<sup>10</sup> Os Maruts se espalharam pelo céu e fizeram cair tanta chuva que as vacas nos pastos estão na água até os joelhos.

## Hino 37. Aos Maruts (Os Deuses da Tempestade) (Müller)

MANDALA I, HINO 37.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 3, VARGA 12-14.

1. Cantem, ó Kaṇvas, para a hoste esportiva de seus Maruts, brilhantes em seus carros, e incólumes<sup>11</sup> –
2. Eles, que nasceram juntos, autoluminosos, com os cervos pintalgados (as nuvens),<sup>12</sup> as lanças, os punhais, os enfeites brilhantes.<sup>13</sup>
3. Eu ouço seus chicotes, quase perto, quando eles os estalam em suas mãos; eles ganham esplendor em seu caminho.<sup>14</sup>
4. Cantem a prece dada por deus para a tropa selvagem de seus Maruts, dotados de energia e força terríveis.
5. Celebrem o touro entre as vacas (a tempestade entre as nuvens), pois é a hoste esportiva dos Maruts, ele cresceu porque ele provou a chuva.
6. Quem, ó homens, é o mais forte entre vocês aqui, vocês agitadores do céu e da terra, quando vocês os agitam como a bainha de um traje?
7. À sua aproximação o filho do homem se detém, a nuvem retorcida fugiu por causa de sua ira violenta.
8. Eles por cujas corridas a terra, como um rei grisalho, treme de medo em seus caminhos,
9. Seu nascimento é forte de fato: há força para emergir de sua mãe, ou melhor, há vigor duas vezes o suficiente para isso.
10. E esses filhos, os cantores, alargaram as cercas em suas corridas,<sup>15</sup> as vacas tiveram que andar afundadas até os joelhos.
11. Eles fazem essa longa e vasta chuva incessante cair em seus caminhos.
12. Ó Maruts, com tal força como a sua, vocês têm feito os homens tremerem, vocês têm feito as montanhas tremerem.
13. Conforme os Maruts passam, eles conversam no caminho: alguém os ouve?
14. Venham rápido em seus corcéis velozes! Há adoradores de vocês entre os Kaṇvas: vocês podem se regozijar bem entre eles.
15. De fato há o bastante para o seu júbilo. Nós sempre somos seus servos, para que nós possamos viver, até a totalidade da vida.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 38 \(Müller\)](#)

<sup>11</sup> Wilson traduz *anarvāṇam* como 'sem cavalos', embora o comentador explique a palavra claramente como 'sem um inimigo'. O fato é que, no *Rg-Veda*, *an-arvan* nunca significa 'sem cavalos', mas sempre 'sem dano' ou 'livre de inimigos', e o comentador está perfeitamente certo, no que diz respeito ao sentido, em traduzir a palavra como 'sem um inimigo', ou 'sem oposição'.

<sup>12</sup> Os cervos manchados (*pr̥ṣati*) são os reconhecidos animais dos Maruts, e significavam originalmente, como parece, as nuvens de chuva. Sāyaṇa está perfeitamente ciente do significado original de *pr̥ṣatī*, como nuvens. A escola lendária, diz ele, os toma como cervos com manchas brancas, a escola etimológica como linhas de nuvens de muitas cores. Os Maruts, de fato, são chamados às vezes de *pr̥ṣat-asvāh*, com cavalos malhados, ou, tendo *pr̥ṣats* como seus cavalos, 7, 40, 3; no entanto, a tradição posterior na Índia declarou-se a favor de cervos manchados. Os poetas védicos, no entanto, admitiam ambas as idéias, e eles falam no mesmo hino, mais que isso, no mesmo verso, dos gamos e dos cavalos dos Maruts.

<sup>13</sup> As lanças e adagas dos Maruts significam os raios, e os enfeites brilhantes o relâmpago.

<sup>14</sup> Nós também poderíamos traduzir: "Aqui, por perto, eu ouço o que os chicotes em suas mãos dizem, eles impelem adiante o belo (carro) na estrada."

<sup>15</sup> A expressão que os Maruts ampliaram ou alargaram as cercas de sua pista de corridas (RV. 4, 58, 7), só pode significar que eles varreram todo o céu, e afastaram as nuvens de todos os horizontes. A última frase expressa o resultado dessa corrida, ou seja, a queda de tanta chuva que as vacas tiveram que caminhar até os joelhos na água. Isso se torna ainda mais claro a partir do próximo verso.

## Hino 38. Maruts (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi, deuses e métrica continuam os mesmos.

Varga 15. **1.** Maruts, que gostam de louvores, e por quem a grama sagrada é cortada, quando vocês nos pegarão por ambas as mãos, como um pai faz com seu filho?

**2.** Onde, de fato, vocês estão (no momento)? Quando sua chegada ocorrerá? Passem do céu, não da terra. Onde aqueles (que te cultuam) gritam (para vocês) como gado?

**3.** Onde, Maruts, estão seus novos tesouros? Onde, suas (riquezas) valiosas? Onde, todas as suas (dádivas) auspiciosas?

**4.** Que vocês, filhos de Prisni, se tornem mortais, e seu panegirista se torne imortal.

**5.** Que seu adorador nunca seja indiferente a vocês, – como um cervo (nunca é indiferente) ao pasto, – de modo que ele não trilhe o caminho de Yama.

Varga 16. **6.** Não deixem que o muito poderoso e indestrutível Nirṛiti<sup>1</sup> nos destrua: que ele pereça, com nossos (maus) desejos.

**7.** De fato, os brilhantes e vigorosos Maruts, criados por Rudra,<sup>2</sup> mandam chuva, sem vento, sobre o deserto.

**8.** O relâmpago ribomba, – como uma mãe vaca que berra por seu bezerro, – e, daí, a chuva é libertada pelos Maruts.

**9.** Eles espalham escuridão sobre o dia, por meio de uma nuvem carregada de água, e, por isso, inundam a terra.

**10.** Ao rugido dos Maruts, toda residência da terra (treme), e os homens, também, tremem.

Varga 17. **11.** Maruts, com mãos fortes, venham, com progresso desobstruído, ao longo dos rios belamente represados.

**12.** Que as pinas de suas rodas sejam firmes; que seus carros e seus corcéis sejam firmes, e seus dedos bem hábeis (para segurar as rédeas).

**13.** Proclamem, na nossa presença, (sacerdotes), com voz afinada para louvor, Brahmaṇaspati,<sup>3</sup> Agni, e o belo Mitra.

**14.** Profiram o verso que está em suas bocas; o espalhem, como uma nuvem espalhando chuva: cantem o hino medido.

**15.** Glorifiquem a hoste de Maruts, brilhantes, dignos de louvor, habilitados para adoração, que eles sejam exaltados por esse nosso culto.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 39 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Ele é, aqui, chamado de um deus da raça *Rākṣasa*.

<sup>2</sup> Aqueles que são de, ou pertencentes a, Rudra; explicado como: criados ou protegidos por Rudra.

<sup>3</sup> O senhor do *mantra* (ou prece), ou, do alimento sacrificial.

## Hino 38. Maruts (Griffith)

1. E agora? Quando vocês nos tomarão por ambas as mãos, como um pai querido ao seu filho; Deuses, para quem a erva sagrada é cortada?
2. Agora para onde? Para qual meta vocês vão, no céu, e não na terra?  
Onde as suas vacas se divertem?<sup>4</sup>
3. Onde as suas mais novas graças são mostradas? Onde, Maruts, a sua prosperidade?  
Onde todas as suas sublimes bem-aventuranças?
4. Se, ó Maruts, vocês os filhos que Pr̥śni teve, fossem mortais, e Imortal aquele que canta seu louvor,
5. Então seu adorador nunca seria odiado como um animal selvagem<sup>5</sup> na área do pasto, Nem ele seguiria pelo caminho de Yama.
6. Que nenhuma praga destrutiva<sup>6</sup> sobre praga difícil de ser conquistada, o derrube:  
Que todas, com a seca,<sup>7</sup> se afastem de nós.
7. De fato, eles os ferozes e poderosos Filhos de Rudra mandam sua Chuva sem vento<sup>8</sup> até nos lugares desertos.
8. Como uma vaca o relâmpago muge e segue, como mãe, seu filhote,  
Quando sua corrente de chuva foi libertada.
9. Quando eles inundam a terra eles espalham escuridão mesmo de dia,  
Com a nuvem de chuva carregada de água.
10. Ó Maruts, ao som da sua voz essa morada terrena treme,  
E cada homem que nela habita oscila.
11. Ó Maruts, com seus corcéis de cascos fortes, sem impedimentos em seus cursos,  
apressem-se, ao longo dos rios brilhantes represados.
12. Que sejam firmes as pinas de suas rodas, firmes seus cavalos e seus carros,  
E que suas rédeas também sejam bem ajustadas.
13. Convida para cá com essa música, para o louvor, Agni<sup>9</sup> o Senhor da Oração,<sup>10</sup>  
Aquele que é belo como Mitra.
14. Forma em tua boca o hino de louvor, expande-te<sup>11</sup> como uma nuvem de chuva  
Canta o elogio medido.
15. Cantem glória à hoste Marut, louvável, melodiosa,<sup>12</sup> vigorosa:  
Que os fortes residam aqui conosco.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 39 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> Talvez, como Max Müller sugere, 'onde permanecem seus rebanhos?' isto é, as nuvens. Porque vocês ficam no céu, e não vêm para a terra? Ou, de acordo com Ludwig: 'Onde se alimentam as vacas que devem fornecer leite e manteiga para o sacrifício para vocês? Onde é o lugar no qual deve ser oferecido sacrifício a vocês?'

<sup>5</sup> Ou, indesejado como um cervo em um pasto familiar ou prado reservado para as vacas.

<sup>6</sup> *Nir̥ritih*; pecado, Max Müller.

<sup>7</sup> *Ganância*, Max Müller.

<sup>8</sup> Chuva constante, não soprada para longe; que penetra no solo; o vento geralmente cessando logo que a chuva pesada começa a cair.

<sup>9</sup> Agni é invocado frequentemente junto com os Maruts, e é até chamado de *marutsakhā*, o amigo dos Maruts.

<sup>10</sup> Parece melhor, portanto, atribuir *brahmaṇaspatim* a Agni do que, com Sāyaṇa, à hoste dos Maruts. Brahmaṇaspati e Bṛhaspati são, ambos, variedades de Agni, o sacerdote e *purohita* dos Deuses e homens, e como tal ele é invocado junto com os Maruts em outras passagens, i. 40, l. Max Müller.

<sup>11</sup> Endereçado ao poeta do hino.

<sup>12</sup> Como em 1.37.10: 'E esses, os Filhos, os Cantores'. A canção dos Maruts é a música ou canto dos ventos.

## Hino 38. Aos Maruts (Os Deuses da Tempestade) (Müller)

MANDALA I, HINO 38.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 3, VARGA 15-17.

1. O que, então, agora? Quando vocês (nos) pegarão como um pai querido pega seu filho por ambas as mãos, ó deuses, para os quais a erva sagrada tem sido podada?
2. Onde estão agora? Em que missão vocês estão indo, no céu, não na terra? Onde suas vacas estão passando o tempo?
3. Onde estão suas mais novas graças, ó Maruts? Onde estão as bênçãos? Onde estão todos os prazeres?
4. Se vocês, filhos de Pṛṣni, fossem mortais, e seu adorador um imortal<sup>13</sup> –
5. Então seu adorador nunca seria indesejado, como um cervo em um pasto, nem ele seguiria o caminho de Yama.<sup>14</sup>
6. Que nenhum pecado após outro, difícil de ser conquistado, nos domine, que ele se afaste, juntamente com a ganância.
7. Realmente eles são terríveis e poderosos; até mesmo ao deserto os Rudriyas trazem chuva que nunca é secada.
8. O relâmpago muge como uma vaca, ele segue como uma mãe segue atrás de seu filhote, quando a chuva (dos Maruts) foi libertada.
9. Mesmo de dia os Maruts criam escuridão com a nuvem carregada de água, quando eles encharcam a terra.
10. Então por causa dos brados dos Maruts sobre todo o espaço da terra, os homens cambalearam para frente.
11. Maruts em seus corcéis de cascos fortes que nunca cansam vão atrás daquelas brilhantes (as nuvens), que ainda estão trancadas.
12. Que suas pinas sejam fortes, os carros, os seus cavalos, que suas rédeas sejam bem moldadas.
13. Pronuncia para sempre com tua voz para louvar o Senhor da oração, Agni, que é como um amigo, o brilhante.<sup>15</sup>
14. Forma um hino em tua boca! Expande-te como a nuvem!<sup>16</sup> Canta uma canção de louvor.
15. Adora a hoste dos Maruts, os terríveis, os gloriosos, os musicais.<sup>17</sup> Que eles sejam magnificados aqui entre nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 39 \(Müller\)](#)

<sup>13</sup> Eu acho melhor conectar os versos quarto e quinto, e me sinto justificado em fazê-lo por outras passagens onde a mesma ou uma ideia semelhante é expressa, isto é, que se o deus fosse o poeta e o poeta o deus, então o poeta seria mais generoso com o deus do que o deus é com ele: veja 7. 32. 18; 8. 19. 25-26; 8. 44. 23 e também 8. 14. 1-2.

<sup>14</sup> O caminho de Yama só pode ser o caminho seguido primeiro por Yama, ou que leva a Yama, como o governante dos mortos.

<sup>15</sup> Mitra nunca é, tanto quanto eu sei, invocado junto com os Maruts, e é melhor tomar *mitram* como amigo. Além disso, *na* não pode ser deixado aqui sem tradução. Ludwig traduz, 'belo como Mitra', isto é, brilhante como o sol.

<sup>16</sup> A segunda frase é obscura. Sāyaṇa traduz: "Que o coro dos sacerdotes faça um hino de louvor, que eles o proferiram ou expandam, assim como uma nuvem envia chuva". Um verso semelhante ocorre 8, 21, 18. É dito lá de um patrocinador que só ele é um rei, que todos os outros em volta do rio Sarasvatī são apenas reis pequenos, e o poeta acrescenta: "Que ele se espalhe como uma nuvem com a chuva, doando centenas e milhares".

<sup>17</sup> Outras passagens, como 1.19.4 e 1.52.15, mostram que a concepção dos Maruts como cantores era familiar para os R̥ṣis Vêdicos.

## Hino 39. Maruts (Wilson)

(Sūkta IV)

O Ṛṣi e deuses são os mesmos; a métrica é Bṛhatī, nos versos ímpares, e Satobṛhatī, nos pares.

Varga 18. **1.** Quando, Maruts, que fazem (todas as coisas) tremerem, vocês dirigem seu (vigor) terrível para baixo, de longe, como a luz (desce do céu), pela adoração de quem, pelo louvor de quem, (vocês são atraídos)?

**2.** Que suas armas sejam fortes para afugentar (seus) inimigos, firmes em resistir a eles; que seja sua a força que merece louvor, não (a força) de um mortal traíçoeiro.

**3.** Maruts líderes, quando vocês demolem o que é estável, quando vocês espalham o que é pesado, então vocês fazem seu caminho através da floresta (árvores) da terra, e dos desfiladeiros das montanhas.

**4.** Destruidores de inimigos, nenhum adversário seu é conhecido acima nos céus, nem (existe algum) sobre a terra. Que sua força coletiva seja exercida rapidamente, filhos de Rudra, para humilhar (seus inimigos).

**5.** Eles fazem as montanhas tremerem; eles despedaçam as árvores da floresta. Vão, divinos Maruts, para onde vocês quiserem, com toda a sua progênie, como aqueles inebriados.

Varga 19. **6.** Vocês atrelaram os cervos pintalgados à sua carruagem; o cervo vermelho, unido entre eles, (ajuda a) puxar o carro;<sup>1</sup> o firmamento ouve sua chegada; e os homens ficam alarmados.

**7.** Rudras, nós recorreremos à sua ajuda, por causa da nossa progênie. Venham, rapidamente, até o tímido Kaṇva, como vocês vieram antigamente, para nossa proteção.

**8.** Se qualquer adversário, instigado por vocês, ou por homens, nos atacar, retirem dele alimento, e força, e sua ajuda.

**9.** Prachetasas,<sup>2</sup> que devem ser adorados sem reserva, defendam (o sacrificador) Kaṇva; venham a nós, Maruts, com auxílios protetores completos; como os relâmpagos (trazem) a chuva.

**10.** Doadores generosos, vocês desfrutam de vigor intato; abaladores (da terra), vocês possuem força não diminuída: Maruts, soltem sua ira, como uma flecha, sobre o inimigo colérico dos Ṛṣis.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 40 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Os cervos pintalgados, *praṣatīh*, são sempre especificados como os corcéis dos Maruts. Nós então temos, no texto, *praṣtir vahati rohitaḥ*. É dito que *praṣti* é um tipo de jugo, no meio de três cavalos, ou outros animais, atrelados a um carro; mas a palavra permanece sozinha, sem qualquer concordância gramatical; e não aparece o que é para ser feito com o jugo. *Rohita*, o comentador diz, é outra espécie de veado, o veado vermelho, que, *vahati*, leva ou puxa o carro. O sentido pode ser algo semelhante àquilo que é apresentado na tradução; mas a construção do original é obscura, e, aparentemente, rude e antigramatical.

<sup>2</sup> Ou, o nome pode ser somente um epíteto, significando 'aqueles possuidores de intelecto (*chetas*) superior (*pra*)'.

### Hino 39. Maruts (Griffith)

1. Quando, portanto, como uma chama, de longe, Maruts, vocês lançam sua medida adiante;<sup>3</sup> Para quem vocês vão, a quem, abaladores da terra, movidos pela sabedoria de quem, pelo plano de quem?
2. Que suas armas sejam fortes para afastar seus inimigos, que elas sejam firmes para resistência. Sim, extremamente glorioso deve ser seu poder guerreiro, não como a força de um mortal enganoso.
3. Quando o que é forte vocês derrubam, e giram por todos os lados toda coisa pesada; Heróis, sua rota é através das árvores da floresta da terra, e através das fissuras das rochas.
4. Destruidores de seus inimigos, nenhum inimigo de vocês é encontrado no céu ou na terra; Ó Rudras, que a força, mantida nesse vínculo,<sup>4</sup> seja sua, para desafiar agora mesmo.
5. Eles fazem as montanhas balançarem e oscilarem, eles rasgam em pedaços os reis das florestas. Avante, ó Maruts, movam-se, como criaturas ébrias com vinho, vocês, deuses com toda a sua comitiva.
6. Vocês uniram ao seu carro os cervos pintalgados; um veado vermelho puxa como um líder. Até a própria Terra ouviu quando vocês se aproximaram, e os homens ficaram muito aterrorizados.
7. Ó Rudras, nós desejamos seu auxílio rapidamente para esse nosso trabalho. Venham a nós com sua ajuda, como nos tempos antigos, agora por causa do amedrontado Kaṇva.
8. Se algum inimigo monstruoso, ó Maruts, enviado por vocês ou mandado pelos mortais nos ameaçarem; Acabem com ele por nós com seu poder e com sua força, e com os auxílios que são seus.
9. Porque vocês, os veneráveis e sábios, têm protegido Kaṇva perfeitamente. Ó Maruts, venham a nós com plena ajuda protetora, como relâmpagos buscam a chuva.<sup>5</sup>
10. Vocês têm força incólume, ó Generosos; perfeito, abaladores da terra, é seu poder. Maruts, contra o inimigo irado do poeta mandem um inimigo como um dardo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 40 \(Griffith\)](#)

<sup>3</sup> 'Nessa passagem nós devemos considerar medida, não no sentido abstrato, mas como uma linha de medição, que é lançada adiante para medir a distância de um objeto, uma imagem perfeitamente aplicável aos Maruts, que parecem com suas armas golpear as árvores e as montanhas quando eles mesmos ainda estão distantes'. M. Müller.

<sup>4</sup> 'junto com sua raça'. Max Müller.

<sup>5</sup> 'O relâmpago precede a chuva, e pode, portanto ser representado como olhando em torno em busca da chuva'. M. Müller.

## Hino 39. Aos Maruts (Os Deuses da Tempestade) (Müller)

MANDALA I, HINO 39.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 3, VARGA 18-19.

1. Quando vocês assim, de longe, lançam para frente a sua medida,<sup>6</sup> como uma rajada de fogo, é pela sabedoria de quem, pelo plano de quem? Em direção a quem vocês vão, para quem, abaladores (da terra)?
2. Que suas armas sejam firmes para atacar, fortes também para resistir. Que seja seu o poder mais glorioso, não aquele do mortal enganador.
3. Quando vocês derrubam o que é firme, ó homens, e giram por toda parte o que é pesado, vocês passam através das árvores da terra, através das fendas das rochas.
4. Nenhum inimigo real de vocês é conhecido no céu, nem na terra, ó devoradores de inimigos! Que o poder seja seu, junto com sua raça! Ó Rudras, ele pode ser desafiado?
5. Eles fazem as rochas tremerem, eles despedaçam os reis da floresta.<sup>7</sup> Venham, Maruts, como loucos, ó deuses, com toda a sua tribo.
6. Vocês uniram os cervos pintalgados aos seus carros, um vermelho puxa como um líder;<sup>8</sup> até a Terra ouviu sua aproximação, e os homens ficaram amedrontados.
7. Ó Rudras, nós desejamos sua ajuda rapidamente para a nossa tribo. Venham a nós com auxílio, como outrora; portanto, agora por causa do atemorizado Kaṇva.
8. Qualquer demônio, incitado por vocês ou incitado por homens, que nos ataca, privem-no de poder, de força e de suas graças.
9. Pois vocês, Maruts perseguidores e sábios, têm protegido Kaṇva totalmente. Venham até nós, Maruts, com todas as suas graças, como relâmpagos (vão em busca da) chuva.
10. Doadores generosos, vocês carregam força completa, poder completo, ó abaladores (do mundo). Enviem, ó Maruts, contra o inimigo irado dos poetas um inimigo, como uma flecha.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 43 \(Müller\)](#)

---

<sup>6</sup> *Mā'na*, que eu traduzo como 'medida', é explicado por Sāyaṇa no sentido de força.

<sup>7</sup> Grandes árvores da floresta são chamadas de reis ou senhores da floresta.

<sup>8</sup> Compare com 8, 7, 28: "Quando o líder vermelho puxa ou conduz os cervos manchados deles na carruagem".

## Hino 40. Brahmaṇaspati (Wilson)

(Sūkta V)

O deus é Brahmaṇaspati; o Ṛṣi é, ainda, Kaṇva; a métrica, a mesma que no anterior.

- Varga 20. **1.** Ergue-te, Brahmaṇaspati.<sup>1</sup> Devotados aos deuses, nós apelamos a ti. Generosos Maruts, estejam próximos; Indra, sê um participante da libação.
- 2.** O homem celebra a ti, filho da força, pela riqueza abandonada (pelo inimigo). Maruts, que aquele que os louva obtenha riqueza, produzindo corcéis excelentes e vigor notável.
- 3.** Que Brahmaṇaspati se aproxime de nós; que a deusa, faladora da verdade,<sup>2</sup> se aproxime de nós; que os deuses (afugentem) todo adversário, e, presentes, nos conduzam ao sacrifício que é benéfico para o homem, e (repleto) de oferendas apresentadas respeitavelmente.
- 4.** Aquele que oferece ao (sacerdote) ministrante riqueza adequada para ser aceita desfruta de abundância inesgotável; por ele nós adoramos Iḷā,<sup>3</sup> acompanhada por bravos guerreiros, infligindo muito dano, não recebendo nenhum.
- 5.** De fato, Brahmaṇaspati proclama a prece sagrada na qual os deuses Indra, Varuṇa, Mitra e Aryaman têm feito sua residência.
- Varga 21. **6.** Vamos recitar, deuses, aquela prece venturosa e perfeita em sacrifícios. Se vocês, líderes, desejarem (ouvir) essa prece, então tudo o que está para ser falado chegará até vocês.
- 7.** Quem (exceto Brahmaṇaspati,) pode se aproximar do homem que é devotado aos deuses, por quem a grama sagrada cortada é espalhada? O dador de oblações procedeu, com os sacerdotes, (para o salão de sacrifício); pois ele tem uma residência (cheia), internamente, de coisas preciosas.
- 8.** Que Brahmaṇaspati concentre sua força. Associado com as reais (divindades), ele mata (o inimigo); no momento de perigo, ele mantém sua posição; armado com o raio,<sup>4</sup> não há encorajador nem desencorajador dele em uma grande batalha ou em uma pequena.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 41 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Em uma passagem anterior, Brahmaṇaspati apareceu como uma forma de Agni (Hino 18); nesse hino, ele é associado com os Maruts, embora Indra seja, também, citado separadamente.

<sup>2</sup> *Devī \* sūnṛtā*, a deusa da fala, na forma de amante da verdade, uma forma de Sarasvatī.

<sup>3</sup> *Manoh putrī*, a filha de Manu, e instituidora de sacrifícios.

<sup>4</sup> Esse atributo o identificaria com Indra, em qual caráter ele aparece por todo esse hino.

## Hino 40. Brahmaṇaspati (Griffith)

1. Ó Brahmaṇaspati, levanta-te: nós, homens que servimos a Deus, rogamos a ti. Que eles que dão boas dádivas, os Maruts, venham até nós. Indra, o mais rápido, está com eles.
2. Ó Filho de Força, todo mortal te chama em busca de ajuda quando despojos de batalha esperam por ele. Ó Maruts, que esse homem que os adora profundamente obtenha abundância de bons cavalos e poder de herói.
3. Que Brahmaṇaspati se aproxime, que Sūnṛtā<sup>5</sup> a Deusa venha; e que os Deuses tragam para esse rito que dá o presente quántuplo<sup>6</sup> o Herói, amante da humanidade.
4. Aquele que dá uma recompensa nobre ao sacerdote ganha fama que nunca diminuirá. Por ele nós oferecemos alimento sagrado<sup>7</sup> que concede heróis, inigualável e que conquista facilmente.
5. Agora Brahmaṇaspati fala em voz alta<sup>8</sup> o hino solene de louvor; no qual Indra e Varuṇa, Mitra, Aryaman, os Deuses, fizeram sua morada.
6. Que nós em assembleias sagradas, deuses! recitemos esse hino, inigualável, que traz felicidade. Se vocês, ó Heróis, aceitam com benevolência essa palavra, que ela obtenha toda bem-aventurança de vocês.
7. Quem se aproximará do devoto? Quem do homem cuja sagrada grama é cortada? O ofertante com seu povo avança mais e mais: ele enche sua casa com coisas preciosas.
8. Ele amplia seu poder nobre, com reis ele mata, mesmo em meio a temores ele permanece seguro. Em luta grande ou menor ninguém o detém, ninguém subjuga, – o manejador do raio.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 41 \(Griffith\)](#)

<sup>5</sup> Sūnṛtā (Agradabilidade) é, segundo Sāyaṇa, a Deusa da Fala (Vāgdevatā) na forma de amante da verdade.

<sup>6</sup> Uma oferenda de grãos, mingau, leite coalhado, bolo de arroz, e coalhadas.

<sup>7</sup> Íḷā ou Íḍā, alimento sacrificial, ou uma libação, especialmente uma libação sagrada que vem entre a Prayāja e a Anuyāja, a anterior ao sacrifício e a posterior ao sacrifício; a oferenda preliminar e a final.

<sup>8</sup> ‘O professor Roth observa: O trovão é a voz dele (de Brahmaṇaspati). A voz do trovão, além disso, como a voz do superintendente da prece, é por uma bela transferência posta em contato com a prece a qual, falada na terra, encontra, por assim dizer, seu eco nas alturas do céu’. Muir, *Original Sanskrit texts*; V. pág. 279. Nota.

<sup>9</sup> Significando, diz Sāyaṇa, Brahmaṇaspati, e assim identificando-o com Indra. Ludwig aplica a expressão ao sacrificador devoto que é dito estar armado, por assim dizer, com o raio de Brahmaṇaspati.

## Hino 41. Varuṇa, Mitra, Aryaman (Wilson)

(Sūkta VI)

O Ṛṣi é Kaṇva; as três primeiras e as três últimas estrofes são endereçadas a Varuṇa, Mitra e Aryaman; as três do meio, aos Ādityas;<sup>1</sup> a métrica é Gáyatrí.

Varga 22. **1.** O homem a quem os sábios Varuṇa, Mitra e Aryaman protegem subjuga rapidamente (seus inimigos).

**2.** Aquele a quem eles suprem abundantemente (com riquezas), como se (coletada) pelos próprios braços dele; o homem a quem eles defendem das pessoas mal-intencionadas; todo homem desse tipo, a salvo de dano, prospera.

**3.** Os reis (Varuṇa, etc.) destroem primeiro as fortalezas deles, e então os inimigos daqueles (que os adoram), e põem de lado as más ações deles.

**4.** Ādityas, para vocês, dirigindo-se ao sacrifício, o caminho é acessível e livre de espinhos; nenhuma oblação indigna está preparada para vocês aqui.

**5.** Ādityas, guias, que o sacrifício ao qual vocês vêm por um caminho reto aconteça, para vocês, para a sua satisfação.

Varga 23. **6.** Aquele mortal (a quem vocês favorecem), livre do mal, obtém toda riqueza valiosa, e filhos como ele mesmo.

**7.** Como, meus amigos, nós recitaremos louvor (digno) da vasta glória de Mitra, Varuṇa e Aryaman?

**8.** Eu não denuncio a vocês aquele que ataca ou insulta o homem devotado aos deuses: eu antes propicio vocês com riqueza oferecida.

**9.** Pois ele (o adorador), não gosta, mas teme falar mal (de alguém); como um jogador teme (seu adversário) que segura os quatro (dados),<sup>2</sup> até eles serem jogados.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 42 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> De fato, o hino pode ser considerado como totalmente endereçado aos Ādityas, pois os três deuses, citados separadamente, são, em um de seus atributos, Ādityas, também; isto é, eles eram os filhos de Aditi, a esposa de Kaśyapa, e são representantes do sol, em três meses do ano.

<sup>2</sup> O texto tem somente: 'ele pode ter medo de alguém que segura quatro, até a queda'; o significado é fornecido pelo comentador, com a ajuda de Yāska: 'de um jogador segurando quatro dados'; Sāyaṇa diz 'quatro conchas cauri'. Isto é, onde dois homens estão jogando juntos, aquele que não tem o arremesso dos dados ou das conchas está em expectativa ansiosa com receio de que seja contra ele.

### Hino 41. Varuṇa, Mitra, Aryaman (Griffith)

1. Nunca é prejudicado aquele a quem os deuses Varuṇa, Mitra, Aryaman, Os excelentemente sábios, protegem.
2. Ele prospera sempre, livre de dano, a quem eles, como com as mãos cheias, enriquecem; A quem eles protegem de todo inimigo.
3. Os Reis afastam para longe dele os seus problemas e os seus inimigos, E o conduzem com segurança durante a aflição.
4. Sem espinhos, Ādityas, é o caminho, fácil para aquele que busca a Lei: Nele não há nada para enfurecer vocês.
5. Qual sacrifício, Ādityas, vocês heróis guiam pelo caminho direto – Que aquele se aproxime do seu pensamento.
6. Aquele mortal, sempre não subjugado, ganha riqueza e todas as coisas preciosas, E filhos próprios também.
7. Como, meus amigos, nós vamos preparar o louvor de Aryaman e de Mitra, Glorioso alimento de Varuṇa?
8. Eu não aponto para vocês um homem que ataca os piedosos, ou insulta: Somente com hinos eu chamo vocês para perto.
9. Que ele não goste de falar palavras más: mas tema Aquele que segura todos os quatro<sup>3</sup> Dentro de sua mão, até que caiam.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 42 \(Griffith\)](#)

---

<sup>3</sup> Benfey pensa que 'o que segura os quatro (dados)' é Deus que tem em suas mãos e decide os destinos do homem. Ludwig afirma que não há referência a dados, ou de jogo ou do destino, e que 'os quatro' são Varuṇa, Mitra, Bhaga e Aryaman. O homem devoto quando ele possui esses quatro como amigos deve temer soltá-los. Bergaigne (*La Religion Vedique*, III, 158) é de opinião que as cordas ou laços de Varuṇa, com os quais ele captura e pune os perversos, são indicados.

## Hino 42. Pūṣan (Wilson)

(Sūkta VII)

R̥ṣi e métrica, como antes; o deus é Pūṣan.<sup>1</sup>

Varga 24. **1.** Pūṣan, conduze-nos do começo ao fim da estrada; remove o perverso (obstrutor do caminho). Filho da nuvem,<sup>2</sup> deus, segue à nossa frente.

**2.** Se um (adversário) cruel, Pūṣan, um ladrão, ou alguém que tem prazer na maldade, nos apontar (o caminho que nós não devemos seguir), afasta-o da estrada.

**3.** Afasta-o para longe, para além da estrada, o estorvador da nossa jornada, um ladrão, um enganador.

**4.** Pisa, com teus pés, sobre o (corpo) pernicioso daquele malicioso ladrão de ambos, (o que está presente e o que está ausente), quem quer que ele seja.

**5.** Pūṣan sagaz e belo, nós pedimos de ti aquela proteção com a qual tu encorajaste os patriarcas.

Varga 25. **6.** Portanto tu, que és possuidor de toda prosperidade, e bem equipado com armas douradas, concede a nós riquezas que possam ser distribuídas generosamente.

**7.** Leva-nos além dos nossos oponentes; conduze-nos por um caminho fácil; sabe, Pūṣan, como nos proteger nessa (viagem).<sup>3</sup>

**8.** Leva-nos onde há forragens abundantes; que não haja calor extremo pelo caminho; Pūṣan, sabe como nos proteger nessa (viagem).

**9.** Sê favorável para nós; enche-nos (de riqueza); dá-nos (todas as coisas boas); estimula-nos (com energia); enche nossas barrigas. Pūṣan, sabe como nos proteger nessa (viagem).

**10.** Nós não criticamos Pūṣan, mas o louvamos com hinos, nós rogamos ao belo (Pūṣan) por riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 43 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Pūṣan é, geralmente, um sinônimo do sol; isto é, ele é um dos doze *Ādityas*. Ele é descrito, pelo comentador, como a divindade presidente da terra; ele é, também, aquele que nutre o mundo; de *pūṣ*, nutrir. De acordo com o teor do hino, ele é o deus que preside especialmente as estradas ou jornadas. O fato de ele ser chamado de filho da nuvem não é incompatível com seu caráter de terra personificada como um homem; porque, de acordo com outros textos do *Veda*, a terra nasceu da água; e, a terra era a essência da água. Pūṣā ocorre, também, como um nome feminino, em qual caso ele parece ser sinônimo de *prithivī*, terra. Por todo o hino, no entanto, Pūṣan é masculino.

<sup>2</sup> [Em vez de ‘filho da nuvem’ Macdonell lê ‘filho da libertação’. – *Hymns from the Rigveda*.]

<sup>3</sup> Nesse e nos dois versos seguintes, nós temos um exemplo do que não é infrequente, a repetição de uma frase, como um tipo de refrão. A expressão é ‘conheça, aqui, o ato ou obrigação’, isto é, ‘nessa ocasião, ou viagem, saiba como cumprir sua função de nos dar proteção’.

## Hino 42. Pūṣan (Griffith)

1. Encurta nossos caminhos, ó Pūṣan, afasta a obstrução do caminho  
Segue diante de nós, Deus nascido da nuvem.<sup>4</sup>
2. Afasta, Pūṣan, da nossa estrada o lobo,<sup>5</sup> o lobo mau inauspicioso,  
Que está à espera para nos ferir.
3. Que espreita nas imediações do caminho que tomamos, o ladrão de coração astuto:  
Afugenta-o para longe da estrada.
4. Esmaga com teu pé e pisoteia o tição do perverso,  
Aquele de língua dupla, quem quer que ele possa ser.<sup>6</sup>
5. Sábio Pūṣan, Operador de Milagres, nós reivindicamos de ti agora a ajuda com a qual  
Tu favoreceste nossos antepassados antigamente.
6. Desse modo, Senhor de toda prosperidade, o melhor manejador da espada<sup>7</sup> dourada,  
Faze riquezas fáceis de serem obtidas.
7. Além de todos os perseguidores nos leva, faz o nosso caminho agradável e belo de se  
trilhar; Ó Pūṣan, encontra poder para isso.<sup>8</sup>
8. Leva-nos para prados ricos em grama;<sup>9</sup> não envie em nosso caminho nenhum calor  
prematureo; Ó Pūṣan, encontra poder para isso.
9. Tem misericórdia de nós, sacia-nos totalmente, presenteia, nos alimenta e revigora;  
Ó Pūṣan, encontra poder para isso.<sup>10</sup>
10. Não temos censura para Pūṣan,<sup>11</sup> a ele nós magnificamos com cânticos de louvor;  
Nós procuramos o Poderoso em busca de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 43 \(Griffith\)](#)

---

<sup>4</sup> Em relação, talvez, à conexão próxima entre a nutrição da terra, que é um dos deveres específicos de Pūṣan, e a nuvem que dá a chuva necessária. [J. Muir diz:] “*Vimuco napāt*. O professor Benfey segue Sāyaṇa *in loco* em considerar que isso significa ‘filho da nuvem’. O Comentador indiano, no entanto, atribui outro sentido à frase em 6.55.1, [nós veremos esse significado apenas na tradução de Wilson], onde ela se repete, e onde ele a explica como ‘o filho de Prajāpati, que na criação emite de si mesmo todas as criaturas’. Mas no Ṛgveda, 8.4.15,16, Pūṣan é chamado de *vimocana*, o libertador, (do pecado, segundo Sāyaṇa), e talvez *vimuco napāt* possa significar a mesma coisa.” Veja Muir, *Original Sanskrit texts*, V. p. 175, onde o hino inteiro está traduzido.

<sup>5</sup> *Vṛka*, o *varg* [ou *warg*] sueco e norueguês, que significa não só lobo, mas também um homem ímpio perverso.

<sup>6</sup> [‘4. Pisa com teus pés sobre a arma ardente daquele patife enganador, seja ele quem for’. – Muir.]

<sup>7</sup> [*machado* – Macdonell. *lança* – Muir.]

<sup>8</sup> [Essa última frase, repetida em três versos, Macdonell lê: ‘Desse modo, mostra em nós teu poder’, ou ‘Desse modo, Pūṣan, mostra-nos teu poder’. Muir não a repete da mesma forma nos três versos; nesse lugar ele a lê desse modo: ‘obtem força para nós aqui’.]

<sup>9</sup> [Daqui Muir continua: ‘que nenhum novo incômodo (obstrua o nosso) caminho’.]

<sup>10</sup> [‘9. Dá, sacia, concede, estimula-nos, enche nossas barrigas’. – Muir.]

<sup>11</sup> [O professor Benfey remete aqui a uma nota anterior dele mesmo no RV. i. 41, 8, o sentido da qual é o seguinte: “Eu acredito que isso se refere a uma prática que nós ainda encontramos entre os bárbaros, e mesmo entre povos parcialmente civilizados, de acreditar que eles podem obrigar seus deuses, através de insultos, e por golpes infligidos sobre suas imagens, a conceder seus desejos, ou, se isso não for realizado, de pensar que eles se vingam desse modo.” – Muir, *Original Sanskrit texts*, pág. 175, nota 272.]

## Hino 43. Rudra (Wilson)

(Sūkta VIII)

O Ṛṣi é o mesmo; o deus é Rudra;<sup>1</sup> a terceira estrofe é endereçada a Mitra e Varuṇa, também; e os últimos três versos, a Soma; a métrica do último verso é Anuṣṭubh, do resto, Gāyatrī.

Varga 26. **1.** Quando nós podemos repetir um hino muito agradável para o sábio, o mais generoso, o poderoso Rudra, que é (estimado) em nossos corações?

**2.** Pelo qual a terra possa (ser induzida a) conceder as dádivas de Rudra<sup>2</sup> para o nosso gado, nosso povo, nossas águas, e nossa progênie;

**3.** Pelo qual Mitra, e Varuṇa, e Rudra, e todos os deuses, estando satisfeitos, possam nos mostrar (benevolência).

**4.** Nós pedimos a felicidade de Śanyu<sup>3</sup> de Rudra, o encorajador de hinos, o protetor dos sacrifícios, possuidor de medicamentos que concedem deleite;<sup>4</sup>

**5.** Que é brilhante como Sūrya, que satisfaz como ouro, o melhor dos deuses, o provedor de habitações;

Varga 27. **6.** Que concede felicidade obtida facilmente para nossos corcéis, nossos carneiros, nossas ovelhas, nossos homens, nossas mulheres, e nossas vacas.

**7.** Soma, concede-nos prosperidade mais do que (suficiente para) cem homens, e muito alimento gerador de força.

**8.** Que os adversários de Soma, que nossos inimigos, não nos prejudiquem: cuida de nós, Indra, com alimento (abundante).

**9.** Soma, que és imortal, e moras em uma residência excelente, tem consideração por teus súditos, quando, na dianteira deles, no salão de sacrifício, tu os observa (empenhados em) te enfeitar.<sup>5</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 44 \(Wilson\)](#)

## Hino 43. Rudra (Griffith)

**1.** O que vamos cantar para Rudra, forte, muito generoso, excelentemente sábio, Que será mais apreciado pelo seu coração?

**2.** Que Aditi<sup>6</sup> possa conceder a graça de Rudra ao nosso povo, nossas vacas Nosso gado e nossos descendentes;

**3.** Que Mitra e que Varuṇa, que Rudra possam se lembrar de nós,

<sup>1</sup> Segundo o comentador, Rudra significa 'aquele que faz chorar, que faz todos chorarem no fim dos tempos'; identificando-o desse modo com o princípio destrutivo, ou Śiva. Mas não há nada, no hino, para confirmar tal identificação, ao contrário, ele aparece como um deus beneficente, presidindo especialmente as plantas medicinais.

<sup>2</sup> É dito que Aditi aqui significa a terra que, deseja-se, pode agir de modo que *Rudriya* possa ser obtido. O significado de *Rudriya*, de acordo com o comentador, é medicamento relacionado com, ou presidido por, Rudra.

<sup>3</sup> É dito que Śanyu é o filho de Bṛhaspati; nada mais é contado sobre ele.

<sup>4</sup> *Jalāṣabheṣajam*, aquele que tem medicamentos que conferem deleite; de *ja*, nascido, e *lāṣa*, felicidade, uma palavra incomum, exceto na forma composta, como *abhilāṣa*, que é de uso corrente. Ou ela pode significar 'surgidos da água', todos os vegetais dependendo da água, para seu crescimento.

<sup>5</sup> Aparentemente, há alguma confusão de objetos aqui; *Soma*, a lua, sendo confundida com *Soma*, libação.

<sup>6</sup> Sāyaṇa diz que Aditi aqui significa a terra, e é conseqüentemente traduzida dessa forma por Wilson. Benfey explica a passagem por 'impecabilidade' e Ludwig a considera como uma divindade masculina significando o próprio Rudra.

Sim, todos os deuses reunidos.

4. Para Rudra o Senhor do sacrifício, de hinos e remédios balsâmicos,  
Nós oramos por alegria e saúde e força.

5. Ele brilha em esplendor como o Sol, refulgente como ouro brilhante ele é,  
O excelente, o melhor entre os Deuses.

6. Que ele conceda saúde<sup>7</sup> aos nossos cavalos, bem-estar aos nossos carneiros e ovelhas,  
Aos homens, às mulheres, e às vacas.

7. Ó Soma, designa para nós a glória de uma centena de homens,  
O grande renome dos chefes poderosos.

8. Que malignidades não nos impeçam, nem aqueles que perturbam Soma.<sup>8</sup>  
Indu,<sup>9</sup> dá-nos uma porção de força.

9. Soma! chefe, ponto central, ama a esses; Soma! reconhece esses como teus servidores,  
Filhos de ti Imortal, no lugar mais alto da santa lei.<sup>10</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 44 \(Griffith\)](#)

### Hino 43. Rudra (Müller)

MAṆḌALA I, HINO 43.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 3, VARGA 26-7.

1. O que nós poderíamos dizer para Rudra, o sábio, o mais generoso, o mais poderoso, que  
fosse muito bem-vindo ao seu coração –

2. De modo que Aditi<sup>11</sup> possa trazer a cura de Rudra para o gado, para os homens, as  
vacas, e os amigos,

3. De modo que Mitra, que Varuṇa, que Rudra nos ouçam, e todos os Maruts unidos.

4. Nós imploramos a Rudra, o senhor das canções, o senhor dos sacrifícios de animais, o  
possuidor de medicamentos curativos, por saúde, riqueza, e sua proteção.

5. Aquele que brilha como o sol brilhante, e como o ouro, que é o melhor Vasu entre os  
deuses,

6. Que ele traga saúde para o nosso cavalo, bem-estar para o carneiro e a ovelha, para os  
homens, para as mulheres, e para a vaca!

7. Dá-nos, ó Soma, a felicidade de uma centena de homens, grande glória de forte virilidade;

8. Ó Soma, não deixes que aqueles que perseguem e prejudicam nos derrubem, ó Indu, nos  
ajuda com recompensa!

9. Todos os seres que são teus, o imortal, no lugar mais alto da lei, em seu cume, em seu  
centro, ó Soma, cuida deles, lembra-te daqueles que te honram.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 64 \(Müller\)](#)

<sup>7</sup> Aqui Rudra aparece como *Paśupati*, Senhor e guardião do gado.

<sup>8</sup> Provavelmente o povo das colinas que interfere com a colheita da planta Soma a qual deve ser buscada lá.

<sup>9</sup> Literalmente, 'Gota'; da mesma raiz que Indra, 'o que faz chover'; um nome da Lua como concessora de chuva, e de Soma que é identificado com ela.

<sup>10</sup> Isto é, no lugar onde o sacrifício é devidamente realizado. 'O verso inteiro é difícil, possivelmente uma adição posterior'. Max Müller.

<sup>11</sup> Ludwig considera Aditi aqui como um nome de Rudra.

## Hino 44. Agni (Wilson)

(Anuvāka 9. Sūkta I)

Praskaṇva, o filho de Kaṇva, é o Rṣi; Agni é o deus; mas os dois primeiros versos são endereçados, também, aos Áśvins e Uṣas (a alvorada); a métrica é Bṛhatī, nos versos ímpares; Satobrhatī, nos pares.

Varga 28. **1.** Agni, que és imortal, e conhecedor de todas as coisas geradas, traze, a partir da alvorada, para o doador (da oblação), riqueza de muitos tipos, com uma habitação excelente; traze para cá, hoje, os deuses, que despertam com a manhã.

**2.** Pois tu, Agni, és o mensageiro aceito dos deuses, o transportador de oblações, o veículo de sacrifícios. Associado com Uṣas e os Áśvins, concede a nós alimento abundante e revigorante.

**3.** Nós escolhemos, hoje, Agni, o mensageiro, o concessor de residências, o amado de muitos, o de bandeira de fumaça, o derramador de luz, o protetor do culto do adorador ao romper do dia.

**4.** Eu louvo Agni ao romper do dia, o melhor e mais jovem (dos deuses), o hóspede (do homem), o invocado universalmente, que é amigável para o homem que oferece (oblações), que conhece todos os que são nascidos, que ele vá (para trazer) as outras divindades.

**5.** Agni, sustentador imortal do universo, portador de oblações, digno de adoração, eu louvarei a ti, que és livre de morte, o preservador, o sacrificador.

Varga 29. **6.** Jovem Agni, cujas chamas deleitam, que és chamado universalmente, e és louvado, (por nós), em nome do adorador, compreende (os nossos desejos) e, permitindo que Praskaṇva viva uma vida prolongada, faz homenagem ao homem divino.<sup>1</sup>

**7.** Todas as pessoas acendem a ti, Agni, o sacrificador, o onisciente. Agni, que és chamado por muitos, traze para cá rapidamente os deuses sapientes.

**8.** Objeto de ritos sagrados,<sup>2</sup> (traze para cá,) na alvorada seguinte à noite, Savitr, Uṣas, os Áśvins, Bhaga,<sup>3</sup> e Agni. Os Kaṇvas, derramando libações, acendem aquele que sopra as oferendas queimadas.

**9.** Tu, Agni, és o protetor dos sacrifícios das pessoas, e o mensageiro (dos deuses). Traze para cá, hoje, os deuses, que despertam ao amanhecer, e que contemplam o sol, para beber o suco *Soma*.

**10.** Resplandecente Agni, visível para todos, tu tens resplandecido depois de muitas alvoradas precedentes; tu és o protetor (das pessoas) nas aldeias; tu és o associado do homem colocado no leste (do altar).<sup>4</sup>

Varga 30. **11.** Nós te colocamos, Agni, como Manus colocou a ti, que és o instrumento do sacrifício, o invocador, o sacerdote ministrante, muito sábio, o destruidor (de inimigos), imortal, o mensageiro (dos deuses).

**12.** Quando, apreciador de amigos, tu estás presente, como o *Purohita*, em um sacrifício, e cumpres a missão para os deuses, então tuas chamas rugem, como os vagalhões ressonantes do oceano.

**13.** Agni, com ouvidos aguçados, ouve-me. Que Mitra e Aryaman, e (outros) deuses que se movem cedo, com todos os deuses acompanhantes portadores de oblações, sentem-se no sacrifício, sobre a grama sagrada.

<sup>1</sup> Isto é, ao Rṣi do hino, Praskaṇva.

<sup>2</sup> *Svadhvara*; de *su*, bom, e *adhvara*, sacrifício; equivalente, de acordo com o comentador, ao fogo *Āhavanīya*.

<sup>3</sup> *Bhaga* é um dos *Ādityas*.

<sup>4</sup> *Purohita*, que pode também significar o sacerdote familiar.

14. Que os munificentes Maruts, que têm línguas de fogo, e são encorajadores de sacrifício, ouçam nosso louvor; que Varuṇa realizador de ritos, com os Ásvins, e com Uṣas, bebam o suco *Soma*.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 45 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 44. Agni (Griffith)

1. Imortal Jātavedas,<sup>5</sup> tu presente fulgurante de muitos tons da Alvorada; Agni, hoje para aquele que dá oblações traz os deuses que despertam com o amanhecer.
2. Pois tu és portador de oferenda e mensageiro amado, o auriga do sacrifício; Concordante com os Ásvins e com a Alvorada<sup>6</sup> concede-nos força heroica e fama grandiosa.
3. Como mensageiro nós escolhemos hoje Agni, o excelente a quem muitos amam; Espalhador de luz, de bandeira de fumaça, ao romper do dia a glória dos ritos sacrificais.
4. A ele o mais nobre e o mais jovem, hóspede ricamente adorado, precioso para os homens que oferecem presentes; a ele, Agni Jātavedas, eu peço ao amanhecer que ele traga os deuses para nós.
5. A ti, Agni, eu glorificarei, eterno mantenedor do mundo; Imortal, carregador de oferendas, digno de alimento sagrado, preservador, o melhor em sacrifício.
6. Dize coisas boas para teu adorador, ó Deus mais jovem, tão abundantemente adorado, de língua de mel; E, concedendo a Praskaṇva dias de vida prolongados, homenageia a Hoste Celestial.
7. Pois os homens, Agni, te acendem como possuidor de tudo e como Sacerdote; Então Agni, muito invocado, traz para cá com toda a velocidade os Deuses, os excelentemente sábios,
8. Ao amanhecer do dia, à noite, Uṣas e Savitar, os Ásvins, Bhaga, o próprio Agni; Hábil em ritos auspiciosos, com *Soma* derramado, os Kaṇvas acendem a ti, o Deus que sopra oblação.
9. Pois, Agni, Senhor do sacrifício e mensageiro dos homens tu és; Traz os deuses que acordam ao alvorecer, que veem a luz, nesse dia para beberem o suco *Soma*.
10. Tu resplandesces, ó Agni, após alvoradas anteriores, visível para todos, ó rico em luz. Tu és nosso auxílio na luta em batalha, o Amigo do homem, o grande sacerdote supremo no sacrifício.
11. Como Manu,<sup>7</sup> nós te estabeleceremos, Agni, realizador do rito; Invocador, Sacerdote ministrante, sábio excelente, o veloz mensageiro imortal.
12. Quando, como o Sacerdote Supremo dos Deuses, amado por muitos, tu fazes a missão deles como seu amigo mais próximo, então, como as ondas do rio<sup>8</sup> que ressoam ao longe, tuas chamas, ó Agni, rugem alto.
13. Ouve, Agni, que tens ouvidos para ouvir, com toda a tua comitiva de Deuses acompanhantes; Que Mitra, Aryaman,<sup>9</sup> dirigindo-se cedo ao nosso rito, sentem-se sobre a erva sagrada.

---

<sup>5</sup> Jātavedas é um epíteto comum de Agni, o significado do qual é explicado de cinco modos: 1. Conhecedor de todos os seres criados; 2. Possuidor de todas as criaturas; 3. Conhecido pelos seres criados; 4. Possuidor de riquezas; 5. Possuidor de sabedoria.

<sup>6</sup> A deusa Uṣas; a Manhã personificada.

<sup>7</sup> O homem representante e pai da raça humana e o primeiro instituidor de cerimônias religiosas.

<sup>8</sup> Ou do Sindhu; a palavra significando ou aquele rio (o Indus) em especial, ou qualquer rio ou reunião de águas em geral.

<sup>9</sup> E Varuṇa, implícito.

14. Que aqueles que fortalecem a Lei, que doam generosamente, os Maruts de língua de fogo,<sup>10</sup> ouçam o nosso louvor. Que Varuṇa, o mantenedor da Lei, com os dois Ásvins e Uṣas, bebam o suco Soma.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 45 \(Griffith\)](#)

## Hino 44. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I, HINO 44.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 3, VARGA 28–30.

1. Agni, ao romper da aurora traz riqueza esplêndida, imortal Jātavedas, para o adorador, (e traz para cá) hoje os deuses que despertam com o amanhecer.
2. Pois tu és o mensageiro aceito, o portador do alimento sacrificial, ó Agni, o auriga do culto. Unido com os dois Ásvins e com a Alvorada nos concede abundância de heróis valentes, e grande glória.
3. Nós escolhemos hoje como o nosso mensageiro Agni, o Vasu, o amado de muitos, cuja bandeira é a fumaça, cuja ...<sup>11</sup> é luz, ao amanhecer do dia, o embelezador de sacrifícios.
4. Eu glorifico ao amanhecer do dia Agni Jātavedas, o melhor, o convidado mais vigoroso, o melhor recebedor de oferendas, bem-vindo para pessoas piedosas, para que ele possa ir até os deuses.
5. Eu te louvarei, ó alimento no qual tudo vive, Imortal, Agni, o protetor imortal, ó Deus santo, o melhor sacrificador, ó carregador do alimento sacrificial.
6. Sê de fala gentil para aquele que louva a ti, ó Deus mais jovem, de língua de mel, o melhor recebedor de oferendas. Prolongando a vida de Praskaṇva, para que ele possa chegar à velhice, faz uma homenagem para a hoste dos deuses.
7. Os clãs acendem a ti, o Hotṛ possuidor de tudo; portanto, conduze para cá rapidamente, Agni muito invocado, os deuses providentes:
8. Savitr̥, a Alvorada, os dois Ásvins, Bhaga, Agni, ao amanhecer (do dia), (no final) da noite. Os Kaṇvas, tendo espremido Soma, inflamam a ti, o portador de alimento sacrificial, ó melhor realizador de adoração.
9. Como tu, ó Agni, és o senhor do culto, o mensageiro dos clãs, traz para cá hoje os deuses que despertam com a aurora, de aspecto semelhante ao sol, para que eles possam beber Soma.
10. Agni, rico em esplendor! tu brilhaste após as alvoradas anteriores, visível para todos. Tu és o guardião das aldeias, o Purohita, tu pertences aos homens nos sacrifícios.<sup>12</sup>
11. Ó Agni, vamos te colocar (no altar) como Manus fez, ó Deus, para ser o realizador do sacrifício, o Hotṛ, o sábio sacerdote, o mensageiro imortal veloz.
12. Quando tu, o Purohita dos deuses, que és grande como Mitra, partes em tua missão como mensageiro no meio deles, então as chamas de Agni brilham como as ondas estrondosas do Sindhu.
13. Agni, com teus ouvidos atentos, ouve-me, juntamente com os deuses conduzidos (em seus carros) que te acompanham. Que Mitra e Aryaman sentem-se na grama sacrificial, eles que vêm para a cerimônia no início da manhã.

<sup>10</sup> Que consomem o sacrifício por meio das chamas de língua de fogo de Agni.

<sup>11</sup> [Aqui o tradutor omite a palavra, observando em nota que significado dela é incerto.]

<sup>12</sup> O professor Max Müller traduz: 'Tu és o guardião das aldeias, o sacerdote-chefe, tu és o sacerdote-chefe humano nos sacrifícios'.

14. Que os Maruts, eles que dão chuva, os aumentadores, de língua de fogo, de Ṛta, ouçam o meu louvor. Que Varuṇa, cujas leis são firmes, beba o Soma, unido com os dois Ásvins e com a Alvorada!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 45 \(Oldenberg\)](#)

## Hino 45. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O deus e Ṛṣi são os mesmos; exceto na última estrofe e na metade da anterior, que incluem algum ser deificado; a métrica é Anuṣṭubh.

Varga 31. **1.** Agni, nesse nosso rito, adora os Vasus, os Rudras, os Ādityas, ou qualquer outro ser (vivo) surgido de Manu, sacrificando bem, e borrifando água.<sup>1</sup>

**2.** De fato, os deuses perspicazes são concessores de recompensas para o oferecedor (de oblações). Senhor dos corcéis vermelhos, propiciado por nossos louvores, traz para cá as trinta e três divindades.<sup>2</sup>

**3.** Agni, realizador de atos solenes, conhecedor de todos os que nascem, ouve a invocação de Praskaṇva, como tu ouviste aquelas de Priyamedha, de Atri, de Virūpa, de Aṅgiras.<sup>3</sup>

**4.** Os realizadores de grandes cerimônias, os oferecedores de sacrifícios aceitáveis, têm invocado, para (a proteção deles), Agni, brilhante, em meio às solenidades, com resplandecência pura.

**5.** Invocado por oblações, concessor de recompensas, ouve esses louvores com os quais os filhos de Kaṇva te chamam em busca de proteção.

Varga 32. **6.** Agni, doador de alimento abundante, que és amado por muitos, os filhos dos homens chamam a ti, de cabelo brilhante, para levar a oblação (para os deuses).

**7.** Os sábios têm te colocado, Agni, em (seus) sacrifícios, como o invocador, o sacerdote ministrante, o doador de vasta riqueza, o que ouve rapidamente, o amplamente renomado.

**8.** Os sacerdotes (sábios), com libações derramadas de suco *Soma*, têm convocado a ti, vasto e brilhante Agni, para compartilhar do (alimento sacrificial), quando eles celebram a oblação da parte do indivíduo que a oferece.

**9.** Gerado da força, dador de recompensas, mantenedor de residências, coloca aqui, hoje, sobre a grama sagrada, os deuses que se movem de manhã, ou (outro) ser deificado, para beber o suco *Soma*.

**10.** Adora, com invocações conjuntas, Agni, o ser deificado presente. Deuses generosos, este é o suco *Soma*; bebam-no, pois ele foi espremido ontem.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> *Janaṃ manujātaṃ*, um homem nascido de Manu. *Jana*, segundo o comentador, aqui significa um ser divino em conexão com os deuses enumerados, – outro homem, *devatārūpa*, de uma forma ou natureza divina.

<sup>2</sup> Nós tivemos esses citados em uma ocasião anterior (Hino 34, nota 13); mas, de acordo com o *Aitareya Brāhmaṇa*, 2, 18, há duas classes, de trinta e três divindades cada; uma composta daqueles especificados antes, que são chamados, também, de *Somapās*, ou bebedores do suco *Soma*, e a outra, de onze *Prayājas*, (o mesmo que *Āprīs*, Hino 13), onze *Anuyājas*, e onze *Upayājas*, que devem ser propiciados por oblações de manteiga clarificada, não por libações de *Soma*. Eles são, evidentemente, pouco mais que personificações de sacrifícios.

<sup>3</sup> O comentador, sob a autoridade do *Nirukta* III, 17, chama esses, todos, de *Ṛṣis*. Atri e Aṅgiras são sempre enumerados entre os *Prajāpatis*; Priyamedha pode ser o mesmo que Priyavrata, o filho do Manu Svāyambhuva, e nós temos um Virūpa entre os primeiros descendentes do Manu Vaivasvata, que, como o pai de Ilā, é o Manu do *Veda*.

<sup>4</sup> *Tiro ahnyam* é dito ser o nome do suco *Soma* preparado dessa maneira, – de *tiras*, oblíquo ou indireto, e *ahnyam*, diurno; aquele suco que é espremido no dia anterior, e oferecido no seguinte.

---

### Hino 45. Agni (Griffith)

1. Adora os Vasus, Agni! aqui, os Rudras, os Ādityas,<sup>5</sup> todos os Que surgem de Manu,<sup>6</sup> que conhecem ritos auspiciosos, que derramam suas bênçãos.
2. Agni, os deuses que compreendem dão ouvidos ao adorador; Senhor dos Corcéis Vermelhos,<sup>7</sup> que amas música, traze aqueles Trinta e Três Deuses.
3. Ó Jātavedas, grande em ato, ouve ao chamado de Praskaṇva, Como Priyamedha antigamente foi ouvido, Atri, Virūpa, Aṅgiras.
4. Os filhos de Priyamedha peritos em louvor sublime pediram ajuda A Agni que com chama fulgurante é o Soberano de todos os ritos sagrados.
5. Ouve, invocado com o óleo sagrado, doador generoso de recompensas, Esses elogios, pelos quais os filhos de Kaṇva te chamam em seu auxílio.
6. Ó Agni, amado por muitos, tu de fama muito extraordinária, em suas casas Os homens chamam a ti cujo cabelo é chama, para ser o portador de suas oferendas.
7. A ti, Agni, o melhor para encontrar riqueza, o mais amplamente famoso, rápido para ouvir, Os cantores têm estabelecido em seus ritos como o Arauto e Sacerdote Ministrante.
8. Os cantores com Soma espremido te fizeram, Agni, te apressar para o banquete, Grande luz para o adorador mortal, quando eles trazem a oferenda sagrada.
9. Bom, generoso, Filho da Força,<sup>8</sup> coloca aqui hoje sobre a grama sagrada os Deuses Que vêm de manhã cedo, a hoste do céu, para beber o suco Soma.
10. Traze com invocações conjuntas, ó Agni, a hoste celestial; Aqui está o Soma, Deuses generosos, bebam esse que foi espremido antes de ontem.<sup>9</sup>

---

### Hino 45. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA I, HINO 45.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 3, VARGA 31–32.

1. Sacrifica aqui, tu, ó Agni, aos Vasus, aos Rudras, e aos Ādityas, à hoste (divina) que recebe bons sacrifícios, à descendência de Manu<sup>10</sup> que asperge Ghṛta.
2. Os deuses sábios, ó Agni, estão prontos para ouvir os adoradores: traze-os para cá, os trinta e três, ó senhor dos cavalos vermelhos, tu que amas nossos louvores.
3. Como tu tens ouvido Priyamedha e Atri, ó Jātavedas, como tu ouviste Virūpa e Aṅgiras,<sup>11</sup> assim ouve a invocação de Praskaṇva, ó senhor de leis respeitadas.

---

<sup>5</sup> Três classes de deuses que compõem quase todo o número dos trinta e três deuses citados na próxima estrofe.

<sup>6</sup> Manu aparece aqui como o Prajāpati, o progenitor dos Deuses assim como dos homens.

<sup>7</sup> Agni, cujos cavalos são chamados de fogo.

<sup>8</sup> Feito ou gerado por fricção forte; ‘aceso através de agitação a uma chama’.

<sup>9</sup> Preparado dois dias antes para que o suco pudesse fermentar antes de ser usado.

<sup>10</sup> Em relação aos deuses aqui considerados como descendentes de Manu; compare especialmente 10.53.6: ‘torna-te Manu, procria as hostes divinas’.

4. Ó Mahikerus,<sup>12</sup> os Priyamedhas têm invocado para a sua proteção o senhor do culto, Agni com seu esplendor brilhante.
5. Ó tu, para quem oblações de Ghṛta são derramadas, bom (Agni), ouve esses louvores com os quais os filhos de Kaṇva te invocam para sua proteção.
6. Ó Agni, cuja glória é a mais brilhante, querido por muitos, as pessoas nos clãs chamam a ti, o de cabelos radiantes, para transportar o alimento sacrificial.
7. Os sacerdotes têm te estabelecido, ó Agni, no esforço pelo dia, como seu Hotṛ, o ministrante, o maior adquirente de riqueza, com ouvidos atentos, o mais amplamente estendido.
8. O sábio que espremeu Soma te fez te apressar para cá para o banquete (que é oferecido aos deuses), trazendo grande luz e alimento sacrificial, ó Agni, em nome do adorador mortal.
9. Ó feito da força, bom (Agni), faze os deuses que vêm de manhã, a hoste divina, sentar-se aqui hoje em nossa grama sacrificial, ó Vasu, para beber o Soma.
10. Sacrifica, ó Agni, com invocações conjuntas, e traze a hoste divina. Esse é o Soma, ó deuses que dão chuva. Bebam (o Soma), que foi mantido durante a noite.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 58 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>11</sup> Priyamedha, Atri e Virūpa são Ṛṣis famosos, os videntes de muitos hinos do Ṛgveda. Aṅgiras já foi mencionado. Veja 1.1.6.

<sup>12</sup> *Mahikeravah*, que eu traduzi como um nome próprio, pode ser um adjetivo pertencente a *Priyamedhāh*. Possivelmente ele é derivado da raiz *kar*, ‘louvar’: ‘os Priyamedhas com hinos poderosos’.

## Hino 46. Ásvins (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi, como antes; os deuses são os Ásvins; a métrica é Gāyatrī.

Varga 33. **1.** A amada Uṣas, até agora não vista, dissipa a escuridão do céu. Ásvins, eu louvo grandemente a vocês,

**2.** Que são divinos, de aparência agradável, filhos do oceano,<sup>1</sup> dispostos dispensadores de prosperidade, e concessores de residências, (em recompensa de) atos virtuosos.

**3.** Visto que sua carruagem segue, (puxada) por seus corcéis, acima no céu glorioso, seus louvores são proclamados (por nós).

**4.** (Ásvins); guias; o sol, (o evaporador) das águas, o que nutre, o protetor e observador do rito (solene), nutre (os deuses) com a nossa oblação.

**5.** Nāsatyas, aceitando os nossos louvores, compartilhem do suco *Soma* entusiasmante, o que anima suas mentes.

Varga 34. **6.** Ásvins, concedam-nos aquele alimento revigorante que nos satisfaça, tendo dissipado a escuridão (da escassez).<sup>2</sup>

**7.** Venham, como um navio, para nos levar sobre um oceano de preces; atrelem, Ásvins, seu carro.

**8.** Seu navio, mais vasto que o céu, para na costa; sua carruagem (espera na terra); as gotas (do suco *Soma*) são espremidas para o seu culto.

**9.** Kaṇvas, (perguntem isso aos Ásvins): (Como) os raios (do sol procedem) do céu? (Como) o amanhecer (surge) na região das águas? Onde vocês desejam manifestar seus próprios corpos?<sup>3</sup>

**10.** Houve luz para iluminar o alvorecer; o sol (surgiu) como ouro; o fogo brilhou com chamas escurecidas.

Varga 35. **11.** Um caminho apropriado foi feito para o sol ir além do limite (da noite); o esplendor do corpo luminoso se tornou visível.

**12.** O adorador reconhece toda bênção que ele recebe dos Ásvins, saciados com o gozo do suco *Soma*.

**13.** Causadores de felicidade, coabitantes com seu adorador, como com Manus, venham para cá, para beber do suco *Soma*, e (aceitem) a nossa adoração.

**14.** Que Uṣas siga o brilho da sua aproximação, Ásvins circundantes; e que vocês fiquem satisfeitos com as oblações oferecidas à noite.

**15.** Ásvins, que vocês dois bebam (a libação) e nos concedam felicidade, por meio da sua proteção irrepreensível.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 47 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Sindhūmātarā*. É dito que o sol e a lua, como o comentador afirma, nasceram do oceano; e, na opinião de alguns, os Ásvins são o mesmo que o sol e a lua, e, conseqüentemente, são nascidos do oceano.

<sup>2</sup> O original tem apenas 'dissipem a escuridão'. O comentador explica que a escuridão significa aquela da pobreza.

<sup>3</sup> Essa estrofe inteira é muito elíptica e obscura. Literalmente, ela corre: 'Raios do céu, Kaṇvas, causa de residência no lugar dos rios, onde vocês desejam colocar forma própria?' Sāyaṇa a preenche. Sem alguma adição desse tipo, seria impossível extrair algum significado de tal passagem.

## Hino 46. Ásvins (Griffith)

1. Agora a Manhã<sup>4</sup> resplandece com sua primeira luz, querida Filha do Céu; Altamente, Ásvins, eu exalto o seu louvor,
2. Filhos do Oceano,<sup>5</sup> poderosos para salvar descobridores de riquezas, ó Deuses com pensamento profundo que descobrem riqueza.
3. Seus corcéis gigantes se apressam pela região toda em chamas, Quando seu carro voa com cavalos alados.
4. Ele, generoso, amante do oceano,<sup>6</sup> Senhor da Casa, o vigilante, Chefes! com oblações os alimenta totalmente.
5. Levem em consideração os nossos hinos, Nāsatyas, pensando em nossas palavras: Bebam corajosamente do suco Soma.
6. Concedam a nós, ó Par Ásvin, uma força que, com luz contínua, Nos leve através da escuridão.
7. Entrem no navio desses nossos hinos para trazê-los para a margem de cá Ó Ásvins, atrelem o carro.<sup>7</sup>
8. O vasto navio<sup>8</sup> do céu é seu, na margem do oceano sua carruagem espera Gotas, com o hino, estão preparadas.
9. Kaṇvas, as gotas estão no céu, a riqueza está no lugar das águas; Onde vocês manifestarão sua forma?<sup>9</sup>
10. A luz veio para iluminar o ramo,<sup>10</sup> o Sol apareceu como se fosse ouro: E com sua língua iluminou o escuro.
11. O caminho do sacrifício foi feito para viajar para o objetivo mais distante: O caminho do céu se manifestou.<sup>11</sup>
12. O cantor do louvor deles espera qualquer graça que os Ásvins concedam, Que salvam quando o Soma os alegra.
13. Ó residentes com Vivasvān,<sup>12</sup> venham, auspiciosos, como para Manu antigamente; Venham para o Soma e ao nosso louvor.
14. Ó Ásvins circundantes, a Alvorada segue o brilho do seu caminho: Aprovezem com raios os nossos ritos solenes.
15. Bebam das nossas libações, concedam proteção, ó Dois Ásvins,

<sup>4</sup> Uṣas ou Aurora, personificada como uma Deusa. [Muir diz que nesse verso ela é chamada de ‘a amada do Céu’ (*priyā Divāḥ*). *Original Sanskrit Texts*, V, pág. 190, nota 307.]

<sup>5</sup> Prole do oceano celestial, a atmosfera.

<sup>6</sup> Evidentemente Agni e não o Sol. A conexão de Agni com a água é aludida frequentemente, e ele é chamado muitas vezes de Senhor e Guardião da casa ou família.

<sup>7</sup> O poeta parece convidar os Ásvins a atrelarem sua carruagem para parte da jornada e para irem encontrar esse hino que os levará como em um navio pelo céu. O ar ou atmosfera é o oceano entre o céu e a terra, e a terra é *a margem de cá*.

<sup>8</sup> *Aritram*; um veículo na forma de um barco, diz Sāyaṇa. Vocês já têm o barco de nossas canções para levá-los pelo céu, e agora a sua carruagem chegou à terra e ao lugar onde, junto com esse hino, o suco Soma foi preparado para uma libação para vocês.

<sup>9</sup> As gotas, ou libação de Soma, e a riqueza ou tesouro, e o céu e o lugar dos rios parecem aqui ser paralelismos, ambos os pares de expressões significando a mesma coisa. É dito que a oblação já chegou ao céu onde os Ásvins a receberão. A paráfrase de Sāyaṇa, a qual Wilson seguiu, parece forçada e não natural.

<sup>10</sup> O ramo é provavelmente o fogo sacrificial. Compare: ‘Os outros fogos são de fato teus ramos’ (1.59.1). O epíteto ‘escuro’ pode se referir ao obscurecimento do fogo pela luz do sol ou pela fumaça.

<sup>11</sup> O sacrifício é o caminho que leva os Deuses do céu à terra, e o caminho através do céu é feito visível pelo fogo sacrificial ou pela luz do dia.

<sup>12</sup> Vivasvān: o ‘Brilhante’, um nome do céu da manhã personificado. Ele é considerado o pai de Yama, Manu, e dos Ásvins. Veja 10.17.2.

Com auxílios que ninguém possa interromper.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 47 \(Griffith\)](#)

## Hino 47. Ásvins (Wilson)

(Quarto Adhyāya. Continuação do Anuvāka 9. Sūkta IV)

O Ṛṣi é Praskaṇva; os deuses são os Ásvins; a métrica dos versos ímpares, Bṛhatī; dos pares, Satobṛhatī.

Varga 1. **1.** Ásvins, encorajadores de sacrifício, esse suco *Soma* muitíssimo doce está preparado para vocês. Bebam-no de expressão de ontem, e concedam riquezas para o doador.

**2.** Venham, Ásvins, com seu carro de três colunas, triangular.<sup>1</sup> Os Kaṇvas repetem seu louvor no sacrifício. Ouçam com benevolência a invocação deles.

**3.** Ásvins, encorajadores de sacrifício, bebam esse suco *Soma* muitíssimo doce; aproximem-se, hoje, do dador da oferenda, vocês que têm aspectos agradáveis, e são portadores de riquezas.

**4.** Ásvins oniscientes, colocados na grama sagrada empilhada três vezes, orvalhem o sacrifício com o suco doce. Os ilustres Kaṇvas, com libações derramadas, os chamam.

**5.** Com auxílios desejados, como aqueles com os quais vocês protegeram Kaṇva, apreciadores de atos virtuosos, nos protejam; encorajadores de sacrifícios, bebam o suco *Soma*.

Varga 2. **6.** Belos Ásvins, como vocês trouxeram, em seu carro, portadores de riquezas, fatura para Sudās,<sup>2</sup> assim tragam para nós as riquezas que muitos cobiçam, ou do firmamento ou do céu além.

**7.** Nāsatyas, vocês residam longe, ou perto, venham até nós, em seu carro bem construído, com os raios do sol.

**8.** Que seus corcéis, a graça do sacrifício, os tragam, para estarem presentes em nosso rito. Guias (dos homens), concedendo alimento ao doador virtuoso e generoso (da oferenda), sentem-se na grama sagrada.

**9.** Venham, Nāsatyas, com sua carruagem vestida de sol,<sup>3</sup> na qual vocês sempre têm levado riqueza para o doador (da oferenda), para beber o doce suco *Soma*.

**10.** Nós chamamos, com hinos cantados e recitados, os muito afluentes Ásvins, para estarem presentes, para a nossa proteção. Vocês nunca beberam o suco *Soma* na residência preferida dos Kaṇvas?

[Índice](#) ◀▶ [Hino 48 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Com um carro com três postes, e triangular, é a explicação que nós tivemos antes. O comentador propõe aqui uma interpretação um pouco diferente, e apresentaria os termos desse modo: 'tendo três ligamentos ondulantes de madeira, e passando, sem obstrução, pelos três mundos'.

<sup>2</sup> Sudās é chamado de um *Rājā*, o filho de Pijavana. Nós temos dois príncipes de nome Sudāsa nos *Purāṇas*, um na linha solar (*Viṣṇu Purāṇa*, pág. 299 [da versão em português]; e o outro, na lunar, o filho de Divodāsa (*Idem*, pág. 348).

<sup>3</sup> Literalmente: de pele de sol; isto é, envolvida ou coberta pelo sol, ou semelhante a ele em brilho.

## Hino 47. Ásvins (Griffith)

1. Ásvins, para vocês que fortalecem a Lei esse mais doce Soma foi derramado. Bebam esse espremido ontem e deem riqueza a quem o oferece.
2. Venham, ó Ásvins, sobre seu carro triplo de três assentos, de bela forma; para vocês no sacrifício os Kaṇvas enviam a oração; ouçam benevolmente o seu chamado.
3. Ó Ásvins, vocês que fortalecem a Lei, bebam esse suco Soma doce. Trazidos em seu carro cheio de riquezas venham hoje até aquele que oferece, ó de atos prodigiosos.
4. Ásvins oniscientes, na grama empilhada três vezes borrifem com o suco doce o sacrifício. Os filhos de Kaṇva, esforçando-se em direção ao céu, os chamam com doses de suco Soma derramadas.
5. Ó Ásvins, com aquelas ajudas com as quais vocês protegeram Kaṇva cuidadosamente; Mantenham-nos, ó Senhores do Esplendor; bebam o suco Soma, ó reforçadores da santa lei.
6. Ó Poderosos, vocês deram a Sudās<sup>4</sup> alimento abundante, trazido em seu carro cheio de tesouros; então agora nos concedam a riqueza que muitos anseiam, seja do céu ou do mar.
7. Nāsatyas,<sup>5</sup> se vocês estão longe ou perto de Turvaśa,<sup>6</sup> venham até nós, trazidos em seu carro que roda ligeiramente; venham junto com os raios de sol.
8. Então, que seus corcéis, ornamentos de sacrifício, os tragam para as nossas libações aqui. Concedendo alimento a ele que age e oferece corretamente, sentem-se, Chefes, sobre a grama sagrada.
9. Venham, ó Nāsatyas, em seu carro enfeitado com um dossel brilhante como o sol; onde vocês sempre trazem riquezas para o adorador, para beber o agradável suco de Soma.
10. Com elogios<sup>7</sup> e cânticos de louvor nós os chamamos até nós, para que eles, os mais ricos, possam nos socorrer; Pois vocês sempre têm bebido o suco Soma na casa bem-amada dos Kaṇvas, ó Ásvins.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 48 \(Griffith\)](#)

---

<sup>4</sup> Veja 7.18.5-25.

<sup>5</sup> Ásvins. Veja 1.3.3.

<sup>6</sup> A tribo ou família que recebeu o nome do chefe assim chamado, mencionado frequentemente no R̥gveda. Veja 1.36.18.

<sup>7</sup> *Ukthébhīḥ*, respondendo, de acordo com Sāyaṇa, ao que no Brāhmaṇa é chamado de *Śastram* (a ser recitado pelo Hotar), enquanto a canção *Stoma* (*stotram*), é cantada pelos sacerdotes Sāma.

## Hino 48. Aurora (Wilson)

(Sūkta V)

O R̥ṣi é o mesmo, mas o Hino é endereçado a Uṣas, a alvorada personificada, ou Aurora; a métrica é a mesma que no anterior.

Varga 3. **1.** Uṣas, filha do céu, amanhece sobre nós com riquezas; difusora de luz, amanhece sobre nós com alimento abundante; deusa bondosa, amanhece sobre nós com abundância (de gado).

**2.** Repletas de cavalos, repletas de vacas, concessoas de todo tipo de fartura,<sup>1</sup> (as divindades da manhã) são possuidoras do tanto que é necessário para as habitações (dos homens). Uṣas, fala-me palavras gentis, manda-nos a afluência da riqueza.

**3.** A divina Uṣas residiu (no céu, antigamente). Que ela apareça hoje, a excitadora de carruagens que são atreladas por causa da chegada dela; como aqueles que estão desejosos de riqueza (mandam navios) para o oceano.<sup>2</sup>

**4.** Uṣas, quando tu chegas os homens sábios dirigem suas mentes para atos de caridade. Dos mais sábios desses homens Kaṇva proclama a fama.

**5.** Uṣas, nutrindo (a todos), vem, diariamente, como uma mãe de família, a diretora (dos deveres domésticos), levando todas (as criaturas) transientes à decadência. (À chegada dela) todo bípede se agita; e ela acorda os pássaros.

Varga 4. **6.** Ela anima os diligentes, e manda clientes (para seus patronos),<sup>3</sup> e, derramadora de orvalhos, não conhece atraso. Concessoa de alimento, à tua ascensão as aves que se elevam nos ares não mais suspendem (seu voo).

**7.** Essa Uṣas auspiciosa tem atrelado (seus veículos) de longe, acima do nascer do sol; e ela vem gloriosamente sobre o homem, com cem carruagens.<sup>4</sup>

**8.** Todos os seres vivos a adoram, que ela seja visível; portadora de alimento, ela ilumina o mundo; a afluente filha do céu afugenta os malevolentes, e dispersa os que absorvem (a umidade).

**9.** Brilha em volta, Uṣas, com esplendor que anima, trazendo-nos, todos os dias, muita felicidade, e dissipando a escuridão.

**10.** Visto que, portadora do que é bom, tu apareceste, o alento e vida de todas (as criaturas) repousam em ti. Difusora de luz, vem até nós, com teu carro amplo; possuidora de riqueza extraordinária, ouve a nossa invocação.

Varga 5. **11.** Uṣas, aceita o alimento (sacrificial) o qual, de muitos tipos, existe entre a raça humana, e, desse modo, traz para a cerimônia os piedosos, que, oferecendo oblação, te louvam.

**12.** Uṣas, traze, do firmamento, todos os deuses, para beberem o suco *Soma*; e tu mesma concede a nós alimento excelente e revigorante, junto com gado e cavalos.

**13.** Que aquela Uṣas, cujos raios brilhantes auspiciosos são visíveis por toda parte, nos conceda riquezas desejáveis, agradáveis, e facilmente obteníveis.

**14.** Adorável Uṣas, a quem os sábios antigos invocavam por proteção e por alimento, tu (radiante) com luz pura, (satisfeita) por nossas oferendas, aceita os nossos louvores.

<sup>1</sup> Esses três epítetos estão, todos, no feminino plural, sem um substantivo; o comentador preenche, portanto, com 'as divindades do amanhecer', como se fossem muitas. Rosen completa com 'horas matutinas'.

<sup>2</sup> O texto é: 'como aqueles desejosos de riqueza para o oceano', o comentário completa com 'mandam navios'.

<sup>3</sup> Ela solta questionadores, solicitadores; pois eles, diz Sāyaṇa, tendo se levantado de manhã cedo, vão para as casas daqueles que são seus respectivos benfeitores.

<sup>4</sup> Talvez, 'com muitos raios de luz' é o que é pretendido pelas muitas carruagens da alvorada.

**15.** Uşas, visto que tu, hoje, abriste os dois portões do céu com luz,<sup>5</sup> concede-nos uma habitação espaçosa e segura; dá-nos, deusa, gado e alimento.

**16.** Adorável Uşas, associa-nos com riqueza grande e multiforme, e com gado abundante, com toda fama que confunde inimigos, e, dadora de sustento, com alimento.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 49 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 48. Aurora (Griffith)

**1.** Amanhece sobre nós com prosperidade, ó Uşas, Filha do Céu; Amanhece com grande glória, Deusa, Senhora da Luz, amanhece com riquezas, Generosa.

**2.** Elas,<sup>6</sup> trazendo cavalos e vacas, concessoras das bênçãos de toda riqueza, têm frequentemente se apressado para nos iluminar. Ó Uşas, desperta para mim os sons da alegria; manda-nos as riquezas dos grandes.

**3.** Uşas amanheceu, e agora amanhecerá, a Deusa, que leva carros adiante; os quais, conforme ela se aproxima, têm fixado seu pensamento nela, como os buscadores de glória no oceano.<sup>7</sup>

**4.** Aqui Kaṇva, chefe da linhagem de Kaṇva, canta alto as glórias dos nomes dos heróis – dos príncipes<sup>8</sup> que, ó Uşas, conforme tu te aproximas, dirigem seus pensamentos para doações generosas.

**5.** Como uma boa mãe de família Uşas vem cuidando de tudo atentamente; despertando toda vida, ela agita todas as criaturas que têm pés, e faz voar as aves do ar.

**6.** Ela envia os ocupados, cada um para a sua atividade; ela não conhece atraso enquanto ela emerge. Ó rica em opulência, após tua manifestação os pássaros que voaram não mais descansam.

**7.** Essa Aurora atrelou seus corcéis à distância, além do nascer do Sol; conduzida em cem carruagens ela, Aurora auspiciosa, avança em seu caminho até os Homens.

**8.** Para encontrar seu olhar todas as criaturas vivas se curvam; Excelente, ela faz a luz. Uşas, a Filha do Céu, a opulenta, brilha inimigos e inimizadas para longe.

**9.** Brilha sobre nós com tua luz radiante, ó Uşas, Filha do Céu; trazendo para nós grande abundância de felicidade excelente, e radiante em nossos ritos solenes.

**10.** Porque em ti se encontra o alento e vida de todo ser vivo, quando, Excelente! tu apareces à vista. Trazida em teu carro sublime, ó Senhora da Luz, ouve, tu de riqueza maravilhosa, o nosso chamado.

**11.** Ó Uşas, obtém tu mesma a força que entre os homens é extraordinária. Traze, desse modo, os piedosos para os ritos sagrados, aqueles que como sacerdotes cantam louvores a ti.

**12.** Traze do firmamento, ó Uşas, todos os deuses, para que eles possam beber o nosso suco Soma; e, sendo o que és, nos concede vacas e cavalos, força digna de elogio e poder de herói.

---

<sup>5</sup> Os pontos leste e oeste do horizonte.

<sup>6</sup> As Auroras dos dias anteriores.

<sup>7</sup> A aproximação da Aurora coloca carros ou carroças em movimento do mesmo modo como ela faz navios ou barcos que estavam ancorados durante a noite se moverem para o mar aberto.

<sup>8</sup> Os príncipes são os ricos patrocinadores ou instituidores de sacrifício, que arcam com todos os gastos e remuneram os sacerdotes.

**13.** Que Uṣas, cujos raios auspiciosos são vistos resplandecentes em volta, nos conceda grandes riquezas, belas em forma, de todas as coisas boas, a riqueza que o trabalho fácil possa obter.

**14.** Poderosa, a quem os Ṛṣis dos tempos antigos invocavam para sua proteção e sua ajuda, ó Uṣas, responde com benevolência aos nossos cânticos de louvor, com generosidade e com luz brilhante.

**15.** Uṣas, como tu com luz abriste hoje as portas gêmeas do céu, assim nos concede uma morada ampla e livre de inimigos. Ó Deusa, dá-nos alimento com vacas.

**16.** Traze-nos a riqueza abundante, enviada de toda forma, a revigorante comida copiosa; o esplendor que subjuga todos, Uṣas, Poderosa, a força, tu rica em despojos e riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 49 \(Griffith\)](#)

### Hino 49. Aurora (Wilson)

(Sūkta VI)

O Ṛṣi e divindade são os mesmos; a métrica é Anuṣṭubh.

Varga 6. **1.** Uṣas, vem, por caminhos auspiciosos, de além da brilhante (região do) firmamento; que as (vacas) púrpuras<sup>1</sup> te levem para a residência do oferecedor do suco *Soma*.

**2.** Uṣas, na ampla e bela carruagem na qual tu viajas, vem, hoje, filha do céu, até o devoto oferecedor da libação.

**3.** Uṣas de cor branca, a partir da tua chegada bípedes e quadrúpedes (estão em movimento), e as aves aladas voam em bando por toda parte, desde os limites do céu.

**4.** Tu, Uṣas, dissipando a escuridão, iluminas o universo brilhante com teus raios; tal como tu és, os Kaṇvas, desejosos de riqueza, te louvam com seus hinos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 50 \(Wilson\)](#)

### Hino 49. Aurora (Griffith)

**1.** Justamente de cima do reino brilhante do céu vem, Uṣas, por caminhos auspiciosos; Que corcéis vermelhos<sup>2</sup> te levem para a casa daquele que derrama o suco *Soma*.

**2.** O carro no qual tu sobes, de forma bela, ó Uṣas leve para se mover – Com ele, ó Filha do Céu, ajuda os homens de fama nobre hoje.

**3.** Uṣas brilhante, quando teus momentos retornam, todos os quadrúpedes e bípedes se agitam; e em volta as aves aladas voam em bandos de todos os limites do céu.

**4.** Tu, surgindo com teus raios de luz, iluminas todo o reino radiante.

A ti, como tu és, os Kaṇvas, desejosos de riqueza, têm chamado com canções sagradas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 50 \(Griffith\)](#)

<sup>1</sup> Conforme o *Nighaṇṭu*, vacas púrpuras, os veículos da manhã.

<sup>2</sup> O comentador explica *aruṇápsavaḥ* como as vacas púrpuras, os veículos da manhã, isto é, as nuvens vermelho-escuras que acompanham o amanhecer.

## Hino 50. Sūrya (Wilson)

(Sūkta VII)

Praskaṅva é, ainda, o Ṛṣi; o deus é Sūrya, o sol. As primeiras nove estrofes estão na métrica Gāyatrī; as últimas quatro, na Anuṣṭubh.

Varga 7. **1.** Seus corcéis mantêm no alto o divino Sol onisciente, de modo que ele pode ser visto por todos (os mundos).

**2.** (À aproximação) do Sol que ilumina tudo, as constelações<sup>1</sup> partem, com a noite, como ladrões.

**3.** Seus raios iluminadores observam os homens em sucessão, como fogos ardentes.

**4.** Tu, Sūrya, ultrapassaste a todos em velocidade;<sup>2</sup> tu és visível para todos; tu és a fonte de luz;<sup>3</sup> tu brilhas por toda parte no firmamento inteiro.

**5.** Tu te ergues na presença dos Maruts,<sup>4</sup> tu te ergues na presença da humanidade, e de modo a ser visto na presença de toda a (região) do céu.

Varga 8. **6.** Com aquela luz com a qual tu, o que purifica e defende do mal, olhas para esse mundo portador de criaturas,

**7.** Tu atravessas o vasto espaço etéreo, medindo dias e noites, e contemplando tudo o que tem nascimento.

**8.** Sūrya divino e difusor de luz, teus sete corcéis<sup>5</sup> conduzem a ti, de cabelo brilhante, em teu carro.

**9.** O Sol uniu as sete éguas que puxam sua carruagem com segurança, e vem com elas autoatreladas.

**10.** Observando a luz surgindo acima da escuridão, nós nos aproximamos do Sol divino, entre os deuses, a luz excelente.<sup>6</sup>

**11.** Radiante com luz benevolente, erguendo-te hoje, e subindo para o mais alto céu, ó Sol, remove a enfermidade do meu coração, e a cor amarela (do meu corpo).<sup>7</sup>

<sup>1</sup> *Nakṣatrā*, as estrelas em geral, ou os asterismos lunares, os quais, de acordo com diferentes textos, são considerados como as residências dos deuses, ou as formas visíveis das pessoas virtuosas depois da morte. Aquelas constelações são os corpos luminosos daqueles que praticam atos religiosos, isto é, de acordo com Sāyaṇa, aqueles que, por se dedicarem a deveres religiosos nesse mundo, chegam a *Svarga*, são vistos na forma de constelações.

<sup>2</sup> Sāyaṇa diz que, de acordo com o *Smṛti*, o sol se move 2. 202 *yojanas* na metade de um piscar de olhos.

<sup>3</sup> *Jyotiṣkr̥t*, dando luz para todas as coisas, até para a lua e os planetas, à noite; pois eles, é dito, se encontram em uma substância aquosa, da qual os raios do sol são refletidos; de modo semelhante como os raios do sol, caindo sobre um espelho colocado na entrada de um aposento, são refletidos para o interior, e dão luz a ele. Sāyaṇa também explica a passagem inteira metafisicamente, identificando o sol com o espírito supremo, que permite que todos os seres atravessem o oceano da existência, que é visto por todos os que desejam a emancipação final, que é o criador da verdade ou luz espiritual, e que torna tudo luminoso por meio da luz da mente.

<sup>4</sup> O texto tem 'diante dos homens ou povos dos deuses', isto é, os Maruts, que, em outro texto védico, são assim designados.

<sup>5</sup> Os quais podem também significar os sete raios. Os sete cavalos são os dias da semana: os sete raios podem expressar o mesmo.

<sup>6</sup> Aqui, novamente, nós podemos ter uma alusão a um sol espiritual. A escuridão, é dito, significa o pecado, e a aproximação do sol significa reunião com o espírito supremo.

<sup>7</sup> *Hydroga* pode também significar azia ou indigestão; *harimānam*, cor verde ou amarela, é a mudança externa da cor da pele, por icterícia ou em moléstias biliares. Esse verso e os dois seguintes constituem um *tr̥ca* ou grupo de três versos, a repetição dos quais, com as devidas formalidades, é considerada como curativa de doenças. É dito que Sūrya, louvado com hinos desse modo por Praskaṅva, o curou de uma enfermidade cutânea, ou lepra, da qual ele estava sofrendo. Consequentemente, Śaunaka chama o par de versos de *mantra*, dedicado ao sol, que remove pecados, que cura doenças, um antídoto para veneno, e o meio de obter felicidade atual e libertação final. O culto especial do sol, na Índia, na época

12. Vamos transferir a cor amarela (do meu corpo) para os papagaios, para os estorninhos, ou para a (árvore) Haritāla.<sup>8</sup>

13. Esse Āditya ergueu-se, com todo (o seu) poder, destruindo o meu adversário; pois eu sou incapaz de resistir ao meu inimigo.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 51 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 50. Sūrya (Griffith)

1. Seus raios brilhantes o mantêm no alto, o Deus que conhece tudo o que vive, Sūrya, de modo que todos possam olhar para ele.

2. As constelações vão embora, como ladrões, junto com seus raios de luz, Diante do Sol que tudo vê.

3. Seus raios precursores são vistos de longe refulgentes sobre o mundo dos homens,<sup>10</sup> Como chamas de fogo que queimam e resplandecem.

4. Rápido e todo belo és tu, ó Sūrya, criador da luz, Iluminando todo o reino radiante.

5. Tu vais até as hostes de deuses, tu vens até aqui para a humanidade, Aqui toda a luz para ser contemplada.<sup>11</sup>

6. Com aquele mesmo olho teu com o qual tu olhas o brilhante Varuṇa,<sup>12</sup> Sobre a atarefada raça de homens,

7. Atravessando o céu e o extenso ar, tu medes nossos dias com teus raios, Sol, vendo todas as coisas que têm nascimento.

8. Sete Cavalos Baios<sup>13</sup> atrelados ao teu carro te conduzem, ó tu que enxergas longe, Deus, Sūrya, com o cabelo radiante.

9. Sūrya atrelou as Sete puras brilhantes, as filhas do carro,<sup>14</sup> com essas, Sua própria equipe estimada, ele segue adiante.

10. Contemplando a luz mais elevada acima da escuridão nós nos aproximamos De Sūrya, Deus entre os Deuses, a luz que é a mais excelente.

11. Surgindo nesse dia, ó rico em amigos, subindo ao céu mais elevado, Sūrya remove a doença do meu coração, tira de mim essa minha cor amarela.

12. Para papagaios e estorninhos vamos dar o meu tom amarelado, Ou vamos transferir essa minha amarelidão para as árvores Haritāla.<sup>15</sup>

---

das primeiras incursões dos muçulmanos, que atribuía àquele corpo luminoso a cura de Sāmba, o filho de Kṛṣṇa, de lepra, é narrado integralmente pelo Sr. Reinaud, em seu interessante *Mémoire sur l'Inde*, e era então, sem dúvida, de data antiga, originando-se com as noções primitivas dos atributos de Sūrya, aqui aludidos. O hino é, do começo ao fim, de um caráter antigo.

<sup>8</sup> Assim o comentador interpreta o *hāridrava* do texto, *haritāladruma*. Mas não existe uma árvore assim chamada. Haritāla mais comumente significa pigmento amarelo; *hāridrava*, um pó vegetal amarelo.

<sup>9</sup> O inimigo aqui indicado é a enfermidade ou doença.

<sup>10</sup> [Essa primeira frase Macdonell lê: “Seus feixes de luz, seus raios, têm brilhado de longe através das muitas casas dos homens”. – *Hymns from the Rigveda*.]

<sup>11</sup> [A última frase por Macdonell: ‘para todos, de modo que eles possam ver a luz celestial’.]

<sup>12</sup> Varuṇa: a palavra é, como Sāyaṇa ressalta, usada aqui como uma designação (aquele que envolve), e aplicada a Sūrya. Sāyaṇa a explica como ‘aquele que afasta o mal’.

<sup>13</sup> [*Éguas baias* – Macdonell.]

<sup>14</sup> Os sete cavalos que puxam seu carro, e os quais, como intimamente conectados com ela, são chamados de filhas da carruagem. O número sete faz referência aos sete dias da semana.

**13.** Com todo o seu vigor conquistador esse Āditya ergueu-se no alto,  
Dando o meu inimigo na minha mão; não me deixes ser vítima do meu inimigo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 51 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>15</sup> [Veja a nota 8.] A palavra *hāridrava* é explicada no *Petersburg Lexicon* como certa ave amarela. A amarelidão mencionada nesse verso é provavelmente a cor da pele na icterícia.

*Para papagaios e estorninhos:* similarmente, entre os romanos, as pessoas com icterícia eram chamadas de 'icterici', de acordo com Plínio (H.N. xxx. II.), por causa da noção fantasiosa de que a doença era curada por olhar para o icterus, uma das muitas variedades dos estornídeos ou família dos estorninhos. Dizia-se que o pássaro morria em lugar do paciente.

## Hino 51. Indra (Wilson)

(Anuvāka 10. Sūkta I)

O Ṛṣi é Savya,<sup>1</sup> o filho de Aṅgiras; o Hino é endereçado a Indra, os dois últimos versos estão na métrica Triṣṭubh, o resto, na Jagatī.

Varga 9. **1.** Animem, com louvores, aquele carneiro,<sup>2</sup> (Indra), que é adorado por muitos, que é alegrado por hinos, e é um oceano de riqueza; cujos bons atos se espalharam, para o benefício da humanidade, como os raios de luz. Adorem o poderoso e sábio Indra, por causa do gozo de prosperidade.

**2.** Os protetores e amparadores Ṛbhus,<sup>3</sup> se apressaram para a presença de Indra, de movimento gracioso, e iluminando o firmamento,<sup>4</sup> imbuído de vigor, o que humilha seus inimigos, o realizador de cem atos religiosos; e por eles palavras encorajadoras foram proferidas.<sup>5</sup>

**3.** Tu abriste a nuvem<sup>6</sup> para os Aṅgirasas; tu mostraste o caminho para Atri, que atormenta seus adversários por cem portas;<sup>7</sup> tu tens concedido riqueza, com alimento, para Vimada;<sup>8</sup> tu estás manejando teu raio em defesa de um adorador envolvido em combate.

**4.** Tu abriste o receptáculo das águas; tu retiveste, na montanha, o tesouro do malévol;<sup>9</sup> quando tu tinhas matado Vṛtra, o destruidor,<sup>10</sup> tu tornaste o sol visível no céu.

**5.** Tu, Indra, por teus estratégias, humilhaste os enganadores que ofereciam oblações às suas próprias bocas;<sup>11</sup> benigno para os homens, tu destruístes as cidades de Pipru, e defendeste bem Rjīśvan, nas (pelejas) destruidoras de ladrões.<sup>12</sup>

Varga 10. **6.** Tu defendeste Kutsa, em lutas fatais com Śuṣṇa; tu destruístes Śambara, em defesa de Atithigva; tu pisaste, com teus pés, sobre o grande Arbuda; desde tempos remotos tu nasceste para a destruição dos opressores.<sup>13</sup>

<sup>1</sup> É dito que Aṅgiras, tendo realizado culto, para obter um filho que se parecesse com Indra, o deus se tornou filho dele, sob o nome de Savya.

<sup>2</sup> *Tyaṃ meṣam*; referindo-se a uma lenda na qual é narrado que Indra chegou, na forma de um carneiro, a um sacrifício solenizado por Medhātithi, e bebeu o suco *Soma*. Ou *meṣa* pode ser traduzido como ‘vitorioso sobre inimigos’.

<sup>3</sup> É dito que os Ṛbhus aqui significam os Maruts, por quem Indra foi ajudado e encorajado, quando todos os deuses o tinham abandonado.

<sup>4</sup> Indra, como Śakra, é um dos doze Ādityas, ou sóis.

<sup>5</sup> Eles exclamaram: ‘Golpeia, Bhagavan, sê valente’.

<sup>6</sup> O termo é *gotra*, explicado como uma nuvem, ou um rebanho de gado. *Gotrabhid*, como um nome de Indra, significa, em linguagem comum, quebrador de montanha, isto é, com o raio; como aplicado ao gado, ele alude, é dito, à recuperação das vacas roubadas por Paṇi. Em todo caso, o ato foi realizado por causa das preces, ou para o benefício, dos descendentes de Aṅgiras.

<sup>7</sup> Por vários meios ou artifícios, – *yantras*.

<sup>8</sup> Vimada é chamado, no comentário, de *Maharṣi*.

<sup>9</sup> *Parvate dānumad vasu*. ‘Na montanha’ significa a residência de Indra. *Dānumat* é explicado variadamente, como alguém que faz uma injúria, hostil ou maligno, um inimigo; ou, alguém que descende de Danu, um *Dāvana*, um *Asura*; ou ele pode ser um epíteto de *vasu*, riqueza ‘adequado para generosidade’, de *dānu*, dar.

<sup>10</sup> Vṛtra, que é *Ahi*; explicado como hanṭr, o matador. A partir de um texto citado do *Yajur-Veda*, *Ahi* parece ser a personificação de todos os benefícios deriváveis de sacrifício, conhecimento, fama, alimento e prosperidade; visto que ele era o mesmo que tudo isso, portanto ele era chamado de *Ahi*.

<sup>11</sup> De acordo com os *Kaushītakis*, os *Asuras*, desprezando Agni, ofereceram oblações para eles mesmos; e os *Vajasaneyis* relatam que, quando houve uma disputa entre os deuses e os *Asuras*, os últimos disseram arrogantemente: ‘Não vamos oferecer sacrifício para ninguém’, e, por isso, fizeram as oblações às suas próprias bocas.

<sup>12</sup> Pipru é chamado de *Asura*; Rjīśvan, de um adorador a quem eles oprimiam; *dasyuhatyeshu*, em batalhas que mataram os *Dasyus*, – ladrões ou bárbaros.

7. Em ti, Indra, todo o vigor está totalmente concentrado; a tua vontade se deleita em beber o suco *Soma*; é sabido, por nós, que o raio está depositado em tuas mãos. Corta toda a bravura do inimigo.

8. Diferencia entre os Árias e aqueles que são *Dasyus*;<sup>14</sup> reprimindo aqueles que não realizam ritos religiosos, obriga-os a se submeterem ao realizador de sacrifícios; sê tu, que és poderoso, o encorajador do sacrificador. Eu estou desejoso de louvar todas as tuas façanhas, em cerimônias que te deem satisfação.

9. Indra permanece, humilhando os que negligenciam atos sagrados, em favor daqueles que os cumprem, e punindo aqueles que se afastam do culto dele, em favor daqueles que estão presentes (com seu louvor). Vamra, enquanto louvando-o, idoso ou adolescente, e se espalhando pelo céu, levou consigo os (materiais de sacrifício) acumulados.<sup>15</sup>

10. Se Uśanas aguçasse o teu vigor por meio do dele, então teu poder apavoraria, por sua intensidade, o céu e a terra. Amigo do homem, que os corcéis atrelados pela vontade, com a velocidade da mente, te levem, repleto (de energia), para (compartilhar do) alimento sacrificial.

Varga 11. 11. Quando Indra está satisfeito com hinos aceitáveis, ele sobe (em seu carro), puxado por corcéis que corcoveiam mais e mais obliquamente; feroz, ele extrai as águas, da (nuvem) passageira, em uma torrente, e tem subjugado as extensas cidades de Śuṣṇa.

12. Tu subiste em tua carruagem prontamente, Indra, para beber as libações. Assim como tu te deleitaste no que foi preparado (no sacrifício de) Śāryāta.<sup>16</sup> Está satisfeito com elas, como tu és satisfeito por meio dos sucos *Soma* vertidos, (nos sacrifícios) de outros. Desse modo tu obténs fama imperecível no céu.

13. Tu deste, Indra, a jovem Vṛcayā<sup>17</sup> para o idoso Kakṣīvat, louvando-te, e oferecendo libações. Tu, Sukratu, foste Menā, a filha de Vṛṣaṇaśva.<sup>18</sup> Todas essas tuas proezas devem ser recitadas em teu culto.

14. Indra tem sido recorrido, para que ele possa ajudar os virtuosos, em sua aflição. Louvor pelos Pajras<sup>19</sup> é (tão estável) quanto a ombreira de uma porta. Indra, o dador de riquezas, que é possuidor<sup>20</sup> de cavalos, gado, carruagens, e riqueza, está presente.

<sup>13</sup> Śuṣṇa, Śambara e Arbuda são designados como *Asuras*. Kutsa nós tivemos antes, como o nome de um *Ṛṣi*. É dito que Atithigva significa o hospitaleiro, e a ser chamado também de Divodāsa; mas não aparece se ele é o mesmo que o Divodāsa dos *Purāṇas*.

<sup>14</sup> Os Árias, como se depreende a partir desse e do verso seguinte, e como afirmado pelo comentador, são aqueles que praticam ritos religiosos; enquanto os *Dasyus* são aqueles que não observam cerimônias religiosas, e são hostis àqueles que as fazem; sendo, provavelmente, as tribos incivilizadas da Índia, ainda não subjugadas pelos seguidores dos *Vedas*, os *Āryas*, a tribo respeitável ou civilizada.

<sup>15</sup> O texto aqui é obscuro: ‘Vamra destruiu as coleções’. O comentador diz, que um *Ṛṣi* chamado Vamra tirou vantagem da ausência de Indra de um sacrifício, para levar embora a pilha de oferendas acumuladas, a medula ou essência da terra.

<sup>16</sup> Śāryāta era um *Rājarsī* – de acordo com o comentador – da linhagem de Bhrgu. O *Aitareya Brāhmaṇa* o chama de príncipe da linhagem de Manu. O termo é um patronímico, significando filho ou descendente de Śaryāti, que era o quarto filho do Manu Vaivasvata. O *Ṛṣi* Cyavana se casou com a filha dele, e um sacrifício solene foi celebrado na ocasião, no qual Indra e os *Aśvins* estavam presentes. Cyavana se apropriou da parte da oblação destinada aos *Aśvins*, pelo que Indra ficou furioso, e, para apaziguá-lo, uma nova oferenda foi preparada. O comentador cita essa história do *Kauṣītaki Brāhmaṇa*. Ela é detalhada no *Bhāgavata* e *Padma Purāṇas*.

<sup>17</sup> É dito que Vṛcayā foi dada para Kakṣīvat na cerimônia de *Rājasūrya*. Nenhuma notícia sobre ela é encontrada em outros lugares.

<sup>18</sup> O *Brāhmaṇa* é citado para uma história singular de o próprio Indra ter se tornado Menā, a filha de Vṛṣaṇaśva, e de ter, posteriormente, se apaixonado por ela. A Menā dos *Purāṇas* é uma das filhas dos *Pitṛs*, com *Svadhā*, e a esposa de Himavat, o rei das montanhas.

<sup>19</sup> É dito que os *Pajras* são os mesmos que os *Aṅgirasas*.

<sup>20</sup> Ou isso pode ser traduzido como ‘que está desejoso de possuir’, – esperando tais doações do instituidor da cerimônia.

15. Essa adoração é oferecida ao derramador de chuva, o auto-resplandecente, o possuidor de energia verdadeira, o poderoso. Que nós sejamos auxiliados, Indra, nesse conflito, por muitos heróis, e residamos em uma (habitação) próspera, (concedida) por ti.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 52 \(Wilson\)](#)

## Hino 51. Indra (Griffith)

1. Alegrem com canções aquele Carneiro<sup>21</sup> que muitos homens invocam, digno de cânticos de louvor, Indra, o mar de riqueza; Cujos atos benevolentes para os homens se espalharam amplamente como os céus: cantem louvores a ele o sábio, o mais generoso para o nosso bem.

2. Como auxiliares os hábeis Ṛbhus ansiavam por Indra forte para salvar, que enche o ar, cercado em volta por força, apressando-se em êxtase;<sup>22</sup> e sobre Śatakratu veio o grito alegrador que o incitou adiante para a vitória.

3. Tu descobriste o estábulo das vacas<sup>23</sup> para os Aṅgiras,<sup>24</sup> e abriste um caminho para Atri<sup>25</sup> por cem portas. Para Vimada tu tens concedido alimento e riqueza, fazendo teu raio dançar na luta do sacrificador.

4. Tu abriste as prisões das águas; tu na montanha apreendeste o tesouro<sup>26</sup> rico em dádivas. Quando tu tinhas matado com poder o dragão Vṛtra, tu, Indra, ergueste o Sol no céu<sup>27</sup> para todos verem.

5. Com poder extraordinário tu sopraste para longe os demônios feiticeiros, com poderes celestiais aqueles que te invocavam de brincadeira.<sup>28</sup> Tu, de coração de herói, demoliste as fortalezas de Pipru,<sup>29</sup> e ajudaste Rjīśvan quando os Dasyus foram mortos.

6. Tu salvaste Kutsa quando Śuṣṇa foi derrotado; para Atithigva deste Śambara como uma presa. Até o poderoso Arbuda tu esmagaste; tu desde os tempos antigos nasceste para matar os Dasyus.<sup>30</sup>

<sup>21</sup> Aquele carneiro famoso, Indra. Veja 1.10.2. Aqui a referência é a um carneiro de combate; ou [veja a nota 2].

<sup>22</sup> Quando alegrados pelas doses de Soma.

‘Aqui novamente’, diz o professor Max Müller, ‘a dificuldade em representar o pensamento védico em inglês, ou qualquer outro idioma moderno, se torna evidente, pois nós não temos uma palavra poética para expressar um estado elevado de excitação mental produzido por beber o suco intoxicante da Soma e outras plantas, o qual não tem algo oprobioso misturado com ele, enquanto nos tempos antigos aquele estado de excitação era celebrado como uma bênção dos deuses, como não indigno dos próprios deuses, mais ainda, como um estado no qual o guerreiro e o poeta fariam suas melhores realizações. O alemão *rausch* é o mais próximo do sânscrito *mada*.’

Nessa versão *mada* tem geralmente sido traduzida como êxtase, deleite, entusiasmo, ou alegria selvagem.

<sup>23</sup> A nuvem escura que mantém as águas aprisionadas.

<sup>24</sup> Uma antiga família sacerdotal. Veja 1.1.6.

<sup>25</sup> Um Ṛṣi geralmente enumerado com os Aṅgiras entre os Prajāpatis ou progenitores dos homens. Indra o libertou do cativeiro, mostrando a ele cem modos de escapar. Vimada também era um Ṛṣi dos tempos antigos.

<sup>26</sup> A *montanha* é a nuvem; o *tesouro* é a chuva fertilizante.

<sup>27</sup> De acordo com Sāyaṇa, livraste o Sol que tinha sido escondido por Vṛtra.

<sup>28</sup> Literalmente, te chamavam ou te ofereciam acima ou por sobre o ombro, aparentemente uma antiga expressão proverbial aplicada àqueles que em vez de sacrificarem para os Deuses colocavam a oblação planejada em suas próprias bocas.

<sup>29</sup> Pipru é um dos demônios do ar; as fortalezas dele são as nuvens que retêm a chuva.

<sup>30</sup> Śuṣṇa, ‘o Secador’, é a personificação do calor excessivo antes das chuvas; um demônio da seca. Śambara e Arbuda são demônios similares da atmosfera.

**7.** Todo o poder e força estão reunidos estritamente em ti, teu espírito generoso se alegra em beber suco Soma. Conhecido é o raio que se encontra em teus braços: arranca com ele toda a bravura viril do nosso inimigo.

**8.** Diferencia bem Árias<sup>31</sup> e Dasyus; punindo os bárbaros os entrega para aquele cuja grama está espalhada.<sup>32</sup> Sê o forte incentivador do sacrificador, todos esses teus atos são o meu deleite em festivais.

**9.** Indra entrega os sem lei para o homem piedoso, destruindo por meio dos Fortes aqueles que não têm força. Vamra quando glorificou destruiu as pilhas reunidas do ainda crescente que podia alcançar o céu.<sup>33</sup>

**10.** O poder que Uśanā produziu para ti com poder parte ambos os mundos em pedaços em sua grandeza e com força.<sup>34</sup> Ó de alma de herói, os cavalos de Vāta, atrelados pelo pensamento, têm te levado à fama enquanto tu estás cheio de poder.

**11.** Quando Indra se regozijou<sup>35</sup> com Kāvya Uśanā, ele monta seus corcéis que guinam cada vez mais largamente. O Forte disparou seu raio com a torrente rápida de chuva, e ele partiu em pedaços as fortalezas bem construídas de Śuṣṇa.

**12.** Tu sobes no teu carro em meio a fortes goles de Soma: Śāryāta te trouxe aquelas<sup>36</sup> nas quais tu tens prazer. Indra, quando tu estás satisfeito com homens cujo Soma flui, tu te ergues à glória incontestável no céu.<sup>37</sup>

**13.** Para o idoso Kakṣivān,<sup>38</sup> espremedor de Soma, hábil em canção, ó Indra, tu deste a jovem Vṛcayā. Tu, muito sábio, foste Menā, filha de Vrsanśva; todas essas tuas façanhas devem ser contadas em festas Soma.

**14.** O amparo do homem bom em sua necessidade é Indra, firme como um batente, louvado entre os Pajras. Indra é o único Senhor da riqueza, o Doador, amante de riquezas, carros, vacas e cavalos.

**15.** Para ele, o Poderoso, o auto-resplandecente, verdadeiramente grande e forte, esse louvor é proferido. Que nós e todos os heróis, com os príncipes, estejamos, neste combate,<sup>39</sup> ó Indra, sob o teu cuidado.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 52 \(Griffith\)](#)

<sup>31</sup> Os Āryas são, a princípio, o povo que fala a linguagem do Veda, e os Dasyus são os povos originais e hostis da Índia. Mais tarde, os primeiros são os povos verdadeiros e leais, fiéis a Indra e aos Deuses, e os últimos são os maus e ímpios.

<sup>32</sup> Isto é, o adorador fiel, o sacerdote que cortou e espalhou a erva sagrada para os Deuses.

<sup>33</sup> A segunda metade da estrofe é ininteligível. [Veja a nota 15.]

<sup>34</sup> O Ṛṣi Uśanā, também chamado de Kāvya ou filho de Kavi, aparece no Veda como o amigo especial de Indra. Em 1.121.12 é dito que ele deu para Indra o seu raio: 'O raio que Kāvya Uśanā te deu antigamente'. Aqui, também, 'o poder' significa o raio que conquista, embora em outros lugares a fabricação dele seja atribuída a Tvaṣṭar.

<sup>35</sup> Bebeu o Soma estimulante.

<sup>36</sup> Doses de suco Soma.

<sup>37</sup> Isto é, quanto tu estás alegre com o Soma oferecido por teus adoradores tu realizas as tuas façanhas mais gloriosas.

<sup>38</sup> Um Ṛṣi, o filho de Uśij. Veja 1.18.1.

<sup>39</sup> O hino parece ter sido endereçado a Indra por auxílio em uma batalha vindoura.

## Hino 52. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O R̥ṣi e o deus são os mesmos; a métrica do décimo terceiro e décimo quinto versos é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 12. **1.** Adorem bem aquele carneiro,<sup>1</sup> que faz o céu conhecido, a quem cem adoradores ao mesmo tempo são assíduos em louvar. Eu imploro a Indra, com muitas orações, para subir no carro, – o qual acelera, como um corcel veloz, – em direção ao sacrifício, para a minha proteção.

**2.** Quando Indra, que se deleita no alimento sacrificial, tinha matado Vṛtra que obstruía os rios, e estava derramando as águas, ele permaneceu firme, em meio às torrentes, como uma montanha, e, dotado de mil meios de proteger (seus devotos), cresceu em vigor.

**3.** Ele, que é vitorioso sobre seus inimigos, que está expandido do começo ao fim do orvalhoso (firmamento), a fonte da felicidade, que é alegrado pelo suco *Soma*, – a ele eu invoco, o mais generoso Indra, junto com sacerdotes eruditos, com mente dirigida à adoração religiosa; pois ele é o concessor de alimento abundante:

**4.** Aquele Indra a quem, no céu, as libações borrifadas sobre a grama sagrada reabastecem, como os rios da mesma natureza, se apressando até ele, encham o oceano; aquele Indra a quem os Maruts, os secadores de umidade, que são desimpedidos, e de formas não distorcidas, acompanharam, como auxiliares, na situação da morte de Vṛtra.

**5.** Seus aliados, animados (por libações), o precederam, lutando contra o retentor da chuva, como rios se precipitam em declives. Indra, estimulado pelo alimento sacrificial, rompeu as defesas de Bala, como fez Trita, através das coberturas (do poço).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Veja a nota 2 do hino 51.

<sup>2</sup> *Tritaḥ* pode significar triplo ou tríplice, fazendo a frase: ‘como através das coberturas triplas’, ou defesas. O Sr. Langlois está mais correto, ao considerar *tritaḥ* como um nome próprio. A lenda é contada pelo comentador, e confirmada por outras passagens do texto, como também pela versão da história encontrada na *Nīti-mañjarī*. Ekata, Dvita e Trita foram três homens produzidos em água, por Agni, a fim de remover ou esfregar os resíduos de uma oblação de manteiga clarificada, a função propriamente dita da erva sagrada, às três folhas da qual, colocadas sobre o altar, a lenda pode dever sua origem, mas isso não aparece na narrativa. O comentador, seguindo os *Taittirīyas*, diz que Agni jogou as cinzas das oferendas queimadas na água, de onde surgiram sucessivamente Ekata, Dvita e Trita, que, aparece em outra parte, eram, portanto chamados de *Āptyas*, ou filhos da água, (hino 105; v. 9). Trita tendo, em uma ocasião subsequente, ido tirar água de um poço, caiu nele; e os Asuras empilharam coberturas sobre a entrada dele, para impedir sua saída, mas ele as atravessou com facilidade. É a essa proeza que o fato de Indra romper as defesas do *Asura* Bala é comparado. A história é narrada de um modo um pouco diferente na *Nīti-mañjarī*. É dito que três irmãos, Ekata, Dvita e Trita, estavam viajando em um deserto, e, sendo afligidos pela sede, chegaram a um poço, do qual o mais novo, Trita, tirou água e a deu para seus irmãos. Em retribuição, eles o jogaram no poço, para se apropriarem da propriedade dele, e, tendo coberto o topo com uma roda de carroça, o deixaram no poço. Nessa aflição, ele rezou para todos os deuses libertarem-no, e, pela graça deles, ele efetuou sua fuga. *Paridhi*, o termo do texto, significa uma circunferência, uma cobertura circular, ou tampa. O Sr. Colebrooke citou essa história brevemente, mas com sua precisão habitual, em seu relato do *R̥gveda* (*Asiatic Researches*, vol. VIII. , p. 388). O Dr. Roth pensa que Trita é o mesmo que Traitana, um nome que ocorre em um texto do *Ṛc*; e, convertendo o último em uma deificação, ele imagina que ele seja o original do Thraetona, a forma *Zend* de Feridún, um dos heróis do *Shāh-nāma*, e da antiga tradição persa. – *Zeitschrift der D. Morgenländischen Gesellschaft*, vol.II. , p. 216. O professor Lassen parece disposto a adotar essa identificação. – *Indische Alterthumskunde, Additions*. A identidade de Trita e Traitana, no entanto, ainda não foi estabelecida; e a própria estrofe citada, pelo Dr. Roth, como autoridade para o último nome, é explicada, na *Nīti-mañjarī*, em um sentido muito diferente daquele que ele deu. Diz-se que os escravos de Dīrghatamas, quando ele estava velho e cego, tornaram-se insubordinados, e tentaram destruí-lo, primeiro, jogando-o no fogo, de onde ele foi salvo pelos Ásvins, então, na água, de onde ele foi libertado pelas mesmas divindades; após o que, Traitana, um dos escravos, feriu-o na cabeça, peito e braços, e então infligiu lesões semelhantes em si mesmo, do que ele morreu. Depois desses acontecimentos, o sábio recitou, em louvor dos Ásvins, o hino no qual o

Varga 13. **6.** Quando, Indra, tu tinhas atingido, com teu raio, a face do amplamente estendido Vṛtra, que, tendo obstruído as águas, repousava na região acima do firmamento, tua fama se espalhou longe, tua bravura foi renomada.

**7.** Os hinos, Indra, que te glorificam, chegam a ti como regatos (fluem para) um lago. Tvaṣṭṛ aumentou teu vigor apropriado: ele afiou teu raio com força avassaladora.

**8.** Indra, realizador de atos sagrados, desejoso de ir até o homem, tu, com teus corcéis, mataste Vṛtra, (libertaste) as águas, pegaste, em tuas mãos, teu raio de ferro, e fizeste o sol visível no céu.

**9.** Por medo (de Vṛtra, eles, os adoradores) recitaram o hino adequado do Bṛhat (*Sāma*),<sup>3</sup> autoiluminador, concessor de força, e ascendente para o céu; no que os aliados dele (os Maruts), combatentes pelos homens, (guardiões) do céu, e vivificadores da humanidade, incentivaram Indra (a destruí-lo).

**10.** O céu forte foi lacerado pelo medo, ao clamor daquele Ahi, quando tu, Indra, foste inspirado por (beber) o (suco *Soma*) derramado, e teu raio, em sua energia, cortou a cabeça de Vṛtra, o obstrutor do céu e da terra.

Varga 14. **11.** Mesmo que, Indra, essa terra tivesse dez vezes (sua extensão), e os homens se multiplicassem todos os dias, ainda, Maghavan, tua bravura seria igualmente renomada; os atos de heroísmo realizados por teu poder se espalhariam amplamente, com os céus.

**12.** Indra de mente firme, permanecendo, (seguro,) em tua força, além do limite do firmamento vastamente estendido, tu moldaste a terra para a nossa preservação; tu és o símbolo do vigor; tu abarcas o firmamento e o céu, tanto quanto os céus.

**13.** Tu és o modelo da terra estendida;<sup>4</sup> tu és o senhor do vasto (*Svarga*) frequentado por deuses.<sup>5</sup> De fato, com tua magnitude tu enches todo o firmamento: em verdade, não há nenhum outro como tu.

**14.** Tu, Indra, de quem o céu e a terra não atingiram a amplitude; de quem as águas do céu não alcançaram o limite; de quem, quando guerreando, com entusiasmo despertado, contra o retentor das chuvas, (seus adversários não têm igualado a destreza); – tu, sozinho, fizeste tudo mais (que não tu mesmo) dependente (de ti).

**15.** Os Maruts te adoraram, nesse (combate). Todos os deuses, nessa batalha, te imitaram em júbilo, quando tu atingiste a face de Vṛtra com teu (raio) angular e fatal.<sup>6</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 53 \(Wilson\)](#)

verso ocorre: “Não deixem as águas maternas me engolirem, visto que os escravos atacaram este (velho homem) decrépito. Do mesmo modo como o escravo Traitana feriu sua cabeça, assim ele a atingiu, de si mesmo, e, igualmente, seu peito e ombros”. (1.158.5). Se essa interpretação estiver correta, pode haver pouca relação entre Trita e Traitana, e entre o último e Feridún. O primeiro termo, no entanto, encontrou admissão como um numeral, e, aparentemente, também como um nome próprio, nos Livros *Zend*. Veja os ‘*Études sur les Textes Zends*’, do Sr. Burnouf, *Journal Asiatique*, Abril de 1845; veja, também, a palavra Trita, no Glossário da edição de Benfey do *Sāma-Veda*.

<sup>3</sup> O texto tem somente *Bṛhat*; o comentador acrescenta *Sāma*. Uma alusão ao *Sāma*, em um verso do *Ṛc*, indicaria a anterioridade do primeiro, pelo menos com relação a esse hino.

<sup>4</sup> *Bhuvah pratimānam*, a contramedida da terra; isto é, de acordo com o comentador, de magnitude similar e igual poder inconcebível.

<sup>5</sup> Senhor ou protetor da grande (região) na qual se encontram os agradáveis deuses.

<sup>6</sup> O texto tem somente ‘com o matador (ou arma) que tem ângulos’. Segundo o *Aitareya Brāhmaṇa*, o *vajra*, ou raio, de Indra tem oito ângulos, ou, talvez, lâminas.

## Hino 52. Indra (Griffith)

1. Eu glorifico aquele Carneiro<sup>7</sup> que descobre a luz do céu, cujos cem de caráter nobre<sup>8</sup> partem com ele. Com hinos que eu mova para cá Indra para me ajudar, – o Carro o qual como um corcel forte se apressa ao chamado.
2. Assim como uma montanha de base firme, irremovível, ele, mil vezes protetor, cresceu em força imensa; quando Indra, se regozijando nos goles de suco Soma, forçou as nuvens, matando Vṛtra o retentor da torrente delas.
3. Porque ele retém até os retentores,<sup>9</sup> estendido sobre a nuvem carregada,<sup>10</sup> radicado na luz, fortalecido em êxtase pelos sábios. Indra com pensamento, com atividade qualificada, eu chamo, o doador mais generoso, pois ele se satisfaz com o suco.
4. A quem aqueles que fluem no céu, sobre a grama sagrada, seus próprios assistentes,<sup>11</sup> de caráter nobre, encham totalmente como o mar, – ao lado daquele Indra quando ele derrotou Vṛtra ficaram seus ajudantes, de forma reta, poderosos, invencíveis.
5. Em direção a ele, quando em alegria selvagem ele lutou com aquele que parou a chuva, seus ajudantes<sup>12</sup> aceleraram como correntes velozes descendo uma ladeira; Quando Indra, armado com o trovão, ousado por causa dos goles de Soma, assim como Tṛta<sup>13</sup> fendeu as cercas de Vala, o partiu completamente.
6. Esplendor te cercou, tua força guerreira resplandeceu; o obstrutor da chuva se encontrava na mais baixa profundidade do ar; quando, ó Indra, tu lançaste teu trovão sobre as mandíbulas de Vṛtra difícil de ser contido.
7. Os hinos que te engrandecem, Indra, chegam a ti assim como os córregos de água fluem para baixo e encham o lago. Tvaṣṭar deu ainda mais força para a tua força própria, e forjou teu raio de poder irresistível.
8. Quando, Indra, tu cujo poder está ligado com teus Cavalos Baios, tinhas derrotado Vṛtra, fazendo torrentes fluírem em direção ao homem; tu seguravas em teus braços o raio de metal, e puseste no céu o Sol para todos verem.
9. Com medo eles<sup>14</sup> elevaram o hino sublime auto-resplandecente, eficaz e que dá louvor, que leva para o céu; Quando os ajudantes de Indra, lutando pelo bem dos homens, os Maruts, fiéis à humanidade, se regozijaram na luz.
10. Então o próprio Céu, o poderoso, pelo rugido do Dragão cambaleou para trás em terror quando, Indra, teu raio, na alegria selvagem do Soma, cortou com força a cabeça de Vṛtra, o tirano da terra e do céu.
11. Ó Indra, se essa terra se estendesse adiante dez vezes, e os homens que moram nela se multiplicassem dia a dia; ainda aqui o teu poder conquistador, Maghavan, seria famoso: ele se tornou vasto como o céu em majestade e poder.
12. Tu, de coração valente, em teu próprio poder inerente, por ajuda, sobre o limite desse ar e do céu, fizeste a terra para ser o exemplo da tua força: abarcando mar e luz tu chegaste ao céu.

<sup>7</sup> Aquele guerreiro famoso. Veja 1.51.1.

<sup>8</sup> Veja o verso 4.

<sup>9</sup> 'O retentor entre os retentores' é provavelmente o conquistador que detém os demônios que obstruem a chuva.

<sup>10</sup> *Ūdhan*, o úbere (do céu) significa as nuvens dadoras de chuva, sobre as quais Indra, como Deus do firmamento, está estendido como uma cobertura.

<sup>11</sup> Os estimulantes goles de suco.

<sup>12</sup> Seus aliados constantes, os Maruts.

<sup>13</sup> [Veja mais a respeito de Tṛta no artigo de] Macdonell no *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland* (1893), Art. X.

<sup>14</sup> Os adoradores de Indra com medo de Vṛtra.

**13.** Tu és a contrapartida da terra, o Mestre do céu sublime com todos os seus heróis poderosos; tu encheste toda a região com a tua grandeza: sim, em verdade não há outro como tu.

**14.** Cuja amplitude o céu e a terra não atingiram, cujos limites as águas do ar<sup>15</sup> nunca alcançaram; – não, quando em alegria ele luta<sup>16</sup> contra o retentor da chuva: tu, e ninguém mais, fizeste todas as coisas na devida ordem.

**15.** Os Maruts cantaram teu louvor nesse combate, e em ti todos os Deuses se alegraram; Quando tu, Indra, com tua arma pontiaguda, o teu raio mortal, atingiste a face de Vr̥tra.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 53 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>15</sup> O oceano aéreo, o firmamento.

<sup>16</sup> Dito de Indra. Nós esperaríamos ‘tu lutas’, mas essa e similares mudanças súbitas de pessoas são comuns no Veda.

## Hino 53. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi e o deus são os mesmos; a métrica da décima e décima primeira estrofes é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 15. **1.** Nós sempre oferecemos louvor apropriado ao poderoso Indra, na residência do adorador, pelo qual ele (o deus) tem adquirido riquezas rapidamente; como (um ladrão) carrega apressadamente (a propriedade) do adormecido. Louvor mal expressado não é apreciado entre os munificentes.

**2.** Tu, Indra, és o dador de cavalos, de gado, de cevada, o mestre e protetor da riqueza, o principal em generosidade, (o ser) de muitas eras; tu não desapontas os desejos (endereçados a ti); tu és um amigo para os nossos amigos. A esse Indra nós louvamos.

**3.** Sábio e resplandecente Indra, o realizador de grandes feitos, as riquezas que estão espalhadas em volta são conhecidas como tuas: tendo-as reunido, vitorioso (sobre teus inimigos), traze-as para nós; não desapontes a expectativa do adorador que confia em ti.

**4.** Propiciado por essas oferendas, por essas libações, afasta a pobreza com gado e cavalos. Que nós, subjugando nosso adversário, e livrados de inimigos por Indra, (satisfeito) por nossas libações, desfrutemos, juntos, de alimento abundante.

**5.** Indra, que nós nos tornemos possuidores de riqueza e de alimento; e, com energias agradáveis para muitos, e brilhantes por toda parte, que nós prosperemos, pela tua graça divina, a fonte de destreza, de gado, e de cavalos.

Varga 16. **6.** Aqueles que eram teus aliados (os Maruts,) te trouxeram alegria. Protetor dos virtuosos, aquelas libações e oblações (que foram oferecidas a ti, ao matares Vṛtra), te concederam deleite, quanto tu, não impedido por inimigos, destruístes os dez mil obstáculos contrários àquele que te louvava e que te oferecia oblações.

**7.** Aquele que humilha (adversários), tu vais de batalha em batalha, e destróis, com teu poder, cidade após cidade. Com teu associado que prostra inimigos (o raio), tu, Indra, mataste, de longe, o enganador chamado Namuci.<sup>1</sup>

**8.** Tu mataste Karañja e Parṇaya com tua lança brilhante reluzente, pela causa de Atithigva. Sozinho, tu demoliste as cem cidades de Vaṅgrida, quando sitiadas por Ṛjīśvan.<sup>2</sup>

**9.** Tu, renomado Indra, derrotaste, pela roda da tua carruagem que não pode ser ultrapassada, os vinte reis de homens, que avançaram contra Suśravas, sem ajuda, e os sessenta mil e noventa e nove seguidores deles.<sup>3</sup>

**10.** Tu, Indra, protegeste Suśravas, com teu auxílio; Tūrvayāṇa, por tua assistência. Tu fizeste Kutsa, Atithigva, e Āyu<sup>4</sup> sujeitos ao poderoso, embora jovem, Suśravas.

**11.** Protegidos pelos deuses, nós permanecemos, Indra, no final do sacrifício, teus amigos mais afortunados. Nós te adoramos, porque possuímos, por tua causa, filhos excelentes e uma vida longa e próspera.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 54 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Namuci é chamado de *Asura*. Ele aparece, no *Brāhmaṇa*, como um *Dāvana*, ou descendente de Danu.

<sup>2</sup> Os dois primeiros são os nomes de *Asuras*. Atithigva nós tivemos antes; Vaṅgrida é chamado de *Asura*, e Ṛjīśvan era um *Rājā*. Nós não temos detalhes adicionais, nem eles aparecem nos *Purāṇas*.

<sup>3</sup> Aqui, novamente, nós não recebemos ajuda do *Bhāṣya* [comentário]. A lenda não é purânica; e, embora nós tenhamos um Suśravas entre os *Prajāpatis* no *Vāyu Purāṇa*, ele não aparece como um rei.

<sup>4</sup> Pode ser que esse seja Āyus, o filho de Purūravas; mas o nome, aqui, é Āyu, sem o final sibilante.

### Hino 53. Indra (Griffith)

1. Nós apresentaremos louvor auspicioso ao Poderoso, nossos hinos a Indra na morada de Vivasvān;<sup>5</sup> pois ele tem riqueza jamais encontrada naqueles que parecem dormir;<sup>6</sup> aqueles que dão riqueza para homens não aceitam louvor desprezível.
2. Doador de cavalos, Indra, doador, tu, de vacas, doador de cevada, tu és Senhor e guarda da riqueza; ajudante do homem desde os tempos antigos, que não desapontas a esperança, Amigo dos nossos amigos, para ti, como tal, nós cantamos esse louvor.
3. Indra, o mais esplêndido, poderoso, rico em grandes feitos, esse tesouro espalhado em volta é conhecido como teu. Coleta dele, ó Conquistador, e traze para nós: não desapontes a esperança de quem ama e canta para ti.
4. Bem satisfeito com essas chamas brilhantes e com essas gotas de Soma, afasta a nossa pobreza com sementes e vacas. Com Indra dispersando o Dasyu através dessas gotas, livres do ódio deles, que nós obtenhamos comida abundante.
5. Que nós obtenhamos, ó Indra, riqueza e alimento fartos, com força superior gloriosa, brilhando até o céu; que possamos obter a Deusa Providência, a força dos heróis, fonte especial de gado, rica em cavalos.
6. Essas nossas libações que inspiram força, doses de Soma, te alegraram na luta com Vṛtra, Senhor Herói; quando tu mataste para o cantor com grama cortada dez mil Vṛtras,<sup>7</sup> tu irresistível em teu poder.
7. Tu segues de luta em luta intrepidamente, destruindo castelo após castelo aqui com força. Tu, Indra, com teu amigo<sup>8</sup> que faz o inimigo se curvar, mataste de longe o traiçoeiro Namuci.<sup>9</sup>
8. Tu mataste Karañja, Parṇaya, na marcha muito gloriosa de Atithigva. Inflexível, quando Rjśvan os sitiou, tu destruístes os cem fortes de Vaṅṛida.
9. Com a roda do carro que ultrapassa a todos, ó Indra, tu muito afamado, derrotaste os duas vezes dez Reis de homens; com sessenta mil e noventa e nove seguidores, que vieram em tropas para lutar com o desamparado Suśravas.<sup>10</sup>
10. Tu protegeste Suśravas com socorro e Tūrvayāṇa com tua ajuda, ó Indra. Tu fizeste Kutsa,<sup>11</sup> Atithigva, Āyu, sujeitos a esse Rei,<sup>12</sup> o jovem, o poderoso.
11. Que nós, protegidos pelos deuses, daqui por diante permaneçamos teus amigos muito prósperos, ó Indra. A ti nós glorificamos, desfrutando por tua graça de vida longa e feliz e com grande quantidade de heróis.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 54 \(Griffith\)](#)

<sup>5</sup> O lugar do sacrificador, o representante do divino Vivasvān.

<sup>6</sup> Indra não deriva vantagem daqueles que são remissos em seus deveres religiosos.

<sup>7</sup> Incontáveis demônios semelhantes a Vṛtra.

<sup>8</sup> O raio. Ou *námyā* pode significar ‘com Nami’ como teu aliado.

<sup>9</sup> ‘Aquele que não liberta (as águas do céu)’; outro demônio da seca.

<sup>10</sup> Suśravas, e Tūrvayāṇa, no verso seguinte, são ditos serem reis.

<sup>11</sup> Kutsa foi mencionado, (em 1.33.14), como um favorito de Indra, mas é aqui representado, junto com Atithigva e Āyu, como castigado por ele.

<sup>12</sup> Suśravas, ou Tūrvayāṇa; esses nomes talvez denotem o mesmo indivíduo.

## Hino 54. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica da sexta, oitava, nona, e décima primeira estrofes é Triṣṭubh; das outras sete, Jagatī.

Varga 17. **1.** Não nos incites, Maghavan, a essa iniquidade, a esses conflitos iníquos; pois o limite da tua força não é para ser superado. Tu tens gritado, e tens feito as águas dos rios rugirem. Como (é possível) que a terra não fique cheia de terror?

**2.** Ofereçam adoração ao sábio e poderoso Śakra. Glorificando o ouvinte Indra, louvem a ele que purifica o céu e a terra com seu poder irresistível, que é o emissor de chuvas, e, por sua generosidade, realiza os nossos desejos.

**3.** Ofereçam preces entusiasmantes ao grande e ilustre Indra, de quem, destemido, a mente firme está concentrada em sua própria firmeza; pois ele, que é de grande renome, o dador de chuva, o que repele inimigos, que é obedecido por seus corcéis, o derramador (de bênçãos), está se apressando para cá.

**4.** Tu tens abalado o topo do céu vasto; tu mataste Śambara, por tua natureza resoluto; tu lançaste, com mente exultante e determinada, o raio afiado de fulgor brilhante contra os *Asuras* reunidos.

**5.** Visto que tu, de gritos altos, tens derramado a chuva sobre a frente da brisa (vento) e (sobre a cabeça) do (sol) que matura e absorve, quem te impedirá de fazer, hoje, (o que tu queres), dotado de uma mente resoluto e inalterada?

Varga 18. **6.** Tu protegeste Narya, Turvaśa, Yadu, e Turvīti, da linhagem de Vayya.<sup>1</sup> Tu protegeste as carruagens e cavalos deles, no combate inevitável; tu demoliste as noventa e nove cidades (de Śambara).<sup>2</sup>

**7.** Aquela pessoa eminente, o apreciador dos virtuosos, (o instituidor da cerimônia), promove sua própria prosperidade, que, enquanto oferecendo oblações a Indra, pronuncia seu louvor; ou que, junto com as oferendas que ele apresenta, recita hinos (em honra dele). Para ele o generoso Indra faz as nuvens derramarem chuva do céu.

**8.** Inigualável em seu poder; inigualável em sua sabedoria. Que esses bebedores do suco *Soma* se tornem iguais a ele, pelo ato pio; pois eles, que te oferecem oblações, aumentam a tua vasta força e teu vigor varonil.

**9.** Esses copiosos sucos *Soma*, espremidos com pedras, e contidos em conchas, estão preparados para ti; eles são a bebida de Indra. Bebe-os, sacia teu apetite com eles; e, então, fixa tua mente na riqueza que é para ser dada (para nós).

**10.** A escuridão obstruiu o fluxo das águas; a nuvem estava dentro da barriga de Vṛtra; mas Indra precipitou todas as águas que o obstrutor tinha escondido, em sucessão, para baixo para os ocos (da terra).

**11.** Concede a nós, Indra, reputação crescente; (concede a nós) força notável, crescente, e subjugadora de inimigos; nos mantém em afluência; cuida daqueles que são sábios; e nos abastece com riqueza das qual procedem progênie e alimento excelentes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 55 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Desses nomes, Turvaśa pode ser o Turvasu dos *Purāṇas*, um dos filhos de Yayāti, porque outro, Yadu, é citado. Narya e Turvīti são desconhecidos; o último aparece depois, como um *Ṛṣi*. Veja o hino 61; v. 11.

<sup>2</sup> O comentário fornece esse nome.

## Hino 54. Indra (Griffith)

1. Não nos incites, Maghavan, para essa luta angustiante, pois ninguém pode compreender o limite da tua força.<sup>3</sup> Tu com grito feroz fizeste as matas e os rios rugirem: os homens não correram em multidões juntos em seu medo?
2. Canta hinos de louvor a Śakra,<sup>4</sup> Senhor da força e poder; louva e magnifica a Indra que te ouviu; que, com seu poder arrojado, um Touro extremamente forte em força, o faz mestre do céu e da terra.
3. Canta ao sublime Dyaus<sup>5</sup> uma canção outorgante de força, o Corajoso, cuja mente resolvida tem domínio independente. Alta glória tem o Asura,<sup>6</sup> composto de força, puxado adiante por dois Cavalos Baios: um Touro, um Carro é ele.
4. Os cumes do alto céu tu fizeste tremer; tu, ousado, por ti mesmo golpeaste através de Śambara, quando, valente com suco que alegra, tu guerreaste com teu raio, afiado e de dois gumes, contra os feiticeiros em bandos.<sup>7</sup>
5. Quando, com um rugido que enche as florestas, tu forçaste para baixo na cabeça do vento os suprimentos que Śuṣṇa mantinha confinados, quem terá o poder de impedir a ti firme e de alma ansiosa de fazer ainda nesse dia o que tu fizeste antigamente?
6. Tu ajudaste Narya,<sup>8</sup> Turvaśa e Yadu, e Turvīti o filho de Vayya, Śatakratu! Tu ajudaste cavalo e carro na batalha final, tu demoliste os noventa e nove castelos.
7. Um senhor herói é ele, o Rei de um povo poderoso, que oferece oblações livres e promove a Lei; que com uma recompensa generosa recebe com agrado hinos de louvor: para ele flui a corrente abundante abaixo do céu.
8. Seu poder é inigualável, incomparável é sua sabedoria; chefes, através do trabalho deles, sejam alguns que bebem o Soma; aqueles, Indra, que aumentam o poder senhorial, a força heroica firme de ti o Doador.
9. Portanto, para ti são esses copos de bebida abundante de Indra, os sucos espremidos em pedra contidos em conchas. Bebe-os e satisfaz com eles teu anseio, então fixa a tua mente em conceder tesouro.
10. Lá a escuridão permaneceu, a abóbada que impedia o fluxo das águas: no lado oco de Vṛtra a nuvem de chuva estava escondida. Mas Indra atingiu os rios que o obstrutor retinha, corrente de água seguindo após corrente de água, para baixo de encostas íngremes.
11. Assim dá-nos, Indra, glória que aumenta felicidade, dá-nos grande influência e força que conquista povos. Preserva nossos patronos ricos, salva nossos príncipes; concede-nos riqueza e alimentos com descendência nobre.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 55 \(Griffith\)](#)

<sup>3</sup> O verbo, incita, que não se encontra no texto, é suprido por Sāyaṇa. O significado parece ser: não nos forces, ó Indra, a um conflito no qual nós possamos ter a ti como nosso oponente.

<sup>4</sup> 'O Poderoso'; um nome de Indra.

<sup>5</sup> Céu. O Deus que é representado no Veda como o consorte da Terra e o progenitor dos Deuses é chamado de Dyaus ou Dyaus-pitar, nomes idênticos em origem a Zeus, ou Zeus Pater, e Júpiter, ou Diespiter, os nomes dados ao Deus supremo dos gregos e romanos. Nesse lugar Sāyaṇa identifica Dyaus com Indra, que parece, em épocas posteriores, ter realizado as funções atribuídas ao primeiro Deus. Veja Muir, *Original Sanskrit Texts*, V. 33.

<sup>6</sup> O Divino, Indra como o Dyaus supremo.

<sup>7</sup> Os demônios da atmosfera que usam encantamentos ou poderes sobrenaturais em seus conflitos com Indra.

<sup>8</sup> Algum chefe ou Ṛṣi assim chamado; ou a palavra pode ser um adjetivo, varonil, qualificando Turvaśa.

## Hino 55. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

Deus e Ṛṣi, como antes; a métrica, Jagatī.

Varga 19. **1.** A amplitude de Indra era mais vasta que o (espaço do) céu; a terra não era comparável a ele, em volume; formidável e o mais poderoso, ele tem sido, sempre, o atormentador (dos inimigos) daqueles homens (que o adoram); ele afia seu raio, por agudeza, como um touro (seus chifres).

**2.** Indra, que permanece no firmamento, compreende as águas muito espalhadas com suas faculdades abrangentes,<sup>1</sup> como o oceano (recebe os rios); ele avança, (impetuoso,) como um touro, para beber do suco *Soma*; ele, o guerreiro, sempre deseja louvor por sua bravura.

**3.** Tu, Indra, não tens (atingido) a nuvem para (o teu próprio) divertimento; tu governas sobre aqueles que são possuidores de grande riqueza. Nós sabemos que esse deus supera todos os outros em força: o orgulhoso Indra tem primazia sobre todos os deuses, por causa de suas façanhas.

**4.** Ele, de fato, é glorificado por sábios (adoradores) na floresta; ele proclama seu belo vigor entre os homens; ele é o concessor de seus desejos (para aqueles que solicitam a ele); ele é o encorajador daqueles que desejam cultivar (a ele), quando o rico oferecedor de oblações, desfrutando da sua proteção, recita seu louvor.

**5.** Indra, o guerreiro, se engaja em muitos conflitos, para (o bem do) homem, com bravura esmagadora. Quando ele lança seu dardo fatal, cada um imediatamente tem fé no resplandecente Indra.

Varga 20. **6.** Ambicioso de renome, destruindo as residências bem construídas dos Asuras, se expandindo como a terra, e libertando os corpos luminosos (celestiais) do esconderijo,<sup>2</sup> ele, o realizador de bons atos, permite que as águas fluam, para o benefício de seus adoradores.

**7.** Bebedor do suco *Soma*, que tua mente se incline a conceder nossos desejos; ouvinte de preces, que teus corcéis estejam presentes (no nosso sacrifício). Teus quadrigários são hábeis em dominar (teus corcéis); nem, Indra, (inimigos) astuciosos podem prevalecer sobre ti.

**8.** Tu seguras, em tuas mãos, riqueza inesgotável; tu, renomado (Indra), tens força irresistível em teu corpo; teus membros estão envolvidos por (façanhas) gloriosas, como poços<sup>3</sup> (são cercados por aqueles que vêm em busca de água); em teus membros, Indra, estão muitos feitos heroicos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 56 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Ele compreende, com seus poderes de abrangência ou coleta; ou, pode ser, por sua vastidão.

<sup>2</sup> O sol e as constelações foram obscurecidos pela mesma nuvem que detinha as águas agregadas.

<sup>3</sup> 'Como poços' é todo o símile, no estilo elíptico usual do texto: a amplificação é do comentário.

## Hino 55. Indra (Griffith)

1. Embora mesmo esse amplo espaço do céu e a terra tenham se espalhado, nem o céu, nem a terra podem ser iguais a Indra em grandeza. Terrível e muito poderoso, causando aflição aos homens,<sup>4</sup> ele afia seu raio por agudeza, como um touro.<sup>5</sup>
2. Assim como o oceano de água, desse modo ele recebe os rios espalhados por todos os lados em sua ampla largura. Ele se porta como um touro para beber suco Soma, e deseja, como Guerreiro desde os tempos antigos, ser elogiado por poder.
3. Tu dominas, Indra, todos os tipos de grande poder viril, de modo a curvar, por assim dizer, até aquela montanha famosa. O mais notável entre os deuses é ele por poder de herói, situado na vanguarda, o Forte, por cada ação árdua.
4. Somente ele na floresta<sup>6</sup> é louvado por adoradores, quando ele manifesta aos homens seu próprio poder auspicioso de Indra. Ele é um Touro amigável,<sup>7</sup> um Touro a ser desejado quando Maghavan emite sua voz auspiciosamente.
5. Contudo, de fato, o Guerreiro em sua força vigorosa incita com seu poder grandes batalhas para a humanidade; e os homens têm fé em Indra, o Resplandecente, quando ele lança seu raio, o dardo da morte.<sup>8</sup>
6. Ainda que, desejoso de glória, e com força aumentada na terra, ele destrua com grande poder as habitações feitas com habilidade, ele faz as luzes do céu brilharem seguras, ele manda, demasiadamente sábio, as correntes de água fluírem para seu adorador.
7. Bebedor de Soma, que o teu coração se incline a doar; traze teus Baios para cá, ó tu que ouves louvor. Aqueles teus quadrigários, os mais qualificados para puxarem a rédea, os velozes raios de sol, Indra, não te desviam do caminho.
8. Tu trazes em ambas as mãos tesouro que nunca se acaba; aquele Famoso em seu corpo detém poder invencível. Ó Indra, em teus membros muitos poderes residem, como poços cercados pelos sacerdotes ministradores.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 56 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> Como o punidor dos maus.

<sup>5</sup> Como um touro afia seus chifres.

<sup>6</sup> Isso parece ser uma alusão à vida na floresta dos brâmanes.

<sup>7</sup> Maghavan, o poderoso Indra, é aqui representado em sua disposição benevolente, forte, mas amável. Porém *vīśā*, o macho, o touro, o forte, pode também significar o forte Soma; *maghāvā* também significa o rico instituidor de um sacrifício, um adorador; e *dhenā* significa vaca assim como voz. Consequentemente o professor Max Müller traduz a passagem: 'O forte Soma é agradável, o forte Soma é delicioso, quando o sacrificador traz a vaca em segurança', para que o Soma possa ser misturado com leite. Veja *Vedic Hymns*, Part. I, p.148.

<sup>8</sup> Nesse verso Indra é representado como um Deus terrível, e no verso seguinte como às vezes mandando aflição, mas geralmente abençoando os homens com luz e com chuva agradável.

## Hino 56. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

Deus, R̥ṣi, e métrica, como no anterior.

Varga 21. **1.** O voraz (Indra) tem se levantado, – (tão ardentemente) quanto um cavalo (se aproxima de) uma égua, – para compartilhar das libações copiosas (contidas) nas conchas (sacrificais). Tendo parado sua carruagem dourada, esplêndida e de bons cavalos, ele (capaz de atos heroicos) se ocupa com a bebida.

**2.** Seus adoradores, trazendo oblações, estão se aglomerando em volta (dele); como (mercadores) cobiçosos de ganho apinham o oceano, (em navios,) em uma viagem. Ascendam rapidamente, com um hino ao poderoso Indra, o protetor do sacrifício solene; como mulheres (sobem) uma montanha.<sup>1</sup>

**3.** Ele é rápido em ação, e poderoso; sua bravura impecável e destrutiva brilha em (combate) varonil, – como o pico de uma montanha (à distância), – com a qual, vestido em (armadura) de ferro,<sup>2</sup> ele, o supressor do maligno, quando estimulado (pelo suco *Soma*), lançou o astuto Śuṣṇa na prisão e em grilhões.

**4.** Força divina acompanha – como o sol a alvorada, – aquele Indra que é feito mais poderoso, por ti (adorador dele) em busca de proteção, que, com vigor resolutivo, resiste à escuridão, e inflige castigo severo aos seus inimigos, fazendo-os gritar alto (de dor).

**5.** Quando tu, destrutivo Indra, distribuístes as águas imperecíveis e sustentadoras de vida, (anteriormente) escondidas, através dos diferentes quadrantes do céu, então, animado (pelo suco *Soma*), tu te envolvereste em combate, e com (bravura) exultante, mataste Vṛtra, e mandaste para baixo um oceano de águas.

**6.** Tu, poderoso Indra, mandaste para baixo, do céu, por teu poder, sobre os reinos da terra, a chuva que sustenta (o mundo). Ébrio (pelo suco *Soma*), tu expeliste as águas (das nuvens), e esmagaste Vṛtra por meio de uma rocha sólida.<sup>3</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 57 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> O comentador aqui, também, supre com dificuldade a insuficiência do texto, – como mulheres sobem uma colina, para colher flores.

<sup>2</sup> *Āyasaḥ*, consistindo em ferro; isto é, de acordo com o comentador, cujo corpo é defendido por uma armadura de ferro; mostrando o uso de cotas de malha, nesse período, e sugerindo, também, uma representação da pessoa de Indra, como uma imagem, ou ídolo.

<sup>3</sup> *Samayā pāṣyā*. O último pode ser ou, com uma pedra ou uma lança; mas o adjetivo *samā*, inteira, inteiriça, parece requerer a primeira.

## Hino 56. Indra (Griffith)

1. Para as libações plenas deste homem<sup>4</sup> realizadas em conchas, ele<sup>5</sup> se ergueu, ávido, como um cavalo para encontrar a égua. Ele para seu carro dourado, unido com Cavalos Baios, veloz, e bebe do suco Soma, que fortalece para grandes feitos.
2. Para ele, as canções de louvor que seguem orientação fluem completas, como aqueles que buscam ganho vão em companhia para o mar.<sup>6</sup> Até ele, o Senhor do poder, o poder da assembleia santa,<sup>7</sup> como para uma colina, com velocidade, ascendem as amorosas.<sup>8</sup>
3. Vitorioso, grandioso é ele; seu poder brilha em batalha varonil, não manchado com poeira, como brilha um pico de montanha, com o qual o de ferro,<sup>9</sup> feroz mesmo contra os fortes, em êxtase, acorrentou firmemente o astuto Śuṣṇa em grilhões.
4. Quando a Deusa Força, feita mais forte por ti<sup>10</sup> por ajuda, acompanha Indra como o Sol acompanha a Alvorada, então ele, que com sua força inabalável mata a escuridão, levanta a poeira no ar, com alegria e triunfo.
5. Quando tu, com poder, fixaste na estrutura do céu, de lado a lado, a região do ar firmemente, irremovível, na guerra ganhadora de luz,<sup>11</sup> Indra, na alegria arrebatadora, tu mataste Vṛtra e trouxeste torrentes de chuva.
6. Tu seguraste com tua força o sustentador do céu,<sup>12</sup> tu que és poderoso também nos lugares da Terra. Tu, satisfeito com o suco, libertaste as águas, e quebraste inteiramente as barreiras de pedra de Vṛtra.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 57 \(Griffith\)](#)

---

<sup>4</sup> O instituidor do sacrifício.

<sup>5</sup> Indra.

<sup>6</sup> *Samudrá*, qualquer grande reunião de águas, não necessariamente o mar ou oceano.

<sup>7</sup> Uma assembleia para culto dos deuses.

<sup>8</sup> Isto é, as canções de louvor amoroso. Eu acho a estrofe ininteligível; e a versão (baseada principalmente na de Grassmann) que eu ofereço é meramente uma substituta provisória.

<sup>9</sup> O raio, feito de *āyas*, ferro ou outro metal.

<sup>10</sup> Por Soma.

<sup>11</sup> Travada com os demônios do ar em busca da chuva e da luz que acompanha a dispersão das nuvens.

<sup>12</sup> Talvez o raio, com o qual Indra mantém a ordem.

## Hino 57. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

Deus, Ṛṣi e métrica, os mesmos.

Varga 22. **1.** Eu ofereço louvor especial ao mais generoso, o excelente, o opulento, o muito poderoso e majestoso Indra, cuja impetuosidade irresistível é como (o avanço) das águas descendo um precipício, e por quem fartura amplamente difundida é descoberta (para seus adoradores), para manter a força (deles).

**2.** Todo o mundo, Indra, estava concentrado na tua adoração; as oblações do sacrificador (fluíam), como água (caindo) para um lugar profundo; pois o raio dourado fatal de Indra, quando o lançando (contra o inimigo), não dormia sobre a montanha.<sup>1</sup>

**3.** Bela Uṣas, agora oferece a oblação, nesse rito, para o formidável Indra digno de louvor, cujo brilho característico, célebre, e que a tudo sustenta o tem impelido para cá e para lá, (em busca de) alimento (sacrificial); como (um quadrigário conduz) seus cavalos (em várias direções).

**4.** Muitíssimo louvado e o mais opulento Indra, nós somos aqueles que, confiando (na tua benevolência), nos aproximamos de ti. Aceitante de louvor, ninguém além de ti recebe os nossos louvores. Fica satisfeito (com o nosso discurso); como a terra (aprecia) suas criaturas.

**5.** Magnífica é tua destreza, Indra. Nós somos teus. Realiza, Maghavan, os desejos desse teu adorador. O vasto céu tem reconhecido o teu poder, essa terra tem se inclinado por causa da tua energia.

**6.** Tu, o que faz trovejar, despedaçaste, com teu raio, a nuvem ampla e pesada em fragmentos, e enviaste as águas que estavam confinadas nela, para fluírem (à vontade). De fato, só tu possuis todo o poder.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 58 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Ou contra o lado de Vṛtra; isto é, ele não parou, até que tivesse cumprido a sua função.

## Hino 57. Indra (Griffith)

1. Para ele, o mais generoso, Senhor sublime da riqueza sublime, realmente poderoso e forte, eu trago o meu hino, – cuja generosidade que não pode ser detida, como as águas descendo uma ladeira, se espalhou amplamente para todos os que vivem, para dar-lhes força.
2. Agora todo esse mundo, para adoração, te procurará, – as libações do ofertante como correntes de água para o abismo; quando o bem-amado<sup>2</sup> parece repousar sobre a colina, o raio de Indra, destruidor feito de ouro.
3. Para ele, o terrível, o mais digno de louvor sublime, como a Aurora brilhante, agora trazam presentes com reverência nesse ritual; Cujo ser, por renome, de fato, energia e luz de Indra, foi criado, como cavalos baios, para se mover com velocidade.
4. Teus, Indra, elogiado por muitos, excelentemente rico! somos nós que confiando na tua ajuda nos aproximamos de ti. Amante de louvor, mais ninguém a não ser tu recebe o nosso louvor; como a terra ama todas as suas criaturas, ama esse nosso hino.
5. Grande é teu poder, ó Indra, nós somos teus. Realiza, ó Maghavan, o desejo desse teu adorador. Por ti<sup>3</sup> o céu sublime mediu sua força: a ti e ao teu poder essa terra tem se curvado.
6. Tu, que tens o trovão como tua arma, com teu raio partiste em pedaços essa ampla nuvem maciça. Tu enviaste para baixo as correntes de água obstruídas para que elas pudessem fluir; tu tens, teu para sempre, todo o poder vitorioso.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 58 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>2</sup> Quando a nuvem carregada de relâmpagos está repousando sobre a montanha, os homens rezam para Indra para que ele possa descarregar sua artilharia celestial e trazer a chuva.

<sup>3</sup> O céu tem tomado o teu poder como um modelo para o próprio poder dele.

## Hino 58. Agni (Wilson)

(Anuvāka 11. Sūkta I)

O deus é Agni; o R̥ṣi, Nodhas, filho de Gotama; a métrica dos primeiros cinco versos é Jagatī; dos últimos quatro, Triṣṭubh.

Varga 23. **1.** O gerado pela força, imortal Agni, surge rapidamente, quando ele é o invocador dos deuses e o mensageiro (do adorador). (Então, procedendo) por caminhos adequados, ele fez o firmamento, e cultua (os deuses), no sacrifício, com oblações.<sup>1</sup>

**2.** Imperecível Agni, combinando seu alimento (com sua chama), e devorando-o rapidamente, sobe na madeira seca. A chama do (elemento) que consome se espalha como um corcel (veloz), e rugue como uma (nuvem) ribombante no alto do céu.

**3.** O imortal e resplandecente Agni, o portador de oblações, honrado pelos Rudras e os Vasus, o invocador dos deuses, que preside as oblações, e é o distribuidor de riquezas, louvado por seus adoradores, e admirado como uma carruagem entre os homens, aceita as oblações que são oferecidas sucessivamente.

**4.** Excitado pelo vento, e rugindo ruidosamente, Agni penetra facilmente, com suas chamas e (intensidade) difusiva, entre a madeira. Quando, imperecível e ferozmente resplandecente Agni, tu avanças rapidamente, como um touro entre as árvores da floresta, o teu caminho é enegrecido.

**5.** Agni de arma de chama e incitado pela brisa, atacando a umidade não exalada (das árvores) com toda a sua força, em um volume de fogo, avança triunfante (contra todas as coisas), na floresta, como um touro; e todos, estacionários ou moventes, têm medo dele, enquanto ele flutua adiante.

Varga 24. **6.** Os Bhr̥gus, entre os homens, por causa de um nascimento divino,<sup>2</sup> cuidaram de ti, como um tesouro precioso, Agni, que sacrificas para o homem, que és o invocador (dos deuses), o convidado (bem vindo) em sacrifícios, e que deves ser estimado como um amigo afetuoso.

**7.** Eu adoro, com oblações, aquele Agni, a quem os sete sacerdotes invocadores convidam, como o invocador dos deuses; que é o mais digno de culto em sacrifícios, e que é o doador de todas as riquezas; eu peço dele prosperidade.

**8.** Filho da força, Agni que brilhas favoravelmente, concede para teus adoradores, nessa ocasião, felicidade ininterrupta. Filho do alimento, protege do pecado aquele que te louva, com guardas de ferro.

**9.** Agni que brilhas variadamente, sê um refúgio para aquele que te louva; sê prosperidade, Maghavan,<sup>3</sup> para os ricos (ofertantes de oblações); protege, Agni, teu venerador do pecado. Que Agni, que é rico com atos justos, venha (a nós) rapidamente de manhã.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 59 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> O firmamento existia, mas em escuridão, até o fogo, identificado com a luz, torná-lo visível; de modo que pode ser dito que Agni o fez ou o criou.

<sup>2</sup> *Divyāya janmane*, por serem nascidos como deuses.

<sup>3</sup> Esse é um título muito singular de Agni, e é um sinônimo comum de Indra; embora, em seu sentido correto de possuidor de riquezas, ele possa ser aplicado a ambos.

## Hino 58. Agni (Griffith)

1. Nunca se torna fraco o Imortal, Filho da Força, já que ele, o Arauto, tornou-se mensageiro de Vivasvân.<sup>4</sup> Nos caminhos mais excelentes ele mediu o ar;<sup>5</sup> ele com oblação chama para o serviço dos deuses.
2. Nunca decaindo, apanhando seu alimento apropriado, rapidamente, ele se espalha avidamente através da madeira seca. Suas costas, quando ele é aspergido,<sup>6</sup> brilham como um cavalo: ele rugiu e gritou alto como as alturas do céu?
3. Colocado alto no lugar acima de todos aqueles Vasus, os Rudras fazem, imortal, Senhor das riquezas, sentado como Sumo Sacerdote; acelerando como um carro em direção aos homens, àqueles que vivem, o Deus sem demora dá bênçãos desejáveis.
4. Incitado pelo vento ele se espalha através da madeira seca como ele quer, armado com suas línguas em lugar de foices, com um rugido poderoso. Preto é teu caminho, Agni, imutável, com ondas brilhantes! quando como um touro tu avanças ansioso para as árvores.<sup>7</sup>
5. Com dentes de chama, conduzido pelo vento, ele corre através da madeira, triunfante como um touro entre o rebanho de vacas; com força brilhante rugindo para o ar eterno, coisas fixas e coisas moventes tremem diante dele enquanto ele passa velozmente.
6. Os Bhrgus<sup>8</sup> te estabeleceram entre a humanidade para os homens, como um tesouro, belo, fácil de invocar; a ti, Agni, como um arauto e convidado digno de escolha, como um Amigo auspicioso para o Povo Celestial.<sup>9</sup>
7. Agni, o Sacrificador mais hábil de sete línguas,<sup>10</sup> a quem os sacerdotes elegem no culto solene; o Arauto, mensageiro de todos os Vasus, eu sirvo com alimento saboroso, eu peço riquezas.
8. Concede, Filho da Força, tu rico em amigos, um refúgio sem uma falha hoje para nós, teus adoradores. Ó Agni, Filho da Força, com fortalezas de ferro protege do perigo o homem que te louva.
9. Sê um refúgio, Brilhante, para o cantor, um abrigo, Senhor Generoso, para aqueles que adoram. Protege o cantor do infortúnio, ó Agni. Que ele, enriquecido com a oração, venha logo e cedo.<sup>11</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 59 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> Vivasvân é o céu da manhã e a personificação do sacrificador dos Deuses.

<sup>5</sup> Esse ato é atribuído a Indra em 1.56.5.

<sup>6</sup> Com manteiga clarificada.

<sup>7</sup> A descrição de Agni nesse verso e no seguinte se aplica, não ao fogo sacrificial, mas ao fogo que desobstrui a selva conforme os novos colonizadores avançam para dentro do território.

<sup>8</sup> Uma das famílias sacerdotais mais eminentes dos tempos mais antigos.

<sup>9</sup> Porque leva para os Deuses as oblações dos adoradores deles.

<sup>10</sup> As sete línguas parecem ser as chamas semelhantes a línguas que Agni usa para consumir as oblações.

<sup>11</sup> O hino termina com o refrão que conclui também os hinos 1. 60 e 61.

## Hino 58. Agni (Oldenberg)

MANDALA I, HINO 58.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 4, VARGA 23–24.

1. O imortal nascido da força nunca se cansa, quando ele, o Hotṛ, tornou-se o mensageiro de Vivasvat. Ele passa pelo ar nos melhores caminhos. No mundo divino ele convida (os deuses) com o alimento sacrificial.
2. Pegando seu próprio alimento o sempiterno, voraz (Agni) permanece nos gravetos querendo beber. Quando ele foi borrifado (com ghee), ele brilha como um corredor com suas costas.<sup>12</sup> Trovejante ele rugiu como o topo do céu.
3. Logo que os Rudras, os Vasus fizeram dele seu Purohita, o imortal sentado como Hotṛ, o conquistador de riquezas, avançando como um carro entre os clãs, entre os Āyus, o deus no devido tempo revela bênçãos desejáveis.
4. Agitado pelo vento ele se espalha entre os galhos levemente, (impulsionado) pelas conchas sacrificais, com sua foice,<sup>13</sup> rugindo ruidosamente. Quando tu, ó Agni, avanças de modo sedento sobre as varas de madeira, como um touro, teu percurso, ó deus que nunca envelhece, com ondas ígneas, se torna preto.
5. Ele que tem mandíbulas de fogo, agitado pelo vento, resplandece na floresta<sup>14</sup> como um touro forte (avança) no rebanho. Quando ele procede com seu jorro de luz para a atmosfera imperecível, então o que é móvel e imóvel (e) os (pássaros) alados temem.
6. Os Bhṛgus te colocaram entre os homens, que és belo como um tesouro, que és fácil de invocar para as pessoas; a ti o Hotṛ, ó Agni, o convidado excelente, um amigo encantador como Mitra para o povo divino!
7. Eu adoro com bom ânimo Agni, o administrador de todos os tesouros, a quem as sete conchas (dos sacerdotes), os adoradores escolhem como Hotṛ, o melhor sacrificador nos ritos, e eu rogo por riqueza.
8. Filho da força, grande como Mitra, concede hoje proteção perfeita para nós que te magnificamos. Agni! protege do perigo com fortalezas de ferro aquele que te louva, ó filho do vigor!
9. Sê um abrigo para aquele que te glorifica, ó resplandecente; sê proteção, doador generoso, para o generoso. Agni! protege do infortúnio aquele que te louva. Que ele, que dá riqueza pela nossa prece, venha rapidamente de manhã.<sup>15</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 59 \(Oldenberg\)](#)

<sup>12</sup> Literalmente, suas costas brilham como um cavalo de corrida.

<sup>13</sup> O significado é: com suas chamas que são afiadas como uma foice.

<sup>14</sup> Isto é, entre o combustível.

<sup>15</sup> O último *Pāda* é a conclusão permanente dos hinos de Nodhas, que é considerado como o *R̥ṣi* de toda a coleção, 1, 58-64.

## Hino 59. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O Ṛṣi é Nodhas; o deus, Agni, na forma de Vaiśvānara;<sup>1</sup> a métrica é Triṣṭubh.

Varga 25. **1.** Quaisquer outros fogos que possa haver, eles são apenas ramificações, Agni, de ti: mas todos eles se regozijam, sendo imortais, em ti. Tu, Vaiśvānara, és o umbigo dos homens, e os sustenta, como uma coluna bem cravada.<sup>2</sup>

**2.** Agni, a cabeça do céu, o umbigo da terra, tornou-se o soberano da terra e do céu. Todos os deuses te produziram, Vaiśvānara, na forma de luz, para o sábio venerável.<sup>3</sup>

**3.** Tesouros foram depositados em Agni Vaiśvānara, como os raios (de luz) permanentes no sol. Tu és o soberano de todos os tesouros que existem nas montanhas, nas ervas, nas águas, ou entre os homens.

**4.** Céu e terra se expandiram, por assim dizer, para o filho deles. O sacrificador experiente recita, como um bardo,<sup>4</sup> muitas preces antigas e prolixas endereçadas a Vaiśvānara de movimento gracioso, realmente vigoroso, e que guia a todos.

**5.** Vaiśvānara, que conhece todos os que nascem, tua magnitude superou aquela do vasto céu; tu és o monarca dos homens descendentes de Manu; tu recuperaste, para os deuses, em batalha, a riqueza (levada pelos Asuras).<sup>5</sup>

**6.** Eu exalto a grandeza daquele derramador de chuva a quem os homens celebram como o matador de Vṛtra. O Agni Vaiśvānara matou o ladrão (das águas), e mandou chuva (sobre a terra), e perfurou a nuvem (obstrutora).<sup>6</sup>

**7.** Vaiśvānara, por sua magnitude, é todos os homens, e deve ser adorado, como o difusor de luz múltipla, em oferendas de iguarias nutritivas. Puruṅītha, o filho de Śatavani, louva, com muitos elogios, Agni, o falador da verdade.<sup>7</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 60 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Vaiśvānara*; de *viśva*, todos, e *nara*, um homem; um fogo comum a toda a humanidade; ou, como aqui indicado, o fogo ou calor natural do estômago, o qual é um elemento principal na digestão.

<sup>2</sup> Isto é, como um pilar ou poste, firmemente fixado no solo, suporta a viga principal ou telhado de uma casa.

<sup>3</sup> Esse é o primeiro verso de um *Trīca*, para ser recitado na cerimônia a ser observada no dia do equinócio. É dito que Agni é a cabeça do céu, como o elemento principal, e o umbigo da terra, como sua principal fonte de sustento. O termo *āryāya* pode se aplicar a Manu, como o instituidor do primeiro sacrifício, ou ao *yajamāna*, o instituidor do rito presente.

<sup>4</sup> O texto tem só *manuṣya*, 'como um homem'; isto é, de acordo com o comentador, um *bandī*, um panegirista, ou bardo, que recita os louvores de um príncipe ou grande homem, por donativo.

<sup>5</sup> Essa parte da frase é do comentador.

<sup>6</sup> Nós temos Vaiśvānara aqui evidentemente identificado com Indra; uma identificação não inconsistente com a teogonia védica, a qual separa todas as divindades em três, – Fogo, Ar, e o Sol, e aqueles três, novamente, em um, ou o Sol (*Nirukta*, VII, 4). Mas o comentador diz que nós devemos compreender Vaiśvānara, nesse verso, como o Agni do firmamento, o *vaidyuta*, o relâmpago ou fogo elétrico.

<sup>7</sup> Esses são nomes védicos. Śatavani é assim chamado, como o oferecedor de cem, isto é, numerosos, sacrifícios: seu filho tem o patronímico Śatavaneya.

## Hino 59. Agni (Griffith)

1. Os outros fogos são, de fato, teus ramos, os Imortais todos se regozijam em ti, ó Agni. Tu és o centro, Vaiśvānara,<sup>8</sup> das pessoas, sustentando os homens como um pilar fundado profundamente.
2. A fronte do céu, o centro da terra, Agni tornou-se o mensageiro da terra e do céu. Vaiśvānara, os Deuses produziram a ti, um Deus, para ser uma luz para o Ārya.
3. Como no sol raios firmes estão fixados para sempre, os tesouros estão em Vaiśvānara, em Agni. De todas as riquezas nas colinas, nas águas, nas ervas, entre a humanidade, tu és o Soberano.
4. Como as grandes metades do Mundo, assim são os louvores do Filho delas;<sup>9</sup> hábil, como um homem, para agir,<sup>10</sup> ele é o Arauto. Vaiśvānara, celestial, verdadeiramente poderoso, o mais viril, tem muitos consortes jovens.<sup>11</sup>
5. Mesmo o céu grandioso, ó Jātavedas Vaiśvānara, não alcançou a tua grandeza. Tu és o Rei das terras onde os homens estão estabelecidos, tu trouxeste conforto para os Deuses em batalha.
6. Agora eu contarei a grandeza do herói a quem os filhos de Pūru<sup>12</sup> seguem como o matador de Vṛtra: Agni Vaiśvānara derrubou o Dasyu,<sup>13</sup> partiu Śambara de lado a lado e despedaçou suas barreiras.
7. Vaiśvānara, habitando por seu poder com todos os homens, muito brilhante, santo entre os Bharadvājas,<sup>14</sup> é celebrado, excelente, com centenas de louvores por Purūṅītha,<sup>15</sup> filho de Śatavani.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 60 \(Griffith\)](#)

<sup>8</sup> Um nome de Agni; comum a, residente com, e beneficiando todos os homens ários [ou arianos].

<sup>9</sup> Vastos como o céu e a terra, os quais constituem o mundo, são os louvores oferecidos ao filho deles Agni.

<sup>10</sup> Os deveres do Hotar celestial, sacerdote invocador, ou arauto, sendo considerados como similares àqueles do funcionário terreno.

<sup>11</sup> As chamas.

<sup>12</sup> Os homens em geral; Pūru sendo considerado como o progenitor deles.

<sup>13</sup> O demônio que parava a chuva. As façanhas geralmente atribuídas a Indra são aqui atribuídas a Agni, isto é, Agni é identificado com Indra.

<sup>14</sup> Os descendentes do Ṛṣi Bharadvāja.

<sup>15</sup> Um rei desse nome, diz Sāyaṇa; provavelmente o instituidor do sacrifício. O nome não ocorre novamente, e nada é sabido a respeito dele.

## Hino 59. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I, HINO 59.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 4, VARGA 25.

1. Os outros Agnis (os outros fogos) são na verdade os teus ramos, ó Agni. Em ti todos os imortais se deleitam.<sup>16</sup> Vaiśvānara! Tu és o centro<sup>17</sup> dos estabelecimentos humanos; como uma coluna de apoio tu manténs os homens.<sup>18</sup>
2. A cabeça do céu, o umbigo da terra é Agni, ele tornou-se o administrador dos dois mundos. A ti, um deus, os deuses engendraram, ó Vaiśvānara, para ser uma luz para o Ārya.
3. Como no sol os raios estão fixos firmemente, assim, em Agni Vaiśvānara todos os tesouros foram estabelecidos. (Os tesouros) que residem nas montanhas, nas ervas, nas águas, e entre os homens, – de todos esses tu és o rei.
4. Como os dois grandes mundos para seu filho,<sup>19</sup> como um Hotṛ, como um homem hábil, (nós trazemos) louvores – múltiplos (louvores) para ele que está unido com o sol, para o verdadeiramente forte, novos (louvores) para Vaiśvānara, o deus mais vigoroso.
5. A tua grandeza, ó Jātavedas, Vaisvānara, ultrapassou até o grande céu. Tu és o rei das tribos humanas; tu por meio de luta ganhaste amplo espaço para os deuses.
6. Deixe-me agora proclamar a grandeza do touro a quem os Pūrus adoram como o destruidor de inimigos.<sup>20</sup> Agni Vaiśvānara, tendo matado o Dasyu, derrubou a arena (aérea) e cortou Śambara.
7. Agni Vaiśvānara, estendendo-se por sua grandeza sobre todos os domínios, que deve ser adorado, o brilhante, rico em encanto, está desperto (ou, é louvado) entre os Bharadvājas, no domicílio de Purūñitha Śātavaneya, com suas bênçãos centuplicadas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 60 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>16</sup> Compare com 7.11.1: ‘os imortais não se divertem sem ti’.

<sup>17</sup> Literalmente, ‘o umbigo’.

<sup>18</sup> Compare com 4.5.1: [“Grande luz, com pleno crescimento excelente ele ergueu e, como um pilar suporta o telhado, a sustenta”].

<sup>19</sup> A incompletude da construção e da métrica mostra que o texto do primeiro *Pāda* está corrompido. Agni, como é conhecido, é o filho dos dois mundos, o *sūnuḥ rodasyoḥ*.

<sup>20</sup> Ou, como o matador de Vṛtra.

## Hino 60. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi é o mesmo; o deus é Agni, a métrica, Triṣṭubh.

Varga 26. **1.** Mātariśvan trouxe, como um amigo, para Bhṛgu,<sup>1</sup> o célebre Vahni, o iluminador de sacrifícios, o protetor cuidadoso (de seus devotos), o mensageiro (dos deuses) de movimento rápido, o filho de dois pais,<sup>2</sup> (para ser para ele) por assim dizer, um tesouro precioso.

**2.** Ambos (deuses e homens)<sup>3</sup> são os adoradores de seu soberano, – aqueles que devem ser desejados (os deuses), e aqueles que são mortais, trazendo oblações; pois esse invocador venerável (dos deuses), o senhor dos homens, e distribuidor (de benefícios desejados), foi colocado, pelos sacerdotes oficiantes, (sobre o altar), antes que o sol estivesse no céu.<sup>4</sup>

**3.** Que a nossa mais nova celebração chegue diante daquele Agni, que é de língua doce, e é para ser gerado no coração;<sup>5</sup> a quem os homens, os descendentes de Manus, sacrificando e oferecendo oblações a ele, produzem, na hora da batalha.<sup>6</sup>

**4.** Agni, o desejável, o purificador, o concessor de residências, o excelente, o invocador (dos deuses), foi colocado (sobre o altar), entre os homens. Que ele seja hostil (para os nossos inimigos), o protetor das (nossas) residências, e o guardião dos tesouros (nessa) mansão.

**5.** Nós, nascidos da linhagem de Gotama, te louvamos, Agni, com (hinos) aceitáveis, como o senhor das riquezas; friccionando a ti, o portador de oblações, como (um cavaleiro esfrega) um cavalo.<sup>7</sup> Que ele que adquiriu riqueza por ritos sagrados venha para cá, rapidamente, de manhã.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 61 \(Wilson\)](#)

## Hino 60. Agni (Griffith)

**1.** Como se fosse um grande tesouro Mātariśvan<sup>8</sup> trouxe, como um presente, o Sacerdote glorioso<sup>9</sup> para Bhṛgu;<sup>10</sup> Bandeira do sacrifício,<sup>11</sup> o bom Protetor, filho de dois nascimentos,<sup>12</sup> o enviado que se move rapidamente.

<sup>1</sup> O vento trouxe Agni para o sábio Bhṛgu, como um amigo (*rāti*): alguns traduzem como ‘um filho’, como no texto *rātim Bhṛigūṇām*, – o filho dos Bhṛgus. O sânscrito mais moderno confirma o primeiro sentido; porque, embora ele tenha perdido o termo original básico, ele o preserva no composto *arāti*, um inimigo, alguém não (*a*) amigo (*rāti*).

<sup>2</sup> Como antes [em 1.31.2]; ou do céu e da terra, ou dos dois pedaços de madeira.

<sup>3</sup> O texto tem somente *ubhayāsaḥ*, ‘ambos’, que o comentador explica como, ou deuses e homens, ou os sacerdotes ministrantes e seu empregador, o *Yajamāna*.

<sup>4</sup> Os sacerdotes conduzem o *Yajamāna* para o local onde o fogo foi preparado, antes do romper do dia, pelo *Adhvaryu*.

<sup>5</sup> Agni, é dito, é gerado do ar: mas esse ar é o ar vital, ou respiração; e Agni, portanto, é dito ser produzido no coração, ou no interior do corpo humano.

<sup>6</sup> Para fazer oferendas queimadas, para assegurar sucesso.

<sup>7</sup> O texto tem somente esfregando, ou antes, varrendo, a ti, como um cavalo; isto é, de acordo com o comentador, escovando o lugar do fogo para a oferenda queimada, – o altar, talvez, – de modo semelhante como as pessoas prestes a montar em um cavalo esfregam, com suas mãos, a parte onde elas vão sentar.

<sup>8</sup> Um ser divino ou semidivino, que como o mensageiro de Vivasvān traz do céu Agni que tinha estado escondido até agora. A explicação de Mātariśvan como Vāyu, o Deus do Vento, não parece ser justificada por textos do Ṛgveda. Veja Muir, *Original Sanskrit texts*, V. 204.

2. Deuses e homens obedecem à ordem desse Soberano, os deuses que são adorados, os homens que anseiam e adoram. Como sacerdote, ele toma o seu lugar antes do romper manhã, Senhor da Casa, adorável com os homens, Ordenador.
3. Que o nosso louvor auspicioso, nascido do coração, mais recente, alcance a ele cuja língua, mesmo em seu nascimento, é doce como mel;<sup>13</sup> A quem sacerdotes mortais, homens, com seu forte empenho, criaram,<sup>14</sup> abastecido com iguarias saborosas.
4. Bom para a humanidade, o ansioso Purificador foi colocado entre os homens como Sacerdote digno de escolha. Que Agni seja nosso amigo, Senhor da Casa, protetor das riquezas da residência.
5. Como tal, nós Gotamas<sup>15</sup> te exaltamos com hinos, ó Agni, como o Senhor guardião das riquezas, enfeitando-te<sup>16</sup> como um cavalo, o veloz premiado. Que ele, enriquecido com a oração, venha logo e cedo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 61 \(Griffith\)](#)

## Hino 60. Agni (Oldenberg)

MANDALA I, HINO 60.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 4, VARGA 26.

1. Mātariśvan trouxe (Agni) para Bhṛgu como um presente precioso como riqueza, de nascimento duplo,<sup>17</sup> o transportador, o famoso, o farol do sacrifício, o mensageiro pronto e imediatamente bem sucedido.
2. Ambos seguem seu comando, os *Uśijs*<sup>18</sup> oferecendo alimento sacrificial, e os mortais. O Hotṛ (Agni) sentou-se antes do amanhecer entre os clãs, o senhor dos clãs, cuja permissão deve ser pedida, o realizador de culto.
3. Que o nosso louvor novo e belo, nascido do nosso coração, chegue a ele o de língua de mel (Agni), a quem os sacerdotes humanos em nosso estabelecimento, os Āyus, geraram oferecendo satisfação.
4. O *Uśij*, o purificador, o Vasu foi estabelecido entre os homens, o melhor Hotṛ entre os clãs, o mestre familiar da casa na casa: Agni tornou-se o senhor do tesouro dos tesouros.
5. Assim nós, os Gotamas, te louvamos, ó Agni, o senhor dos tesouros, com os nossos pensamentos (piedosos), esfregando-te como (eles esfregam) um cavalo de corrida veloz que ganha o prêmio. Que aquele que dá riqueza pela nossa prece venha rapidamente de manhã.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 65 \(Oldenberg\)](#)

<sup>9</sup> Agni.

<sup>10</sup> O chefe da antiga família sacerdotal que tem esse nome.

<sup>11</sup> Anunciador do sacrifício por meio de suas chamas crepitantes.

<sup>12</sup> Nascido do céu e da terra e novamente dos dois bastões de fogo, quando ele é consagrado.

<sup>13</sup> Por provar as libações doces.

<sup>14</sup> Pela agitação rápida do bastão de fogo.

<sup>15</sup> Os descendentes de Gotama, homens da família à qual o Rṣi do hino pertence.

<sup>16</sup> Atiçando-te, para fazer-te brilhar como homens tratam de um cavalo de corrida de manhã.

<sup>17</sup> O nascimento celestial e o terrestre de Agni.

<sup>18</sup> Sobre *usīj* ('o disposto'), como denotando os sacerdotes míticos que estabeleceram primeiro Agni e sacrificaram como os primeiros, veja Bergaigne, I, 57 e seguintes.

## Hino 61. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Indra; o Ṛṣi e a métrica são os mesmos como no precedente.

Varga 27. **1.** Eu ofereço adoração àquele poderoso, rápido, vigoroso, digno de louvor, e desimpedido Indra, – adoração que é aceitável, e oblações que são agradáveis, como alimento (para um homem faminto).

**2.** Eu ofereço (oblações, aceitáveis como) alimento (para o faminto,) para aquele Indra; eu entoo (para ele) exclamações que podem ser eficazes para derrotar (meus inimigos). Outros (também) adoram Indra, o senhor antigo, no coração, na mente, e na compreensão.

**3.** Eu ofereço, com minha boca, uma exclamação alta, com palavras de louvor puras e poderosas, para exaltar a ele que é o exemplo (de todos), o concessor (de coisas boas), o grandioso, o sábio.

**4.** Eu preparo louvores para ele, como um carpinteiro constrói um carro, (de modo que o condutor) pode, por isso, obter alimento, – louvores bem merecidos, para ele que tem direito a elogio, e oblações excelentes para o sábio Indra.

**5.** Para propiciar aquele Indra, por causa de alimento, eu combino louvor com elocução,<sup>1</sup> como (um homem atrela) um cavalo (a um carro), para celebrar o heroico, munificente, e concessor de alimento Indra, o destruidor das cidades (dos Asuras).

Varga 28. **6.** Para aquele Indra, de fato, Tvaṣṭṛ afiou o raio de ação boa, de alvo certo, para a batalha, com qual (arma) fatal o soberano poderoso e subjugador de inimigos cortou os membros de Vṛtra.

**7.** Bebendo rapidamente as libações, e devorando as iguarias agradáveis (oferecidas) nos três sacrifícios (diários) os quais são dedicados ao criador (do mundo),<sup>2</sup> ele, aquele que permeia o universo,<sup>3</sup> roubou os maduros (tesouros dos Asuras); o derrotador (de seus inimigos), o lançador do raio, enfrentando, perfurou a nuvem.<sup>4</sup>

**8.** Àquele Indra as mulheres, as esposas dos deuses,<sup>5</sup> dirigiram seus hinos, na destruição de Ahi. Ele abarca os extensos céu e terra. Eles dois não superam a tua vastidão.

**9.** A magnitude dele, de fato, ultrapassa aquela do céu, e da terra, e do firmamento. Indra, o autoirradiante em sua residência, à altura de toda façanha, não se empenhou em combate com nenhum inimigo indigno, e, hábil em conflito, chama para a batalha.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> *Ārkam juhvā*. O último é definido como o instrumento de invocação, o órgão da fala; o primeiro significa, como sempre, hino, ou louvor em métrica.

<sup>2</sup> Ele pode ser chamado dessa maneira porque tudo no mundo procede da chuva.

<sup>3</sup> O termo do texto é Viṣṇu, aplicado a Indra, como aquele que permeia o mundo inteiro.

<sup>4</sup> *Varāha*, um dos sinônimos de *megha*, nuvem, no *Nighaṅṭu*. Ou ele pode significar sacrifício, de *vara*, uma bênção, e *aha*, um dia. Com referência a esse significado, é dada uma explicação diferente do texto, a qual é um pouco obscura. Viṣṇu, é dito, significa o sacrifício (*yajña*) personificado, em qual condição ele roubou, ou atraiu, a riqueza acumulada dos *Asuras*; depois do que ele permaneceu escondido atrás de sete passagens difíceis, ou os dias de preparação iniciatória para o rito. Indra, tendo atravessado os sete desfiladeiros difíceis, ou passado pelos sete dias de iniciação, perfurou, ou penetrou em, ou realizou, o sacrifício. Essa explicação é apoiada por uma citação do *Taittirīya*, que é ainda mais obscura: “Esse *Varāha*, o ladrão do que é belo, (?) aprecia, além das sete colinas, a riqueza dos *Asuras*; ele (Indra), tendo pegado os tufo da grama sagrada, e perfurado as sete colinas, o matou”.

<sup>5</sup> As esposas dos deuses são a *Gāyatrī* e outras métricas dos *Vedas* personificadas.

<sup>6</sup> O comentador diz, ele chama *as nuvens* para a batalha; pois pela colisão mútua das nuvens a chuva é gerada.

**10.** Indra, por seu vigor, cortou em pedaços, com seu raio, Vṛtra, o absorvedor (de umidade), e libertou as águas que preservam, como vacas (recuperadas de ladrões); e, consenciente (com os desejos) do dador da oblação, (concede a ele) alimento.

Varga 29. **11.** Pelo poder dele, os rios se divertem, visto que ele abriu (um caminho para eles,) com seu raio. Estabelecendo sua supremacia, e concedendo uma (recompensa) para o dador (da oblação), ele, o de movimento rápido, forneceu um lugar de descanso para Turvīti.<sup>7</sup>

**12.** Indra, que és o senhor (de todos), de movimento ligeiro e dotado de força, lança teu raio contra esse Vṛtra, e separa as juntas dele, – (como açougueiros retalham) uma vaca,<sup>8</sup> de modo que as chuvas possam brotar dele, e as águas fluam (sobre a terra).

**13.** Proclamem, com novos hinos, as antigas façanhas daquele Indra de movimento rápido, quando, manejando suas armas em batalha, ele enfrenta e destrói seus inimigos.

**14.** Por medo dele, as montanhas estáveis (estão imóveis); e, por medo do aparecimento dele, o céu e a terra tremem. Que Nodhas, louvando, repetidamente, o poder preservador daquele amado Indra, seja rapidamente (abençoado), com vigor.

**15.** A ele esse louvor é oferecido, o qual ele, único (vitorioso sobre seus inimigos), e senhor de riqueza múltipla, prefere (receber) daqueles (que o louvam). Indra defendeu o sacrificador virtuoso Etaśa, quando lutando com Sūrya, o filho de Svaśva.<sup>9</sup>

**16.** Indra, que atrelas corcéis, os descendentes de Gotama têm oferecido, a ti, preces de eficácia, para assegurar a tua presença. Concede a eles todo tipo de afluência. Que ele que tem adquirido riqueza por meio de atos pios venha para cá, rapidamente, de manhã.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 62 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 61. Indra (Griffith)

**1.** Para ele mesmo, rápido, forte e altamente exaltado, eu trago a minha canção de louvor como iguarias saborosas, meu pensamento para o irresistível, digno de louvor, preces oferecidas muito especialmente para Indra.

**2.** Louvor, como oblação, eu ofereço, e profiro em voz alta a minha canção, meu hino auspicioso para o Vitorioso. Para Indra, que é o Senhor de antigamente, os cantores têm enfeitado seus louvores com coração e mente e espírito.

**3.** Para ele, então, com meus lábios a minha adoração, ganhando luz do céu, muitíssimo excelente, eu ofereço, para exaltar com cânticos de invocação e com hinos belos o Senhor, o Doador mais generoso.

**4.** Para ele eu formo um louvor, como o artífice molda um carro para o homem que precisa dele,<sup>10</sup> – louvores para ele que ouve alegremente os nossos louvores, um hino bem formado, todo comovente, para o sábio Indra.

---

<sup>7</sup> O nome de um *Rṣi* que, o comentador acrescenta, tinha sido imerso em água: Indra o levou para a terra seca.

<sup>8</sup> O texto tem, ‘corta em pedaços os membros de Vṛtra, como de uma vaca’, (*gor na*): o comentador fornece o resto, – como homens mundanos, os trinchadores de carne, dividem, aqui e ali, os membros de animais. A expressão é notável, embora possa não ser muito claro o que significa o termo usado por Sāyaṇa, *vikartārah*, cortadores, ou trinchadores. Talvez a palavra seja *vikretārah*, vendedores de carne, açougueiros. De qualquer maneira, isso prova que nenhum horror era ligado à noção de um pedaço de carne, nos tempos antigos, entre os hindus.

<sup>9</sup> A lenta relata que um rei chamado Svaśva, ou o senhor de bons (*su*) cavalos (*aśva*), estando desejoso de um filho, adorou Sūrya, que, ele mesmo, nasceu como o filho do rei. Em um período subsequente, em alguma disputa entre ele e o *Rṣi* Etaśa, Indra tomou o partido do último.

<sup>10</sup> E ordena que ele seja feito.

5. Assim, com minha língua eu enfeito, para agradar aquele Indra, o meu hino, como se fosse um cavalo, por amor de glória, para reverenciar o herói, Doador generoso, famoso em toda parte, destruidor dos castelos.<sup>11</sup>

6. Para ele mesmo Tvaṣṭar forjou o raio, o mais habilmente forjado, celestial, para a batalha; com o qual ele atingiu as partes vitais de Vṛtra, golpeando – o vasto, o poderoso com o que atinge.<sup>12</sup>

7. Logo que, nas libações de sua mãe,<sup>13</sup> o grande Viṣṇu tinha bebido a libação, ele saqueou. Os acepipes saborosos,<sup>14</sup> as iguarias cozidas; mas Um mais forte<sup>15</sup> trespassou o javali selvagem,<sup>16</sup> atirando através da montanha.<sup>17</sup>

8. Para ele, para Indra, quando ele matou o dragão, as Damas, também, Consortes dos deuses,<sup>18</sup> teceram elogios. O poderoso céu e a terra ele envolveu: a tua grandeza o céu e a terra, juntos, não superam.

9. Sim, de fato, a magnitude dele supera a magnitude da terra, ar e céu. Indra, aprovado por todos os homens, auto-resplandecente, desenvolveu-se em sua casa, de voz alta e forte para a batalha.

10. Através da sua própria força Indra com raio de trovão cortou em pedaços Vṛtra, o secador das águas. Ele deixou as torrentes seguirem livres, como vacas aprisionadas, por glória, com coração inclinado à generosidade.

11. Os rios procederam, através do esplendor impetuoso dele, visto que com seu raio ele os cercou por todos os lados. Usando seu poder e favorecendo aquele que venerava, ele fez um vau, vitorioso, para Turvīti.

12. Vasto, com teu amplo poder, com movimento impulsivo, contra esse Vṛtra lança teu raio de trovão. Rompe as juntas dele, como de um boi, dividido em partes, com raio oblíquo, de modo que as torrentes de chuva possam seguir.

13. Cantem com novos louvores suas façanhas feitas outrora, os feitos dele, sim, dele que se move rapidamente, quando, lançando suas armas em batalha, ele com ira impetuosa abate os inimigos.

14. Quando ele, sim, ele, surge, as montanhas fixas, firmes, e todo o céu e a terra, tremem por pavor. Que Nodhas,<sup>19</sup> sempre elogiando a proteção desse Amigo querido, ganhe rapidamente força heroica.

15. Agora para ele dessas coisas tem sido dado o que ele, que governa sozinho sobre muitos, escolhe. Indra ajudou Etaśa, espremedor de Soma, lutando na competição de cavalos com Sūrya.<sup>20</sup>

16. Desse modo, para ti, Indra, que junges Cavalos Baios, os Gotamas trouxeram suas orações para agradar-te. Concede atenção a elas, adornadas com toda beleza. Que ele, enriquecido com a prece, venha logo e cedo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 62 \(Griffith\)](#)

<sup>11</sup> As fortalezas dos demônios atmosféricos da seca, os castelos da nuvem que aprisiona a chuva.

<sup>12</sup> *O que atinge*: o raio ou relâmpago.

<sup>13</sup> A mãe de Indra, Aditi, que lhe deu Soma para beber assim que ele nasceu. Veja 3.32.9-10; 3.48.2-3; e 7.98.3.

<sup>14</sup> O estoque de chuva do demônio.

<sup>15</sup> Indra o mais poderoso.

<sup>16</sup> O feroz demônio Vṛtra. Veja 8.66.10.

<sup>17</sup> A nuvem pesada na qual Vṛtra estava envolvido. A minha versão corrigida dessa estrofe eu devo ao artigo do Prof. A. A. Macdonell sobre os Estudos Mitológicos do R̥gveda, no *Journal of the Royal Asiatic Society*, Janeiro, 1895.

<sup>18</sup> Provavelmente isso significa as Águas Celestiais.

<sup>19</sup> O Ṛṣi ou vidente do hino.

<sup>20</sup> Louvores e sacrifício têm sido oferecidos a Indra. Ele mesmo possui tudo mais. Tais louvores e sacrifício levaram Indra a ajudar Etaśa, seu adorador, na disputa dele com Sūrya e seus cavalos. Veja 2.19.5.

## Hino 62. Indra (Wilson)

(Quinto Adhyāya. Continuação do Anuvāka 11. Sūkta V)

O Ṛṣi é Nodhas, e o deus, Indra, como no último; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 1. **1.** Nós meditamos, como Aṅgiras, em um discurso aceitável para aquele Indra poderoso e digno de louvor, que deve ser venerado, por seus adoradores, (com preces) de eficácia, para trazê-lo para a cerimônia. Vamos repetir uma prece para o célebre líder de todos.

**2.** Ofereçam, sacerdotes, ao vasto e mais poderoso Indra, a veneração mais sincera, um cântico próprio para ser cantado em voz alta;<sup>1</sup> pois, através dele, os nossos antepassados, os Aṅgirasas, adorando-o, e reconhecendo as pegadas, recuperaram o gado (roubado).

**3.** Quando a busca foi iniciada por Indra e os Aṅgirasas, Saramā assegurou alimento para seus filhotes.<sup>2</sup> Então Bṛhaspati<sup>3</sup> matou o devorador, e resgatou as vacas; e os deuses, com o gado, proclamaram sua alegria em alta voz.

**4.** Poderoso Indra, que deves ser satisfeito com um hino laudatório e de boa pronúncia pelos sete sacerdotes, sejam empenhados por nove meses, ou por dez,<sup>4</sup> e, desejosos de proteção (segura), tu apavoraste, por tua voz, a nuvem frutificante divisível.<sup>5</sup>

**5.** Destruidor de inimigos, louvado pelos Aṅgirasas, tu tens dissipado a escuridão com a alvorada e com os raios do sol; tu tens endireitado as elevações da terra; tu tens fortalecido as fundações da região etérea.

Varga 2. **6.** Os feitos daquele airoso Indra são muito admiráveis; suas façanhas são as mais gloriosas, na medida em que ele tem reabastecido os quatro rios<sup>6</sup> de água doce, espalhados sobre a superfície da terra.

**7.** Ele, que não pode ser alcançado por meio de violência,<sup>7</sup> mas (é facilmente propiciado por) aqueles que o louvam com hinos sagrados, partiu em duas as eternas e unidas (esferas do céu e da terra). O gracioso Indra nutriu o céu e a terra, como o sol no agosto e muitíssimo excelente firmamento.

<sup>1</sup> A expressão é *āṅghūṣyaṃ* - *Sāma*, um *Sāma* adequado para ser recitado alto; tal como os *Rathantarās*, e outras preces, que são geralmente consideradas partes do *Sāma Veda*. Mas o comentador compreende que *Sāma*, nesse lugar, significa cantar ou entoar os *Ṛcas*.

<sup>2</sup> Quando Indra desejou que a cadela Saramā partisse em busca do gado roubado, ela concordou em fazer isso somente sob a condição que o leite das vacas fosse dado aos filhotes dela, o que Indra prometeu.

<sup>3</sup> Bṛhaspati é aqui usado como um sinônimo de Indra, o protetor ou mestre (*pati*) dos grandes (*bṛhatām*), – os deuses.

<sup>4</sup> Sāyaṇa identifica os sacerdotes (*vīpras*), com os Aṅgirasas, que, ele diz, são de duas classes, – aqueles que conduzem sacrifícios por nove meses, e aqueles que os conduzem por dez. Ele cita o *Nirukta* (XI, 19) para a confirmação disso; mas a interpretação de Yāska da palavra *navagvā* é duvidosa, pois *navagati* pode significar ‘aquele cujo curso ou condição é novo,’ melhor do que ‘por nove’. É dito que os sete sacerdotes são Medhātithi e outros *Ṛṣis* da família de Aṅgiras.

<sup>5</sup> *Ādrim* - *phaligam* - *valam*. O último é explicado aqui como nuvem; o primeiro, aquilo que é para ser dividido pelo raio; e o segundo, aquilo que produz fruto, ou faz os grãos crescerem por meio da sua chuva. Ou as três palavras podem ser consideradas como substantivos; *adri* significando, como sempre, uma montanha; *phaliga*, uma nuvem; e *vala*, um Asura; todos os quais estavam apavorados pela voz ou trovão de Indra.

<sup>6</sup> Nenhuma especificação desses quatro é dada, além de eles serem o Ganges e outros.

<sup>7</sup> O termo *ayāsya* confundiu o comentador. Ele pode ser derivado de *yāsa*, esforço, – aquele que não é alcançável por esforço; isto é, de acordo com uma interpretação, para não ser conquistado em batalha: por isso Rosen o traduziu como *invictus*. Isso é contrastado, aparentemente, com o que se segue, e que requer a inserção de *susādhyā*, fácil de ser alcançado, ou influenciado, por louvores, e similares. Outras etimologias são sugeridas, mas elas são ainda menos satisfatórias.

**8.** (Noite e alvorada) de cor variada, nascidas repetidamente, mas sempre jovens, têm percorrido, em suas revoluções, alternadamente, desde um período remoto, o céu e a terra, – a noite, com seus membros escuros, a alvorada, com seus membros luminosos.

**9.** O filho da força, assíduo em boas obras, diligente em atos virtuosos, mantém sua antiga amizade (por seu adorador). Tu, (Indra,) produzes, dentro de vacas ainda imaturas, sejam pretas ou vermelhas, o leite maduro e lustroso.

**10.** Desde uma época remota os dedos contíguos, não mutáveis, e incansáveis praticam, com (todas as) suas energias, muitos milhares de atos de devoção (para Indra);<sup>8</sup> e, como as esposas (dos deuses), as irmãs protetoras cultuam a ele que não tem desonra.

Varga 3. **11.** Belo Indra, que deves ser louvado com hinos sagrados, os piedosos que estão desejosos de ritos sagrados, aqueles que estão ansiosos por riquezas, e aqueles que são sábios, se dirigem a ti, com veneração. Poderoso Indra, as mentes deles aderem a ti, como esposas afetuosas a um marido carinhoso.

**12.** Belo Indra, as riquezas que têm há muito tempo sido mantidas em tuas mãos não sofreram perda nem diminuição. Tu, Indra, és ilustre, dedicado a boas obras, e resoluto. Enriquece-nos, tu que és diligente em ação, por teus atos.

**13.** Poderoso Indra, Nodhas, o filho de Gotama, compôs, para nós, esse novo hino, (endereçado) a ti, que existes sempre, que atrelas teus corcéis (ao teu carro), e és o guia seguro (de todos). Que ele que adquiriu riquezas por meio de atos virtuosos venha para cá, rapidamente, de manhã.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 63 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 62. Indra (Griffith)

**1.** Como Aṅgiras<sup>9</sup> nós ponderamos sobre um louvor que alegra para aquele que ama música, demasiado poderoso. Cantemos glória ao herói muito afamado que deve ser louvado com hinos belos pelo cantor.

**2.** Ao grandioso tragam grande adoração, um cântico de louvor para aquele extraordinariamente forte, através de quem os nossos antepassados, os Aṅgirases, cantando louvores e conhecendo bem os lugares, encontraram o gado.<sup>10</sup>

**3.** Quando Indra e os Aṅgirases desejaram, Saramā encontrou provisão para sua prole.<sup>11</sup> Bṛhaspati perfurou a montanha,<sup>12</sup> encontrou o gado; os heróis gritaram com as vacas em triunfo.

---

<sup>8</sup> Isso parece sugerir que os dedos eram empregados na realização do que é, atualmente, chamado de *mudrā*, certos entrelaçamentos e gesticulações que acompanham a prece; o comentário compreende isso como somente seu uso em atos de culto ou homenagem. Que a prática não é totalmente moderna torna-se óbvio a partir das pinturas das cavernas de Ajanta, várias das pessoas das quais estão, evidentemente, realizando os gestos com os dedos.

<sup>9</sup> Do mesmo modo que Aṅgiras, um dos primeiros instituidores de cerimônias religiosas.

<sup>10</sup> As nuvens de chuva, ou os raios de luz que vêm depois da efusão de chuva.

<sup>11</sup> É dito que Saramā, a cadela de caça de Indra e mãe dos dois cães chamados pelo nome da mãe deles, Sārameyas, que são os cães de guarda de Yama o Deus dos Mortos, perseguiu e recuperou as vacas roubadas pelos Paṅis; o que se supõe significar que Saramā é a Aurora que recupera os raios do Sol que foram levados pela noite. A lenda diz que Saramā concordou em partir em busca do gado roubado sob a condição que o leite das vacas fosse dado aos filhotes dela. Ludwig é de opinião que a palavra ‘prole’ no texto não se refere aos filhotes de Saramā, mas aos descendentes dos Aṅgirases. Veja 1.72.8.

<sup>12</sup> Bṛhaspati ou Brahmaṇaspati é o Senhor da Prece. ‘É, portanto’ como observa o professor Roth, ‘brahma, oração, com a qual o Deus rompe o esconderijo do inimigo. A oração trespassa o objeto de seu desejo, e o obtém’.

4. Grito médio, grito alto, e rugido, com os Navagvas, sete cantores, tu, divino, despedaçaste a montanha; tu, com condutores velozes, com Daśagvas, Indra, Śakra, com o raio laceraste o obstrutor Vala.<sup>13</sup>
5. Louvado pelos Aṅgirasas, tu, destruidor de inimigos, com a Alvorada, o Sol, e raios, dissipaste as trevas. Tu, Indra, tens espalhado os altos cumes da terra, e fixado firmemente a região embaixo do céu.
6. Este é o ato mais digno de toda a honra, a mais bela maravilha do Operador de Prodígios; Que, perto de onde o céu se curva,<sup>14</sup> ele fez quatro rios fluírem cheios de ondas que carregam água doce.
7. Incansável, conquistado por hinos laudatórios, ele separou antigamente o Par antigo,<sup>15</sup> sempre unido. No mais alto céu como Bhaga,<sup>16</sup> ele o fazedor de maravilhas estabeleceu as duas Damas<sup>17</sup> e a terra e o céu.
8. Continuamente nascidas de novo, as Damas jovens, cada uma de sua maneira, diferentes em cor, o Par tem viajado em alternância em volta do céu e da terra desde os tempos antigos, a Noite com seus membros negros, a Aurora com membros de esplendor.
9. Rico em boas ações, hábil em operação, o Filho<sup>18</sup> com poder mantém sua amizade perfeita. Tu nas vacas cruas,<sup>19</sup> de cor preta ou vermelha, provês o leite maduro de cor branca brilhante.
10. Seus caminhos,<sup>20</sup> conectados antigamente, permanecem incólumes; elas com grande poder preservam os estatutos imortais. Para muitos milhares de obras sagradas as Irmãs<sup>21</sup> sevem o Senhor orgulhoso<sup>22</sup> como esposas e matronas.
11. Pensamentos antigos, buscando riqueza, com adoração, com os mais novos louvores têm acelerado em direção a ti, ó Poderoso. Como esposas ansiosas se unem ao seu marido ansioso, assim una os nossos hinos a ti, ó Senhor, o mais potente.
12. Deus Forte, as riquezas que as tuas mãos têm segurado desde os tempos antigos não acabaram nem diminuíram. Tu és esplêndido, ó Indra, sábio, inflexível: fortalece-nos com poder, ó Senhor do Poder.
13. Ó poderoso Indra, o filho de Gotama, Nodhas, moldou essa nova oração para ti Eterno; Líder infalível, que atrelas os Corcéis Fulvos. Que ele, enriquecido com a oração, venha logo e cedo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 63 \(Griffith\)](#)

---

<sup>13</sup> Os sete cantores são provavelmente os próprios Aṅgirasas; os Navagvas e os Daśagvas também são os Aṅgirasas ou seus aliados sacerdotais. Eles são chamados de *condutores velozes* porque seguem rapidamente a trilha das vacas roubadas. Vala é o demônio que mantém as vacas aprisionadas.

<sup>14</sup> Fluindo para o distante horizonte.

<sup>15</sup> Céu e Terra.

<sup>16</sup> Bhaga é aqui o Deus Supremo.

<sup>17</sup> Noite e Manhã.

<sup>18</sup> Indra.

<sup>19</sup> As vacas são chamadas de cruas como contrastadas com o leite morno, maduro ou cozido em seus úberes. A cor do leite também é contrastada com aquela das vacas, como na cantiga infantil alemã citada por Zimmer: *'O sage mir, wie geht es zu, gibt weisse milch die rothe kuh'*. [Uma tradução aproximada: *'Ó, diga-me como é que é branco o leite da vaca vermelha'*.]

<sup>20</sup> Os rumos da Noite e da Manhã.

<sup>21</sup> Um nome que ocorre frequentemente dos dedos quando empregados em atos de culto.

<sup>22</sup> Indra.

## Hino 63. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

Ṛṣi, deus, e métrica, como antes.

Varga 4. **1.** Indra, tu és o poderoso que, tornando-te manifesto (na hora de) temor, sustentaste, por tuas energias, o céu e a terra. Então, por medo de ti, todas as criaturas, e as montanhas, e todas as outras coisas vastas e sólidas, tremeram, como os (trêmulos) raios do sol.

**2.** Quando, Indra, tu atrelas teus cavalos que se movem de vários modos, teu adorador coloca teu raio em tuas mãos, com o qual, realizador de atos não desejados,<sup>1</sup> tu atacas teus inimigos, e, glorificado por muitos, destróis as numerosas cidades deles.

**3.** Tu, Indra, o melhor de todos os seres, o que humilha e ataca (teus inimigos), o chefe dos Ṛbhus, o amigo do homem, o subjugador de inimigos, ajudaste o jovem e ilustre Kutsa, e mataste Śuṣṇa,<sup>2</sup> no combate mortal e travado de perto.

**4.** Tu, de fato, o animaste a (adquirir) tal (renome) como aquele que, emissor de chuva e manejador do raio, tu (adquiriste) quando tu mataste Vṛtra, e quando, herói munificente, que conquistas facilmente (teus inimigos), tu afugentaste os Dasyus<sup>3</sup> em batalha.

**5.** Indra, que não desejas ferir nenhum (mortal) resoluto,<sup>4</sup> abre todos os quadrantes (do horizonte) para os cavalos de nós que te louvamos, (quando nós estamos expostos) à aversão (dos nossos inimigos); e, manejador do raio, destrói nossos inimigos, como com uma maça.

Varga 5. **6.** Os homens te invocam, assim como tu és, no conflito cerradamente aglomerado e concesso de riquezas. Que essa tua ajuda, poderoso Indra, seja sempre concedida, na guerra, digna de ser desfrutada (por guerreiros) em combate.

**7.** Indra, manejador do raio, guerreando em nome de Purukutsa,<sup>5</sup> tu aniquilaste as sete cidades; tu cortaste, por Sudās, a riqueza de Anhu, como se (ela fosse um tufo) de grama sagrada, e a deste para ele, ó rei, sempre te saciando (com oblações).

**8.** Aumenta, divino Indra, para nós, por toda a terra, alimento abundante, – (de modo que ele possa ser tão copioso) quanto água, – pelo qual, herói, tu nos concedes (existência), quando tu fazes a água fluir por toda parte.

**9.** Louvores têm sido proferidos para ti, Indra, pelos filhos de Gotama; (eles têm sido) proferidos, com reverência, (para ti), trazido (para cá) por teus corcéis. Concede-nos vários tipos de alimento. Que ele que adquiriu riquezas por atos virtuosos venha para cá, rapidamente, de manhã.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 64 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Isto é, ele faz atos não desejados pelos inimigos dele.

<sup>2</sup> Esses nomes ocorreram antes, no mesmo relato (hino 51).

<sup>3</sup> Os *Dasyus* são descritos como os inimigos de Kutsa. De acordo com o significado aparente de *Dasyu*, – bárbaro ou alguém não-hindu, – Kutsa seria um príncipe que teve parte ativa na subjugação das tribos originais da Índia.

<sup>4</sup> Mesmo que hostil a ele. Isto é, Indra é, em si mesmo, indiferente àqueles que são contrários a ele, e, se ele empreende a destruição deles, não é em seu próprio nome, mas em defesa de seus amigos e adoradores, como no caso de Kutsa, aludido na estrofe anterior.

<sup>5</sup> Purukutsa é chamado de *Ṛṣi*; Sudās, de rei; e Anhu, de *Asura*; mas nenhuma informação adicional é dada no comentário.

### Hino 63. Indra (Griffith)

1. Tu és o Poderoso, quando nasceste, ó Indra, com poder tu terrificaste a terra e o céu; Quando, em seu medo de ti, todas as montanhas firmemente fixadas e as criaturas monstruosas se agitaram como poeira diante de ti.
2. Quando os teus dois Baios viajantes tu puxaste para cá, teu adorador<sup>6</sup> colocou em teus braços o trovão; com o qual, ó Muito Invocado, em vontade irresistível, tu derrubaste os inimigos e muitos castelos.
3. Tu és leal, esses tu desafia, Indra; tu és o Senhor dos R̥bhus,<sup>7</sup> heroico, vencedor. Tu, ao lado dele, para o jovem e glorioso Kutsa,<sup>8</sup> com cavalo e carro mataste Śuṣṇa em combate,
4. Que, como um amigo, tu favoreceste, ó Indra, quando, Aquele que faz Trovejar, forte em ação, tu esmagaste Vṛtra; quando, Herói, tu de grande alma, com vitória fácil tu dilaceraste os Dasyus<sup>9</sup> em sua habitação distante.
5. Isso tu fazes, e não és ferido, ó Indra, mesmo na ira do mortal mais forte. Abre a pista de corridas para os nossos cavalos; como com uma maça, mata, armado com o Trovão! os nossos inimigos.
6. Por isso os homens te chamam, Indra, no tumulto da batalha, no conflito concessor de luz. Essa tua ajuda, ó Divino, sempre devia ser implorada em atos de força em combate.
7. Guerreando por Purukutsa<sup>10</sup> tu, ó Indra, armado com o Trovão! demoliste os sete castelos; Facilmente, por Sudās, como grama tu os arrancaste, e por necessidade, Rei, trouxeste ganho para Pūru.
8. Ó Indra, Deus que te moves em volta de nós,<sup>11</sup> nos alimenta com alimento variado abundante como água – alimento com o qual, ó Herói, tu fazes o próprio vigor fluir para nós para sempre.
9. Orações foram feitas por Gotamas, ó Indra, dirigidas a ti, com louvor pelos teus Cavalos Baios.<sup>12</sup> Traze-nos de forma nobre riquezas abundantes. Que ele, enriquecido com a oração, venha logo e cedo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 64 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> Os louvores do adorador fortalecem Indra, e o incitam à realização de façanhas gloriosas.

<sup>7</sup> Chefe acima dos três seres semidivinos que por suas boas obras se elevaram à imortalidade e divindade. Veja 1.20.

<sup>8</sup> Foi mencionado antes como o protegido de Indra. Veja 1. 33.14 e 1.51.6.

<sup>9</sup> Demônios hostis, ou talvez tribos selvagens.

<sup>10</sup> Um favorito de Indra e dos Ásvins. Veja 1.112.7; 1.174.2; 4.52.8, nota. Sudās (veja 1.47.6) e Pūru são reis ou chefes de clãs.

<sup>11</sup> *Parijman*, circundante, é um epíteto aplicado ao Sol também, e à carruagem dos Ásvins.

<sup>12</sup> Esse é claramente o sentido das palavras como elas são. Sāyaṇa explica, ‘com reverência a ti ligado com teus cavalos baios’.

## Hino 64. Maruts (Wilson)

(Sūkta VII)

O Ṛṣi é o mesmo; os deuses são os Maruts, coletivamente; a métrica é Jagatī, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.

Varga 6. **1.** Oferece, Nodhas, louvor sincero à companhia dos Maruts, aqueles emitentes de chuva e que amadurecem frutos, dignos de adoração. Sereno, e com as mãos postas, eu profiro os louvores concebidos em minha mente, que são eficazes em ritos sagrados, (e fluem facilmente) como as águas.

**2.** Eles nasceram, belos e vigorosos, os filhos de Rudra, os conquistadores de seus inimigos, limpos do pecado, e purificando (a todos), radiantes como sóis, poderosos como maus espíritos,<sup>1</sup> difusores de gotas de chuva, e de formas terríveis.

**3.** Rudras jovens, e imperecíveis, destrutivos daqueles que não cultuam (os deuses), de progresso desimpedido, e imóveis como montanhas, eles estão desejosos de conceder (os desejos do adorador), e, por sua força, agitam todas as substâncias, do céu ou da terra.

**4.** Eles enfeitam seus corpos com vários ornamentos; eles têm colocado, por elegância, (guirlandas) brilhantes em seus peitos; lanças são carregadas em seus ombros, e, com elas e sua própria força, eles nasceram, líderes, do céu.

**5.** Enriquecendo seu adorador, agitando as nuvens, devoradores de inimigos, eles com seu poder criam os ventos e os relâmpagos. Os circundantes e agitadores Maruts ordenam úberes celestes, e borrifam a terra com a água.

Varga 7. **6.** Os munificentes Maruts espalham as águas nutritivas, como sacerdotes, em sacrifícios, a manteiga clarificada. Como cavaleiros guiam para frente um cavalo, eles trazem adiante, por sua chuva, a nuvem que se move rapidamente, e a ordenam, trovejante e inesgotada.

**7.** Vastos, possuidores de conhecimento, de brilho resplandecente, como montanhas em estabilidade, e de movimento rápido, vocês, como elefantes, derrubam as florestas, quando vocês põem vigor em suas (éguas) vermelhas.

**8.** Os mais sábios Maruts rugem como leões; os oniscientes são graciosos como o cervo pintalgado, destruindo (seus inimigos), encantando (seus adoradores); de força mortal em sua ira, eles vêm, com seus antílopes,<sup>2</sup> e suas armas, (para proteger o sacrificador) contra interrupção.

**9.** Maruts, que estão separados em tropas, que são bondosos para os homens, que são heróis, e cujo poder é fatal em sua fúria, vocês fazem ressoar o céu e a terra (em sua chegada); sua (glória) senta em carruagens providas de assentos, visível como (uma bela) forma, ou como o encantador relâmpago.

**10.** Os Maruts, que são oniscientes, coabitantes com a riqueza, combinados com a força, de som alto, que repelem inimigos, de bravura infinita, cuja arma (de ataque) é Indra, e que são líderes (de homens), seguram, em suas mãos, a flecha.

Varga 8. **11.** Aumentadores de chuva, eles impelem, com rodas douradas, as nuvens à parte; como elefantes<sup>3</sup> (em uma manada, derrubam as árvores em seu caminho). Eles são

<sup>1</sup> *Satvāno na. Satvānah* é explicado como *Parameśvarasya bhūtagaṇah*, – a tropa de demônios que acompanha *Parameśvara* ou Śiva.

<sup>2</sup> *Pr̥ṣatībhīh*, com os cervos pintalgados, que são os *vāhanas*, ou corcéis, dos Maruts.

<sup>3</sup> *Āpathyo na*; literalmente, ‘como aquilo que é produzido, ou ocorre, na estrada’, deixando um amplo espaço para explicação. *Sāyaṇa*, portanto, propõe outro significado: ‘como uma carruagem que passa por cima e esmaga gravetos e palhas no caminho’.

honrados com sacrifícios, visitantes do salão de oferenda, atacantes espontâneos (de seus inimigos), subversores dos que são estáveis, eles mesmos imóveis, e utilizadores de armas brilhantes.

**12.** Nós invocamos, com louvor, o grupo dos Maruts que destroem inimigos, purificam tudo, derramam água, e examinam tudo, os filhos de Rudra. (Sacerdotes), para obter prosperidade, recorrem ao levantador de poeira e poderoso grupo de Maruts, recebendo libações de recipientes sagrados,<sup>4</sup> e derramando (benefícios).

**13.** O homem a quem vocês defendem, Maruts, com sua proteção, supera rapidamente todos os homens em força; com seus cavalos, ele adquire alimento, e, com seus homens, riquezas; ele realiza o culto necessário; e ele prospera.

**14.** Maruts, concedam para seus ricos (adoradores, um filho),<sup>5</sup> eminente por boas obras, invencível em batalha, ilustre, o aniquilador (de seus adversários), o capturador de riquezas, o digno de elogio, e que a tudo discerne. Que nós criemos tal filho, e tal neto, por cem invernos.

**15.** Deem-nos, Maruts, riquezas duráveis, acompanhadas por posteridade, e mortificantes para nossos inimigos, – (riquezas) calculadas às centenas e aos milhares, e sempre crescentes. Que eles que adquiriram riqueza por meio de atos virtuosos venham para cá, rapidamente, de manhã.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 65 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 64. Maruts (Griffith)

**1.** Traze para a tropa varonil, sábia e majestosa, ó Nodhas,<sup>6</sup> para os Maruts traze um presente puro. Eu enfeito minhas canções como alguém de mão hábil, de mente sábia prepara a água que tem poder em rituais solenes.

**2.** Eles vêm à luz, os Grandiosos, os Touros do Céu,<sup>7</sup> divinos, os jovens de Rudra, livres de mancha e mácula, os purificadores, resplandecendo brilhantemente assim como sóis, de formas terríveis como gigantes, espalhando gotas de chuva.

**3.** Jovens Rudras,<sup>8</sup> matadores de demônios,<sup>9</sup> que nunca envelhecem, eles têm se desenvolvido, como montanhas, irresistíveis. Eles fazem tremer todos os seres com sua força imensa, até os mais fortes, da terra e do céu.

**4.** Com ornamentos brilhantes eles se enfeitam para exibição; por beleza em seus peitos eles amarram suas correntes de ouro. As lanças<sup>10</sup> em seus ombros trituram em pedaços; eles nasceram juntos, por si mesmos, os Homens do Céu.

**5.** Os que rugem alto, que dão força, devoradores do inimigo, eles fazem os ventos, eles fazem os relâmpagos com seus poderes. Os agitadores inquietos drenam os úberes do céu, e sempre vagando em torno enchem a terra totalmente com leite.<sup>11</sup>

---

<sup>4</sup> É dito que os Maruts são adorados no terceiro ou cerimonial vespertino, de acordo com o texto. *Rjīṣinaṃ abhiṣunvanti*, – “Eles (os sacerdotes) derramam o suco *Soma* no recipiente”. *Rjīṣinaṃ*, em seu significado comum, é uma frigideira; mas aqui ela pode significar qualquer recipiente sacrificial.

<sup>5</sup> *Putra*, filho, é suprido pelo comentário; as frases finais autorizam a adição.

<sup>6</sup> O *Rṣi* ou vidente do hino endereça essa linha para si mesmo.

<sup>7</sup> Ou de *Dyu* ou *Dyaus*.

<sup>8</sup> Os Maruts, ou Deuses da Tempestade, são os filhos de Rudra.

<sup>9</sup> Isto é, matadores das nuvens que não dão chuva.

<sup>10</sup> As lanças, assim como seus outros ornamentos brilhantes, são os lampejos de relâmpago.

<sup>11</sup> *Os úberes do céu*: as nuvens cheias. *O leite* é a doce chuva fertilizante.

**6.** Os Maruts generosos com a abundância de leite caindo preenchem completamente as águas que são úteis em ritos solenes. Eles guiam, por assim dizer, o Cavalo Forte<sup>12</sup> adiante, de modo que possa chover: eles ordenham a fonte trovejante, a que nunca falha.

**7.** Potentes, com poder extraordinário e maravilhosamente brilhante, fortes por si mesmos como montanhas, vocês planam rapidamente em seu caminho. Como os elefantes selvagens vocês consomem as florestas quando vocês assumem a sua força entre as chamas vermelhas brilhantes.

**8.** Extremamente sábios eles rugem poderosamente como leões, eles, possuidores de tudo, são belos como antílopes, agitando a escuridão com lanças e cervos pintalgados, combinados como sacerdotes,<sup>13</sup> com fúria de serpentes por seu poder.

**9.** Heróis que marcham em companhias, que favorecem o homem, com ira de serpentes por força, vocês saúdam a terra e o céu. Sobre os assentos, ó Maruts, de suas carruagens, sobre os carros o relâmpago se encontra visível como luz.

**10.** Senhores de todas as riquezas, morando no lar da riqueza, dotados de vigor potente, cantores de voz alta; heróis, de poderes infinitos, armados com fortes anéis de homens,<sup>14</sup> os arqueiros, eles colocaram a flecha em seus braços.

**11.** Eles que com pinas douradas fazem a chuva aumentar impulsionam as grandes nuvens como viajantes no caminho. Automoventes, rápidos, incansáveis, eles derrubam os firmes; os Maruts com lanças brilhantes fazem todas as coisas oscilarem.

**12.** A progênie de Rudra nós invocamos com a oração, os rápidos, os brilhantes, os adoráveis,<sup>15</sup> os Ativos. Ao forte grupo de Maruts nos apegamos em busca de felicidade, os caçadores do céu, impetuosos, vigorosos.

**13.** Maruts, o homem a quem vocês protegem com sua ajuda, ele de fato em força supera todos os homens. Ele ganha despojos com seus corcéis, tesouro com seus homens; ele ganha força honrosa e prospera.

**14.** Ó Maruts, para os adoradores deem força gloriosa invencível em batalha, brilhante, que traz riqueza, louvável, conhecida de todos os homens. Que nós criemos bem, durante uma centena de invernos, filho e descendentes.

**15.** Então, ó Maruts, vocês nos darão riqueza durável, abundante em homens, que resiste a ataques – multiplicada por cem, por mil, sempre crescente? Que ele, enriquecido com a oração,<sup>16</sup> venha logo e cedo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 65 \(Griffith\)](#)

---

<sup>12</sup> A nuvem de chuva, a qual na mesma linha é chamada de fonte ou poço.

<sup>13</sup> A música do vento e da tempestade sendo considerada como a canção de louvor dos Maruts. Mas o significado das palavras assim traduzidas não é claro. Sāyaṇa, Benfey e Max Müller dão outras interpretações.

<sup>14</sup> O significado de *vṛṣakhādayaḥ* é incerto; mas o *khādi* parece ter sido um anel usado no braço e no pé. Ele pode também ter sido usado como uma arma, como os discos de borda afiada são usados pelos Sikhs. *Vṛṣa*, como o professor Max Müller observa, ‘transmite o significado de forte, embora possivelmente com a ideia implícita de produção de chuva, fertilização’.

<sup>15</sup> O significado de *vaninam* é incerto. Wilson, de acordo com Sāyaṇa, traduz como ‘derramadores de água’, sendo dito que *vana* significa água. Ludwig sugere ‘residentes nas florestas’, em vez de ‘combatentes’ o qual ele apresenta em sua tradução. ‘Adoráveis’ é sugestão do professor Max Müller, e eu a adoto por ora.

<sup>16</sup> Ou, em geral, invocado por muitos adoradores, ou rico por causa do hino justamente recitado. O último hemistíquio é o refrão usual dos hinos atribuídos a Nodhas.

## Hino 64. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MANDALA I, HINO 64.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 6-8.

1. Para a hoste varonil, os alegres, os sábios, para os Maruts traze, ó Nodhas,<sup>17</sup> uma oferenda pura. Eu preparo canções, como um sacerdote hábil, sábio em sua mente, prepara a água, poderosa em sacrifícios.
2. Eles nascem, os touros altos de Dyu<sup>18</sup> (céu), os jovens varonis de Rudra, os divinos, os impecáveis, puros e brilhantes como sóis; espalhando gotas de chuva, cheios de projetos terríveis, como gigantes.
3. Os Rudras jovens, aqueles que nunca envelhecem, os matadores do demônio,<sup>19</sup> cresceram irresistíveis como montanhas. Eles derrubam com sua força todos os seres, até os mais fortes, na terra e no céu.
4. Eles se enfeitam com ornamentos brilhantes para uma exibição admirável, em seus peitos que eles prenderam (correntes de) ouro por beleza; as lanças em seus ombros trituram em pedaços; eles nasceram juntos por si mesmos, os homens de Dyu.
5. Eles que conferem poder, os que rugem, os devoradores de inimigos, eles fizeram ventos e relâmpagos por meio de seus poderes. Os abaladores ordenham os úberes celestiais (nuvens), eles borrifam a terra por toda parte com leite (chuva).
6. Os generosos Maruts derramam água, poderosa em sacrifícios, o leite fértil (das nuvens). Eles parecem guiar por todos os lados o cavalo poderoso, a nuvem, para fazer chover, eles ordenham a fonte trovejante, incessante.
7. Fortes eles são, poderosos, de belo esplendor, fortes em si mesmos como montanhas, (contudo) deslizando rapidamente para frente; – vocês mastigam florestas, como elefantes selvagens, quando vocês assumiram seus poderes entre as chamas vermelhas.
8. Como os leões eles rugem, os Maruts sábios, eles são belos como antílopes, os oniscientes. À noite, com seus cervos pintalgados (nuvens de chuva) e com suas lanças (relâmpagos) eles incitam os companheiros juntos, eles cuja ira por força é como a ira de serpentes.
9. Vocês que marcham em companhias, os amigos do homem, heróis, cuja ira por força é como a ira de serpentes, saúdam o céu e a terra! Nos assentos em seus carros, ó Maruts, o relâmpago permanece, visível como luz.
10. Oniscientes, cercados por riqueza, dotados de poderes, cantores, homens de bravura infinita armados com anéis fortes,<sup>20</sup> eles, os arqueiros, pegaram a seta em seus punhos.
11. Os Maruts, que com os aros dourados de suas rodas aumentam a chuva, agitam as nuvens, como viajantes na estrada. Eles são rápidos, incansáveis, eles se movem por si mesmos, eles derrubam o que é firme, os Maruts com suas lanças brilhantes fazem (tudo) oscilar.

<sup>17</sup> A primeira linha é endereçada pelo poeta para ele mesmo.

<sup>18</sup> É difícil dizer, em passagens como essa, se Dyu deve ser tomado como o céu ou como uma divindade personificada. Quando os Maruts são chamados de *Rudrasya maryāh*, os filhos de Rudra (7, 56, 1), a personificação é sempre preservada. Portanto, se os mesmos seres são chamados de *Divah maryāh*, isso também, eu penso, deve ser traduzido os filhos de Dyu (3, 54, 13; 5, 59, 6), e não os filhos do céu. Os touros de Dyu é uma expressão mais primitiva e mais vigorosa para o que nós devemos chamar de os ventos fertilizantes do céu.

<sup>19</sup> *Abhog-ghanah*, matadores do demônio, são matadores das nuvens, ou seja, de tais nuvens que não produzem chuva.

<sup>20</sup> Em *vṛṣa khādi* o significado de *khādi* não é claro de modo algum. Sāyaṇa evidentemente adivinha e propõe dois significados, arma ou alimento. Em várias passagens onde ocorre *khādi*, ele parece ser um ornamento em vez de uma arma, mas se derivado de *khad*, morder, ele pode originalmente ter significado algum tipo de arma. Roth traduz por anel, e é certo que esses *khādis* podiam ser vistos não só nos braços e ombros, mas também nos pés dos Maruts. Há uma arma famosa na Índia, o *chakra* ou disco, um aro com bordas afiadas, que é lançado de uma grande distância, com efeito fatal.

**12.** Nós invocamos com prece os filhos de Rudra, o rápidos, os puros, os adoráveis, os ativos. Apeguemo-nos por causa da felicidade à forte companhia dos Maruts, os caçadores do céu, os poderosos, os impetuosos.<sup>21</sup>

**13.** O mortal a quem vocês, Maruts, protegeram, ele de fato supera as pessoas em força através de sua proteção. Ele ganha despojos com os seus cavalos, tesouros com os seus homens, ele adquire sabedoria honrosa, e ele prospera.

**14.** Deem, ó Maruts, para nossos senhores força gloriosa, invencível em batalha, brilhante, que adquire riqueza, louvável, conhecida de todos os homens. Vamos alimentar nossos amigos e parentes durante cem invernos.

**15.** Vocês irão então, ó Maruts, nos conceder riqueza, durável, abundante em homens, que resiste a todos os ataques? – Riqueza multiplicada por cem e por mil, sempre aumentando? – Que ele que é rico em preces<sup>22</sup> (a hoste dos Maruts) chegue cedo e logo!<sup>23</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 85 \(Müller\)](#)

---

<sup>21</sup> *Rjīṣin*, derivado de *rjīṣa*. *Rjīṣa* é o que resta da planta-Soma depois que ela foi uma vez espremida, e que é usado novamente para a terceira libação. Agora, como os Maruts são invocados na terceira libação, eles foram chamados de *rjīṣin*, porque bebem em sua última libação o suco feito do *rjīṣa*. Essa, pelo menos, é a opinião dos comentadores indianos. Mas é muito mais provável que os Maruts fossem invocados na terceira libação porque originalmente eles eram chamados de *rjīṣin* pelos poetas védicos, esse *rjīṣin* sendo derivado de *rjīṣa* e *rjīṣa* de *rj*, se esforçar, ansiar. Assim, os Maruts, por serem chamados de *rjīṣin*, impetuosos, passaram a ser considerados como os bebedores de *rjīṣa*, o Soma fermentado e transbordante, e foram designados conseqüentemente para a terceira libação em sacrifícios.

<sup>22</sup> Rico em preces, isto é, invocado por muitos adoradores.

<sup>23</sup> A última frase termina seis dos hinos atribuídos a Nodhas. Ela é mais adequada em um hino endereçado a divindades individuais, tais como Agni ou Indra, do que em um hino para os Maruts. Nós devemos suprir *śardha*, a fim de obter uma palavra coletiva no masculino singular.

## Hino 65. Agni (Wilson)

(Anuvāka 12. Sūkta I)

O deus é Agni; o Ṛṣi, Parāśara, filho de Śakti, o filho de Vasiṣṭha; a métrica é chamada de Dvipadā Virāṭ.<sup>1</sup>

Varga 9. **1.** As divindades firmes e plácidas te seguiram, Agni, pelas pegadas, quando escondido em um buraco (das águas),<sup>2</sup> como um ladrão (que roubou) um animal, – a ti, que reclamas oblações, e as levas para os deuses. Todos os deuses que têm direito a culto sentam perto de ti.

**2.** Os deuses seguiram os rastros do fugitivo; a busca se estendeu por todos os lugares; e a terra se tornou como o céu; as águas se avolumaram (para esconder a ele), que era muito aumentado por louvor, e estava manifestado, por assim dizer, no útero das águas, a fonte de alimento sacrificial.<sup>3</sup>

**3.** Agni é agradável como nutrição, vasto como a terra, produtivo (de alimento vegetal), como uma montanha, encantador como água; ele é como um cavalo incitado a uma investida em batalha, e como águas correntes.<sup>4</sup> Quem pode detê-lo?

**4.** Ele é parente amável das águas, como um irmão para suas irmãs; ele consome a floresta, como um *Rājā* (destrói seus inimigos); quando excitado pelo vento, ele percorre os bosques, e corta os pelos da terra.<sup>5</sup>

**5.** Ele respira em meio às águas, como um cisne sentado; despertado na alvorada, ele restaura, por suas operações, a consciência aos homens; ele é um criador, como Soma;<sup>6</sup> nascido das águas (onde ele espreitava,) como um animal com membros enrolados, ele se ampliou; e sua luz (se espalhou) ao longe.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 66 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Cada estrofe é dividida em metade; e cada um dos dois *pādas* é considerado como formando uma estrofe completa: por isso é dito que esse hino e os cinco seguintes são *daśarca*, ou têm dez estrofes cada; enquanto, de fato, eles têm somente cinco. [Oldenberg os divide todos em dez, veja a nota 16.]

<sup>2</sup> *Guhā catantaṃ*. É dito que o primeiro termo, geralmente, ‘uma caverna’, se aplica à profundidade das águas, ou ao oco da árvore *Aśvattha*, em ambos os quais Agni se escondeu por uma época.

<sup>3</sup> Um peixe revelou para os deuses onde Agni tinha se escondido; visto que, de acordo com os *Taittirīyas*: “Ele, ocultando-se, entrou nas águas; os deuses desejaram um mensageiro para ele; um peixe o descobriu.”

<sup>4</sup> Os epítetos são, no texto, ligados aos objetos de comparação, embora igualmente aplicáveis a Agni. Algumas das comparações admitem várias interpretações, como por exemplo, o primeiro pode significar o aumento de frutos ou recompensas desejadas, como a consequência de sacrifícios com fogo.

<sup>5</sup> Os frutos, flores, capins, arbustos, e semelhantes, chamados, no texto, de *romā pṛthivyāḥ*.

<sup>6</sup> De modo semelhante como Soma cria ou faz crescer plantas úteis, assim Agni cria, ou extrai delas, a sua qualidade nutritiva. O Agni aqui aludido é o fogo da digestão, o calor do estômago. Agni é o comedor e o soberano do alimento; e, de acordo com o *Vājasaneyi Yajush*: Visto que há alimento e alimentador, assim Soma é o alimento, e o alimentador é Agni.

## Hino 65.<sup>7</sup> Agni (Griffith)

1. Resolutos, sábios, eles te rastrearam como um ladrão à espreita na caverna escura com uma vaca roubada;<sup>8</sup> a ti que reclamas adoração, e a levamos para os deuses; lá perto de ti se sentaram todos os Santos.

2. Os Deuses se aproximaram dos caminhos da Lei Sagrada, houve uma reunião vasta como o próprio céu. As águas alimentam com louvor o Bebê crescente, nascido nobremente no útero, a base da Lei.<sup>9</sup>

3. Como alimento agradável, como uma grande morada, como uma colina frutífera, um rio saudável. Como um corcel incitado a correr em carreira veloz, avançando como o Sindhu,<sup>10</sup> quem pode deter o seu curso?

4. Parente como um irmão para suas irmãs correntes de água, ele come as florestas como um Rei come os ricos.<sup>11</sup> Quando através da floresta, incitado pelo vento, ele se espalha, de fato Agni corta o cabelo da terra.<sup>12</sup>

5. Como um cisne sentado no lago ele arqueja,<sup>13</sup> o mais sábio em mente, entre os homens ele acorda de manhã.<sup>14</sup> Um Sábio como Soma,<sup>15</sup> surgido a partir da Lei, ele cresceu como uma criatura jovem, poderosa, brilhando muito.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 66 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Esse e os oito hinos seguintes são geralmente difíceis, e não raro ininteligíveis.

<sup>8</sup> Os deuses seguiram Agni que tinha fugido, levando com ele o sacrifício como um ladrão leva uma vaca. A *caverna escura* é a profundidade das águas nas quais Agni se escondeu.

<sup>9</sup> O lugar de sacrifício, a Lei ordenada para sempre.

<sup>10</sup> O Indus, ou algum grande rio.

<sup>11</sup> Isto é, como ele mantém sua posição por cobrar contribuições dos ricos.

<sup>12</sup> Grama e arbustos, os quais os incêndios florestais destroem.

<sup>13</sup> Após sua rápida fuga para as águas nas quais ele se escondeu.

<sup>14</sup> Na hora do sacrifício matinal.

<sup>15</sup> Como o Soma deificado.

## Hino 65. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I, HINO 65.<sup>16</sup>  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA. 9.

- 1.<sup>17</sup> A ti que te ocultas em segredo como um ladrão com um animal (que ele roubou) – que atrelaste adoração e levaste adoração –
2. Os sábios seguiram unanimemente por tuas pegadas.<sup>18</sup> Todos (os deuses) dignos de adoração se sentaram (com reverência) perto de ti.
3. Os deuses seguiram as leis de Ṛta. Houve uma abrangência como o céu (engloba) a terra.<sup>19</sup>
4. No colo, no ventre de Ṛta, as águas nutrem a criança excelente com louvor, a ele que é bem nascido.
5. Como boa sorte, como uma ampla morada, como a colina fértil,<sup>20</sup> como o rio refrescante,
6. Como um cavalo de corrida incitado adiante na corrida, como as corredeiras do Sindhu – quem pode detê-lo?
7. (Ele é) o parente dos rios, como um irmão de suas irmãs. Ele come as florestas como um rei (come, ou seja, tira a riqueza) dos ricos.
8. Quando ele se espalhou pelas florestas, impulsionado pelo vento, Agni corta o cabelo da terra.
9. Sentado nas águas ele silva como um cisne. (Ele é) muito famoso por seu poder mental, ele que pertence aos clãs, que desperta ao amanhecer,
10. Um realizador de culto como Soma, o deus nascido de Ṛta, como um animal jovem, estendendo-se ao longe, brilhando à distância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 66 \(Oldenberg\)](#)

<sup>16</sup> A autoria de toda a coleção, 1, 65-73, é atribuída a Parāśara Śāktya. Esses hinos são dirigidos exclusivamente a Agni. A maior parte deles (65-70) é composta na métrica *Virāj*; veja sobre essa métrica o meu *Prolegomena*, 95 e seguintes. Eu dei lá as minhas razões para considerar que cada verso é composto de vinte sílabas, não de quarenta.

<sup>17</sup> O professor Max Müller propõe a seguinte tradução para os versos 1 e 2: “Os sábios (deuses), juntos seguiram a ti (Agni), quando escondido, por meio de pegadas, como se segue um ladrão pelo animal, eles seguiram a ti que aceitas e levavas adoração (aos deuses). Todos os deuses veneráveis se sentaram (reverentemente), perto de ti”.

<sup>18</sup> Nós temos aqui o mito bem conhecido do oculto Agni descoberto pelos deuses. Os 'sábios' (*dhīrāḥ*) são, sem dúvida, os deuses em busca.

<sup>19</sup> A opinião do professor Max Müller sobre essa frase difere da minha. Ele escreve: “Eu preferiria *pariṣṭi*. Mas *pariṣṭi* parece significar uma corrida de um lado para outro, reconhecimento, busca. ‘Houve busca na terra como no céu’, literalmente, a terra, como o céu, era área de reconhecimento”.

<sup>20</sup> O significado é que Agni produz nutrição para todos os seres como uma montanha fertiliza a região pelas águas que descem dela.

## Hino 66. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

Deus, R̥ṣi, e métrica, os mesmos.

Varga 10. **1.** Agni, que é como riqueza maravilhosa, como o Sol que examina tudo, como o ar vital, como um filho bem comportado, como um corcel carregador de cavaleiro, como uma vaca produtora de leite, que é puro e radiante, consome as florestas.

**2.** Como uma mansão segura, ele protege a propriedade; ele (nutre as pessoas) como a cevada; ele é o conquistador de homens (hostis); ele é como um R̥ṣi, o louvador (dos deuses), eminente entre as pessoas (devotas).

**3.** Agni, de brilho inatingível, é como um sacrificador vigilante;<sup>1</sup> ele é um ornamento para todos (na câmara sacrificial), como uma mulher em uma residência. Quando ele brilha, com esplendor extraordinário, ele é como o branco (sol), ou como uma carruagem dourada entre os homens, resplandecente em batalha.

**4.** Ele apavora (seus adversários), como um exército enviado (contra um inimigo), ou como a flecha de ponta brilhante de um arqueiro. Agni, como Yama, é tudo o que nasce; como Yama, tudo o que nascerá.<sup>2</sup> Ele é o amante das donzelas,<sup>3</sup> o marido das esposas.<sup>4</sup>

**5.** Vamos nos aproximar daquele brilhante Agni com oferendas animais e vegetais,<sup>5</sup> como vacas se apressam para seus estábulos. Ele tem lançado suas chamas em volta (para todas as direções), como rios de água corrente; os raios se misturam (com o brilho) visível no céu.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 67 \(Wilson\)](#)

## Hino 66. Agni (Griffith)

**1.** Como o olhar do Sol, como riqueza de tipo variado, como a respiração, que é a vida, como o próprio filho, como um pássaro veloz, uma vaca que produz seu leite, puro e refulgente em direção à floresta ele acelera.

**2.** Ele oferece segurança como uma casa agradável, como grãos amadurecidos, o Conquistador dos homens. Como um Vidente louvando, famoso entre o povo; como um corcel<sup>6</sup> amigável ele nos concede poder.

<sup>1</sup> Como o realizador de um sacrifício cuida para que nada arruine o rito, desse modo Agni o defende de interrupção por *Rākṣasas*.

<sup>2</sup> De acordo com o comentador, *yama*, aqui, tem somente seu significado etimológico: ‘aquele que dá o objeto desejado para os adoradores’, em qual sentido ele é um sinônimo de Agni. Ou pode ser aplicado a ele como um dos gêmeos (*yama*), por causa do nascimento simultâneo de Indra e Agni, segundo Yāska. É dito que *jāta* significa todos os seres existentes; *janitva*, aqueles que vão existir; ambos são idênticos a Agni, como *Yama*, por causa da dependência de toda a existência, passada, presente, e futura, da adoração com fogo.

<sup>3</sup> Porque elas deixam de ser donzelas quando a oferenda ao fogo, a parte essencial da cerimônia nupcial, é completada.

<sup>4</sup> A esposa tendo uma parte principal em oblações ao fogo. Ou, uma lenda é aludida, de Soma, que, tendo obtido – não aparece como – uma donzela, a entregou ao *Gandharva* Viśvávasu; ele a transferiu para Agni, que a deu para um marido mortal, e concedeu a ela riqueza e progênie. Essa estrofe inteira é comentada similarmente no *Nirukta* X, 21.

<sup>5</sup> Assim o comentador explica os termos *carāthā* e *vasatyā*, invocações incitadas por mentes purificadas por oferendas de coisas móveis, isto é, animais; ou de coisas imóveis, como arroz, e semelhantes.

<sup>6</sup> Como um cavalo de guerra que ajuda a ganhar despojos em batalha.

3. Com chama insaciável, como força eterna; cuidando de cada um como uma senhora em casa, brilhante quando ele resplandece, esbranquiçado em meio às pessoas, como um carro, enfeitado com ouro, ressoando para a batalha.

4. Ele enche de terror como um dardo disparado, assim como uma flecha de um arqueiro com ponta de chama; mestre da vida presente e futura, o amante das donzelas<sup>7</sup> e o Senhor das mães de família.<sup>8</sup>

5. A ele levam todos os seus caminhos; que nós alcancemos o Deus aceso como vacas sua casa à noite. Ele lança as chamas para baixo como inundações o seu aumento: os raios se elevam até o belo local do céu.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 67 \(Griffith\)](#)

### Hino 66. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA I, HINO 66.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 10.

1. Semelhante à riqueza excelente, semelhante ao brilho do sol, semelhante ao sopro vital, semelhante ao próprio filho

2. Semelhante a um veloz *takvan*<sup>9</sup> (Agni) pega a madeira, como o leite, como uma vaca leiteira, luminoso e brilhante.

3. Ele mantém a segurança, agradável como uma herdade, como cevada madura, um conquistador de homens,

4. Como um Ṛṣi proferindo gritos (sagrados), louvado entre os clãs; como um cavalo de corrida bem cuidado, Agni concede vigor.

5. Ele a cuja chama os homens não se acostumam, que é como a própria mente, como uma esposa em uma cama, (felicidade) suficiente para todos.

6. Quando o brilhante (Agni) resplandeceu, ele é como um (cavalo)<sup>10</sup> branco entre as pessoas, como uma carruagem com ornamentos dourados, impetuosa nas lutas.

7. Como um exército que é enviado adiante ele mostra sua veemência, como a flecha de ponta afiada de um arqueiro.

8. Aquele que nasce é um gêmeo; aquele que vai nascer é o outro gêmeo<sup>11</sup> – amante de donzelas, o marido de esposas.<sup>12</sup>

9. Como as vacas vão para seus estábulos, tudo o que se move e nós, por causa de uma residência, chegamos a ele que foi aceso.

10. Como a corrente do Sindhu ele tem levado adiante as (águas) que fluem para baixo. As vacas mugiram com a visão do sol.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 67 \(Oldenberg\)](#)

<sup>7</sup> A oferenda para Agni sendo uma parte essencial da cerimônia religiosa de casamento.

<sup>8</sup> Filhos sendo especialmente o presente de Agni, em cujo culto a esposa do sacrificador tem uma parte importante.

<sup>9</sup> Nós não sabemos qual animal o *takvan* é. Veja a nota de Max Müller em 1.134.5.

<sup>10</sup> A palavra aqui é um adjetivo, *śveta*, significando 'branco', e nada mais. Nós devemos fornecer, como em muitas passagens, um substantivo, e eu não vejo nenhuma razão pela qual esse não possa ser aquele substantivo com o qual *śveta* está mais frequentemente combinado no *Rg Veda*.

<sup>11</sup> O professor Max Müller interpreta o gêmeo que nasceu, como Agni representando a manhã, e o gêmeo que vai nascer, como [Agni representando] a noite.

<sup>12</sup> As donzelas, muito provavelmente, são as auroras. As mulheres são as conchas sacrificais que se aproximam Agni, ou as oferendas de *ghee*, ou as preces? Veja Bergaigne, *Rel. Védique*, II, 9 e seguintes.

## Hino 67. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O mesmo deus, Ṛṣi, e métrica, continuam.

Varga 11. **1.** Nascido nas florestas, o amigo do homem, Agni protege seu adorador, como um Rājā favorece um homem competente. Bondoso como um defensor, próspero como um realizador (de boas) obras, que ele, o invocador dos deuses, o transportador de oblações,<sup>1</sup> seja propício.

**2.** Levando, em sua mão, toda a riqueza (sacrificial), e se escondendo nas cavernas (das águas), ele encheu os deuses de temor. Os líderes, (os deuses), os mantenedores de ações, então reconhecem Agni, quando eles recitaram as preces concebidas no coração.

**3.** Como o ainda não nascido (sol), ele mantém a terra e o firmamento, e sustenta o céu com preces verdadeiras.<sup>2</sup> Agni, em quem se encontra todo o sustento, cuida dos lugares que são agradáveis para animais; dirige-te (para os lugares) onde não há pasto.<sup>3</sup>

**4.** Aquele que conhece Agni, escondido nas cavernas; aquele que se aproxima dele, como o mantenedor da verdade; aqueles que, realizando adoração, repetem os louvores deles; para eles, indubitavelmente, ele promete afluência.

**5.** Os sábios, honrando Agni (primeiro), assim como eles fazem com uma residência,<sup>4</sup> adoram a ele que implanta as virtudes (peculiares) delas nas ervas, como progênie em seus pais, e que, a fonte de conhecimento e de todo o sustento, (permanece) no domicílio das águas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 68 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 67. Agni (Griffith)

**1.** Vitorioso na floresta,<sup>5</sup> Amigo entre os homens, ele sempre clama obediência como um Rei. Agradável como a paz, bênção como a energia mental, ele era o Sacerdote, carregador de oferenda, cheio de pensamento.

**2.** Ele, tendo em sua mão toda a força varonil, agachado na caverna,<sup>6</sup> encheu os Deuses de temor. Homens cheios de compreensão o encontram lá, quando eles cantam preces formadas em seu coração.

**3.** Ele, como o Não Nascido,<sup>7</sup> sustenta a ampla terra; e com afirmação efetiva fixou o céu. Ó Agni, protege os locais que o gado ama;<sup>8</sup> tu, a vida de todos, tens ido de toca em toca.

---

<sup>1</sup> *Havyavāh*, aqui usado geralmente, é, propriamente, o carregador de oblações para os deuses; o *Veda* reconhecendo, além dos fogos usuais, três Agnis: *Havyavāh* ou *Havyavāhana*, aquele que transporta oblações para os deuses; *Kavyavāh*, que as transporta para os *Pitṛs*, ou Espíritos dos Mortos; e *Saharaksas*, o que recebe aquelas oferecidas aos *Rākṣasas*.

<sup>2</sup> De acordo com os *Taittirīyas*, os deuses, alarmados pela obliquidade da região do sol, e temendo que ela pudesse cair, sustentaram-na no alto com as métricas do *Veda*, – um ato aqui atribuído a Agni.

<sup>3</sup> *Guhā ghuhaṃ gāḥ*. *Guhā* aqui significa, aparentemente, uma área árida ou acidentada imprópria para pastagem, ou, como diz o comentário, um lugar inadequado para pasto, e o qual Agni pode, portanto, chamoscar impune.

<sup>4</sup> Ao construir uma casa, primeiro é oferecido culto ao edifício; e ele é então colocado em uso. Assim, Agni deve ser adorado primeiro, e em seguida usado em quaisquer ritos sacrificiais.

<sup>5</sup> Subjugando o combustível e reduzindo-o a cinzas.

<sup>6</sup> Oculto na profundidade escura das águas. Veja 1.65.1.

<sup>7</sup> O Sol; considerado como o Deus Supremo.

4. Aquele que o conhece residindo em sua toca, e se aproximou da corrente da Lei Sagrada,<sup>9</sup> – aqueles que o libertam,<sup>10</sup> prestando ritos sagrados, de fato para esses ele anuncia grande prosperidade.

5. Aquele que cresce poderosamente nas ervas, dentro de cada mãe fértil e de cada bebê que ela carrega; sábio, a vida de todos os homens, no lar das águas, – para ele os sábios construíram, por assim dizer, um assento.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 68 \(Griffith\)](#)

## Hino 67. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I, HINO 67.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 11.

1. Vitorioso nas florestas, um amigo entre os homens, ele exige obediência como um rei, o imperecível.

2. Como boa paz, como sabedoria auspiciosa, que ele (Agni) seja um Hotṛ bondoso, um portador de oferendas.

3. Tendo tomado em suas mãos todos os poderes viris, ele fez os deuses temerem, quando sentado em seu esconderijo.

4. Lá os homens pensativos o encontram, quando eles recitaram as palavras que eles formaram em seu coração.

5. Como o bode<sup>11</sup> (sustenta) a terra, assim ele sustenta a terra;<sup>12</sup> ele sustém o céu por meio de suas palavras eficazes.

6. Protege os queridos passos do gado. Ó Agni, tu que tens uma vida plena, tu tens ido de cova em cova.

7. Aquele que viu a ele o oculto, aquele que se aproximou da corrente de Ṛta<sup>13</sup> –

8. Aqueles que o trazem para fora, prestando serviço a Ṛta, para ele,<sup>14</sup> ele então indica riquezas.

9. Aquele que cresce com poder dentro das plantas, e dentro das crianças, e dentro da grama brotando –

10. O esplendor no lar das águas, o de vida plena. Os sábios o fizeram como se construindo um assento.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 68 \(Oldenberg\)](#)

<sup>8</sup> Como tu sabes por experiência quão agradável é encontrar um lugar de refúgio seguro, não queimes os lugares onde o gado encontra refúgio e alimento.

<sup>9</sup> Ou, como Sāyaṇa explica, o mantenedor da verdade ou do sacrifício, isto é, Agni.

<sup>10</sup> O libertam, por atrito, dos bastões de fogo.

<sup>11</sup> Sobre o bode mítico [traduzido como ‘O Não Nascido’ por Wilson e Griffith] cujo ofício é sustentar os mundos, veja 1, 164, 6; 8, 41, 10; 10, 82, 6; Bergaigne, III, 21; H.O., *Religion des Veda*, 72.

<sup>12</sup> Por ‘terra’ o texto tem duas palavras diferentes, *kṣāṃ* e *pṛthivīm*.

<sup>13</sup> A corrente de *Ṛta* parece significar a corrente de bênçãos (como chuva, *ghee*, etc.), que flui para a humanidade de acordo com as leis eternas de *Ṛta*.

<sup>14</sup> O poeta passa do plural para o singular.

## Hino 68. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

O Ṛṣi, etc., inalterados.

Varga 12. **1.** O portador (de oblações), (Agni), misturando-as (com outros ingredientes), ascende para o céu, e cobre (com luz) todas as coisas, móveis ou imóveis,<sup>1</sup> e as próprias noites; radiante entre os deuses, e, em si mesmo somente, compreendendo as virtudes de todas essas (substâncias).<sup>2</sup>

**2.** Quanto, divino Agni, tu nasces, vivo, a partir da madeira seca, (por atrito), então todos (os teus adoradores) realizam a cerimônia sagrada, e obtêm, de fato, divindade verdadeira, por louvarem a ti, que és imortal, com hinos que chegam a ti.

**3.** Louvores são endereçados a ele que tem se dirigido (à solenidade); oblações (são oferecidas) a ele que tem ido (ao sacrifício); nele está todo o sustento; (e para ele) todas (as pessoas devotas) têm realizado os ritos (costumeiros). Agni, conhecendo (os pensamentos do adorador), concede riquezas àquele que te oferece oblações, ou que deseja (ser capaz de oferecê-las).

**4.** Tu resides com os descendentes de Manu,<sup>3</sup> como o invocador (dos deuses); tu és, de fato, o senhor das posses deles. Eles desejam (de ti) força geradora em seus corpos; e, associados com a própria prole excelente deles, eles contemplam (todas as coisas), imperturbados.

**5.** Apressando-se para obedecer aos comandos de Agni, como filhos (obedientes às ordens) de um pai, eles celebram o culto dele. Abundante em alimento, Agni abre, diante deles, tesouros que são as portas do sacrifício; e ele que se deleita na câmara sacrificial encheu o céu com constelações.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 69 \(Wilson\)](#)

## Hino 68. Agni (Griffith)

**1.** Misturando,<sup>4</sup> inquieto, ele sobe ao céu, revelando noites e tudo o que fica parado ou se move; porque ele o único Deus é preeminente em grandeza entre todos esses outros Deuses.

**2.** Todos os homens são alegres em teu poder, ó Deus, que vivo da madeira seca tu nasces. Todos realmente compartilham da tua Divindade enquanto eles mantêm, em seus modos habituais, a Lei eterna.

**3.** Forte é a ideia da Lei, o comando da Lei; todas as obras eles têm realizado; ele estimula a todos.<sup>5</sup> A quem quer que traga oblação, presentes para ti, para ele, que se lembra de ti, concede riqueza.

<sup>1</sup> Isto é, o mundo, composto e coisas móveis e imóveis.

<sup>2</sup> Ou, isso pode ser traduzido como 'ele sozinho supera as glórias de todos esses deuses'.

<sup>3</sup> Com a humanidade.

<sup>4</sup> Agni, devorando e fundindo com suas chamas e fumaça os elementos das oblações as quais ele leva para os deuses.

<sup>5</sup> Eu não posso elaborar nada do primeiro hemistíquio.

4. Sentado como Sacerdote com a progênie de Manu,<sup>6</sup> de todos esses tesouros somente ele é o Senhor. Os homens anseiam por filhos<sup>7</sup> para prolongar a linhagem deles, e não são desapontados em sua esperança.

5. Zelosamente aqueles que ouvem sua ordem realizam o desejo dele como filhos obedecem ao comando de seu pai. Ele, rico em alimentos, abre sua riqueza como portas: ele, o Amigo da Casa,<sup>8</sup> enfeitou a abóbada do céu com estrelas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 69 \(Griffith\)](#)

### **Hino 68. Agni (Oldenberg)**

MANḌALA I, HINO 68.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 12.

1. Cozinhando (as oblações) o veloz se aproximou do céu. Ele revelou as noites e o que fica parado e se move –

2. Quando apenas ele o deus, de todos esses deuses abarcou (os outros) por sua grandeza.

3. Quando tu, ó Deus, nasceste vivo da (madeira) seca, então todos (deuses e homens) ficaram satisfeitos com a tua sabedoria.

4. Eles todos obtiveram o nome de divindade, de imortalidade, servindo Ṛta de modo adequado.

5. As instigações de Ṛta, o pensamento de Ṛta: todos eles realizaram as obras daquele de vida plena.

6. Concede riqueza, tu que és o conhecedor, àquele que te adora ou que presta serviço a ti.

7. Aquele que se senta como o Hotṛ entre filhos de Manu: ele, na verdade, é o mestre de todas essas riquezas.

8. Eles ansiavam juntos pela semente em seus corpos,<sup>9</sup> e os sábios eram concordantes entre si em suas mentes.

9. Eles tinham prazer na vontade dele, como filhos (têm prazer na vontade) de seu pai, os rápidos que ouviram seu comando.

10. Ele, que é rico em alimentos, abriu as portas da riqueza. O chefe de família (Agni) decorou o céu com estrelas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 69 \(Oldenberg\)](#)

<sup>6</sup> Todos os homens arianos.

<sup>7</sup> Os homens têm filhos por seu desejo, como a recompensa da sua adoração fiel de Agni.

<sup>8</sup> Ele, Agni, que é o amigo e guardião de toda casa em seu caráter de fogo doméstico, como o Sol, o Criador, o Deus Supremo, fez o céu e o enfeitou com estrelas.

<sup>9</sup> Alguma luz é lançada sobre esse verso obscuro pelo hino 1.72, um hino pertencente, como o nosso hino, à coleção de Parāśara. É mostrado no segundo verso daquele hino (veja abaixo), que os buscadores são os deuses que procuram Agni. Parece provável, portanto, que a 'semente' seja Agni.

## Hino 69. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O mesmo que o anterior.

Varga 13. **1.** Branco brilhante (Agni), como o (sol), o extintor da alvorada, é o iluminador (de todos), e enche unidos (o céu e a terra com luz), como o brilho do radiante (sol). Tu, logo que manifestado, permeaste todo o mundo com atos devotos, sendo (ambos) o pai e o filho dos deuses.<sup>1</sup>

**2.** O sábio, o humilde, e o judicioso Agni é o concessor de sabor ao alimento; como o úbere das vacas (dá doçura ao leite). Convidado (para a cerimônia), ele senta na câmara sacrificial, espalhando felicidade, como um homem benevolente, entre a humanidade.

**3.** Ele espalha alegria em uma residência, como um filho (recém) nascido; ele supera homens (opositores), como cavalo de batalha animado. Quaisquer seres (divinos) que eu possa, junto com outros homens, invocar (para a cerimônia), tu, Agni, assumes todas as qualidades celestiais (deles).<sup>2</sup>

**4.** Que (os espíritos malignos) nunca interrompam aqueles ritos nos quais tu deste a (esperança de) recompensa para as pessoas (que os celebram); pois, se (tais espíritos) perturbarem o teu culto, então, ajudado por seguidores como tu mesmo,<sup>3</sup> tu afugentas os intrusos.

**5.** Que Agni, que é possuidor de luz múltipla, como o extintor da alvorada,<sup>4</sup> o concessor de residências, e de forma reconhecível, considere (os desejos) desse (seu adorador). (Seus raios), levando a oblação espontaneamente, abrem as portas (da câmara sacrificial) e, todos, se espalham pelo céu visível.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 70 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 69. Agni (Griffith)

**1.** Brilhante, esplêndido, como amante da Alvorada,<sup>5</sup> ele encheu os dois mundos unidos<sup>6</sup> como com a luz do céu. Quando nasceste, com poder tu os circundaste: Pai dos Deuses, e, contudo seu Filho tu eras.

**2.** Agni, o Sábio, o humilde, que discerne como o úbere da vaca,<sup>7</sup> o sabor doce do alimento, como um concessor de bem-aventurança a ser atraído para os homens, senta benevolente no meio da casa.

---

<sup>1</sup> *Devānām pitā putraḥ san*. A passagem também é explicada, o protetor, ou dos deuses, ou dos sacerdotes (*ritvijām*), e seu mensageiro, isto é, ao comando deles, como um filho; mas as expressões devem, provavelmente, ser usadas em seu sentido literal, com uma aplicação metafórica. Pode-se dizer que Agni, como o transportador de oblações, dá sustento paterno aos deuses; ao passo que ele é filho deles, como o oferecedor, para eles, de oferendas sacrificais.

<sup>2</sup> Isto é, ele se torna da forma, ou natureza, daquela divindade; como no texto: “Tu nasceste como Varuṇa, ó Agni; tu te tornas Mitra quando aceso”, (5.3.1).

<sup>3</sup> Com iguais líderes, ou homens; isto é, com os Maruts.

<sup>4</sup> Essa frase é, aqui, assim como no primeiro verso, *uṣo na jārah*; o último sendo explicado por *jarāyitr*, o causador de decadência. O sol oblitera a alvorada por seu brilho superior.

<sup>5</sup> O Sol e Agni são chamados de amantes de Uṣas ou Aurora. Agni é assim chamado por fazer seu aparecimento como fogo sacrificial no primeiro romper do dia.

<sup>6</sup> Céu e terra unidos em uma única concepção dual.

3. Nascido na residência como um filho encantador, satisfeito, como um cavalo forte, ele leva o povo adiante. Quando os homens e eu, com heróis, chamamos, que Agni então ganhe tudo através do poder Divino.<sup>8</sup>

4. Ninguém transgride essas tuas leis sagradas quando tu tens concedido audiência para esses comandantes aqui. Este é teu motivo de orgulho, tu derrotaste com teus iguais, e unido com os heróis rechaçaste a desgraça.

5. Como o amante da Alvorada, espalhando luz, conhecido como colorido como a manhã, que ele se lembre de mim. Eles, levando por si mesmos,<sup>9</sup> abrem as portas: todos eles ascendem para o belo lugar do céu.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 70 \(Griffith\)](#)

### Hino 69. Agni (Oldenberg)

MANDALA I, HINO 69.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 13.

1. Brilhante, flamejante, como o amante da Aurora,<sup>10</sup> ele tem, como a luz do céu, enchido os dois (mundos do Céu e da Terra), que estão voltados um para o outro.

2. Logo que tu nasceste tu te distinguiste pelo teu poder mental; sendo o filho dos deuses tu te tornaste o pai deles.

3. (Agni é) um adorador (dos deuses), nunca insensato, (sempre) judicioso; (ele é) como o úbere das vacas; (ele é) a doçura do alimento<sup>11</sup> –

4. Como um amigo bondoso para os homens, para não ser extraviado, sentado no meio, o mais adorável, na casa;

5. Como uma criança quando nasce, ele é encantador em casa; como um cavalo de corrida que é bem cuidado, ele tem vagado através dos clãs.

6. Quando eu chamar (para o sacrifício) os clãs que residem na mesma habitação com os heróis, que Agni então obtenha todos os poderes divinos.<sup>12</sup>

7. Quando tu escutaste esses heróis, ninguém transgride aquelas tuas leis.

8. Aquele de fato é o teu ato extraordinário, que tu mataste, com teus companheiros, (todos os inimigos), que, acompanhado pelos heróis, tu tens realizado as tuas obras.

9. Como o amante da Aurora resplandecente e brilhante, de forma familiar: que ele (desse modo) preste atenção nesse (sacrificador).

10. Transportando (a ele) eles abriram por si mesmos as portas (do céu). Todos eles gritaram pelo aspecto do sol.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 70 \(Oldenberg\)](#)

<sup>7</sup> Agni discerne e seleciona os sabores doces das oblações do mesmo modo como o úbere de uma vaca seleciona e assimila os sucos doces da grama e ervas para a produção de leite.

<sup>8</sup> O significado do segundo hemistiquio não é claro.

<sup>9</sup> Ou, seus raios levando a oblação por sua própria vontade, ou os corcéis que puxam espontaneamente a carruagem da Alvorada.

<sup>10</sup> O amante da Aurora é aqui o Sol.

<sup>11</sup> Veja em 5. 7. 6.

<sup>12</sup> Talvez *devatvā* seja um instrumental, como Ludwig o toma. Neste caso nós teremos que traduzir: “Que Agni pelo seu divino poder obtenha tudo.”

## Hino 70. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

Ṛṣi, etc. como antes.

Varga 14. **1.** Nós pedimos (alimento) abundante. Agni, que deve ser aproximado por meditação, e brilha com luz pura, permeia todos os ritos sagrados, conhecendo bem os atos que são endereçados às divindades, e (aqueles que regulam) o nascimento da raça humana.

**2.** (Eles oferecem oblações) na montanha, ou na mansão, para aquele Agni, que está dentro das águas, dentro das florestas,<sup>1</sup> e dentro de todas as coisas móveis ou imóveis, imortal, e realizando atos virtuosos, como um (príncipe) benevolente entre seu povo.

**3.** Agni, o senhor da noite,<sup>2</sup> concede riquezas para (o adorador) que o cultua com hinos sagrados. Agni, que és onisciente, e conheces a origem de deuses e homens, protege todos esses (seres que residem) sobre a terra.

**4.** Agni, a quem muitas (manhãs) e noites de diversos matizes aumentam, a quem, investido com a verdade, todas as coisas móveis e imóveis aumentam, tem sido propiciado, e está bondosamente sentado no rito sagrado, como o invocador (dos deuses), e tornando todos os atos (religiosos produtivos) de recompensa.

**5.** Agni, confere excelência ao nosso gado valioso; e que todos os homens nos tragam tributo aceitável. Oferecendo, em muitos lugares, sacrifícios a ti, os homens recebem recompensas de ti, como (filhos) de um pai idoso.

**6.** (Que Agni), que é como alguém que tem sucesso (em seus empreendimentos), e adquire (o que ele deseja), que é como um guerreiro lançando um dardo, e parece um adversário temível, que é brilhante em combates, (seja, para nós, um amigo).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 71 \(Wilson\)](#)

## Hino 70. Agni (Griffith)

**1.** Que nós, os devotos, ganhemos muito alimento por meio da oração, que Agni com luz bela permeie cada ato,<sup>3</sup> – ele, o observador das leis celestes dos Deuses, e da raça do homem mortal.

**2.** Ele que é o germe das águas, o germe das florestas, o germe de todas as coisas que não se movem e que se movem, – a ele, até na rocha e na casa: Imortal, ele cuida de toda a humanidade.

**3.** Agni é o Senhor das riquezas para o homem que lhe serve prontamente com cânticos sagrados. Protege esses seres com pensamento cuidadoso, conhecendo as raças de Deuses e de homens.

**4.** A quem muitas alvoradas e noites, diferentes, tornam forte, a quem, nascido na Lei, todas as coisas que se movem e ficam paradas, – ele foi obtido, o Arauto que repousa na luz, tornando efetivas todas as nossas obras santas.

<sup>1</sup> Ele é o *garbha*, o embrião, o germe interno de calor e vida, nas águas, etc., todos os quais dependem, para existência, do calor natural ou artificial.

<sup>2</sup> *Kṣapāvat*, – tendo, ou possuindo, a noite, como então especialmente brilhante e luminoso.

<sup>3</sup> Isto é, esteja presente e regule todos os nossos atos de culto; ou o significado pode ser ‘obtenha todo presente’, receba toda oblação que nós oferecemos.

5. Tu pões valor em nossas vacas e bosques: todos trarão tributo para nós para a luz. Os homens têm te servido em muitos e diversos lugares, compartilhando, por assim dizer, a riqueza de um pai idoso.
6. Como um arqueiro corajoso, como alguém habilidoso e ousado, um vingador feroz, desse modo ele brilha em batalha.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 71 \(Griffith\)](#)

## Hino 70. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I, HINO 70.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 14.

1. Que nós, os pobres, tenhamos sucesso em muitos pensamentos (piedosos). Que Agni com seu esplendor puro obtenha tudo –
2. Ele que compreende as leis divinas e o nascimento da raça humana.
3. Ele, que é o filho das águas, o filho das árvores, o filho do que fica parado, e o filho do que se move.
4. Mesmo na rocha (eles têm feito homenagem) a ele, em sua residência.<sup>4</sup> (Ele é) como um protetor dos clãs, o imortal, ele que é de boa vontade.
5. Pois ele, Agni, (se mostra como um) protetor da terra (senhor) das riquezas para o homem que o satisfaz com (orações) bem pronunciadas.
6. Protege, ó conhecedor, esses seres, tu que conheces o nascimento dos deuses e dos homens.
7. Ele a quem muitas noites (e alvoradas), em suas diferentes formas, podem aumentar, a quem o que se move e o que fica parado (aumenta), o deus impregnado por Ṛta –
8. Aquele Hotṛ que se sentou no sol, tem sido adorado com sucesso (pelos sacrificadores humanos), ele que de fato realiza todas as suas obras.
9. Às vacas, às árvores tu tens concedido excelência. Que todos os homens nos tragam tributo no sol.<sup>5</sup>
10. Em muitos lugares os homens têm te adorado. Eles têm (te) levado para lugares diferentes, como filhos (dividem) a propriedade de um pai idoso.
- 11<sup>6</sup>. (Ele é) como um homem ávido que vai direto (para o seu objetivo), como um arqueiro poderoso, como um vingador temível, impetuoso em disputas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 71 \(Oldenberg\)](#)

<sup>4</sup> Ou: até na rocha (eles têm feito homenagem) para ele, e na habitação (humana)? Eu acredito que nós devemos fornecer um verbo do qual o dativo *asmai* dependa. Ludwig propõe ler *duroṇām*: 'dentro da pedra é a sua morada'. Veja 2, 1, 1; 4, 48, 5.

<sup>5</sup> Não é mais provável que o tributo fosse trazido para Agni (veja 5, 1, 10) do que para os adoradores humanos? Possivelmente nós deveríamos mudar *svaḥ ṇaḥ* (*svaṛ ṇaḥ* do *Samhitāpāṭha*) para *svaṛṇaḥ*. A tradução seria: "Todos os homens têm trazido tributo a ti, ó herói-sol!"

<sup>6</sup> Esse verso possivelmente pode ser uma adição posterior. Veja Bergaigne, *Recherches sur l'Histoire de la Samhitā*, I, 61.

## Hino 71. Agni (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; mas a métrica é Triṣṭubh.

Varga 15. **1.** Os dedos contíguos, amando o afetuoso Agni, como esposas amam seus próprios maridos, o satisfazem (com oblações oferecidas), e honram a ele, que tem direito à honra, (com gesticulações), como os raios de luz (são assíduos no serviço) da alvorada, a qual é (a princípio), escura, (então) luminosa, (e finalmente) radiante.

**2.** Os nossos antepassados, os Aṅgirasas, por seus louvores (de Agni), amedrontaram o devorador forte e audaz, (Paṇi), pelo som. Eles fizeram, para nós, um caminho para o vasto céu, e obtiveram dia acessível, o emblema do dia,<sup>1</sup> (Āditya), e as vacas (que tinham sido roubadas).

**3.** Eles guardaram a ele (Agni, na câmara sacrificial); eles fizeram do culto dele a fonte de riqueza; por isso devotos opulentos preservam os fogos dele, e praticam os direitos dele. Livres de todo (outro) desejo, assíduos na adoração dele, e sustentando os deuses e homens por meio de suas oferendas, eles vão à sua presença.<sup>2</sup>

**4.** Quando o ar vital difuso<sup>3</sup> excita Agni, ele se torna brilhante e manifesto<sup>4</sup> em toda mansão; e o instituidor do rito, imitando Bhṛgu, o persuade a realizar a função de mensageiro; como um príncipe que se tornou um amigo envia um embaixador para seu (conquistador) mais poderoso.<sup>5</sup>

**5.** Quando (o adorador) oferece uma oblação para seu grande e ilustre protetor, o ávido (Rakṣas), te reconhecendo, Agni, se retira; mas Agni, o arqueiro, manda atrás dele uma flecha ardente a partir do seu arco terrível; e o deus concede luz para sua própria filha, (a alvorada).

Varga 16. **6.** Quando (o adorador) te acende na própria residência dele, e te oferece uma oblação, desejando isso diariamente, tu, Agni, aumentado de duas maneiras, (como mediano, e como o melhor), aumentas os meios de sustento dele. Que aquele a quem tu mandas com seu carro para a batalha retorne com riqueza.

**7.** Todas as iguarias (sacrificais) se concentram em Agni, como os sete grandes rios fluem para o oceano. O nosso alimento não é comido por nossos parentes;<sup>6</sup> portanto, tu, que conheces (todas as coisas), torna os nossos desejos conhecidos para os deuses.

**8.** Que aquela faculdade (digestiva de Agni), a qual tem relação com o alimento, seja concedida ao devoto e ilustre protetor dos sacerdotes, como a fonte de força viril;<sup>7</sup> e que

<sup>1</sup> *Ketu*, o indicador ou causador do dia ser conhecido; isto é, de acordo com o comentador, *Āditya*, o Sol.

<sup>2</sup> Essa estrofe e a anterior são confirmativas da parte tida pelos Aṅgirasas na organização, se não na criação, do culto do Fogo.

<sup>3</sup> *Mātariśvan* é um nome comum de *Vāyu*, ou Vento; mas é dito que aqui ele significa o ar vital principal (*mukhyaprāṇa*), dividido (*vihṛta*), nos cinco ares assim denominados, como em um diálogo entre eles, citado pelo comentador: “Para eles disse o ar Ariṣṭa: ‘Não fiquem surpresos; pois eu, tendo me tornado quintuplo, e tendo detido a flecha, sustento (a vida).’”

<sup>4</sup> *Jenya*, de *Jana*, ser nascido; ou pode ser derivado de *ji*, conquistar, e ser traduzido como ‘vitorioso’; porque, de acordo com os *Taittirīyas*, “os deuses e os Asuras uma vez estavam envolvidos em combate; os primeiros, estando alarmados, entraram no fogo; portando eles chamam Agni de todos os deuses, que, tendo feito dele seu escudo, derrotaram os Asuras”. Assim, no *Aitareya Brāhmaṇa*, “os deuses, tendo despertado Agni, e o colocado diante deles, no sacrifício matutino, repulsaram, com ele em sua vanguarda, os *Asuras* e *Rākṣasas*, no rito da manhã”.

<sup>5</sup> Isso expressa uma noção ainda corrente entre as nações do Oriente, que a missão de um enviado a um príncipe estrangeiro é um reconhecimento da superioridade do último.

<sup>6</sup> Isto é, nós não temos nenhuma sobra para outros.

Agni nasça, como (seu) filho robusto, impecável, vigoroso e inteligente, e o instigue (para atos de culto).

9. O Sol, que percorre, sozinho, o caminho do céu, com a velocidade do pensamento, é, ao mesmo tempo, senhor de todos os tesouros; os dois reis, Mitra e Varuṇa, com mãos generosas, são os guardiões da preciosa ambrosia do nosso gado.

10. Não desfaças, Agni, a nossa amizade ancestral; pois tu és conhecedor do passado, assim como do presente. Do mesmo modo como a luz (corre pelo) céu, assim a decadência enfraquece (o meu corpo). Pensa em mim, antes que aquela fonte de destruição (prevaleça).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 72 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 71. Agni (Griffith)

1. Amando o Afetuoso,<sup>8</sup> como esposas seus maridos, as irmãs de um lar<sup>9</sup> o têm incitado adiante, de cor brilhante, assim como as vacas<sup>10</sup> amam a manhã, escura, irrompendo à visão, e radiante avermelhada.

2. Os nossos antepassados com louvores rebentaram até a fortaleza firmemente estabelecida, sim, os Aṅgiras,<sup>11</sup> com bramido, a montanha. Eles fizeram para nós um caminho para alcançar o céu alto, eles nos forneceram dia, luz, sinal do dia, raios da manhã.

3. Eles restabeleceram a ordem, tornaram seu serviço<sup>12</sup> produtivo; então os dividindo entre os fiéis ansiosos, não ansiando por alguma coisa, eles vêm, os mais ativos, enquanto com alimento doce a raça dos deuses eles fortalecem.

4. Visto que Mātariśvan,<sup>13</sup> muito difundido, o tem agitado, e ele em toda casa se tornou brilhante e nobre, a ele, como Bhṛgu eu tenho ido como seu companheiro, como em uma missão para um Soberano maior.

5. Quando o homem verteu suco para o Céu, o poderoso Pai, ele soube e se libertou do abraço apertado. O arqueiro corajosamente atirou nele sua flecha, e o Deus lançou seu esplendor em sua filha.<sup>14</sup>

6. Todo aquele que tem chamais para ti dentro da residência dele, ou traz o culto que tu amas diariamente, tu de poder duplo aumentas sua substância: que aquele a quem tu incitas encontre riquezas.

7. Todas as iguarias sacrificais servem Agni como os Sete Rios<sup>15</sup> poderosos buscam o oceano. Pelos nossos irmãos o nosso alimento não foi descoberto:<sup>16</sup> encontra com os Deuses proteção para nós, tu que conheces.

---

<sup>7</sup> Isto é, o vigor derivado do *agni* digestivo. Ou *retas* pode ser traduzido como 'água'; quando a passagem irá significar, 'que fogo e água, ou calor e umidade, se espalhem pela terra, para a geração de grãos'.

<sup>8</sup> Agni.

<sup>9</sup> Os dedos que o servem por acender o fogo, etc.

<sup>10</sup> As nuvens iluminadas pela aproximação da Alvorada.

<sup>11</sup> Os Aṅgiras sacerdotais, os primeiros instituidores do culto religioso, fizeram por meio de prece e oração a nuvem semelhante à montanha, que mantinha a chuva aprisionada, ser aberta.

<sup>12</sup> A adoração de Agni.

<sup>13</sup> O ser divino ou semidivino que trouxe Agni para Bhṛgu.

<sup>14</sup> Esse verso é muito obscuro. O sentido do primeiro hemistíquio parece ser que quando oblações foram oferecidas para Dyaus ou Céu Agni resplandeceu livre da noite circundante. Quem é o arqueiro, se Mātariśvan ou Agni, é incerto, nem está claro em quem a flecha foi atirada. *O Deus* pode ser Dyaus, e *sua filha* pode ser Uṣas ou Aurora.

<sup>15</sup> Veja 1.32.12.

8. Quando a luz encheu o Senhor dos homens<sup>17</sup> por aumento, direto do céu desce a umidade límpida. Agni trouxe à luz e encheu de vitalidade a hoste impecável vigorosa e bem proporcionada.

9. Somente aquele que como o pensamento procede rapidamente em sua jornada, o Sol, é sempre Senhor das Riquezas. Os Reis com mãos belas, Varuṇa e Mitra, protegem o néctar precioso em nosso gado.

10. Ó Agni, não rompas a nossa amizade ancestral, Sábio como tu és, dotado do conhecimento mais profundo. A velhice, como nuvens reunidas, debilita o corpo: protege-me antes que aquele mal se aproxime.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 72 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 71. Agni (Oldenberg)

MANDALA I, HINO 71.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 15–16.

1. As carinhosas (mulheres) têm excitado (amorosamente) seu amante, como esposas de um mesmo ninho (casa), o seu próprio marido. As irmãs têm se regozijado na (deusa) escura e na vermelha,<sup>18</sup> como vacas na alvorada gloriosamente brilhante.

2. Nossos pais, os Aṅgiras, romperam até as fortalezas resistentes por meio de seus hinos, a rocha por seus gritos. Eles abriram para nós o caminho do grande céu; eles obtiveram o dia e o sol e o brilho da aurora.

3. Eles fundaram a Ṛta; eles colocaram em movimento esse pensamento. Desse modo, então, as (preces) amplamente propagadas dos pobres, que procuram obter (riqueza), que são livres de sede, as efetivas, se aproximam da tribo dos deuses, fortalecendo-os por lhes oferecerem prazer.

4. Quando Mātariśvan o tinha produzido por atrito, ele, o avermelhado, o nobre, que foi levado a muitos lugares, chegou a todas as casas. Em seguida, o semelhante a Bhṛgu assumiu o cargo de mensageiro (para o mortal), como para um rei mais poderoso, estando ligado a ele.

5. Quando ele tinha criado seiva para o grande pai Céu, o conhecedor se aproximou furtivamente das (vacas) pintadas. O arqueiro atirou ferozmente uma flecha nele. O deus dirigiu seu poder impetuoso contra sua filha.<sup>19</sup>

6. Aumenta, ó Agni, duas vezes mais a força do homem que te adora em sua casa, ou oferece dia-a-dia adoração ao afetuoso. Que ele a quem tu incitas seja unido com riquezas.

7. Todo alimento vai para Agni, como os sete rios jovens (fluem) para o oceano. A nossa força não brilha a partir de parentes.<sup>20</sup> Tu, portanto, que sabes disso, obtém entre os deuses bondade para nós.

---

<sup>16</sup> Isto é, nós não procuramos por nossos parentes em busca de alimentos, mas dependemos de Agni e dos outros Deuses.

<sup>17</sup> O sacrificador, segundo Sāyaṇa. Talvez isso queira dizer Indra que vem acompanhado pela *hoste vigorosa* de Maruts.

<sup>18</sup> Se o texto está correto, as 'irmãs' podem ser os dez dedos que geram Agni por atrito ou as correntes de água entre as quais Agni cresce, ou correntes de *ghṛta* ou semelhantes. Por que é dito que essas irmãs se deleitam na deusa escura e na deusa brilhante, a Noite e a Aurora, permanece incerto.

<sup>19</sup> Esse verso difícil evidentemente trata do incesto que o pai Dyaus cometeu com sua filha.

<sup>20</sup> Nessa passagem o poeta me parece dizer: 'Nós não temos parentes fortes que possam acrescentar brilho à nossa força. Agni, adquire tu força para nós.' O prof. Max Müller propõe a tradução: 'A nossa riqueza não é conhecida pelos nossos parentes, isto é, nós não podemos apoiá-los como deveríamos'.

**8.**<sup>21</sup> Quando o esplendor forte alcançou o senhor dos homens para incitá-lo, o esperma brilhante caiu do céu (ou do deus Dyaus), Agni produziu e promoveu a hoste impecável, jovem, bem-intencionada.<sup>22</sup>

**9.** Aquele que percorre os caminhos rapidamente como o pensamento, o Sol, governa sozinho sobre toda a riqueza. (Há) os dois reis Mitra e Varuṇa com as mãos graciosas, que vigiam a amada ambrosia nas vacas.

**10.** Não te esqueças, ó Agni, que és um sábio possuidor de conhecimento, da nossa amizade paterna. A velhice prejudica a aparência (dos homens) como uma nuvem (cobre o sol ou o céu). Pensa (em nós), antes que essa maldição (nos alcance).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 72 \(Oldenberg\)](#)

---

---

<sup>21</sup> O poeta retorna aqui ao mito do qual ele havia falado no verso 5.

<sup>22</sup> Essa pode ser a tropa dos sete *Ṛṣis*. Veja 3.31.1-5; 4.1.12 e seguintes. Ou os Maruts são aludidos (veja abaixo, 72.4), embora isso me pareça menos provável.

## Hino 72. Agni (Wilson)

(Sūkta VIII)

Ṛṣi, etc., como antes.

Varga 17. **1.** Agni, segurando, em suas mãos, muitas coisas boas para os homens, se apropria das preces endereçadas ao eterno criador.<sup>1</sup> Agni é o senhor das riquezas, que concede rapidamente (àqueles que o louvam) todos os (presentes) dourados.

**2.** Todos os imortais, e os não confundidos (Maruts), desejando a ele que era (querido) para nós como um filho, e estava em todos os lugares em volta, não o descobriram. Oprimidos pela fadiga, vagando a pé, e cientes dos atos dele, eles pararam no último belo (esconderijo) de Agni.

**3.** Visto que, Agni, os puros (Maruts) adoraram a ti, (igualmente) puro, com manteiga clarificada, por três anos, portanto eles adquiriram nomes dignos (de serem repetidos) em sacrifícios, e, sendo regenerados, obtiveram corpos celestiais.<sup>2</sup>

**4.** Aqueles que devem ser adorados (os deuses), perguntando, entre os vastos céu e terra, (por Agni), recitaram (hinos) dedicados a Rudra.<sup>3</sup> A tropa de mortais<sup>4</sup> (Maruts), com (Indra), o compartilhador de metade da oblação,<sup>5</sup> sabendo onde Agni estava se escondendo, o encontraram em seu retiro excelente.

**5.** Os deuses, descobrindo-te, se sentaram, e, com suas esposas, prestaram adoração reverente a ti, de joelhos. Seguros, ao verem seu amigo, de serem protegidos, os deuses, abandonaram o resto dos seus corpos em sacrifício.<sup>6</sup>

Varga 18. **6.** (Homens devotos) competentes para oferecer sacrifícios, têm conhecido os três vezes sete ritos místicos contidos em ti,<sup>7</sup> e, com eles, te adorado. Portanto, com igual afeto, protege o gado deles, e tudo o que (pertence a eles), móvel ou estacionário.

**7.** Agni, que és conhecedor de todas as coisas a serem conhecidas, sempre provê, para a subsistência dos homens, (alimento) que alivia a aflição. Desse modo tu serás o diligente

<sup>1</sup> Isto é, ele as faz presentes, ou aplicáveis, a ele mesmo. O criador é chamado de *Vedhas*, – geralmente um nome de Brahmā, – e é, aqui, associado com *śaśvata*, o eterno. Isso parece como se uma primeira causa fosse reconhecida, distinta de Agni e dos deuses elementares, embora, em um sentido figurativo, eles sejam identificados com ela.

<sup>2</sup> O texto tem somente *śucayaḥ*, os puros. O comentador completa com Maruts, por quem, é dito, sete pratos são colocados na cerimônia *Agnicayana*; e eles são respectivamente invocados pelos nomes *Īdrś*, *Anyādrś*, *Tādrś*, *Pratidrś*, *Mitah*, *Sammitah*, e outros. Por essa participação, com Agni, nas oferendas sacrificais, eles trocaram seus corpos perecíveis, por imortais, e alcançaram o céu. Os Maruts são, portanto, como os *Ṛbhus*, – mortais deificados.

<sup>3</sup> Os hinos dos deuses são endereçados a Agni, e são, portanto, chamados de *Rudriyā*; pois Rudra é Agni, *Rudro'gnih*. A lenda que é citada, em explicação, do ramo *Taittirīya* do *Yajush*, relata que, durante uma batalha entre os deuses e os Asuras, Agni arrebatou a riqueza que os primeiros tinham escondido. Descobrimo o furto, os deuses perseguiram o ladrão, e recuperaram seu tesouro à força. Agni chorou (*arodīt*) pela perda, e foi, por isso, chamado de *Rudra*.

<sup>4</sup> O texto tem somente *martah*, 'o mortal', o comentador preenche com *Marudgaṇah*.

<sup>5</sup> Aqui, também, nós temos somente o epíteto *nemadhitā*, 'o compartilhador da metade', de *nema*, uma metade; à qual, segundo a escola *Taittirīya*, Indra tem direito, em todos os sacrifícios; a outra metade vai para todos os deuses.

<sup>6</sup> Os deuses, de fato, constituíram o sacrifício. Mas a expressão é obscura, e se refere a alguma lenda, provavelmente, a qual não foi preservada.

<sup>7</sup> Passos secretos ou misteriosos, pelos quais o céu deve ser alcançado; significando os ritos dos *Vedas*. Esses são organizados em três classes, cada um composto de sete, ou: os *Pākayajñas*, aqueles nos quais algum tipo de alimento é oferecido, como no *Aupāsana*, *Homa*, *Vaiśvadeva*, etc.; os *Haviryajñas*, aqueles nos quais manteiga clarificada é oferecida, como no *Āgnyādheya*, *Darśa*, *Pūrṇamāsa*, e outros; e os *Somayajñas*, a parte principal dos quais é a libação do suco *Soma*, como o *Agniṣṭoma*, *Atyagniṣṭoma*, etc. Todos esses estão contidos em Agni, porque eles não podem ser celebrados sem fogo.

portador de oblações, e mensageiro dos deuses, conhecendo os caminhos entre (a terra e o céu), pelos quais eles viajam.

**8.** Os sete rios puros que fluem do céu, (são dirigidos, Agni, por ti; por ti os sacerdotes,) hábeis em sacrifícios, reconheceram as portas da (caverna onde) o tesouro (de seu gado), estava escondido; por ti Saramā descobriu o leite abundante das vacas, com o qual o homem, a progênie de Manus, ainda é nutrido.<sup>8</sup>

**9.** Tu tens sido alimentado, (Agni, com oblações), desde que os Ādityas, projetando uma estrada para a imortalidade, instituíram todos (os ritos sagrados), que os impediam de cair,<sup>9</sup> e a mãe terra, Aditi, se esforçou, com sua magnitude, para sustentar (o mundo), junto com seus filhos poderosos.

**10.** (Os oferecedores de oblações) têm colocado, nesse (Agni), as honras graciosas (da cerimônia), e as duas porções de manteiga clarificada que são os dois olhos (do sacrifício). Então os imortais vieram do céu; e as tuas chamas brilhantes, Agni, se espalharam em todas as direções, como rios correndo; e os deuses perceberam isso, (e se alegraram).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 73 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 72. Agni (Griffith)

**1.** Embora segurando muitos presentes para os homens, ele humilha os poderes superiores de cada ordenador sábio.<sup>10</sup> Agni é agora o senhor do tesouro dos tesouros, concedendo continuamente todas as bênçãos imortais.

**2.** Os Deuses infalíveis todos à procura não encontraram a ele, o querido Bebê que ainda está à nossa volta. Cansados, seguindo o rastro dele, dedicados, eles chegaram ao mais alto lar fascinante de Agni.<sup>11</sup>

**3.** Porque com óleo sagrado os Puros, Agni, serviram a ti o muito puro por três estações de outono;<sup>12</sup> portanto, eles mesmos obtiveram nomes sagrados para culto, e nascidos nobremente eles dignificaram seus corpos.

**4.** Tornando-os conhecidos aos espaçosos céu e terra, os santos revelaram os poderes de Rudra.<sup>13</sup> O grupo mortal,<sup>14</sup> discernindo à distância, encontrou Agni colocado na posição mais elevada.

---

<sup>8</sup> Essas circunstâncias são declaradas, no texto, absolutamente, sem qualquer referência ao instrumento, ou agente. O comentador preenche com 'Agni, por ti, etc.', mas a conclusão da elipse é consistente com as noções correntes. O sol, nutrido pelas oferendas queimadas, é capacitado para enviar a chuva que abastece os rios; os Añgirasas recuperaram seu gado, quando levado por Bala, através do conhecimento obtido por meio de sacrifícios sagrados; e Indra enviou Saramā na busca, quando propiciado por oblações com fogo. Por isso, Agni pode ser considerado como o principal causador dos incidentes.

<sup>9</sup> Isto é, certos atos sagrados, os quais asseguravam, aos Ādityas, sua posição no céu; ou, aquela imortalidade o caminho da qual eles tinham feito ou projetado.

<sup>10</sup> O sentido parece ser que, embora Agni conceda dádivas muito boas para os homens, as chamas dele são às vezes terrivelmente destrutivas.

<sup>11</sup> A fuga de Agni e sua procura pelos Deuses já foram citadas antes (1.65.1). A ideia aqui é, como Ludwig observa, que os Deuses realmente não encontraram Agni – embora ele estivesse visível em sua forma terrena – até que eles chegaram ao verdadeiro conhecimento filosófico do Deus como ele é.

<sup>12</sup> Durante três anos. Ludwig observa que o período de três anos em conexão com votos religiosos ou cerimônias é mencionado em outra parte também.

<sup>13</sup> Rudra aqui é um nome de Agni.

<sup>14</sup> Os Maruts, assim chamados por não terem sido originalmente imortais.

5. Eles se aproximaram, concordantes, com seus cônjuges, prestaram culto ajoelhando-se para ele adorável. Amigo encontrando proteção nos olhos de seu próprio amigo, eles tornaram seus próprios os corpos os quais eles castigaram.

6. Logo que os seres santos tinham descoberto as três vezes sete coisas místicas contidas dentro de ti,<sup>15</sup> com essas, concordantes, eles preservam o Amṛta:<sup>16</sup> protege tu a vida de todas as suas plantas e gado.

7. Tu, Agni, conhecedor das obras dos homens, nos tens enviado boa comida em sequência constante para a nossa subsistência; Tu, profundamente hábil nos caminhos dos Deuses, te tornaste um enviado nunca cansado, carregador de oferendas.

8. Conhecendo a Lei, os sete rios poderosos do céu, cheios de bom pensamento, discerniram as portas das riquezas. Saramā encontrou a prisão firmemente construída do gado<sup>17</sup> pelo qual a raça humana ainda é sustentada.

9. Eles que se aproximaram de todas as operações nobres fazendo um caminho que leva à vida imortal, para ser o sustento da Ave, a mãe vasta, Aditi, e seus grandes Filhos,<sup>18</sup> ficaram no poder.

10. Quando os Deuses imortais fizeram ambos os olhos do céu,<sup>19</sup> eles deram a ele o presente de glória bela. Agora eles fluem como rios colocados em movimento: eles conheceram os cavalos vermelhos<sup>20</sup> descendo, ó Agni.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 73 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 72. Agni (Oldenberg)

MANDALA I, HINO 72.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 17–18.

1. Ele diminuiu (ou seja, superou) a sabedoria de muitos adoradores, ele que tem nas mãos todo o poder viril. Agni tornou-se o senhor dos tesouros, ele que reuniu todos (os poderes da) imortalidade.

2.<sup>21</sup> Todos os imortais inteligentes quando procurando não encontraram o bezerro, embora permanecendo ao redor de nós. Os atentos (deuses), cansando-se, seguindo os passos dele, atingiram o mais alto, belo lugar de permanência de Agni.

3. Quando os brilhantes tinham prestado serviço a ti, o brilhante, Agni, com Ghṛta por três outonos, ele assumiram nomes veneráveis; os bem-nascidos formaram seus próprios corpos.

4. Adquirindo (ou, explorando) por si mesmos os dois grandes mundos, os adoráveis apresentaram seus poderes como Rudra.<sup>22</sup> Os mortais, quando (os seres) estavam em discórdia, perceberam e descobriram Agni estabelecido no lugar mais alto.

---

<sup>15</sup> Os ritos secretos ou misteriosos pelos quais o céu deve ser alcançado; oferendas de vários tipos, alimento, manteiga clarificada, suco Soma, etc., organizados em três classes de sete. Todas essas oferendas requerem fogo, e assim estão contidas em Agni.

<sup>16</sup> O néctar ou bebida dos Deuses; pela realização desses sacrifícios eles asseguram a queda da chuva na estação apropriada.

<sup>17</sup> Veja 1.62.3.

<sup>18</sup> A Ave é o Sol. Aditi é a Natureza infinita, e seus grandes Filhos são os Ādityas.

<sup>19</sup> O Sol e a Lua.

<sup>20</sup> Os raios do Sol.

<sup>21</sup> Aqui nós temos novamente o mito de Agni escondido que os deuses procuram. O bezerro significa Agni.

<sup>22</sup> Eu sigo o *Padapāṭha* que tem *rudriyā*. Mas possivelmente nós podemos ter o nom. plur. *rudriyāh*: 'os veneráveis Rudriyas (isto é, Maruts) lançaram-se para frente'.

5. Sendo da mesma opinião eles<sup>23</sup> se aproximaram reverentemente dele de joelhos. Junto com suas esposas eles veneraram o venerável.<sup>24</sup> Abandonando seus corpos eles os fizeram deles próprios, o (único) amigo despertando quando o (outro) amigo fechava os olhos.<sup>25</sup>

6. Quando os adoráveis (deuses) descobriram os três vezes sete passos secretos (ou lugares) estabelecidos em ti, eles concordemente guardaram com eles a imortalidade. Protege tu o gado e o que permanece firme e o que se move.

7. Conhecendo, ó Agni, as ordens estabelecidas das residências (humanas), distribui presentes na devida ordem, para que eles possam viver. Conhecendo os caminhos que os deuses seguem, tu te tornaste o mensageiro incansável, o portador de oferendas.

8. Eles, que sabiam o caminho correto e estavam cheios de boas intenções, viram do céu os sete jovens (rios) e as portas das riquezas. Saramã encontrou o forte estábulo das vacas das quais os clãs humanos recebem sua nutrição.

9. A Terra se expandiu largamente com eles que são notáveis em sua grandeza, a mãe Aditi, para o repouso do pássaro,<sup>26</sup> com seus filhos, que assumiram todos os poderes de seu próprio domínio, preparando (para si mesmos) um caminho para a imortalidade.

10. Quando os imortais criaram os dois olhos do céu,<sup>27</sup> eles colocaram belo esplendor nele (Agni). Então eles se precipitam para baixo como correntezas libertadas.<sup>28</sup> As vermelhas têm reconhecido, ó Agni, aquelas que são dirigidas para baixo.<sup>29</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 73 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>23</sup> Provavelmente os mortais.

<sup>24</sup> O venerável é Agni.

<sup>25</sup> O significado parece ser que, sempre que a atenção de um dos amigos relaxava, outro amigo vigiava em lugar do primeiro.

<sup>26</sup> O pássaro parece ser Agni.

<sup>27</sup> O sol e a lua? Essa explicação muito natural dificilmente irá ser modificada por causa de passagens como a seguinte (*Śatapatha Brāhmaṇa* I, 6, 3, 38): "Estes são os dois olhos do sacrifício, as (oblações de manteiga chamadas) *Ājyabhāgas*".

<sup>28</sup> Não é necessário mudar o texto; eu creio, no entanto, que a hipótese *adhāh kṣaranti* (eles fluem para baixo), não seria muito improvável. Veja o meu *Prolegomena*, p. 369, nota 1. – O assunto parece ser as correntes de libações sacrificais.

<sup>29</sup> Ambas as expressões, 'as vermelhas' e 'aquelas que são dirigidas para baixo', são femininas. As vermelhas podem ser as auroras. Mas essas não podem ser chamadas de 'direcionadas para baixo'. Eu tomo, portanto, um substantivo como um nominativo, o outro como um acusativo. 'Aquelas que são direcionadas para baixo' não podem ser as libações de *ghṛta* e semelhantes que as madrugadas veem? – O prof. Max Müller traduz: 'As pessoas reconheceram as (tuas) éguas vermelhas para baixo, ó Agni'. Ele supre *jvālāh* ou toma *aruṣiḥ* como éguas, veja 5, 56, 6.

## Hino 73. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

O Ṛṣi, deus e métrica são os mesmos.

Varga 19. **1.** Agni, como riqueza patrimonial, é o dador de alimento; ele é um diretor, como as instruções de alguém versado em escritura; ele repousa na câmara sacrificial, como um convidado bem vindo; e, como um sacerdote oficiante, ele traz prosperidade para a casa do adorador.

**2.** Ele, que é como o Sol Divino, que conhece a verdade (das coisas), protege, por suas ações, (seus devotos), em todos os combates. Como a natureza,<sup>1</sup> ele é inalterável, e, como alma,<sup>2</sup> é a fonte da felicidade. Ele deve ser sempre estimado.

**3.** Ele, que, como o (Sol) divino, é o mantenedor do universo, permanece na terra, como um príncipe, (cercado por) amigos fiéis. Na presença dele os homens se sentam, como um filho na residência do pai; e (em pureza, ele parece) uma esposa irrepreensível e amada.

**4.** Tal como tu és, Agni, os homens te preservam, constantemente aceso, em suas residências, em lugares seguros, e oferecem, a ti, abundante alimento (sacrificial). Tu, em quem se encontra toda a existência, sê o portador de riquezas, (para o nosso benefício).

**5.** Que teus adoradores opulentos, Agni, obtenham alimento (farto); que os eruditos (que te louvam) e te oferecem (oblações), adquiram vida longa; que nós ganhemos, em batalhas, despojos dos nossos inimigos, – oferecendo parte deles aos deuses, para (a obtenção de) renome.

Varga 20. **6.** As vacas, amando (Agni, que veio ao salão de sacrifício), compartilhando o esplendor dele, trouxeram, com úberes cheios, (seu leite,) para ser bebido. Os rios, solicitando a boa vontade dele, têm fluído de uma distância, na proximidade da montanha.

**7.** (Os deuses), que têm direito a culto, pedindo a tua benevolência, confiaram a ti, resplandecente Agni, o alimento (sacrificial); e, (para a devida observância dos ritos sagrados), eles fizeram a noite e a manhã de diferentes cores, – ou preta e púrpura.

**8.** Que nós, mortais, a quem tu tens guiado (para a realização de sacrifícios), por causa de riquezas, nos tornemos opulentos. Enchendo o céu e a terra, e o firmamento, (com teu esplendor), tu proteges o mundo inteiro, como uma sombra (protetora).

**9.** Defendidos, Agni, por ti, que nós destruamos os cavalos (dos nossos inimigos), por meio dos (nossos) cavalos; os homens deles, por (nossos) homens; os filhos deles, por (nossos) filhos; e que nossos filhos, instruídos, e herdeiros de riqueza ancestral, vivam por cem invernos.

**10.** Que esses nossos louvores, sábio Agni, sejam agradáveis para ti, em mente e coração. Que nós sejamos competentes para reter tua riqueza que sustenta bem, – oferecendo, em ti, a parte deles do alimento (sacrificial) para os deuses.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 74 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> *Amati*, o termo do texto, é explicado como *rūpa* ou *svarūpa*, forma ou natureza peculiar. Como essa é, essencialmente, a mesma em todas as modificações da terra, ou qualquer outro elemento, assim Agni é o mesmo em todos os sacrifícios realizados com fogo.

<sup>2</sup> Como a alma é a base e fonte de toda a felicidade, assim Agni, como o principal agente do sacrifício, é a principal causa de felicidade, aqui e no futuro.

## Hino 73. Agni (Griffith)

1. Ele que concede alimento, como riquezas patrimoniais, e guia corretamente, como a instrução de um homem sábio; amado como um convidado que repousa em aposento agradável – que ele, como Sacerdote, torne próspera a residência do servo dele.
2. Ele que, como Savitar o Deus, de mente verdadeira protege com seu poder todos os atos de vigor; verdadeiro, como esplendor, glorificado por muitos, como o alento que dá alegria, – todos devem se esforçar para conquistá-lo.
3. Ele que reside na terra como um rei cercado por amigos fiéis, como um Deus que sustenta a tudo; como heróis que se sentam à cabeceira da mesa, que repousam em segurança; como uma dama irrepreensível querida para seu marido.
4. A ti, assim, em assentamentos seguros, ó Agni, os nossos homens servem sempre aceso em cada habitação. Nele eles têm colocado esplendor em abundância: querido para todos os homens, que ele seja portador de riquezas.
5. Que teus adoradores ricos ganhem alimento, ó Agni, e os príncipes que trazem oblação obtenham vida longa. Que possamos obter despojos do nosso inimigo em batalha, apresentando aos deuses sua parte por glória.
6. As vacas da santa lei,<sup>3</sup> nos enviadas pelo Céu, têm crescido com úberes carregados, mugindo alto; solicitando o favor dele, de uma distância os rios<sup>4</sup> fluíram juntos para a rocha.
7. Agni, contigo, pedindo a tua benevolência, os Santos ganharam glória no céu.<sup>5</sup> Eles fizeram a Noite e a Alvorada de cores diferentes, e colocaram juntos os tons pretos e roxos.
8. Que nós e aqueles que adoram sejamos os mortais os quais tu, ó Agni, levas em direção às riquezas. Tu encheste a terra e o céu e a região do meio do ar, e segues o mundo inteiro como uma sombra.<sup>6</sup>
9. Ajudados por ti, ó Agni, que possamos conquistar corcéis com corcéis, homens com homens, heróis com heróis, senhores da riqueza transmitida por nossos pais; e que os nossos príncipes vivam cem invernos.<sup>7</sup>
10. Que esses nossos hinos de louvor, Agni, Ordenador, sejam agradáveis para ti em teu coração e espírito. Que nós tenhamos poder para manter teus corcéis de riquezas,<sup>8</sup> depositando em ti o dom da glória enviado por Deus.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 74 \(Griffith\)](#)

<sup>3</sup> As vacas cujo leite é usado nos vários sacrifícios oferecidos de acordo com a ordenança eterna.

<sup>4</sup> A água usada em sacrifício a qual flui ou é levada para a rocha ou pedra com a qual o suco Soma é espremido.

<sup>5</sup> Pela graça de Agni os Santos, os Deuses imortais, recebem as oblações que os fortalecem para a realização dos grandes feitos que lhes trazem glória.

<sup>6</sup> Afastando a angústia, como a sombra de uma grande rocha ou árvore afasta o calor opressivo do sol.

<sup>7</sup> Isto é, que os homens ricos que instituem os nossos sacrifícios vivam até a maior idade geralmente concedida aos homens.

<sup>8</sup> Reter por nós teus corcéis que trazem riqueza, isto é, continuar a receber e manter as riquezas que tu mandas.

## Hino 73. Agni (Oldenberg)

MANDALA I, HINO 73.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 19–20.

1. Aquele que dá vigor como riqueza adquirida pelos pais, que é um bom guia como a instrução de um sábio, que é satisfeito (por adoração) como um convidado que descansa confortavelmente, (Agni) cruzou o lugar (sacrificial) do adorador como um Hotṛ.
2. Ele que, sendo verdadeiro como o deus Savitr,<sup>9</sup> protege com seu poder mental todos os assentamentos, louvado por muitos, como esplendor impetuoso, o verdadeiro tornou-se precioso como o sopro vital, e digno de ser procurado.
- 3.<sup>10</sup> (Agni), que possuindo todo descanso vive na terra como um deus, como um rei que fez por si mesmo amigos (valentes), como heróis que se sentam na frente e sob abrigo, como uma esposa irrepreensível amada por seu marido –
4. A ti, ó Agni, que estás constantemente aceso na casa, os homens têm adorado em suas residências seguras. Eles têm colocado nele rico esplendor. Sê tu possuidor de toda a vida, um protetor das riquezas.<sup>11</sup>
5. Que os doadores generosos, ó Agni, obtenham nutrição, que os ricos<sup>12</sup> que dão presentes (para nós) obtenham um período de vida completo. Que nós ganhem em batalhas o saque daquele que não doa, obtendo uma parte (rica), diante dos deuses, para que nós possamos obter glória.<sup>13</sup>
6. As vacas leiteiras mugidoras de Ṛta, atribuídas pelo Céu, estavam exuberantes com seus úberes cheios. Os rios implorando o favor (dos deuses) de longe irromperam pelo meio da rocha com suas torrentes.
7. Suplicando proteção de ti, ó Agni, os adoráveis (deuses) ganharam glória no céu. Eles fizeram a Noite e a Alvorada de diferentes formas; eles uniram a cor preta e a vermelha (à Noite e à Alvorada).
8. E que nós, nossos doadores generosos e nós mesmos, sejamos os mortais a quem tu promoveves à riqueza, ó Agni. Como uma sombra tu acompanhas o mundo inteiro, tendo preenchido os dois mundos (Céu e Terra) e o ar.<sup>14</sup>
9. Que nós, ó Agni, protegidos por ti, conquistemos com nossos cavalos corredores os cavalos corredores, com nossos homens, os homens, com nossos heróis os heróis (dos nossos inimigos). Sendo donos das riquezas que seus pais conquistaram, que os nossos ricos (doadores) cheguem a uma centena de invernos.
10. Que esses hinos, ó Agni, adorador (dos deuses), sejam agradáveis para ti, para a tua mente e coração. Que nós sejamos capazes de controlar a ti, a riqueza bem atrelada,<sup>15</sup> adquirindo a glória que os deuses nos atribuíram.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 74 \(Oldenberg\)](#)

<sup>9</sup> A primeira parte é idêntica à quarta em 9, 97, 48. Lá as expressões se referem a Soma.

<sup>10</sup> As três primeiras partes são quase idênticas a 3, 55, 21.

<sup>11</sup> ‘Sê tu, que és rico em todo alimento, o protetor das riquezas’. Max Müller.

<sup>12</sup> *Aryah* também pode ser nom. pl. e significar ‘(nós) os pobres’.

<sup>13</sup> ‘Que nós ganhem em batalhas o saque do inimigo, deixando de lado uma parte para os deuses para a glória delas’. Max Müller.

<sup>14</sup> A última parte é idêntica à segunda em 10, 139, 2.

<sup>15</sup> Como *sudhur* e *sudhura* são epítetos de cavalos, o poeta naturalmente poderia dizer, *śakema sudhūrah yamam te*. Mas Agni não é apenas um cavalo, ele também é riqueza (2, 1, 12; 4, 2, 5, etc.). A combinação das duas metáforas explica a expressão curiosa *sudhurah rāyah*.

## Hino 74. Agni (Wilson)

(Anuvāka 13. Sūkta I)

O deus é Agni; o Ṛṣi, Gotama, filho de Rahūgaṇa; a métrica, Gāyatrī.

- Varga 21. **1.** Apressando-nos para o sacrifício, vamos repetir uma prece para Agni, que nos ouve de longe;
- 2.** Que, existindo desde antigamente, tem preservado a riqueza, para o sacrificador, quando os homens malevolentes estão reunidos.
- 3.** Que os homens louvem Agni, logo que gerado, o matador de Vṛtra,<sup>1</sup> e o ganhador do saque em muitas batalhas.
- 4.** (O sacrificador), em cuja casa tu és o mensageiro dos deuses, cuja oferenda tu transportas para o sustento deles, e cujo sacrifício tu tornas aceitável,
- 5.** A ele, Aṅgiras, filho da força, os homens chamam de afortunado em seu sacrifício, seu deus, suas oblações.
- Varga 22. **6.** Traze para cá, radiante Agni, os deuses (para receber) nosso louvor, e nossas oblações para seu sustento.
- 7.** Quando tu vais, Agni, em uma missão dos deuses, o relincho dos cavalos da tua carruagem de movimento (rápido), embora audível, não é ouvido.
- 8.** Aquele que estava antigamente sujeito a um superior, tendo sido protegido, Agni, por ti, agora permanece na tua presença, como um oferecedor (de oblações), sem timidez, e provido de alimento.
- 9.** De fato, divino Agni, tu estás desejoso de conceder, para o oferecedor (de oblações) para os deuses, ampla (riqueza), brilhante e concessora de vigor.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 75 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 74. Agni (Griffith)

- 1.** Quando nós partimos para o sacrifício, vamos recitar um hino para Agni,  
Que nos ouve mesmo quando longe;
- 2.** Que, desde os tempos antigos, em carnificina, quando as pessoas se reuniam, tem preservado sua casa para o adorador.
- 3.** E que os homens digam, nasceu Agni, ele mesmo que mata Vṛtra,<sup>2</sup> ele  
Que ganha riqueza em cada luta.
- 4.** A ele em cuja casa um emissário tu amas provar seus presentes oferecidos,  
E fortaleces seu sacrifício,
- 5.** A ele, Aṅgiras,<sup>3</sup> tu Filho da Força, todos os homens chamam de feliz em seu Deus,  
Suas oferendas, e sua grama sagrada.
- 6.** Para cá traze esses deuses para a nossa louvação e para provar  
Esses presentes oferecidos, ó de brilho belo.
- 7.** Quando, Agni, em tua missão de embaixador tu partes não é ouvido som de corcel ou  
esforço do teu carro.

---

<sup>1</sup> Vṛtra pode ser aqui entendido como um inimigo em geral; ou, Agni pode ser identificado com Indra.

<sup>2</sup> Agni pode aqui ser identificado com Indra.

<sup>3</sup> Um nome de Agni. Veja 1.1.6.

8. Ajudado por ti, ileso, forte, um após outro, ele segue adiante:

Agni, o ofertante vai em frente.

9. E força esplêndida, heroica, superior, Agni, tu concedes dos Deuses, Tu, Deus, para aquele que oferece presentes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 75 \(Griffith\)](#)

### **Hino 74. Agni (Oldenberg)**

MAṄḌALA I, HINO 74.

AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 21–22.

1. Seguindo adiante para o sacrifício, vamos repetir uma oração para Agni que nos ouve, ele esteja longe ou conosco –

2. Ele que, o principal em...<sup>4</sup>, quando as tribos humanas se reuniam (em batalha), preservava sua casa para o adorador.

3. E que as pessoas digam ‘Nasce Agni, o matador de inimigos (ou, o matador de Vṛtra), que ganha o prêmio em todas as batalhas’.

4. O homem em cuja casa tu és um mensageiro, e para cujo alimento sacrificial tu vais avidamente para te banquetear, para cuja adoração tu concedes poder extraordinário –

5. Tal homem o povo chama de um doador de boas oblações, ó Aṅgiras, um amigo dos deuses, ó filho da força, e possuidor de uma boa Barhis (ou grama sacrificial).

6. E tu deves conduzi-los para cá, os deuses, para que nós possamos glorificá-los, de modo que eles venham ansiosamente, ó resplandecente, para as oferendas sacrificais.

7. Nenhum ruído dos cavalos da carruagem em movimento é ouvido de modo algum, quando tu partes em tua missão de mensageiro, ó Agni.

8. Quando, protegido por ti o corredor torna-se destemido, o adorador, ó Agni, que está atrás, ganha a vantagem sobre aquele está à frente.

9. E tu ganhas, dos deuses, ó Agni, brilhante, a grande bem-aventurança de heróis fortes, ó Deus, para o adorador.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 75 \(Oldenberg\)](#)

<sup>4</sup> Eu deixei sem tradução a palavra obscura *snīhitīṣu*. Parece que a palavra significa algum tipo de poderes hostis.

## Hino 75. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

Ṛṣi, deus e métrica, como antes.

Varga 23. **1.** Escuta o nosso mais sincero discurso, propiciatório dos deuses, aceitando nossas oblações em tua boca.

**2.** E então, Agni o mais sábio, chefe dos Aṅgirasas, nós podemos endereçar (a ti) uma prece aceitável e gratificante.

**3.** Quem, Agni, entre nós, é teu parente? Quem é digno de te oferecer sacrifício? Quem, de fato, és tu? E onde tu resides?

**4.**<sup>1</sup> Adora, para nós, Mitra e Varuṇa; adora, para nós, todos os deuses; (celebra) um grande sacrifício; está presente na tua própria residência.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 76 \(Wilson\)](#)

## Hino 75. Agni (Griffith)

**1.** Aceita o nosso hino de som mais alto, o alimento mais delicioso para os deuses, Derramando nossas oferendas na tua boca.

**2.** Agora, Agni, nós recitaremos para ti, ó mais sábio e melhor Aṅgiras, A nossa oração preciosa, de muito benefício.

**3.** Quem, Agni, é teu parente, dos homens? Quem é teu servo digno? Dependente de quem? Quem és tu?

**4.** O parente, Agni, da humanidade, o seu bem amado Amigo tu és, Um amigo a quem amigos podem suplicar.

**5.** Traze para nós Mitra, Varuṇa, traze os deuses para o sacrifício poderoso. Traze-os, ó Agni, para a tua casa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 76 \(Griffith\)](#)

## Hino 75. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA I, HINO 75.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 23.

**1.** Aceita alegremente o nosso discurso mais amplamente sonoro, o mais agradável para os deuses, tu que, na tua boca, ofereces o alimento sacrificial (aos deuses).

**2.** E que nós então pronunciemos para ti, ó maior Aṅgiras, Agni, o melhor adorador, uma oração agradável para ti e bem sucedida.

**3.** Quem é teu parente entre os homens, ó Agni? Quem realiza adoração a ti? Quem és tu, e onde tu repousas?

<sup>1</sup> [O verso quatro das outras versões está ausente aqui, esse hino tendo quatro em vez de cinco versos na versão de Wilson.]

4. Tu, ó Agni, és o parente, o amigo querido ('Mitra') dos homens, um amigo deve ser magnificado por seus amigos.

5. Sacrifica por nós para Mitra e Varuṇa. Sacrifica para os deuses, (um sacrifício conforme a) a grande Ṛta. Sacrifica, ó Agni, na tua própria casa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 76 \(Oldenberg\)](#)

## Hino 76. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

Ṛṣi e deus como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 24. 1. Qual aproximação da mente, Agni, a ti pode ser realizada para o nosso bem? O que cem encômios podem (efetuar)? Quem, por sacrifícios, obteve o teu poder? Com qual intento nós podemos te oferecer (oblações)?

2. Vem, Agni, para cá, invocador (dos deuses), senta-te;<sup>1</sup> sê nosso precursor; pois tu és irresistível. Que o todo-expansivo céu e a terra te defendam, para que tu possas cultuar os deuses para a grande satisfação deles.

3. Consume totalmente os Rākṣasas, Agni; e sê o protetor dos nossos sacrifícios contra interrupção. Traze para cá o guardião do suco Soma, (Indra),<sup>2</sup> com os corcéis dele, para que nós possamos mostrar hospitalidade para o concessor de prosperidade.

4. Eu invoco (a ti), que és o transportador (de oblações), com tuas chamas, com um hino produtivo de progênie (para o adorador). Senta-te aqui, com os deuses; e tu, que és digno de culto, cumpre a função de Hotṛ, ou de Potṛ, e nos desperta, tu que és o depositário e gerador de riquezas.

5. Como, no sacrifício do santo Manus, tu, um sábio entre sábios, adoraste os deuses com oblações, assim, também, Agni, invocador veraz dos deuses, (oferece as oblações) hoje com uma concha que alegra.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 77 \(Wilson\)](#)

## Hino 76. Agni (Griffith)

1. Como a mente pode se aproximar para agradar-te, Agni? Qual hino de louvor nos trará a maior bênção? Ou quem ganhou o teu poder através de sacrifícios? Ou com qual propósito nós devemos trazer-te oferendas?

2. Vem para cá, Agni; senta-te como Hotar; sê, tu que nunca foste enganado, nosso líder. Que o Céu e a Terra, os onipenetrantes, te amem: adora os deuses para obter para nós o favor deles.

3. Queima todos os Rākṣasas, ó Agni; afasta as maldições dos nossos sacrifícios. Traze com seus Baios o Senhor do Soma:<sup>3</sup> aqui há boas-vindas alegres para o Doador Generoso.

<sup>1</sup> Na câmara onde oferendas queimadas são feitas.

<sup>2</sup> *Somapatiṇ*, que é um nome bastante incomum de Indra. O último nome não se encontra no texto, mas o deus é indicado por *haribhyām*, seus dois corcéis.

<sup>3</sup> Indra.

4. Tu Sacerdote com lábio e voz que nos trazem filhos foste chamado.<sup>4</sup> Senta-te aqui com os Deuses. Tua é a tarefa de Purificador e Ofertante:<sup>5</sup> nos desperta, Concessor e Produtor de Riqueza.

5. Como com oferenda do Manus<sup>6</sup> sacerdotal tu adoraste os Deuses, um sábio com os Sábios, então, agora, ó Agni, o Invocador mais sincero, adora hoje com concha concessora de alegria.<sup>7</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 77 \(Griffith\)](#)

## Hino 76. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I, HINO 76.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 24.

1. Qual súplica é para o gosto da tua mente? Qual pensamento (piedoso) pode ser, ó Agni, mais agradável para ti? Ou quem ganhou para si mesmo a tua sabedoria por sacrifícios? Ou com quais pensamentos nós podemos te adorar?

2. Vem para cá, Agni, senta-se aqui como um Hotṛ. Torna-te nosso líder que não pode ser enganado.<sup>8</sup> Que o Céu e a Terra, os todo-abrangentes, te protejam. Oferece o sacrifício aos deuses para que eles possam ser muito benevolentes para nós.

3. Queima todos os feiticeiros, ó Agni; torna-te um protetor dos sacrifícios contra imprecções. E traze para cá o senhor do Soma (Indra), com seus dois cavalos baios. Nós preparamos hospitalidade para ele, o bom doador.

4. Com palavras que obtêm prole, levando-te (para o nosso sacrifício) com a minha boca,<sup>9</sup> eu te chamo para cá, e tu deves te sentar aqui com os deuses. Realiza o serviço de um Hotṛ e de um Potr, ó venerável. Sê um doador e um pai de riquezas.

5. Como tu executaste sacrifício para os deuses com o alimento sacrificial do sábio Manu,<sup>10</sup> um sábio com os sábios, assim, ó Hotṛ altamente verdadeiro, realiza o sacrifício hoje, ó Agni, com a tua concha sacrificial que dá alegria.<sup>11</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 77 \(Oldenberg\)](#)

<sup>4</sup> Agni, o sacerdote ou portador de oblações, foi invocado com um hino que trará a bênção de filhos.

<sup>5</sup> *O Purificador (Potar) e o Ofertante* ou Invocador (Hotar) são dois dos dezesseis sacerdotes oficiantes.

<sup>6</sup> Outra forma da palavra Manu, Homem, o grande ancestral do ser humano.

<sup>7</sup> Isto é, com a concha sacrificial usada para derramar o óleo sagrado ou manteiga clarificada no fogo, uma oferenda especialmente agradável para os Deuses.

<sup>8</sup> *Purah-etā*, literalmente, 'aquele que precede alguém'.

<sup>9</sup> O sacerdote humano, com a boca, ou seja, por meio de suas canções, leva Agni ao seu sacrifício.

<sup>10</sup> Manus é aqui um nome próprio.

<sup>11</sup> A concha significa a chama de Agni.

## Hino 77. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

Ṛṣi, etc. como antes.

Varga 25. **1.** Quais (oblações) nós podemos oferecer para Agni? Qual louvor é endereçado ao luminoso (Agni), que é agradável para os deuses, – aquele Agni que é imortal, e observador da verdade, que é o invocador dos deuses, o realizador de sacrifícios, e que, (presente) entre os homens, transporta oblações para os deuses?

**2.** Tragam para cá, com louvores, a ele que é o mais constante em sacrifícios, observador da verdade, e o invocador (dos deuses); pois Agni, quando ele se dirige aos deuses, da parte do homem, conhece aqueles (que devem ser adorados), e os adora com reverência.<sup>1</sup>

**3.** Pois ele é o realizador de ritos; ele é o destruidor e reanimador (de todas as coisas);<sup>2</sup> e, como um amigo, ele é o doador de riqueza inatingível. Todos os homens que reverenciam os deuses, e se aproximam de Agni de boa aparência, repetem o nome dele primeiro, em ritos sagrados.

**4.** Que Agni, que é o principal diretor de sacrifícios, e o destruidor de inimigos, aceite nosso louvor e culto, com oblações; e que aqueles que são afluentes com grande riqueza, que são dotados de força, e por quem o alimento sacrificial tem sido preparado, estejam desejosos de oferecer adoração.

**5.** Desse modo Agni, o celebrador de sacrifícios, e por quem todas as coisas são conhecidas, tem sido louvado com hinos pelos virtuosos descendentes de Gotama. Para eles ele tem dado o brilhante suco *Soma* para beber, junto com o alimento sacrificial; e, satisfeito por nossa devoção, ele obtém nutrição (para si mesmo).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 78 \(Wilson\)](#)

## Hino 77. Agni (Griffith)

**1.** Como nós faremos oblação para Agni? Qual hino, amado pelos Deuses, é recitado para ele o refulgente? Que, imortal, fiel à Lei, um arauto em meio aos homens, traz os deuses como o melhor dos sacrificadores?

**2.** Tragam-no com reverência para cá, o mais auspicioso em sacrifícios, fiel à Lei, o Aauto; pois Agni, quando ele busca os deuses para os mortais, os conhece plenamente bem e os adora em espírito.

**3.** Pois ele é poder mental, um homem, e perfeito; ele é o que traz, como amigo, a extraordinária.<sup>3</sup> As tribos árias piedosas em sacrifícios se dirigem primeiro a ele que é quem faz prodígios.

**4.** Que Agni, Destruidor de inimigos, o Herói mais varonil, aceite com amor nossos hinos e nossa devoção. Então que os senhores generosos,<sup>4</sup> cuja força é a mais potente, incitados por suas riquezas, agitem os nossos pensamentos com vigor.

<sup>1</sup> A expressão do texto é *manasā*, ‘com a mente’; mas o comentador lê *namasā*, ‘com reverência’, afirmando que as letras *m* e *n* estão invertidas.

<sup>2</sup> As palavras são *marya* e *sādhu*; o comentador explica a primeira como o matador ou extirpador de tudo; e a última, o produtor.

<sup>3</sup> Riqueza.

5. Desse modo Agni Jātavedas, fiel à Ordem, foi louvado pelos Gotamas sacerdotais. Que ele aumente neles esplendor e vigor; observador, como ele quer, ele obtém crescimento.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 78 \(Griffith\)](#)

## Hino 77. Agni (Oldenberg)

MANḌALA I, HINO 77.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 25.

1. Como nós devemos sacrificar para Agni? Quais palavras, agradáveis para o Deus, devem ser dirigidas a ele, o luminoso, que, sendo imortal e justo, o Hotṛ, o melhor sacrificador, leva os deuses até os mortais?
2. Tragam para cá pela adoração o Hotṛ que é o mais benéfico em sacrifícios e justo. Quando Agni se dirige aos deuses em nome do mortal, que ele esteja atento em sua mente, e que ele possa realizar o sacrifício.<sup>5</sup>
3. Pois ele é sabedoria, ele é viril, ele é direto; como Mitra, ele se tornou o auriga dos misteriosos.<sup>6</sup> Portanto, os clãs ários, ansiando pelos deuses, se dirigem a ele, o maravilhoso, como o primeiro nos sacrifícios.
4. Que aquele Agni, o mais valoroso dos homens, triunfante com riquezas, venha com ajuda por nossas palavras, por nossa devoção, e (pela devoção) daqueles doadores generosos mais poderosos que, concentrados no prêmio, têm incitado constantemente as nossas preces.
5. Assim, Agni, o justo Jātavedas, tem sido glorificado pelos Gotamas sacerdotais. Que ele aumente o esplendor e força deles. Ele, o conhecedor, ganha crescimento de acordo com seu desejo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 78 \(Oldenberg\)](#)

<sup>4</sup> Ricos patrocinadores cujos presentes encorajarão e fortalecerão as devoções dos sacerdotes.

<sup>5</sup> De acordo com o professor Max Müller: “Tragam para cá o *Hotṛ* ... de modo que Agni possa convidar os deuses ... e que ele (o mortal ou Agni) possa estar atento, etc.”

<sup>6</sup> O professor Max Müller traduz essa parte deste modo: ‘como um amigo, ele é o auriga de uma enorme riqueza’.

## Hino 78. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O Ṛṣi e deus são os mesmos; a métrica é Gāyatrī.

Varga 26. **1.** Conhecedor e contemplador de tudo o que existe, Gotama<sup>1</sup> te celebra, Agni, com louvor; nós te exaltamos, repetidamente, com (hinos) laudatórios.<sup>2</sup>

**2.** A ti, aquele (Agni) a quem Gotama, desejoso de riquezas, adora com louvor, nós oferecemos adoração, com (hinos) laudatórios.

**3.** Nós te invocamos, assim como tu és, o dador de alimento abundante, de modo semelhante como Aṅgiras fez; nós te exaltamos, repetidamente, com (hinos) laudatórios.

**4.** Nós exaltamos, repetidamente, com (hinos) laudatórios, a ti que és o destruidor de Vṛtra, e que afugentaste os Dasyus.

**5.** Os descendentes de Rahūgaṇa têm recitado louvores agradáveis para Agni; nós o exaltamos, repetidamente, com (hinos) laudatórios.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 79 \(Wilson\)](#)

## Hino 78. Agni (Griffith)

**1.** Ó Jātavedas, forte e rápido, nós Gotamas te exaltamos com canção sagrada por causa das tuas glórias.

**2.** A ti, como tu és, Gotama, desejando riqueza, adora com sua canção: Nós te louvamos por tuas glórias.

**3.** Como tal, como Aṅgiras<sup>3</sup> chamamos a ti o melhor ganhador do despojo: Nós te louvamos por tuas glórias.

**4.** A ti, o melhor dos matadores de Vṛtra,<sup>4</sup> a ti que te livras dos nossos inimigos Dasyu: Nós te louvamos por tuas glórias.

**5.** Uma canção agradável para Agni nós, os filhos de Rahūgaṇa, cantamos: Nós te louvamos por tuas glórias.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 79 \(Griffith\)](#)

## Hino 78. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I, HINO 78.

AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 26.

**1.** Ó Jātavedas, que resides entre todas as tribos, nós os Gotamas te (louvamos), com a nossa música, – nós te louvamos em alta voz com (canções cheias de) esplendor.

<sup>1</sup> A palavra é *Gotamāh*, no plural; o comentador a limita ao sentido do singular, afirmando que o plural é usado apenas honorificamente.

<sup>2</sup> *Mantras* é acrescentado pelo comentador, o texto tem somente *dyumnaih*, ‘com brilhantes’, ou aqueles que manifestam o mérito de Agni.

<sup>3</sup> Do mesmo modo que Aṅgiras, um dos primeiros realizadores de sacrifício.

<sup>4</sup> Aqui novamente Agni é identificado com Indra.

2. Gotama desejoso de riquezas exalta a ti, como tu és, com sua canção. Nós te louvamos em alta voz com (canções cheias de) esplendor.
3. Nós te chamamos, assim como tu és, o maior ganhador de saque, como Aṅgiras fez. Nós te louvamos em alta voz com (canções cheias de) esplendor.
4. (Nós adoramos a) ti, o maior destruidor de inimigos (ou, de Vṛtra), que lanças os Dasyus para longe – nós te louvamos, tal como tu és, em alta voz com (canções cheias de) esplendor.
5. Nós os Rahūgaṇas recitamos um discurso afetuoso para Agni. Nós te louvamos em alta voz com (canções cheias de) esplendor.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 79 \(Oldenberg\)](#)

## Hino 79. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O Ṛṣi é o mesmo, Gotama; o hino consiste em quatro Tṛcas, ou tercetos; o deus do primeiro é o Agni da região do meio, o fogo etéreo ou elétrico, ou relâmpago; o deus dos outros tercetos é Agni, em seu caráter geral; a métrica do primeiro deles é Triṣṭubh; do segundo, Uṣṇih; e, dos dois últimos, Gāyatrī.

Varga 27. **1.** O deus de cabelo dourado Agni é o agitador das nuvens, quando a chuva é derramada, e, se movendo com a velocidade do vento, resplandece com um brilho esplendoroso. As manhãs não sabem (das chuvas),<sup>1</sup> como (pessoas) honestas,<sup>2</sup> que, providas de alimento, estão concentradas em seus próprios trabalhos.

**2.** Os (raios) caindo, acompanhados pelos moventes (Maruts), golpeiam contra (a nuvem); o derramador preto de chuva rugiu; quando isso é feito, (o aguaceiro) vem, com (gotas) encantadoras e sorridentes. A chuva desce, as nuvens trovejam.

**3.** Quando esse (o relâmpago, Agni,) nutre o mundo com o leite da chuva, e o conduz, pelos modos mais diretos,<sup>3</sup> para (o desfrute da) água, então Mitra, Aryaman, Varuṇa, e os circundantes (tropa de Maruts), perfuram a membrana (que envolve), no útero da nuvem.

**4.** Agni, filho da força, senhor do alimento e do gado, dá-nos sustento abundante, tu que conheces tudo o que existe.

**5.** Ele, o resplandecente Agni, que é sábio, e o concessor de residências, deve ser louvado por nossos hinos. Ó tu cuja boca (arde) com muitas (chamas),<sup>4</sup> brilha (de modo propício, para) que a riqueza que fornece alimento possa ser nossa!

**6.** Brilhante Agni, afugenta (todos os perturbadores do rito), por ti mesmo, ou (teus servos), de dia ou de noite; Agni de aspecto afiado, destrói completamente os Rākṣasas.

Varga 28. **7.** Agni, que, em todos os ritos, deves ser louvado, guarda-nos com a tua proteção, (propiciado) pela recitação do hino métrico.<sup>5</sup>

**8.** Concede-nos, Agni, riquezas que afastem a pobreza, que sejam desejáveis (para todos), e que não possam ser tiradas (de nós), em todos os combates (com nossos inimigos).

<sup>1</sup> Agni, em sua manifestação de relâmpago, toma parte na produção de chuva, por perfurar as nuvens. A aurora não participa na operação; mas isso é dito, não para depreciar a excelência de Uṣas, mas para acentuar aquela de Agni.

<sup>2</sup> *Satyāḥ*, verdadeiro, sincero: não há substantivo; mas *prajāḥ*, pessoas, ou progênie, é suprida pelo comentário.

<sup>3</sup> Ou usos, – como beber, lavar, se banhar, e semelhantes.

<sup>4</sup> *Purvaṇīka*, de *puru*, muitos, e *anīka*, face ou boca: as chamas são compreendidas, de acordo com um nome comum de Agni, *Jvālājihva*, de língua de chama.

<sup>5</sup> *Gāyatra*; ou uma parte do *Sāma*, assim chamada, ou a métrica *Gāyatrī*, segundo o comentador.

9. Concede-nos, Agni, para o nosso sustento, riqueza, com boa compreensão, concedendo alegria, e (nos) sustentando por toda a vida.
10. Gotama, desejoso de prosperidade, oferece, para Agni de chamas afiadas, preces e louvores puros.
11. Agni, que aquele que nos prejudica, perto ou longe, pereça; e sê tu, para nós, (propício) para o nosso progresso.
12. Agni de mil olhos,<sup>6</sup> que vê tudo, expulsa os Rākṣasas; e (louvado, por nós,) com hinos sagrados, ele (o invocador dos deuses,) celebra o louvor deles.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 80 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 79. Agni (Griffith)

1. Ele no espaço do ar tem cabelos dourados; uma serpente furiosa, como a tempestade avançando; Puramente refulgente, conhecendo bem a manhã; como damas ilustres, verdadeiras, trabalhadoras ativas.<sup>7</sup>
2. Teus lampejos bem alados tornam-se fortes em sua forma, quando o Touro Preto berrou<sup>8</sup> em volta de nós. Com gotas que abençoam e parecem sorrir ele vem: as águas caem, as nuvens proferem seu trovão.
3. Quando ele vai fluindo com o leite da adoração, conduzindo pelos caminhos mais diretos da Ordem, Aryaman, Mitra, Varuṇa, Parijman encham totalmente o couro onde se encontra a pedra de prensagem inferior.<sup>9</sup>
4. Ó Agni, tu que és o senhor da riqueza em vacas, Filho de Força, Concede-nos, ó Jātavedas, grande renome.
5. Ele, Agni, aceso, bom e sábio, deve ser exaltado em nossa música: Brilha, tu de muitas formas, brilha radiantemente sobre nós.
6. Ó Agni, brilhando por ti mesmo, de noite e quando a manhã irrompe, Queima, tu cujos dentes são afiados, contra os Rākṣasas.
7. Adorável em todos os nossos ritos, favorece-nos, Agni, com a tua ajuda, Quando o grande hino é cantado.
8. Traze-nos riqueza que sempre conquista, riqueza, Agni, digna da nossa escolha, Invencível em todas as nossas lutas.
9. Dá-nos, ó Agni, pela tua graça riqueza que dá sustentação para toda a nossa vida, Tua graça, para que nós possamos viver.
10. Ó Gotama, desejando felicidade oferece tuas canções compostas com cuidado Para Agni de chamas pontiagudas.
11. Que caia o homem, ó Agni, que nos ataca de perto ou de longe: Reforça-nos e nos torna prósperos.
12. Afiado e rápido Agni, de mil olhos, afugenta para longe os Rākṣasas:

---

<sup>6</sup> A tradução literal do epíteto do texto, *Sahasrākṣa*, o qual identifica Agni com Indra; mas Sāyaṇa o interpreta como 'tendo chamas incontáveis'.

<sup>7</sup> Agni é mencionado aqui como em suas três formas: o Sol de cabelo dourado, o relâmpago serpentiforme; e o fogo doméstico para propósitos religiosos e uso comum. É dito que ele conhece a manhã por ser reaceso para sacrifício no amanhecer, e é comparado a uma mãe de família ativa por causa de seu emprego para propósitos domésticos.

<sup>8</sup> Isto é, quando as nuvens escuras de chuva trovejaram.

<sup>9</sup> Quando ele vai até os deuses com o leite da adoração, a rica oferenda sacrificial, os deuses mandam chuva abundante. *Parijman*, o Viajante, o circundante, é nesse lugar o Vento tempestuoso. O significado exato da última metade da segunda linha é obscuro.

Ele canta, arauto digno de louvores.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 80 \(Griffith\)](#)

## Hino 79. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I, HINO 79.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 5, VARGA 27–28.

1. O de cabelos dourados no espaço da atmosfera,<sup>10</sup> a cobra rugidora,<sup>11</sup> está acelerando (pelo ar) como o vento; o observador brilhantemente resplandecente da aurora, ele que é como as (deusas) gloriosas, sempre ativas e verdadeiras.<sup>12</sup>
2. Por teus avanços os (pássaros) belamente alados foram menosprezados, o touro preto<sup>13</sup> urrou, quando aqui (tudo isso aconteceu). Ele veio como se com as (mulheres) generosas sorridentes.<sup>14</sup> As névoas voam, as nuvens trovejam.
3. Quando eles conduziram a ele, que se expande com o leite de Ṛta, nos caminhos mais retos de Ṛta, então Aryaman, Mitra e Varuṇa, ele que anda em torno da Terra, enchem a bolsa de couro (a nuvem) no útero da (atmosfera) inferior.<sup>15</sup>
4. Agni, que és senhor dos despojos, rico em vacas, o filho jovem da força, concede-nos, ó Jātavedas, grande glória.
5. Estando aceso, um Vasu, um sábio, Agni, que é para ser magnificado por palavras (virtuosas), ó (deus) de muitas faces, brilha para nós para que as riquezas possam ser nossas.
6. Reinando à noite por teu próprio poder, ó Agni, e, ao romper da aurora, ó Deus de dentes afiados, queima contra os feiticeiros.
7. Abençoa-nos, ó Agni, com as tuas bênçãos, quando a nossa canção Gāyatra é apresentada (para ti), tu a quem reverência é devida em todas as nossas orações.
8. Traze-nos riqueza, ó Agni, a qual possa ser sempre vitoriosa, excelente e invencível em todas as batalhas.
9. Dá-nos, Agni, por tua bondade, riqueza que possa durar toda a vida, e tem piedade de nós para que nós possamos viver.
10. Ó Gotama, apresenta palavras purificadas, traze canções para Agni de chama afiada, desejoso da graça dele.
11. Que aquele que tenta nos prejudicar, perto ou longe, caia. Leva-nos somente para o progresso.
12. Agni de mil olhos, que reside entre todas as tribos, afugenta os Rakṣas. O Hotṛ louvável (Agni) é glorificado.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 94 \(Oldenberg\)](#)

<sup>10</sup> O professor Max Müller observa com relação a essa parte: quando o céu envia a chuva, aparece o relâmpago.

<sup>11</sup> Isto é, Agni, como o fogo do relâmpago.

<sup>12</sup> As águas? Ou as auroras?

<sup>13</sup> *Parjanya*, a nuvem trovejante.

<sup>14</sup> As mulheres podem ser as pancadas de chuva. Ou elas poderiam ser entendidas como as auroras.

<sup>15</sup> Não parece provável para mim que *upara* signifique aqui a pedra de prensagem inferior.

## Hino 80. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O Ṛṣi é Gotama, como antes; mas o deus é Indra; a métrica é Pañkti.

Varga 29. **1.** Poderoso manejador do raio, quando o sacerdote<sup>1</sup> tinha te exaltado dessa maneira (por meio de louvor), e o estimulante suco *Soma* (tinha sido bebido), tu expulsaste, por teu vigor, Ahi da terra, manifestando tua própria soberania.<sup>2</sup>

**2.** Aquele suco *Soma* extremamente estimulante, que foi trazido pelo falcão,<sup>3</sup> (do céu), quando derramado, te animou, de modo que, em tua força, o que faz trovejar, tu derrubaste Vṛtra do céu, manifestando tua própria soberania.

**3.** Apressa-te, ataca, subjuga. Teu raio não pode falhar; tua força, Indra, destrói homens. Mata Vṛtra, ganha as águas, manifestando tua própria soberania.

**4.** Tu cortaste Vṛtra a partir da terra, e do céu. (Agora) solta a chuva limitada pelo vento, sustentadora de vida, manifestando tua própria soberania.

**5.** O furioso Indra, enfrentando-o, golpeou, com seu raio, o queixo do tremente Vṛtra, libertando as águas para fluir, e manifestando sua própria soberania.

Varga 30. **6.** Indra o atingiu, no templo, com seu raio de cem gumes, e, exultante, deseja fornecer os meios de sustento para seus amigos, manifestando sua própria soberania.

**7.** Indra conduzido em nuvem, manejador do raio, de fato, tua bravura é indiscutível; visto que tu, com habilidade (superior), mataste aquele cervo enganador,<sup>4</sup> manifestando tua própria soberania.

**8.** Teus raios se espalharam amplamente sobre noventa e nove rios:<sup>5</sup> notável é tua destreza. A força está depositada em teus braços, manifestando tua própria soberania.

**9.** Mil<sup>6</sup> mortais o adoraram, juntos; vinte<sup>7</sup> cantaram hinos (em seu louvor); cem (sábios) o glorificam repetidamente. Assim, Indra, a oblação é erguida, manifestando tua própria soberania.

**10.** Indra superou, com sua força, a força de Vṛtra; grande é sua coragem, com a qual, tendo matado Vṛtra, ele libertou as águas, manifestando sua própria soberania.

Varga 31. **11.** Esse céu e a terra tremeram, aquele que faz trovejar, por causa da tua ira, quando, acompanhado pelos Maruts, tu mataste Vṛtra por tua destreza, manifestando tua própria soberania.

**12.** Vṛtra não intimidou Indra com seu tremor, ou seu clamor; o raio de ferro de muitos gumes caiu sobre ele, (Indra) manifestando sua própria soberania.

**13.** Quando tu (Indra,) enfrentaste, com teu raio, Vṛtra e o raio (que ele lançou), então, Indra, a tua força, determinada a matar Ahi, foi mostrada nos céus, manifestando tua própria soberania.

<sup>1</sup> O *Brahmā*, que o comentador interpreta como o Brâmane.

<sup>2</sup> O refrão dessa e de todas as outras estrofes desse hino é *arcann anu svarājyam*. O primeiro termo geralmente significa adorando, honrando; mas o comentador apresenta, como seu equivalente, *prakaṭayam: svasya svāmitvam prakaṭayam*, tornando manifesto seu próprio domínio ou supremacia.

<sup>3</sup> O comentador diz que ele foi trazido do céu pela *Gāyatrī*, tendo as asas de um falcão.

<sup>4</sup> O comentário diz que Vṛtra tinha assumido a forma de um veado; mas nada mais a respeito desse incidente ocorre.

<sup>5</sup> Colocado em lugar de qualquer número indefinido.

<sup>6</sup> [O mesmo como na nota acima.]

<sup>7</sup> Os dezesseis sacerdotes empregados em um sacrifício, o *Yajamāna* e sua esposa, e dois funcionários denominados *Sadasya* e *Śamitr*, diretores, provavelmente, das cerimônias da assembleia, não do culto.

14. Ao teu grito, manejador do raio, todas as coisas, móveis ou imóveis, tremeram; até Tvaṣṭṛ tremeu de medo, Indra, pela tua fúria, manifestando tua própria soberania.

15. Nós não conhecemos, com toda a certeza, o onipresente Indra. Quem (conhece a ele, residindo) longe,<sup>8</sup> em sua força? Pois nele os deuses têm concentrado riquezas, e veneração, e poder, manifestando sua própria soberania.

16. Do mesmo modo como antigamente, assim, em qualquer ato de culto que Atharvan, ou o pai Manus, ou Dadhyac<sup>9</sup> se empenhassem, suas oblações e seus hinos eram, todos, congregados naquele Indra, manifestando sua própria soberania.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 81 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 80. Indra (Griffith)

1. Desse modo no Soma, em alegria selvagem o Brahman te exaltou: Tu, o mais poderoso armado com o trovão, expulsaste pela força o Dragão<sup>10</sup> da terra, louvando o teu próprio domínio imperial.

2. A poderosa dose de Soma derramando-se, trazida pelo Falcão,<sup>11</sup> alegrou a ti, que em tua força, ó Trovejador, tu derrubaste Vṛtra das torrentes, louvando o teu próprio domínio imperial.

3. Avança, enfrenta o inimigo, sê valente; teu raio de trovão não é impedido. A coragem, Indra, é tua força: para Vṛtra, faze as águas tuas, louvando o teu próprio domínio imperial.

4. Tu golpeaste Vṛtra da terra, o golpeaste, Indra, do céu. Que essas águas que nutrem a vida fluam acompanhadas pela hoste Marut, louvando o teu próprio domínio imperial.

5. O furioso Indra com seu raio de trovão, avançando no inimigo, bateu impetuoso nas costas do tremente Vṛtra, e libertou as águas desobstruídas para correr, louvando o seu próprio domínio imperial.

6. Com o raio de cem juntas Indra o golpeou nas costas, e, enquanto se regozijando no suco, busca a prosperidade para os amigos, louvando o seu próprio domínio imperial.

7. Indra, poder invicto é teu, Aquele que faz trovejar, Lançador da Pedra; pois tu com tua força insuperável mataste o animal traiçoeiro,<sup>12</sup> louvando o teu próprio domínio imperial.

8. Ao longe sobre noventa grandes rios<sup>13</sup> os teus raios foram lançados amplamente; grandioso, Indra, é o teu poder de herói, e a força está estabelecida em teus braços, louvando o teu próprio domínio imperial.

9. Louvam-no mil de uma só vez, vinte gritam o hino de louvor. Centenas têm cantado alto para ele, para Indra a oração tem sido exclamada, louvando o seu próprio domínio imperial.

10. Indra derrotou o poder de Vṛtra, – poder com poder mais forte. Essa foi a sua façanha valorosa, ele matou Vṛtra e libertou as torrentes, louvando o seu próprio domínio imperial.

---

<sup>8</sup> A expressão é muito elíptica, *ko vīryā parah*; sendo, literalmente: que – com vigor – longe. O comentador completa a sentença como no texto.

<sup>9</sup> *Manuṣ pitā*; Manus sendo o progenitor de toda a humanidade. Dadhyac, ou Dadhīci, é um *Rṣi* famoso, o filho de Atharvan, a menção de quem, subsequentemente, ocorre mais de uma vez.

<sup>10</sup> A grande serpente Ahi, um dos demônios da seca.

<sup>11</sup> É dito que o Soma foi trazido do céu por um falcão. Compare com 1.93.6.

<sup>12</sup> O demônio Vṛtra.

<sup>13</sup> As muitas águas obstruídas por Vṛtra.

**11.** Sim, até mesmo esse grande Par de Mundos tremeu de pavor pela tua ira, quando, Indra, o que faz trovejar, cingido de Maruts, tu mataste Vṛtra com tua força, louvando o teu próprio domínio imperial.

**12.** Mas Vṛtra não amedrontou Indra com seu tremor ou seu rugido de trovão. Sobre ele aquele raio de ferro caiu violentamente com suas mil pontas, louvando o seu próprio domínio imperial.

**13.** Quando com o trovão tu fizeste teu dardo e Vṛtra se encontrarem em guerra, o teu poder, ó Indra, desejoso de matar o Dragão, foi estabelecido firme no céu, louvando o teu próprio domínio imperial.

**14.** Quando no teu grito, ó Armado com o Trovão, todas as coisas fixas e móveis estremeçeram, até Tvaṣṭar estremeceu pela tua ira e tremeu de medo por causa de ti, louvando o teu próprio domínio imperial.

**15.** Não há, em nosso conhecimento, alguém que ultrapasse Indra em sua força; nele, os deuses têm acumulado virilidade, perspicácia, força e poder, louvando o seu próprio domínio imperial.

**16.** Continuamente, como antigamente, qualquer rito que Atharvan, Manus pai de todos, Dadhyac<sup>14</sup> realizavam, a prece e louvor deles juntos naquele Indra se reúnem, louvando o seu próprio domínio imperial.<sup>15</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 81 \(Griffith\)](#)

<sup>14</sup> Atharvan é o sacerdote que inicialmente obteve fogo e ofereceu Soma e preces para os Deuses. Dadhyac é filho dele. Manus ou Manu é o progenitor da humanidade.

<sup>15</sup> O refrão: 'louvando o seu próprio domínio imperial' não está sempre em conexão sintática com o verso do qual ele forma a conclusão.

## Hino 81. Indra (Wilson)

(Sexto Adhyāya. Continuação do Anuvāka 13. Sūkta VIII)

O Ṛṣi, deus e métrica, como antes.

Varga 1. **1.** Indra, o matador de Vṛtra, tem sido aumentado, em força e satisfação, pela (adoração dos) homens.<sup>1</sup> Nós o invocamos em grandes conflitos, assim como nos pequenos. Que ele nos defenda em batalhas.

**2.** Pois tu, herói, Indra, és uma hoste, tu és o concessor de muitos saques, tu és o exaltador dos humildes, tu dás (riquezas) para o adorador que te oferece oblações; pois tua riqueza é abundante.

**3.** Quando surge a batalha, a riqueza passa para o vitorioso. Atrela teus cavalos, os que humilham o orgulho (do inimigo), para que tu possas destruir um, e enriquecer o outro. Coloca-nos, Indra, em afluência.

**4.** Poderoso através de sacrifício, temível (para inimigos), partilhando do alimento sacrificial, Indra tem aumentado sua força. De aparência agradável, tendo um belo queixo, e possuindo corcéis (brilhantes), ele empunha o raio de ferro em suas mãos contíguas, para (a nossa) prosperidade.

**5.** Ele encheu o espaço da terra e do firmamento, (com sua glória); ele fixou as constelações no céu. Ninguém semelhante a ti jamais nasceu, ou nascerá, Indra: tu tens mantido o universo.

Varga 2. **6.** Que Indra, o protetor, que devolve para o dador (de oblações) o alimento que é apropriado para mortais, conceda (esse alimento) para nós. Distribui tua prosperidade, que é abundante, para que eu possa obter (uma parte) das tuas riquezas.

**7.** O justo realizador de atos (virtuosos) é o doador de rebanhos de gado para nós, quando recebendo frequente alegria (por causa das nossas libações). Pega, Indra, com as duas mãos, muitas centenas (de tipos) de tesouro: afia (os nossos intelectos), traze-nos opulência.

**8.** Desfruta, junto conosco, ó herói, da libação derramada, para (o aumento da nossa) força e bem-estar. Nós sabemos que tu (és) o possuidor de vastas riquezas, e dirigimos a ti nossos desejos. Sê, portanto, nosso protetor.

**9.** Essas, tuas criaturas, Indra, cuidam (das oblações) que podem ser compartilhadas por todos. Tu, senhor de todos, sabes quais são as riquezas daqueles homens que não fazem oferendas. Traze a riqueza deles para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 82 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> O comentador explica isso, – ‘uma divindade, obtendo vigor por meio de louvor, aumenta’; isto é, se torna mais forte e poderosa. A noção é bastante clara; mas, embora ‘aumenta’ seja a tradução literal de *pravardhate*, ela expressa seu significado apenas incompletamente.

## Hino 81. Indra (Griffith)

1. Os homens<sup>2</sup> têm elevado Indra, o matador de Vr̥tra, à alegria e força; a ele, de fato, nós invocamos em batalhas sejam grandes ou pequenas: que ele seja o nosso apoio em atos de poder.
2. Tu, Herói, és um guerreiro, tu és dador de abundantes despojos. Fortalecendo até os fracos, tu ajudas o sacrificador, tu dás ampla riqueza ao ofertante.
3. Quando guerra e batalhas estão em andamento, o saque é colocado diante do corajoso. Atrela os teus Baios que correm selvagememente. A quem tu matarás e a quem enriquecerás? Ó Indra, faze-nos ricos.
4. Poderoso através da sabedoria, como ele quer, terrível, ele tem se desenvolvido em força. Senhor dos Cavalos Baios, de queixo forte, sublime, ele nas mãos unidas por causa de glória empunhou seu raio de ferro.
5. Ele encheu a atmosfera terrestre e pôs as luzes no céu. Ninguém como tu jamais nasceu, ninguém como tu, Indra, nascerá. Tu crescestes poderoso sobre todos.
6. Que ele que dá para o ofertante o alimento sustentador de homens do inimigo, Indra, forneça a sua ajuda para nós. Distribui – abundante é a tua riqueza – para que eu possa compartilhar da tua generosidade.
7. Ele, de coração honrado, em cada momento de êxtase nos dá rebanhos de vacas. Reúne em ambas as tuas mãos para nós tesouros de muitas centenas de tipos. Torna-nos perspicazes, e nos traz riqueza.
8. Revigora-te, Herói, com o suco derramado em busca de generosidade e de força. Nós sabemos que tu és Senhor de grande riqueza, a ti nós enviamos os desejos dos nossos corações: sê, portanto, o nosso Protetor.
9. Essas pessoas,<sup>3</sup> Indra, mantêm para ti tudo o que é digno da tua escolha. Descobre tu, como Senhor, a riqueza dos homens que não oferecem presentes: traze para nós aquela riqueza deles.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 82 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>2</sup> Os sacerdotes ministrantes que exaltam e fortalecem com oblações.

<sup>3</sup> Teus adoradores aqui.

## Hino 82. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Pañkti, exceto na última estrofe, na qual ela é Jagatī.

Varga 3. **1.** Aproxima-te, Maghavan, e ouve os nossos louvores; não sejas diferente (do que tu tens sido até agora).<sup>1</sup> Visto que tu tens nos inspirado com discurso correto, tu és solicitado com ele. Portanto, atrela teus cavalos rapidamente.

**2.** (Teus adoradores) têm comido o alimento que tu tens dado, e têm se regozijado, e têm tremido através dos (corpos) preciosos deles; sábios autoiluminados têm te glorificado com pensamentoslouváveis. Portanto, atrela teus cavalos rapidamente.

**3.** Nós te louvamos, Maghavan, que olhas benignamente (para todos). Louvado desse modo por nós, dirige-te, (em teu carro), cheio de tesouro, em direção àqueles que desejam a tua presença. Indra, atrela teus cavalos rapidamente.

**4.** Que ele suba naquela carruagem que derrama (bênçãos), e concede gado, e que fornece o recipiente cheio da mistura de suco *Soma* e grãos.<sup>2</sup> Rapidamente, Indra, atrela teus cavalos.

**5.** Realizador de muitos atos (sagrados), que teus corcéis sejam atrelados à esquerda e à direita; e, quando alegrado pelo alimento (sacrificial), dirige-te, em tua carruagem, até a tua amada esposa. Rapidamente, Indra, atrela teus cavalos.

**6.** Eu arreio teus corcéis de crina longa com preces (sagradas). Parte; toma as rédeas em tuas mãos. Os sucos derramados e excitantes têm animado a ti, manejador do raio. Desse modo, cheio de nutrição, regozija-te, com tua esposa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 83 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 82. Indra (Griffith)

**1.** Ouve com benevolência nossas músicas, Maghavan,<sup>3</sup> não sejas negligente. Como tu nos fizeste cheios de alegria e nos deixas solicitar-te, agora, Indra, junte teus dois Cavalos Baios.

**2.** Eles<sup>4</sup> têm comido bem e se regozijado; os amigos têm surgido e ido embora. Os sábios luminosos em si mesmos têm te louvado com o hino mais recente deles. Agora, Indra, junte teus dois Cavalos Baios.

**3.** Maghavan, nós reverenciaremos a ti que és tão belo de se olhar. Glorificado dessa maneira, vem agora com o carro fartamente carregado de acordo com nosso desejo. Agora, Indra, junte teus dois Cavalos Baios.

**4.** Ele em verdade subirá no carro poderoso que encontra as vacas, que pensa sobre a tigela bem cheia, o que atrela os Corcéis Fulvos. Agora, Indra, junte teus dois Cavalos Baios.

---

<sup>1</sup> Isto é, de acordo com Sāyaṇa, não sejas o contrário daquele deus auspicioso que tu tens sido sempre para nós.

<sup>2</sup> *Pātraṃ hāriyojanaṃ*, um prato ou pátera cheio de *hariyojana*; o nome de uma mistura de cevada frita, ou outro grão, e suco *Soma*.

<sup>3</sup> Indra, o rico e generoso.

<sup>4</sup> Os adoradores.

5. Que, Senhor dos Cem Poderes, teus Corcéis sejam atrelados à direita e esquerda. Com os quais no êxtase do suco, aproxima-te da tua amada Esposa. Agora, Indra, junge teus dois Cavalos Baios.

6. Com a prece sagrada eu uno teu par de Baios de crina longa: vem para cá; tu os seguras em ambas as tuas mãos. As doses de suco excitante derramadas te alegam: tu, o que faz tropejar, tens te regozijado com Pūṣan e tua Esposa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 83 \(Griffith\)](#)

## Hino 83. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

Ṛṣi e deus como antes; a métrica é Jagatī.

Varga 4. **1.** O homem que é bem protegido, Indra, por teus cuidados, (e reside) em uma mansão onde há cavalos, é o primeiro que vai para (aquela onde há) vacas. Enriquece-o com bens abundantes; como os rios inconscientes<sup>1</sup> fluem, de todas as direções, para o oceano.

**2.** De modo semelhante como as águas brilhantes fluem para a concha sacrificial, assim eles (os deuses) olham para baixo (para ela); como a luz difusa (desce para a terra). Os deuses a transportam, desejosos que lhes seja apresentada, por (movimentos) progressivos, (para o altar), e estão impacientes para desfrutar dela, cheia com a oblação; como noivos (anseiam por suas noivas).<sup>2</sup>

**3.** Tu tens associado, Indra, palavras de louvor sagrado com ambos (o grão e a manteiga da oblação), colocados juntos em conchas, e oferecidos conjuntamente para ti; de modo que (o sacrificador), imperturbado, permanece (empenhado) no teu culto, e é próspero: pois, para o sacrificador, derramando oblações (para ti), poder auspicioso é concedido.

**4.** Os Aṅgirasas prepararam primeiro (para Indra), o alimento sacrificial, e então, com fogo aceso, (o adoraram) com um rito muito sagrado; eles, os instituidores (da cerimônia), obtiveram toda a riqueza de Paṇi, composta de cavalos, e vacas, e (outros) animais.

**5.** Atharvan descobriu primeiro, por meio de sacrifícios, o caminho (do gado roubado); então o sol brilhante, o apreciador de atos virtuosos, nasceu.<sup>3</sup> Atharvan recuperou o gado; Kāvya

<sup>1</sup> *Āpo \* vicetasah*. O epíteto é explicado, pelo comentador ‘as fontes de conhecimento excelente’; mas parece preferível compreender o prefixo *vi* em seu sentido de privação; pois não é muito inteligível como as águas deveriam conceder, ou mesmo possuir, inteligência.

<sup>2</sup> Nessa estrofe, como é habitual nas métricas mais elaboradas, nós encontramos colocações forçadas, e alusões elípticas e obscuras, transformadas imperfeitamente em algo inteligível, pelas adições do comentador. Desse modo *avaḥ paśyanti*, ‘eles olham para baixo’, é tornado específico por acrescentar *devāḥ*, ‘os deuses’, que olham para baixo, é dito, para a concha sacrificial, bem satisfeitos ao verem-na cheia com a libação planejada. O texto, além disso, tem somente ‘como luz difusa’, comentário acrescenta ‘desce para a terra’. Na frase seguinte, nós temos, ‘os deuses levam aquele que é satisfeito, pela libação, e deseja por eles, ou por movimentos progressivos, ou em uma direção leste, como noivos se deleitam’. Quem é levado? E para onde? A concha, o altar, assim como a noiva ou donzela, são acrescentados pelo comentário. O mesmo caráter de brevidade e obscuridade permeia todo o hino.

<sup>3</sup> *Ājani*. Mas isso significa, como diz o comentador, ‘o sol apareceu, para iluminar o caminho para a caverna onde as vacas estavam escondidas’.

(Uśanas) estava associado com ele.<sup>4</sup> Vamos adorar o imortal (Indra), que nasceu para reprimir (os Asuras).

6. Se a erva sagrada é cortada (para o rito) que traz bênçãos; se o sacerdote repete o (verso) sagrado, no sacrifício (brilhante); se a pedra (que espreme o suco *Soma*) soa como o sacerdote que repete o hino; em todas essas ocasiões, Indra se regozija.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 84 \(Wilson\)](#)

### Hino 83. Indra (Griffith)

1. Indra, o homem mortal, bem protegido pela tua ajuda, segue em primeiro lugar na riqueza de cavalos e de vacas. Com a mais ampla riqueza tu o enches, como as águas de todos os lados vistas claramente de longe encham totalmente o Sindhu.

2. As Águas celestiais não se aproximam da taça sacerdotal: elas somente olham para baixo e veem o quão longe o ar está expandido; os deuses levam o homem piedoso até eles: como pretendentes eles se deleitam com quem ama oração.

3. Bênção louvável tu tens colocado sobre o par que te serve com concha erguida, homem e mulher.<sup>5</sup> Não contido ele habita e prospera em tua lei; teu poder traz bênção para o sacrificador que derrama presentes.

4. Primeiro os Añgirases ganharam força vital para si mesmos, cujos fogos foram acesos através de boas ações e sacrifícios. Os homens juntos encontraram a riqueza acumulada de Paṇi,<sup>6</sup> o gado, e a profusão de cavalos e de vacas.

5. Atharvan primeiro através de sacrifícios planejou os caminhos,<sup>7</sup> então, guardião da Lei, surgiu o Sol amoroso. Uśanā Kāvya<sup>8</sup> conduziu o rebanho diretamente para cá. Vamos honrar com oferendas o nascimento do imortal Yama.<sup>9</sup>

6. Quando a erva sagrada é aparada para auxiliar o trabalho auspicioso, ou o hino faz a sua voz de louvor soar para o céu; quando a pedra ressoa como se fosse um cantor hábil em louvor, – Indra de fato se deleita quando esses se aproximam dele.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 84 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> Com Indra, de acordo com o comentário, o qual também identifica Kāvya com Uśanas, e o último, com Bhṛgu, talvez significando, contudo, somente que Uśanas era da família de Bhṛgu.

<sup>5</sup> O texto tem somente *mithunā*, um casal. A palavra aparentemente significa aqui o oferecedor do sacrifício e sua esposa, que participava da cerimônia. Sāyaṇa a explica como os grãos e a manteiga da oblação.

<sup>6</sup> O demônio avaro que retém a chuva.

<sup>7</sup> Para o Sol nascente percorrer.

<sup>8</sup> Um célebre Ṛṣi antigo. Veja 1.51.10.

<sup>9</sup> O sentido da última metade do segundo verso é obscuro. Ludwig a traduz: ‘Busquemos obter por meio de sacrifício a imortalidade que surgiu de Yama’. Yama parece aqui representar o Sol nascente. Veja Ehni, *Der Mythos des Yama*, p. 62.

## Hino 84. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; mas a métrica é diversificada. As primeiras seis estrofes estão na medida Anuṣṭubh; as três seguintes, na Uṣṇih; as três seguintes, na Pañkti; as três próximas, na Gāyatrī; e as próximas três, na Triṣṭubh; o décimo nono verso está na Bṛhatī; e o vigésimo, na métrica Satobṛhatī.

Varga 5. **1.** O suco Soma foi espremido, Indra, para ti, o potente que humilha (teus inimigos), aproxima-te. Que a energia te sacie (pela libação); como o sol enche o firmamento com seus raios.

**2.** Que os cavalos dele tragam Indra, que é de bravura irresistível, para os louvores e sacrifícios de sábios e de homens.

**3.** Matador de Vṛtra, sobe na tua carruagem; pois teus cavalos foram atrelados por oração. Que a pedra (que esmaga a *Soma*) atraia, por meio de seu som, tua mente em direção a nós.

**4.** Bebe, Indra, essa libação excelente, imortal, estimulante, as gotas de qual (bebida) transparente fluem na tua direção, na câmara de sacrifício.

**5.** Ofereçam culto, rapidamente, para Indra; recitem hinos (em seu louvor); que as gotas vertidas o alegrem; prestem adoração à força superior dele.

Varga 6. **6.** Quando, Indra, tu atrelas teus cavalos, não há ninguém melhor auriga do que tu; ninguém é igual a ti em força; ninguém, embora de bons cavalos, te ultrapassou.

**7.** Ele que sozinho dá prosperidade ao homem que lhe oferece oblações é o soberano indiscutível, Indra. Ó!<sup>1</sup>

**8.** Quando ele pisará, com seu pé, sobre o homem que não oferece oblações, como se sobre uma cobra enrolada?<sup>2</sup> Quando Indra ouvirá os nossos louvores? Ó!

**9.** Indra concede força formidável para aquele que o adora, tendo preparado libações. Ó!

**10.** As vacas brancas bebem do suco *Soma* doce, assim derramado, e, associadas com o generoso Indra, por causa de beleza, se regozijam; permanecendo (em seus estábulos), elas estão expectantes da soberania dele.<sup>3</sup>

Varga 7. **11.** Desejosas do contato dele, aquelas vacas malhadas diluem o suco Soma com seu leite; as vacas leiteiras, que são amadas por Indra, dirigem o raio destrutivo dele contra os inimigos dele, permanecendo (em seus estábulos), elas estão expectantes da soberania dele.

**12.** Aquelas vacas inteligentes reverenciam a bravura dele com a adoração (de seu leite); elas celebram suas muitas façanhas, – como um exemplo para posteriores (adversários), – permanecendo (em seus estábulos), elas estão expectantes da soberania dele.

**13.** Indra, com os ossos de Dadhyac, matou noventa vezes nove Vṛtras.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Esse verso e os dois seguintes terminam com o termo não conectado aṅga, o qual o comentador interpreta como 'rápido'; mas ele é, mais comumente, uma interjeição de chamado.

<sup>2</sup> O texto tem *kṣumpa*, explicado, propriamente, como uma planta espinhosa.

<sup>3</sup> Esse, que constitui o refrão do terceto, é bastante obscuro. O texto é *vasvīr anu svarājyam*, literalmente, residindo conforme, ou de acordo com, seu próprio domínio.

<sup>4</sup> Dadhyac, também chamado Dadhīca ou Dadhīci é um sábio renomado em lenda purânica, de quem é dito que seus ossos formaram o raio de Indra. A história parece ter variado da lenda védica original, como nós teremos oportunidade subsequente para notar (Hino 116). Nesse lugar a história contada pelo comentador também difere um pouco. Ele narra que, enquanto Dadhyac, filho de Atharvan, vivia, os *Asuras* eram intimidados e tranquilizados pela aparência dele; mas, quando ele tinha ido para Svarga, eles cobriram a terra inteira. Indra, perguntando o que havia acontecido com ele, e se nada dele tinha sido deixado para trás, foi informado de que a cabeça de cavalo com a qual ele tinha, uma vez, ensinado o

**14.** Desejando a cabeça do cavalo escondida nas montanhas, ele a encontrou em Śaryaṇāvat.

**15.** Os (raios solares) encontraram, nessa ocasião, a luz de Tvaṣṭṛ, de fato, oculta na mansão da lua movente.<sup>5</sup>

Varga 8. **16.** Quem atrela, hoje, à lanca do carro (de Indra) seus corcéis vigorosos e radiantes, cuja ira é insuportável, em cujas bocas há flechas, que pisam nos corações (de inimigos), que são felicidade (para amigos)? (O sacrificador) que louva sua (realização de seus) deveres obtém vida (longa).<sup>6</sup>

**17.** Quem parte, (por medo de inimigos, quando Indra está perto)? Quem é prejudicado (por seus inimigos)? Quem está apavorado? Quem está ciente que Indra está presente? Quem, que ele está perto? Que necessidade há de alguém importunar Indra por causa do seu filho, seu elefante, sua propriedade, seu corpo, ou seu povo?

**18.** Quem louva o fogo (sacrificial, aceso por Indra)? Ou o adora com oblações de manteiga clarificada, oferecidas na concha, de acordo com estações constantes?<sup>7</sup> Para quem os deuses trazem rapidamente (a riqueza) que foi pedida? Qual sacrificador, empenhado em oferecer oblações, e favorecido pelos deuses, conhece Indra completamente?

**19.** Poderoso Indra, está presente, e sê favorável ao mortal (que te adora). Não há outro concessor de felicidade, Indra, além de ti. Por isso, Indra, eu recito teu louvor.

**20.** Concessor de residências, não deixes tua tesouraria, não deixes teus benefícios,<sup>8</sup> alguma vez serem prejudiciais para nós. Amigo da humanidade, traze para nós, que somos familiarizados com preces, todos os tipos de riquezas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 85 \(Wilson\)](#)

*Madhvidyā* para os Ásvins, continuava existente em algum lugar, mas ninguém sabia onde. Busca foi feita por ela, e ela foi encontrada no lago Śaryaṇāvat, nos limites de Kurukṣetra; e, com os ossos da caveira, Indra matou os *Asuras*, ou, como explicado de outra maneira, frustrou os nove vezes noventa (ou oitocentos de dez) estratégias ou artifícios dos *Asuras* ou *Vṛtras*.

<sup>5</sup> O texto tem somente ‘eles encontraram’, o comentador, seguindo Yāska (*Nir.* IV. 25) acrescenta ‘os raios do sol’. Tvaṣṭṛ é aqui usado em lugar do sol, sendo um dos *Ādityas*; ou, de acordo com o comentador, em vez de Indra, a quem o hino é endereçado, e que é, também, um dos *Ādityas*. O significado da estrofe é, aparentemente, a expressão obscura de um fato astronômico, – conhecido pelos autores dos *Vedas*, – que a lua brilhava somente por refletir a luz do sol. Assim é dito “os raios de sol são refletidos de volta no orbe aquoso brilhante da lua”, e, também, “o brilho solar, escondido pela noite, entra na lua, e desse modo dissipa a escuridão à noite, assim como de dia”. De acordo com o *Nirukta* II. 6, é um raio do sol (aquele chamado *Suṣumṇa*) que ilumina a lua; e é com relação àquele que a luz dela é derivada do sol.

<sup>6</sup> Outra interpretação pode ser atribuída a esse verso, a qual trata de traduzir *kah* por *Prajāpati*, em vez de *quem*, e *gāh* por *palavras do Veda*, em vez de *cabalos*; compondo “Prajāpati combina, hoje, com a carga do sacrifício as palavras que são efetivas, brilhantes, essenciais, emitidas da boca, animadoras do coração, e produtivas de felicidade: o adorador que realiza o objetivo de tais preces obtém vida”.

<sup>7</sup> *Rtubhirdhruvebhiḥ*, no qual *Rtu* pode ter seu sentido comum de ‘estação’. Ou a passagem pode significar ‘oferecidas pelas divindades chamadas *Rtus*, que presidem sacrifícios’, como no texto ‘As *Rtus* são os principais sacrifícios’, isto é, as divindades que os presidem.

<sup>8</sup> *Ūtayah*, benefícios, assistências; mas isso pode ser lido *dhūtayah*, abaladores, agitadores, isto é, os Maruts, ou Ventos.

## Hino 84. Indra (Griffith)

1. O Soma foi espremido para ti, ó Indra; o mais poderoso, Ousado, vem. Que o vigor de Indra te encha completamente, como o Sol enche o ar com raios.
2. Seu par de Corcéis Fulvos traz Indra de poder sem oposição para cá para as canções de louvor dos R̥ṣis e sacrifício realizado por homens.
3. Matador de Vṛtra, sobe no teu carro; teus Cavalos Baios foram atrelados por prece. Que, com a voz dela, a pedra de prensagem atraia a tua atenção para cá.
4. Esta libação derramada, Indra, bebe, imortal, alegradora, excelente. Rios do brilhante<sup>9</sup> têm fluído para ti aqui na base da santa Lei.<sup>10</sup>
5. Cantem glória agora a Indra, recitem para ele seus elogios solenes. As gotas derramadas o tornaram alegre; prestem reverência ao seu poder supremo.
6. Quando, Indra, tu atrelas teus corcéis, não há melhor auriga: ninguém te superou em teu poder, ninguém com bons cavalos te alcançou.
7. Aquele que sozinho concede ao homem mortal que oferece presentes, o soberano de poder irresistível, é Indra, com certeza.
8. Quando ele pisoteará, como uma erva daninha, o homem que não tem presente para ele? Quando, de fato, Indra ouvirá nossos cânticos de louvor?
9. Aquele que com o suco Soma preparado em meio a muitos honra a ti, – Indra, realmente ganha por meio disso um poder extraordinário.
10. O suco Soma assim derramado, doce para o paladar, as vacas brilhantes<sup>11</sup> bebem, que por causa de esplendor se regozijam próximas ao lado do poderoso da Indra, boas em sua própria supremacia.
11. Almejando o toque dele as vacas malhadas misturam o Soma com seu leite. As vacas leiteiras estimadas por Indra lançam o raio mortífero dele,<sup>12</sup> boas em sua própria supremacia.
12. Com veneração, extremamente sábias, honrando o poder vitorioso dele, elas seguem rigorosamente suas muitas leis para obter para si mesmas preeminência adequada, boas em sua própria supremacia.
13. Com os ossos de Dadhyac<sup>13</sup> como suas armas, Indra, irresistível no ataque, matou noventa e nove Vṛtras.
14. Ele, procurando a cabeça do cavalo, distante entre as montanhas,<sup>14</sup> encontrou em Śaryaṇāvān<sup>15</sup> o que ele procurava.
15. Então realmente eles reconheceram a forma essencial do Touro de Tvaṣṭar,<sup>16</sup> aqui na mansão da lua.

<sup>9</sup> Suco Soma.

<sup>10</sup> Isto é, no lugar onde o sacrifício, ordenado por ṛtá, ou Lei Eterna, é realizado.

<sup>11</sup> O leite puro e brilhante que absorve ou bebe o suco Soma com o qual ele é misturado, e que está próximo a, ou unido com, Indra quando oferecido a, e aceito por ele em libação.

<sup>12</sup> As vacas, isto é, o leite delas, exalta e fortalece Indra, e o incita a lutar com os demônios. O significado do refrão desse terceto (versos 10, 11, 12) não é muito claro.

<sup>13</sup> Dadhyac, ou, em uma forma mais recente, Dadhīca, era um R̥ṣi filho de Atharvan, ele e seu pai sendo considerados os primeiros fundadores do sacrifício. Ele é descrito como tendo a cabeça de um cavalo dada a ele pelos Ásvins, a qual foi posteriormente cortada por Indra. Com os ossos dele ou, como diz a lenda, os ossos dessa cabeça de cavalo, convertidos em um raio, Indra matou os Vṛtras ou demônios que impediam a chuva. A lenda védica, que foi modificada e ampliada em épocas posteriores, parece ter estado ligada em sua origem com aquela dos Dadhikrās, citados frequentemente no Veda e descritos como uma espécie de cavalo divino, provavelmente uma personificação do Sol da manhã em seu curso rápido. Dadhyac pode ser a antiga Lua cujos ossos, quando ele morre, se tornam as estrelas com as quais Indra mata os demônios da escuridão.

<sup>14</sup> As nuvens da manhã.

<sup>15</sup> Um lago dito ser nos limites do distrito chamado Kurukṣetra, perto da moderna Delhi.

**16.** Quem atrela hoje à lança da Ordem os corcéis fortes e impetuosos<sup>17</sup> de espírito que não pode ser reprimido, com bocas armadas com flechas, perfuradores de corações, e concessores de saúde? Viverá por longo tempo aquele que paga ricamente o serviço deles.

**17.** Quem foge? Quem sofre? Quem teme? Quem conhece Indra presente, Indra perto de nós? Quem manda bênção sobre sua descendência, sua família, riqueza e corpo, e os Povos?<sup>18</sup>

**18.** Quem com oferenda e óleo derramado honra Agni, com concha cultua em épocas determinadas? Para quem os Deuses trazem oblação rapidamente? Qual ofertante, favorecido pelos Deuses, o conhece perfeitamente?<sup>19</sup>

**19.** Tu como um Deus, ó mais poderoso, de fato abençoa o homem mortal. Ó Maghavan, não há confortador além de ti; Indra, eu falo minhas palavras para ti.

**20.** Não deixes as tuas dádivas copiosas, não deixes a tua ajuda salvadora nos faltar, bom Senhor, em nenhum momento; e distribui para nós, tu amante da humanidade, para cá todas as riquezas dos homens.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 85 \(Griffith\)](#)

<sup>16</sup> Uma expressão obscura para o Sol. O sentido do verso pode ser que quando, depois das chuvas, as brilhantes noites de lugar chegavam, os homens reconheciam que a luz era emprestada do Sol. Veja os Hinos do Atharva-veda, 20.41.

<sup>17</sup> Os sacerdotes zelosos e incansáveis, que estão atrelados à lança da carruagem da Ordem ou empenhados na realização de sacrifício ordenada pela Lei Eterna. As palavras dos sacerdotes são as flechas com as quais suas bocas estão armadas.

<sup>18</sup> A resposta a essas questões é, os sacerdotes, que representam os sentimentos do homem que institui o sacrifício.

<sup>19</sup> A segunda linha desse verso é traduzida por Wilson, seguindo Sāyaṇa: 'Para quem os deuses trazem rapidamente (a riqueza) que foi pedida?' Isso seria bastante inteligível, mas *homa* (oblação) mal pode suportar a interpretação forçada desse modo sobre ela.

## Hino 85. Maruts (Wilson)

(Anuvāka 14. Sūkta I)

Os deuses são os Maruts; o Ṛṣi, Gotama; a métrica do quinto e décimo segundo versos é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 9. **1.** Os Maruts, que estão partindo, se enfeitam como mulheres; eles são aqueles que planam (pelo ar), os filhos de Rudra, e os fazedores de boas obras, pelas quais eles promovem o bem-estar da terra e do céu. Heróis, que moem (as rochas sólidas), eles se deleitam em sacrifícios.

**2.** Eles, iniciados pelos deuses,<sup>1</sup> obtiveram grandiosidade; os filhos de Rudra estabeleceram sua residência no céu; glorificando a ele (Indra,) que merece ser glorificado, eles o têm inspirado com vigor; os filhos de Pṛṣni adquiriram soberania.

**3.** Quando os filhos da terra<sup>2</sup> se embelezam com ornamentos, eles brilham resplandecentes, em seus corpos, com ornamentos luminosos; eles mantêm afastado todo adversário; as águas seguem o caminho deles.<sup>3</sup>

**4.** Eles, que são adorados dignamente, brilham com várias armas; incapazes de serem derrubados, eles são os que derrubam (montanhas). Maruts, rápidos como o pensamento, incumbidos do dever de mandar chuva, atrelam os cervos pintalgados aos seus carros.

**5.** Quando, Maruts, impelindo a nuvem adiante, para (fornecer) alimento, vocês atrelam os cervos às suas carruagens, as gotas caem do (sol) radiante,<sup>4</sup> e umedecem a terra, como uma pele, com água.

**6.** Que seus corcéis de passos rápidos, que planam sem obstáculos, os tragam (para cá); e, movendo-se velozmente, venham, com suas mãos (cheias de coisas boas). Sentem-se, Maruts, sobre o largo assento de grama sagrada, e se regalem com o alimento sacrificial doce.

Varga 10. **7.** Confiantes em sua própria força, eles cresceram (em poder); eles chegaram ao céu por sua grandeza, e fizeram (para si mesmos), uma residência espaçosa. Que eles, por quem Viṣṇu defende (o sacrifício) que concede todos os desejos e confere deleite, venham, (rapidamente,) como aves, e se sentem sobre a grama agradável e sagrada.

**8.** Como heróis, como combatentes, como homens ansiosos por alimento, os (Maruts) de movimento rápido têm se envolvido em batalhas. Todos os seres temem os Maruts, que são os condutores (da chuva), e de aspecto impressionante, como príncipes.

**9.** Indra empunha o raio bem feito, dourado, de muitas lâminas, o qual o habilidoso Tvaṣṭṛ moldou para ele, para que ele possa realizar grandes feitos em guerra. Ele matou Vṛtra, e enviou um oceano de água.

**10.** Por seu poder, eles mantiveram o poço no alto, e partiram a montanha que obstruía seu caminho. Os munificentes Maruts, soprando sua flauta,<sup>5</sup> têm conferido, quando alegrados pelo suco *Soma*, (dádivas) desejáveis (para o sacrificador).

<sup>1</sup> *Ukṣitāsah*, molhados, ou aspergidos com água sagrada pelos deuses.

<sup>2</sup> Aqui eles são chamados de *gomātarah*, tendo, como sua mãe, a vaca; isto é, a terra, sob aquele símbolo – equivalente a Pṛṣni na estrofe anterior.

<sup>3</sup> Isto é, a chuva segue o vento.

<sup>4</sup> *Aruṣa* é o termo do texto, – ‘o radiante’, o qual pode ser aplicar ao sol ou ao Agni do relâmpago; ambos sendo, de modo semelhante, a fonte de chuva.

<sup>5</sup> *Dhamanto vāṇam*. O comentador explica *vāṇam* como uma flauta, uma *vīṇā* com cem cordas; um tipo de harpa eólica, talvez. *Dhamanta* ‘soprando’, se aplicaria melhor a uma flauta, um instrumento de sopro.

11. Eles levaram de través o poço para o lugar (onde o Muni estava), e borrifaram a água sobre o sedento Gotama.<sup>6</sup> Os (Maruts) variadamente radiantes vão em seu socorro, satisfazendo o desejo do sábio com (águas) mantenedoras de vida.

12. Quaisquer bênçãos (que estejam espalhadas) pelos três mundos, e estejam em seu dom, concedam ao doador (da oblação), que se dirige a vocês com adoração. Concedam-nas, também, Maruts, a nós; e nos deem, concessores de tudo o que é bom, riquezas, de onde surge prosperidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 86 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 85. Maruts (Griffith)

1. Aqueles que estão resplandecendo, como mulheres, em seu caminho, fazedores de atos poderosos, corredores velozes, os Filhos de Rudra,<sup>7</sup> os Maruts, têm feito o céu e a terra aumentar e crescer: em sacrifícios eles se deleitam, os fortes e selvagens.

2. Crescidos à sua força perfeita eles atingiram grandeza, os Rudras<sup>8</sup> estabeleceram sua morada no céu. Cantando sua canção de louvor e gerando poder, eles vestiram glória, os filhos que Pr̥śni teve.

3. Quando, Filhos da Vaca,<sup>9</sup> eles brilham em trajes luminosos, e em seus membros belos colocam seus ornamentos de ouro, eles afugentam todo adversário do seu caminho, e, seguindo seus rastros, a abundância flui para baixo,<sup>10</sup>

4. Quando, poderosos Guerreiros, vocês que resplandecem com suas lanças,<sup>11</sup> derrubando com sua força até o que nunca é derrubado; Quando, ó Maruts, vocês, a tropa que envia a chuva, tinham atrelado aos seus carros os cervos pintalgados<sup>12</sup> rápidos como pensamento,

5. Quando vocês atrelaram aos seus carros os cervos pintalgados, incitando o raio, ó Maruts, para a luta, as torrentes avançam da nuvem tempestuosa vermelha escura, e umedecem, como uma pele, a terra com inundações de água.

6. Que seus corcéis que planam rápido os tragam para cá com suas asas velozes. Avancem com seus braços. Sentem-se na grama;<sup>13</sup> um assento largo foi feito para vocês: deleitem-se, ó Maruts, no alimento agradável.

7. Fortes em sua força inata à grandeza eles cresceram, andaram até o firmamento e fizeram sua ampla morada. Quando Viṣṇu salvou o Soma<sup>14</sup> que traz alegria selvagem, os Maruts se sentaram como pássaros em sua amada grama sagrada.

8. Em verdade como heróis desejosos de luta eles avançam, como combatentes que procuram fama eles têm lutado em guerra. Diante dos Maruts toda criatura tem medo: os homens<sup>15</sup> são como Reis,<sup>16</sup> terríveis de se ver.

---

<sup>6</sup> Nessa e na próxima estrofe, alusão é feita a uma lenda na qual é narrado que o R̥ṣi Gotama, estando sedento, rezou para os Maruts em busca de alívio, que, por isso, levaram um poço, de longe, para o eremitério dele. Esse feito é, subsequentemente, (Hino 116), relacionado com os Aśvins.

<sup>7</sup> Os Maruts, ou Deuses da Tempestade, são os filhos de Rudra e Pr̥śni, a terra ou a nuvem pintada.

<sup>8</sup> Os filhos de Rudra.

<sup>9</sup> Isto é, de Pr̥śni ou da nuvem sob esse símbolo.

<sup>10</sup> As nuvens derramam abundância; a chuva fertilizante desce.

<sup>11</sup> As lanças resplandecentes são os lampejos de relâmpago.

<sup>12</sup> É dito que o carro dos Maruts é puxado por cervos pintalgados ou antílopes.

<sup>13</sup> Na grama sagrada cortada e espalhada para os Deuses.

<sup>14</sup> Viṣṇu preparou o Soma e o levou para Indra, e os Maruts, os companheiros de Indra, sentaram-se com ele para desfrutar do suco.

<sup>15</sup> Os Maruts.

9. Quando Tvaṣṭar de mão hábil formou o raio, dourado, com mil gumes, moldado muito habilmente, Indra o recebeu para realizar feitos heroicos. Ele matou Vṛtra, e forçou o fluxo de água para fora.

10. Eles, com sua força vigorosa empurraram o poço<sup>17</sup> no alto, e dividiram a nuvem em dois embora ela fosse extremamente forte. Os Maruts, Doadores generosos, emitindo sua voz, na alegria selvagem do Soma fizeram suas façanha gloriosas.

11. Eles guiaram a nuvem transversa dirigida para cá, e despejaram a fonte para o sedento Gotama.<sup>18</sup> Brilhando com luz variada eles vêm a ele com ajuda: eles com seu poder realizaram o desejo do sábio.

12. As proteções que vocês têm para aquele que os louva, deem-nas três vezes mais para o homem que oferta. Estendam as mesmas bênçãos a nós, ó Maruts. Deem-nos, ó Heróis, riqueza com filhos nobres.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 86 \(Griffith\)](#)

## Hino 85. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄḌALA I, HINO 85.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 6, VARGA 9-10.

1. Aqueles que resplandecem como esposas e companheiros de jugo, os filhos poderosos de Rudra em seu caminho, eles, os Maruts, de fato fizeram o céu e a terra crescer;<sup>19</sup> eles, os fortes e selvagens, se deleitam nos sacrifícios.

2. Quando crescidos, eles obtiveram grandeza, os Rudras estabeleceram sua sede no céu. Enquanto cantando sua canção e aumentando sua força, os filhos de Pṛṣṇi têm se vestido de beleza.

3. Quando esses filhos da vaca (Pṛṣṇi) se adornam com enfeites resplandecentes, os brilhantes colocam armas brilhantes em seus corpos. Eles afugentam todo adversário; a abundância (chuva) flui ao longo dos caminhos deles, –

4. Quando vocês,<sup>20</sup> os poderosos, que brilham com suas lanças, fazendo tremer até mesmo o que é inabalável pela força, – quando, ó Maruts, as hostes valorosas, atrelaram os cervos pintalgados, rápidos como o pensamento, aos seus carros; –

5. Quando vocês tinham atrelado os cervos pintalgados na frente de seus carros, arremessando a pedra (raio) na luta, então as correntes do (cavalo) vermelho avançam: como uma pele<sup>21</sup> com água eles molham a terra.

<sup>16</sup> Isto é, guerreiros.

<sup>17</sup> Aqui a nuvem, como um reservatório de água.

<sup>18</sup> O Ṛṣi para quem o hino é revelado.

<sup>19</sup> O significado dessa frase, que ocorre com muita frequência, era originalmente que as tempestades, por afastarem as nuvens escuras, faziam a terra e o céu parecerem maiores e mais amplos. Ela depois toma um sentido mais geral de aumento, fortalecimento, bênção.

<sup>20</sup> A transição súbita da terceira para a segunda pessoa não é incomum nos hinos védicos, o fato sendo que onde nós, em uma frase relativa, devemos usar a mesma pessoa que a do verbo principal, os poetas védicos usam frequentemente a terceira.

<sup>21</sup> Os correntes do (cavalo) vermelho, isto é, da nuvem, avançam, e, as torrentes liberadas pelos Maruts, ou os próprios Maruts, umedecem a terra com água, como uma pele, isto é, como uma pele na qual a água é mantida e a partir da qual ele é derramada. A própria nuvem sendo chamada de pele por poetas védicos (1, 129, 3) torna a comparação ainda mais natural.

6. Que os que planam velozmente, os cavalos de asas rápidas os tragam para cá! Venham com seus braços!<sup>22</sup> Sentem-se na pilha de grama, um assento largo foi feito para vocês. Alegrem-se, Maruts, no alimento doce.<sup>23</sup>

7. Fortes em si mesmos, eles cresceram com poder; eles entraram no firmamento, eles fizeram sua ampla sede. Quando Viṣṇu<sup>24</sup> salvou o Soma extasiante, os Maruts se sentaram como pássaros em seu altar amado.

8. Como heróis realmente sedentos de luta eles avançam por todos os lados; como combatentes ávidos por glória eles têm lutado em batalhas. Todos os seres temem os Maruts; eles são homens terríveis de se ver, como reis.

9. Quando o inteligente Tvaṣṭar<sup>25</sup> tinha formado o raio bem-feito, dourado, de mil gumes, Indra o pega para realizar seu feitos varonis; ele matou Vṛtra, e forçou para fora corrente de água.

10. Por seu poder eles empurraram o poço<sup>26</sup> no alto, eles fenderam a rocha (nuvem), embora forte. Emitindo sua voz<sup>27</sup> os generosos Maruts realizaram, enquanto bêbedos de Soma, seus feitos gloriosos.

11. Eles empurraram o poço (nuvem) transversalmente nesse caminho, eles derramaram a fonte para o sedento Gotama. Os Maruts com belo esplendor se aproximam dele com ajuda, eles, da sua própria maneira, realizaram o desejo do sábio.

12. As proteções que vocês têm para aquele que os louva, concedam-nas três vezes mais para o homem que presenteia! Estendam o mesmo para nós, ó Maruts! Deem-nos, ó heróis, riqueza com filhos heroicos!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 86 \(Müller\)](#)

<sup>22</sup> Com seus braços, isto é, de acordo com Sāyaṇa, com os braços cheios de presentes.

<sup>23</sup> O alimento doce é Soma.

<sup>24</sup> Viṣṇu, cujo personagem nos hinos do *Veda* é muito diferente daquele assumido por ele em períodos posteriores da religião Hindu, aqui deve ser tomado como o amigo e companheiro de Indra. Como os Maruts, ele ajudou Indra em sua batalha contra Vṛtra e na conquista das nuvens. Quando Indra foi abandonado por todos os deuses, Viṣṇu veio em seu socorro.

<sup>25</sup> Tvaṣṭar, o trabalhador dos deuses, frequentemente também o artífice e criador.

<sup>26</sup> *Avata*, um poço, aqui denotando uma nuvem.

<sup>27</sup> *Dhamantah vāṇaṃ* é traduzido por Sāyaṇa como tocando lira, por Benfey como tocando flauta. Tal interpretação, especialmente a última, seria muito apropriada, mas não há autoridade para vāṇa significando lira ou flauta no *Veda*.

## Hino 86. Maruts (Wilson)

(Sūkta II)

Ṛṣi e deuses os mesmos; a métrica é Gāyatrī.

- Varga 11. **1.** O homem em cuja mansão, resplandecentes Maruts, descendo do céu, vocês bebem (a libação), é provido dos protetores mais hábeis.
- 2.** Maruts, portadores de oblações, ouçam a invocação dos louvores do adorador com ou (sem)<sup>1</sup> sacrifícios.
- 3.** E que ele por quem sacerdotes ministrantes têm afiado<sup>2</sup> a sapiente (tropa de Maruts) caminhe entre pastos lotados de gado.
- 4.** A libação é derramada para o (grupo de) heróis, no sacrifício, nos dias estabelecidos; e o hino é repetido; e a alegria deles (é estimulada).
- 5.** Que os Maruts, vitoriosos sobre todos os homens, ouçam (os louvores) desse (seu adorador); e que (alimento) abundante seja obtido por aquele que os glorifica.
- Varga 12. **6.** Desfrutando da proteção de vocês que veem todas as coisas, nós temos oferecido a vocês, Maruts, (oblações,) por muitos anos.
- 7.** Maruts, que devem ser adorados especialmente, que o homem cuja oferenda vocês aceitam seja sempre próspero.
- 8.** Possuidores de vigor verdadeiro, sejam conhecedores dos desejos daquele que os louva, e labuta em seu serviço, desejoso de (seu favor).
- 9.** Possuidores de vigor verdadeiro, vocês têm mostrado seu poder, com o brilho (do qual) vocês têm destruído os Rākṣasas.
- 10.** Dissipem a escuridão que oculta; afugentem todo (inimigo) devorador; mostrem-nos a luz pela qual nós ansiamos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 87 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 86. Maruts (Griffith)

- 1.** Tem os melhores dos guardiões aquele homem em cuja morada vocês bebem, Ó Maruts, gigantes do céu.
- 2.** Honrados com sacrifício ou com a adoração dos hinos dos sábios, Ó Maruts, ouçam o chamado.
- 3.** Sim, o homem forte para quem vocês concederam dar um sábio, se moverá Em um estábulo rico em vacas.<sup>3</sup>
- 4.** Sobre a grama sagrada desse herói Soma é derramado em ritos diários: Louvor e alegria são cantados em voz alta.
- 5.** Que os fortes Maruts ouçam a ele, a ele que supera todos os homens: que seja dele a força que chega até o Sol.
- 6.** Pois, através da ajuda amorosa dos deuses rápidos, em muitos outonos, Maruts, nós Temos oferecido o nosso sacrifício.
- 7.** Afortunado será aquele mortal, ó Maruts mais adoráveis,

<sup>1</sup> A expressão é 'com sacrifícios ou'; o 'sem' é acrescentado pelo comentador.

<sup>2</sup> *Atakṣata*, têm afiado, isto é, têm excitado, ou animado, por meio das oferendas deles.

<sup>3</sup> Ou seja, se tornará o rico possuidor de muitas vacas.

Cujas oferendas vocês transportam.

**8.** Ó heróis verdadeiramente fortes, vocês conhecem a labuta daquele que canta seu louvor, O desejo do coração daquele que ama.<sup>4</sup>

**9.** Ó vocês de força verdadeira, façam isso manifesto por sua grandeza: golpeiem O demônio com seu raio.

**10.** Ocultem a escuridão horrenda, afastem de nós todo demônio devorador.<sup>5</sup>  
Criem a luz pela qual nós ansiamos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 87 \(Griffith\)](#)

## Hino 86. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄḌALA I, HINO 86.

AṢṬAKA I, ADHYĀYA 6, VARGA 11-12.

**1.** Ó Maruts, aquele homem em cuja habitação vocês bebem (o Soma), ó (filhos) poderosos dos céus, ele de fato tem os melhores guardiões.

**2.** Vocês que são propiciados por sacrifícios ou pelas orações do sábio, ouçam o chamado, ó Maruts!

**3.** Sim, o homem poderoso para quem vocês concederam um sábio, ele viverá em um estábulo rico em gado.

**4.** No altar desse homem forte (aqui) Soma é derramado em sacrifícios diários; louvor e alegria são cantados.

**5.** A ele que os poderosos Maruts ouçam, a ele que supera todos os homens, como as nuvens de chuva flutuantes passam sobre o sol.

**6.** Pois nós, ó Maruts, temos sacrificado em muitas colheitas, pelas graças dos deuses velozes (os deuses da tempestade).

**7.** Que seja abençoado, ó Maruts que afugentam, aquele mortal cujas oferendas vocês levam.

**8.** Vocês que tomam conhecimento do suor daquele que os louva, ó homens de força verdadeira, ou do desejo do suplicante.

**9.** Ó vocês de força verdadeira, façam isso manifesto com poder! Atinjam o demônio com seu raio!

**10.** Escondam a escuridão horrenda, destruam todo demônio de presa. Façam a luz pela qual nós almejamos!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 87 \(Müller\)](#)

<sup>4</sup> Do suplicante que ama e reza para vocês.

<sup>5</sup> ‘*Atrin*, que significa *attrin*, é um dos muitos nomes atribuídos aos poderes da escuridão e injúria. Ele é derivado de *atra*, que quer dizer dente ou mandíbula, e, portanto significava originalmente um ogro com dentes ou mandíbulas grandes, um devorador’. – Max Müller.

## Hino 87. Maruts (Wilson)

(Sūkta (III))

R̥ṣi e deuses como antes; métrica Jagatī.

Varga 13. **1.** Aniquiladores (de adversários), dotados de grande força, de grito alto, irredutíveis, inseparáveis<sup>1</sup> participantes da oblação vespertina,<sup>2</sup> adorados constantemente, e líderes (das nuvens), (os Maruts), por seus adornos corporais, são visíveis (no céu), como certos raios do sol.

**2.** Quando, Maruts, voando, como aves, ao longo de certo caminho (do céu), vocês reúnem as (nuvens) moventes que passam, nas partes mais próximas (do firmamento), então, entrando em colisão com seus carros, eles derramam (as águas). Portanto despejem sobre seu adorador a chuva de cor de mel.<sup>3</sup>

**3.** Quando eles reúnem (as nuvens), para o bom trabalho, a terra treme por causa dos seus movimentos impetuosos, como uma esposa (cujo marido está ausente); alegres, inconstantes, armados com armas brilhantes, e agitando (as rochas sólidas), eles demonstram seu poder inerente.

**4.** A tropa de Maruts é automovente, levada por cervos, sempre jovem, senhores dessa (terra), e envolvidos por energia. Vocês, que são genuínos libertadores do débito,<sup>4</sup> impecáveis, e derramadores de chuva, são os protetores desse nosso rito.

**5.** Nós declaramos, por nosso nascimento de nosso antigo pai, que a língua (de louvor) acompanha a manifestação (invocação dos Maruts), nas libações do *Soma*; pois, visto que eles ficaram ao lado, encorajando Indra no conflito, eles adquiriram nomes que devem ser recitados em sacrifícios.

**6.** Combinando-se com os raios solares, eles têm derramado (chuva) voluntariamente, para o bem-estar (da humanidade), e, louvados com hinos pelos sacerdotes, têm sido participantes satisfeitos do (alimento sacrificial). Abordados com louvores, movendo-se rapidamente, e livres de medo, eles se tornaram possuidores de uma posição adequada e apropriada para os Maruts.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 88 \(Wilson\)](#)

## Hino 87. Maruts (Griffith)

**1.** Cantores sonoros, nunca humilhados, ativos, cheios de força, imóveis, impetuosos, os mais valorosos, os mais amados, eles têm se apresentado com ornamentos brilhantes, uns poucos apenas em número,<sup>5</sup> como os céus com estrelas.

<sup>1</sup> Sempre associados em tropas.

<sup>2</sup> O termo é *r̥j̥ṣinaḥ*, o qual não é explicado muito claramente. *R̥j̥ṣa*, no uso comum, significa uma frigideira; mas aqui o comentador parece considerá-lo como um sinônimo de *Soma*; os Maruts sendo chamados dessa maneira porque eles têm direito, na terceira cerimônia diária, ou no culto vespertino, a uma parte da efusão da *r̥j̥ṣa*. Ou o termo pode significar, ele acrescenta, 'os adquirentes ou recebedores dos sucos'.

<sup>3</sup> *Madhuvāṇa*, 'tendo a cor de mel'; ou, de acordo com o comentador, sendo igualmente pura ou transparente.

<sup>4</sup> Por tornarem ricos seus adoradores.

2. Quando, Maruts, nos despenhadeiros vocês amontoam a nuvem movente, vocês são como pássaros em qualquer caminho que seja. As nuvens em todos os lugares derramam chuva sobre os seus carros. Derramem abundância, de cor de mel, para aquele que canta o seu louvor.

3. A terra em suas corridas treme como se fraca e cansada, quando em seus caminhos eles jungem seus carros para a vitória. Eles, alegres, rugindo alto, armados com lanças brilhantes, abaladores de tudo, eles mesmos admiram seu poderio.

4. Automovente é aquele grupo jovem, com cavalos malhados; desse modo ele tem domínio senhoril, dotado de força e poder. Verdadeira és tu, e irrepreensível, descobridora de pecado: assim tu, Hoste Forte, serás protetora dessa prece.

5. Nós falamos pela nossa linhagem desde o nosso Pai primordial; a nossa língua, quando nós vemos o Soma, se agita.<sup>6</sup> Quando, gritando, eles haviam se juntado a Indra na labuta do combate, só então eles obtiveram seus nomes sacrificais.

6. Esplendores eles ganharam por glória, eles que usam anéis brilhantes; raios eles obtiveram, e homens para celebrar seu louvor. Armados com suas espadas, impetuosos e não temendo a ninguém, eles possuíram o próprio lar amado dos Maruts.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 88 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 87. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṆḌALA I, HINO 87.

AṢṬAKA I, ADHYĀYA 6, VARGA 13.

1. Dotados de vigor e poder superior, os cantores, os que nunca recuam, os inalteráveis, os impetuosos, os mais amados e mais viris, têm se enfeitado com seus ornamentos brilhantes, poucos somente, como os céus com as estrelas,

2. Quando vocês viram seu caminho através das fendas, como pássaros, ó Maruts, em qualquer estrada que seja, então os barris (nuvens) em seus carros pingam em todos os lugares, e você derramam a fertilidade (chuva) como mel para aquele que os louva.

3. Por causa das acelerações deles a terra treme, como se estivesse enfraquecida,<sup>7</sup> quando nos caminhos (celestes) eles atrelam (seus cervos) em busca da vitória. Eles os alegres, os que rugem, com lanças brilhantes, os que agitam (as nuvens) têm eles próprios glorificado a grandeza deles.

4. Aquela comitiva jovem (dos Maruts), com os seus cavalos pintados,<sup>8</sup> move-se por si só, por isso ela exerce domínio, investida de poderes. Tu realmente és verdadeira, tu descobres o pecado, tu és sem defeito. Portanto, a hoste viril ajudará essa prece.

5. Nós falamos conforme a maneira do nosso velho pai, a nossa língua sai à visão do Soma;<sup>9</sup> quando os cantores (os Maruts) se juntaram a Indra em atos, só então eles receberam seus nomes sagrados;<sup>10</sup> –

---

<sup>5</sup> 'Refere-se aos Maruts, que são representados como surgindo gradualmente ou apenas mostrando-se, até agora só poucos em número, como as cinco estrelas no céu'. – Max Müller.

<sup>6</sup> O suco Soma nos inspira, e nós somos guiados pela tradição recebida dos nossos ancestrais.

<sup>7</sup> Não há autoridade para a explicação de *vithurā'-iva* de Sāyaṇa, a terra treme como uma viúva. *Vithurā* ' ocorre várias vezes no *Rg-Veda*, mas nunca no sentido de viúva.

<sup>8</sup> Que os Maruts não têm apenas *pr̥satīs*, mas cavalos para os seus carros, nós vimos antes. [Hino 37, nota 12.]

<sup>9</sup> O suco Soma inspira o poeta com eloquência.

6. Esses Maruts, armados com belos anéis, obtiveram esplendores por sua glória, eles obtiveram raios, e homens para celebrá-los; não só isso, armados com punhais, acelerando juntos, e destemidos, eles encontraram o domínio amado dos Maruts.<sup>11</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 88 \(Müller\)](#)

---

---

<sup>10</sup> Os Maruts obtiveram honras divinas somente como uma recompensa por ajudarem Indra em sua batalha com o demônio Vṛtra.

<sup>11</sup> O significado desse verso conclusivo não é muito claro, a menos que nós o tomemos como uma continuação do verso anterior. Foi dito lá que os Maruts obtiveram seus nomes sagrados depois de terem se juntado a Indra em seu trabalho, o que significa que naquele momento eles se tornaram o que são. Tendo assim obtido o seu verdadeiro caráter e um lugar entre os deuses, pode-se dizer que eles ganharam ao mesmo tempo esplendor e adoradores para cantar seus louvores, e se estabeleceram no que se tornou posteriormente conhecido como o seu próprio domínio, o seu próprio lugar entre os deuses que são invocados no sacrifício.

## Hino 88. Maruts (Wilson)

(Sūkta IV)

R̥ṣi e divindade, como antes; a métrica da primeira e última estrofes, Prastārapaṅkti; da quinta, Virāḍrūpā; e, do restante, Triṣṭubh.

Varga 14. **1.** Venham, Maruts, com suas carruagens brilhantes, de movimento rápido, bem armadas, atreladas a corcéis. Fazedores de boas obras, desçam, como aves, (e nos trazem) alimento farto.

**2.** Para qual glorificador (dos deuses) eles se dirigem, com seus cavalos vermelhos, fulvos, carregadores de carros, para o benefício dele? Brilhantes como (ouro) polido, e armados com o raio, eles sulcam a terra com as rodas das suas carruagens.

**3.** Maruts, as (armas) ameaçadoras se encontram em seus corpos, (hábeis para ganhar) domínio; (para vocês) eles promovem sacrifícios grandiosos, como (árvores) altas. Maruts bem nascidos, para vocês, adoradores abastados enriquecem a pedra (que mói a planta *Soma*).

**4.** Dias felizes sobrevieram a vocês, (filhos de Gotama), quando sedentos, e deram esplendor ao rito para o qual água era essencial. Os filhos de Gotama, (oferecendo) oblações com hinos sagrados, ergueram no alto o poço (fornecido) para a sua residência.<sup>1</sup>

**5.** Esse hino é conhecido como o mesmo que aquele o qual Gotama recitou, Maruts, em seu (louvor), quando ele os viu sentados em suas carruagens de rodas douradas, armados com armas de ferro, acelerando para lá e para cá, e destruindo seus inimigos mais poderosos.

**6.** Esse é aquele louvor, Maruts, o qual, condizente (com os seus méritos), glorifica cada um de vocês. O discurso do sacerdote agora os glorificou, sem dificuldade, com versos sagrados, visto que (vocês colocaram) alimentos em nossas mãos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 89 \(Wilson\)](#)

## Hino 88. Maruts (Griffith)

**1.** Venham para cá, Maruts, em seus carros carregados de raios, ressoando com doces canções, armados com lanças, alados com cavalos. Voem para nós com os alimentos mais nobres, como pássaros, ó de grande poder.

**2.** Com seus corcéis de cor vermelha ou, por acaso, fulvos que aceleram seus carros, eles vêm por glória. Brilhante como ouro é aquele que segura o raio.<sup>2</sup> A terra eles têm atingido com a borda da roda do carro.

**3.** Por beleza vocês têm espadas sobre seus corpos. Como eles agitam florestas, assim que eles possam animar nossos espíritos. Por sua causa, ó Maruts muito poderosos e bem-nascidos, eles têm colocado a pedra em movimento.<sup>3</sup>

**4.** Os dias se passaram em volta de vocês e voltaram, ó anelantes, para trás, para essa prece e para esse culto solene.<sup>4</sup> Os Gotamas fazendo sua oração com cânticos empurraram para cima a tampa do poço para beber a água.

<sup>1</sup> Veja a nota 6 do hino 85.

<sup>2</sup> O portador do trovão ou raio é Indra.

<sup>3</sup> Os homens têm espremido o suco Soma e oferecido libações para vocês.

<sup>4</sup> *Vārkāryāṃca devīm*. 'A suposição mais provável é que *vārkāryā* era o nome dado a algum hino famoso, algum peã ou canção de triunfo pertencente aos Gotamas'. – M. Müller. [Veja a nota 8.]

5. Nenhum hino como esse jamais foi conhecido antes o qual Gotama cantou diante de vocês, ó Maruts, quando sobre suas rodas douradas ele viu vocês, javalis avançando por todos os lados com presas de ferro.

6. Em direção a vocês essa dose refrescante do Soma se apressa, ó Maruts, como a voz de alguém que ora. Ela se apressa livremente das nossas mãos como essas libações costumam fluir.<sup>5</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 89 \(Griffith\)](#)

## Hino 88. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄḌALA I, HINO 88.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 6, VARGA 14.

1. Venham para cá, Maruts, em seus carros carregados com relâmpagos, ressoando com belas canções, abastecidos com lanças, e alados com cavalos! Voem para nós como aves, com o seu melhor alimento, vocês poderosos!

2. Eles vêm gloriosamente em seus cavalos vermelhos, ou, pode ser, em seus cavalos fulvos que aceleram seus carros. Aquele que detém o machado<sup>6</sup> é brilhante como ouro; – com o aro da roda do carro eles têm atingido a terra.

3. Em seus corpos há adagas por beleza; que eles incitem nossas mentes como eles agitam as florestas. Por vocês mesmos, ó Maruts bem-nascidos, os vigorosos (entre vocês) agitam a pedra<sup>7</sup> (para destilar Soma).

4. Dias se passaram em volta de vocês e voltaram,<sup>8</sup> ó falcões, de volta para essa prece, e esse rito sagrado; os Gotamas, fazendo oração com canções, empurraram para cima a tampa do poço (a nuvem) para beber.

5. Nenhum hino desse tipo jamais foi conhecido como esse que Gotama cantou para vocês, ó Maruts, quando ele os viu em rodas douradas, javalis selvagens avançando por todos os lados com presas de ferro.

6. Esse discurso reconfortante avança ressoando em direção a vocês, como o discurso de um suplicante: ele correu livremente das nossas mãos como nossos discursos estão acostumados a fazer.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 114 \(Müller\)](#)

<sup>5</sup> Esse verso é muito obscuro. Eu sigo a tradução de Max Müller que é ‘em grande parte conjectural’.

<sup>6</sup> Ou, pode ser, a espada ou o raio, esse último particularmente, se Indra for aqui inferido.

<sup>7</sup> A agitação da pedra pode ser a agitação da pedra para destilar o Soma celestial ou a chuva.

<sup>8</sup> O sentido da linha inteira parece ser que muitos dias se passaram para os Maruts, bem como para o famoso hino, uma vez dirigido a eles por Gotama, ou, em outras palavras, que os Gotamas há muito são devotados aos Maruts, uma idéia frequentemente recorrente nos hinos do *Veda*, e, no nosso caso, continuadas no verso seguinte, onde é dito que o presente hino é como aquele que Gotama compôs quando viu os Maruts ou falou deles como javalis com presas de ferro. O levantamento da tampa do poço para beber significa que eles obtiveram chuva a partir da nuvem, a qual é aqui, como antes, representada como um poço coberto.

## Hino 89. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta V)

O R̥ṣi, como antes, Gotama; mas o hino é dirigido aos Viśvedevas. A métrica das primeiras cinco estrofes, e da sétima, é Jagatī; da sexta, Virāṣṭhānā; e, das últimas três, Triṣṭubh.

Varga 15. **1.** Que obras auspiciosas, não molestadas, sem obstáculos, e destruidoras (de inimigos) venham para nós de todos os quadrantes. Que os deuses, não se afastando de nós, mas nos concedendo proteção dia a dia, estejam sempre conosco, para o nosso progresso.

**2.** Que a graça benevolente dos deuses (seja nossa), que a generosidade dos deuses, que sempre favorece os honestos, desça sobre nós; que nós obtenhamos a amizade dos deuses; e que os deuses estendam nossos dias à longevidade.

**3.** Nós os invocamos com um texto antigo, – Bhaga, Mitra, Aditi, Dakṣa, Asridh, Aryaman, Varuṇa, Soma, os Aśvins; e que a bondosa Sarasvatī nos conceda felicidade.<sup>1</sup>

**4.** Que o vento sopra para nós o medicamento agradável;<sup>2</sup> que a mãe terra, que o pai céu,<sup>3</sup> o (transportem para nós); que as pedras que espremem o suco *Soma*, e são causadoras de prazer o (tragam para nós). Aśvins, que devem ser meditados, ouçam (o nosso pedido).

**5.** Nós chamamos aquele senhor dos seres vivos, aquele protetor das coisas imóveis, Indra, que deve ser propiciado por meio de ritos religiosos, para a nossa proteção. Como Pūṣan sempre tem sido o nosso defensor, para o aumento das nossas riquezas, assim que ele (continue) o tranquilo guardião do nosso bem-estar.

Varga 16. **6.** Que Indra, que ouve muito louvor, guarde o nosso bem-estar; que Pūṣan, que conhece todas as coisas, guarde o nosso bem-estar; que Tārṣya,<sup>4</sup> de armas sem mácula, guarde o nosso bem-estar.

**7.** Que os Maruts, cujos corcéis são cervos pintalgados, que são os filhos de Pṛṣni, que se movem graciosamente, frequentadores de sacrifícios, (estabelecidos) na língua de Agni,<sup>5</sup> observadores (de todos), e radiantes como o sol, – que todos os deuses venham para cá para a nossa preservação.

<sup>1</sup> A maioria desses, aqui incluídos entre os Viśvedevas, ocorreram antes. Mas o comentador aqui também explica as funções deles: Bhaga e Mitra são *Ādityas*; e o último é, especialmente, o senhor do dia. Aditi é a mãe dos deuses; Dakṣa é chamado de *Prajāpati*, capaz de criar o mundo, ou, ele é o criador (*Hiranyagarbha*) difundido entre as criaturas que respiram ou vivem, como ar, ou vida. *Asridh*, de *sridh*, secar; não secante, imutável; isto é, a classe de Maruts. Aryaman é o sol. Varuṇa é nomeado a partir de *vṛj*, circundar, cercando os perversos com seus laços, ele é, também, o senhor da noite. Soma é duplo: a planta assim chamada na terra, e a lua, como uma divindade no céu. Os Aśvins são assim chamados ou por terem cavalos, ou por permearem todas as coisas, um com umidade, o outro, com luz, de acordo com Yāska.

<sup>2</sup> *Bheṣajam*, aquele medicamento que os Aśvins, como os médicos dos deuses, são qualificados para aplicar. Nenhuma outra especificação é dada.

<sup>3</sup> A terra é chamada dessa maneira porque ela produz todas as coisas necessárias à vida; e o céu, porque manda chuva e, portanto, indiretamente nutre todas as coisas.

<sup>4</sup> *Tārṣya* é um patronímico, significando filho de Tr̥ṣa, e, de acordo com o comentador, *Garutman*. Ele é chamado, no texto, de Ariṣṭanemi – aquele que tem armas (*nemi*) ilesas ou irresistíveis (*ariṣṭa*); ou, o primeiro pode significar, como sempre, a circunferência de uma roda, – cuja roda da carruagem é desimpedida. Mas Ariṣṭanemi ocorre, no *Vāyu Purāṇa*, [parte 2, cap. 4, vv. 54 e 111, págs. 304 e 306 da versão em português,] como o nome de um *Prajāpati*, de modo que a passagem pode significar Ariṣṭanemi, o filho de Tr̥ṣa, que, segundo algumas autoridades, é o nome do patriarca Kaśyapa: o mesmo faz de Tārṣya um sinônimo de Aruṇa, a alvorada personificada. É duvidoso se nós temos alguma referência ao veículo de Viṣṇu, Garuḍa.

<sup>5</sup> Isso pode ser afirmado de todas as divindades; porque elas recebem oblações através da boca de Agni.

8. Que nós ouçamos, deuses, com os nossos ouvidos, o que é bom; objetos de sacrifício, que nós vejamos, com os nossos olhos, o que é bom; que nós, empenhados em seus louvores, desfrutemos, com membros firmes e corpos (sadios), o período de vida concedido pelos deuses.

9. Visto que cem anos foram estabelecidos (para a vida do homem), não intervenham, deuses, no meio da nossa existência passageira, por infligirem enfermidade em nossos corpos, de modo que nossos filhos se tornem nossos pais.<sup>6</sup>

10. Aditi<sup>7</sup> é o céu; Aditi é o firmamento; Aditi é mãe, pai e filho; Aditi é todos os deuses; Aditi é as cinco classes de homens;<sup>8</sup> Aditi é geração e nascimento.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 90 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 89. Viśvedevas (Griffith)

1. Que poderes auspiciosos venham a nós de todos os lados, nunca enganados, desimpedidos, e vitoriosos, que os Deuses possam estar sempre conosco para o nosso benefício, nossos guardiões dia a dia incessantes em seus cuidados.

2. Que a graça auspiciosa dos Deuses seja nossa, que desça sobre nós a generosidade dos deuses justos. A amizade dos deuses nós temos procurado devotamente: assim que os deuses prolonguem a nossa vida para que nós possamos viver.

3. Nós os chamamos para cá com um hino do tempo antigo, Bhaga,<sup>9</sup> o amigável Dakṣa,<sup>10</sup> Mitra, Aditi, Aryaman, Varuṇa, Soma, os Ásvins. Que Sarasvatī, auspiciosa, conceda felicidade.

4. Que o vento sopra em direção a nós aquele remédio agradável, que a Terra nossa Mãe o dê, e nosso Pai Céu,<sup>11</sup> e as pedras concessoras de alegria que espremam o suco da Soma. Ásvins, que vocês, por quem nossos espíritos almejam, ouçam isso.

5. Nós invocamos por ajuda aquele que reina supremo, o Senhor de tudo o que fica parado ou se move, inspirador da alma, que Pūṣan possa promover o aumento da nossa riqueza, nosso defensor e nosso guarda infalível para o nosso bem.

6. Ilustre por toda parte, que Indra nos torne prósperos: que Pūṣan nos torne prósperos, o Mestre de toda riqueza. Que Tārṣya<sup>12</sup> com aros das rodas ilesos nos torne prósperos: que Bṛhaspati<sup>13</sup> nos dê prosperidade.

---

<sup>6</sup> Isto é, não nos deixem nos tornarmos tão fracos e débeis a ponto de sermos, por assim dizer, crianças, e precisarmos do cuidado paterno dos nossos próprios filhos.

<sup>7</sup> Aditi, significando literalmente 'a independente' ou 'a indivisível', pode, aqui, significar ou a terra ou a mãe dos deuses, segundo o comentador. De acordo com Yāska, o hino declara o poder de Aditi (*Nir.* IV, 23); ou, conforme Sāyaṇa, "Aditi é louvada como idêntica ao universo".

<sup>8</sup> Como citado antes, [hino 7, nota 4, e diferentemente na nota 6,] é dito que as cinco classes de homens são as quatro castas e os párias. Isso também é interpretado como cinco classes de seres, ou, Deuses, Homens, Gandharvas (incluindo as Apsaras), Serpentes, e Pitṛs; ou, como se encontra no *Nirukta* III, 7, Gandharvas, Pitṛs, Deuses, Asuras e Rakṣasas.

<sup>9</sup> Bhaga, enumerado por Yāska entre os deuses da esfera mais elevada, é um Āditya considerado no Veda como concesso de prosperidade e como instituindo ou presidindo o amor e o casamento.

<sup>10</sup> Dakṣa é um poder criativo associado com Aditi e, portanto às vezes associado com Prajāpati.

<sup>11</sup> Pitā Dyaus = Pater Zeus, Júpiter.

<sup>12</sup> Geralmente descrito como um cavalo divino e provavelmente a personificação do Sol.

<sup>13</sup> O Senhor da Prece.

**7.** Os Maruts, Filhos de Prsíni, levados por cavalos malhados, movendo-se em glória, que visitam ritos sagrados frequentemente, sábios, cuja língua é Agni,<sup>14</sup> brilhantes como o Sol, – que todos os deuses venham para cá para a nossa proteção.

**8.** Deuses, que nós com os nossos ouvidos ouçamos o que é bom, e com os nossos olhos vejamos o que é bom, ó Santos. Com membros e corpos firmes que nós, glorificando-os, atinjam o período de vida atribuído pelos Deuses.

**9.** Cem outonos<sup>15</sup> estão diante de nós, ó Deuses, dentro de cujo prazo vocês levam nossos corpos à decadência; em cujo espaço de tempo os nossos filhos se tornam pais, por sua vez. Não interrompam no meio o nosso período de vida fugaz.

**10.** Aditi<sup>16</sup> é o céu, Aditi é o ar, Aditi é a Mãe e o Pai e o Filho. Aditi é todos os Deuses, Aditi é os homens de cinco classes, Aditi é tudo o que nasceu e nascerá.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 90 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>14</sup> Ou seja, que recebem oblações através de Agni ou fogo.

<sup>15</sup> Considerada como a duração natural da vida humana.

<sup>16</sup> A Infinita, Natureza Infinita.

## Hino 90. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta VI)

O R̥ṣi e os deuses são os mesmos; a métrica é Gāyatrī, exceto na última estrofe, na qual ela é Anuṣṭubh.

Varga 17. **1.** Que Varuṇa e o sábio Mitra nos guiem, por caminhos diretos, (em direção aos nossos desejos), – e Aryaman,<sup>1</sup> regozijando-se com os deuses.

**2.** Pois eles são os distribuidores de riqueza (no mundo inteiro), e, nunca negligentes, cumprem suas funções todos os dias.

**3.** Que eles, que são imortais, concedam, a nós mortais, felicidade, aniquilando os nossos inimigos.

**4.** Que o adorável Indra, os Maruts, Pūṣan, e Bhaga, dirijam nossos caminhos de modo (que eles possam levar) à obtenção de boas dádivas.

**5.** Pūṣan, Viṣṇu,<sup>2</sup> Maruts,<sup>3</sup> tornem os nossos ritos revigorantes para o nosso gado; tornem-nos prósperos.

Varga 18. **6.** Os ventos trazem doces (recompensas) para o sacrificador; os rios trazem (águas) doces. Que as ervas produzam doçura para nós.

**7.** Que a noite e a manhã sejam encantadoras; que a região da terra seja cheia de doçura; que o céu protetor seja agradável para nós.

**8.** Que Vanaspati seja possuidor de doçura para conosco; que o sol seja imbuído de suavidade; que o gado seja doce para nós.<sup>4</sup>

**9.** Que Mitra seja propício para nós; que Varuṇa, que Aryaman, sejam propícios para nós; que Indra e Bṛhaspati sejam propícios para nós; que Viṣṇu de passos largos seja propício para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 91 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 90. Viśvedevas (Griffith)

**1.** Que Varuṇa com orientação direta, e Mitra nos guiem, ele que conhece, E Aryaman em harmonia com os Deuses.

**2.** Pois eles são distribuidores de riquezas, e, não iludidos, com seu poder Guardam eternamente as leis sagradas.

**3.** Que eles nos concedam proteção, Deuses Imortais para os homens mortais, Afugentando os nossos inimigos.

**4.** Que eles demarquem o nosso caminho para a felicidade, Indra, os Maruts, Pūṣan, E Bhaga, os Deuses a serem adorados.

**5.** Sim, Pūṣan, Viṣṇu, vocês que seguem seu rumo, enriqueçam nossos hinos com vacas; Abençoem-nos com toda prosperidade.

---

<sup>1</sup> É dito que Aryaman é o sol, em sua função de separar o dia da noite.

<sup>2</sup> É dito que Viṣṇu é aquele que permeia, ou o deus que está em toda parte.

<sup>3</sup> O termo do texto é *evayāvah*, o qual é explicado, pelo comentador, como a tropa de Maruts, por eles andarem a cavalo (*evaih*).

<sup>4</sup> [Todos os adjetivos dos versos 6, 7, e 8 podem ser lidos como ‘doce’ ou ‘doçura’; o mesmo é o caso na versão seguinte desse hino.]

6. Os ventos sopram coisas doces, os rios derramam coisas doces para o homem que cumpre a Lei; assim que as plantas sejam doces para nós.

7. Agradável seja a noite e agradáveis as alvoradas, agradável a atmosfera terrestre; Amável seja o nosso Pai Céu para nós.

8. Que a árvore alta seja cheia de doces para nós, e cheio de coisas agradáveis o Sol: Que as nossas vacas leiteiras sejam afáveis para nós.

9. Que Mitra seja benevolente para nós, e Varuṇa e Aryaman:

Indra, e Bṛhaspati sejam gentis, e Viṣṇu do passo largo formidável.<sup>5</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 91 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>5</sup> Como o Sol, caminhando sobre ou percorrendo os três mundos.

## Hino 91. Soma (Wilson)

(Sūkta VII)

O R̥ṣi é, ainda, Gotama; o deus é Soma; da quinta à décima sexta estrofe, a métrica é Gāyatrī; a décima sétima, Uṣṇih; o resto, Triṣṭubh.

Varga 19. **1.** Tu, Soma, és percebido completamente pela nossa compreensão; tu nos guias ao longo de um caminho correto. Pela tua orientação, Indra,<sup>1</sup> os nossos pais virtuosos obtiveram bem-estar entre os deuses.

**2.** Tu, Soma, és o fazedor do bem por meio de atos sagrados; tu és poderoso, por tuas energias, e conheces todas as coisas; tu és o derramador (de benefícios), por tuas bênçãos, e (és notável) por tua grandeza; tu, o guia dos homens, tens sido bem nutrido pelas oferendas sacrificais.

**3.** Teus atos são (como aqueles) do real Varuṇa; tua glória, Soma, é grandiosa e profunda; tu és o purificador (de todos), como o amado Mitra; tu és o aumentador de todos, como Aryaman.

**4.** Dotado de todas as tuas glórias (que são mostradas) por ti no céu, na terra, nas montanhas, nas plantas, nas águas, tu, ilustre<sup>2</sup> Soma, bem disposto para conosco, e livre de ira, aceita nossas oblações.

**5.** Tu, Soma, és o protetor, o soberano dos virtuosos,<sup>3</sup> ou mesmo o matador de Vṛtra; tu és o sacrifício santo.<sup>4</sup>

Varga 20. **6.** Tu, Soma, amante de louvor, o senhor das plantas, és vida para nós. Se tu quiseres, nós não morreremos.

**7.** Tu concedes, Soma, àquele que te adora, seja velho ou jovem, prosperidade, para que ele possa desfrutar, e viver.

**8.** Defende-nos, real Soma, de todos os que buscam nos prejudicar. O amigo de alguém como tu nunca pode perecer.

**9.** Soma, sê nosso protetor com aqueles auxílios que são fontes de felicidade para o doador (de oblações).

**10.** Aceitando esse nosso sacrifício, esse nosso louvor, aproxima-te, Soma, e sê, para nós, como o aumentador do nosso rito.

Varga 21. **11.** Familiarizados com hinos, nós te exaltamos com louvores. Tu, que és benigno, aproxima-te.

**12.** Sê para nós, Soma, o concessor de bem-estar, o removedor de doença, o conhecedor de riquezas, o aumentador de nutrição, um amigo excelente.

**13.** Soma, reside alegremente em nossos corações, como gado em pastos novos, como homens em suas próprias residências.

**14.** O sábio experiente elogia o mortal que, por afeição, divino Soma, te glorifica.

**15.** Protege-nos, Soma, da calúnia; protege-nos do pecado; satisfeito com nosso serviço, sê nosso amigo.

Varga 22. **16.** Cresce, Soma. Que vigor chegue a ti de todos os lados. Sê diligente no fornecimento de alimento (para nós).

<sup>1</sup> [Indu: Griffith. Veja abaixo.]

<sup>2</sup> Ou real (*rājan*) Soma.

<sup>3</sup> *Saṭpatistvaṃ rājota*. *Saṭ* pode ser explicado, também, segundo o comentador, como brâmane, compondo a frase, 'o protetor (*pati*), ou o rei (*rājā*), dos brâmanes.

<sup>4</sup> *Soma* pode ser considerado como identificável com sacrifício, por causa da parte essencial que desempenha nele.

**17.** Exultante Soma, cresce com todas as plantas que se entrelaçam; sê, para nós, um amigo. Bem supridos com alimento, que nós prosperemos.

**18.** Que os sucos leitosos fluam em volta de ti, que oferendas sacrificais e vitalidade sejam concentradas no destruidor de inimigos; e, estando plenamente nutrido, proporciona, Soma, iguarias excelentes no céu, para a nossa imortalidade.

**19.** Quaisquer das tuas glórias que (os homens) cultuem com oblações, que o nosso sacrifício seja envolvido por todas elas. Vem para as nossas mansões, Soma, que és concessor de bem-estar, o que transporta (para além das dificuldades), acompanhado por heróis valentes, o não-destruidor de progênie.

**20.** Para aquele que oferece (oferendas) Soma dá uma vaca leiteira, um cavalo veloz, e um filho que é competente em afazeres de qualquer natureza, hábil em assuntos domésticos, assíduo em culto, célebre na sociedade, e que é uma honra para seu pai.

Varga 23. **21.** Nós nos regozijamos, Soma, contemplando-te, invencível em batalha, triunfante entre hostes, o outorgante de céu, o concessor de chuva, o preservador da força, nascido entre sacrifícios, que ocupa uma residência brilhante, renomado, e vitorioso.

**22.** Tu, Soma, tens gerado todas essas ervas, a água, e as vacas; tu tens estendido o vasto firmamento; tu tens dissipado, com luz, a escuridão.

**23.** Divino e potente Soma, concede, a nós, com tua mente brilhante, uma porção de riqueza; que nenhum (adversário) te aborreça. Tu és supremo acima da coragem de (qualquer um dos) dois oponentes (mútuos). Defende-nos (dos nossos inimigos,) em combate.<sup>5</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 92 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 91. Soma (Griffith)

**1.** Tu, Soma, és preeminente por sabedoria, ao longo do caminho mais reto tu és nosso líder. Nossos antepassados sábios, por tua orientação, Indu,<sup>6</sup> distribuíram entre os deuses a sua quota de tesouro.

**2.** Tu, por teu discernimento és o mais sábio, ó Soma, forte por tuas energias e possuidor de tudo; tu és poderoso por todos os teus poderes e grandeza, por glórias tu és glorioso, guia dos mortais.

**3.** Teus são os eternos estatutos do Rei Varuṇa,<sup>7</sup> nobre e profunda, ó Soma, é tua glória. Todo-puro tu és como Mitra o amado, adorável, como Aryaman, ó Soma.

**4.** Com todas as tuas glórias na terra, no céu, nas montanhas, nas plantas e nas águas, – Com todas essas, bem satisfeito e não com raiva, aceita, ó real Soma, nossas oferendas.

**5.** Tu, Soma, és o Senhor dos heróis, o Rei, sim, tu matador de Vṛtra:  
Tu és energia auspiciosa.

**6.** E, Soma, que seja teu desejo que nós possamos viver e não possamos morrer:  
Senhor das plantas amante de louvor tu és.

**7.** Àquele que cumpre a lei, tanto velho quanto jovem, tu dás felicidade,  
E energia para que ele possa viver.

---

<sup>5</sup> Há, evidentemente, grande confusão, nesse hino, entre *Soma*, a Lua, e *Soma*, a Asclepias ácida. Poucas passagens indicam a primeira distintamente, exceto, talvez, o verso vinte e dois, o qual alude à função de dissipar a escuridão por meio da luz.

<sup>6</sup> Outro nome de Soma, aqui identificado com a Lua que ensina aos homens as épocas apropriadas nas quais adorar os Espíritos dos Mortos ou Antepassados divinizados. Veja 1.43.8, nota 9.

<sup>7</sup> As tuas leis são as mesmas porque as leis de Varuṇa têm sua origem em ti.

- 8.** Protege-nos, Rei Soma, por todos os lados daquele que nos ameaça: nunca deixa O amigo de alguém como tu ser prejudicado.
- 9.** Com aqueles auxílios encantadores que tu tens, Soma, para o adorador, – Com eles mesmos nos protege.
- 10.** Aceita esse nosso sacrifício e esse nosso louvor, ó Soma, vem, E fica perto para nos tornar prósperos.
- 11.** Bem-hábeis em discurso nós te magnificamos, Soma, com as nossas canções sagradas: Vem até nós, ó mais benevolente.
- 12.** Enriquecedor, curador de doença, descobridor de riqueza, tornando próspera a nossa propriedade, sê, Soma, um bom amigo para nós.
- 13.** Soma, sê feliz em nossos corações, como vacas leiteiras nos prados cobertos de grama, Como um homem jovem em sua própria casa.
- 14.** Ó Soma, Deus, o homem mortal que na tua amizade tem prazer, A ele o Sábio poderoso<sup>8</sup> favorece.
- 15.** Salva-nos da censura caluniosa, protege-nos, ó Soma, da angústia: Sê para nós um Amigo bondoso.
- 16.** Soma, torna-te grande. De todos os lados que poderes vigorosos se unam em ti: Permanece no lugar de reunião da força.<sup>9</sup>
- 17.** Torna-te, ó Soma o que mais alegra, grande através de todos os teus raios de luz,<sup>10</sup> e sê Um Amigo de mais fama ilustre para nos tornar prósperos.
- 18.** Em ti que nutrientes suculentos estejam unidos, e poderes, e vigor imenso subjugador de inimigos; crescendo para a imortalidade, ó Soma: ganha as maiores glórias para ti no céu.
- 19.** Aquelas das tuas glórias que com oblações derramadas os homens honram, que todas ela envolvam a nossa adoração. Doador de riqueza, protetor com tropas de heróis, poupando os valentes, vem, Soma, para as nossas casas.
- 20.** Para aquele que adora Soma dá a vaca leiteira, um corcel veloz e um homem de conhecimento ativo, hábil em deveres domésticos, adequado para assembleia sagrada, para reunião de conselho, uma glória para seu pai.
- 21.** Invencível em luta, salvador em batalhas, guarda do nosso acampamento, ganhador de luz e água; nascido em meio a hinos, bem abrigado, muitíssimo famoso, vencedor, em ti nós nos regozijaremos, ó Soma.
- 22.** Essas ervas, essas vacas leiteiras,<sup>11</sup> e essas águas correntes, todas essas, ó Soma, tu tens gerado. O espaçoso firmamento tu tens expandido, e com luz tu tens dissipado as trevas.
- 23.** Tu, Deus Soma, com teu Espírito Divino, vitorioso, obtém para nós uma porção de riquezas. Que ninguém te impeça: tu és o Senhor da bravura. Fornece para ambos os lados na luta por despojos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 92 \(Griffith\)](#)

---

<sup>8</sup> O próprio Soma.

<sup>9</sup> Isto é, sê o ponto central e fonte de todo o poder.

<sup>10</sup> Através de todos os teus talos [ou filamentos, ou todas as finas fibras da planta], de acordo com Ludwig que considera Soma como a planta.

<sup>11</sup> O leite que deve ser misturado com o suco Soma.

## Hino 92. Aurora (Wilson)

(Sūkta VIII)

O Ṛṣi é Gotama; a divindade é Uṣas (a Aurora), exceto no último terceto, o qual é endereçado aos Ásvins; a métrica dos primeiros quatro versos é Jagatī; dos últimos seis, Uṣṇih; do restante, Triṣṭubh.

Varga 24. **1.** Essas divindades da manhã,<sup>1</sup> espalharam luz (sobre o mundo); elas tornam manifesta a luz na parte leste do firmamento, iluminando todas as coisas, como guerreiros polindo suas armas; as mães<sup>2</sup> (da terra) radiantes e que se adiantam, elas viajam diariamente, em sua trajetória.

**2.** Os raios purpúreos projetaram-se prontamente para cima; eles atrelaram (ao seu carro) as vacas vermelhas e facilmente atreladas; as divindades da alvorada têm restaurado, como antigamente, a consciência (das criaturas sencientes), e, de raios brilhantes, têm acompanhado o sol glorioso.

**3.** As líderes femininas (da manhã) iluminam,<sup>3</sup> com seu esplendor inerente, as partes mais remotas (do céu), com um esforço simultâneo, – como guerreiros<sup>4</sup> (com suas armas brilhantes, na vanguarda da batalha), – trazendo todo tipo de alimento para o realizador de boas obras, para o generoso, e para o adorador que oferece libações.

**4.** Uṣas corta as (trevas) acumuladas, como um barbeiro (corta o cabelo);<sup>5</sup> ela desnuda seu peito, como uma vaca entrega seu úbere (para o ordenhador); e, como o gado se apressa para seus pastos, ela se apressa para o leste, e, derramando luz sobre todo o mundo, dissipa a escuridão.

**5.** A luz brilhante dela é vista primeiro em direção (ao leste); ela se espalha e dissipa a escuridão densa. Ela consagra sua beleza, como sacerdotes consagram o alimento sacrificial em sacrifícios. A filha do céu espera o glorioso sol.

Varga 25. **6.** Nós cruzamos a fronteira da escuridão. Uṣas devolve a consciência (dos seres vivos). Brilhando luminosa, ela sorri, como uma adúladora, para obter favor, e, encantadora em seu esplendor, ela tem consumido, para o nosso deleite, a escuridão.

**7.** A filha brilhante do céu, a incitadora de vozes agradáveis,<sup>6</sup> é louvada pelos descendentes de Gotama. Uṣas, concede-nos alimento, associado com progênie e dependentes, e eminente por cavalos e gado.

**8.** Que eu obtenha, Uṣas, aquela riqueza abundante que concede fama, posteridade, tropas de escravos, e é caracterizada por cavalos, – os quais tu, que és repleta de riqueza, e a dadora de alimento, mostras, (quando satisfeita) por hinos e sacrifícios sagrados.

<sup>1</sup> Nós temos o termo *uṣasaḥ*, no plural, significando, segundo o comentador, as divindades que presidem a manhã; mas, de acordo com Yāska, o plural é usado apenas honorificamente, em vez da personificação singular. *Nirukta*, XII, 7.

<sup>2</sup> Ou *mātrī* pode significar simplesmente autora, criadora; ‘criadoras de luz’.

<sup>3</sup> *Arcanti*; literalmente, cultuam, isto é, os céus: mas o termo é usado no sentido de se expandir sobre, ou se estender.

<sup>4</sup> O texto tem somente ‘como guerreiros’. O comentador explica a comparação: “Como eles se espalham, com armas brilhantes, ao longo da frente da ordem de batalha, assim os raios da alvorada se espalham pelo céu, antes da chegada do sol”.

<sup>5</sup> *Nṛtūrivā*, ‘como um barbeiro’, é a frase do texto, ou *nṛtū* pode significar uma dançarina, quando a tradução seria “Uṣas mostra graça, como uma dançarina” (*peśāṃsi vapate*); a primeira significando ou escuridão ou elegância, a última, ou cortar, ou possuir.

<sup>6</sup> Com o aparecimento da alvorada, os gritos de vários animais e pássaros, e as vozes dos homens, são ouvidos novamente.

**9.** A divina (Uṣas), tendo iluminado o mundo inteiro, se estende, expandindo-se com seu resplendor, em direção ao oeste, acordando todas as criaturas vivas para seus trabalhos. Ela ouve a fala de todos dotados de pensamento.

**10.** A divina e antiga Uṣas, nascida repetidas vezes, e brilhante com cores imutáveis, desgasta a vida de um mortal, como a esposa de um caçador cortando e dividindo as aves.<sup>7</sup>

Varga 26. **11.** Ela tem sido vista iluminando os limites do céu, e levando ao desaparecimento aquela (noite) que se retira espontaneamente.<sup>8</sup> Consumindo as eras da raça humana, ela brilha com luz, como a noiva do Sol.<sup>9</sup>

**12.** A afluyente e adorável Uṣas tem lançado seus raios amplamente, – como (um vaqueiro conduz) o gado (para o pasto), – e se espalha, extensa, como água corrente. Ela é vista associada com os raios do sol, desimpedindo cerimônias sagradas.<sup>10</sup>

**13.** Uṣas, possuidora de alimento, traze-nos aquela riqueza diversa pela qual nós possamos sustentar filhos e netos.

**14.** Luminosa Uṣas, possuidora de vacas e cavalos, de fala verdadeira, aparece aqui, hoje, sobre essa (cerimônia), que é para nos trazer prosperidade.

**15.** Possuidora de alimento, Uṣas, atrela, de fato, hoje, teus corcéis purpúreos, e traze para nós todas as coisas boas.

Varga 27. **16.** Ásvins, destruidores de inimigos, dirijam, com intenções favoráveis, sua carruagem para a nossa residência, a qual contém gado e ouro.

**17.** Ásvins, que têm mandado luz adorável do céu<sup>11</sup> para o homem, nos tragam força.

**18.** Que os corcéis, despertados na alvorada, tragam para cá, para beber o suco *Soma*, os divinos Ásvins, – que são concessores de felicidade, os destruidores de inimigos, – sentados em uma carruagem dourada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 93 \(Wilson\)](#)

<sup>7</sup> Como uma *śvaghnī*, literalmente, como a esposa de um matador de cães, mas explicado por *vyādhastrī*, como no texto.

<sup>8</sup> *Svasāram* é o único termo no texto, explicado como *svayam eva sarantīm*, – ‘partindo por sua própria vontade’. O comentador acrescenta *noite*; de outro modo, nós poderíamos compreendê-lo em seu sentido usual de ‘irmã’, fazendo da noite a irmã da manhã.

<sup>9</sup> *Yoṣā jārasya. Jāra*, significando o causador da decadência, ou desaparecimento, da noite, é explicado como Sūrya, o Sol.

<sup>10</sup> Não prejudicando, isto é, favorecendo, ritos divinos, ou oferendas para os deuses, os quais devem ser realizados à luz do dia, ou depois da alvorada.

<sup>11</sup> Os Ásvins são, às vezes, identificados com o sol e a lua.

## Hino 92. Aurora (Griffith)

1. Essas Auroras ergueram sua bandeira; na metade leste do ar elas espalharam sua luz brilhante. Como heróis que preparam suas armas para a guerra, elas vêm para frente vermelhas brilhantes em cor, as Mães Vacas.<sup>12</sup>
2. Rapidamente os raios de luz púrpura subiram; as Vacas Vermelhas<sup>13</sup> eles atrelaram, fáceis de serem atreladas. As Auroras trouxeram percepção distinta como antes: de tons vermelhos, elas alcançaram seu brilho fulgurante.
3. Elas cantam sua música como mulheres ativas em suas tarefas, ao longo do seu caminho comum para cá de longe, trazendo descanso para o devoto generoso, sim, todas as coisas para o adorador que derrama o suco.<sup>14</sup>
4. Ela, como uma dançarina, veste seus trajes bordados: como uma vaca entrega seu úbere, assim ela descobre seu peito. Criando luz para todo o mundo de vida, a Aurora descerra a escuridão, como as vacas seu estábulo.<sup>15</sup>
5. Nós vimos o esplendor do seu brilho, que se espalha e afasta o monstro sombrio. Como tintas que enfeitam o Poste em sacrifícios,<sup>16</sup> a Filha do Céu obteve seu esplendor maravilhoso.<sup>17</sup>
6. Nós atravessamos o limite dessa escuridão; a Aurora irrompendo novamente traz percepção clara.<sup>18</sup> Ela como uma adúladora<sup>19</sup> sorri em luz por glória, e de face bela despertou para nos alegrar.<sup>20</sup>
7. Os Gotamas têm louvado a radiante Filha do céu, a líder do encanto das vozes agradáveis.<sup>21</sup> Aurora, tu nos concedes força com progênie e homens, visível com vacas e cavalos.
8. Ó tu que resplandesces em glória extraordinária, incitado adiante por tua força, Dama auspiciosa, Aurora, que eu ganhe aquela riqueza, renomada e ampla, em filhos bravos, tropas de escravos,<sup>22</sup> muito afamada por cavalos.
9. Dirigindo seus olhares para todo o mundo, a Deusa brilha, estendendo-se amplamente com seu olhar brilhante em direção ao oeste.<sup>23</sup> Despertando para o movimento todos os seres vivos, ela compreende a voz de cada adorador.<sup>24</sup>
10. Anciã dos Dias, nascida novamente repetidas vezes, enfeitando sua beleza com as mesmas vestes. A Deusa desgasta a vida dos mortais, como um hábil caçador cortando aves em pedaços.<sup>25</sup>

<sup>12</sup> As Auroras, com suas nuvens vermelhas, que acabaram de dar nascimento ao dia.

<sup>13</sup> As nuvens vermelhas da manhã.

<sup>14</sup> Isto é, que espreme e oferece libações de suco Soma.

<sup>15</sup> O significado, expressado muito obscuramente com uma zeugma rude ou elipse, é: a Alvorada, com suas nuvens brilhantes, abriu ou emergiu da escuridão que a cercava, do mesmo modo como as vacas deixam o curral ou estábulo no qual elas tinham estado trancadas, logo que ele é aberto de manhã cedo.

[Macdonell lê: “Criando luz para todo o mundo, a Aurora abriu os portões da escuridão como quando vacas irrompem de seus estábulos”. *Hymns from the Rigveda*.]

<sup>16</sup> O poste ou pilar sacrificial, ao qual as vítimas eram amarradas, era ungido pelos sacerdotes.

<sup>17</sup> [“Como alguém unge o poste em sacrifícios, a filha do céu estende seu brilho”. Macdonell.]

<sup>18</sup> [“A Aurora irrompendo, suas teias de luz está tecendo”. Idem.]

<sup>19</sup> [*amante*; Idem.]

<sup>20</sup> [*para mostrar benevolência*; Idem.]

<sup>21</sup> Das aves, outros animais, e homens recentemente despertados. [*líder de ricas dádivas*; Macdonell.]

<sup>22</sup> [*aliados*; Idem.]

<sup>23</sup> [Em vez de *com seu olhar brilhante em direção ao oeste*, Macdonell lê *de frente para o olho de Sūrya*.]

<sup>24</sup> [O último trecho por Macdonell: “Ela despertou a voz de cada pensador”.]

<sup>25</sup> “Sāyaṇa toma *śvaghnī* por ‘a esposa de um caçador’, e *vijaḥ* por ‘aves’. Benfey toma *vijaḥ* por ‘dados’ e explica a parte da frase como denotando um jogador esperto que manipula os dados por raspá-los... A frase *vijaḥ iva ā mināti* se repete

11. Ela apareceu revelando os limites do céu: para muito longe ela rechaça sua irmã.<sup>26</sup> Diminuindo os dias das criaturas humanas, a Dama brilha com todo o esplendor do seu amante.<sup>27</sup>

12. A brilhante, a Abençoada resplandece estendendo seus raios como vacas, como um rio corre suas águas. Nunca transgredindo os mandamentos divinos,<sup>28</sup> ela é contemplada visível com os raios do sol.

13. Ó Aurora enriquecida com ampla riqueza, concede-nos o presente maravilhoso Com o qual nós possamos sustentar filhos e os filhos dos filhos.

14. Tu, causa radiante de sons agradáveis, com abundância de cavalos e de vacas Brilha sobre nós neste dia, ó Aurora, auspiciosamente.

15. Ó Aurora enriquecida com ritos sagrados, atrela ao teu carro teus corcéis purpúreos, E então traze para nós todas as alegrias.

16. Ó Ásvins magníficos em ação, dirijam unânimes Seu carro para a nossa casa rica em vacas e ouro.

17. Vocês, que trouxeram o hino do céu, uma luz que dá luz ao homem, Ó Ásvins, tragam força para cá para nós.

18. Para cá que aqueles que acordam ao amanhecer<sup>29</sup> tragam, para beber Soma, ambos os Deuses dadores de saúde e operadores de milagres, trazidos em caminhos de ouro.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 93 \(Griffith\)](#)

---

em 2.12.5, onde Sāyaṇa toma *vijaḥ* por *udvejakaḥ*, ‘um importunador’; tão incertas são suas explicações!’ – J. Muir, *Original Sanskrit Texts*, V. 186.

[Macdonell lê: “Como apostas reduzidas por um jogador hábil”.]

<sup>26</sup> A noite.

<sup>27</sup> O Sol.

<sup>28</sup> Sempre obediente à Lei Eterna ou ordem divina do universo.

<sup>29</sup> De acordo com Sāyaṇa, os cavalos dos Ásvins. A expressão pode se aplicar, com adequação pelo menos igual, aos sacerdotes que se levantam ao romper do dia para realizar os sacrifícios matinais.

## Hino 93. Agni-Soma (Wilson)

(Sūkta IX)

O R̥ṣi é Gotama; os deuses são Agni e Soma; a métrica das três primeiras estrofes é Anuṣṭubh; de três, começando com a nona, Gāyatrī; da oitava, Jagatī ou Triṣṭubh; e, do restante, Triṣṭubh.

Varga 28. **1.** Agni e Soma, derramadores (de desejos), ouçam favoravelmente essa minha invocação, aceitem cortesmente os meus hinos, e deem felicidade ao doador (da oblação).

**2.** Agni e Soma, concedam, àquele que dirige essa prece para vocês dois, abundância de gado com força perfeita, e bons cavalos.

**3.** Agni e Soma, que aquele que oferece a vocês a oblação de manteiga clarificada desfrute de força perfeita, com progênie, por toda a vida dele.

**4.** Agni e Soma, aquela façanha de vocês, pela qual vocês levaram as vacas que eram o alimento de Paṇi, é (bem) conhecida por nós. Vocês mataram a prole de Bṛsaya;<sup>1</sup> e vocês adquiriram o único corpo luminoso (o sol<sup>2</sup>), para o benefício de muitos.

**5.** Vocês dois, Agni e Soma, agindo juntos, têm mantido essas constelações no céu; vocês libertaram os rios que tinham sido poluídos, da imputação notória.<sup>3</sup>

**6.** Agni e Soma, o vento trouxe um de vocês do céu; um falcão carregou o outro, à força, do topo da montanha;<sup>4</sup> tornando-se vastos através de louvor, vocês tornaram o mundo amplo, para (a realização de) sacrifício.

Varga 29. **7.** Agni e Soma, compartilhem da oblação oferecida; sejam benevolentes para nós; derramadores (de desejos), fiquem satisfeitos; protetores prósperos e diligentes, sejam propícios, e concedam, para o sacrificador, saúde e isenção de mal.

**8.** Agni e Soma, protejam o sacrifício dele, e defendam de todo mal, aquele que, com a mente devotada aos deuses, os adora com manteiga clarificada e oblações: concedam ao homem empenhado (em devoção) extrema felicidade.

**9.** Agni e Soma, dotados de riqueza igual, e chamados por uma invocação comum, compartilhem dos nossos louvores; pois vocês têm sido (sempre) os principais dos deuses.<sup>5</sup>

**10.** Agni e Soma, deem ampla (recompensa) para aquele que oferece para vocês dois essa manteiga clarificada.

**11.** Agni e Soma, estejam satisfeitos com essas nossas oblações, e venham até nós, juntos.

**12.** Agni e Soma, cuidem dos nossos cavalos; e que as nossas vacas, fornecendo (leite que produz manteiga para) oblações, sejam bem nutridas. Deem para nós, que somos muito ricos, força (para realizar) ritos religiosos; e tornem o nosso sacrifício produtivo de riqueza.

<sup>1</sup> É dito que Bṛsaya é um sinônimo de Tvaṣṭr, aqui chamado de Asura. O filho de Tvaṣṭr é Vṛtra; e a ação de Agni e Soma na morte dele é explicada por identificá-los com os dois ares vitais *Prāṇa* e *Apāna*, a separação dos quais de Vṛtra foi a causa aproximada da morte dele.

<sup>2</sup> Pela destruição de Vṛtra, a nuvem envolvente, ou escuridão reunida, o sol foi permitido aparecer no céu.

<sup>3</sup> A imputação, ou fardo, de bramanicídio foi incorrido por Indra, é dito, ao matar Vṛtra, que era um brâmane, mas qual culpa ele transferiu para os rios, as mulheres, e as árvores. Isso se parece muito com uma lenda purânica. Uma de caráter mais védico é, também, apresentada: os rios foram poluídos pelo corpo morto de Vṛtra, o qual tinha caído neles; as águas deles estavam, conseqüentemente, impróprias para terem qualquer parte em ritos sagrados, até que elas foram purificadas por Agni e Soma, isto é, por oblações ao fogo, e libações do suco *Soma*.

<sup>4</sup> A lenda relata que Vāyu trouxe Agni do céu, pelo desejo de Bhṛgu, quando realizando um sacrifício; Soma foi trazido de Svarga, no topo do Monte Meru, por *Gāyatrī*, na forma de um falcão. Essas são, claramente, alusões alegóricas ao primitivo uso do fogo e da planta *Soma* em cerimônias religiosas.

<sup>5</sup> O termo é simplesmente *devatrā*. Outro texto é citado, o qual afirma que Agni e Soma são aqueles que são os dois reis dos deuses.

---

### Hino 93. Agni-Soma (Griffith)

1. Agni e Soma,<sup>6</sup> o Par poderoso, ouçam benevolmente o meu chamado, Aceitem de forma amistosa o meu hino, e tornem próspero aquele que oferece presentes.
2. O homem que honra a vocês hoje, Agni e Soma, com este hino, Deem-lhe força heroica, aumento de vacas e cavalos nobres.
3. O homem que oferece óleo sagrado e oferendas queimadas para vocês, Agni e Soma, desfrutará de grande força, com filhos, toda a sua vida.
4. Agni e Soma, famosa é aquela sua destreza com a qual vocês roubaram as vacas,<sup>7</sup> o alimento dele, de Paṇi. Vocês fizeram a descendência de Bṛsaya<sup>8</sup> perecer; vocês encontraram a luz, a única luz para muitos.
5. Agni e Soma, unidos em operação vocês estabeleceram as luzes brilhantes no céu. De maldição e de opróbrio, Agni e Soma, vocês libertaram os rios que estavam presos em grilhões.
6. Um de vocês Mātariśvan trouxe do céu, o Falcão arrancou o outro da montanha.<sup>9</sup> Fortalecidos por prece sagrada Agni e Soma fizeram para nós um amplo espaço para sacrificar.
7. Provem, Agni, Soma, essa oblação preparada; aceitem-na, Poderosos, e que ela os agrade. Concedam-nos boa proteção e auxílio bondoso: concedam saúde e riquezas ao sacrificador.
8. Aquele que com óleo e oblação derramada honra, com coração dedicado a Deus, Agni e Soma, – protejam seu sacrifício, preservem-no do perigo, deem ao sacrificador grande felicidade.
9. Invocados juntos, companheiros de riqueza, Agni-Soma, aceitem os nossos hinos: Juntos estejam entre os Deuses.
10. Agni e Soma, para aquele que os adora com o óleo sagrado Façam resplandecer uma ampla recompensa.
11. Agni e Soma, fiquem satisfeitos com essas oferendas trazidas para vocês, E venham, juntos, para perto de nós.
12. Agni e Soma, cuidem bem dos nossos cavalos, e que sejam gordas as nossas vacas que produzem oblações.<sup>10</sup> Outorguem poder para nós e para os nossos patrocinadores ricos,<sup>11</sup> e façam os nossos ritos sagrados serem bem sucedidos.

---

<sup>6</sup> Ou, ó Agni-Soma, os dois deuses formando um deus dual, *ágnīśomāv*.

<sup>7</sup> Recuperaram as vacas (as nuvens de chuva, ou raios de luz) que o demônio avaro tinha levado e escondido.

<sup>8</sup> O nome de um demônio ou inimigo selvagem.

<sup>9</sup> Mātariśvan, ou, no caso nominativo, Mātariśvā, trouxe Agni ou fogo do céu, e o Falcão trouxe Soma da montanha ou nuvem, isto é, diz Sāyaṇa, de Svarga no topo do Monte Meru.

<sup>10</sup> Isto é, que fornecem leite para ser misturado com o suco Soma.

<sup>11</sup> Os ricos chefes de família que instituem os sacrifícios.

## Hino 94. Agni (Wilson)

(Anuvāka 15. Sūkta I)

O R̥ṣi é Kutsa, o filho de Aṅgiras; o deus é Agni, associado, em três partes da oitava estrofe, com os deuses em geral, e, na metade posterior da última, com diferentes divindades; a métrica das duas últimas estrofes é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 30. **1.** Para ele que é digno de louvor, e onisciente, nós construímos, com nossas mentes, esse hino, como (um artífice faz) um carro. Feliz é a nossa compreensão, quando empenhada na adoração dele. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.<sup>1</sup>

**2.** Aquele por quem tu sacrificas realiza (seus objetivos), reside livre de agressão, e desfruta de (riqueza, a fonte da) força; ele prospera, e a pobreza nunca se aproxima dele. Não nos deixa sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**3.** Que nós sejamos capazes de te acender. Aperfeiçoa o rito, pois, através de ti, os deuses compartilham das oblações oferecidas. Traze para cá os Ādityas;<sup>2</sup> pois nós os amamos. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**4.** Nós trazemos combustíveis, nós oferecemos oblações, lembrando-nos de ti nas sucessivas épocas (de culto). Termina completamente o rito, para prolongar nossas vidas. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**5.** Suas (chamas) geniais, as preservadoras da humanidade, se espalham por toda parte; e bípedes e quadrúpedes são avivados pelos raios dele. Brilhando com esplendor variado, e iluminando (o mundo à noite), tu és superior à alvorada. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

Varga 31. **6.** Tu és o sacerdote sacrificante ou o invocador; tu és o principal (apresentador da oferenda), o diretor (das cerimônias), seu realizador, ou, por nascimento, o sacerdote familiar.<sup>3</sup> Desse modo familiarizado com todas as funções sacerdotais, tu realizas perfeitamente o rito. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**7.** Tu és de forma graciosa, e igual por todos os lados, e, embora distante, brilhas como se estivesses próximo. Tu vês, divino Agni, além da escuridão da noite. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**8.** Deuses,<sup>4</sup> que a carruagem do oferecedor da oblação seja a principal,<sup>5</sup> que as nossas denúncias subjuguem os perversos; compreendam e cumpram as minhas palavras. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**9.** Vence, com tuas (armas) fatais, os maus e os ímpios, todos os que são inimigos, perto ou longe; e então provê um (caminho) fácil para o sacrificador que te louva. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

<sup>1</sup> Essa última oração é o refrão de todas as estrofes exceto das duas finais: *sakhye mā riṣāmā vyaṃ tava*, – Que nós não sejamos prejudicados em, ou por, tua amizade; isto é, segundo o comentador: Protege-nos.

<sup>2</sup> Os filhos de Aditi, isto é, todos os deuses.

<sup>3</sup> Agni é aqui identificado com os principais dos dezesseis sacerdotes empregados em sacrifícios solenes. Ele é o *Adhvaryu*, geralmente chamado de recitador do *Yajush*, – aqui definido, pelo comentador, como o apresentador das oferendas; ele é o *Hotṛ*, ou sacerdote invocador; ele é o *Praśāstṛ*, ou o *Maitrāvaruṇa*, cujo dever é ordenar aos outros sacerdotes o que fazer, e quando realizar suas funções; ele é o *Potṛ*, ou o sacerdote assim chamado, e o *Purohita* familiar ou hereditário; ou *Purohita* pode ser o mesmo que o *Brahmā* de uma cerimônia, – sendo, para os homens, o que Bṛhaspati é para os deuses.

<sup>4</sup> *Devā*. Todos os deuses são aqui considerados como apenas partes ou membros de Agni.

<sup>5</sup> *Pūrva*, na frente de. O comentador explica isso como *mukhya*, principal: de outro modo, poderia se pensar que nós tínhamos, aqui, uma alusão a corridas de carruagem.

**10.** Quando tu atrelas os cavalos brilhantes vermelhos, rápidos como o vento, ao teu carro, teu rugido é como aquele de um touro; e tu envolves as árvores da floresta com uma bandeira de fumaça. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

Varga 32. **11.** Pelo teu rugido até as aves ficam apavoradas; quando tuas chamas, consumindo a grama, se espalharam em todas as direções, (a floresta) é de fácil acesso para ti, e para as tuas carruagens. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**12.** Que esse (teu adorador) desfrute do apoio de Mitra e Varuṇa. Extraordinária é a fúria dos Maruts. (Habitantes da região) abaixo (dos céus),<sup>6</sup> nos encorajem; e que as suas mentes novamente (sejam bondosas) para nós. Não nos deixes sofrer dano, Agni, por tua amizade.

**13.** Tu, (brilhante) Agni, és o amigo especial dos deuses; tu, que és gracioso no sacrifício, és o confirmador de todas as riquezas. Que nós estejamos presentes na tua mais espaçosa câmara de sacrifício. Não nos deixes, Agni, sofrer dano por tua amizade.

**14.** Agradável é para ti, quando tu és aceso em tua própria residência, e, propiciado por libações, és louvado (pelos sacerdotes). Então, muito satisfeito, tu dás recompensas e riquezas para o adorador. Não nos deixes, Agni, sofrer dano por tua amizade.

**15.** (Afortunado é o adorador) para quem, (assíduo) em todas as obras piedosas, tu, possuidor de riquezas, indivisível Agni, concedes isenção de pecado, – a quem tu associas com força auspiciosa. Que ele seja (enriquecido), por ti, com prosperidade que inclui progênie.

**16.** Divino Agni, que sabes o que é boa sorte, nessa ocasião prolonga a nossa existência; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra, e o céu, a preservem para nós.<sup>7</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 95 \(Wilson\)](#)

## Hino 94. Agni (Griffith)

**1.** Para Jātavedas<sup>8</sup> digno do nosso louvor nós construiremos com a nossa mente este elogio como se fosse um carro.<sup>9</sup> Para o bem, em sua assembleia,<sup>10</sup> é esse cuidado nosso. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.

**2.** O homem para quem tu sacrificas prospera, permanece sem um inimigo, ganha poder heroico. Ele se torna forte, o infortúnio nunca se aproxima dele. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.

**3.** Que nós tenhamos o poder de acender-te. Realiza os nossos pensamentos. Em ti os Deuses comem a oferenda apresentada; traze para cá os Ādityas, pois nós ansiamos por eles. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.

<sup>6</sup> Abaixo de Svargaloka, ou no *antarikṣa*, ou firmamento.

<sup>7</sup> A segunda linha desse verso termina os hinos seguintes, com duas exceções, até o hino cento e cinco. Mitra, Varuṇa e Aditi foram citados antes. Por Sindhu se deve entender a divindade que preside, ou identificada com, a água corrente; e isso pode significar o oceano, ou os rios correntes coletivamente, ou o rio Indus. Pṛthivī e Div são a terra e o céu personificados. Esses são pedidos para *honrar*, significando, preservar, ou perpetuar, qualquer bênção que tenha sido pedida.

<sup>8</sup> Agni. Veja 1.44.1.

<sup>9</sup> Como um carpinteiro constrói um carro ou carroça.

<sup>10</sup> Entre aqueles que se reuniram para adorá-lo. O sentido pode ser também: boa, ou auspiciosa, é a providência dele ou cuidado amável de nós.

4. Nós traremos combustíveis e prepararemos oferendas queimadas, lembrando de ti em cada festival sucessivo. Realiza o nosso pensamento de modo que nós possamos prolongar nossas vidas. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
5. Os ministros<sup>11</sup> dele se movem adiante, os guardiões do povo, protegendo quadrúpede e bípede com seus raios. Poderoso és tu, o arauto magnífico da Aurora. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
6. Tu és o Apresentador e o principal Invocador, tu Diretor, purificador, grande Sumo Sacerdote por nascimento. Conhecendo todo o trabalho sacerdotal tu o aperfeiçoas, Sábio. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
7. De forma encantadora tu és, igual por todos os lados; embora longe, tu fulguras brilhantemente como se ao alcance da mão. Ó Deus, tu vês até mesmo através da escuridão da noite. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
8. Deuses, que seja o principal o carro daquele que derrama libações, e que o nosso hino prevaleça sobre os homens de coração mau. Ouçam esse nosso discurso e o façam prosperar bem. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
9. Atinge com tuas armas aqueles de palavras e pensamentos maus, demônios devoradores, estejam próximos ou muito longe. Então ao cantor dá caminho livre para o sacrifício. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
10. Quando ao teu carro tu atrelaste dois corcéis vermelhos e dois corcéis rubros, acelerados pelo vento, teu rugido era como aquele de um touro. Tu com chamas de bandeira de fumaça atacas árvores da floresta. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
11. Então pelo teu rugido as próprias aves ficam apavoradas, quando, consumindo a grama, as tuas faíscas voam amplamente para longe. Então, é fácil para ti e o teu carro passarem. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
12. Ele tem o Poder de acalmar Mitra e Varuṇa;<sup>12</sup> extraordinária é a ira dos Maruts quando eles descem. Sê benevolente; que os corações deles sejam voltados para nós novamente. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
13. Tu és um Deus, tu és o magnífico Amigo dos Deuses, o Vasu dos Vasus,<sup>13</sup> belo em sacrifício. Sob a tua proteção mais ampla que nós vivamos. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
14. Esta é tua graça que, aceso em tua própria residência, invocado com Soma tu ressoas muitíssimo benigno; tu dás riqueza e tesouro para o adorador. Não nos deixes, na tua amizade, Agni, sofrer danos.
15. Ser Eterno, que nós sejamos aqueles para quem tu, Senhor de grandes riquezas, concedes liberdade de todo pecado com inteireza perfeita, a quem tu com força excelente vivificas, com filhos e riqueza.
16. Dessa maneira, Agni, tu que conheces toda boa fortuna, Deus, prolonga aqui os dias de nossa existência. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceite essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 95 \(Griffith\)](#)

---

<sup>11</sup> Os raios de luz.

<sup>12</sup> Agni convence Mitra e Varuṇa a mandarem a chuva e protege os homens da fúria dos Deuses da Tempestade.

<sup>13</sup> O melhor da classe de deuses chamados Vasus; ou 'o bom entre os bons'.

## Hino 94. Agni (Oldenberg)

MANDALA I. HINO 94.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 6, VARGA 30–32.

1. Nós temos enviado adiante com mente pensativa este cântico de louvor, como uma carruagem para o digno Jātavedas. Pois bem-aventurado é o seu cuidado por nós em sua companhia. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
2. Prospera aquele para quem tu realizas o sacrifício; ele permanece intocado; ele adquire abundância de heróis. Ele é forte; nenhuma angústia toma conta dele. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
3. Que nós sejamos capazes de te acender. Torna prósperas as nossas orações. Os deuses comem o alimento sacrificial que é oferecido em ti. Traze para cá os Ādityas, pois nós ansiamos por eles. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
4. Nós vamos trazer combustíveis e preparar presentes sacrificais para ti, despertando a tua atenção em cada junção<sup>14</sup> (do mês). Auxilia no avanço das nossas orações para que nós possamos viver. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
5. (Ele é) o pastor dos clãs; por sua luz noturna as criaturas caminham, as de dois pés e as de quatro pés. Tu és o brilhante, grande esplendor da aurora. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
6. Tu és o Adhvaryu e o antigo Hotṛ, o Praśāstr,<sup>15</sup> o Potṛ, o nascido Purohita.<sup>16</sup> Conhecendo os deveres de cada sacerdote tu dás sucesso, ó sábio. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
7. Tu que és belo, de aparência semelhante por todos os lados, tu resplandesces mesmo quando longe como relâmpago. Tu vês, ó Deus, mesmo através da escuridão da noite. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
8. Que a carruagem daquele que espreme Soma permaneça na dianteira, ó deuses. Que a nossa maldição supere os mal-intencionados. Aceitem (ó deuses) essa prece e a façam prosperar. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
9. Golpeia para longe com tuas armas aqueles que nos amaldiçoam, os malignos, todos os demônios necrófagos, eles estejam perto ou longe. E faze um bom caminho para o sacrifício daquele que te louva. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
10. Quando tu atrelas ao teu carro os dois cavalos rubros, vermelhos, os quais o vento impele adiante, e o teu rugido é como aquele de um touro, então tu moves as árvores com a tua bandeira de fumaça. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
11. E quando as tuas faíscas que consomem grama estão espalhadas, os (pássaros) alados também temem o barulho. Então tudo vai bem contigo e com teus carros. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.
12. Ele faz Mitra e Varuṇa obterem bebida refrescante. Ele desvia misteriosamente a ira dos Maruts.<sup>17</sup> Sê misericordioso para conosco. Que a mente deles seja novamente (como era antes). Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.

<sup>14</sup> *Pārvaṇ*, 'junção', parece se referir aqui às junções do mês, os dias sacrificais da mudança da lua e da lua cheia (os sacrifícios-*pārvaṇa*).

<sup>15</sup> O *Praśāstr* (ou *Upavaktr*), literalmente, 'o comandante', é o mesmo sacerdote que é mais comumente designado como o *Maitrāvaruṇa*. Todos os sacerdotes mencionados aqui (com exceção do *Purohita*, veja a nota seguinte) pertencem ao antigo sistema dos 'sete *Hotṛs*', enumerados, por exemplo, em 2, 1, 2.

<sup>16</sup> O *Purohita* ou sacerdote familiar não pertence, propriamente falando, ao número dos sacerdotes oficiantes no sacrifício (*ṛtvijaḥ*), embora naturalmente o *Purohita* pudesse atuar como um *Rtvij*.

<sup>17</sup> Os genitivos *Mitrasya Varuṇasya* podem ser entendidos como dependentes, em conjunto com *Marutāṇi*, de *heḷaḥ*. Nesse caso, a tradução seria: "Ele misteriosamente afasta a ira de Mitra e Varuṇa e dos Maruts a fim de que (os homens) possam obter bebida refrescante."

**13.** Tu és o deus dos deuses, um maravilhoso Mitra (ou seja, amigo, dos deuses). Tu és o Vasu dos Vasus, bem-vindo no sacrifício. Que nós estejamos sob a tua proteção mais abrangente. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.

**14.** Essa é a tua (natureza) gloriosa que, quando aceso na tua própria casa, e alimentado com Soma, tu és despertado, o mais misericordioso. Tu dás tesouros e riqueza ao adorador. Agni! Que nós não soframos dano na tua amizade.

**15.** Que nós sejamos daqueles a quem tu, ó possuidor de bela riqueza, ó Aditi,<sup>18</sup> tens prazer em conceder impecabilidade na saúde e na riqueza, e a quem tu queres estimular com força gloriosa e com abundância de progênie.

**16.** Ó Agni, tu que sabes (como conceder) felicidade, prolonga a nossa vida aqui, ó Deus! Que Mitra e Varuṇa, que Aditi, o Sindhu, a Terra e o Céu nos concedam isso!<sup>19</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 95 \(Oldenberg\)](#)

---

---

<sup>18</sup> Agni é chamado aqui pelo nome de Aditi, com uma evidente alusão à deusa Aditi, como a concessora de liberdade de vínculos, o qual é o significado original de Aditi.

<sup>19</sup> O último hemistíquio é a conclusão regular dos hinos de Kutsa.

## Hino 95. Agni (Wilson)

(Sétimo Adhyāya. Continuação do Anuvāka 15. Sūkta II.)

O deus é Agni, tendo os atributos da alvorada, ou o Agni que tem direito a uma parte da oblação matutina, ou o puro e simples Agni; o Ṛṣi é Kutsa; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 1. **1.** Dois períodos, de diferentes cores,<sup>1</sup> revolvem, para seus próprios propósitos; e cada um, em sucessão, respectivamente nutre um filho. Em um, Hari é o recebedor de oblações; no outro, o brilhante Agni é contemplado.

**2.** As Dez vigilantes e jovens geram, através do vento, esse Agni embrião,<sup>2</sup> inerente (em todos os seres,)<sup>3</sup> de aspecto afiado, universalmente renomado, brilhante entre os homens. A ele elas conduzem (para todas as residências).

**3.** Eles contemplam três lugares do nascimento dele, – um é no oceano, um no céu, um no firmamento; e, dividindo as estações do ano, para o benefício das criaturas terrenas, ele formou, em sucessão regular, o quadrante leste.<sup>4</sup>

**4.** Qual de vocês discerne o oculto<sup>5</sup> Agni? Um filho, ele gera suas mães por meio de oblações.<sup>6</sup> O germe de muitas (águas), ele sai do oceano,<sup>7</sup> poderoso e sábio, o recebedor de oblações.

**5.** Aparecendo entre elas (as águas), o resplandecente luminoso (Agni) cresce, erguendo-se acima dos flancos das águas ondulantes,<sup>8</sup> espalhando seu próprio renome. Ambos (céu e terra) ficam alarmados, quando o radiante Agni nasce; e, aproximando-se do leão,<sup>9</sup> eles lhe prestam honras.

<sup>1</sup> *Virūpe*, de natureza diversa, ou, aqui, cores; preta e branca, ou noite e dia. É dito que o dia é a mãe do fogo, o qual está então, por assim dizer, em um estado embrionário, e não está totalmente manifestado, ou nascido, até que fique escuro. Desse modo o sol está no útero da noite, e nasce, ou brilha, de manhã. Hari, ou o sol, sendo manifestado de manhã, deve então ser adorado; Agni, brilhando à noite, deve ser adorado ao anoitecer, – o que está muito em desacordo com a afirmação preliminar, que o Agni do hino é aquele que tem direito a uma parte da oblação matutina; portanto, é dito, o Agni é aquele dotado das propriedades da aurora; ou ele pode ser o puro, distinto Agni. Nós devemos, conseqüentemente, considerar que Agni é tratado como idêntico a Hari, ou o sol, como também referido em sua própria personificação.

<sup>2</sup> Essa estrofe é interpretada um pouco diferentemente. O comentador diz que as Dez são, em uma acepção, as dez regiões do espaço, as quais geram o fogo elétrico, ou relâmpago, como um embrião nas nuvens, por meio da ação dos ventos; [e, em outra acepção,] os dez dedos, os quais geram Agni através do ar do atrito, como um embrião nos bastões.

<sup>3</sup> *Vibhṛtram*, depositado em todas as criaturas; isto é, na qualidade da faculdade digestiva, a qual é atribuída à ação do calor natural.

<sup>4</sup> Como fogo submarino, Agni nasce no oceano; como o sol, no céu; e, como relâmpago, no firmamento. Em seu caráter de sol, pode-se dizer que ele é o distribuidor do tempo e espaço, – regulando as estações, e indicando os pontos do horizonte.

<sup>5</sup> Calor latente; o calor natural existente nas águas, nas florestas, e em todas as coisas fixas e móveis, embora não perceptível para os sentidos.

<sup>6</sup> Agni, na forma de relâmpago, pode ser considerado como o filho das águas reunidas nas nuvens; e é dito que ele gera aquelas águas por meio das oblações que ele transporta; assim como, no *Smṛti*, é dito: “Oblações oferecidas no fogo ascendem ao sol; a chuva é produzida por causa do sol; os grãos, a partir da chuva; e por consequência, a humanidade”.

<sup>7</sup> Pensa-se que Agni ergue-se, de manhã, na forma do sol, a partir do oceano.

<sup>8</sup> Acima, no lado, ou pico, das águas tortuosas. Agni, aqui, é o relâmpago, o qual aparece na periferia da chuva disposta desigualmente, ou ondulante, que cai das nuvens.

<sup>9</sup> *Siṃham* o comentador considera como aplicável a Agni, para sugerir sua habilidade de suportar ou ser dominado. Não parece haver qualquer objeção ao uso metafórico do significado literal da palavra ‘leão’.

Varga 2. **6.** Ambos os auspiciosos<sup>10</sup> (dia e noite,) o servem, como duas criadas; como vacas mugindo (seguem seus bezerros) pelos caminhos (que eles seguirem). Ele tem sido o senhor da força entre os poderosos, a quem (os sacerdotes), à direita (do altar), ungem.

**7.** Como o sol, ele estende seus braços; e o formidável Agni, enfeitando o céu e a terra (com brilho), trabalha (em seus deveres). Ele tira, de tudo, a (umidade) essencial, e veste (a terra) com vestimentas novas, derivadas de suas (chuvas) maternas.

**8.** Associado, no firmamento, com as águas moventes, ele assume uma forma excelente e resplandecente; e o sábio sustentador (de todas as coisas) varre a fonte<sup>11</sup> (das chuvas, com seu brilho), de onde uma concentração de luz é espalhada amplamente pelo deus alegre.

**9.** O brilho vasto e vitorioso de ti, o poderoso, permeia o firmamento. Agni, que tens sido acendido por nós, protege-nos com todas as tuas glórias não diminuídas e protetoras.

**10.** Ele faz as águas fluírem, em uma torrente, pelo céu; e, com aquelas águas puras, ele inunda a terra. Ele reúne todos os (artigos de) alimentos no estômago, e, para esse fim, permanece temporariamente nos recentemente surgidos pais<sup>12</sup> (dos grãos).

**11.** Agni, que és o purificador, crescendo com o combustível que nós temos suprido, resplandece, para (assegurar) alimento para nós que somos possuidores de riqueza; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra, e o céu, o preservem para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 96 \(Wilson\)](#)

## Hino 95. Agni (Griffith)

**1.** Para belas metas viajam os Dois<sup>13</sup> de aparência diversa: cada um em sucessão nutre uma criança. Um tem um Bebê Divino de cor dourada; brilhante e de belo resplendor é aquele com o outro.

**2.** As dez filhas de Tvaṣṭar,<sup>14</sup> vigilantes e jovens, produziram essa criança conduzida para diversos quadrantes. Elas levam por toda parte a ele cujas chamas são muito aguçadas, fulgente entre os homens com esplendor inerente.

**3.** Três diferentes locais de seu nascimento eles honram, no ar, no céu e nas águas. Governando no leste das regiões terrestres, ele tem estabelecido as estações na sua ordem.<sup>15</sup>

**4.** Quem de vocês conhece esse Oculto?<sup>16</sup> A Criança por sua própria natureza produziu suas mães. O germe de muitos, do seio das águas ele sai, sábio e poderoso, de natureza divina.

**5.** Visível, belo, ele cresce em brilho inato erguido do regaço das águas ondeantes. Quando ele nasceu ambos os mundos de Tvaṣṭar<sup>17</sup> ficaram amedrontados: eles se voltam para ele e reverenciam o Leão.

<sup>10</sup> Ambos pode, também, sugerir céu e terra; ou os dois pedaços de madeira friccionados juntos para produzir chama.

<sup>11</sup> *Budhna* é o termo, nesse verso e no seguinte, para o *antarikṣa*, ou firmamento, como a base, ou fonte, das chuvas.

<sup>12</sup> O texto tem somente 'nos novos pais', ou mães; isto é, nos *oṣadhis*, os anuais, ou os cereais, os quais amadurecem depois das chuvas, e produzem alimento, sendo impregnados pelo Agni terreno.

<sup>13</sup> Os *Dois* são Dia e Noite, e a criança que cada um alimenta por vez é Agni, como o Sol de dia e o Fogo, ou a Lua, à noite.

<sup>14</sup> Os dedos, chamados de filhas do artista dos Deuses por causa da habilidade e velocidade com as quais eles realizam seu trabalho, geram Agni pelo atrito dos bastões de fogo, e então o bebê recém-nascido é levado para lá e para cá para acender os vários fogos sacrificais.

<sup>15</sup> Em seu caráter de Sol ele governa especialmente no leste, e estabeleceu e regula as estações do ano.

<sup>16</sup> Agni latente nas águas, nas florestas, etc.

<sup>17</sup> Céu e Terra, formados pelo artista divino representado como o Criador. Sāyaṇa toma *tvaṣṭuḥ* como um epíteto de Agni.

6. Os Dois auspiciosos,<sup>18</sup> como mulheres, cuidam dele: como vacas mugindo eles o procuram da maneira deles. Ele é o Senhor do Poder entre os poderosos; a ele, à direita, eles ungem com suas oblações.<sup>19</sup>

7. Como Savitar<sup>20</sup> ele estica seus braços com poder; terrível, ele se esforça apreendendo as duas extremidades do mundo. Ele arranca de todos um manto brilhante, sim, de suas Mães<sup>21</sup> ele faz sair novo traje.

8. Ele faz dele uma forma mais nobre de esplendor, enfeitando-o em sua casa com leite e águas. O Sábio<sup>22</sup> adorna as profundezas do ar com sabedoria: essa é a assembleia<sup>23</sup> onde os Deuses são adorados.

9. Extensamente através do firmamento se espalha triunfante a força muito resplandecente de ti o Poderoso. Aceso por nós nos protege, Agni, com todos os teus auxílios autoluminosos não diminuídos.

10. Em lugares secos ele faz riacho, e curso de rio, e torrente, e inunda a terra com as correntes de água que reluzem. Todas as coisas antigas dentro do seu estômago ele reúne, e se move entre as novas gramas recém brotando.

11. Alimentado com o nosso combustível, purificador Agni, portanto brilha para nós auspiciosamente por glória. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 96 \(Griffith\)](#)

## Hino 95. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I. HINO 95.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 7, VARGA 1–2.

1. Duas (irmãs) de diferentes formas vagueiam juntamente, perseguindo um bom objetivo. Uma e a outra amamenta o bezerro.<sup>24</sup> Com uma (o bezerro) é dourado, movendo-se de acordo com seu costume. Com a outra ele é visto luminoso, cheio de esplendor excelente.

2. As dez incansáveis mulheres jovens<sup>25</sup> produziram esse amplamente expandido germe de Tvaṣṭṛ. Ele, o de face afiada (Agni), que é dotado de seu próprio esplendor, o brilhante, elas transportam por toda parte entre os homens.

3. Eles celebram seus três nascimentos: um no mar, um no céu, um nas águas. Na região leste, dominante ele determina as estações dos moradores da terra pelo seu poder atual.

4. Quem dentre vocês compreendeu esse (deus) oculto?<sup>26</sup> O bezerro por si mesmo tem dado nascimento a suas mães.<sup>27</sup> O germe de muitas (mães), o grande vidente, movendo-se por sua própria força, se adianta do colo das ativas.<sup>28</sup>

<sup>18</sup> Céu e Terra.

<sup>19</sup> Permanecendo no lado direito do altar, os sacerdotes o ungem com oferendas de manteiga clarificada.

<sup>20</sup> O Sol. De acordo com Sāyaṇa o Sol se chama Savitar antes de nascer, e Sūrya a partir do seu nascimento até seu ocaso.

<sup>21</sup> As Águas.

<sup>22</sup> Agni.

<sup>23</sup> Tudo isso é a razão pela qual os homens se reúnem para adorar os Deuses.

<sup>24</sup> As duas mulheres são, evidentemente, a Noite e a Aurora (veja 1.96.5). O bezerro é Agni, cuja aparência brilhante à noite é contrastada aqui com seu esplendor mais pálido de dia (veja 1.127.5).

<sup>25</sup> As dez mulheres jovens são os dedos que produzem o fogo pelo atrito das madeiras.

<sup>26</sup> Possivelmente nós devemos corrigir *káh idam vah ninyám*. A tradução seria: "Quem entre vocês compreendeu esse segredo? – o segredo que um bezerro deve dar à luz vacas.

- 5.** O belo (menino Agni) cresce visivelmente nelas em sua própria glória, permanecendo ereto no colo das (águas) que fluem para baixo. Ambos (Céu e Terra) fugiram com medo do (filho de) Tvaṣṭr,<sup>29</sup> quando ele nasceu, mas voltando eles acariciam o leão.
- 6.** Ambos o afagam, como duas mulheres gentis; como vacas mugindo eles têm se aproximado dele da sua própria maneira. Ele tornou-se o senhor de todos os poderes, ele a quem eles ungem com presentes sacrificais do lado direito.
- 7.** Ele ergue seus braços muitas vezes, como Savitr. Ele o terrível pressionando em limites ambas as alas (do seu exército). Ele ergue sua vestimenta brilhante por si mesmo sozinho. Ele dá novas roupas para suas mães.
- 8.** Ele assume sua aparência feroz que está acima (ou seja, o relâmpago), estando unido com as vacas,<sup>30</sup> as águas em seu lugar. A prece purifica o âmago do vidente.<sup>31</sup> Essa foi a reunião entre os deuses.<sup>32</sup>
- 9.** O espaço amplo cerca a tua base, o alicerce resplandecente do búfalo.<sup>33</sup> Agni! Estando aceso nos protege com todos os teus guardiões não enganados que são dotados do próprio esplendor deles.
- 10.** No solo seco ele produz um córrego, um curso de rio, uma inundação. Com suas correntes de água brilhantes ele alcança a terra. Tudo o que é antigo ele recebe em sua barriga. Ele se move por todos os lados dentro da grama nova brotando.
- 11.** Desse modo, ó Agni, sendo fortalecido por combustível, brilha para nós com esplendor que dá prosperidade, ó purificador, por causa de glória. Que Mitra e Varuṇa, que Aditi, o Sindhu, a Terra e o Céu nos concedam isso!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 96 \(Oldenberg\)](#)

<sup>27</sup> Em minha opinião, as mães são as águas, o bezerro é Agni. O significado deve ser, portanto, que, como Agni nasce das águas, assim, as águas nascem de Agni. Agni, – nós podemos tentar interpretar o pensamento do poeta – envia a sua fumaça para o céu. A fumaça é carregada nas nuvens, as nuvens emitem água.

<sup>28</sup> Isto é, o fogo nasce das águas.

<sup>29</sup> Isto é, o filho de Tvaṣṭr (veja acima, verso 2) considerado como idêntico ao pai dele.

<sup>30</sup> As vacas naturalmente significam os alimentos sacrificais provenientes da vaca, tais como leite e manteiga.

<sup>31</sup> O sujeito parece ser a prece que purifica, por assim dizer, Agni, e assim aumenta o esplendor dele.

<sup>32</sup> O significado parece ser que no fogo sacrificial todos os deuses se reúnem.

<sup>33</sup> O professor Max Müller propõe a seguinte tradução: “Teu grande esplendor gira em torno do firmamento, o assento firme do forte (búfalo)”.

## Hino 96. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O R̥ṣi e a métrica como antes; o deus é Agni, mas ou em seu caráter geral, ou como Draviṇodā.

Varga 3. **1.** Gerado pela força, Agni, de fato, se apropria, logo que nasce, das oferendas dos sábios; as águas e voz o fazem amigo deles;<sup>1</sup> e os deuses o mantêm, como o dador de riqueza (sacrificial).<sup>2</sup>

**2.** (Propiciado) pelo hino laudatório primitivo de Āyu, ele criou a progênie dos Manus,<sup>3</sup> e permeia, com esplendor que envolve tudo, os céus e o firmamento. Os deuses mantêm Agni, como o dador de riqueza (sacrificial).

**3.** Aproximando-se dele, que todos os homens adorem Agni, o chefe<sup>4</sup> (dos deuses), o realizador de sacrifícios, que é satisfeito por oblações, e propiciado por louvores, a prole do alimento, o sustentador de (todos os homens), o concessor de dádivas contínuas. Os deuses mantêm Agni, como o dador de riqueza (sacrificial).

**4.** Que Agni, o habitante do firmamento, aquele que nutre com benefícios abundantes, o concessor de Svarga, o protetor da humanidade, o progenitor do céu e da terra, instrua os meus filhos no caminho correto. Os deuses mantêm Agni, como o dador de riqueza (sacrificial).

**5.** A noite e o dia, apagando mutuamente a cor um do outro, dão nutrição, combinados juntos, para uma criança,<sup>5</sup> que, radiante, brilha entre o céu e a terra. Os deuses mantêm Agni, como o dador de riqueza (sacrificial).

Varga 4. **6.** A fonte de opulência, o concessor de riquezas, o diretor do sacrifício, o realizador dos desejos (do homem) que recorre a ele, – a ele os deuses, preservando a imortalidade deles, mantêm, como o dador de riqueza (sacrificial).

**7.** Os deuses mantêm Agni, – como o dador de riqueza (sacrificial), – que agora é, e era antigamente, a residência das riquezas, o receptáculo de tudo o que nasceu, e de tudo o que nascerá, e o preservador de tudo (o que) existe, (como também de todos os) que estão vindo à existência.

**8.** Que Draviṇodā nos conceda (uma porção) de riqueza móvel; que Draviṇodā nos conceda (uma porção) daquela que é estacionária; que Draviṇodā nos dê alimento, acompanhado por progênie; que Draviṇodā nos conceda uma vida longa.

**9.** Desse modo, Agni, que és o purificador, crescendo com o combustível (que nós temos suprido), resplandece, para assegurar alimento para nós que somos possuidores de riqueza; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra, e o céu, o preservem para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 97 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> O Agni aludido é o fogo etéreo ou elétrico, combinado, em sua produção, com chuva e com som.

<sup>2</sup> Como o transportador de oblações, o termo é *draviṇodā*, o concessor de riqueza; mas a riqueza é aquela do sacrifício, ou abundância de manteiga clarificada.

<sup>3</sup> O comentador diz que Āyu é outro nome de Manu. O que significa a progênie dos Manus não está muito óbvio; mas isso parece significar simplesmente a humanidade. O comentador diz que, sendo louvado com hinos por Manu, ele criou toda a prole de Manu.

<sup>4</sup> O termo é *prathama*, – o primeiro, o qual o comentador interpreta como *mukhya*, chefe.

<sup>5</sup> Agni, a quem eles nutrem com as oblações oferecidas durante a sua continuação.

## Hino 96. Agni (Griffith)

1. Ele do modo antigo gerado pela força,<sup>6</sup> veja! imediatamente tomou para si mesmo toda a sabedoria. As águas e a taça<sup>7</sup> o tornaram amigável. Os Deuses possuíam<sup>8</sup> o concessor de riqueza Agni.
2. Pelo antigo chamado de Āyu<sup>9</sup> ele por sua sabedoria deu a toda essa progênie dos homens a existência deles; e, pela luz refulgente, o céu e as águas. Os Deuses possuíram o concessor de riqueza Agni.
3. Louvem a ele, ó povo ário, como o principal realizador de sacrifício adorado e sempre labutando; bem cuidado, Filho da Força, o Doador Constante. Os Deuses possuíram o concessor de riqueza Agni.
4. Aquele Mātariśvan<sup>10</sup> rico em fortuna e em tesouro, conquistador de luz, encontra um caminho para a sua prole. O guarda do nosso povo, o Pai da terra e do céu. Os Deuses possuíram o concessor de riqueza Agni.
5. Noite e Aurora, mudando a cor uma da outra, reunidas amamentam uma mesma criança:<sup>11</sup> Dourado entre o céu e a terra ele brilha. Os Deuses possuíram o concessor de riqueza Agni.
6. Fonte de riqueza, lugar de reunião de tesouros, bandeira de sacrifício, que concede os desejos do suplicante: preservando-o como a sua própria vida imortal, os Deuses possuíram o concessor de riqueza Agni.
7. Agora e antigamente o lar da prosperidade, a mansão do que nasce e do que nasceu dantes, proteção do que existe e do que existirá futuramente, os Deuses possuíram o concessor de riqueza Agni.
8. Que o Doador de Riqueza nos conceda riquezas vitoriosas, que o Doador de Riqueza nos conceda riqueza com heróis. Que o Doador de Riqueza nos conceda alimento com prole, e que o Doador de Riqueza nos envie longura de dias.
9. Alimentado com o nosso combustível, Agni purificador, brilha muito para nós auspiciosamente por glória. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 97 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 96. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 96.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 7, VARGA 3–4.

1. Sendo nascido pela força<sup>12</sup> do modo antigo, veja! ele (Agni) assumiu imediatamente todas as qualidades de um sábio. As águas e a Dhiṣaṇā<sup>13</sup> têm promovido o amigo (Mitra). Os deuses têm mantido Agni como o concessor de riqueza.

<sup>6</sup> Produzido pela agitação violenta dos bastões de fogo.

<sup>7</sup> O suco Soma contido na *dhiṣaṇā*, ou taça. *Dhiṣaṇā* pode ser explicada de outra maneira. Sāyaṇa, que é seguido por Wilson, considera que ela significa *vāk*, fala. Ludwig a traduz por ‘desejo, ou a Deusa do Desejo, Dhiṣaṇā’; Grassmann por ‘oferendas sacrificais’.

<sup>8</sup> Antes que ele fosse visível para os homens.

<sup>9</sup> Pelo convite de Āyu (homem vivo), dito por Sāyaṇa ser outro nome de Manu, o progenitor da humanidade.

<sup>10</sup> Geralmente o nome do ser divino que trouxe Agni do céu (veja 1.31.8), dito por Sāyaṇa significar nesse lugar o próprio Agni.

<sup>11</sup> Agni (veja 1.95.1), a quem elas nutrem com a oblação oferecida pelos homens. *Dourado*: como o Sol.

2. Pela antiga Nivid,<sup>14</sup> pela sabedoria de Āyu<sup>15</sup> ele gerou esses filhos dos homens. Com seu olhar irradiante<sup>16</sup> (ele tem gerado) o céu e as águas. Os deuses têm mantido Agni como o concessor de riqueza.

3. Os clãs ários magnificaram a ele como o primeiro realizador de sacrifícios, como recebendo oferendas, como se esforçando adiante, o filho da força, o Bharata,<sup>17</sup> o concessor de chuva forte. Os deuses têm mantido Agni como o concessor de riqueza.

4. Ele, Mātariśvan,<sup>18</sup> o senhor da prosperidade abundante, encontrou um caminho para (sua) prole, ele que encontrou o sol, o pastor dos clãs, o progenitor dos dois mundos. Os deuses têm mantido Agni como o concessor de riqueza.

5. Noite e Aurora, que destroem constantemente a aparência uma da outra, amamentam um bezerro unidamente.<sup>19</sup> O pedaço de ouro<sup>20</sup> brilha entre o Céu e a Terra. Os deuses têm mantido Agni como o concessor de riqueza.

6. (Ele é) a base da riqueza, o que reúne todos os bens,<sup>21</sup> o farol de sacrifício, o cumpridor de propósito, o pássaro. A fim de proteger a imortalidade deles, os deuses têm mantido a ele, Agni, como o concessor de riqueza.

7. Ele, que é agora e que era antigamente o domicílio da riqueza, a terra (ou seja, a morada ou suporte) do que nasce e do que vai nascer, o pastor e guardião do que existe e do muito que vem a existir. Os deuses têm mantido Agni como o concessor de riqueza.

8. Que (Agni), o dador de riqueza, nos presenteie com riqueza rapidamente. Que o dador de riqueza (nos presenteie com riqueza) unida com homens fortes. O dador de riqueza (deve nos conceder) alimento junto com heróis valentes. O dador de riqueza deve nos conceder vida longa.

9.<sup>22</sup> Desse modo, ó Agni, sendo fortalecido por combustível, brilha para nós com esplendor que dá prosperidade, ó purificador, por causa de glória. Que Mitra e Varuṇa, que Aditi, o Sindhu, a Terra e o Céu nos concedam isso!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 97 \(Oldenberg\)](#)

<sup>12</sup> Isto é, pelo atrito das madeiras.

<sup>13</sup> Eu não tenho dúvida que, de acordo com o significado original, *Dhiṣaṇā* era um instrumento sacrificial usado principalmente, mas não exclusivamente, na prensagem da Soma. Eu não me arrisco a determinar a natureza exata desse instrumento, mas eu penso que ele era uma espécie de suporte sobre o qual as pedras de prensagem repousavam. Um suporte semelhante pode ter sido usado para o recipiente que contém a água sacrificial, e para o fogo sacrificial. Esse suporte era considerado produzindo o Soma para Indra, como fortalecendo Indra, como incitando Indra e os deuses à generosidade com os homens. Desse modo nós temos uma deusa *Dhiṣaṇā* que usa o aspecto de uma deusa da riqueza. Ela é invocada como uma das *Gnas* [ou cônjuges dos deuses] em 1, 22, 10 com *Hotrā* e *Bhāratī*. Finalmente, a Terra, o suporte de tudo, era comparada a esse suporte das pedras de prensagem e do Soma; e o Céu e a Terra foram então considerados como os dois *Dhiṣaṇās*.

<sup>14</sup> *Nivids* eram as fórmulas solenes de invocação.

<sup>15</sup> Sobre Āyu como um dos ancestrais míticos da humanidade, relacionado de perto com Manu, veja Bergaigne, *Religion Védique*, I, 59 e seguintes.

<sup>16</sup> Uṣas é chamada de *vivasvatī* em 3, 30, 13; nós estamos justificados, conseqüentemente, em traduzir *vivasvatā cakṣasā*, ‘com o olhar irradiante’. Mas ao apresentar essa tradução nós não devemos esquecer que o poeta, sem dúvida, ao mesmo tempo, pretendia aludir ao nome de Vivasvat, o pai de Yama.

<sup>17</sup> Agni parece ser chamado de Bharata como pertencente ao povo dos Bharatas.

<sup>18</sup> Mātariśvan, o mensageiro de Vivasvat, que trouxe o fogo do céu para a terra, era originalmente distinto de Agni, mas é identificado com ele em várias passagens.

<sup>19</sup> Literalmente, ‘voltadas uma para a outra’.

<sup>20</sup> O ouro também é Agni.

<sup>21</sup> O primeiro *Pāda* é idêntico àquele em 10, 139, 3.

<sup>22</sup> [Idêntico ao 1, 95, 11.]

## Hino 97. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

O R̥ṣi é o mesmo; o deus, Agni, como fogo puro, ou aquele do qual a pureza é o atributo; a métrica é Gāyatrī.

- Varga 5. **1.** Que o nosso pecado, Agni, seja arrependido.<sup>1</sup> Revela riquezas para nós. Que o nosso pecado seja arrependido.
- 2.** Nós te adoramos, por campos agradáveis, por boas estradas, e por riquezas. Que o nosso pecado seja arrependido.
- 3.** (De modo semelhante como, entre esses teus adoradores, Kutsa) é o panegirista preeminente, assim que os nossos encomiastas (de ti) sejam os mais notáveis. Que o nosso pecado seja arrependido.
- 4.** Visto que teus adoradores (são abençoados com descendentes), portanto que nós, (por repetirmos o teu louvor,) obtenhamos posteridade.<sup>2</sup> Que o nosso pecado seja arrependido.
- 5.** Já que as chamas vitoriosas de Agni penetram universalmente, que o nosso pecado seja arrependido.
- 6.** Tu, cuja face está virada para todos os lados, és nosso defensor. Que o nosso pecado seja arrependido.
- 7.** Tu, cuja face está virada para todos os lados, envia nossos adversários, como se em uma embarcação, (para a margem oposta). Que o nosso pecado seja arrependido.
- 8.** Transporta-nos, em um navio, através do oceano, para o nosso bem-estar. Que o nosso pecado seja arrependido.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 98 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 97. Agni (Griffith)

- 1.** Afugentando com luz o nosso pecado, ó Agni, faze brilhar riqueza sobre nós. Que a luz dele afaste o nosso pecado.
- 2.** Por campos formosos, por casas agradáveis, por riqueza nós sacrificamos a ti. Que a luz dele afaste o nosso pecado.
- 3.** O melhor adorador de todos esses que ele seja; dos mais notáveis, nossos chefes que sacrificam.<sup>3</sup> Que a luz dele afaste o nosso pecado.
- 4.** De modo que teus adoradores e nós, teus, Agni, em nossos filhos possamos viver. Que a luz dele afaste o nosso pecado.
- 5.** Como os raios de esplendor sempre conquistadores de Agni vão para todos os lados, Que a luz dele afaste o nosso pecado.
- 6.** Tua face está voltada para todos os lados, tu és triunfante em todos os lugares. Que a luz dele afaste o nosso pecado.

---

<sup>1</sup> O comentador propõe duas interpretações: "Que o nosso pecado desapareça de nós, e desça sobre nossos adversários;" ou, "Que o nosso pecado, afetado pela aflição, pereça".

<sup>2</sup> "Que nós nasçamos sucessivamente, nas pessoas da nossa posteridade".

<sup>3</sup> Que ele, isto é, Kutsa, o R̥ṣi do hino, seja preeminente entre aqueles que celebram teus louvores, e que os chefes de família que instituíram esse sacrifício sejam similarmente distintos.

7. Ó tu cuja face olha em todas as direções, nos leva para além dos inimigos como em um navio. Que a luz dele afaste o nosso pecado.  
 8. Como em um navio, nos leva através do mar para o nosso benefício. Que a luz dele afaste o nosso pecado.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 98 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 97. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 97.  
 AṢṬAKA I, ADHYĀYA 7, VARGA 5.

1. Afastando o mal<sup>4</sup> com tua luz, Agni, brilha sobre nós com riqueza – afastando o mal com a tua luz.
2. Ansiando por campos ricos, por um caminho livre, e por riqueza, nós sacrificamos, – afastando o mal com a tua luz.
- 3.<sup>5</sup> Quando ele permanece adiante como o mais glorioso entre eles,<sup>6</sup> e quando os nossos senhores generosos se distinguem – afastando o mal com a tua luz –
4. Quando através de ti, Agni, os senhores generosos, e quando através de ti nós podemos nos multiplicar com prole, – afastando o mal com a tua luz –
5. Quando os raios do poderoso Agni partem para todos os lados, – afastando o mal com a tua luz –
6. Pois tu, de fato, (ó deus), cuja face está voltada para todos os lugares, cercas (o mundo) por toda parte, – afastando o mal com a tua luz.
7. Leva-nos, como com um barco, para além das forças hostis, (ó deus), cuja face está voltada para todos os lugares, – afastando o mal com a tua luz.
8. Leva-nos sobre o (mal) para o bem-estar, como através de um rio com um barco – afastando o mal com a tua luz.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 98 \(Oldenberg\)](#)

---

<sup>4</sup> Lanman (*Sanskrit Reader*, p. 363) traduz: "Afasta com chamuscas nosso pecado." Mas *agha* não é exatamente pecado.

<sup>5</sup> Nesse verso, bem como nos versos 4 e 5, – todos iniciando com as palavras *pra yat* – as principais partes da frase estão faltando. Quanto ao significado, no entanto, essas partes são fornecidas pelo refrão; 'afastando o mal' significa, naturalmente, 'que ele afaste o mal'.

<sup>6</sup> 'Entre eles' parece significar 'entre os senhores generosos'.

## Hino 98. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O Ṛṣi, como antes; o deus é ou Vaiśvānara, ou o puro (śuddha) Agni; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 6. **1.** Que nós continuemos nas graças de Vaiśvānara;<sup>1</sup> pois, de fato, ele é o augusto soberano de todos os seres. Logo que gerado dessa (madeira), ele inspeciona o universo; ele acompanha o sol nascente.<sup>2</sup>

**2.** Agni, que está presente<sup>3</sup> no céu, e presente na terra, e que, presente, tem permeado todas as ervas, – que o Agni Vaiśvānara, que está presente na energia, nos guarde, dia e noite, contra os nossos inimigos.

**3.** Vaiśvānara, que essa (tua adoração seja acompanhada) por (resultado) real; que tesouros preciosos nos sirvam; e que Mitra e Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, os preservem para nós!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 99 \(Wilson\)](#)

## Hino 98. Agni (Griffith)

**1.** Que nós permaneçamos constantemente na graça de Vaiśvānara:<sup>4</sup> sim, ele é o Rei supremo sobre todas as coisas vivas. Surgido daqui para a vida<sup>5</sup> ele olha para esse Todo. Vaiśvānara tem rivalidade com Sūrya.

**2.** Agni presente no céu, na terra, presente em tudo, – ele tem impregnado todas as plantas que crescem no solo. Que Agni, que Vaiśvānara com energia, presente, nos proteja dia e noite dos inimigos.

**3.** Que seja esta tua verdade, Vaiśvānara, para conosco: que riqueza em grande abundância se reúna em volta de nós. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 99 \(Griffith\)](#)

## Hino 98. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 98.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 7, VARGA 6.

<sup>1</sup> Vaiśvānara significa ou aquele que governa sobre todos (*viśva*) os homens (*nara*), ou que conduz a eles (*nara*) para outra região, – ou para o céu, através de oblações, ou, possivelmente, para a vida futura, através da pira funerária.

<sup>2</sup> Ou como o calor combinado com o brilho solar; ou, é dito que, ao nascer do sol, na mesma proporção em que os raios solares descem para a terra, os raios do fogo terrestre ascendem, e se misturam com eles.

<sup>3</sup> *Prīṣṭa*, explicado por *sansprīṣṭa*, em contato com, ou *nihita*, colocado, ou presente, no céu. Agni está em contato com, ou presente, no sol; na terra, no fogo sagrado e doméstico; e, nas ervas, ou plantas anuais, como a causa da sua chegada à maturidade.

<sup>4</sup> Um epíteto de Agni ou Fogo como presente com, comum a, ou beneficiando, todos os homens.

<sup>5</sup> Produzido a partir desses dois *arāṇis* ou bastões de fogo.

1. Que nós vivamos na graça de (Agni) Vaiśvānara. Ele realmente é um rei, levando todos os seres para a glória. Assim que nasce aqui ele olha para todo esse mundo. Vaiśvānara se une com o Sol.
2. Agni que tem sido procurado e almejado no Céu, que tem sido procurado na Terra, ele que tem sido procurado, entrou em todas as ervas. Que Agni Vaiśvānara, que tem sido fortemente procurado, nos proteja do mal de dia e de noite.
3. Vaiśvānara! Que essa seja tua verdade: que riqueza e doadores generosos nos atendam! Que Mitra e Varuṇa, que Aditi, o Sindhu, a Terra e o Céu nos concedam isso!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 99 \(Oldenberg\)](#)

### Hino 99. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O Ṛṣi é Kaśyapa, o filho de Marīci; e o Hino, composto de uma única estrofe, na métrica Triṣṭubh, é endereçado a Agni, como Jātavedas.<sup>1</sup>

Varga 7. **1.** Nós oferecemos oblações de *Soma* para Jātavedas. Que ele consuma a riqueza daqueles que sentem inimizade contra nós; que ele nos conduza acima de todas as dificuldades. Que Agni nos leve, como em um barco sobre um rio, para além de toda maldade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 100 \(Wilson\)](#)

### Hino 99. Agni (Griffith)

**1.** Vamos espremer a Soma para Jātavedas: que ele queime a riqueza das pessoas mal-intencionadas. Que Agni nos leve através de todos os nossos problemas, através da aflição, como em um barco através do rio.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 100 \(Griffith\)](#)

### Hino 99. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 99.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 7, VARGA 7.

**1.** Vamos espremer Soma para Jātavedas.<sup>2</sup> Que ele queime a propriedade do avarento. Que ele, Agni, nos leve através de todos os problemas, através de todas as dificuldades, como através de um rio com um barco.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 127 \(Oldenberg\)](#)

<sup>1</sup> Não há nada extraordinário nesse *Sūkta*, exceto sua brevidade, ele consistindo em uma única estrofe.

<sup>2</sup> Essa é uma das passagens muito raras nas quais Agni, estando sozinho e não acompanhado por Indra ou os Maruts etc., é mencionado como bebendo Soma. Parece que esse verso não foi composto para o sacrifício Soma comum, mas para uma ocasião especial.

## Hino 100. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus é Indra; os Ṛṣis são os Vārṣāgiras, – ou cinco filhos de Vṛṣāgir,<sup>1</sup> um Rājā, – que eram Rājarṣis, ou sábios reais, citados individualmente na décima sétima estrofe; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 8. **1.** Que ele, que é o derramador de desejos; que é coabitante com (todas as) energias, o soberano supremo sobre o vasto céu e a terra, aquele que envia água, e que deve invocado em batalhas; – que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**2.** Que ele, cuja trajetória, como aquela do sol, não é para ser alcançada; que, em toda batalha, é o matador de seus inimigos, o intimidador<sup>2</sup> (de oponentes); que, com seus amigos de movimento rápido, (os ventos) é o mais generoso (dos doadores); – que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**3.** Que ele, cujos raios, poderosos e inalcançáveis, emitem luz, como aqueles do sol, ordenando (as nuvens); ele, que é vitorioso sobre seus adversários, triunfante por suas energias valorosas; – que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**4.** Ele é o mais rápido entre os rápidos,<sup>3</sup> o mais generoso entre os generosos, um amigo com amigos, venerável entre aqueles que clamam veneração, e preeminente entre aqueles dignos de louvor. Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**5.** Poderoso com os Rudras, como se com seus filhos; vitorioso em batalhas sobre seus inimigos; e mandando para baixo, com seus coabitantes (as águas, as quais são produtivas de) alimentos, – Indra, associado com os Maruts, sê nossa proteção.

Varga 9. **6.** Que ele, o repressor de ira (hostil), o criador da guerra, o protetor dos bons, o invocado por muitos, compartilhe, com nosso povo, hoje, a (luz do) sol.<sup>4</sup> Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**7.** A ele seus aliados, os Maruts, incentivam em batalha; a ele os homens consideram como o preservador da propriedade deles; ele sozinho preside todo ato de culto. Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**8.** A ele, um líder (para a vitória), seu adoradores recorrem, em disputas de força, por proteção e por riqueza; porque ele concede a eles a luz (da vitória), na escuridão desnorteante (da batalha).<sup>5</sup> Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**9.** Com sua mão esquerda ele reprime os malignos; com sua direita, ele recebe as oferendas (sacrificais); ele é o dador de riquezas, (quando propiciado) por alguém que celebra o seu louvor. Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**10.** Ele, junto com seus auxiliares, é um benfeitor; ele é reconhecido rapidamente por todos os homens, hoje, por meio das carruagens dele; por suas energias varonis ele é vitorioso

<sup>1</sup> [Literalmente ‘o de voz forte’ ou ‘com a voz do Touro’.] Nós não temos menção de Vṛṣāgir e seus filhos nos *Purāṇas*.

<sup>2</sup> [Literalmente ‘o que faz murchar’.]

<sup>3</sup> *Arīghirobhir arīghirastamah*, ‘o mais Anīgiras dos Anīgirasas’, o que se pode pensar que se refere aos *Ṛṣis* assim chamados, mas o comentador o deriva de *ang*, ir, e explica *Arīgirasah* por *gantārah*, seguidores; ‘aqueles que seguem rapidamente’.

<sup>4</sup> Supõe-se que os Vārṣāgiras dirigem essa prece a Indra para que eles possam ter a luz do dia, na qual atacar seus inimigos, e recuperar o gado que tinha sido levado embora por eles, ou para que a luz possa ser retirada dos seus oponentes.

<sup>5</sup> A expressão *jyotish*, ‘luz’, e *chittamasi*, ‘na escuridão do pensamento’, pode, também, ser aplicada mais literalmente, e expressar a esperança de que Indra dará a luz do conhecimento à escuridão da compreensão.

sobre (adversários) indisciplinados. Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

Varga 10. **11.** Invocado por muitos, ele vai para a batalha, com seus parentes, ou com (seguidores) não da sua família; ele garante o (trunfo) daqueles que confiam nele, e dos filhos e netos deles. Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**12.** Ele é o manejador do raio, o matador de ladrões, temível e feroz, conhecedor de muitas coisas, muito louvado, e poderoso, e, como o suco *Soma*, inspirador das cinco classes de seres com vigor. Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**13.** Seu raio arranca gritos (dos seus inimigos); ele é o que manda boas águas, brilhante como (o corpo luminoso) do céu, o que faz trovejar, o promotor de atos beneficentes; a ele dádivas e riquezas acompanham. Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**14.** Que ele, de quem a excelente medida (de todas as coisas), através de força,<sup>6</sup> eternamente e em todo lugar nutre céu e terra, propiciado por nossos atos, nos leve para além (do mal). Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

**15.** Nem deuses, nem homens, nem águas, alcançaram o limite da força daquele (deus) beneficente; pois ele supera o céu e a terra com seu poder (destruidor de inimigos). Que Indra, associado com os Maruts, seja nossa proteção.

Varga 11. **16.** Os corcéis vermelhos e pretos, – de membros longos, bem ajazados, e celestiais, e atrelados, bem satisfeitos, ao jugo da carruagem na qual o derramador de benefícios é transportado, para o enriquecimento de Rjṛāśva, – são reconhecidos entre as tropas humanas.

**17.** Indra, derramador (de benefícios), os Vārṣāgiras, – Rjṛāśva, e seus companheiros, Ambarīṣa, Sahadeva, Bhayamāna, e Surādhas, – dirigem a ti esse louvor propiciatório.

**18.** Indra, que é invocado por muitos, acompanhado pelos moventes (Maruts), tendo atacado os Dasyus e os Śimyus,<sup>7</sup> os matou com seu raio; o que faz trovejar então dividiu os campos com seus amigos de cor branca,<sup>8</sup> e resgatou o sol, e libertou a água.

**19.** Que Indra seja, diariamente, nosso protetor; e que nós, com rumo não desviado, desfrutemos de alimento (abundante); e que Mitra e Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, o preservem para nós!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 101 \(Wilson\)](#)

<sup>6</sup> *Śavasā mānam*, o distribuidor de todas as coisas, através de seu poder. Ou isso pode significar que ele é o protótipo de tudo o que é dotado de força.

<sup>7</sup> O comentário explica esses como ‘inimigos’ e Rākṣasas; mas eles, mais provavelmente, designam tribos ainda não subjugadas pelos hindus védicos, ou arianos.

<sup>8</sup> Esses, segundo o comentador, são os ventos, ou Maruts; mas por que eles deveriam ter uma parte do território do inimigo parece duvidoso. A alusão é, mais provavelmente, destinada aos amigos terrenos, ou adoradores, de Indra, que eram brancos em comparação com as tribos mais escuras da região conquistada.

## Hino 100. Indra (Griffith)

1. Que ele que tem seu lar com a força, o Poderoso, o Rei Supremo da terra e do vasto céu, Senhor do poder verdadeiro, a ser invocado em batalhas, – que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
2. Cujo caminho é inalcançável como o de Sūrya; ele em cada luta é o forte matador de Vṛtra, O Mais Poderoso com seus Amigos em seus próprios cursos. Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
3. Cujos caminhos<sup>9</sup> partem em sua grande força irresistível, ordenando, por assim dizer, a umidade fecundante do céu. Com força viril triunfante, subjugador de inimigos, – que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
4. Entre os Aṅgiras ele era o principal, um Amigo com amigos, poderoso em meio aos poderosos. Adorador entre adoradores, honrado o maior dos cantores. Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
5. Forte com os Rudras<sup>10</sup> como com seus próprios filhos, em batalha varonil conquistando seus inimigos, com seus companheiros próximos fazendo atos de glória, – que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
6. Aquele que humilha o orgulho, excitador do conflito, o Senhor dos heróis, Deus invocado por muitos, que ele nesse dia ganhe com nossos homens a luz do sol.<sup>11</sup> Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
7. Sua ajuda o fez mais animado na batalha, o povo fez dele o guardião do seu conforto. Ele é o Senhor Único de cada serviço sagrado.<sup>12</sup> Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
8. A ele o Herói, em grandes dias de proezas, heróis em busca de ajuda e despojos devem se dirigir. Ele encontrou luz mesmo na escuridão cegante. Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
9. Ele com sua mão esquerda detém até mesmo os poderosos, e com sua mão direita coleta os despojos. Mesmo com os humildes ele adquire riquezas.<sup>13</sup> Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
10. Com tropas a pé e carros ele ganha tesouros; ele é bem conhecido hoje por todas as pessoas. Com poder valoroso ele subjuga aqueles que o odeiam. Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
11. Quando em seus caminhos com parentes ou com estranhos ele se apressa para a luta, invocado por muitos, para ganho de águas e de filhos e netos, que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.
12. Terrível e feroz, matador de demônios, manejador do trovão, com conhecimento ilimitado, louvado com hinos por centenas, poderoso, em força como Soma, guardião dos Cinco Povos,<sup>14</sup> que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.

<sup>9</sup> *Pánthāsah*, caminhos, é explicado como ‘raios’ por Sāyaṇa. Indra é aqui representado como o Deus da luz e da chuva.

<sup>10</sup> Os Maruts, filhos de Rudra o principal Deus da Tempestade. Eles são os companheiros próximos ou associados fiéis de Indra, que os considera não como seus iguais, mas como seus filhos.

<sup>11</sup> O hino é dirigido a Indra em busca de auxílio em uma batalha que se aproxima. Sāyaṇa diz que os Vārṣāgiras rezam para que eles possam ter a luz do dia e para que os inimigos deles lutem no escuro.

<sup>12</sup> Indra é considerado o auxiliador e encorajador deles em batalha e seu protetor na paz. Ele também preside todos os atos de culto, e como tal recompensa aqueles que o servem.

<sup>13</sup> Isto é, não só o forte, mas também o homem fraco adquire riquezas com a ajuda dele.

<sup>14</sup> Das cinco classes de seres, segundo Sāyaṇa, ou seja, Deuses, Gandharvas, Apsarases, Asuras e Rākṣasas. Provavelmente as cinco tribos árias são aludidas. Veja 1.7.9.

**13.** Ganhando a luz, para cá ruga seu trovão como a poderosa voz impressionante do Céu. Ricos presentes e tesouros sempre o acompanham. Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.

**14.** Cujo lar eterno através da força dele o cerca por todos os lados, seu louvor, a terra e o céu,<sup>15</sup> que ele, satisfeito com nosso serviço, nos salve. Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.

**15.** O limite de cujo poder nem Deuses por Divindade, nem homens mortais alcançaram, nem mesmo as Águas. Ele supera a Terra e o Céu em vigor. Que Indra, cercado pelos Maruts, seja nosso auxílio.

**16.** A égua vermelha e fulva, de marca de chama, de posição elevada, celestial que, para levar riquezas a R̥jṛāśva, puxava pela lança a carruagem atrelada com garanhões, alegre, entre as hostes de homens era notada.<sup>16</sup>

**17.** Os Vārṣāgiras para ti, ó Indra, o Poderoso, cantam esse louvor para te agradar, R̥jṛāśva com seus companheiros, Ambarīṣa, Surādhas, Sahadeva, Bhayamāna.

**18.** Ele, muito invocado, matou Dasyus e Śimyus,<sup>17</sup> segundo seu costume, e os abateu com setas. O poderoso que faz trovejar, com seus amigos de cor clara,<sup>18</sup> ganhou a terra, a luz do sol, e as águas.

**19.** Que Indra seja sempre o nosso protetor, e não postos em perigo que nós ganhemos os despojos. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 101 \(Griffith\)](#)

<sup>15</sup> A *Terra e o Céu*, a residência dele, são sua canção de louvor eterna porque eles foram estabelecidos e regulados por ele. Essa é a explicação de Ludwig desse verso obscuro.

<sup>16</sup> Os epítetos nessa estrofe são considerados por Ludwig como nomes dos seis cavalos com os quais R̥jṛāśva se dirigiu para a batalha e venceu. Os últimos quatro versos do hino parecem ter sido adicionados depois da vitória.

<sup>17</sup> Homens de tribos nativas hostis.

<sup>18</sup> Explicados por Sāyaṇa como os brilhantes Maruts, significam provavelmente os invasores arianos como contrários às tribos de pele escura do território.

## Hino 101. Indra (Wilson)

(Sūkta VIII)

O Ṛṣi é Kutsa, o filho de Aṅgiras; o deus, Indra; a métrica das primeiras sete estrofes é Jagatī; das últimas quatro, Triṣṭubh.

Varga 12. **1.** Ofereçamos adoração, com oblações, a ele que é satisfeito (por louvor); que, com Ṛjīśvan, destruiu as esposas grávidas de Kṛṣṇa.<sup>1</sup> Desejosos de proteção, nós chamamos, para se tornar nosso amigo, a ele, que é o derramador (de benefícios), que segura o raio em sua mão direita, acompanhado pelos Maruts.

**2.** Nós invocamos, para ser nosso amigo, Indra, que é acompanhado pelos Maruts; a ele que, com ira crescente, matou o mutilado Vṛtra, e Śambara, e o iníquo Pipru,<sup>2</sup> e que extirpou o inabsorvível Śuṣṇa.<sup>3</sup>

**3.** Nós invocamos, para se tornar nosso amigo, Indra, que é acompanhado pelos Maruts; cujo grande poder (permeia) céu e terra; em cujo serviço Varuṇa e Sūrya são constantes; e cujo comando os rios obedecem.

**4.** Que é o senhor de todos os cavalos e gado; que é independente; que, propiciado por adoração, é constante em todo ato; e que é o matador do obstinado que se abstém de fazer libações: nós invocamos, para se tornar nosso amigo, Indra, acompanhado pelos Maruts.

**5.** Que é o senhor de todas as criaturas que se movem e respiram; que, primeiro, recuperou as vacas (roubadas), para o Brahman;<sup>4</sup> e que matou os Dasyus humilhados: nós invocamos, para se tornar nosso amigo, Indra, acompanhado pelos Maruts.

**6.** Que deve ser invocado pelos bravos e pelos tímidos, pelos derrotados e pelos vitoriosos, e a quem todos os seres colocam diante deles, (em seus ritos): nós invocamos, para se tornar nosso amigo, Indra, acompanhado pelos Maruts.

Varga 13. **7.** O radiante Indra procede (pelo firmamento), com a manifestação dos Rudras;<sup>5</sup> através dos Rudras, a fala se propaga com celeridade mais expansiva, e louvor glorifica o renomado Indra: a ele, acompanhado pelos Maruts, nós chamamos, para se tornar nosso amigo.

**8.** Acompanhado pelos ventos, dador de riqueza verdadeira, se tu podes ficar satisfeito (em residir) em uma mansão imponente ou residência humilde, vem ao nosso sacrifício. Desejosos da tua presença, nós te oferecemos oblações.

**9.** Desejosos de ti, Indra, que és possuidor de força excelente, nós derramamos, para ti, libações; desejosos de ti, que és alcançado por meio de oração, nós te oferecemos oblações. Portanto, tu, que és possuidor de cavalos, senta-te, com prazer, sobre a grama sagrada, acompanhado pelos Maruts, nesse sacrifício.

<sup>1</sup> É dito que Ṛjīśvan é um rei, o amigo de Indra, e Kṛṣṇa, um *Asura*, que foi morto junto com suas esposas, de modo que ninguém da posteridade dele pudesse sobreviver. Veja em 1.130.8, nota, e 4.16.13, nota. *Kṛṣṇa*, o negro, pode ser outro nome para Vṛtra, a nuvem escura; ou nós podemos ter, aqui, outra alusão aos aborígenes de pele escura.

<sup>2</sup> Śambara e Pipru são, ambos, chamados de *Asuras*. O último é também chamado de *avrata*, que não realiza, ou que se opõe, aos *vratas*, ou ritos religiosos.

<sup>3</sup> *Śuṣṇam aśuṣam*, o secador; que é sem ser secado, que não pode ser absorvido.

<sup>4</sup> *Brahmaṇe*, isto é, para Aṅgiras, ou os Aṅgirasas que, segundo o comentador, eram da casta bramânica. Várias passagens concordam em afirmar que as vacas foram roubadas dos Aṅgirasas; e Aṅgiras não pode ser identificado com Brahmā. O termo usado, portanto, muito provavelmente denota um brâmane.

<sup>5</sup> Indra é dito aqui ser radiante, por identidade com o sol; e os Rudras, serem os mesmos que os Maruts, em seu caráter de ares vitais, ou *prāṇāḥ*.

**10.** Regozija-te, Indra, com os corcéis que são da tua natureza, abre as tuas mandíbulas; abre largamente a tua garganta, (para beber o suco *Soma*); que teus cavalos tragam a ti, que tens um belo queixo, (para cá); e, bondoso para nós, sê satisfeito por nossas oblações.

**11.** Protegidos por aquele destruidor (de inimigos) que é unido, em louvor, com os Maruts, nós podemos receber sustento de Indra; e que Indra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, o preservem para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 102 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 101. Indra (Griffith)

**1.** Cantemos, com oblação, louvemos a ele que alegra, que com Rjísvan dispersou a raça escura.<sup>6</sup> Ávidos por auxílio, a ele o forte cuja mão direita empunha o raio, a ele cercado pelos Maruts nós invocamos para ser nosso Amigo.

**2.** Indra, que com ira triunfante derrotou Vyaṁsa, e Śambara e Pipru o iníquo; que extirpou Śuṣṇa<sup>7</sup> o insaciável, – a ele cercado pelos Maruts nós invocamos para ser nosso Amigo.

**3.** Ele cuja grande obra de poder viril é o céu e a terra, e Varuṇa e Sūrya mantêm sua lei sagrada; Indra, cuja lei os rios seguem conforme eles fluem, – a ele cercado pelos Maruts nós invocamos para ser nosso Amigo.

**4.** Ele que é o Senhor e Mestre dos cavalos e vacas, honrado – o firme e seguro – em todo ato sagrado; Matador até do forte que não derrama oferenda, – a ele cercado pelos Maruts nós invocamos para ser nosso Amigo.

**5.** Ele que é o Senhor de todo o mundo que se move e respira, que para o Brahman<sup>8</sup> primeiro antes de tudo encontrou as Vacas; Indra que derrubou os Dasyus aos seus pés, – a ele cercado pelos Maruts nós invocamos para ser nosso Amigo.

**6.** A quem os covardes e os homens valentes de guerra devem invocar, invocado por aqueles que conquistam e por aqueles que fogem; Indra, a quem todos os seres dirigem seu pensamento constante, – a ele cercado pelos Maruts nós invocamos para ser nosso Amigo.

**7.** Refulgente na região dos Rudras ele prossegue, e com os Rudras através do amplo espaço acelera a Dama.<sup>9</sup> O hino de louvor exalta a Indra muito famoso: – a ele cercado pelos Maruts nós invocamos para ser nosso Amigo.

**8.** Ó cercado por Maruts, se tu te deleitas no mais imponente local de reunião ou humilde habitação, vem de lá para o nosso rito, verdadeiro concessor de benção: por amor a ti nós preparamos oblações.

**9.** Nós, ansiosos por ti, forte Indra, esprememos Soma, e, ó tu, procurado com oração, temos feito oferendas. Agora, nesse sacrifício, com todos os teus Maruts, na grama sagrada, ó Deus conduzido por parelha, regozija-te.

**10.** Alegra-te com os teus próprios Cavalos Baios, Indra, abre as tuas mandíbulas e que os teus lábios estejam abertos. Tu com a bela face, que teus Cavalos Baios te tragam: bondoso para nós, fica satisfeito com a nossa oblação.

**11.** Guardas do acampamento cujos louvadores são os Maruts, que nós, através de Indra, obtenhamos nós mesmos o espólio.<sup>10</sup> Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

---

<sup>6</sup> Os aborígenes morenos que se opunham aos árias ou arianos.

<sup>7</sup> Vyaṁsa, e Śambara, Pipru e Śuṣṇa são nomes dos demônios da seca.

<sup>8</sup> Segundo Sāyaṇa, que recuperou para os Aṅgirasas as vacas que tinham sido levadas pelos Paṇis. Veja 1.32.11.

<sup>9</sup> Ludwig sugere que Rodasī, a esposa de Rudra, é aludida, e refere-se ao mito alemão antigo da Noiva do Vento.

<sup>10</sup> Que nós que somos os guardiões do acampamento ou do novo povoado, louvados e favorecidos pelos Maruts, ganhamos os despojos. As palavras *marutstotrasya vrjanasya* são um pouco obscuras.

---

## Hino 102. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O Ṛṣi e o deus, como no último; a métrica das primeiras dez estrofes é Jagatī; da última, Triṣṭubh.

Varga 14. **1.** Eu dirijo a ti, que és poderoso, esse hino excelente; pois a tua mente tem sido satisfeita pelo meu louvor. Os deuses têm alegrado sucessivamente aquele Indra vitorioso com o poder (do louvor), por causa de prosperidade e riqueza.

**2.** Os sete rios exibem a glória dele: céu, e terra e firmamento mostram a forma visível dele. O sol e a lua, Indra, fazem suas revoluções, para que nós possamos ver, e tenhamos fé no que nós vemos.

**3.** Maghavan, envia tua carruagem, e nos traz riqueza, – aquele carro vitorioso o qual, Indra, que és muito louvado por nós, em tempo de guerra, nós nos alegamos de ver em batalha. Maghavan, concede felicidade para aqueles que são devotados a ti.

**4.** Que nós, tendo a ti como nosso aliado, derrotemos nossos adversários em todo combate. Defende nossa parte; torna riquezas facilmente obtidas por nós; enfraquece, Maghavan, o vigor dos nossos inimigos.

**5.** Muitos são os homens que te chamam em busca da tua proteção. Sobe em teu carro, para trazer riqueza para nós, pois a tua mente, Maghavan, é tranquila, e determinada a vencer.

Varga 15. **6.** Teus braços são os obtentores de gado; tua sabedoria é ilimitada; tu és o mais excelente, o concesso de cem auxílios em todo rito. O criador da guerra, Indra, é incontrollável; o símbolo da força; portanto, os homens que desejam riqueza o invocam de vários modos.

**7.** O alimento, Maghavan, (que é para ser dado, por ti), para os homens, pode ser mais do que o suficiente para uma centena, ou para mais, até, do que mil. Grande louvor tem glorificado a ti, que não tens limite, em consequência do que tu destróis teus inimigos.

**8.** Forte como uma corda trançada duas vezes, tu és o símbolo da força, protetor dos homens, tu és mais do que capaz de sustentar as três esferas, os três luminares,<sup>1</sup> e todo esse mundo dos seres, Indra, que, desde o nascimento, sempre tens sido sem rival.

**9.** Nós invocamos a ti, Indra, o principal entre os deuses. Tu tens sido o vitorioso em batalhas. Que Indra coloque em primeiro lugar, na batalha, essa nossa carruagem, que é eficiente, impetuosa, e a que extirpa (todos os obstáculos).<sup>2</sup>

**10.** Tu conquistas, e não reténs os despojos. Em conflitos pequenos e sérios nós te fortalecemos, feroz Maghavan, para nossa defesa. Portanto, inspira-nos, nos nossos desafios.

**11.** Que Indra seja o nosso defensor diariamente; e que nós, com rumo não desviado, desfrutemos de alimento farto; e que Indra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, o preservem para nós.

<sup>1</sup> Os três fogos; ou, o sol no céu, o relâmpago no ar, e o fogo (sagrado ou doméstico,) na terra.

<sup>2</sup> Ou os epítetos podem ser aplicados a *putra*, um filho, implícito, – que Indra nos dê (um filho), um oferecedor de louvores, cheio de sabedoria, e o subjugador de inimigos, e (nos dê) também, uma carruagem a principal em batalha.

## Hino 102. Indra (Griffith)

1. Para ti o Poderoso eu trago esse poderoso hino, pois o teu desejo tem sido satisfeito pelo meu louvor. Em Indra, sim nele vitorioso através de sua força, os deuses se regozijaram em banquete e quando o Soma fluiu.
2. Os Sete Rios<sup>3</sup> levam a glória dele por toda parte, e o céu e o firmamento e a terra exibem a forma agradável dele. O Sol e a Lua em mudança alternada seguem seu curso, de modo que nós, ó Indra, possamos ver e possamos ter fé.
3. Maghavan, concede-nos aquele mesmo carro para nos trazer despojos, o teu carro conquistador no qual nós nos alegamos no choque do combate. Indra, a quem os nossos corações louvam muito na guerra, concede proteção, Maghavan, para nós, que te amamos profundamente.
4. Encoraja o nosso lado em todas as lutas: que nós, contigo como nosso aliado, vencamos a tropa do inimigo. Indra, concede-nos alegria e felicidade; quebra, ó Maghavan, o vigor dos nossos inimigos.
5. Pois aqui de várias maneiras esses homens que invocam a ti, possuidor de tesouros, cantam hinos para ganhar o teu auxílio. Sobe no carro para que tu possas trazer despojos para nós, pois, Indra, a tua mente fixa obtém a vitória.
6. Seus braços ganham vacas, seu poder é ilimitado, em cada ato o melhor, com cem auxílios, o que desperta o ruído da batalha é Indra: ninguém pode rivalizar com ele em força poderosa. Por isso, ávidas pelos despojos, as pessoas o invocam.
7. Tua glória, Maghavan, supera cem, sim, mais do que cem, de mil entre o povo; a grande taça<sup>4</sup> tem te inspirado ilimitadamente: de modo que tu podes matar os Vṛtras, quebrador de fortes!<sup>5</sup>
8. Do teu grande poder há uma contraparte tripla, as três terras,<sup>6</sup> Senhor dos homens, e os três reinos de luz.<sup>7</sup> Acima desse mundo, Indra, tu tens te desenvolvido: tu és sem inimigo, por natureza, desde os tempos antigos.
9. Nós te invocamos primeiro entre os Deuses: tu te tornaste um poderoso Conquistador em combate. Que Indra encha de vitalidade o coração desse nosso cantor, e torne o nosso carro impetuoso, o principal em ataque.
10. Tu tens prevalecido, e não retido os despojos, em batalhas insignificantes ou naquelas de grande importância. Nós te fazemos forte, o Poderoso, para nos socorrer: inspira-nos, Maghavan, quando nós desafiamos o inimigo.
11. Que Indra sempre seja o nosso protetor, e não expostos ao perigo que nós possamos ganhar o saque. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 103 \(Griffith\)](#)

---

<sup>3</sup> Os principais rios na proximidade dos mais antigos povoados arianos. Veja 1.32.12.

<sup>4</sup> O recipiente que contém o estimulante suco Soma, ou a própria libação poderosa.

<sup>5</sup> Os *fortes* são os castelos de nuvens dos demônios do ar que Indra destrói com seu relâmpago: ‘as nuvens cujas torres moventes compõem os bastiões da tempestade’. Shelley, *Witch of Atlas*.

<sup>6</sup> Talvez a terra, a atmosfera, e o céu.

<sup>7</sup> Ou, de acordo com Sāyaṇa, os três fogos ou fogo em três formas, [nota 1]. Veja também 1.105.5.

## Hino 103. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

O Ṛṣi e o deus, como antes; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 16. **1.** Os sábios eram antigamente possuidores desse teu poder supremo, Indra, como se ele estivesse presente com eles,<sup>1</sup> – uma luz do qual brilha sobre a terra; a outra, no céu; e ambos estão em combinação um com o outro;<sup>2</sup> como bandeira (se mistura com bandeira,) em batalha.

**2.** Ele sustenta, e tem expandido, a terra. Tendo atingido (as nuvens), ele libertou as águas. Ele matou Ahi; ele perfurou Rauhiṇa; ele destruiu, com sua destreza, o mutilado (Vṛtra).<sup>3</sup>

**3.** Armado com o raio, e confiante em sua força, ele continuou a destruir as cidades dos Dasyus. O que faz trovejar, reconhecendo (os louvores do teu adorador), lança, por causa dele, a tua flecha contra o Dasyu, e aumenta a força e glória do Ārya.<sup>4</sup>

**4.** Maghavan, possuidor de um nome que deve ser glorificado, oferece, para aquele que o celebra, essas eras (rotantes) do homem.<sup>5</sup> O que faz trovejar, o que dispersa (seus inimigos), partindo, para destruir os Dasyus, obteve um nome (famoso por) bravura (vitoriosa).

**5.** Vejam isso, o vasto e extenso (poder de Indra), tenham confiança na destreza dele. Ele recuperou o gado; ele recuperou os cavalos, as plantas, as águas, as florestas.

Varga 17. **6.** Nós oferecemos a libação de Soma para ele que é o realizador de muitas proezas, o melhor (dos deuses), o derramador (de benefícios), o possuidor de força verdadeira, o herói que, mantendo o respeito pela riqueza, a tira daquele que não realiza sacrifícios, – como um salteador (de um viajante), – e procede (para dá-la) para o sacrificador.

**7.** Tu realizaste, Indra, um feito glorioso, quando tu despertaste o adormecido Ahi com teu raio. Então as esposas (dos deuses), os Maruts, e todos os deuses, imitaram a tua exultação.

**8.** Visto que, Indra, tu mataste Śuṣṇa, Pipru, Kuyava, e Vṛtra, e destruístes as cidades de Śambara, portanto que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu nos concedam o que (nós desejamos).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 104 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> O termo é *parācaih*, o qual é bastante duvidoso.

<sup>2</sup> É dito que o sol e o fogo são, igualmente, o brilho de Indra. De dia, o fogo está combinado com o sol; à noite, o sol está combinado com o fogo.

<sup>3</sup> Ahi e Vṛtra, em ocasiões anteriores, têm sido considerados como sinônimos; aqui eles são distintos, mas significando, muito provavelmente, apenas nuvens formadas diferentemente. Rauhiṇa, chamado de Asura, é, com toda a probabilidade, algo do mesmo tipo, – uma nuvem púrpura, ou vermelha.

<sup>4</sup> Nós temos, aqui, o Dasyu e o Ārya colocados em oposição; um, como o adorador, o outro, como o inimigo do adorador. *Dāsīh*, como o adjetivo de *purah*, cidades, é explicado ‘dos, ou pertencentes aos, Dasyus’. A menção de cidades indica um povo não totalmente bárbaro, embora o termo possa designar vilas ou aldeias.

<sup>5</sup> *Mānuṣemā yughāni*, ‘esses yugas mortais’; Kṛta, Treta, etc., segundo o comentador, os quais Indra desenvolve sucessivamente, no caráter do sol.

### Hino 103. Indra (Griffith)

1. Aquele teu maior poder de Indra<sup>6</sup> está distante: o que se encontra aqui os sábios possuíam antigamente. Um está sobre a terra, o outro no céu, e ambos se unem como bandeira com bandeira em batalha.
2. Ele estendeu a ampla terra e a fixou firmemente, atingiu com seu raio e libertou as águas. Maghavan com sua pujança derrubou Ahi, despedaçou Rauhiṇa<sup>7</sup> e matou Vyaṁsa.
3. Armado com seu raio e confiando em sua destreza ele vagou quebrando as fortalezas dos Dāsas.<sup>8</sup> Lança o teu dardo, conhecendo,<sup>9</sup> Trovejador, no Dasyu; aumenta o poder e a glória do Ārya, Indra.
4. Para aquele que ensinou desse modo essas raças humanas, Maghavan, tendo um título digno de fama, o que faz trovejar, aproximando-se para matar os Dasyus, deu a ele mesmo o nome de Filho por glória.<sup>10</sup>
5. Vejam essa riqueza abundante que ele possui, e coloquem sua confiança no vigor de herói de Indra. Ele encontrou o gado, e ele encontrou os cavalos, ele encontrou as plantas, as florestas e as águas.
6. Para ele, o verdadeiramente forte, cujas façanhas são muitas, para ele o Touro forte vamos derramar o Soma. O herói, vigiando como um ladrão na emboscada, segue repartindo as posses dos ímpios.
7. Tu fizeste bem aquele ato heroico, ó Indra, ao despertar com teu raio o adormecido Ahi. Em ti, encantado, as Damas divinas<sup>11</sup> se regozijaram, os Maruts velozes e todos os deuses estavam alegres,
8. Porque tu derrotaste Śuṣṇa, Pipru, Vṛtra e Kuyava,<sup>12</sup> e os fortes de Śambara, ó Indra. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 104 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> Benfey explica esse verso como significando: o poder de Indra está dividido de certo modo: uma parte dele é possuída pelos sábios que por meio dos seus hinos, sacrifícios e libações do suco Soma dão a ele poder total para realizar seus grandes feitos.

<sup>7</sup> Rauhiṇa, dito ser um demônio é, como os outros demônios da seca, uma nuvem púrpura escura que retém a chuva.

<sup>8</sup> Ou Dasyus, os habitantes não arianos da terra.

<sup>9</sup> Isto é, distinguindo o ariano do bárbaro.

<sup>10</sup> O significado desse verso parece ser, como Ludwig diz, que Indra, ao se preparar para matar os Dasyus, tornou-se, por assim dizer, um filho para o adorador devoto que proclamou seus grandes feitos para os homens.

<sup>11</sup> As consortes dos deuses.

<sup>12</sup> Significando, provavelmente 'causando más colheitas', é o nome de outro dos demônios da seca.

## Hino 104. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

Ṛṣi, deus e métrica, como antes.

Varga 18. **1.** O altar foi erguido, Indra, para teu assento: apressa-te para sentar sobre ele – como um cavalo relinchando (se apressa para o seu estábulo), – afrouxando as rédeas, e deixando os teus corcéis livres, que, na época de sacrifício, te levam, dia e noite.

**2.** Essas pessoas vieram até Indra, (para pedir) sua proteção. Que ele rapidamente as guie no caminho. Que os deuses contenham a ira do destruidor, e tragam para a nossa solenidade aquele que afasta o mal.

**3.** (O *Asura*),<sup>1</sup> conhecendo a riqueza de outros, a leva, por si mesmo. Presente na água, ele leva, por si mesmo, a espuma. As duas esposas de Kuyava se banham com a água, que elas sejam afogadas nas profundezas do rio Śiphā.

**4.** A morada do errante<sup>2</sup> (Kuyava) estava oculta (no meio) da água. O herói cresce, com as águas antigamente (levadas), e é renomado (no mundo inteiro). Os rios Añjasī, Kuliśī, e Vīrapatnī,<sup>3</sup> agradando-o com sua substância, o sustentam com suas águas.

**5.** Já que a rota que leva à residência do Dasyu<sup>4</sup> foi vista por nós, – como uma vaca conhece o caminho para o seu estábulo, – portanto, Maghavan, (defende-nos) dessa violência repetida: não nos rejeites, como um libertino joga riqueza fora.

Varga 19. **6.** Incita, em nós, Indra, veneração pelo sol, pelas águas, e por aqueles que são dignos do louvor dos seres vivos, como livres do pecado. Não prejudiques a nossa prole, enquanto ainda no útero; pois a nossa confiança está no teu poder imenso.

**7.** Por isso, Indra, eu medito em ti: nesse (teu poder) a nossa confiança foi colocada. Derramador (de benefícios), conduze-nos para grande riqueza: não nos envies, tu que és invocado por muitos, para uma residência privada de recursos; dá, Indra, comida e bebida aos famintos.

**8.** Não nos firas, Indra; não nos abandones; não nos prives dos prazeres que são queridos por nós. Não prejudiques, afluyente Śakra, a nossa prole por nascer; não firas aqueles que são capazes (apenas de rastejar) sobre seus joelhos.

**9.** Vem à nossa presença. Eles têm chamado a ti, que gostas muito do suco Soma: ele está preparado: bebe dele, para o teu divertimento. De membros vastos, alarga o teu estômago; e, quando invocado, ouve-nos como um pai (ouve as palavras de seus filhos).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 105 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Em breve chamado de Kuyava. As façanhas dele são aludidas obscuramente; e o rio Śiphā não é encontrado em outro lugar.

<sup>2</sup> O comentador diz que *aya* é um apelativo de Kuyava; de *ay*, seguir, – alguém que vaga por toda parte para fazer mal aos outros.

<sup>3</sup> Nenhum desses é encontrado nas listas purânicas.

<sup>4</sup> De Kuyava, segundo o comentário; significando, possivelmente, que ele era um dos chefes dos bárbaros.

## Hino 104. Indra (Griffith)

1. O altar foi feito para tu repousares: vem como um corcel ofegante e senta-te. Solta os teus Corcéis velozes, liberta os teus Cavalos que te trazem rapidamente para perto à noite e de manhã.
2. Esses homens vieram a Indra em busca de assistência: ele não virá rapidamente nesses caminhos? Que os deuses contenham a fúria do Dāsa,<sup>5</sup> e que eles possam levar o nosso povo a um destino venturoso.
3. Aquele que tem só desejo como sua posse lança sobre si mesmo, lança espuma no meio das águas. Ambas as esposas de Kuyava<sup>6</sup> têm se banhado em leite: que elas sejam afogadas no fundo do Śiphā.<sup>7</sup>
4. Isso os parentes dele que vive ao nosso lado têm controlado: o Herói governa e se apressa adiante com rios antigos,<sup>8</sup> Añjasī, Kuliśī e Vīrapatnī,<sup>9</sup> deleitando-o, têm leite em suas águas.
5. Logo que rastros desse Dasyu foram descobertos, como aquela que conhece a sua casa,<sup>10</sup> ele procurou a residência. Agora pensa em nós, Maghavan, não nos jogue fora como um esbanjador faz com seu tesouro.
6. Indra, como tal, dá-nos uma parte da luz solar, das águas, impecabilidade, e reputação. Não prejudiques os nossos descendentes ainda por nascer: a nossa confiança está no teu imenso poder de Indra.
7. Agora nós, eu considero, em ti como tal temos confiado: leva-nos, Poderoso, para amplas riquezas. Ó Indra invocado por muitos, em casa não despreparada<sup>11</sup> dá-nos comida e bebida quando famintos.
8. Não nos mates, Indra; não nos abandones: não roubes as alegrias nas quais nós nos deleitamos.<sup>12</sup> Não arranques a nossa prole não nascida, forte Senhor dos Despojos! os nossos recipientes com a vida que está dentro deles.<sup>13</sup>
9. Vem até nós; eles têm te chamado de amante de Soma: aqui está o suco espremido. Bebe dele por êxtase. Amplamente espaçoso, despeja-o dentro de ti, e, invocado, ouve-nos como um Pai.

<sup>5</sup> O *Dāsa*, explicado por Sāyaṇa como o demônio destruidor. Ele aparentemente significa aqui um chefe da tribo não-ariana a quem os suplicantes estão indo atacar.

<sup>6</sup> Talvez um nome dado pelos arianos a um dos chefes não-arianos.

<sup>7</sup> Sāyaṇa diz que Śiphā é o nome de um rio; e explica: o Asura, ou demônio, Kuyava, que conhece a riqueza dos outros a leva por si mesmo, e estando presente nas águas ele leva a água com a espuma. Nessa água que foi levada as duas esposas de Kuyava se banham. Benfey considera que a água espumante significa a chuva fertilizante. A explicação de Ludwig é: enquanto o pobre ariano que pode somente desejar a riqueza que ele não possui não tem nem a água comum na qual se lavar, as esposas do inimigo, no orgulho insolente de suas riquezas, se banham em leite.

<sup>8</sup> A primeira linha desse verso é ininteligível para mim. Benfey crê que ela é uma descrição de massas de nuvens sucessivas, as de trás pressionando as da frente, que são representadas como conquistadas por Indra. Ludwig separaria *nābhiḥ* em *na ābhiḥ*, e explica: com esses (os três rios mencionados em seguida), o herói (Indra) do vizinho Āyu (mortal?) não fica fixo lá; imediatamente com as primeiras (ondas) ele se põe em movimento e escapa. [Nota da edição de 1889.]

Essa estrofe é muito obscura. O sentido parece ser que a amizade de Indra, que manda a chuva como antes, pôs um fim na insolência de Kuyava.

O significado dos três rios na segunda linha é obscuro. Benfey considera que os nomes são personificações femininas de nuvens.

<sup>9</sup> 'A esposa do herói', ocorre, como o Dr. Hall ressaltou, em 6.49.7, como um epíteto de Sarasvatī a Deusa, e possivelmente ela pode aqui significar o rio Sarasvatī.

<sup>10</sup> Isto é, como uma vaca que conhece seu estábulo.

<sup>11</sup> Isto é, em uma casa bem suprida e equipada.

<sup>12</sup> Provavelmente, os nossos filhos.

<sup>13</sup> Isto é, as nossas esposas com nossos bebês por nascer. Sāyaṇa dá outras explicações da expressão.

## Hino 105. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta XII)

O Hino é endereçado aos Viśvedevas, por Trita, ou por Kutsa, em nome dele; a métrica é Pañkti, exceto no oitavo verso, onde ela é Mahābṛhatī Yavamadyā, e no último, onde ela é Triṣṭubh.

Varga 20. **1.** A lua de movimento gracioso<sup>1</sup> se apressa pela região central no céu; raios dourados brilhantes (os meus olhos) não veem seu lugar de permanência.<sup>2</sup> Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).<sup>3</sup>

**2.** Aqueles que buscam riqueza a obtêm: a esposa desfruta (da presença de) seu marido, e, a partir da união deles, progênie é gerada. Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

**3.** Deuses, que essa (minha ascendência), permanecendo acima, no céu, nunca seja excluída (dele);<sup>4</sup> que nós nunca estejamos em falta (de um filho), o motivo de alegria (para seus progenitores), habilitados para libações de suco *Soma*. Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

**4.** Eu rogo ao primeiro (dos deuses),<sup>5</sup> o objeto de sacrifício, que ele se torne o meu mensageiro, e relate (a minha condição para os outros deuses). Onde, Agni, está a tua antiga benevolência? Qual novo ser agora a possui? Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

**5.** Deuses, que estão presentes nos três mundos, que residem na luz do sol, onde, agora, está a sua verdade? Onde, a sua mentira? Onde, a antiga invocação (que eu enderecei) a vocês? Céu e terra, estejam conscientes da (minha aflição).

Varga 21. **6.** Onde, deuses, está a sua observância da verdade? Onde, a atenção (benigna) de Varuṇa? Onde está o caminho do poderoso Aryaman,<sup>6</sup> (de modo que) nós possamos vencer os malignos? Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

**7.** Deuses, eu sou aquele que antigamente recitava (seu louvor), quando a libação era derramada. Contudo tristezas me assaltam, como um lobo (que cai sobre) um veado sedento. Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

**8.** As vigas (do poço se fecham) ao meu redor, como as esposas rivais (de um marido); inquietações me consomem, Śatakratu, – embora teu adorador, – como um rato (rói) as linhas (de um tecelão).<sup>7</sup> Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

<sup>1</sup> *Candramāh* \* *suparṇah*. A última o comentador explica, *śobhanapatana*, a que segue bem, ou elegantemente. Ou ela pode significar ‘conectada com o raio de sol chamado *Suparṇa*’, a combinação com o qual dá à lua sua luz.

<sup>2</sup> Isso se refere à suposta posição de Trita, no fundo do poço, o qual, estando coberto, exclui dele todos os objetos visíveis; veja a história de Trita, no hino 52, nota 2.

<sup>3</sup> O texto tem somente ‘céu e terra, saibam isso de mim’, isto é, de acordo com Sāyaṇa, ou ‘estejam cientes dessa minha aflição’, ou ‘prestem atenção nesse meu hino’.

<sup>4</sup> Por falta de posteridade, tal como Trita antecipa para ele mesmo; conforme um texto citado: “Por meio de um filho, um homem conquista os mundos; não há mundo (*loka*) para alguém que não tem filhos”.

<sup>5</sup> Agni, de todos os deuses o produzido por primeiro; conforme outro texto: ‘Agni é a boca, o primeiro, dos deuses’.

<sup>6</sup> É explicado que aqui Varuṇa significa ‘obstrutor do mal’, e Aryaman, ‘aquele que reprime inimigos’.

<sup>7</sup> As quais, de acordo com o comentador, foram molhadas em água de arroz, para torná-las mais aderentes, e que são, portanto, apetecíveis para os ratos. Ou isso pode ser traduzido, ‘como um rato rói, ou lambe, sua cauda, tendo acabado de molhá-la em óleo ou banha’. A prática de engrossar fios com amido nós notamos através de *Manu*, onde a lei requer que o tecido devolvido seja mais pesado que o fio dado, por conta disso (8, 397).

9. Aqueles que são os sete raios (do sol), neles está o meu umbigo expandido.<sup>8</sup> Trita, o filho das águas,<sup>9</sup> sabe que (isso é assim); e ele os louva por sua libertação (do poço). Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

10. Que os cinco derramadores (de benefícios),<sup>10</sup> que residem no centro do céu expandido, tendo em conjunto levado rapidamente as minhas orações para os deuses, voltem (rapidamente). Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

Varga 22. 11. Os raios do sol permanecem no centro circundante do céu: eles repelem o lobo, cruzando as grandes águas, a partir do caminho.<sup>11</sup> Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

12. Aquele novo (vigor)<sup>12</sup> louvável e elogiado está estabelecido em vocês, ó deuses, (pelo qual) os rios incitam adiante as águas, e o sol difunde sua (luz) constante. Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

13. Digna de louvor, Agni, é aquela tua relação (com os deuses). Tu, que és o mais sábio, instalado na nossa (solenidade), adora (os deuses), como (no sacrifício de) Manus.

14. Que aquele sábio e generoso Agni, um sábio entre os deuses, estabelecido no nosso rito, como no sacrifício de Manus, seja o invocador dos deuses, e lhes ofereça oblações. Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

15. Varuṇa realiza o rito de preservação.<sup>13</sup> Nós desejamos a ele, como o guia do nosso caminho; (a ele o repetidor de louvor) dirige o louvor, de (todo o) seu coração. Que ele, que tem direito a louvação, se torne o nosso verdadeiro (amparo). Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

Varga 23. 16. O sol, que é, declaradamente, feito o caminho no céu,<sup>14</sup> não deve ser desconsiderado, deuses, por vocês;<sup>15</sup> mas vocês, mortais, não o consideram. Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

17. Trita, caído no poço, invoca os deuses, por socorro. Br̥haspati, que liberta muitos do pecado, ouve (a súplica). Céu e terra, estejam conscientes dessa (minha aflição).

18. Certa vez, um lobo fulvo me viu seguindo meu caminho, e, tendo me visto, avançou sobre mim, (levantando-se nas patas traseiras), como um carpinteiro<sup>16</sup> cujas costas se arqueiam (com inclinação fica ereto a partir de seu trabalho).

<sup>8</sup> Não está muito claro o que quer dizer o termo *nābhi*. Rosen o traduz como domicílio. Mas ele não é explicado dessa maneira no comentário, e o sentido comum de *nābhi* é umbigo, no qual o comentador parece compreendê-lo; identificando os raios solares com os sete ares vitais que permanecem no espírito dominante; aludindo, talvez, embora obscuramente, à prática mística de contemplar a região umbilical, como a base da alma.

<sup>9</sup> *Āptya*, explicado *apām putrah*, filho das águas. Mas pode-se duvidar se ele pode ter propriamente tal interpretação; pois, como admitido pelo comentador, tal patronímico de *apa* seria, corretamente, *āpya*; e a inserção do *t* é uma anormalidade.

<sup>10</sup> É dito que eles são, Indra, Varuṇa, Agni, Aryaman, e Savitr, ou, de acordo com outros textos, Fogo, Vento, o Sol, a Lua, e o Relâmpago, pois esses, segundo o *Śātyāyana Brāhmaṇa*, são, todos, luminosos, em suas respectivas esferas; ou, o fogo, na terra; o vento, no firmamento; o sol, no céu; a lua, na região planetária, e o relâmpago, nas nuvens. Os *Taittirīyas* substituem, em lugar do relâmpago, os *nakṣatras*, ou asterismos, brilhando em Svarloka.

<sup>11</sup> Aludindo, é dito, à história de um lobo, que estava prestes a atravessar um rio a nado, para devorar Trita, mas que foi detido pelo brilho dos raios solares. De acordo com Yāska, como citado por Sāyaṇa, ele interpreta *vṛka* como a lua, e *apāh* como o firmamento, e traduz a passagem: 'Os raios do sol impedem a lua de aparecer, ou de ficar visível, no firmamento'.

<sup>12</sup> O comentador diz que *Bala*, 'força', está implícita, – da qual *ukthya*, louvável, é um epíteto.

<sup>13</sup> *Brahmā kṛṇoti varuṇah*. O primeiro é aqui explicado *rakṣaṇarūpam karma*, 'o ato que é da natureza de preservação'.

<sup>14</sup> *Asau yaḥ panthā ādityo divi pravācyam kṛtaḥ*. Um significado de *panthāh* é apresentado como um epíteto de *āditya*, o sol, como *satatagāmī*, aquele sempre em movimento; mas o sentido mais comum é uma estrada, um caminho; e essa interpretação é corroborada por textos que representam o sol como o caminho para o céu; como *Sūryadvāreṇa te virajāḥ prayānti*, – Aqueles que estão livres de mácula seguem pela porta do sol.

<sup>15</sup> Pois os deuses dependem, para existência, indiretamente do sol, que regula as estações nas quais sacrifícios são oferecidos.

19. Por essa recitação que nós, tornando-nos possuidores de Indra, e fortes com progênie multiplicada, superemos os nossos inimigos em batalha; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, sejam benevolentes para nós, nesse (pedido).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 106 \(Wilson\)](#)

### Hino 105.<sup>17</sup> Viśvedevas (Griffith)

1. Dentro das águas<sup>18</sup> corre a Lua, ele com as belas asas<sup>19</sup> no céu. Ó relâmpagos com suas rodas douradas, os homens não encontram o seu lugar permanente. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.
2. Certamente os homens anseiam e obtêm seu desejo. Perto de seu marido se aferra a esposa. E, em abraços entrelaçados, ambos dão e recebem a bênção do amor. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.
3. Ó Deuses, que aquela luz nunca caia da sua posição no céu. Que nunca nos falte alguém como o doce Soma, a fonte da nossa felicidade. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.
4. Eu peço o último<sup>20</sup> do sacrifício. Como enviado, ele divulgará isso. Onde está a antiga lei divina? Quem é o seu novo difusor agora? Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.
5. Ó deuses que têm seu lar lá nos três reinos lúcidos do céu,<sup>21</sup> o que vocês consideram verdade, e mentira? Onde está o meu antigo apelo a vocês? Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.
6. Qual é o seu firme suporte da Lei? O olho do observador Varuṇa? Como nós podemos passar os ímpios no caminho do poderoso Aryaman?<sup>22</sup> Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.
7. Eu sou o homem que cantou antigamente muitos louvores completos quando Soma fluiu. No entanto, inquietações torturantes me consomem como o lobo ataca o cervo sedento. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.
8. Como esposas rivais por todos os lados vigas circundantes<sup>23</sup> me oprimem muito. Ó Śatakṛatu, preocupações agudas devoram a mim, o cantor do teu louvor, como ratos devoram os fios do tecido.<sup>24</sup> Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

<sup>16</sup> O sentido da comparação não é muito claro, e apenas é tornado inteligível pelas adições do comentário. O lobo, como o carpinteiro, estava *ūrdhvābhimukha* (de pé na presença ereto). A passagem admite uma tradução totalmente diferente, por interpretar *vṛka* como a lua, e unir *mā sakṛt*, eu uma vez, em *māsakṛt*, fazedor do mês. É dito que ele, a lua, tendo visto as constelações seguindo pelo caminho do céu, uniu-se com uma delas, não prestando atenção a Trita no poço.

<sup>17</sup> Esse hino é atribuído ou a Tṛta ou a Kutsa. Ele é dirigido aos Viśvedevas em nome de Tṛta que tinha sido aprisionado em um poço. Veja 1.52.5. Porém, veja Macdonell, *Journal of the Royal Asiatic Society*, Julho, 1893, pp. 422, nota 2, e 460.

<sup>18</sup> No oceano de ar.

[“As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são a fonte e origem, o reservatório de todas as possibilidades de existência; precedem toda forma e sustentam toda criação”. Eliade, *O Sagrado e o Profano*.]

<sup>19</sup> O Sol.

<sup>20</sup> O mais recente ou mais jovem dos deuses, Agni, como sendo reproduzido continuamente.

<sup>21</sup> O mundo é dividido em terra, firmamento, e céu, e cada um desses, além disso, é citado às vezes como triplo.

<sup>22</sup> Provavelmente a via láctea, considerada como o caminho do céu. – Ludwig. O sentido geral das questões nesse e nos dois versos anteriores é: não há mais qualquer distinção entre certo e errado? Não há governo moral no mundo? Se há, porque eu, um adorador fiel, sou permitido sofrer essa miséria imerecida?

<sup>23</sup> Segundo Sāyaṇa, as paredes do poço no qual Tṛta estava confinado.

<sup>24</sup> O significado de *śiśnā* explicado desse modo por Sāyaṇa é incerto. A linha volta a ocorrer em 10.33.3.

**9.** Onde aqueles sete raios<sup>25</sup> estão brilhando, dali a minha casa e família se estende. Esse Tṛta Āptya<sup>26</sup> conhece bem, e manifesta-se por irmandade. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**10.** Que aqueles cinco Touros<sup>27</sup> que ficam totalmente no alto no meio do imenso céu, tendo levado juntos rapidamente os meus louvores aos Deuses, retornem. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**11.** No alto na ascensão central do céu estão colocados aqueles Pássaros de belas asas.<sup>28</sup> De volta de seu caminho eles impelem o lobo<sup>29</sup> porque ele iria atravessar as águas agitadas. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**12.** Firme é esse hino de louvor feito recentemente, e adequado para ser recitado, ó Deuses. A corrente dos rios é a Lei,<sup>30</sup> a Verdade é a luz do Sol estendida. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**13.** Digna de louvor, ó Agni, é aquela afinidade que tu tens com Deuses. Senta-te aqui como um homem: o mais sábio, traze os Deuses para o sacrifício. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**14.** Aqui sentado, semelhante a um homem como um sacerdote Agni o mais sábio transportará rapidamente para os Deuses as nossas oblações, Deus entre os Deuses, inteligente. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**15.** Varuṇa faz a oração sagrada. Para ele que encontra o caminho nós oramos. Ele no coração revela seu pensamento. Que o culto sagrado surja novamente. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**16.** Aquele caminho do Sol<sup>31</sup> no céu, feito para ser altamente glorificado, não deve ser ultrapassado, ó Deuses. Ó mortais, vocês não o veem. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**17.** Tṛta, quando enterrado no poço, apela aos deuses para socorrê-lo. Aquele chamado dele Bṛhaspati<sup>32</sup> ouviu e libertou-o da angústia. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**18.** Um lobo avermelhado me viu uma vez, quando eu estava seguindo meu caminho. Ele, como um carpinteiro<sup>33</sup> cujas costas estão se arqueando agachou-se e lançou-se para longe. Notem essa minha aflição, ó Terra e Céu.

**19.** Através dessa nossa canção que nós possamos, aliados com Indra, com todos os nossos heróis vencer na batalha. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 106 \(Griffith\)](#)

---

<sup>25</sup> Do sol, diz Sāyaṇa. Mas, provavelmente, como Ludwig sugere, os raios são as chamas de Agni. Isto é, Agni com seus raios brilhantes, ou o culto de Agni, é o ponto central através do qual eu e todos os membros da minha família somos conectados e mantidos juntos.

<sup>26</sup> Tṛta Āptya: um ser místico que reside na parte mais remota dos céus, e que conhece a origem divina da raça humana.

<sup>27</sup> As estrelas de alguma constelação.

<sup>28</sup> As estrelas.

<sup>29</sup> Escuridão ou eclipse da Lua.

<sup>30</sup> Lei (*ṛtám*), ordem eterna. "O significado do termo como aplicado ao próprio mundo natural se conecta com a alternância de dia e noite, a passagem regular do sol pelos céus, ou o movimento constante da chuva em sua queda do céu e dos rios ao longo de seus cursos. Essa última aplicação da palavra pode ter determinado seu sentido especial de 'água' na linguagem posterior." Wallis, *Cosmology of the Rgveda*, p. 93.

<sup>31</sup> De acordo com Benfey, o caminho da verdade, justiça, ordem eterna, como no verso 12. Segundo Ludwig o caminho do Sol entre os trópicos é aludido. Os Deuses, diz Sāyaṇa, não devem desconsiderar o caminho do Sol, porque a existência deles depende dele como regulador das estações nas quais sacrifícios são oferecidos a eles. Menos ainda os homens podem desconsiderá-lo, que como pecadores não o contemplam ou compreendem corretamente.

<sup>32</sup> O Senhor da Prece.

<sup>33</sup> A comparação não é muito clara. Ela aparentemente significa que o lobo rastejou para longe, arqueando suas costas ou contraindo seus membros, como um carpinteiro inclinando-se sobre sua obra até que suas costas se arqueiem.

---

## Hino 106. Viśvedevas (Wilson)

(Anuvāka 16. Sūkta I.)

O Ṛṣi é Kutsa, ou pode ser Trita; o Hino é endereçado aos Viśvedevas; a métrica é Jagatī, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.

Varga 24. **1.** Nós invocamos, para a nossa preservação, Indra, Mitra, Varuṇa, Agni, o poder dos Maruts, e Aditi. Que eles, que são generosos, e concessores de residências, nos livrem de todo o pecado, como uma carruagem de um desfiladeiro.

**2.** Filhos de Aditi, venham, com todas (as suas tropas), para a batalha. Sejam, para nós, a causa da felicidade em combates; e que eles, que são generosos, e concessores de residências, nos livrem de todo o pecado, como uma carruagem de um desfiladeiro.

**3.** Que os Pitṛs,<sup>1</sup> que são fáceis de serem louvados, nos protejam; e que as duas divindades, céu e terra, promotoras de sacrifícios, e de quem os deuses são a progênie, nos protejam; e que eles, que são generosos, e concessores de residências, nos livrem de todo o pecado, como uma carruagem de um desfiladeiro.

**4.** Incitando a ele que é o louvado dos homens, (para estar presente) nesse rito, nós solicitamos, (também,) com nossos louvores, a ele que é o purificador, e o destruidor de heróis.<sup>2</sup> Que eles, que são generosos, e concessores de residências, nos livrem de todo o pecado, como uma carruagem de um desfiladeiro.

**5.** Brhaspati, sempre confere felicidade a nós. Nós pedimos aquela faculdade de (aliviar a dor e afastar o perigo), implantada em ti por Manu.<sup>3</sup> Que eles, que são generosos, e concessores de residências, nos livrem de todo o pecado, como uma carruagem de um desfiladeiro.

**6.** Kutsa,<sup>4</sup> o Ṛṣi, jogado em um poço, invocou, para socorrê-lo, Indra, o matador de inimigos, o encorajador de boas obras.<sup>5</sup> Que eles, que são generosos, e concessores de residências, nos livrem de todo o pecado, como uma carruagem de um desfiladeiro.

**7.** Que a deusa Aditi, com os deuses, nos proteja; e que o guardião radiante, (o sol,) seja vigilante para a nossa proteção; e que eles, que são generosos, e concessores de residências, nos livrem de todo o pecado, como uma carruagem de um desfiladeiro.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 107 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Que são os Agniṣvāttas e outros. Veja *Manu*, 3.195.

<sup>2</sup> É dito que, na primeira parte de frase, Agni é aludido; na segunda, Pūṣan é citado; mas o termo é explicado, pelo comentador, como 'o deus que nutre'.

<sup>3</sup> *Śaṃ yor yat te manur hitaṃ*, – o bem, ou bênção, daquelas duas (coisas, ou propriedades) que foi colocada neles por Manu. As duas são explicadas, no comentário, como no texto traduzido.

<sup>4</sup> Kutsa aqui se identifica, aparentemente, com Trita.

<sup>5</sup> *Śacīpati*; o que pode ser traduzido como 'o marido de Śacī'. Mas o sentido mais usual de *śacī*, no *Veda*, é *karma*, ato, ou rito; e ele é interpretado dessa maneira, aqui, pelo comentador.

## Hino 106. Víśvedevas (Griffith)

1. Por auxílio nós chamamos Indra, Mitra, Varuṇa e Agni e a hoste Marut e Aditi. Assim como uma carruagem de um desfiladeiro difícil, Vasus<sup>6</sup> beneficentes, nos salvem de toda angústia.
2. Venham Ādityas para a nossa prosperidade completa, em conquistas do inimigo, ó Deuses, tragam alegria para nós. Assim como uma carruagem de um desfiladeiro difícil, Vasus beneficentes, nos salvem de toda angústia.
3. Que os mais gloriosos Pais<sup>7</sup> nos ajudem, e as duas Deusas,<sup>8</sup> as Mães dos Deuses, que fortalecem a Lei. Assim como uma carruagem de um desfiladeiro difícil, Vasus beneficentes, nos salvem de toda angústia.
4. Ao poderoso Narāśaṁsa,<sup>9</sup> fortalecendo seu poder, a Pūṣan,<sup>10</sup> governante sobre os homens, nós oramos com hinos. Assim como uma carruagem de um desfiladeiro difícil, Vasus beneficentes, nos salvem de toda angústia.
5. Br̥haspati, faze-nos sempre um caminho fácil: nós desejamos aquela benção que tu tens para homens em repouso e agitação. Assim como uma carruagem de um desfiladeiro difícil, Vasus beneficentes, nos salvem de toda angústia.
6. Caído no poço<sup>11</sup> o Ṛṣi Kutsa chamou, para ajudar, Indra o matador de Vṛtra, Senhor do poder e da força. Assim como uma carruagem de um desfiladeiro difícil, Vasus beneficentes, nos salvem de toda angústia.
7. Que Aditi a Deusa nos proteja com os deuses: que o Deus protetor nos defenda com cuidado incessante. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 107 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> *Vasus*, originalmente significando ‘os bons’, e usado às vezes, como nesse caso, para designar os Deuses em geral.

<sup>7</sup> Os Manes ou espíritos dos ancestrais falecidos.

<sup>8</sup> Céu e Terra.

<sup>9</sup> Um nome místico de Agni, ‘o Louvor dos Homens’.

<sup>10</sup> O Deus que nutre homens e rebanhos e manadas.

<sup>11</sup> Talvez figurativamente em lugar de ‘em aflição’. Kutsa é o Ṛṣi a quem o hino é atribuído.

## Hino 107. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta II)

O Ṛṣi é Kutsa; os deuses, os Viśvedevas; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 25. **1.** Que o nosso sacrifício dê satisfação aos deuses. Ādityas, sejam benevolentes; e que as suas boas intenções sejam dirigidas para nós, de modo a serem uma fonte abundante de afluência para os pobres.

**2.** Que os deuses, que estão a ser louvados pelos hinos dos Aṅgirasas, venham para cá, para a nossa proteção: que Indra, com seus tesouros; os Maruts, com os ares vitais; e Aditi, com os Ādityas; (venham e) nos deem felicidade.

**3.** Que Indra, que Varuṇa, que Agni, que Aryaman, que Savitr, nos concedam aquele alimento (que nós pedimos); e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu o preservem (para nós).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 108 \(Wilson\)](#)

## Hino 107. Viśvedevas (Griffith)

**1.** O sacrifício obtém a aceitação dos Deuses: estejam dispostos misericordiosamente para conosco, Ādityas. Que o seu favor seja dirigido para cá, e seja o nosso melhor salvador das dificuldades.

**2.** Glorificados pelas canções de louvor dos Aṅgirasas, que os deuses venham até nós com sua proteção. Que Indra com seus poderes, Maruts com Maruts,<sup>1</sup> Aditi com Ādityas nos concedam abrigo.

**3.** Que Varuṇa e Indra, Aryaman, Agni, Savitar achem agradável esse nosso louvor. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 108 \(Griffith\)](#)

<sup>1</sup> Isto é, todos os Maruts juntos, ou Maruts com seus ventos e tempestade.

## Hino 108. Indra-Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O R̥ṣi é, ainda, Kutsa, que se dirige a Indra e Agni; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 26. **1.** Indra e Agni, sentados juntos, em seu carro, – aquele carro extraordinário que ilumina todos os seres, – aproximem-se, e bebam do suco *Soma* derramado.

**2.** Vasto como é o universo inteiro em extensão, e muito fundo em profundidade, desse mesmo modo, Indra e Agni, que esse *Soma* seja, como sua bebida, – suficiente para os seus desejos.

**3.** Vocês tornaram famosos seus nomes associados, visto que, matadores de Vṛtra, vocês foram aliados (na ocasião da morte dele). Os derramadores de benefícios, Indra e Agni, são os dois sentados juntos (no altar). Recebam (sua parte) da libação.

**4.** Os fogos estando acesos, os dois (sacerdotes ficam ao lado),<sup>1</sup> espargindo a manteiga clarificada das conchas, – as quais eles erguem, – e espalhando a grama sagrada (sobre o altar). Portanto, Indra e Agni, venham diante de nós, para a nossa satisfação, (atraídos) pelos estimulantes sucos *Soma* borrifados por toda parte.

**5.** Quaisquer feitos heróicos que vocês tenham realizado, quaisquer formas (que vocês tenham criado), quaisquer benefícios (que vocês tenham derramado), quaisquer amizades antigas e afortunadas (que vocês tenham contraído, venham, com todos eles), e bebam do suco *Soma* derramado.

Varga 27. **6.** Venham, e testemunhem a fé sincera com a qual, escolhendo vocês dois, eu primeiro prometi (a vocês a libação). Bebam da libação derramada; pois o suco *Soma* está preparado pelos sacerdotes.

**7.** Se, adoráveis Indra e Agni, vocês alguma vez se deleitaram (com libações), em sua própria residência, naquela de um brâmane, ou naquela de um príncipe,<sup>2</sup> então, derramadores de benefícios, venham para cá, de onde quer que vocês possam estar, e bebam da libação derramada.

**8.** Se, Indra e Agni, vocês estão entre homens que são inofensivos, malévolos, ou tirânicos, ou aqueles que vivem (para cumprir os deveres da vida), ou aqueles que recebem os frutos (dos bons atos),<sup>3</sup> então, derramadores de benefícios, venham para cá, de onde quer que vocês possam estar, e bebam da libação derramada.

**9.** Se, Indra e Agni, vocês estão na região inferior, central, ou superior do mundo, derramadores de benefícios, venham para cá, de onde quer que vocês possam estar, e bebam da libação derramada.

<sup>1</sup> Nós temos somente, no texto, os epítetos no número dual: o comentador fornece o Adhvaryu e seu sacerdote assistente.

<sup>2</sup> *Yad brahmaṇi rājani vā*. O primeiro é explicado como um *Brahman* que é um instituidor diferente de um sacrifício; o segundo, como *Kṣattriye*, um homem da segunda casta, ou militar.

<sup>3</sup> Os termos assim traduzidos, em conformidade com as explicações do comentador, pareceriam, mais propriamente, indicar nomes próprios, – os nomes das tribos ou famílias bem conhecidas nos *Purāṇas*, – sendo, respectivamente, Yadus, Turvaśas, Druhyus, Anus e Pūrus, descendentes dos cinco filhos de Yayāti, similarmente nomeados. (*Mahābhārata*, *Adi*, [cap. 75, pág. 167 da versão em português]). Aqui, no entanto, *Yadu* é explicado por *ahinsaka*, não ofensivo; *Turvaśa*, por *hinsaka*, ofensivo; *Druhyu*, por *upadravecchu*, tirânico; *Anu*, por *prāṇair yuktaḥ*, tendo respiração, ou vida, com a qual adquirir conhecimento e realizar atos religiosos; e *Pūru*, *kāmaih pūrayitavyaḥ*, para ser totalmente satisfeito pelos objetos de desejo. Os significados podem ser sustentados pela etimologia das palavras; mas a interpretação parece ser um refinamento desnecessário.

**10.** Se, Indra e Agni, vocês estão na região superior, central, ou inferior do mundo, venham, derramadores de benefícios, para cá, de onde quer que vocês possam estar, e bebam da libação derramada.

**11.** Se, Indra e Agni, vocês estão no céu, ou na terra, nas montanhas, nas ervas, ou nas águas, derramadores de benefícios, venham para cá, de onde quer que vocês possam estar, e bebam da libação derramada.

**12.** Embora, Indra e Agni, no meio do céu, no nascer do sol, vocês possam estar animados pelo seu próprio esplendor, contudo, derramadores de benefícios, venham para cá, de onde quer que vocês possam estar, e bebam da libação derramada.

**13.** Desse modo, Indra e Agni, bebendo profundamente da libação, concedam a nós todos (os tipos de) riqueza; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu a preservem para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 109 \(Wilson\)](#)

---

### **Hino 108. Indra-Agni (Griffith)**

**1.** Naquele carro mais extraordinário de vocês, ó Indra e Agni, que olha em volta para todas as coisas vivas, tomem o seu lugar e venham juntos até nós, e bebam libações do Soma que flui.

**2.** Tão vasto quanto todo esse mundo é em sua extensão, profundo como ele é, com sua superfície que se estende longe, desse modo que esse Soma seja, Indra e Agni, feito para o seu consumo até que a sua alma esteja saciada.

**3.** Pois vocês ganharam juntos um nome abençoado: sim, com um objetivo vocês se esforçaram, ó matadores de Vṛtra. Então Indra-Agni, sentados aqui juntos, despejem, ó Poderosos, o poderoso Soma.

**4.** Ambos permanecem adornados, quando os fogos são devidamente acesos, espalhando a erva sagrada, com conchas levantadas.<sup>4</sup> Atraídos pelo forte suco Soma derramado à nossa volta, venham, Indra-Agni, e mostrem sua graça.

**5.** As bravas façanhas que vocês fizeram, Indra e Agni, as formas e proezas poderosas que vocês exibiram, os laços de amizade antigos e auspiciosos, – por causa desses bebam do Soma que flui.

**6.** Como eu disse antes quando escolhendo vocês, na batalha nós devemos lutar com Asuras por esse Soma. Assim vocês chegaram a essa minha verdadeira convicção, e beberam libações do Soma que flui.

**7.** Se vocês se regozijam em sua residência, ou com príncipe ou brâmane, ó, Indra-Agni, Santos, mesmo de lá, ó Senhores Poderosos, venham para cá, e bebam a libação do Soma que flui.

**8.** Se com os Yadus, Turvaśas, vocês permanecem, com Druhyus, Anus, Pūrus,<sup>5</sup> Indra-Agni! Mesmo de lá, ó Senhores Poderosos, venham para cá, e bebam libações do Soma que flui.

**9.** Se, ó Indra-Agni, vocês estão residindo na terra mais baixa, na central, ou na mais alta.<sup>6</sup> Mesmo de lá, ó Senhores Poderosos, venham para cá, e bebam libações do Soma que flui.

**10.** Se, ó Indra-Agni, vocês estão residindo na terra mais alta, na central, ou na mais baixa,

---

<sup>4</sup> [Veja a nota 1.] Benfey atribui os epítetos duais a Indra e Agni, traduzindo-os respectivamente por ‘honrados’, ‘para quem a grama sagrada foi espalhada’, ‘em direção a quem as conchas foram erguidas’.

<sup>5</sup> [Veja a nota 3, e também em] 1.7.9, [nota 6].

<sup>6</sup> Na terra, no ar, ou no céu, a palavra terra sendo usada livremente como esfera ou mundo. Ou a referência pode ser à imaginária divisão tripla da terra.

Mesmo de lá, ó Senhores Poderosos, venham para cá, e bebam libações do Soma que flui.

**11.** Se vocês estão no céu, ó Indra-Agni, na terra, nas montanhas, nas ervas, ou nas águas, Mesmo de lá, ó Senhores Poderosos, venham para cá, e bebam libações do Soma que flui.

**12.** Se, quando o Sol subiu ao meio do céu, vocês se deliciam com alimento, ó Indra-Agni Mesmo de lá, ó Senhores Poderosos, venham para cá, e bebam libações do Soma que flui.

**13.** Assim, tendo aproveitado ao máximo a nossa libação, ganhem para nós todos os tipos de riqueza, Indra e Agni. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 109 \(Griffith\)](#)

## Hino 109. Indra-Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

Ṛṣi, deuses e métrica, como no último.

Varga 28. **1.** Indra e Agni, desejoso de riqueza, eu considero vocês, na minha mente, como parentes e familiares. A compreensão clara que vocês me deram (não é dada) por ninguém mais; e (assim dotado), eu compus esse hino para vocês, anunciando o meu desejo por sustento.

**2.** Eu tenho ouvido, Indra e Agni, que vocês são doadores mais munificentes do que um noivo indigno,<sup>1</sup> ou o irmão de uma noiva.<sup>2</sup> Portanto, como eu ofereço a vocês uma libação, eu me dirijo a vocês, Indra e Agni, com um novo hino.

**3.** Que nós nunca interrompamos a longa linha (de posteridade). Assim solicitando e pedindo por descendentes dotados do vigor de seus progenitores, os (adoradores), gerando filhos, louvam Indra e Agni, para a sua felicidade; e eles dois, destruidores de inimigos, estão perto, (para ouvir essa adoração).

**4.** A prece sagrada,<sup>3</sup> desejando a sua presença, oferece para ambos, Indra e Agni, para a sua satisfação, a libação de *Soma*. Vocês dois, que têm cavalos, belos braços, e mãos graciosas, venham rapidamente, e misturem (a libação) com doçura nas águas.

**5.** Eu soube, (quando vocês estavam presentes) na divisão do tesouro (entre os adoradores), que vocês dois, Indra e Agni, foram os mais vigorosos na destruição de Vṛtra. Observadores de todas as coisas, sentados nesse sacrifício, sobre a grama sagrada, fiquem alegres, (por beberem a libação derramada).

Varga 29. **6.** Atendendo aos chamados, na hora da batalha, vocês superam todos os homens (em magnitude): vocês são mais vastos que a terra, que o céu, que os rios, que as montanhas, vocês sobrepujam todas as outras coisas existentes.

<sup>1</sup> *Vijāmātr*. O prefixo *vi* indica, segundo o comentador, um genro (*jāmātr*) que não é possuidor das qualificações requeridas pelos *Vedas*, e que é, portanto, obrigado a conciliar seu sogro por meio de presentes generosos; o que é, de fato, pagar por, ou comprar, sua esposa; como na interpretação desse estrofe, por Yāska, é dito (*Nirukta*, VI, 9), que o *vijāmātr* é o *asusamāpta*, o noivo não realizado, ou incompleto, o que implica, de acordo com alguns, que ele é o marido de uma noiva comprada. Esse reconhecimento, no *Veda*, do ato de receber dinheiro pela noiva está em desacordo com o teor geral da lei de casamento, como prescrita por *Manu*, a qual condena a aceitação de qualquer coisa, pelo pai de uma donzela, além de um presente cortês, e censura o recebimento de dinheiro, como equivalente a uma venda. (Veja as *Leis de Manu*, 3.51 e 53). Nós temos, aqui, portanto, uma indicação de uma condição diferente das leis de casamento.

<sup>2</sup> O *syāla*, o irmão da donzela, que faz presentes a ela por afeição. A palavra é derivada, por Yāska, de *sya*, uma cesta de joear, e *lā*, de *lājā*, grãos fritos, que são espalhados, na cerimônia de casamento, pelo irmão da noiva.

<sup>3</sup> *Devī dhiṣaṇā*, fala divina, – *matrarūpā*, na forma de prece.

7. Tragam riqueza, trovejadores, e a deem para nós; protejam-nos, Indra e Agni, por meio de seus atos. Que aqueles raios do sol,<sup>4</sup> pelos quais os nossos antepassados alcançaram, juntos,<sup>5</sup> uma região celestial, brilhem também sobre nós.

8. Indra e Agni, manejadores do raio, destruidores de cidades, nos deem prosperidade; protejam-nos nos combates; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, sejam propícios para essa (nossa prece).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 110 \(Wilson\)](#)

### Hino 109. Indra-Agni (Griffith)

1. Ansiando por bem-estar eu olhei em volta, em espírito, em busca de parentes, Indra-Agni, ou de irmãos. Nenhuma providência exceto a sua somente está comigo: então eu fiz para vocês esse hino por auxílio.

2. Pois eu ouvi que vocês dão riqueza mais livremente do que um genro indigno<sup>6</sup> ou o irmão da esposa. Então lhes oferecendo essa dose de Soma, eu faço para vocês esse novo hino, Indra e Agni.

3. Não vamos romper os laços:<sup>7</sup> com essa prece nós nos esforçamos para ganhar os poderes dos nossos antepassados. Para Indra-Agni as gotas fortes<sup>8</sup> são alegres, pois aqui no colo da taça<sup>9</sup> estão ambas as pedras de espremer.

4. Para vocês a taça divina, Indra e Agni, espreme o Soma alegremente para deleitá-los. Com mãos auspiciosas e braços belos, ó Ásvins,<sup>10</sup> apressem-se, borrifem-no com doçura nas águas.

5. Vocês, eu soube, eram os mais poderosos, Indra-Agni, quando Vr̥tra caiu e quando o saque foi dividido. Sentem-se nesse sacrifício, vocês sempre ativos, sobre a grama espalhada, e deleitem-se com o suco.

6. Sobrepujando todos os homens onde eles gritam para a batalha, vocês Dois superaram a terra e o céu em grandeza. Vocês são maiores que rios e que montanhas, ó Indra-Agni, e todas as coisas além deles.

7. Tragam riqueza e a deem, vocês cujos braços manejam o trovão: Indra e Agni, protejam-nos com seus poderes. Agora que esses sejam de fato os mesmos raios de sol<sup>11</sup> com os quais os nossos pais foram unidos antigamente.

<sup>4</sup> É dito que, pelos raios do sol, nesse lugar, é indicado o brilho de Indra e Agni, como idênticos ao sol. Por louvar ao último, portanto, Indra e Agni são louvados também.

<sup>5</sup> *Sapitvam* é explicado como *sahaprāptavyam sthānam*, um lugar a ser alcançado em conjunto; isto é, de acordo com o comentador, o mundo de Brahmā, para o qual os virtuosos procedem pelo caminho da luz, etc.

<sup>6</sup> O genro indigno ou defectivo, ou pretendente, que não tem, como Yāska explica, as qualificações necessárias, é obrigado a obter o consentimento do seu futuro sogro por meio de presentes generosos. O irmão da donzela dá a ela ricos presentes por afeição natural.

<sup>7</sup> Isto é, não vamos quebrar ou interromper a longa série de ritos religiosos observados pelos nossos ancestrais e continuados até a nossa época. Ou, como Sāyaṇa explica, não vamos cortar ou romper a longa linha de posteridade, mas pedir e obter 'descendentes dotados do vigor de seus progenitores'.

<sup>8</sup> Isto é, o Soma estimulante.

<sup>9</sup> Isto é, perto da vasilha que recebe o suco.

<sup>10</sup> Aqui chamados para realizar os deveres do Adhvaryu e seu sacerdote assistente, misturar a doçura, ou Soma, com água para ser oferecida a Indra e Agni.

<sup>11</sup> [Veja a nota 4.] O significado da linha pode ser que a adoração de Indra e Agni é o grande laço que mantinha unidos os ancestrais do Ṛṣi.

8. Deem, vocês que despedaçam fortalezas, cujas mãos empunham o raio: Indra e Agni, salvem-nos em nossas batalhas. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 110 \(Griffith\)](#)

## Hino 110. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta V)

Esse hino é endereçado aos Ṛbhus; o Ṛṣi é Kutsa; a oitava e a nona estrofes estão na métrica Triṣṭubh; o restante, na Jagatī.

Varga 30. **1.** Ṛbhus, o rito celebrado antigamente por mim é repetido novamente; e o hino melodioso é recitado em seu louvor. Nessa cerimônia, o suco *Soma* é suficiente para todos os deuses. Bebam dele, para a sua máxima satisfação, quando oferecido sobre o fogo.

**2.** Quando, Ṛbhus, vocês, que estavam entre os meus antepassados, ainda imaturos (em sabedoria), mas desejosos de desfrutar (das libações de *Soma*), se retiraram para a floresta, para fazer (penitência), então, filhos de Sudhanvan,<sup>1</sup> pela plenitude das suas (devoções) concluídas, vocês chegaram ao salão (sacrificial) do adorador, Savitr̥.

**3.** Então Savitr̥ lhes concedeu imortalidade, quando vocês chegaram a ele, – que não pode ser escondido,<sup>2</sup> – e relataram (seu desejo), de compartilhar das libações, e aquela concha para as iguarias sacrificais, a qual o *Asura*<sup>3</sup> tinha formado única, vocês tornaram quádrupla.

**4.** Associados com os sacerdotes, e realizando rapidamente os ritos sagrados, eles, sendo ainda mortais, adquiriram imortalidade; e os filhos de Sudhanvan, os Ṛbhus, brilhantes como o sol, vieram a ser conectados com as cerimônias (apropriadas para as diferentes estações) do ano.

**5.** Louvados pelos espectadores, os Ṛbhus, com uma arma afiada, repartiram a única concha sacrificial, – como um campo (medido por uma vara), – solicitando as melhores (libações), e desejando (compartilhar do) alimento sacrificial entre os deuses.

Varga 31. **6.** Para os líderes (de sacrifício),<sup>4</sup> residindo no firmamento, nós oferecemos, como com uma concha, a manteiga clarificada designada, e louvamos, com conhecimento, aqueles Ṛbhus que, tendo igualado a velocidade do protetor (do universo, – o sol),<sup>5</sup> ascenderam para a região do céu, através (das oferendas) de alimento (sacrificial).

**7.** O mais excelente Ṛbhū é, em força, o nosso defensor; Ṛbhū, por meio de doações de alimento e de riqueza, é nosso refúgio. Que ele os conceda a nós, deuses, através da sua proteção. Que nós, em uma ocasião favorável, derrotemos as tropas daqueles que não oferecem oblações.

<sup>1</sup> Sudhanvan, o pai dos Ṛbhus, era um descendente de Aṅgiras; assim é Kutsa, portanto, eles são parentes; embora, como Kutsa é filho de Aṅgiras, não parece muito coerente chamá-los de seus parentes de um período anterior.

<sup>2</sup> No verso anterior, *Savitr̥*, derivado de *sū*, oferecer oblações, pode significar apenas o oferecedor de oblações; mas aqui nós temos, evidentemente, o sol aludido.

<sup>3</sup> *Tvaṣṭr̥*, como em uma passagem anterior. Veja 1.20.6, [nota 9].

<sup>4</sup> Como no texto: 'Os Ṛbhus são os líderes do sacrifício'; por causa do que eles obtiveram imortalidade. Ou o termo do texto pode ser conectado com aquele que o precede, e pode significar, como Rosen o compreende, 'para os chefes do firmamento'.

<sup>5</sup> Um texto do *Veda* identifica os Ṛbhus com os raios solares. É dito, de fato, que os Ṛbhus são os raios do sol.

8. Ṛbhus, vocês cobriram a vaca com uma pele, e reuniram a mãe com o bezerro;<sup>6</sup> filhos de Sudhanvan, líderes (de sacrifício), através das suas boas obras, vocês tornaram jovens seus pais idosos.

9. Indra, associado com os Ṛbhus, supre-nos, na distribuição de provisões, com alimento,<sup>7</sup> e concorda em nos conceder riquezas magníficas; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, as preservem para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 111 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 110. Ṛbhus (Griffith)

1. A obra sagrada que eu fiz antes é feita novamente: o meu hino mais agradável é cantado para celebrar o seu louvor. Aqui, ó Ṛbhus, está esse mar para todos os Deuses:<sup>8</sup> saciem-se com Soma oferecido com a palavra que santifica.<sup>9</sup>

2. Quando, buscando sua satisfação<sup>10</sup> avante de longe, vocês, alguns dos meus parentes,<sup>11</sup> vagavam em seu caminho, Filhos de Sudhanvan, depois da sua longa jornada, vocês chegaram ao lar do generoso Savitar.

3. Savitar portanto lhes deu imortalidade, porque vocês chegaram proclamando a ele a quem nada pode esconder;<sup>12</sup> e esse o cálice de beber do Asura,<sup>13</sup> que até aquele momento era um, vocês fizeram ser quádruplo.

4. Quando eles tinham servido com zelo em sacrifício como sacerdotes, eles, mortais como eles eram, ganharam imortalidade. Os Ṛbhus, filhos de Sudhanvan, brilhantes como sóis, foram no decurso de um ano feitos associados com orações.

5. Os Ṛbhus, com uma haste mediram,<sup>14</sup> como se fosse um campo, o único cálice sacrificial da largura da boca, louvados por todos os que observavam, rezando pelo que é melhor, desejando fama gloriosa entre os deuses imortais.

6. Como óleo em conchas, nós através do conhecimento apresentaremos aos Heróis do firmamento o nosso hino, – os Ṛbhus que se aproximaram com a velocidade desse grande Pai,<sup>15</sup> e ergueram-se à alta esfera do céu para comer o alimento fortalecedor.<sup>16</sup>

7. Ṛbhu para nós é Indra o mais vigoroso em seu poder, Ṛbhu com poderes e riquezas é o doador de ricas dádivas. Deuses, pela sua graça que nós possamos no dia venturoso suprimir os ataques daqueles que não derramam oferendas.

---

<sup>6</sup> Uma história é narrada, que um Ṛṣi, cuja vaca tinha morrido, deixando o bezerro, rezou aos Ṛbhus por auxílio, após o que eles formaram uma vaca viva, e a cobriram com a pele da morta, por causa do que o bezerro imaginou que ela era a sua própria mãe.

<sup>7</sup> *Vājebhir no vājasātāvavidhi* também pode ser traduzido como ‘proteja-nos, em batalha, com seus cavalos’.

<sup>8</sup> Isto é, esse recipiente contendo suco Soma para todos os Deuses, e para a classe específica de deuses chamados Viśvedevāḥ ou Viśvadevas.

<sup>9</sup> *Svāhā* (Ave! Salve!); uma exclamação usada ao fazer oblações para os Deuses.

<sup>10</sup> Desejosos de desfrutar de libações de suco Soma.

<sup>11</sup> Sudhanvan, pai dos Ṛbhus, era um descendente de Aṅgiras, como era também Kutsa o Ṛṣi do hino.

<sup>12</sup> Isto é, Savitar como o Sol.

<sup>13</sup> A taça, ou concha, que tinha sido feita pelo Asura ou deus imortal Tvaṣṭar. Veja 1.20.6. Esse cálice parece ser a lua que contém o Amṛta ou néctar dos Deuses. A lenda parece indicar que Tvaṣṭar como Deus do ano o criou uniformemente brilhante, e que os Ṛbhus, como Deuses das estações, o tornaram quádruplo ou diversificado com quatro fases.

<sup>14</sup> Para dividi-lo em quatro, como é dito no verso 3.

<sup>15</sup> Savitar como o Sol, a fonte de toda a vida.

<sup>16</sup> Soma.

8. De uma pele, ó Ṛbhus, uma vez vocês formaram uma vaca, e levaram a mãe para perto do seu bezerro novamente.<sup>17</sup> Filhos de Sudhanvan, Heróis, com habilidade insuperável vocês tornaram seus Pais idosos jovens como antes.<sup>18</sup>

9. Ajuda-nos com força onde o saque é obtido, ó Indra: unido com os Ṛbhus dá-nos recompensa variada. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 111 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>17</sup> A vaca de certo Ṛṣi tendo morrido, os Ṛbhus pela súplica dele fizeram uma nova vaca para ele a partir da pele, e a levaram para o bezerro órfão. Eles também restauraram seus pais à juventude. Veja 1.20.4. [Nota da edição de 1889.]

<sup>18</sup> *Uma pele*: talvez a terra seca. *Uma vaca*: a terra revigorada pelas Chuvas. *A mãe*: a terra. *Seu bezerro*: o Sol outonal. *Pais*: Céu e Terra.

## Hino 111. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta VI)

O Ṛṣi e deuses são os mesmos; a métrica do quinto verso é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 32. **1.** Os Ṛbhus, possuidores de habilidade em seu trabalho, construíram (para os Ásvins,) um carro bem construído, eles moldaram os corcéis vigorosos que conduzem Indra; eles deram existência jovem para seus pais; eles deram, para o bezerro, sua mãe acompanhante.<sup>1</sup>

**2.** Preparem inteiramente, para o nosso sacrifício, alimento sacrificial resplandecente,<sup>2</sup> e, para o nosso rito, e para a nossa força, tal nutrição que possa ser a causa de progênie excelente; de modo que nós possamos viver (cercados) por descendentes vigorosos. Concedam tal riqueza a nós, para o nosso benefício.

**3.** Ṛbhus, condutores (de sacrifício), concedam sustento abundante a nós, às nossas carruagens, aos nossos cavalos. Que todos reconheçam diariamente a nossa prosperidade vitoriosa; e que nós triunfemos, em batalha, sobre os nossos inimigos, sejam desconhecidos ou parentes.

**4.** Eu invoco o poderoso<sup>3</sup> Indra, por proteção; e os Ṛbhus, Vājas<sup>4</sup> e Maruts, para beber o suco Soma; também, Mitra e Varuṇa, e os Ásvins: e que eles nos conduzam à opulência, a ritos sagrados, e à vitória.

**5.** Que Ṛbhu nos supra com fartura para a guerra; que Vāja, vitorioso em batalha, nos proteja; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, sejam propícios para essa (nossa prece).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 112 \(Wilson\)](#)

## Hino 111. Ṛbhus (Griffith)

**1.** Trabalhando com habilidade eles fizeram o carro que roda ligeiramente: eles forjaram os Baios que levam Indra e trazem grandes dádivas. Os Ṛbhus para seus Pais fizeram vida nova mais uma vez, e moldaram para o bezerro a mãe ao seu lado.

**2.** Para sacrifício criem para nós força vital ativa; para habilidade e sabedoria alimento com descendência nobre. Concedam à nossa companhia esse poder mais excelente, para que nós possamos residir com uma família totalmente heroica.

**3.** Ó Ṛbhus, façam prosperidade para nós, prosperidade para carro, ó heróis, e para corcel. Concedam-nos prosperidade vitoriosa sempre, que conquista inimigos em batalha, desconhecidos ou parentes.

<sup>1</sup> Veja o hino anterior, e também o hino 20.

<sup>2</sup> *Ṛbhumat*, explicado como ‘tendo muita luz’, pois, segundo a etimologia *Nirukta*, *ṛbhu* significa ‘muita luz’, de *uru*, muita, e *bhā*, brilhar.

<sup>3</sup> *Ṛbhukṣaṇam Indram* pode ser ‘Indra, que é *Ṛbhukṣaṇ*’, do qual *Ṛbhukṣaṇam* é o acusativo. Nas expressões seguintes, *ṛbhūn* e *vājān*, acusativos plurais, nós devemos entender, de acordo com o comentador, os três filhos de Sudhanvan, Ṛbhu, Vibhu, e Vāja.

<sup>4</sup> [‘Isto é, Vāja e seus dois irmãos Ṛbhu e Vibhu, mais usualmente chamados coletivamente de Ṛbhavaḥ ou Ṛbhus. Similarmente, nessa linha ‘os Ṛbhus’ significa Ṛbhu e seus irmãos’. – Griffith.]

4. Indra, o Senhor dos Ṛbhus, eu invoco por ajuda, os Ṛbhus, Vājas, Maruts para a dose de Soma. Varuṇa, Mitra, ambos, sim, e os Dois Ásvins: que eles promovam para nós riqueza, sabedoria e vitória.

5. Que Ṛbhū mande prosperidade para a batalha, que Vāja que vence na luta nos proteja. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 112 \(Griffith\)](#)

## Hino 112. Ásvins (Wilson)

(Sūkta VII)

O Ṛṣi é Kutsa; o primeiro quarto de estrofe é endereçado à Terra e ao Céu; o segundo, a Agni; o resto do Hino, aos Ásvins. A métrica da vigésima quarta e vigésima quinta estrofes é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 33. 1. Eu louvo o Céu e a Terra, por meditação preliminar, (antes da chegada dos Ásvins); eu louvo o quente Agni de brilho resplandecente, na aproximação deles (como preparativo) para a adoração deles. Com aqueles instrumentos com os quais vocês soam a concha, em batalha, por sua parte (no saque), – com aqueles auxílios,<sup>1</sup> Ásvins, venham, prontamente, para cá.

2. Adoradores zelosos e exclusivos permanecem, Ásvins, em volta do seu carro, (para se beneficiarem) por sua generosidade; como (discípulos escutam) às palavras (de um professor), para instrução. Com aqueles auxílios com os quais vocês defendem os virtuosos que são dedicados a atos de adoração, venham, Ásvins, prontamente, para cá.

3. Pelo vigor inspirado por causa do néctar celestial, vocês são capazes, líderes (de sacrifício), de governar aqueles seres (que povoam os três mundos). Com aqueles auxílios pelos quais vocês deram (leite) para a vaca estéril,<sup>2</sup> venham, Ásvins, prontamente, para cá.

4. Com aqueles auxílios pelos quais o (vento) circundante, dotado da força de seu filho,<sup>3</sup> o medidor dos dois mundos (do céu e da terra),<sup>4</sup> e o mais rápido dos rápidos, embeleza (todas as coisas), e pelos quais (Kakṣīvat) se tornou versado nos três tipos de sacrifício;<sup>5</sup> – venham com eles, Ásvins, prontamente, para cá.

5. Com aqueles auxílios pelos quais vocês levantaram, da água, Rebha, que tinha sido lançado, amarrado, (em um poço), e também Vandana (em situação semelhante), para ver o céu; pelos quais vocês protegeram Kaṇva, quando ansioso para ver a luz;<sup>6</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

<sup>1</sup> *Ūtibhih*, instr. plur. de *ūti*, ajuda, auxílio, assistência, proteção. Ele é um termo um tanto estranho para traduzir em inglês com o sentido de pluralidade, embora não sem precedente.

<sup>2</sup> Aludindo, segundo o comentário, à vaca de um Ṛṣi chamado Śayu, à qual, embora estéril, os Ásvins, a pedido dele, deram abundância de leite. Veja em 1.116.22.

<sup>3</sup> É dito que Agni é o filho de Vāyu, conforme o texto *Vāyor Agniḥ*, ou como gerado, no caráter de calor digestivo, pelos ares vitais, ou como tendo sido incitado à chama, pelo vento, na hora da criação.

<sup>4</sup> *Dvimātr* pode ser aplicado ao vento, em combinação com Agni, como os respectivos ocupantes da terra e do firmamento; a primeira sendo a região de Agni, o último, de Vāyu. Ou isso pode ser interpretado, como em casos anteriores, ‘o filho de duas mães’, ou dos dois bastões usados para atrito, e, por isso, ser aplicável a Agni.

<sup>5</sup> Ou *trimantu*, familiarizado com os *pākayajñas*, ou oferendas de alimento; os *haviryajñas*, ou oblações de manteiga clarificada; e os *somayajñas*, ou libações de suco Soma. Nesse sentido, *trimantu* é sinônimo, aparentemente, de Kakṣīvat, cujo nome é suprido pelo comentador.

<sup>6</sup> É dito que Rebha e Vandana eram dois Ṛṣis que foram lançados em poços pelos *Asuras*. De acordo com a *Nīti-mañjarī*, eles causaram isso a si mesmos, por manterem uma relação amigável com os *Asuras*. É dito que Kaṇva, também, foi

Varga 34. **6.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês resgataram Antaka,<sup>7</sup> (quando lançado) em um (tanque) fundo, e prestes a ser destruído; pelos quais, não infligindo aflição, vocês preservaram Bhujyu;<sup>8</sup> e pelos quais vocês socorreram Karkandhu e Varya;<sup>9</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**7.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês enriqueceram Śucanti,<sup>10</sup> e deram a ele uma bela habitação, e tornaram o calor abrasador aprazível para Atri;<sup>11</sup> e pelos quais vocês preservaram Prṣnigu e Purukutsa;<sup>12</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**8.** Derramadores (de benefícios), com aqueles auxílios pelos quais vocês habilitaram (o coxo) Parāvṛj (a caminhar) e o cego (Rjṛāśva) a ver, e (o aleijado) Śroṇa a andar;<sup>13</sup> e pelos quais vocês libertaram a codorniz,<sup>14</sup> quando apanhada (por um lobo); com aqueles auxílios, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**9.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês fizeram o doce rio fluir; pelos quais vocês, que são livres de decadência, gratificaram Vasiṣṭha; e pelos quais vocês protegeram Kutsa, Śrutarya, e Narya;<sup>15</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**10.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês capacitaram a opulenta Viśpalā, quando ela estava incapaz de se mover, a ir para a batalha rica em milhares de despojos; e pelos quais vocês protegeram o devoto Vaśa, o filho de Áśva;<sup>16</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

Varga 35. **11.** Com aqueles auxílios pelos quais, belos doadores, a nuvem (foi feita) derramar sua (água) doce, por causa do mercador Dīrghaśravas, o filho de Uśij; e pelos quais vocês protegeram o devoto Kakṣīvat;<sup>17</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**12.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês encheram o leito do rio (seco) com água; pelos quais vocês guiaram a carruagem, sem cavalos, para a vitória; e pelos quais Triśoka<sup>18</sup> recuperou seu gado (roubado); – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

jogado por eles na escuridão. Nesses, e em casos semelhantes citados subseqüentemente, nós podemos, talvez, ter alusões a perigos sofridos, por alguns dos primeiros professores do hinduísmo, entre os povos aos quais eles procuravam civilizar.

<sup>7</sup> Antaka é chamado de *Rajarsī*, a quem os *Asuras* jogaram em um tanque, ou poço.

<sup>8</sup> Sobre Bhujyu, o filho do *Rājā* Tugra, nós teremos notícia novamente, com muito mais detalhes. A tradição é notável. Bhujyu tinha embarcado em uma expedição marítima contra os inimigos de seu pai, mas encontrou uma tempestade, na qual a sua embarcação foi perdida; ele foi salvo, e levado de volta para seu pai, pela intervenção dos Ásvins.

<sup>9</sup> É dito que esses são *Asuras* aos quais os Ásvins livraram de infortúnios. Mas para o último, veja 1.54.6.

<sup>10</sup> Nenhum relato é dado a respeito dessa pessoa.

<sup>11</sup> Atri, o patriarca, foi jogado, é dito, pelos *Asuras*, em uma caverna com cem portas, em todas as quais fogos de palha foram acesos: eles foram apagados, com água fria, pelos Ásvins. Ou, de acordo com Yāska, Atri é, aqui, um nome de Agni, – o comedor (*atri*) de manteiga clarificada, – mas cujo apetite, ou intensidade, sendo detido pelo calor do sol no tempo quente, era renovado pela chuva mandada pelos Ásvins.

<sup>12</sup> Nós não temos detalhes sobre esses, exceto que Prṣnigu é assim chamado por possuir vacas malhadas.

<sup>13</sup> Parāvṛj é chamado de *Rṣi*; como são Rjṛāśva e Śroṇa. O primeiro é citado sem um epíteto, no texto; em vez do segundo (veja 1.100.16-17), nós temos *prāndha*, o totalmente cego; e Śroṇa não é chamado de aleijado, mas é dito ter sido feito caminhar. O comentador fornece os detalhes. (Porém veja em 2.13.12)[: ‘tu ergueste o cego e coxo Parāvṛj...’, ‘a partir dessa passagem, no entanto, é evidente que houve uma elipse, e que *prāndha* e *śroṇa*, ou cego e coxo, eram epítetos de Parāvṛj’ – nota.]

<sup>14</sup> *Vartikā* o comentário chama de um pássaro como um pardal: o sentido comum é ‘codorna’.

<sup>15</sup> Vasiṣṭha é bem conhecido; mas de que modo ele foi ajudado pelos Ásvins não aparece. Dos três outros citados no texto é dito apenas que eles eram *Rṣis*.

<sup>16</sup> A história de Viśpalā é citada mais detalhadamente posteriormente. Ela era a esposa de Khela, o filho de Agastya. Vaśa e Áśva são chamados de *Rṣis*.

<sup>17</sup> Dīrghaśravas era o filho de Dīrghatamas e, portanto, um *Rṣi*. Porém, em um período de escassez, ele exerceu o comércio, para obter um sustento: por isso ele é chamado de *vaṇik*, um mercador. Como o filho de Uśij, ele deveria ser o mesmo que Kakṣīvat [veja o hino 18, nota 2]; mas o texto os trata, aparentemente, como diferentes.

**13.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês cercaram o sol, quando longe, (para livrá-lo do eclipse); pelos quais vocês defenderam Madhātṛ, no (cumprimento de) suas funções soberanas;<sup>19</sup> e pelos quais vocês protegeram o sábio Bharadvāja;<sup>20</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**14.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês defenderam o poderoso e hospitaleiro Divodāsa, (quando, tendo empreendido) a morte de Śambara, ele se escondeu na água, (por medo dos *Asuras*);<sup>21</sup> pelos quais vocês protegeram Trasadasyu,<sup>22</sup> em guerra; – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**15.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês preservaram Vamra, louvado por todos em volta dele, quando bebendo (os orvalhos da terra); pelos quais vocês protegeram Kali, quando ele tinha tomado uma esposa, e Pṛthi, quando ele tinha perdido seu cavalo;<sup>23</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

Varga 36. **16.** Com aqueles auxílios, líderes (de sacrifícios), que vocês forneceram a Śayu, a Atri, e, antigamente, a Manu, ansiosos (para mostrar a eles) o caminho para (escapar do mal); com aqueles pelos quais vocês dispararam flechas (nos inimigos) de Syūmaraśmi;<sup>24</sup> – com eles, Ásvins, venham para cá prontamente.

**17.** Com aqueles auxílios pelos quais Paṭharvan<sup>25</sup> brilhou com força de forma em batalha, como um fogo ardente empilhado (com combustível); pelos quais vocês defenderam Śaryāta em guerra; – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**18.** Anḡiras (louve os Ásvins). Ásvins, com aqueles auxílios pelos quais, com mentes (satisfeitas), vocês se deleitam (em louvor), e por isso chegaram antes dos deuses na caverna, para recuperar o gado roubado;<sup>26</sup> pelos quais vocês sustentaram o heroico Manu com alimento;<sup>27</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

<sup>18</sup> Triśoka é chamado de *Ṛṣi*, o filho de Kaṇva. Essas pessoas santas estavam muito expostas, aparentemente, ao roubo de gado.

<sup>19</sup> Madhātṛ é chamado de *Ṛṣi*; mas um *Rājarsi*, um sábio real, é aludido; porque Mādātṛ é um príncipe famoso da dinastia solar (*Viṣṇu Purāṇa*, [pág. 289, da versão em português]). O caráter real dele é, também, evidente por causa da sua ocupação (*kṣaitrapatyēṣu*), o derivativo de *kṣetrapati*, o senhor, ou de campos ou da terra.

<sup>20</sup> Aqui nós temos, também, um nome bem conhecido na tradição purânica, (*Viṣṇu Purāṇa* [pág. 345, nota 15]). Ele é chamado, no texto, de *vipra*, geralmente indicando um brâmane, mas aqui explicado como *medhāvin*, sábio.

<sup>21</sup> Divodāsa é um rei bem conhecido nas tradições purânicas (*Viṣṇu Purāṇa*, [pág. 317]). Mas não se acha notícia lá da sua guerra com o *Asura* Śambara, a quem nós vimos, em outra parte, destruído por Indra (1.54.4), em defesa, também é dito (1.51.6), desse príncipe, ou, como ele é chamado lá, Atithigva, o que estima convidados (*atithi*), o qual é aqui empregado como um epíteto.

<sup>22</sup> O filho de Purukutsa, segundo o comentador, concordando, nesse aspecto, com o *Viṣṇu Purāṇa*, pág. 294. (E veja também 4.42.8, nota; 5.27; e 7.19.3).

<sup>23</sup> Vamra é chamado de *Ṛṣi*, o filho de Vikhanas. O texto o chama de *vīpipāna*, que bebe muito e variadamente, o que o comentador explica como, bebedor, especialmente da umidade terrena, ou orvalho, *pārthivam rasam*. Veja 1.51.9, [nota 15]. De Kali, nada mais é dito além de que ele era um *Ṛṣi*; nem de Pṛthi, além de que ele era um *Rājarsi*.

<sup>24</sup> O segundo e terceiro nomes ocorreram antes. O primeiro é chamado de *Ṛṣi*. O texto tem somente 'Vocês desejaram que eles seguissem' (*ghātum iṣathuḥ*): o comentador acrescenta: 'para fora do mal ou perigo'. Manu é chamado aqui de *Rājarsi*, a quem os Ásvins livraram da escassez, por ensinarem a ele a arte de semear as sementes de cevada e outros grãos. Syūmaraśmi é denominado um *Ṛṣi*, [vidente dos hinos 77 e 78 do livro 10 – Griffith].

<sup>25</sup> Paṭharvan é somente chamado de *Rājarsi*. Śaryāta provavelmente quer dizer Śaryāti, o quarto filho do *Manu* Vaivasvata (*Viṣṇu Purāṇa*, [págs. 280 e 284]); e o mesmo príncipe, sem dúvida, em uma passagem anterior (1.51.12), se entende por Śaryāta, o qual pode ser um epíteto de *yajña*, sacrifício, implícito, – o sacrifício de Śaryāti, – ao invés de um patronímico, embora lá traduzido como um nome próprio, sob a autoridade de Sāyaṇa. 'Da linhagem de Bṛghu' se aplica, também, a Cyavana, não a Śaryāti. (Porém, veja 3.51.7): '... como tu bebeste da libação do filho de Śaryāti', – Wilson; ou: '... como tu bebeste o suco ao lado de Śaryāta', – Griffith].

<sup>26</sup> Nós temos aqui atribuído aos Ásvins um feito semelhante àquele que é geralmente atribuído a Indra.

<sup>27</sup> Por torná-lo consciente, de acordo com o comentário, dos grãos escondidos na terra, ou ensiná-lo, de fato, agricultura.

**19.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês deram uma esposa para Vimada;<sup>28</sup> pelos quais vocês recuperaram as vacas vermelhas; pelos quais vocês deram riqueza excelente a Sudās;<sup>29</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**20.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês são concessores de felicidade ao doador (de oblações); pelos quais vocês protegeram Bhujyu e Adhrigu; e pelos quais vocês concederam (alimento) deleitante e nutritivo para Ṛtastubh;<sup>30</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

Varga 37. **21.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês defenderam Kṛṣānu, em batalha;<sup>31</sup> com os quais vocês ajudaram o cavalo do jovem Purukutsa<sup>32</sup> em velocidade; e pelos quais vocês entregam o mel agradável para as abelhas; – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**22.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês socorreram o adorador que lutava em guerra por gado; pelos quais vocês o ajudam na aquisição de cavalos e riqueza; pelos quais vocês protegem as carruagens e cavalos dele; – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**23.** Com aqueles auxílios pelos quais vocês, que são adorados em muitos ritos,<sup>33</sup> protegeram Kutsa, o filho de Arjuna, assim como Turvīti, Dabhīti, Dhvasanti e Puruṣanti;<sup>34</sup> – com eles, Ásvins, venham, prontamente, para cá.

**24.** Ásvins, santifiquem as nossas palavras com obras: derramadores (de benefícios), subjugadores de inimigos, (fortaleçam) a nossa compreensão, (para o estudo sagrado). Nós invocamos vocês dois, no último quarto da noite,<sup>35</sup> para a nossa preservação. Estejam conosco para aumento na provisão de alimento.

**25.** Cuidem de nós, Ásvins, sempre, de dia ou de noite, com bênçãos não diminuídas; e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, sejam favoráveis a essa (nossa prece).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 113 \(Wilson\)](#)

<sup>28</sup> É dito que os Ásvins foram os meios de obter a filha de Purumitra como uma esposa para o Ṛṣi Vimada.

<sup>29</sup> O nome de um rei, o filho de Pijavana (1.47.6, nota 2). (Veja também 3.33, nota 1, onde o nome é corrigido para ‘Piyavana’; e 7.18.23). Ambos os nomes são desconhecidos nos *Purāṇas*, – embora nós tenhamos mais do que um Sudāsa, – mas eles são nascidos de outros príncipes. Um príncipe chamado Paiyavana, ou filho de Piyavana, é citado por *Manu*, 8.110.

<sup>30</sup> Bhujyu foi citado antes (nota 8). Adhrigu é chamado de sacrificador, ou imolador, junto com Cāpa, dos deuses. Ṛtastubh é chamado de Ṛṣi. (Veja 8.12.2).

<sup>31</sup> Kṛṣānu é enumerado, pelos *Taittirīyas*, entre uma classe chamada *somapālas*, vendedores ou fornecedores, – aparentemente, da planta Soma. O termo ocorre também entre os sinônimos de Agni. (Veja também 4.27.3).

<sup>32</sup> Purukutsa, nos *Purāṇas*, é o filho de Māndhātṛ, e marido de Narmadā, o rio (*Viṣṇu Purāṇa*, pág. 293). O texto tem somente ‘do jovem’: o comentário supre Purukutsa. (Veja 4.42.8, nota).

<sup>33</sup> Śatakṛatu, o epíteto usual de Indra, ‘aquele para quem muitos ritos são endereçados’, ou ‘para quem muitos atos são realizados’, é aqui aplicado aos Ásvins.

<sup>34</sup> Kutsa e Turvīti ocorreram antes, embora a afiliação do primeiro seja nova. Sobre os outros nomes nenhum relato é dado, exceto que Puruṣanti é aquele de um Ṛṣi.

<sup>35</sup> *Adyūtye*, ‘na ausência de luz’; isto é, no último quarto da noite, ou aquele que precede a aurora, em qual período, de acordo com Āśvalāyana, como citado por Sāyaṇa, os Ásvins devem ser adorados especialmente.

## Hino 112. Ásvins (Griffith)

1. Para dar primeiro pensamento a eles,<sup>36</sup> eu adoro o Céu e a Terra, e Agni, brilho belo resplandecente, para apressar a aproximação deles. Venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios com os quais em luta vocês promovem o grito de guerra para o saque.
2. Abundantes, infalíveis, elas<sup>37</sup> subiram, por assim dizer, em um carro eloquente<sup>38</sup> de modo que vocês possam pensar em nós e doar. Venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios com os quais vocês ajudam os nossos pensamentos para mais atos sagrados.
3. Vocês pela força que o néctar celestial<sup>39</sup> lhes dá são em domínio supremo os Senhores de todos esses povos. Venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios com os quais vocês, Heróis, fizeram a vaca estéril<sup>40</sup> dar leite.
4. Os auxílios com os quais o Viajante<sup>41</sup> através do poder da sua prole, ou o Filho de Duas Mães<sup>42</sup> se mostra o mais rápido em meio aos rápidos; com os quais o sábio<sup>43</sup> adquiriu seu conhecimento triplo,<sup>44</sup> – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.
5. Com os quais vocês ergueram das águas, aprisionado e amarrado firmemente, Rebha, e Vandana para olhar para a luz; com os quais vocês socorreram Kaṇva quando ele se esforçou para vencer, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.
6. Com os quais vocês regataram Antaka quando definhando no fundo da cova, e Bhujyu com ajuda infalível. E confortaram Karkandhu, Vayya, em sua aflição, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.
7. Com os quais vocês deram a Śucanti riqueza e um lar feliz, e tornaram a cova ardente amigável por causa de Atri; com os quais vocês protegeram Purukutsa, Pṛṣṇigu, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.
8. Poderosos, com quais poderes vocês deram ajuda a Parāvṛj<sup>45</sup> quando vocês fizeram o cego e coxo ver e caminhar; com os quais vocês libertaram a codorniz engolida,<sup>46</sup> – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.
9. Com os quais vocês aceleraram a corrente inesgotável mais doce, e confortaram Vasiṣṭha, vocês que nunca decaem; e para Śrutarya, Kutsa, Narya deram sua ajuda,<sup>47</sup> – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.
10. Com os quais vocês ajudaram, na batalha de mil despojos, Viśpalā<sup>48</sup> buscando saque, incapaz de se mover. Com os quais vocês protegeram amigavelmente Vaśa, filho de Áśva, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

<sup>36</sup> O Céu e a Terra devem ser os primeiros objetos de invocação. Agni, com seu sinal de fogo brilhante, também é chamado para apressar a aproximação dos Ásvins em direção ao sacrifício.

<sup>37</sup> As nossas oferendas.

<sup>38</sup> A carruagem de nossos hinos.

<sup>39</sup> O Soma.

<sup>40</sup> Do Ṛṣi Śayu.

<sup>41</sup> O Vento, segundo Sāyaṇa, ou Mātariśvan pode ser aludido (veja 1.31.3), que trouxe Agni do céu.

<sup>42</sup> Agni, surgido dos dois bastões de fogo.

<sup>43</sup> Dito ser o Ṛṣi Kakṣivān.

<sup>44</sup> O conhecimento do alimento sacrificial, oblações de manteiga clarificada, e libações de suco Soma. O significado da passagem é incerto.

<sup>45</sup> De acordo com Sāyaṇa, o nome de um homem. Benfey explica a palavra como o sol poente (partindo de lado), chamado de *cego* porque sua luz quase desapareceu, e *coxo* porque ele não anda mais.

<sup>46</sup> Engolida, ou apanhada, por um lobo. Yāska, como citado por Sāyaṇa, diz que a codorniz significa a Aurora apanhada e engolida pelo Sol brilhante. Benfey considera que ela significa o sol depois de se pôr.

<sup>47</sup> Como os primeiros que trazem a luz, pode-se dizer que os Ásvins estimulam e animam as correntes do oceano de ar. Nós não somos informados como o famoso Vasiṣṭha foi confortado; e Śrutarya, Kutsa, Narya são somente citados por Sāyaṇa como dois Ṛṣis.

**11.** Pelos quais a nuvem, ó Doadores Generosos, derramou chuva doce para Dīrghaśravas, para o mercador Auśija,<sup>49</sup> com os quais vocês ajudaram Kakṣivān, cantor do seu louvor, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**12.** Com os quais vocês fizeram Rasā<sup>50</sup> se encher totalmente com torrentes de água, e incitaram à vitória o carro sem um cavalo; com os quais Triśoka conduziu adiante suas vacas recuperadas, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**13.** Com os quais vocês cercam o Sol por todos os lados quando distante,<sup>51</sup> fortaleceram Mandhātara<sup>52</sup> em suas tarefas como senhor de terras, e ao sábio Bharadvāja<sup>53</sup> deram ajuda protetora, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**14.** Com os quais, quando Śambara foi morto, vocês protegeram bem o grande Atithigva, Divodāsa, Kaśoju, e Trasadasyu quando as fortalezas foram despedaçadas,<sup>54</sup> – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**15.** Com os quais vocês honraram o grande bebedor Vamra,<sup>55</sup> e Upastuta<sup>56</sup> e Kali<sup>57</sup> quando ele ganhou sua esposa, e prestaram ajuda privilegiada a Vyaśva<sup>58</sup> e a Pṛthi, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**16.** Com os quais, ó heróis, vocês concederam libertação para Śayu,<sup>59</sup> Atri,<sup>60</sup> e para Manu<sup>61</sup> há muito tempo atrás; com os quais vocês dispararam suas flechas por causa de Syūmaraśmi. – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**17.** Com os quais Paṭharvā,<sup>62</sup> em sua majestade de forma, brilhou em seu curso como um fogo aceso reunido; com os quais vocês ajudaram Śāryāta<sup>63</sup> no combate poderoso, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

<sup>48</sup> Uma senhora que foi ferida em batalha, e feita inteira pelos Ásvins, [pois eles deram a ela uma perna nova]. Veja 1.116.15; 1.117.11; 1.118.8.

<sup>49</sup> Auśija é um patronímico significando filho de Uśij. É dito que Kakṣivān também era um filho de Uśij. Veja 1.18.1.

<sup>50</sup> “Rasā, conhecido pelos zoroastrianos como Ranhā, era inicialmente o nome de um rio real, mas quando os arianos se moveram para longe dele para o Punjāb, ele assumiu um caráter mítico, e tornou-se uma espécie de Okeanos, em torno dos limites extremos da terra.” – M. Müller, *Vedic Hymns*, I, 123. Nenhum outro relato é dado a respeito dos eventos mencionados nesse verso.

<sup>51</sup> É dito que os Ásvins cercam o sol para salvá-lo do eclipse.

<sup>52</sup> Um Rājars̥i ou R̥ṣi real.

<sup>53</sup> Um R̥ṣi muito famoso, dito ser o filho de Bṛhaspati.

<sup>54</sup> Śambara era um dos demônios da seca mortos por Indra. Sāyaṇa considera Atithigva e Kaśoju como epítetos de Divodāsa o rei que foi ajudado pelos Ásvins [veja a nota 21]. Trasadasyu era um príncipe renomado por suas vitórias e generosidade, e pela graça mostrada a ele pelos Deuses. Veja 4.42.9; 7.19.3; 8.8.21; 8.19.36; 8.36.7.

<sup>55</sup> Benfey pensa que Indra é citado sob o nome Vamra.

<sup>56</sup> Considerado por Sāyaṇa como um epíteto de Vamra, ‘louvado por todos em volta dele’.

<sup>57</sup> Um R̥ṣi, citado novamente em 10.39.8. Os Ásvins podem tê-lo devolvido à juventude.

<sup>58</sup> Tomado por Sāyaṇa como um epíteto de Pṛthi, ‘sem cavalo, ou que tinha perdido seu cavalo’. É dito que Pṛthi era um Rājars̥i.

<sup>59</sup> Śayu foi citado antes na nota 40. Veja também 1.117.20.

<sup>60</sup> [Veja a nota 11.] Também 1.116.7.

<sup>61</sup> [Veja a nota 24.]

<sup>62</sup> Sāyaṇa diz que Paṭharvā era um Rājars̥i. Benfey pensa que a palavra *paṭharvan* é uma forma dialetal de *patrāvan*, ‘que tem cavalos alados’. Ludwig considera a explicação de Sāyaṇa (a qual eu segui) como errônea e impossível. Ele pensa que Paṭharū era o nome de alguma fortaleza que os Ásvins salvaram do incêndio, ou por meio de um homem chamado Jaṭhara ou por meio das nuvens de chuva. Ele conseqüentemente traduz: “Por meio dos quais, em Paṭharū, através do poder de Jaṭhara (violência das nuvens de chuva) o fogo não flamejou, embora preparado e aceso no caminho”. A passagem é difícil, e as interpretações atribuídas às palavras por Sāyaṇa certamente parecem ser forçadas, mas no todo eu considero mais seguro seguir a orientação dele. Eu posso observar aqui que ‘na’, a qual no Veda significa tanto ‘não’ quanto ‘como’, às vezes torna incerto o significado da passagem. Nessa linha Sāyaṇa a emprega no último sentido, e Ludwig no primeiro.

<sup>63</sup> Talvez o mesmo que Śāryāti, o filho do Manu Vaivasvata.

**18.** Com os quais, Aṅgiras!<sup>64</sup> vocês triunfaram em seu coração, e seguiram adiante para liberar o rio de leite;<sup>65</sup> com os quais vocês ajudaram o herói Manu<sup>66</sup> com nova força, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**19.** Com os quais vocês levaram uma esposa para Vimada<sup>67</sup> se casar, com os quais vocês doaram livremente as vacas vermelhas;<sup>68</sup> com os quais vocês levaram a hoste de Deuses benignos para Sudās, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**20.** Com os quais vocês trazem grande bem-aventurança para aquele que oferece presentes, com os quais vocês protegeram Bhujyu, Adhrigu, e os bons e bondosos Subharā<sup>69</sup> e R̥tastup, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**21.** Com os quais vocês serviram Kṛṣānu<sup>70</sup> onde as flechas foram disparadas, e contribuíram para a rapidez do cavalo do homem jovem<sup>71</sup> na corrida; com os quais vocês trazem mel delicioso para as abelhas, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**22.** Com os quais vocês dão sorte ao herói enquanto ele luta por vacas na batalha de heróis, na disputa por terras e filhos, com os quais vocês protegem seguramente os cavalos e o carro dele, – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**23.** Com os quais vocês, Senhores dos Cem Poderes, ajudaram Kutsa, filho de Ārjuni, deram força a Turvīti e Dabhīti, favoreceram Dhvasanti e prestaram ajuda a Puruṣanti,<sup>72</sup> – venham a nós, ó Ásvins, com aqueles auxílios.

**24.** Tornem nosso discurso eficaz, ó Ásvins, e esse nosso hino, ó poderosos Fazedores de Milagres. Em jogo sem sorte<sup>73</sup> eu os chamo por socorro: fortaleçam-nos também no campo de batalha.

**25.** Com bênçãos não diminuídas, ó Ásvins, nos protejam para sempre dia e noite. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, e a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 113 \(Griffith\)](#)

<sup>64</sup> O texto tem apenas Aṅgiras na forma singular, o qual parece significar o dual, como Ludwig observa. Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz: 'Aṅgiras (louve os Ásvins)'. Sāyaṇa supõe que o R̥ṣi se dirige a si mesmo por esse título. Benfey une Aṅgiras com a palavra seguinte, fazendo *Aṅgīromanāsā*, 'por afeição pelos Aṅgirasas'.

<sup>65</sup> Isto é, as vacas trancadas na caverna, ou seja, as nuvens de chuva impedidas de derramar suas águas.

<sup>66</sup> Veja o verso 16.

<sup>67</sup> Um R̥ṣi, cujo nome ocorre novamente em 1.116.1; 1.117.20; 8.9.15; 10.20.10; e 10.23.7. É dito que a esposa era a filha de Purumitra.

<sup>68</sup> Isso pode talvez significar as nuvens vermelhas de chuva.

<sup>69</sup> Sāyaṇa toma *subharām* como um adjetivo, mas tem que fornecer *iṣam*, alimento, para ele qualificar.

<sup>70</sup> O Keresāni do Avesta; um dos guardiões do Soma celestial. Veja 4.27.3.

<sup>71</sup> Purukutsa, cujo cavalo foi ajudado.

<sup>72</sup> Kutsa foi mencionado antes como um favorito de Indra. Veja 1.51.6. O nome de Turvīti ocorre em 1.36.18. Dabhīti: veja 2.13.9; 2.15.9; 4.30.21; 6.20.13; 6.26.6. Puruṣanti: um príncipe generoso. Dos outros nomes nada é dito.

<sup>73</sup> Uma metáfora emprestada do jogo de dados; isto é, em um período de dificuldade, talvez na véspera de uma batalha violenta. Sāyaṇa, seguindo uma derivação diferente da palavra, a explica como, na ausência de luz, ou no último quarto da noite, quando os Ásvins devem ser adorados especialmente.

## Hino 113. Aurora (Wilson)

(Oitavo Adhyāya. Continuação do Anuvāka 16. Sūkta VIII)

O Hino é endereçado a Uṣas (a Alvorada), e, na segunda metade da primeira estrofe, também à *Noite*. O Ṛṣi é Kutsa; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 1. **1.** Essa mais excelente luminar de todas as luminares chegou: a extraordinária e difusa manifestadora (de todas as coisas) nasceu. Do mesmo modo como a noite é a prole do sol, assim ela se torna o local de nascimento da alvorada.<sup>1</sup>

**2.** A alvorada de brilho branco, a mãe do sol,<sup>2</sup> chegou: a noite escura procurou sua própria residência. Ambas aliadas ao mesmo (sol), imortais, sucedendo uma à outra, e apagando mutuamente a cor uma da outra, elas percorrem os céus.

**3.** O caminho das irmãs é sem fim: elas o percorrem alternadamente, guiadas pelo radiante (sol). Combinadas em propósito, embora de formas diferentes, noite e aurora, dando nascimento (a todas as coisas), não obstruem uma à outra, nem permanecem imóveis.

**4.** Guia brilhante dos faladores da verdade,<sup>3</sup> a aurora de muitos matizes é reconhecida por nós: ela abriu as nossas portas, tendo iluminado o mundo, ela revelou as nossas riquezas. Uṣas devolve todas as regiões (que foram engolidas pela noite).

Varga 2. **5.** A opulenta (aurora) desperta para o esforço o homem prostrado no sono, – um homem, para divertimentos; outro, para devoção; outro, para (a obtenção de) riqueza. Ela habilitou aqueles que eram quase cegos a verem distintamente. A extensa Uṣas devolveu todas as regiões.

**6.** A aurora desperta um homem, para adquirir riqueza; outro, para ganhar alimento; outro, para obter grandeza; outro, para sacrifícios; outro, para suas próprias (ocupações); outro, para atividade; e ilumina todos os homens para os seus vários meios de manter a vida. Uṣas devolveu todas as regiões.

**7.** A filha do céu, jovem, de manto branco, a senhora de todo tesouro terreno, é vista dissipando a escuridão. Auspiciosa Uṣas, brilha sobre nós, hoje, nesse (salão de sacrifício).

**8.** Seguindo o caminho das manhãs que passaram, e a primeira das manhãs infinitas que virão, Uṣas, a dissipadora da escuridão, desperta os seres vivos, e acorda cada um (que jaz) como morto.<sup>4</sup>

**9.** Uṣas, visto que tu tens feito o fogo sagrado ser aceso,<sup>5</sup> visto que tu tens iluminado o mundo com a luz do sol, visto que tu tens despertado os homens para realizarem sacrifício, tu tens feito um bom serviço para os deuses.

**10.** Por um período de quanto tempo as alvoradas têm surgido? Por um período de quanto tempo elas surgirão? Continuamente desejosa de nos trazer luz, Uṣas desempenha as funções daquelas que passaram antes, e, resplandecendo brilhantemente, procede com as outras (que se seguirão).

Varga 3. **11.** Aqueles que contemplaram a prístina Uṣas amanhecendo morreram: para nós ela é visível agora; e se aproximam aqueles que poderão vê-la nos tempos vindouros.

**12.** Os seres hostis (aos atos de devoção) agora se recolhem,<sup>6</sup> pois ela é a protetora dos ritos sagrados, que é manifestada para a realização deles; ela é a concessora de felicidade,

<sup>1</sup> Isto é, quando o sol se põe, a noite aparece; ou ela é gerada pelo pôr do sol, e pode, figurativamente, ser chamada de filha dele; e, de modo semelhante, como a precursora, a noite pode ser chamada de mãe, ou útero, da alvorada.

<sup>2</sup> Um conceito similar àquele do verso anterior: a aurora precede, e, portanto, figurativamente dá à luz, ou é a mãe do sol.

<sup>3</sup> A partir do aparecimento da alvorada, os animais e aves proferem seus gritos *verdadeiros*, ou *naturais*.

<sup>4</sup> [Muir traduz esse último trecho do mesmo modo. (*Original Sanskrit Texts*, vol. 5, pág. 189).]

<sup>5</sup> Os fogos para oferendas queimadas sendo acesos propriamente ao amanhecer.

a despertadora de vozes agradáveis, a desfrutadora de bem-aventurança, e fornecedora de alimento para os deuses. Uşas a mais excelente, aparece, hoje, sobre esse (salão sacrificial).

**13.** A divina Uşas apareceu continuamente, nos tempos antigos: a fonte de riqueza, ela ainda se ergue sobre esse (mundo). Desse modo ela dará luz futuramente, por tempos futuros; pois, livre de decadência, ou morte, ela segue adiante em seu esplendor.

**14.** A divina Uşas acende, com seus raios, os quadrantes dos céus, ela se desfez da sua forma escura, e, despertando (aqueles que dormem), chega em seu carro puxado por corcéis purpúreos.

**15.** Trazendo, com ela, bênçãos mantenedoras de vida, e dando consciência (aos inconscientes), ela concede (ao mundo) seu esplendor magnífico. A imagem das numerosas auroras que passaram, a primeira das brilhantes (auroras que estão por vir), Uşas apareceu hoje.

Varga 4. **16.** Surge! Revive vida inspiradora; a escuridão partiu; a luz se aproxima. Uşas abriu a estrada para o sol percorrer. Vamos nos dirigir para onde eles distribuem alimento.

**17.** O oferecedor de louvor, o recitador de louvor, celebrando as brilhantes Uşasas, repete as palavras bem conectadas (do *Veda*). Possuidora de afluência, amanhece, hoje, sobre aquele que te louva; concede-nos alimento, de onde progênie possa ser obtida.

**18.** Que aquele que ofereceu a libação obtenha, após a conclusão dos seus louvores, (pronunciados), como o vento, (com rapidez, – a graça) daquelas Uşasas que são dadoras de cavalos, e de gado, e de progênie, e que derramam luz sobre o mortal que lhes apresenta (oferendas).

**19.** Mãe dos deuses,<sup>7</sup> rival de Aditi, iluminadora do sacrifício, poderosa Uşas, resplandece: aprovando a nossa oração, amanhece sobre nós. Tu, que és estimada por todos, faze-nos eminentes entre as pessoas.

**20.** Toda riqueza valiosa que as Uşasas transportam é benéfica para o sacrificador e para o adorador. Que Mitra, Varuņa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, sejam favoráveis a essa (nossa prece).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 114 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 113. Aurora (Griffith)

**1.** Essa luz chegou, em meio a todas as luzes a mais formosa; nasceu a brilhante, esplendor que se estende ao longe. A Noite, mandada embora para a ascensão de Savitar, produziu um lugar de nascimento para a Manhã.

**2.** A Bela, a Brilhante veio com sua prole branca,<sup>8</sup> para ela a Escura cedeu sua morada. Semelhantes, imortais, seguindo um ao outro, mudando suas cores ambos os céus<sup>9</sup> se movem adiante.

---

<sup>6</sup> Rākşasas e outros espíritos malignos desaparecem, com a alvorada.

<sup>7</sup> Os deuses são despertados na alvorada, pela adoração que eles então recebem; e, por isso, pode ser dito que a aurora, figurativamente, é mãe deles (*mātā devānām*); e, nesse caráter, ela é a inimiga, ou rival, de Aditi, que é mãe deles.

<sup>8</sup> Nuvens brancas que a acompanham. Ou a palavra no texto pode ser traduzida como ‘prole brilhante’, o sol a quem ela antecede.

[Esse início Macdonell lê: ‘Trazendo um bezerro radiante ela vem resplandecente’, – *Hymns from the Rigveda*.]

<sup>9</sup> Ou Dia e Noite.

3. Comum, é sem fim o caminho das Irmãs; ensinadas pelos Deuses, elas viajam alternadamente. De forma bela, de diferentes matizes e, contudo concordantes, a Noite e a Aurora não colidem, nem tardam.

4. Líder brilhante de sons alegres,<sup>10</sup> os nossos olhos a contemplam; esplêndida em cor ela abriu os portais. Ela, agitando o mundo, nos tem mostrado riquezas: a Aurora despertou todos os seres vivos.

5. Rica Aurora, ela coloca em ação o adormecido enrolado,<sup>11</sup> um para diversão, um para riqueza ou adoração, aqueles que viam pouco<sup>12</sup> para uma visão ampliada. A Aurora despertou todos os seres vivos.

6. Um para grande domínio, um para glória exaltada, um para buscar sua prosperidade,<sup>13</sup> e um seu trabalho: todos para respeitarem suas diferentes ocupações, a Aurora despertou todas as criaturas móveis.<sup>14</sup>

7. Nós a vemos lá, a Filha do Céu visível, a jovem Donzela, ruborizando em sua vestimenta brilhante. Tu Senhora soberana de todo tesouro terreno, resplandece sobre nós aqui, Aurora auspiciosa, nesta manhã.

8. Ela a primeira das infinitas manhãs que hão de vir, segue o caminho das manhãs que partiram. A Aurora, em seu surgimento, incita adiante os vivos: aquele que está morto ela não desperta do seu sono.<sup>15</sup>

9. Como tu, Aurora, tens feito Agni ser aceso,<sup>16</sup> e com o olho do Sol<sup>17</sup> revelado a criação, e tens despertado os homens para oferecer adoração, tu tens realizado, para os Deuses, um serviço nobre.

10. Quanto tempo, e elas estarão juntas, – as Auroras que brilharam e as Auroras que brilharão futuramente?<sup>18</sup> Ela anseia<sup>19</sup> por Auroras anteriores com desejo ávido, e segue adiante alegremente brilhando com as outras.<sup>20</sup>

11. Estão mortos os homens que nas épocas anteriores a nós contemplaram o nascimento da Manhã mais antiga. Nós, nós os vivos, agora vemos o brilho dela, e se aproximam<sup>21</sup> aqueles que irão vê-la futuramente.

12. Aquela que afugenta inimigos,<sup>22</sup> nascida da Lei, a protetora da Lei,<sup>23</sup> concessora de alegria, despertadora de todas as vozes agradáveis, Auspiciosa, trazendo alimento para os Deuses desfrutarem,<sup>24</sup> brilha sobre nós aqui, a mais brilhante, ó Aurora, nesta manhã.

<sup>10</sup> Despertadora do ‘encanto das primeiras aves’ e das vozes alegres de outros animais.

<sup>11</sup> [Macdonell lê: “Homens deitados no chão ela desperta para a ação”.]

<sup>12</sup> Durante a escuridão da noite.

<sup>13</sup> [Esse último Macdonell lê: “Outro busca a meta de nutrição variada”.]

<sup>14</sup> Esse verso aparentemente alude a uma divisão em quatro castas ou classes, real e militar, sacerdotal, mercantil e servil. Mas os versos 4, 5 e 6 parecem estar separados por seu refrão do resto do hino, e podem ser talvez uma adição posterior a ele.

<sup>15</sup> [Macdonell traduz esse último trecho do mesmo modo, só que no plural.]

<sup>16</sup> O romper do dia sendo a hora correta para acender os fogos sacrificais.

<sup>17</sup> [‘com a luz de Sūrya’, – Macdonell.]

<sup>18</sup> O significado parece ser: Quanto tempo nós temos para viver? Quando todas as nossas Auroras futuras estarão com aquelas que passaram?

<sup>19</sup> A Aurora que brilha agora como a primeira das Auroras a vir já está ávida para se reunir àquelas que passaram.

<sup>20</sup> [Duas outras traduções da primeira frase desse verso: “Quão distante está o tempo em que ela chega ao meio do caminho entre as passadas e aquelas a brilhar no futuro?” – Macdonell. “Quão grande é o intervalo compreendido entre as Auroras que surgiram e aquelas que ainda estão para surgir?” – Muir.]

<sup>21</sup> [nascença – Macdonell.]

<sup>22</sup> Os maus espíritos desaparecem quando a Aurora aparece.

<sup>23</sup> Ela vem de acordo com a lei eterna do universo à qual ela cumpre e guarda.

[Os dois últimos trechos por Macdonell: ‘observadora da ordem mundo, nascida no tempo devido’.]

<sup>24</sup> A chegada dela é o sinal para os homens oferecerem oblações para os deuses.

**13.** Desde tempos eternos a Aurora tem brilhado, a Deusa, e mostra essa luz hoje, dotada de riquezas. Assim ela brilhará nos tempos vindouros; imortal ela se move em sua própria força, imperecível.

**14.** Nos limites<sup>25</sup> do céu ela brilhou em esplendor: a Deusa lançou fora o véu de escuridão.<sup>26</sup> Despertando o mundo com cavalos purpúreos,<sup>27</sup> a Aurora se aproxima em sua carruagem bem atrelada.

**15.** Trazendo com ela todas as bênçãos que sustentam a vida, mostrando-se ela emite esplendor brilhante. Última das incontáveis manhãs que desapareceram, a primeira das manhãs brilhantes a vir, a Aurora surgiu.

**16.** Ergue-te! a respiração, a vida, chegou a nós novamente: a escuridão foi embora e a luz se aproxima. Ela deixou um caminho para o Sol percorrer, nós chegamos onde os homens prolongam a existência.<sup>28</sup>

**17.** Cantando os louvores das Manhãs refulgentes com o tecido de seu hino<sup>29</sup> o sacerdote, o poeta se levanta.<sup>30</sup> Brilha então hoje, rica Donzela, sobre aquele que te louva, faz brilhar sobre nós o dom da vida e prole.

**18.** Auroras que dão filhos heróis, vacas e cavalos, resplandecendo sobre o homem que traz oblações, – esses que o Espremedor de Soma ganhe <sup>31</sup>quando terminar suas canções alegres mais altas que a voz de Vāyu.<sup>32</sup>

**19.** Mãe dos Deuses, a forma da glória<sup>33</sup> de Aditi, emblema<sup>34</sup> do sacrifício, resplandece exaltada. Ergue-te, dando louvor à nossa devoção: toda generosa, nos torna as principais entre as pessoas.<sup>35</sup>

**20.** Toda riqueza esplêndida que as Auroras trazem com elas para abençoar o homem que oferece louvor e adoração, aquela mesma, que Mitra, Varuṇa, e Aditi e Sindhu, a Terra e o Céu concedam a nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 114 \(Griffith\)](#)

<sup>25</sup> [*Na estrutura* – Macdonell.]

<sup>26</sup> [*O véu escuro da noite* – Muir.]

<sup>27</sup> [*Vermelhos* – Macdonell e Muir.]

<sup>28</sup> Uma vida nova começa pelo retorno da luz do dia.

<sup>29</sup> Isto é, as palavras que ele tece, ou compõe cuidadosamente; [conforme Benfey, citado por Muir: ‘com a trama da palavra’.]

<sup>30</sup> [A primeira metade desse verso segundo Macdonell: “O cantor, louvando as manhãs refulgentes, como quadrigário com rédeas, envia sua mensagem”.]

<sup>31</sup> [Daqui Macdonell continua: ‘Quando canções alegres irrompem como rajadas de vento’; e Muir: ‘no final dos seus hinos que ressoam como o vento’.]

<sup>32</sup> Mais altas até do que o rugido do vento.

<sup>33</sup> [*refulgência* – Macdonell; *manifestação* – Muir.]

<sup>34</sup> [*bandeira* – Macdonell; *precursora* – Muir.]

<sup>35</sup> [A última frase por Macdonell: “Resplandece e olha para a nossa oração com favor: generosa, causa fertilidade entre as pessoas”; por Muir: “Ergue-te, concedendo aprovação à nossa oração; dadora de todas as bênçãos, aumenta a nossa progênie”. O professor Aufrecht propõe traduzir *jane ā janaya* por ‘dá-nos proeminência entre os homens’. Sāyaṇa explica as palavras por ‘estabelece-nos na região’.]

## Hino 114. Rudra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus é Rudra; o Ṛṣi, Kutsa. O décimo e décimo primeiro versos estão na métrica Triṣṭubh; o resto, na Jagatī.

Varga 5. **1.** Nós oferecemos esses louvores ao poderoso Rudra,<sup>1</sup> com o cabelo trançado,<sup>2</sup> o destruidor de heróis,<sup>3</sup> para que a saúde possa ser desfrutada por bípedes e quadrúpedes, e que todos os seres nessa aldeia possam estar (bem) nutridos, e livres de doenças.

**2.** Sê benevolente para nós, Rudra. Concede-nos felicidade; pois nós adoramos o destruidor de heróis com oblações. E, por tuas instruções, que nós obtenhamos aquela liberdade de doenças, e isenção de perigos, as quais o nosso progenitor, Manu, concedeu a nós, (tendo-as obtido dos deuses).

**3.** Rudra, derramador (de benefícios), que nós obtenhamos, através do nosso culto dos deuses, o favor de ti, que és o destruidor de heróis. Vem à nossa posteridade, tencionando promover a felicidade deles, enquanto nós, tendo nossos filhos em segurança, te oferecemos oblações.

**4.** Nós invocamos, para a nossa preservação, o ilustre Rudra, o realizador de sacrifícios,<sup>4</sup> o tortuoso,<sup>5</sup> o sábio. Que ele afaste para longe de nós sua ira divina; pois nós pedimos sua graça sinceramente.

**5.** Nós invocamos, do céu, com reverência, a ele que tem alimento excelente,<sup>6</sup> que é radiante, e tem cabelo trançado, que é brilhante, e deve ser averiguado (por meio de estudo sagrado), portando, em suas mãos, medicamentos excelentes. Que ele nos conceda saúde, armadura defensiva, e uma habitação (segura).

Varga 6. **6.** Esse louvor, o mais doce dos doces, e causa de crescimento (para o recitador), é endereçado a Rudra, o pai dos Maruts.<sup>7</sup> Imortal Rudra, concede-nos alimento suficiente para mortais, e dá felicidade a mim, ao meu filho, e ao meu neto.

<sup>1</sup> Nós temos uma repetição, aqui, das usuais etimologias de Rudra, com algumas adições: Ele faz todos chorarem (*rodāyati*) no fim do mundo; ou *rut* pode significar ‘dor’, – a dor de viver, a qual ele afasta (*drāvayati*); ou *rut* pode significar ‘palavra’ ou ‘texto’, ou as *Upaniṣads* dos *Vedas*, por meio das quais ele é aproximado, ou propiciado (*drūyate*); ou *rut* pode significar ‘discurso sagrado ou divino’, ou ‘sabedoria’, a qual ele confere (*rāti*) aos seus adoradores; ou *rut* pode significar ‘escuridão’, aquela que envolve ou obstrui (*ruṇaddhi*) todas as coisas, e a qual ele dissipa (*dr̥ṇāti*). Ou, além disso, é dito que, enquanto os deuses estavam envolvidos em combate com os *Asuras*, Rudra, identificado com Agni, chegou e roubou o tesouro deles; depois de derrotar o inimigo, os deuses procuraram pela riqueza roubada, e a recuperaram do ladrão, que chorou (*arudat*); e Agni foi, por isso, chamado de Rudra.

<sup>2</sup> *Kapardine*, de *kaparda*, da qual um significado é, o *jaṭā*, ou cabelo trançado, de Śiva, de onde o comentador dá, como seu equivalente, *jaṭilāya*. Isso parece muito como um reconhecimento de Śiva na pessoa de Rudra. Não é fácil sugerir qualquer outra interpretação, a menos que o termo seja uma interpolação.

<sup>3</sup> *Kṣayad vīrāya*, em quem heróis perecem. Ou isso pode significar, de quem os heróis imperiais (isto é, os Maruts), são os filhos. O epíteto é repetido nos versos seguintes.

<sup>4</sup> *Yajñasādham*, isto é, *sādhayitāram*, aquele que faz o sacrifício bem desejado, ou perfeito (*sviṣṭam*, ou *su iṣṭam*).

<sup>5</sup> *Vāriku*, aquele que segue de modo tortuoso. O que isso quer dizer não é explicado.

<sup>6</sup> A expressão é *varāha*, literalmente, um javali; e alguém que tem um corpo firme, como o de um javali, pode ser aludido. Mas o comentador prefere considerá-la como uma abreviação de *varāhāra*, de, *vara*, bom, e *āhāra*, alimento.

<sup>7</sup> A paternidade de Rudra, com relação aos Maruts, é relatada desse modo pelo comentador: “Após seu nascimento de Diti, sob as circunstâncias contadas nos *Purāṇas* (*Viṣṇu Purāṇa*, livro 1, cap. 21), eles foram vistos em aflição profunda por Śiva e Pārvatī, enquanto esses estavam passando juntos alegremente. A última disse ao primeiro: ‘Se você me ama, transforme essas massas de carne em meninos’. Maheśa conseqüentemente os tornou meninos, de forma parecida, de idade parecida, e vestidos de modo semelhante, e os deu a Pārvatī, como filhos dela, de onde eles são chamados de filhos de Rudra”. A *Nīti-mañjarī* adiciona outras lendas; uma, que Pārvatī, ouvindo as lamentações de Diti, rogou a Śiva para dar

7. Não prejudiques, Rudra, aqueles, entre nós, que são velhos, ou jovens, que são capazes de gerar, ou que são gerados, nem um pai, nem uma mãe; nem aflige os nossos corpos preciosos.

8. Não causes dano a nós, Rudra, aos nossos filhos, nossos netos, ou outros descendentes masculinos, nem ao nosso gado, nem aos nossos cavalos. Inflamado com fúria, não mates os nossos homens valentes; pois nós, oferecendo manteiga clarificada, te invocamos perpetuamente.

9. Eu devolvo a ti os louvores (derivados de ti); como um pastor (devolve suas ovelhas para o dono delas). Pai dos Maruts, concede felicidade a mim. Tua bondade auspiciosa é a causa de deleite sucessivo: portanto, nós pedidos especialmente a tua proteção.

10. Destruidor de heróis, que a tua (arma) matadora de vacas ou assassina de homens esteja muito longe; e que a bem-aventurança concedida por ti seja nossa. Favorece-nos! Fala, herói brilhante, em nosso nome, e outorga-nos prosperidade, tu que és poderoso sobre os dois (reinos do céu e da terra).

11. Desejosos de proteção, nós dissemos: reverências a ele. Que Rudra, com os Maruts, ouça a nossa invocação: e que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, sejam favoráveis a essa (nossa prece).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 115 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 114. Rudra (Griffith)

1. Ao forte Rudra<sup>8</sup> nós trazemos essas nossas canções de louvor, a ele o Senhor dos Heróis com o cabelo trançado, que esteja bem com todo o nosso gado e nossas mulheres, que nessa aldeia todos sejam saudáveis e bem alimentados.

2. Sê bondoso para nós, ó Rudra, nos traze alegria: a ti, Senhor dos Heróis, a ti com reverência nós serviremos. Toda a saúde e força que nosso pai Manu obteve por sacrifício<sup>9</sup> que nós possamos, sob a tua orientação, ganhar.

3. Pelo culto dos deuses que nós, ó Generoso, ó Rudra, ganhemos tua graça, Governante de homens valentes. Vem às nossas famílias, trazendo-lhes felicidade: que nós, cujos heróis são incólumes, levemos a ti presentes sagrados,

4. Para cá nós chamamos por ajuda o sábio, o viajante, impetuoso Rudra, aperfeiçoador de sacrifício. Que ele afaste de nós a ira dos Deuses: verdadeiramente nós desejamos sua graça favorável.

5. A ele com o cabelo trançado nós chamamos com reverência, o javali selvagem do céu, o vermelho, a forma deslumbrante. Que ele, com a mão repleta de remédios excelentes, nos conceda proteção, abrigo e um lar seguro.

---

formas aos nascimentos informes, dizendo a eles para não chorar (*mā rodīh*); outra, que ele de fato os gerou na forma de um touro, em Pṛthivī, a Terra, como uma vaca. Essas histórias são, evidentemente, lendas de uma época muito posterior àquela dos *Vedas*, – sendo emprestadas, se não fabricadas, a partir dos *Tantras*, – e podem ser postas de lado, sem hesitação, como totalmente incapazes de explicar o sentido daquelas passagens nos *Vedas*, as quais chamam os Maruts de filhos de Rudra.

<sup>8</sup> Rudra, provavelmente significando o Rugidor, por causa do som dos ventos tempestuosos, o deus das tempestades e pai dos Maruts. Ele é chamado de Kapardin porque usa o cabelo trançado e amarrado como uma concha de cauri (*Kaparda*). O prof. Pischel (*Vedische Studien*, I, 55 e seguintes) deriva *Rudra* (o Vermelho, o Brilhante) de uma raiz perdida *rud*, ser vermelho.

<sup>9</sup> Isto é, como um instituidor do primeiro sacrifício, nos possibilitou obter por meio de oferendas aos Deuses.

6. A ele, o pai dos Maruts, esse hino é endereçado, para fortalecer o poder de Rudra, uma canção mais doce que doce. Concede-nos, Imortal, o alimento que os mortais comem: sê benevolente para mim, para a minha semente, para a minha progênie.

7. Ó Rudra, não firas grande nem pequeno de nós, não firas o menino em crescimento, não fere o homem adulto. Não mata um pai entre nós, não mata nenhuma mãe aqui, e, Rudra, não firas os nossos próprios corpos preciosos.

8. Não nos prejudiques, Rudra, em nossa semente e descendência, não nos prejudiques no sustento, nem em vacas ou corcéis, não mates nossos heróis na fúria da tua ira. Sempre trazendo oblações nós chamamos a ti.

9. Assim como um vaqueiro<sup>10</sup> eu trouxe a ti hinos de louvor: ó Pai dos Maruts, dá-nos felicidade, abençoada é a tua benevolência mais favorável, por isso, de fato, nós desejamos o teu auxílio salvador.

10. Que esteja longe o teu dardo que mata homens ou gado: que a tua bem-aventurança esteja conosco, ó Senhor dos Heróis. Sê bondoso para nós, ó Deus, e nos abençoa, e então nos concede proteção duplamente forte.

11. Nós, buscando ajuda, falamos e adoramos a ele: que Rudra, cercado pelos Maruts, ouça o nosso chamado. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 115 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 114. Rudra (Müller)

MAṆḌALA I, HINO 114.  
AṢṬAKA I, ADHYĀYA 8, VARGA 5-6.

1. Nós oferecemos essas preces a Rudra, o forte, cujo cabelo é trançado,<sup>11</sup> que governa sobre heróis,<sup>12</sup> para que ele possa ser uma bênção para homem e animal, para que todos nessa nossa aldeia possam ser prósperos e livres de doenças.

2. Sê bondoso para nós, ó Rudra, e nos dá alegria, e nós honraremos a ti, o governante de heróis, com adoração. Aquela saúde e riqueza que o pai Manu adquiriu por meio dos seus sacrifícios, que nós obtenhamos as mesmas, ó Rudra, sob a tua orientação.

3. Ó generoso Rudra, que nós por sacrifícios obtenhamos a boa vontade de ti, o governante de heróis; vem aos nossos clãs, bem-disposto, e, com homens ilesos, nós vamos oferecer a nossa libação a ti.

4. Nós invocamos para nos ajudar o feroz Rudra, que completa o nosso sacrifício, o veloz, o sábio; que ele afaste de nós a ira dos deuses; nós desejamos apenas a sua benevolência.

5. Nós invocamos com culto o javali vermelho do céu, o deus com cabelo trançado, a forma ardente; que ele que carrega em sua mão os melhores medicamentos nos conceda proteção, defesa e abrigo!

---

<sup>10</sup> Como um vaqueiro reza para o bem-estar do seu gado, assim o poeta reza para a prosperidade daqueles por quem ele fala.

<sup>11</sup> Kapardin é um epíteto não só de Rudra, mas também de Pūṣan (6.55.2), e de um clã Védico, os Tr̥tsus (7.83.8) ou Vasiṣṭhas. Kaparda é o nome de uma concha, e o cabelo trançado na forma de uma concha parece ter sugerido o nome de kapardin.

<sup>12</sup> *Kṣayad-vīra* significa 'governando sobre heróis', e não há razão pela qual nós devemos traduzi-lo por 'destruidor de heróis'. Sem dúvida, um deus que governa e protege também pode ser concebido como punindo e destruindo, e esse é particularmente o caso de Rudra.

6. Esse discurso é falado para o pai dos Maruts, mais doce que doce, a alegria de Rudra; concede-nos também, ó imortal, o alimento dos mortais, sê bondoso para nós e para os nossos amigos e parentes!

7. Não mates os nossos grandes ou os nossos pequenos, nossos crescentes ou nossos crescidos, nosso pai ou nossa mãe, e não firas os nossos próprios corpos, ó Rudra!

8. Ó Rudra, não nos prejudiques nos nossos amigos e parentes, nem na nossa própria vida, e nem nas nossas vacas, nem nos nossos cavalos! Não mates os nossos homens na tua ira: trazendo libações, nós te chamamos sempre.

9. Como um pastor, eu tenho guiado esses louvores para perto de ti; ó pai dos Maruts, concede-nos teu favor! Pois a tua benevolência é auspiciosa, e a mais graciosa, por isso nós desejamos a tua proteção somente.

10. Que o teu matador de vacas e o teu matador de homens estejam longe, e que a tua graça esteja conosco, ó soberano de heróis! Sê bondoso para nós e nos abençoa, ó Deus, e, então, nos dá proteção dupla.

11. Nós proferimos a nossa súplica para ele, desejando a sua ajuda; que Rudra com os Maruts ouça o nosso apelo. Que Mitra, Varuṇa, Aditi, o Rio, a Terra e o Céu nos concedam isso!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 134 \(Müller\)](#)

## Hino 115. Sūrya (Wilson)

(Sūkta X)

Kutsa é o R̥ṣi; o deus é Sūrya; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 7. 1. A extraordinária hoste de raios surgiu; o olho de Mitra, Varuṇa e Agni;<sup>13</sup> o sol, a alma de tudo o que se move ou que é imóvel,<sup>14</sup> encheu (com sua glória), o céu, a terra, e o firmamento.

2. O sol segue a divina e brilhante Uṣas, – como um homem (segue) uma mulher jovem e elegante, – em qual período homens virtuosos realizam (as cerimônias estabelecidas por) eras,<sup>15</sup> adorando o (sol) auspicioso, por causa de boa (recompensa).

3. Os cavalos auspiciosos e rápidos do sol, de membros bons, que percorrem a estrada, que merecem ser satisfeitos com louvor, reverenciados por nós, subiram ao topo do céu, e circungiram rapidamente o céu e a terra.

4. Tal é a divindade, tal é a majestade, do sol, que, quando ele se põe, ele tem retraído (em si mesmo) a (luz) difusa (que tinha sido derramada) sobre a tarefa inacabada.<sup>16</sup> Quando ele desatrelou ou corcéis do seu carro, então a noite estende o véu da escuridão sobre tudo.

<sup>13</sup> Ou *caḡsus* pode significar ‘o iluminador’. É dito que Mitra, Varuṇa e Agni são representativos do mundo, – ou das estações, talvez, que eles presidem.

<sup>14</sup> *Ātmā jagataḥ*, ‘a alma do mundo’, por ele permear e animar todas as coisas. Ou *jagataḥ* pode ser traduzido ‘do que é móvel’: seguido por *tasthuṣah*, ‘do que é fixo’. O sol é a causa de todos os efeitos, sejam móveis ou imóveis.

<sup>15</sup> *Yugāni*, que também pode ser traduzido como ‘parelhas para arados’; pois, nesse período (o amanhecer), os homens, buscando propiciar os deuses por meio do lucro que a agricultura produz, equipam seus arados, ou se empenham nos trabalhos do campo.

<sup>16</sup> *Madhyā kartorvitataṃ*, ‘espalhada no meio dos afazeres’; isto é, o cultivador, ou artesão, desiste do seu trabalho, embora inacabado, ao pôr do sol.

5. O sol, na visão de Mitra e Varuṇa,<sup>17</sup> mostra a sua forma (de brilho) no meio dos céus; e os seus raios<sup>18</sup> estendem, de um lado, o poder brilhante e infinito dele, ou, no outro, (pela partida deles), trazem a escuridão da noite.

6. Nesse dia, deuses, com o nascer do sol, livrem-nos do pecado hediondo; que Mitra, Varuṇa, Aditi, o oceano, a terra e o céu, sejam favoráveis a essa (nossa prece).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 116 \(Wilson\)](#)

### Hino 115. Sūrya (Griffith)

1. A presença<sup>19</sup> brilhante dos Deuses surgiu, o olho de Mitra, Varuṇa e Agni. A alma de tudo o que se move ou não se move, o Sol encheu o ar e a terra e o céu.

2. Assim como um homem jovem segue uma donzela, assim o Sol segue a Aurora, Deusa refulgente: onde homens virtuosos estendem suas gerações, diante do Auspicioso por boa fortuna.<sup>20</sup>

3. Auspiciosos são os Cavalos de cor castanho-avermelhada do sol, brilhantes, mudando matizes,<sup>21</sup> adequados para os nossos gritos de triunfo. Levando as nossas orações, eles subiram ao cume do céu, e em um momento<sup>22</sup> correm em volta da terra e do céu.

4. Esta é a Divindade, este poder de Sūrya: ele retirou o que se espalhava sobre a obra inacabada.<sup>23</sup> Quando ele libertou<sup>24</sup> seus Cavalos da posição deles, direto sobre tudo a Noite estende as suas vestes.

5. No regaço do céu o Sol assume essa forma para que Varuṇa e Mitra possam contemplá-la. Seus Cavalos Baios mantêm o poder eterno dele,<sup>25</sup> em um período brilhante e escuro no outro.<sup>26</sup>

6. Nesse dia, ó Deuses, enquanto Sūrya está ascendendo, livrem-nos de problemas e desonra. Que Varuṇa, e Mitra, e Aditi e Sindhu, a Terra e o Céu aceitem essa nossa prece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 116 \(Griffith\)](#)

<sup>17</sup> Mitra e Varuṇa são usados, segundo o comentário, por metonímia, em lugar do mundo.

<sup>18</sup> *Haritaḥ*, o que pode significar, também, seus cavalos.

<sup>19</sup> [*face* – Macdonell.]

<sup>20</sup> O significado exato da segunda linha é um tanto incerto. Como eu a traduzi, de acordo com Ludwig, me faz lembrar uma de Shelley: “O Homem, a forma imperial, então multiplicou Suas gerações sob o pavilhão do trono do Sol”. [Macdonell a lê desse modo: “Onde homens devotados a deus colocam a armadura de oferendas brilhantes para o deus brilhante”.]

<sup>21</sup> [*malhados* – Macdonell.]

<sup>22</sup> [*em um dia* – Macdonell.]

<sup>23</sup> [Esse último trecho segundo Macdonell: “No meio da ação, ele retira a luz do dia”.]

<sup>24</sup> [*retirou* – Macdonell.]

<sup>25</sup> Como criador e soberano do dia e da noite.

<sup>26</sup> [Essa última frase por Macdonell: “Um brilho dele parece interminável, esplêndido; seus corcéis baios fazem recuar o outro, o preto”.]

## Hino 116. Ásvins (Wilson)

(Anuvāka 17. Sūkta I)

Os deuses são os Ásvins; o Ṛṣi é Kakṣīvat; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 8. **1.** Do mesmo modo como um adorador espalha a grama sagrada para os Nāsatyas, assim eu incito adiante as louvações deles, – como o vento impele as nuvens, – eles que deram uma noiva ao jovem Vimada,<sup>1</sup> e a levaram para longe em seu carro, ultrapassando a hoste rival.

**2.** Nāsatyas, levados por (corcéis) fortes e rápidos, e (estimulados) pelos encorajamentos dos deuses, o asno<sup>2</sup> de vocês, assim instigado, superou mil (inimigos) em conflito, na guerra agradável para Yama.

**3.** Tugra,<sup>3</sup> realmente, Ásvins, mandou (seu filho) Bhujyu para o mar; como um homem moribundo se desfaz das suas riquezas. Mas vocês o trouxeram de volta nos seus próprios navios, flutuando sobre o oceano, e mantendo as águas fora.

**4.** Três noites e três dias, Nāsatyas, vocês transportaram Bhujyu, em três carros rápidos, giratórios, tendo cem rodas, e puxados por seis cavalos,<sup>4</sup> ao longo do leito seco do oceano, para a margem do mar.

**5.** Esse feito vocês realizaram, Ásvins, no oceano, onde não há nada para dar suporte, nada no qual se apoiar, nada para se segurar, – que vocês levaram Bhujyu, navegando em um navio de cem remos,<sup>5</sup> para a casa do pai dele.

Varga 9. **6.** Ásvins, o cavalo branco que vocês deram a Pedu, – cujos cavalos eram indestrutíveis, – era sempre, para ele, bem sucedido. Aquele seu presente precioso deve sempre ser celebrado: o cavalo de Pedu, o dispersador (de inimigos), deve sempre ser invocado.<sup>6</sup>

**7.** Vocês deram, líderes (de sacrifício), para Kakṣīvat, da linhagem de Pajra,<sup>7</sup> conhecimento diverso; vocês encheram, a partir do casco do seu corcel vigoroso, como se de um barril, com jarras de vinho.<sup>8</sup>

**8.** Vocês apagaram, com (água) fria, as chamas ardentes (que cercavam Atri), e o suprimam com força sustentada por alimento: vocês o livraram, Ásvins, da (caverna) escura na qual ele tinha sido jogado de cabeça para baixo, e o restabeleceram a todo tipo de bem-estar.<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Veja 1.112.19. A história contada pelo comentador é, que Vimada, tendo ganhado sua noiva em um *svayamvara*, ou ‘escolha de um marido pela princesa’, foi parado, em seu caminho para casa, por seus concorrentes mal sucedidos, quando os Ásvins vieram em seu socorro, e colocaram a noiva na carruagem deles, repulsaram os atacantes, e levaram a donzela para a residência do príncipe.

<sup>2</sup> Um asno (*rāśabha*) dado por Prajāpati. A carruagem dos Ásvins é puxada por dois asnos (*rāśabhāvaśvinoḥ*) – *Nighaṇṭu*, I.14. Ou pode significar ‘um que segue rapidamente’; e o resto da passagem: ‘obteve precedência, para os Ásvins, sobre outros deuses na oblação, por causa do seu domínio das estrofes declaradas por Prajāpati’.

<sup>3</sup> Veja 1.112.6, nota 8. É dito que Tugra era um grande amigo dos Ásvins. Sendo muito incomodado por inimigos residentes em uma ilha diferente, ele mandou seu filho Bhujyu contra eles, com um exército, a bordo de navios. Depois de navegar certa distância, o navio naufragou numa tempestade. Bhujyu recorreu aos Ásvins, que levaram a ele e suas tropas de volta, nos seus próprios navios, no tempo de três dias, como parece a partir dessa e das estrofes seguintes.

<sup>4</sup> Esse é um relato bastante ininteligível de uma viagem marítima, embora as palavras do texto não admitam qualquer outra interpretação.

<sup>5</sup> *Śatāritrām nāvam*, um navio com cem, isto é, com muitos, remos. Essa estrofe é consistente com a primeira do terceto.

<sup>6</sup> Pedu, é dito, era certo *rājarṣi*, que adorava os Ásvins: eles, portanto, deram a ele um cavalo branco, pela posse do qual ele era sempre vitorioso sobre seus inimigos. (Veja 7.71.5).

<sup>7</sup> Pajras é outro nome para Aṅgirasas, em cuja linhagem Kakṣīvat nasceu.

<sup>8</sup> Nenhum relato da ocasião desse milagre é dado.

<sup>9</sup> Veja 1.112.7, nota 11.

9. Nāsatyas, vocês ergueram o poço, e fizeram a base, que tinha sido virada para cima, a boca curvada, de modo que a água brotou, para a bebida do sedento Gotama, o oferecedor.<sup>10</sup>

10. Nāsatyas, vocês tiraram, do idoso Cyavāna, toda a sua pele, como se ela fosse uma cota de malha;<sup>11</sup> vocês mudaram, Dasras, a vida do sábio que não tinha parentes, e o constituíram o marido de muitas donzelas.

Varga 10. 11. Nāsatyas, líderes, gloriosa foi aquela sua façanha, uma para ser celebrada, para ser adorada, para ser desejada por nós, quando, ficando cientes (da circunstância), vocês libertaram Vandana, (oculto,) como um tesouro escondido, do (poço) que era visível (para viajantes).<sup>12</sup>

12. Eu proclamo, líderes (de sacrifício), para adquirir riqueza, aquela proeza inimitável que vocês realizaram, – como o trovão (anuncia) chuva, – quando, provido, por vocês, com a cabeça de um cavalo, Dadhyac, o filho de Atharvan,<sup>13</sup> lhes ensinou a ciência mística.

13. A inteligente (Vadhrimatī)<sup>14</sup> invocou vocês, Nāsatyas, que são os realizadores (de desejos), e os protetores de muitos, com um hino sagrado: a prece dela foi ouvida, – como (as instruções de) um professor; – e vocês, Ásvins, para a esposa de um marido impotente, deram Hiranyahasta, filho dela.

14. Nāsatyas, líderes, vocês libertaram a codorniz da boca do cão<sup>15</sup> que a tinha apanhado; e vocês, que são benfeitores de muitos, permitiram, ao sábio que os louva, contemplar (a verdadeira sabedoria).

<sup>10</sup> Isso foi em outra parte relacionado aos Maruts (1.85.11). O modo no qual o poço foi oferecido a Gotama é descrito um tanto obscuramente.

<sup>11</sup> A restauração do asceta Cyavāna à juventude e beleza é narrada em vários *Purāṇas*, seguindo, provavelmente, o *Mahābhārata*, *Vana Parva*, [caps. 122 e 123, pág. 236 e seguintes da versão em português]. Ele é lá chamado de filho de Bhṛgu, e se dedicou à penitência, perto do rio Narmadā, até que as formigas brancas construíram seus ninhos em volta do corpo dele, e deixaram só os olhos visíveis. Sukanyā, a filha do Rei Śaryāti, tendo chegado ao local, e vendo dois pontos brilhantes no que parecia ser um formigueiro, os perfurou com um bastão. O sábio puniu Śaryāti e seus atendentes pela ofensa, e foi apaziguado somente pela promessa do rei de dar a ele sua filha em casamento. Posteriormente, os Ásvins, chegando ao eremitério dele, tiveram compaixão da união de Sukanyā com um marido tão velho e feio como Cyavāna, e, tendo feito teste da fidelidade dela, deram ao sábio uma condição de juventude e beleza semelhante à deles mesmos. Essa história não parece ser a mesma, entretanto, que aquela do texto, não qual não ocorre nenhuma alusão a Sukanyā, e a transformação de Cyavāna antecede sua união matrimonial. Ele é chamado de *jahita*, no texto, – propriamente, ‘abandonado’; isto é, de acordo com o comentador, por filhos, e outros, mas isso pode denotar, talvez, somente sua condição solitária como um asceta. Em retribuição pelo serviço amigável deles, Cyavāna obrigou Indra a concordar que os Ásvins recebessem, em sacrifícios, uma parte da libação de *Soma*, o que não é citado no texto.

<sup>12</sup> Veja 1.112.5. Em lugar de ‘poço’ nós temos somente *darśatāt*, no texto, – aquilo que era para ser visto por viajantes sedentos, segundo o comentário.

<sup>13</sup> Nós temos, aqui, alusões bastante obscuras a uma lenda que foi, provavelmente, modificada mais tarde pelos *Purāṇas*, nos quais o nome ocorre também como Dadhīca (veja, também, 1.84.13, nota 4). No *Mahābhārata*, *Vana Parva*, [cap. 100, págs. 201 e 202], é narrado somente que os deuses, sendo oprimidos pelos *Asuras* Kālakeya, solicitaram, do sábio Dadhīca, os ossos dele, os quais ele lhes deu, e a partir dos quais Tvaṣṭṛ fabricou o raio com o qual Indra matou Vṛtra e derrotou os *Asuras*. A lenda do texto difere dessa. Indra, tendo ensinado as ciências chamadas *pravargyavidyā* e *madhuvidyā* para Dadhyac, ameaçou que cortaria a cabeça dele, se alguma vez ele as ensinasse para alguém mais. Apesar disso os Ásvins o persuadiram a ensinar a eles o conhecimento proibido, e, para escapar da ameaça de Indra, tiraram a cabeça do sábio, substituindo-a por aquela de um cavalo. Indra, informado da violação da palavra de Dadhyac, cortou a cabeça equina dele com seu raio; após o que os Ásvins lhe repuseram a própria dele. É dito que a *pravargyavidyā* implica certos versos do *R̥k̄*, *Yajur*, e *Sāma Vedas*; e a *madhuvidyā*, o *Brāhmaṇa*.

<sup>14</sup> Vadhrimatī era a esposa de certo *Rājarsi* que era impotente. Os Ásvins, propiciados pelas orações dela, lhe deram um filho.

<sup>15</sup> *Vṛka*, mais comumente, ‘um lobo’, mas dito ser aqui sinônimo de *śvan*, ‘um cão’. Yaska o interpreta figurativamente, e representa *vṛka* por *āditya*, ‘o sol’, de cuja posse, ou brilho avassalador, é dito que os Ásvins resgataram a alvorada, após seu apelo a eles.

**15.** O pé de (Viśpalā, a esposa de) Khela foi cortado, como a asa de uma ave, em um combate à noite. Imediatamente vocês deram a ela uma perna de ferro, para que ela pudesse caminhar; o tesouro escondido (do inimigo sendo o objeto do conflito).<sup>16</sup>

Varga 11. **16.** Quando o pai dele fez R̥jrāśva,<sup>17</sup> – porque ele estava dando, para uma loba,<sup>18</sup> cem ovelhas cortadas em pedaços, – ficar cego, vocês, Dasras, médicos (dos deuses), lhe deram olhos, (que tinham sido) incapazes de encontrar seu caminho, com os quais ele pudesse ver.

**17.** A filha do Sol,<sup>19</sup> subiu no seu carro, (como um corredor) em direção a uma meta. Quando vocês ganharam (a corrida), com seu cavalo rápido, todos os deuses observaram, com corações (ansiosos), e vocês, Nāsatyas, foram associados à glória.

**18.** Quando, Aśvins, sendo convidados, vocês foram à residência dele, (para dar as devidas recompensas), para Divodāsa, oferecendo oblações, então a sua carruagem auxiliadora transportava (alimento e) tesouro, e o touro e a toninha foram atrelados juntos.<sup>20</sup>

**19.** Nāsatyas, trazendo força e riqueza, com posteridade e alimento que mantém o vigor, vocês se aproximaram, com uma intenção, da família de Jahnu,<sup>21</sup> (providos) de iguarias (sacrificais), e possuindo uma terceira parte das (oferendas) diárias.

**20.** Imperecíveis Nāsatyas, vocês levaram embora, à noite, no seu carro subjugador de inimigos, Jāhuṣa,<sup>22</sup> cercado, por todos os lados, por (inimigos), através de estradas viáveis, e foram para montanhas (inacessíveis).

Varga 12. **21.** Vocês preservaram Vaśa, Aśvins, (para que ele pudesse obter), em um único dia, mil presentes aceitáveis.<sup>23</sup> Derramadores (de benefícios), associados com Indra, vocês destruíram os inimigos malignos de Pṛthuśravas.<sup>24</sup>

**22.** Vocês ergueram a água do fundo, para o topo, do poço, para que Śara, o filho de R̥catka,<sup>25</sup> bebesse; e, por seus poderes, Nāsatyas, vocês encheram (de leite) a vaca estéril, por causa do cansado Śayu.<sup>26</sup>

**23.** Nāsatyas, por seus atos vocês devolveram a Viśvaka, o filho de Kṛṣṇa, pedindo a sua proteção, adorando-os, e um amante da justiça, seu filho Viṣṇāpū,<sup>27</sup> e (bem-vindo,) para a visão dele, como um animal que tinha sido perdido.

<sup>16</sup> Veja 1.112.10. A história é aqui detalhada mais inteiramente no texto. Somente é acrescentado, nas notas, que Khela era um rei, de quem Agastya era o *purohita*; e foi por causa das preces dele que os Aśvins deram a Viśpalā uma perna de ferro.

<sup>17</sup> R̥jrāśva era o filho de Vṛṣāgir (veja 1.100.17); a cegueira dele foi citada anteriormente (1.112.8), mas aqui nós temos a história em detalhes.

<sup>18</sup> A *vṛkī* era um dos asnos dos Aśvins, disfarçado, para testar a disposição caridosa dele; mas, como ele extorquiu as ovelhas das pessoas, seu pai ficou furioso, e o fez perder sua visão, a qual os Aśvins devolveram para ele.

<sup>19</sup> É relatado que Sūrya estava desejoso de dar sua filha Sūryā para Soma; mas todos os deuses a desejavam como esposa. Eles concordaram que aquele que chegasse primeiro ao sol, como uma meta, se casaria com a donzela. Os Aśvins foram vitoriosos; e Sūryā, bem satisfeita pelo sucesso deles, se apressou, imediatamente, em direção à carruagem deles.

<sup>20</sup> O *vṛṣabha* e o *śiṃśumāra*. O comentador chama o primeiro de *grāha*, que é, propriamente, um jacaré. Mas o *śiṃśumāra*, como é lido usualmente, é, em todos os outros lugares, considerado como um nome da toninha gangética. Eles foram atrelados ao carro dos Aśvins, diz o comentário, para mostrar o poder deles.

<sup>21</sup> *Jahnāvī*, não *Jāhnavī*. Ele é aqui considerado como um adjetivo de *prajā*, progênie. Jahnu é chamado de *Maharṣi*. Ele é um príncipe da dinastia lunar, nos *Purāṇas*.

<sup>22</sup> O nome de certo rei. Nós não temos nada relativo a ele, além do que é afirmado no texto. (Veja 7.71.5).

<sup>23</sup> É dito que Vaśa, um R̥ṣi, recebia presentes diários, ao número de mil. (Veja 1.112.10).

<sup>24</sup> Nós temos um Pṛthuśravas entre os príncipes purânicos, mas nada específico é registrado sobre ele. (*Viṣṇu Purāṇa*, pág. 326).

<sup>25</sup> Nada é detalhado a respeito de Śara, chamado de Ārcatka, o filho de R̥catka.

<sup>26</sup> Veja 1.112.16.

<sup>27</sup> Nós não temos detalhes sobre Kṛṣṇa, Viśvaka e Viṣṇāpū, exceto que eles eram R̥ṣis.

**24.** Aśvins, vocês ergueram, como *Soma* em uma concha, *Rebha*,<sup>28</sup> que, por dez noites e dez dias, tinha jazido (em um poço), atado com amarras apertadas, ferido, imerso, e sofrendo angústia por causa da água.

**25.** Desse modo, Aśvins, eu declarei as suas façanhas. Que eu me torne o dono (desse lugar), tendo gado abundante e uma progênie numerosa, e mantendo a minha visão, e desfrutando de uma vida longa. Que eu chegue à velhice, como (um dono entra em) sua casa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 117 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 116. Aśvins (Griffith)

**1.** Eu preparo como grama<sup>29</sup> a minha música para os Nāsatyas<sup>30</sup> e emito seus louvores como o vento impulsiona nuvens de chuva, que, em um carro rápido como uma flecha, levaram uma consorte para o jovem Vimada<sup>31</sup>.

**2.** Levados por corcéis rápidos de asas poderosas, ou confiando orgulhosamente nos incentivos dos deuses. Aquele seu asno<sup>32</sup> ganhão venceu, ó Nāsatyas, mil na corrida, na disputa de Yama.<sup>33</sup>

**3.** Sim, Aśvins, como um homem morto deixa suas riquezas, Tugra deixou Bhujyu<sup>34</sup> na nuvem de águas. Vocês o trouxeram de volta em navios animados, percorrendo o ar, não molhados pelas ondas.

**4.** Bhujyu vocês trouxeram com objetos alados, Nāsatyas, os quais por três noites e três dias inteiros viajaram rapidamente, para a margem mais distante do mar, a costa do oceano, em três carros, de cem pés, com seis cavalos.

**5.** Vocês fizeram essa façanha heroica no oceano que não dá suporte, ou apoio ou ponto de parada, quando vocês transportaram Bhujyu para a residência dele, levado em um navio com cem remos, ó Aśvins.

**6.** O cavalo branco que vocês deram antigamente para Aghāśva,<sup>35</sup> Aśvins, um presente para ser sua riqueza para sempre, – ainda é digno de ser louvado aquele seu presente glorioso, ainda é digno de ser famoso o cavalo bravo de Pedu.

**7.** Ó Heróis, vocês deram sabedoria para Kaksīvān<sup>36</sup> que surgiu da linhagem de Pajra, que cantava seus louvores. Vocês derramaram do casco do seu forte cavalo de batalha<sup>37</sup> cem jarros de vinho como de um filtro.

---

<sup>28</sup> Veja 1.112.5.

<sup>29</sup> A [grama ou] erva sagrada para os Deuses se sentarem em sacrifícios.

<sup>30</sup> Um nome comum dos Aśvins. Veja 1.3.3.

<sup>31</sup> Os Aśvins ajudaram Vimada, que foi atacado quando voltava para casa com sua noiva recentemente obtida, a quem eles levaram para a casa dele na própria carruagem deles. A maioria dos feitos atribuídos aos Aśvins nesse hino foi mencionada em 1.112.

<sup>32</sup> Que puxa o carro dos Aśvins. Veja 1.34.9.

<sup>33</sup> Aparentemente a corrida instituída pelos Deuses quando Prajāpati (aqui representado por Yama), deu sua filha Sūryā em casamento ao Rei Soma, a Lua, como relatado no *Aitareya Brāhmaṇa*, IV.2. Veja Ehni, *Der Mythos des Yama*, p.160.

<sup>34</sup> Veja 1.112.6.

<sup>35</sup> Outro nome de Pedu; ou um epíteto de Pedu ‘que tem cavalos maus ou viciosos’. Pedu era um R̥ṣi real que adorava os Aśvins e foi recompensado dessa maneira.

<sup>36</sup> Um R̥ṣi famoso, (veja 1.18.1,) um descendente dos Pajras ou Aṅgirasas.

<sup>37</sup> Isto é, a nuvem, da qual os Aśvins derramaram chuvas copiosas. Compare com [o mito grego] do cavalo Pégaso e a fonte Hipocrene.

- 8.** Vocês repeliram com frio a queima feroz do fogo; vocês forneceram alimento muito rico em nutrientes. Atri,<sup>38</sup> lançado para baixo na caverna, Ásvins, vocês levaram, com todo o povo dele, ao conforto.
- 9.** Vocês ergueram o poço,<sup>39</sup> ó Nāsatyas, e puseram a base no alto para abrir para baixo. Rios fluíram para o povo de Gotama que tinha sede, como chuva para trazer abundância multiplicada por mil.
- 10.** Do idoso Cyavāna, ó Nāsatyas, vocês tiraram, como se fosse uma armadura, a pele do seu corpo, prolongaram a vida dele quando todos o tinham deixado desamparado, Dasras!<sup>40</sup> e fizeram dele o senhor de donzelas jovens.
- 11.** Digno de louvor e digno da vitória, Heróis, é aquele seu auxílio favorecedor, ó Nāsatyas, quando vocês, conhecendo bem o caso dele, libertaram Vandana<sup>41</sup> da cova como um tesouro escondido.
- 12.** Aquele feito poderoso de vocês, por ganho, ó Heróis, como o trovão anuncia a chuva, eu divulgo, quando, por meio da cabeça de cavalo, Dadhyac o filho de Atharvan lhes deu a conhecer a doçura do Soma.<sup>42</sup>
- 13.** Na grande rito a dama sábia os chamou, Nāsatyas, Senhores de muitos tesouros, para ajudá-la. Vocês ouviram a esposa do fraco,<sup>43</sup> como se fosse uma ordem, e deram a ela um filho, Hiraṇyahasta.
- 14.** Das mandíbulas do lobo, quando vocês estavam juntos, vocês libertaram a codorniz,<sup>44</sup> ó Heróis, ó Nāsatyas. Vocês, senhores de muitos tesouros, deram visão perfeita ao poeta quando ele lamentou seu problema.
- 15.** Quando, no período da noite, na batalha de Khela,<sup>45</sup> uma perna foi cortada como a asa de um pássaro selvagem, imediatamente vocês deram a Viśpalā uma perna de ferro para que ela pudesse se mover quando o conflito começou.
- 16.** O pai de Rjṛāśva,<sup>46</sup> – que pela loba matou cem carneiros – o privou da sua visão. Vocês lhe deram olhos, Nāsatyas, Fazedores de Milagres, Médicos, para que ele enxergasse com visão ilesa.
- 17.** A Filha do Sol<sup>47</sup> subiu no seu carro, alcançando-o primeiro como se ele fosse a meta com corcéis. Todos os deuses concordaram em seus corações, e vocês, Nāsatyas, estão ligados de perto à glória.
- 18.** Quando vocês chegaram à casa dele, de Divodāsa, se apressando até Bharadvāja,<sup>48</sup> ó Ásvins, o carro que veio com vocês trouxe riquezas esplêndidas: uma toninha e um touro foram atrelados juntos.
- 19.** Vocês, trazendo riqueza com poder, e vida com filhos, vida rica em heróis nobres, ó Nāsatyas, concordantes se aproximaram com força dos filhos de Jahnu<sup>49</sup> que lhes ofereciam três vezes todos os dias a sua parte.

<sup>38</sup> Veja 1.112.7.

<sup>39</sup> Isto é, a nuvem aquosa. Esse feito é atribuído aos Maruts em 1.85.11.

<sup>40</sup> Um nome dos Ásvins; Fazedores de Milagres, ou Poderosos.

<sup>41</sup> Veja 1.112.5.

<sup>42</sup> [Veja a nota 13.]

<sup>43</sup> Ou Vadhrimatī, que tem o mesmo significado.

<sup>44</sup> Veja 1.112.8.

<sup>45</sup> O comentador diz que Khela era um Rājā, cuja parente Viśpalā perdeu um pé em combate e recebeu uma perna de ferro dos Ásvins por causa da prece de Agastya, o sacerdote da família de Khela. Veja 1.112.10.

<sup>46</sup> [Veja as notas 17 e 18.]

<sup>47</sup> [Veja a nota 19.]

<sup>48</sup> Divodāsa: veja 1.112.14. Seu sacerdote familiar era um dos Bharadvājas.

<sup>49</sup> Jahnu era um Maharṣi ou grande Ṛṣi.

**20.** Vocês levaram para longe à noite por caminhos fáceis Jāhuṣa cercado em volta por todos os quadrantes, e, com seu carro que parte o inimigo em pedaços, Nāsatyas que nunca decaem! racharam as montanhas.

**21.** Uma manhã vocês fortaleceram Vaśa<sup>50</sup> para a batalha, para coletar despojos que pudessem ser contados aos milhares. Unidos com Indra vocês afastaram os infortúnios, sim, os inimigos de Pṛthuśravas,<sup>51</sup> ó poderosos.

**22.** Do poço profundo vocês ergueram no alto a água, para que o filho de Ṛcatka, Sara, bebesse; e com seu poder, para ajudar o cansado Śayu,<sup>52</sup> vocês fizeram a vaca estéril produzir leite, Nāsatyas.

**23.** Para Viśvaka, Nāsatyas! filho de Kṛṣṇa, o homem justo que procurou sua ajuda e os louvou, vocês com seus poderes devolveram, como uma criatura perdida, seu filho Viṣṇāpū para os olhos dele verem.

**24.** Ásvins, vocês levantaram, como Soma em uma concha, Rebha,<sup>53</sup> que, por dez dias e dez noites, tinha jazido acorrentado em grilhões cruéis, imerso e ferido, sofrendo aflição severa, nas águas.

**25.** Eu declarei suas façanhas extraordinárias, ó Ásvins: que esse seja meu,<sup>54</sup> e muitas vacas e heróis. Que eu, desfrutando de vida prolongada, ainda vendo, entre na velhice como se fosse a casa em que eu vivo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 117 \(Griffith\)](#)

<sup>50</sup> Veja 1.112.10.

<sup>51</sup> Pṛthuśravas parece ser idêntico a Pṛthuśravas Kānita, citado em 8.46.21, cujo sacerdote familiar era Vaśa.

<sup>52</sup> Mencionado em 1.112.16.

<sup>53</sup> Veja 1.112.5.

<sup>54</sup> Isto é, que eu seja o mestre desse lugar ou distrito, um substantivo de algum significado desse tipo estando implícito.

## Hino 117. Ásvins (Wilson)<sup>1</sup>

(Sūkta II)

Deuses, Ṛṣi e métrica, como antes.

Varga 13. **1.** Ásvins, para a sua satisfação pelo agradável suco *Soma*, seu antigo venerador os adora. A oferenda é derramada sobre a grama sagrada; o hino está pronto (para repetição). Venham, Nāsatyas, com alimento e com vigor.

**2.** Com aquele carro, Ásvins, o qual, rápido como o pensamento, puxado por bons cavalos, aparece diante dos homens, e com o qual vocês se dirigem à residência dos virtuosos, venham, líderes (de sacrifícios), para o nosso domicílio.

**3.** Vocês libertaram, líderes (de ritos), o sábio Atri, que era venerado pelas cinco classes de homens, da prisão cruel, junto com sua tropa (de filhos), destruindo os inimigos dele, e frustrando, derramadores (de benefícios), os artifícios dos Dasyus malignos.

**4.** Líderes (de sacrifício), derramadores (de benefícios), vocês restabeleceram Rebha, – lançado, por (inimigos) inatacáveis, na água, e ferido, como um cavalo (doente), – por meio da sua habilidade (curativa). Os seus atos de heroísmo não desaparecem (da memória).

**5.** Vocês libertaram, Dasras, o sábio Vandana, atirado em um poço, como um ornamento belo e esplêndido projetado para embelezamento, e (jazendo), Ásvins, como alguém adormecido no colo da terra, ou como o sol desaparecendo na escuridão.

Varga 14. **6.** Aquela (façanha) de vocês, líderes (de sacrifício), é para ser celebrada, Nāsatyas, por Kakṣīvat, da linhagem de Pajra, quando vocês encheram, para o homem (expectante), cem vasos de (licores) doces a partir do casco do seu cavalo veloz.

**7.** Vocês devolveram, líderes (de sacrifícios), Viṣṇāpū (o filho perdido dele) para Viśvaka, o filho de Kṛṣṇa, quando ele louvou a vocês; vocês concederam, Ásvins, um marido para Ghoṣā, envelhecendo, e permanecendo na casa do pai dela.<sup>2</sup>

**8.** Vocês deram, Ásvins, uma noiva amável para Śyāva;<sup>3</sup> vocês deram visão para Kaṇva,<sup>4</sup> incapaz de ver seu caminho. Derramadores (de benefícios), deve ser glorificado o ato pelo qual vocês deram audição ao filho de Nṛṣad.<sup>5</sup>

**9.** Ásvins, que assumem muitas formas, vocês deram a Pedu um cavalo veloz, o portador de mil (tesouros), poderoso, irresistível, o destruidor de inimigos, o objeto de louvor, o que transporta (acima dos perigos).

**10.** Doadores generosos, esses seus feitos devem ser celebrados; e a prece ressonante os propicia, enquanto permanecendo no céu e na terra. Quando os descendentes de Pajra convidarem vocês, Ásvins, venham, com alimento, e deem força ao sábio (que presta culto a vocês).

Varga 15. **11.** Ásvins, glorificados pelos louvores do filho (do jarro),<sup>6</sup> e dando alimento, nutridores (de homens), para o sábio (Bharadvāja), exaltados por Agastya com oração, vocês restauraram, Nāsatyas, Viśpalā.

<sup>1</sup> [A maioria das pessoas e incidentes citados nesse hino são mencionados no hino anterior e no 1.112.]

<sup>2</sup> Ghoṣā era a filha de Kakṣīvat. Ela era uma leprosa, e, portanto, inadequada para ser casada; mas, quando em idade avançada, ela rezou para os Ásvins, que curaram sua lepra, e a restauraram à beleza e juventude, de modo que ela obteve um marido. (Veja 1.122.5).

<sup>3</sup> Śyāva, um Ṛṣi, tinha lepra negra, mas foi curado dela pelos Ásvins, e, conseqüentemente, se casou.

<sup>4</sup> A cegueira de Kaṇva não é citada em nenhum dos hinos dele encontrados até agora. (Veja 8.5.23).

<sup>5</sup> O nome do filho de Nṛṣad não é citado; ele é chamado de Ṛṣi. (Kaṇva é mencionado: veja 10.31.11).

<sup>6</sup> Nós temos somente 'filho' (*sūnu*): o comentador acrescenta *kumbhāt prasūtah*, isto é, Agastya. Do mesmo modo, também, o texto dá apenas *viprāya*, o qual o comentário amplia por *Bharadvājāya ṛṣaye*.

**12.** Para onde vocês estavam indo, filhos do céu, derramadores (de benefícios), quando, em seu caminho para a residência de Kāvya,<sup>7</sup> (para receber) a adoração (dele), vocês ergueram (Rebha), Ásvins, no décimo dia, como um recipiente enterrado cheio de ouro?

**13.** Vocês tornaram, por seu poder, Ásvins, o idoso Cyavāna jovem novamente. A filha do sol, Nāsatyas, envolveu sua carruagem com beleza.

**14.** Dissipadores de aflição, como vocês foram louvados, com louvores antigos, por Tugra, assim vocês foram, novamente, adorados (por ele), quando vocês trouxeram Bhujyu salvo, do oceano agitado, com navios velozes<sup>8</sup> e cavalos rápidos.

**15.** O filho de Tugra, levado de volta por vocês, Ásvins, (ao pai dele), os glorificou, quando ele tinha cruzado o oceano em segurança; e vocês o levaram, derramadores (de benefícios), com seu carro bem atrelado, veloz como o pensamento, para a segurança.

Varga 16. **16.** A codorniz os glorificou, Ásvins, quando vocês a salvaram da boca do lobo; vocês levaram (Jāhuṣa) para o topo da montanha, em sua carruagem triunfante, e mataram o filho de Viśvāc<sup>9</sup> com uma (flecha) envenenada.

**17.** Vocês devolveram a visão para Rjṛāśva, que, ao oferecer cem ovelhas para a loba, tinha sido condenado à escuridão por seu pai indignado, e deram luz ao cego, com a qual contemplar todas as coisas.

**18.** (Desejando) que o prazer (resultante da perfeição) dos sentidos (fosse devolvido ao cego), a loba invocou vocês, (dizendo): Ásvins, derramadores (de benefícios), líderes (de sacrifícios), Rjṛāśva, (pródigo) como um homem jovem galante, (deu a mim) cento e uma ovelhas, cortando-as em fragmentos.

**19.** Ásvins, sua proteção poderosa é a fonte de felicidade: dignos de louvor, vocês tornaram inteira a mutilada,<sup>10</sup> por isso a inteligente (Ghoṣā)<sup>11</sup> invocou vocês. Derramadores (de benefícios), venham para cá, com seus auxílios.

**20.** Ásvins, vocês encheram de leite a vaca sem leite, estéril, e emaciada de Śayu; vocês levaram, por seus poderes, a filha de Purumitra,<sup>12</sup> como uma esposa, para Vimada.

Varga 17. **21.** Ásvins, fazendo a cevada ser semeada (nos campos que tinham sido preparados) pelo arado, ordenhando (as nuvens) por causa de Manu, destruindo o Dasyu com o raio, vocês concederam luz brilhante ao Ārya.<sup>13</sup>

**22.** Vocês repuseram, Ásvins, com a cabeça de um cavalo, (a cabeça de) Dadhyac, o filho de Atharvan; e, fiel à sua promessa, ele revelou para vocês o conhecimento místico que ele tinha aprendido de Tvaṣṭṛ, e que era como uma ligadura da cintura de vocês.<sup>14</sup>

**23.** Sapientes Ásvins, eu sempre peço a sua graça. Protejam todos os meus deveres religiosos, e concedam, Nāsatyas, riqueza abundante e excelente, junto com filhos.

**24.** Generosos Ásvins, líderes (de sacrifícios), vocês deram para Vadhrimatī seu filho Hiranyahasta. Generosos Ásvins, vocês devolveram à vida o triplamente mutilado Śyāva.<sup>15</sup>

<sup>7</sup> Uśanas, o filho de Kavi. (Veja 1.83.5 e 1.121.12).

<sup>8</sup> Como 'velozes' nós temos *vibhiḥ*, ao qual o comentador adiciona *naubhiḥ*, navios.

<sup>9</sup> Viśvāc é chamado de *Asura*; o texto diz: 'cujo filho vocês mataram com veneno', o comentador explica que isso significa uma flecha envenenada.

<sup>10</sup> [Aqui eu usei o feminino ao supor que essa pode ser uma referência a Viśpalā. Veja 1.16.15.]

<sup>11</sup> Veja a nota 1.

<sup>12</sup> Sobre Purumitra é dito apenas que ele era certo *Rājā*.

<sup>13</sup> *Āryāya*. O comentador explica isso como *viduṣe*, 'para o sábio', isto é, para, ou sobre, Manu; mas a ocorrência prévia de *Dasyu* parece permitir o entendimento de *Ārya* como seu contraste, e tratá-lo como um apelativo nacional. Pode ser observado, também, que o texto tem *Manuṣa*, o qual, diz o comentador, é, aqui, um sinônimo de Manu, mas que, mais comumente, designa *homem*.

<sup>14</sup> *Tvaṣṭṛ* é, aqui, considerado como sinônimo de Indra. O conhecimento era *kaṅṣyam vām*, – 'um cinto para vocês dois'; fortalecendo-os para realizar ritos religiosos.

<sup>15</sup> Ele foi cortado em três pedaços, – pelos *Asuras*, é dito, – os quais foram reunidos em um pelos Ásvins.

**25.** Essas suas façanhas antigas, Ásvins, os nossos antepassados celebraram; e nós oferecemos adoração a vocês, derramadores (de benefícios), repetindo os seus louvores, acompanhados pelos nossos dependentes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 118 \(Wilson\)](#)

### **Hino 117. Ásvins (Griffith)**

1. Ásvins, seu sacerdote antigo os convida para cá para se alegrarem com doses de hidromel de Soma. Nosso presente está sobre a grama, nossa canção repartida: com alimento e força venham para cá, ó Nāsatyas.
2. Aquele seu carro, mais rápido que o pensamento, ó Ásvins, o qual puxado por bravos corcéis se aproxima do povo, no qual vocês procuram a morada dos piedosos, – venham nele para a nossa residência, ó Heróis.
3. Vocês libertaram o sábio Atri, a quem as Cinco Tribos<sup>16</sup> honravam, do poço estreito, ó heróis, com o povo dele, frustrando as artimanhas do maligno Dasyu, repelindo-as, ó Poderosos, em sucessão.
4. Rebha o sábio, ó heróis poderosos, Ásvins! a quem, como um cavalo,<sup>17</sup> homens vis tinham afundado na água, – a ele, ferido, vocês regataram com seu poder extraordinário: suas façanhas dos tempos antigos duram para sempre.
5. Vocês trouxeram Vandana para fora, ó Fazedores de Milagres, para triunfar, como ouro belo que tinha sido enterrado, como alguém que dormia no colo da destruição, ou como o Sol quando residindo na escuridão.
6. Kakṣivān, o filho de Pajra, deve louvar aquela façanha de vocês, Nāsatyas, Heróis, vocês que vagam! quando do casco do seu cavalo forte vocês derramaram cem jarros de mel para o povo.
7. Para o filho de Kṛṣṇa, para Viśvaka que os louvou, ó Heróis, vocês devolveram seu filho Viṣṇāpū. Para Ghoṣā,<sup>18</sup> vivendo na residência do pai dela, de idade avançada, vocês deram um marido, Ásvins.
8. Ruṣatī, do povo poderoso, Ásvins, vocês deram para Śyāva<sup>19</sup> da linhagem de Kaṇva. Este seu feito, ó Fortes, deve ser divulgado, que vocês deram glória ao filho de Nṛṣad.<sup>20</sup>
9. Ó Ásvins, usando muitas formas à vontade, vocês concederam a Pedu um corcel de andar ligeiro, forte, ganhador de mil despojos, irresistível, o matador de serpente,<sup>21</sup> glorioso, triunfante.
10. Esses atos gloriosos são seus, ó Doadores Generosos; oração, louvor em ambos os mundos são sua habitação. Ó Ásvins, quando os filhos de Pajra os chamarem, enviem força com nutrição para aquele que sabe.
11. Louvados com a reverência de um filho, ó Ásvins, os Rápidos que dão recompensa para o cantor, glorificados por Agastya<sup>22</sup> com devoção, estabeleceram Viśpalā novamente, Nāsatyas.

<sup>16</sup> As famílias arianas confederadas citadas na nota 6 do hino 7.

<sup>17</sup> Afundado profundamente na água como um cavalo quando ele é banhado em um rio.

<sup>18</sup> [Veja a nota 1.]

<sup>19</sup> Um Rṣi a quem os Ásvins curaram da lepra, e tornaram apto para se casar com Ruṣatī.

<sup>20</sup> O filho de Nṛṣad é Kaṇva ou seu descendente Śyāva.

<sup>21</sup> Veja 9.88.4, e os *Hinos do Atharva-veda*, 10.4.47.

<sup>22</sup> O sacerdote familiar de Khela. Veja 1.116.15.

- 12.** Ó Filhos do Céu, ó Poderosos, para onde vocês foram, vocês procuraram a casa de Kāvya por causa do seu belo louvor, quando, como um jarro cheio de ouro, ó Ásvins, no décimo dia vocês levantaram o enterrado?<sup>23</sup>
- 13.** Vocês, com a ajuda dos seus grandes poderes, ó Ásvins, devolveram à juventude o homem ancião Cyavāna. A Filha do Sol com toda a sua glória, ó Nāsatyas, escolheu o seu carro para levá-la.
- 14.** Vocês, os sempre jovens, novamente se lembraram de Tugra, de acordo com seu modo antigo: com cavalos marrons que voavam com asas rápidas vocês trouxeram de volta Bhujyu do mar de ondas.
- 15.** O filho de Tugra invocou vocês, Ásvins; conduzido adiante ele passou incólume através do oceano. Vocês com sua carruagem rápida como o pensamento, bem atrelada, o levaram, ó Poderosos, para a segurança.
- 16.** A codorna os invocou, ó Ásvins, quando das mandíbulas devoradoras do lobo vocês a libertaram. Com o carro conquistador vocês partiram cumes da montanha: a prole de Viśvāc<sup>24</sup> vocês mataram com veneno.
- 17.** Ele a quem, por fornecer cem carneiros para a loba, seu perverso pai cegou, – a ele, Rjṛāśva, vocês deram visão, ó Ásvins; luz ao cego vocês enviaram para visão perfeita.
- 18.** Para levar alegria ao homem cego a loba gritou dessa maneira: ó Ásvins, ó Poderosos, ó Heróis, para mim Rjṛāśva, como um amante jovem, cortou em pedaços cento e um carneiros.
- 19.** Sua ajuda é grandiosa e concessora de felicidade, ó Ásvins, vocês, objetos de todo pensamento, tornaram incólume o aleijado.<sup>25</sup> Purandhi<sup>26</sup> também os invocou por esse motivo, e vocês, ó poderosos, foram a ela com auxílio.
- 20.** Vocês, Fazedores de Milagres, encheram de leite para Śayu a vaca sem leite, magra, estéril; e por seus poderes vocês levaram a filha de Purumitra para Vimada para ser a consorte dele.
- 21.** Arando e semeando cevada, ó Ásvins, ordenhando alimento para os homens, ó Fazedores de Milagres, destruindo o Dasyu com sua trombeta, vocês deram luz que se propaga longe para o Ārya.
- 22.** Vocês trouxeram a cabeça de cavalo, Ásvins, e a deram para Dadhyac o filho de Atharvan. Fiel, ele revelou a vocês, ó Fazedores de Milagres, o doce Soma, o segredo de Tvaṣṭar, como seu cinto.<sup>27</sup>
- 23.** Ó sábios, eu sempre eu almejo seu favor: sejam favoráveis a todas as minhas preces, ó Ásvins. Concedam-me, Nāsatyas, riquezas em abundância, prosperidade famosa e acompanhada de filhos.
- 24.** Com generosidade abundante para com a consorte do fraco vocês, Heróis, deram um filho Hiraṇyahasta; e Śyāva, cortado em três pedaços separados, vocês trouxeram à vida novamente, ó Ásvins generosos.
- 25.** Esses seus feitos heróicos, ó Ásvins, feitos nos tempos antigos, os homens têm narrado. Que nós, dirigindo oração a vocês, ó Poderosos, possamos falar com filhos valentes em volta de nós no sínodo.<sup>28</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 118 \(Griffith\)](#)

<sup>23</sup> Rebha. O sentido é: ‘Por que vocês demoraram tanto para resgatar Rebha?’

<sup>24</sup> Dito ser um Asura ou demônio.

<sup>25</sup> [Como aqui a palavra admite mais significados além de ‘mutilado’ eu a deixei no masculino, o que poderia ser uma referência a Parāvṛj ou Śroṇa. Veja 1.112.8, nota 13.]

<sup>26</sup> Ou, como Sāyaṇa explica, ‘a donzela sábia’, Ghoṣā.

<sup>27</sup> Para fortalecer e ajudar vocês.

<sup>28</sup> Isto é, na congregação de adoradores.

---

## Hino 118. Ásvins (Wilson)

(Sūkta III)

Deuses, Ṛṣi e métrica, como antes.

Varga 18. **1.** Que o seu carro elegante e rico, veloz como um falcão, venha, Ásvins, à nossa presença; pois ele é tão rápido quanto a mente do homem, encimado, derramadores (de benefícios), por três colunas, e ligeiro como o vento.

**2.** Venham a nós, com seu carro triangular, de três colunas, de três rodas,<sup>1</sup> e bem construído; encham as nossas vacas (com leite); deem vitalidade aos nossos cavalos; e aumentem, Ásvins, a nossa posteridade.

**3.** Dasras, (tendo chegado,) com seu carro de movimento rápido, e bem construído, ouçam esse hino, (recitado por alguém) que os venera. Os sábios antigos não dizem que vocês são os mais preparados, Ásvins, (para afastar a) pobreza do adorador?

**4.** Que os seus corcéis de movimento rápido, saltitantes, velozes como falcões, atrelados ao seu carro, os tragam, Ásvins, (para cá), que, rápidos como água (caindo), como urubus voando pelo ar, os transportam, Nāsatyas, para o sacrifício.

**5.** Líderes (de sacrifício), a filha jovem de Sūrya subiu, encantada, nesse seu carro.<sup>2</sup> Que seus cavalos de corpo forte, rampantes, velozes e brilhantes os tragam para perto de nós.

Varga 19. **6.** Por seus feitos, Dasras, vocês ergueram Vandana, e, derramadores (de benefícios), Rebha; vocês conduziram o filho de Tugra por cima do oceano, e tornaram Cyavāna jovem.

**7.** Vocês (deram libertação) ao aprisionado Atri, extinguindo o calor abrasador, e o alimentaram com alimento agradável; desejosos de louvor digno, vocês deram visão para Kaṇva, cegado (pela escuridão).

**8.** Vocês encheram de leite a vaca dele, Ásvins, para o ancião Śayu, quando implorando (a sua ajuda); vocês livraram a codorniz do perigo; vocês deram uma perna para Viśpalā.

**9.** Vocês deram para Pedu, Ásvins, o corcel branco que pisoteia inimigos que vocês receberam de Indra, que relincha alto (em batalha), que desafia inimigos, destemido, o obtentor de mil tesouros, vigoroso, e de corpo firme.

**10.** Nós os chamamos fervorosamente, líderes (do sacrifício), assim (como vocês foram descritos), e que são bem nascidos, para nos ajudar, – pedindo, Ásvins, prosperidade. Satisfeitos com nossos louvores, venham até nós, com seu carro opulento, para nos dar felicidade.

**11.** Venham a nós, auspiciosos Nāsatyas, com a velocidade vigorosa de um falcão. Portando uma oblação, eu os invoco, Ásvins, ao nascer da aurora sempre constante.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 119 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> Veja 1.34.2.

<sup>2</sup> Nesse e na maioria dos versos seguintes, nós temos alusões às mesmas pessoas e incidentes que foram citados previamente, na maioria dos casos, repetidamente, mas em geral, nesse hino, mais resumidamente.

## Hino 118. Ásvins (Griffith)

1. Voando, com falcões, que a sua carruagem, Ásvins, a mais graciosa, trazendo auxílio amigável, venha para cá, – sua carruagem, mais veloz do que a mente dos mortais, rápida como o vento, de três assentos, ó Poderosos.
2. Venham a nós com sua carruagem de assento triplo, de três rodas, de forma tripla, que roda ligeiramente. Encham totalmente as nossas vacas, deem vigor aos nossos cavalos, e façam cada filho herói crescer forte, ó Ásvins.
3. Com seu carro que roda bem, descendo rapidamente, ouçam essa canção da pedra de pressão, ó Fazedores de Milagres. Como, então, os antigos sábios diziam, ó Ásvins, que vocês chegavam mais rapidamente para pôr fim à aflição?
4. Ó Ásvins, que seus falcões os tragam para cá, atrelados à sua carruagem, rápidos, com asas voadoras, os quais, sempre ativos, como as águias airoas, os conduzem, ó Nāsatyas, para o banquete.
5. A jovem Filha do Sol, alegrando-se com vocês, subiu lá na sua carruagem, Heróis. Suportados em suas asas rápidas que seus cavalos belos, seus pássaros de cor vermelhada, os tragam para perto de nós.
6. Vocês ergueram Vandana, fortes Fazedores de Milagres! com grande força, e com poder vocês resgataram Rebha. Do oceano vocês salvaram o filho de Tugra, e deram novamente para Cyavāna a juventude dele.
7. Para Atri, lançado no fogo que o chamuscava, vocês deram, ó Ásvins, favor e alimento fortalecedor. Aceitando seus belos louvores com aprovação, vocês deram novamente ao cego Kaṇva sua visão.
8. Para o ancião Śayu em sua aflição severa vocês fizeram sua vaca se encher de leite, ó Ásvins. Vocês livraram a codorniz da sua grande miséria, e forneceram uma nova perna para Viśpalā.
9. Um cavalo branco, Ásvins, vocês deram a Pedu, um corcel matador de serpentes enviado por Indra, de relincho alto, conquistador de inimigos, de grande vigor, de membros firmes e vigorosos, ganhador de mil tesouros.
10. Assim como vocês são, ó nascidos nobremente, ó heróis, nós em nossa dificuldade os chamamos por socorro. Aceitando essas nossas canções, para o nosso bem-estar venham até nós em sua carruagem carregada de tesouros.
11. Venham a nós juntos por amor, Nāsatyas; venham com a força rápida vigorosa do falcão. Portando oblações eu os invoco, Ásvins, no primeiro romper da manhã perpétua.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 119 \(Griffith\)](#)

## Hino 119. Ásvins (Wilson)

(Sūkta IV)

Ṛṣi e deuses, os mesmos; a métrica é Jagatī.

Varga 20. **1.** Desejando alimento, eu invoco, (Ásvins), para manter a vida, o seu carro extraordinário, rápido como o pensamento, puxado por cavalos velozes, digno de veneração,

de muitas bandeiras, que traz chuva, que contém opulência, que concede deleite abundantemente, e que confere riquezas.

**2.** Ao movimento dele, as nossas mentes se elevaram no alto, em louvor; os nossos hinos alcançam (os Ásvins). Eu adoço a oblação; os assistentes se aproximam; Ūrjānī<sup>1</sup> (a filha do sol,) subiu, Ásvins, no seu carro.

**3.** Quando (homens) devotos e inúmeros, vitoriosos em batalha, lutando entre si por riqueza, se reúnem, seu carro, Ásvins, é percebido, em seu curso para baixo, no qual vocês levam (tesouro) excelente, para o adorador.

**4.** Vocês trouxeram de volta, para seus pais, Bhujyu, que, levado pelos próprios corcéis dele, tinha perecido, (mas que vocês regataram) com seus cavalos autoatrelados, e foram, derramadores (de benefícios), para a distante residência dele, e foi grande o auxílio que, é sabido, vocês prestaram a Divodāsa.

**5.** Ásvins, seus (cavalos) admiráveis conduziram o carro que vocês tinham atrelado, (primeiro,) à meta, por causa de honra; e a donzela que era o prêmio veio, por afeição, até vocês, e reconheceu a sua (condição de marido), dizendo: Vocês são (meus) senhores.

Varga 21. **6.** Vocês protegeram Rebha da violência em volta dele; vocês apagaram, com neve, para Atri, o calor abrasador; vocês produziram leite, na vaca de Śayu; e (por vocês) Vandana foi dotado de uma vida prolongada.

**7.** Hábeis Dasras, vocês renovaram Vandana, quando debilitado pela velhice; como um (fabricante de rodas conserta um) carro (desgastado); (movidos) pelos louvores dele, vocês trouxeram para fora do útero o sábio<sup>2</sup> (Vāmadeva). Que os seus feitos (gloriosos) sejam (mostrados) para aquele que, nesse lugar, lhes oferece culto.

**8.** Vocês foram até aquele que, afligido pelo abandono de seu próprio pai, rezou a vocês de longe.<sup>3</sup> Por isso os seus auxílios imediatos e extraordinários têm sido desejados, (por todos).

**9.** Aquela abelha procurando mel, também, murmurou seu louvor: o filho de Uśij os chama para a alegria do suco *Soma*. Vocês conciliaram a mente de Dadhyac, de modo que, provido da cabeça de um cavalo, ele lhes ensinou (a ciência mística).

**10.** Ásvins, vocês deram a Pedu o (cavalo) branco, desejado por muitos, o que irrompe por entre os combatentes, brilhante, inconquistável por inimigos em batalha, apto para todo trabalho; como Indra, o vencedor de homens.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 120 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 119. Ásvins (Griffith)

**1.** Para cá, para que eu possa viver, eu chamo para o banquete o seu carro maravilhoso, veloz como o pensamento, levado adiante por corcéis rápidos. Com mil bandeiras, cem tesouros, derramando dádivas, prontamente obediente, concedendo amplo espaço.

**2.** Enquanto ele se move para perto o meu hino é erguido, e todas as regiões se reúnem para cantar louvores. Eu adoço as oblações; agora os auxiliares vêm. Ūrjānī,<sup>4</sup> ó Ásvins, subiu no seu carro.

---

<sup>1</sup> Veja 1.116.17, onde ela é chamada de Sūryā.

<sup>2</sup> O texto não o nomeia. O comentador o chama de Vāmadeva, mas nada mais é dito sobre ele, além de que ele invocou a ajuda dos Ásvins, enquanto ainda estava no útero da mãe dele.

<sup>3</sup> É dito que isso se refere à história de Bhujyu, a quem seu pai, Tugra, tinha abandonado, ou, talvez, mais propriamente, era incapaz de socorrer.

<sup>4</sup> A força personificada. De acordo com Sāyaṇa, Ūrjānī é Sūryā a filha do sol.

**3.** Quando homem lutando com homem por glória se reuniram, ativos, imensuráveis, ávidos pela vitória em combate, então de fato o seu carro é visto sobre a encosta<sup>5</sup> quando vocês, ó Ásvins, trazem alguma bênção seleta para o príncipe.

**4.** Vocês chegaram até Bhujyu<sup>6</sup> enquanto ele lutava no oceano, com pássaros voadores, autoatrelados, vocês o levaram até os pais dele. Vocês foram para o lar muito distante, ó Poderosos; e é famoso o seu grande auxílio dado para Divodāsa.

**5.** Ásvins, o carro que vocês tinham atrelado para exibição gloriosa suas próprias duas vozes incitaram direcionado para o seu objetivo. Então, ela que veio por amizade, donzela de nascimento nobre, os elegeu como Maridos, vocês para serem os Senhores dela.<sup>7</sup>

**6.** Vocês salvaram Rebha da tirania; por causa de Atri vocês extinguiram com frio a cova de fogo que o cercava. Vocês fizeram a vaca de Śayu jorrar leite refrescante, e Vandana foi ajudado com vida prolongada.

**7.** Fazedores de maravilhas, trabalhadores hábeis, vocês renovaram Vandana, como um carro, desgastado com longura de dias. Da terra vocês trouxeram o sábio à vida de modo extraordinário; que as suas grandes obras sejam feitas aqui para aquele que os honra.

**8.** Vocês para aquele que lamentava<sup>8</sup> em um lugar muito distante, ele que foi deixado abandonado por traição de seu pai. Rica com a luz do céu foi então a ajuda que vocês deram, e maravilhoso o seu auxílio quando vocês ficaram ao lado dele.

**9.** Para vocês em louvor à doçura cantou a abelha de mel:<sup>9</sup> Auśija os chama na alegria arrebatadora do Soma. Vocês atraíram para si mesmos o espírito de Dadhyac, e então a cabeça do cavalo proferiu as palavras dele para vocês.

**10.** Vocês forneceram cavalo para Pedu, excelente, branco, ó Ásvins, conquistador de combatentes, invencível em guerra por setas, buscando céu digno de fama, como Indra, vencedor de homens.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 120 \(Griffith\)](#)

---

<sup>5</sup> Isto é, no céu.

<sup>6</sup> Bhujyu e outras pessoas e incidentes mencionados nesse hino foram citados em 1.116.

<sup>7</sup> *Ela que veio por amizade*: Sūryā. O sentido parece ser, como diz Ludwig, que ela veio pretendendo se utilizar dos serviços dos Ásvins como padrinhos da noiva, e que em vez disso eles se tornaram os noivos dela.

<sup>8</sup> Bhujyu.

<sup>9</sup> Querendo dizer Auśija o filho de Uśij, o sábio Kakṣivān.

## Hino 120. Ásvins (Wilson)

(Sūkta V)

Os deuses e R̥ṣi são os mesmos, exceto que a última estrofe é endereçada ao Remédio contra sonhos ruins. Das doze estrofes do hino, as primeiras nove estão no mesmo número de métricas diferentes;<sup>1</sup> as três últimas estão na medida Gāyatrī.

Varga 22. **1.** Qual louvor pode propiciá-los, Ásvins? Quem pode dar satisfação a vocês dois? Como pode algum (homem) ignorante prestar homenagem adequada?

**2.** Desse modo um homem ignorante pode perguntar os meios de adorar os oniscientes; pois cada (um) exceto (os Ásvins,) é ignorante. Eles, os invictos, rapidamente (mostram favor) ao homem (que os adora).

**3.** Nós invocamos a vocês, que conhecem todas as coisas. Que vocês, que são oniscientes, declarem para nós, hoje, o louvor que é aceitável. Desejoso da sua presença, eu os reverencio, oferecendo (oblações).

**4.** Eu não convido os deuses, imaturos (em sabedoria),<sup>2</sup> mas vocês, Dasras. Bebam da maravilhosa oferenda queimada concessora de força, e nos tornem vigorosos.

**5.** (Poderoso é) o hino que foi repetido pelo filho<sup>3</sup> de Ghoṣā, e por Bhr̥gu, e com qual hino os Aṅgirasas os adoram. Que o sábio (Kakṣīvat), desejoso (de alimento), o obtenha abundantemente.

Varga 23. **6.** Ouçam a canção do cambaleante (homem cego);<sup>4</sup> pois, de fato, Ásvins, eu os glorifico, recuperando a minha visão (através de vocês), que são protetores de boas obras.

**7.** Vocês têm sido dadores de grandes riquezas; vocês também as têm feito desaparecer. Vocês, que são doadores de residências, se tornem os nossos protetores: protejam-nos do ladrão perverso.

**8.** Não nos entreguem, Ásvins, aos nossos inimigos; que as nossas vacas, que nos nutrem com seus úberes, nunca se percam de nossas casas, separadas de seus bezeros.

**9.** Aqueles que os adoram obtêm (riqueza,) para o sustento de seus amigos. Conduzam-nos à opulência concedendo alimento, guiem-nos ao alimento associado com vacas.

**10.** Eu obtive, sem cavalos, o carro dos Ásvins concessores de alimento, e espero (ganhar), por meio dele, muita (riqueza).

**11.** Esse (é aquele que te obteve), (carro) portador de riquezas. Aumenta (a minha prosperidade). Que o carro encantador leve a bebida de *Soma* dos homens (para os Ásvins).

**12.** Agora eu desdenho o sono, e o homem rico que não beneficia os outros; pois ambos (o sono de manhã e o homem rico egoísta) perecem rapidamente.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 121 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> [Veja-as no *Índice dos Sūktas do Maṇḍala 1*, ao final do livro.]

<sup>2</sup> *Pākyā*, ‘para serem amadurecidos’; ainda não maduros em sabedoria (*paktavyaprajnānān*).

<sup>3</sup> Que é chamado, pelo comentador, de Suhastya. (Veja 10.41.3, [por Wilson]).

<sup>4</sup> R̥jṛāśva. (Veja 1.117.17).

## Hino 120. Ásvins (Griffith)<sup>5</sup>

1. Ásvins, qual louvor pode ganhar sua graça? Quem pode ser agradável para vocês dois? Como os ignorantes devem adorá-los?
2. Aqui que os ignorantes perguntem os meios para vocês que sabem, – pois ninguém além de vocês conhece coisa alguma, – não para um débil homem mortal.
3. Assim como vocês são, oniscientes, nós os chamamos. Ó sábios, declarem-nos nesse dia a oração aceita. Adorando-os bem seu servo os louva.
4. Simplesmente, ó Poderosos, eu pergunto aos Deuses sobre aquela oblação maravilhosa santificada pela palavra mística.<sup>6</sup> Salvem-nos do que é mais forte, mais feroz do que nós mesmos.
5. Segue adiante o hino que brilhou em Ghoṣā como de Bhṛgu, a canção com a qual o filho de Pajra<sup>7</sup> os adora, como um ministro sábio.
6. Ouçam a canção dele que se apressa rapidamente. Ó Ásvins, eu sou aquele que cantou o seu louvor. Para cá, ó Senhores do Esplendor, para cá dirijam seus olhos.
7. Pois vocês estavam sempre perto para distribuir ampla riqueza, para dar a riqueza que vocês tinham reunido. Como tais, ó Vasus, protejam-nos bem, e nos mantenham em segurança do lobo mau.
8. Não nos entreguem a algum homem que nos odeie, nem que as nossas vacas leiteiras, cujos úberes nos dão alimento, se percam, longe de nossas casas, sem seus bezerros.
9. Que aqueles que amam vocês os obtenham como seus Amigos. Preparem-nos para a opulência com alimento fortalecedor, preparem-nos para o alimento que mana das nossas vacas.
10. Eu obtive o carro sem cavalos dos Ásvins ricos em sacrifício, e eu estou bem satisfeito com ele.
11. Que ele me conduza sempre: que a leve carruagem passe de homens para homens para o gole de Soma.
12. Eu menosprezo o sono, e os ricos que não desfrutam: ambos desaparecem rapidamente e se perdem.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 121 \(Griffith\)](#)

<sup>5</sup> Com relação às lendas narradas nesses hinos aos Ásvins, J. Muir observa (*Original Sanskrit Texts*, V. 248): “Os resgates de Rebha, Vandana, Parāvrij, Bhujyu, Cyavāna, e outros são explicados pelo professor Benfey (seguindo o Dr. Kuhn e o professor Max Müller,) como se referindo a certos fenômenos físicos com os quais se supõe que os Ásvins estão conectados. Mas esse método alegórico de interpretação não parece estar correto, porque é difícil supor que os fenômenos em questão tivessem sido mencionados sob tal variedade de nomes e circunstâncias. Parece, portanto, ser mais provável que os Ṛṣis somente se refiram a certas lendas que eram correntes popularmente a respeito das intervenções dos Ásvins em favor das pessoas cujos nomes são citados”.

Partes desse hino são difíceis e obscuras. As primeiras nove estrofes estão em nove métricas diferentes.

<sup>6</sup> Pela exclamação *vaṣaṭ*, usada ao fazer uma oblação ao fogo. Essa palavra é da mais essencial importância em sacrifícios, mas se usada descuidadamente e inconsideravelmente seus efeitos são mortais, e contra esses o Ṛṣi reza por proteção.

<sup>7</sup> Um dos descendentes dos Aṅgirasas; aqui, segundo Sāyaṇa, o Ṛṣi Kakṣivān.

## Hino 121. Indra (Wilson)

(Anuvāka 18. Sūkta I)

Os deuses são os Viśvedevas, ou Indra; o Ṛṣi é Kakṣīvat; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 24. **1.** Quando Indra, o protetor de homens, e concessor de riquezas, ouvirá os louvores, (recitados) desse modo, dos Aṅgirasas, que são devotados aos deuses? Quando ele percebe os ministros do dono da mansão, ele exulta muito.

**2.** Ele, de fato, sustenta o céu: ele, o brilhante, o condutor do rebanho (roubado), derrama a água (corrente), por causa do alimento; o poderoso Indra se manifesta depois da sua própria filha,<sup>1</sup> (a aurora); ele tornou a fêmea do cavalo artificialmente a mãe da vaca.<sup>2</sup>

**3.** Que ele, iluminando a (alvorada) púrpura, ouça a invocação (endereçada a ele) antigamente, concedendo diariamente prosperidade à linhagem de Aṅgiras. Ele afiou sua seta fatal; ele tem sustentado o céu, para o bem de homens, de quadrúpedes, e bípedes.

**4.** Na alegria desse suco *Soma*, tu recuperaste o célebre rebanho de gado, escondido (na caverna), por causa de sacrifício, (para os Aṅgirasas). Quando, Indra, o cume triplo<sup>3</sup> se envolve em combate, ele abre as portas dos descendentes tirânicos de Manus;<sup>4</sup> –

**5.** Quando teus pais (céu e terra), os protetores (do mundo), trouxeram a oblação nutritiva e revigorante para ti, que és rápido em ação, e quando eles te ofereceram o leite puro e precioso da vaca leiteira.<sup>5</sup>

Varga 25. **6.** Agora Indra se manifestou. Que ele, o vencedor (de seus inimigos), nos dê felicidade, – ele, que resplandece brilhantemente, como o sol desse alvorecer. Que o excelente *Soma*, sendo espalhado sobre o lugar do sacrifício com uma concha, (alegre a nós), por quem, oferecendo as oblações que nós preparamos, ele foi bebido.

**7.** Quando o machado de borda brilhante<sup>6</sup> está pronto para seu trabalho, o sacerdote dirigente pode ter a vítima amarrada no sacrifício.<sup>7</sup> Quando, Indra, tu brilhas sobre os dias que são apropriados para ritos sagrados,<sup>8</sup> então (o sucesso acompanha) o homem que segue, com sua carroça, (em busca de combustível), o condutor (do gado), ou o (pastor) ativo.<sup>9</sup>

**8.** Manda para cá teus cavalos, os bebedores da libação que alegra; derrota, guerreiro, o adversário que saqueia o nosso tesouro, quando eles espremem, com pedras, para o

<sup>1</sup> Indra é aqui identificado com o Sol.

<sup>2</sup> É dito que Indra, por diversão, fez uma égua dar à luz um bezerro.

<sup>3</sup> Elevado, como um cume triplo, nos três mundos.

<sup>4</sup> Paṇi, o ladrão do gado.

<sup>5</sup> Isto é, a manteiga clarificada das oblações, da qual provém a nutrição de todas as coisas; pois a oblação ascende ao sol, por quem a chuva é gerada, da qual surgem os grãos, o sustento dos seres vivos. Quando isso foi feito, Indra abre as portas da caverna, e resgata o gado, como descrito no verso anterior, com o qual esse está ligado.

<sup>6</sup> *Vanadhiti*, o instrumento que deve ser usado na floresta, para cortar as árvores.

<sup>7</sup> *Pari rodhanā ghoḥ*. A frase é bastante elíptica; e não há verbo. O comentador a interpreta como: o sacerdote, o *adhvaryu*, é competente para a fixação do animal à estaca. Ou a passagem inteira pode ser apresentada diferentemente; *vanadhiti* sendo interpretado como ‘um acúmulo de água’ (*vana*), isto é, um grupo de nuvens (*meghamālā*): quando esse está pronto para a sua função de derramar chuva, então Indra, estando no firmamento, é capaz de remover qualquer impedimento à chuva; – *ghoḥ* sendo, também, traduzido como ‘água’ ou ‘chuva’.

<sup>8</sup> Indra sendo o mesmo que o Sol.

<sup>9</sup> A fraseologia é, aqui, muito elíptica e obscura, o todo sendo somente *anarviṣe paśviṣeturāya*, sendo, literalmente, ‘para o carreiro, para o condutor do gado, para o rápido’, sem qualquer verbo. O comentador, portanto, supre a conexão, ‘o desejo dele pode se realizar’, e amplia, ou traduz, *anarviṣe*, ‘carreiro’, como ‘aquele que vai buscar combustível da floresta, em sua carroça’; *paśviṣe*, o condutor do gado; e *turāya*, o ativo, ou rápido, *gopāla*, ou pastor.

aumento (da tua força), o (suco) delicioso, alegrador, revigorante, a ser alcançado por ti, que és mais rápido que o vento.

**9.** Tu lançaste teu raio de ferro no (*Asura*) de movimento rápido, – o veloz destruidor de inimigos, que foi trazido, (para você), por *Ṛbhū*, do céu,<sup>10</sup> – quando tu, que és adorado por muitos, golpeando *Śuṣṇā*, por causa de *Kutsa*, o cercaste com inúmeras (armas) fatais.<sup>11</sup>

**10.** Quando o sol (emergiu) da luta com a escuridão, tu rompestes, manejador do raio, a nuvem que tinha sido o aborrecimento dele, e partiste a cobertura bem fixada na qual *Śuṣṇā* o tinha envolvido.

Varga 26. **11.** Então os vastos, poderosos e imóveis céu e terra te incentivaram, *Indra*, para feitos gloriosos; e tu lançaste para baixo, para as águas, com teu raio poderoso, o destrutivo *Vṛtra* que se espalhava por toda parte.

**12.** *Indra*, amigo do homem, monta os cavalos que tu aprecias, que são velozes como o vento, que são facilmente atrelados, e que carregam bem (sua carga). Tu afiaste o raio destruidor de inimigos, o matador de *Vṛtra*, cuja (arma) inspiradora *Uśanas*,<sup>12</sup> o filho de *Kavi*, te deu.

**13.** Para, *Sūra*,<sup>13</sup> teus cavalos amarelos; pois este *Etaśa*,<sup>14</sup> *Indra*, puxa o poço. Tendo impelido aqueles que não oferecem sacrifício, para a margem oposta dos noventa rios,<sup>15</sup> tu os obriga (a fazer) o que deve ser feito.

**14.** *Indra*, portador do raio, protege-nos dessa (pobreza) que é tão difícil de ser destruída, e do infortúnio na guerra; concede-nos riqueza, proeminente por carruagens, notável por cavalos, por causa de alimento, de fama, e da verdade.

**15.** Famoso por afluência, *Indra*, que o teu favor nunca seja retirado de nós: que o alimento sempre nos sustente. Opulento *Maghavan*, nos torna possuidores de gado; e que nós, os mais assíduos na tua adoração, sejamos felizes, junto (com nossas famílias).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 122 \(Wilson\)](#)

<sup>10</sup> *Divah \*upanītaṃ ṛbhvā*. O comentador considera o último como sendo o mesmo que *Tvaṣṭrā*, ‘por *Tvaṣṭr*’. Sem dúvida, *Tvaṣṭr* é, mais usualmente, considerado como o fabricante do raio de *Indra*; mas já foi afirmado antes que o raio foi levado a *Indra* por *Ṛbhū*. (?)

<sup>11</sup> Isso é, muito provavelmente, alegórico, se tem algum significado absolutamente. *Śuṣṇā* é ‘seca’, e essa, *Indra* remove, para o benefício dos seus adoradores, por meio de muitas gotas de chuva.

<sup>12</sup> Essa é uma atribuição incomum a *Uśanas*, e um tanto incompatível com a afirmação de aquele ter sido o presente de *Ṛbhū*.

<sup>13</sup> *Sūra*, isto é, *Indra*, como o Sol.

<sup>14</sup> É dito que *Etaśa* é o nome de um dos cavalos do Sol. A palavra ocorre, no *Aitareya Brāhmaṇa*, como aquele de um *Ṛṣi*.

<sup>15</sup> *Nāvyaṇām*, ‘de rios navegáveis’, ou de tal modo que devem ser cruzados por um barco.

## Hino 121. Indra (Griffith)<sup>16</sup>

1. Quando os guardiões de homens se apressando ouvirão com favor a música dos filhos piedosos de Aṅgiras? Quando ele se aproxima das pessoas da casa ele anda a passos largos para o sacrifício, o Santo.
2. Ele estabeleceu o céu, ele derramou, trabalhador hábil, a riqueza das vacas, para a força, que nutre heróis. O Poderoso considerou sua hoste auto-nascida, a fêmea do cavalo, a mãe da novilha.<sup>17</sup>
3. Senhor das auroras vermelhas, ele vinha vitorioso, diariamente para a invocação antiga dos Aṅgiras. Seu raio e parêntese ele preparou, e estabeleceu o céu para quadrúpedes e homens de dois pés.
4. Na alegria desse<sup>18</sup> tu restauraste, para adoração, a companhia mugidora do gado escondido.<sup>19</sup> Quando o de três pontas<sup>20</sup> desce com ataque violento ele<sup>21</sup> escancara as portas que causam problemas para o homem.
5. Teu é aquele leite que teus Pais de movimento rápido<sup>22</sup> trouxeram para baixo, um presente genial fortalecedor para a conquista; quando eles te ofereceram o tesouro puro, o leite derramado da vaca que jorra néctar.
6. Lá ele nasceu. Que o Veloz<sup>23</sup> nos dê êxtase, e como o Sol resplandeça a partir do amanhecer longínquo,<sup>24</sup> Indu, mesmo nós que bebemos, cujas labutas são oferendas,<sup>25</sup> derramamos da colher, com louvor, sobre o altar.
7. Quando a pilha de madeira, feita de bons cepos, está pronta, na adoração do Sol para amarrar firmemente o Boi,<sup>26</sup> então quando tu resplandesces por dias de ação para Aquele conduzido no carro, o Rápido, o Buscador do gado.<sup>27</sup>
8. Oito corcéis tu trouxeste do poderoso céu, quando lutando pelo poço que dá esplendor,<sup>28</sup> para que os homens pudessem espremer com pedras o amarelo<sup>29</sup> alegrador, reforçado com leite, fermentando, para exaltar-te.
9. Tu lançaste do céu o míssil de ferro, trazido pelo hábil,<sup>30</sup> da funda de couro, quando tu, ó muito invocado, auxiliando Kutsa com infinitos dardos mortais cercaste Śuṣṇa.
10. Armado com raio, antes que a escuridão alcançasse a luz do sol, tu lançaste a tua arma na nuvem que encobria, tu despedaçaste, do céu, embora firmemente atado, o poder de Śuṣṇa que foi lançado em volta dele.

<sup>16</sup> Nesse hino, como no precedente, há várias passagens muito obscuras que podem ser traduzidas e explicadas apenas conjecturalmente.

<sup>17</sup> É dito aqui que Indra considerou ou olhou para a hoste nascida de, ou produzida por, ele, isto é, talvez, o céu e a terra em geral. Ele considerou especialmente os animais nos quais consiste a prosperidade das pessoas principalmente, entre os quais a égua e a vaca detêm naturalmente o lugar principal. Ludwig leria *mātaram gām* em vez de *mātaram goḥ*. Ele considera que a fêmea do cavalo (Sūrya) é a terra, a vaca maternal.

<sup>18</sup> Isto é, no êxtase decorrente de beber esse suco Soma.

<sup>19</sup> As nuvens de chuva levadas e mantidas ocultas pelos Paṇis.

<sup>20</sup> Aparentemente, o raio.

<sup>21</sup> Indra.

<sup>22</sup> Céu e Terra.

<sup>23</sup> O Indu ou Soma eficaz e que flui rapidamente.

<sup>24</sup> Provavelmente uma indicação de tempo somente.

<sup>25</sup> Cujas gotas de suor, enquanto nós trabalhamos nos nossos deveres sagrados, contam como oblações para os deuses a quem nós servimos.

<sup>26</sup> O boi é o próprio sol; o sacrifício é para assegurar as bênçãos da luz do sol.

<sup>27</sup> Aparentemente epítetos de Indra.

<sup>28</sup> A nuvem que derrama chuva fertilizante.

<sup>29</sup> O suco Soma.

<sup>30</sup> Tvaṣṭar [ou] Kāvya Uśanā. Veja 1.51.10 [nota 34].

**11.** Os poderosos Céu e Terra, essas extensões brilhantes que não têm rodas, se alegraram, Indra, por tua façanha. Vṛtra, o javali que se encontra em meio às águas, tu mandaste dormir com teu trovão poderoso.

**12.** Indra, amante dos homens que tu guardas, monta os cavalos bem atrelados do vento, carregadores do melhor. O raio que Kāvya Uśanā te deu antigamente, forte, alegrador, matador de Vṛtra, ele moldou.

**13.** Os fortes Cavalos Baios do Sol tu paraste: este Etaśa não puxou a roda, ó Indra.<sup>31</sup> Lançando-os para longe para além dos noventa rios tu impeliste os ímpios para a cova.

**14.** Indra, armado com o trovão, protege-nos dessa aflição, salva-nos da miséria perto de nós. Concede-nos profusão de carros, baseada em cavalos, para o nosso sustento e fama e alegria.

**15.** Que essa tua bondade amável nunca nos falte; poderoso em força, que alimento abundante nos rodeie. Maghavan, faze-nos compartilhar o gado do inimigo: que nós sejamos os teus mais generosos companheiros de banquete.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 122 \(Griffith\)](#)

FIM DO PRIMEIRO AṢṬAKA.

---

<sup>31</sup> O primeiro hemistíquio dessa estrofe é o mais difícil, e eu não vejo como ele pode ser traduzido e explicado satisfatoriamente. Eu segui Grassmann que traduz: *'Du liessdest ruhn der Sonne starke Rosse, nicht zog der Renner mehr ihr Rad, ó Indra'*. Se for esse o significado, a referência pode ser, talvez, a um eclipse do sol.

Etaśa aparece em um caráter duplo, primeiro como um sacrificador que ofereceu suco Soma para Indra e foi ajudado e favorecido por aquele deus (1.61.15), e, em segundo lugar, Etaśa é o nome dos cavalos, ou de um dos cavalos, ou do único cavalo, de Sūrya ou o Sol, especialmente, parece, do cavalo que, durante a noite, puxa de volta a carruagem do Sol do oeste para o leste. Nesse verso, de acordo com o Sr. Bergaigne, o próprio Etaśa ou seu substituto (a palavra 'na' a qual eu considerei como significando 'não', sendo compreendida em seu sentido alternativo de 'semelhante ou como') é representado como puxando a roda quando Indra parou o curso dos Harits ou cavalos baios do Sol. Não é difícil, diz o Sr. Bergaigne, conciliar essas duas concepções diferentes do papel de Etaśa. Um sacrificador especialmente favorecido por Indra pode representar ou o fogo sacrificial ou o suco Soma que é preparado, consagrado, e oferecido ao deus, e Soma, no Veda, é frequentemente representado como um cavalo. Veja Bergaigne, *La Religion Védique*, Vol. II, 330-333.

## Hino 122. Viśvedevas (Wilson)<sup>1</sup>

(Segundo Aṣṭaka. Primeiro Adhyāya. Continuação do Anuvāka 18. Sūkta II.)

Os deuses são os Viśvedevas; o Ṛṣi é Kakṣivāt; a métrica é Triṣṭubh.<sup>2</sup>

Varga 1. **1.** Ofereçam, (sacerdotes) de temperamento suave,<sup>3</sup> as iguarias sacrificais que vocês prepararam, para Rudra o derramador de recompensas. Eu louvo a ele que, com seus (seguidores) heroicos, como (com flechas) de uma aljava, expulsou (os *Asuras*) do céu: e eu (louvo) aos Maruts, (que residem) entre o céu e a terra.<sup>4</sup>

**2.** Animadas pelo nosso louvor diversificado, apressem-se, *Manhã* e *Noite*, para assistir à nossa primeira invocação, como uma esposa (ao primeiro chamado de seu marido); e que a Aurora, bela com o brilho do Sol (nascente), e vestindo como o Sol<sup>5</sup> (sua) vasta extensão com raios dourados, (venha ao nosso rito matutino).

**3.** Que o deus circundante, o utente de várias formas,<sup>6</sup> nos conceda leite; que o vento, o derramador de chuva, nos conceda leite; Indra e Parvata,<sup>7</sup> afiem os nossos (intelectos), e que todos os deuses nos concedam proteção.

**4.** Sempre que eu, o filho de Uśij, adorar com minhas oferendas (de alimento) aqueles dois (Aśvins) que comem e bebem (de oblações e libações) no (período) do (amanhecer) que clareia o mundo; Sacerdotes, glorifiquem o neto das águas<sup>8</sup> (Agni), e tornem (as divindades do dia e da noite)<sup>9</sup> as mães (por assim dizer) do homem que repete o louvor delas.

**5.** Eu, o filho de Uśij, dirijo a vocês (Aśvins) preces audíveis, do mesmo modo como Ghoṣā<sup>10</sup> os louvou para a remoção da (pele) dela de cor branca; eu glorifico (deuses) ao generoso Pūṣan (associado) com vocês, e eu proclamo a munificência de Agni.

Varga 2. **6.** Mitra e Varuṇa, ouçam essas minhas invocações, e além disso ouçam aquelas que são (proferidas) na câmara de sacrifício; e que Sindhu,<sup>11</sup> o renomado concessor de riqueza, ouça-nos, (fertilizando os nossos) amplos campos com água.

**7.** Eu os louvo, Mitra e Varuṇa, por sua doação de gado numeroso ao Pajra,<sup>12</sup> e (daqueles louvores,) que (provenha) alimento abundante. Que (os deuses), concedendo nutrição a mim, venham rapidamente desimpedidos, (cada um) em seu carro famoso e favorito.

**8.** Eu louvo os tesouros daquela opulenta (assembleia dos deuses);<sup>13</sup> que nós, homens que (são abençoados) com descendentes excelentes, compartilhemos deles juntos; a

<sup>1</sup> [Aqui começa o Segundo Aṣṭaka, e também o Volume II da tradução da *Rgveda Samhitā* por Wilson, de 1854.]

<sup>2</sup> [Exceto nos versos 5 e 6, nos quais ela é Virāḍrūpā, de acordo com Griffith e Gary Holland.]

<sup>3</sup> *Raghumanyavah*, de ira leve ou pequena.

<sup>4</sup> A construção da segunda metade da estrofe é extremamente elíptica, ela é, literalmente: ‘Eu tenho louvado àquele que expulsou do céu com flechas como se de uma aljava os Maruts do céu e terra’.

<sup>5</sup> *Starīh na*: a primeira, que propriamente significa aquilo que cobre ou se expande, ocorre em léxicos como um sinônimo de ‘fumaça’, mas o comentador diz que ela aqui significa o Sol envolvido ou vestido de luz, ou destrutivo de inimigos.

<sup>6</sup> Agni, aqui chamado de *Vasarhan*, porque assume vários trajes, (*vasa*), ou formas, no *Gārhapatya* e outros fogos; ou, porque destrói a vestimenta da terra; – as árvores; ou porque causa as revoluções de dia e noite: o sentido do apelativo parece bastante duvidoso.

<sup>7</sup> Outro nome de Indra, como regulando os *Parvas*, as junções ou períodos do dia ou do ano.

<sup>8</sup> As árvores e arbustos surgem da umidade ou das águas, e o fogo se origina da madeira, por isso Agni pode ser chamado de neto das águas, ou pode significar filho das águas, como em *Manu*, 9. 321; uma etimologia diferente foi dada anteriormente (1.13.2, nota 3).

<sup>9</sup> Essa especificação é suprida pelo comentador.

<sup>10</sup> Veja 1.117.7, nota 2.

<sup>11</sup> Dito significar o deus que preside a água.

<sup>12</sup> Para mim Kakṣivāt, da linhagem de Pajra. Veja 1.51.14 e 1. 116.7.

assembleia<sup>14</sup> que confere aos Pajras alimento abundante tem sido a minha benfeitora, e fez de mim o dono de cavalos e carruagens.

**9.** O homem que lhes faz mal, Mitra e Varuṇa, que os prejudica de alguma maneira, que não os presenteia com oblações, contrai para si mesmo doença em seu coração;<sup>15</sup> mas aquele que, realizando culto, (o celebra) com louvores –

**10.** Ele, levado por cavalos bem treinados, dotado de força insuperável, renomado acima dos homens, munificente em doações, move-se um herói, sempre destemido em todos os combates, (mesmo) contra homens poderosos.

Varga 3. **11.** Reais concessores de deleite, ouçam a invocação do (seu) adorador imortal,<sup>16</sup> e então venham para cá, para que vocês que percorrem o céu possam ser propiciados pela grandeza da riqueza (sacrificial) oferecida a vocês pelo sacrificador, que não reconhece outro protetor.

**12.** Os deuses declararam: Nós conferimos vigor presente ao venerador (que nos chama) para compartilhar da (libação) décupla.<sup>17</sup> Que todos (os deuses), em quem esplendores e riquezas abundam, concedam alimento (abundante) em sacrifícios (solenes).<sup>18</sup>

**13.** Nós nos alegamos que, para a satisfação dos dez (órgãos dos sentidos),<sup>19</sup> os (sacerdotes) portando as duas vezes cinco<sup>20</sup> (conchas de) alimento sacrificial procedam para o altar. O que pode Iṣṭāśva, (o que pode) Iṣṭaraśmi, (o que podem) aqueles que são agora senhores da terra, realizar (com relação) aos líderes de homens, os conquistadores de seus inimigos?<sup>21</sup>

**14.** Que todos os deuses nos favoreçam com uma pessoa<sup>22</sup> enfeitada com brincos de ouro e colar enfeitado com jóias; que a venerável (companhia dos deuses) seja propiciada pelos louvores provenientes (da boca do adorador); que as nossas oferendas sejam aceitáveis para eles, e (que eles fiquem satisfeitos) com ambos<sup>23</sup> (nossos louvores e oferendas).

<sup>13</sup> *Mahimaghasya rādhas*, as riquezas daquele, ou dele, que ou o qual é possuidor de grande riqueza; o comentador explica que o epíteto significa *deva sangha*, a assembleia ou companhia dos deuses.

<sup>14</sup> O texto tem *jano yaḥ*, o homem que; – o comentador o explica como *yaścha devasanghah*, ‘a assembleia dos deuses que –.’

<sup>15</sup> *Yakṣmaṃ hṛdaye nidhatte*, ele coloca ou deposita consumpção no coração; mas é dito que *yakṣma* aqui significa *vyādhi*, doença em geral: crê-se que a expressão sugere algo como a nossa frase de doença no coração, significando, é dito, o sentimento de mortificação sentido por aqueles que negligenciam os deuses ao observarem as bênçãos que recompensam a devoção.

<sup>16</sup> *Amṛtasya nahuṣo havaṃ sūreḥ* é explicado como *āhvānam amaraṇasya stotrādīprerakasya manuṣyasya mama*, a invocação de mim, um mortal, instigando louvores e semelhantes, não morrendo. Faria mais sentido apresentá-lo como: a invocação do (deus) imortal por mim, um adorador mortal.

<sup>17</sup> *Dasataya*, uma década, significando, de acordo com Sāyaṇa, alimento, pelo qual o vigor dos dez sentidos é aumentado, ou suco *Soma* oferecido em dez conchas.

<sup>18</sup> Uma interpretação diferente pode ser dada à última metade da estrofe, – ‘Que todos os deuses compartilhem do alimento abundante (ou *Soma*) naqueles sacrifícios nos quais os sacerdotes são os distribuidores das riquezas de libações copiosas’.

<sup>19</sup> Aqui nós temos novamente *dasataya*: *dasatayasya dhāse*, o qual o comentador explica pelos dez *indriyas*, ou órgãos dos sentidos.

<sup>20</sup> A enumeração aqui pode se referir às dez conchas pelas quais o suco *Soma* é lançado no fogo, ou aos dez artigos oferecidos em sacrifícios, como mel, manteiga, coalhada, leite, água, grãos, etc., oferecidos ao fogo no *Aśvamedha*.

<sup>21</sup> Segundo Sāyaṇa, o que podem os príncipes que são citados, ou quaisquer outros príncipes, fazer contra aqueles que gozam da proteção de Mitra e Varuṇa: a construção, no entanto, é obscura, e os nomes, os quais são referidos como sendo os de *Rājās*, são novos e incomuns.

<sup>22</sup> *Arnas*, sinônimo de *rūpa*, forma; o comentador entende que ela significa ‘um filho’; mas isso não parece indispensável.

<sup>23</sup> Ou isso pode significar, segundo Sāyaṇa, ‘que eles nos recompensem em ambos os mundos’; o texto tem somente *ubhayeṣu*, em ambos.

15. Os quatro filhos (tolos)<sup>24</sup> de Maśársāra, os três do monarca vitorioso Ayavasa, me (aborrecem).<sup>25</sup> Que a sua carruagem espaçosa e de raios brilhantes, Mitra e Varuṇa, resplandeça (diante deles), como o sol, (enchendo-os de temor).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 123 \(Wilson\)](#)

## Hino 122. Viśvedevas (Griffith)

1. Recitem, trazendo sacrifício ao generoso Rudra, este suco para beber para vocês, cuja ira é fugaz! Com Dyaus os Heróis do Asura eu tenho louvado os Maruts como com prece à Terra e ao Céu.<sup>26</sup>

2. Fortes para exaltar a primeira invocação são a Noite e a Aurora que se mostram com aspecto variado. A Estéril<sup>27</sup> veste seus trajes amplamente tecidos, e a bela Manhã brilha com o esplendor dourado de Sūrya.

3. Alegre-nos o Rugidor em volta,<sup>28</sup> que golpeia de manhã,<sup>29</sup> o Vento nos deleita, derramador de águas! Agucem a nossa inteligência, ó Parvata<sup>30</sup> e Indra. Que todos os Deuses nos concedam essa graça.

4. E Auśija<sup>31</sup> chamará para mim aquele Par<sup>32</sup> famoso que desfruta e bebe, que vem para iluminar. Coloquem a Prole das Águas<sup>33</sup> diante de vocês; ambas as Mães do Vivo que irradia.<sup>34</sup>

5. Por vocês Auśija chamará aquele que treveja,<sup>35</sup> como, para ganhar a aprovação de Arjuna, Ghoṣā<sup>36</sup> implorou. Eu invocarei, para que Pūṣan possa ser generoso com vocês, a rica munificência de Agni.

6. Ouçam, Mitra-Varuṇa, essas minhas invocações, ouçam-nas de todos os homens no salão de culto. Dador de presentes famosos, ouvinte bondoso, Sindhu<sup>37</sup> que dá belos campos, ouve com todas as suas águas!

7. Louvado, Mitra, Varuṇa! é seu presente, cem vacas para os Prkṣayāmas e para Pajra.<sup>38</sup> Presenteados por Priyaratha de carro famoso, fornecendo nutrição, eles vieram diretamente.

<sup>24</sup> Crianças, ou seja, infantis, imaturos.

<sup>25</sup> O comentário não dá nenhum detalhe sobre os dois príncipes citados, tampouco eles são encontrados em outros lugares: o hino inteiro é muito elíptico e obscuro.

<sup>26</sup> O significado desse verso muito difícil parece ser que a oferenda de suco Soma é apresentada a Rudra e aos filhos dele, os ferozes mas facilmente apaziguados Maruts ou Deuses da Tempestade, a quem o poeta tem louvado como os heróis de Dyaus, o imortal, e tem ao mesmo tempo rezado aos deuses Céu e Terra.

<sup>27</sup> A Noite infrutífera; na qual nenhuma obra é feita.

<sup>28</sup> 'O deus circundante', o Vento.

<sup>29</sup> Talvez, sopra para longe todos os maus espíritos da noite.

<sup>30</sup> O gênio que preside as montanhas e soberano das nuvens, frequentemente associado com Indra.

<sup>31</sup> O filho de Uśij, isto é, o próprio Kakṣivān, o Ṛṣi do hino.

<sup>32</sup> Os Aśvins.

<sup>33</sup> Agni.

<sup>34</sup> Ou louva. Agni parece ser indicado.

<sup>35</sup> Indra.

<sup>36</sup> É dito, em 1.117.7, que Ghoṣā conseguiu um marido por meio dos Aśvins. Arjuna, nesse verso, talvez tenha sido o nome do marido. O significado da passagem é incerto. Sāyaṇa considera que Arjuna significa pele branca, ou lepra, da qual Ghoṣā rogou para ser libertada.

<sup>37</sup> O Indus; o deus que preside as águas.

**8.** Louvada é a dádiva dele o muito rico: que nós a desfrutemos, homens com filhos heróis: dele que tem muitos presentes para dar aos Pajras, um chefe que me faz rico em carros e cavalos.

**9.** As pessoas, ó Mitra-Varuṇa, que os odeiam, que odiando pecaminosamente não derramam libações para vocês, colocam em seus corações, elas próprias, uma doença debilitante, enquanto o justo obtém tudo por meio da adoração.

**10.** Esse homem, o mais poderoso, incitado adiante magnificamente, famoso entre os heróis, generoso em doação, se move um guerreiro, sempre destemido em todas as batalhas, mesmo com os poderosos.

**11.** Venham ao chamado do homem, do sacrificador: ouçam, Reis da Imortalidade,<sup>39</sup> dadores de alegria! Enquanto vocês que correm através das nuvens decretam sua recompensa abundantemente, por fama, para ele o condutor da carruagem.

**12.** Nós daremos vigor àquele adorador cujo gole décuplo<sup>40</sup> nós viemos provar, eles falaram desse modo. Que todos em quem repousam esplendor e grandes riquezas obtenham refresco nesses sacrifícios.

**13.** Nós nos alegraremos em beber o presente décuplo quando as duas vezes cinco vierem trazendo iguarias sagradas. O que pode fazer aquele cujos cavalos e rédeas são os mais excelentes? Esses, os todo-poderosos, exortam homens corajosos para a conquista.

**14.** O mar e todas as Divindades nos darão aquele com a orelha dourada<sup>41</sup> e pescoço adornado com jóias. Auroras, se apressando para os louvores dos piedosos, estejam satisfeitas conosco, ofertantes e cantores.

**15.** Quatro filhos jovens de Maśársāra me vexam, três, do rei, o conquistador Ayavasa. Agora, como o Sol, ó Varuṇa e Mitra, seu carro tem brilhado, de forma longa e controlado com esplendor.<sup>42</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 123 \(Griffith\)](#)

<sup>38</sup> Quem são os Prkṣayāmas, ou condutores de cavalos velozes, é incerto. O Pajra é o próprio Ṛṣi Kakṣivān, um membro da família sacerdotal dos Pajras.

<sup>39</sup> Varuṇa e Mitra.

<sup>40</sup> Suco Soma oferecido em dez conchas, as *duas vezes cinco* do verso seguinte.

<sup>41</sup> Talvez o Sol; mas o significado do hemistíquio é incerto.

<sup>42</sup> Não há verbo no primeiro hemistíquio, e eu sigo Sāyaṇa em suprir 'vexam'. Mas *śísivaḥ* pode significar 'jovens cavalos' como também 'filhos jovens', e o verbo a ser suprido pode ser 'carregam', como sugerido por Grassmann. O hino inteiro, como Wilson observa, 'é muito elíptico e obscuro', e no momento grande parte dele é ininteligível.

## Hino 123. Aurora (Wilson)

(Sūkta III)

A deusa é Uṣas, ou a Aurora; o Ṛṣi é Kakṣīvat; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 4. **1.** A carruagem espaçosa da graciosa<sup>1</sup> (*Aurora*) foi atrelada; os deuses imortais subiram nela; a nobre e onipresente Uṣas ergueu-se da escuridão, trazendo saúde<sup>2</sup> para as habitações humanas.

**2.** Antes de todo mundo ela está acordada, triunfando sobre a (escuridão) transitória;<sup>3</sup> a poderosa, a concessora (de luz), do alto, ela vê (todas as coisas); sempre jovem, sempre renascendo, ela chega primeiro à invocação.

**3.** Bem nascida e divina Uṣas, que és a protetora dos mortais, qualquer quota<sup>4</sup> (de luz) que tu distribuas hoje aos homens, que o radiante Savitṛ esteja disposto (a confirmar) o presente, e nos declare livres do pecado; de modo que (ele) o sol (possa vir ao nosso salão sacrificial).<sup>5</sup>

**4.** Ahanā,<sup>6</sup> carregada com (luz) que se inclina para baixo, vai diariamente de casa em casa; ela chega, perpetuamente difundindo luz, e desejosa de conceder (benefícios), e aceita as porções mais seletas dos tesouros (sacrificais).

**5.** Uṣas, dotada de veracidade, que és a irmã de Bhaga, a irmã de Varuṇa, sê louvada com hinos antes (dos deuses); então que aquele que produz iniquidade parta, pois nós o superaremos com a nossa carruagem, através da tua ajuda.

Varga 5. **6.** Que palavras de verdade sejam faladas; que obras de sabedoria (sejam realizadas); que os fogos ardentes se elevem, de modo que as muitas Uṣas radiantes possam manifestar os tesouros desejáveis escondidos pela escuridão.

**7.** O dia duplo<sup>7</sup> prossegue não separado; uma (parte seguindo) para frente, outra para trás; um desses dois (períodos) alternados efetua o encobrimento (das coisas); a Aurora as ilumina com sua carruagem brilhante.

**8.** A mesma hoje, a mesma amanhã, as (Auroras) irrepreensíveis precedem o curso distante de Varuṇa por trinta *yojanas*,<sup>8</sup> e cada uma em sucessão revolve em sua função (designada).

<sup>1</sup> *Dakṣiṇāyā*, da inteligente: não há substantivo, o apelativo significa, segundo Sāyaṇa, aquela que é hábil em sua própria função.

<sup>2</sup> *Cikitsantī*, cura, remediando a doença da escuridão.

<sup>3</sup> *Jayantī vājam*, Sāyaṇa explica *vāja* como movente, motriz; a escuridão que vai embora com a aurora; ou, em seu sentido mais usual de 'alimento', pode significar 'que produz alimento', como a recompensa do sacrifício matutino.

<sup>4</sup> *Bhāgham*, uma parte: o comentador supre *prakāsasya*, de luz; mas ele admite que isso pode significar uma parte das oferendas aos deuses; pois, como o sacrifício é oferecido na aurora, pode-se dizer que a aurora é sua distribuidora.

<sup>5</sup> O texto tem apenas *Sūryāya*, por, ou por conta de, ou por causa do, sol: a amplificação necessária para tornar a palavra inteligível é o trabalho do comentador.

<sup>6</sup> Ahanā é enumerada por Yaska entre os sinônimos de Uṣas, mas nenhuma explicação disso é dada.

<sup>7</sup> Dia e noite.

<sup>8</sup> Varuṇa é aqui identificado com o sol, como o removedor de escuridão, o qual, de acordo com o comentador, gira diariamente em volta do Monte Meru, o centro da terra, realizando um circuito diurno de 5.059 *yojanas*; a aurora estando sempre 30 *yojanas* à frente da ascensão dele, ou da primeira aparição por trás da montanha no leste. Sāyaṇa acrescenta que o período chamado de aurora é contado a partir do desaparecimento das estrelas até o aparecimento do sol, e é medido, quanto à duração, por 21 *ghatikās* e 26 *parās*. Tomando a *ghatikā* no seu valor mais baixo de meio *muhūrta*, ou 24 minutos, e uma *parā* como um trinta avos de uma *ghatikā*, nós teríamos num dia de 60 *ghatikās* mais de um terço atribuído à aurora, o que é evidentemente errôneo. Além disso, se o sol viaja 5.059 *yojanas* em 24 horas, ele viaja à razão de cerca de 84 *yojanas* em uma *ghatikā*; e como a aurora está à frente apenas 30 *yojanas*, ela está em tempo menos da metade de uma *ghatikā* antes do sol; uma estimativa mais correta do que as 22 *ghatikās* do comentário. Existe alguma inexactidão, portanto, na afirmação. Segundo os *Purāṇas*, o sol viaja, num dia de 30 *muhūrtas*, ou 60

**9.** A Aurora autoiluminada, anunciando a declinação da primeira (parte) do dia, nasce branca brilhante a partir da escuridão; purificando (com a radiância) do sol, ela não diminui o esplendor dele, mas diariamente acrescenta embelezamento (ao brilho dele).

**10.** Deusa, visível em pessoa como uma donzela, tu vais até o resplandecente e munificente (sol); e, como uma noiva jovem (diante de seu marido), tu descobres, sorrindo, teu peito na presença dele.

Varga 6. **11.** Radiante como uma noiva enfeitada por sua mãe, tu de boa vontade exibes teu corpo à vista. Uças auspiciosa, remove a (escuridão) circundante, pois outras auroras além de ti não a dispersam.

**12.** Possuidoras de cavalos, possuidoras de vacas, existentes por todo o tempo, competindo com os raios do sol (em dissipar a escuridão), Auroras auspiciosas, mandando benefícios (para a humanidade), passam e retornam novamente.

**13.** Cooperando com os raios do verdadeiro (sol), confirma em nós todo ato propício; invocada sinceramente por nós hoje, dissipa, Uças, (a escuridão), para que a prosperidade possa recair sobre nós, (já) afluentes (em tesouros sacrificais).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 124 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 123. Aurora (Griffith)

**1.** A ampla carruagem de Dakṣiṇā foi atrelada: nesse carro os Deuses Imortais subiram.<sup>9</sup> Desejosa de trazer luz aos lares dos homens a Deusa nobre e ativa<sup>10</sup> emergiu da escuridão.

**2.** Ela despertou antes de todo o mundo vivente, a Imponente que ganha e reúne tesouro. Renovada e sempre jovem no alto ela olha. A Aurora chega primeiro ao nosso culto matutino.

**3.** Se, Aurora, tu Deusa nascida nobremente, tu distribuis fortuna nesse dia para toda a raça dos mortais, que Savitar<sup>11</sup> o Deus, Amigo da herdade, declare diante do Sol que nós estamos sem pecado.

---

*ghatikās*, 94.500.000 *yojanas*, ou 1.575.000 *yojanas* em uma *ghatikā*. As mesmas autoridades atribuem uma *ghatikā* ao *Sandhya*, o crepúsculo da manhã ou alvorada, e três *muhūrtas*, ou duas horas e 24 minutos, ao *Prātar*, ou início da manhã. O cálculo da jornada diária do sol, citado por Sāyaṇa, talvez de algum texto dos *Vedas*, está muito mais próximo da verdade do que aquele dos *Purāṇas*, sendo algo mais que 20.000 milhas, e sendo de fato a circunferência equatorial da terra. – Bentley, *Hindu Astronomy*, p. 185.

<sup>9</sup> ‘A ampla carruagem de Dakṣiṇā’ é a própria Dakṣiṇā, que é a taxa ou honorários oferecidos pelo instituidor de um sacrifício aos sacerdotes que realizam a cerimônia. O significado do primeiro hemistíquio parece ser que todos os preparativos foram feitos para o sacrifício matutino, e especialmente que a taxa para a realização dele – um elemento muito essencial – está pronta, e que os deuses estão chegando ao rito. A palavra *dakṣiṇāyāḥ* é considerada por Sāyaṇa como um epíteto de *Uṣodevatāyāḥ*, implícito, isto é, ‘da deusa Uças ou Aurora’. Wilson consequentemente traduz, ‘A carruagem espaçosa da graciosa (Aurora)’; Ludwig interpreta a palavra por ‘amigável’, e Grassmann por ‘rica’, ambos os estudiosos aplicando o epíteto a Uças ou Aurora, que não é mencionada no texto. Eu segui o Sr. Bergaigne que diz: “A interpretação da palavra *dakṣiṇā* no sentido de remuneração sacrificial, no primeiro verso do nosso hino como também no quinto, é, não apenas possível, mas a única possível, pelo motivo que essa palavra não tem outro sentido no *R̥gveda* além daquele de ‘salário, recompensa’, dada ou pelo *maghavan* terreno, ou seja, por aqueles que pagam o sacerdote para realizar o sacrifício, ou pelo *maghavan* divino, Indra, que por sua vez paga pelo sacrifício por meio de favores de todo tipo para o homem que o faz ser oferecido”. Veja *La Religion Védique*, Vol. III; pp. 283 e seguintes, para a tradução e comentário polêmico do Sr. Bergaigne a respeito desse hino.

<sup>10</sup> Uças, Aurora ou Alvorada. A palavra ‘deusa’ não se encontra no texto.

4. Exibindo sua forma habitual a cada dia que passa, espalhando a luz ela visita cada habitação. Ansiosa para a conquista, com resplendor brilhante ela vem. Sua parte é o melhor dos tesouros preciosos.

5. Irmã de Varuṇa, irmã de Bhaga, primeira entre todos cantam, ó Manhã alegre. Que seja fraca a força daquele que pratica o mal: que nós o subjuguemos com nosso carro a recompensa.<sup>12</sup>

6. Que os nossos hinos alegres e pensamentos sagrados se elevem para cima, pois as chamas queimando brilhantemente ascenderam. As Manhãs muito refulgentes tornam visíveis os tesouros encantadores que a escuridão cobria.

7. Uma parte e a outra vem, diferentes em cor as metades do dia<sup>13</sup> marcham adiante sucessivas. Uma esconde a escuridão dos Pais circundantes.<sup>14</sup> A Aurora em sua carruagem brilhante é resplandecente.

8. A mesma em forma hoje, a mesma amanhã, elas ainda mantêm a lei eterna de Varuṇa. Irrepreensíveis, por sua vez elas percorrem trinta regiões<sup>15</sup> e se movem rapidamente através do espírito num instante.

9. Ela que tem conhecimento do primeiro dia da natureza nasce branca refulgente a partir da escuridão. A Donzela não transgride a lei da Ordem, vindo dia a dia ao lugar designado.

10. Em orgulho de beleza como uma donzela tu vais, ó Deusa, ao Deus que anseia ganhar-te,<sup>16</sup> e sorrindo jovem, enquanto tu brilhas intensamente, diante dele tu descobres teu seio.

11. Bela como uma noiva embelezada por sua mãe tu mostras a tua forma para que todos possam vê-la. Abençoada és tu, ó Aurora. Brilha ainda mais amplamente. Nenhuma outra Aurora atingiu o que tu conseguiste.

12. Ricas em vacas, cavalos e todos os tesouros preciosos, em operação constante com os raios de sol, as Auroras partem e voltam assumindo suas formas habituais que prometem prosperidade venturosa.

13. Obediente à rédea da Lei Eterna dá-nos cada pensamento que nos abençoe cada vez mais. Brilha sobre nós hoje, Aurora, pronta para ouvir. Que riquezas estejam conosco e com chefes que adoram.<sup>17</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 124 \(Griffith\)](#)

<sup>11</sup> O deus Savitar que tudo vê que preside o Sol, mas que é às vezes distinto dele, é recorrido como o melhor juiz da inocência do suplicante.

<sup>12</sup> Que a remuneração generosa dada para a realização do sacrifício seja para nós como uma carruagem de guerra para nos habilitar a subjugar aqueles que nos prejudicam.

<sup>13</sup> Dia e noite.

<sup>14</sup> O Céu e a Terra que abrangem tudo; a escuridão noturna que os envolve é escondida ou dissipada pelo dia.

<sup>15</sup> Eu sigo o Sr. Bergaigne em compreender que as trinta regiões ou espaços são uma expressão indefinida para o universo. Uma tentativa de explicação mais elaborada será encontrada na Tradução de Wilson em uma nota do *Hindu Astronomy*, de Bentley. [Veja a nota 8.] *Elas*, são as Auroras, e pode-se dizer que elas passam através ou pelo espírito, para iluminá-lo. O segundo hemistíquio é muito difícil e obscuro, e pode ser traduzido apenas provisoriamente.

<sup>16</sup> O Sol, o amante da Aurora.

<sup>17</sup> Os ricos instituidores de sacrifícios.

## Hino 124. Aurora (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus, Ṛṣi e métrica são os mesmos.

Varga 7. **1.** Quando o fogo (sagrado) é aceso, Uṣas emite luz abundante, dissipando (a escuridão) como o sol nascente: que o divino Savitṛ nos dê, para o nosso uso,<sup>1</sup> fartura de bípedes e de quadrúpedes.

**2.** Não impedindo<sup>2</sup> ritos divinos, embora desgastando as eras da humanidade, a Aurora brilha à semelhança das (manhãs) que passaram, ou que estão para vir incessantemente, a primeira daquelas que virão.

**3.** Ela, a filha do céu, é vista no leste, graciosa e vestida de luz, ela viaja regularmente no caminho do sol, como se conhecedora (da vontade dele), e não danifica os quadrantes (do horizonte).

**4.** Ela é vista próxima, (radiante) como o peito do iluminador,<sup>3</sup> (o sol); e, como Nodhas,<sup>4</sup> ela tornou manifestos muitos (objetos) agradáveis: como uma mãe de família<sup>5</sup> ela desperta (seus filhos) adormecidos, e de todas (as mulheres que estão) se movimentando cedo, ela, a mais invariável, aparece repetidamente.

**5.** Nascida no quadrante leste do vasto firmamento, ela mostra uma bandeira de raios de luz. Colocada no colo de ambos os pais (céu e terra), enchendo-os (de brilho), ela desfruta de amplo renome muito difundido.

Varga 8. **6.** De fato ela, a amplamente expandida Uṣas, não negligencia (dar) a alegria da visão àqueles da sua própria ou de uma natureza diferente:<sup>6</sup> visível em sua aparência impecável, e resplandecendo brilhantemente, ela não pretere o pequeno ou o grande.<sup>7</sup>

**7.** Ela vai para o oeste, como (uma mulher que) não (tem) irmão (se dirige) até seus (parentes) homens;<sup>8</sup> e como alguém ascendendo à sala (de justiça) para a recuperação de propriedade, (ela se eleva no céu para reivindicar seu brilho);<sup>9</sup> e como uma esposa desejosa

<sup>1</sup> *Ityai*, literalmente, ‘para seguir’; isto é, segundo o comentário, ‘para continuarmos com os nossos afazeres’.

<sup>2</sup> *Amimatī ahinsāntī*, não prejudicando, não se opondo, não imprópria para; sendo, de fato, o período adequado para a realização deles.

<sup>3</sup> *Śundhyuvo na vakṣas*: segundo o comentador, *Śundhyu* é um nome do sol, e a expressão deve ser entendida como implicando os raios solares coletivos. *Śundhyu* significa também uma ave aquática de cor branca, a cuja plumagem branca a luz da manhã pode ser comparada, *Śundhyuvah* no plural também pode significar Águas. – *Nir.* 4, 16.

<sup>4</sup> Do mesmo modo como o *Ṛṣi* Nodhas mostra seus desejos por meio de suas orações e louvores, assim a aurora estende a luz que é acessível a todo o mundo: nós não temos mais informação de Nodhas além de que ele era um *Ṛṣi*.

<sup>5</sup> *Admasad*: *adma* significa alimento ou uma residência; *sad*, que vai ou habita, a dona da casa, literalmente, ou alguém que tem a cozinhar o alimento da sua família, e, em qualquer um dos casos, que se levanta com o alvorecer e desperta os adormecidos da casa.

<sup>6</sup> *Ajāmiṃ na parivṛṇakti jāmiṃ*: *jāmi* é explicado pelo comentador como *sajātīyā*, da mesma espécie, ou seja, seres divinos, os deuses; *ajāmi* então significa, não da mesma espécie, *vijātīyā*, isto é, a humanidade.

<sup>7</sup> Ela ilumina todas as coisas, de um átomo a uma montanha, diz o comentador.

<sup>8</sup> *Abhrāteva puṃsa eti pratīcī*, como uma donzela que não tem irmãos, afastada do seu próprio lugar de permanência, vai até ou depende dos seus parentes homens, *puṃsah*, para o sustento; ou isso pode significar, de acordo com Sāyaṇa, que ela nesse caso deve oferecer os bolos fúnebres para seus progenitores; *pratīcī*, com rosto desviado, como aplicável a Uṣas, significa olhando ou indo para o oeste.

<sup>9</sup> *Gartārug iva sanaye dhanānām*, como alguém que ascende (*āruh*, subir) uma casa (*garta-griha*) para a doação ou o recebimento de riquezas, a explicação e a aplicação à aurora são dadas por Sāyaṇa, conformemente o *Nirukta*, 3, 5: o comentário sobre o qual, no entanto, explica *Garta* como sendo um tamborete ou mesa na qual dados são jogados, e alude não muito inteligivelmente a uma prática no Sul, na qual uma viúva sem filhos procura obter a assistência dos

de agradar seu marido, Uşas veste traje adequado, e sorrindo por assim dizer, exhibe seus encantos.

**8.** A irmã (*Noite*) preparou um lugar de nascimento para sua irmã mais velha (*Dia*), e tendo-o dado a conhecer a ela, parte. Uşas, dispersando a escuridão com os raios do sol, ilumina o mundo, como relâmpagos reunidos.

**9.** De todas aquelas irmãs que passaram antes, uma sucessora segue diariamente aquela que antecedeu. Assim que novas auroras, como as antigas, trazendo dias afortunados, brilhem sobre nós abençoados com afluência.

**10.** Desperta, Uşas repleta de riquezas, aqueles que se deleitam (em oferendas sagradas); que os comerciantes avaros, relutantes em acordar (para tal propósito), durmam. Surge, opulenta Uşas, trazendo prosperidade para o (adorador) generoso; faladora da verdade, que és aquela que faz definhar (as criaturas vivas), surge, trazendo prosperidade para aquele que te louva.

Varga 9. **11.** Essa jovem (Uşas) se aproxima do leste; ela atrela seu conjunto de bois purpúreos. Seguramente ela dissipará a escuridão, um sinal evidente (do dia) no firmamento: o fogo (sagrado) é aceso em todas as residências.

**12.** Ao teu despontar, (Uşas), as várias aves se erguem dos seus ninhos, e os homens que têm que ganhar seu pão<sup>10</sup> (deixam suas casas). Tu trazes, divina (Uşas), muita riqueza para o mortal generoso que está presente na câmara (de sacrifício).

**13.** Louváveis Uşasas, sejam glorificadas por esse (meu) hino; dispostas benevolentemente para conosco, aumentem (a nossa prosperidade); e que nós obtenhamos, deusas, pela sua graça, opulência, multiplicada por cem e por mil.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 125 \(Wilson\)](#)

## Hino 124. Aurora (Griffith)

**1.** A Aurora refulgente, quando o fogo está aceso,<sup>11</sup> e o sol nascendo, difunde ao longe seu brilho. Savitar, Deus, nos enviou para o trabalho, cada quadrúpede, cada bípede, para ser ativo.

**2.** Não interrompendo ordenanças celestiais, embora ela diminua<sup>12</sup> gerações humanas. A última das manhãs incessantes que partiram, a primeira daquelas que virão, a Aurora brilha intensamente.

**3.** Lá na região leste ela, Filha do Céu, vestida em trajes todos de luz, apareceu. Realmente ela segue o caminho da Ordem, nem falta, conhecendo bem, aos quadrantes celestiais.

**4.** Perto ela é vista, como se fosse o peito brilhante de alguém: ela mostra coisas agradáveis como um novo cantor de canções. Ela vem como uma mosca<sup>13</sup> despertando os adormecidos, de todas as damas que retornam a mais verdadeira e constante.

parentes do marido por se dirigir a uma casa de jogo; as passagens são citadas pelo professor Müller – Prefácio, vol. 2 do *Rgveda*, p. xvi.

<sup>10</sup> *Narasca pitubhājah-annārthiṇah*, buscando por alimento.

<sup>11</sup> O fogo sacrificial aceso para os ritos matutinos.

<sup>12</sup> Por marcar o período de tempo destinado ao homem. Veja 1.92.10-11.

<sup>13</sup> *Admasan na*; veja Geldner, *Vedische Studien*, II, 179. [A edição de 1889 concordava com a versão de Wilson.]

5. Lá na metade leste da região aquosa<sup>14</sup> a Mãe das Vacas<sup>15</sup> tem mostrado seu estandarte. Cada vez mais ampla ainda ela se estende adiante, e preenche inteiramente os colos de ambos os Pais<sup>16</sup> dela.

6. Ela, de fato, extremamente vasta de se contemplar, não exclui da sua luz nem parente nem estranho. Orgulhosa de sua forma impecável ela, reluzindo brilhantemente, não se desvia dos nobres, nem dos humildes.

7. Ela procura homens,<sup>17</sup> como aquela que não tem irmão, subindo em seu carro, por assim dizer, para reunir riquezas. Aurora, como uma mãe de família amorosa para seu marido, sorridente e bem vestida, revela sua beleza.

8. A Irmã deixa, para a Irmã mais velha,<sup>18</sup> o seu lugar, e tendo olhado para ela parte. Ela enfeita sua beleza, brilhando com raios de sol, como mulheres movendo-se em conjunto para a reunião festiva.

9. Para todas essas Irmãs que outrora desapareceram uma posterior segue em sucessão a cada dia. Assim, como as que passaram, com dias de boa sorte auspiciosa, que as novas Auroras resplandeçam sobre nós com riquezas.

10. Desperta, ó Rica, os doadores generosos; que os negociantes avaros durmam não despertos: brilha esplendidamente, Rica, sobre aqueles que adoram, ricamente, alegre. Aparece enquanto consumindo,<sup>19</sup> sobre o cantor.

11. Essa jovem Donzela do leste brilhou sobre nós, ela atrelou seu conjunto de bois vermelhos brilhantes. Ela emitirá raios de luz, a luz acelerará para cá, e Agni estará presente em cada residência.

12. Como pássaros voam dos seus lugares de descanso, assim homens com fartura de alimento<sup>20</sup> se levantam ao teu despontar. Sim, ao mortal generoso que permanece em casa, ó Deusa Aurora, tu trazes muita prosperidade.

13. Louvadas pela minha oração sejam vocês que devem ser celebradas. Vocês têm aumentado a nossa riqueza, ó Auroras que nos amam. Deusas, que nós ganhemos, por suas boas graças, riqueza a ser contada às centenas e aos milhares.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 125 \(Griffith\)](#)

---

<sup>14</sup> O céu enevoadado.

<sup>15</sup> Raios de luz.

<sup>16</sup> Céu e terra.

<sup>17</sup> Isso não está muito claro, talvez o Sol, seu amante ou marido, seja aludido.

<sup>18</sup> O Dia, a quem a noite dá lugar.

<sup>19</sup> Como no verso 2.

<sup>20</sup> Nós devemos presumir 'que buscam seu alimento', e assim Sāyana explica *pitubhājah*. Isso pode significar os ricos que dividem sua fartura com outros e devem trabalhar para reabastecê-la.

## Hino 125. Svanaya (Wilson)

(Sūkta V)

O hino é supostamente recitado por Kakṣīvat, em reconhecimento da generosidade do Rājā Svanaya,<sup>1</sup> cuja doação é, portanto, considerada como a divindade do hino, ou o objeto endereçado; Kakṣīvat é, evidentemente, o Rṣi; a métrica da quarta e quinta estrofes é Jagatī; a do restante, Triṣṭubh.

Varga 10. **1.** Tendo chegado de manhã cedo, (Svanaya) oferece (riqueza) preciosa, conhecendo-a (como digna de aceitação); e tendo, (portanto), a aceitado, (Kakṣīvat) a leva (para seu pai): com a qual o pai de filhos excelentes, mantendo sua progênie, passa a sua vida no desfrute de afluência.

**2.** Que ele (o Rājā) seja rico em vacas, em ouro, em cavalos: que Indra conceda riqueza abundante àquele que te atrasa, voltando para casa de manhã cedo, por meio de presentes caros, como (um caçador captura os animais) vagantes por meio de suas armadilhas.

**3.** Desejoso (de te ver novamente),<sup>2</sup> eu hoje obtive a ti, que fizeste uma boa ação de manhã; o realizador de um sacrifício<sup>3</sup> com um carro carregado de riqueza, revigora-te com o suco derramado da planta rasteira (*Soma*) que alegra, e aumenta com preces sinceras (a prosperidade) do chefe de um povo próspero.

**4.** As vacas que produzem copiosamente e que conferem alegria, destilam (seu leite) para a celebração do sacrifício (*Soma*), e para aquele que empreendeu a celebração: os rios nutritivos de manteiga convergem de todos os quadrantes em direção a ele, que propicia (seus progenitores), e beneficia (a humanidade).<sup>4</sup>

**5.** Aquele que propicia (os deuses), oferece aos deuses, e senta à vontade no topo do céu: a ele as águas correntes levam sua essência; para ele essa (terra)<sup>5</sup> fértil sempre produz abundância.

**6.** Essas (recompensas)<sup>6</sup> extraordinárias de fato são para aqueles que fazem doações (virtuosas):<sup>7</sup> pelos doadores de presentes (virtuosos) os sóis brilham no céu; aqueles que

<sup>1</sup> A lenda que é citada por Sāyaṇa, e que é contada no mesmo sentido na *Nīti-maṅjarī*, relata que Kakṣīvat, tendo terminado seu curso de estudo, e se despedido do seu preceptor, estava viajando para casa, quando a noite chegou, e ele adormeceu ao lado da estrada; de manhã cedo, o Rājā Svanaya, filho de Bhāvayavya, acompanhado por sua comitiva, chegou ao local, e perturbou o sono do brâmane: após ele se levantar, o Rājā se aproximou dele com grande cordialidade, e estando impressionado por sua aparência pessoal, decidiu, se ele fosse de posição e nascimento adequados, lhe dar suas filhas em casamento. Depois de averiguar sua aptidão, ele levou Kakṣīvat para casa com ele, e lá o casou com suas dez filhas, presenteando-o ao mesmo tempo com cem *niṣkas* de ouro, cem cavalos, cem touros, mil e sessenta e vacas, e onze carruagens, uma para cada uma das suas esposas e uma por ele mesmo, cada uma puxada por quatro cavalos. Com esses presentes Kakṣīvat voltou para casa, e colocou-os à disposição de seu pai, Dīrghatamas, recitando este hino em louvor da munificência de Svanaya.

<sup>2</sup> Supõe-se que esse e os versos seguintes são repetidos por Dīrghatamas, o pai de Kakṣīvat.

<sup>3</sup> *Iṣṭeḥ putram*, literalmente, o filho do sacrifício; mas o comentador explica que *putram*, sob a autoridade de Yāska, significa *purutrātāram*, o muito protetor, ou, simplesmente, *kartāram*, realizador.

<sup>4</sup> *Pr̥ṇayantam papurim-ca* são ambos atributivos de um agente, e portanto o agente que dá prazer, ou que dá repleção ou satisfação; o comentador aplica o primeiro aos *Pitṛs*, ou progenitores; o segundo a todos os seres vivos.

<sup>5</sup> *Iyam dakṣinā*, o comentador interpreta por, essa terra capaz; a *bhūmi*, que é capaz, *dakṣā*, de produzir colheitas; de outra maneira pode-se pensar que isso se refere à doação, *dakṣinā*, de Svanaya, como no próximo verso.

<sup>6</sup> *Imāni citrā*, essas maravilhas, ou essas coisas variegadas, as quais, segundo o comentário, são ornamentos pessoais, – guirlandas, sândalo, jóias, pérolas, e semelhantes.

<sup>7</sup> *Dakṣināvatām-dakṣinādātrīnām*, dos doadores de *Dakṣinā*, os doações para os brâmanes no fim de um sacrifício, ou qualquer solenidade específica.

fazem doações (virtuosas) obtêm imortalidade; os dadores de presentes (virtuosos) prolongam sua existência (terrena).

7. Que aqueles que propiciam (os deuses), nunca cometam pecado degradante; que aqueles que louvam aos deuses e cumprem votos sagrados nunca sofram decadência; que algum indivíduo (honrado) seja sempre a defesa deles; e que as aflições caiam sobre aquele que não propicia (os deuses).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 126 \(Wilson\)](#)

### Hino 125. Svanaya (Griffith)<sup>8</sup>

1.<sup>9</sup> Chegando de manhã cedo ele dá seu tesouro;<sup>10</sup> o prudente<sup>11</sup> o recebe e o acolhe. Por meio disso aumentando continuamente sua vida e prole, ele chega com filhos corajosos a riquezas abundantes.

2.<sup>12</sup> Rico ele será em ouro e vacas e cavalos. Indra concede a ele grande força vital, que te para, enquanto tu vens, com seu tesouro, como caça apanhada na rede, ó que chegas cedo.

3.<sup>13</sup> Ansioso, eu cheguei nessa manhã ao devoto, o filho do sacrifício, com carro carregado de riqueza. Dá a ele<sup>14</sup> para beber suco do talo que alegra; torna próspero com hinos agradáveis o Senhor dos Heróis.

4. Rios que trazem saúde, como vacas leiteiras, fluem para beneficiar àquele que adorou, àquele que agora adorará. Para aquele que doa e sacia livremente de todos os lados rios de abundância fluem e o tornam famoso.

5. No alto cimo do céu ele permanece exaltado, sim, aos Deuses ele vai, o doador generoso. Os rios, as águas fluem para ele com fertilidade: para ele essa recompensa sempre produz abundância.

6. Para aqueles que dão ricas recompensas são todos esses esplendores, para aqueles que dão ricas recompensas sóis brilham no céu. Os dadores de ricas recompensas são feitos imortais; aqueles que dão ricas remunerações prolongam sua vida.

7. Que os generosos não caiam no pecado e na tristeza, que os chefes virtuosos que cultuam nunca decaiam! Que, além disso, todo homem seja a proteção deles, e que a aflição caia sobre os avaros.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 126 \(Griffith\)](#)

<sup>8</sup> Esse hino é um diálogo entre um sacerdote viajante e um príncipe virtuoso e generoso. Para a lenda explicativa, que é citada por Sāyaṇa, veja a nota na tradução de Wilson. [A nota 1.]

Esse hino é um elogio à generosidade de um príncipe chamado Svanaya, que recompensou munificentemente o Ṛṣi Kakṣivān. [Nota da edição de 1889.]

<sup>9</sup> O sacerdote (Kakṣivān) fala.

<sup>10</sup> A riqueza que virá depois do sacrifício.

<sup>11</sup> O príncipe.

<sup>12</sup> O príncipe (Svanaya) fala.

<sup>13</sup> O sacerdote fala.

<sup>14</sup> Indra.

## Hino 126. Bhāvayavya (Wilson)

(Sūkta VI)

Dos primeiros cinco versos, o Ṛṣi é Kakṣīvat, e como eles são em louvor do Rājā Bhāvayavya, ele é considerado como estando no lugar da divindade; a sexta estrofe é atribuída ao Rājā, e a sétima à esposa dele Lomaśā, a filha de Bṛhaspati. As primeiras cinco estrofes estão na métrica Triṣṭubh, a das duas últimas é Anuṣṭubh.

Varga 11. **1.** Eu repito com uma mente (disposta), os louvores não relutantes de Bhāvya,<sup>1</sup> residente nas margens do Sindhu,<sup>2</sup> um príncipe de (poder) inigualável, desejoso de renome, que me habilitou a realizar cem sacrifícios.

**2.** De qual príncipe generoso, pedindo (a minha aceitação), eu, Kakṣīvat, aceitei sem hesitação cem niṣkas,<sup>3</sup> cem corcéis vigorosos, e cem touros, por meio do que ele espalhou sua fama imperecível pelo céu.

**3.** Dez carruagens puxadas por cavalos baios, e carregando minhas esposas, ficaram perto de mim, dadas a mim por Svanaya; e mil e sessenta vacas vinham em seguida; essas, depois de um curto intervalo de tempo, Kakṣīvat entregou (para seu pai).

**4.** Quarenta cavalos baios, (atrelados) às carruagens, precediam a procissão na frente de mil (seguidores). Os Pajras, parentes de Kakṣīvat, esfregaram os corcéis fofos, enfeitados com arreios dourados.

**5.** Eu aceitei uma doação anterior, (parentes) para vocês;<sup>4</sup> três e oito carruagens atreladas e gado de valor incalculável; que a família dos Pajras,<sup>5</sup> como parentes bem dispostos, esteja desejosa de obter renome por meio das suas oferendas abundantes.<sup>6</sup>

**6.** <sup>7</sup>Ela, que, quando seus desejos são acedidos, aferra-se tão tenazmente quanto uma doninha,<sup>8</sup> e que está pronta para o desfrute, me concede leite infinito.

**7.** Aproxima-te de mim, (marido); não me consideres imatura; eu estou coberta de pelos como uma ovelha dos *Gandhārins*.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 127 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Bhāvya é aqui identificado evidentemente com Svanaya, seu filho.

<sup>2</sup> *Sindhau adi*, no Sindhu, ou o rio Indus ou o litoral; mais provavelmente o último.

<sup>3</sup> Um *niṣka* é um peso em ouro. Por *Manu* ele é dito ser igual a quatro *suvarnas* (8.134 [e 137]). No *Amarakośa* ele é taxado em 108 *suvarnas*.

<sup>4</sup> O comentador está perdido em entender como isso deve ser, porque no hino anterior todos os presentes foram colocados à disposição de seu pai por Kakṣīvat; e, além disso, os dez carros transportavam as esposas dele, que não poderiam ser doadas; ele sugere, portanto, que um sentido diferente do número onze é aludido.

<sup>5</sup> Essa é uma frase bastante duvidosa; o comentador a explica 'como grupos de pessoas que têm afeição mútua'.

<sup>6</sup> O texto tem, tendo carroças ou carrinhos de mão, *anasvantaḥ*, o terno *anas* implicando um carro ou vagão pequeno, no qual as plantas *Soma* são levadas para o lugar onde o sacrifício será oferecido.

<sup>7</sup> Supõe-se que isso é dito por Bhāvya para sua esposa Lomaśā.

<sup>8</sup> *Kāsikā*, que é explicado como *sutavatsā nakulī*, a nêul fêmea ou viverra, tendo dado à luz filhotes.

<sup>9</sup> Essa é a resposta de Lomaśā; mas o verso, assim como o anterior, é trazido muito abruptamente, e não tem conexão com o que precede; ele está também em uma métrica diferente, e é provavelmente um fragmento de alguma canção popular; outro significado também é atribuído a *gandhārī*.

## Hino 126. Bhāvayavya (Griffith)

1. Com sabedoria eu ofereço esses louvores alegres de Bhāvya<sup>1</sup> residente na margem do Sindhu; pois ele, Rei invicto, desejando glória, me forneceu mil sacrifícios.
2. Cem gorjais do rei, rogando, uma doação de cem corcéis eu aceitei uma vez; das vacas do senhor, mil, eu Kakṣivān. Sua glória imortal ele expandiu para o céu.
3. Cavalos de cor parda ficaram ao meu lado, dez carros, presente de Svanaya, com éguas para puxá-las.<sup>2</sup> Vacas numerando sessenta mil vieram depois. Kakṣivān as ganhava quando os dias estavam terminando.
4. Quarenta cavalos baios do mestre dos dez carros à frente de mil lideravam a longa procissão. Cambaleando de alegria os filhos de Kakṣivān e Pajra<sup>3</sup> trataram dos corcéis enfeitados com arreios de pérolas.
5. Uma doação anterior para vocês eu aceitei, oito vacas, bons ordenhadores e três cavalos atrelados, Pajras, que com suas carroças com seus grandes parentes, como tropas de súditos, estavam ansiosos por glória.
- 6.<sup>4</sup> (*Ille loquitur*). *Adhaerens, arcte adhaerens, illa quae mustelae similis se abdidit, multum humorem effundens, dat mihi complexuum centum gaudia.*
7. (*Ille loquitur*). *Prope, prope accede; molliter me tange. Ne putes pilos corporis mei-paucos esse: tota sum villosa sicut Gandharium ovis.*

[Índice](#) ◀▶ [Hino 127 \(Griffith\)](#)

<sup>1</sup> O príncipe Svanaya do hino anterior é aqui novamente elogiado por sua munificência sob o nome de seu pai Bhāva ou Bhāvayavya, que vivia na margem do Sindhus ou Indu.

<sup>2</sup> Ou, com donzelas ou escravas. Compare com 6.27.8.

<sup>3</sup> O fundador da família sacerdotal da qual Kakṣivān era descendente.

<sup>4</sup> ["Eu acrescento uma versão em latim das duas estrofes omitidas na minha tradução". Griffith – *The Hymns from the Rigveda*, 1896; Vol. 1. Apêndice 1, pág. 649.

"Quanto aos dois últimos versos do segundo dos *Svanaya Sūktas* (1.126.6-7), eles são óbvias incongruências, embora também possam ser antigos". – Wilson, *Introdução do Segundo Aṣṭaka*.]

A sexta estrofe do hino é atribuída a Svanaya, e a sétima à esposa dele Lomaśā. [Veja a nota 9 acima.]

## Hino 127. Agni (Wilson)

(Anuvāka 19. Sūkta I)

O hino é endereçado a Agni; o Ṛṣi se chama Parucchepa, o filho de Divodāsa; a métrica é Atyaṣṭi.<sup>1</sup>

- Varga 12. **1.** Eu venero Agni, o invocador (dos deuses), o munificente, o concesso de residências, o filho da força: ele que conhece tudo o que existe, como um sábio que é dotado de conhecimento;<sup>2</sup> que, divino regenerador de sacrifícios, através da sua devoção grandiosa e reverencial, deseja para os deuses o brilho da manteiga derretida que é oferecida em oblação com as chamas dele.
- 2.** Nós, os instituidores da cerimônia, te invocamos, Agni, que és o mais digno de culto, e és o mais velho dos Aṅgirasas, com preces (aceitáveis); e com preces (recitadas) pelos sacerdotes, (nós adoramos) a ti, que, como aquele que percorre o céu, (o sol), és o invocador (dos deuses em nome) dos homens, e a quem, o derramador (de bênçãos) de cabelo brilhante, muitas pessoas se aproximando propiciam para a obtenção de felicidade.
- 3.** De fato, aquele Agni, muito radiante com força brilhante, é o destruidor de inimigos, como um machado que corta árvores: tudo o que é mais sólido e estável se dissolve como água ao contato dele, impiedoso, ele se diverte (entre inimigos), nem desiste (da destruição deles), como um arqueiro que não recua (da batalha).
- 4.** Eles têm oferecido doações substanciais a ele, como (eles dão riquezas) para um sábio, e por meios resplandecentes ele nos concede (graça) para a nossa preservação; (o adorador) oferece (presentes) para Agni por preservação; ele que permeia as (muitas oferendas feitas a ele) as consome (tão rapidamente) quanto (ele consome) florestas; ele amadurece os grãos estagnados por meio da sua potência; ele destrói todas as (coisas) que são estacionárias por meio do seu poder.
- 5.** Nós colocamos perto do altar o alimento (sacrificial) dele que é mais visível à noite do que de dia; (nós o oferecemos) a ele que mal está vivo de dia,<sup>3</sup> por isso seu alimento (sacrificial) encontra pronta aceitação, como uma residência (dada por um pai) para um filho; esses

<sup>1</sup> De acordo com o Sr. Colebrooke (*Sanskrit e Prakrit Prosody, Misc, Essays*, II. 162), a métrica *Atyaṣṭi* é uma estrofe de quatro linhas, contendo 68 sílabas, cada uma disposta em diferentes pés, constituindo variedades da classe, e o comentador cita o *chandās* ou sistema métrico dos *Vedas*, para uma série graduada de métricas, começando com *Utkṛti*, contendo 104 sílabas, e descendo por uma diminuição de quatro por oito classes até *Atyaṣṭi*, a nona, a qual apresenta mesmo número. Neste hino e nos doze seguintes, no entanto, a estrofe está organizada em três linhas, e o número de sílabas varia de 57 a 70, sendo na maioria das linhas 65, 66, 67; a distribuição dos pés não parece seguir qualquer regra definida.

[A sexta estrofe está na métrica *Atidhṛti*, segundo Griffith e Gary Holland.]

<sup>2</sup> É uma peculiaridade desse e dos doze *Sūktas* seguintes reiterar a palavra principal que ocorre a terceira ou quarta a partir do final da primeira linha e, por vezes, também da terceira, e repeti-la como a última palavra da linha; portanto, nós temos aqui *sūnum sahaso jātavedasam, vipraṃ na jātavedasam*; que é pouco mais que uma espécie de rima verbal aliterativa, mas o comentador acha necessário atribuir à palavra repetida um significado distinto, de fato segundo a regra que prevalece em relação aos vários tipos de aliteração, denominada por escritores sobre *Alankāra* ou composição ornamental, *Yamaka*, ilustrada por vários escritos célebres, especialmente pelo *Nalodaya*, atribuído a Kālidāsa, traduzido pelo falecido Rev. Sr. Yates, que também publicou uma dissertação erudita sobre o assunto nas *Bengal Asiatic Researches*, vol. XIX.: o emprego desse artifício e, em um grau ainda maior, a construção complexa da estrofe, tornam a série inteira dos hinos de Parucchepa extremamente obscura e ininteligível: não é pretendido que sua tradução é livre de exceção, mas o texto foi respeitado tanto quanto possível com a ajuda do comentador.

<sup>3</sup> *Aprāyuṣe divātārāt*, a ele que não tem vida proeminente ou vigorosa durante o dia, sendo obscurecido e enfraquecido pela maior refulgência do sol.

fogos imperecíveis, (embora) discriminando entre o devoto e o não devoto, concedem proteção (a ambos), e aceitando (as oferendas dos virtuosos), eles são livres de decadência.

Varga 13. **6.** Ele ruga alto, como o rugido dos ventos, em meio aos (ritos) santificados e selecionados (de) solenidades (sagradas); ele que deve ser venerado, que deve ser adorado (pela vitória) sobre tropas (de inimigos); ele, o recebedor (de oblações), o manifestador do sacrifício; ele, que é digno de veneração, devora as oblações: por isso, todos os homens para o seu bem seguem o caminho de Agni, que dá prazer (para seus adoradores), estando satisfeito (em si mesmo), do mesmo modo como os homens seguem um caminho (que leva) à felicidade.

**7.** Os descendentes de Bhr̥gu, celebrando a ele (Agni) em ambas as suas formas,<sup>4</sup> glorificando e prestando homenagem a ele, proclamam seus louvores; os descendentes de Bhr̥gu,<sup>5</sup> friccionando (os bastões para acender a chama) para a oblação. Pois o radiante Agni, que é o guardião de todos esses tesouros, tem poder (para distribuí-los). Que ele, o recebedor de sacrifícios, compartilhe das (oferendas) agradáveis dadas até a saciedade; que ele, o recebedor de sacrifícios, compartilhe (das oblações).

**8.** Nós invocamos a ti, o protetor de todas as pessoas, o mesmo igualmente para todos, o preservador da casa, para desfrutar (da oblação); a ti, que és aquele que transporta a nossa prece infalível; para desfrutar (da oblação) nós chamamos a ti, que és o hóspede dos homens, a quem todos esses imortais recorrem para seu sustento, como (um filho) a um pai; a ti, para quem os sacerdotes oferecem oblações entre os deuses.

**9.** Tu, Agni, o destruidor (de inimigos) por tua força, o possuidor de grande esplendor, nasceste para sacrificar aos deuses, como riquezas (são geradas) para sacrificar aos deuses; de fato a tua alegria é a mais brilhante, teu culto é o mais produtivo de renome; por isso, imperecível Agni, (os sacrificadores) te visitam, (como enviados, a um príncipe; a ti), que proteges (teus adoradores) da decadência.<sup>6</sup>

**10.** Que o seu louvor, (ó sacerdotes), se torne agradável para Agni, que é digno de louvação, que tem força para vencer os fortes, que é despertado ao amanhecer; como se para um doador de gado. Visto que o apresentador da oblação se dirige assiduamente para todo altar, o sacerdote invocador, bem hábil em louvor (religioso), glorifica a ele (Agni), como a primeira das (divindades) que alcançam, como um arauto (recita os louvores) de (homens) ilustres.<sup>7</sup>

**11.** Agni, tornando-te visível perto de nós, e compartilhando com intenção benigna do alimento (sacrificial) junto com os deuses, concede-nos riquezas abundantes, com intenção benigna. Agni o mais poderoso, nos torna ilustres, para que nós possamos ver e desfrutar (dessa terra); e concede grandeza com progênie excelente para aqueles que te louvam, possuidor de riqueza, destruidor de inimigos, como um (gigante)<sup>8</sup> feroz em força.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 128 \(Wilson\)](#)

<sup>4</sup> *Dvitā yadīm kistāsah*, celebrando-o como duplo; isto é, segundo Sāyaṇa, ou como reconhecido no *Śruti* e *Smṛti*, os livros de religião e lei; ou como o que dá felicidade nesse mundo e no próximo, ou como múltiplo nos fogos *Āhavanīya* e outros, *dois* sendo colocado em lugar de muitos.

<sup>5</sup> O comentador explicaria *bhr̥ghavah* nesse segundo lugar como os torradores ou consumidores, ou da oblação ou da iniquidade.

<sup>6</sup> *Ajara*, imperecível; mas aqui explicado como não causando decadência; ou alguém que não louva a outros; alguém a quem somente louvor é devido.

<sup>7</sup> A última linha dessa estrofe é muito elíptica e invertida; ela é, literalmente: 'na frente, um arauto, como adoradores dos que chegam (*ṛṣūṇām*), o hábil em louvor, invocador dos ricos (*ṛṣūṇām*)'.

<sup>8</sup> Como um *ugra*, um ogro, *ughro na śavasā*; Sāyaṇa explica isso meramente como alguém cruel ou feroz.

## Hino 127. Agni (Griffith)<sup>9</sup>

1. Agni eu mantenho como arauto, o magnânimo, o gracioso, Filho da Força, que conhece tudo o que vive, como Cantor santo, que sabe tudo, Senhor dos bons ritos, um deus com forma ereta dirigindo-se aos Deuses, ele, quando a chama brotou do óleo sagrado, a gordura oferecida, anseia por isso com seu brilho.
2. Nós, sacrificando, chamamos a ti o melhor adorador, o mais velho dos Añgrases,<sup>10</sup> Cantor, com hinos, a ti, Brilhante! com hinos dos cantores; a ti, vagando por assim dizer em volta do céu, que és o Sacerdote invocador dos homens, a quem, Touro com cabelo de chama, as pessoas devem observar, as pessoas que se apressam na direção dele.
3. Ele com sua glória brilhante resplandecendo por toda parte, ele, de fato, é quem mata inimigos demoníacos, mata os demônios, como um machado; por cujo contato próximo as coisas sólidas tremem, e o que é estável cede como árvores. Subjugando a todos, ele se mantém firme e não recua, do arqueiro habilidoso não recua.<sup>11</sup>
4. A ele, como alguém que reconhece, até mesmo as coisas sólidas se rendem: através de bastões de fogo<sup>12</sup> aquecidos ele dá suas dádivas para ajudar. Os homens oferecem presentes para Agni por auxílio. Ele, perfurando profundamente muitas coisas, as corta como madeira com brilho ardente. Mesmo alimento duro e sólido ele tritura com seu poder, sim, alimento duro e sólido com poder.
5. Aqui perto nós colocamos o alimento sacrificial para ele, que brilha mais claro à noite do que de dia, com vida então mais forte do que de dia. Sua vida dá proteção segura e firme como a que alguém dá para um filho. O fogo duradouro desfruta de coisas dadas e de coisas não dadas,<sup>13</sup> os fogos duradouros desfrutam como alimento.
6. Ele, rugindo bem alto como a hoste dos Maruts, adorável em campos férteis cultivados, adorável em lugares desertos, aceita e come os nossos presentes oferecidos, bandeira do sacrifício perto do deserto; então vamos todos, nos alegrando, amar seu caminho quando ele está feliz, como os homens buscam um caminho para a felicidade.
7. Assim como aqueles que cantam hinos, dirigidos ao céu, os Bhrgus<sup>14</sup> com sua oração e louvor o convidaram, os Bhrgus friccionando,<sup>15</sup> oferecendo presentes. Pois o radiante Agni, Senhor de todos esses tesouros, é extremamente forte. Que ele, o sábio, aceite as coberturas agradáveis, que o sábio aceite as coberturas.<sup>16</sup>
8. Nós invocamos a ti, o Senhor de todas as nossas casas assentadas, comum a todos, o guardião do lar, para desfrutar, portador de hinos verdadeiros, para desfrutar. Nós invocamos a ti, o hóspede dos homens, por cuja boca, assim como de um pai, todos esses Imortais vêm a obter seu alimento vital, oblações chegam aos Deuses como alimento.
9. Tu, Agni, o mais vitorioso com tua força vencedora, o mais poderoso, nasceste para o serviço dos Deuses, como riqueza para o serviço dos Deuses. Teu êxtase é o mais poderoso, teu poder mental é o mais esplêndido. Portanto, os homens servem a ti, Imperecível, como vassalos, Imperecível.
10. Para ele, o poderoso, conquistando com força vitoriosa, para Agni andando com a aurora, que envia vacas, que seu louvor seja cantado, cantado para Agni; como aquele que

<sup>9</sup> Esse hino, e os doze que o seguem, são atribuídos ao Ṛṣi Paruccheпа. Eles são geralmente muito obscuros e frequentemente ininteligíveis. [Veja a nota 2.]

<sup>10</sup> Veja 1.1.6.

<sup>11</sup> Nem mesmo um homem forte armado com seu arco pode desviá-lo do seu curso.

<sup>12</sup> Os dois pedaços de madeira que ainda são usados para produzir o fogo sacrificial.

<sup>13</sup> Isto é, oferendas sacrificais e grama e mato da floresta.

<sup>14</sup> Os descendentes de Bhrgu, o primeiro alentador de Agni, ou acendedor do fogo.

<sup>15</sup> Agitando os bastões de fogo.

<sup>16</sup> De acordo com Sāyaṇa, as oblações de manteiga clarificada, etc.

vem com oblação o chama em voz alta em todos os lugares. Diante dos tições de fogo ele brada como cantor, o arauto, acendedor dos tições.

11. Agni, visto por nós na área mais próxima, concordante com os Deuses, traze-nos, com amor benevolente, grandes riquezas com teu amor benevolente. Dá-nos, ó mais poderoso, o que é grandioso, para ver e desfrutar da terra. Como alguém de poder terrível, incita poder heróico para aqueles que te louvam, Senhor Generoso!<sup>17</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 128 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 127. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I. HINO 127.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 1, VARGA 12-13.

1. Eu considero Agni como o Hotṛ generoso, o Vasu, o Filho da Força, Jātavedas, como um sacerdote, Jātavedas; o melhor realizador do sacrifício, o deus que, com seu corpo ereto que está voltado para os deuses, e com sua chama, anseia pelo brilho do ghee (fervente), da manteiga que é oferecida (no fogo).

2. Que nós, os sacrificadores, te chamemos para cá, o melhor dos sacrificadores, o primeiro dos Aṅgiras, ó sacerdote, com nossas preces, com preces sacerdotais, ó brilhante: a ti que como o céu cercas a terra, o Hotṛ das tribos humanas, o varonil de cabelo de chama, a quem essas pessoas – a quem todas as pessoas devem favorecer para acelerá-lo (para o nosso sacrifício).

3. Ele, de fato, brilhando poderosamente com sua força resplandecente, se torna o conquistador de inimigos enganosos – como um machado, o conquistador de inimigos enganosos. Ele a cuja investida até o que é forte derrete, coisas estáveis (definham) como florestas (que são queimadas ou curvadas na tempestade).<sup>18</sup> Conquistando ele se detém, ele não prossegue. Como um arqueiro conquistador ele prossegue.<sup>19</sup>

4. Mesmo o que é firme cede diante dele: assim isso é conhecido. Com os gravetos de acender mais quentes alguém o adora para ganhar seu favor, alguém adora Agni para ganhar seu favor. Ele que mergulha em muitas florestas como se esculpindo a madeira com sua chama, destrói até o alimento firme<sup>20</sup> com sua força – ele destrói até o que é firme com sua força.

5. Vamos colocar aquele poder dele na nossa proximidade – (aquele poder) que é mais visível de noite do que de dia – (mais visível) do que de dia para o (adorador) incessante. Portanto sua vida é uma posse segura, como o refúgio seguro (de um pai) para um filho: (os fogos), que nunca envelhecem, tendendo a bênçãos apreciadas ou não apreciadas (antes) – os fogos que nunca envelhecem, tendendo (para tais bênçãos).

6. Ele realmente faz um barulho forte como a tropa dos Maruts, ... nos campos ricos, ... no ...<sup>21</sup> Ele, o apanhador, comeu as oferendas, ele que merecidamente tornou-se o estandarte do sacrifício. E quando ele (procede) jubilosamente e com alegria, todos têm seguido

---

<sup>17</sup> *Maghavan*: rico e generoso, um título mais comum de Indra.

<sup>18</sup> O significado da comparação que eu indiquei pelas palavras entre parênteses torna-se claro conforme 8.40.1.

<sup>19</sup> O professor Max Müller traduz: 'Aguentando (ou resistindo), ele permanece firme, ele não se move, segurando seu arco ele não se move'.

<sup>20</sup> O alimento é a madeira que Agni consome.

<sup>21</sup> [A primeira palavra omitida] Max Müller [considera como] 'o que tropeja muito', e para a segunda ele propõe a tradução 'campo arado'. Eu deixei ambas as palavras sem tradução.

alegremente em seu caminho; os homens (têm seguido) seu caminho como para uma procissão triunfal.

**7.** Quando em verdade os Kīstas<sup>22</sup> se esforçando pelo céu, quando os Bhṛgus se dirigiram a ele prestando reverência – os Bhṛgus produzindo-o por atrito, com adoração: Agni é o senhor dos bens, o brilhante, que é o sustentador deles.<sup>23</sup> Que o sábio aceite as coberturas habituais;<sup>24</sup> que o sábio as aceite.

**8.** Nós invocamos a ti, o senhor de todas as pessoas, o mestre comum da casa de todos, para desfrutar (do sacrifício); (nós chamamos) a ti que verdadeiramente és transportado por preces como por um veículo para desfrutar (do sacrifício); o hóspede dos homens em cuja presença (eles vivem) como diante (da face) de um pai, e todos aqueles imortais (obtêm) força, e as oferendas entre os deuses (obtêm) força.

**9.** Tu, ó Agni, nasceste, o mais poderoso por força, para o mundo divino, o mais forte, como riqueza para o mundo divino. Pois teu deleite é o mais forte, e teu poder é o mais brilhante. E eles andam à tua volta,<sup>25</sup> ó (deus) que nunca envelhece, como (servos) obedientes, ó (deus) que nunca envelhece.

**10.** Que o seu louvor vá ao grande Agni, que é poderoso em seu poder, que desperta ao amanhecer, como um ganhador de gado<sup>26</sup> – que ele vá até Agni. Quando (o adorador) rico em oferendas o louvou em voz alta em todas as terras, ele acorda<sup>27</sup> como um cantor em frente às auroras, o flamejante, o Hotṛ (em frente) às auroras.<sup>28</sup>

**11.** Assim sendo visto por nós, traze para perto de nós, ó Agni, unido graciosamente com os deuses, bondosamente, grande riqueza bondosamente. Faze-nos contemplar a grande (bem-aventurança de filhos valentes), ó mais poderoso, para que nós possamos obter tal satisfação. Produze a grande bem-aventurança de filhos valentes, ó Senhor generoso, (como o fogo é produzido) por atrito, para aqueles que te louvam, como um herói forte em teu poder.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 128 \(Oldenberg\)](#)

<sup>22</sup> Quem são os Kīstas (compare Lanman, p. 346) não é conhecido. Eles parecem, no entanto, ou ser idênticos aos Bhṛgus ou ser outra família antiga e provavelmente mítica de sacerdotes como eles. Eles são mencionados também em 6.67.10.

<sup>23</sup> ‘Deles’ se refere a ‘bens’.

<sup>24</sup> O combustível e as libações com as quais Agni é coberto?

<sup>25</sup> Ou o significado pode ser, e os teus (adoradores) andam em volta de ti ... como (servos) obedientes.

<sup>26</sup> O professor Max Müller traduz ‘como um caçador em busca de gado’.

<sup>27</sup> *Jarate*, ‘ele acorda’, ao mesmo tempo pode significar ‘ele canta’, e ‘ele é louvado’.

<sup>28</sup> A tradução ‘aurora’ é apenas conjectural. O professor Max Müller traduz os dois últimos *padās*: ‘ele canta como Rebha à frente de todos os cantores, como um Hotṛ inteligente entre os cantores’.

## Hino 128. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O deus, Ṛṣi e métrica são os mesmos como no hino anterior.

Varga 14. **1.** Esse Agni, o invocador dos deuses, o assíduo oferecedor de sacrifícios, é gerado do homem, (para o cumprimento do) dever daqueles que desejam (o resultado de) ritos religiosos, bem como para (a execução) do próprio dever dele; ele é o concessor de todas as bênçãos àquele que deseja sua amizade, e é prosperidade para (tal pessoa) que busca por alimento; o não obstruído oferecedor de oblações, ele se senta, cercado (pelos sacerdotes ministrantes), no lugar mais sagrado da terra, sobre a pegada de Iḷā.<sup>1</sup>

**2.** Nós propiciamos aquele instrumento de sacrifício pelo caminho do sacrifício, por saudação reverente, e por oblações de manteiga clarificada; por meio de oblações (oferecidas) aos deuses; e ele aceita as nossas oferendas, e por sua bondade não deixa (o rito até o seu término), o deus que o vento trouxe de longe para o serviço de Manu, (que ele venha,) de longe, (ao nosso sacrifício).

**3.** Agni, que deve sempre ser louvado com hinos, o dador de alimento, o derramador (de benefícios), vem imediatamente (para a nossa invocação), em aproximação (do altar da) terra, ressoando alto, vigoroso, e ressoando alto; o rápido e divino (Agni, incitado por louvor), manifesta-se centuplicado por suas chamas; Agni, tendo sua residência em lugares altos, (vem rapidamente) aos ritos religiosos.

**4.** Aquele Agni, que é (o realizador de) atos sagrados, o sacerdote da família, pensa em toda residência no sacrifício imperecível; ele pensa no sacrifício (lembrado) por (sua) celebração, pois através de tal rito piedoso, ele, o concessor de recompensas (adequadas), aceita todas as oblações oferecidas para (o bem do) adorador; por isso ele se tornou como um hóspede, alimentado abundantemente com manteiga; e o oferecedor (das oblações) se tornou o fator das recompensas (do culto).

**5.** Visto que (todos os homens) oferecem em rito sagrado (alimento) para a satisfação delas (chamas) resplandecentes de Agni, como (os grãos que) devem ser desfrutados pelos ventos, e como as iguarias que devem ser dadas àquele que as solicita; portanto o adorador oferece presentes para ele, de acordo com a extensão da sua opulência; e ele nos protege, quando oprimidos (pelo pecado), da maldade, da esmagadora malevolência e do pecado.

Varga 15. **6.** O universal, poderoso e imperioso<sup>2</sup> (Agni) segura riquezas em sua mão direita; mas, como o sol,<sup>3</sup> ele afrouxa seu aperto (em favor do seu adorador), embora ele não relaxe em seu desejo do alimento (sacrificial). De fato, Agni, tu levas a oblação para cada um dos deuses que a deseja; Agni concede bênçãos para todo (adorador) virtuoso, e abre para ele os portões (do céu).

<sup>1</sup> *Niṣadad-īlaspade parivīta īlaspade*: o primeiro termo é interpretado por Sāyaṇa como *bhūmyāḥ pade*, em um ponto ou local do solo, na terra, ao qual o epíteto *dharīmaṇi*, que ocorre na primeira estrofe, é dito se aplicar, significando aquele local que contém a essência da terra, isto é, o altar; pois diferentes textos afirmam que o altar não é só a essência da terra, mas a terra inteira. Na repetição, Iḷā, de acordo com o comentador, refere-se a Iḷā, a filha de Manu (veja 1.31.11, nota 10), e *pada* ao local onde na forma de uma vaca, *gorūpā*, ela colocou seus pés, aludindo ao relato lendário sobre a filha de Manu ser a primeira instituidora dos ritos de sacrifício, e referindo-se a algum *mantra* ou prece endereçado a ela: 'Iḷā, a filha de Manu, foi a instituidora do sacrifício, glória à pegada carregada de manteiga de Iḷā'.

<sup>2</sup> *Arati*, alguém que não é satisfeito facilmente, um soberano.

<sup>3</sup> *Tariṇir na*, conforme explicado pelo comentador: *tārahā sūrya-iva*, como aquele que transporta através (do mar da vida ou do mundo), isto é, o sol; ou o epíteto pode ser aplicado a Agni, quando *na* no sentido negativo é ligado ao verbo seguinte, *śiśrathat*, solto, deixado ir, o transportador (através do mundo) não deixou ir, não rejeitou ou abandonou seu adorador.

7. Agni é o amigo mais bondoso na enfermidade humana através dos meios de sacrifícios; o protetor amado de todos em sacrifícios, como um príncipe vitorioso, ele desce sobre as oblações dos homens quando colocadas sobre o altar; ele nos protege da malignidade de Varuṇa; da malignidade da poderosa divindade (do pecado).<sup>4</sup>

8. Eles, (os devotos), louvam Agni, o invocador (dos deuses), o possuidor de riqueza, o amado, o pensativo; eles recorrem a ele como a um soberano; eles recorrem a ele como o portador de oferendas; a ele, que é a vida (de todos os seres vivos), que conhece todas as coisas, o oferecedor de oblações, o objeto de culto, o sábio; os (sacerdotes) sagrados, desejosos de afluência, murmuram (os louvores dele) para obter sua proteção; desejosos de riqueza, eles murmuram (os louvores deles) em seus hinos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 129 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 128. Agni (Griffith)

1. Pela lei de Manu nasceu este Agni, o Sacerdote mais habilidoso, nascido para o trabalho sagrado daqueles que anseiam por isso, sim, nascido para o seu próprio trabalho sagrado. Todos prestam atenção a ele que procura seu amor e riqueza para aquele que se esforça por fama, o Sacerdote nunca enganado, ele se senta no lugar santo de Iḷā,<sup>5</sup> cercado em volta no lugar santo do Iḷā.

2. Nós chamamos aquele aperfeiçoador do culto pelo caminho do sacrifício; com reverência rica em oferendas, com culto rico em oferendas. Através do oferecimento do nosso alimento ele não envelhece em sua forma; o Deus a quem Mātariśvan<sup>6</sup> trouxe de longe, para Manu trouxe de longe.

3. Em curso ordenado ele percorre a terra sem demora, o Touro que consome rapidamente, mugindo, portando a semente genial, portando a semente e mugindo. Observador com cem olhos o Deus é conquistador da madeira; Agni, que tem sua sede em amplas planícies aqui em baixo, e nas terras altas distantes.

4. Aquele Agni, sábio Sumo Sacerdote, em cada casa tem propósito de sacrifício e serviço sagrado, sim, tem propósito, com poder mental, de sacrifício. Distribuidor, ele com poder mental mostra todas as coisas para aquele que se esforça; por isso ele nasceu como um convidado enriquecido com óleo sagrado, nascido como Ordenador e como Sacerdote.

5. Quando através do poder dele e nas suas fortes chamas dominantes as bênçãos que alegram<sup>7</sup> dos Maruts se misturam com o rugido de Agni, as bênçãos que alegram para o Ativo, então, ele apressa a doação, e, pela grandeza da sua riqueza, nos salvará da miséria opressiva, da maldição e aflição opressiva.

6. Vasto, universal, bom, ele foi feito mensageiro; o que acelera com sua mão direita não soltou seu aperto, por amor de fama não soltou seu aperto. Ele leva as oblações para quem quer que suplique. Agni concede uma bênção para cada homem piedoso, e escancara as portas para ele.

7. Aquele Agni tem sido estabelecido o mais bondoso no campo dos homens, no sacrifício como um Senhor vitorioso, como um Senhor querido nos ritos sagrados. Suas são as

---

<sup>4</sup> As expressões são bastante ambíguas, e o comentador parece preferir traduzi-las como: 'nos protege da malevolência do obstrutor de ritos religiosos' (Varuṇa sendo explicado por *Vāraka*, aquele que impede), – da malevolência da deidade poderosa que preside o pecado, *pāpa devatā*.

<sup>5</sup> O altar; Iḷā ou Iḷā é o Culto e Prece personificados.

<sup>6</sup> Veja 1.31.3.

<sup>7</sup> Tempestade e chuva.

oblações da humanidade, quando oferecidas no local de Iḷā. Ele nos protegerá do castigo de Varuṇa, sim, do castigo do grande Deus.

8. A Agni, o sacerdote, eles suplicam para lhes conceder riqueza: dele, querido, o mais pensativo, eles fizeram o seu mensageiro, dele, eles fizeram o portador de oferendas, amado por todos, que conhece tudo, o Sacerdote, o Santo, o Sábio – a ele, Amigo, por ajuda, os Deuses quando eles estão desejosos de riqueza, a ele, Amigo, com hinos, quando desejosos de riqueza.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 129 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 128. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 128.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 1, VARGA 14-15.

1. Ele nasceu na firme lei de Manu, o Hotṛ, o melhor sacrificador, de acordo com a vontade dos Uśijs,<sup>8</sup> Agni, de acordo com sua própria vontade. Sempre ouvindo àquele que deseja ser seu amigo, como um tesouro para aquele que aspira a fama, o Hotṛ não iludido sentou-se na residência dos alimentos (no altar); envolvido<sup>9</sup> (ele sentou-se) na residência dos alimentos.

2. Nós o tornamos atento, o promotor de sacrifício, no caminho de Ṛta, por adoração com oferendas, no mundo divino, por (adoração) com oferendas. Ao nos trazer vigor ele nunca fica esgotado com esse corpo dele: ele a quem Mātariśvan (trouxe) para Manu de longe, o deus a quem ele trouxe de longe.

3. Em seu (próprio) caminho ele se move em um momento em volta do (espaço) terrestre, o devorador súbito (emitindo) seu esperma, o touro mugidor emitindo seu esperma, o mugidor, olhando em volta com cem olhos, o deus que corre rapidamente nas florestas,<sup>10</sup> tendo seu lugar nos cumes mais baixos, Agni, e nos cumes mais altos.

4. Esse Purohita muito sábio, Agni observa sacrifício e serviço de casa em casa, pelo (poder da) sua mente, ele está atento ao sacrifício. Pelo (poder da) sua mente que ajuda aquele que deseja alimento, ele contempla todas as criaturas, desde que ele nasceu, o convidado adornado com ghee, (desde que) o veículo útil (dos deuses) nasceu.

5. Quando através do poder dele (de Agni) as bênçãos crescem em força, com o rugido de Agni como com aquele dos Maruts – como bênçãos oferecidas a um homem vigoroso: então ele por sua grandeza incita a doação de bens. Que ele nos proteja do infortúnio e injúria, do feitiço do mal e injúria.

6. O administrador de grande alcance tomou todos os bens em sua mão direita, e avançando fortemente não os solta; desejoso de glória ele não os solta. Em nome de cada suplicante tu tens levado as oferendas para os deuses. Para cada virtuoso ele obtém um tesouro; Agni abre ambos os batentes da porta (para ele).

7. Ele foi estabelecido como o mais bem-aventurado nos recintos dos homens, Agni, nos sacrifícios, como um senhor nobre dos clãs, um senhor amado dos clãs nos sacrifícios; ele reina sobre as oblações dos homens às quais força nutritiva foi concedida. Que ele nos proteja do mal que vem de Varuṇa, do mal que vem do grande deus.

---

<sup>8</sup> Os Uśijas (veja 1.60.2) estão estreitamente relacionados com o Bhṛguṣ, eles são considerados como os primeiros sacrificadores, os primeiros adoradores de Agni. Veja Bergaigne, I, 57 e seguintes.

<sup>9</sup> Envolvido em combustível e libações.

<sup>10</sup> Certamente o combustível é aludido.

8. Eles magnificam Agni o Hotṛ, o dispensador de bens. Eles despertaram o amado, o administrador mais brilhante (do sacrifício); eles têm despertado o portador de oblações. Os deuses desejosos de bens (despertaram) aquele em quem toda a vida reside, que possui toda a riqueza, o Hotṛ, o sábio venerável, o adorável por causa de bem-aventurança; com louvores (eles têm despertado), desejosos de bens, o adorável.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 140 \(Oldenberg\)](#)

## Hino 129. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Indra; o Ṛṣi e a métrica são os mesmos.<sup>1</sup>

Varga 16. **1.** Indra, frequentador de sacrifícios, permite que realize rapidamente seus desejos aquele a quem tu te diriges no teu carro para receber a oblação; e por quem, como ele é maduro (em compreensão) e devoto, tu que não tens falha nutres consideração. Aceita essa oferenda, pois tu, que não tens falha, estás disposto a nos favorecer (entre) os virtuosos (oferecedores de oblações), porque (tu aceitas) esse nosso louvor.

**2.** Ouve a nossa invocação, Indra: tu que em várias batalhas, (associado) com os Maruts, és incentivado pelo encorajamento; (e és hábil), com os Maruts,<sup>2</sup> para destruir (teus inimigos); (pois tu és) aquele, que, (ajudado) por heróis, és por ti mesmo o concessor (de vitória); ou, (quando louvado) pelos virtuosos, o dador de alimento, e a quem os senhores (da prece) celebram, como de movimento rápido e ávido (por alimento sacrificial), como um corcel veloz (ávido por forragem).

**3.** Tu, o subjugador (de adversários), perfuras toda pele (que confina a) chuva; tu alcanças, herói, todo mortal voador (nuvem), e (o) abandonas quando esvaziado (de sua água);<sup>3</sup> por tal feito glorioso, Indra, eu ofereço louvor a ti; ao céu; ao auto-glorificante Rudra;<sup>4</sup> a Mitra; (a cada) benfeitor da humanidade por tal feito glorioso.

**4.** Nós desejamos, (sacerdotes), que Indra esteja presente no seu sacrifício, (ele que é) nosso amigo, o frequentador de todas (as cerimônias), o que resiste (aos inimigos), o aliado (dos seus adoradores), o paciente que aguarda iguarias (sacrificais), associado (com os Maruts); Indra, guarda o nosso rito sagrado para a nossa preservação, pois em todas as disputas (nos quais tu possas te envolver), nenhum inimigo, a quem tu te opões, prevalece contra ti; tu levas a melhor sobre todo inimigo a quem (tu te opões).

**5.** Humilha o adversário de cada um (teu adorador), feroz (Indra), por teus auxílios, como caminhos radiantes (para a glória); por meio dos teus auxílios poderosos, guia-nos, herói, como tu guiaste os nossos antepassados, pois tu és honrado (por todos). Tu, (Indra), que és

<sup>1</sup> [Segundo Griffith e Gary Holland, o sexto verso é dirigido ao Indu, e a métrica dos versos 8 e 9 é Atiśakvaṛī, e, a do verso 11, Aṣṭi.]

<sup>2</sup> *Nṛbhih* é o termo do texto nessa frase e na anterior, e é apresentado pelo comentador como Maruts, ou ele pode significar, ele acrescenta, por homens, isto é, pelos adoradores.

<sup>3</sup> Como nas outras estrofes desse hino, a linguagem dessa é obscura; nós temos *yāvīrararuṃ śūra martyaṃ parivṛṇakṣi*, 'tu te misturas com o mortal que perece, tu abandonas o mortal'; o comentador explica o primeiro *martyaṃ* por 'nuvem', a pele que contém a chuva, *vṛṣaṇaṃ, tvacaṃ*, tentando escapar, como um inimigo, do herói Śūra; o segundo *martyaṃ* ele também traduz como nuvem, mas depois de ela ter se desfeito da sua água, como um inimigo que foi morto, e a quem o vencedor abandona.

<sup>4</sup> Isto é, a Agni, possuidor da sua própria fama.

o sustentador (do mundo), removes todos (os pecados) do homem, presente no nosso sacrifício, tu és o portador (de coisas boas).

Varga 17. **6.** Que eu seja competente para proferir (louvor) para a libação (de *Soma*), sustentando a existência, a qual, como o (deus) a ser invocado, (Indra), vai repleta de alimento para (cada) rito venerável; o destruidor de Rākṣasas em (cada) rito venerável. Que aquela (libação) por si mesma reprima com castigo a malevolência daquele que nos insulta; que o ladrão caia (e pereça), como um (rio) pequeno descendo (um declive).

**7.** Nós louvamos a ti, Indra, com preces, tornando conhecida (a tua glória); nós pedimos, doador de riquezas, a fartura que concede vigor, que é agradável, durável, e a base da progênie. Que nós (sempre) sejamos possuidores de alimento (abundante), através dos louvores de ti, a quem é difícil honrar adequadamente; que nós alcancemos o adorável (Indra) por meio de invocações sinceras e verdadeiras; por invocações, (oferecendo) alimento (sacrificial).

**8.** Indra é poderoso na derrota do malevolente por meio dos seus auxílios auto-glorificantes, (concedidos) a vocês e a nós; (ele é) aquele que rasga os malevolentes (em pedaços), a tropa impetuosa, que foi mandada contra nós por (inimigos) devoradores para nos destruir, foi ela mesma destruída; ela não nos alcançará, ela não nos fará mal.

**9.** Indra, vem a nós com riquezas abundantes por um caminho livre de males; (por um caminho) não obstruído por Rākṣasas; está conosco quando longe; está conosco quando perto; favorece-nos, esteja longe ou perto, com os objetos dos nossos desejos; sempre nos favorece com os objetos dos nossos desejos.

**10.** Indra, (sustenta-nos) com riqueza que transporta (o homem para além da calamidade), pois (força) intensificada advém a ti, embora poderoso, (a partir dos nossos agradecimentos pela (tua) proteção, como ela advém a Mitra<sup>5</sup> por sua proteção poderosa, o mais potente e imortal (Indra), nosso defensor e preservador, (sobe) em alguma carruagem, (e vem para cá); devorador (de inimigos), rechaça qualquer um que nos ataque; qualquer um que nos ataque, devorador<sup>6</sup> (de inimigos).

**11.** Indra, louvado merecidamente, preserva-nos do sofrimento; pois tu és sempre em verdade o castigador dos malévolos; tu, sendo divino, (és o castigador) dos malévolos; (tu és) o matador dos Rākṣasas perversos, o protetor de um (adorador) virtuoso, assim como eu; pois, refúgio (de todos os homens)<sup>7</sup>, o progenitor te gerou (para esse propósito); gerou a ti, refúgio (de todos os homens), o destruidor dos Rākṣasas.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 130 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 129. Indra (Griffith)

**1.** O carro que, Indra, tu, para o serviço dos Deuses, embora ele esteja longe, ó Rápido, trazes para perto, o qual, Impecável, tu trazes para perto, coloca rapidamente perto de nós

<sup>5</sup> Literalmente, ‘força é oferecida a ti por proteção como a *mitra* por grande proteção’, ou *mitra* pode ser interpretado como ‘amigo’, como elogios inspiram um amigo com grande afeto.

<sup>6</sup> Em ambos os lugares o termo é *Adrivās*, voc. de *Adrivāt*, que geralmente significa manejador do raio (*adri*), mas Sāyaṇa aqui o deriva de *ad*, comer, e o explica como ‘aquele que come inimigos em excesso’, o que está sob a autoridade de Yāska. – Nir. iv. 4.

<sup>7</sup> *Tvā janitā jījanad vaso*: *Vasu* pode ser usado como um nome de Indra; mas como um atributivo ele implica alguém que é a residência de todos, segundo o comentador. Por *janitā*, genitor, Sāyaṇa entende o primeiro criador do universo, o ser supremo.

para nos ajudar, seja tua vontade que ele seja forte. Impecável e ativo, ouve esse discurso de ordenadores, esse discurso de nós como ordenadores.

**2.** Ouve, Indra, tu a quem homens em toda luta devem chamar para mostrar tua força, por grito de guerra com os homens, com homens de guerra para a vitória. Ele que com heróis ganha a luz, que com os cantores ganha o prêmio, a ele os ricos buscam para vencer assim como a um corcel veloz forte, assim como a um corcel veloz e forte.

**3.** Tu, Poderoso, derramas a pele que retém a chuva; tu manténs longe, Herói, o homem perverso, tu afastas o homem perverso. Indra, eu canto a ti, a Dyaus, a Rudra glorioso em si mesmo, a Mitra, a Varuṇa eu canto um hino muito famoso, ao Deus bondoso um hino muito famoso.

**4.** Nós desejamos o nosso Indra aqui para que ele possa favorecer a vocês, o Amigo, amado por todos, o aliado muito forte, em guerras o aliado muito forte. Em todos os combates fortalece a nossa prece para ser um auxílio para nós. Nenhum inimigo – a quem tu derrotas – te subjuga, nenhum inimigo, a quem tu derrotas.

**5.** Prostra o orgulho arrogante de todo inimigo com auxílio como lenha para acendalha na chama mais violenta, com grande auxílio, Poderoso. Guia-nos, tu Herói, como antigamente, por isso tu és considerado irrepreensível até agora. Tu afastas, como um Sacerdote, todos os pecados do homem, como Sacerdote, em pessoa, nos procurando.

**6.** Que eu profira isso para a presente gota de Soma, a qual, adequada para ser invocada, com poder, desperta a prece, desperta a prece matadora de demônios. Que ele mesmo com dardos mortais afaste para longe de nós o ódio do escarnecedor. Que fuja aquele que fala maldade, e desapareça como um grão de poeira.

**7.** Por meio de invocação zelosa que nós obtenhamos isso, obtenhamos grande riqueza, ó Rico, com filhos heróis, riqueza que é agradável com filhos heróis. A ele que é irado nós pacificamos com alimento sagrado e elogios, a Indra o Santo com nossos chamados inspirados e verdadeiros, o Santo com chamados inspirados.

**8.** Adiante, para o seu bem e o nosso, vem Indra com o auxílio da sua própria imponência, para afastar os maus daqui, para despedaçar aqueles de coração mau! A arma que os demônios devoradores lançam em nós destruirá a eles mesmos. Derrubada, ela não chegará ao alvo; arremessado, o tição não atingirá.

**9.** Com riquezas em abundância, Indra, vem a nós, vem por um caminho desobstruído, vem por um caminho livre de demônios. Está conosco quando nós vagueamos longe, está conosco quando nosso lar está perto. Protege-nos com teu auxílio perto e longe, protege-nos sempre com teu auxílio.

**10.** Tu és nosso, ó Indra, com riqueza vitoriosa; que o poder acompanhe a ti, o Forte, para nos prestar ajuda, como Mitra, para prestar ajuda imensa. Ó salvador mais forte, tu auxiliador, Imortal! do carro de cada guerreiro. Fira a outro e não a nós, ó Armado com o Trovão, alguém que faria mal, ó Armado com o Trovão!

**11.** Livra-nos da injúria, tu que és bem enaltecido; tu és sempre aquele que rechaça os maus, assim como um Deus, os maus; tu matador do demônio mau, salvador do cantor tal como eu. Senhor bondoso, o Pai<sup>8</sup> te fez o matador dos demônios, fez a ti, Senhor bondoso, para matar os demônios.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 130 \(Griffith\)](#)

---

<sup>8</sup> *Janitā*, o Deus Supremo, o Criador e Pai do universo.

## Hino 130. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus, Ṛṣi e métrica continuam; na última estrofe a métrica muda para Triṣṭubh.

Varga 18. **1.** Vem a nós, Indra, de longe; não como esse (fogo) que está diante de nós, (mas) como o virtuoso instituidor de sacrifícios, ou como o senhor real das constelações (quando seguindo) para seu ocaso.<sup>1</sup> Trazendo oblações, nós, junto com (os sacerdotes), te chamamos para aceitar os (sucos) derramados, como filhos (convidam) um pai para compartilhar de alimentos; (nós invocamos) a ti, que és o que mais tem direito a reverência, para (aceitar) as iguarias sacrificais.

**2.** Bebe, Indra, o suco *Soma*, que foi espremido pelas pedras, e aspergido com a erva sagrada, como um boi sedento ou um homem sedento se apressa em direção a um poço.<sup>2</sup> (Bebe) para a tua alegria, para o teu revigoramento, para o teu aumento extremamente grandioso; que os teus cavalos te tragam para cá, como os cavalos do sol o transportam; como eles o carregam (pelo céu) dia a dia.

**3.** Ele, (Indra), encontrou o tesouro (*Soma*, que foi trazido) do céu, e escondido como os filhotes de uma ave em um rochedo; em meio a (uma pilha de) vastas pedras cercadas (por arbustos);<sup>3</sup> desejando compartilhar (da bebida), o trovejante (a encontrou), como o chefe dos Anḡirasas (descobriu) o esconderijo das vacas, ele abriu as portas das (águas, as fontes de) alimento, quando trancadas (nas nuvens; as fontes de) alimento, que estavam espalhadas (sobre a terra).<sup>4</sup>

**4.** Empunhando seu raio afiado com ambas as mãos, Indra o afiou para lançá-lo (sobre seus inimigos), como a água (de uma imprecisão);<sup>5</sup> ele o afiou para a destruição de Ahi. Indra, que és plenamente dotado de força, de energia, de poder, tu cortas (os nossos inimigos) em pedaços, como um lenhador as árvores de uma floresta; tu os cortas em pedaços como se com um machado.

**5.** Tu criaste sem esforço<sup>6</sup> os rios (que devem) fluir para o oceano, como carruagens (que te levam aos sacrifícios), como aqueles que estão desejosos de (ir para a) batalha (constroem) carruagens; (os rios) que fluem para cá juntaram suas águas para um propósito comum, como as vacas que produziram todas as coisas para Manu; que produzem todas as coisas para o homem.

Varga 19. **6.** Homens que desejam prosperidade têm recitado esse teu louvor, como um homem resoluto e providente (prepara) uma carruagem (para uma viagem); eles têm te propiciado

<sup>1</sup> A passagem é obscura; não há copulativo verbal; ela segue: *vidathānīva satpatirastam rājeva satpatiḥ*: a primeira parte é explicada por Sāyaṇa como o nutridor dos bons, ou daqueles que estão presentes, os sacerdotes, ou das recompensas existentes dos ritos sagrados, isto é, ou como o *Yajamāna*, ou, no último lugar, *Agni*, chega a ou exhibe o conhecimento do que é para ser realizado, ou está presente nos apartamentos de sacrifício. Na reiteração da frase, *satpati* é apresentado como o senhor das constelações, a lua, que vai para a sua própria residência no momento do ocaso, e do mesmo modo Indra é convidado para vir ao sacrifício.

<sup>2</sup> *Avataṃ navamsaghasatṛṣṇo na vamsaghaḥ*; na repetição, *vamsaghaḥ* é explicado como ‘um homem que segue rapidamente’, mas provavelmente é uma mera reiteração, como um boi sedento para um poço – como um boi.

<sup>3</sup> A planta *Soma*, é geralmente afirmado, é trazida de regiões montanhosas; de acordo com os *Taittirīyas* ela foi trazida do céu por *Gāyatrī*, – *Divi Soma āsīt tam Gāyatrī āharat*, ‘a *Soma* estava no céu; *Gāyatrī* a trouxe’.

<sup>4</sup> *Iṣaḥ parivṛtāḥ* é a frase reiterada, referindo-se no primeiro lugar, de acordo com Sāyaṇa, às chuvas presas nas nuvens, e no segundo às sementes presas na terra, que germinam após a queda da chuva, e que fornecem, em ambos os casos, alimento, *iṣaḥ*.

<sup>5</sup> Ou seja, como a água que é derramada para a destruição de inimigos, tornada fatal pelas fórmulas de imprecisão.

<sup>6</sup> *Vṛthā*, que geralmente significa inutilmente, em vão, é aqui explicado como *aprayatnena*, sem esforço.

para o seu bem, glorificando a ti, sábio Indra, como impetuoso em conflitos, eles têm te louvado (como os homens louvam) um vencedor. Nós te louvamos para (a obtenção de) força, riqueza, e todo tipo de afluência; como (eles elogiam) um corcel (por suas boas qualidades) em batalha.

**7.** Por Pūru, o dador de oferendas, pelo poderoso Divodāsa, tu, Indra, o dançarino<sup>7</sup> (com leite em batalha), destruíste noventa cidades; dançarino (em batalha), tu as destruíste com (teu raio), por (causa do) dador de oferendas. Por (causa de) Atithigva, o feroz (Indra) lançou Śambara da montanha,<sup>8</sup> concedendo (ao príncipe) um tesouro imenso, (adquirido) por meio da bravura (dele); todos os tipos de riqueza (adquiridos) por meio da bravura (dele).

**8.** Indra, o protetor múltiplo (dos seus devotos) em batalhas, defende seu adorador ariano em todos os conflitos; em conflitos que conferem o céu;<sup>9</sup> ele puniu para (o benefício da) humanidade aqueles que negligenciavam os ritos religiosos; ele arrancou a pele negra (do agressor);<sup>10</sup> como se queimando (com chama), ele consome os malignos; ele consome completamente aquele que se deleita na crueldade.

**9.** Dotado de vigor aumentado, ele lançou (contra os inimigos) a roda (da carruagem) do sol;<sup>11</sup> e, de cor vermelha, os privou de existência; ele, o senhor soberano, os privou de existência.<sup>12</sup> Como tu, sábio Indra, vens de longe para ajudar Uśanas, assim vem rapidamente, trazendo todas as coisas boas (para nós), como tu trazes para (outros) homens; vem rapidamente (a nós) todos os dias.

**10.** Derramador de benefícios, destruidor de cidades, propiciado pelas nossas novas canções, recompensa-nos com bênçãos gratificantes; glorificado, Indra, pelos descendentes de Divodāsa,<sup>13</sup> cresce (em poder), como o sol em dias (giratórios).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 131 \(Wilson\)](#)

<sup>7</sup> *Nṛto*, voc. de *Nṛtu*, um dançarino; que dança em guerra.

<sup>8</sup> Nós tivemos as façanhas de Indra em defesa desses príncipes antes, veja, [respectivamente, 1.63.7, versão de Griffith]; 1.112.14, e 1.51.6; pode-se acrescentar que o Śambara dos *Purāṇas* é um Asura, que estava envolvido em hostilidades com Kṛṣṇa, e foi destruído finalmente, junto com seus seiscentos filhos, por Pradyumna, o neto de Kṛṣṇa. (Veja *Harivaṃśa*, Langlois, vol. iii. p. 169.) O texto do *Mahābhārata*, no entanto, concorda com o *Veda* em representá-lo como o adversário de Indra. – *Droṇa-vijaya*, v. 39. *Selections Mahābh.* p. 39.

<sup>9</sup> Assim Parāsara: ‘dois tipos de homens alcançam a esfera do sol, o praticante errante do Yoga, e o herói que morre em combate’.

<sup>10</sup> Segundo a lenda, um Asura, chamado Kṛṣṇa o negro, avançou com dez mil seguidores para as margens do rio Ansumatī, onde ele cometeu uma devastação terrível, até que Indra, com os Maruts, foi enviado contra ele por Bṛhaspati, quando ele foi derrotado por Indra, e despojado de sua pele.

<sup>11</sup> *Sūraścakramṃ pravṛhad*, ele jogou a roda do sol; como *Sūryasya rathasya ckakram*, a roda da carruagem do sol, de acordo com o comentador, que cita uma lenda que os Asuras obtiveram uma bênção de Brahmā, que eles não deveriam ser destruídos pelo raio de Indra, e tendo-o desafiado conseqüentemente, ele lançou neles a roda do carro do sol, que era igualmente fatal; essa tem mais o caráter de uma lenda purânica do que védica; outra explicação também é proposta: o Sol (ou Indra, naquela qualidade), tendo surgido, incita seu carro adiante, e Aruṇa (seu auriga) silencia o clamor (dos seus inimigos); o senhor (do dia) dissipa a escuridão.

<sup>12</sup> *Vācam muṣāyati*, literalmente, ‘rouba ou tira a fala’; a última, diz-se, colocada por metonímia em lugar de respiração, isto é, vida; ou isso pode significar silencia clamor, ou suprime suas próprias exclamações; o comentador foi evidentemente confundido pela frase.

<sup>13</sup> *Divodāsebhih*, por nós, os Pārucchepas, ou por mim, Parucchepa, o plural sendo usado honorificamente.

## Hino 130. Indra (Griffith)

1. Vem a nós, Indra, de longe, conduzindo-nos assim como um senhor de heróis para as reuniões, lar, como um Rei, senhor de seus heróis. Nós vimos com presentes de alimento agradável, com suco derramado, invocando-te, como filhos convidam um pai, para que tu possas obter força, o mais generoso, para obter-te força.
2. Ó Indra, bebe o suco Soma espremido com pedras, derramado do reservatório, como um boi bebe da fonte, um touro muito sedento da fonte. Para a bebida doce que te alegra, para o mais poderoso revigoramento da tua força, que os teus Cavalos Baios te tragam para cá, como o Sol, como todos os dias eles trazem o Sol.
3. Ele encontrou o tesouro<sup>14</sup> trazido do céu que estava escondido, oculto cautelosamente, como o filhote de um pássaro, na rocha, encerrado em rocha interminável. O melhor Añgiras, armado com o raio, ele se esforçou para ganhar, por assim dizer, o estábulo das vacas; desse modo Indra descobriu o alimento escondido, revelou as portas, o alimento que estava escondido.<sup>15</sup>
4. Segurando seu raio com as duas mãos, Indra tornou sua borda mais afiada, para arremessar, como uma faca de trinchar para matar Ahi a tornou afiada. Dotado de majestade e força, ó Indra, e com poder senhoril, tu despedaças as árvores, como quando um artesão abate (árvores), as despedaças como com um machado.
5. Tu, Indra, sem esforço soltaste as torrentes para seguirem seu livre curso para baixo, como carruagens, para o mar, como carruagens manifestando sua força. Elas, chegando, portanto, longe, uniram sua força para um fim eterno, assim como as vacas que derramaram todas as coisas para o homem,<sup>16</sup> sim, derramaram todas as coisas para a humanidade.
6. Ávidos por riquezas, os homens formaram para ti essa canção, como um artesão hábil molda um carro, assim eles te forjaram para a sua felicidade; adornando-te, ó Cantor, como um corcel generoso para atos de força, sim, como um corcel para mostrar sua força e ganhar o prêmio, para que ele possa levar cada prêmio.
7. Por Pūru<sup>17</sup> tu despedaçaste, Indra, noventa fortalezas, por Divodāsa<sup>18</sup> teu servo bondoso com teu raio, ó Dançarino,<sup>19</sup> por teu adorador. Para Atithigva ele, o Forte, trouxe Śambara<sup>20</sup> da montanha, distribuindo os tesouros imensos com sua força, dividindo todos os tesouros com sua força.
8. Indra em batalhas ajuda seu adorador ariano, ele que tem centenas de auxílios à mão em cada luta, em lutas que ganham a luz do céu. Afligindo os sem lei ele entregou para a semente de Manu a pele escura; resplandecendo, por assim dizer, ele queima cada avarento, ele consome o tirano pelo fogo.
9. Fortalecido em poder na alvorada ele arrancou a roda do Sol.<sup>21</sup> Vermelho brilhante, ele rouba a fala deles, o Senhor do Poder, a fala deles ele rouba, quando tu com velocidade ardente, ó Sábio,<sup>22</sup> vens de longe para ajudar, quando ganhando para os teus próprios toda a felicidade dos homens, ganhando toda a felicidade a cada dia.

---

<sup>14</sup> O Soma.

<sup>15</sup> De acordo com Sāyaṇa, no primeiro lugar a chuva encerrada nas nuvens, e no segundo lugar as sementes presas na terra que esperam a chuva para fazê-las germinar.

<sup>16</sup> Ou para Manu, o grande progenitor da raça humana.

<sup>17</sup> O nome de um príncipe protegido por Indra.

<sup>18</sup> Também chamado de Atithigva. [Veja 1.112.14, nota 54.]

<sup>19</sup> Tu que danças em batalha; dançarino da dança da guerra.

<sup>20</sup> Um demônio do ar; ou talvez nesse lugar algum adversário humano de Atithigva.

<sup>21</sup> [Veja a nota 11.]

<sup>22</sup> Indra.

**10.** Louvado com os nossos novos hinos, ó vigoroso em ação, salva-nos com auxílio fortalecedor, tu quebrador das Fortalezas! Tu, Indra, louvado pelos membros do clã de Divodāsa, como o céu torna-se grande com os dias, crescerás em glória.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 131 \(Griffith\)](#)

## Hino 131. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

O deus, R̥ṣi e métrica são os mesmos; o hino é dividido em três T̥ṛcas, ou tercetos, de acordo com as diferentes ocasiões nas quais as respectivas partes são recitadas, e os sacerdotes a quem as partes são respectivamente designadas; o primeiro T̥ṛca sendo repetido pelo Maitrāvaruṇa; o segundo, começando com a terceira estrofe, pela Bramācchan̥sī; e o terceiro, começando com o quinto verso, pelo Acchāvāka.

Varga 20. **1.** A Indra o céu, que exclui os maus, realmente se curvou; a Indra a terra extensa (ofereceu homenagem) com (preces) aceitáveis; com preces aceitáveis (o adorador propiciou Indra) por causa de alimento; todos os deuses bem satisfeitos deram precedência a Indra; que todos os sacrifícios dos homens (sejam destinados) a Indra; que todas as oferendas dos homens sejam (feitas a ele).

**2.** Esperando compartilhar das tuas bênçãos, (teus adoradores) se apressam individualmente em cada rito para (adorar a) ti, que pedem todos juntos, cada um buscando individualmente o céu. Nós meditamos em ti, o sustentador da nossa força, como um barco que leva (passageiros) através de (um rio); os mortais, de fato, conhecendo Indra, o propiciam com sacrifícios; os mortais (propiciam a ele) com hinos.

**3.** Os pares (casados),<sup>1</sup> ansiosos para satisfazer-te, e oferecendo (oblações) juntos, celebram (o teu culto) para (obter) rebanhos de gado; oferecendo (a ti), Indra (oblações); tu bem sabes que essas duas pessoas estão desejosas de gado, desejam o céu, e (tu permaneces) exibindo o teu raio, o derramador (de benefícios), teu companheiro constante, sempre, Indra, associado (contigo).

**4.** Os antigos sabiam daquela tua destreza, pela qual, Indra, tu destruístes as cidades perenes<sup>2</sup> (dos *Asuras*); tu as destruístes, humilhando (seus defensores). Tu tens castigado, Senhor da Força, o mortal que não oferece sacrifício; tu resgataste essa vasta terra e essas águas; exultante, (tu recuperaste) essas águas.

**5.** Desde então teus adoradores espalharam (libações) para o aumento do teu vigor, para que, na tua alegria, derramador (de benefícios), tu possas defender aqueles que estão

<sup>1</sup> *Mithunāh*, ‘os pares’; segundo o comentador, casais, consistindo em marido e mulher; o direito da mulher, que é aqui sugerido, de tomar parte ativa em cerimônias religiosas é contrário aos preceitos da lei, que a proíbem de participar da celebração de qualquer solenidade, exceto a de casamento, e ela em nenhuma ocasião deve repetir *mantras*, textos sagrados ou védicos. A *Mīmāṃsā*, no entanto, é citada pelo comentador para mostrar que ela pode estar associada com seu marido em oblações ao fogo, conforme o texto, *Jāyāpatī agnim adhyātām*, ‘que esposa e marido coloquem o fogo’; e ela pode ser instruída nos *mantras* para a ocasião especial, embora não autorizada a se dedicar a um curso de estudo dos *Vedas*; *adhyayanābhāve api vedam patnyai pradāyavāchayet*, ‘já que não há leitura regular (do *Veda*), ele (o marido), tendo comunicado o *Veda* para sua esposa, pode fazê-la recitá-lo’, e ela toma parte no *mantra* ou oração, *suprajāsas tvā vayam*, etc., ‘nós, tendo boa progênie, te louvamos’; a proibição, então, de acordo com *Sāyaṇa*, não impede uma mulher de participar de rituais sagrados com seu marido, ou de se juntar nas orações que ele lhe ensinou, mas é destinada a excluí-la de um curso de estudo independente dos *Vedas* e da celebração de sacrifícios apenas por conta própria.

<sup>2</sup> *Purah śāradīh* defendida, de acordo com *Sāyaṇa*, por um ano por muros, fossos, e semelhantes.

desejosos (da tua proteção); para que tu possas defender aqueles que estão desejosos da (tua) amizade; para eles tu proferiste um grito<sup>3</sup> para encorajá-los em combates; de ti eles obtêm muita e muita satisfação; ansiosos por alimento, eles o obtêm (de ti).

6. Será que (Indra) estará presente nesse nosso rito matutino? Toma conhecimento (Indra), da oblação oferecida com observâncias (adequadas); oferecida com observâncias (adequadas) para (obter) o céu, e uma vez que, portador do raio, derramador (de benefícios), tu sabes como destruir os malévolos, portanto, ouve o (louvor) aceitável de mim, inteligente, embora um novato, (ouve a ele de mim) embora um novato.<sup>4</sup>

7. Indra, dotado de muitas (excelências), tu, que és exaltado (por nossos louvores) e és bem disposto em relação a nós, (mata) o homem que é hostil para nós, (mata) aquele homem, herói, com teu raio; mata a ele que peca contra nós; sempre o mais pronto a ouvir, ouve (a nós): que cada má intenção (em direção a nós, tal como a que alarma) um (viajante) cansado na estrada,<sup>5</sup> seja neutralizada; que toda má intenção seja neutralizada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 132 \(Wilson\)](#)

## Hino 131. Indra (Griffith)

1. A Indra Dyaus o Asura se curvou, a Indra a poderosa Terra com regiões de ampla extensão, para ganhar a luz, com regiões de ampla extensão. Todos os Deuses de comum acordo colocaram Indra na frente proeminente. Para Indra todas as libações devem ser separadas, todas as libações do homem separadas.

2. Em todas as libações homens com espírito de herói instam o Universal, cada um buscando respectiva luz, cada um ávido para ganhar a luz separadamente. A ti, que ajudas como um barco, nós fixaremos à lança da carruagem de força, como homens que ganham com sacrifícios a atenção de Indra, homens que ganham Indra com seus louvores.

3. Casais<sup>6</sup> desejosos da tua ajuda estão gritando para ti, derramando seus presentes para ganhar um estábulo de vacas, derramando presentes, Indra, buscando-te. Quando dois homens que procuram espólio ou o céu tu trazes frente a frente na guerra, tu mostras, Indra, então o raio teu amigo constante, o Touro<sup>7</sup> que sempre serve a ti.

4. Esse teu poder heroico os homens dos tempos antigos<sup>8</sup> conheceram, com o qual tu derrubaste, Indra, fortalezas outonais,<sup>9</sup> as derrubaste com teu poder conquistador. Tu tens castigado, ó Indra, Senhor da Força, o homem que não adora, e fizeste tua essa grande terra e essas torrentes de água; com coração alegre essas torrentes de água.

5. E eles divulgaram muito esse poder de herói quando tu, ó Forte, em tua alegria ajudaste teus suplicantes, que procuravam ganhar-te como seu Amigo. Seu grito de guerra tu

<sup>3</sup> *Cakartha karam*. O comentador explica *kāra* por *sāhda*, som; *siṃhanāda lakṣaṇam*; significando grito de guerra, ou as palavras pode ser traduzidas como, 'tu fizeste uma ação', isto é, realizaste um serviço.

<sup>4</sup> *Me navīyasa*, de mim o mais novo.

<sup>5</sup> *Riṣṭam na yāman*, como alguém cansado na estrada; em direção a quem planos maus podem ser nutridos pelos ladrões.

<sup>6</sup> Sacrificadores e suas esposas que são associadas a eles no oferecimento de oblações.

<sup>7</sup> O raio que se lança ferozmente.

<sup>8</sup> Eu segui Sāyaṇa aqui. Mas *pūrāvaḥ* provavelmente significa os Pūrus, uma das grandes tribos ou clãs arianos.

<sup>9</sup> Fortalezas em terras altas, ocupadas como lugares de refúgio durante chuvas pesadas, ou 'os brilhantes castelos de nuvens com ameias, os quais são visíveis tão frequentemente no céu indiano nesse período do ano'. – Muir, *Original Sanskrit Texts*, II. 379.

tornaste som vitorioso nos choques de guerra. Uma torrente após a outra eles ganharam de ti, ávidos por glória eles ganharam.

6. Também nessa manhã que ele possa estar inclinado favoravelmente em direção a nós, note o nosso chamado, as nossas oferendas e o nosso cântico de louvor, o nosso apelo para que nós possamos obter a luz. Como tu, ó Indra armado com o trovão, desejas, como o Forte, matar o inimigo, ouve, pois, a oração de mim um sábio mais recente, ouve a oração do sábio mais recente.

7. Ó Indra, fortalecido e bem disposto para conosco, ó muito poderoso, mata o homem que é nosso inimigo, mata o homem, Herói! com o teu raio. Mata o homem que nos prejudica; ouve, como o mais disposto a ouvir. Que a malignidade esteja longe, como o dano em marcha, que fique longe toda malignidade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 132 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 132. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus, Ṛṣi e métrica são os mesmos; mas na última estrofe Indra é associado com Parvata.

Varga 21. 1. (Possuidor de) antiga opulência, Maghavan, (pela tua generosidade); protegidos, Indra, por ti, que nós possamos derrotar aqueles que estão organizados em tropas (hostis); que nós antecedamos (nossos) atacantes. (O sacrifício) de hoje estando próximo, fala de modo encorajador ao oferecedor da oblação; que nós reunamos nesse rito (oferendas e louvores adequados) para ti, o vitorioso em guerra; adorando a ti, o vitorioso em guerra.

2. No combate que assegura o céu, Indra, (que segue) no caminho apropriado e reto do (combatente) ativo, bem como no seu próprio (caminho) apropriado e reto, destrói (o adversário) daquele que desperta ao amanhecer e celebra (ritos virtuosos); ele portanto deve ser adorado com a cabeça (curvada), como reverência é prestada por prostração a um sábio santo. Que os teus tesouros (Indra), sejam acumulados sobre nós; que os tesouros de ti que és auspicioso sejam auspiciosos (para nós).

3. Indra, em qualquer rito que (os sacerdotes) de antigamente colocassem o brilhante alimento (sacrificial) para ti sobre o altar, naquele local de sacrifício tu permanecias;<sup>1</sup> declara aquele (rito), para que os homens possam por isso contemplar o intermediário (firmamento brilhante) com os raios (do sol); pois este, Indra, o buscador (de chuva, é) o buscador de gado, para (o benefício dos) seus (adoradores) aparentados, e conhece o curso devido (da estação chuvosa).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Rtasya vāraṣi kṣayam – yajnasya nivāsasthānam sambhaktosi*, ‘tu és possuidor do lugar da residência do sacrifício’, denominado *Rta*, ou a verdade, como concedendo recompensa infalível; ou *Rta* pode significar água, quando a expressão, ‘tu permaneces na habitação da água’, é equivalente ao remetente da chuva; ou outra interpretação é proposta, *Rta* significando o sol, e o verbo tendo uma força causal, ‘tu fazes (o sacrificador) ir para a região do sol’.

<sup>2</sup> Essa parte da estrofe exige ainda mais do que a amplificação usualmente necessária para ser tornada de todo inteligível. Ela é *sa ghā vide anvindro ghaveṣaṇo bandhukṣidbhyo ghaveṣaṇaḥ*, literalmente, ‘ele realmente conhece em ordem, Indra, o buscador, por aqueles que têm a qualidade de parentes, o buscador’; *ghaveṣaṇo* é explicado, no primeiro lugar, pelo comentador, como ‘possuidor de ou praticando a busca por água, o que manda chuva’; no segundo, ele é interpretado como ‘o criador da procura pelas vacas’, aludindo à antiga lenda; ou pode significar, diz-se, o buscador da recompensa do adorador, *yajamāna phalasya mārgayatā*: o objeto de *vide* ou *anuvide*, conhece em ordem, é preenchido por *udakaprāptiprakāsam*, ele entende a manifestação da obtenção ou chegada, no devido tempo, das chuvas.

4. Tuas façanhas, Indra, são dignas de serem glorificadas; agora, de fato, assim como nos tempos antigos, quando tu abriste a nuvem para os Aṅgirasas, devolvendo a eles o seu gado<sup>3</sup> – conquista para nós, luta por nós, como tu fizeste por eles; humilha, em nome daqueles que oferecem libações, aquele que não oferece culto; aquele que se enfurece contra nós, e que não oferece culto.

5. Visto que o herói, (Indra), julga corretamente os homens por seus atos, portanto que os (virtuosos), que sacrificam (a ele) por sustento, se tornem aptos, por meio da riqueza que foi obtida, a derrotar (os inimigos deles); desejosos de alimento, eles cultuam (a ele) diligentemente; o alimento (sacrificial) oferecido a ele é a fonte de progênie (para o adorador), e (os homens) o adoram, para que por meio da própria força deles eles possam derrotar (seus inimigos); sacrificadores virtuosos desfrutam de residência no céu de Indra;<sup>4</sup> sacrificadores virtuosos estão, por assim dizer, na presença dos deuses.

6. Indra e Parvata,<sup>5</sup> que são os mais notáveis em batalha, matem todo aquele que está disposto contra nós; matem cada tal (adversário) com o raio – (a seta que) empenhada na destruição dele o persegue, embora longe, ou em qualquer esconderijo para o qual ele possa ter fugido. Tu, herói, (partes) os nossos inimigos completamente em pedaços; o despedaçador (de inimigos, o raio), parte-os completamente em pedaços.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 133 \(Wilson\)](#)

### Hino 132. Indra (Griffith)

1. Ajudados, Indra Maghavan, por ti na guerra antigamente, que nós subjuguemos em combate os homens que lutam conosco, vençamos os homens que guerreiam conosco. Neste dia<sup>6</sup> que agora está próximo abençoa aquele que derrama o suco Soma. Nesse nosso sacrifício que nós dividamos o espólio,<sup>7</sup> mostrando a nossa força, os despojos da guerra.

2. Indra destruiu, na guerra que ganha a luz, ao chamado do doador generoso, à devida oblação do madrugador, oblação do ativo,<sup>8</sup> como nós sabemos – a quem toda cabeça curvada deve reverenciar. Que todas as tuas dádivas generosas sejam reunidas para nós, sim, as boas dádivas de ti o Bom.

3. Esse alimento arde por ti como antigamente em sacrifício, no qual eles fizeram de ti o escolhedor do lugar,<sup>9</sup> pois tu escolhes o lugar do sacrifício. Fala e o torna conhecido<sup>10</sup> para nós; eles veem dentro com raios de luz. Indra, de fato, é julgado um buscador de espólio, buscador de espólio por seus próprios aliados.

4. Assim agora o teu grande feito deve ser louvado como antigamente, quando para os Aṅgirasas tu abriste o estábulo, abriste, dando auxílio, o estábulo. Do mesmo modo luta por

<sup>3</sup> *Vrajam* é a palavra de repetição, significando, no primeiro caso, segundo Sāyaṇa, uma nuvem; no segundo, o gado dos Aṅgirasas, roubado por Paṇi; a palavra propriamente significando um curral ou pastagem.

<sup>4</sup> O texto tem apenas *Indre*, em *Indra*, isto é, no domicílio ou na vizinhança de Indra, em conformidade com a metonímia bem conhecida, *gangāyām ghoṣah*, uma aldeia em ou no Ganges, ou seja, nas margens do Ganges.

<sup>5</sup> É dito que Parvata significa uma nuvem; ou o deus que preside as nuvens, outra forma de Indra.

<sup>6</sup> O hino é dirigido a Indra exatamente antes de uma batalha esperada.

<sup>7</sup> Dividi-lo em antecipação; assegurá-lo por meio do nosso sacrifício.

<sup>8</sup> O *madrugador* e *ativo* é o oferecedor do sacrifício.

<sup>9</sup> O significado parece ser que Indra está presente em tais sacrifícios somente quando ele escolhe favorecer.

<sup>10</sup> Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia: [veja a versão dele acima]. Eu considero a passagem ininteligível.

nós aqui e sê vitorioso; para aquele que derrama o suco<sup>11</sup> entrega o homem sem lei, o sem lei que está enfurecido conosco.

5. Quando com plano sábio o Herói conduz o povo adiante, eles vencem na batalha ordenada, buscando fama, oprimem, ávidos, buscando fama. Para ele em tempos de necessidade eles cantam por vida com prole e com força. Os hinos deles com Indra encontram um lugar de descanso agradável; os hinos vão até os Deuses.

6. Indra e Parvata,<sup>12</sup> nossos campeões na luta, afastem cada homem que satisfeito guerrearia conosco, afastem-no para longe de nós com o raio. Agradável para ele oculta à distância será a toca que ele encontrou. Assim que o despedaçador dilacere os nossos inimigos por todos os lados, despedaça-os, ó Herói, por toda parte.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 133 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>11</sup> O homem *que derrama o suco* é o adorador de Indra, e o *homem sem lei* é o habitante não-ariano da região, o inimigo natural dos novos colonizadores.

<sup>12</sup> O Gênio que preside as montanhas e as nuvens, frequentemente associado com Indra, ou, segundo Sāyaṇa, outra forma daquele Deus. Veja 1.122.3.

## Hino 133. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

Indra é o deus, e o R̥ṣi ainda é Parucchepa, mas a métrica é diversificada: aquela da primeira estrofe é Triṣṭubh; das três estrofes seguintes, Anuṣṭubh; da quinta, Gāyatrī; a sexta e a sétima retornam às medidas longas e complexas Dhṛti e Atyaṣṭi.

- Varga 22. **1.** Por sacrifício eu purifico o céu e a terra; eu queimo os extensos (reinos da terra), que são sem Indra, e são (os abrigos) dos ímpios; onde quer que os inimigos se reuniram eles foram mortos, e, totalmente destruídos, eles dormem em uma cova profunda.<sup>1</sup>
- 2.** Devorador (de inimigos), tendo pisado sobre as cabeças das (hostes) malignas,<sup>2</sup> esmagadas com teu pé de ampla extensão; teu vasto pé de ampla extensão.
- 3.** Aniquila, Maghavan, o poder das (hostes) malignas, atira-as na cova vil, a cova vasta e vil.
- 4.** Que tu destruíste, com teus ataques, três vezes cinquenta de tais (hostes), é um feito que bem te convém, embora considerado como de pouca importância por ti.
- 5.** Destrói, Indra, a Piśācī<sup>3</sup> de cor fulva, que ruge terrivelmente; aniquila todos os Rākṣasas.
- 6.** Lança de ponta-cabeça, Indra, a vasta (nuvem); ouve as nossas súplicas; de fato, o céu está em tristeza como a terra, por medo, manejador do raio, (da fome),<sup>4</sup> como (antigamente por medo de) Tvaṣṭṛ;<sup>5</sup> o mais poderoso com energias poderosas, tu atacaste, Indra, (as nuvens) com golpes terríveis, e, não causando dano ao homem, (tu marchaste) invencível, herói, através dos (teus) inimigos, acompanhado, herói, por três ou por sete seguidores.<sup>6</sup>
- 7.** Oferecendo libações, (o adorador) obtém um refúgio (seguro); oferecendo libações, ele destrói seus inimigos prostrados; (ele destrói) os inimigos dos deuses; com alimento abundante, e não subjugado (por adversários), ele espera obter, ao oferecer libações, (riquezas) infinitas, pois Indra concede àquele que oferece libações tudo o que houver (que ele deseje); ele (Ihe) concede riqueza acumulada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 134 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Vailasthānam aśeran*, ‘eles dormiram’, ou, de forma irregular ‘eles dormem’, em um lugar que é da natureza de um *vila*, um buraco, uma caverna, um poço; o comentador considera a expressão nessa e na terceira estrofe equivalente a *smāśāna*, um lugar onde corpos mortos são queimados, ou, como parece aqui implicar, um lugar onde eles eram enterrados, como se a prática fosse enterrar os mortos quando esse hino foi composto. Sāyaṇa também sugere, como alternativa, a tradução de *vailasthānam* por *nāgaloka*, a Serpente do mundo; *Pātāla*, as regiões abaixo da terra; mas isso é mais purânico, talvez, do que védico.

<sup>2</sup> Nesse e no verso seguinte o termo é *yātumatīnām*; que pode ser interpretado, de acordo com o comentador, ‘de exércitos que infligem dano’, ou ‘daqueles que possuem armas’; ou *yātu* pode significar Rākṣasas; de hostes compostas de Rākṣasas.

<sup>3</sup> Uma espécie de Piśāca; ou, segundo alguns, ‘decadência’.

<sup>4</sup> Por causa da ausência de chuva.

<sup>5</sup> *Ghṛṇān na bhīṣā*: é dito que *ghṛṇā* é um nome de *Tvaṣṭṛ*, ou do fogo ardente personificado; de acordo com a lenda, o mundo estando envolvido pela escuridão, os deuses rezaram para Agni, no que ele irrompeu de repente do céu e da terra, na forma de *Tvaṣṭṛ*, para o desalento de ambas as regiões.

<sup>6</sup> *Trisaptaiḥ śūrasatvabhiḥ*; o comentador explica como *tribhiḥ saptabhir vā anucaraiḥ*, mas não dá nenhuma outra interpretação; os seguidores de Indra, os Maruts, são quarenta e nove, de modo que isso não pode se referir a eles; e *satvabhiḥ* deve significar outra coisa; talvez uma alusão aos sete pratos oferecidos aos Maruts repetidos nos três ritos diários; ou, acompanhados pelos seres, isto é, os Maruts, a quem as três vezes sete oferendas são apresentadas. Veja 1.72.3, nota 2.

### Hino 133. Indra (Griffith)

1.<sup>7</sup> Com sacrifício eu purgo o céu e a terra; eu queimo grandes demônias que não servem a Indra, onde sufocados pela tua mão os inimigos foram massacrados, e na cova da morte jazem perfurados e mutilados.

2. Ó tu que atiras a pedra,<sup>8</sup> esmagando as cabeças das feiticeiras, quebra-as com teu pé de ampla extensão, com teu poderoso pé de ampla extensão.

3. Ó Maghavan, repele a força ousada dessas feiticeiras. Lança-as dentro da cova estreita, dentro da cova profunda e estreita.

4. Das quais tu destruístes até agora três vezes cinquenta com teus ataques ferozes. Essa ação eles consideram uma façanha gloriosa, embora pequena para ti, uma façanha gloriosa.

5. Ó Indra, esmaga e tritura em pedaços o demônio terrível de arma ígnea; derruba todo demônio ao chão.

6. Destrói os poderosos, ó Indra, ouve-nos. Pois o céu ardeu como a terra em temor, ó armado com o trovão, enquanto temendo calor violento, armado com o trovão! O mais Poderoso entre os Poderosos tu aceleras com raios fortes da morte, não matando homens,<sup>9</sup> Herói invicto com os bravos, ó Herói, com os três vezes sete bravos.<sup>10</sup>

7. O derramador de libações ganha o lar da riqueza, derramando seu presente pacifica hostilidades, sim, as hostilidades dos Deuses. Derramando, ele se empenha, forte e não reprimido, para ganhar riquezas aos milhares. Indra dá prosperidade duradoura para aquele que derrama presentes, sim, ele dá prosperidade que durará por muito tempo.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 134 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Esse hino é uma prece para a destruição de bruxas, trasgos e maus espíritos de vários tipos.

<sup>8</sup> Lanças o raio.

<sup>9</sup> Isto é, destruindo maus espíritos somente.

<sup>10</sup> Os Maruts, os aliados de Indra. Esses eram quarenta e nove em número, e três vezes sete é usado indefinidamente em lugar de um maior múltiplo de sete.

## Hino 134. Vāyu (Wilson)

(Anuvāka 20. Sūkta I)

O deus é Vāyu; o Ṛṣi, Parucchepa; a métrica é Atyaṣṭi, exceto na última estrofe, na qual ela é Aṣṭi.

Varga 23. **1.** Que os teus corcéis velozes, Vāyu, te tragam rapidamente para cá, para que tu possas ser o primeiro a beber; o primeiro (dos deuses) a beber<sup>1</sup> da libação de *Soma*. Que a nossa (prece) erguida, judiciosa, e sincera seja aceitável para a tua mente; vem com teu carro atrelado a corcéis<sup>2</sup> para (a libação) a ser oferecida a ti; vem, Vāyu, para conceder (os objetos do nosso culto).<sup>3</sup>

**2.** Que as gotas que alegram (da libação) alegrem a ti, Vāyu, sendo preparadas adequadamente, fazendo seu serviço, administradas oportunamente, tornadas eficazes por (nossos) louvores, e fluindo (na devida época); para cujo fim os teus cavalos dóceis e ativos, os *Niyuts*,<sup>4</sup> acompanhando (a tua presença, te trazem) para o salão sacrificial para aceitar a oferenda; para o sacrifício no qual os virtuosos (sacerdotes) revelam seus desejos.

**3.** Vāyu une ao seu carro os seus dois cavalos vermelhos; Vāyu (atrela) seus corcéis purpúreos;<sup>5</sup> Vāyu (atrela) seus dois (corcéis) incansáveis ao seu carro para levarem a carga deles; pois eles são os mais hábeis para levar a carga. Desperta, Vāyu, o inteligente (sacrificador), como um nobre (desperta) sua senhora adormecida; convoca céu e terra; acende a aurora; acende a aurora, (para receber) teu alimento sacrificial.

**4.** Por ti as auroras brilhantes, (erguendo-se) ao longe, espalham amplamente seu traje auspicioso em raios convidativos;<sup>6</sup> em raios matizados e gloriosos; por ti a vaca que produz ambrosia<sup>7</sup> ordenha todo tipo de tesouro; tu geraste os *Maruts*, do firmamento, para (o propósito de) derramar chuva; (para o propósito de reabastecer) os rios.

**5.** Por ti, os (sucos *Soma*) brilhantes, puros, que fluem rápido, potentes para euforia, estão ávidos pelo (fogo da) oblação; estão ávidos pela nuvem (que derrama) águas.<sup>8</sup> O (adorador) tímido e ansioso louva a ti, que és auspicioso, para (afugentar) ladrões;<sup>9</sup> pois tu (nos) defendes de todos os seres, (como a recompensa) da nossa virtude; tu nos proteges do medo de maus espíritos, (como a recompensa) da nossa virtude.

<sup>1</sup> Em ambos os lugares a frase é *pūrvapīṭaye*, ‘para o primeiro gole’; *Sāyaṇa* preenche, na segunda, ‘antes dos outros deuses’.

<sup>2</sup> *Niyutvatā rathenā*, com o carro que tem os *Niyuts*; os cavalos de Vāyu assim chamados.

<sup>3</sup> *Dāvane* é a expressão em ambos os lugares, de *dāv*, um verbo védico, dar; o comentador o explica como no texto; no primeiro caso em um sentido passivo, ou ‘vem por aquilo que será dado por nós’, *dātavyāya*; no segundo, em um sentido ativo, ou ‘para dar a nós aquilo que nós pedimos’.

<sup>4</sup> Os epítetos do *Soma* e dos *Niyuts* são um tanto vagos e incompreensíveis.

<sup>5</sup> O primeiro termo é *rohitā*, o segundo *aruṇā*; o último geralmente denota púrpura.

<sup>6</sup> *Damsu raśmīṣu*: o significado do primeiro parece bastante duvidoso; *damsu*, diz o comentador, pode ser usado como *danseṣu*, *karmavatsu*, fazendo o seu trabalho, ou *dansa* pode significar uma casa, por raios que envolvem ou cobrem o mundo como uma casa; ou pode significar a câmara de sacrifício, na qual os fogos são acesos ao amanhecer, e pode-se dizer que os raios ou chamas do fogo oferecem uma vestimenta para Vāyu; *bhadra vastra*, vestes auspiciosas; a metáfora não é muito óbvia.

<sup>7</sup> *Savardughā*: *savar* é aqui explicado como *Amṛta*.

<sup>8</sup> As oferendas que são feitas ao fogo são a causa remota da chuva; o texto tem *iṣaṇanta bhurvaṇyapām iṣanta bhurvaṇi*: no primeiro lugar, *bhurvaṇ* é explicado como *yāga*, um sacrifício; no segundo, uma nuvem, a passagem é bastante obscura.

<sup>9</sup> *Tvāṇ bhagam takkavīye*: o segundo é considerado como implicando *bhajanīyam*, para o qual um equivalente preciso não é facilmente encontrado; aquilo que é para ser apreciado; aquilo que é agradável ou aceitável, o último é explicado como: para fazer os ladrões, isto é, os obstrutores de sacrifícios, irem para outro lugar.

6. Tu, Vāyu, que não és precedido por ninguém, tens direito a beber primeiro dessas nossas libações; tu tens direito a beber dos (sucos) derramados, além disso, (de todas as) oblações e oferendas de pecado dos homens; por ti o gado deles produz leite; (por ti) eles produzem manteiga.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 135 \(Wilson\)](#)

### Hino 134. Vāyu (Griffith)

1. Vāyu, que corcéis de pés rápidos te tragam rapidamente para esse nosso banquete, para beber primeiro do suco que nós derramamos, para o primeiro gole do suco Soma. Que o nosso hino alegre, bem discernente, elevado, satisfaça a tua mente. Vem com teu carro puxado pela parelha, ó Vāyu, para o presente, vem para o presente do sacrificador.

2. Que as gotas que dão alegria, ó Vāyu, te alegrem, eficazes, bem preparadas, dirigidas aos céus, fortes, misturadas com leite e buscando o céu; que auxiliares, efetivos para realizar, possam acompanhar o nosso poder habilidoso. Que parelhas associadas venham para cá para conceder as nossas orações; elas encaminharão os hinos que nós cantamos.

3. Vāyu atrela dois corcéis vermelhos, Vāyu dois corcéis purpúreos, de pés velozes, ao carro, à lança para puxar, os mais capazes, à lança, para puxar. Desperta inteligência, como quando um amante desperta seu amor adormecido. Ilumina céu e terra, faz as Auroras brilharem, por glória faz as Auroras brilharem.

4. Por ti as radiantes Auroras no céu longínquo estendem suas adoráveis vestes de raios admiráveis, de cores brilhantes em seus raios recém-surgidos. Por ti a Vaca produtora de néctar<sup>10</sup> derrama todos os ricos tesouros como leite. Tu geraste do ventre a hoste Marut, os Maruts do ventre do céu.

5. Por ti as puras e brilhantes gotas de Soma que fluem rapidamente, fortes em seu poder de elevar, se apressam para se misturar, se apressam para a água para serem misturadas. A ti o covarde fatigado reza por sorte para que ele possa correr para longe. Tu, por tua lei nos proteges de todo mundo, sim, do mundo dos mais altos Deuses.

6. Tu, Vāyu, que não tens ninguém diante de ti, antes de todos tens direito a beber essas oferendas de suco Soma, tens direito a beber o suco derramado, sim, derramado por todas as tribos suplicantes que se livram da mácula do pecado, por ti todas as vacas são ordenhadas para produzir leite-Soma,<sup>11</sup> para produzir a manteiga e o leite.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 135 \(Griffith\)](#)

<sup>10</sup> *Sabardughā*, que produz amṛta, ambrosia, néctar, ou alimento para os Deuses.

<sup>11</sup> A libação que consiste em suco Soma misturado com leite.

## Hino 134. Vāyu (Müller)

MAṄḌALA I, HINO 134.  
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 1, VARGA 23.

1. Ó Vāyu, que os cavalos rápidos te tragam para as oferendas, para o primeiro gole aqui,<sup>12</sup> para o primeiro gole de Soma! Que Sūnṛtā<sup>13</sup> (a Aurora) se eleve, aprovando a tua mente! Aproxima-te na tua carruagem atrelada para compartilhar, ó Vāyu, para tomar parte no sacrifício!
2. Que as gotas deliciosas de Soma te deleitem, as gotas feitas por nós, bem-feitas, e dirigidas ao céu, sim, feitas com leite, e dirigidas ao céu. Quando os auxiliares realizados dele assumem força para realização, as nossas orações imploram aos cavalos reunidos por dádivas, sim, as orações imploram a eles.<sup>14</sup>
3. Vāyu atrela os dois avermelhados, Vāyu atrela os dois cavalos vermelhos, Vāyu atrela à carruagem os dois cavalos velozes para puxar no jugo, os mais fortes para puxar no jugo. Desperta Purandhi (a Manhã) como um amante desperta uma donzela adormecida, revela o céu e a terra, ilumina a aurora, sim, por glória ilumina a aurora.
4. Por ti as brilhantes auroras espalham belas vestes ao longe, em suas casas, em seus raios, belas em seus novos raios. Para ti a vaca produtora de suco derrama todos os tesouros. Tu geraste os Maruts dos flancos, sim, dos flancos do céu.
5. Para ti os brancos, brilhantes, impetuosos Somas, fortes em êxtase, correram para o vórtice, eles correram para o vórtice das águas. O caçador cansado pede sorte de ti na caçada,<sup>15</sup> tu proteges pelo teu poder de todo ser, sim, tu proteges pelo teu poder dos espíritos poderosos.
6. Tu, ó Vāyu, és digno como o primeiro antes de todos os outros de beber esses nossos Somas, tu és digno de beber esses Somas derramados. Entre as pessoas também que invocam a ti e se voltaram para ti, todas as vacas derramam o leite, elas derramam manteiga e leite (para o Soma).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 165 \(Müller\)](#)

<sup>12</sup> *Pūrvapīti* aqui pode significar que Vāyu recebe sua libação primeiro, antes dos outros deuses. Veja o verso 6.

<sup>13</sup> Qualquer que possa ser a etimologia de *sūnṛtā*, na nossa passagem, que descreve o sacrifício matutino e a chegada de Vāyu como o primeiro dos deuses, ela mal pode significar alguma coisa a não ser a aurora.

<sup>14</sup> A minha tradução é puramente tentativa, e eu duvido que o texto possa estar correto. ... certos versos do Veda são simplesmente impossíveis, e os tradutores não devem ser responsabilizados se eles não podem conseguir o impossível.

<sup>15</sup> Eu segui Ludwig em sua explicação de *tsārī*, caçador, observador, e *takvavīya*, caça do *takva*, qualquer que possa ser esse animal.

## Hino 135. Vāyu, Indra-Vāyu (Wilson)

(Sūkta II)

O R̥ṣi é o mesmo; as três primeiras estrofes são endereçadas a Vāyu; as cinco seguintes a Indra também; e a última a Vāyu apenas; a métrica é a mesma, exceto na sétima e oitava estrofes, na qual ela é Aṣṭi.

Varga 24. **1.** Aproxima-te da nossa grama espalhada, Vāyu, com (teus) mil corcéis, para compartilhar do alimento (oferecido), (preparado) para o senhor dos cavalos; (aproxima-te) com centenas (do sacrifício preparado) para o senhor dos cavalos; os deuses se detêm por ti como o deus (que tem direito) a beber primeiro (da libação); sucos doces derramados estão prontos para a tua alegria; estão preparados para a sua função.

**2.** Por ti esse suco *Soma*, purificado pelas pedras (que esmagam a planta), e coberto de (esplendor) desejável, flui para o seu receptáculo (apropriado);<sup>1</sup> coberto com (esplendor) brilhante, esse *Soma* é oferecido como a tua parte entre homens e entre deuses; (tendo-o recebido), atrela teus cavalos, e parte bem afetado em relação a nós; satisfeito, e bem disposto em relação a nós, parte.

**3.** Vem com centenas e milhares dos teus cavalos ao nosso sacrifício para compartilhar do alimento (sacrificial); (vem), Vāyu, para compartilhar das oblações; essa é a tua parte razoável, e ela é radiante junto com o sol;<sup>2</sup> os sucos levados pelos sacerdotes estão preparados; os sucos puros, Vāyu, estão preparados.

**4.** Que a carruagem puxada pelos *Niyuts* transporte vocês dois, (Indra e Vāyu, para o sacrifício), para a nossa preservação, e para compartilhar das iguarias consagradas; para compartilhar, Vāyu, das oblações; bebe da bebida doce; pois o primeiro gole é seu direito (em comum).<sup>3</sup> Vāyu (e Indra), venham com riqueza concessora de alegria; Indra (e Vāyu), venham com riqueza.

**5.** Os atos virtuosos (dirigidos) a vocês têm dado (eficácia) aumentada aos nossos sacrifícios; pois vocês, (os sacerdotes) espremem esse suco que goteja rapidamente, como (o cavaliço esfrega) um corcel veloz, que corre rápido; bebam das (libações) dele, e venham para cá, bem dispostos em relação a nós, para nossa proteção; bebam dos sucos que foram espremidos pelas pedras, pois vocês são concessores de alimentos.

Varga 25. **6.** Esses sucos *Soma*, derramados em nossos ritos, e trazidos pelos sacerdotes, estão preparados para vocês dois; os sucos puros, Vāyu (e Indra), estão preparados; esses (sucos) penetrantes passaram pelo filtro oblíquo<sup>4</sup> por vocês dois; os sucos *Soma* destinados a ambos passam pelo velo de lã; os inesgotáveis sucos *Soma*.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Ele vai para a concha, por assim dizer, em lugar de um receptáculo.

<sup>2</sup> *Sarāsmiḥ sūrye sacā* também pode ser entendido, de acordo com Sāyaṇa, sugerir que a oferenda é simultânea com o nascer do sol; a primeira parte do verso ocorre no *Yajur* XXVII. 28; a última é diferente, ou 'Vāyu, deleita-te neste sacrifício, e vocês, (sacerdotes), protejam-nos sempre por meio de ritos auspiciosos'.

<sup>3</sup> Sāyaṇa parece um pouco confuso em como ajustar a precedência entre Vāyu e Indra; mas, sob a autoridade de outros textos, a atribui a Vāyu, o que concorda com a ordem do texto nesse lugar; no qual, assim como em alguns outros, nós temos o nominativo no singular, com o verbo no dual, o que implica, portanto, que um dos dois é compreendido; ou, no primeiro caso, deve ser Vāyu e Indra; no segundo, Indra e Vāyu.

<sup>4</sup> *Abhyasṛksata tiraḥ pavitram*: o último termo é geralmente aplicado a um feixe de erva *kuśa*, a qual se supõe que purifica o *Soma* ou a manteiga derramada sobre ela; ele é aqui explicado como o receptáculo do suco *Soma* colocado obliquamente ou de modo inclinado, ou um filtro ou coador feito de lã.

<sup>5</sup> *Atiromāṇyavyayā somāso atyavyayā*; no segundo lugar, é dito que *avyaya* possui seu sentido comum, não gasto, inesgotável.

7. Passa (Vāyu), por muitos (adoradores) adormecidos e vai (com Indra) para a casa onde a pedra ressoa; Indra (e Vāyu), vão para aquela residência; (vão para onde) a (palavra da) verdade se manifesta; (vão para onde) flui a manteiga; vão ambos com cavalos bem alimentados ao sacrifício; Indra (e Vāyu), dirijam-se ao sacrifício.

8. Então, aceitem as libações do suco doce no sacrifício no qual os sacerdotes triunfantes ficam em volta da (planta) nascida na rocha;<sup>6</sup> que eles sempre sejam vitoriosos por nós; (por vocês) juntas a vacas destilam (seu leite); a (oferenda de) cevada está cozida; e por ti (Vāyu), as vacas nunca emagrecerão; as vacas nunca serão levadas (por ladrões).<sup>7</sup>

9. Esses teus cavalos, excelente Vāyu, de membros fortes, jovens e cheios de vigor, te levam através do espaço entre o céu e a terra; crescentes (são eles) em volume, e fortes como bois; eles não se perdem no firmamento, mas mantêm sua velocidade, não retardados por injúria;<sup>8</sup> eles são difíceis de serem capturados como os raios do sol; eles são difíceis de serem detidos pela força.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 136 \(Wilson\)](#)

### Hino 135. Vāyu, Indra-Vāyu (Griffith)

1. A erva sagrada está espalhada, vem Vāyu, ao nosso banquete, com grupo de milhares, vem, Senhor do grupo atrelado, com centenas, Senhor dos corcéis atrelados! As gotas divinas são levantadas para ti, o Deus, bebê-las primeiro. Os sucos ricos em doces se ergueram para a tua alegria, se ergueram para te dar força.

2. Purificado pelas pedras o Soma flui para ti, coberto com seus esplendores encantadores, para o reservatório, flui vestido em sua luz refulgente. Para ti o Soma é derramado, tua parte em porções entre Deuses e Homens. Conduz teus cavalos, Vāyu, vêm até nós com amor, vem bem disposto e nos amando.

3. Vem com centenas, vem com milhares em teu grupo para esse nosso rito solene, para provar o alimento sagrado, Vāyu, para provar as oferendas. Essa é a tua parte adequada, que vem co-radiante com o Sol. Trazido pelos sacerdotes assistentes o suco puro é oferecido, Vāyu, o suco puro é oferecido.

4. A carruagem com seu grupo de cavalos traz vocês dois, para nos proteger e para saborear o alimento bem designado, Vāyu, para saborear as oferendas! Bebam do suco de sabor agradável: o primeiro gole é atribuído a vocês. Ó Vāyu, com sua recompensa esplêndida venham os dois, Indra, com recompensa venham ambos.

5. Que as nossas canções os tragam para cá para os nossos ritos solenes; elas embelezaram essas gotas de vigor imenso, como um corcel veloz de grande força. Bebam delas bem dispostos para conosco, venham para cá para ser nosso amparo. Bebam, Indra-Vāyu, desses sucos espremidos com pedras, Concessores de Força! até que eles alegrem a vocês.

<sup>6</sup> *Aśvattham upatiṣṭanti*: *Aśvattha* é, usualmente, a Figueira-religiosa; mas Sāyaṇa a explica aqui como a *Soma* encontrada espalhada pelas montanhas e similares.

<sup>7</sup> *Na upadasyanti dhenavaḥ-nāpa dasyanti dhenavaḥ*: é explicado que *upadas* significa fraco, ou debilitado por doença; *apadas*, ser levado por ladrões.

<sup>8</sup> *Aghiraukaśaḥ*, literalmente, não tendo residência por palavras; de acordo com o comentador, eles não são levados a uma parada por meio de discursos insultantes ou similares.

<sup>9</sup> *Hastayor dur-niyantavaḥ*, difíceis de serem detidos por ambas as mãos, ou pela força física; eles não são impedidos por palavras, ou por puxar as rédeas, de ir ao sacrifício.

6. Esses sucos Soma espremidos para vocês nas águas aqui, trazidos pelos sacerdotes assistentes, são oferecidos a vocês; brilhantes, Vāyu, são eles oferecidos. Eles fluíram rápido através do filtro, e aqui são derramados para ambos, – gotas de Soma, ansiosas por vocês, sobre a lã de carneiro, Somas sobre a lã de carneiro.<sup>10</sup>

7. Ó Vāyu, passem por todos os que dormem, e onde a pedra de pressão ressoa<sup>11</sup> entrem naquela casa, sim, Indra, entrem ambos. A Donzela<sup>12</sup> alegre é contemplada, a manteiga flui. Com o grupo ricamente carregado venham ao nosso rito solene, sim, Indra, venham ao rito.

8. Viajem para cá para o oferecimento do suco agradável, a Figueira sagrada<sup>13</sup> a qual os sacerdotes vitoriosos circundam; que eles sejam continuamente vitoriosos por nós. De uma vez as vacas produzem leite, a refeição de cevada<sup>14</sup> está preparada. Por ti, ó Vāyu, as vacas nunca emagrecerão, por ti elas nunca ficarão secas.

9. Esses teus Touros,<sup>15</sup> ó Vāyu com o braço da força, que voam rapidamente dentro da corrente do teu curso,<sup>16</sup> os Touros aumentando em seu poder, sem cavalos, mas de movimento rápido mesmo através do ermo, a quem nenhum grito pode parar, eles são difíceis de serem detidos, como raios de sol, em seu curso, difíceis de serem detidos por ambas as mãos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 136 \(Griffith\)](#)

---

<sup>10</sup> O filtro ou coador feito de lã, usado na purificação do suco Soma. Veja 1.2.1 [nota 8].

<sup>11</sup> Onde os homens estão espremendo o suco Soma.

<sup>12</sup> Provavelmente Uṣas ou Aurora.

<sup>13</sup> O recipiente para manter o suco Soma, feito da madeira da Ásvattha ou Ficus Religiosa; ou, como Sāyaṇa explica aqui, a própria Soma [veja a nota 6].

<sup>14</sup> Que forma uma parte da oferenda.

<sup>15</sup> Rajadas de vento.

<sup>16</sup> Isto é, do vento. [Nota da edição de 1889.]

## Hino 136. Mitra-Varuṇa (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi é o mesmo; os deuses são Mitra e Varuṇa;<sup>1</sup> a métrica é Atyaṣṭi, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.

Varga 26. **1.** Ofereçam a mais excelente e ampla adoração, e oblação reverente, àqueles dois deuses que existem desde antigamente; que concedem felicidade (para seus adoradores), e se deleitam nas (libações) mais doces; pois eles são ambos (soberanos) supremos,<sup>2</sup> (em cuja honra) oblações de manteiga são derramadas, e que são glorificados em cada sacrifício, por isso o seu poder não deve de modo algum ser objetado; a sua divindade não é para ser resistida.

**2.** A Aurora mais excelente foi vista seguindo para o (rito) abrangente; o caminho do (sol) giratório foi iluminado pelos raios (dele); os olhos dos homens (foram abertos) pelos raios de Bhaga; a mansão brilhante de Mitra, de Aryaman, de Varuṇa, (foi iluminada pelos raios dele),<sup>3</sup> e portanto aceitem vocês dois a oblação louvável e copiosa; a oblação digna e copiosa.

**3.** (Seu adorador) preparou o terreno (para o altar), livre de defeitos, radiante (com fogo sacrificial), e conferindo céu; venham a ele juntos todos os dias, vocês que são vigilantes; todos os dias (em sacrifícios) recebam energia revigorada (por virem para cá), filhos de Aditi, senhores da munificência; daqueles dois, Mitra é o animador<sup>4</sup> da humanidade, e assim é Varuṇa; Aryaman (também) é o animador da humanidade.

**4.** Que essa libação de Soma seja gratificante para Mitra e Varuṇa, a ser apreciada por eles enquanto eles bebem dela, inclinando-se para baixo; uma (bebida) divina, própria para ser desfrutada pelos deuses; que todos os deuses, bem satisfeitos, a aceitem hoje; portanto, (divindades) reais, façam conforme nós pedimos; vocês, que são sempre verdadeiros, façam o que nós solicitamos.

**5.** Qualquer indivíduo que ofereça adoração a Mitra e Varuṇa, mantenham-no totalmente ileso do pecado; (protejam) do pecado o mortal que lhes presenteia (com oblações); que Aryaman proteja aquele que é sincero em sua devoção, que oferece culto dirigido a ambos (Mitra e Varuṇa), com preces; que oferece culto com louvores.

**6.** Eu proclamo veneração ao poderoso Sol, ao céu e à terra, a Mitra, ao benevolente Varuṇa, ao concessor de felicidade, o derramador de benefícios. Louvemos a Indra, Agni, ao brilhante Aryaman e Bhaga, para que, desfrutando de uma vida longa, nós possamos ser abençoados com descendência; nós possamos ser felizes através das virtudes protetoras do Soma.

**7.** Adorando a Indra, e favorecidos pelos Maruts, que nós confiemos na proteção dos deuses; e que nós, afluentes (pela sua generosidade), desfrutemos da felicidade que Agni, Mitra e Varuṇa estão dando (a nós).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 137 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> [Os versos 6 e 7 são para vários deuses. – Gary Holland.]

<sup>2</sup> *Tā samrājā*; ou *samrājā*, pode ser interpretado como grandemente ou completamente brilhantes.

<sup>3</sup> Tudo isso não quer dizer nada mais, segundo o comentador, do que isso: que o firmamento é iluminado pelo sol; os vários nomes sendo designações ou formas do sol, especificadas individualmente a fim de multiplicar seus louvores.

<sup>4</sup> *Yātayaj janaḥ*, por quem os homens estão sendo impelidos a esforço, ou incitados a cumprir suas respectivas funções; como aplicado a Aryaman, na repetição, o comentador diz que isso pode implicar alguém por quem os irreligiosos, ou aqueles que não realizam culto religioso, podem ser lançados nas regiões infernais.

---

## Hino 136. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Tragam adoração ampla e a mais excelente, hino, oferendas, para o Par vigilante, os bondosos, os seus mais doces para os Generosos. Soberanos adorados com rios de óleo e louvados em cada sacrifício. Seu grande poder imperial não pode ser atacado em parte alguma, sua Divindade nunca pode ser atacada.
2. Para o vasto Sol foi visto um caminho colocado mais amplamente, o caminho da lei sagrada foi mantido com raios, o olho com os raios de luz de Bhaga.<sup>5</sup> Firmemente localizado no céu está o lar de Mitra, e de Aryaman e de Varuṇa. Daí eles emitem grande força vital que merece louvor, grande poder de vida que os homens devem louvar.
3. Com Aditi a luminosa, a celestial, mantenedora das pessoas, venham dia a dia, vocês que vigiam sem sono, dia a dia. Vocês obtiveram poder resplandecente, Ādityas,<sup>6</sup> Senhores das dádivas abundantes. Movedores de homens, ambos compassivos, são Mitra, Varuṇa, movedor de homens é Aryaman.
4. Que esse Soma seja o mais doce para Mitra, Varuṇa; ele<sup>7</sup> nos banquetes de bebida terá uma parte disso, compartilhando, um Deus, entre os Deuses. Que todos os Deuses unanimemente aceitem-na alegremente hoje. Portanto, ó Reis,<sup>8</sup> realizem o que nós pedimos, ó Justos, tudo o que nós pedimos.
5. Quem quer que sirva a Mitra e Varuṇa com adoração, preservem a ele cuidadosamente, ileso, da angústia, protejam da angústia o homem generoso. Aryaman protege bem àquele que age honestamente seguindo a sua lei, que embeleza a cerimônia religiosa deles com os louvores dele, que a torna bela com canções de louvor.
6. Eu professarei culto ao grandioso Dyaus, ao Céu e à Terra, a Mitra e ao generoso Varuṇa, o Generoso, o Compassivo. Louva Indra, louva Agni, louva Bhaga e o celestial Aryaman. Que nós vivamos muito e tenhamos progênie acompanhante, tenhamos progênie com a ajuda de Soma.
7. Com a ajuda dos Deuses, com Indra continuamente ao nosso lado, que nós sejamos considerados auto-esplêndidos com os Maruts. Que Agni, Mitra, e Varuṇa nos deem proteção; que nós possamos obter isso, nós e os nossos príncipes ricos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 137 \(Griffith\)](#)

---

<sup>5</sup> “O deus antigo, Bhaga”, diz o Sr. Wallis, “se tornou no R̥gveda pouco mais do que uma fonte da qual descrições das funções dos outros deuses são obtidas, ou um padrão de comparação pelo qual a grandeza deles é realçada. O nome dele sobreviveu nas línguas eslavas como um nome geral para deus, um sentido que ele tem também no Avesta. A julgar pelo R̥gveda, Bhaga parece ser um sobrevivente do antigo culto solar”. *The Cosmology of the R̥gveda*, p. 11. É difícil explicar cada expressão no verso; mas o sentido geral parece ser que o céu foi iluminado pelo Sol, e que lá é o lar dos Deuses que de lá manifestam os poderes que os homens devem glorificar.

<sup>6</sup> Aditi e Ādityas: veja 1.14.3 [nota 11].

<sup>7</sup> O próprio Soma, significando talvez a Lua.

<sup>8</sup> Isto é, Mitra e Varuṇa. [Nota da edição de 1889.]

## Hino 137. Mitra-Varuṇa (Wilson)

(Segundo Adhyāya. Continuação do Anuvāka 20. Sūkta IV)

Os deuses são Mitra e Varuṇa; o Ṛṣi é Parucchepa; a métrica é Atiśakvarī.

Varga 1. **1.** Venham, (Mitra e Varuṇa, ao nosso sacrifício); onde nós esprememos (o suco *Soma*) com pedras; esses sucos misturados com leite são estimulantes; esses (sucos) são estimulantes; venham a nós, nobres divindades, moradores do céu, e nossos protetores; esses sucos são misturados com leite para vocês, Mitra e Varuṇa; eles são puros, misturados com leite.

**2.** Venham, pois esses sucos *Soma* gotejantes estão misturados com coalhos; eles foram espremidos e misturados com coalhos; sejam eles preparados por vocês no despertar da aurora, ou (sejam associados) com os raios do sol, o suco é derramado para Mitra e para Varuṇa, para eles beberem a (libação) agradável; para eles beberem no sacrifício.

**3.** Eles ordenham para vocês dois com pedras aquela trepadeira suculenta, como uma vaca leiteira produtiva; eles ordenham a planta *Soma* com pedras; venham a nós como nossos protetores; estejam presentes conosco para beber o suco *Soma*; esse suco *Soma* foi derramado, Mitra e Varuṇa, para vocês dois; derramado para vocês beberem.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 138 \(Wilson\)](#)

## Hino 137. Mitra-Varuṇa (Griffith)

**1.** Com pedras nós esprememos; ó venham, essas gotas que alegam estão misturadas com leite, essas gotas de *Soma* que os alegam. Venham a nós, Reis que chegam ao céu, aproximem-se de nós, vindo para cá. Essas gotas lácteas são suas, Mitra e Varuṇa, sucos *Soma* brilhantes misturados com leite.

**2.** Aqui estão os gotejamentos; aproximem-se dos gotejamentos de *Soma* misturados com coalhos, sucos espremidos e misturados com coalhos. Agora, para o despertar da sua Aurora juntamente com os raios do Deus-Sol, o suco espera por Mitra e Varuṇa para beber, suco agradável para beber, para o sacrifício.

**3.** Como se fosse uma vaca de cor radiante, eles ordenham com pedras o talo para vocês, com pedras eles ordenham a planta *Soma*. Que vocês se aproximem de nós, que vocês se dirijam para cá para beber o suco *Soma*. Os homens espremeram esse suco, Mitra e Varuṇa, espremeram esse *Soma* para a sua bebida.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 138 \(Griffith\)](#)

## Hino 138. Pūṣan (Wilson)

(Sūkta V)

O deus é Pūṣan; o Ṛṣi e métrica são os mesmos.<sup>1</sup>

Varga 2. **1.** A grandeza da força de Pūṣan adorado por muitos é louvada universalmente; ninguém deprecia (o seu louvor), o seu louvor não desagrade a ninguém. Desejoso de felicidade, eu adoro a ele, cuja proteção está sempre perto; que é a fonte de felicidade; que, quando adorado devotamente, se mistura com os pensamentos de todos (os seus adoradores); que, (embora) um deus, está unido com o sacrifício.<sup>2</sup>

**2.** Eu te exaltarei, Pūṣan, com louvores, para que tu possas te apressar (para o sacrifício), como um (corcel) rápido para a batalha; para que tu possas nos conduzir através do combate, como um camelo;<sup>3</sup> portanto, eu, um mortal, invoco a ti, o divino concessor de felicidade, em busca da tua amizade; e torna as nossas invocações produtivas<sup>4</sup> (de benefícios); as torna produtivas (de sucesso), em batalhas.

**3.** Pela tua amizade, Pūṣan, aqueles que são diligentes em teu louvor e assíduos no teu culto desfrutam (de abundância), através da tua proteção; por adoração (assídua) eles desfrutam (de abundância); como resultado do teu recente favor, nós pedimos riquezas infinitas. Livre de raiva, e com direito a amplo louvor, sê sempre acessível a nós; sê nosso líder em cada batalha.

**4.** Livre de raiva, e de doações generosas, fica perto de nós, Ajāśva,<sup>5</sup> para a aceitação dessa nossa (oferenda); fica perto daqueles, Ajāśva, que solicitam alimentos; nós recorreremos a ti, destruidor de inimigos, com hinos piedosos. Eu nunca paro, Pūṣan, aceitador de oferendas, de pensar em ti; eu nunca desconsidero a tua amizade.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 139 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> [A métrica é Atyaṣṭi. – Griffith. Gary Holland.]

<sup>2</sup> *Mana āyuyuve makho deva āyuyuve makhaḥ* são as palavras do texto, com a intenção, sem dúvida, embora obscuramente, de identificar Pūṣan, espiritual ou misticamente, com o realizador e a realização do culto; o comentador dá uma interpretação muito diferente: no primeiro caso, *makha* é interpretado como *yajña-vān*, tendo ou recebendo sacrifício, que por isso concede a bênção que o sacrificador solicita, desse modo, ‘misturando-se com’ ou concordando com seus pensamentos ou mente; na reiteração *makha* é considerado como colocado em lugar de *makham*, caso objetivo, o sacrifício, com o qual Pūṣan se mistura, ou está presente em, até concluído. Outra interpretação também é proposta, mas ela não é mais satisfatória.

<sup>3</sup> *Uṣṭro na*, como um camelo; como um camelo carrega uma carga, é a explicação do comentário.

<sup>4</sup> *Dyumninaskṛdhi*, as torna possuidoras de riqueza; *dyumna* tendo esse significado; o comentador o interpreta no primeiro lugar como brilhante, ou que tem fama ou alimento; na reiteração ele propõe o segundo como o resultado de conquistas.

<sup>5</sup> Aquele que é puxado por bodes, ou que tem bodes em lugar de cavalos, de acordo com Yāska.

## Hino 138. Pūṣan (Griffith)

1. A forte majestade de Pūṣan<sup>6</sup> é louvada sempre, a glória do seu poder senhoril nunca é fraca, o seu cântico de louvor nunca é fraco. Buscando felicidade eu louvo a ele próximo para ajudar, a fonte de bem-aventurança, que, Vigoroso, atraiu para si os corações de todos, os atraiu, o Vigoroso, o Deus.

2. A ti, então, ó Pūṣan, como alguém veloz em seu caminho, eu incito com louvores para que tu possas fazer os inimigos fugirem, impele, como camelos,<sup>7</sup> os nossos inimigos à distância. Visto que eu, um homem, chamo a ti, um Deus, dador de felicidade, para ser meu Amigo, portanto torna glorioso os nossos louvores cantados em voz alta, em batalhas os torna gloriosos.

3. Tu, Pūṣan, em cuja amizade aqueles que cantam louvores desfrutam de vantagem, até em sabedoria, pela tua graça, até em sabedoria eles são favorecidos. Assim, após esse curso mais recente, nós vimos a ti com preces por riqueza. Não instigado à raiva, ó Vasto Soberano, vem a nós, vem a nós em cada luta.

4. Não incitado à ira, vem, Doador Generoso, para perto de nós, para receber esse nosso presente, tu que tens bodes em lugar de cavalos,<sup>8</sup> Transportado por Bodes! o presente daqueles que anseiam por fama. Desse modo, Fazedor de Milagres! que nós te movamos para cá com louvores eficazes. Eu não te desprezo, ó Pūṣan, tu Resplandecente; a tua amizade não pode ser desprezada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 139 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> Veja 1.14.3 [nota 9] e 1.42.1.

<sup>7</sup> Sāyaṇa explica: 'como um camelo leva a sua carga para longe, desse modo carrega para longe da batalha os nossos inimigos'. O significado é obscuro.

<sup>8</sup> É dito que a carruagem de Pūṣan, como a de Thor no *Edda*, é puxada por um grupo de bodes.

## Hino 139. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta VI)

O Ṛṣi é o mesmo; os deuses são vários, sob a designação coletiva de Viśvedevas. O primeiro verso é dirigido a Agni, Indra e Vāyu; o segundo a Mitra e Varuṇa; os três seguintes aos Áśvins; no sexto, Indra é abordado novamente; Agni no sétimo, e os Maruts no oitavo; Indra e Agni são associados no nono; Bṛhaspati é louvado no décimo, e todos juntos no décimo primeiro. A métrica também varia; aquela do quinto verso é Bṛhatī, e do décimo primeiro Triṣṭubh; no restante ela é Atyaṣṭi; depois do que nós nos despedimos por enquanto dessa construção longa, complicada, e embaraçosa.

Varga 3. **1.** Que as nossas preces sejam ouvidas.<sup>1</sup> Eu coloco diante (de mim) Agni com reverência; nós recorreremos ao seu poder celestial; nós recorreremos a Indra e a Vāyu; fazendo o que, um novo (hino) foi endereçado (por nós) ao umbigo radiante (da terra);<sup>2</sup> e, portanto que os nossos ritos religiosos cheguem aos deuses; que os nossos ritos piedosos atinjam a presença dos deuses.

**2.** Mitra e Varuṇa, concedam (a nós) abundantemente aquela água não durável que vocês obtêm do sol, através da sua própria energia, através da energia inerente dos vigorosos; que nós assim vejamos as suas (formas) douradas nos nossos salões de sacrifício, (levadas para lá) pelos nossos ritos sagrados, e pelos nossos pensamentos e sentidos (concentrados em vocês); pelos nossos sentidos (aplicados em oferecer) a libação de *Soma*.

**3.** Áśvins, os homens que desejam glorificar a vocês com (seus) hinos, fazem, por assim dizer, os seus louvores serem ouvidos, conciliando-os com oblações; pois, de vocês, que são possuidores de todas as opulências, (eles obtêm) todos os tipos de riqueza e alimento abundante. Dasras, as bordas (das rodas) do seu carro carregado de mel destilam mel,<sup>3</sup> (carregado) no seu (carro) dourado.

**4.** Dasras, seu propósito é conhecido, vocês vão para o céu; seus aurigas atrelam (seus corcéis) para a sua viagem ao céu; os cavalos que não prejudicam (o carro) em sua jornada para o céu. Nós os colocamos, Dasras, na sua carruagem dourada de três mastros, que segue por uma estrada (fácil) para o céu, os que humilham (os inimigos), e os principais reguladores da chuva.<sup>4</sup>

**5.** Enriquecidos por ritos sagrados, nos concedam, dia e noite, (todas as coisas boas), por causa dos nossos atos virtuosos; que as suas doações, e que as nossas (doações), nunca sejam impedidas.

Varga 4. **6.** Indra, derramador (de bênçãos), esses sucos derramados, (espremidos) por pedras, e que vieram (das plantas da montanha), são para a tua bebida; essas libações irromperam por ti; que elas te satisfaçam como uma oferenda apresentada (na esperança de receber) riquezas grandiosas e extraordinárias. Aceitante de louvores, vem a nós, glorificado pelos nossos hinos; vem a nós satisfeito.

<sup>1</sup> *Astu śrauṣaṭ*; que o comentador explica como *asyāh stuter śravanam bhavatu*, que haja uma audição desse hino, ou *srotā bhavatu*, que Agni ou outro deus seja o ouvinte. No uso comum *śrauṣaṭ* é uma exclamação proferida quando a manteiga é derramada sobre o fogo, no altar, como uma oferenda aos deuses, e não é impossível que ela possa ter algum significado desse tipo aqui.

<sup>2</sup> Nós já tivemos a oportunidade de citar a expressão antes, como significando o altar; ou ela pode significar, de acordo com Sāyaṇa, o sacrifício, de acordo com o texto, *yajñam āhur bhuvanasya nābhim*, 'eles chamaram o sacrifício de o umbigo do mundo', o texto acrescenta *vivasvati*, explicado pelo comentador como *dīptamati*, brilhante; a estrofe ocorre no *Sāma*, I. 461, onde o professor Benfey considera que Vivasvat, o deus-Sol, é indicado como identificado com Vāyu e Indra.

<sup>3</sup> As circunferências das rodas destilam ou espalham mel, conforme elas giram.

<sup>4</sup> *Añjasā śāsatā rajas*; o último Sāyaṇa interpreta por *udakam*, água.

7. Agni, ouve atentamente quando tu és louvado por nós, e repete (aqueles louvores) para os deuses que têm direito a culto; para as nobres (divindades) que têm direito a culto; por causa do que os deuses deram para os Aṅgirasas a vaca leiteira que Aryaman ordenhou para (ti),<sup>5</sup> o criador (de todos), junto com os deuses; aquela vaca (a natureza da qual tu disseste que), ele, junto comigo, compreende.<sup>6</sup>

8. Maruts, que as suas energias gloriosas nunca sejam exercidas contra nós; que as nossas (riquezas) nunca diminuam; que as nossas cidades nunca decaiam; e que tudo o que é maravilhoso, admirável, imortal, ou (tudo o que é reconhecido como vivo), a partir do seu som,<sup>7</sup> que tem sido seu de era em era, (recaia) sobre nós; tudo o que é (de realização) mais difícil concedam a nós; tudo o que é mais difícil (de ser obtido).

9. As veneráveis Dadhyanch, Aṅgiras, Priya-Medha, Kaṇva, Atri e Manu conheceram o meu nascimento;<sup>8</sup> eles que eram dos tempos antigos e Manu conheceram (os meus progenitores);<sup>9</sup> pois deles é uma vida longa entre os deuses, e neles está a nossa existência;<sup>10</sup> por causa da sua posição elevada, eu adoro (os deuses) com louvor; eu adoro Indra e Agni com louvor.

10. Que o invocador (dos deuses) ofereça sacrifícios, e que eles, desejosos da oferenda, (compartilhem da libação) aceitável; o próprio Bṛhaspati, desejando (a libação), celebra culto com libações; com libações copiosas e excelentes. Nós captamos de um quadrante distante o som das pedras, com as quais o realizador de atos religiosos tem por si mesmo assegurado as águas (das nuvens);<sup>11</sup> o realizador de atos piedosos<sup>12</sup> (tem protegido) muitas habitações.

11. Deuses que são onze no céu; que são onze na terra, e que são onze que residem com glória no ar;<sup>13</sup> que vocês fiquem satisfeitos com esse nosso sacrifício.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 140 \(Wilson\)](#)

<sup>5</sup> O comentador cita uma lenda, afirmando que os Aṅgirasas, tendo propiciado os deuses, pediram a doação de uma vaca; os deuses lhes deram a vaca da abundância, mas eles eram incapazes de ordenhá-la, e recorreram a Aryaman, que tirou da vaca o leite convertível em manteiga para oblações ao fogo.

<sup>6</sup> *Eṣa tāṃ veda me sacā*, ele a conhece junto comigo; explicado pelo comentador como *Aryamāham api jānāmi*, ou eu, Aryamā, ou eu e Aryamā a conhecemos, de que modo ou em que sentido não é especificado; a adição ao texto é conjectural.

<sup>7</sup> O texto tem apenas *ghoṣāt*, colocado em lugar de *ghoṣāh*, plur. sons, ruídos; de acordo com o comentário e por metonímia, aqueles que os pronunciam, ou gado ou pessoas.

<sup>8</sup> O nascimento de Parucchepas, o Ṛṣi do hino; ele é subsequente a eles, e de data mais recente.

<sup>9</sup> *Te me pūrve manur viduḥ*, o comentador supre *pitrādīn*, pais, etc.; ele também propõe *Manavah* no plur. em lugar de *Manu*, mas isso mal é necessário, a menos que *pūrve* seja considerado como o adjetivo de *Manavah*, implicando Manus passados, e envolvendo um reconhecimento do sistema de Manvantaras, a origem védica do qual ainda é indeterminada; Sāyaṇa, no entanto, desconecta os termos, e aplica *pūrve* àqueles citados previamente, Dadhyanch e o resto; *manavās-ca* e os *Manus*.

<sup>10</sup> *Asmākaṃ teṣu nābhayaḥ*, neles estão nossos ‘umbigos’, uma frase um tanto ininteligível; Sāyaṇa a explicaria por ares vitais, em conexão com a vida, ou por sacrifícios em relação às suas recompensas. Há várias leituras do comentário sobre esse verso, das quais nenhuma é bastante satisfatória; elas são especificadas pelo professor Müller, vol. ii. p. xx., e ele propõe uma versão um pouco diferente daquela dada acima; não é fácil dizer qual é a mais correta.

<sup>11</sup> Ele sustenta por si mesmo as águas, isto é, as chuvas, ou pode ser interpretado que ele produz essas águas por meio dos seus sacrifícios, a chuva sendo o resultado do culto.

<sup>12</sup> *Sukratuḥ*, que é repetido, pode indicar ou o *Yajamāna*, ou Bṛhaspati, como o *adhvaryu*, ou sacerdote ministrante.

<sup>13</sup> Veja 1.34.11 [nota 13], e 1.45.2 [nota 2]. O verso é repetido no *Yajush*, 7. 19. Nenhuma explicação é dada sobre os poderes dessas três classes, nem seus nomes são especificados; elas parecem ser algo diferente das trinta e três divindades dos *Purāṇas*.

## Hino 139. Viśvedevas (Griffith)

1. Que a nossa oração seja ouvida! Em pensamento eu honro Agni primeiro; agora imediatamente nós elegemos esta companhia celeste, Indra e Vāyu nós elegemos. Pois quando o nosso mais recente pensamento for elevado e bem centrado em Vivasvān,<sup>14</sup> então que as nossas canções sagradas avancem em seu caminho, as nossas músicas por assim dizer para os Deuses.
2. Como lá vocês, Mitra, Varuṇa, acima da verdade tomaram para si o falso com sua mente, com a energia mental da sabedoria, assim, nos lugares onde vocês residem nós vimos o Dourado, não com nossos pensamentos ou espírito, mas com esses nossos olhos, sim, com os olhos que Soma dá.<sup>15</sup>
3. Ásvins, os devotos os chamam com seus hinos de louvor, ressoando seu canto alto para vocês, esses homens vivos, para as oblações deles, homens vivos. Todas as glórias e toda a nutrição, Senhores de toda a riqueza! dependem de vocês. As bordas das rodas da sua carruagem dourada espalham gotas, Poderosos! do seu carro dourado.
4. Bem se sabe, ó Poderosos: vocês descerram o céu; por vocês os corcéis da carruagem são atrelados para os ritos matutinos, corcéis inabaláveis para os ritos matutinos. Nós os colocamos no assento da carruagem, ó Poderosos, no carro dourado. Vocês buscam o ar como por um caminho que conduz corretamente, como por um caminho que leva direto.
5. Ó Ricos em Força, através do seu grande poder nos concedam bênçãos dia e noite. As oferendas que nós trazemos para vocês nunca faltarão, os presentes trazidos por nós nunca faltarão.
6. Essas gotas de Soma, forte Indra! bebida para heróis, derramadas, espremidas por pedras de pressão, estão jorrando para ti, para ti as gotas estão jorrando. Elas alegrarão o teu coração para dar, para dar riqueza grandiosa e extraordinária. Tu que recebes louvor vem glorificado por hinos, vem a nós benevolente.
7. Rapidamente, ó Agni, ouve-nos: magnificado por nós tu falarás por nós aos Deuses adoráveis, sim, aos Reis adoráveis: quando, ó Deuses, vocês deram aquela Vaca leiteira<sup>16</sup> para os Aṅgiras, eles a ordenharam; Aryaman, unido com eles, fez o trabalho; ele a conhece tão bem quanto eu.
8. Que essas ações valorosas de vocês por nós nunca envelheçam, que as suas glórias brilhantes nunca caiam em decadência, nunca decaiam antes do nosso tempo. Aquele feito seu que, novo a cada era, magnífico, homem insuperável, reverbera adiante, Maruts! tudo o que possa ser difícil de ganhar, concedam-nos, tudo o que seja difícil de ganhar.
9. Dadhyac dos tempos antigos,<sup>17</sup> Aṅgiras, Priyamedha, esses, e Kaṇva, Atri e Manu conheceram o meu nascimento, sim, aqueles dos tempos antigos e Manu conheceram. Sua longa linhagem se estende até os deuses, as nossas conexões de nascimento são com eles.

<sup>14</sup> O radiante Agni celestial.

<sup>15</sup> Esse verso é extremamente difícil. A explicação de Ludwig, se eu o entendi corretamente, é no seguinte sentido: o Dourado, que é o lar de Mitra e Varuṇa, é o Sol o qual é somente a imagem ou cópia da realidade transcendente, a concha dourada que cobre a face da verdade ou *satyam*. Esse Sol visível Mitra e Varuṇa tomaram para si mesmos além da real essência deles. Como essa essência real é percebida não com os olhos do corpo mas pelos olhos do espírito fortalecidos pela dose de Soma que eleva, assim por outro lado o Sol visível não é um objeto de percepção espiritual. Consequentemente o poeta diz: 'Com os nossos olhos corpóreos nós temos visto o Sol, mas iluminados pelo suco Soma nós o reconhecemos como sendo somente uma imagem de vocês'. *O falso* é o Sol; *a verdade* é a essência transcendente do Deus.

<sup>16</sup> Segundo Sāyaṇa, a Vaca da Abundância. O Sr. Bergaigne (*La Religion Vedique*, I. 135. 310), pensa que a prece significa 'a antiga prece dos Pais'. O sentido da última parte do verso é incerto.

<sup>17</sup> Todos esses sábios antigos foram mencionados em hinos anteriores. Como predecessores de Parucchepa, o Ṛṣi desse hino, é dito que eles conhecem a linhagem dele.

A esses, por sua alta posição, eu reverencio com canção, a Indra, Agni, reverencio com música.

**10.** Que o Invocador abençoe;<sup>18</sup> que os ofertantes tragam presentes seletos; Bṛhaspati<sup>19</sup> o amigo sacrifica com Corcéis,<sup>20</sup> Corcéis que têm muita excelência. Agora com nossos ouvidos nós captamos o som da pedra de pressão que ressoa longe. O Muito Forte ganhou as águas por si mesmo, o forte ganhou muitos lugares de descanso.<sup>21</sup>

**11.** O Onze Deuses<sup>22</sup> cujo lar é o céu, ó Onze que fazem da terra a sua residência, vocês que com poder, Onze, vivem nas águas,<sup>23</sup> aceitem esse sacrifício, ó Deuses, com prazer.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 140 \(Griffith\)](#)

---

<sup>18</sup> Que o Hotar, ou sacerdote invocador, profira a *Yājyā*, as palavras de consagração usadas em sacrifício.

<sup>19</sup> Veja 1.14.3 [nota 8].

<sup>20</sup> Segundo Sāyaṇa, uma expressão metafórica para fortes e copiosas libações de suco Soma.

<sup>21</sup> *O Muito Forte*: o Soma. Os lugares de descanso são os diferentes receptáculos nos quais o suco flui.

<sup>22</sup> “Sobre isso Sāyaṇa observa: ‘Embora, segundo o texto, ‘Há só três deuses’ (*Nirukta*, vii. 5), os deuses que representam a terra, etc., sejam apenas três, todavia por causa da sua grandeza, isto é, das suas respectivas manifestações variadas, eles equivalem a trinta e três, conforme o ditado, ‘Outras manifestações dEle existem em diferentes lugares’. [O *Atharva-veda* (x. 9, 12) divide os deuses em moradores do céu, do ar e da terra. E o mesmo *Veda* 1. 30, 3, fala dos deuses que residem no céu, na terra, no ar, nas plantas, nos animais e nas águas.]” – J. Muir, *Original Sanskrit Texts*, V. p. 10.

<sup>23</sup> [‘águas (atmosféricas)’ segundo Muir.]

## Hino 140. Agni (Wilson)

(Anuvāka 21. Sūkta I)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Dīrghatamas, o filho de Ucatthya;<sup>1</sup> a métrica é Jagatī, exceto nas duas últimas estrofes, nas quais ela é Triṣṭubh.<sup>2</sup>

Varga 5. **1.** Preparem um lugar (adequado), como se fosse uma oferenda, para o radiante Agni, que está assentado no altar, e afeiçoado à sua posição; cubram o (local) sagrado, portador de luz, brilhante e dissipador de escuridão, com (erva *kuśa*) agradável, como com um manto. **2.** (Agni), o gerado duplamente,<sup>3</sup> devora o alimento (sacrificial) triplo,<sup>4</sup> e quando o ano termina renova o que foi comido;<sup>5</sup> o derramador (de benefícios) é revigorado (em uma forma), por comer com a língua de outro; em uma forma diferente o limitador (de todos) consome as árvores da floresta.<sup>6</sup>

**3.** Ambas as mães dele unidas, enegrecidas (pela combustão), estão em movimento, e dão nascimento a um menino, cuja língua (de chama brilha) no leste; (que) dissipa a escuridão; (que) emerge rapidamente; (que) é prontamente desenvolvido; (que) deve (sempre) ser nutrido, e é o aumentador (da prosperidade) de seu pai, (o instituidor do rito).

**4.** As (chamas de Agni),<sup>7</sup> que se movem ligeiramente, de rastro escuro, (que consomem) depressa, caprichosas, inquietas, tremulantes, agitadas pelo vento, que se espalham amplamente, e que garantem libertação (ao devoto), são acesas para (o benefício do) venerador pio de sacerdotes (santos).

**5.** Por isso aquelas (chamas de Agni) se estendem juntas em todas as direções, dispersando as trevas, e espalhando muita luz ao longo do caminho da escuridão; quando (Agni) ilumina repetidamente a terra inteira, e prossegue arfando, trovejando, e rugindo alto.

Varga 6. **6.** Ele se inclina entre os arbustos como se os embelezando (com seu brilho), e avança rugindo como um touro (entre um rebanho de) vacas;<sup>8</sup> daí aumentando em intensidade, ele intensifica (a ferocidade) da sua forma, e é difícil de ser detido como um (animal) formidável, quando ele brande seus chifres.

<sup>1</sup> A leitura dos *Purāṇas* é invariavelmente Uttathya, mas essa é a leitura dos vários manuscritos do texto e da *Anukramanikā*.

<sup>2</sup> ["O décimo verso, o qual é considerado como Jagatī ou Triṣṭubh, começa com um Jagatī Pāda que é seguido por três Pādas em Triṣṭubh". – Oldenberg.]

<sup>3</sup> Ou como produzido pelo atrito a partir dos dois gravetos, ou no primeiro lugar por atrito, e no segundo da consagração para uso sacrificial.

<sup>4</sup> *Trivṛd-annaṃ*. 1. Manteiga clarificada; 2. *Purodāsa*, manteiga, com outros artigos ou bolos fritos na manteiga; e 3. Suco Soma.

<sup>5</sup> Isto é, os mesmos artigos são oferecidos anualmente.

<sup>6</sup> Parte disso é obscura; *anyasya-āsā jihvayā jenyō vṛṣā-nyanyena-mṛṣṭa*, literalmente, o derramador vitorioso pela língua da boca de outro; por outro consome. Sāyaṇa explica *āsā* por *āsyena*, com a boca; *anyasya*, da oblação; ou com a boca em uma forma (ou fogo sacrificial), ele recebe a oferenda através da língua do outro; isto é, a concha dos sacerdotes ministrantes; em outra forma, ou seja, o fogo que queima as florestas, *dāvāgni*, ele consome as árvores.

<sup>7</sup> Isso é inserido pelo comentador, pois a estrofe é composta apenas de epítetos; eles não são facilmente providos de equivalentes, como *raghu-druvaḥ*, que seguem ligeiramente; *kṛṣṇasītāsaḥ*, de caminho preto; *juvaḥ*, rápidas; *asamanā*, não de vontade igual, – algumas indo para o leste, algumas para o oeste; ou pode significar de cores diferentes; *ajirāsaḥ*, moventes; *raghuṣpadaḥ*, que deslizam levemente; *vātajūtāḥ*, impelidas pelo vento; *āsavaḥ*, penetrantes; *mumuksvaḥ*, que dão libertação.

<sup>8</sup> *Vṛṣeva patnīr abhyeti*: Sāyaṇa traduz *patnīh* por *pālayitrīh*, aqueles que nutrem a ele, Agni, ou seja, arbustos, madeira; mas isso não seria uma comparação, como é sugerido por *iva*; *patnī* é ordinariamente uma esposa, e aqui pode ser aplicável a uma vaca; a tradução, no entanto, é conjectural em alguns aspectos.

7. Ora oculto, ora manifestado, ele se apodera (do combustível), como se compreendendo (o propósito do adorador) e até repousa entre as (chamas) conscientes; novamente elas irrompem e se dirigem ao divino (fogo do sacrifício), misturando-se com o qual elas dão uma forma diferente (luminosa) aos seus pais, (céu e terra).

8. As tranças curvas<sup>9</sup> (das chamas) envolvem a ele (Agni), e quando expiram brotam para cima novamente para (saudar) seu (senhor) que chega; salvando-as da decrepitude, ele chega ressoando alto, gerando (nelas) animação mais intensa e vitalidade intata.

9. Lambendo a vestimenta (verde) da mãe (de todas as coisas, a terra), o rápido (Agni) prossegue com vidas ressonantes;<sup>10</sup> concedendo sustento para (cada criatura) com pés;<sup>11</sup> sempre consumindo (combustível), de modo que uma trilha enegrecida segue (o caminho dele).

10. Brilha, Agni, em nossas (residências) opulentas, vivificante, derramando (bênçãos), farto, rejeitando (lampejos) infantis; arde (ferozmente), repelindo repetidamente, como uma cota de malha, (os nossos inimigos), em combates.

Varga 7. 11. Que essa oblação, Agni, colocada cuidadosamente sobre a irregular, mas agradável (pilha de combustível), seja a mais aceitável para ti, para que o esplendor puro da tua pessoa possa brilhar intensamente, e que tu possas nos conceder prosperidade.

12. Concede, Agni, ao nosso patrocinador<sup>12</sup> excelente um barco sempre equipado com remos e pés,<sup>13</sup> (um que possa tornar) a nossa posteridade próspera, e que possa conduzir a humanidade através do (oceano da vida) em direção à felicidade.

13. Agni, sê propiciado por esse nosso louvor sincero, e que a terra e o céu, e os (rios) que fluem espontaneamente, nos proporcionem a produção do rebanho e do campo; e que os corcéis purpúreos (da aurora) nos concedam abundante alimento através de uma longura de dias.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 141 \(Wilson\)](#)

## Hino 140. Agni (Griffith)<sup>14</sup>

1. Para o esplêndido Agni sentado junto ao altar, amando seu lar profundamente, eu trago o alimento como se fosse o seu lugar de nascimento.<sup>15</sup> Eu visto o Brilhante com meu hino como com um manto, a ele com o carro de luz, de cor brilhante, que dissipa as trevas.

2. Filho de um duplo nascimento<sup>16</sup> ele pega o alimento triplo;<sup>17</sup> no decorrer do ano o que ele engoliu cresce de novo. Ele, pela boca e língua de outro<sup>18</sup> um Touro nobre, com outro, como um elefante, consome as árvores.

<sup>9</sup> *Agruva keśinīḥ*: *agruvaḥ* geralmente significa 'dedos', aqui ele é um atributivo, implicando, de acordo com o comentador, ou aqueles que estão na frente, *agratah sthitāh*, ou tortos ou curvados como dedos.

<sup>10</sup> *Tuvighrebhiḥ satvabhir viyāti*, ele segue variavelmente com seres vivos, soando ruidosamente, ou indo rapidamente; acompanhado pelos gritos ou a fuga dos animais quando ele incendeia uma floresta.

<sup>11</sup> *Padvate*, ao que tem pés; tanto bípedes quanto quadrúpedes.

<sup>12</sup> *Rathāya no grhāya*, literalmente, 'à nossa casa-carruagem'; de acordo com o comentador a primeira palavra é um adjetivo para *ranhanāya*, agradável; *grha*, uma casa, aplica-se ao *Yajamāna*, como o refúgio dos necessitados, ou dos sacerdotes.

<sup>13</sup> *Nāvam nityāritrām padvatīm*: o barco é explicado como *Yajña* o sacrifício, os remos são os sacerdotes, os materiais são o combustível e aparatos, e os pés são as divindades, as orações, e as oferendas.

<sup>14</sup> Esse e os vinte e quatro hinos seguintes são atribuídos ao Ṛṣi Dīrghatamas, o filho de Ucahya.

<sup>15</sup> A oblação de manteiga clarificada que faz o fogo surgir em vida nova.

<sup>16</sup> Nascido primeiro dos bastões de fogo e então de novo por consagração.

- 3.** O par que reside junto<sup>19</sup> movendo-se no escuro se põe em movimento; ambos os pais apressam em direção ao bebê, de língua impetuosa, destrutivo, que salta adiante rapidamente, para ser observado e nutrido, fortalecedor de seu pai.<sup>20</sup>
- 4.**<sup>21</sup> Para o homem, tu Amigo dos homens, esses teus cavalos são atrelados, impacientes, que correm ligeiramente, que sulcam linhas enegrecidas, de mente discordante, velozes, que deslizam com velocidade ligeira, incitados para frente pelo vento e rápidos em seu curso.
- 5.** Dissipando em seu caminho o horror da escuridão negra, fazendo uma exibição gloriosa essas chamas dele voam adiante, quando sobre a vasta área ele se espalha amplamente, e corre ofegante com trovões e com rugido.
- 6.** Em meio a plantas marrons ele se inclina como se adornando-as,<sup>22</sup> e avança berrando como um touro sobre suas esposas. Demonstrando sua força, ele embeleza a glória da sua forma, e agita seus chifres como um terrível, difícil de parar.
- 7.** Ora coberto, ora manifestado ele agarra como alguém que conhece,<sup>23</sup> tendo seu lugar de descanso naqueles que o conhecem bem. Uma segunda vez eles crescem e reúnem poder divino, e misturando-se os dois juntos mudam a forma dos seus Pais.<sup>24</sup>
- 8.** As donzelas com longas tranças<sup>25</sup> o seguram em abraço; mortas, elas se erguem novamente para encontrar Aquele que vive. Libertando-as da velhice, ele vem com um rugido alto, enchendo-as com novo espírito, vivo, não subjugado.
- 9.** Lambendo o manto da Mãe,<sup>26</sup> ele vaga em toda parte sobre campos com animais que fogem rapidamente. Fortalecendo tudo o que caminha,<sup>27</sup> lambendo tudo em volta, um caminho enegrecido, realmente, ele deixa onde quer que ele vá.
- 10.** Ó Agni, brilha resplandecente com nossos chefes ricos, como um touro que resfolega alto, habituado à casa. Tu rejeitando os teus invólucros infantis<sup>28</sup> resplandesces como se tivesses colocado uma cota de malha para a guerra.
- 11.** Que essa nossa prece perfeita<sup>29</sup> seja mais estimada por ti do que uma prece imperfeita embora ela te agrade bem. Com o brilho puro que irradia da tua forma, tu podes nos conceder fartura abundante de riqueza.
- 12.** Concede ao nosso carro, à nossa casa, ó Agni, um barco<sup>30</sup> com pés moventes e remada constante, um que possa favorecer bem aos nossos príncipes ricos e todo o povo, e seja o nosso refúgio seguro.
- 13.** Recebe o nosso louvor com a tua aprovação, Agni. Que o céu e a terra e rios que fluem livremente nos deem vida longa e alimentos e grãos e gado, e que as Auroras vermelhas escolham para nós os seus mais seletos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 141 \(Griffith\)](#)

<sup>17</sup> Manteiga clarificada, bolos fritos, suco Soma.

<sup>18</sup> [Veja a nota 5.]

<sup>19</sup> Os dois bastões de fogo a partir dos quais Agni é produzido por fricção.

<sup>20</sup> Dito ser o instituidor do sacrifício.

<sup>21</sup> Nessa e nas quatro estrofes seguintes Agni é descrito não em sua forma sacrificial mas como o fogo que destrói a floresta e prepara o caminho para novos assentamentos.

<sup>22</sup> Com a glória da sua chama.

<sup>23</sup> Porque, vindo do céu com as águas, ele faz as plantas crescerem, e é dito viver dentro delas.

<sup>24</sup> Talvez, como Ludwig sugere, as plantas alteram a aparência da terra, e Agni ou fogo aquela do céu.

<sup>25</sup> As chamas ondulantes.

<sup>26</sup> A terra, cuja cobertura de grama e arbustos ele lambe e consome.

<sup>27</sup> Dando-lhes força e velocidade para fugir diante dele.

<sup>28</sup> As águas que envolviam o 'Filho das Correntes'.

<sup>29</sup> Veja *Vedic Hymns*, I. 225.

<sup>30</sup> Segundo Sāyana, o sacrifício, com sacerdotes como remos, e Deuses, preces e oferendas, como pés.

## Hino 140. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I. HINO 140.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 5-7.

1. Para ele que está colocado no Vedi (ou seja, no leito sacrificial), cujas fundações são agradáveis, para o brilhante Agni apresentem um receptáculo,<sup>31</sup> que é para ele como uma bebida. Vistam o brilhante em prece como em um traje, ele cuja carruagem é luz, cuja cor é brilhante, o destruidor das trevas.
2. Ele que tem um nascimento duplo,<sup>32</sup> pressiona em direção ao alimento triplo; o que ele comeu cresce novamente depois de um ano. Com a boca e a língua de um ele (se mostra como) o nobre, viril; com a outra (boca) o obstinado (Agni) faz as árvores desaparecerem.<sup>33</sup>
3. Ambas as mães dele,<sup>34</sup> residindo juntas, imersas na escuridão, e atemorizadas, avançam para a criança que estende sua língua adiante, que reluzente se movimenta avidamente, a quem os homens devem vincular a si mesmos, que agita (o mundo), o aumentador de seu pai.
4. As tuas (parelhas) velozes<sup>35</sup> que se esforçam para se libertar para o benefício do homem que age como homens, os rápidos, que traçam sulcos pretos – teus (cavalos) rápidos, que se esforçam separadamente, os ágeis, corredores velozes, incitados pelo vento, são atrelados.
5. Quando ele traçando seu vasto curso prossegue ofegante, trovejando, rugindo, então aqueles (raios) brilhantes dele voam por toda parte selvagememente, mostrando escuridão extraordinária, uma ampla visão.
6. Quando ele se inclina sobre as (plantas) marrons<sup>36</sup> como um (servo) ocupado, ele ruge e se aproxima de suas esposas como um touro. Mostrando seu poder ele adorna os corpos dele com beleza; como uma fera terrível, difícil de capturar, ele sacode seus chifres.
7. Ele agarra (as plantas, etc.) que foram colocadas juntas e que foram colocadas distantes.<sup>37</sup> Conhecendo-as, enquanto elas o conhecem, e sendo o próprio (amigo ou amante) delas, ele se deita sobre elas. Elas crescem novamente e obtêm divindade. Eles produzem juntos outra forma dos pais.<sup>38</sup>

<sup>31</sup> Possivelmente o 'ventre' ou 'receptáculo' (*yoni*) aqui significa *ghṛta* ou similares, pois é dito de Agni que 'seu ventre é *ghṛtā*' (2.3.11), e ele é chamado de *ghṛtayoniḥ*. Esse receptáculo 'é para ele como uma bebida', porque ele consome o *ghṛta* pelo qual ele está cercado.

<sup>32</sup> O nascimento terreno e o celestial.

<sup>33</sup> As últimas palavras, evidentemente, referem-se à língua de Agni, isto é, suas chamas, limpando a lenha por assim dizer. Mas não está claro o que é a língua do outro. Sāyaṇa considera a colher sacrificial concebida como a língua do sacerdote oficiante: o que é muito artificial, mas talvez não artificial demais para um verso como esse.

<sup>34</sup> As 'duas mães' de Agni podem ser os dois mundos ou os dois gravetos de acender.

<sup>35</sup> O verso começa com femininos; então seguem-se masculinos; os cavalos de Agni são machos.

<sup>36</sup> As marrons, de acordo com Sāyaṇa, são as plantas. Elas são chamadas de marrons (*babhru*), também em 10.97.1. 'Elas são as folhas secas nas quais a faísca é pega?' Max Müller.

<sup>37</sup> O professor Max Müller traduz: '(as chamas), que estão juntas e separadas'.

<sup>38</sup> Os pais parecem ser o Céu e a Terra, como Sāyaṇa explica. O professor Max Müller traduz: 'Eles produzem juntos uma forma diferente de seus pais'.

**8.** As virgens de cabelos compridos<sup>39</sup> o abraçaram. Tendo morrido elas ficam de pé novamente por ele (Agni), o vivente (ou, por ele, o Āyu). Libertando-as da velhice ele prossegue rugindo, gerando outro espírito vital, uma vida indestrutível.

**9.** Lambendo por toda parte o traje superior da mãe,<sup>40</sup> ele se espalha sobre o espaço com seus guerreiros poderosamente devoradores, dando força a tudo o que tem pés, lambendo e lambendo. A branca avermelhada<sup>41</sup> segue os caminhos dela.

**10.** Brilha, ó Agni, entre os nossos senhores generosos, pois és um touro que respira poderosamente, um amigo da casa. Derrubando as (mães) da criança jovem<sup>42</sup> tu brilhaste, (um protetor dos teus amigos) como uma cota de malha em batalhas, correndo por toda parte.

**11.** Que essa (prece) bem composta, ó Agni, seja mais bem recebida por ti do que uma mal composta – mais bem-vinda até mesmo do que uma oração bem-vinda. Com a luz brilhante do teu corpo ganha tesouros para nós.

**12.** Concede-nos, Agni, para o nosso carro e para a nossa casa um navio que tenha os seus próprios lemes e que tenha pés,<sup>43</sup> que possa salvar os nossos homens fortes e os nossos senhores generosos e o nosso povo, e que possa ser um refúgio para nós.

**13.** Aprova, ó Agni, o nosso hino somente. Que o Céu e a Terra e os Rios, encantadores por sua própria natureza, seguindo seu caminho, (escolham para nós) beatitude em vacas e colheitas, longos dias; que as (Auroras) vermelhas escolham alimento para nós como uma bênção excelente.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 141 \(Oldenberg\)](#)

<sup>39</sup> Não seriam as plantas citadas novamente? 'Eu acho que ele se refere às chamas que estão escondidas sob as cinzas e são acesas novamente'. Max Müller.

<sup>40</sup> A mãe é a Terra, cuja superfície Agni lambe.

<sup>41</sup> Eu acredito que a Aurora é mencionada, a quem os poetas védicos representam ora como precedendo Agni, ora como seguinte a ele.

<sup>42</sup> As mães da criança são, muito provavelmente, as mães de Agni representado como uma criança. Elas podem ser as Águas que Agni deixa repousando na superfície da terra, enquanto ele mesmo se eleva ao céu. Ou as mães podem ser as florestas ou plantas que ele queima e as derruba por assim dizer.

<sup>43</sup> Que o navio tenha pés parece significar apenas que ele tenha a faculdade de avançar livremente e rapidamente, e não que quaisquer seres reais com pés sejam designados por essa comparação. O navio, que conduz os adoradores através de todos os perigos, é a proteção e ajuda que Agni concede, ou o sacrifício que ele ajuda a realizar.

## Hino 141. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O deus, Ṛṣi, e métrica, continuam.

Varga 8. **1.** Realmente, esse esplendor visível do divino (Agni) tem sido assim percebido (por todos, para que ele possa existir) para (o sustento) do corpo, para cujo efeito ele foi gerado por força (corpórea); e para que a minha mente possa apreender e aplicar (aquele brilho), eles dirigem as orações sagradas associadas com (oblações para Agni).

**2.** Primeiro, ele repousa (na terra) como a (faculdade) digestiva,<sup>1</sup> o corporificado,<sup>2</sup> o aceitante de alimentos, o eterno; em segundo lugar, (ele reside) entre as sete mães auspiciosas (da fertilidade);<sup>3</sup> em terceiro lugar, as (regiões) associadas geram a ele, deleitando-se nos dez quadrantes do espaço, para ordenhar esse derramador (de chuva).<sup>4</sup>

**3.** Como sacerdotes poderosos extraem pela força (da prece),<sup>5</sup> esse Agni da sua base original, (para a evolução) da sua forma poderosa; como o vento incita a ele que espreita no esconderijo (do altar), para oferecer oblações agora como antigamente;

**4.** Como, a partir da excelência da (oferenda) nutritiva, ele, (Agni), é produzido, e os ramos consumíveis se erguem em meio (às chamas);<sup>6</sup> e como ambos (o instituidor do rito e o sacerdote) se reúnem para a geração dele, então ele foi gerado, puro, jovem e radiante.

**5.** Portanto o brilhante Agni entrou nos maternos (quadrantes do espaço), em meio aos quais, puro e ileso, ele evoluiu em magnitude, de modo que ele subiu (nos galhos) colocados diante dele, como ele tinha (consumido outros) anteriores a eles, e corre rapidamente entre os ramos mais recentes e inferiores.

Varga 9. **6.** Adoradores piedosos então adoram o invocador (dos deuses), para (a propiciação dos) moradores do céu, como (tais homens) adoram um príncipe poderoso,<sup>7</sup> visto que o louvado por muitos, e que sustenta a todos (Agni) sabe como, por meio de ato (sagrado) e força (corpórea), reunir os deuses e o adorador mortal deles para a obtenção de sustento (mútuo).

**7.** Visto que o adorável (Agni), impelido pelo vento, se espalha em várias direções, como um palrador falso e desregrado, (que profere) louvores (indiscriminados),<sup>8</sup> portanto, o mundo é

<sup>1</sup> *Prkṣah*, explicado por Sāyaṇa, *anna sādḥaka*, o aperfeiçoador ou digestor de alimento.

<sup>2</sup> *Vapuḥ*, explicado *vapuṣmat*, tendo um corpo; mas o comentador o interpreta como 'a causa do crescimento do corpo'.

<sup>3</sup> *Saptaśivāsu mātṛṣu*, as chuvas que fertilizam os sete *lokas*, ou mundos.

<sup>4</sup> *Asya vṛṣabhasya dohase* é a frase vaga do texto; segundo Sāyaṇa, alusão é feita aos raios do sol; diz-se que, na frase anterior, Agni é representado como o fogo terrestre, maturador, ou digestivo, e como o elemento elétrico ou etéreo, ou relâmpago no *antarikṣa*, ou firmamento; aqui ele é identificado com o fogo solar, ou o sol no céu, ou como os raios solares, os quais na estação quente ordenham, por assim dizer, a terra pela evaporação da sua umidade, que é então transportada para a região solar, de onde é transferida para as nuvens, e, na estação apropriada desce novamente em chuva.

<sup>5</sup> Ou pela força física, referindo-se ao atrito como produtor de fogo.

<sup>6</sup> *Pra yat pituḥ paramān-niyate paryā prkṣudho vīrudho daṃsu rohati* é uma linha muito ininteligível; *pituḥ paramāt*, a partir da excelência da nutrição ou alimento sacrificial ou outro, é compreensível; mas também é proposto explicar *pituḥ* como o genitivo de *pitri*, um pai ou progenitor, isto é, figurativamente, o *Agni gārhapatya*, do qual o fogo é tirado, *niyate*, para o *āhavanīya*; *prkṣudha* pode significar, diz-se, aquilo que é para ser consumido entre as oferendas, ou o que espera ou deseja ser consumido; *vīrudh* é inexplicado; em sua acepção comum de arbusto ou trepadeira, ele pode ser colocado em lugar de combustível; *daṃsu* é colocado como *danteshu*, dentes; o que, como aplicável a Agni, será chamas; *ārohati*, afirma o comentador, é utilizado em lugar de *ārohanti*, o sing. pelo plur.

<sup>7</sup> *Bhagam*, que o comentador explica como *Bhaga*, um grande príncipe; o sentido mais usual seria *Āditya*, ou o sol.

<sup>8</sup> *Hvāro na vakvā jaraṇā anākṛtaḥ*: *hvārah* é explicado por *kuṭīla*, tortuoso; *vakvā* por *bahu-vaktā*, um muito falador; *anākṛtaḥ* é desenfreado, *anivāritaḥ*; o verbo é subentendido; *jaruṇāh* implica *stutiḥ*, louvores.

assíduo na adoração dele, o consumidor de todos, cujo caminho é escuro, que é puro de nascimento, e segue vários caminhos.

**8.** Como uma carruagem puxada por cordas, Agni, colocado em movimento por seus próprios membros rotativos (suas chamas), procede para os céus; os caminhos que ele percorre são enegrecidos pela fumaça, conforme ele consome (o combustível) e (animais e) aves<sup>9</sup> fogem do brilho dele como (inimigos fogem da bravura) de um herói.

**9.** Por ti, Agni; Varuṇa, cumpridor de seus deveres, e Mitra e Aryaman, deuses generosos, são animados, de modo que tu nasceste compreendendo todos eles universalmente em todas as funções (deles), e abarcando (todos eles) como a circunferência (cerca) os raios (de uma roda).

**10.** Agni o mais vigoroso, para o bem daquele que te louva e te oferece libações, tu tornas a preciosa (oferenda) aceitável para os deuses; recém-nascido da força, nós glorificamos a ti que deves ser louvado; para quem ricas oferendas (devem ser apresentadas); (nós glorificamos a ti) no (nosso) hino como (homens elogiam) um príncipe poderoso.<sup>10</sup>

**11.** Do mesmo modo como tu nos concedes riquezas, (assim concede a nós), um (filho) bem disposto, dócil e enérgico; o receptáculo (de conhecimento e outros méritos),<sup>11</sup> aquele que é o realizador de ritos sagrados, Agni, que regula por assim dizer os seus próprios raios, (e a condição de) ambos os (seus) nascimentos, (ou o céu e a terra), ele regula no (nosso) sacrifício a adoração dos deuses.

**12.** Que ele que é uno com a luz, que tem cavalos velozes, o invocador (dos deuses), cheio de alegria, e transportado em uma carruagem dourada, nos ouça; que aquele irresistível, contudo aplacável Agni, conduza-nos, pelos (meios) mais eficazes, para aquele (céu) desejável e acessível.

**13.** Agni, que possui eminente (aptidão) para a soberania suprema, tem sido glorificado por nós com ritos sagrados, e com hinos. Que todos os que estão presentes, bem como nós mesmos, enriquecidos (pela graça dele), gritemos alto (o louvor de Agni), tão (alto quanto), o sol (faz) a nuvem de chuva (trovejar).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 142 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 141. Agni (Griffith)

**1.** Sim, de fato, a bela refulgência do Deus foi estabelecida por glória, visto que ele surgiu da força.<sup>12</sup> Quando ele se inclina a isso o hino é bem-sucedido; as canções de sacrifício as trouxeram conforme elas fluem.

**2.** Maravilhoso, rico em nutrição, ele reside no alimento;<sup>13</sup> em seguida, nas sete Mães auspiciosas<sup>14</sup> se encontra o lar dele. Em terceiro lugar, para que eles pudessem drenar os tesouros do Touro,<sup>15</sup> as donzelas geraram a ele a quem as dez proveem.<sup>16</sup>

<sup>9</sup> Criaturas que têm movimento, – aves, animais, e semelhantes.

<sup>10</sup> *Bhagam-iva*, como antes, veja a nota 7.

<sup>11</sup> *Rayiṃ na svarthaṃ bhagaṃ dakṣaṃ na dharnasim*: o comentário supre *putram*, um filho, mas a passagem é obscura; *dakṣaṃ na* pode significar como Dakṣa, e *bhaga* pode ser um substantivo; mas o primeiro é explicado como ‘tendo energia’, e o último como ‘para ser apreciado’, ou ‘aprovado por todos’; *dharnasim* é explicado como ‘hábil em reter conhecimento’, etc.

<sup>12</sup> Da agitação violenta do bastão de fogo.

<sup>13</sup> Ele é a causa da produção do alimento do homem, como mandador de chuva e como fogo sacrificial.

<sup>14</sup> Segundo Sāyana, as chuvas que fertilizam os sete *lokas* ou mundos.

3. Quando do abismo, da forma extraordinária do Touro, os Chefes que tinham o poder o produziram com sua força; quando Mātariśvan friccionou para fora aquele que estava oculto, para a mistura da bebida doce, nos tempos antigos.<sup>17</sup>
4. Quando do Pai Maior<sup>18</sup> ele é trazido até nós, em meio às plantas ele se ergue faminto, magnificamente. Como os dois juntos<sup>19</sup> se unem para apressar o nascimento dele, o mais jovem ele nasce resplandecente em sua luz.
5. Então também ele entrou nas Mães,<sup>20</sup> e nelas puro e ileso ele aumentou em magnitude. Como até as primeiras ele se ergueu, o vigoroso desde antigamente, assim agora ele corre entre as inferiores mais jovens.<sup>21</sup>
6. Portanto, eles o escolhem como o Arauto<sup>22</sup> nos ritos matinais, pressionando a ele como a Bhaga,<sup>23</sup> derramando presentes, quando, muito louvado, pelo poder e vontade dos Deuses, ele vai sempre até seu adorador mortal para beber.
7. Quando o Santo, incitado pelo vento, ergueu-se, enrolando-se como serpente através da grama seca incontido, a poeira jaz no caminho dele que queima tudo, de asas negras e puro de nascimento, que segue diversos caminhos.
8. Como um carro veloz feito por homens que conhecem a sua arte, ele com seus membros vermelhos ergue-se no alto do céu. Teus adoradores vêm a ser de cor preta pela queima; a força deles foge como diante da violência de um herói.
9. Por ti, ó Agni, Varuṇa que guarda a Lei, Mitra e Aryaman, o Generoso, são tornados fortes; pois, como o aro segura os raios, tu com teu poder penetrante nasceste cercado-os por todos os lados.
10. Agni, para aquele que labuta e derrama libações, tu, o mais jovem! mandas riqueza e todo o exército dos Deuses. A ti, portanto, assim como Bhaga, nós estabeleceremos de novo, jovem Filho da Força, o mais rico! em nossa canção de batalha.
11. Concede-nos riquezas voltadas para fins dignos, boa sorte permanente na casa, e forte capacidade, riqueza que dirige ambos os mundos como se eles fossem rédeas de guiar, e, muito Sábio, a aprovação dos deuses em sacrifício.
12. Que ele, o Sacerdote resplandecente, alegre, ouça-nos, ele com o carro radiante e cavalos rápidos. Que Agni, sempre sábio, nos conduza com as melhores orientações para a bem-aventurança e a maior felicidade.
13. Com hinos de poder Agni agora foi louvado, promovido à altura da realeza universal. Agora que esses chefes ricos e nós juntos nos expandamos como o Sol acima espalha as nuvens de chuva.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 142 \(Griffith\)](#)

<sup>15</sup> Agni.

<sup>16</sup> *As donzelas e as dez* são os dedos que produzem o fogo por atrito e tomam conta dele posteriormente.

<sup>17</sup> Aqui Agni parece ter sido produzido parcialmente pelos Chefes, os Sūris ou Deuses, a partir da profundidade da atmosfera, de Parjanya a nuvem chuvosa representada simbolicamente como um touro, e gerado parcialmente por Mātariśvan (veja 1.31.3) por atrito, e trazido por ele para a terra para receber libações de suco Soma.

<sup>18</sup> Dyaus.

<sup>19</sup> Céu e Terra.

<sup>20</sup> As águas.

<sup>21</sup> As plantas nas quais ele reside também.

<sup>22</sup> Ou o Hotar.

<sup>23</sup> Veja 1.136.2 [nota 4].

## Hino 141. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I. HINO 141.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 8-9.

1. Vejam, aquele belo esplendor do deus, quando ele nasceu da força, realmente veio a ser uma visão maravilhosa. Embora ele se esquive,<sup>24</sup> a oração vai direto para ele. Eles levaram adiante as correntes fluentes de Ṛta.
2. O poderoso, rico em alimentos, o verdadeiro (amigo dos homens) entrou no (corpo) extraordinário.<sup>25</sup> Sua segunda (forma de existência) se encontra nas sete mães bondosas.<sup>26</sup> As dez fêmeas jovens produziram a terceira (forma) desse touro, a ele o guardião, a fim de ordenhá-lo.
3. Quando os soberanos, os senhores generosos o produziram por seu poder a partir do abismo, a partir da forma do búfalo,<sup>27</sup> quando desde os tempos antigos na purificação da bebida doce<sup>28</sup> Mātariśvan produz o oculto (ou seja, Agni) por atrito,
4. Quando ele é levado à frente a partir do mais alto pai,<sup>29</sup> ele sobe o ...<sup>30</sup>, as plantas nas casas dele (ou delas). Quando ambos (o Céu e a Terra, ou os dois Araṇis) promovem o nascimento dele, então o mais jovem tornou-se brilhante por seu calor.
5. Então ele entrou nas mães<sup>31</sup> em quem ele o brilhante cresceu largamente não enfraquecido. Quando ele subiu nas primeiras (mães), que desde antigamente (o) incitam, ele desce para as mais jovens, posteriores (ou mais próximas).
6. Portanto nos esforços pelo dia<sup>32</sup> eles o escolhem como o Hotṛ. Como se para expandir sua boa fortuna eles se esforçam em direção a ele, quando louvado por muitos ele se move em toda parte com sabedoria e poder para os deuses e para o louvor dos mortais<sup>33</sup> para (levar até eles) bebida refrescante.
7. Quando ele se espalhou, o venerável, incitado pelo vento, como ...<sup>34</sup>, com o som (que ele produz), ele a quem não se pode conduzir para um lugar (como gado): na fuga do ardente que se apressa em seu caminho preto, cujo nascimento é brilhante, que se dispersa em todos os lugares para a atmosfera ...<sup>35</sup>.
8. Como um carro segue adiante, ele vai para o Céu com seus membros vermelhos, adornado com suas madeixas de chamas.<sup>36</sup> Então, suas (nuvens de fumaça) preta, ó

<sup>24</sup> O significado parece ser que, se Agni não estiver disposto a officiar no sacrifício, a prece ainda assim atinge seu objetivo e o induz a cumprir seu dever como Hotṛ divino.

<sup>25</sup> O poeta parece descrever claramente a segunda e terceira forma de existência de Agni, sua morada nas águas e seu nascimento a partir dos bastões de fogo. Mas ele é menos explícito em relação à primeira forma. O epíteto *pitumān* parece indicar Agni como o fogo sacrificial e o recebedor de oferendas. Mas é muito estranho que essa forma do deus seja distinguida do Agni gerado pelas dez fêmeas, ou seja, produzido pelos dez dedos, pelo atrito dos bastões de acender. – O professor Max Müller traduz: “O poderoso, rico em alimentos, repousa sempre naquela visão maravilhosa (Agni no altar, *gārhapatya* Agni). O segundo repousa nas sete mães bondosas (*vidyudrūpa*; Agni nas nuvens); o terceiro é para ordenhar o poderoso (Agni como o sol, *ādityarūpa*) – as dez donzelas (os dedos) geraram o guardião”.

<sup>26</sup> Naturalmente as águas são aludidas.

<sup>27</sup> O búfalo Agni estava escondido nas profundezas.

<sup>28</sup> A purificação da bebida doce, na qual Agni é produzido, provavelmente era obtida pela tempestade.

<sup>29</sup> O mais alto pai é o Céu.

<sup>30</sup> O significado de *prkṣudhah* é desconhecido.

<sup>31</sup> As ‘primeiras’ mães podem ser as Águas celestes; as mães em quem Agni desce são os rios. O professor Max Müller acrescenta que as primeiras mães podem ser talvez ‘os pedaços queimados de madeira. Agni sobe neles, então os deixa para queimar pedaços novos’.

<sup>32</sup> Compare com 1.45.7.

<sup>33</sup> Compare com 3.16.4.

<sup>34</sup> A tradução de *hvārah* é bastante incerta. O mesmo deve ser dito do resto desse Pāda.

<sup>35</sup> A frase está incompleta.

<sup>36</sup> A tradução é apenas tentativa. Duas sílabas estão faltando.

ardente, as generosas (aparecem).<sup>37</sup> Os pássaros fogem como diante da ferocidade de um herói.

**9.** Através de ti de fato, ó Agni, Varuṇa, cujas leis são firmes, Mitra e Aryaman, os dadores de boa chuva, são gloriosos, quando tu o poderoso nasceste, em toda parte cercado com sabedoria (todos os seres), como o aro engloba os raios de uma roda.

**10.** Tu, ó Agni, (deus) mais jovem, promoves tesouros e (a amizade) dos deuses para aquele que realiza culto, que espreme Soma. Que nós desse modo estabeleçamos a ti o jovem, ó jovem (filho) da força, possuidor de grandes tesouros, como o vencedor de uma corrida.

**11.** Que a boa fortuna<sup>38</sup> aumente para nós como riqueza bem empregada pertencente à casa, e como habilidade firme – (fortuna), que possa manter ambas as raças,<sup>39</sup> como rédeas; e estando cheio de boa vontade na (esfera de) Ṛta (enche o nosso) louvor dos deuses (com rica recompensa).

**12.** E que o Hotṛ brilhante, alegre com cavalos rápidos, com uma carruagem brilhante nos ouça. Que ele, o sábio Agni, nos guie nos melhores (caminhos) conducentes à bem-aventurança e prosperidade auspiciosa.

**13.** Agni tem sido louvado com canções poderosas, ele que além disso foi apresentado à soberania. Que aqueles nossos senhores generosos e nós mesmos espalhemos (o nosso poder sobre todos os inimigos) como o sol (espalha sua luz e por isso destrói) a névoa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 142 \(Oldenberg\)](#)

<sup>37</sup> Essa passagem é a mais obscura. As primeiras palavras do Pāda são as mesmas como acima, 140.5. As ‘pretas’ são provavelmente as nuvens escuras de fumaça que cercam Agni. Mas é muito estranho que essas nuvens sejam designadas como *sūrayaḥ*, ‘as generosas’. O texto parece totalmente corrompido.

<sup>38</sup> Compare acima o verso 6, Pāda 2.

<sup>39</sup> A raça humana e divina.

## Hino 142. Āprīs (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi é Dīrghatamas; o hino é dirigido às Āprīs ou Agni em suas personificações,<sup>1</sup> que são as mesmas que aquelas especificadas no décimo terceiro Sūkta; muitas das expressões são idênticas, e as diferenças surgem principalmente da diferença de métrica, a qual naquele hino é Gāyatrī, e nesse é Anuṣṭubh.

Varga 10. **1.** Agni, que és Samiddha,<sup>2</sup> traze os deuses hoje (para o adorador), cuja concha está erguida; estende (o mérito do) sacrifício antigo para o dador (da oferenda), por quem a libação de Soma é derramada.

**2.** Tanūnapāt, está presente nesse sacrifício de bom sabor e alimentado com manteiga, (a oferenda) de um devoto oferecedor (de oblações); glorificando-te.

**3.** O puro, purificador, formidável Narāśaṃsa,<sup>3</sup> um deus adorável entre os deuses, (tendo vindo) do céu, mistura três vezes o sacrifício com o doce (suco da Soma).<sup>4</sup>

**4.** Agni, que és Īlīta,<sup>5</sup> traze para cá Indra, o maravilhoso, o amado; esse meu louvor é recitado, de língua brilhante, diante de ti.

**5.** Os sacerdotes, portando conchas, estão espalhando a grama sagrada nesse sacrifício sagrado, para preparar uma residência bem estendida e frequentada por deuses para Indra.

**6.** Que as portas brilhantes, separáveis,<sup>6</sup> as aumentadoras de sacrifício, as purificadoras de ritos, as desejadas por muitos, sejam abertas para os deuses entrarem.

Varga 11. **7.** Belas noite e manhã, sempre louvadas com hinos, sempre associadas, progênie (do tempo), mães do sacrifício, sentem-se por sua própria boa vontade sobre a grama sagrada.

**8.** Que os dois recebedores de louvor,<sup>7</sup> de língua agradável, os invocadores divinos e sábios (dos deuses), oficiem hoje nesse nosso sacrifício, que confere (recompensas) e chega ao céu.

**9.** Que a pura Hotrā,<sup>8</sup> colocada entre os deuses, e Bhāratī, entre os Maruts, e que as adoráveis Ṽā, Sarasvatī, Mahī,<sup>9</sup> sentem-se sobre a erva sagrada.

<sup>1</sup> [O décimo terceiro verso é dirigido a Indra.]

<sup>2</sup> [*Samiddha*: perfeito, pleno, iluminado, completo, aceso', etc. – *spokensanskrit.de*, consultado em outubro de 2013.]

<sup>3</sup> Narāśaṃsa, de acordo com os *Kāthakas* [dançarinos contadores de histórias], é especialmente o deus que preside o sacrifício.

<sup>4</sup> Ele vem três vezes, ou ele dá recompensas três vezes, é toda a explicação dada no comentário; provavelmente a alusão visa aos três sacrifícios diários.

<sup>5</sup> ['O adorado', conforme a nota 5 do hino 13.]

<sup>6</sup> De acordo com o comentador, o verso é dirigido às divindades que presidem as portas da câmara de sacrifício; a fraseologia é praticamente a mesma que no hino 13, com alguns epítetos adicionais; *asaścata*, lá explicado como 'não adentradas', é aqui interpretado como 'as que não aderem uma à outra', mutuamente separáveis; *asajyamāna-paraspara viprakṛṣṭa*, como se aludindo a portas dobráveis, mas talvez não signifique nada mais do que 'amplas' ou 'abertas'.

<sup>7</sup> A construção mostra que nós temos duas pessoas, ou divindades, aqui; o comentador aplica o epíteto *mandrajihvā* a Agni, as duas chamas que dão leite aos deuses, dois Agnis. O Índice tem *daivyau hotārau pracetausu*, 'dois invocadores divinos' (*pracetasas*); ou a última palavra pode significar, simplesmente, sábios, como o *kavi* do texto.

<sup>8</sup> *Hotrā* é explicada como 'a oferecedora da oblação'; *devesu arpitā*, libertada entre os deuses, ou os louvadores ou sacerdotes; os últimos sendo expressos por *Marutsu*, com o qual, no entanto, *Bhāratī* parece conectado mais naturalmente, – *marutsu bhāratī*; o termo é explicado por *vāc*, situada no céu, *dyusthānā*, e conectado com Bharata, um Āditya, ou nome do sol.

<sup>9</sup> Essas o comentador considera como som, *vāc*, ou as deusas que o presidem nas três regiões, respectivamente a terra, o firmamento, e o céu.

**10.** Que Tvaṣṭṛ, favorável a nós, envie para nós, para o nosso sustento e prosperidade, a (água<sup>10</sup> que cai) rapidamente, maravilhosa, abundante, no centro<sup>11</sup> (da nuvem, produzindo) por si mesma muito (benefício).

**11.** Vanaspati,<sup>12</sup> aqui presente por sua própria vontade, transporta as nossas oferendas para os deuses; o divino e inteligente Agni aceita (as oblações) para as divindades.

**12.** (Sacerdotes), ofereçam a oblação com *Svāhā* para Indra, na forma do *Gāyatra*,<sup>13</sup> junto com Pūṣan e os Maruts;<sup>14</sup> também para os deuses reunidos, e para Vāyu.

**13.** <sup>15</sup>Aproxima-te, Indra, para compartilhar das oblações consagradas com *Svāhā*; aproxima-te e ouve a invocação, enquanto eles te invocam para o sacrifício.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 143 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 142. Āprīs (Griffith)

**1.** Aceso, traze, Agni, os Deuses hoje para aquele que levanta a concha.<sup>16</sup>

Gira o fio antigo<sup>17</sup> para aquele que derrama, com presentes, o suco Soma.

**2.** Tu distribuis, Tanūnapāt,<sup>18</sup> sacrifício doce enriquecido com óleo,

Trazido por um cantor como eu que oferece presentes e esforços para ti.

**3.** Ele extraordinário, santificador, brilhante, borriфа o sacrifício com hidromel,

Três vezes, Narāśaṃsa<sup>19</sup> dos céus, um Deus em meio a Deuses adoráveis.

**4.** Agni, rogado, traze para cá Indra o Amigo, o Maravilhoso,

Pois esse meu hino de louvor, ó de língua doce, é cantado para ti.

**5.** Os portadores de concha espalham grama cortada nesse sacrifício bem ordenado;

Um lar para Indra é adornado, amplo, o mais adequado para receber os Deuses.

**6.** Que sejam abertas as Portas Divinas,<sup>20</sup> infalíveis, que assistem o rito,

Grandes, purificadoras, muito desejadas, para que os Deuses possam entrar.

**7.** Que Noite e Manhã, cantadas com louvores, unidas, belas de se olhar,

Mães fortes do sacrifício, sentem-se juntas na grama.

**8.** Que os dois Sacerdotes Divinos,<sup>21</sup> os sábios, os amantes de voz doce do hino,

Completem esse nosso sacrifício, eficaz, que alcança o céu hoje.

**9.** Que a pura Hotrā,<sup>22</sup> situada entre deuses, em meio aos Maruts Bhāratī,<sup>23</sup> Iḷā, Sarasvatī, Mahī,<sup>24</sup> repousem na grama, adoráveis.

---

<sup>10</sup> O texto tem só epítetos; o comentador acrescenta 'água'.

<sup>11</sup> *Nābhā-nābhau meghasya avasthitam udaham*, isto é, chuva; é dito que Tvaṣṭṛ aqui é o fogo elétrico, ou relâmpago personificado, em qual qualidade ele é o mandador de chuva.

<sup>12</sup> O fogo, ou Agni do poste sacrificial, ou *yūpa*, por ele ser de madeira.

<sup>13</sup> *Gāyatra-vepase*: diz-se que *Gāyatra* está colocado em lugar de *Itara-sāma*; *vepas* é o mesmo que *rūpa*; *gāyatram-rūpam yasya*; é *Gāyatravepas*, um nome ou forma de Indra.

<sup>14</sup> Isto é, literalmente, tendo ou possuindo Pūṣan ou os Maruts – *pūṣaṇvate marutvate: viśvadevāya* no singular é explicado pelo comentador como *viśvadeva sanghāyā*, o conjunto de todos os deuses; mas ele pode ser destinado, como os outros epítetos, a identificar *Indra* com todas as divindades; a personificação de *Agni*, no entanto, é *Svāhā*, como uma das *Āprīs*.

<sup>15</sup> Essa estrofe é uma em adição ao primeiro hino, e parece supérflua.

<sup>16</sup> A concha sacrificial que contém a oblação.

<sup>17</sup> Realiza o sacrifício ordenado antigamente.

<sup>18</sup> Filho de Ti Mesmo; Agni. Veja 1.13.2 [notas 3 e 14].

<sup>19</sup> Um nome de Agni. Veja 1.13.3 [notas 4 e 15].

<sup>20</sup> Do salão de sacrifício. Veja 1.13.6.

<sup>21</sup> Veja 1.13.8 [nota 18. Veja a nota 7 acima].

10. Que Tvaṣṭar nos envie orvalho abundante fecundante, maravilhoso, rico em dádivas, Para o aumento e para o crescimento da riqueza, Tvaṣṭar nosso parente e nosso Amigo.
11. Vanaspati,<sup>25</sup> apresenta, tu mesmo, e chama os deuses para o sacrifício. Que Agni, Deus inteligente, transporte rapidamente a nossa oferenda para os Deuses.
12. Para Vāyu unido com Pūṣan, com os Maruts, e a hoste de Deuses, Para Indra que inspira o hino gritemos Glória!<sup>26</sup> e ofereçamos o presente.
13. Vem para desfrutar dos presentes preparados com grito de Glória! Vem, Ó Indra, ouve o chamado deles; eles te convidam para o sacrifício.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 143 \(Griffith\)](#)

## Hino 142. Hino Āprī (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 142.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 10-11.

1. Estando aceso, Agni, traze para cá hoje os deuses para o homem que oferece a concha (sacrificial). Gira o fio antigo (do sacrifício)<sup>27</sup> para o sacrificador que preparou Soma.
2. Mede, ó Tanūnapāt, o sacrifício rico em manteiga,<sup>28</sup> rico em mel, de um sacerdote como eu, de um sacrificador que tem trabalhado com empenho.
3. O brilhante, purificador, formidável Narāśaṃsa mistura o sacrifício com mel três vezes por dia, o deus digno de culto entre os deuses.
4. Agni, magnificado<sup>29</sup> por nós, traze o brilhante, amado Indra. Pois essa minha prece é dirigida a ti cuja língua é boa.
5. (Sacerdotes) ofereçam a concha (sacrificial), espalhando a grama sacrificial no serviço decoroso do sacrifício; – eu<sup>30</sup> arranjo (a grama sacrificial) que melhor recebe os deuses com sua ampla extensão, um grande abrigo para Indra.
6. Que as portas divinas se abram, as aumentadoras de Ṛta, as (portas) que nunca se grudam,<sup>31</sup> grandes, purificadoras, muito desejadas, para que os deuses possam entrar.
7. Que Noite e Aurora, de aparência gloriosa, as duas (deusas) vizinhas, usando belos ornamentos, as jovens mães de Ṛta, sentem-se juntas na grama sacrificial.
8. Que os dois Hotṛs divinos, zelosos em louvar (os deuses), os sábios com línguas encantadoras, realizem para nós hoje esse sacrifício bem sucedido que chega ao céu.
9. A (deusa) brilhante colocada entre os deuses, entre os Maruts, Hotrā Bhāratī,<sup>32</sup> Iḷā, Sarasvatī, e Mahī; que essas (deusas) adoráveis sentem-se na grama sacrificial.

<sup>22</sup> A Deusa do sacrifício, considerada como a consorte de Agni.

<sup>23</sup> A Deusa da fala sagrada.

<sup>24</sup> Veja 1.13.9 [notas 9, 19 e 20].

<sup>25</sup> O poste sacrificial dito ser uma forma de Agni. [Veja as notas 11 e 23 do hino 13.]

<sup>26</sup> Svāhā! a palavra sagrada proferida no fim das invocações sacrificais.

<sup>27</sup> O terceiro Pāda desse verso é idêntico ao 8.13.14.

<sup>28</sup> [*Ghee*: manteiga clarificada.]

<sup>29</sup> 'Magnificado' é *īlitaḥ*.

<sup>30</sup> O poeta começa como se ele quisesse dizer, 'Sacerdotes ... depositem a grama sacrificial'. Mas ele continua, 'eu deposito'.

<sup>31</sup> [Veja *asaścata* na nota 6 acima.]

<sup>32</sup> Hotrā Bhāratī, ou seja, a Oferenda dos Bharatas personificada, parece ser uma deusa, mais geralmente chamada simplesmente de Bhāratī.

**10.** Que Tvaṣṭṛ, disposto para conosco, derrame por nós, em nosso umbigo,<sup>33</sup> aquela semente extraordinária com muitos tesouros, abundante por si mesma, para prosperidade e riqueza.<sup>34</sup>

**11.** Deixando ir (o alimento sacrificial até os deuses) sacrifica por ti mesmo para os deuses, ó árvore.<sup>35</sup> Que<sup>36</sup> Agni faça oferendas prontamente, o deus entre os deuses, o sábio.

**12.** Para Aquele que é acompanhado por Pūṣan e pelos Maruts, pelos Viśve Devāḥ, (por) Vāyu,<sup>37</sup> que é movido pela canção Gāyatra, para Indra pronunciem a Svāhā sobre a oferenda.

**13.** Vem para cá para as oferendas sobre as qual a Svāhā foi pronunciada, para te banquetear, Indra! Vem para cá! Ouve nosso chamado! A ti eles chamam no culto.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 143 \(Oldenberg\)](#)

<sup>33</sup> No umbigo como o símbolo da ligação entre pai e filho, veja Bergaigne, I, 35, 36, e compare com o nome bem conhecido Nābhānedishtha [Nābhānediṣṭha].

<sup>34</sup> Tvaṣṭṛ é geralmente considerado como aquele que concede filhos.

<sup>35</sup> Compare com 1.13.11, nota 23.

<sup>36</sup> O segundo hemistíquio volta a ocorrer: 1.105.14.

<sup>37</sup> O texto tem 'por Vāyu', não 'pelo (deus), acompanhado por Vāyu'. Mas não há dúvida de que pūṣaṇvate, etc., se refere a Indra, e que Vāyu é citado simplesmente como um companheiro de Indra.

## Hino 143. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Agni; o Ṛṣi Dīrghatamas; a métrica é Jagatī, exceto na última estrofe, na qual ela é Triṣṭubh.

Varga 12. **1.** Eu ofereço devotamente para Agni, o filho da força, um sacrifício revigorante e o mais novo, com palavras de adoração; (aquele Agni), o neto das águas,<sup>1</sup> que, (presente), no devido tempo, o amigo e sacerdote ministrante (do sacrificador), se senta sobre o altar<sup>2</sup> com (muitas) coisas boas.

**2.** Logo que nasceu, aquele (Agni) se manifestou para Mātariśvan na mais alta atmosfera, e seu esplendor, aceso por esforço vigoroso, se espalhou pelo céu e a terra.

**3.** Seu brilho é imperecível; os raios dele que tem aspecto agradável são visíveis e brilhantes em toda parte; os (raios) de Agni intensamente brilhantes, onipenetrantes, imperecíveis, não desistem<sup>3</sup> (das suas funções).

**4.** Tragam para a própria morada dele com hinos aquele Agni, o possuidor de todas as riquezas, a quem os descendentes de Bhṛgu colocaram pela força de todos os seres sobre o umbigo da terra; pois, como Varuṇa, ele reina único (monarca) sobre (todo) tesouro.

**5.** Agni, que como o bramido dos ventos, como uma tropa vitoriosa, como o raio no céu, não pode ser impedido, devora e destrói (os nossos inimigos) com dentes afiados, e, como um guerreiro, (aniquila os inimigos dele), ele (Agni), devasta a floresta.

**6.** Que Agni sempre deseje o nosso louvor; que o concesso de prosperidade satisfaça a nossa maior expectativa com riquezas; que o inspirador (da nossa devoção) acelere a fruição dos nossos ritos. Eu glorifico a ele, o de membros radiantes (Agni), com esse louvor.

**7.** O acendedor (do fogo sacrificial) propicia Agni, de forma brilhante; o que mantém sua cerimônia, como um amigo; bem aceso e bem suprido (com combustível);<sup>4</sup> resplandecendo brilhantemente em rituais sagrados, ele ilumina as nossas observâncias puras e piedosas.

**8.** Agni, nunca desatento (a nós), guarda-nos com cuidados nunca negligentes, auspiciosos, e concessores de alegria; tu, que és desejado (por todos), protege a nós, e aqueles nascidos de nós, com (vigilância) desimpedida, não subjugada, e que nunca dorme.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 144 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Apām-napāt* aqui é explicado como no texto; substâncias vegetais, diz-se, são descendentes da chuva, e o fogo é a progênie das substâncias vegetais, madeira, ou combustível.

<sup>2</sup> *Pṛthivyām*, literalmente, sobre a terra, sobre o monte de terra que constitui o altar.

<sup>3</sup> *Na rejante*, não tremem; eles não se movem, ou são movidos na queima, maturação, e semelhantes; ou *na* pode implicar comparação, quando *bhātvakṣasor-na sindhavaḥ* significará, como os raios do sol.

<sup>4</sup> *Akrah*, que é derivado de *kram*, ir, e é explicado por *ākrānta* ou *anukranta*, superado, ou ultrapassado por; *jvālā samidātibhiḥ*, chama, combustível, e semelhantes; o sentido exato não é muito óbvio.

## Hino 143. Agni (Griffith)

1. Para Agni eu ofereço um novo hino poderoso, eu trago as minhas palavras e canção ao Filho da Força, que, Filho das Águas, trazendo coisas preciosas se senta na terra, na ocasião, querido sacerdote Invocador.
2. Logo que ele nasceu aquele Agni foi manifestado para Mātariśvan<sup>5</sup> no mais alto firmamento. Quando ele se acendeu, através de seu poder e majestade o seu esplendor ardente fez os céus e a terra brilharem.
3. Suas chamas que não envelhecem, raios formosos de se olhar dele cuja face é adorável, brilham com resplendor belo. Os raios de Agni, aquele cuja força ativa é luz, através das noites cintilam sem dormir, perenes, como os rios.
4. Manda tu com hinos aquele Agni para o seu próprio domicílio, que governa, único Senhor Soberano da riqueza, como Varuṇa, ele, o possuidor de tudo, a quem os Bhṛguṣ com seu poder trouxeram ao ponto central da Terra,<sup>6</sup> o centro do mundo.
5. Ele a quem nenhuma força pode parar, assim como o rugido dos Maruts, como um dardo lançado, assim como o raio do céu, Agni com mandíbulas afiadas mastiga e come as árvores, e as conquista como quando o guerreiro atinge seus inimigos.
6. E Agni não encontrará prazer no nosso louvor, o Vasu<sup>7</sup> não realizará o nosso desejo com presentes de riqueza? O Inspirador não ajudará as nossas orações a alcançarem o objetivo delas? A ele com o brilho radiante eu louvo com essa minha canção.
7. O acendedor da chama ganha Agni como um Amigo, promotor da Lei, cuja face é brilhante com óleo. Inflamado e ardente, refulgente em nossas reuniões, ele ergue o nosso hino no alto vestido em suas cores brilhantes.
8. Protege-nos incessantemente com guardas que não cessam, Agni, com guardas auspiciosos, muito poderosos. Com guardas que nunca dormem, nunca negligentes, nunca enganados. Ó Auxiliador, protege os nossos filhos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 144 \(Griffith\)](#)

## Hino 143. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 143.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 12.

1. Eu apresento o meu mais poderoso, totalmente novo pensamento (devoto, ou seja, hino), a prece das minhas palavras para Agni, o filho da força; ele é o filho das Águas,<sup>8</sup> o amado, que junto com os Vasus sentou-se na Terra como um Hotṛ observando o tempo determinado (para sacrificar).
2. Tendo nascido no mais alto céu Agni tornou-se visível para Mātariśvan. Pelo poder de sua mente, por sua grandeza quando aceso, sua chama encheu o Céu e a Terra com luz.
3. Suas chamas são ferozes; sem envelhecimento são as chamas dele que é belo de se ver, cuja face é bela, cujo esplendor é belo. Os (raios) que nunca dormem, que nunca envelhecem, de Agni cujo poder é luz, fluem adiante como rios através das noites.

<sup>5</sup> Veja 1.31.3 [nota 18].

<sup>6</sup> O altar.

<sup>7</sup> O deus Agni.

<sup>8</sup> Agni, que é considerado como nascido das Águas, é identificado várias vezes com um deus que, como Mātariśvan, em minha opinião, teve uma origem independente, com Apām napāt ('Filho da Águas').

4. A ele o todo-rico, a quem os Bhrgus colocaram para trabalhar no umbigo da terra, com todo o poder do mundo – atíça aquele Agni por tuas orações na casa dele – (a ele) que governa sozinho sobre os bens como Varuṇa.

5. Ele que não pode ser retido como o rugido dos Maruts, como um exército que é enviado, como o raio do céu – Agni come com suas mandíbulas afiadas, ele mastiga, ele derruba as florestas como um guerreiro derruba seus inimigos.

6. Agni virá ansiosamente para o nosso hino? Ele o Vasu juntamente com os Vasus realizará o nosso desejo? Ele, o condutor, incitará as nossas preces para que elas possam ser bem sucedidas? (Pensando assim) eu louvo a Ele cuja face é brilhante, com essa minha oração.

7. Aquele que o acendeu se esforça em relação a Agni como em relação a Mitra (ou, em relação a um amigo) – (a Agni), cuja face brilha com ghee, o condutor do carro de Ṛta. Que ele que quando aceso se torna um corredor, brilhando nos sacrifícios, erga a nossa prece de cores brilhantes.

8. Preserva-nos, ó Agni, nunca falhando com teus guardiões infalíveis, bondosos e poderosos; protege o nosso povo por toda parte com aqueles guardiões não enganados, não desanimados, nunca adormecidos, ó tu nosso anseio!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 144 \(Oldenberg\)](#)

---

## Hino 144. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O deus, Ṛṣi, e métrica, continuam.

Varga 13. **1.** O sacerdote ministrante, (qualificado) por experiência, e possuindo devoção exaltada e graciosa, procede (para celebrar) o culto dele (de Agni), tendo circungirado (o altar), ele pega as conchas que são as primeiras a oferecer as oblações.<sup>1</sup>

**2.** As gotas de chuva, envolvidas (pelos raios solares), são renovadas na morada do divino (sol), o local de nascimento delas; quando ele, (Agni), permanece nutrido no colo das águas, então (o mundo) bebe a (chuva) nectárea, com a qual ele, (como o relâmpago), se associa.

**3.** Os dois<sup>2</sup> (sacerdotes, o Hotṛ e Adhvaryu), de igual honra, e igualmente assíduos, trabalhando mutuamente para um objetivo comum, combinam a forma de Agni (com as respectivas funções deles); após o que ele, para quem a oblação é para ser oferecida, coleta as gotas de (manteiga clarificada), como Bhaga (aceita a adoração de todos), ou como um auriga (reúne as rédeas dos cavalos) que puxam (o carro).<sup>3</sup>

**4.** Ele, a quem os dois, um par de poder igual, habitando no mesmo lugar, e engajados na mesma cerimônia, cultuam dia e noite; ele, seja jovem ou velho, foi gerado por causa dos pares mortais, aceitando muitas (oferendas) e livre de decadência.

**5.** Os dez dedos entrelaçados conciliam àquele divino (Agni), a quem nós mortais invocamos em busca de proteção; ele lança (seus raios) como (setas) rápidas de um arco, e aceita os novos louvores (proferidos) por aqueles que se aglomeram em volta (do altar).

---

<sup>1</sup> *Yā asya dhāma prathamam ha nimsate*, literalmente, as quais beijam primeiro a residência dele.

<sup>2</sup> Ou os dois, tanto nesse quanto no próximo verso, pode se referir a marido e mulher associados na realização do sacrifício.

<sup>3</sup> As comparações parecem ter sido sugeridas pelos diversos significados de *raśmīn*, raios de luz ou rédeas, e aqui, também, rios de manteiga, se espalhando como raios; de acordo com o comentador.

6. Tu, Agni, reinas sobre (os moradores do) céu, e sobre aqueles da terra, de acordo com a tua própria (vontade), como um pastor sobre seu (rebanho), e aqueles dois, (o céu e a terra), brilhantes, vastos, adoráveis, beneficentes, e que ressoam (agradavelmente), compartilham da oblação.

7. Agni, que conferes felicidade, que aceitas oblações, que nasceste para o sacrifício, e és o realizador de boas obras, fica satisfeito (com esse rito), atende a essa prece, pois tu estás na presença de todo (o mundo), és visível (para todos), és agradável na visão deles, e és seu refúgio, como um (generoso) distribuidor de alimentos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 145 \(Wilson\)](#)

### Hino 144. Agni (Griffith)

1. O sacerdote vai para o sacrifício, com poder formidável mandando para o alto o hino de brilho glorioso. Ele se move para encontrar as conchas virando para a direita, as quais são as primeiras a beijar o lugar onde ele permanece.<sup>4</sup>

2. Para ele cantaram os rios correntes da Lei Sagrada,<sup>5</sup> cercados no lar e local de nascimento do Deus. Ele, quando ele residia estendido no colo das águas, absorveu aqueles poderes Divinos pelos quais ele é adorado.

3. Buscando em curso alternado alcançar o mesmo fim os dois associados<sup>6</sup> se esforçam para ganhar essa forma bela. Como Bhaga ele deve ser devidamente invocado por nós, como aquele que dirige o carro segura firme as rédeas do cavalo.

4. Ele de quem os dois associados tomam conta com observância, o par que mora junto na mesma residência, à noite como de dia o cinzento<sup>7</sup> nasceu jovem, passando intocado pela velhice através de muitas eras do homem.

5. A ele os dez dedos,<sup>8</sup> as devoções, animam; nós mortais chamamos a ele um Deus para nos ajudar. Ele acelera sobre a superfície inclinada do solo; ele realizou novas obras com aqueles que o cercam.<sup>9</sup>

6. Pois, Agni, como um pastor, tu por teu próprio poder governas sobre tudo o que existe no céu e na terra; e esses dois Poderosos,<sup>10</sup> brilhantes, dourados estritamente unidos, girando em volta chegaram à tua erva sagrada.

7. Agni, aceita com alegria, alegra-te nessa nossa prece, dador de alegria, auto-sustentado, forte, nascido da Lei Sagrada! Pois tu és belo de se ver voltando-te para todos os lados, agradável de se olhar como uma residência cheia de alimento.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 145 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> O lugar de residência de Agni; o altar.

<sup>5</sup> Que fluem de acordo com a ordem do universo.

<sup>6</sup> Os dois sacerdotes, Hotar e Adhvaryu, segundo Sāyaṇa. Talvez Dia e Noite sejam indicados, como Ludwig sugere.

<sup>7</sup> Agni. Compare com 1.164.1.

<sup>8</sup> Veja 1.141.2.

<sup>9</sup> Seus adoradores.

<sup>10</sup> Céu e Terra.

## Hino 144. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 144.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 13.

1. O Hotṛ<sup>11</sup> avança (para cumprir) seu dever por meio do seu poder extraordinário, direcionando para cima a oração adornada brilhantemente. Ele anda em direção às conchas (sacrificais), que estão voltadas para a direita e que beijam primeiro a fundação dele.
2. Eles saudaram com gritos os rios de Ṛta, que estavam escondidos no local de nascimento do deus, na base dele. Quando Ele morou disperso no regaço das águas, ele bebeu as doses pelo (poder das) quais ele se move.<sup>12</sup>
3. Dois (seres),<sup>13</sup> da mesma idade tentam atrair essa forma maravilhosa (de Agni) para si mesmos, progredindo em turnos em direção a um objetivo comum. Então ele deve ser proclamado por nós como um vencedor (em uma competição). O auriga<sup>14</sup> (governa todas as coisas), como se puxando as rédeas de um cavalo de carga.
4. Ele a quem dois (seres), da mesma idade servem, dois gêmeos morando juntos em uma casa comum, o cinzento nasceu como um jovem de noite como de dia, o eterno que vagueia através de muitas gerações de homens.
5. As preces, os dez dedos o atizam. Nós, os mortais, chamamos a ele, o deus, por sua proteção. Da terra seca ele se apressa para os declives. Com aqueles que se aproximaram dele ele estabeleceu novas regras.
6. Tu de fato, ó Agni, reinas por tua própria natureza sobre o mundo celeste e o terrestre como um pastor (cuida do seu gado). Essas duas grandes (deusas) matizadas que se esforçam pela glória, as douradas que movem de modo tortuoso,<sup>15</sup> se aproximaram da tua grama sacrificial.
7. Agni! Fica satisfeito e aceita graciosamente essa oração, ó dador de alegria, independente, que és nascido na Ṛta, de boa vontade, cuja face está voltada para nós de todos os lados, visível, vistoso em teu aspecto, como uma residência rica em alimentos.<sup>16</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 145 \(Oldenberg\)](#)

<sup>11</sup> O Hotṛ é Agni.

<sup>12</sup> *Svadhā adhayad yābhirīyate*. Em minha opinião *svadhā* significa ‘o poder inerente’, ‘o poder de mover-se de acordo com sua própria vontade’, e, por conseguinte, a bebida que confere esse poder a um ser, especialmente sobre os ancestrais mortos.

<sup>13</sup> [Veja as notas 2 e 6.]

<sup>14</sup> O auriga é Agni.

<sup>15</sup> Sāyaṇa explica os dois seres femininos aqui em questão como o Céu e a Terra. O ‘movimento tortuoso’ se refere à revolução diária do céu?

<sup>16</sup> O último Pāda volta a ocorrer em 10.64.11.

## Hino 145. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus, Ṛṣi, e métrica, são os mesmos.<sup>1</sup>

Varga 14. **1.** Peçam (de Agni o que vocês desejam), pois ele vai (a todos os lugares), ele conhece (todas as coisas); possuidor de inteligência, ele procede<sup>2</sup> (para verificar o que deve ser feito), e (seus adoradores) recorrem a ele; pois nele se encontra o poder de refrear (desejos não razoáveis), nele (está o poder de conceder) satisfação;<sup>3</sup> ele é o concessor de alimento e de força; o protetor dos poderosos.

**2.** Eles pedem de Agni, mas ninguém pede indevidamente; pois um homem sensato (responde à solicitação), como ele determinou em sua própria mente; Agni não tolera um discurso que antecipa (a resposta dele), nem suporta uma réplica;<sup>4</sup> aquele que é desprovido de arrogância é favorecido pela proteção dele.

**3.** A ele as conchas (sacrificais) são dirigidas; a ele (os nossos) louvores são dirigidos; só ele ouve todas as minhas preces, ele é o instigador de muitos, o transportador (através do mundo), o instrumento de sacrifício, o preservador ininterrupto (da humanidade), e (amável como) uma criança; provido com os preparativos (do sacrifício), ele aceita a oblação.

**4.** Quando (o sacerdote) procede para causar seu desenvolvimento, ele se manifesta (imediatamente); e logo que gerado se associa com seus objetos;<sup>5</sup> ele providencia a satisfação (de seu adorador) empenhado serenamente no (rito) agradável, quando as (oblações) que desejam (sua aceitação) chegam a ele presente (no sacrifício).

**5.** Ele, o examinador, o acessível, o que reside em florestas, foi colocado (em meio ao combustível), como à semelhança de (uma) pele (envolvente); o sábio Agni, o apreciador de sacrifícios, o verdadeiro, declarou aos mortais (o conhecimento dos) seus deveres religiosos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 146 \(Wilson\)](#)

## Hino 145. Agni (Griffith)

**1.** Perguntem a ele pois ele chegou, ele sabe; ele, cheio de sabedoria, é implorado, é agora implorado. Com ele se encontram admoestações e comandos: ele é o Senhor da Força, o Senhor do Poder e da Força.

**2.** Eles perguntam a ele; nem todos aprendem por seu questionamento o que ele, o Sábio, alcançou, por assim dizer, com a própria mente dele. Não esquecendo a primeira nem a última palavra, ele segue adiante, não descuidado, em seu poder mental.

<sup>1</sup> [A métrica do quinto verso é Triṣṭubh. – Griffith. Gary Holland.]

<sup>2</sup> O texto tem somente *īyate* e *nvīyate*, ele vai, e vai rapidamente, ou foi para ou adorado, *sevīyate*, o verbo, tendo significação passiva; a ampliação em ambos os casos é do comentador.

<sup>3</sup> *Tasmin santi praśīstasminnīṣṭayaḥ*: *praśīṣa* é explicado por *praśāsanāni* ou *niyamanāsāmarthyām*, poderes de restrição; isto é, tendo reprimido o que não deve ser realizado, ele é capaz de realizar o que pode ser efetuado; *iṣṭi* usualmente é sacrifício, que é aqui substituído por *bhogāḥ*, prazeres; ou ele pode significar aqueles atos de adoração que conferem recompensas.

<sup>4</sup> *Na mṛṣyate prathamam nāparam vacas*: literalmente, ele não tolera um discurso anterior ou um subsequente; a explicação é do comentário.

<sup>5</sup> *Tatsāra yujyebhiḥ*: o verbo é *tsara*, ir; *yujya* é aquilo com o qual pode-se unir; a expressão é vaga, e o comentador oferece diferentes explicações: como sendo unido com habilidades, que podem ser associadas com seus objetos, ou com energias adequadas para serem ligadas com suas conseqüências, ou com seus cavalos unidos ao seu carro.

3. Para ele vão essas conchas, para ele essas éguas de corrida;<sup>6</sup> só ele ouvirá todas as palavras que eu falo. O que apressa a todos, vitorioso, aperfeiçoador de sacrifício, o Bebê com ajuda perfeita<sup>7</sup> reuniu poder vigoroso.

4. Tudo o que ele encontra ele agarra e então corre adiante, e diretamente, recém-nascido, rasteja para frente com seus parentes. Ele incita o homem cansado ao prazer e grande alegria quando os presentes ansiosos se aproximam dele quando ele chega.

5. Ele é uma coisa selvagem da torrente e da floresta: ele foi colocado na superfície mais alta.<sup>8</sup> Ele declarou o conhecimento das obras para os mortais, Agni o Sábio, pois ele conhece a Lei, o Verdadeiro.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 146 \(Griffith\)](#)

## Hino 145. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 145.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 14.

1. Perguntem a ele. Ele chegou. Ele sabe. Ele o inteligente se move adiante; Ele se move ao longo (de seu caminho). Nele residem todos os comandos, todos os desejos. Ele é o senhor da força, do poder imenso.

2. Eles o questionam. Ele próprio não questiona em retorno o que ele, o sábio, compreendeu sozinho por sua própria mente. Ele não esquece a primeira palavra nem outra palavra. Não confundido ele adere ao seu próprio poder mental.

3. Para ele vão as conchas sacrificais, para ele vão os cavalos de corrida.<sup>9</sup> Somente ele pode ouvir todas as minhas palavras. Ele que pronuncia muitos praiças,<sup>10</sup> o conquistador, o realizador de sacrifícios cujas bênçãos são impecáveis, a criança assumiu vigor.

4. Quando ele se reúne (com seus companheiros),<sup>11</sup> ele vai cumprimentá-los. Assim que nasce ele toma (sua presa), juntamente com seus companheiros. Ele afaga o ...<sup>12</sup> para dar a ele prazer e alegria, quando as afetuosas<sup>13</sup> se aproximam dele que fica nelas.<sup>14</sup>

5. Ele, o animal que vive na água e anda na floresta, foi colocado sobre a pele mais alta (céu).<sup>15</sup> Ele proclamou suas regras para os mortais; pois Agni, o conhecedor, está concentrado em Ṛta (Justiça) e é verdadeiro.

<sup>6</sup> Essas libações que chegam rapidamente a Agni.

<sup>7</sup> O sempre-jovem Agni que protege seus adoradores.

<sup>8</sup> O sentido não está claro, mas a referência parece ser ao Agni celeste no firmamento mais do que ao fogo sacrificial sobre o altar.

<sup>9</sup> O texto sugere que esses cavalos de corrida são éguas. Provavelmente, como Sāyaṇa explica, as orações são citadas. Veja sobre as orações comparadas com cavalos, Bergaigne, II, 284 e seguintes.

<sup>10</sup> *Praiṣa* é a designação técnica dos comandos sacrificais de um sacerdote (ou, mais especificamente, do Maitrāvaruṇa) para outro sacerdote.

<sup>11</sup> Eu forneço 'com seus companheiros' tendo em conta o segundo Pāda. É difícil dizer quem são os companheiros de Agni (o fogo? Os sacerdotes oficiantes?).

<sup>12</sup> O significado de *śvāntam*, que ocorre aqui e na passagem obscura 10.61.21 é desconhecido. Possivelmente está relacionado com *śvāntra*, que significa algo como 'poderoso' ou 'próspero'.

<sup>13</sup> As preces? As oblações?

<sup>14</sup> *Api-ṣthitam* pode ter significado ativo ou passivo, 'aquele que está em alguém ou alguma coisa', e 'aquele em quem alguém ou algo está'.

<sup>15</sup> Depois de a residência de Agni nas águas e na floresta ter sido mencionada no primeiro Pāda, o segundo Pāda possivelmente se refere à sua residência celeste para a qual o adjetivo *upamá* (mais alta) parece apontar. Assim, a 'pele mais alta' seria o céu. Mas Sāyaṇa, que o atribui ao Vēdi, pode eventualmente estar certo. A explicação dele combinaria muito bem com o segundo hemistíquio.

---

## Hino 146. Agni (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus, R̥ṣi, e métrica,<sup>1</sup> são os mesmos.

- Varga 15. **1.** Glorifico Agni de três cabeças, de sete raios;<sup>2</sup> que não está sujeito à diminuição, sentado no colo de seus pais, (céu e terra); e que satisfaz todos (os desejos); porque o brilho universal do divino (Agni), seja movente ou estacionário, (se espalha por toda parte).
- 2.** O grande derramador (de benefícios) permeou esses dois (mundos); imperecível e adorável, ele está (sempre) presente, dando proteção; ele coloca seu pé no topo da terra, e suas (chamas) radiantes lambem o úbere (do firmamento).
- 3.** (Há), duas vacas leiteiras<sup>3</sup> bem dispostas se aproximando juntas da sua progênie comum, e nutrindo totalmente (a ele); que indicam os caminhos que estão livres de tudo o que deve ser evitado, e possuindo mais do que a grande inteligência (necessária para o desenvolvimento dele).<sup>4</sup>
- 4.** Sábios experientes trazem o invencível (Agni) para a posição dele (no altar); apreciando-o de vários (modos) em seus corações; desejosos de propiciá-lo, eles adoram o derramador (de benefícios, Agni); e para aqueles homens ele se manifesta como o Sol.
- 5.** Ele está desejoso de ser visto nas (dez) regiões (do espaço); o vitorioso, o adorável, a fonte da vida de grandes e pequenos: visto que em muitos lugares o opulento (possuidor de alimento sacrificial), que é visível para todos, é o pai daquela progênie (piedosa).<sup>5</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 147 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 146. Agni (Griffith)

- 1.** Eu louvo o de sete raios, o de cabeça tripla,<sup>6</sup> Agni todo perfeito no seio de seus pais,<sup>7</sup> depositado no colo de tudo o que se move e que não se move, a ele que encheu todos os reinos luminosos do céu.
- 2.** Como um grande Boi ele cresceu para esses seus Pais; ele permanece sublime, intocado pela velhice, extenso. Ele planta suas pegadas no cumes elevados da ampla terra; suas chamas vermelhas lambem o úbere.<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> [Triṣṭubh.]

<sup>2</sup> As três cabeças podem ser os três sacrifícios diários, ou os três fogos domésticos, ou as três regiões, céu, terra e ar. Os sete raios são as sete chamas de fogo; ou *raśmī*, normalmente um raio, pode ser usado no sentido de rédea ou regra, quando ele pode aludir às sete métricas dos *Vedas*.

<sup>3</sup> Ou o instituidor do rito e o sacerdote ministrante, ou o sacrificador e sua esposa; o bezerro *vatsa*, ou prole, é Agni.

<sup>4</sup> *Viśvān ketān adhi maho dadhāne*: *keta* sempre é traduzido 'conhecimento'; de modo que Sāyaṇa explica a frase aqui como *sarvāni prajñāni pravarrdhana viṣayāni*, tendo como objetivo delas o aumento de todos os tipos de sabedoria do tipo mais elevado.

<sup>5</sup> Isto é, os sacerdotes aludidos na estrofe precedente podem ser considerados como a prole de Agni, porque eles derivam seu caráter da realização do culto dele.

<sup>6</sup> [Veja a nota 2.]

<sup>7</sup> O regaço do Céu e da Terra.

<sup>8</sup> As nuvens do céu.

3. Chegando juntos ao seu menino comum ambas as Vacas,<sup>9</sup> de forma bela, se estendem em todas as direções, medindo os caminhos que devem ser percorridos, confiando todos os desejos a ele o Poderoso.

4. Os sábios prudentes o levam para a residência dele, guardando com habilidade variada o Sempre-Jovem. Ansiosos, eles voltaram seus olhos para o Rio;<sup>10</sup> para esses o Sol dos homens se manifestou.

5. Nascido nobre nas regiões, alvo dos olhos de todos os homens a ser implorado pela vida por grandes e pequenos igualmente, longe como o Rico se expandiu amplamente, ele é o Pai todo-visível dessa progênie.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 147 \(Griffith\)](#)

### Hino 146. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I. HINO 146.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 15.

1. Eu louvo Agni que tem três cabeças e sete raios (ou rédeas),<sup>11</sup> que é sem falhas, sentado no colo de seus pais<sup>12</sup> e de tudo o que se move ou que é firme, que preencheu (com sua luz) todas as luzes do Céu.

2. O grande touro cresceu para elas;<sup>13</sup> o eterno que daqui (desse mundo) distribui suas bênçãos, o alto que permaneceu ereto. Ele põe seus pés sobre a superfície da ampla (Terra); suas vermelhas<sup>14</sup> lambem o úbere (a nuvem).

3. Caminhando em direção ao seu bezerro comum as duas vacas leiteiras<sup>15</sup> bem estabelecidas andam em direções diferentes. Elas medem caminhos intermináveis; elas se envolveram com todos os grandes desejos.

4. Sábios poetas<sup>16</sup> seguem o rastro dele,<sup>17</sup> que de várias maneiras protegem o perene com seus corações. Desejando adquiri-lo eles têm procurado o rio.<sup>18</sup> Ele o Sol<sup>19</sup> tornou-se visível para eles, para os homens.

5. Ele é digno de ser procurado, ao redor em todas as direções em seus cavalos de corrida, o nobre que deve ser magnificado, o grandioso,<sup>20</sup> para que os pequenos possam viver, porque ele, o senhor generoso visível para todos, tornou-se um progenitor para aqueles germes em muitos lugares.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 147 \(Oldenberg\)](#)

<sup>9</sup> Aparentemente o Céu e a Terra; segundo Sāyaṇa, o instituidor do rito e o sacerdote ou o sacrificador e sua esposa.

<sup>10</sup> Agni, cujas recompensas fluem como correntes de água.

<sup>11</sup> As sete rédeas (raios) são, de acordo com Sāyaṇa, as sete métricas ou as sete chamas de Agni. A última explicação é recomendada por 3.6.2. Mas é possível também pensar nos sete sacerdotes (*sapta hotāraḥ*).

<sup>12</sup> Os pais são Céu e Terra.

<sup>13</sup> O texto tem o dual feminino; sem dúvida o Céu e a Terra são aludidos.

<sup>14</sup> Os cavalos ou chamas de Agni.

<sup>15</sup> As vacas parecem ser a Noite e a Aurora; compare com 1.95.1 [nota 24], e 1.96.5.

<sup>16</sup> Os sacerdotes.

<sup>17</sup> O professor Max Müller traduz, 'Sábios poetas levam (Agni) para o lugar eterno, mantendo muitas coisas em seus corações – ou, levam o eterno Agni para o lugar dele (o sacrifício)'.

<sup>18</sup> Eles têm tentado encontrar Agni em sua morada adequada, na água.

<sup>19</sup> O Sol é aqui identificado com Agni.

<sup>20</sup> Agni pode ser chamado de *mahaḥ*, 'o grande', mas parece mais natural ler *mahé*, a tradução então seria: 'aquele que deve ser engrandecido, a fim de que os grandes e os pequenos possam viver'.

## Hino 147. Agni (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus, Ṛṣi, e métrica, são os mesmos.

Varga 16. **1.** Como os teus (raios) brilhantes e evaporadores, Agni, mantiveram a vida (e supriram) alimento; de modo que, desfrutando de ambos, os devotos (adoradores), possuindo filhos e netos, podem repetir os hinos do sacrifício?

**2.** Jovem (Agni), a quem oblações são devidas, aprecia esse meu louvor reverente e sincero; um homem (te) insulta, outro (te) propicia; eu, teu servo, glorifico a tua pessoa.<sup>1</sup>

**3.** Teus (raios) fomentadores, Agni, vendo o filho cego de Mamatā,<sup>2</sup> o livraram da aflição; ele que conhece todas as coisas protege os virtuosos, e (seus) inimigos malévolos não podem lhes fazer mal.

**4.** Quando um (homem) mau com dupla (perversidade de pensamento e de palavra), obstruindo as nossas oferendas, e (ele mesmo) se abstendo de doações, nos insultar, que essa prece pese sobre ele, e o envolva (nas consequências das) más palavras dele.<sup>3</sup>

**5.** Quando, Filho da Força, um homem hábil (em fraude) ataca outro homem com uma (prece) duplamente (maligna), Agni, devidamente propiciado, protege aquele que te adora (dos efeitos dela); não nos entregues ao infortúnio.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 148 \(Wilson\)](#)

## Hino 147. Agni (Griffith)

**1.** Como, Agni, os radiantes,<sup>4</sup> aspirantes, te dotaram com o vigor dos vivos, de modo que, nutrindo sementes e descendentes em ambos os lados,<sup>5</sup> os deuses podem se alegrar no cumprimento de Lei Sagrada?

**2.** Presta atenção nesse meu discurso, Divino, tu, o Mais Jovem! oferecido a ti por aquele que oferece muito livremente. Um te odeia, e outro canta teus louvores: eu, teu adorador, louvo a tua forma, ó Agni.

**3.** Teus raios guardiões, ó Agni, quando eles o viram, protegeram o cego Māmateya<sup>6</sup> da aflição. Senhor de todas as riquezas, ele protegeu os virtuosos; os inimigos que de bom grado os prejudicariam não causaram dano.

**4.** O homem pecaminoso que não cultua, ó Agni, que, não oferecendo, nos prejudica com traição, – que essa seja por sua vez para ele uma sentença pesada: que ele aflija a si mesmo por seus insultos.

<sup>1</sup> O verso ocorre no *Yajush*, xii. 42, e é explicado do mesmo modo pelo comentador.

<sup>2</sup> O comentador repete a lenda purânica do nascimento de Dīrghatamas de Mamatā, a esposa de Utatthya, mas não há nada no texto para justificar a aplicação: as pessoas são obviamente alegóricas; Dīrghatamas, longa escuridão, sendo a cegueira ou ignorância, que é a prole natural de Mamatā, possessividade ou egoísmo.

<sup>3</sup> Há alguma indistinção de construção nessa estrofe; nós temos aqui uma alusão ao uso de preces ou imprecações referentes à maldição.

<sup>4</sup> Teus raios brilhantes.

<sup>5</sup> Em homens e mulheres; ou (prole) de ambos os sexos.

<sup>6</sup> Dīrghatamas, o Ṛṣi do hino, filho de Mamatā, a esposa de Ucatthya.

5. Sim, quando um mortal intencionalmente, ó Vitorioso, prejudica com língua dupla um companheiro mortal, dele, louvado Agni! salva aquele que te louva: não nos tragas problemas e aflições.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 148 \(Griffith\)](#)

## Hino 147. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 147.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 16.

1. Como, ó Agni, os resplandecentes te adoraram, aspirando através dos poderes do Āyu,<sup>7</sup> quando<sup>8</sup> os deuses, obtendo amigos e parentes de ambas as raças (humana e divina), se regozijaram na canção de Ṛta (ou Justiça)?
2. Dá atenção a esse meu hino oferecido, ó mais jovem, que é o mais rico em doações generosas, ó auto-dependente! Um te insulta, o outro te louva: eu teu venerador reverencio o teu corpo, ó Agni!
3. Teus guardiões, ó Agni, que viram e salvaram o filho cego de Mamatā da angústia<sup>9</sup> – ele o possuidor de toda riqueza salvou aqueles que fizeram boas ações.<sup>10</sup> Os impostores, tentando enganar, não enganaram.
4. O avarento, ó Agni, o nocivo e malicioso que nos prejudica por meio de falsidade: que o feitiço pesado recaia sobre ele; que ele fira o seu próprio corpo por suas palavras más.<sup>11</sup>
5. E, ó forte, qualquer mortal que fere outro mortal conscientemente por meio de falsidade: de tal pessoa, ó louvado Agni, protege aquele que te louva. Agni! Não nos entregues ao infortúnio.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 148 \(Oldenberg\)](#)

<sup>7</sup> O Āyu parece ser o próprio Agni. Ou é admissível interpretar *āyoh* como estando por causa da métrica em lugar de *āyavaḥ*? Então o hemistíquio se referiria à tribo sacerdotal mítica dos Āyus, os antigos adoradores de Agni. A tradução seria: ‘Como, ó Agni, os resplandecentes Āyus te adoravam, aspirantes com seus poderes?’

<sup>8</sup> ‘Porque’. Max Müller.

<sup>9</sup> Dīrghatamas filho de Mamatā é o reputado autor dessa seção do primeiro Maṅḍala o qual pertence realmente a uma família de sacerdotes que alegam descendência dele. A história da cegueira de Dīrghatamas e da angústia em que ele caiu é contada no *Mahābhārata* 1, [cap. 104].

<sup>10</sup> Considerando a construção de todo o verso apenas do ponto de vista gramatical, alguém dificilmente será tentado a traduzir de outra forma que não a que nós fizemos. Mas é muito estranho que Agni seja representado aqui como salvando aqueles mesmos guardiões com a ajuda dos quais ele salvou Māmateya. O significado que se deve esperar encontrar expresso, é antes que Agni, como ele salvou Māmateya por meio de seus guardiões, salvou também, e salvará, todos os adoradores virtuosos. Assim nós podemos, eu penso, traduzir aqui, ‘Agni! Com tais guardiões como os teus que viram e salvaram o filho cego de Mamatā da angústia, ele, o possuidor de toda riqueza (ou seja, Agni), tem salvado todos aqueles que têm feito boas ações’. Bergaigne (III, 191) compreende o verso da mesma forma.

<sup>11</sup> A idéia védica de as maldades recaírem sobre o próprio malfeitor foi tratada por Bergaigne, III, 190 e seguintes.

## Hino 148. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus, Ṛṣi, e métrica, são os mesmos.

Varga 17. **1.** O vento, penetrando (entre o combustível), incitou (Agni), o invocador (dos deuses), o multiforme, o ministro de todos os deuses, a quem eles estabeleceram entre os adoradores mortais para a realização de sacrifício, como o sol maravilhoso e variavelmente radiante.

**2.** Que (meus inimigos) não prevaleçam contra mim, quando oferecendo (oblações) aceitáveis, pois (Agni) está desejoso da minha adoração assim oferecida, e todos eles (os deuses) estão satisfeitos com os meus atos (piedosos), o recitador do louvor deles, e o celebrante (do sacrifício).

**3.** Ele, de quem os adoradores tomam posse na residência perpétua dele, eles retêm por seus louvores, e os detentores o transportam<sup>1</sup> diligentemente para o sacrifício, como corcéis velozes, atrelados a um carro, (levam o condutor ao seu destino).

**4.** O destruidor (Agni), consome numerosas (árvores) por suas chamas, e brilha com esplendor múltiplo na floresta; o vento favorecedor sopra (as chamas) para frente, dia após dia, como as flechas rápidas de um arqueiro.

**5.** Os cegos (de intelecto), ou aqueles que não veem (fisicamente), não depreciam a glória dele, a quem nenhum inimigo, nem adversários malévolos, prejudicam, mesmo enquanto ainda em (sua condição) de embrião; pois seus encorajadores constantes o defendem.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 149 \(Wilson\)](#)

## Hino 148. Agni (Griffith)

**1.** O que Mātariśvan, penetrante, formou por fricção, Arauto de todos os Deuses, de forma diversificada, é aquele a quem eles colocaram entre as casas humanas, de cor alegre como luz e resplandecendo por beleza.<sup>2</sup>

**2.** Eles não prejudicarão o homem que te traz louvores: assim como eu, Agni meu amparo me aprova. Todos os meus atos eles aceitarão com prazer, louvação do cantor que a oferece.

**3.** A ele em seu assento constante homens habilidosos em culto pegaram e estabeleceram com louvores. Visto que, cavalos de pés rápidos atrelados a uma carruagem, por ordem dele que carregadores o levem adiante.

**4.** Extraordinário, cheio de muitas coisas ele mastiga e mói: ele brilha em meio à floresta com brilho que se propaga. Sobre suas chamas reluzentes o vento sopra diariamente, incitando-as como a flecha afiada de um arqueiro.

<sup>1</sup> *Pranayanta* alude a uma parte especial da cerimônia usual; o transporte solene de fogo do *Gārhapatya*, ou doméstico, para o *Āhavanīya*, ou fogo sacrificial.

<sup>2</sup> [Na tradução por] Wilson, que segue Sāyaṇa, *yat*, ‘o que’ ou ‘quando’, é deixado sem tradução, e a explicação de Mātariśvan como Vāyu ou vento não pode ser justificada por algum texto do Ṛgveda.

5. Ele, a quem enquanto ainda em embrião os hostis, hábeis e desejosos de causar dano, nunca podem prejudicar, homens cegos e sem visão por causa do esplendor dele não ferem: seus amantes infalíveis o têm preservado.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 149 \(Griffith\)](#)

## Hino 148. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 148.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 17.

1. Quando Mātariśvan...<sup>3</sup> tinha produzido por atrito o Hotr, o ...<sup>4</sup> que pertence a todos os deuses, a quem eles estabeleceram entre os clãs humanos, brilhante como o sol, resplandecente para que (ele possa mostrar sua bela) forma –
2. Eles não enganaram a ele<sup>5</sup> que tinha concedido um hino (ao adorador). Agni é minha proteção; com isso ele está satisfeito. Eles tiveram prazer em todas as obras dele<sup>6</sup> – (nas obras) do cantor que trouxe louvores.
3. A quem os veneráveis (deuses)<sup>7</sup> pegaram e colocaram no próprio assento dele (como sacerdote), com os louvores deles; a ele eles<sup>8</sup> levaram adiante, tomando posse dele em sua busca, acelerando como cavalos que puxam uma carruagem.
4. O maravilhoso destrói muitas coisas com suas mandíbulas. Então o resplandecente brilha na floresta. Então o vento sopra atrás da chama dele dia após dia como atrás da flecha de um arqueiro, atrás de uma arma que foi disparada.
5. Ele a quem nenhum impostor, nem inimigos nocivos, nem fazedores de males podem prejudicar quando ele reside no útero (de sua mãe), a ele os cegos desprovidos de visão não causaram dano por olharem para ele.<sup>9</sup> Os próprios amigos dele o protegeram.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 149 \(Oldenberg\)](#)

<sup>3</sup> Parece impossível explicar a palavra *viṣṭáh*.

<sup>4</sup> *Viśvá-apsum*, evidentemente um epíteto de Agni o Hotr, parece corrompido.

<sup>5</sup> ‘Ele’ parece ser Agni. Sāyaṇa, no entanto, explica: *dadānam id agnaye kurvāṇam eva mām*. Isso levaria a uma tradução como esta: ‘(Os inimigos) não enganaram (a mim, o adorador), que tinha endereçado um hino (a Agni)’.

<sup>6</sup> Sobre ‘dele’ Sāyaṇa observa ‘*yajamānasya mama*’. Mas a palavra pode se referir a Agni.

<sup>7</sup> Não há razão para abandonar aqui o significado usual de *yagnīya*. Sobre os deuses procurando por Agni, veja Bergaigne, I, 110.

<sup>8</sup> É muito provável, para dizer o mínimo, que ‘eles’ sejam os deuses novamente.

<sup>9</sup> Havia uma crença de que um homem cego, por voltar seus olhos cegos para alguém, poderia lhe fazer mal? Possivelmente talvez nós tenhamos que traduzir: ‘A ele (seus inimigos) cegos e desprovidos de visão não causaram danos embora olhando para ele (ou seja, embora voltando seus olhos cegos para ele)’. – O professor Max Müller escreve: ‘Poderia ser: Até os cegos viram, mas não o prejudicaram, quando ele foi visto, não mais no útero?’

## Hino 149. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

O deus e Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Vairāja.<sup>1</sup>

Varga 18. **1.** Agni, o senhor de grande riqueza, o concessor (de desejos), vem (para o lugar de sacrifício); ele, o senhor dos senhores, vem para o lugar de afluência (o altar); as pedras preparam (a libação para ele) enquanto ele se aproxima.

**2.** Ele, que é, por assim dizer, o gerador de homens assim como do céu e da terra, de quem a criação tem absorvido vida, permanece com suas glórias; é ele que, entrando no ventre (da existência), gera (todos os seres vivos).<sup>2</sup>

**3.** Aquele que é sábio, e vai (para onde quer que ele queira), como o rápido etéreo (vento), iluminou o local encantador, (o altar), e, idêntico a muitas formas, é radiante como o sol.

**4.** Ele, o nascido duplamente,<sup>3</sup> iluminando as três (regiões) brilhantes,<sup>4</sup> e brilhando sobre todas as esferas resplandecentes, o adorável invocador dos deuses, está presente no lugar onde as águas estão reunidas.<sup>5</sup>

**5.** Ele é o oferecedor de oblações, que é de nascimento duplo; e, pelo desejo por alimento (sacrificial), tem aos seus cuidados todas as coisas boas; o homem que apresenta oferendas a ele é o pai de prole excelente.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 150 \(Wilson\)](#)

## Hino 149. Agni (Griffith)

**1.** Para cá ele se apressa para dar, Senhor de grandes riquezas, Rei dos poderosos, para o lugar do tesouro.<sup>6</sup> As pedras de pressão servirão a ele que acelera para perto de nós.

**2.** Como Boi dos homens<sup>7</sup> assim Boi do céu e da terra por glória, ele cujas correntes toda vida tem bebido, que se apressando adiante repousa sobre o altar.

**3.** Ele que iluminou o castelo alegre,<sup>8</sup> Corcel sábio como o Corcel do céu nublado, brilhante como o Sol, com existência centuplicada.

<sup>1</sup> [Nome da métrica *Virāj*.]

<sup>2</sup> Essa é também outra versão de uma noção familiar. Agni apresenta ao Sol as oblações oferecidas com fogo, e daí, tornando-se identificado com os raios solares, engendra a chuva, da qual o alimento e a consequente existência de todos os seres vivos depende; de quem, por conseguinte, Agni pode ser considerado o gerador.

<sup>3</sup> *Dvi-janmā*, como nascido dos dois pedaços de lenha, ou, em primeiro lugar, do atrito; e no segundo, da oblação; ou pode ser nascido da terra e do céu, comumente chamados de pais de Agni.

<sup>4</sup> *Trī rocanāni*, ou o céu, a terra e o ar, ou os três fogos.

<sup>5</sup> *Apām sadhasthe*, de acordo com Sāyaṇa, é o lugar do sacrifício onde a água é coletada para as diferentes aspersões purificadoras necessárias; ou pode-se pensar que isso se refere ao *antarikṣa*, ou firmamento, no qual Agni existe como relâmpago; esse e o verso anterior ocorrem no *Sāma Veda*, edição de Benfey, p. 152, 1. 4. A versão do professor Benfey difere, em alguns aspectos, daquela do texto. “Ele, que ilumina o lugar, o alegre, (que é) o sábio, o veloz, como um cavalo, surgindo no ar como um sol brilhante cheio de vida”; – “O nascido duplamente permanece, iluminando com seu esplendor as três regiões brilhantes, todo o mundo, o sacerdote mais sagrado no reino das águas”.

<sup>6</sup> O altar, onde riquezas são obtidas por meio de sacrifício e prece.

<sup>7</sup> Preeminente, como um touro forte, entre homens.

<sup>8</sup> Ou o castelo de Nārmiṇī; querendo dizer, provavelmente, a fortaleza imponente de algum demônio.

4. Ele, duplamente nascido, expandiu-se em seu esplendor através dos três reinos luminosos, através de todas as regiões, o melhor Sacerdote sacrificante onde as águas se reúnem.<sup>9</sup>

5. Sacerdote nascido duplamente,<sup>10</sup> ele por seu amor por glória tem aos seus cuidados todas as coisas dignas de escolha; o homem que traz presentes para ele tem descendência nobre.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 150 \(Griffith\)](#)

### Hino 149. Agni (Oldenberg)

MAṄDALA I. HINO 149.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 18.

1. Rumo à grande riqueza esse senhor da casa avança, o forte na morada da riqueza forte. Que as pedras o honrem conforme ele acelera adiante.

2. Ele o (touro) viril, tanto dos homens quanto dos dois mundos, cuja torrente é bebida por seres vivos<sup>11</sup> em consequência do renome dele, ele que corre adiante amadureceu no útero (de sua mãe) –

3. Ele que iluminou a ...<sup>12</sup> fortaleza, o corredor, o sábio, como um ...<sup>13</sup> cavalo, brilhante como o sol, dotado de vida centuplicada.

4. Ele que tem um nascimento duplo (celeste e terrestre), o flamejante se aproximou da luz tripla, de todos os espaços da atmosfera, o Hotṛ, o melhor sacrificador, na morada das Águas.

5. Esse é o Hotṛ tendo um nascimento duplo que concedeu todas as melhores dádivas, por desejo de glória, ao rápido mortal que o adora.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 150 \(Oldenberg\)](#)

<sup>9</sup> Segundo Sāyaṇa, no lugar de sacrifício onde água é reunida para propósito cerimonial. Mas a referência é provavelmente ao aparecimento de Agni no firmamento, as águas acima da terra, na forma de relâmpago.

<sup>10</sup> Dos bastões de fogo e novamente na consagração.

<sup>11</sup> Veja 1.80.4 e passagens semelhantes, nas quais as águas são chamada de ‘o prêmio (de disputas), que os seres vivos ganharam’.

<sup>12</sup> Nós não sabemos o que é *nārmīṇī*.

<sup>13</sup> Eu não coloco confiança nas tentativas de encontrar o significado de uma palavra como *nabhanyaḥ* apenas com a ajuda da etimologia. A mesma palavra ocorre em 1.173.1 como um epíteto do Sāman que o sacerdote, que é comparado a um pássaro, canta. Ela ocorre também em 7.42.1. O contexto, no qual essas palavras estão, parece mostrar que o significado é: ‘o barulho do fogo sacrificial surgirá’; muito provavelmente, o fogo é comparado a um cavalo, e seu barulho ao relincho daquele cavalo. Assim *nabhanya* seria em 7.42.1, bem como em nossa passagem, um epíteto de um cavalo. Esse epíteto pode se referir ou ao movimento rápido do cavalo e do Sāman ascendendo aos deuses, ou, mais provavelmente, à voz alegre do cavalo, o barulho alto do Sāman.

## Hino 150. Agni (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus e Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Uṣṇih.

Varga 19. **1.** Apresentando as muitas oferendas, eu me dirijo a ti, Agni, sempre chegando à tua presença (como um servo) na casa de um mestre poderoso.<sup>1</sup>

**2.** (Eu te peço também para retirar tua proteção daquelas) duas (pessoas) ímpias: do homem rico que, não te reconhecendo como seu senhor, é econômico em doações e em ritos sagrados, e daquele que raramente louva (os deuses).

**3.** Sábio Agni, o mortal (que te propicia) se torna uma lua no céu,<sup>2</sup> o mais eminente dos grandes (deuses); que nós, portanto, sempre sejamos de um modo especial teus adoradores.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 151 \(Wilson\)](#)

## Hino 150. Agni (Griffith)

**1.** Agni, teu servo fiel eu te invoco com muitos presentes,  
Como na guarda do grande Deus incitador;

**2.** Tu que nunca te moves para ajudar o homem indolente, o ímpio,  
Aquele que embora rico nunca traz uma oferenda.

**3.** Esplêndido, ó Cantor,<sup>3</sup> é aquele homem,<sup>4</sup> o mais poderoso dos grandes nos céus.  
Agni, que nós sejamos os mais notáveis, nós teus adoradores.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 151 \(Griffith\)](#)

## Hino 150. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 150.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 2, VARGA 19.

**1.** Eu teu adorador indigente digo muito a ti, ó Agni, vivendo na tua proteção como (na proteção) de um grande impulsor.<sup>5</sup>

**2.** Longe até da libação de um homem rico que é fraco, que é mesquinho, que nunca se apresenta e não se importa com os deuses.

**3.** O mortal (que te adora), ó sacerdote, é brilhante, grandioso, o mais poderoso no céu. Que nós, ó Agni, devotados a ti, sejamos sempre os mais notáveis.

<sup>1</sup> *Todasya*, um governador, um mestre; *sīkṣakasya svāminah*; literalmente, um atormentador.

<sup>2</sup> *Sa chandro martyah*: o comentador explica, ele se torna como a lua, o alegrador de todos.

<sup>3</sup> Cantor de hinos, sábio, ou sacerdote.

<sup>4</sup> Que te propicia por meio de sacrifício e louvor.

<sup>5</sup> Ou, 'do grande impulsor' – o Deus-Sol que impulsiona ou estimula seus cavalos? Compare com 6.6.6.

## Hino 151. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XII)

Os deuses são Mitra e Varuṇa; o Ṛṣi é o mesmo; a métrica, Jagatī.

Varga 20. **1.** O céu e a terra ficaram apavorados pela força e o som (dele), a quem adoradores virtuosos, desejosos de adquirir gado, têm gerado por seus atos (sagrados) em meio às águas (do firmamento), no sacrifício, como um amigo<sup>1</sup> para a preservação dos seres vivos, o benfeitor (da humanidade), e que tem direito à adoração.

**2.** Visto que eles, (os sacerdotes), como amigos, prepararam para vocês dois, (Mitra e Varuṇa, uma libação) dos sucos Soma naturais e que fluem abundantemente,<sup>2</sup> portanto concordem em vir para o rito do adorador e ouçam, derramadores (de bênçãos), as (preces do) chefe de família.

**3.** Para (obter) grande vigor, derramadores (de benefícios), os homens glorificam seu nascimento do céu e da terra, o qual é para ser exaltado, visto que vocês concedem ao adorador (os desejos dele como recompensa) do seu sacrifício, e aceitam o rito (que é celebrado), com louvor e oblação.

**4.** Deuses poderosos, muito aceitável para vocês é aquele local, (onde vocês são adorados); aceitantes de sacrifício, proclamem a grande cerimônia (como devidamente executada); pois vocês dois conectam o rito eficaz e abrangente com o vasto céu, como uma vaca com uma carga.<sup>3</sup>

**5.**<sup>4</sup> Vocês trazem o gado sobre a terra para o (pasto) favorito deles, (de onde), protegidas de danos por seu poder, as vacas leiteiras, produtoras de leite, voltam para seus estábulos; elas clamam ao sol (no céu) acima.

Varga 21. **6.** Vocês trazem (o gado) para o seu (pasto) aceitável sobre a terra, de onde as vacas produtoras de leite, protegidas pelo seu poder, voltam ilesas para seus estábulos; elas gritam para o sol (no céu) acima, ao anoitecer e na aurora, como alguém que detecta um ladrão (grita alto).

**7.** As madeixas de Agni servem, Mitra e Varuṇa, o seu sacrifício, quando vocês honram (com sua presença) a câmara sacrificial; mandem por sua própria vontade (a chuva), e tornem prósperas as nossas oferendas, pois vocês têm autoridade sobre os louvores dos homens piedosos.

**8.** Venham ao devoto (adorador), que, glorificando-os, e fornecendo (tudo o que é) aceitável, os presenteia com oblações; (a ele), o sábio, o invocador, que lhes oferece culto; aceitem seu sacrifício; favoráveis a nós, (aceitem) os nossos louvores.

**9.** Aceitantes de sacrifícios, vocês são os primeiros a quem (adoradores) propiciam com oferendas, o produto da vaca; como (a aplicação) da mente (em primeiro lugar) aos

<sup>1</sup> *Mitraṃ na*, embora implicando uma comparação de Agni com um amigo, leva também, com relação ao hino ser parcialmente dirigido a Mitra, à noção da identificação dele com Agni, especialmente como o Agni do firmamento, ou relâmpago.

<sup>2</sup> *Purumīlhasya sominaḥ* também podem ser traduzido, de Purumīlha oferecedor de Soma; Purumīlha é o nome de um príncipe.

<sup>3</sup> O sentido não está muito óbvio, embora esteja claro que a adequação do culto ou sacrifício para efetuar seus objetivos, ou realizar suas recompensas, está indicada, como a vaca é capaz de carregar uma carga adequada para sua força física.

<sup>4</sup> [O conteúdo desse verso se repete no verso seguinte; ele não é encontrado na tradução por Griffith, conseqüentemente a versão dele desse hino tem nove e não dez versos.]

resultados (dos sentidos); hinos (motivados) por pensamentos totalmente concentrados em vocês, celebram (seu louvor); vocês, com mentes humildes, nos concedem prosperidade.

**10.** Você distribuem alimentos, acompanhados por riquezas; você concedem a nós, líderes (de sacrifício), opulência, ampla, e defendida por suas sábias provisões; os dias com as noites não atingiram a sua divindade; nem os rios, nem os Asuras, e eles não obtiveram (a sua) riqueza.<sup>5</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 152 \(Wilson\)](#)

---

## **Hino 151. Mitra e Varuṇa (Griffith)**

**1.** Céu e terra tremeram pelo poder e voz dele,<sup>6</sup> a quem, amado e Santo, auxiliador de toda a humanidade, o sábio que almejava despojos na luta por vacas produziu com poder, um Amigo, entre as águas, no sacrifício.

**2.** Como esses,<sup>7</sup> como amigos, fizeram esse trabalho para vocês, esses servos ativos de Purumilha<sup>8</sup> oferecedor de Soma, deem poder mental para aquele que canta a música sagrada, e ouçam, Fortes,<sup>9</sup> o dono da casa.

**3.** O povo tem glorificado seu nascimento da Terra e do Céu, a ser exaltado, ó Fortes, por seu poder imenso. Vocês, quando vocês trazem<sup>10</sup> para o cantor e para o rito, desfrutem do sacrifício realizado com louvor sagrado e força.

**4.** As pessoas a quem vocês amam ternamente prosperam, Asuras!<sup>11</sup> Vocês, Justos, proclamam em voz alta a Lei Sagrada. Aquele poder eficaz que vem do céu sublime, vocês ligam à obra, como um boi à lança de um carro.<sup>12</sup>

**5.** Sobre essa vasta terra vocês derramam seu tesouro com força; não manchadas pela poeira, as vacas reunidas estão nos estábulos. Aqui na vizinhança elas gritam para o Sol de manhã e ao anoitecer, como aves de rapina velozes.

**6.** As chamas com madeixas onduladas servem o seu sacrifício, onde vocês cantam a canção, Mitra e Varuṇa. Derramem por sua livre vontade, tornem prósperas as nossas canções sagradas; vocês são os únicos Mestres do hino de louvor do cantor.

**7.** Quem quer que com sacrifícios labutando lhes traz presentes, e cultua, sábio e sacerdote, realizando seu desejo, – dele vocês se aproximam e provam o seu sacrifício. Venham bem dispostos para conosco para as nossas músicas e orações.

**8.** Com sacrifícios e com leite eles os ornaram primeiro, ó Justos, como se através de inspiradores da mente. Para vocês eles trazem seus hinos com seu pensamento sereno, enquanto vocês com alma sincera vêm até nós gloriosamente.

**9.** Rica força de vida é sua: vocês, Heróis, obtiveram através dos seus poderes insuperáveis força que se estende ao longe. Nem os dias passados unidos com as noites, nem os rios, nem os Paṇis<sup>13</sup> obtiveram sua Divindade e sua riqueza.

---

<sup>5</sup> O sentido do todo é, de acordo com o comentário, que não há ninguém nos três mundos mais poderoso do que Mitra e Varuṇa.

<sup>6</sup> Agni.

<sup>7</sup> Os sacerdotes.

<sup>8</sup> O príncipe que oferece o sacrifício.

<sup>9</sup> Ó Deuses poderosos, Mitra e Varuṇa.

<sup>10</sup> A ele, Agni, para o sacrifício.

<sup>11</sup> Deuses imortais, especialmente as divindades antigas.

<sup>12</sup> [Veja a nota 3.]

<sup>13</sup> Os demônios invejosos que levam embora e escondem as vacas ou raios de luz.

## Hino 152. Mitra-Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XIII)

Deuses, Ṛṣi, e métrica, os mesmos.

Varga 22. **1.** Robustos<sup>1</sup> Mitra e Varuṇa, vocês usam trajes (de luz); suas naturezas devem ser consideradas como sem defeito; vocês aniquilam todas as inverdades; vocês (nos) associam com sacrifício.

**2.** Ele entre aqueles (que são seus seguidores),<sup>2</sup> que pratica veracidade, que é atencioso, que é elogiado pelos sábios, que é capaz de (infligir) dano, pesa cuidadosamente (os meios pelos quais), feroz e bem armado, ele mata (um inimigo) equipado menos eficientemente,<sup>3</sup> e (pelos quais) os insultadores dos deuses, embora poderosos, possam perecer.

**3.** Aquele que sabe, Mitra e Varuṇa, que essa é sua obra, que a aurora sem pés é a precursora dos seres com pés;<sup>4</sup> e que seu bebê (progênie, o sol), sustenta a carga desse (mundo): ele difunde (a) verdade (da luz), e dissipa a falsidade (das trevas).

**4.** Nós contemplamos o amante das donzelas (auroras),<sup>5</sup> sempre em movimento, nunca descansando por um instante, trajando (radiância) inseparável e difusiva, a amada residência de Mitra e Varuṇa.

**5.** Sem cavalos, sem parada, (ele é, no entanto) conduzido movendo-se rapidamente e ressoando alto; ele viaja, subindo cada vez mais alto, conectando o mistério inconcebível<sup>6</sup> (dos ritos sagrados) com o brilho (que reside) em Mitra e Varuṇa, (o qual os homens), elogiando, glorificam.

**6.** Que as vacas leiteiras, propícias para o filho devoto de Mamatā, sejam possuidoras de úberes bem cheios;<sup>7</sup> conhecendo os ritos (necessários a serem realizados), que ele peça<sup>8</sup> (o resíduo) das oferendas para sua alimentação, e adorando (vocês dois), complete a (cerimônia) perfeita.

**7.** Divinos Mitra e Varuṇa, que eu possa tornar a oferenda aceitável para vocês com reverência e prece; que o rito sagrado nos torne aptos (para vencer) em batalhas, e que a chuva celeste<sup>9</sup> seja para nós os meios de satisfazer nossas necessidades.

<sup>1</sup> *Pīvasā* pode significar *pīnau*, corpulento, robusto, quando ele será o epíteto de Mitravaruṇā; ou *achinnāni*, não rasgado; *vastrāni*, trajes; ou ele pode estar no terceiro caso, sing., com grande ou intenso brilho, *tejasā*, subentendido.

<sup>2</sup> *Etaccana tva vi eṣāṃ* é resolvido pelo comentador em *etayor madhye tvaścana ekah*, um de vocês dois, o plural sendo usado honorificamente; implicando, se um de vocês, Mitra ou Varuṇa, pode fazer tais coisas (*etad*), quanto mais irresistíveis vocês devem ser juntos; ou *eṣāṃ* pode significar *tad-anucarā*, seus seguidores ou adoradores.

<sup>3</sup> *Triraśriṃ-hanti caturaśriḥ*, literalmente, aquele que tem uma arma quadrangular mata aquele que tem uma triangular; significando apenas que aquele que tem mais armas é superior a alguém que tem menos ou inferiores.

<sup>4</sup> Mitra e Varuṇa são, respectivamente, os deuses que presidem o dia e a noite, conseqüentemente o romper do dia, e o curso do sol, podem ser considerados como obra deles; a aurora é chamada de *apad*, ou *sem pés*, ou que não se move por seus próprios pés ou passos, mas sim como dependente do movimento do sol.

<sup>5</sup> O Sol.

<sup>6</sup> *Acittam brahma jyuvānaḥ: acittam* é explicado como 'não objeto da mente ou do pensamento'; *brahma* é interpretado como 'o ato do qual a natureza é declarada muito grande'; as expressões são obscuras.

<sup>7</sup> Para o propósito de fornecer oferendas apropriadas para Mitra e Varuṇa, as quais são ditas por outro texto serem os produtos do leite.

<sup>8</sup> *Pitvo bhikṣeta*, que ele peça de ou por alimento, ou seja, por aquilo que não é consumido em oblações.

<sup>9</sup> Que a chuva seja *supārā*, nos conduzindo bem através de, ou para a conclusão dos nossos deveres, por causar o crescimento do grão que deve ser oferecido em sacrifício.

---

## Hino 152.<sup>10</sup> Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Os mantos que vocês vestem<sup>11</sup> são repletos de gordura; cursos ininterruptos são seus conselhos.<sup>12</sup> Toda falsidade, Mitra-Varuṇa! vocês subjagam, e aderem estritamente à Lei Eterna.
2. Esse poder deles ninguém compreendeu. Verdadeira é a palavra esmagadora que o sábio tem proferido, o temível raio de quatro gumes<sup>13</sup> derrota o de três gumes, e aqueles que odeiam os Deuses caem primeiro e perecem.
3. A Donzela Sem Pés<sup>14</sup> precede as criaturas com pés. Quem nota, Mitra-Varuṇa, essa sua obra? O Bebê Não Nascido<sup>15</sup> suporta a carga desse mundo, cumpre a Lei e vence a falsidade.
4. Nós olhamos para ele o amado das Donzelas,<sup>16</sup> sempre avançando, nunca pendendo para baixo, usando vestes inseparáveis, muito difundidas, glória encantadora de Mitra e de Varuṇa.
5. Corcel desenfreado, nascido mas não de cavalos, relinchando ele voa com costas erguidas. O mistério do amor vigoroso que supera o pensamento,<sup>17</sup> louvando em Mitra-Varuṇa, sua glória.
6. Que as vacas leiteiras que favorecem Māmateya<sup>18</sup> tornem próspero nesse mundo aquele que ama devoção.<sup>19</sup> Que ele, bem hábil em ritos, peça alimento,<sup>20</sup> e chamando Aditi<sup>21</sup> com seus lábios nos dê assistência.
7. Deuses, Mitra-Varuṇa, com amor e adoração, que eu os faça se deleitarem nessa oblação. Que a nossa prece seja vitoriosa em batalhas, que nós tenhamos chuva do céu para nos fazer prosperar.

---

<sup>10</sup> O hino é cheio de dificuldades, e não pode ser traduzido satisfatoriamente no momento.

[Essa nota encontra-se ao final, mas eu preferi colocá-la no início.]

<sup>11</sup> As oblações de manteiga clarificada com as quais os Deuses podem ser ditos estarem vestidos.

<sup>12</sup> Seus projetos são sempre totalmente levados a efeito. Ou o sentido pode ser como Wilson, seguindo Sāyaṇa, interpreta: 'suas naturezas devem ser consideradas como sem defeito'.

<sup>13</sup> Ludwig sugere uma correção do texto e então traduz: 'três vezes golpeia o gume (do raio de Indra), três vezes o gume terrível'. Eu apresento o inglês literal das palavras como elas se encontram, o sentido sendo, segundo Sāyaṇa, que aquele que tem mais armas é mais forte do que aquele que tem menos, as armas indicadas sendo, talvez, sacrifício e prece.

<sup>14</sup> Aurora.

<sup>15</sup> O Sol antes do seu aparecimento no céu.

<sup>16</sup> O Sol, o amante das Auroras.

<sup>17</sup> *O mistério que supera o pensamento*: o mistério do movimento do Sol provoca admiração, e Mitra e Varuṇa são louvados em conexão com ele.

<sup>18</sup> O filho de Mamatā, Dīrghatamas o Ṛṣi do hino.

<sup>19</sup> Aparentemente Purumīḷha o instituidor do sacrifício, mencionado na segunda estrofe do hino anterior.

<sup>20</sup> O alimento que resta depois que as oblações foram oferecidas e consumidas.

<sup>21</sup> Eu sigo Ludwig em tomar Aditi em seu significado usual. Sāyaṇa o toma como significando 'uma cerimônia perfeita', que deve ser concluída, e Grassmann como fome, escassez ou carência, que deve ser afastada.

## Hino 153. Mitra-Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XIV)

Deuses, Ṛṣi, e métrica, os mesmos.

Varga 23. **1.** Poderosos Mitra e Varuṇa, dispensadores de manteiga, nós os adoramos, regozijantes, com oblações; com homenagem reverente, e com (oferendas de) água; para que os nossos sacerdotes ministrantes possam propiciá-los por meio das (nossas) devoções.

**2.** A propósito de adorá-los, Mitra e Varuṇa, não é a realização, mas (mesmo por tanto) eu posso obter sua glória, e há desobrigação (do meu dever);<sup>22</sup> pois quando o sacerdote lhes oferece oblações em sacrifícios, então o homem piedoso, derramadores (de benefícios), estando desejoso de adorá-los, (obtem) felicidade.

**3.** Que a vaca leiteira produtiva, Mitra e Varuṇa, forneça nutrição abundante para o homem piedoso que os presenteia com oblações, como quando Rātahavya,<sup>23</sup> glorificando-os, os propicia na solenidade, como o sacerdote ministrante de um homem (que institui o rito).

**4.** Que as vacas divinas, e as águas, lhes forneçam alimento (sacrificial), para a prosperidade das pessoas a quem vocês favorecem; ou que ele (Agni), o antigo protetor desse (nosso benfeitor), seja o doador (da oblação); comam (da manteiga e coalhos), bebam do leite das vacas.<sup>24</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 154 \(Wilson\)](#)

## Hino 153. Mitra-Varuṇa (Griffith)

**1.** Nós os adoramos com nossa reverência e oblações, Mitra, Varuṇa, concordantes, poderosos, para que conosco, ó Par cujas costas são borrifadas com óleo, os sacerdotes os fortaleçam com óleo e hinos.

**2.** Seu louvor é como uma grande força, um estímulo; a vocês, Dois Deuses, um hino bem formado é oferecido, enquanto o sacerdote os enfeita acolá, Fortes, em assembleias, e o príncipe<sup>25</sup> desejoso de adorá-los por bênçãos.

**3.** Ó Mitra-Varuṇa, Aditi a Vaca Leiteira<sup>26</sup> corre para o rito, para o povo que traz oblação, quando na assembleia aquele que adora os incita, como um sacerdote humano, com presentes oferecidos.

**4.** Assim que as vacas e as Águas celestiais derramem sobre vocês bebida doce em famílias que os fazem felizes. Disso que ele, o antigo Senhor da Casa,<sup>27</sup> nos dê. Desfrutem, bebam do leite que a vaca fornece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 154 \(Griffith\)](#)

<sup>22</sup> Literalmente, 'o prévio objetivo de louvá-los não é a realização, mas eu venho à sua residência bem desapegado'; o significado não é muito óbvio.

<sup>23</sup> O nome de um *Rājā*, segundo o comentador.

<sup>24</sup> 'Comam, bebam do leite da vaca'; o comer implica a coagulação do leite, ou coalhadas, manteiga, ou semelhantes.

<sup>25</sup> O homem rico que institui o sacrifício.

<sup>26</sup> Aditi considerada como a fonte de recompensas para os virtuosos; ou Aditi pode ser tomado como um epíteto, 'a inesgotável', qualificando Vaca Leiteira.

<sup>27</sup> Agni, o guardião do domicílio.

## Hino 154. Viṣṇu (Wilson)

(Sūkta XV)

O Ṛṣi e a métrica são os mesmos; mas o deus é Viṣṇu.

Varga 24. **1.** Sinceramente eu glorifico as façanhas de Viṣṇu, que fez os três mundos;<sup>1</sup> que sustentou o local elevado agregado (das esferas);<sup>2</sup> atravessando três vezes<sup>3</sup> (o todo); que é louvado pelos exaltados.

**2.** Viṣṇu é, portanto, glorificado, que por sua proeza ele é como uma fera temível,<sup>4</sup> voraz e que frequenta montanhas, e porque em seus três passos todos os mundos habitam.

**3.** Que força aceitável assista a Viṣṇu, que reside na prece,<sup>5</sup> o louvado por muitos, o derramador (de benefícios), que fez sozinho, por três passos, esse vasto e durável agregado (dos três mundos).

**4.** Cujos três passos imperecíveis, cheios de ambrosia, deleitam (a humanidade) com alimento sagrado; que realmente sustenta sozinho os três elementos,<sup>6</sup> e a terra e o céu.

**5.** Que eu possa alcançar o caminho favorito dele,<sup>7</sup> no qual se deleitam os homens que buscam deus; (o caminho) daquele Viṣṇu de passo largo, em cuja posição elevada há uma corrente (perpétua) de felicidade; pois em tal condição ele é o amigo (dos devotos).

**6.** Nós oramos (a Viṣṇu) para que vocês dois<sup>8</sup> possam ir para aquelas regiões onde os raios (de luz) muito difundidos e de muitas pontas (se expandem); pois lá a posição suprema do louvado com hinos por muitos, o derramador (de benefícios), brilha (com) grande (esplendor).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 155 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Pārthivāni vimame rajāṃsi*, literalmente, ele fez as regiões terrenas; mas, de acordo com Sāyaṇa, *pr̥thivī* é usada aqui no sentido dos três mundos; como no texto no qual é dito que Indra e Agni residem na *pr̥thivī* ou mundo inferior, central, e superior; a estrofe ocorre no *Yajush*, v.18, onde Mahīdhara explica *pr̥thivī* de modo semelhante; ele também sugere que *pārthivāni rajāṃsi* pode significar átomos de terra, *pārthiva paramānūn*; Sāyaṇa também propõe estender o significado ainda mais longe, e inclui os sete *lokas* inferiores, – ou limitá-la às três regiões tratadas na oração, *Bhūh*, *Bhuvar*, *Svar*; mas essas alternativas são supérfluas.

<sup>2</sup> *Uttaram sadhastham askabhāyat: sadhastha*, segundo Sāyaṇa, é o firmamento, como o refúgio das três regiões, – *lokatrayāśrayabhūtam antarīkṣam*; ou pode ser as sete regiões acima da terra, ou a região mais alta de todas, de onde não há retorno, ou a morada dos justos, *Satya-loka*. Mahīdhara o torna o céu, a região onde os deuses residem juntos. *Askabhāyat* Sāyaṇa considera equivalente a *nirmitavān*, criado; Mahīdhara explica como ‘o escorou para que ele não caísse’. Algumas dessas noções do comentador são mais purânicas do que védicas.

<sup>3</sup> *Vicakramāṇas tredhā*: percorrendo de várias maneiras seus próprios mundos criados é explicação de Sāyaṇa; Mahīdhara diz, entrando nas três regiões, como Agni, Vāyu e Āditya, ou fogo na terra, ar no firmamento, e o Sol no céu.

<sup>4</sup> *Mrgha*, ou, como Sāyaṇa o interpreta, *Simha*, um leão, como aplicável a Viṣṇu; diz-se que significa aquele que procura por seus inimigos para infligir punição a eles, e é, portanto, temível e feroz.

<sup>5</sup> *Ghiri-kṣit*, que reside na fala, ou que mora em lugares altos.

<sup>6</sup> *Tridhātu*, o agregado dos três elementos, terra, água, luz: *pr̥thivyaptéjorūpadhātutravayasiṣṭham*; ou pode significar os três períodos de tempo, ou as três qualidades; o primeiro parece preferível, embora a enumeração difira daquela das escolas filosóficas.

<sup>7</sup> O firmamento – *patho antarīkṣam*. Yāska – *Nir*, vi. 7.

<sup>8</sup> O sacrificador e sua esposa. Essa estrofe ocorre no *Yajush*, VI. 3, com alguma diferença de leitura e de sentido.

## Hino 154. Viṣṇu (Griffith)

1. Eu revelarei os atos poderosos de Viṣṇu, dele que mediu as regiões terrestres,<sup>9</sup> que sustentou o lugar mais alto de congregação,<sup>10</sup> três vezes colocando sua pegada,<sup>11</sup> andando a passos largos extensamente.
2. Por esse seu ato poderoso<sup>12</sup> Viṣṇu é louvado, como um animal selvagem, temível, rondante, que vaga na montanha; ele dentro de cujos três passos amplamente estendidos todos os seres vivos têm sua habitação.
3. Que o hino se eleve como força até Viṣṇu,<sup>13</sup> o Touro que anda ao longe, que vive nas montanhas, ele que sozinho com passo triplo mediu essa morada comum, longa e muito extensa.
4. Ele cujos três passos que estão cheios de doçura, imperecíveis, se alegram como possa agradá-los, que de fato sustenta sozinho o triplo,<sup>14</sup> a terra, o céu e todas as criaturas vivas.
5. Que eu alcance aquela sua mansão bem-amada onde os homens devotados aos Deuses são felizes. Pois lá brota, semelhante de perto Àquele de passo largo, o poço de hidromel<sup>15</sup> na pegada mais alta de Viṣṇu.<sup>16</sup>
6. Nós iríamos ansiosos para as suas residências<sup>17</sup> onde há bois<sup>18</sup> ágeis e de muitos chifres,<sup>19</sup> pois poderosamente, lá, brilha sobre nós a mansão mais sublime do Touro que caminha largamente com passos amplos.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 155 \(Griffith\)](#)

<sup>9</sup> [A partir daqui Macdonell continua: ‘Que, sustentando firmemente o lugar mais alto, andou com passos largos em regiões triplas, caminhando extensamente’.]

<sup>10</sup> O céu, onde os Deuses estão reunidos.

<sup>11</sup> Veja 1.22.16.

<sup>12</sup> Eu segui Sāyaṇa que toma o verbo ativo em uma significação passiva. O professor Peterson traduz: ‘Viṣṇu se gaba disso em alta voz’, a qual é talvez uma interpretação mais exata.

<sup>13</sup> [‘Que o meu hino inspirador vá até Viṣṇu’. – Macdonell.]

<sup>14</sup> [Esse último trecho por Macdonell: ‘que sustenta sozinho o universo em três divisões’.]

<sup>15</sup> O néctar, ou mel; significando Soma celeste.

<sup>16</sup> [“5. Eu alcançaria aquele caro domínio dele onde os homens devotados aos deuses se deleitam. Na pegada mais alta de Viṣṇu de passo largo há uma fonte de hidromel: tal é nossa semelhança”. – Macdonell em *Hymns from the Rigveda*; porém em seu *Vedic Reader for Students*, de 1917, há uma variação na última frase: “pois aquele, verdadeiramente semelhante ao de passo largo, é um poço de hidromel no passo mais alto de Viṣṇu”.]

Veja a versão de Vladimir Yatsenko: “5. Que eu possa alcançar e desfrutar essa meta do seu movimento, o Deleite, onde as almas que buscam a divindade tem o êxtase; pois lá naquele passo mais alto de Viṣṇu de movimento amplo está aquele Amigo dos homens que é a fonte da doçura”. – *universityofhumanity.org*, consultado em 10/2013.]

<sup>17</sup> De Viṣṇu e provavelmente de Indra.

<sup>18</sup> [‘vacas’. – Macdonell.]

<sup>19</sup> As estrelas com seus raios sempre cintilantes. Veja 1.105.10; *Vāḷakhilya* 7.2.

[Daqui Macdonell continua: “Pois de lá, de fato, o passo mais alto de Viṣṇu, touro de passo largo, brilha intensamente sobre nós”.]

## Hino 155. Viṣṇu-Indra (Wilson)

(Sūkta XVI)

Os deuses são Viṣṇu e Indra, o primeiro terceto sendo dirigido ao último; o Ṛṣi é o mesmo; a métrica é Jagatī.

Varga 25. **1.** Ofereçam suas iguarias nutritivas para o grande herói, (Indra), que é satisfeito por louvor, e para Viṣṇu, os dois deuses invencíveis que cavalgam sobre o topo radiante das nuvens, como sobre um corcel bem treinado.

**2.** Indra e Viṣṇu, o adorador devoto glorifica a aproximação resplandecente de vocês dois, que são concessores de desejos, e que dão ao mortal que os adora uma (recompensa) imediatamente recebível, através da distribuição daquele fogo que é o espalhador (de bênçãos desejáveis).<sup>1</sup>

**3.** Essas (oblações) aumentam a imensa coragem dele, (de Indra), pela qual ele prepara os pais (de todas as criaturas, céu e terra), para geração e gozo; pelo que, na região superior do céu, o filho tem um nome inferior e superior, e um terceiro (nome) de pai.<sup>2</sup>

**4.** Portanto, realmente, nós celebramos a coragem daquele senhor (de todos), o preservador, o inócuo, o vigoroso, que percorreu as três regiões com três passos largos, em diferentes direções, para a muito louvada (preservação da) existência.

**5.** O homem, glorificando (Viṣṇu), localiza dois passos daquele (deus) que contempla o céu, mas ele não percebe o terceiro;<sup>3</sup> nem as aves aladas que se elevam nos ares podem (segui-lo).<sup>4</sup>

**6.** Ele causa, por suas rotações, noventa e quatro revoluções periódicas,<sup>5</sup> como uma roda circular, de corpo vasto, e se desenvolvendo em muitas formas, através dos louvores (endereçados a ele); sempre jovem, embora não infantil,<sup>6</sup> ele vem às nossas invocações.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 156 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Kṛśānor astuh*, do fogo, que é o espalhador (de coisas boas); ou, em um sentido diferente, o que dispensa inimigos.

<sup>2</sup> *Dadhāti putro avaram param pitur nāma trīyam*: a frase é muito obscura; Sāyaṇa a explica, o filho do pai tem um nome inferior, ou aquele de neto; um superior, ou aquele de filho; e um terceiro, o qual, com respeito a eles, é aquele de pai: o significado é, que as oblações, subindo para a região solar, nutrem Indra e Viṣṇu, como dois dos *Ādityas*, ou formas do Sol; que por isso mandam chuva, pela qual a terra é tornada frutífera, e as gerações do homem são sustentadas; por isso pais, filhos e netos, são gerados sucessivamente.

<sup>3</sup> Seu caminho na terra e no firmamento está dentro da observação dos mortais; não é assim com aquele no céu.

<sup>4</sup> *Vayaścana patayantaḥ patatṛiṇaḥ*: Sāyaṇa distingue esses, fazendo, dos dois primeiros, os Maruts que vão a todos os lugares; *patatṛiṇa* pode significar Garuḍa, e outras aves, ou os ventos.

<sup>5</sup> Viṣṇu é aqui identificado com o tempo, composto de noventa e quatro períodos: o ano, dois solstícios, cinco estações, doze meses, vinte e quatro meios meses, trinta dias, oito quartos, e doze signos zodiacais.

<sup>6</sup> *Yuvā kumāraḥ*, jovem, não um menino. Sāyaṇa interpreta o último *analpah*, não pequeno.

## Hino 155. Viṣṇu-Indra (Griffith)

1. Para o grande Herói,<sup>7</sup> ele que coloca sua mente nisso,<sup>8</sup> e Viṣṇu, louvem alto em canção seu gole de suco, – Deuses nunca enganados, que carregados por assim dizer por corcel nobre, têm permanecido sobre os altos cumes das colinas.
2. Seu bebedor de Soma<sup>9</sup> mantém longe o seu avanço furioso, Indra e Viṣṇu, quando vocês vêm com todo o seu poder. Aquela que foi bem dirigida no homem mortal, flecha de Kṛśānu<sup>10</sup> armado com arco, vocês desviam para muito longe.
3. Essas oferendas aumentam a força varonil imensa dele; ele traz ambos os Pais<sup>11</sup> para compartilhar da corrente agradável.<sup>12</sup> Ele rebaixa, embora um filho,<sup>13</sup> o nome mais alto do Pai; o terceiro é aquele que é eminente na luz do céu.
4. Nós louvamos esse poder varonil dele o Poderoso, preservador, inofensivo, generoso e benigno; dele que caminhou, andando amplamente, com três passos sobre os reinos da terra pela liberdade e pela vida.
5. Um homem mortal, quando ele vê dois passos dele que olha para a luz, fica agitado pelo assombro. Mas do terceiro passo dele<sup>14</sup> ninguém ousa se aproximar, não, nem as aves emplumadas do ar que voam com asas.
6. Ele, como uma roda esférica, colocou em movimento rápido seus noventa cavalos de corrida junto com os quatro. Desenvolvido, vasto em forma, por aqueles que cantam louvor, um jovem, não mais uma criança, ele vem ao nosso chamado.<sup>15</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 156 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> Indra.

<sup>8</sup> Isto é, que ama louvor.

<sup>9</sup> Vocês se aproximam gentilmente do seu adorador devoto e não lhe fazem mal.

<sup>10</sup> Um dos guardiões do Soma celestial, aparentemente um demônio da seca que impede os homens de desfrutarem da chuva ambrosíaca.

<sup>11</sup> Céu e Terra.

<sup>12</sup> A oferenda sacrificial, a libação de suco Soma.

<sup>13</sup> O sentido parece ser que Viṣṇu toma posição no sacrifício acima do seu próprio pai Dyaus, e que Agni tem o terceiro lugar.

<sup>14</sup> No mais alto céu. Veja 1.154.5.

<sup>15</sup> Esse verso não é muito inteligível. Ludwig traduz o primeiro hemistíquio: 'e sob quatro nomes (das quatro estações) ele, como uma roda redonda, colocou noventa raios em movimento'. Os corcéis, ou raios, são os dias do ano solar, noventa em cada uma das quatro estações.

## Hino 156. Viṣṇu (Wilson)

(Sūkta XVI)

O deus é Viṣṇu; o Ṛṣi e a métrica são como antes.

Varga 26. **1.** Sê (para nós), Viṣṇu, como um amigo, o dador de felicidade, o aceitante de oblações, abundante com alimento, o concessor de proteção, e acessível de todas as maneiras; por qual razão o teu louvor deve ser recitado repetidamente pelos sábios, e o teu culto ser celebrado pelo oferecedor de oblações.

**2.** Aquele que apresenta (oferendas) para Viṣṇu, o antigo, o criador, o recente, o auto-nascido; aquele que celebra o grande nascimento daquele poderoso; ele, realmente possuidor de fartura, alcança (a posição) que é para ser procurada (por todos).<sup>1</sup>

**3.** Cantores de hinos, propiciem por sua própria vontade<sup>2</sup> aquele antigo Viṣṇu, visto que vocês o conhecem como o germe do sacrifício;<sup>3</sup> conhecedores da grandeza dele, celebrem o nome dele; que nós, Viṣṇu, desfrutemos da tua proteção.

**4.** O nobre Varuṇa (se) associa com o sacrifício do adorador virtuoso, assistido pela companhia dos sacerdotes;<sup>4</sup> os Ásvins (se unem com isso); Viṣṇu, com seu amigo (Indra), possui poder supremo que confere o céu,<sup>5</sup> e se senta sobre as nuvens.<sup>6</sup>

**5.** O divino Viṣṇu, o melhor dos fazedores de boas obras, que veio até o devoto instituidor do rito,<sup>7</sup> para ajudar (em sua celebração), conhecendo (os desejos do adorador), e presente nos três períodos conectados (de culto),<sup>8</sup> favorece o ariano, e concede ao autor da cerimônia o direito a uma parte do sacrifício.<sup>9</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 157 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Śravobhir yujyaṃ cidabhyasat*, por alimento, ou por fama, ele obtém tudo com o qual [alguém] deve se unir. Sāyaṇa não torna o significado mais claro, embora ele supra o que ele julga necessário para completar a elipse.

<sup>2</sup> *Januṣā pipartana*, literalmente, agradem, ou propiciem (a ele) por seu nascimento, é explicado como *svata eva*, por si mesmo, ou espontaneamente, não, como Sāyaṇa acrescenta, por causa de qualquer motivo interesseiro.

<sup>3</sup> *Ṛtasya gharbham*, nascido como uno com sacrifício; segundo o texto, *yajño vai Viṣṇuḥ*; sacrifício, na verdade, (é) Viṣṇu, ou se *ṛta* mantiver o sentido de água, então a frase se aplica a Viṣṇu como a causa ou criador da água, de acordo com o *Smṛti*, *Apa eva sasarja ādau*, no início ele criou água.

<sup>4</sup> *Kratuṃ sacanta mārutasya vedhasaḥ*, explicado como no texto; mas *māruta* também pode significar a tropa dos Maruts, e *Vedhas* o criador, ou Viṣṇu; o sacrifício oferecido a Viṣṇu, com a presença dos Maruts; ou *māruta* pode ser um sinônimo de Indra.

<sup>5</sup> *Dādhāra dakṣam uttamam aharvidam*, ele tem o melhor poder conhecedor do dia; Sāyaṇa explica o último, gerador de Svarga, *Svargotpādakam*.

<sup>6</sup> Ou envia chuva.

<sup>7</sup> *Sacathāya indrāya*: o primeiro é explicado, para dar assistência à cerimônia; o segundo, para o *Yajamāna* ou sacrificador; sob a força de uma das várias etimologias de Indra de Yāska, *irām drāvayati*, aquele que derrama o alimento sacrificial ou oblação. – Nir. x. 8.

<sup>8</sup> *Triṣadhasṭham* pode aludir às três celebrações diárias de culto, ou aos três mundos.

<sup>9</sup> *Ṛtasya bhāghe* também pode significar a parte que vem depois do rito; as bênçãos concedidas como recompensa.

## Hino 156. Viṣṇu (Griffith)

1. Muito brilhante, amplamente famoso, seguindo teu caminho habitual, alimentado com o óleo, sê favorável, como Mitra, a nós. Assim, Viṣṇu, até os sábios devem aumentar tua canção de louvor, e aquele que tem oblações te prestar ritos solenes.
2. Aquele que traz presentes para ele o Antigo e o Último, para Viṣṇu que ordena, junto com sua Esposa,<sup>10</sup> que narra o nascimento grandioso dele o Majestoso, de fato superará em glória até seu igual.
3. A ele vocês têm satisfeito, cantores, assim como vocês sabem, germe primevo da Ordem mesmo desde o seu nascimento. Vocês, conhecendo até o nome dele, o têm revelado publicamente; que nós, Viṣṇu, desfrutemos da graça de ti o Poderoso.
4. O Soberano Varuṇa e os dois Ásvins servem essa a vontade daquele que guia a hoste Marut. Viṣṇu tem poder supremo e força que encontra o dia, e com seu Amigo<sup>11</sup> abre o estábulo das vacas.
5. Ele mesmo o Celestial que veio por amizade, Viṣṇu para Indra, divino para o mais divino, aquele Criador, entronizado nos três mundos, ajuda o homem ariano, e dá ao adorador sua parte da Lei Sagrada.<sup>12</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 157 \(Griffith\)](#)

---

<sup>10</sup> *Sumajjānaye*, explicado por Sāyaṇa significar 'auto-nascido', e por Ludwig 'muito encantador'.

<sup>11</sup> Isto é, ajuda seu amigo Indra a libertar a chuva aprisionada nas montanhas de nuvens, ou os raios de luz que foram roubados.

<sup>12</sup> Sua parte das bênçãos que seguem a realização do sacrifício.

## Hino 157. Ásvins (Wilson)

(Anuvāka 22. Sūkta I)

Os deuses são os Ásvins; o Ṛṣi é Dīrghatamas; a métrica das primeiras quatro estrofes, Jagatī; das duas últimas, Triṣṭubh.

Varga 27. **1.** Agni está desperto sobre a terra; o Sol nasce; a aurora, espalhando-se, alegrando (a todos) por seu brilho, dispersou (a escuridão); atrelem, (portanto), Ásvins, a sua carruagem, para vir (para o sacrifício), para que o divino Savitr possa animar todos os seres para (o cumprimento dos) seus respectivos (deveres).

**2.** Quando, Ásvins, vocês atrelarem a sua carruagem derramadora de recompensas, revigorem nossa força com mel gotejante;<sup>1</sup> concedam alimento (abundante) ao nosso povo;<sup>2</sup> que nós obtenhamos riquezas na luta de heróis.

**3.** Que o carro de três rodas dos Ásvins, puxado por cavalos velozes, carregado de mel, de três coberturas, cheio de tesouros, e auspicioso de todas as maneiras, venha à nossa presença, e traga prosperidade para o nosso povo e o nosso gado.<sup>3</sup>

**4.** Tragam-nos, Ásvins, vitalidade; animem-nos com seu discurso doce como mel,<sup>4</sup> prolonguem a nossa existência; eliminem os nossos pecados; destruam os nossos inimigos; sejam sempre os nossos associados.

**5.** Vocês, Ásvins, mantêm o germe em todas as criaturas moventes: vocês estão no interior de todos os seres; derramadores de benefícios, forneçam (para o nosso próprio uso) fogo e água e as árvores da floresta.

**6.** Vocês dois são médicos, (conhecedores) de (todos os) medicamentos; vocês viajam em uma carruagem (puxada por) corcéis bem treinados; portanto, (deuses) poderosos, apóiem resolutamente (o adorador), que, com mente (devotada a vocês), lhes oferece oblações.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 158 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Madhunā ghr̥tena* é explicado variadamente: madhu pode ser um adjetivo para *madhura*, doce, com água doce; ou pode ser um substantivo para *Amṛta*, ambrosia, com néctar pingando; ou pode ter o significado normal de mel, especialmente com referência ao verso seguinte, onde a carruagem dos Ásvins é chamada de *Madhuvāhana*, portadora de mel.

<sup>2</sup> *Asmākaṃ brahma pṛtanāsu: Pṛtanā* é um sinônimo de *Manuṣya*, no *Nighantu* de Yāska; isto é, de acordo com Sāyaṇa, filhos e dependentes. *Brahma* é, entre outros sentidos, um sinônimo de *anna*, alimento, que é a interpretação aqui preferida pelo comentador.

<sup>3</sup> *Dvipade catuṣpade*, literalmente, para os nossos bípedes e quadrúpedes; essa e as duas estrofes precedentes ocorrem na segunda parte do *Sāma*, v. 1108-1110.

<sup>4</sup> *Madhumatyā naḥ kaśayā mimikṣatam*, literalmente, misturem-nos com seu chicote de mel; mas Sāyaṇa traduz *kaśā* por *vāc*, a fala; e *mimikṣatam* por *pṛṇayatam*: essa parece uma frase fixa quando aplicada aos Ásvins, como nós a temos em um hino anterior, com uma aplicação pouco diferente. Veja 1.22.3 [nota 1].

## Hino 157. Ásvins (Griffith)

1. Agni está desperto: Sūrya se ergue da terra. A Aurora poderosa, refulgente, brilhou com toda a sua luz. Os Ásvins equiparam sua carruagem para o percurso. O deus Savitar<sup>5</sup> tem movido o povo de várias maneiras.
2. Quando, Ásvins, vocês equiparem seu carro muito poderoso, orvalhem, ó Par, o nosso poder com mel e com óleo. À nossa devoção deem força vitoriosa em guerra: que nós ganhemos riquezas na luta de heróis por despojos.
3. Para perto de nós vem o louvado carro de três rodas<sup>6</sup> dos Ásvins, o carro carregado de hidromel e puxado por cavalos de pés rápidos, de três assentos, opulento, concedendo todo leite: que ele traga bem-estar para nós, para o gado e para os homens.
4. Tragam para cá nutrição para nós, ó Dois Ásvins; borrifem-nos com seu chicote<sup>7</sup> que pinga com orvalho de mel. Prolonguem nossos dias de vida, apaguem as nossas ofensas, destruam os nossos inimigos, sejam nossos companheiros e nossos Amigos.
5. Vocês armazenam o germe de vida nas criaturas do sexo feminino, vocês o guardam dentro de todos os seres vivos. Vocês têm enviado, ó Ásvins extremamente Poderosos, o fogo, os soberanos da floresta,<sup>8</sup> as águas,
6. Vocês são médicos com medicamentos para nos curar, e vocês são aurigas com habilidade em conduzir. Ó Fortes, deem domínio para aquele que traz oblação e com seu coração derrama seu presente diante de vocês.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 158 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>5</sup> O Sol como a grande causa da vida.

<sup>6</sup> Veja 1.34.5.

<sup>7</sup> Veja *Hinos do Atharva-veda* IX. 1, o qual é uma glorificação do Chicote de Mel dos Ásvins, significando, talvez, a primeira brisa estimulante e vivificante que acompanha o primeiro aparecimento desses Senhores da Luz e Arautos da Aurora.

<sup>8</sup> Isto é, as árvores altas da floresta.

## Hino 158. Ásvins (Wilson)

(Terceiro Adhyāya. Continuação do Anuvāka 22. Sūkta II)

Os deuses são os Ásvins; o Ṛṣi, Dīrghatamas; a métrica, Triṣṭubh, exceto na última estrofe, na qual ela é Jagatī.<sup>1</sup>

Varga 1. **1.** Dasras, derramadores (de benefícios), concessores de residências,<sup>2</sup> dissipadores de pecados,<sup>3</sup> conhecedores de muitas (coisas), crescentes (através de louvor) e realizadores (de desejos), visto que Aucatthya lhes oferece riqueza (sacrificial), e que vocês protegem (seus adoradores) com auxílios inquestionáveis, concedam a nós (nossas preces).

**2.** Concessores de residências, quem pode tornar suas oferendas tão propiciatórias daquela sua boa vontade, que (invocados) pela nossa adoração, para o local do altar,<sup>4</sup> vocês possam nutrir (intenções favoráveis com respeito a nós), e nos conceder vacas ricas em leite,<sup>5</sup> vindo com mentes decididas a conceder os desejos (do adorador)?

**3.** Do mesmo modo, Ásvins, como o seu (carro) puxado poderosamente, capaz de atravessar (o oceano), foi colocado, atrelado, no meio da água, para (o resgate do) filho de Tugra,<sup>6</sup> assim que eu possa obter a sua proteção preservadora (com a mesma diligência) como um herói vitorioso (volta para casa) com corcéis que saltam.

**4.** Que o louvor dirigido a vocês, Ásvins, proteja o filho de Ucatthya; que esses (dias e noites) recorrentes não me esgotem; que o fogo aceso dez vezes não me consuma; não permitam que alguém que é seu (dependente), amarrado (com grilhões), morda por si mesmo a terra.<sup>7</sup>

**5.** Que as águas maternas não me engulam, visto que os escravos arremessaram este (velho homem) decrépito; do mesmo modo como Traitana feriu a cabeça dele, assim o escravo feriu a sua, e golpeou seu peito e ombros.<sup>8</sup>

**6.** Dīrghatamas, filho de Mamatā, envelheceu depois que o décimo *yuga* (passou);<sup>9</sup> ele é o *Brahmā* daqueles que procuram alcançar o objetivo das suas obras (piedosas): ele é o seu auriga.<sup>10</sup>

<sup>1</sup> [Anuṣṭubh, de acordo com Griffith e Gary Holland.]

<sup>2</sup> *Vasus-vāsayitārau prajānām*, causadores das habitações da humanidade; ou isso pode significar possuidores de *vasu*, riqueza.

<sup>3</sup> O termo no texto é simplesmente Rudras, de *rut*, o que pode significar dor, ou sua causa, o pecado; e *dru*, o que afasta; ou se derivado de *rut*, soar, ele pode significar aqueles que gritam em batalha; mas nesse caso, como no caso de *Vasus*, pode-se pretender aplicá-lo aos Ásvins, como idênticos às classes de semideuses assim denominados.

<sup>4</sup> *Pade ghoh*, literalmente, para o local da terra, o que, como já foi observado, frequentemente designa o *Vedi*, ou altar, como é aqui explicado significar.

<sup>5</sup> *Revatīḥ purandhīḥ*, literalmente, possuidoras de riqueza, sustentadoras do corpo, o que o comentador explica que significa vacas repletas de leite.

<sup>6</sup> Veja 1.116.3 [nota 3], o texto aqui tem *arṇaso madhye*, no meio da água.

<sup>7</sup> *Tmani khādate kṣām*, literalmente, por si mesmo ele coma a terra; de acordo com Sāyaṇa, sendo incapaz, por causa da idade e enfermidade, de andar, ele se arraste ou role no chão.

<sup>8</sup> Esse é o verso citado na *Nīti-mañjarī*. Veja 1.52.5, [nota 2 da metade para frente], e é explicado similarmente, exceto que Sāyaṇa entende *vitakṣat* no sentido do imperativo, *takṣatu*, *tasmāt sa dāsah svayaṃ svakīyam eva siras takṣatu*, portanto: 'que o escravo por sua própria vontade fira a sua própria cabeça'. Eu não posso concordar com as opiniões daqueles estudiosos que imaginam uma conexão entre Traitana e Feridún; mesmo admitindo uma similaridade forçada do nome, não existe nada análogo nas lendas relativas a ambos. É dito que a repetição silenciosa do verso é uma proteção segura contra um assassino, um lobo, ou um tigre; e um viajante que o repete por três noites, cada vez até o nascer do sol, torna-se invisível para ladrões, e é capaz de esconder outros do ataque deles.

<sup>9</sup> O comentador entende *Yuga* em sua acepção comum; mas o *Yuga* de cinco anos é, talvez, aludido, um período de cinco anos, o que não seria nada incrível.

---

## Hino 158. Ásvins (Griffith)

1. Ó Dois Vasus, ó Rudras<sup>11</sup> cheios de conselhos, concedam-nos, Fortalecedores Fortes, quando vocês ficam ao nosso lado, aquela riqueza que Aucathya<sup>12</sup> anseia de vocês, grandes Auxiliares quando vocês se apresentam com nenhum socorro mesquinho.
2. Quem pode lhes dar alguma coisa, Vasus, por seu favor, por aquilo que, no local da Vaca,<sup>13</sup> vocês concedem através da adoração? Despertem para nós compreensão cheia de riquezas, venham com um coração que realizará o nosso desejo.
3. Como antigamente para o filho de Tugra<sup>14</sup> seu carro, atravessando o mar, forte, foi equipado e colocado no meio das águas, assim que eu ganhe o seu amparo e proteção como com curso alado<sup>15</sup> um herói procura o exército dele.
4. Que esse meu louvor proteja a descendência de Ucathya;<sup>16</sup> não deixem que esses Dois<sup>17</sup> que voam com asas me esgotem. Não deixem a madeira empilhada dez vezes me consumir, quando fixada para vocês ela morder o chão no qual ela se encontra.
5. Os rios mais maternais, nos quais os Dāsas me lançaram amarrado firmemente, não me devoraram. Quando Traitana iria partir a minha cabeça em pedaços, o Dāsa feriu seu próprio peito e ombros.
6. Dīrghatamas o filho de Mamatā chegou à longura dos dias na décima era da espécie humana.<sup>18</sup> Ele é o Brahman das águas enquanto elas se esforçam para alcançar seu objetivo e alvo; delas ele é o auriga.

---

<sup>10</sup> *Apām arthaṃ yatīnāṃ brahmā bhavati sārathiḥ*: ele é o *Brahmā*, como *Brahmā*, o grande, o chefe; *parivṛdha*, o progenitor, ou criador de pessoas. *Apām* é explicado *apkāryāṇām*, daqueles por quem oferendas de água, libações fúnebres para os Espíritos dos Mortos devem ser feitas; ou ele pode estar colocado em lugar de *apasām*, de obras, ritos religiosos em geral. *Sārathi*, literalmente, um cocheiro, é explicado como um transportador, ou seja, para o céu, uma divindade.

<sup>11</sup> Os Ásvins são abordados como idênticos a essas duas classes de Deuses. Veja 1.31.3 e 1.34.11.

<sup>12</sup> O filho de Ucathya, Dīrghatamas o Ṛṣi do hino.

<sup>13</sup> Segundo Sāyaṇa, o altar; a Vaca sendo a terra.

<sup>14</sup> Veja 1.116.3.

<sup>15</sup> [Ou 'veloz'.]

<sup>16</sup> O próprio poeta.

<sup>17</sup> Dia e noite. A partir desse e do verso seguinte parece que Dīrghatamas foi sujeito às provações do fogo, água e combate individual com um homem chamado Traitana, e protegido em todos os três pelos Ásvins. Veja Ludwig, *Der Rg-veda*, IV. p. 44.

<sup>18</sup> Talvez a décima década. O significado do verso, o qual parece ser de uma adição posterior, é obscuro.

## Hino 159. Céu e Terra (Wilson)

(Sūkta III)

Os deuses são Céu e Terra; o Ṛṣi é o mesmo; a métrica é Jagatī.

Varga 2. **1.** Eu glorifico com ritos sagrados os poderosos Céu e Terra, os aumentadores de sacrifício, que (devem ser contemplados) com devoção em cerimônias sagradas; aqueles dois que, nutrindo seus adoradores como filhos,<sup>1</sup> são venerados pelos devotos, e, portanto, com benevolência conferem bênçãos desejáveis (a nós).

**2.** Realmente eu propicio, por minhas invocações, a mente do pai benevolente, e a grande e espontânea (afeição) da mãe (de todos os seres).<sup>2</sup> Os pais, com bondade, asseguraram, por suas proteções excelentes, a vasta e multiforme imortalidade da sua progênie.

**3.** Esses, seus filhos, os realizadores de boas obras, e de aparência agradável, os reconhecem como seus grandes pais, através da experiência da (bondade) antiga; mantenham estabilidade ininterrupta nas funções da sua progênie, seja fixa ou movente, (dependente para a existência) de nenhum outro além de vocês.<sup>3</sup>

**4.** Aquelas irmãs providentes e inteligentes, (os raios de luz), concebidas do mesmo útero, (sempre) unidas (com as outras), e morando na mesma residência, medem (todas as coisas); conhecendo (suas funções), e resplandecendo brilhantemente, elas se espalham em todas as novas (direções) por todo o firmamento radiante.<sup>4</sup>

**5.** Nós pedimos hoje do sol divino, seu favor sendo propiciado, aquela riqueza que é desejável. Benignos Céu e Terra, concedam-nos riquezas, (consistindo em) habitações e centenas (de gado e semelhantes).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 160 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> *Devebhir ye devaputre sudamsasā* pode ser traduzido, ‘que, tendo os deuses como filhos, são reverenciados pelos deuses’; mas Sāyaṇa explica *deva* em ambos os termos como *yajamāna*.

<sup>2</sup> O Céu, *Dyuloka*, é dito aqui ser o pai, e a Terra, *Ṙṥthivī*, a mãe, conforme o texto, – *Dyaur voh pitā, Ṙṥthivī mātā*. Yaska explica que *Mātā* denota o *Antarikṣa*, o firmamento. – *Nir.* ii. 8.

<sup>3</sup> *Advayāvinaḥ*, não tendo segundo pai ou protetor, nenhum outro de quem depender para a subsistência.

<sup>4</sup> A construção dessa estrofe é muito irregular; os epítetos devem concordar com *te*, ‘eles dois’; mas alguns estão no plural, não no dual, junto com outros no dual. Nessa e na próxima estrofe parece ter surgido alguma confusão de idéias, algumas relativas ao Sol e outras aos reconhecidos objetos do hino, Céu e Terra.

## Hino 159. Céu e Terra (Griffith)

1. Eu louvo com sacrifícios os poderosos Céu e Terra em festivais, os sábios, os Fortalecedores da Lei. Que, tendo Deuses como progênie, unidos com Deuses, por meio de sabedoria que opera prodígios produzem as bênçãos mais seletas.

2. Com invocações, eu medito na mente do Pai benevolente, e no grande poder inerente da Mãe. Pais prolíficos, eles fizeram o mundo de vida, e para a sua prole toda a vasta imortalidade em volta.

3. Esses seus Filhos<sup>5</sup> bem hábeis em trabalhos, de poder extraordinário, trouxeram à vida as duas grandes Mães<sup>6</sup> em primeiro lugar. Para manter a verdade de tudo o que fica parado e de tudo o que se move, vocês guardam a posição de seu Filho<sup>7</sup> que não conhece fraude.

4. Eles com habilidade insuperável, os mais sábios, mediram os Gêmeos<sup>8</sup> unidos em seu nascimento e em sua casa. Eles, os Sábios refulgentes, tecem dentro do céu, sim, nas profundezas do oceano,<sup>9</sup> uma rede eternamente nova.

5. Esse é hoje o presente mais agradável de Savitar: esse pensamento nós temos quando agora o Deus está nos favorecendo. A nós com bondade amorosa o Céu e a Terra concedem riquezas e opulência variada e tesouro centuplicado!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 160 \(Griffith\)](#)

<sup>5</sup> Os Ṛbhus, que restauraram a juventude de seus Pais. Veja 1.20.4.

<sup>6</sup> Os Pais de todos, Céu e Terra.

<sup>7</sup> Sūrya, ou o Sol, que é considerado como o símbolo da verdade. 'Solem quis dicere falsum audeat?' ['Quem se atreveria a dizer que o sol é falso?']

<sup>8</sup> Céu e Terra.

<sup>9</sup> No oceano aéreo ou atmosfera.

## Hino 160. Céu e Terra (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses, Ṛṣi e métrica são os mesmos.

Varga 3. **1.** Aqueles dois, os divinos Céu e Terra, são os difusores de felicidade a todos, incentivadores da verdade, capazes de sustentar a água (das chuvas), auspiciosos de nascimento, e enérgicos (em ação); no intervalo entre os quais procede o Sol puro e divino para (a execução) de seus deveres.

**2.** Amplamente espalhados, vastos, desconectados, o pai e a mãe (de todos os seres), eles dois preservam os mundos. Resolutos, como se (para o bem) dos (seres) encarnados, são o Céu e a Terra, e o pai envolveu todas as coisas com formas (visíveis).

**3.** O filho puro e resolutos (desses) pais, o portador (de recompensas),<sup>1</sup> santifica os mundos por sua inteligência; bem como a vaca leiteira (a terra), e o touro vigoroso (o céu), e diariamente ordenha o leite transparente (do céu).

**4.** Ele é, entre os deuses (o mais divino), entre os trabalhos (piedosos) o mais piedoso, que deu origem aos todo-encantadores céu e terra; que mediu os dois, e, por causa dos ritos sagrados, os sustentou com pilares imperecíveis.

**5.** Glorificados por nós, concedam-nos, Céu e Terra, alimento abundante e grande força; pelos quais nós possamos multiplicar a humanidade diariamente; concedam-nos vigor louvável.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 161 \(Wilson\)](#)

## Hino 160. Céu e Terra (Griffith)

**1.** Esses, o Céu e a Terra, dão prosperidade a todos, sustentadores da região, Santos e sábios, duas Tigelas<sup>2</sup> de espécie nobre: entre essas Deusas o Deus, o Sol fulgurante, viaja por decreto fixo.

**2.** Par amplamente espaçoso, poderoso, que nunca falha, o Pai e a Mãe mantêm todas as criaturas seguras; as duas metades do mundo, os animados, os belos, porque o Pai<sup>3</sup> os vestiu em formas agradáveis.

**3.** Filho desses Pais,<sup>4</sup> ele o Sacerdote com poder de purificar, Sábio, santifica os mundos com seu poder insuperável. Além disso por seu leite brilhante<sup>5</sup> ele ordenhou durante todos os dias a Vaca de várias cores e o Touro prolífico.

**4.** Entre os Deuses hábeis o mais habilidoso é ele,<sup>6</sup> que fez as duas metades do mundo que trazem prosperidade para todos; que, com grande sabedoria mediu ambas as regiões, e as estabeleceu com pilares que nunca decairão.

<sup>1</sup> *Sa vahniḥ putraḥ pitroḥ*, o termo *vahni* pode sugerir que o Fogo, ou Agni, foi aqui mencionado, mas a filiação aludida nesse verso e no anterior é aquela de Āditya, o Sol, e *vahni* é apenas um epíteto: o portador das recompensas de ritos piedosos.

<sup>2</sup> Assim chamados por causa de sua aparência hemisférica.

<sup>3</sup> Dyaus, ou talvez Tvaṣṭar.

<sup>4</sup> O Sol, a prole do Céu e da Terra.

<sup>5</sup> Ele tem extraído o orvalho como o leite da sua mãe Terra, e obtido sua luz do Céu seu pai.

<sup>6</sup> Sāyaṇa observa que tendo magnificado o Céu e a Terra por louvar o filho deles, o poeta agora os magnifica por louvar o criador deles. Veja Muir, *Original Sanskrit Texts*, V. 30.

5. Glorificados em canção, ó Céu e Terra, concedam-nos, ó Par poderoso, grande glória e eminente domínio senhorial, pelos quais nós possamos nos estender sempre sobre o povo; e enviem-nos a força que merecerá o louvor dos homens.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 161 \(Griffith\)](#)

## Hino 161. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta V)

Os Ṛbhus são os deuses; Dīrghatamas ainda é o Ṛṣi; a métrica é Jagatī; exceto na última estrofe, na qual ela é Triṣṭubh.

Varga 4. **1.** É o nosso mais velho ou o nosso mais novo que veio (a nós)?; ele vem em uma mensagem (dos deuses)?; o que é que nós devemos dizer? Agni, irmão, nós não insultamos a concha que é de espécie exaltada; realmente nós afirmamos a dignidade do (utensílio) de madeira.<sup>1</sup>

**2.** Tornem quádrupla a única concha, assim os deuses os ordenam, e para esse propósito eu vim, filhos de Sudhanvan; se vocês realizarem isso, vocês terão direito a sacrifícios junto com os deuses.

**3.** Então eles disseram, em resposta a Agni, o mensageiro (dos deuses): O que quer que deva ser feito, se um cavalo deve ser feito, ou um carro deve ser feito, ou uma vaca deve ser feita, ou os dois (pais idosos) devem ser tornados jovens,<sup>2</sup> – tendo feito todos esses (atos), Irmão Agni, nós estamos prontos então para fazer (o que você deseja) que seja feito.

**4.** Assim fazendo, Ṛbhus, vocês perguntaram: Onde, de fato, está aquele que veio até nós como um mensageiro? Quando Tvaṣṭṛ observou aquela única concha tornar-se quatro, ele ficou imediatamente perdido entre as mulheres.<sup>3</sup>

**5.** Quando Tvaṣṭṛ disse: Vamos matar aqueles que profanaram a concha, (projetada) para a bebida dos deuses; então eles fizeram uso de outros nomes uns para os outros, quando a libação foi derramada;<sup>4</sup> e a donzela (mãe)<sup>5</sup> os propiciou por diferentes denominações.

Varga 5. **6.** Indra tem seus cavalos ajaezados; os Aśvins atrelaram seu carro; Bṛhaspati aceitou a (vaca) que tem todas as formas; portanto, Ṛbhu, Vibhva, e Vāja, vão até os deuses, fazedores de boas ações, desfrutam da sua parte sacrificial.

**7.** Filhos de Sudhanvan, de uma (vaca) sem pele vocês formaram uma viva; por seus atos extraordinários vocês fizeram seus pais idosos jovens; a partir de um cavalo vocês fabricaram outro; atrelem agora o seu carro, e se dirijam até os deuses.

<sup>1</sup> Segundo a lenda citada pelo comentador, os três Ṛbhus estando empenhados em um sacrifício, e prestes a beber o suco *Soma*, os deuses enviaram Agni para ver o que eles estavam fazendo; observando que eles se assemelhavam exatamente entre si, Agni assumiu a forma semelhante, e é a isso que a estrofe se refere ao chamá-lo de irmão, e ao questionar sua idade comparativa; um propósito da visita de Agni é afirmado no verso seguinte ser a ordem de converter a única colher ou concha, *camasa*, usada para beber o suco *Soma*, ou para libações, em quatro. Veja 1.20.6, [nota 9].

<sup>2</sup> Esses prodígios foram relatados nos hinos anteriores dos Ṛbhus. Veja os *Sūktas* 20; 110; e 111.

<sup>3</sup> *Ghnāsu antar nyānaje*. *Gnā* é um sinônimo de *Strī*, mas em que sentido ele é aqui utilizado não está muito evidente; Sāyaṇa explica a frase como: ele, Tvaṣṭṛ, se julgou uma mulher, isto é, ele se sentiu humilhado, tão fraco quanto uma mulher.

<sup>4</sup> De acordo com o comentador, essa lenda representa a origem dos nomes dos principais sacerdotes oficiantes: para escapar da indignação de Tvaṣṭṛ, os Ṛbhus assumiram os títulos de *Adhvaryu*, *Hotṛ* e *Udgātṛ*, pelos quais um indivíduo empenhado em funções sacerdotais em um sacrifício deve ser sempre tratado, e nunca pelo seu próprio nome.

<sup>5</sup> A causa do termo *kanyā*, uma donzela, não é explicada; Sāyaṇa o explica como ‘uma mãe auto-geradora’.

8. Eles (os deuses), disseram, Filhos de Sudhanvan, bebam desta água, (o suco *Soma*); ou bebam o que foi filtrado através da grama *Muñja*; ou se vocês não ficarem satisfeitos com nenhum desses, fiquem alegres (pelo que é bebido) no terceiro sacrifício (diário).<sup>6</sup>

9. As Águas são as mais excelentes, disse um (deles); Agni é o mais excelente, disse outro; o terceiro declarou para muitos a Terra<sup>7</sup> (como sendo a mais excelente), e desse modo falando coisas verdadeiras os Ṛbhus dividiram a concha.

10. Um derrama a água vermelha (o sangue), sobre o solo; um corta a carne, dividida em pedaços pelo cutelo; e um terceiro separa o excremento das outras partes;<sup>8</sup> de que maneira os pais (do sacrifício)<sup>9</sup> podem prestar assistência aos seus filhos?

Varga 6. 11. Ṛbhus, líderes (das chuvas),<sup>10</sup> vocês fizeram a grama a crescer sobre os lugares altos; vocês fizeram as águas fluírem sobre os lugares baixos; para (a promoção de) boas obras; como vocês repousaram por um tempo na casa do inapreensível (sol),<sup>11</sup> assim não desistam hoje do (desempenho) dessa (sua função).<sup>12</sup>

12. Enquanto vocês planam envolvendo as regiões (em nuvens), onde, então, estão os pais (do mundo)?<sup>13</sup> Amaldiçoem aquele que prende o seu braço; respondam severamente àquele que fala desrespeitosamente (a vocês).<sup>14</sup>

13. Ṛbhus, repousando no orbe solar, vocês perguntam, Quem nos desperta, inapreensível (Sol), para esse ofício (de enviar chuva)? O Sol responde, Aquele que desperta é o vento;<sup>15</sup> e o ano (estando terminado), vocês hoje iluminam novamente esse (mundo).<sup>16</sup>

14. Os Filhos da Força, os Maruts, desejosos da sua chegada, avançam do céu; Agni vem (para encontrá-los) da terra; o vento atravessa o firmamento; e Varuṇa vem com Águas ondulantes.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 162 \(Wilson\)](#)

<sup>6</sup> As duas primeiras alternativas sugerem que os Ṛbhus podem ser participantes das libações oferecidas no amanhecer ou ao meio-dia; a terceira se aplica ao sacrifício da tarde; o direito dos Ribhus a compartilhar do qual é reconhecido em outro lugar. Veja 1.20.5 [nota 8].

<sup>7</sup> O comentador diz que *vadharyantīm* significa ou a linha das nuvens ou a terra.

<sup>8</sup> Os Ṛbhus são aqui identificados com os sacerdotes empregados no sacrifício de uma vítima.

<sup>9</sup> É dito que aqui 'os pais', *pitarā*, quer dizer o instituidor do sacrifício e sua esposa.

<sup>10</sup> Ao longo das estrofes restantes os Ṛbhus são identificados com raios do sol, como os instrumentos da chuva e as causas da fertilidade; Sāyaṇa cita Yāska como sua autoridade, – *Āditya-rasmayo api Ṛbhava uchante*. – Nir. xi. 16.

<sup>11</sup> *Aghohyasya gr̥he: agohya* é também, sob a autoridade do *Nirukta*, um nome do sol; que não pode ser escondido, *agūhaniya*; ou, de acordo com Sāyaṇa, *agrahaniya*, que não pode ser apreendido; literal ou metaforicamente.

<sup>12</sup> *Idam nānugachatha*: Sāyaṇa explica o verbo composto, *anusrtya na gachatha*, tendo chegado, não vão embora sem fazer isso, *idam*, seu ofício de mandar chuva por um período tão longo quanto vocês repousam no orbe solar; a explicação de Yāska, seguindo Aṅgira, parece ser um truísmo, – enquanto vocês estão lá, vocês não estão aqui.

<sup>13</sup> O sol e a lua, os protetores do mundo, os quais, durante as chuvas, são escondidos pelas nuvens.

<sup>14</sup> *Yah prābravit pro tasma abravīta*: *pra* prefixado a *brū* pode significar ou falar duramente ou gentilmente, censurar ou louvar.

<sup>15</sup> *Śvānam bodhayitāram* pode ser interpretado, 'o despertador é o cão'; mas o comentador explica *śvānam* por *antarikṣa svapantam vāyām*, aquele que repousa no firmamento, o vento,

<sup>16</sup> *Samvatsare idam adyā vyakhyata*, vocês tornaram esse mundo hoje luminoso, depois que o ano terminou; isto é, a estação chuvosa tendo passado, os raios do sol e da lua são novamente visíveis.

## Hino 161. Ṛbhus (Griffith)

1. Por que o Melhor, por que vos o Mais Jovem veio a nós? Em qual missão ele vem? O que nós dissemos?<sup>17</sup> Nós não censuramos o cálice de nascimento ilustre. Nós, Irmão Agni, louvamos a bondade da madeira.
2. O cálice<sup>18</sup> que é único vocês transformem em quatro: assim os Deuses ordenaram, por isso eu vim. Se, ó Filhos de Sudhanvan, vocês fizerem isso vocês participarão de sacrifício com Deuses.
3. O que para o enviado Agni vocês falaram em resposta: Um corcel deve ser feito, uma carruagem moldada aqui, uma vaca deve ser criada, e o Par tornado jovem.<sup>19</sup> Quando nós fizemos essas coisas, Irmão, nós nos voltamos para você.
4. Quando assim, ó Ṛbhus, vocês tinham feito, vocês questionaram desta maneira: Aonde foi aquele que veio até nós como um mensageiro? Então Tvaṣṭar,<sup>20</sup> quando ele viu os quatro cálices forjados, escondeu-se entre as Consortes dos Deuses.
5. Quando Tvaṣṭar assim falou: Vamos matar esses homens que insultaram o cálice, a taça dos Deuses, eles deram-se novos nomes<sup>21</sup> quando o suco Soma foi derramado, e sob esses novos nomes a Donzela<sup>22</sup> os acolheu.
6. Indra atrelou seus Baios, o carro dos Aśvins está equipado com cavalos, Bṛhaspati trouxe a vaca de todas as cores.<sup>23</sup> Vocês foram como Ṛbhus, Vibhvan, Vāja aos Deuses, e hábeis na guerra, obtiveram a sua parte no sacrifício.
7. Vocês por sua sabedoria produziram uma vaca a partir de uma pele; para o Par antigo vocês deram novamente sua juventude. De um cavalo, Filhos de Sudhanvan, vocês formaram um cavalo; vocês equiparam um carro, e foram até os Deuses.
8. Bebam essa água, foram as palavras que vocês lhes falaram; ou bebam isso, os resíduos da grama Muñja.<sup>24</sup> Se vocês não aprovam nem isso, Filhos de Sudhanvan, então se alegrem na terceira libação.
9. As mais excelentes são as águas, assim falou um de vocês; o mais excelente é Agni, assim disse outro. Outro louvou para muitos a nuvem de relâmpagos. Então vocês moldaram os copos, falando as palavras verdadeiras.<sup>25</sup>
10. Um empurra para baixo para a água a vaca mutilada, outro prepara a carne trazida na tábua de trinchar. Um leva para fora o refugio no pôr do sol.<sup>26</sup> Como os Pais ajudaram<sup>27</sup> seus filhos em sua tarefa?
11. Nos lugares altos vocês fizeram a grama para o homem, e a água nos vales, por sua habilidade, ó Homens. Ṛbhus, vocês não repetem hoje aquele seu ato, o seu sono na casa daquele a quem nada pode esconder.<sup>28</sup>

<sup>17</sup> Os irmãos perguntam a Agni por que ele vem a eles.

<sup>18</sup> Veja 1.20.6.

<sup>19</sup> Veja 1.20.2,3,4 e 1.110 e 1.111.

<sup>20</sup> Representado como se escondendo por vergonha entre as Deusas – provavelmente as Águas Celestiais – quando ele viu essa alteração de seu trabalho, e com raiva propondo matar os Ṛbhus que o tinham desonrado dessa maneira.

<sup>21</sup> Provavelmente Ṛtus, Estações, em lugar de Ṛbhus. – Ludwig.

<sup>22</sup> Aparentemente a filha de Tvaṣṭar, significando, talvez, como Ludwig sugere, a primeira Aurora do ano, da qual Tvaṣṭar é o Deus.

<sup>23</sup> A terra fecunda restaurada à juventude pelos Deuses e as Estações.

<sup>24</sup> Ou o suco Soma que foi filtrado através de um coador feito daquela grama. [Veja a nota 6.]

<sup>25</sup> O significado desses ditados nesse lugar não está claro.

<sup>26</sup> A restauração à juventude dos Pais idosos, Céu e Terra, parece ser descrita simbolicamente sob a imagem de um sacrifício.

<sup>27</sup> Fracos e esgotados com a idade eles eram incapazes de dar qualquer auxílio.

<sup>28</sup> Na mansão do Sol, a quem os Ṛbhus foram para obter imortalidade. Nessa e nas estrofes restantes, segundo Sāyaṇa, os Ṛbhus são identificados com os raios do sol.

**12.** Como, cercando-os em volta, vocês deslizaram através dos mundos, onde os Pais veneráveis tinham sua residência? Vocês puseram uma maldição sobre aquele que levantou seu braço para vocês; para aquele que lhes falou alto vocês falaram em resposta.

**13.** Quando vocês tinham dormido<sup>29</sup> o suficiente, ó Ṛbhus, vocês perguntaram desse modo, Ó tu a quem nada pode esconder, quem agora nos despertou? O bode declarou que o cão foi aquele que os despertou.<sup>30</sup> Naquele dia, em um ano inteiro, vocês abriram pela primeira vez os nossos olhos.

**14.** Os Maruts se movem no céu, na terra este Agni; no meio do firmamento o Vento se aproxima. Varuṇa vem nas águas reunidas do oceano, ó Filhos da Força,<sup>31</sup> desejosos da sua presença.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 162 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>29</sup> Na mansão do Sol.

<sup>30</sup> O sentido é obscuro. A interpretação de Sāyaṇa é 'o Sol respondeu que aquele que despertou foi o vento'.

<sup>31</sup> Ó Ṛbhus poderosos.

## Hino 162. O Cavalo (Wilson)

(Sūkta VI)

O assunto desse hino e do seguinte sendo o Áśvamedha, ou sacrifício do Cavalo, a vítima, ou cavalo, é considerado como a divindade; o Ṛṣi é Dīrghatamas; a métrica é Triṣṭubh, exceto na terceira e sexta estrofes, nas quais ela é Jagatī.

Varga 7. **1.** Que nem Mitra, nem Varuṇa, Aryaman, Āyu,<sup>1</sup> Indra, Ṛbhukṣin,<sup>2</sup> nem os Maruts, nos censurem; quando nós proclamarmos no sacrifício as virtudes do cavalo veloz surgido dos deuses.<sup>3</sup>

**2.** Quando eles (os sacerdotes), trazem a oferenda preparada<sup>4</sup> para a presença (do cavalo), que foi banhado e enfeitado com ricos (arreios), o bode várias cores que fica diante dele, berrando, torna-se uma oferenda aceitável para Indra e Pūṣan.<sup>5</sup>

**3.** Esse bode, a porção de Pūṣan,<sup>6</sup> adequado para todos os deuses, é trazido primeiro com o corcel veloz, para que Tvaṣṭṛ<sup>7</sup> possa prepará-lo junto com o cavalo, como uma oferenda preliminar aceitável para o alimento (sacrificial).<sup>8</sup>

**4.** Quando os sacerdotes na época (da cerimônia) conduzem o cavalo, a oferenda dedicada aos deuses, três vezes em volta (do fogo sacrificial); então o bode,<sup>9</sup> a parte de Pūṣan, vai primeiro, anunciando o sacrifício aos deuses.

**5.** O invocador dos deuses, o ministro do rito, o oferecedor da oblação, o acendedor do fogo, o esmagador da planta *Soma*, o diretor da cerimônia, o sábio (superintendente do todo);<sup>10</sup> vocês reabastecem os rios<sup>11</sup> por meio desse sacrifício bem ordenado, bem conduzido.

<sup>1</sup> De acordo com ambos os comentadores, Sāyaṇa e Mahīdhara, esse é um sinônimo de Vāyu.

<sup>2</sup> Normalmente um sinônimo de Indra, mas os comentadores sugerem que aqui ele significa *Prajāpati*, em quem os Ṛbhus, ou os *Devas*, residem.

<sup>3</sup> *Devajatasya* também pode implicar, de acordo com Sāyaṇa, nascido como o símbolo de várias divindades, que, de acordo com alguns textos, são identificadas com diferentes partes, como Uṣas, a Alvorada, sua cabeça, etc., como citado pelo Sr. Colebrooke do *Taittirīya Yajush*, As. Res. VIII. 423; ou a alusão se refere a uma lenda da origem dele a partir do sol, ou diretamente, ou através da ação dos *Vasus*, como na segunda estrofe do próximo *Sūkta*.

<sup>4</sup> *Ratiṃ ghr̥bhītām*, literalmente, a riqueza apanhada, a oferenda a ser feita para o cavalo; Mahīdhara, segundo Kātyāyana, diz, os restos da oferenda queimada feita na noite anterior devem ser dados ao cavalo.

<sup>5</sup> Sāyaṇa considera Pūṣan nessa e na próxima passagem, onde ele é citado, sinônimo de Agni; e isso é consistente com a instrução que ordena que o bode seja amarrado à frente do cavalo no poste sacrificial; tal bode, de pescoço preto, *kṛṣṇagrīva*, sendo sempre considerado como um *Āgneya paśu*, ou vítima sagrada para Agni, e para ser oferecida a ele. – *Kātyāyana Sūtra*, 98, etc. Um bode preto também é dedicado a Pūṣan, junto com *Soma* – *Yajush*, xxix. 58; mas ele deve ser atado ao *nābhi*, ou meio do cavalo – *Yajush*, xxiv. 1; e de acordo com Mahīdhara, ambos os bodes devem compartilhar do alimento dado ao cavalo. No *Ṛc*, no entanto, apenas um bode, e esse dedicado a Pūṣan, é mencionado: os sacrifícios mais complicados do *Yajush* e dos *Sūtras* podem ser de data posterior.

<sup>6</sup> Ele deve ser oferecido em sacrifício a Pūṣan ou Agni.

<sup>7</sup> Tvaṣṭṛ é aqui chamado, por Sāyaṇa, de *sarvasyotpādaka*, o produtor de todas as formas; ou ele pode aqui ser um nome de Agni; Mahīdhara diz, de *Prajāpati*.

<sup>8</sup> *Puroḍāśam* é geralmente uma oferenda de bolos e manteiga, mas é aqui explicado como *purastād-dātavyam*, ‘aquilo que deve ser oferecido primeiro’.

<sup>9</sup> O bode deve ser imolado primeiro.

<sup>10</sup> Essas designações são aplicadas a oito dos dezesseis sacerdotes empregados em ritos solenes; os dois primeiros, o *Hotṛ* e *Adhvaryu*, são familiares para nós; o *Avayaj* pode ser o *Pratiprasthātṛ*, que traz e coloca a oferenda; *Agnimindha* é o *Agnīdh*, o acendedor do fogo; o próximo é denominado *Grāvagrābhā*, o louvador das pedras que moem a planta *Soma*, ou aquele que usa as pedras para esse propósito; o seguinte é chamado de *Śanstr*, a mesmo que o *Praśāstr*; e o último, o *Suvipra*, é considerado como o *Brahmā*: esses substantivos não têm governo direto, porque o verbo passa de repente para a segunda pessoa do plural, *āpr̥ṇadhvam*.

Varga 8. **6.** Sejam aqueles que cortam o poste (sacrificial),<sup>12</sup> ou aqueles que carregam o poste, ou aqueles que prendem os anéis no topo do poste, ao qual o cavalo (é amarrado); ou aqueles que preparam os recipientes nos quais o alimento do cavalo é preparado; que os esforços de todos eles satisfaçam as nossas expectativas.

**7.** Que o meu desejo seja por si só realizado, tal como ele foi nutrido, que o corcel de costas lisas venha para (satisfazer) as expectativas dos deuses; nós o fizemos bem seguro para o nutrimento dos deuses, que os sábios santos agora se regozijem.

**8.** Que o cabresto e as cordas das patas traseiras do corcel veloz,<sup>13</sup> e as cordas da cabeça, as cilhas e quaisquer outras (partes do arreio); e a grama que foi colocada em sua boca; que todos esses estejam contigo, (cavalo), entre os deuses.

**9.** Todos os insetos que possam comer da carne crua do cavalo; toda (a banha) que é espalhada sobre a escova ou sobre o machado;<sup>14</sup> (que cobre) as mãos ou as unhas do imolador, que todos esses estejam contigo, (cavalo), entre os deuses.

**10.** Toda a grama não digerida que caia da sua barriga; toda partícula<sup>15</sup> de carne crua que possa restar; que os imoladores façam o todo livre de defeitos, e assim a cozinhem a (oferenda) pura para que ela possa ser preparada perfeitamente.<sup>16</sup>

Varga 9. **11.** Qualquer (parte) do teu (corpo) morto que caia da tua carcaça quando ela está sendo assada pelo fogo, (escapando) do espeto;<sup>17</sup> que ela não seja deixada no chão, nem sobre a grama (sagrada), mas que ela (toda) seja dada aos deuses ansiosos.

**12.** Que os esforços deles sejam para o nosso bem, que observamos o cozimento do cavalo; que dizemos, Isso está cheiroso, portanto deem-nos um pouco;<sup>18</sup> que pedimos a carne do cavalo como esmola.

<sup>11</sup> *Vakṣaṇā āpṛṇadhvam, nadīḥ purayata*; encham os rios; a consequência do sacrifício sendo chuva e fertilidade; ou pode significar oferecer rios de manteiga, leite, coalhos, e semelhantes.

<sup>12</sup> Vinte e um postes, de diferentes tipos de madeira, cada um com vinte e um cúbitos de comprimento, devem ser levantados, aos quais os diferentes animais devem ser amarrados, chegando a trezentos e quarenta e nove, além de duzentos e sessenta e animais silvestres, fazendo ao todo seiscentos e nove, de acordo com Kātyāyana; uma enumeração semelhante ocorre no *Rāmāyaṇa*, livro 1, cantos xii. xiii.; mas o texto não é fundamento para tal multiplicação, e parece como se um único poste fosse aludido: quando a palavra ocorre não composta ela está no singular; *caṣālam ye asvayūpāya takṣati*: *caṣāla* é dada no *Amarakośa*, e é explicada pela maior parte dos comentadores como um aro de madeira, ou bracelete, no topo do poste sacrificial; alguns mencionam também autoridade para ele ser um anel de ferro na base do poste.

<sup>13</sup> *Dāma* é explicado, uma corda presa em volta do pescoço do cavalo, *sandāna*, uma que prende seus pés; o modo no qual cavalos são comumente amarrados na Índia.

<sup>14</sup> *Svarau svadhītau riptam*, por *liptam*, untada; a carne que é untada, de acordo com Mahīdhara; mas Sāyaṇa sugere, em relação ao primeiro termo, unguento com o qual o animal é ungido; *svaru* é o utensílio usado na unção; *svaruṇā paśum anakti*; a partir da sua ligação com o seguinte, no entanto, é mais provável que banha ou gordura era para ser indicada; *svadhīti* normalmente significa machado; ele é aqui explicado elipticamente, *chedana kāle*, ou *avadānakāle*, na hora de cortar ou dissecar, mas é em outros lugares interpretado corretamente, *avadāna-sādhana*, o instrumento de dissecar, ou *paśuchedana sādhana asih*, uma espada ou uma faca, o instrumento de cortar a vítima. Na *Nīti-mañjarī* um texto é citado, no qual os sacrificadores são chamados de *Vaiśṇavas*: 'Felizes são os *Vaiśṇavas*, que adoram os deuses com a carne consagrada de um animal, aderindo às unhas e as mãos do imolador, e comida por insetos'.

<sup>15</sup> *Gandhah*, mas aqui explicada por *leśah*, uma pequena parte.

<sup>16</sup> *Medham śṛtapākam pacantu*, que eles cozinhem a carne pura com cozimento perfeito; tal que possa torná-la adequada para os deuses, e não demais ou muito pouco, como pode ser adequado para *pitṛs* e homens, é a explicação dos dois anotadores.

<sup>17</sup> *Ghātrād agninā pacyamānah-abhi sūlam*; no verso anterior, *śṛtapākam* significa fervura, e a especificação de *ukhā*, uma panela ou caldeirão, no décimo terceiro verso, é no mesmo sentido; o que está bastante em desacordo com a utilização do *sūla*, ou espeto; como as expressões, no entanto, são inequívocas, nós devemos concluir que parte era cozida e parte assada; Sāyaṇa sugere que a parte que cai pode ser o *rasa*, o gotejamento, que é para ser recebido sobre a grama *darbha*, para depois ser provavelmente jogado no fogo.

<sup>18</sup> *Ya im āhuḥ surabhir-nirhareti* é explicado por Sāyaṇa, 'que dizem disso: está cheiroso, portanto deem-nos um pouco', ou pode significar, a deem aos deuses; *nirhara*, tirar, ou dar, não tendo regência. Mahīdhara conseqüentemente entende

**13.** A vara que é mergulhada no caldeirão no qual a carne é fervida;<sup>19</sup> os recipientes que distribuem o caldo;<sup>20</sup> as tampas dos pratos,<sup>21</sup> os espetos,<sup>22</sup> as facas,<sup>23</sup> todos honram o (cavalo).

**14.** Que o lugar de partir, de permanecer, de rolar no chão; a amarração do pé do cavalo, (a água) que ele bebeu, a grama que ele comeu; – que todos esses sejam teus entre os deuses.

**15.** Que Agni com cheiro de fumaça não te faça, (cavalo), proferir som;<sup>24</sup> que o caldeirão incandescente, cheiroso (com seus conteúdos), não seja derrubado; os deuses aceitam um cavalo que foi escolhido (para sacrifício); que foi conduzido (em volta do fogo); que foi oferecido com devoção, e que foi consagrado pela (exclamação), *Vaṣaṭ*.

Varga 10. **16.** O tecido que eles espalham como uma cobertura para o cavalo;<sup>25</sup> os (arreios) dourados (com os quais eles o decoram), as cordas da cabeça, as cordas do pé, – todos esses eles oferecem como aceitáveis para os deuses.

**17.** Quem quer que tenha te incitado nos teus passos, ou com o calcanhar ou com o chicote, enquanto resfolegando em tua força, – todas essas (vexações) eu derramo com prece sagrada, como oblações com a concha.

**18.** O machado penetra nas trinta e quatro costelas do cavalo veloz;<sup>26</sup> os amados dos deuses, (os imoladores), cortam (o cavalo) com habilidade, de modo que os membros não possam ser perfurados,<sup>27</sup> e recapitulando junta por junta.

**19.** Há um imolador do cavalo radiante, que é o Tempo;<sup>28</sup> há dois que o seguram firmemente;<sup>29</sup> aqueles dos teus membros que eu corto no devido tempo, eu os ofereço, transformados em bolos (de carne), ao fogo.

**20.** Que o teu corpo precioso não aflija a ti, que estás indo de fato (para os deuses); que o machado não se demore em teu corpo; que o (imolador) ganancioso e inábil, errando os membros, não mutile os teus membros desnecessariamente com sua faca.

**21.** Na verdade nesse momento tu não morres; nem tu és ferido; pois tu vais até os deuses por caminhos auspiciosos. Os cavalos de Indra, os corcéis dos Maruts serão atrelados (aos

que isso significa, ‘o cheiro mostra que ela está cozida suficientemente, retirem-na do fogo’; ou, ele diz, os deuses, percebendo isso, e impacientes com a demora, podem exclamar: Deem-nos; a frase seguinte, porém, *ye cārvato māṃsabhiḥṣām upāsata*, aqueles que pedem a carne do cavalo como esmola, não deixa dúvida que os mortais são citados, que se alimentam de carne de cavalo quando oferecida em sacrifício.

<sup>19</sup> Um pedaço de madeira, um utensílio para testar se o cozimento está efetuado.

<sup>20</sup> Os recipientes que são aspersores do suco cozido, ou caldo.

<sup>21</sup> *Uṣmanyāpidhānā*, coberturas que confinam o calor; Mahīdhara. Sāyaṇa as separa, fazendo da primeira, recipientes para confinar o calor, e da segunda, as coberturas dos pratos.

<sup>22</sup> *Ankā*, tiras de cana; *vetasaśākhā*, para marcar os membros do cavalo como eles devem ser dissecados; de acordo com Kātyāyana, *Sūtra* 155, isso deve ser feito pelas rainhas, ou esposas do sacrificador, e seus assistentes, com cento e uma agulhas ou espetos, os quais podem ser de ouro, prata, ou ferro, ou outro metal, assim embelezado; isso é um refinamento evidente do material simples utilizado originalmente.

<sup>23</sup> Utensílios de dissecação, o *svadhiti*, e outros.

<sup>24</sup> Isso pode ser dirigido ao cavalo antes de ele ser morto, porque uma cerimônia expiatória é necessária se ele relinchar ao se aproximar do fogo; isso pode, todavia, ser considerado como dirigido aos seus membros em processo de cozimento, para desejar que eles não ferverem muito alto, ou seja, muito rápido, para que o fogo não rache o caldeirão.

<sup>25</sup> Na hora de executá-lo, de acordo com Sāyaṇa; o *adhivāsa* dos *Sūtras*, Kāt. 145, é, aparentemente, uma cortina ou tela, atrás da qual a rainha principal fica a noite toda ao lado do cavalo.

<sup>26</sup> De acordo com os comentadores, os outros animais têm somente vinte e seis costelas. [Veja a nota 43.]

<sup>27</sup> *Achidrā ghātrā*: os *visasanakartārah*, ou dissecadores, devem citar as partes, como, coração, língua, peito, enquanto eles as dividem; e assim devem separá-las de modo que elas não possam ter furos ou perfurações, para que elas não possam ser cortadas ou mutiladas.

<sup>28</sup> *Rtuḥ*, propriamente estação; por metonímia, tempo; ou, de acordo com Mahīdhara, Prajāpati, como uno com o tempo.

<sup>29</sup> Dia e Noite, ou Céu e Terra.

seus carros) e um corcel será colocado na lança do asno dos Ásvins (para te levar para o céu).<sup>30</sup>

**22.** Que esse cavalo traga para nós riqueza que sustenta a todos, com abundância de vacas, de cavalos excelentes, e de filhos homens; que o corcel animado<sup>31</sup> nos traga isenção da maldade; que esse cavalo, oferecido em oblação, obtenha para nós força corpórea.<sup>32</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 163 \(Wilson\)](#)

## Hino 162. O Cavalo (Griffith)

**1.** Não nos desprezem Varuṇa, Aryaman, ou Mitra, Ṛbhukṣan,<sup>33</sup> Indra, Āyu<sup>34</sup> ou os Maruts, quando nós declaramos em meio à congregação<sup>35</sup> as virtudes do Corcel forte, descendente dos Deuses.<sup>36</sup>

**2.** Quando eles levam diante do Corcel, coberto com arreios e com riqueza, a oblação apreendida,<sup>37</sup> o bode malhado<sup>38</sup> vai direto, balindo, para o lugar querido para Indra e para Pūṣan.<sup>39</sup>

**3.** Querido para todos os Deuses, esse bode, a parte de Pūṣan, é levado primeiro adiante com o Corcel vigoroso, enquanto Tvaṣṭar o envia para frente com o Cavalo de batalha, aceitável para sacrifício, para a glória.

**4.** Quando os homens guiam em volta três vezes, em ordem, o Corcel que vai aos Deuses<sup>40</sup> como oblação adequada, o bode o precede, a parte de Pūṣan, e para os Deuses anuncia o sacrifício.

**5.** Invocador, sacerdote ministrante, reconciliador, acendedor de fogo, espremedor de Soma, sábio, recitador,<sup>41</sup> com este sacrifício bem ordenado, bem concluído, encham totalmente<sup>42</sup> os canais dos rios.

<sup>30</sup> A primeira metade dessa estrofe ocorre no *Yajush*, XXIII. 26; e o todo como em XXV. 44. [Veja também a nota 47.]

<sup>31</sup> Aditi é explicado pelos comentadores como ‘não abatido ou inferior’, *adīna*, como um epíteto de *aśva*.

<sup>32</sup> Embora algumas das expressões sejam obscuras, e talvez contraditórias, contudo é inegável que o hino descreve o sacrifício real de um cavalo, a posterior dissecação de seus membros, a fervura em parte e assadura em parte da carne dele, o oferecimento de parte, com fogo, para os deuses, e o consumo de uma parte pelas pessoas presentes; não há nenhuma indicação óbvia, no entanto, do mesmo cerimonial que é descrito no texto do *Yajush* ou *Sūtras* de Kātyāyana, ou mesmo no *Rāmāyaṇa*, e que evidentemente pertence a uma condição de costumes posterior e mais corrompida; mesmo como ele ocorre no texto, ele parece mais digno de citas bárbaros do que de hindus civilizados, e possivelmente pode ter se originado com os primeiros.

<sup>33</sup> Um nome de Indra, como senhor dos Ṛbhū.

<sup>34</sup> Dito por ambos os comentadores, Sāyaṇa e Mahīdhara, ser usado aqui em lugar de Vāyu, o Deus do Vento. Āyu é provavelmente Agni.

<sup>35</sup> Em sacrifício.

<sup>36</sup> Surgido dos Deuses, ou, segundo Sāyaṇa, nascido como símbolo de várias divindades.

<sup>37</sup> A oferenda que deve ser feita ao cavalo, e que foi pega dos restos da oferenda queimada feita na noite anterior.

<sup>38</sup> Esse bode deve ser amarrado ao cavalo no poste sacrificial.

<sup>39</sup> Sāyaṇa diz que Pūṣan aqui significa Agni.

<sup>40</sup> O objetivo do sacrifício é mandar o cavalo até os Deuses para que ele possa obter riqueza e outras bênçãos para seus sacrificadores.

<sup>41</sup> Essas são as designações de oito dos dezesseis sacerdotes empregados em ritos solenes. O *sábio*, (*suvipraḥ*, um sacerdote de conhecimento profundo) é o superintendente da cerimônia inteira.

<sup>42</sup> Obtêm abundância de chuva; ou talvez oferecem oblações em abundância.

- 6.** Os cortadores do poste e aqueles que o carregam, e aqueles que esculpem a saliência para enfeitar a estaca do Cavallo; aqueles que preparam os utensílios de cozinhar para o Corcel, – que a ajuda aprovadora desses promova o nosso trabalho.
- 7.** Adiante, para as regiões dos Deuses, o Cavallo de batalha com suas costas lisas chegou; a minha oração o acompanha. Nele se regozijem os cantores e os sábios. Um bom amigo nós ganhamos para o banquete dos Deuses.
- 8.** Que o cabresto do Corcel veloz e suas cordas das patas traseiras, a testeira e as cilhas e cordas em volta dele; e a grama colocada dentro da sua boca para atraí-lo, – entre os Deuses, também, que todos esses estejam contigo.
- 9.** Aquela parte da carne do Corcel que os insetos têm comido, ou é deixada grudada no poste ou machado, ou aderida às mãos e unhas do matador, – entre os Deuses, também, que tudo isso esteja contigo.
- 10.** Alimento não digerido fumegante da sua barriga, e qualquer odor de carne crua restante, isso que os imoladores ponham em ordem e arranjam o sacrifício com o cozimento perfeito.
- 11.** Aquilo que escorre do teu corpo o qual é assado com fogo, quando tu és colocado sobre o espeto, que aquilo não caia negligenciado no chão ou na grama, mas que seja todo oferecido aos deuses ansiosos.
- 12.** Aqueles que observam que o Cavallo está pronto chamam e dizem: o cheiro está bom, removam-no; e, desejando carne, aguardam a distribuição, – que o seu auxílio aprovador promova o trabalho.
- 13.** O garfo de teste do caldeirão de cozinhar carne, os recipientes a partir dos quais o caldo é aspergido, as panelas de aquecimento, as tampas dos pratos, ganchos, tábuas de trinchar, – todos esses acompanham o Cavallo de Batalha.
- 14.** O local de partida, o seu lugar de descanso e de rolamento, as cordas com as quais os pés do Cavallo de Batalha foram presos, a água que ele bebeu, a comida que ele provou, – entre os Deuses, também, que todos esses te acompanhem.
- 15.** Que o fogo, com cheiro de fumaça, não te faça estalar, nem o caldeirão ardente cheirar e se quebrar em pedaços. Oferecido, amado, aprovado e consagrado, – tal Cavallo de Batalha os deuses aceitam com benevolência.
- 16.** O manto que eles espalham sobre o Cavallo para cobri-lo, a cobertura superior e os arreios de ouro, os cabrestos que refreiam o Corcel, as cordas das patas traseiras, – todos esses, como aceitáveis para os Deuses, eles oferecem.
- 17.** Se alguém, quando sentado, com insistência excessiva te afligiu com seu calcanhar ou com seu chicote, todas essas tuas angústias, como com a concha de oblações em sacrifícios, eu elimino com a minha oração.
- 18.** As trinta e quatro costelas<sup>43</sup> do Veloz Cavallo de Batalha, parente dos Deuses, o machado do matador atravessa. Cortem com habilidade, para que as partes fiquem perfeitas, e as dissequem declarando-as peça por peça.<sup>44</sup>
- 19.** Do Cavallo de Batalha de Tvaṣṭar há um dissector, – esse é o costume – há dois que o guiam. Esses dos seus membros conforme eu divido em ordem, esses, em meio aos bolos,<sup>45</sup> no fogo eu ofereço.
- 20.** Que a tua alma querida não te queime<sup>46</sup> enquanto tu vens, que o machado não se demore no teu corpo. Que um imolador desajeitado ganancioso, errando as articulações, não mutila os teus membros indevidamente.

<sup>43</sup> Esse número das trinta e seis. Como o Cavallo Sacrificial é o símbolo dos céus, as trinta e quatro costelas representam o sol, a lua, os cinco planetas, e os vinte e sete *naksatras* ou asterismos lunares. Veja Ludwig, *Der Rgveda*, III. p. 186.

<sup>44</sup> Os disseectores devem citar as várias partes enquanto eles as dividem, cada parte sendo sagrada para uma divindade separada.

<sup>45</sup> A carne transformada em bolos.

<sup>46</sup> *Te queime*: te faça triste.

**21.** Não, aqui tu não morres, tu não és ferido: por caminhos fáceis aos Deuses tu vais. Ambos os Baios,<sup>47</sup> ambas as éguas manchadas são agora os teus companheiros, e à lança do asno o Cavalo de Batalha é atrelado.

**22.** Que esse Corcel nos traga riquezas que sustentem a todos, abundância de boas vacas, bons cavalos, descendentes varonis. Que Aditi nos conceda libertação do pecado; que o Corcel com nossas oblações ganhe domínio para nós!<sup>48</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 163 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>47</sup> Tu estás agora associado no céu com os dois cavalos baios de Indra, as duas éguas manchadas dos Maruts, e o asno que puxa a carruagem dos Ásvins.

<sup>48</sup> Uma descrição completa de um *Aśvamedha* ou Sacrifício de Cavalo em épocas posteriores pode ser encontrada no *Rāmāyaṇa*, Livro 1, Cantos 10-13.

## Hino 163. O Cavalo (Wilson)

(Sūkta VII)

O assunto desse hino é o mesmo que aquele do último, o sacrifício do cavalo; o R̥ṣi e a métrica são os mesmos.<sup>1</sup>

Varga 11. **1.** O teu grande nascimento, ó Cavalo, deve ser glorificado; seja surgindo primeiro do firmamento<sup>2</sup> ou da água, visto que tu relinchaste (auspiciosamente), pois tu tens as asas do falcão e os membros dos cervos.

**2.** Trita<sup>3</sup> atrelou o cavalo que foi dado por Yama; Indra montou primeiro nele, e Gandharba<sup>4</sup> pegou suas rédeas. Vasus, vocês fabricaram o cavalo a partir do sol.<sup>5</sup>

**3.** Tu, cavalo, és Yama; tu és Āditya; tu és Trita por um ato misterioso;<sup>6</sup> tu és associado com Soma. Os sábios disseram que há três amarrações<sup>7</sup> de ti no céu.

**4.** Eles disseram que três são as tuas amarrações no céu, três na terra,<sup>8</sup> e três no firmamento. Tu declaraste para mim, Cavalo, que és (uno com) Varuṇa, o que eles têm chamado de o teu nascimento mais excelente.

**5.** Eu vi, Cavalo, essas tuas (regiões) purificadoras; essas impressões dos pés de ti que compartilhas do sacrifício; e aqui as tuas rédeas auspiciosas, que são as protetoras do rito que as preserva.<sup>9</sup>

Varga 12. **6.** Eu reconheço em minha mente a tua forma de longe, indo da (terra) abaixo, por meio do céu, para o sol. Eu vejo a tua cabeça subindo no alto, e elevando-se rapidamente por caminhos desobstruídos, não manchada pela poeira.

**7.** Eu vejo a tua forma mais excelente vindo ansiosamente para (receber) teu alimento em teu lugar (sagrado) da terra; quando o teu acompanhante te traz para perto para desfrutar (das provisões), portanto, voraz, tu devoras a forragem.<sup>10</sup>

**8.** O carro te segue, ó Cavalo; homens te acompanham; gado te segue, o encanto das donzelas (serve) a ti; tropas de semideuses te seguindo têm procurado a tua amizade; os próprios deuses têm sido admiradores do teu vigor.

<sup>1</sup> Esse hino ocorre no *Yajush*, xxix. 12, 24.

<sup>2</sup> *Samudrāduta vā puriṣāt*; o comentador explica esses por *antarikṣa*, o firmamento, e *udaka*, água; *puriṣa*, Mahīdhara declara, também pode significar *paśu*; de acordo com Sāyaṇa, *samudra* aqui também pode significar o sol, como na estrofe seguinte.

<sup>3</sup> De acordo com ambos os comentadores, esse é um sinônimo de Vāyu, como permeando as três regiões; Yama é considerado por Sāyaṇa nesse lugar como um nome de Agni.

<sup>4</sup> *Soma*, de acordo com Sāyaṇa; *Viśvavasū* para Mahīdhara.

<sup>5</sup> Os Vasus podem ser as divindades anteriormente especificadas, ou semideuses assim chamados, os raios solares personificados; Mahīdhara entende *Sūra* como sendo equivalente a *Ādityamaṇḍala*, a esfera solar.

<sup>6</sup> Por um segredo da natureza de um dia nublado, ou um ato de caráter universalmente penetrante; as explicações não são muito óbvias.

<sup>7</sup> *Bandhanāni trīṇi*; Sāyaṇa explica como *utpatti karaṇāni*, meios de origem, isto é, os Vasus, Āditya, e o céu; Mahīdhara considera como aplicável ao cavalo sob a forma do sol, e esse como idêntico aos três *Vedas*, ou em alusão às três regiões através das quais ele irradia calor.

<sup>8</sup> *Trīṇyapsu*, mais propriamente, três nas águas; mas aqui referindo-se à terra habitável na qual as três amarrações do cavalo, ou melhor, do sol, do qual ele é o símbolo, são, de acordo com Sāyaṇa, alimento, local, semente; de acordo com Mahīdhara, lavoura, chuva, semente; no firmamento, elas são nuvem, relâmpago, trovão.

<sup>9</sup> Sāyaṇa propõe outra explicação, entendendo por *avamārjanāni*, a água com a qual o cavalo é aspergido; Mahīdhara, o junco, esteira, e outras coisas usadas na limpeza dele; *śaphānām nidhānā*, o lugar de sacrifício, ou o campo no qual ele é pastoreado; e pelos *raśanā ṛtasya gopā*, ou os guardas que tomam conta do cavalo, ou os sacerdotes.

<sup>10</sup> Como idêntico ao Sol, essas expressões se aplicam à sua aceitação das oblações oferecidas na cerimônia.

9. Sua crina é de ouro;<sup>11</sup> seus pés são de ferro; e rápido como o pensamento, Indra é o seu inferior (em velocidade). Os deuses vieram para compartilhar dele (sendo oferecido como) oblação; o primeiro que montou o cavalo foi Indra.

10. Os corcéis de ancas cheias, de cintura magra, fogosos, e celestiais (do sol), galopam adiante como cisnes em fileiras, quando os cavalos<sup>12</sup> se espalham ao longo do caminho celestial.

Varga 13. 11. Teu corpo, cavalo, é feito para o movimento; a tua mente é rápida (em intenção), como o vento; os cabelos (da tua crina) são atirados em várias direções; e se espalham belos nas florestas.<sup>13</sup>

12. O cavalo veloz se aproxima do local de imolação, meditando com a mente concentrada nos deuses; o bode amarrado a ele é conduzido na frente dele;<sup>14</sup> atrás dele seguem os sacerdotes e os cantores.

13. O cavalo procede para aquela assembleia que é a mais excelente; para a presença de seu pai e sua mãe, (céu e terra). Vai, (Cavalo), hoje em alegria até os deuses, para que (o sacrifício) possa produzir bênçãos para o doador.<sup>15</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 164 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 163. O Cavalo (Griffith)

1. Quando, surgindo primeiro para a vida, tu relinchaste, proveniente do oceano ou águas superiores, tu tinhas membros de veado e asas de águia. Ó Corcel, o teu nascimento está próximo e deve ser louvado.

2. Esse Corcel que Yama<sup>16</sup> deu Trita<sup>17</sup> atrelou, e a ele, o primeiro de todos, Indra montou. Sua rédea o Gandharva<sup>18</sup> pegou. Ó Vasus, a partir do Sol vocês moldaram o Corcel.

3. Yama és tu, ó Cavalo; tu és Āditya;<sup>19</sup> Trita és tu por operação secreta.<sup>20</sup> Tu és dividido completamente do Soma.<sup>21</sup> Eles dizem que tu tens três grilhões no céu que te seguram.

4. Três grilhões, eles dizem, tu tens no céu que te atam, três nas águas, três dentro do oceano.<sup>22</sup> Para mim tu pareces Varuṇa, ó Corcel, lá onde eles dizem que é o teu sublime local de nascimento.

---

<sup>11</sup> *Hiranyaśrīga*, literalmente, de chifres dourados, mas, figurativamente, de crina.

<sup>12</sup> *Īrmāntāsaḥ silikamadhyaṃāsaḥ* são explicados de forma diferente, e também podem ser traduzidos, de extremidades finas, ou de ancas finas e de cintura ampla; de acordo com Sāyaṇa, alusão é feita aqui a uma tropa ou manada de cavalos; Mahīdhara os atribui aos cavalos do carro do sol; a explicação de Yāska aparentemente identifica os cavalos com os Ādityas, mas isso é bastante obscuro. – *Nir.* iv. 13.

<sup>13</sup> O cavalo é aqui identificado com Agni, cujas chamas consomem as florestas.

<sup>14</sup> A seguinte explicação de Mahīdhara seria mais satisfatória, se nós pudéssemos ter certeza de que o *Yajush* e o *Ṛc* concordam nos detalhes: a cabra que é presa à cabeça do cavalo é levada primeiro; em seguida, a cabra presa à sua cintura ou umbigo; depois vão os sacerdotes e os cantores, ou louvadores.

<sup>15</sup> Embora mais místico do que o hino anterior, especialmente no que diz respeito às sugestões da identidade do cavalo com o sol, não há nada nele incompatível com a descrição mais explícita do *Sūkta* anterior do sacrifício real de um cavalo.

<sup>16</sup> Dito aqui ser Agni.

<sup>17</sup> Dito significar Vāyu.

<sup>18</sup> Viśvavasu, um ser divino que mora na região do ar e guarda o Soma celeste.

<sup>19</sup> O Sol.

<sup>20</sup> Pelo efeito misterioso do sacrifício.

<sup>21</sup> Ou, talvez, conectado em estreitos laços com Soma.

**5.** Aqui, Corcel, estão os lugares onde eles trataram de ti, aqui estão os vestígios dos teus cascos como vencedor. Aqui eu tenho visto as rédeas auspiciosas que te guiam, as quais aqueles que guardam a Lei sagrada mantêm em segurança.

**6.** Tu mesmo de longe eu reconheci em espírito, – um pássaro que de baixo voou pelo céu. Eu vi a tua cabeça ainda subindo, esforçando-se para cima por caminhos impolutos pela poeira, agradáveis de percorrer.<sup>23</sup>

**7.** Aqui eu vi tua a forma, incomparável em glória, ansiosa para ganhar-te alimento no lugar da Vaca.<sup>24</sup> Sempre que um homem te traz para a tua satisfação, tu engoles as plantas, o comedor mais voraz.

**8.** Atrás de ti, Corcel, vem o carro, o noivo, as vacas vêm depois, e o encanto de donzelas. Companhias inteiras seguiram por tua amizade; o padrão do teu vigor os Deuses copiaram.

**9.** Chifres feitos de ouro<sup>25</sup> ele tem; seus pés são de ferro; menos veloz do que ele, embora rápido como o pensamento, é Indra. Os Deuses vieram para que eles possam provar a oblação daquele que montou, antes de todos,<sup>26</sup> o Corcel.

**10.** De flancos simétricos, com ancas arredondadas, impetuosos como heróis, os Corcéis Celestes aplicam sua força, como cisnes em ordem continuada, quando eles, os Cavalos, alcançaram o caminho elevado celeste.<sup>27</sup>

**11.** Um corpo formado para o vôo tu tens, ó Cavalo de Batalha; veloz como o vento em movimento é teu espírito. Teus chifres<sup>28</sup> estão espalhados amplamente em todas as direções: eles se movem com ritmo agitado nas selvas.

**12.** O Corcel forte avançou para o abate, refletindo com a mente dirigida aos Deuses. O bode que é seu parente é guiado diante dele, os sábios e os cantores seguem atrás.

**13.** O Corcel chegou à mansão mais nobre, chegou até seu Pai e sua Mãe.<sup>29</sup> Nesse dia ele se aproximará dos Deuses, muito bem recebido; então ele declara boas dádivas para aquele que oferece.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 164 \(Griffith\)](#)

---

<sup>22</sup> Os três grilhões no céu são ditos serem por Sāyaṇa os seus ‘meios de origem, isto é, os Vasus, Āditya, e o Céu’. É dito que as águas indicam o mundo habitado, e que os três grilhões nele são lavoura, chuva, e semente. No *oceano*, que é o firmamento, eles são nuvem, relâmpago, e trovão.

<sup>23</sup> Nessa estrofe e na seguinte o cavalo é considerado como idêntico ao Sol em seu percurso pelo céu, e como aceitando as oblações do adorador.

<sup>24</sup> O principal lugar da terra, a vaca, é o altar.

<sup>25</sup> Segundo Sāyaṇa, a palavra *chifres* é usada figurativamente em lugar de *crina*.

<sup>26</sup> Indra, como dito no verso 2.

<sup>27</sup> É dito que os cavalos do sol são mencionados. O sentido exato das palavras é incerto.

<sup>28</sup> Significando, aqui, talvez, cascos.

<sup>29</sup> Céu e Terra.

## Hino 164. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta VIII)

Esse Sūkta tem a extensão sem precedentes de cinquenta e duas estrofes; dessas, as primeiras quarenta e uma são dirigidas aos Viśvedevas, ou as divindades usuais classificadas em conjunto sob esse nome; a primeira metade da estrofe quarenta e dois refere-se a Vāch, a fala; a segunda metade às águas; a quadragésima sexta e quadragésima sétima a Sūrya; a quadragésima oitava a Kāla, ou Tempo, a quadragésima nona a Sarasvatī; a quinquagésima aos Sādhyas; a quinquagésima primeira a Sūrya, Parjanva, ou Agni; a quinquagésima segunda a Sūrya, ou Sarasvat;<sup>1</sup> o Ṛṣi é Dīrghatamas; a métrica é, na quadragésima segunda estrofe, Prastārapankti; no resto, Triṣṭubh e Jagatī. [Anuṣṭubh no verso 51.]

Varga 14. **1.** Eu vi o Senhor dos Homens com sete filhos;<sup>2</sup> de qual (deus) encantador e benevolente, que é o objeto da nossa invocação, há um irmão do meio onipresente, e um terceiro irmão,<sup>3</sup> bem alimentado com (oblações de) ghee.  
**2.** Eles atrelam os sete (cavalos) ao carro de uma roda;<sup>4</sup> um cavalo, chamado com o nome de sete, o carrega para frente;<sup>5</sup> a roda de três eixos<sup>6</sup> é imperecível, nunca solta, e nela residem todas essas regiões do universo.<sup>7</sup>  
**3.** Os sete<sup>8</sup> que presidem esse carro de sete rodas (são) os sete cavalos que o puxam;<sup>9</sup> sete irmãs viajam nele juntas,<sup>10</sup> e nele estão depositadas as sete formas de expressão.<sup>11</sup>  
**4.** Quem viu o (ser) primevo na hora do seu nascimento?; o que é aquilo dotado de substância que o insubstancial sustenta?;<sup>12</sup> da terra são a respiração e o sangue, mas onde está a alma?;<sup>13</sup> quem pode se dirigir ao sábio para perguntar isso?

<sup>1</sup> De acordo com Sāyaṇa, no entanto, o significado geral desse *Sūkta* é a inculcação das doutrinas da *Vedānta*, ou a unidade espiritual de Brahma e o universo; algumas passagens ocorrem que o levam a esse ponto de vista, mas o texto, no todo, embora muitas vezes místico e obscuro, propõe evidentemente a glorificação de Āditya, ou o sol, especialmente como identificável com toda a criação; de acordo com Śaunaka, a aplicação do *Sūkta* é de um tipo muito menos exaltado; ele diz: Se um brâmane cometeu roubo, ele pode expiar o pecado por jejuar por três noites, repetindo inaudivelmente esse *Sūkta*; segundo o *Aitareya Brāhmaṇa*, v. 12, como citado por Sāyaṇa, o hino deve constituir-se de apenas quarenta e uma estrofes. O muito útil índice comparativo do Sr. Whitney mostra que todas as estrofes do hino ocorrem no *Atharva Veda*, com o estilo geral do qual, tanto quanto nós conhecemos aquele Veda até agora, ele concorda melhor. – *Indische Studien*, vol. ii. Parte III.

<sup>2</sup> Os sete raios solares; ou pode ser traduzido, sétimo filho, Āditya sendo o sétimo filho de Aditi.

<sup>3</sup> Vāyu e Agni, os irmãos mais novos de Āditya; Sāyaṇa, substituindo Parameśvara por Āditya, considera os três filhos como sendo seus atributos de criar, preservar e destruir; a expressão, eu observei, é a consciência da identidade do espírito individual com o supremo.

<sup>4</sup> Ou o orbe do sol, ou o tempo, ou um ano; os sete cavalos podem ser os sete raios solares, ou as seis estações, com sua agregação e ano; ou os seis meses duplos, e o mês intercalado; ou os sete dias da semana; as rodas do carro, como símbolos do tempo, passado, presente e futuro, devem ser três, mas elas são idênticas em natureza, e, portanto, são ditas serem apenas uma.

<sup>5</sup> *Eko aśvo saptanāmā* pode significar o Sol, ou Āditya, ou como o absorvedor dos sete sabores, ou como louvado pelos sete Ṛṣis; ou isso pode ser uma espécie de trocadilho, *sapta* significando um cavalo bem como sete.

<sup>6</sup> O dia com seus três *Sandhyas*; o ano com três estações, quente, úmida e fria; ou o tempo, passado, presente e futuro.

<sup>7</sup> Todas as coisas são dependentes do tempo; o qual por si só é imperecível, conforme o *Smṛti*: o tempo não tem começo nem fim.

<sup>8</sup> Ou os raios solares, ou, se o ano for simbolizado, as sete partes dele; como o *Ayana* ou solstício, estação, mês, quinzena, dia, noite, hora.

<sup>9</sup> Sāyaṇa considera as sete rodas, bem como os sete cavalos, como os raios solares.

<sup>10</sup> O comentador repete a interpretação, ou os raios do sol, ou as seis estações e o ano agregado, ou os seis meses duplos e o intercalado.

<sup>11</sup> As sete notas musicais como usadas no canto das virtudes do Sol; ou, se *ghavām* for usado no sentido de água, as sete formas podem ser os sete rios divinos.

5. Imaturo<sup>14</sup> (em entendimento), sem discernimento na mente, eu pergunto sobre aquelas coisas que estão escondidas (até) dos deuses: (quais são) os sete fios<sup>15</sup> que os sábios espalharam para envolver o sol,<sup>16</sup> em quem todos residem?

Varga 15. 6. Ignorante, eu questiono os sábios que conhecem (a verdade); não como alguém conhecedor (eu pergunto) para (obter) conhecimento: o que é aquele Único sem igual, que tem mantido essas seis esferas na forma do não nascido?<sup>17</sup>

7. Que aquele que conhece essa (verdade) a declare rapidamente; a condição misteriosa do belo (sol) sempre em movimento; os raios derramaram (seu) leite a partir da cabeça (exaltada) dele, envolvendo a forma dele com brilho; eles beberam a água pelos (caminhos pelos quais elas foram derramadas).<sup>18</sup>

8. A mãe (terra), adora o pai, (sol), com ritos sagrados, por causa de água; mas ele antecipou (os desejos dela) em sua mente; depois do que, desejosa de progênie, ela é penetrada pelo orvalho de fecundação, e, (toda) expectante de abundância, troca palavras (de felicitação).<sup>19</sup>

9. A mãe, (céu), foi associada na (sustentação) da carga da realizadora dos desejos, (a terra); o embrião (água) descansou dentro do (ventre das) nuvens; então, o bezerro berrou,<sup>20</sup> e viu a vaca que tem todas as formas nas três combinações.<sup>21</sup>

10. O único (sol), tendo três mães e três pais,<sup>22</sup> ficou no alto; ninguém jamais o fatigou em excesso; os (deuses) no topo do céu consultam a respeito dele em língua que compreende a todos, (mas) que não se estende a todos.<sup>23</sup>

Varga 16. 11. A roda de doze raios<sup>24</sup> do verdadeiro (sol) gira em torno dos céus, e nunca (tende) à decadência; setecentos e vinte filhos em pares,<sup>25</sup> Agni, residem nela.

<sup>12</sup> *Asthanvantam yad anasthā vibharti*; literalmente, aquilo que tendo osso, o sem osso sustenta; o último, segundo Sāyana, representa a *Prakṛti* dos Sāṃkhyas, ou a *Māyā* dos Vedāntis, matéria informe, ou ilusão espiritual, da qual procede o mundo material e visível.

<sup>13</sup> *Bhūmyā asur-asrg-ātmā kva svit: Bhūmy*, de acordo com Sāyana, significa o *sthūla śarīra*, corpo grosseiro; *asuh*, respiração; o *sūkṣma śarīra*, ou corpo sutil, e *asrj*, sangue, os elementos agregados dos quais o corpo é formado; *ātmā* ou *cetana*, o princípio pensante, embora conectado com forma grosseira e sutil, não é perceptível em nenhum lugar como um objeto separado, e não é para ser compreendido, seja por aluno ou professor.

<sup>14</sup> *Pākaḥ*, propriamente amadurecendo, estando ou tornando maduro; mas é aqui e alhures explicado por *paktavyah*, o que é para ser amadurecido; *apakvamatiraham*, eu, de mente imatura.

<sup>15</sup> *Sapta tantūn*, podem ser as sete formas do sacrifício *Soma*, ou as sete métricas dos *Vedas*, pelas qual os deuses, ou o Sol, são induzidos a estarem presentes.

<sup>16</sup> *Vatse baṣkaye adhi*; o primeiro é explicado pelo comentador, *sarvasya nivāsa bhūte*; *baṣkaye* é interpretado *Aditye*, mas, como Sāyana acrescenta, o significado usual de *baṣkaya* é um bezerro de um ano, mas como nós temos *ratsa* também, o qual significa igualmente um bezerro, *baṣkaya* deve ter algum outro sentido; – tal como tempo, ou melhor, o sol.

<sup>17</sup> *Yas-tastambha ṣaḍ-imā rajāṃsy ajasya rūpe Kim api svidakam*; o Único pode ser, de acordo com o comentador, o orbe do sol não gerado, do qual as seis estações dependem, ou o *Satyaloka*, de onde não há retorno, e que pode ser considerado como o esteio dos outros seis mundos ou regiões; ou, segundo seus pontos de vista *Vedānta*, ‘o único’ é a única forma do criador não nascido, que é idêntica ao universo.

<sup>18</sup> Os raios solares; embora agentes especiais em enviar chuva, são igualmente ativos na reabsorção dela.

<sup>19</sup> Essa é apenas uma descrição metafórica da ação do sol em mandar chuva sobre a terra, e sua consequente fertilidade.

<sup>20</sup> A nuvem trovejou.

<sup>21</sup> *Viśvarūpyam gām triṣu yojaneṣu* é explicado: a terra diversificada por várias colheitas, em consequência da cooperação da nuvem, do vento e dos raios do sol.

<sup>22</sup> Os três mundos, terra, firmamento, e céu, e os três deuses que os presidem, Agni, Vāyu, e Sūrya.

<sup>23</sup> *Viśvavidam vācam aviśvaminvām*, fala ou discurso, que conhece tudo, ou que pode ser conhecida por todos, ou aquela que não se estende a todos, *a-sarva-vyāpinīm*; *fala*, aqui, de acordo com Sāyana, significa trovão.

<sup>24</sup> Segundo Sāyana, os doze signos do Zodíaco; mas a expressão pode significar os doze meses. Ao mesmo tempo, o Sr. Mollien demonstrou que não existe qualquer razão para supor que as divisões zodiacais eram desconhecidas para os hindus na data provável dos Vedas. – *Mémoires de l'Académie des Inscriptions, première série*, vol. 3.

<sup>25</sup> Noites e dias; trezentos e sessenta de cada um.

**12.** Eles têm chamado o pai de cinco pés, de doze formas, de Purīṣin,<sup>26</sup> quando no hemisfério mais distante do céu, e os outros o têm chamado de Arpita,<sup>27</sup> quando na (parte) de cá (do céu);<sup>28</sup> brilhando em seu (carro) de sete rodas, cada (roda) tendo seis raios.

**13.** Todos os seres residem nessa roda giratória de cinco raios;<sup>29</sup> o eixo muito carregado nunca é aquecido; o seu cubo eterno compacto nunca se desgasta.

**14.** A roda imperecível, de borda lisa, gira repetidamente; dez,<sup>30</sup> unidos na superfície mais alta,<sup>31</sup> carregam (o mundo); o orbe<sup>32</sup> do sol procede, envolvido com água, e nele todos os seres estão depositados.

**15.** Daqueles que nascem juntos, os sábios chamaram o sétimo de nascido sozinho; pois seis são gêmeos, e são móveis, e nascidos dos deuses;<sup>33</sup> suas (propriedades) desejáveis, colocadas separadamente na sua habitação adequada, são várias (também) em forma, e giram para (o benefício do) que é estacionário.<sup>34</sup>

Varga 17. **16.** Eles têm chamado estas, as minhas fêmeas virtuosas, de machos;<sup>35</sup> aquele que tem olhos vê; o homem cego não vê; aquele que é um filho sábio entende isso, e aquele que discerne é o pai do pai.<sup>36</sup>

**17.** A vaca, segurando seu bezerro embaixo com suas patas dianteiras, e então no alto com suas patas traseiras, subiu; para onde ela foi; para quem ela voltou quando na metade do caminho, onde ela tem filhotes; ela não está no meio do rebanho.<sup>37</sup>

<sup>26</sup> *Purīṣin* é um nome do sol, como a fonte da chuva; os primeiros cinco pés são as cinco estações, as estações orvalhada e fria formando uma; as doze formas são os doze meses, ou doze *Ādityas*.

<sup>27</sup> *Sāyaṇa* considera esse como sinônimo de *adhīnam* ou *parāyattam*, dependente de, e aplicável ao sol, como dependente de, ou influenciado por, o curso do ano, ou recorrência dos solstícios; movendo-se rapidamente ou lentamente, de acordo com sua declinação do sul ou do norte.

<sup>28</sup> *Upare* é o termo do texto, o qual o comentador explica, onde as criaturas vivas são deleitadas; ou pode significar um ano; mas pode ter uma relação, talvez, com a expressão na primeira linha do verso, *divah pare arddhe*, na parte mais distante do céu; *upara* pode implicar a parte mais próxima ou de cá, referindo-se aos dois *ayanas*, ou solstícios; as sete rodas são os sete raios, ou os sete dias da semana, os seis raios as seis estações.

<sup>29</sup> As cinco estações, ou o texto pode se referir ao ciclo de cinco anos.

<sup>30</sup> Os dez órgãos dos sentidos, ou os cinco *Lokapālas*, guardiões do mundo, e cinco classes de seres humanos, de acordo com *Sāyaṇa*; talvez as dez regiões do espaço fosse mais apropriado.

<sup>31</sup> *Uttānāyām*, ou a parte superior; *urddhvatanāyām*, ou o poste, *īśāyām*; ou a terra espalhada acima, *upari viṣṭṛta bhūtnyām*; não está claro o que significa.

<sup>32</sup> *Sūryasya cakṣū*, literalmente, o olho do sol, ou a exibição da natureza ou brilho do sol, ou sua esfera, sendo, por assim dizer, os olhos de todos.

<sup>33</sup> Esses são as seis estações, constituídas de dois meses cada, o sétimo é o mês intercalado, que não tem companheiro, e não tem *Āditya* para presidi-lo, portanto, não é considerado de origem divina, como o resto; as seis estações também são chamadas de *Rṣis*, *rṣhayah*, que *Sāyaṇa* explica por *gantārah*, andadores, em que sentido não aparece; isso poderia, talvez, se referir à presença de um *Rṣi* no carro do sol em cada um dos doze meses, se essa não fosse uma noção antes purânica do que védica. – *Viṣṇu Purāṇa*, [livro 2, cap. 10 da versão em português].

<sup>34</sup> Isto é, as várias estações são diversificadas pelas variedades de temperatura, produção, e semelhantes, para o benefício do mundo.

<sup>35</sup> Esse é um fragmento de misticismo gramatical; *raśmi*, um raio do sol, aqui personificado como uma fêmea, é propriamente um substantivo masculino.

<sup>36</sup> Segundo o comentador, o Sol deve ser considerado como o pai dos raios de luz, os quais, além disso, em sua qualidade coletiva, sendo a causa da chuva, são os fomentadores, ou pai da terra; o sol é portanto pai do pai, e aquele que sabe disso é idêntico ao sol; outra explicação é aquela que *Manu* sugere; um filho inteligente pode ser chamado de pai de um pai ignorante; o ponto de vista filosófico do significado é que não há distinção de gênero na alma; ela não é nem macho, nem fêmea, nem assexuada, e então pode ser dita ser qualquer um ou todos, de acordo com as formas com as quais ela está associada.

<sup>37</sup> Isso é bastante obscuro; segundo o comentador, a vaca é a oferenda queimada, e o bezerro é Agni, e as posições dos dois indicam a localização do oferecedor em relação ao sol; ou a vaca pode simbolizar os raios solares coletivamente, e o bezerro o adorador.

**18.** Aquele que conhece o protetor desse (mundo) como o inferior associado com o superior, e o superior associado com o inferior, ele é, por assim dizer, um sábio; mas quem nesse mundo pode explicar (isto); de onde a mente divina em sua supremacia é gerada?<sup>38</sup>

**19.** Aquele que (os sábios) têm chamado de descendente, eles também têm chamado de ascendente; e aquele que eles têm chamado de ascendente, eles também têm chamado de descendente;<sup>39</sup> e aquelas (órbitas) que tu, Soma e Indra,<sup>40</sup> tens feito, carregam para frente os mundos como (bois) atrelados a uma carroça.

**20.** Dois pássaros associados juntos,<sup>41</sup> e amigos entre si, se refugiam na mesma árvore: um deles come o figo doce;<sup>42</sup> o outro, se abstendo de alimento, somente observa.

Varga 18. **21.** Onde os (raios) que deslizam suavemente,<sup>43</sup> cientes (do seu dever), destilam a porção perpétua de (água) ambrosíaca; lá o senhor e protetor imutável de todos os seres me enviou, (embora) imaturo (em sabedoria).<sup>44</sup>

**22.** Na árvore<sup>45</sup> na qual os (raios) que deslizam suavemente, alimentadores da (produção) doce, entram, e novamente geram (luz) sobre todos; eles chamam o fruto de doce, mas não compartilha dele aquele que não conhece o protetor (do universo).<sup>46</sup>

**23.** Aqueles que conhecem o lugar de Agni sobre a terra; o lugar de Vāyu que foi feito do firmamento; e aquele lugar do Sol o qual está colocado no céu, obtêm imortalidade.<sup>47</sup>

**24.** Ele constrói a prece com a métrica Gāyatrī,<sup>48</sup> com a prece (ele constrói) o Sāma, e com a métrica Triṣṭubh o par de versos (ou terceto);<sup>49</sup> com o par de versos (ou terceto) ele constrói o hino com (versos de) dois ou quatro dísticos;<sup>50</sup> e com a sílaba eles constroem as sete métricas.<sup>51</sup>

<sup>38</sup> Agni é o inferior, Āditya o superior; mas os dois são idênticos, o fogo e o sol sendo o mesmo.

<sup>39</sup> Os raios de luz, ou os planetas que mudam sua posição relativa conforme eles giram.

<sup>40</sup> A lua e o sol; Indra sendo um dos doze Ādityas, ou idêntico aqui ao sol.

<sup>41</sup> Há alguma probabilidade na explicação de Sāyaṇa, que o espírito vivo e o supremo, *jīvātmā* e *paramātmā*, são aqui mencionados sob a imagem das suas aves.

<sup>42</sup> *Pippalaṃ svādu atti*, a interpretação filosófica é que o espírito vivo desfruta das recompensas das ações. A explicação de Yāska é um pouco diferente, embora ele concorde em considerar dois tipos de alma concebidos como residentes em um corpo. – *Nir.* xiv. 30.

<sup>43</sup> *Suparnā* aqui é explicado como aqueles que seguem facilmente ou belamente, os raios do sol.

<sup>44</sup> Āditya admitiu, ou admite a mim, o recitador do hino, na esfera do sol.

<sup>45</sup> O orbe ou região do sol.

<sup>46</sup> *Tan na unaśad yaḥ pitaraṃ na veda*; aqui *pitaraṃ* é explicado em seu sentido geral de *pālaka*, aquele que nutre, protetor; o sol, ou, de acordo com o glossário vedântico, o espírito supremo.

<sup>47</sup> *Yadghāyatre adhi ghāyatram triṣṭubhād-vā triṣṭubhaṃ*, etc. O propósito dessa fraseologia, tomada das respectivas métricas, *Gāyatrī*, *Triṣṭubh*, e *Jagatī*, não é muito claro; ela pode ser apenas uma referência obscura e mística ao texto do *Veda*, um conhecimento do qual é essencial para a bem-aventurança final; mas Sāyaṇa explica as palavras como na tradução; *gāyatra* ele deriva de *gāyatrī*, a terra; e no segundo lugar ele a chama de *pada*, ou lugar de Agni; *triṣṭubhā* ele identifica com o firmamento, e o lugar de Vāyu; e *Jagat* como o sol em *Jagatī*, a região solar; outra interpretação é derivada do uso ritual das respectivas métricas, e suas combinações, nos três sacrifícios diários.

<sup>48</sup> *Gāyatrena pratimimīte arkam*, ele, separadamente, mede o *mantra* com a métrica *Gāyatrī*; ou, uma parte sendo colocada em lugar do todo, com qualquer métrica védica.

<sup>49</sup> *Triṣṭubhena vākam*; é explicado que *vāka* significa ou *dvīca* ou *trīca rūpam*, a forma ou frase de duas ou três estrofes; ou isso pode implicar um *Sūkta*.

<sup>50</sup> *Vākena vākam*; quando o primeiro *vāka* tem o sentido de *Sūkta*, então sua repetição pode implicar o *Varga* ou *Anuvāka*; mas se ele significa um par de versos ou terceto, ele parece mais aplicável ao *Sūkta* ou hino.

<sup>51</sup> *Akṣarena sapta vāñīḥ*, as sete métricas genéricas do *Veda* com a sílaba; a sílaba sendo o elemento principal da métrica; desse modo, a *Gāyatrī* se compõe de oito sílabas; *Triṣṭubh*, de onze; *Jagatī*, de doze; não é dito quem compôs dessa maneira ou classificou o sistema métrico dos *Vedas*, mas parece, a partir do comentário na estrofe seguinte, que Brahmā é aludido quando o verbo está no singular; talvez os *Ṛṣis*, ou os sacerdotes, são mencionados quando ele está no plural.

**25.** Com as estrofes na métrica Jagatī ele fixou a chuva no céu,<sup>52</sup> e olhou o Sol no Ratham̐tara.<sup>53</sup> Têm sido declaradas três divisões da métrica Gāyatrī,<sup>54</sup> por isso ela supera (todo o resto) em força e majestade.

Varga 19. **26.** Eu invoco a vaca leiteira que é ordenhada facilmente, para que o ordenhador hábil possa ordenhá-la;<sup>55</sup> que Savitr̐ aceite essa nossa libação excelente, que seu calor possa (desse modo) aumentar; é por isso, de fato, que eu o invoco sinceramente.

**27.** Ela vem mugindo, repleta de ricos (produtos), desejando seu bezerro em sua mente; que essa vaca conceda seu leite aos Ásvins; que ela prospere para nosso grande benefício.

**28.** A vaca berra por seu bezerro, (que permanece) com olhos piscando, e muge enquanto (ela) procede para lambar a testa dele; ela profere um grito, quando, ansiosa, ela vê a umidade nos cantos da boca dele, e o nutre com seu leite.

**29.** Ele, também, berra, e a vaca profere sons inarticulados, enquanto, cercada por ele, ela se dirige para seu estábulo; (influenciada) por seus instintos, ela age como um ser humano, e, radiante, manifesta sua natureza.

**30.** Vida dotada de fôlego, ávida (no desempenho de suas funções), repousa,<sup>56</sup> constante, no meio das suas residências (apropriadas); a vida do corpo mortal, cognata com a estrutura mortal, resiste imortal, (sustentada) por oferendas fúnebres.<sup>57</sup>

Varga 20. **31.** Eu tenho visto o protetor incansável do universo, o sol, viajando para cima e para baixo por vários caminhos; envolvido com brilho agregativo e extenso, ele gira no meio das regiões.<sup>58</sup>

**32.** Aquele que fez (esse estado de coisas) não o compreende;<sup>59</sup> aquele que o viu, o tem também realmente escondido (dele); aquele, enquanto ainda envolvido no útero de sua mãe, está sujeito a muitos nascimentos, e entrou no mal.

**33.** O céu é meu pai e progenitor;<sup>60</sup> o umbigo (da terra) é meu parente; a terra ampla é minha mãe. O ventre (de todos os seres) se encontra entre as duas conchas erguidas,<sup>61</sup> e nele o pai depositou o germe (da fecundidade) da filha.<sup>62</sup>

<sup>52</sup> *Sindhuṃ divi astabhāyat*; Brahmā, diz o comentador, na época da criação, fixou o derramador de água no céu; ou isso pode se referir a Āditya, conforme o texto – *Jāgato vā eṣa ya eṣa tapati*; pode ser chamado de *Jāgata* aquele que dá calor (para o mundo).

<sup>53</sup> Essa é conhecida comumente como uma parte do *Sāma*; o sentido da frase não é muito óbvio. Sāyaṇa diz que Prajāpati viu o sol na estrofe que o sustenta.

<sup>54</sup> *Gāyatrasya samidhas tisra āhuh*; Sāyaṇa considera *samidh* como significando meramente *pāda*, divisão de uma estrofe; das quais o verso Gāyatrī tem três.

<sup>55</sup> A vaca é a nuvem, o leite é a chuva, e Vāyu, ou vento, o ordenhador; a metáfora continua nos três versos seguintes, onde o bezerro é o mundo, ou a humanidade ansiosa pela chuva, como a causa da abundância.

<sup>56</sup> *Anat śaye jīvam ejaṭ*, ar vital vem a repousar, repousa ou permanece.

<sup>57</sup> *Svadhābhīh-putrākṛitāih*, por oferendas feitas pelos filhos.

<sup>58</sup> Esse verso ocorre no *Yajush*, xxxvii. 17; Mahīdhara o explica de modo semelhante.

<sup>59</sup> O homem, segundo a interpretação filosófica de Sāyaṇa; mas aquela dos Nairuktas, a qual ele cita, é provavelmente mais consistente com a intenção do original, que considera que o vento como a causa da chuva, a ser aludido alegoricamente.

<sup>60</sup> *Nābhir atra bandhu*; Sāyaṇa aplica *bandhu* aos termos anteriores, *me pitā janitā*, significando a umidade da terra, pela qual grão é abundante, e que, como derivada da chuva do céu, faz do último o pai e progenitor do homem; *bandhuh* ele traduz *bandhikā*, ligando ou sustentando, e faz dele um epíteto de *pṛthivī*, a terra; pode-se duvidar se esse é o significado, e o termo *nābhi* possivelmente implica o *antarikṣa*, ou firmamento, completando, com o céu e a terra, as três regiões participantes no fornecimento de alimento para o homem.

<sup>61</sup> *Uttānayoś-camvor-yonir antar*; as conchas erguidas são céu e terra, e o ventre de todos os seres entre eles é o firmamento, a região da chuva.

<sup>62</sup> O pai, o céu, pode ser considerado idêntico ou a Āditya ou a Indra; a filha é a terra, cuja fertilidade depende da chuva depositada como um germe no firmamento.

**34.** Eu pergunto a ti, (Instituidor do rito), qual é o fim mais extremo da terra; eu te pergunto, onde é o umbigo do mundo. Eu te pergunto, qual é o poder fecundante do corcel que derrama chuva; eu te pergunto, qual é o céu supremo da fala (sagrada).<sup>63</sup>

**35.** Esse altar é o fim mais extremo da terra;<sup>64</sup> esse sacrifício é o umbigo do mundo;<sup>65</sup> esse suco *Soma* é o poder fecundante do corcel derramador de chuva; esse Brahmā é o céu supremo da fala (sagrada).<sup>66</sup>

Varga 21. **36.** Os sete<sup>67</sup> (sustentando), o embrião (chuva) por meio ano, o (elemento) fecundante do mundo, permanecem, por nomeação, nas várias funções de Viṣṇu.<sup>68</sup> Por sua inteligência eles permeiam em pensamento tudo em volta (deles), pois eles são inteligentes e difusos.

**37.** Eu não distingo se eu sou tudo isso;<sup>69</sup> pois eu sigo perplexo, e limitado em mente; quando as primogênicas (percepções) da verdade chegarem a mim, então eu obterei imediatamente uma parte (do significado) daquela palavra (sagrada).

**38.** O imortal, cognato com o mortal, afetado pelo (desejo de) prazer,<sup>70</sup> vai para a (esfera) inferior ou superior, mas, (os homens vendo-os) associados, indo (juntos) a todos os lugares (nesse mundo); indo (juntos) a todos os lugares (em outros mundos); compreenderam um, mas não compreenderam o outro.<sup>71</sup>

**39.** Todos os deuses tomaram seus assentos nesse céu supremo, o (texto) imperecível do Veda;<sup>72</sup> o que aquele, que não sabe disso, fará com o Veda? mas aqueles que sabem, eles são perfeitos.

**40.** Vaca, que tu sejas rica em leite por forragem abundante; que nós também possamos ser ricos (em opulência); come grama em todas as estações, e, vagando (à vontade), bebe água pura.

Varga 22. **41.** O som (das nuvens) foi proferido, fabricando as águas, e tendo um pé, dois pés, quatro pés, oito pés, nove pés, ou infinitos no mais alto céu.<sup>73</sup>

<sup>63</sup> As respostas na estrofe seguinte explicam o que é mencionado aqui.

<sup>64</sup> Como no texto, *etāvati vai pṛthivī yāvati vedih*, tal ou tanto, de fato, quanto a terra, assim é o altar: ele é a essência da terra inteira.

<sup>65</sup> *Nābhi* significa apenas *sannāhana*, a ligação do homem com os meios de subsistência, ou as colheitas que crescem a partir da chuva que cai como consequência de sacrifício ou de oblações.

<sup>66</sup> Os textos dos *Vedas*, dos quais Brahmā, ou talvez o sacerdote assim chamado, é o autor ou expositor.

<sup>67</sup> Os raios solares, *saptārdhagarbhāh*; ou retendo as chuvas por meio ano, ou seja, durante os meses secos, ou permanecendo em uma parte ou metade do espaço, ou no meio do céu ou firmamento.

<sup>68</sup> É dito que Viṣṇu é aqui o sol que permeia; *vyāpakasya Ādityasya*, em cujos vários deveres de nutrir o mundo os raios solares são, por direção, *pradiśa*, especialmente empregados.

<sup>69</sup> *Na vi jānāmi yadiva idam asmi*; ou pode ser lido, *yadi vā idam*, que eu sou como aquilo que isso é; ou se eu sou isso; em ambos os casos, a expressão justifica o caráter vedântico que Sāyaṇa atribui a ela, implicando a identidade do espírito individual e universal.

<sup>70</sup> *Svadhayā ghr̥bhītaḥ*, literalmente, apanhado pelo alimento; colocado em lugar de qualquer satisfação sensual.

<sup>71</sup> Eles não distinguiram entre corpo e alma; ou, segundo o comentador, eles não fizeram qualquer distinção entre os três tipos de corpos com os quais a alma está envolvida, o corpo denso, o corpo sutil, e a união dos dois.

<sup>72</sup> *Ṛco akṣare parame vyomani*; por *Ṛc*, de acordo com o comentador, deve ser entendido aqui todos os *Vedas*; significados diferentes são, no entanto, atribuídos a ele e a *akṣara* por outros comentadores. – Veja o *Nirukta*, xiii. 10.

<sup>73</sup> O som, *gaurī*, é explicado, em um sentido, aquele das nuvens ou céu, como originado diferentemente; em um lugar, *ekapadī*, das nuvens; em dois, *dvipadī*, das nuvens e do céu; em quatro, dos quatro cantos do espaço; em oito, dos quatro pontos e dos quatro pontos intermédios do horizonte; ou deles e do zênite, *navapadī*, de nove posições; outra explicação faz de *gaurī* a fala articulada, única, como a forma crua somente, dupla como declinação e conjugação, quádrupla como substantivos, verbos, preposições, e afixos; ócupla como os oito casos, incluindo o vocativo; e nônupla como o mesmo, com a adição do indeclinável; ou ainda, ele pode ser o som articulado, diversificado de acordo com as nove partes do corpo de onde pode-se supor que ele procede, umbigo, peito, garganta, etc.; é dito que o mais alto céu é o *hṛdaya*, *ākāśa*, ou elemento etéreo do coração, como a base da fala, *mūlādhāre*.

42. A partir dela<sup>74</sup> as nuvens derramam chuva abundante, e por consequência (o povo) dos quatro quadrantes vive; daí a umidade se espalha (para os grãos), e o universo existe.

43. Eu vi perto (de mim) a fumaça da queima do esterco de vaca; e por aquele meio (efeito) que tudo permeia, descobri a causa (fogo); os sacerdotes prepararam o boi Soma,<sup>75</sup> pois esses são os primeiros deveres deles.

44. Os três, com belas madeixas, olham para baixo para as suas várias estações sobre a terra; um deles, quando o ano termina, ceifa (o chão); um, por seus atos, contempla do alto o universo; o curso de um é visível, embora não a sua forma.<sup>76</sup>

45. Quatro são os graus definidos da linguagem;<sup>77</sup> aqueles brâmanes que são sábios os conhecem;<sup>78</sup> três, depositados em segredo, não indicam significado; os homens falam o quarto grau da linguagem.<sup>79</sup>

46. Eles têm chamado (a ele, o Sol),<sup>80</sup> de Indra, Mitra, Varuṇa, Agni, e ele é o celestial, bem alado Garutmat, pois os sacerdotes eruditos chamam um por muitos nomes quando eles falam de Agni, Yama, Mātariśvan.

Varga 23. 47. As rajadas de deslize suave (da chuva, os raios solares), vestindo as águas com uma nuvem escura, sobem ao céu; elas descem novamente da residência da chuva, e imediatamente a terra é umedecida com água.

48. As bordas são doze; a roda é uma; três são os eixos; mas quem sabe? dentro dela estão reunidos 360 (raios), que são, por assim dizer, móveis e imóveis.<sup>81</sup>

49. Sarasvatī, aquele peito retraído,<sup>82</sup> que é a fonte de prazer, com o qual tu concedes todas as coisas boas, que é o contentor de opulência, o distribuidor de riquezas, o dador de boa (fortuna); expõe aquele (peito) nessa estação para a nossa nutrição.

<sup>74</sup> O som das nuvens ou céu, o trovão.

<sup>75</sup> *Ukṣāṇam pṛśnim apacanta*; o comentador explica *pṛśni* por *Soma*, e *ukṣāṇam*, o derramador ou concessor da recompensa do sacrifício.

<sup>76</sup> Os três são, Agni, que queima a terra; o sol, que o revive com sua luz, e com a chuva que ele manda; e Vāyu, o vento, que contribui para a queda da chuva.

<sup>77</sup> *Catvāri vāk parimitā padāni*; as explicações desse fragmento de misticismo variam um pouco: os quatro *padas* podem ser *om*, e as três palavras sagradas, *bhūr*, *bhuvan*, *sva*; ou as quatro partes da fala, substantivos, verbos, preposições e afixos, ou a linguagem dos *mantras*, do *kalpa* [ritual], do *Brāhmaṇa* e *laukika*, ou língua de uso comum; ou as linguagens das serpentes, pássaros, insetos e do homem; ou elas podem ser *parā*, audível; *pasyantī*, visível, audível apenas para sábios e santos; *madhyamā*, inteligível ou expressiva, procedente do coração; e *vaisvarī*, articulada, como residindo na boca e pronunciada pelo palato, lábios, língua, etc.; ou, além disso, elas podem ser as línguas dos três mundos superiores e do mundo do homem.

<sup>78</sup> *Brāhmaṇā ye maṇiṣiṇaḥ*; brâmanes aqui, de acordo com Sāyaṇa, são aqueles familiarizados com *Sabdabrahma*; Brahma como a palavra, ou, de fato, logues, místicos.

<sup>79</sup> Dos quatro graus, *padas*, três podem ser considerados místicos; mas nós temos outro conjunto proveniente dos *Brāhmaṇās*, citado por Sāyaṇa, de acordo com Yāska – *Nir* . xiii . 9; é dito que a linguagem, *vāk*, foi criada quádrupla; três tipos das quais estão nas três regiões, o quarto entre os *Paśus*; a forma na terra, associada com Agni, está no *Rathaṃtara*; a forma no firmamento, associada com Vāyu, está nos mantras *Vāmadevya*; aquela que está no céu, com Āditya, é *Ṛhatī*, ou no trovão; tudo o mais além disso foi colocado entre os *Paśus*, literalmente, animais, mas aqui aparentemente significando os *Brāhmaṇās*; embora a inferência que vem depois implique antes os brâmanes, como é dito; portanto, os brâmanes falam ambas as línguas, a dos deuses e a do homem; a chave para isso pode ser encontrada, provavelmente, nas *Upaniṣads*.

<sup>80</sup> O Sol é a interpretação de Sāyaṇa; Yāska diz Agni; mas eles são o mesmo, e são o mesmo que todas as outras formas, de acordo com os textos, *Ekaiva vā mahān ātmā devatā sūryah*, o sol divino é o único grande espírito; e *Agni sarvā devatāḥ*, Agni é todas as divindades.

<sup>81</sup> A roda é o ano de doze meses; os três eixos são as três estações duplas, ou quente, úmida e fria; e os trezentos e sessenta raios são os dias do ano lunissolar, como nós tivemos antes.

<sup>82</sup> *Stanaḥ śasāyah, śayāna*, adormecido, de acordo com Sāyaṇa; *dehe varttamāna*, permanecendo no corpo; Mahīdhara, Yaj, xxxviii. 5, o explica como se adormecido, não sujeito à apreciação de outros.

**50.** Os deuses sacrificam com sacrifício, pois esses são seus primeiros deveres; aqueles poderosos se reúnem no céu, onde residem as divindades que devem ser propiciadas (por meio de ritos sagrados).<sup>83</sup>

**51.** A água uniforme passa para cima e para baixo no decorrer dos dias; as nuvens dão alegria à terra; os fogos alegram o céu.

**52.** Eu invoco para nossa proteção o (Sol) celeste, bem alado, de movimento rápido, majestoso; o qual é o germe das águas; o expositor das ervas; aquele que nutre os lagos; reabastecendo os tanques com chuva.<sup>84</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 165 \(Wilson\)](#)

## Hino 164. Víśvedevas (Griffith)

**1.** Desse Sacerdote benigno, com velhice de cor cinza, o irmão do meio dos três é o raio. O terceiro é aquele cujas costas são aspergidas com óleo.<sup>85</sup> Aqui eu vejo o Chefe com sete filhos<sup>86</sup> homens.

**2.** Sete à carruagem de uma roda atrelam o Corcel; tendo sete nomes o único Corcel a puxa. A roda é de três cubos, segura e imperecível, sobre a qual repousam todos esses mundos de existência.<sup>87</sup>

**3.** Os sete<sup>88</sup> que no carro de sete rodas estão montados têm cavalos, sete no total, que os puxam para frente. Sete Irmãos<sup>89</sup> proferem canções de louvor em conjunto, nas quais os nomes das sete Vacas estão entesourados.

**4.** Quem o viu quando ele veio à existência, tem visto como o Sem Ossos sustenta o com ossos?<sup>90</sup> Onde está o sangue da terra, a vida, o espírito? Quem pode se aproximar do homem que sabe, para perguntar isso?

<sup>83</sup> *Yatra pūrve sādhyāḥ santi devāḥ; sādhyāḥ* é explicado por *karma devaḥ*, divindades que presidem ou dão efeito aos atos religiosos, *yajñādisādhanavantaḥ*; ou o termo pode significar aqueles que obtiveram a parte, ou a condição de deuses, pelo antigo culto de Agni; ou os *Sādhyas* podem ser os mesmos que os *Ādityas*, ou os *Aṅgirasas*, ou eles podem ser os deuses que presidiam as métricas, *chando-abhimāninaḥ*; parece que na época de Sāyaṇa o significado da designação, *Sādhyā*, tinha se tornado incerto; eles são citados entre os deuses menores no *Amarakoṣa*, e do *Bharatamulla* nós aprendemos que eles eram doze em número, mas nenhuma outra particularidade é especificada.

<sup>84</sup> *Abhipato vṛṣṭibhis-tarpayantaṃ*, satisfazendo com chuva os reservatórios, *salilādhārān*; a palavra *abhipata* é incomum, e pode ser explicada de forma diferente, como favoravelmente, prontamente, *ānukūlyena*.

<sup>85</sup> O sacerdote é *Āditya*, o Sol. Seu irmão seguinte é o raio, outra forma do fogo, e o terceiro irmão é *Agni Gārhapatya*, o fogo sagrado do oeste mantido por cada chefe de família, e alimentado com oblações de manteiga clarificada.

<sup>86</sup> Provavelmente os sacerdotes.

<sup>87</sup> *Sete*: sacerdotes. *A carruagem de uma roda*: o Sol. *Sete nomes*: talvez os sete raios solares. *De três cubos*: com referência, provavelmente, às três estações, o tempo quente, as chuvas, e o tempo frio. Dessa roda do Sol todas as coisas existentes dependem.

<sup>88</sup> De acordo com Sāyaṇa, os sete raios solares, ou as sete divisões do ano, solstício, estação, mês, quinzena, dia, noite, hora. As sete rodas da carruagem e os sete cavalos podem também, segundo Sāyaṇa, ser os raios solares.

<sup>89</sup> Provavelmente os sete rios celestes, os quais, como símbolos de fertilidade, podem também ter o nome de vacas. Sāyaṇa explica as *Sete Irmãos* como os raios solares, ou as seis estações do ano, ou os seis pares de meses com o mês intercalado, e as *sete Vacas* como as sete notas musicais usadas no canto dos louvores do Sol.

<sup>90</sup> Ou, em palavras mais convencionais e menos literais, como o insubstancial (feminino), sustenta aquele (masculino) que é dotado de substância.

O *sem ossos* ou insubstancial é *Prakṛti*, Natureza, a fonte original do substancial, que é o mundo material e visível. De acordo com Hillebrandt, *Vedische Mythologie*, I. p. 338, o *Sem Ossos* é o Sol e o *com ossos* é a Lua. Veja M. Müller, *India, What can it Teach us?* págs. 245, 246.

5. Imaturo em mente, de espírito sem discernimento, eu peço desses os lugares estabelecidos dos Deuses; pois acima do Bezerro de um ano<sup>91</sup> os sábios, para formar uma rede, têm tecido os seus próprios sete fios.<sup>92</sup>
6. Desconhecendo, eu pergunto àqueles que sabem, os sábios, como alguém totalmente ignorante por causa de conhecimento: quem era aquele Único que na imagem do Não Nascido<sup>93</sup> estabeleceu e fixou firmemente as seis regiões desses mundos?
7. Que aquele que sabe a declare logo, essa adorável posição firmemente fundada<sup>94</sup> do Pássaro. Da cabeça dele as Vacas tiram leite,<sup>95</sup> e, usando o traje dele, com seu pé têm bebido a água.
8. A Mãe deu ao Pai a parte dele da Ordem;<sup>96</sup> com pensamento, a princípio, ela casou-se com ele em espírito. Ela, a Dama tímida, estava cheia de orvalho prolífico;<sup>97</sup> com adoração os homens se aproximaram para louvá-la.
9. Atrelada foi a Mãe<sup>98</sup> à lança do carro da Vaca bondosa; nas úmidas fileiras de nuvens o Menino descansou. Então o Bezerro mugiu, e olhou para a Mãe, a Vaca que usa todas as formas em três direções.<sup>99</sup>
10. Tendo três Mães e três Pais,<sup>100</sup> sozinho ele ficou ereto: eles nunca o cansaram. Lá no pico do céu eles falam<sup>101</sup> juntos em linguagem onisciente, mas que não incita todos.
11. Formada com doze raios, não enfraquecida pela passagem do tempo, gira em volta do céu essa roda da Ordem duradoura. Aqui estabelecidos, unidos juntos em pares, setecentos e vinte Filhos permanecem, ó Agni.<sup>102</sup>
12. Eles o chamam, na metade mais remota do céu, de Pai de cinco pés, de doze formas, rico em suprimento aquoso. Esses outros dizem que ele, Deus com olhos que veem longe, está montado no carro inferior de sete rodas, de seis raios.<sup>103</sup>
13. Nessa roda de cinco raios<sup>104</sup> que gira sempre todas as criaturas vivas repousam e são dependentes. Seu eixo, pesadamente carregado, não é aquecido: o cubo permanece intato desde os tempos antigos.
14. A roda gira, não gasta, com sua borda; dez a puxam,<sup>105</sup> atrelados à lança do carro que se estende ao longe. O olho do Sol se move cercado pela região,<sup>106</sup> nele repousam dependentes todas as criaturas vivas.

<sup>91</sup> Provavelmente o Sol, em referência ao seu curso anual.

<sup>92</sup> O que são os *sete fios* é incerto. Sāyaṇa diz que eles são as sete formas do sacrifício Soma, ou as sete métricas dos Vedas. Ludwig pensa que o sentido geral da estrofe é: Eu (o poeta), me contento em pedir informações sobre os lugares ou traços dos Deuses no nosso mundo; mas os sábios falam sobre coisas que estão além do meu poder de compreensão.

<sup>93</sup> Na forma de *Aja* ou o Criador Não Nascido, representado pelo Sol. Compare com 8.41.10.

<sup>94</sup> O lugar do Sol.

<sup>95</sup> [Veja a nota 18.]

<sup>96</sup> A mãe Terra deu ao pai Céu a parte dele na grande obra de produção cósmica.

<sup>97</sup> A chuva fertilizante.

<sup>98</sup> A Terra se encarregou das funções da vaca que fornece leite para sacrifícios.

<sup>99</sup> *O Menino*: o jovem Sol. *O Bezerro mugiu*: a nuvem trovejou. *Em três direções*: céu, ar, e terra.

<sup>100</sup> As três terras e os três céus. Essa divisão tripla imaginária ocorreu antes. Veja 1.105.5.

<sup>101</sup> Os Deuses conversam uns com os outros a respeito do Sol, diz Sāyaṇa, em linguagem que conhece tudo mas que não se estende a ou impressiona todos.

<sup>102</sup> A roda formada com doze raios é o ano com seus doze meses. Os setecentos e vinte filhos, unidos em pares, são os dias e noites do ano, trezentos e sessenta de cada.

<sup>103</sup> *De cinco pés*: os cinco pés são, diz Sāyaṇa, as cinco estações, a estação orvalhosa e a fria sendo contadas como uma. As doze formas são os meses do ano. É dito que as sete rodas do carro são os sete raios solares, e os seis raios de cada roda são as seis estações. Eu acho a estrofe ininteligível.

<sup>104</sup> Em referência, talvez, às cinco estações, como no verso 12.

<sup>105</sup> Provavelmente as dez regiões do espaço.

<sup>106</sup> O firmamento, ar.

**15.** Dos nascidos em conjunto eles chamam o sétimo de nascido sozinho; os seis pares de gêmeos são chamados de R̥sis, Filhos dos Deuses. Suas boas dádivas buscadas por homens estão arranjadas na devida ordem, e variadas em sua forma se movem para o Senhor que guia.<sup>107</sup>

**16.** Eles me disseram que esses eram machos,<sup>108</sup> embora realmente fêmeas: aquele que tem olhos vê isso, o cego não discerne. O filho que é um sábio<sup>109</sup> compreendeu; quem sabe isso corretamente é o pai de seu pai.

**17.** Abaixo do reino superior, acima desse inferior, trazendo seu bezerro ao pé a vaca se ergueu.<sup>110</sup> Para onde, para que lugar ela partiu? Onde ela dá cria? Não em meio a esse rebanho de gado.<sup>111</sup>

**18.** Quem, que discerne o pai desse Bezerro abaixo do reino superior, acima do inferior, mostrando-se um sábio, pode aqui declarar isso? De onde o espírito Divino teve sua ascensão?<sup>112</sup>

**19.** Aqueles que vêm para cá eles chamam de partidos, aqueles que partem eles chamam de dirigidos para cá. E assim vocês têm feito, Indra e Soma, corcéis carregarem por assim dizer atrelados à lança do carro da região.<sup>113</sup>

**20.** Duas aves de belas asas, unidas por laços de amizade, encontraram um refúgio na mesma árvore acolhedora. Uma das duas come os frutos doces da figueira, a outra não comendo nada só observa atentamente.<sup>114</sup>

**21.** Onde aquelas Aves belas louvam incessantemente com hinos a sua porção de vida eterna, e os sínodos sagrados, lá está o poderoso Mantenedor do Universo, que, sábio, entrou em mim o simples.<sup>115</sup>

**22.** A árvore na qual as Aves belas comem a doçura, onde todas elas descansam e geram sua prole, – no seu topo dizem que o figo é delicioso: ninguém que não conhece o Pai o alcança.<sup>116</sup>

<sup>107</sup> *Os nascidos em conjunto*: os seis pares de meses, ou seis estações de dois meses cada. O *nascido sozinho* é o décimo terceiro mês e intercalado. [Veja a nota 33.]

<sup>108</sup> Wilson observa: “Esse é um fragmento de misticismo gramatical; *raśmi*, um raio do sol, aqui personificado como uma fêmea, é propriamente um substantivo masculino”. Mas esse é exatamente o contrário da explicação necessária. O significado é obscuro.

Grassmann sugere que o sentido é que Noite e Manhã, ambas femininas, receberam o nome masculino de Dia.

<sup>109</sup> [Veja a nota 36.] O significado do último semi-hemistiquio é provavelmente que um filho inteligente pode ser chamado de pai de um pai ignorante, como sendo seu superior em conhecimento.

<sup>110</sup> Uşas ou Aurora ergueu-se entre o céu e a terra, carregando com ela o jovem Sol sua prole.

<sup>111</sup> O mundo visível.

<sup>112</sup> Uşas é a mãe, mas quem é capaz de dizer quem é o pai do Sol?

<sup>113</sup> Essa estrofe pode se referir aos planetas que mudam sua posição relativa enquanto eles giram. Indra é aqui o Sol, e Soma a Lua.

<sup>114</sup> Sāyaṇa diz que as duas Aves são o Espírito vivo e o Supremo, residindo em um corpo. O espírito vivo goza do fruto ou recompensas das ações enquanto o Espírito Supremo é meramente um expectador passivo.

<sup>115</sup> As *Aves belas* aqui são talvez os sacerdotes, e o Mantenedor do Universo pode ser Soma.

<sup>116</sup> Sāyaṇa explica *suparṇāḥ*, bem alados, nessa estrofe e na seguinte, como (raios) que deslizam suavemente. A *sua prole* é, diz ele, a luz, e o *Pai* é o Sol que nutre e protege. Todas as explicações dessas três estrofes somente podem ser conjecturais. Ludwig é de opinião que elas são originalmente fragmentos desconectados e que eles foram inseridos juntos nesse hino só porque a palavra *suparṇāḥ* (usada aparentemente em vários sentidos) tem um lugar proeminente em cada estrofe.

*Suparṇāḥ* (dual) tem sido explicada por diferentes comentadores como duas espécies de almas; dia e noite, Sol e Lua; (plural) como raios de luz; estrelas; métricas; espíritos dos mortos; sacerdotes; e a *árvore* na qual elas repousam como o corpo; o orbe ou região do Sol; o poste sacrificial; o mundo; e a mítica Árvore do Mundo. Uma explicação geralmente satisfatória mal deve ser esperada.

- 23.** Como na Gāyatrī a Gāyatrī foi baseada, como a partir da Triṣṭup eles moldaram a Triṣṭup, como na Jagatī foi baseada a Jagatī, – aqueles que conhecem isso ganharam vida imortal eles próprios.<sup>117</sup>
- 24.** Com Gāyatrī ele mede a canção de louvor, Sāma com a canção de louvor, terceto<sup>118</sup> com a Triṣṭup. O terceto com a medida de dois ou quatro pés,<sup>119</sup> e com a sílaba<sup>120</sup> eles formam sete métricas.
- 25.** Com Jagatī ele<sup>121</sup> estabeleceu a corrente de água no céu, e viu o Sol no Ratham̐tara<sup>122</sup> Sāman. Gāyatrī tem, dizem, três tições<sup>123</sup> para acender: por isso ela se destaca em majestade e vigor.
- 26.** Eu invoco a vaca leiteira<sup>124</sup> boa para ordenhar, para que o ordenhador, de mão hábil, possa drená-la. Que Savitar dê o estímulo mais agradável. O caldeirão foi tornado quente; eu proclamarei isso.
- 27.** Ela, senhora de todos os tesouros, é chegada aqui ansiando em espírito por seu bezerro e mugindo. Que essa vaca produza seu leite para ambos os Ásvins, e que ela prospere para o nosso grande benefício.
- 28.** A vaca mugiu atrás do seu filhote a piscar; ela lambe a testa dele, enquanto ela muge, para formá-la. Sua boca ela chama carinhosamente para o seu úbere quente, e o amamenta com leite enquanto muge suavemente.
- 29.** Ele<sup>125</sup> também bufa, por quem cercada em volta a Vaca muge quando ela se apega ao derramador da chuva. Ela com seus gritos estridentes humilhou o homem mortal, e, transformada em relâmpago, despiu seu manto que cobre.
- 30.** Aquele que tem fôlego e velocidade e vida e movimento está firmemente estabelecido no meio das casas. Vivo, por oferendas aos Mortos ele se move, Imortal, o irmão do mortal.<sup>126</sup>
- 31.** Eu vi o Pastor,<sup>127</sup> ele que nunca tropeça, se aproximando por seus caminhos e partindo. Ele, vestido com esplendor reunido e difuso, viaja dentro dos mundos continuamente.
- 32.** Aquele que o fez não o compreende: de quem o viu com certeza ele está oculto. Ele, ainda envolto no seio de sua Mãe, fonte de muita vida, caiu em destruição.<sup>128</sup>
- 33.** Dyaus é meu Pai, meu progenitor: o parentesco está aqui. Essa grande terra é minha parente e Mãe. Entre as amplamente espalhadas metades do mundo é o local de nascimento: o Pai colocou o germe da Filha dentro dele.<sup>129</sup>

<sup>117</sup> [Veja acima a versão dessa estrofe por Wilson e a nota 47.] O sentido parece ser que aqueles que estão totalmente familiarizados com as recompensas apropriadas que seguem a aplicação de cada uma das métricas sagradas citadas estão na estrada correta para a vida imortal.

<sup>118</sup> É dito que a palavra *vāka* no texto significa ou duas ou três estrofes conectadas.

<sup>119</sup> Composta de dois ou quatro *pādas* ou semi-hemistíquios.

<sup>120</sup> Eles formam as sete métricas genéricas do Veda com a sílaba, que é o elemento principal da métrica, a Gāyatrī consistindo em oito sílabas, a Triṣṭup em onze, e a Jagatī em doze. Veja a nota de Wilson. [Nota 51.]

<sup>121</sup> Brahmā, segundo Sāyaṇa.

<sup>122</sup> Uma das partes mais importantes dos hinos Sāman; *Sāmaveda*; Segunda Parte, Livro 1, Capítulo 1, Hino XI = Ṛgveda 7.32.22,23.

<sup>123</sup> Os três *pādas*, divisões, ou linhas do verso sendo imaginativamente comparados aos bastões com os quais o fogo sacrificial é aceso.

<sup>124</sup> A vaca leiteira nessa e nas duas estrofes seguintes pode ser a vaca que fornece leite para sacrifício. Mas Sāyaṇa diz que a vaca pode ser a nuvem de chuva, o leite sendo a chuva e o ordenhador Vāyu, o Deus do Vento, que a faz se derramar. O bezerro, Sāyaṇa diz, é o mundo que anseia pela queda da chuva.

<sup>125</sup> Provavelmente Parjanya, a Nuvem de Tempestade personificada. A Vaca aqui é indubitavelmente uma nuvem.

<sup>126</sup> O assunto do primeiro hemistíquio é aparentemente Agni. A Lua, sustentada por oferendas sacrificais para os Mortos, parece ser o assunto do segundo. Mas veja os *Hymns of the Atharva-veda* IX.10.8.

<sup>127</sup> O Sol, o guardião do mundo.

<sup>128</sup> O raio, a causa imediata da chuva, com sua incontável prole, as gotas de chuva fertilizante, para ser aludido.

**34.** Eu te pergunto sobre o limite mais extremo da terra, onde é o centro do mundo, eu te pergunto. Eu te pergunto da semente prolífica do Garanhão, eu te pergunto do céu mais alto onde reside a Fala.

**35.** Esse altar é o limite mais extremo da terra;<sup>130</sup> esse nosso sacrifício é o centro do mundo. A semente prolífica do Garanhão<sup>131</sup> é o Soma; esse Brahman<sup>132</sup> o céu mais alto onde a Fala reside.

**36.** Sete germes ainda não amadurecidos são a semente prolífera do céu; eles mantêm suas funções por decreto de Viṣṇu. Dotados de sabedoria por inteligência e pensamento, eles nos cercam em volta presentes por todos os lados.<sup>133</sup>

**37.** Qual coisa eu realmente sou eu não sei claramente; misterioso, acorrentado em minha mente eu vago. Quando o primogênito da Lei Sagrada<sup>134</sup> se aproximou de mim, então dessa linguagem eu obtenho primeiro uma porção.

**38.** De volta, ele vai para frente, agarrado pela força inerente, o Imortal nascido o irmão do mortal. Incessantemente eles se movem em direções opostas; os homens notam um e falham em notar o outro.<sup>135</sup>

**39.** Sobre qual sílaba de canção de louvor sagrada, como se fosse o seu céu mais alto, os Deuses repousam, – quem não sabe disso, o que ele fará com a canção de louvor? Mas aqueles que o sabem bem sentam-se aqui reunidos.<sup>136</sup>

**40.** Que tu sejas afortunada com pasto agradável, e que nós também sejamos extremamente ricos. Alimenta-te da grama, ó Vaca, em todas as estações, e vindo para cá bebe água límpida.<sup>137</sup>

**41.** Formando as correntes de água, a búfala mugiu,<sup>138</sup> de um pé ou de dois pés ou de quatro pés, ela, que se tornou de oito pés ou obteve nove pés, a de mil sílabas no céu mais sublime.

**42.** Por causa da descida dela<sup>139</sup> em rios os mares de água: desse modo as quatro regiões do mundo<sup>140</sup> têm sua existência, daí brota a corrente imperecível e por consequência o universo tem vida.

**43.** Eu vi de longe a fumaça do combustível<sup>141</sup> com espirais que se erguia no alto acima daquilo abaixo dela. Os Homens Poderosos<sup>142</sup> prepararam o boi manchado.<sup>143</sup> Esses eram os costumes nos tempos de outrora.

<sup>129</sup> *Metades do mundo*: literalmente tigelas ou recipientes nos quais o Soma é derramado, uma expressão simbólica para céu e terra. O firmamento ou espaço entre esses dois é, como a região da chuva, o ventre de todos os seres. O Pai é Dyaus e a filha é a Terra cuja fertilidade depende do germe da chuva colocado no firmamento.

<sup>130</sup> O altar, como o lugar mais próximo do céu, o lugar onde os Deuses visitam os homens.

<sup>131</sup> Dyaus, ou Pai Céu.

<sup>132</sup> O sacerdote assim chamado que recita os textos do Veda.

<sup>133</sup> Essa estrofe, como Ludwig observa, é uma das mais ininteligíveis no Veda inteiro. Os sete, segundo Sāyaṇa, são os raios solares, e é dito que Viṣṇu é o Sol.

<sup>134</sup> Segundo Sāyaṇa, as primogênicas (percepções) da verdade. Soma pode ser mencionado, como sugerido por Bergaigne, *Religion Védique*, I. 150.

<sup>135</sup> Essa estrofe parece se referir ao Sol em seu curso diário do leste para o oeste e seu retorno noturno para o leste, o primeiro visível para os homens e o último invisível.

*Eles*, nesse caso, significaria o Sol de dia e o Sol de noite.

<sup>136</sup> Essa sílaba é o Praṇava, a sílaba mística sagrada OM. Essa sílaba é mostrada nas Upaniṣads como o objeto de profunda meditação religiosa, e a mais alta eficácia espiritual é atribuída a ela.

<sup>137</sup> Essa estrofe é dirigida à vaca que fornece o leite para libações.

<sup>138</sup> A grande nuvem de chuva trovejou. [Veja as explicações de Sāyaṇa sobre os vários pés na nota 73.] *Gaurī*, a búfala é, segundo Sāyaṇa, *Vāk*, a Fala, a voz do céu.

<sup>139</sup> Da búfala, ou nuvem.

<sup>140</sup> Isto é, o mundo inteiro.

<sup>141</sup> Erguendo-se do esterco de vaca queimando.

<sup>142</sup> Os Heróis, os Deuses.

**44.** Três com longas madeixas se mostram na estação ordenada. Um deles ceifa quando o ano termina. Um com seus poderes observa atentamente o universo; de um a varredura é vista, mas não sua forma.<sup>144</sup>

**45.** A linguagem foi medida em quatro divisões, os brâmanes que têm compreensão as conhecem. Três mantidas em estrito segredo não causam movimento;<sup>145</sup> da linguagem, os homens falam apenas a quarta divisão.<sup>146</sup>

**46.** Eles o chamam de Indra, Mitra, Varuṇa, Agni, e ele é celestial Garutmān<sup>147</sup> alado magnificamente. Ao que é Único, os sábios dão muitos títulos, eles o chamam de Agni, Yama, Mātariśvan.

**47.** Escura a descida:<sup>148</sup> os pássaros são de cor dourada; até o céu eles voam vestidos nas águas. Mais uma vez eles descem a partir do lugar da Ordem, e toda a terra é umedecida com sua abundância.

**48.** Doze são as bordas, e a roda é única; três são os cubos. Qual homem compreendeu isso? Nela estão fixados juntos trezentos e sessenta raios, os quais não podem ser soltos de modo algum.<sup>149</sup>

**49.** Aquele teu peito inesgotável, fonte de prazer, com o qual tu alimentas todas as coisas que são as mais seletas, dadora de riqueza, descobridora de tesouro, doadora generosa – traze-o, Sarasvatī,<sup>150</sup> para que nós possamos drená-lo.

**50.** Por meio de sacrifício os Deuses realizaram seu sacrifício: essas foram as primeiras ordenanças. Esses Poderosos chegaram ao alto do céu, lá onde os Sādhyas,<sup>151</sup> Deuses antigos, estão residindo.

**51.** Uniforme, com o passar dos dias, essa água sobe e cai novamente. As nuvens de tempestade dão vida à terra, e os fogos reanimam o céu.<sup>152</sup>

**52.** O Pássaro Celestial, vasto com asas nobres, o encantador germe das plantas, o germe das águas, aquele que nos deleita com chuva na estação, Sarasvān,<sup>153</sup> eu invoco para que ele possa nos ajudar.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 165 \(Griffith\)](#)

<sup>143</sup> O Soma. O todo pode, talvez, ser uma descrição simbólica da reunião das nuvens de chuva.

<sup>144</sup> Os três são: Agni que queima a vegetação, o Sol onisciente, e o invisível Vāyu ou Vento.

<sup>145</sup> As três podem ser os três Vedas; mas essa interpretação não combina com o resto da meia-linha.

<sup>146</sup> A linguagem comum. Para uma explicação elaborada desse estrofe veja [as notas 77, 78 e 79], e Muir, *Original Sanskrit Texts*, II. 55.

<sup>147</sup> A Ave Celestial, o Sol. Todos esses nomes, diz o poeta, são nomes do mesmo Ser Divino, o Único Espírito Supremo sob várias manifestações.

<sup>148</sup> Os raios de luz descem para a escuridão da terra quando envolta em noite, e se erguem novamente para o céu com a umidade que eles absorveram para descer novamente na forma de chuva fertilizante.

<sup>149</sup> A única roda é o ano; os doze raios são os meses; os três cubos são as três estações de quatro meses cada; e os raios são os dias do ano lunissolar. A estrofe está fora de lugar aqui.

<sup>150</sup> Veja 1.3.10.

<sup>151</sup> Ditos por Yāska serem ‘os deuses cujo lugar de residência é o céu’. [Veja a nota 83.]

<sup>152</sup> As oblações oferecidas em fogos sacrificais deleitam e fortalecem os Deuses.

<sup>153</sup> Ou Sarasvat, é o nome de um Deus-Rio geralmente apontado como um consorte de Sarasvatī. Nesse lugar o Sol é aludido, e *sārasvantam* pode ser considerado como um mero epíteto, ‘rico em água’, a qual ele absorve.

## Hino 165. Indra. Maruts (Wilson)

(Anuvāka 23. Sūkta I)

Supõe-se que o hino repete uma conversa entre Indra, Agastya e os Maruts, e os interlocutores são os Ṛṣis do Sūkta; isto é, os Maruts são os Ṛṣis do terceiro, quinto, sétimo [e nono] versos; Agastya dos três últimos, e Indra do resto. Indra como Marutvat, ou acompanhado pelos Maruts, é o deus, a métrica é Triṣṭubh.<sup>1</sup>

Varga 24. **1.** (*Indra*<sup>2</sup> fala), – Com qual fortuna auspiciosa os Maruts, que são de uma idade, uma residência, uma dignidade, têm regado (a terra) juntos? Com qual intenção? De onde eles vêm? Derramadores de chuva, eles veneram, por desejo de riqueza, a energia (que é gerada no mundo pela chuva).

**2.** As oblações de quem os jovens (Maruts) aprovam? Quem os atrai (dos ritos de outros) para o seu (próprio) sacrifício? Com qual louvor poderoso nós podemos propiciar (a eles), errantes como milhafres no ar?

**3.** (*Os Maruts*), – Indra, senhor dos bons, para onde tu, que tens direito a honra, procedes sozinho? O que significa essa (falta de comparecimento)? Quando seguido (por nós), tu requeres (o que é direito);<sup>3</sup> Senhor dos cavalos velozes, dize-nos, com palavras agradáveis, o que tu (tens a dizer) para nós.<sup>4</sup>

**4.** (*Indra*), – Ritos sagrados são meus; louvores (sagrados) me dão prazer; libações são para mim; meu raio vigoroso, lançado (contra meus inimigos), vai (até seu alvo); propiciem a mim (adoradores piedosos); hinos são dirigidos a mim; esses cavalos nos levam para a presença (daqueles adoradores, e culto).<sup>5</sup>

**5.** (*Os Maruts*), – Portanto, nós também, enfeitando os nossos corpos, estamos prontos, com nossos cavalos dóceis e parados perto, (para te acompanhar), com todo o nosso esplendor, àqueles ritos; realmente, Indra, tu te aproprias do nosso alimento (sacrificial).<sup>6</sup>

Varga 25. **6.** (*Indra*), – Onde, Maruts, aquele alimento (sacrificial) foi atribuído a vocês, o qual, para a destruição de Ahi, foi apropriado por mim sozinho? Porque eu de fato sou feroz, e forte, e poderoso, e tenho prostrado todos os meus inimigos com raios mortíferos.

**7.** (*Maruts*), – Derramador (de benefícios), tu tens feito muito; mas isso tem sido com as nossas energias iguais unidas; pois nós, também, muitíssimo poderoso Indra, temos feito muitas coisas, e por nossos atos (nós somos, como) nós desejamos ser, Maruts.

**8.** (*Indra*), – Pela minha própria habilidade, Maruts, eu, poderoso em minha ira, matei Vṛtra; armado com meu raio, eu criei todas essas águas límpidas e que fluem gentilmente para (o bem do) homem.

**9.** (*Maruts*), – Em verdade, Maghavat, nada (feito) por ti é vão;<sup>7</sup> não há divindade tão sábia quanto tu; ninguém nascendo, ou que tenha nascido, jamais supera os feitos gloriosos que tu, poderoso (Indra), tens realizado.

<sup>1</sup> Esse hino parece defender a adoração separada, ou pelo menos preferencial, de Indra, sem abranger, ao mesmo tempo, como uma coisa lógica, a adoração dos Maruts.

<sup>2</sup> [Max Müller considera que esses dois primeiros versos são a fala do sacrificador, pois Indra não diria algo como a terceira frase do verso 2; veja os argumentos dele na nota 22.]

<sup>3</sup> *Sampṛchase; samīchīnam pṛchase* é a explicação de Sāyaṇa; Mahīdhara traduz: tu perguntas às pessoas, com palavras bondosas, Qual é o caminho; *Yajush*, xxxiii. 27.

<sup>4</sup> A interpretação de Mahīdhara é, 'diga-nos o motivo de você ir sozinho; porque nós somos seus'.

<sup>5</sup> *Yajush*, xxxiii. 78, a interpretação é praticamente igual.

<sup>6</sup> *Svadhām anu hi no babhūtha*, tu tens estado em cima ou atrás do nosso alimento; ou, como Sāyaṇa propõe, força, *balam*; ou água, *udakam*; isto é, tu procuras as oblações geradas pela nossa força, ou pela água que nós criamos.

**10.** (*Indra*), – Que apenas a minha bravura seja irresistível; que eu realize rapidamente tudo o que eu contemple em minha mente; pois realmente, Maruts, eu sou feroz e sagaz, e para quaisquer (objetos) que eu dirija (meus pensamentos), deles eu sou o Senhor, e governo (sobre eles).

Varga 26. **11.** Maruts, nessa ocasião o louvor me deleita; aquele louvor que deve ser ouvido (por todos), o qual os homens têm me oferecido. Para Indra, o derramador (de benefícios), o objeto de sacrifício religioso; para mim, (dotado) de muitas formas, (vocês) meus amigos (ofereçam sacrifícios) para (a nutrição do meu) corpo.

**12.** Maruts, de fato, glorificando-me, e desfrutando de fama ilimitada e alimento (por meu favor), vocês, de cor dourada, e envolvidos em glória, cubram-me em retribuição, realmente (com renome).

**13.** (*Agastya*), – Qual mortal, Maruts, os adora nesse mundo? Apressem-se, amigos, para a presença dos seus amigos; (divindades) maravilhosas, sejam para eles os meios de adquirir riquezas, e não sejam desconhecedores dos meus méritos.<sup>8</sup>

**14.** Já que o intelecto experiente de um (sábio) venerável, competente para conceder louvores a (vocês), que merecem louvores, foi empregado por nós, Maruts, venham à presença do (adorador) devoto, que, glorificando(-os), os adora com esses ritos sagrados.

**15.** Esse louvor, Maruts, é para vocês; esse hino é para vocês, (a obra) de um autor venerável, capaz de conferir prazer<sup>9</sup> (por seus louvores). Que o louvor chegue até vocês, para (o bem de suas pessoas), de modo que nós possamos (por isso) obter alimento, força e vida longa.<sup>10</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 166 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 165. Indra. Maruts (Griffith)

**1.**<sup>11</sup> Com que beleza brilhante os Maruts são envolvidos conjuntamente, iguais em idade, que moram juntos? De que lugar eles vêm? Com qual intenção? Eles cantam sua força por amor de riqueza, esses Heróis?

**2.** As preces de quem eles, os Jovens, aceitam? Quem voltou os Maruts para o seu sacrifício? Nós os atrasaremos em sua jornada extensa – com qual espírito elevado! – através do ar como águias.

**3.**<sup>12</sup> Donde tu vens sozinho, tu que és poderoso, Indra, Senhor dos Bravos? Qual é o teu objetivo? Tu nos cumprimentas quando encontrando a nós os Brilhantes. Senhor dos Cavalos Baios, digas o que tu tens contra nós.

---

<sup>7</sup> *Anuttamā te maghavan nakir ma*; de acordo com Sāyaṇa, é equivalente a, ‘tudo o que é dito por ti, Indra, é verdade’; *ā* é uma exclamação, implicando aprovação ou lembrança; *anuttam* é, aquilo que não é mandado ou impelido para longe; ou, segundo Mahīdhara, não destruído ou frustrado por ninguém. – *Yajush*, xxxiii. 79.

<sup>8</sup> ‘Sejam conhecedores dessas minhas verdades’, é a interpretação Sāyaṇa.

<sup>9</sup> *Māndāryasya karoh*; Sāyaṇa explica o epíteto como ‘causador de prazer por louvores’; Mahīdhara, no mesmo verso, *Yaj.* xxxiv. 48, tem uma variedade de significados, como, aquele que tem o comando de si mesmo, que é desprovido de paixão; ou aquele que concede todos os desejos, derivando *māndārya* de *mandāra*, a árvore do céu, etc.

<sup>10</sup> *Iṣaṃ vrjanam jīradānum*; nesse lugar, Sāyaṇa interpreta o último termo como ‘doação conectada com vitória’, mas na repetição da estrofe, no final do próximo *Sūkta*, ele o explica como ‘vida longa’; Mahīdhara faz dele um epíteto de alimento, e vida que confere força.

<sup>11</sup> Indra fala.

<sup>12</sup> Aqui os Maruts se dirigem a Indra a quem eles encontraram sozinho, e não acompanhado por eles como era usual.

**4.**<sup>13</sup> Minhas são as devoções, os hinos; doces são as libações. A força agita, e arremessado é o meu raio de trovão. Eles chamam por mim, seus louvores estão ansiando por mim. Esses meus Cavalos Baios me levam para essas oblações.

**5.**<sup>14</sup> Portanto, juntamente com nossos companheiros fortes, tendo adornado nossos corpos, agora nós atrelamos os nossos cervos pintalgados com força, pois tu, ó Indra, descobriste e compreendeste a nossa natureza Divina.

**6.**<sup>15</sup> Onde estava então essa sua natureza, ó Maruts, que vocês me encarregaram sozinho de matar o dragão? Pois eu, de fato, sou feroz, forte e poderoso. Eu me desviei das armas de todos os inimigos.

**7.** Sim, tu realizaste muito conosco como companheiros, com coragem varonil como a tua, tu Herói. Nós também podemos realizar muito, ó Indra o mais poderoso, com o nosso grande poder, nós Maruts, quando nós quisermos isso.

**8.** Eu matei Vṛtra pela minha própria força, ó Maruts, tendo me tornado poderoso em minha indignação. Eu com o trovão na minha mão criei para o homem essas águas transparentes que fluem suavemente.

**9.** Nada, ó Maghavan, se mantém firme diante de ti; entre os Deuses igual a ti não é encontrado. Ninguém nascido ou surgindo para a vida chega perto de ti. Faze o que tu tens que fazer, extremamente poderoso!

**10.** Que seja só meu o poder transcendente, que eu possa realizar tudo aquilo que eu ouse em meu espírito. Pois eu sou conhecido como terrível, ó Maruts: eu, Indra, sou o Senhor do que eu arruinei.

**11.**<sup>16</sup> Agora, ó Maruts, o seu louvor me alegrou, o hino glorioso que vocês fizeram para mim, Heróis! Para mim, para Indra, campeão forte em batalha, para mim, vocês mesmos, como amantes para um amante.

**12.** Aqui, realmente, eles enviam seu brilho para me encontrar, usando a sua glória imaculada e seu vigor. Quando eu vi vocês, Maruts, em esplendor brilhante, vocês me encantaram, então agora me deleitem.

**13.** Quem aqui os engrandeceu, ó Maruts? Apressem-se adiante, ó amantes, em direção aos seus amantes. Ó Radiantes, auxiliando as devoções deles, estejam atentos aos meus ritos sagrados.

**14.**<sup>17</sup> A isso a sabedoria de Mānya<sup>18</sup> nos trouxe, de modo a ajudar, como o poeta ajuda aquele que adora. Traze para cá rapidamente! Para o sábio, ó Maruts!<sup>19</sup> O cantor recitou essas preces para vocês.

**15.** Que esse seu louvor, que essa sua canção, ó Maruts, cantada pelo poeta, filho de Māna, Māndārya,<sup>20</sup> traga filhos para nós mesmos com alimento para nos alimentar. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância!<sup>21</sup>

---

<sup>13</sup> Indra responde.

<sup>14</sup> Os Maruts falam novamente.

<sup>15</sup> Indra reivindica para si mesmo a glória da vitória sobre Vṛtra.

<sup>16</sup> “Nesse verso Indra, após ter recusado sem som incerto a amizade dos Maruts, parece se arrepender da sua indelicadeza para com seus velhos amigos. As palavras de louvor que eles dirigiam a ele no verso 9, apesar da rejeição que elas tinham recebido de Indra, tocaram o coração dele, e nós podemos supor que, depois disso, a reconciliação deles foi completa”. – Max Müller.

<sup>17</sup> Esse verso é extremamente difícil, e sua tradução no momento pode ser apenas conjectural.

<sup>18</sup> Aparentemente, quer dizer o filho de Māna.

<sup>19</sup> [Veja a nota 32.]

<sup>20</sup> Provavelmente o nome do poeta, mas explicado de forma diferente por Sāyaṇa e Mahīdhara.

<sup>21</sup> Eu tomo emprestado três quartos desse verso do professor Max Müller.

[A versão de 1889 lê: “Esse nosso louvor, essa nossa canção, Maruts, vem do poeta, o filho de Māna, Māndārya. Com chuva venham a nós! Que nós para os nossos corpos encontremos prole, alimento, um campo com água corrente”. E ele

## Hino 165. Aos Maruts e Indra (Müller)

MAṄḌALA I. HINO 165.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 3, VARGA 24-26.

### O Prólogo

*O sacrificador fala.*<sup>22</sup>

observa em nota que a palavra *vrjana*, que ele traduziu como *campo*, tem muitos significados, e cita as palavras de Max Müller, como na nota 34.]

<sup>22</sup> De acordo com a Anukramaṇikā esse hino é um diálogo entre Agastya, os Maruts, e Indra. Um exame cuidadoso do hino provavelmente teria nos levado a uma conclusão similar, mas eu duvido que ele teria nos levado a adotar a mesma distribuição dos versos entre o poeta, os Maruts, e Indra, como a adotada pelo autor da Anukramaṇikā. Ele atribui os dois primeiros versos a Indra, o terceiro, quinto, sétimo e nono aos Maruts, o quarto, sexto, oitavo, décimo, décimo primeiro e décimo segundo a Indra, e os três versos finais a Agastya. Eu acho que os dois versos no início, assim como os três versos finais, pertencem certamente a Agastya ou a quem quer que possa ter sido o verdadeiro realizador do sacrifício. Os dois versos no começo não podem ser atribuídos a Indra, que, a julgar pela sua linguagem, nunca diria: 'Por qual forte desejo nós podemos deter os Maruts?' Pode parecer, de fato, como se os três versos seguintes também devessem ser atribuídos ao sacrificador, de modo que o diálogo entre Indra e os Maruts começaria apenas com o sexto verso. O terceiro verso poderia muito bem ser dirigido a Indra pelo sacrificador, e no quarto verso nós podemos ver uma descrição de tudo o que ele tinha feito por Indra. O que é contra esse ponto de vista, no entanto, é a frase *prabhṛtaḥ me adriḥ*. Se usada pelo sacrificador, ela pode parecer dizer, 'minha pedra, isto é, a pedra usada para espremer o Soma, foi trazida'. Mas embora o professor Roth atribua esse significado a *prabhṛta* em nossa passagem, eu duvido que, em conexão com *adri*, ou com *vajra*, *prabhṛta* possa significar algo exceto 'lançado'. Portanto, eu suponho que o diálogo começa com o verso 3, e eu acho que Langlois, embora seja por razões diferentes, chegou à mesma conclusão.

Há pouca dúvida de que os outros versos, até o verso 12, estão divididos corretamente entre Indra e os Maruts. O verso 12 talvez possa ser atribuído novamente ao adorador dos Maruts, mas como não há necessidade absoluta de atribuí-lo a ele, é melhor seguir a tradição e tomá-lo como o último verso do discurso de Indra. Parece, de fato, que esses dez versos, do 3 ao 12, formavam um poema independente, que tinha a intenção de mostrar o poder divino dos Maruts. Que o poder divino deles era negado às vezes, e que o desprezo ocasional de Indra por eles era bem conhecido dos poetas védicos, se tornará evidente a partir de outros hinos. Esse diálogo parece, portanto, ter tido claramente a intenção de mostrar que, apesar dos desentendimentos ocasionais entre os Maruts e o todo-poderoso Indra, o próprio Indra tinha reconhecido plenamente o poder deles e aceitado a sua amizade. Se nós supusermos que esse diálogo era repetido em sacrifícios em honra dos Maruts, ou que, possivelmente, ele foi influenciado pelos dois partidos, um representando Indra, o outro, os Maruts e seus seguidores, então os dois versos no início e os três no final deveriam ser colocados na boca do real sacrificador, quem quer que ele fosse. Ele começa por perguntar: 'Quem atraiu os Maruts para seu sacrifício, e por qual ato de louvor e culto eles podem ser satisfeitos?' Então segue-se o diálogo em honra dos Maruts, e depois o sacrificador pergunta novamente: 'Quem tem magnificado os Maruts, ou seja, nós não os temos magnificado?' e ele implora a eles para lhe conceder sua amizade, em reconhecimento dos seus atos de culto. Se, então, nós supusermos que o diálogo era a obra de Māndārya Mānya, o décimo quarto verso, também, perderia algo da sua obscuridade. Vindo da boca do verdadeiro sacrificador, ele significaria, 'a sabedoria, ou o poder poético, de Mānya nos trouxe a isso, nos induziu a fazer isso, ou seja, a recitar esse diálogo de Mānya, para que ele, Mānya, ajudasse, como um poeta ajuda o sacerdote em um sacrifício'. Naturalmente tudo isso é e só pode ser conjectura. Nós não sabemos a época de Mānya nem a de Agastya. Nós não sabemos se eles eram contemporâneos ou não. Mas supondo que Mānya estivesse presente no sacrifício, *vipra* pode ser destinado a Mānya; e nas últimas palavras, também, 'o cantor recitou essas preces para você', o cantor (*jaritā*) pode novamente ser Mānya, o poeta poderoso cujos serviços o sacrificador empregou, e cujo diálogo famoso entre Indra e os Maruts era considerado uma forma segura de ganhar o favor deles. Seria condizente com tudo isso, se, no último verso, o sacrificador informasse mais vez mais aos Maruts que esse hino de louvor era a obra do famoso poeta Māndārya, o filho de Māna, e se ele então concluísse com a prece usual por segurança, alimento e progênie.

1. A qual esplendor os Maruts se apegam todos igualmente,<sup>23</sup> eles que são da mesma idade, e que moram no mesmo ninho? Com quais pensamentos? – de onde eles vêm? Esses heróis cantam a sua (própria) força,<sup>24</sup> desejando riqueza?

2. As preces de quem os jovens aceitaram? Quem dirigiu os Maruts para o seu próprio sacrifício? Por qual forte desejo nós podemos detê-los, eles que pairam no ar como falcões?

### O Diálogo

*Os Maruts falam:*

3. De onde, ó Indra, tu vens sozinho, tu que és poderoso? Ó senhor de homens, o que portanto aconteceu a ti? Tu (nos) cumprimentas quando tu te reúnes conosco, os brilhantes (Maruts). Diga-nos então, tu com teus cavalos baios, o que tu tens contra nós!

*Indra fala:*

4. As canções sagradas são minhas, (minhas são) as preces; doces são as libações! A minha força se ergue, o meu raio é arremessado. Eles chamam por mim, os hinos anseiam por mim. Aqui estão os meus cavalos, eles me trazem para cá.

*Os Maruts falam:*

5. De lá, na companhia dos nossos amigos fortes,<sup>25</sup> tendo enfeitado os nossos corpos, nós agora atrelamos os nossos gamos com toda a nossa força; – pois, Indra, segundo o costume, tu vens para estar conosco.

*Indra fala:*

6. Onde, ó Maruts, estava esse seu costume quando vocês me deixaram sozinho na morte de Ahi? Eu de fato sou terrível, poderoso, forte, – eu escapei dos golpes de cada inimigo.<sup>26</sup>

*Os Maruts falam:*

7. Tu realizaste muito conosco como companheiros. Com a mesma bravura, ó herói! vamos então realizar muitas coisas, ó tu o mais poderoso, ó Indra! tudo o que nós, ó Maruts, desejarmos com a nossa mente.<sup>27</sup>

*Indra fala:*

8. Eu matei Vṛtra, ó Maruts, com poder (de Indra), tendo me tornado poderoso pelo meu próprio vigor; eu, que seguro o raio em meus braços, tenho feito essas águas muito brilhantes fluírem livremente para o homem.<sup>28</sup>

<sup>23</sup> Como *samānī* ocorre no Veda como o feminino de *samāna*, *samānyā* pode, sem dúvida, ser tomado como um instrumental, pertencente a *śubhā*. Nós teríamos, então, que traduzir: 'Com qual esplendor igual os Maruts são dotados?' Sāyaṇa adota a mesma explicação, enquanto Wilson, que parece ter lido *samānyāḥ*, traduz 'de uma dignidade'.

<sup>24</sup> A ideia de que os Maruts proclamam a sua própria força ocorreu antes, 1.87.3. É uma concepção perfeitamente natural, pois quanto mais alta a voz do vento, maior a sua força, e vice-versa.

<sup>25</sup> Se, como nós mal podemos evitar, nós atribuirmos esse verso aos Maruts, nós devemos reconhecer nele a oferta usual de ajuda a Indra por parte dos Maruts. A questão então é apenas, quem são os amigos fortes em cuja companhia eles aparecem? Seria bom se pudéssemos interpretar *antamebhiḥ* por cavalos, como Sāyaṇa faz, mas não há nenhuma autoridade para isso. Tal como está, nós só podemos supor que é feita uma distinção entre os Maruts e seus seguidores, e que depois de convocar seus seguidores, e se adornar para a batalha, eles passam a atrelar suas carruagens.

<sup>26</sup> Indra nesse diálogo é, evidentemente, representado como reivindicando tudo só para si. Ele aparenta desprezo pela ajuda oferecida pelos Maruts, e parece negar que ele esteja em qualquer momento em dívida com o auxílio deles. Ao perguntar: Onde estava esse costume que eu deveria estar com vocês e vocês comigo em batalha? ele indica que esse nem sempre era o costume deles, e que ele pode dispensar a ajuda deles agora. Ele quer ficar sozinho, como em sua antiga batalha com Ahi, e não deseja que eles se juntem a ele, (veja 1.33.4).

<sup>27</sup> As últimas palavras não deixam dúvidas quanto ao seu significado, pois a frase é uma de ocorrência frequente. A única dificuldade é o vocativo *marutaḥ*, onde nós devemos esperar o nominativo. É perfeitamente possível, no entanto, que os Maruts aqui se dirigissem a si mesmos, embora, sem dúvida, fosse fácil alterar o acento.

<sup>28</sup> Aqui, novamente, Indra reivindica tudo por si mesmo, negando que os Maruts o ajudaram de alguma forma durante a execução dos grandes feitos dele. Esses feitos são a morte de Vṛtra, que retém as águas, isto é, a chuva da terra, e a consequente libertação das águas, de forma que elas fluam livremente para baixo para o benefício de Manu, isto é, do homem.

*Os Maruts falam:*

**9.** Nada, ó senhor poderoso, é forte diante de ti; ninguém semelhante a ti é conhecido entre os deuses. Ninguém que é nascido agora<sup>29</sup> se aproxima, ninguém que tenha nascido. Faze o que tu queres fazer, tu que te tornaste tão forte.

*Indra fala:*

**10.** Que a força todo-poderosa seja só minha, tudo o que eu possa fazer, ousando em meu coração;<sup>30</sup> pois eu realmente, ó Maruts, sou conhecido como terrível; de tudo o que eu derrubei, eu, Indra, sou o Senhor.

*Indra fala:*

**11.** Ó Maruts, agora o seu louvor me agradou, o hino glorioso que vocês fizeram para mim, ó homens! – para mim, para Indra, para o herói alegre, como amigos para um amigo, para o seu próprio bem, e pelos seus próprios esforços.<sup>31</sup>

*Indra fala:*

**12.** Realmente, lá estão eles, brilhando em direção a mim, trazendo glória irrepreensível, trazendo alimento. Ó Maruts, onde quer que eu tenha procurado por vocês, vocês têm aparecido para mim em esplendor brilhante; apareçam para mim também agora!

### O Epílogo

*O sacrificador fala:*

**13.** Quem os magnificou aqui, ó Maruts? Venham para cá, ó amigos, para seus amigos. Ó Maruts brilhantes, recebendo essas preces, estejam atentos a esses meus ritos.

**14.** A sabedoria de Mānya nos trouxe até aqui, de modo que ele ajude como o poeta ajuda o realizador de um sacrifício; dirijam-se para cá rapidamente!<sup>32</sup> Maruts, para o sábio! o cantor recitou essas preces para vocês.

**15.** Que esse seu louvor, ó Maruts, essa canção de Māndārya, o filho de Māna,<sup>33</sup> o poeta, traga progênie para nós com alimentos. Que nós tenhamos um outono revigorante, com chuva vivificante.<sup>34</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 166 \(Müller\)](#)

<sup>29</sup> A justaposição de *jāyamānaḥ* e *jātaḥ* parece mostrar que, se esse último tinha um passado, o primeiro tinha um significado futuro. Para nós, ‘Ninguém que vai nascer e ninguém que tenha nascido’, certamente soa mais natural. O hindu, no entanto, está familiarizado com a idéia aqui expressa, e, para abranger todos os seres, ele fala daqueles que nascem e daqueles que estão nascendo.

<sup>30</sup> Como eu traduzi essas palavras, elas soam um tanto abruptas. O significado, no entanto, seria suficientemente claro, ou seja: a onipotência pertence a mim, portanto eu posso ousar e fazer. Se essa expressão abrupta desagradar, ela pode ser evitada, por tomar o particípio *dadhr̥ṣvān* como um verbo finito, e traduzir: tudo o que eu tenho estado ousando, eu farei de acordo com a minha vontade.

<sup>31</sup> [Veja a nota 16.]

<sup>32</sup> A menos que mudemos o acento, nós devemos traduzir, ‘traze para cá rapidamente!’ e temos que tomar essas palavras como dirigidas ao *kāru*, o poeta, cujo hino se supõe que atraí os deuses para o sacrifício. Por uma transição rápida, as próximas palavras, *marutaḥ vipram acha*, então teriam que ser tomadas como dirigidas aos deuses, ‘Maruts, para o sábio!’ e as últimas palavras se tornariam inteligíveis por colocar ênfase sobre a *vah*, ‘para vocês, e não para Indra ou qualquer outro deus, o cantor recitou esses hinos’. Veja, entretanto, o Prefácio [dos *Vedic Hymns*, Part. 1], pág. xxi.

<sup>33</sup> Eu traduzo Mānya, filho de Māna, porque o poeta, assim chamado em 1.189.8, é com toda a probabilidade o mesmo que o nosso Māndārya Mānya. Mas ele também pode ser Mānya, o descendente de Mandāri. Os Mānas são mencionados 1.172.5, e 1.182.8.

<sup>34</sup> *Vrjana* significa um terreno cercado. [Qualquer que seja a sua derivação,] o significado permanece o mesmo, isto é, um campo, limpo para a pastagem ou agricultura, – uma clareira, como é chamado nos Estados Unidos, ou um acampamento, – fechado com barreiras ou paredes, de modo a ser capaz de defesa contra animais selvagens ou contra inimigos. Nesse sentido, no entanto, *vrjana* é um neutro, enquanto como um masculino ele significa poderoso, revigorante. Veja o Prefácio, [dos *Vedic Hymns*, Part. 1], p. xx.

## Hino 166. Maruts (Wilson)

(Quarto Adhyāya. Continuação do Anuvāka 23. Sūkta II)

Os deuses são os Maruts; o Ṛṣi é Agastya; a métrica, [Jagatī; e] Triṣṭubh [nos versos 14 e 15].

Varga 1. **1.** Nós proclamamos ansiosamente, Maruts, a sua antiga grandeza, para (induzir) o seu pronto aparecimento, como indicação da (aproximação do) derramador (de benefícios). Maruts poderosos e de rugido alto, vocês empregam as suas energias vigorosas para o avanço (para o sacrifício), como se fosse para a batalha.

**2.** Sempre aceitando a (libação) doce, como (eles aceitariam) um filho, eles se divertem alegremente em sacrifícios, demolindo (todos os intrusos); os Rudras vão ao oferecedor de preces e oferendas, para a proteção dele, e, poderosos como eles são, não lhe fazem nenhum mal.

**3.** A ele, o apresentador (de oferendas), os Maruts imortais e protetores, (satisfeitos) pela oblação, têm dado abundância de riquezas; eles, os concessores de felicidade, tornando-se, por assim dizer, os amigos (do adorador), borrifam as regiões copiosamente com água.

**4.** Aqueles seus corcéis, que percorrem as regiões em sua velocidade, seguem, autoguiados; todos os mundos, todas as residências, ficam alarmados, pois a chegada deles é extraordinária; (temor semelhante ao que é sentido) quando lanças são impelidas adiante (em batalha).

**5.** Quando os seus corcéis brilhantes fazem as montanhas ecoarem; e, amigáveis para o homem, atravessam o topo do firmamento; então todos os senhores da floresta ficam amedrontados pela sua aproximação, e os arbustos balançam para lá e para cá, como uma mulher em uma carruagem.

Varga 2. **6.** Maruts ferozes, livres de malevolência em seus pensamentos bondosos, realizem com respeito a nós os seus bons propósitos; quando o seu raio míssil rasga (a nuvem) como uma arma bem atirada fere o veado.<sup>1</sup>

**7.** Doadores sem limite, possuidores de riquezas inesgotáveis, desprovidos de maldade, sempre glorificados em sacrifícios, eles adoram o adorável (Indra), por (causa de) beber o vinho (*Soma*); pois eles conhecem as primeiras façanhas valorosas do herói.

**8.** Maruts, satisfaçam, com prazeres infinitos e completos, a ele, a quem vocês protegem do pecado degradante: aquele homem a quem, ferozes e poderosos, e glorificados (como vocês são), vocês defendem das calúnias, por (tomarem providências para) a nutrição dos descendentes dele.

**9.** Maruts, todas as coisas boas estão em seus carros; em seus ombros reside força êmula; nos seus lugares de repouso na estrada refrescos (estão preparados);<sup>2</sup> o eixo das rodas da sua (carruagem) as mantém juntas firmemente.

**10.** Maruts, em seus braços, propícios para o homem, se encontram muitas coisas boas; em seus peitos há (ornamentos) de ouro, brilhantes e visíveis; guirlandas brancas (pendem) em seus ombros; afiados são (os gumes das) suas armas; os Maruts têm diversos adornos, como os pássaros têm asas (de muitas cores).

<sup>1</sup> *Paśvaḥ sudhiteva barhaṇā*; Sāyaṇa conecta *paśūn* com *krivirdati*, o míssil dos ventos; porque, diz ele, quando o vento sopra, os animais são intimidados ou desanimados; mas isso parece mais naturalmente relacionado com o que segue, como uma arma bem posicionada atinge animais.

<sup>2</sup> *Prapathesu khādayaḥ*; a expressão é digna de nota, como indicando a existência de alojamentos para o uso de viajantes; o *Prapatha* é o *choltri* do sul da Índia, o *sarāi* dos muçulmanos, um lugar à beira da estrada onde o viajante pode encontrar abrigo e provisões.

Varga 3. **11.** Maruts, poderosos com força imensa, onipresentes, manifestos ao longe, como os deuses (são manifestados) pelas constelações; estimulantes, de língua macia, falando suavemente com suas bocas, associados com Indra, glorificados por louvor; (venham para o nosso sacrifício).

**12.** Tal, Maruts bem nascidos, é a sua grandeza, que a sua munificência (continua) por tanto tempo quando a função de Aditī;<sup>3</sup> e Indra não supera, por sua própria generosidade, (o valor daquilo) que vocês têm concedido ao homem devoto (que os adora).

**13.** A sua aliança conosco, Maruts, é de uma longa duração: por causa da qual, imortais, aceitam o nosso amplo louvor; e, tendo aceitado o nosso louvor, fiquem satisfeitos, líderes (de sacrifício), pelos nossos atos sagrados, devido a essa (sua) disposição favorável com relação à humanidade.

**14.** Maruts de movimento rápido, nós aumentamos a longa (cerimônia oferecida) após a sua (aproximação) poderosa, pela qual os homens triunfam em guerra. – Que nós obtenhamos, por meio desses nossos sacrifícios, a sua almejada (presença).

**15.** Esse louvor, Maruts, é para vocês; esse hino é para vocês; (a obra) de um autor venerável, capaz de conferir prazer (por seus louvores). Que o louvor chegue até vocês, para (o bem de suas pessoas), de modo que nós possamos daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 167 \(Wilson\)](#)

---

### **Hino 166.<sup>4</sup> Maruts (Griffith)**

**1.** Agora vamos proclamar, para a vigorosa companhia o arauto do Forte,<sup>5</sup> a força primordial deles. Com fogo em seu caminho, ó Maruts de voz alta, com batalha, Poderosos, realizem seus atos de força.

**2.** Trazendo o hidromel agradável como se fosse seu próprio filho querido, eles se divertem de modo esportivo alegre em suas reuniões. Os Rudras<sup>6</sup> vêm com auxílio ao adorador, fortes por si mesmos eles não falham com aquele que oferece sacrifício.

**3.** Para quem quer que, portador de oferendas, eles, guardiões imortais, tenham dado riqueza farta, para ele, como amigos queridos, os Maruts trazendo felicidade orvalham as regiões em volta com leite<sup>7</sup> em abundância.

**4.** Vocês que com grandes poderes têm agitado as regiões acima, seus corcéis têm acelerado adiante dirigidos por eles mesmos. Todas as criaturas da Terra, todas as residências têm medo, pois brilhante é a sua vinda com suas lanças adiantadas.

---

<sup>3</sup> *Aditer-iva vratam*, o ato ou obrigação de Aditi, ou a mãe dos deuses, ou a terra; em quais aspectos a comparação existe não é especificado, exceto que a duração de ambos é a mesma, Aditi sendo identificável com o universo, como em 1.89.10 [nota 7].

<sup>4</sup> Esse hino e os vinte e cinco seguintes são atribuídos ao Ṛṣi Agastya, que aparece no *Rāmāyaṇa* como o amigo e conselheiro de Rāma. Ele é um daqueles personagens míticos indefiníveis que são encontrados nas tradições antigas de muitas nações, e em quem noções cosmogônicas e astronômicas estão geralmente simbolizadas. Desse modo é contado de Agastya que as montanhas Vindhyan se prostraram diante dele; e contudo acredita-se que o mesmo Agastya é o regente da estrela Canopus.

<sup>5</sup> O Forte: Indra, que é precedido pelos Maruts.

<sup>6</sup> Os Maruts, filhos do Deus Forte ['Deus da Tempestade', na versão de 1889,] Rudra.

<sup>7</sup> Chuva fertilizante.

5. Quando eles em investida deslumbrante fizeram as montanhas ribombarem, e abalaram o alto dorso do céu em sua força heroica, cada soberano da floresta teme quando vocês<sup>8</sup> se aproximam, e os arbustos voam diante de vocês rápidos como rodas girando.

6. Terríveis Maruts, vocês com tropa nunca diminuída, com grande benevolência realizam o desejo do nosso coração. Onde quer que o seu raio morda armado com seus dentes sangrentos ele mastiga ruidosamente o gado, como um dardo certo.

7. Dadores de presentes duradouros cujas dádivas nunca falham, livres de má vontade, glorificados em sacrifícios, eles cantam sua canção alto para que eles possam beber suco doce; eles conhecem bem os primeiros atos heróicos do Herói.

8. Com castelos centuplicados, ó Maruts, protejam bem da ruína e do pecado o homem a quem vocês têm amado, – o homem a quem vocês os ferozes, os Poderosos que rugem, preservam da calúnia por nutrirem a semente dele.

9. Ó Maruts, em seus carros estão todas as coisas que são boas: grandes poderes estão colocados neles por assim dizer em disputa. Os aros ficam sobre seus ombros quando vocês viajam; seu eixo gira juntas ambas as rodas do carro.

10. Seguras em seus braços vigorosos estão muitas coisas vistosas, há correntes de ouro em seus peitos, e ornamentos resplandecentes. Há camurças nos ombros deles, lâminas em suas pinas;<sup>9</sup> eles espalham sua glória como pássaros estendem suas asas.

11. Fortes em poderio, penetrantes, extremamente fortes, visíveis de longe como se fosse com estrelas do céu, adoráveis com línguas agradáveis, doces cantores<sup>10</sup> com suas bocas, os Maruts, unidos com Indra, gritam por todos os lados.

12. Essa é sua majestade, ó Maruts nascidos nobremente, tanto quanto o domínio de Aditi<sup>11</sup> espalha sua generosidade. Mesmo Indra por deserção nunca anula o benefício concedido por vocês ao homem piedoso.

13. Este é o seu parentesco, Maruts, que, Imortais, vocês nos tempos antigos estavam frequentemente atentos ao nosso chamado. Tendo concedido ao homem uma audiência através dessa prece, por meio de prodígios os Heróis têm demonstrado seu poder.

14. Que, ó Maruts, nós possamos prosperar por muito tempo através das suas riquezas abundantes, ó rápidos movedores, e que os nossos homens possam se espalhar no campo, portanto deixem-me terminar o rito com essas oferendas.

15. Que esse seu louvor, que essa sua canção, ó Maruts, cantada pelo poeta, filho de Māna, Māndārya, traga filhos para nós mesmos com alimento para nos alimentar. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 167 \(Griffith\)](#)

## Hino 166. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṆḌALA I. HINO 166.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 4, VARGA 1-3.

<sup>8</sup> Mudanças similares abruptas de pessoa são comuns no Veda.

<sup>9</sup> Suas carruagens de guerra têm lâminas afiadas como foices fixadas em suas rodas, ou extremidades afiadas em suas bordas.

<sup>10</sup> A canção dos Maruts na música dos ventos.

<sup>11</sup> “O que o poeta diz é simplesmente isto: que a generosidade dos Maruts se estende tão longe quanto o reino de Aditi, isto é, é infinito, ou se estende por toda parte, Aditi sendo em sua concepção original o deus do mundo ilimitado além, a primeira tentativa de expressar o Infinito”. – Max Müller.

1. Vamos agora proclamar para a hoste robusta, para o arauto<sup>12</sup> do poderoso (Indra), sua antiga grandeza! Ó Maruts de voz forte, vocês heróis, provam seus poderes em sua marcha, como com uma tocha, como com uma espada!
2. Como pais trazendo uma guloseima para o seu próprio filho, os indômitos (Maruts) se divertem alegremente nos sacrifícios. Os Rudras alcançam o adorador com sua proteção, fortes em si mesmos, eles não desapontam o sacrificador.
3. Para ele, a quem os guardiões imortais deram plenitude de riqueza, e que é ele mesmo um doador de oblações, os Maruts, que alegram os homens com o leite (da chuva), derramam, como amigos, muitas nuvens.
4. Vocês que têm agitado as nuvens com força, seus cavalos correram adiante, auto-guiados. Todos os seres que residem em casas têm medo de vocês, sua marcha é brilhante com suas lanças impelidas para frente.
5. Quando eles cuja marcha é terrível fizeram as rochas tremer, ou quando os valorosos Maruts abalaram o dorso do céu, então cada senhor da floresta teme a sua corrida, cada arbusto voa para fora do seu caminho, girando como rodas de carro.
6. Vocês, ó terríveis Maruts, cujas fileiras nunca são rompidas, realizam favoravelmente a nossa prece! Onde quer que o seu relâmpago de dentes sangrentos morda, ele mói o gado, como um raio certo.
7. Os Maruts cujas dádivas são firmes, cujas recompensas são incessantes, que não injuriam, e que são altamente louvados em sacrifícios, eles cantam a sua canção para beber o suco doce; eles conhecem os primeiros atos varonis do herói (Indra).
8. O homem a quem vocês têm protegido, ó Maruts, – defendam-no com fortalezas cêntuplas da injúria e dano, – o homem a quem vocês, ó terríveis, cantores poderosos, protegem da desgraça na prosperidade dos filhos dele.
9. Em seus carros, ó Maruts, existem todas as coisas boas, armas fortes estão empilhadas colidindo umas contra as outras. Quando vocês estão em suas viagens, vocês carregam os aros<sup>13</sup> em seus ombros, e seu eixo gira as duas rodas ao mesmo tempo.
10. Em seus braços viris há muitas coisas boas, em seus peitos correntes douradas, ornamentos cintilantes, em seus ombros camurças pintadas, em seus aros bordas afiadas;<sup>14</sup> como pássaros esticam suas asas, eles espalham esplendores atrás.
11. Eles, poderosos pela força, poderes todo-poderosos, visíveis de longe como os céus com as estrelas, de tons doces, cantores de língua suave com suas bocas, os Maruts, unidos com Indra, gritam por toda parte.
12. Esta é a sua grandeza, ó Maruts bem-nascidos! – sua generosidade se estende ao longe, como o domínio de Aditi.<sup>15</sup> Nem mesmo Indra em seu desprezo pode prejudicar aquela recompensa, para qualquer homem que vocês a tenham concedido pelas boas ações dele.
13. Este é seu parentesco (conosco), ó Maruts, que vocês, imortais, em anos anteriores, muitas vezes protegeram o cantor. Tendo através dessa prece concedido uma audição para o homem, todos esses heróis juntos se tornaram conhecidos por seus atos heroicos.
14. Que nós possamos prosperar por longo tempo, ó Maruts, com sua riqueza, ó corredores, que os nossos homens possam se espalhar no campo, portanto deixem-me realizar o rito com essas oferendas.

<sup>12</sup> Os Maruts vêm antes de Indra, eles anunciam a chegada de Indra, eles são os primeiros do exército dele.

<sup>13</sup> Nós vimos antes (1.64.10, [nota 20]) que *khādīs* eram usados como ornamentos e como armas, e que, quando usados como armas, eles eram muito provavelmente anéis ou discos com bordas afiadas. Veja 7.56.13.

<sup>14</sup> Eu traduzo *ksurā* por bordas afiadas, mas poderia ter sido traduzido literalmente por navalhas, pois, por estranho que possa parecer, navalhas eram conhecidas, não só durante o período védico, mas mesmo antes da separação ariana.

<sup>15</sup> [Veja a nota 11acima; e a nota 13 do hino 24.]

**15.** Que esse louvor, ó Maruts, essa canção de Māndārya, o filho de Māna, o poeta, lhes peça por progênie com alimento para nós! Que nós tenhamos um outono revigorante, com chuva vivificante!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 167 \(Müller\)](#)

## Hino 167. Indra. Maruts (Wilson)

(Sūkta III)

A primeira estrofe é dirigida a Indra; o resto aos Maruts; o Ṛṣi é Agastya; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 4. **1.** Que os teus mil benefícios, Indra, venham a nós; que mil tipos de alimento abundante venham a nós, senhor dos cavalos; que mil (tipos de) riqueza venham para nos alegrar; que milhares de cavalos sejam nossos.

**2.** Que os Maruts venham à nossa presença com benefícios; que eles que são possuidores de conhecimento (venham) com (tesouros) muito excelentes e brilhantes, visto que seus gloriosos cavalos, os Niyutas, coletam riqueza até mesmo na outra margem do mar.<sup>1</sup>

**3.** Em quem o derramador de água, o relâmpago de cor dourada, está depositado adequadamente como uma coroa (de nuvens), movendo-se no firmamento como a (esplendidamente vestida) esposa de um homem (de posição),<sup>2</sup> e distinto em assembleias como um hino sacrificial.<sup>3</sup>

**4.** Os radiantes, sempre moventes Maruts, se misturaram com (seu) associado (relâmpago), como (jovens) com mulheres comuns;<sup>4</sup> os deuses formidáveis não oprimem o céu e a terra (com chuva), mas promovem a prosperidade deles através de respeito (amigável).

**5.** Rodasī, a associada dos espalhadores (das nuvens), com madeixas desgrenhadas e mente dedicada aos seus senhores, solicita a eles para se associarem (com ela);<sup>5</sup> radiante em forma, ela subiu no carro dos agitados (Maruts) como Sūryā<sup>6</sup> (subiu no carro dos Ásvins), e vem para cá (com a celeridade) do sol.

Varga 5. **6.** Os jovens (Maruts) colocaram o jovem (relâmpago) em (seu carro) brilhante, juntando-se (a eles) e vigoroso (em produzir chuva) em sacrifícios (sendo celebrados); quando, Maruts, seu adorador, oferecendo oblações, derramando o suco Soma, e oferecendo adoração, canta a canção sagrada.

<sup>1</sup> *Samudrasya cid dhanayanta pāra*, trazendo ou coletando riqueza mesmo na outra margem do oceano; *parasmin tīre*, na outra margem; no entanto, isso pode ser, mais corretamente, só metafórico, ou seja, os ventos trazem riqueza, isto é, chuva, das margens do horizonte, ou firmamento.

<sup>2</sup> *Guhā carantī manuṣo na yoṣā*, seguindo na escuridão do céu, como se em privado ou em segredo, como a esposa de um homem que, embora, de acordo com o comentador, esteja vestida brilhantemente, permanece na privacidade dos apartamentos femininos.

<sup>3</sup> *Sabhāvatī vidatheva saṃ vāk*; o comentador atribui o primeiro ao relâmpago, o qual, às vezes, se mostra como se em uma assembleia, *sabhā*; ele pode também, talvez, se referir a *yoṣā*, uma mulher que nem sempre está restrita aos aposentos privados, mas aparece ocasionalmente em público, como ela certamente estava acostumada a fazer nos tempos do *Veda*, pelo menos em cerimoniais religiosos, como o hino ou prece, que, em tais ocasiões, é recitado em voz alta.

<sup>4</sup> *Sādhāraṇyeva*, uma mulher pública, ou comum; a alusão é interessante, como indicativa de costumes.

<sup>5</sup> *Rodasī* geralmente significa, como na estrofe anterior, o céu e a terra; aqui é dito que significa o relâmpago, ou a noiva dos Maruts.

<sup>6</sup> *Sūryeva*, como *Suryā*; o comentador entende, por essa denominação, ou a esposa ou a filha de Sūrya; a última é a forma mais usual da lenda. – 1.116.17 [nota 19].

7. Eu celebro aquela grandeza dos Maruts, que é verdadeira, e digna de celebração, visto que (sua noiva) exultante, altiva, e sempre duradoura, sustenta uma prole próspera.<sup>7</sup>

8. Mitra e Varuṇa, e Aryaman, defendem (esse) sacrifício de (tudo o que é) repreensível, e destroem (tudo o que é) indigno. Eles fazem descer as (chuvas) ainda não caídas e que regam, quando, Maruts, a (estação) produtora de água dá crescimento a este (mundo).<sup>8</sup>

9. Nenhum de nós, Maruts, alcançou, de perto ou remotamente, o limite da sua força; aqueles (Maruts), aumentando em energia e vigor, subjagam seus inimigos como um oceano.

10. Nós, que somos amados por Indra, vamos glorificá-lo hoje; vamos glorificá-lo amanhã, no rito sagrado; vamos glorificá-lo para o nosso grande (benefício), em dias futuros como antigamente, de modo que Ṛbhukṣin possa ser sempre favorável a nós entre os homens.

11. Esse louvor, Maruts, é para vocês; esse hino é para vocês; (a obra) de um autor venerável, capaz de conferir prazer (por seus louvores); que o louvor chegue até vocês, para (o bem de suas pessoas), para que nós possamos daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 168 \(Wilson\)](#)

## Hino 167. Indra. Maruts (Griffith)

1. Mil são teus auxílios para nós, ó Indra; mil, Senhor dos Baios, tuas iguarias seletas. Riqueza de mil tipos tu tens para nos alegrar; que bens preciosos cheguem para nós aos milhares.

2. Que os mais sábios Maruts, com proteção, com as melhores bênçãos trazidas do céu superior, se aproximem de nós, agora quando seu grupo dos mais nobres cavalos acelera mesmo no limite mais extremo do mar.<sup>9</sup>

3. Perto deles se apega um movente em reclusão, como a esposa de um homem, como uma lança carregada na retaguarda, bem apreendido, brilhante, adornado com ouro; lá está Vāk também, como uma dama eloquente, lisonjeadora, entre eles.<sup>10</sup>

4. Ao longe os Maruts brilhantes, nunca cansados, agarram-se à Donzela jovem como uma posse em comum. Os deuses ferozes não impeliram Rodasī diante deles, mas desejaram que ela crescesse sua amiga e companheira.

5. Quando a imortal Rodasī<sup>11</sup> escolheu seguir, – ela com madeixas soltas e espírito heroico – ela subiu na carruagem do seu servo, ela semelhante a Sūryā<sup>12</sup> com movimento como nuvem e aspecto refulgente.

6. Em seu carro os jovens colocaram a Donzela unida à glória, poderosa em assembleias, quando a sua canção, Maruts, elevou-se e, com oblação, o derramador de Soma cantou seu hino no culto.

<sup>7</sup> Não há substantivo no hemistíquio, mas os epítetos, *vṛṣamaṇā*, *aḥamyu*, *sthirā*, sendo femininos, implicam um substantivo no mesmo gênero, o qual o comentador interpreta por *Rodasī*, a esposa dos Maruts, que, por contribuir para a queda da chuva, auxilia no sustento da humanidade.

<sup>8</sup> *Vavridha im maruto dātivārah*; o último pode se referir ao *Yajamāna*, quando a frase será, ‘quando, Maruts, o adorador, ou aquele por quem a oferenda é apresentada, promove esse seu crescimento’.

<sup>9</sup> A margem do mar de ar, o firmamento.

<sup>10</sup> Sāyaṇa diz que o relâmpago é mencionado, movendo-se nas nuvens, como se em segredo, como a esposa bem vestida que permanece no aposento das mulheres, mas que se mostra às vezes, como o hino ou prece recitado em cerimônias religiosas. As comparações mal são inteligíveis. Veja Max Müller, *Vedic Hymns*, Part. I.

<sup>11</sup> Geralmente considerada como a consorte de Rudra, que Sāyaṇa diz aqui significar o relâmpago, a noiva dos Maruts.

<sup>12</sup> A filha do Sol, que subiu na carruagem dos Aśvins. Veja 1.116.17.

7. Eu declararei a grandeza desses Maruts, sua real grandeza, digna de ser louvada, como, com eles, ela<sup>13</sup> embora firme, de espírito forte, altiva, viaja até mulheres felizes em sua sorte.
8. Mitra e Varuṇa eles protegem da crítica, Aryaman também, descobre pecadores indignos, coisas firmes que nunca foram abaladas são derrubadas; Maruts, aquele que dá oblações seletas prospera.
9. Nenhum de nós, Maruts, de perto ou à distância, jamais atingiu o limite do seu vigor. Eles em poder corajoso ainda crescendo audazmente cercaram seus inimigos por todos os lados como um oceano.
10. Que nós hoje sejamos os amigos mais queridos de Indra, e vamos chamá-lo na luta amanhã.<sup>14</sup> Assim nós éramos antigamente. Novo poder nos atenda diariamente! assim esteja com conosco, Ṛbhukṣan<sup>15</sup> dos Heróis!
11. Que esse seu louvor, que essa sua canção, ó Maruts, cantada pelo poeta, filho de Māna, Māndārya, traga filhos para nós mesmos com alimento para nos alimentar. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 168 \(Griffith\)](#)

## Hino 167. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄḌALA I. HINO 167.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 4, VARGA 4-5.

1. Ó Indra, mil têm sido teus auxílios concedidos a nós, mil, ó condutor dos baiois, têm sido as tuas iguarias mais deliciosas. Que milhares de tesouros fartamente para desfrutar, que bens, venham a nós aos milhares.
2. Que os Maruts venham em nossa direção com seus auxílios, os poderosos, ou com suas melhores ajudas do grande céu, agora que seus corcéis mais distantes avançaram na costa remota do mar;
3. Lá se apegam aos Maruts aquele que se move em segredo, como a esposa de um homem (o raio),<sup>16</sup> e que é como uma lança carregada atrás, bem agarrada, resplandecente, adornada com ouro; lá também está com eles Vāc (a voz do trovão), semelhante a uma mulher eloquente, lisonjeadora.
4. Muito longe os brilhantes, incansáveis Maruts se agarram à sua jovem donzela, como se ela pertencesse a todos eles; mas os terríveis não afastaram Rodasī (o relâmpago), pois eles desejavam que ela crescesse sua amiga.<sup>17</sup>
5. Quando a divina Rodasī com madeixas desgrenhadas, de espírito forte, quis segui-los, ela foi, como Sūryā (a Aurora), para o carro do servo dela, com aparência terrível, como com o passo de uma nuvem.

<sup>13</sup> Rodasī. No segundo hemistíquio não há substantivo, só adjetivos no gênero feminino. Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz a última meia linha como 'sustenta uma prole próspera'. Ludwig pensa que Rodasī aparece como *Ειλείθουια* [Ilítia] do panteão grego, a deusa que preside o parto.

<sup>14</sup> O hino parece ter sido recitado na véspera de uma batalha esperada.

<sup>15</sup> Um nome de Indra, como senhor dos Ṛbhūṣ.

<sup>16</sup> A lança dos Maruts significa o relâmpago, e nós realmente encontramos *ṛṣṭi-vidyutaḥ*, 'tendo o raio como sua lança', como um epíteto dos Maruts, 1.168.5; 5.52.13.

<sup>17</sup> Embora os Maruts se apeguem a essa donzela (a Vāc, ou trovão), eles não rejeitam Rodasī, sua esposa legítima, o relâmpago, mas desejam que ela cresça por sua amizade, isto é, como sua amiga.

6. Logo que o poeta com as libações, ó Maruts, havia cantado sua canção, no sacrifício, derramando Soma, os homens jovens (os Maruts) colocaram a jovem donzela (em seu carro), como sua companheira para a vitória, poderosa em assembleias.

7. Eu louvo a que é a louvável grandeza verdadeira desses Maruts, que aquela de espírito valoroso, orgulhosa e forte (Rodasī) se move com eles em direção às mãos abençoadas.

8. Eles protegem Mitra e Varuṇa do indizível, e Aryaman também descobre os infames. Até o que é firme e inabalável está sendo abalado; mas aquele que distribui tesouros, ó Maruts, cresceu (em força).

9. Nenhuma pessoa, de fato, próxima a nós, ou de longe, jamais encontrou o fim da sua força, ó Maruts! Os Maruts, fortes em vigor audaz, têm, como o mar, cercado seus inimigos corajosamente.

10. Que nós sejamos hoje, que nós sejamos amanhã na batalha chamados de os mais amados por Indra. Nós éramos assim antigamente, que possamos verdadeiramente ser assim dia após dia, e que o Senhor dos Maruts esteja conosco.

11. Que esse louvor, ó Maruts, essa canção de Māndārya, o filho de Māna, o poeta, lhes peça por progênie com alimento para nós! Que nós tenhamos um outono revigorante, com chuva vivificante!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 168 \(Müller\)](#)

## Hino 168. Maruts (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses e Ṛṣi são os mesmos; os primeiros sete versos estão na métrica Jagatī, os últimos três na Triṣṭubh.

Varga 6. 1. Maruts, a cada sacrifício sua vivacidade é uniforme; vocês, de fato, cumprem todas as suas funções para o benefício dos deuses; portanto, eu os convido para vir para cá, por hinos sagrados, por (causa da) sua poderosa proteção do céu e da terra, e seu louvor beneficente.

2. Eles, que são como se corporificados, auto-nascidos, auto-revigorados, e (sempre) trêmulos (em movimento), são gerados (para conferir) alimento abundante e céu; eles são numerosos como as ondulações das águas; eles devem ser louvados quando presentes, derramando água, como vacas (produzindo leite).

3. Eles, que são como as plantas *Soma*, com ramos bem nutridos,<sup>1</sup> e então derramados (em libações), são absorvidos; eles residem, como aderentes dedicados, nos corações (dos homens); sobre seus ombros pende (uma lança),<sup>2</sup> como uma mulher jovem, e em suas mãos uma proteção e espada são empunhadas.

4. Mutuamente sustentados, eles descem prontamente do céu; Maruts imortais, animem-nos pelas suas próprias palavras (a louvá-los); livres de fadiga, presentes em muitos (sacrifícios), de olhos brilhantes, os Maruts têm abalado as montanhas mais firmes.

5. Maruts, armados com raio, quem, (permanecendo) entre vocês, os coloca por si mesmos em movimento, como as mandíbulas são (postas em movimento) pela língua?; como as

<sup>1</sup> *Tṛiptāmsāvah-tṛiptāvayavah*, tendo membros satisfeitos ou bem nutridos; o que, como aplicável à trepadeira *Soma*, pode ser interpretado como ramos; a analogia da comparação aqui entre a *Soma* e os Maruts não é muito óbvia.

<sup>2</sup> O que está suspenso sobre os ombros dos Maruts o texto não especifica; Sāyaṇa sugere ou uma lança, *śakti*, ou a beleza dos braços, *bhujā lakṣmī*.

chuvas que caem (são essenciais) para a obtenção de alimentos, assim (aqueles, desejosos de subsistência), os estimulam de várias maneiras, como um cavalo no (seu treinamento) diário.<sup>3</sup>

Varga 7. **6.** Onde, Maruts, é o limite da região vasta (de onde vocês vêm);<sup>4</sup> onde é o começo daquela para a qual vocês procedem; quando vocês espalham o vapor denso como grama leve, e lançam para baixo a brilhante nuvem de chuva por meio do raio.

**7.** Como a sua posse de tesouro, Maruts, é a sua liberalidade; executivos (da generosidade da Indra), concessores de céu, brilhantes, frutuoso, favoráveis ao lavrador, auspiciosos; ela é como a doação de um rico (doador), (de distribuição) pronta e, como a força dos Asuras que subjuga a todos.<sup>5</sup>

**8.** Os rios são detidos pelos raios quando eles proferem a voz das nuvens; mas os relâmpagos sorriem no firmamento quando os Maruts borrifam água sobre a terra.

**9.** Pr̥śni teve a brilhante tropa dos Maruts de movimento rápido para o grande combate (com as nuvens), depois do que (a humanidade) imediatamente contemplou o alimento desejado.

**10.** Esse louvor, Maruts, é para vocês; esse hino é para vocês; (a obra) de um autor venerável, capaz de conferir prazer (por seus louvores); que o louvor chegue até vocês, para (o bem de suas pessoas), para que nós possamos daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 169 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 168. Maruts (Griffith)

**1.**<sup>6</sup> Ganho rápido é dele que tem vocês perto em cada rito; vocês acolhem cada canção daquele que serve aos Deuses. Portanto, que eu possa voltá-los para cá com belos hinos de louvor para dar grande auxílio para o bem-estar de ambos os mundos.

**2.** Circundantes, por assim dizer, auto-nascidos, auto-poderosos, eles surgem para a vida os agitadores para baixo de alimento e luz;<sup>7</sup> como as ondulações incontáveis dos mares, dignos de louvor quando próximos,<sup>8</sup> como bois e como vacas.

**3.** Eles que, como Somas com seus talos bem crescidos espremidos, absorvidos dentro do coração, residem lá de modo amigável.<sup>9</sup> Sobre os seus ombros repousa por assim dizer uma lança de guerreiro,<sup>10</sup> e em sua mão eles seguram um punhal e um anel.

**4.** Auto-atrelados eles têm descido ligeiramente do céu. Com seu próprio chicote, Imortais, incitem a si mesmos à velocidade. Não manchados pela poeira os Maruts, poderosos em sua força, têm derrubado até coisas firmes, armados com suas lanças brilhantes.

**5.** Quem entre vocês, ó Maruts armados com lanças de raio, os incita por si mesmo, como com a língua suas mandíbulas?<sup>11</sup> Vocês se precipitam do chão do céu como se procurassem por alimento, em muitas missões como o Corcel diurno do Sol.

---

<sup>3</sup> Essa estrofe é extremamente elíptica e obscura; o completamento do texto por Sāyaṇa é totalmente conjectural.

<sup>4</sup> *Rajaso mahaspuraṃ* pode significar o limite das chuvas; *rajas* sendo um sinônimo de *loka* ou de *udaha*.

<sup>5</sup> Segundo o comentador, a semelhança consiste nisso, que, como os Asuras tiram de um para dar para outro, assim os ventos saqueiam as nuvens para enriquecer a terra.

<sup>6</sup> O texto da primeira linha está manifestamente corrompido, e a tradução é conjectural.

<sup>7</sup> Que mandam para baixo violentamente a chuva que é seguida pela luz do sol e fertilidade.

<sup>8</sup> De aparência terrível à distância, mas suaves quando propiciados com culto.

<sup>9</sup> O primeiro hemistíquio é obscuro. Talvez o significado seja que os efeitos benéficos da tempestade são duradouros como a influência inspiradora do suco Soma.

<sup>10</sup> [Veja a nota 16.]

<sup>11</sup> Qual, pergunta o poeta, é o princípio movente dos Maruts? Quem dá a eles o seu primeiro impulso, como um homem quando ele deseja mover sua língua e mandíbulas? [Veja a nota 3.]

6. Digam onde, então, é o limite mais distante dessa região poderosa, onde, Maruts, é a maior profundidade que vocês alcançaram, quando vocês derrubam como palha a pilha firmemente estabelecida, e da montanha enviam a brilhante corrente de água?

7. Sua vitória é com força, deslumbrante, com luz celestial, com fruto maduro, ó Maruts, cheia de fertilidade. Auspiciosa é sua dádiva como o galardão de um doador pródigo, vitoriosa, espalhando-se ao longe, como dos deuses Imortais.

8. Os rios rugem diante das pinas dos seus carros quando eles estão proferindo a voz das nuvens de chuva. Os relâmpagos riem sobre a terra abaixo deles, quando os Maruts espalham sua fertilidade.

9. Prṣṇi<sup>12</sup> produziu, para lutar a poderosa batalha, o exército resplandecente dos inquietos Maruts. Nutridos juntos eles geraram o monstro,<sup>13</sup> e então olharam em volta deles em busca do alimento que fortalece.

10. Que esse seu louvor, que essa sua canção, ó Maruts, cantada pelo poeta, filho de Māna, Māndārya, traga filhos para nós mesmos com alimento para nos alimentar. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 169 \(Griffith\)](#)

## Hino 168. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄDALA I. HINO 168.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 4, VARGA 6-7.

1. Para todos os sacrifícios você aceleraram juntos, vocês aceitam prece após prece, ó Maruts velozes! Deixem-me, portanto, trazê-los para cá por minhas orações do céu e da terra, para o nosso bem-estar e para a nossa grande proteção;

2. Os abaladores que nasceram para trazer alimento e luz, auto-nascidos e auto-sustentados, como fontes,<sup>14</sup> como milhares de ondas de água, sim, visíveis como touros excelentes,

3. Aqueles Maruts, como gotas de Soma,<sup>15</sup> que espremidas dos caules maduros residem, quando bebidas, no coração do adorador – vejam como em seus ombros lá se apega como se uma mulher agarrada;<sup>16</sup> em suas mãos o disco é segurado e a espada.

4. Levemente eles desceram do céu por sua própria vontade; Imortais, agitem-se com o chicote! Os poderosos Maruts em caminhos sem poeira, armados com lanças brilhantes, têm abalado até os lugares fortes.

5. Ó Maruts, que estão armados com lanças de raio, quem os agita de dentro por si mesmo, como as mandíbulas são agitadas pela língua?<sup>17</sup> Vocês abalam o céu, como se em busca de alimento; vocês são invocados por muitos,<sup>18</sup> como o cavalo (solar) do dia.

<sup>12</sup> A mãe dos Maruts. Veja 1.23.10 [nota 4].

<sup>13</sup> A massa de nuvens escuras de tempestade.

<sup>14</sup> O significado de fonte foi atribuído pela primeira vez a *vavra* por Grassmann.

<sup>15</sup> Pode ser que os Maruts sejam comparados a Somas porque eles refrescam e fortalecem. Assim, nós lemos 8.48.9: 'Pois tu, ó Soma, estás assentado como um guardião em todos os membros do nosso corpo'. É possível, portanto, que o poeta queira dizer que os Maruts, trazendo chuva e refrescando o ar, são como Somas em seu poder refrescante e revigorante, quando agitando os corações dos homens. Em 10.78.2 os Maruts são novamente comparado com Somas.

<sup>16</sup> *Rambhiṇī* eu agora considero com Sāyaṇa no sentido de uma mulher agarrada aos ombros do seu marido, embora isso queira dizer a lança, ou alguma outra arma, pendurada sobre os ombros, veja 1.167.3.

<sup>17</sup> O significado é o mesmo como no verso anterior, ou seja, que os Maruts são auto-nascidos, auto-determinados, e que eles se movem por toda parte sem cavalos e carros.

<sup>18</sup> *Purupraiṣā* também pode ser, 'Vocês que têm o comando de muitos'.

6. Onde, ó Maruts, é o topo, onde é o fundo do poderoso céu de onde vocês vieram? Quando vocês derrubam com o raio o que é forte, como coisas frágeis, você voam através do terrível oceano!

7. Como sua conquista é violenta, esplêndida, terrível, plena e esmagadora, assim, ó Maruts, é a sua dádiva encantadora, como a generosidade de um adorador liberal, de ampla extensão, risonha como um raio celeste.

8. Dos aros das rodas das suas carruagens jorram torrentes, quando eles enviam a voz das nuvens; os relâmpagos sorriram sobre a terra, quando os Maruts despejam abundância (chuva fértil).

9. Pr̥śni produziu para a grande luta a comitiva terrível dos incansáveis Maruts; quando alimentados eles produziram a nuvem escura, e então olharam em volta por alimento revigorante.

10. Que esse louvor, ó Maruts, essa canção de Māndārya, o filho de Māna, o poeta, lhes peça por progênie com alimento para nós! Que nós tenhamos um outono revigorante, com chuva vivificante!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 170 \(Müller\)](#)

## Hino 169. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

O deus é Indra; o Ṛṣi, Agastya; a métrica, Triṣṭubh; [Virāj no verso 2.]

Varga 8. 1. Tu, Indra, és poderoso a partir do poder daqueles de quem tu és o protetor contra o abandono; portanto, criador dos Maruts, de mente favorável em relação a nós, concede-nos aquelas bênçãos que são as mais caras para ti.

2. Governantes sobre todos os homens, e impelindo em direção ao homem as nuvens derramadoras de água, eles estão unidos, Indra, (contigo); a hoste de Maruts fica encantada pela (tua) aquisição de riqueza concessora de céu.

3. Tua arma, Indra, está à mão para o nosso (bem); os Maruts mandam a chuva acumulada por longo tempo; Agni está resplandecente para a cerimônia; as oblações o cercam como as águas (circundam) uma ilha.

4. Indra, concede-nos rapidamente aquela riqueza (que tu possuis, pois nós satisfazemos) o doador com um presente muito digno: nós, teus louvadores, oferecemos a ti, o pronto concessor de bênçãos, as louvações que te propiciariam; (e os sacerdotes) nutrem a ti com alimento sacrificial, como eles nutrem o peito (de uma fêmea para reabastecê-lo) com (leite) doce.

5. As tuas riquezas, Indra, são as mais deleitantes;<sup>1</sup> os instigadores de qualquer um desejoso de sacrificar; que aqueles Maruts sejam propícios para nós; os seres divinos que estavam ansiosos para ir primeiro para a cerimônia.

Varga 9. 6. Vai, Indra, aos poderosos líderes derramadores de chuva (das nuvens), e te esforça na (tua) residência aérea; pois os corcéis de pés largos deles permanecem (firmes), como as energias varonis de um inimigo no campo de batalha.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Tve rāya indra tośatamāḥ*; ou *rāya* pode significar parentes ou amigos; isto é, os Maruts.

<sup>2</sup> Ou, segundo o comentador, isso pode ser interpretado como, as amplas nuvens de cor escura permanecem como os exércitos varonis de um príncipe, na estrada real.

7. O barulho dos Maruts formidáveis, de cor escura, de movimentos rápidos, e avançando, é ecoado em toda parte; (o barulho) deles que derrubam seus (inimigos) mortais reunindo-se em uma tropa contra eles, por seus golpes auto-defensivos, como (eles derrubam) um inimigo desprezível.<sup>3</sup>

8. Associado aos Maruts, Indra, por tua própria honra e o bem de todos, perfura os estimulantes receptáculos das águas, pois tu, Indra, és glorificado pelas divindades louvadas; que nós obtenhamos por ti alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 170 \(Wilson\)](#)

### Hino 169. Indra (Griffith)

1. Como, Indra, tu proteges de grande traição, sim, de grande traição estes que se aproximam de nós,<sup>4</sup> assim, observando bem, Controlador dos Maruts, nos concede as bênçãos deles, pois eles são os teus mais queridos.

2. As várias ações de todas as pessoas mortais são ordenadas por ti, em tua sabedoria, Indra. A tropa dos Maruts sai exultante para ganhar os despojos de batalha concessores de luz.

3. Aquela tua lança repousava firme por nós,<sup>5</sup> ó Indra; os Maruts colocaram todo o seu poder terrível em movimento. Até Agni resplandece no matagal: as iguarias o mantêm como as águas mantêm uma ilha.

4. Concede-nos agora aquela opulência, ó Indra, como recompensa obtida pela doação mais poderosa. Que os hinos que te agradam façam o peito de Vāyu se avolumar como com a doçura revigorante do hidromel.

5. Contigo, ó Indra, estão as riquezas mais abundantes que favorecem a cada um que vive na retidão. Agora que esses Maruts nos mostrem bondade amorosa, Deuses que antigamente estavam sempre prontos a nos ajudar.

6. Produze os Homens<sup>6</sup> que derramam bênçãos, ó Indra: mostra-te na grande região terrestre; pois os cervos pintados de peito largo deles estão permanecendo como os exércitos de um Rei no campo de batalha.

7. É ouvido o rugido dos Maruts avançando, terríveis, brilhantes, e de movimento rápido, que com a sua investida derrubam por assim dizer um pecador o mortal que lutaria com aqueles que o amam.

8. Dá aos Mānas,<sup>7</sup> Indra com os Maruts, presentes universais, presentes do melhor gado. Tu, Deus, és louvado por Deuses que devem ser louvados. Que nós encontremos alimento fortalecedor em plena abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 170 \(Griffith\)](#)

<sup>3</sup> Assim Sāyaṇa interpreta *ṛṇāvānam*; de outro modo, pode-se pensar que significa um devedor, como se a nuvem fosse devedora aos ventos por seus conteúdos.

<sup>4</sup> Isto é, os Maruts.

<sup>5</sup> Ou seja, era segurada firmemente e propriamente pelo Deus Guerreiro.

<sup>6</sup> Os Maruts. A carruagem deles é puxada por cervos pintalgados.

<sup>7</sup> Os membros da família do poeta Māna.

## Hino 170. Indra. Maruts (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus e Ṛṣi como antes; mas o hino está na forma de um diálogo entre eles;<sup>1</sup> os dois primeiros versos estão na métrica Bṛhatī, os três últimos na Anuṣṭubh.<sup>2</sup>

Varga 10. **1.** (Indra fala), – Não é certo o que hoje ou o que o amanhã trará para nós;<sup>3</sup> quem compreende esse mistério?; na verdade, a mente de qualquer outro (ser) é de uma (natureza) instável, e até aquilo que foi estudado profundamente é esquecido (com o tempo).<sup>4</sup>

**2.** (Agastya), – Por que, Indra, tu pretendes nos matar?; os Maruts são teus irmãos;<sup>5</sup> compartilhe com eles (a oferenda) em paz; não nos destruas em inimizade.

**3.** (Indra),<sup>6</sup> – Por que, irmão<sup>7</sup> Agastya, tu, que és meu amigo, me tratas com desrespeito? De fato, nós sabemos o que está na tua mente: tu não pretendes nos dar nada.

**4.** (Agastya), – Que os sacerdotes decorem o altar; que eles acendam o fogo ao leste; e então que nós dois completemos o sacrifício, o inspirador de (sabedoria) imortal.<sup>8</sup>

**5.** (Agastya), – Tu, Vasupati, és o senhor das riquezas; tu Mitrapati, és o firme esteio (de nós), teus amigos; Declara, Indra, juntamente com os Maruts, (tua aprovação aos nossos atos), e compartilha da oblação oferecida em época apropriada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 171 \(Wilson\)](#)

## Hino 170. Indra. Maruts (Griffith)

**1.** Nada é hoje, nada amanhã. Quem compreende o mistério? Nós devemos nos dirigir ao pensamento de outro, e perdida está, então, a esperança que nós criamos.<sup>9</sup>

**2.**<sup>10</sup> Os Maruts são teus irmãos. Por que, ó Indra, tu tirarias as nossas vidas? Concorda com eles de forma amigável, e não nos mates na luta.

<sup>1</sup> O comentador cita o *Nirukta*, l. 6, para a ocasião do diálogo: Agastya, tendo a intenção de oferecer um sacrifício a Indra, propôs fazer oferendas também para os Maruts, do que Indra reclama; o objetivo sendo, evidentemente, o que foi indicado em outro lugar, a associação dos Maruts com Indra na adoração dirigida ao último, aparentemente, uma inovação, e contestada por alguns dos adoradores de Indra.

<sup>2</sup> [1: Bṛhatī. 2-4: Anuṣṭubh. 5: Triṣṭubh, de acordo com Griffith e Gary Holland.]

<sup>3</sup> *Na nūnamastī no śvaḥ*, literalmente, não é certo, nem é amanhã; mas Sāyaṇa e Yāska consideram que a primeira negativa implica hoje; não é certo, Indra diz, se eu receberei alguma oferenda ou hoje ou amanhã: esperança ou expectativa do futuro não deve ser nutrida.

<sup>4</sup> A última parte dessa estrofe não é muito clara, literalmente: a mente de outro é muito errante; embora lido, (isso) perece. Roth traduz: na inconstância do outro (que outro?) – repousa a expectativa (bem fundamentada). – *Nir. Erläuterungen*, p. 7.

<sup>5</sup> Sendo, igualmente com Indra, os filhos de Aditi, segundo os *Purāṇas*; mas aqui, provavelmente, nada mais significa do que afinidade de função.

<sup>6</sup> [De acordo com as duas versões seguintes, esse verso é falado pelos Maruts. Veja a nota 16.]

<sup>7</sup> Essa é também uma relação figurativa, fundada na troca de benefícios, o oferecimento de oblações por um, a recompensa dada pelo outro.

<sup>8</sup> Alguns atribuem essa estrofe a Indra, mas ela parece mais adequada a Agastya; em qual caso os dois são ou o sacrificador e sua esposa, ou o instituidor da cerimônia e o sacerdote oficiante.

<sup>9</sup> Indra parece ter se apropriado do sacrifício destinado aos Maruts, que reclamam, conseqüentemente, da sua dependência da vontade de outro e das suas esperanças desapontadas.

<sup>10</sup> Isso é falado por Agastya, que oferecia o sacrifício.

- 3.<sup>11</sup> Agastya, irmão, por que tu nos negligencias, tu que és nosso amigo? Nós conhecemos a natureza da tua mente. Realmente tu não queres nos dar nada.
- 4.<sup>12</sup> Que eles preparem o altar, que eles acendam o fogo na frente; nós dois<sup>13</sup> aqui espalharemos o sacrifício para ti, para que o Imortal<sup>14</sup> possa observar.
- 5.<sup>15</sup> Tu, Senhor da Riqueza, és o Mestre de todos os tesouros, tu, Senhor dos amigos, és o melhor defensor dos teus amigos. Ó Indra, fala amavelmente com os Maruts, e prova oblações na sua época adequada.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 171 \(Griffith\)](#)

## Hino 170. Diálogo entre Indra e seu Adorador, Agastya<sup>16</sup> (Müller)

MAṄḌALA I. HINO 170.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 4, VARGA 10.

1. *Indra*: Não há tal coisa hoje, nem será assim amanhã. Quem sabe qual coisa estranha<sup>17</sup> é essa? Nós devemos consultar o pensamento de outro, pois até o que nós outrora sabíamos parece desaparecer.
2. *Agastya*: Por que tu queres nos matar, ó Indra? os Maruts são teus irmãos; alimenta-te gentilmente com eles, e não nos ataques em batalha.
3. *Os Maruts*: Ó irmão Agastya, porque, sendo um amigo, tu nos desprezas? Nós sabemos muito bem qual era a tua intenção. Tu não desejas oferecer para nós?
4. *Agastya*: Que eles preparem o altar, que eles acendam o fogo na frente! Aqui nós dois<sup>18</sup> espalharemos para ti o sacrifício, para ser visto pelo imortal.

<sup>11</sup> Os Maruts reclamam que Agastya não apóia a reivindicação deles.

<sup>12</sup> Falado por Agastya para Indra.

<sup>13</sup> Agni e eu.

<sup>14</sup> Agni.

<sup>15</sup> Agastya continua seu discurso conciliatório.

<sup>16</sup> A *Anukramaṇikā* atribui os versos 1, 3, 4 a Indra, 2 e 5 a Agastya; Ludwig atribui os versos 1 e 3 aos Maruts, 2, 4 e 5 a Agastya; Grassmann dá o verso 1 a Indra, 2 e 3 aos Maruts, e 4 e 5 a Agastya.

O hino admite várias explicações. Havia um sacrifício no qual Indra e os Maruts eram invocados juntos, e é bem possível que nosso hino deva sua origem a isso. Mas é possível também que o sacrifício seja a personificação das mesmas idéias que foram originalmente expressas nesse e em hinos similares, ou seja, que Indra, embora poderoso por si mesmo, não podia dispensar a assistência dos deuses da tempestade. A idéia de que um grande deus como Indra não gostava de ser louvado juntamente com os outros é uma idéia antiga, e nós encontramos traços disso nos próprios hinos, por exemplo, 2.33.4.

Eu proponho, embora isso só possa ser hipotético, tomar o primeiro verso como uma queixa veemente de Indra, quando pedido para compartilhar o sacrifício com os Maruts. No segundo verso Agastya é introduzido como tentando pacificar Indra. O terceiro verso é muito provavelmente um apelo dos Maruts para lembrar a Indra que o sacrifício era originalmente destinado a eles. Os versos 4 e 5 pertencem a Agastya, que, embora amedrontado em obediência a Indra, ainda implora a ele para fazer as pazes com os Maruts.

<sup>17</sup> No primeiro verso Indra expressa sua surpresa em frases desconexas, dizendo que tal coisa nunca aconteceu antes. A segunda linha expressa que Indra não se lembra de tal coisa, e deve perguntar a outro alguém se ele se lembra de algo parecido.

<sup>18</sup> O dual é estranho. Ele pode se referir, como Grassmann supõe, a Agastya e sua esposa, Lopamudrā, mas mesmo isso é muito incomum. O professor Oldenberg considera esse e o próximo hino como partes de um mesmo hino *Ākhyāna*, e como estritamente ligados ao *Marutvatīya Śāstra* no *Savana* do meio-dia, no sacrifício Soma.

5. *Agastya*: Tu governas, ó senhor dos tesouros; tu, senhor dos amigos, és o mais generoso. Indra, fala novamente com os Maruts, e então consome as nossas oferendas na época certa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 171 \(Müller\)](#)

## Hino 171. Maruts (Wilson)

(Sūkta VII)

Os deuses são os Maruts; o Ṛṣi é *Agastya*; a métrica, *Triṣṭubh*.

Varga 11. 1. Eu me aproximo de vocês, Maruts, com essa homenagem reverente, e com um hino imploro a sua proteção contra (inimigos) ávidos; com mentes pacificadas pelos nossos louvores, suprimam sua ira, e soltem seus cavalos.<sup>1</sup>

2. Esse louvor, acompanhado por oferendas, Maruts, é para vocês, oferecido do coração; aceitem-no, divindades, com benevolência, e venham com mentes dispostas (para receber) essas (louvações), pois vocês são os aumentadores de alimento sacrificial.

3. Que os Maruts, agora louvados com hinos, nos concedam felicidade; que *Maghavan*, agora glorificado, seja propício para nós; Maruts, que todos os dias seguintes que possam ser esperados por nós venham a ser gratificantes, e cheios de alegria.

4. Maruts, por medo daquele Indra violento, eu fujo, tremendo, (da sua presença); as oblações que haviam sido preparadas para vocês foram postas de lado: todavia, tenham paciência conosco.

5. Os raios das manhãs sempre recorrentes, favorecidos, Indra, pelo teu vigor, concedem consciência enquanto eles brilham; derramador de benefícios, ancião (dos dias), concessor de força, feroz, (e acompanhado) pelos Maruts ferozes, dá-nos alimento (abundante).

6. Indra, nutre os líderes vigorosos (das chuvas), sê livre de descontentamento contra os Maruts; superando os (nossos) inimigos, junto com os inteligentes (Maruts), apóia-nos (para que) nós possamos obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 172 \(Wilson\)](#)

## Hino 171. Maruts (Griffith)

1. A vocês eu venho com essa minha adoração, e com um hino eu desejo a proteção dos Fortes, um hino que realmente os faz alegres, Maruts. Suprimam sua raiva e desatrem seus cavalos.

2. Maruts, para vocês esse louvor com prece e adoração, formado na mente e no coração, ó Deuses, é oferecido. Venham a nós, regozijando-se em seu espírito, pois vocês são aqueles que fazem a nossa oração eficaz.

3. Os Maruts, louvados por nós, nos mostrarão benevolência; *Maghavan*, louvado, será mais propício. Maruts, que todos os nossos dias que se seguirão sejam muito agradáveis, encantadores e triunfantes.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> [Isto é, fiquem conosco e desfrutem do sacrifício – Griffith]; esse hino novamente indica uma espécie de corte entre o culto de Indra e dos Maruts.

4. Eu fugi aterrorizado desse poderoso Indra, meu corpo tremendo de medo, ó Maruts. Obleções destinadas a vocês tinham sido preparadas; essas nós abandonamos, nos perdoem por isso.<sup>3</sup>

5. Por quem<sup>4</sup> os Mānas reconhecem as auroras, por cuja força no início das manhãs infinitas, dá-nos, ó Poderoso, glória com Maruts, feroz com os ferozes, o Forte que concede triunfo.

6. Ó Indra, protege os Heróis conquistadores, e livra-te da tua ira contra os Maruts, com eles, os sábios, vitoriosos e concessores. Que nós encontremos alimento fortalecedor em plena abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 172 \(Griffith\)](#)

## Hino 171. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄḌALA I. HINO 171.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 4, VARGA 11.

1. Eu venho a vocês com essa adoração, com um hino eu imploro a favor dos rápidos (Maruts). Ó Maruts, que claramente têm se regozijado nele, suprimam toda a ira e desatrelem seus cavalos!

2. Esse louvor reverente a vocês, ó Maruts, concebido no coração, foi oferecido pela mente,<sup>5</sup> ó deuses! Venham a ele, satisfeitos em sua mente, pois vocês dão aumento ao (nosso) culto.<sup>6</sup>

3. Que os Maruts quando eles tiverem sido louvados sejam benevolentes para nós, e também Maghavat (Indra), o melhor concessor de felicidade, quando ele tiver sido louvado. Que as nossas árvores (nossas lanças)<sup>7</sup> pela nossa coragem estejam sempre eretas, ó Maruts!

4. Eu temo esse poderoso e estou tremendo de medo de Indra. Para vocês as oferendas estavam preparadas, – nós agora as pusemos de lado, perdoem-nos!

5. Tu por quem os Mānas<sup>8</sup> veem as manhãs, sempre que as eternas auroras reluzem com poder, ó Indra, ó forte herói, concede glória a nós com os Maruts, terrível com os terríveis, forte e um dador de vitória.

<sup>2</sup> Incapaz de traduzir o segundo hemistíquio satisfatoriamente, eu segui Sāyaṇa que toma *vanāni* como um adjetivo, encantador. Grassmann traduz: 'Que todos os nossos dias fiquem eretos como belas árvores'. E Ludwig sugere 'lutando? lanças?' como *komyā vanāni*. 'Que nossas árvores (nossas lanças) pela nossa bravura permaneçam sempre eretas'. – Max Müller.

<sup>3</sup> Agastya se desculpa por ter permitido que Indra desfrutasse das oferendas planejadas para os Maruts.

<sup>4</sup> Tu, Indra, por quem, etc.

<sup>5</sup> A mesma idéia é expressa em 10.47.7.

<sup>6</sup> *Namasah vṛdhāsaḥ* pretende transmitir a idéia de que os Maruts aumentam ou abençoam aqueles que os adoram.

<sup>7</sup> A segunda linha [*ūrdhvā naḥ santu komyā vanānyahāni...*] tem dado origem a várias interpretações. Como *komyā* nunca ocorre novamente, ela deve no momento ser deixada sem explicação.

Havia outra passagem difícil, 1.88.3: *medhā vanā na kṛṇavanta ūrdhvā*, que eu traduzi: "Que os Maruts incitem as nossas mentes como eles agitam as florestas". Eu ressaltai lá que *ūrdhva* significa não apenas ereto, mas direito e forte, e eu conjecturei que as árvores eretas poderiam ter sido usadas como um símbolo de força e triunfo. *Vana*, no entanto, pode ter sido usado poeticamente em lugar de qualquer coisa feita de madeira, assim como a vaca é usada em lugar de couro ou de qualquer coisa feita de couro. Nesse caso *vana* pode indicar as paredes de madeira das casas, ou mesmo as lanças, e o adjetivo provavelmente teria que determinar o verdadeiro significado.

O professor Oldenberg sugere que *vanāni* pode significar os recipientes de madeira que contêm o Soma.

<sup>8</sup> Os Mānas são o povo de Mānya, veja 1.165.15, nota 33.

6. Ó Indra, protege esses mais bravos dos homens (os Maruts), que a tua ira seja afastada dos Maruts, pois tu tens te tornado vitorioso junto com aqueles heróis brilhantes. Que nós tenhamos um outono revigorante, com chuva vivificante!

[Índice](#) ◀▶ [Hino 172 \(Müller\)](#)

## Hino 172. Maruts (Wilson)

(Sūkta VIII)

Os deuses e Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Gāyatrī.

Varga 12. 1. Maruts, de esplendor inseparável, que a sua chegada seja maravilhosa, benfeitores generosos, para a nossa proteção.

2. Maruts, benfeitores generosos, que sua (seta) brilhante destrutiva fique longe de nós; que a pedra que vocês arremessam fique longe de nós.

3. Maruts, benfeitores generosos, protejam o meu povo, (embora eu seja) tão insignificante quanto grama; levanta-nos, para que nós possamos viver.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 173 \(Wilson\)](#)

## Hino 172. Maruts (Griffith)

1. Que a sua vinda seja extraordinária, maravilhosa com auxílio, ó Generosos Maruts, que brilham como as serpentes brilham.<sup>1</sup>

2. Que fique longe de nós, ó Maruts, ó doadores pródigos, a sua flecha impetuosa; Que fique longe de nós a pedra<sup>2</sup> que vocês atiram.

3. Ó Doadores Generosos, não toquem, ó Maruts, o povo de Tṛṅskanda;<sup>3</sup> Elevem-nos para que nós possamos viver.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 173 \(Griffith\)](#)

## Hino 172. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṄḌALA I. HINO 172.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 4, VARGA 12.

1. Que a sua marcha seja brilhante, brilhante pela sua proteção, ó Maruts, ó doadores generosos, brilhantes como cobras!

2. Que aquela flecha reta de vocês, ó Maruts, doadores generosos, fique longe de nós, e longe a pedra que você lançam!

<sup>1</sup> Referindo-se aos lampejos de relâmpago que acompanham os Deuses da tempestade.

<sup>2</sup> O raio.

<sup>3</sup> Tṛṅskanda parece ser o nome de algum chefe não mencionado em outra parte.

3. Poupem, ó doadores generosos, o povo de Tṛṅskanda, elevem-nos para que nós possamos viver!

[Índice](#) ◀

## Hino 173. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus é Indra; o Ṛṣi, Agastya; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 13. **1.**<sup>1</sup> Os sacerdotes cantam o Sāma<sup>2</sup> que sobe ao céu, como tu (o) sabes, pois tal (louvor) nós veneramos como a causa de aumento e concessor de céu, de onde as vacas,<sup>3</sup> desimpedidas, honram o divino (Indra), que está sentado na grama sagrada.

**2.** O derramador (da oblação, o oferecedor do sacrifício, assistido) pelos (sacerdotes), apresentando as oblações que foram fornecidas por ele mesmo, adora (Indra), para que ele possa se apressar (para o rito), tal como um veado (sedento) para a água. O invocador mortal (dos deuses),<sup>4</sup> ó poderoso Indra, enquanto glorificando aqueles que estão desejosos de louvor, apresenta uma oferenda dupla (para ti).<sup>5</sup>

**3.** O invocador (dos deuses, Agni), permeia os lugares medidos (dos altares), e aceita aquela (oblação), que é o germe do ano e da terra; como um cavalo relincha quando trazendo (a oferenda para Indra), como um touro berra como um mensageiro proclamando (a sua mensagem) entre o céu e a terra.<sup>6</sup>

**4.** Nós oferecemos a ele, (Indra), as mais piedosas (oblações); os adoradores dos deuses apresentam a ele (adorações) substanciais;<sup>7</sup> que ele, de brilho notável, permanecendo em seu carro, e de movimento leve como os Ásvins, seja satisfeito (pelo nosso culto).

**5.** Glorifica aquele Indra que é poderoso, que é um herói, que possui riqueza abundante, que fica em seu carro, um bravo combatente contra adversários, o manejador do raio, o que dissipa a escuridão que envolve tudo.

Varga 14. **6.** O céu e a terra são insuficientes para o perímetro daquele Indra, que, com sua grandeza, governa sobre os líderes (do sacrifício); como a atmosfera cerca a terra, assim ele cerca (os três mundos), e, sendo o mestre da chuva, ele sustenta o céu assim como o firmamento e a terra.<sup>8</sup>

**7.** Aqueles pessoas, que, em conjunto adorando Indra, se esforçam diligentemente, ó herói, para propiciar a ti, o fortificador em combates, o guia no caminho certo, providenciam, para a satisfação dele, iguarias sacrificais.

**8.** As libações (oferecidas) a ti são, de fato, a causa da felicidade, uma vez que as águas divinas (derramadas) no firmamento para o benefício da humanidade te proporcionam

<sup>1</sup> Esse hino é em geral elíptico e obscuro. [Essa é a última nota do hino, porém eu preferi colocá-la no início. Veja também a nota 23.]

<sup>2</sup> O hino que o Udgātr canta.

<sup>3</sup> As vacas podem ser chuvas.

<sup>4</sup> O sacerdote, ou o instituidor do sacrifício.

<sup>5</sup> Ou de louvor e oblação, ou na qualidade do instituidor da cerimônia e sua esposa.

<sup>6</sup> A aplicação dos símiles não é muito óbvia, mas eles podem ilustrar o bramido do fogo sacrificial.

<sup>7</sup> *Cyautnāni* é, propriamente, o que faz cair, mas Sāyaṇa o explica por *dr̥dhā*, firme, sólido.

<sup>8</sup> *Opaśam iva vibharti*: *opaśam* pode significar, perto de, e ser aplicado por inferência à terra e ao firmamento, como contíguos ao céu; mas, de acordo com Sāyaṇa, ele também significa 'um chifre', em qual caso a elipse pode ser completada, ele sustenta o céu tão facilmente quanto um touro carrega seus chifres.

satisfação. Todo louvor, Indra, é aceitável para ti, e tu recompensas com compreensão aqueles que louvam.

**9.** Que nós sejamos, por assim dizer, teus amigos estimados, ó Senhor, e obtenhamos os nossos desejos, como aqueles (que alcançam seus objetivos) pelo louvor de príncipes. Que Indra, propiciado pelos nossos elogios, seja trazido ao sacrifício pelos nossos hinos.

**10.** Êmulo em louvor, como (aqueles que disputam pelo favor) de homens, que Indra, o manejador do raio, seja igualmente (um amigo) para nós; como aqueles que, desejosos da amizade dele, (conciliam) o senhor de uma cidade<sup>9</sup> (regendo) com um bom governo, assim os nossos (representantes) intermediários propiciam (Indra), com sacrifícios.

Varga 15. **11.** Um homem propicia Indra, aumentando (o seu vigor) por meio de sacrifícios; outro, que é insincero, (o) adora com a mente desviada (para pensamentos mundanos); (para o primeiro ele é) como um lago para um (peregrino) sedento perto de um local sagrado; (para o outro,) como uma longa estrada, que retarda o fim (da jornada).<sup>10</sup>

**12.** Indra, associado aos Maruts em batalhas (com as nuvens), não nos abandones;<sup>11</sup> pois uma parte da oferenda está separada, poderoso, para ti, para quem, o derramador de chuva e aceitante de oblações, o culto é oferecido com oblações, enquanto o hino glorifica os Maruts.

**13.** Esse hino, Indra, é dirigido a ti. Senhor dos cavalos, aprende por meio dele o caminho para o nosso sacrifício, e vem cá para o nosso bem, para que nós possamos daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 174 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 173. Indra (Griffith)

**1.** Que ele cante<sup>12</sup> a canção de louvor, irrompendo como pássaro: cantemos aquele hino que se expande como a luz do céu, que as vacas que dão leite possam, sem impedimentos, chamar para a grama sagrada a assembleia dos Deuses.

**2.** Que o Touro<sup>13</sup> cante com Touros<sup>14</sup> cujo trabalho é culto, com um rugido alto como um animal selvagem que tem fome. Deus louvado!<sup>15</sup> o sacerdote alegre traz a devoção do seu coração; o jovem santo apresenta dupla oblação.

**3.** Que o Sacerdote venha circulando os lugares medidos, e traga com ele os frutos outonais da terra. Que o Cavalo relinche conduzido para perto, que o Boi berre: que a Voz vá entre os dois mundos como arauto.<sup>16</sup>

---

<sup>9</sup> O mestre ou administrador de uma cidade.

<sup>10</sup> A aplicação dessas comparações não é muito evidente, e pode-se pensar que elas se referem aos indivíduos mencionados na primeira metade da estrofe, mas elas são um pouco mais inteligíveis como aplicadas a Indra.

<sup>11</sup> Essa estrofe ocorre no *Yajush*, III. 46, a explicação é a mesma, exceto que Mahīdhara completa a elipse com *nāsaya* em vez de *tyāksīh*, não nos destruas.

<sup>12</sup> Que o sacerdote Udgātar cante o hino Sāman ou métrico de louvor, o qual se espalha e abençoa como a luz do céu.

<sup>13</sup> Talvez o instituidor do sacrifício; ou o próprio Indra pode ser aludido. Sāyaṇa oferece ambas as explicações.

<sup>14</sup> Os sacerdotes oficiantes.

<sup>15</sup> Endereçado a Indra. O significado do hemistíquio é obscuro. A palavra *mithunā* (literalmente, pares), a qual eu traduzi de acordo com Sāyaṇa e Wilson, significa segundo Grassmann, ‘ambos os mundos’, e segundo Ludwig, ‘os pares consistindo nos sacrificadores e nas respectivas esposas’.

<sup>16</sup> O Sacerdote: Agni, que é também o Cavalo e o Boi. Os lugares medidos: os diferentes altares de fogo. Frutos: grãos para as oblações. A Voz: trovão.

4. Para ele nós oferecemos as oblações mais bem-vindas, os devotos trazem seus louvores que inspiram força. Que Indra, maravilhoso em seu poder, as aceite, conduzido em carro e rápido para se mover como os Nāsatyas.<sup>17</sup>
5. Louva aquele Indra que é verdadeiramente poderoso, o Guerreiro conduzido em carro, Maghavan o Herói; mais forte na guerra do que aqueles que lutam contra ele, levado por cavalos fortes, que mata a escuridão circundante;
6. Aquele que supera heróis em sua grandeza: a terra e os céus não são suficientes para cintá-lo. Indra veste a Terra para ser seu traje, e, Divino, usa o céu como se fosse uma faixa usada na testa,
7. A ti, Herói, guardião dos bravos em batalhas, que ruges na vanguarda, – para chamar-te para cá, Indra, as tropas concordam ao lado do Soma, e se alegram, pelas grandes ações dele, no Comandante.
8. Libações no oceano<sup>18</sup> para ti são agradáveis, quando teus Rios divinos vêm para alegrar essas pessoas. Para ti a Vaca é a soma de todas as coisas agradáveis quando com o desejo<sup>19</sup> tu procuras homens e príncipes.
9. Assim que nesse Único<sup>20</sup> nós estejamos bem favorecidos, bem auxiliados por assim dizer através do louvor de comandantes, que Indra ainda possa se demorar em nosso culto, como alguém conduzido rápido para o trabalho, para ouvir os nossos louvores.
10. Como homens em rivalidade exaltando príncipes, que nosso amigo seja Indra, o manejador do trovão. Como verdadeiros amigos do senhor de alguma cidade, neles mantidos em bom governo com sacrifício eles o ajudam.<sup>21</sup>
11. Pois cada sacrifício torna Indra mais forte, sim, quando ele segue por toda parte zangado em espírito; como satisfação no vau convida os sedentos, como o longo caminho traz aquele que alcança seu objetivo.<sup>22</sup>
12. Não vamos aqui competir com Deuses, Indra, pois aqui, ó Poderoso, está a tua própria parte, o Grandioso, cujos Amigos os generosos Maruts honram, como com uma torrente, a canção daquele que derrama oblações.
13. Dirigido a ti é esse nosso louvor, ó Indra; Senhor dos Cavalos Baios, provê-nos progresso por meio disso. Desse modo que tu possas nos guiar adiante, ó Deus, para o conforto. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.<sup>23</sup>

[Índice](#) ◀▶ [Hino 174 \(Griffith\)](#)

---

<sup>17</sup> Os Ásvins, cuja carruagem é famosa por causa da velocidade.

<sup>18</sup> Alcançando-te no oceano de ar; ou ‘o oceano’ pode significar o vasto reservatório de suco Soma.

<sup>19</sup> Isto é, concedendo todos os desejos deles.

<sup>20</sup> Nesse único amigo verdadeiro Indra.

<sup>21</sup> A estrofe é difícil. [Veja a versão de Wilson.]

<sup>22</sup> Indra chegará finalmente embora ele demore agora. Nós devemos esperar pacientemente. O viajante sedento chega ao rio e alcança o fim da sua jornada afinal.

<sup>23</sup> Wilson observa com verdade que ‘esse hino é em geral elíptico e obscuro’. Um tradutor deve se esforçar para apresentar o significado provável das palavras tais como elas se encontram, sem se arriscar em completamento conjectural de elipses imaginárias e na inserção de palavras à vontade à maneira de Sāyaṇa.

## Hino 174. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

O deus, Ṛṣi e métrica são os mesmos.

Varga 16. **1.** Tu, Indra, és rei; aqueles que são deuses (estão sujeitos) a ti; portanto, dispersador (de inimigos), protege e cuida de nós homens; tu és o protetor dos bons, o possuidor de riqueza, aquele que nos livra (do pecado); tu és verdadeiro, aquele que envolve (a todos com teu brilho), o dador de força.

**2.** Tu humilhaste os povos, que imploravam por perdão, quando tu destruístes suas sete novas cidades; tu, o irrepreensível, dispersaste as águas correntes; tu destruístes Vṛtra por causa do jovem Purukutsa.<sup>1</sup>

**3.** Vai para as cidades habitadas pelos Rākṣasas, e de lá para o céu (acompanhado), recebedor de muitos sacrifícios, por aqueles que (te escoltam). Defende, como um leão,<sup>2</sup> o indomável Agni de movimento rápido, para que ele possa permanecer em sua residência, cumprindo suas funções.

**4.** Que (teus inimigos, Indra,) humilhados pelo poder do teu raio, repousem em seu próprio lugar,<sup>3</sup> por tua glória; quando tu te moves, (armado) com tua arma, tu mandas as águas; reprimindo teus cavalos, aumenta, por teu poder, (a abundância de) alimentos.

**5.** Leva, Indra, com teus cavalos obedientes, tão rápidos quanto o vento, (o sábio) Kutsa, para aquela cerimônia (para a qual) tu desejas (transportá-lo); que o sol traga para perto a roda do seu carro, e que o armado com o trovão avance contra seus oponentes.

Varga 17. **6.** Indra, senhor dos cavalos, revigorado pelo nosso louvor inspirador, tu mataste aqueles que não te fazem oferendas, e perturbam teus adoradores; mas aqueles que te consideram como (seu) protetor, e são associados para (a apresentação) de alimento (sacrificial), obtêm de ti posteridade.

**7.** O sábio te louva, Indra, para a concessão de (alimento) desejável, visto que tu fizeste da terra o leito do Asura; Maghavan fez as três (regiões)<sup>4</sup> maravilhosas por suas dádivas, e destruiu para (o príncipe) Duryoṇi (o Asura,) Kuyavāca,<sup>5</sup> em combate.

**8.** Os sábios têm celebrado as tuas eternas (bem como as tuas) recentes (façanhas, ao realizar as quais) tu tens sofrido muitos danos para pôr fim à guerra; realmente, tu demoliste as cidades hostis e não divinas; tu prostraste o raio do Asura não divino.

**9.** Tu, Indra, és o aterrorizador (dos teus inimigos); tu fizeste as águas trêmulas cobrirem (a terra), como rios correntes;<sup>6</sup> mas, herói, quando tu encheste o oceano, tu protegeste em seu bem-estar Turvaśa e Yadu.<sup>7</sup>

<sup>1</sup> O verso admite, de acordo com o comentador, uma explicação diferente, mais consistente com a aceitação corrente, *rūrhī*; isto é, tu fizeste o súdito (chuva), solicitando clemência, descer (em chuvas); quando tu tinhas rasgado em pedaços as (nuvens) deslizantes e que enchem o mundo, então, irrepreensível, tu fizeste as águas fluírem em canais, e abriste a nuvem principal para o jovem Purukutsa.

<sup>2</sup> Como um leão protege a floresta, na qual sua toca se encontra, das depredações de outros animais.

<sup>3</sup> No firmamento, os inimigos são as nuvens.

<sup>4</sup> O texto tem apenas *tisraḥ*, ao qual o comentador adiciona *bhūmīḥ*, ou a terra em três aspectos, como idêntica aos três rituais do *Darśa* ou períodos lunares; o *Paśu*, ou vítima; e *Soma*, ou libação; ou como implicando terra, firmamento, e céu.

<sup>5</sup> Nós temos um Kuyava em 1.104.3, mas não em conexão com Duryoṇi.

<sup>6</sup> *Sīrāḥ na sravantiḥ*: o comentador diz que *Sīrā* pode ser o nome de um determinado rio; um posto em lugar de muitos.

<sup>7</sup> *Pārayā turvaśam yadum svasti*: Sāyaṇa explica *pāraya* por *apālayah*, tu tens protegido; e *svasti* por *avināśam*, sem perda ou prejuízo; ou *pāraya* pode significar, levar através, transportar sobre em segurança.

**10.** Sê, Indra, em todos os momentos o nosso defensor especial; o preservador do nosso povo, o concesso de força sobre todos esses nossos (seguidores) rivais; para que nós possamos obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 175 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 174. Indra (Griffith)

1. Tu és o Rei de todos os Deuses, Indra: protege os homens, ó Asura, preserva a nós.<sup>8</sup> Tu, Senhor dos Heróis, Maghavan, nosso salvador, és fiel, muito rico, o concesso de vitória.
2. Indra, tu humilhaste as tribos que falaram com insulto por quebrar sete fortes outonais,<sup>9</sup> o refúgio delas. Tu agitaste, Irrepreensível! torrentes revoltas, e deste ao jovem Purukutsa<sup>10</sup> o inimigo dele como um despojo.
3. Com quem<sup>11</sup> tu guiaste tropas cujos senhores são heróis, e trouxeste a luz do dia agora, Indra muito adorado, com eles protege como leão o devastador e ativo Agni para residir em nossos campos lavrados e na nossa herdade.
4. Eles,<sup>12</sup> pela grandeza da tua lança, ó Indra, irmão, para o teu louvor, jazer nessa posição terrena. Para soltar as torrentes, para buscar, pelas vacas, a batalha, seus Baios ele<sup>13</sup> montou, apanhou o saque audaciosamente.
5. Indra, leva Kutsa,<sup>14</sup> aquele em quem tu te alegras: os cavalos vermelho-escuros do Vento são dóceis. Que o sol gire a roda do seu carro para perto de nós, e que Aquele que faz trovejar vá ao encontro dos inimigos.
6. Tu, Indra, Senhor dos Baios, feito forte por impulso, mataste os vexadores dos teus amigos, que não oferecem.<sup>15</sup> Aqueles que viram o Amigo<sup>16</sup> ao lado do vivo<sup>17</sup> foram postos de lado por ti enquanto eles viajavam para diante.
7. Indra, o bardo cantou em inspiração: tu fizeste da terra uma cobertura para o Dāsa. Maghavan fez os três<sup>18</sup> que brilham com a umidade, e para a sua casa trouxe Kuyavāc<sup>19</sup> para matá-lo.
8. Esses teus feitos antigos novos bardos têm cantado, ó Indra. Tu conquistaste, limitaste muitas tribos para sempre. Como castelos tu esmagaste as tribos ímpias, e subjugaste a arma mortal do ímpio escarnecedor.
9. Um Causador de Tempestades tu fizeste as águas tempestuosas fluírem para baixo, ó Indra, como os rios correntes. Quando acima da corrente tu os trouxeste, ó herói, tu mantiveste Turvaśa e Yadu<sup>20</sup> em segurança.

---

<sup>8</sup> *Os homens*: os sacerdotes. *A nós*: teus adoradores. *Asura*: imortal e divino.

<sup>9</sup> Provavelmente fortalezas em terras altas, ocupadas na estação chuvosa.

<sup>10</sup> Já mencionado antes. Veja 1.63.7.

<sup>11</sup> Os Maruts.

<sup>12</sup> O inimigo.

<sup>13</sup> Indra.

<sup>14</sup> O Ṛṣi desse nome. Wilson parafraseia de acordo com Sāyaṇa. [Veja a versão acima.]

<sup>15</sup> Que não oferecem oblações; bárbaros que não adoram os deuses dos arianos.

<sup>16</sup> Indra.

<sup>17</sup> *Āyu*, o vivo, pode aqui talvez ser um nome próprio.

<sup>18</sup> O que são *os três* não está claro. Alguma referência às três manhãs parece ser pretendida.

<sup>19</sup> Provavelmente o nome de um demônio, ou bárbaro.

<sup>20</sup> Epônimos de tribos arianas. Veja 1.36.18 [nota 13].

**10.** Indra, que tu sejas nosso em todas as ocasiões, protetor dos homens, o mais gentil de coração, dando-nos a vitória sobre todos os nossos rivais. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 175 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 175. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é Indra; o Ṛṣi, Agastya; a métrica do primeiro verso é um tipo de Bṛhatī,<sup>1</sup> do último, Triṣṭubh; do resto, Anuṣṭubh.

Varga 18. **1.** Senhor dos corcéis, tu ficas alegre quando o sagrado (suco Soma) foi bebido por ti como por seu recipiente (adequado); pois para ti, derramador (de benefícios), ele é estimulante, inebriante e revigorante, o produtor de leite, (satisfatório como) alimento, e o dador de mil (prazeres).

**2.** Que a nossa libação de Soma chegue a ti, (pois ela é) estimulante, revigorante, inebriante, a mais preciosa; ela é amigável, Indra, agradável, a destruidora de exércitos, imortal.

**3.** Tu és um herói, um benfeitor, aceleras o veículo do homem (que o leva para o céu); consome, poderoso, o Dasyu irreligioso, como um recipiente (de madeira) é queimado pelo fogo.

**4.** Sábio Indra, que és o senhor, tu levaste pela tua força uma roda da (carruagem do) sol. Pega o teu raio para a morte de Śuṣṇa, e procede com teus cavalos, rápidos como o vento, até Kutsa.<sup>2</sup>

**5.** Tua embriaguez é a mais intensa; no entanto, teus atos (para o nosso bem) são os mais benéficos. Tu desejas, doador generoso de cavalos, que (tanto a tua embriaguez quanto a tua beneficência sejam os meios de) destruir inimigos e distribuir riquezas.<sup>3</sup>

**6.** Visto que, Indra, tu tens sido o (concessor de) felicidade para os teus antigos encomiastas, como água para quem está com sede, portanto eu repito constantemente esse teu louvor, para que eu possa daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 176 \(Wilson\)](#)

---

<sup>1</sup> [Skandhogrīvī.]

<sup>2</sup> Ou Kutsa pode significar o raio; mas a defesa do *Rājarsī* contra Śuṣṇa, ou da humanidade contra a seca, já foi citada antes. Veja 1.11.7; 1.51.6, e 1.63.3.

<sup>3</sup> Os epítetos, estando no número dual, referem-se, de acordo com o comentador, ao *mada*, intoxicação; e *kratu*, aos atos de Indra.

## Hino 175. Indra (Griffith)

1. Alegra-te: tua glória foi bebida,<sup>4</sup> Senhor dos Cavalos Baios, como se fosse o hidromel vivificante da taça. Para ti o forte lá está a bebida forte, poderosa, onipotente para vencer.
2. Que a nossa bebida forte, a mais excelente, estimulante, chegue a ti, Vitorioso, Indra! trazendo ganho, imortal, conquistadora em luta,
3. Tu, herói, ganhador dos despojos, incitas à velocidade o carro do homem. Queima, como um vaso com a chama, o Dasyu sem lei, Conquistador!
4. Capacitado pelo teu próprio poder, ó Sábio, tu roubaste a roda da carruagem de Sūrya.<sup>5</sup> Tu mostraste Kutsa<sup>6</sup> com os corcéis do Vento para Śuṣṇa como sua morte.
5. A mais poderosa é a tua alegria arrebatadora,<sup>7</sup> o mais esplêndido é o teu poder ativo, com o qual, matador de inimigos, mandando bem-aventurança, tu és supremo em ganhar cavalos.
6. Como tu, ó Indra, para os cantores antigos eras sempre alegria, como água para os sedentos, assim para ti eu canto essa invocação. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 176 \(Griffith\)](#)

---

<sup>4</sup> Tu bebeste o que te incita a feitos gloriosos, isto é, o suco Soma contido na tigela.

<sup>5</sup> É dito que Indra pegou a roda do carro do Sol e a arremessou como um disco contra o demônio da seca.

<sup>6</sup> O R̥ṣi mencionado no hino anterior. Indra o defendeu contra Śuṣṇa, ou protegeu a humanidade da seca.

<sup>7</sup> Wilson traduz: 'Tua embriaguez é a mais intensa'. Veja 1.51.2 [nota 22].

## Hino 176. Indra (Wilson)

(Sūkta XII)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Anuṣṭubh, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.

- Varga 19. **1.** Soma, alegre Indra (no sacrifício que nós oferecemos), para a obtenção de riqueza; permeia a ele, derramador (de benefícios), pois quando bebido tu és o aniquilador (de inimigos), e não permites que um inimigo fique perto.
- 2.** Permeia com nosso louvor a ele que é o único sustentador dos homens, para quem a oblação é oferecida, e que, o derramador (de benefícios), faz (cada desejo) brotar como cevada.
- 3.** Em cujas mãos estão todos os tesouros (que são desejados pelas) cinco classes de seres;<sup>1</sup> destrói, Indra, aquele que nos oprime; mata-o, (como se tu fosses tu mesmo) o raio celeste.
- 4.** Mata todo aquele que não oferece libações, embora difícil de ser destruído; mata todo aquele que não é deleite para ti; dá-nos a riqueza dele, pois o (adorador) piedoso a merece.
- 5.** Soma, tu proteges aquele em cujas preces, duplamente devotado, há a combinação (de louvor e oblação); protege, especialmente, Indra na guerra; protege o vigoroso Indra em batalhas.
- 6.** Visto que, Indra, tu tens sido o dador de felicidade aos teus antigos encomiastas, como água para quem está com sede, portanto eu sempre repito esse teu louvor, para que eu possa daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 177 \(Wilson\)](#)

## Hino 176. Indra (Griffith)

- 1.** Alegra-te com goles para obter-nos felicidade: Soma, perfura Indra em tua força. Tu te enfureces tremendo em tua ira, e não encontras um inimigo perto.
- 2.** Faze as nossas canções penetrarem a ele que é o Único dos homens; Para quem o alimento sagrado é espalhado, como o boi ara a cevada adentro.
- 3.** Em cujas mãos repousam depositados todos os tesouros dos cinco Povos.<sup>2</sup> Nota o homem que nos prejudica e o mata como o raio celeste.
- 4.** Mata cada um que não derrama presente, que, difícil de alcançar, não te agrada. Dá-nos aquela riqueza que ele tem: isso mesmo o adorador espera.
- 5.** Tu ajudaste a ele o duplamente forte cujos hinos eram cantados incessantemente. Quando Indra lutou, ó Soma, tu ajudaste o poderoso na luta.
- 6.** Como tu, ó Indra, para os cantores antigos eras sempre alegria, como água para os sedentos, assim para ti eu canto essa invocação. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 177 \(Griffith\)](#)

<sup>1</sup> Veja 1.7.9 [nota 4].

<sup>2</sup> Isto é, a riqueza de todos os arianos. Veja 1.7.9 [nota 6].

## Hino 177. Indra (Wilson)

(Sūkta XIII)

O deus e Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Anuṣṭubh, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.<sup>1</sup>

- Varga 20. **1.** Que Indra, que é o nutridor dos homens, o benfeitor da humanidade, o senhor dos homens, o adorado por muitos, (venha a nós). Indra, que és louvado (por nós), e desejoso da oblação, atrela teus cavalos vigorosos, e desce até mim para a (minha) preservação.
- 2.** Monta, Indra, teus corcéis, que são jovens e vigorosos,<sup>2</sup> manejáveis para a prece, e atrelados a um carro derramador de recompensas; desce com eles até nós. Nós te invocamos, Indra, a libação está sendo derramada.
- 3.** Sobe no teu carro derramador de recompensas, pois para ti o Soma, o derramador de bênçãos, é vertido, as libações doces estão preparadas. Indra derramador de recompensas, tendo-os atrelado, vem com teus corcéis vigorosos para (o bem da) humanidade; vem com teu (carro) rápido até a minha presença.
- 4.** Este é o sacrifício oferecido aos deuses; este é o oferecimento da vítima;<sup>3</sup> estas são as preces; este, Indra, é o suco Soma; a erva sagrada está pronta espalhada; vem, portanto, Indra, rapidamente, senta-te, bebe (a libação); solta aqui teus cavalos.
- 5.** Glorificado por nós, Indra, vem à (nossa) presença para aceitar as preces do oferecedor venerável (da oblação); para que nós possamos sempre desfrutar de prosperidade pela tua proteção, e daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 178 \(Wilson\)](#)

## Hino 177. Indra (Griffith)

- 1.** O Touro dos homens,<sup>4</sup> que nutre todas as pessoas, Rei dos Povos, Indra, chamado por muitos, que ama a fama, louvado, volta-te para cá para mim com auxílio tendo atrelado ambos os Cavalos Baios vigorosos!
- 2.** Teus Garanhões poderosos,<sup>5</sup> unidos por prece, ó Indra, teus Corcéis atrelados ao teu carro poderoso, – sobe neles, e trazido por eles vem para cá; com suco Soma derramado, Indra, nós te chamamos.
- 3.** Sobre no teu carro poderoso; o poderoso Soma é derramado por ti, e doces estão espalhados em volta de nós. Desce na nossa direção, Touro das raças humanas, vem, tendo-os atrelado, com fortes Cavalos Baios.

<sup>1</sup> [A métrica é somente a Triṣṭubh de acordo com Griffith e Gary Holland.]

<sup>2</sup> Nós temos nesse hino, como nós tivemos em outros, uma repetição pródiga das palavras *varṣā* e *varṣaṇam*: despejando, derramando, entornando; os cavalos são *vṛṣaṇā*; o carro é *varṣaṇa*; Indra é *vṛṣabha*; o Soma é *vṛṣan*; e assim por diante, mostrando pobreza tanto de idéias quanto de expressões.

<sup>3</sup> *Ayaṃ miyedha*; o último é explicado como um epíteto de *Yajña*, derivado de *medha*, o qual, de acordo com um texto citado pelo comentador, é o mesmo que *paśu*, uma vítima.

<sup>4</sup> O herói, ou chefe notável por força superior.

<sup>5</sup> A palavra traduzida como ‘poderoso’ (*vṛṣan*) é comumente aplicada no Veda a coisas e seres vivos preeminentes por força, e os poetas védicos se deleitam em repeti-la e a seus compostos e derivados. ‘Mas isso não é nada ainda’, observa o professor Max Müller, ‘comparado a outras passagens, quando o poeta não pode ter o suficiente de *vṛṣan* e *vṛṣabhā*’. Veja 2.16.6; 5.36.5; 5.40.2-3; 8.13.31-33.

4. Aqui está o sacrifício que chega a Deus, aqui a vítima; aqui, Indra, estão as preces, aqui está o Soma. A erva sagrada está espalhada; vem para cá, Śakra; senta-te e bebe; desjunge teus dois Cavalos Baios.

5. Vem a nós, Indra, vem tu altamente louvado para as devoções do cantor Māna. Cantando, que nós encontremos depressa pelo teu auxílio, que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 178 \(Griffith\)](#)

---

## Hino 178. Indra (Wilson)

(Sūkta XIV)

O deus, Ṛṣi, e métrica, são os mesmos.

Varga 21. **1.** Visto, Indra, que o louvor pelo qual tu és (induzido a dar) proteção aos teus adoradores é ouvido (por todos), portanto não desapontes o desejo (que nos elevaria) à grandeza; que eu possa obter, pela tua (graça), todas as coisas que são obteníveis pelo homem.

**2.** Que o majestoso Indra não frustrate as nossas ações, as quais as irmãs, (Dia e Noite),<sup>1</sup> estão conduzindo para o seu objetivo. Que essas oferendas revigorantes o propiciem, para que ele possa nos dar (consideração) amigável, e alimento (abundante).

**3.** Indra, o herói, o vitorioso em batalhas, junto com os líderes (das tropas dele, os Maruts), ouvirá a invocação do seu adorador suplicante, e quando disposto a aceitar seus louvores, irá, por sua própria vontade, dirigir seu carro para perto do doador (da oblação).

**4.** Realmente, Indra, pelo desejo de alimento (sacrifical), é o devorador (daquilo que é ofertado) por (seus) adoradores, e supera (os adversários) do seu amigo; na assembleia (de homens) de muitas vozes, Indra, o fiel (cumpridor da sua promessa), elogiando (a devoção) do seu adorador, aprova o alimento (oferecido).

**5.** Por ti, opulento Indra, que nós possamos superar os nossos inimigos poderosos e formidáveis; tu és nosso protetor; que tu sejas propício para a nossa prosperidade, para que nós possamos daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 179 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 178. Indra (Griffith)

**1.** Se, Indra, tu tens dado aquela audição benevolente com a qual tu ajudaste aqueles que cantaram teus louvores, não destruas o desejo que nos exaltaria; que eu possa ganhar tudo de ti, e prestar todos os cultos do homem.

**2.** Que o Soberano Indra não nos desaponte no que as duas Irmãs<sup>2</sup> trarão para a nossa residência. Para ele têm corrido as águas<sup>3</sup> que fluem rapidamente. Que Indra venha até nós com vida e amizade.

---

<sup>1</sup> *Svasārā*, literalmente, irmãs, pode significar como explicado no texto; ou pode implicar o instituidor associado do rito e o sacerdote oficiante; ou pode significar os dedos que são usados em manipulações rituais.

<sup>2</sup> Noite e Manhã.

<sup>3</sup> As libações.

3. Vitorioso com os homens, Herói em batalhas, Indra, que ouve a súplica do cantor, trará seu carro para perto do homem que oferece, se ele mesmo aprovar as canções que o louvam.

4. Sim, Indra, com os homens, por amor à glória consome o alimento sagrado que os amigos têm oferecido. A canção sempre fortalecedora daquele que adora é cantada em luta em meio ao conflito de vozes.

5. Ajudados por ti, ó Maghavan, ó Indra, que nós subjuguemos os nossos inimigos que se consideram poderosos. Sê nosso protetor, nos fortalece e aumenta. Que nós encontremos alimento fortalecedor em plena abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 179 \(Griffith\)](#)

## Hino 179. Rati (Wilson)

(Sūkta XV)

Não há deus, propriamente falando, para este Sūkta; mas Rati, a deusa do prazer, é sugerida pelo comentador como tomando o lugar de um; supõe-se que os Ṛṣis são os interlocutores, Agastya, a esposa dele, Lopamudrā, e certos discípulos do sábio que tinham ouvido a conversa por acaso; a métrica é Triṣṭubh. [Bṛhatī no quinto verso.]

Varga 22. 1. (Lopamudrā), – Muitos anos eu tenho estado servindo-te diligentemente, dia e noite, e através das manhãs, que trazem a velhice; a decadência agora prejudica a beleza dos meus membros; o que, portanto, é (para ser feito) agora: que os maridos se aproximem das suas esposas.

2. Os antigos sábios, disseminadores da verdade, que, de fato, conversaram sobre verdades com os deuses, geraram (progênie), nem por isso violaram (seu voto de continência), portanto, os maridos devem se aproximar das suas esposas.

3. (Agastya), – Penitência não tem sido praticada em vão: visto que os deuses nos protegem, nós podemos satisfazer todos os nossos desejos; nesse mundo nós podemos triunfar em muitos conflitos, se nós nos esforçarmos mutuamente juntos.

4. O desejo, dessa causa ou daquela,<sup>1</sup> veio sobre mim enquanto engajado em oração e suprimindo (a paixão); que Lopamudrā se aproxime do seu marido: a mulher instável seduz o homem firme e resolutivo.

5. (Pupilo), – Eu peço o suco Soma, que foi bebido em meu coração,<sup>2</sup> para que eu possa expiar totalmente o pecado que nós cometemos;<sup>3</sup> o homem está sujeito a muitos desejos.

6. Agastya, um sábio venerável, trabalhando com instrumentos (adequados),<sup>4</sup> desejando progênie, filhos, e força,<sup>5</sup> praticou ambas as classes (de deveres),<sup>6</sup> e recebeu verdadeiras bênçãos dos deuses.

<sup>1</sup> *Ito-amutaḥ kutaścīt*, de alguma causa, dessa, ou daquela; da sua sociedade ou da influência da época, como primavera e semelhantes; ou das sugestões desse mundo ou do seguinte; são as explicações do comentador.

<sup>2</sup> *Antito hr̥tsu pītam*, bebido mentalmente, não realmente, é aludido provavelmente.

<sup>3</sup> O pecado de ouvir a conversa de seu *Guru* com sua esposa; de acordo com Śaunaka, a repetição desse e do verso seguinte expia o pecado em geral, e assegura a realização de todos os desejos.

<sup>4</sup> *khanamanaḥ khanitraiḥ*, literalmente, cavando com ferramentas de escavação; isto é, realizando seus objetivos por meios apropriados, ganhando sua recompensa por meio de sacrifício e hinos.

<sup>5</sup> *Prajām apatyam balaṃ ichamānaḥ*: *prajā* é distinguido pelo comentador como implicando sucessões repetidas, descendentes, e *apatya* como significando descendência mais imediata, filhos, netos; ou *prajā* pode significar descendentes.

<sup>6</sup> *Kāma* e *Tapas*, desejo e devoção; os deveres da vida familiar bem como da vida ascética.

---

## Hino 179.<sup>7</sup> Rati (Griffith)

É dito que o objeto deificado desse hino omitido é Rati ou Amor, e seus Ṛṣis ou autores são Lopāmudrā, Agastya, e um discípulo. Lopāmudrā é representada como pedindo as carícias de seu marido idoso Agastya, e queixando-se da frieza e negligência dele. Agastya responde na estrofe 3, e na segunda metade da estrofe 4 o discípulo ou o poeta conta resumidamente o resultado do diálogo. Supõe-se que a estrofe 5 é falada pelo discípulo que ouviu a conversa, mas sua ligação com o resto do hino não é muito evidente. Na estrofe 6 'trabalhando com forte empenho' é uma paráfrase e não uma tradução do original *khanamānaḥ khanītraiḥ* (lignonibus fodiens) [veja a nota 4], que Sāyaṇa explica como 'obtendo o resultado desejado por meio de louvores e sacrifícios'.

O Sr. Bergaigne é de opinião que o hino tem um significado místico, Agastya sendo identificável com o Soma celestial a quem Lopāmudrā, representando a oração fervorosa, consegue após um longo trabalho atrair de sua morada secreta. Veja *La Religion Védique*, ii. 394 e seguintes.

1. Por muitos outonos eu tenho labutado e trabalhado, de noite e de manhã, através das Auroras que causam velhice. A velhice prejudica a beleza dos nossos corpos. Que os maridos ainda se aproximem das suas esposas.
2. Pois até os homens de outrora, cumpridores da lei, que com os Deuses declararam estatutos eternos – eles decidiram, mas não realizaram; assim agora que as esposas se aproximem dos seus maridos.
3. *Non inutilis est labor cui Dii favent: nos omnes aemulos et aemulas vincamus. Superemus in hac centum artium pugna in qua duas partes convenientes utrinque commovemus.*
4. *Cupido me cepit illius tauri (viri) qui me despicit, utrum hinc utrum illinc ab aliqua parte nata sit. Lopamudra taurum (maritum suum) ad se detrahit: insipiens illa sapientem anhelantem absorbet.*
5. Eu me dirijo a este Soma que está mais perto de nós, aquele que foi absorvido dentro do espírito, para perdoar quaisquer pecados que nós tenhamos cometido. De fato o homem mortal é cheio de desejos.
6. Agastya desse modo, trabalhando com forte empenho, desejando filhos, progênie e poder, nutriu, um sábio de grande força, ambas as classes,<sup>8</sup> e com os Deuses obteve a realização da sua prece.

---

<sup>7</sup> [Hino encontrado apenas no Apêndice, com certas linhas traduzidas em latim.]

<sup>8</sup> Provavelmente 'ambas as classes' significa sacerdotes e príncipes, ou instituidores de sacrifícios. O Sr. Bergaigne entende que a expressão significa as duas formas ou essências de Soma, a celeste e a terrestre.

## Hino 180. Ásvins (Wilson)

(Anuvāka 24. Sūkta I)

Os deuses são os Ásvins; o Ṛṣi é Agastya; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 23. **1.** Ásvins, seus cavalos são viajantes das (três) regiões, quando seu carro procede para (seus) quadrantes (desejados); as bordas douradas das suas rodas concedem (tudo o que é desejado); bebendo o suco *Soma*, vocês participam do (rito) da manhã.

**2.** Dirijam para baixo (o curso) do seu (carro) de movimento rápido, que segue de modo variado, amigável para o homem, e para ser especialmente venerado, quando, totalmente adoráveis, sua irmã (a aurora) se prepara (para a sua aproximação), e (o instituidor da cerimônia) os adora, bebedores do suco *Soma*, para (obter) força e alimento.

**3.** Você devolveram leite à vaca; vocês (trouxeram) para baixo a (secreção) madura mais forte para o imaturo (ou úbere estéril) da vaca; o ofertante devoto da oblação adora vocês, cujas formas são verdade, (tão vigilante no meio da cerimônia), quanto um ladrão (no meio) de uma moita.

**4.** Vocês tornaram o calor tão calmante quanto manteiga doce para Atri;<sup>1</sup> desejando (por alívio), e o envolveram com frialdade, como água; portanto, para vocês, Ásvins, líderes (de ritos), a oferenda de fogo (é feita);<sup>2</sup> para vocês os sucos *Soma* correm como rodas de carro (por um declive).

**5.** Dasras, que eu os traga, pelo veículo de minhas orações, (para cá), para conceder (a mim sua ajuda), como o fraco filho de Tugra;<sup>3</sup> céu e terra se combinam (para adorá-los) por sua grandeza; que este, seu idoso (adorador), adoráveis (Ásvins), desfrute de uma vida longa, (livre) do pecado.

Varga 24. **6.** Doadores generosos, quando vocês atrelam seus cavalos vocês reabastecem a terra com iguarias; que esse seu adorador seja (rápido), como o vento para propiciá-los e agradá-los, que, através da sua grande (benevolência), ele possa, como um homem piedoso, obter alimento.

**7.** Seus adoradores sinceros, nós de fato os louvamos de várias maneiras. O jarro foi colocado (pronto para o suco *Soma*).<sup>4</sup> Ásvins irrepreensíveis, derramadores (de benefícios), bebam livremente do suco na presença dos deuses.

**8.** Ásvins, Agastya, eminente entre os líderes de homens, os desperta diariamente com inúmeras (invocações), como um instrumento de som,<sup>5</sup> para obter um (fluxo) múltiplo de uma torrente (de chuva).

**9.** Quando, devido ao seu carro, vocês vêm (para o sacrifício), e quando, como o sacerdote ministrante, (depois de cumprir sua função), vocês partem, planando para longe, vocês dão aos devotos (adoradores uma recompensa), embora ela seja a fartura de bons cavalos; que nós sejamos enriquecidos, Nāsatyas, (pela sua graça).

<sup>1</sup> Veja 1.112.7 [nota 11].

<sup>2</sup> *Tad vām paśva iṣṭi: paśu* é interpretado pelo comentador como 'Fogo', segundo o texto, *Agnih paśur-āsīt*, Agni era a vítima; e a frase implica que as oblações são oferecidas através do fogo para os Ásvins.

<sup>3</sup> Veja 1.117.14-15.

<sup>4</sup> *Vi pañir-hitāvān*: Sāyaṇa propõe, em primeiro lugar, explicar *pañi* por *droṇa-kalaśa*, o jarro ou recipiente no qual o suco *Soma*, após espremedura, é coado através de um filtro; mas ele então sugere que *pañi* pode ter seu sentido mais usual de um mercador ou comerciante, e *hitāvān*, em vez de 'sendo colocado' pode significar opulento; em qual caso *vī* terá a força de *vīyujyatām*, que ele seja separado; implicando, que o homem rico avarento que não oferece culto seja rejeitado.

<sup>5</sup> *Kārādhunīva*, de *kārā*, som, *śabda*; e *dhuni*, gerando, *utpādayitā*, tal como a concha e semelhantes.

**10.** Nós invocamos hoje, Ásvins, com hinos, por coisas boas, a sua carruagem louvável de rodas intactas, e que percorre o céu, para que nós possamos obter (dela) alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 181 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 180. Ásvins (Griffith)

1. Ligeiramente seus corcéis viajam pelas regiões quando em volta do oceano de ar seu carro está voando. Os aros dourados das suas rodas espalham gotas de umidade; bebendo a doçura vocês acompanham as manhãs.
2. Vocês quando viajam alcançam o Corcel<sup>6</sup> que voa distante, o Amigo do homem, o mais santo. A prece é que a Irmã<sup>7</sup> possa transportá-los, totalmente louvados, bebedores de hidromel! para apoiar e fortalecer.
3. Vocês depositaram, maduro dentro dela, na vaca nova o primeiro leite da vaca leiteira,<sup>8</sup> que o ofertante brilhante,<sup>9</sup> reluzente como uma serpente entre árvores, oferece a vocês cuja forma é perfeita.
4. Vocês fizeram o calor feroz ser cheio de doçura para Atri pelo desejo dele, como água corrente. A oferenda queimada por isso é sua, ó Ásvins, Heróis; as rodas do seu carro aceleram até nós como fontes de mel.<sup>10</sup>
5. Como o filho antigo de Tugra que eu possa, ó Poderosos, trazê-los para dar seus presentes com oblações de leite. Sua grandeza cerca a Terra, o Céu, e as Águas; decaída para vocês está a rede da tristeza, ó Santos.
6. Quando, Generosos, vocês conduzem sua parelha atrelada para baixo, vocês enviam, por suas próprias naturezas, compreensão. Rápido como o vento que o príncipe<sup>11</sup> os agrade e os banqueteie: ele, como um homem piedoso, ganha força para crescimento.
7. Pois de fato os nossos cantores verdadeiros os louvam; o comerciante mesquinho está aqui excluído. Agora, agora mesmo, ó irrepreensíveis Ásvins, ó Poderosos, protejam o homem cujo Deus está perto dele.
8. Em verdade, dia após dia, para que ele possa ganhar a torrente muito abundante,<sup>12</sup> Agastya,<sup>13</sup> famoso entre os heróis mortais, os despertou, ó Ásvins, com mil louvores como sons de música.
9. Quando com a glória do seu carro vocês viajam, quando vocês vão acelerando como o sacerdote dos mortais, e dão bons cavalos para os sacrificadores, que nós, Nāsatyas! ganhemos a nossa parte de riquezas.<sup>14</sup>

---

<sup>6</sup> O Sol.

<sup>7</sup> Uşas, Aurora.

<sup>8</sup> Vocês depositaram o leite dentro da Vaca Cósmica, e esse é encontrado inalterado nas vacas da terra.

<sup>9</sup> Eu sigo Roth em considerar esse como sendo o fogo, rastejando pelo combustível como uma cobra que rasteja e cintila através das moitas. Mas o hemistíquio é muito difícil e o significado é duvidoso. Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia: '(tão vigilante no meio da cerimônia), quanto um ladrão (no meio) de uma moita'. Ludwig diz que *hvāra* não significa cobra nem ladrão, mas uma tina ou recipiente de madeira.

<sup>10</sup> [A versão de 1889 lê: 'para vocês como rodas de carro correm os sucos doces'.]

<sup>11</sup> O instituidor do sacrifício.

<sup>12</sup> Isto é, para obter abundância de chuva.

<sup>13</sup> O Ṛṣi do hino.

<sup>14</sup> Quando vocês ajudam os comandantes piedosos em batalha, e eles obtêm os despojos, que os sacerdotes que oficiaram nos sacrifícios que ganharam aquele auxílio recebam a sua devida parte do saque como sua recompensa.

**10.** Com canções de louvor nós chamamos hoje, ó Ásvins, aquela sua nova carruagem, para o nosso próprio bem-estar, que circunda o céu com pinas nunca danificadas. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 181 \(Griffith\)](#)

## Hino 181. Ásvins (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses, Ṛṣi e métrica, continuam.

Varga 25. **1.** Quando, amados (Ásvins), vocês carregam no alto (os materiais) de alimentos e riquezas, que, desejosos do sacrifício, vocês mandem a chuva; esse sacrifício lhes oferece adoração, dadores de riquezas, protetores de homens.

**2.** Ásvins, que seus cavalos, puros, bebedores de chuva, rápidos como o vento, nascidos do céu, de movimento rápido, velozes como o pensamento, vigorosos, de boas costas e auto-irradiantes, os tragam para cá.

**3.** Ásvins, excelentes e constantes, que sua carruagem, vasta como a terra, de frente larga, rápida como a chuva, (veloz) como o pensamento, emulativa<sup>1</sup> e adorável, venha para cá para (o nosso) bem.

**4.** Nascidos aqui (na região central) e aqui (na região superior),<sup>2</sup> vocês são glorificados juntos, como impecáveis em suas formas e (perfeitos) em suas próprias (muitas excelências);<sup>3</sup> um (de vocês), o filho vitorioso (do firmamento), o devoto (promotor) de sacrifício sagrado, o outro, o filho auspicioso do céu,<sup>4</sup> (cada um) sustenta (o mundo).

**5.** Ásvins, que o (carro) de cor dourada (de um de vocês), atravessando à vontade os quadrantes do espaço, venha às nossas casas; que a humanidade encoraje os cavalos do outro por alimento, por fricção e por gritos.

Varga 26. **6.** (Um de vocês), o dispersor (das nuvens),<sup>5</sup> como Indra, o aniquilador (de seus inimigos), desejoso da oblação, procede, (concedendo) alimento abundante. (Adoradores devotos) nutrem com iguarias (sacrificais, as faculdades) do outro, por causa de graças, as quais fluem sobre nós como rios que aumentam.<sup>6</sup>

**7.** Ásvins, criadores, o perpétuo hino triplo, endereçado a vocês, foi proferido, (para assegurar) a sua (graça) constante; assim glorificados, protejam aquele que solicita (sua generosidade), e, movendo-se ou repousando, ouçam a invocação dele.

<sup>1</sup> *Ahampūrvah*, eu primeiro, é normalmente aplicado a um guerreiro, alguém que seria o principal em batalha.

<sup>2</sup> *Iheha jātā*, literalmente, nascido aqui e aqui, *iha* e *iha*; o comentador fornece a amplificação, identificando os Ásvins com o Sol e a Lua.

<sup>3</sup> *Arepasā tanvā nāmabhiḥ svaiḥ*; ou *arepasā* pode significar, livres do pecado, de acordo com o comentador, *apāpau*, aludindo à lenda da decapitação de Dadhyanch, 1.84.13 [nota 4], por qual ato, com referência ao seu resultado, nenhum pecado foi incorrido.

<sup>4</sup> Como idênticos ao sol e à lua, um Ásvin pode ser chamado de filho da região do meio ou firmamento, o outro, o filho da região superior, o céu.

<sup>5</sup> *Śaradvān*, que é interpretado de diversas formas: pode ser sinônimo de *śaraṇavān*, que murcha, que seca como folhas; ou de muitos anos, antigo, eterno, *bahu-samvatsarah*; ou outonal, com referência a um dos Ásvins como a lua, *śarat-kāla vān*.

<sup>6</sup> Essa e a estrofe anterior não são muito explícitas na comparação que é sugerida entre as funções dos dois Ásvins, pois o uso de *anyasya*, 'do outro', na segunda metade do verso, é tudo o que dá a entender que *ekasya*, 'de um', está compreendido na primeira metade.

8. Que o louvor de suas formas resplandecentes, (proferido) no salão de sacrifício, três vezes espargido com erva sagrada, traga prosperidade para os condutores (do sacrifício). Derramadores (de benefícios), que a nuvem de chuva, procedendo até o homem, o nutra como uma aspersão de água.

9. O sábio oferecedor de oblações, como Pūṣan, os louva, Ásvins, como (ele louvaria) Agni e Uṣas,<sup>7</sup> (no período) no qual eu os invoco, louvando com devoção, para que nós possamos daí obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 182 \(Wilson\)](#)

---

### Hino 181. Ásvins (Griffith)

1. O que, Par mais querido, é isso em força e riquezas que vocês como Sacerdotes estão trazendo das águas?<sup>8</sup> Este sacrifício é sua glorificação, vocês que protegem a humanidade e lhes dão tesouros.

2. Que os seus cavalos puros, bebedores de chuva, os tragam para cá, velozes como a tempestade, seus corcéis celestes, rápidos como o pensamento, com belas costas, cheios de vigor, resplandecentes em sua luz natural, ó Ásvins.

3. Seu carro é como uma torrente avançando para baixo; que ele se aproxime, de base ampla, para o nosso bem-estar, – carro sagrado, forte, que sempre será o principal, rápido como o pensamento, no qual vocês, por quem nós ansiamos, subiram.

4. Aqui surgidos para a vida, ambos cantaram juntos, com corpos livres de mácula, com sinais que os distinguem; um de vocês Príncipe do Sacrifício, o Vitorioso, o outro conta como o filho auspicioso do Céu.

5. Que o seu carro-base, planando abaixo, de cor dourada, conforme o seu desejo, se aproxime das nossas residências. Homens alimentarão totalmente os cavalos baios do outro, e, Ásvins, eles com rugidos agitarão as regiões.

6. Adiante vem o seu Touro forte<sup>9</sup> como uma nuvem de outono, mandando alimento abundante de doçura líquida. Que eles alimentem com os modos e vigor do outro; as correntes superiores vêm e nos prestam serviço.<sup>10</sup>

7. Sua música constante foi enviada, Distribuidores! que flui três vezes<sup>11</sup> em grande força, ó Ásvins. Assim louvados deem proteção ao suplicante, movendo-se ou repousando ouçam a minha invocação.

8. Essa canção de conteúdos brilhantes para vocês está aumentando no salão dos homens onde a grama tripla<sup>12</sup> está pronta. Sua forte nuvem de chuva, ó Poderosos, tem se avolumado, honrando os homens por assim dizer com derramamento de leite.

9. O adorador prudente, como Pūṣan, Ásvins! os louva como ele louva a Aurora e Agni,<sup>13</sup> quando, cantando com devoção, ele os invoca. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 182 \(Griffith\)](#)

---

<sup>7</sup> Referindo-se ao momento no qual é especialmente apropriado adorar os Ásvins, o sacrifício da manhã.

<sup>8</sup> Isto é, do firmamento.

<sup>9</sup> Isto é, sua carruagem forte.

<sup>10</sup> [Veja a nota 6.]

<sup>11</sup> Dos três sacerdotes.

<sup>12</sup> Grama sagrada arrumada para formar três camadas ou assentos.

<sup>13</sup> Isto é, no sacrifício matutino.

## Hino 182. Ásvins (Wilson)

(Sūkta III)

Os deuses, Ṛṣi, e métrica, como antes.<sup>1</sup>

Varga 27. **1.** A informação, sábios (sacerdotes), foi recebida; estejam preparados com seus louvores, pois o carro derramador (de benefícios, dos Ásvins, chegou); propiciem (os deuses), pois eles mostram predileção pelo fazedor de boas obras; eles têm o direito a louvor, ricos em benevolência para com a humanidade,<sup>2</sup> os netos do céu, e observadores de ritos sagrados.

**2.** Dasras, em verdade os mais imperiais,<sup>3</sup> adoráveis, mais rápidos que os ventos, e eminentes em boas obras, viajantes em um carro, e os aurigas mais distintos, tragam seu carro para cá, totalmente carregado de ambrosia, e venham com ele, Ásvins, até o doador (da oferenda).

**3.** O que vocês fazem nesse lugar, Ásvins?; por que vocês tardam, (onde) qualquer homem que não faz oblações é respeitado?; humilhem-no, tirem a vida do avarento; concedam luz ao homem piedoso que se esforça para exprimir o seu louvor.

**4.** Aniquilem, Ásvins, os cães que latem para nós; matem aqueles que guerreiam (contra nós); vocês conhecem (os meios de dano) deles; tornem cada palavra daquele que os louva afluyente em (recompensas) preciosas; aceitem, Nāsatyas, vocês dois, o meu louvor.

**5.** Vocês construíram um barco<sup>4</sup> alado agradável, substancial, levado nas águas do oceano para o filho de Tugra,<sup>5</sup> pelo qual, com mente dedicada aos deuses, vocês o sustentaram, e, descendo rapidamente (do céu), vocês fizeram um caminho para ele através das grandes águas.

Varga 28. **6.** Quatro navios,<sup>6</sup> lançados no meio do receptáculo (das águas), enviados pelos Ásvins, trouxeram seguro para a costa o filho de Tugra, que tinha sido lançado de cabeça para baixo nas águas (por seus inimigos), e mergulhado em escuridão inextricável.

<sup>1</sup> [Jagatī. 6 e 8: Triṣṭubh, segundo Griffith e Gary Holland.]

<sup>2</sup> *Viśpalāvasū*, tendo riqueza, *vasu*, que está tratando *pala* como *pāla*; humanidade, *viś*; ou o composto pode se referir à lenda da perna de ferro ou de ouro dada a *Viśpalā*. – Veja 1.116.15.

<sup>3</sup> *Indratamā*, superlativamente, Indra; assim logo, *Maruttamā*, superlativamente, Maruts; o último também pode significar, de acordo com Sāyaṇa, de paixões moderadas, brando, suave; ou não barulhento.

<sup>4</sup> *Plava*, uma jangada, ou balsa.

<sup>5</sup> Veja 1.116.3 [nota 3].

<sup>6</sup> *Catasro nāvah*, quatro barcos ou navios; nessa e em todas as outras expressões nesse hino, referindo-se à lenda, é impossível contestar a aplicabilidade do texto à história; a autenticidade da narrativa, dependente unicamente da tradição, pode ser bastante questionável, mas seu sentido é totalmente corroborado pelas expressões do texto, nesse e em meia dúzia de outros lugares, nos quais os incidentes são citados. O professor Roth não apenas questionou a precisão da tradução, mas afirmou confiantemente que não existe qualquer menção ao ‘mar’ no texto; baseando sua afirmação, aparentemente, sobre ‘*samudra*’ significar o *antarikṣa*, ou meio do céu, bem como o oceano; como Bhujyu teria caído em perigo no céu, como ele teria chegado lá em absoluto, pode ter induzido um crítico cauteloso a hesitar antes de restringir o significado de *samudra* a *antarikṣa*; mas nesse lugar, e em vários outros, não há espaço para um significado duvidoso: *sindhu*, *kṣodas*, *arnas*, nenhum deles está incluído entre os sinônimos de *antarikṣa*; em um lugar, de fato, o texto parece ter feito uma precaução contra um equívoco, ao colocar a cena da aventura, *arnasi samudre*, na água – *samudra*; no entanto, se mais alguma prova fosse necessária, a especificação de *nāvah*, nesse verso, é decisiva do sentido no qual o todo deve ser entendido.

7. Qual era a árvore que estava posicionada no meio do oceano, à qual o filho suplicante de Tugra se agarrou?; como folhas (são agarradas) para o apoio de um animal caindo,<sup>7</sup> vocês, Ásvins, o levaram para a segurança, para o seu grande renome.

8. Que o louvor que os seus adoradores devotos preferiram seja aceitável para vocês, Nāsatyas; líderes (em ritos religiosos); sejam propiciados hoje pelas libações da nossa assembleia, para que nós obtenhamos alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 183 \(Wilson\)](#)

## Hino 182. Ásvins (Griffith)

1. Essa era a tarefa.<sup>8</sup> Apareçam prontamente, ó Prudentes. Aqui está a carruagem puxada por cavalos fortes: fiquem contentes.<sup>9</sup> Agitando corações, almeçados, amparadores de Viśpalā,<sup>10</sup> aqui estão os Filhos do Céu cujo domínio abençoa o homem piedoso.

2. Almeçados, muitíssimo semelhantes a Indra, poderosos, muitíssimo semelhantes aos Maruts, os mais extraordinários em façanhas, conduzidos em carro, os melhores aurigas, tragam sua carruagem cheia para cá carregada com líquido doce; nela, ó Ásvins, venham até aquele que oferece presentes.

3. O que vocês fazem lá, ó Poderosos? Por que vocês se demoram com pessoas que, não oferecendo, são muito respeitadas? Ignorem a elas; façam a vida do avarento decair; deem luz para o cantor eloquente em louvor.

4. Triturem por todos os lados os cães que latem para nós; matem nossos inimigos, ó Ásvins; disso vocês entendem. Tornem rica cada palavra daquele que os louva; aceitem com benevolência, dois Nāsatyas, esse meu louvor.

5. Vocês fizeram para o filho de Tugra<sup>11</sup> no meio do mar de águas aquele navio animado com asas para voar além disso, no qual com mente devotada aos Deuses vocês o trouxeram, e voaram com vôo fácil para fora das ondas poderosas.

6. Quatro navios muito bem-vindos no meio do oceano,<sup>12</sup> incitados pelos Ásvins, salvam o filho de Tugra, ele que foi lançado de cabeça nas águas, mergulhado na densa escuridão inevitável.

7. Que árvore era aquela<sup>13</sup> que ficou fixa no oceano circundante à qual o filho de Tugra suplicante se agarrou? Como galhos, aos quais alguma criatura alada pode se segurar, vocês, Ásvins, o levaram com segurança para seu renome.

8. Que seja bem-vindo para vocês esse o hino de louvores proferido por Mānas, ó Nāsatyas, Heróis, a partir dessa nossa reunião onde nós oferecemos Soma. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 183 \(Griffith\)](#)

<sup>7</sup> A passagem não é muito clara, a explicação de Sāyaṇa não remove a dificuldade.

<sup>8</sup> Esse sacrifício é a obra à qual vocês têm que presidir.

<sup>9</sup> Isto é, deleitem-se com o suco Soma.

<sup>10</sup> Por darem a ela uma perna de ferro. Veja 1.116.15. Ou a palavra no texto pode significar, como explicada por Sāyaṇa, 'ricos em benevolência para os homens'.

<sup>11</sup> Veja 1.116.3-4.

<sup>12</sup> *No meio do oceano*: eu não posso fazer nada da *jaṭhalasya* do texto, e insiro essas palavras como substitutas para a tradução.

<sup>13</sup> Figurativamente dos Ásvins que o salvaram, como, em uma súbita inundaçāo, uma árvore salva o homem que sobe nela. Uma interpretação engenhosa da lenda será encontrada em *La Religion Védique* do Sr. Bergaigne, III. 10.17.

---

## Hino 183. Ásvins (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses, Ṛṣi, e métrica, como antes.

- Varga 29. **1.** Derramadores de benefícios, atrelem o carro que tem três bancos, três rodas,<sup>1</sup> e é tão rápido quanto o pensamento; com o qual, embelezado com três metais,<sup>2</sup> vocês vêm para a casa do (adorador) piedoso, e no qual vocês viajam acolá como um pássaro com asas.
- 2.** Seu carro de rotação fácil pousa sobre a terra, onde, favoráveis ao rito sagrado, vocês param por causa do alimento (sacrificial); que esse hino, promotor do seu (bem-estar) pessoal, seja associado com suas formas, e vocês se unam com a aurora, a filha do céu.
- 3.** Subam em seu carro rodante, o qual se aproxima do rito sagrado do oferecedor da oblação; o carro no qual, Nāsatyas, líderes, vocês pretendem vir para o sacrifício, e proceder para a residência (do adorador), para (conceder a ele) prole, e para o próprio (bem) dele.
- 4.** Não deixem que o lobo, não deixem que a loba, me firam, seguro (em sua proteção); não me abandonem, nem me entreguem (para outro). Esta sua parte (da oferenda) está preparada; essa prece, Dasras (é endereçada) a vocês; esses tesouros de suco Soma são para vocês.
- 5.** Gotama, Purumilha, Atri,<sup>3</sup> (cada um), oferecendo oblações, os invoca para a sua proteção; como um viajante, que (se dirige para a sua direção pretendida) por um (caminho) reto, Dasras, venham (diretamente) para a minha invocação.
- 6.** (Através da sua ajuda), Ásvins, nós atravessamos este (limite de) escuridão; a vocês esse (nosso) hino foi endereçado; venham para cá pelos caminhos percorridos pelos deuses, para que nós possamos obter alimento, e força, e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 184 \(Wilson\)](#)

---



---

<sup>1</sup> Veja 1.34.2.

<sup>2</sup> Ouro, prata e cobre, segundo Sāyaṇa.

<sup>3</sup> Veja 1.116.8-9 [para Gotama e Atri; Purumilha é encontrado em 1.151.2, na versão de Griffith].

### Hino 183. Ásvins (Griffith)

1. Aprontem aquele que excede o pensamento em rapidez, que tem três rodas<sup>4</sup> e assento triplo, ó Poderosos, no qual vocês procuram a residência dos virtuosos, no qual, triplo, vocês voam como pássaros com asas.
2. Seu carro ligeiro desliza leve saindo em direção à terra, quando, por alimento, vocês, cheios de sabedoria, sobem nele. Que esta canção, bela extraordinária, acompanhe a sua glória; vocês, quando vocês viajam, esperam a Aurora a Filha do Céu.
3. Subam em seu carro que gira levemente, aproximando-se do adorador que se volta para seus deveres, – no qual vocês chegam à casa para vivificar o homem e sua descendência, ó Nāsatyas, Heróis.
4. Não deixem que o lobo,<sup>5</sup> não deixem que a loba os prejudique. Não me desamparem, nem me pretiram por outros. Aqui está a sua parte, aqui está o seu hino, ó Poderosos; são seus esses recipientes, cheios de sucos agradáveis.
5. Gotama, Purumilha, Atri<sup>6</sup> trazendo oblações todos os invocam por proteção. Como alguém que vai direto ao ponto indicado, venham, ó Nāsatyas, à minha invocação.
6. Nós atravessamos o limite dessa escuridão; o nosso louvor foi concedido a vocês, ó Ásvins. Venham para cá por caminhos que os Deuses têm percorrido. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 184 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> A carruagem de três rodas dos Ásvins já foi mencionada antes, em 1.34.2.

<sup>5</sup> Que nenhum inimigo impeça a sua vinda. Ludwig pensa que há uma referência irônica ao lobo de cujas mandíbulas os Ásvins regataram a codorniz. Veja 1.117.16.

<sup>6</sup> Sábios favorecidos pelos Ásvins.

## Hino 184. Ásvins (Wilson)

(Quinto Adhyāya. Continuação do Anuvāka 24. Sūkta V)

Os deuses, Ṛṣi, e métrica, como antes.

Varga 1. **1.** Nós invocamos vocês dois (Ásvins), hoje; os mesmos dois em qualquer outro dia; quando a manhã desponta. Nāsatyas, netos do céu, onde quer que vocês possam estar, o recitador virtuoso (do hino) os invoca com louvores em nome do doador generoso (da oferenda).

**2.** Derramadores (de benefícios), regozijando-se nas (nossas) libações, nos façam felizes, e destruam o avarento (que nega) oferendas; ouçam, líderes, com seus ouvidos, os meus louvores endereçados a vocês com palavras puras, pois vocês são os buscadores (de louvor), vocês são os retentores (de louvor).

**3.** Divinos Ásvins,<sup>1</sup> em quem não há falsidade, (voando) como flechas para adquirir glória, e para levar Sūryā,<sup>2</sup> para vocês são endereçadas as preces que são recitadas em rituais sagrados, para (a conclusão do sacrifício) ininterrupto, removedor de pecado,<sup>3</sup> como tempos antigos (as ofereciam).

**4.** Recebedores da oblação, que sua generosidade seja mostrada em relação a nós; fiquem satisfeitos com o hino do autor venerável, para que os homens possam honrar o instituidor da cerimônia, como (eles honram) vocês, doadores generosos, por causa de renome.

**5.** Ásvins, possuidores de riqueza, esse hino removedor de pecado foi dirigido a vocês, junto com (oblações) respeitadas; Nāsatyas, sejam favoráveis a Agastya; vão à residência dele para (conferir a ele) progênie, e para o próprio (bem) dele.

**6.** (Através da sua ajuda), Ásvins, nós atravessamos o (limite da) escuridão; a vocês esse (nosso) hino foi endereçado; venham para cá pelo caminho percorrido pelos deuses, para que nós possamos obter alimento, e força, e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 185 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> O texto tem simplesmente Pūṣan, que é, propriamente, uma denominação de uma forma do sol; o comentador diz que aqui ele indica ambos os Ásvins, um como o sol e o outro, subentendido, como a lua.

<sup>2</sup> Veja 1.116.17 [nota 19]. O comentador acrescenta à lenda que, além de Sūryā, foi oferecido um prêmio de um hino de mil estrofes, o que os Ásvins também ganharam; mas, a pedido de Agni e dos outros competidores, eles deram a eles partes do hino.

<sup>3</sup> *Varuṇasya bhūreḥ* é interpretado pelo comentador como: 'do sacrifício contínuo que é obstrutivo do pecado que intercepta a recompensa'; a expressão é incomum.

## Hino 184. Ásvins (Griffith)

1. Nós vamos invocar vocês dois nesse dia e depois; o sacerdote está aqui com louvores quando a manhã está irrompendo; Nāsatyas, onde quer que vocês estejam, Filhos do Céu, por aquele que é mais generoso do que os ímpios.
2. Conosco, ó Poderosos, que vocês fiquem alegres, satisfeitos pelo nosso rio de Soma matem os avaros. Ouçam benevolentemente os meus hinos e convites, notando, ó Heróis, com seus ouvidos o meu desejo.
3. Nāsatyas, Pūṣans,<sup>4</sup> vocês como Deuses por glória organizaram e colocaram em ordem o casamento de Sūryā.<sup>5</sup> Seus corcéis gigantes<sup>6</sup> seguem em frente, surgidos das águas, como os tempos antigos de Varuṇa, o Poderoso.<sup>7</sup>
4. Que a sua graça esteja conosco, vocês que amam sucos doces; promovam o hino cantado pelo poeta Māna, quando os homens estão alegres em suas ações gloriosas, para ganhar força heroica, ó Doadores Generosos.
5. Esse louvor foi feito, ó Senhores Generosos, ó Ásvins, para vocês com belo adorno pelos Mānas. Venham à nossa casa por nós e por nossos filhos, regozijando-se, ó Nāsatyas, em Agastya.
6. Nós atravessamos o limite dessa escuridão; o nosso louvor foi concedido a vocês, ó Ásvins. Venham para cá por caminhos que os Deuses têm percorrido. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 185 \(Griffith\)](#)

<sup>4</sup> Vocês que nutrem os homens como o próprio Pūṣan.

<sup>5</sup> A filha do Sol e a consorte dos Ásvins. Veja 1.116.17.

<sup>6</sup> Veja 1.46.3.

<sup>7</sup> O que são os tempos os eras de Varuṇa é incerto.

## Hino 185. Céu e Terra (Wilson)

(Sūkta VI)

Os deuses são Céu e Terra; o Ṛṣi e a métrica como no último.

Varga 2. **1.** Qual desses dois, (Céu e Terra), é anterior, qual posterior; como eles foram gerados; (declarem), sábios, quem sabe isso? realmente, vocês sustentam o universo por si só, e os dias (e noites)<sup>1</sup> giram como se eles tivessem rodas.

**2.** Sem pés e imóveis, eles sustentam numerosas raças móveis e de pés, como um filho é igualmente (nutrido) no colo de seus pais; defendam-nos, Céu e Terra, do grande (perigo).<sup>2</sup>

**3.** Eu peço de Aditi<sup>3</sup> riqueza, sem dor ou decadência, como o céu (em sua plenitude de gozo), livre de injúria, e abundante em alimentos; concedam, Céu e Terra, tal riqueza para aquele que os louva; defendam-nos, Céu e Terra, do grande (perigo).

**4.** Que nós sempre sejamos (devotados a) aqueles Céu e Terra, que não estão sujeitos a aborrecimento, que satisfazem (todos os seres) com alimento, que têm os deuses (e os homens) como filhos, e que são ambos dotados da dupla (condição) dos dias (e noites) divinos; defendam-nos, Céu e Terra, do grande (perigo).

**5.** Seguindo sempre juntas, igualmente jovens, e de terminação semelhante, irmãs e afins, e perfumando o umbigo do mundo, colocadas no colo deles como seus pais;<sup>4</sup> defendam-nos, Céu e Terra, do grande (perigo).

Varga 3. **6.** Eu invoco para o sacrifício, para a preservação dos deuses (e homens), os dois vastos, sustentadores de tudo e poderosos pais (da chuva e dos grãos); que, belos em forma, sustentam as (chuvas) ambrosíacas; defendam-nos, Céu e Terra, do grande (perigo).

**7.** Eu glorifico com reverência, nesse sacrifício, (os dois), que são vastos, expansivos, multiformes, infinitos, auspiciosos; que suportam (todos os seres) por sua generosidade; defendam-nos, Céu e Terra, do grande (perigo).

**8.** Que esse sacrifício seja o meio de expiar aquelas ofensas que nós possamos ter cometido contra os deuses, contra um amigo em qualquer momento, contra um genro;<sup>5</sup> defendam-nos, Céu e Terra, do grande (perigo).

**9.** Que esses dois, aceitando louvores, e benévolos para o homem, sejam favoráveis a mim; que ambos estejam associados como guardiões para a minha proteção; deuses, nós, seus adoradores, propiciando-os com alimento (sacrificial), desejamos ampla (riqueza), para fazer doações generosas.

**10.** Dotado de entendimento, eu repito para o Céu e a Terra esse louvor inicial, a ser ouvido em volta; que o (céu) paternal e a (terra) maternal nos protejam da iniquidade repreensível, e sempre perto nos defendam com sua proteção.

**11.** Que esse (hino), Céu e Terra, seja bem sucedido; (o hino) que, Pai e Mãe, eu repito para vocês dois nessa ocasião; estejam sempre com sua proteção na proximidade daqueles que os louvam,<sup>6</sup> para que nós possamos obter alimento, força e vida longa.

<sup>1</sup> *Ahanī cakriyeva*, dois dias como se com rodas; isto é, a sucessão de dia e de noite, cada um dos quais pode ser considerado por sua vez como precedendo ou seguindo o outro, como as rotações de uma roda. Veja também *Yāska*, iii. 22.

<sup>2</sup> *Rakṣatam no abhvāt*: *abhva* significa meramente grande – o substantivo tem de ser suprido; de acordo com Sāyaṇa, ele é, ‘do pecado como a causa de grande perigo’.

<sup>3</sup> É dito que Aditi aqui significa o firmamento.

<sup>4</sup> O significado não é muito óbvio; *nābhi*, de acordo com Sāyaṇa, aqui significa água, ‘*udakam*’, como a substância que liga todos os seres, e que pode ser considerada como a filha do céu e da terra, uma vez que ambos contribuem para a sua produção; ou as duas mencionadas aqui podem implicar água e oblação, as quais também estão conectadas.

<sup>5</sup> *Jāspatiṃ vā: jāh*, é dito, significa ‘filhas’; *patiṃ* é, como sempre, senhor ou marido.

---

## Hino 185. Céu e Terra (Griffith)

1. Qual desses é o mais velho, qual o mais recente? Como eles nasceram? Quem sabe isso, ó sábios? Esses por si mesmos sustentam todas as coisas existentes; como em um carro o Dia e a Noite rodam adiante.
2. Os Dois mantêm, embora imóveis e sem pés, uma ampla prole que tem pés e se move. Como o seu próprio filho no colo de seus pais, nos protejam, Céu e Terra, do perigo terrível.
3. Eu peço a generosidade incomparável de Aditi,<sup>7</sup> perfeita, celestial, imortal, adequada para adoração. Produzam isso, ó Dois Mundos, para aquele que os louva. Protejam-nos, Céu e Terra, do perigo terrível.
4. Que nós sejamos próximos a ambos os Mundos que não sofrem dor, Pais dos Deuses,<sup>8</sup> que auxiliam com benevolência, ambos em meio aos Deuses, com Dia e Noite alternados. Protejam-nos, Céu e Terra, do perigo terrível.
5. Seguindo juntas, jovens, com limites se encontrando, Irmãs Gêmeas jazendo no peito de seus pais, beijando o centro do mundo juntas.<sup>9</sup> Protejam-nos, Céu e Terra, do perigo terrível.
6. Devidamente eu chamo as duas bases extensas, os poderosos, os Pais em geral, com a proteção dos Deuses.<sup>10</sup> Que, belos de se contemplar, fazem o néctar.<sup>11</sup> Protejam-nos, Céu e Terra, do perigo terrível.
7. Amplos, vastos e multiformes, cujos limites estão distantes, – a esses, reverente, eu me dirijo nesse nosso culto, o Par abençoado, vitorioso, sustentador de tudo. Protejam-nos, Céu e Terra, do perigo terrível.
8. Aquele pecado que nós cometemos em qualquer momento contra os Deuses, o nosso amigo, o chefe da nossa casa, dele que esse nosso hino seja a expiação. Protejam-nos, Céu e Terra, do perigo terrível.
9. Que esses dois Amigos do homem, que abençoam, me preservem, que eles me assistam com seu auxílio e favor. Enriqueçam o homem mais generoso que os ímpios. Que nós, ó Deuses, sejamos fortes com alimento regozijante.
10. Dotado de entendimento, eu proferi essa verdade, para todos ouvirem, para a Terra e o Céu. Fiquem perto de nós, nos protejam da reprovação e da dificuldade. Pai e Mãe, preservem-nos com sua ajuda.
11. Que essa minha prece seja realizada, ó Terra e Céu, com a qual, Pai e Mãe, eu me dirijo a vocês. Mais próximos dos deuses estejam vocês com sua proteção. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

---

<sup>6</sup> *Devānām avame*: o primeiro é interpretado *stotṛīnām*, ‘de louvadores’.

<sup>7</sup> *Dádīva de Aditi*: todas as bênçãos da natureza infinita. Segundo Sāyaṇa, Aditi aqui significa o firmamento, em qual caso sua dádiva seria chuva oportuna e consequente riqueza.

<sup>8</sup> Como com os gregos, Céu e Terra são considerados como o pai e a mãe dos Deuses.

<sup>9</sup> O significado é obscuro. Ludwig sugere Dakṣa e Aditi como pais. *O centro do mundo* geralmente significa o altar.

<sup>10</sup> Para virem até nós com a ajuda favorecedora dos Deuses.

<sup>11</sup> A chuva.

## Hino 186. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta VII)

Os deuses são os Viśvedevas; o Ṛṣi é Agastya; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 4. **1.** Que o divino Savitr, o benfeitor de todos os homens, venha bondosamente à nossa solenidade, junto com as divindades da terra, e vocês, que são (sempre) jovens, presentes voluntariamente no nosso sacrifício, nos alegrem, como (vocês alegam) o mundo inteiro.<sup>1</sup>

**2.** Que todos os deuses triunfantes, Mitra, Aryaman, Varuṇa, igualmente bem satisfeitos, venham (para o nosso rito); que todos eles sejam propícios para nós; que eles não nos deixem em falta de alimento, depois de superar (nossos inimigos).

**3.** Eu louvo com hinos (ó deuses), o seu melhor convidado amado, Agni, que está pronto (para compartilhar da oblação), e que está bem satisfeito junto (com vocês); para que (desse modo) Varuṇa, o possuidor de renome, o subjugador de inimigos, o animador (dos homens), possa nos encher de alimento.

**4.** Eu me aproximo de vocês, (deuses), com reverência, noite e dia, na esperança de superar (o pecado), tão (prontamente) quanto uma vaca dócil (vem para ser ordenhada), misturando (para vocês) no dia apropriado, o alimento (sacrificial), (composto) de multiformes (preparações) de leite (gerado) do mesmo úbere.<sup>2</sup>

**5.** Que Ahirbudhnya<sup>3</sup> nos conceda felicidade; que Sindhu<sup>4</sup> venha, nutrindo-nos como uma (vaca seu) bezerro, pelo que nós possamos propiciar o neto das águas, (Agni), a quem as nuvens, rápidas como o pensamento, transportam.

Varga 5. **6.** Ou que Tvaṣṭr venha a esse sacrifício, igualmente bem satisfeito com aqueles que (o) louvam no (rito) excelente no qual ele está presente; que o mais potente Indra, o protetor do homem, o destruidor de Vṛtra, venha para a (solenidade) dos nossos líderes.

**7.** Pois as nossas mentes, unidas juntas como cavalos, tendem para o sempre jovem Indra, como vacas para seus bezerros; e os louvores dos homens, (dirigidos) a ele, estão gerando o (fruto) mais fragrante,<sup>5</sup> como esposas têm (filhos para seus maridos).

**8.** Ou que os Maruts, sendo harmoniosos, venham do céu e da terra (para o sacrifício); eles que são uma hoste poderosa, que têm corcéis de várias cores, que são como carros protetores,<sup>6</sup> e que são devoradores de inimigos; que eles venham como divindades amigáveis.

**9.** Pois, de fato, sua grandeza é bem conhecida, (porque) eles cumprem suas funções diligentemente; pelas quais seu esporte derrama chuva sobre cada solo árido, como a luz se espalha (universalmente) em um belo dia.

<sup>1</sup> Esse verso ocorre no *Yajush*, 33, 34. Mahīdhara difere bastante de Sāyaṇa em sua explicação. *Viśvānara* ele considera um epíteto de Savitr, 'o fazedor de bem para todos os homens'; *Iṣā* ele interpreta como alimento; enquanto Sāyaṇa o tem como, 'com as divindades, cujo local é a terra'; na segunda parte do verso, ele explica *jadaḥ* por *jangama*, móvel, ou seja, gado e descendentes.

<sup>2</sup> 'Em leite multiforme em um úbere comum'; ou pode ser explicado, a água múltipla ou solução do suco do *Soma* preparada para o sacrifício, a qual pode ser comparada, por produzir recompensas, a um úbere produzindo leite, de onde manteiga e semelhantes.

<sup>3</sup> Ou *Ahir*, que também é *Budhnya*; *Ahi* e *Budhna* são ambos ditos serem sinônimos de *antarikṣa*, e o composto implica uma divindade que preside o firmamento; eles ocorrem como um nome no *Nirukta*, v. 4; ele é sem dúvida o mesmo que o *Ahirvradhna* dos *Purāṇas*, que é por eles enumerado como um dos Rudras. – *Viṣṇu P.* [pág. 134 da versão em português]. Nas *koṣa* [léxico] de Hemaçandra, *Ahirbradhna* é um nome de Śiva.

<sup>4</sup> De acordo com o comentador, o nome de um rio.

<sup>5</sup> *Surabhiṣṭamaṃ*, explicado pelo comentário, *atisayena surabhim*, muito perfumado, um epíteto bastante singular.

<sup>6</sup> *Avanayo na rathāh-rakṣakāh-rathāh*; ou *avanaya* pode significar, pendentes, ou inclinados para baixo.

**10.** Propiciem os Ásvins e Pūṣan, para a minha proteção; (propiciem) aqueles (deuses), que têm poderes independentes,<sup>7</sup> como Viṣṇu, desprovido de ódio, Vāyu, e Ṛbhukṣin,<sup>8</sup> e que eu possa influenciar os deuses a estarem presentes para a minha felicidade.

**11.** Objetos de admiração, que aquele esplendor abundante em riqueza, que se manifesta entre os deuses, dê animação à nossa existência, e (permanência às) nossas residências; para que nós possamos (daí) obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 187 \(Wilson\)](#)

---

## Hino 186. Viśvedevas (Griffith)

**1.** Amado por todos os homens, que Savitar,<sup>9</sup> através de louvores oferecidos como alimento sagrado, venha ao nosso sínodo; que vocês também, pelo nosso hino, vocês sempre jovens,<sup>10</sup> possam alegrar, em sua visita, todo o nosso povo.

**2.** A nós que todos os Deuses venham agrupados juntos, Aryaman, Mitra, Varuṇa concordantes, que todos sejam promotores do nosso bem-estar, e com grande poder protejam da negligência a nossa força.

**3.** A Agni eu canto, o hóspede que vocês amam mais ternamente; o Conquistador através dos nossos louvores é de espírito amigável; que ele possa ser nosso Varuṇa<sup>11</sup> rico em glória, e mande alimentos como um príncipe elogiado pelos piedosos.

**4.** A vocês eu procuro com reverência, Noite e Manhã, como uma vaca<sup>12</sup> boa para ordenhar, com a esperança de conquistar,<sup>13</sup> preparando em um dia comum<sup>14</sup> a canção de louvor com leite de várias cores<sup>15</sup> dentro desse úbere.<sup>16</sup>

**5.** Que o grande Dragão da Profundeza<sup>17</sup> nos regozije; como alguém que alimenta seus filhotes vem Sindhu,<sup>18</sup> com quem nós incitaremos o Filho das Águas<sup>19</sup> a quem corcéis vigorosos rápidos como o pensamento trazem para cá.

**6.** Além disso Tvaṣṭar<sup>20</sup> também se aproximará de nós, concordante com os príncipes<sup>21</sup> em sua visita. Para cá virá o matador de Vr̥tra, Indra, Soberano dos homens, como o mais forte dos Heróis.

**7.** A ele também os nossos hinos deleitam, que atrelam cavalos velozes,<sup>22</sup> como mães vacas que lambem seu filhote novo.<sup>23</sup> Para ele as nossas canções se entregarão como esposas, para ele o mais encantador dos Heróis.

---

<sup>7</sup> Aqueles que são auto-dependentes, poderosos.

<sup>8</sup> Um nome de Indra.

<sup>9</sup> O Sol, especialmente considerado como o vivificador e gerador.

<sup>10</sup> Viśvedevas, ou Todos os Deuses.

<sup>11</sup> Nosso senhor e protetor.

<sup>12</sup> O cantor é a vaca e seu hino o leite.

<sup>13</sup> De superar os pecados, segundo Sāyaṇa.

<sup>14</sup> Pertencente à noite passada e à manhã presente.

<sup>15</sup> As libações de leite misturado com o suco Soma amarelo ou marrom.

<sup>16</sup> Aparentemente uma expressão figurativa para o lugar de sacrifício de onde as libações leitosas fluem.

<sup>17</sup> *Ahibudhnya*, um ser divino que mora em, e preside o firmamento.

<sup>18</sup> O Indus.

<sup>19</sup> Agni.

<sup>20</sup> O artista celestial.

<sup>21</sup> Os instituidores do sacrifício.

<sup>22</sup> Que trazem os Deuses rapidamente para o sacrifício.

**8.** Então que os Maruts, armados com armas poderosas, repousem aqui no céu e na terra com corações em concórdia, como Deuses cujos carros têm cavalos malhados como torrentes, destruidores do inimigo, aliados de Mitra.

**9.** Eles apressam para o término feliz suas ordens quando eles são anunciados por glória. Como em um belo dia luminoso a flecha voa, sobre todo o solo estéril seus mísseis reluzem.

**10.** Inclinem os Ásvins a mostrar graça, e Pūṣan, pois eles têm poder e força, sua própria posse. Amigáveis sejam Viṣṇu, Vāta, e Ṛbhukṣan,<sup>24</sup> de modo que eu possa trazer os Deuses para nos fazer felizes.

**11.** Esse é o meu pensamento reverente sobre vocês, ó Santos; que ele os inspire, os faça habitar entre nós, – pensamento, trabalhando para os Deuses e buscando tesouro. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 187 \(Griffith\)](#)

---

---

<sup>23</sup> Sāyaṇa toma o epíteto *taruṇam* como aplicando-se a Indra, ‘o sempre jovem’.

<sup>24</sup> Um nome de Indra, como Senhor dos Ṛbhus. Veja 1.162.1.

## Hino 187. Louvor ao Alimento (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus é chamado Pitu, a divindade que preside o alimento;<sup>1</sup> o Ṛṣi é Agastya; a métrica do segundo, quarto, oitavo, nono e décimo versos, é Gāyatrī; das outras seis, Uṣṇih.<sup>2</sup>

Varga 6. **1.** Eu glorifico Pitu, o grande, o sustentador, o forte, por cujo poder revigorante Trita<sup>3</sup> matou o mutilado Vṛtra.

**2.** Saboroso Pitu; doce Pitu; nós te adoramos; torna-te nosso protetor.

**3.** Vem a nós, Pitu, auspicioso com auxílios auspiciosos; uma fonte de leite; não intragável; um amigo bem respeitado, e não tendo nenhuma (exceto propriedades agradáveis).<sup>4</sup>

**4.** Teus sabores, Pitu, estão difundidos através das regiões, como os ventos estão espalhados pelo céu.

**5.** Pitu, (são os desfrutadores da tua generosidade), aqueles (homens) que são os teus distribuidores, muitíssimo doce Pitu, (para outros); aqueles que são os apreciadores dos teus sabores, são como se eles tivessem pescoços firmes.<sup>5</sup>

Varga 7. **6.** Os pensamentos dos deuses poderosos estão fixos, Pitu, em ti; pela tua ajuda gentil e inteligente, (Indra) matou Ahi.<sup>6</sup>

**7.** Quando, Pitu, este (produto) das nuvens ricas em água, (a chuva), chegar, então tu, doce Pitu, esteja à mão com suficiência para a nossa alimentação.

**8.** E visto que nós desfrutamos da abundância das águas e das plantas, portanto, Corpo, engorda.<sup>7</sup>

**9.** E como nós desfrutamos, Soma,<sup>8</sup> da tua mistura com leite fervido ou cevada cozida;<sup>9</sup> portanto, Corpo, engorda.

**10.** Bolo vegetal de farinha frita,<sup>10</sup> sê substancial, saudável e revigorante; e, Corpo, engorda.

<sup>1</sup> *Anna devatā*, ou simplesmente *anna*, a divindade que preside o alimento, ou simplesmente alimento; *pitu* implicando *pātakam*, aquilo que nutre; de acordo com Śaunaka, o hino deve ser recitado por uma pessoa prestes a comer, quando seu alimento nunca fará mal para ele; a sua repetição também, acompanhada de oferendas e adorações, o protegerá contra a falta de alimento, e se ele tiver tomado veneno, a sua repetição silenciosa funcionará como um antídoto.

<sup>2</sup> [Griffith e Gary Holland concordam na seguinte distribuição das métricas nesse hino: 1: Anuṣṭubhgarbhā. 2,4,8-10: Gāyatrī. 3,5-7: Anuṣṭubh. 11: Anuṣṭubh ou Bṛhatī.]

<sup>3</sup> Trita é aqui, evidentemente, um nome de Indra; o comentador o explica: aquele cuja fama se espalha pelos três mundos; ou, como Mahīdhara o interpreta, *Tristhāna-Indrah*, o Indra de três moradas. – *Yajur-Veda*, xxxiv. 7.

<sup>4</sup> O texto tem *advayāḥ*, não sendo duplo; isto é, de acordo com o comentador, sendo da propriedade descrita apenas; não compreendendo qualquer propriedade incompatível; ou ele pode ser um epíteto de *sakhā*, um amigo, alguém que não difere em opinião ou ação.

<sup>5</sup> *Tuvighrīvā iva irate*; *tuvi* é, ordinariamente, um sinônimo de *bahu*, grande quantidade, muitos; Sāyaṇa o explica por *pravṛddha*, alargado; porque, diz ele, quando as pessoas comem, elas são *ḍṛdhāṅga*, eretas, firmes; e quando elas estão sem comida, o pescoço é curvado, ou abaixado; ou isso pode significar que elas são grandes comedoras, como se tivessem muitas gargantas.

<sup>6</sup> Indra é suprido pelo comentário; não há nominativo no texto para *ahim-avadhīt*.

<sup>7</sup> *Vātāpi* é explicado como *śarīra*, aquilo que é sustentado pelo ar vital – *vāta*. [*Vātāpi* seria ‘o amigo de Vāta; ou ‘que tem o vento como um aliado’ – *Monier-Williams Sanskrit-English Dictionary*.]

<sup>8</sup> O objeto abordado agora não é o alimento em geral, mas uma forma modificada do suco *Soma*.

<sup>9</sup> É dito que *gavāśiro-yavāśirah* significa preparações de leite e cevada, fervidos.

<sup>10</sup> *Karambha oṣadhe*: o primeiro é explicado, um pedaço ou bolo de farinha torrada, *Śaktu piṇḍa*, identificado com uma erva ou vegetal.

11. Nós extraímos de ti, Pitu,<sup>11</sup> por nossos louvores, (o alimento sacrificial), como vacas produzem manteiga para a oblação; de ti, que és estimulante para os deuses; estimulante também para nós.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 188 \(Wilson\)](#)

### Hino 187. Louvor ao Alimento (Griffith)

1. Agora eu glorificarei o Alimento que sustenta grande força,  
Por cujo poder revigorante Trita<sup>12</sup> despedaçou Vrtra membro por membro.
2. Ó Alimento agradável, ó Alimento de hidromel,<sup>13</sup> a ti nós escolhemos como nosso,  
Então sê o nosso bondoso protetor.
3. Vem para cá até nós, ó Alimento, auspicioso com auxílio auspicioso,  
Trazendo saúde, não cruel, um amigo querido e sincero.
4. Esses sucos os quais, ó Alimento, são teus estão difundidos por todas as regiões.  
Como os ventos eles têm seu lugar no céu.
5. Essas tuas dádivas, ó Alimento, ó Alimento muito doce de saborear,  
Esses sabores dos teus sucos trabalham como criaturas que têm pescoços fortes.<sup>14</sup>
6. Em ti, ó Alimento, está colocado o espírito dos grandes Deuses.<sup>15</sup>  
Sob a tua bandeira atos corajosos foram feitos: ele matou o Dragão com teu auxílio.
7. Se tu tivesses ido para o esplendor das nuvens, mesmo de lá, ó Alimento de hidromel,  
preparado para a nossa satisfação, vem.
8. Qualquer bocado que nós consumirmos das águas ou das plantas da terra, ó Soma,  
torna-te gordo por meio disso.
9. O que, Soma, nós desfrutamos de ti em alimento leitoso ou cevada fervida, Vātāpi,<sup>16</sup>  
engorda por meio disso.
10. Ó Vegetal, Bolo de farinha, sê saudável, firme, e fortalecedor; Vātāpi, engorda por meio  
disso.
11. Ó Alimento, de ti como tal nós temos tirado com louvores, como vacas, os nossos  
presentes sacrificais, de ti que te banqueteias com os Deuses, de ti que te banqueteias  
conosco.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 188 \(Griffith\)](#)

<sup>11</sup> Pitu é aqui novamente identificado com *Soma*.

<sup>12</sup> Um deus misterioso antigo citado frequentemente no R̥gveda, principalmente em conexão com Indra, Vāyu e os Maruts. Seu lar é na parte mais remota do céu, e ele é chamado de Āptya, o Aquoso, isto é, surgido de, ou residente no oceano de nuvem e vapor. Por Sāyaṇa ele é às vezes identificado com Vāyu, às vezes com Indra como aquele que permeia os três mundos, e às vezes com Agni posicionado nos três receptáculos de fogo.

<sup>13</sup> O Deus abordado é o Soma.

<sup>14</sup> Isto é, como bois fortes.

<sup>15</sup> Tu incitas Indra e os Deuses a realizarem atos gloriosos e benevolentes.

<sup>16</sup> O Soma fermentando. Segundo Sāyaṇa, o corpo.

## Hino 188. Āprīs (Wilson)

(Sūkta IX)

O hino é endereçado às várias formas de Agni, as quais já ocorreram mais do que uma vez como Āprīs;<sup>1</sup> o Ṛṣi é Agastya; a métrica, Gāyatrī.

Varga 8. **1.** Tu brilhas hoje, divino conquistador de milhares, aceso<sup>2</sup> pelos sacerdotes; tu, que és o sábio mensageiro (dos deuses), transporta nossa oblação (até eles).

**2.** O adorável Tanūnapāt procede para o rito, e se une com a oblação, trazendo (para o sacrificador) infinita (fatura de) alimento.

**3.** Agni, que deves ser glorificado,<sup>3</sup> traz para cá, sendo invocado por nós, os deuses adoráveis, pois tu és o doador de milhares.

**4.** Pelo poder (das preces deles) eles têm espalhado a erva sagrada,<sup>4</sup> o assento de numerosos heróis, apontando para o leste; sobre a qual, Ādityas, vocês estão manifestados.

**5.** Eles borrifaram água nas portas<sup>5</sup> (do salão de sacrifício), as quais são variadamente e perfeitamente radiantes, diversas, excelentes, muitas, e numerosas.

Varga 9. **6.** Que os brilhantes e belos Dia e Noite, que resplandecem com esplendor insuperável, sentem-se aqui (sobre a grama sagrada).

**7.** Que esses dois sábios principais, que falam bem, divinos, os invocadores (dos deuses), realizem esse nosso sacrifício.

**8.** Bhāratī, Ilā, Sarasvatī,<sup>6</sup> eu invoco todas vocês, para que vocês possam nos guiar para a prosperidade.

**9.** Tvaṣṭṛ, que é o mestre (em moldar) as formas (dos seres),<sup>7</sup> fez todos os animais diferentes; concede-nos, (Tvaṣṭṛ), o aumento deles.

**10.** Vanaspati, entrega por ti mesmo a vítima para os deuses, para que Agni possa provar a oblação.

**11.** Agni, aquele que precede os deuses, é caracterizado pela métrica Gāyatrī; ele resplandece quando as oblações são oferecidas.

<sup>1</sup> Hino 13 e Hino 142; como antes observado, no Hino 45, nota 2, as Āprīs são também denominadas *Prayājas*; Sāyaṇa também cita Yāska em relação ao sinônimo *Kim-devatā*, um termo depreciativo, implicando a sua insignificância, tanto quanto dizer desdenhosamente, 'Que tipo de divindades são essas?' O termo *Prayāja*, aquilo que é um objeto especial de culto, pode ser aplicado de diversas maneiras, como nos *Brāhmaṇas*, às divindades que presidem sobre as estações, sobre as métricas do *Veda*, sobre os animais, sobre a vida, sobre o espírito, os quais são formas de Agni.

<sup>2</sup> Esse hino difere ocasionalmente de outros do mesmo teor por empregar como epítetos os termos que eles usam como denominativos; assim, aqui, *samidḍha* é um particípio, um epíteto de *deva*; no Hino 13, *Susamidḍha*, que significa bem aceso, é considerado como um nome de Agni.

<sup>3</sup> *Īdya* é aqui usado no lugar de *Īlita*, empregado em outro lugar como um apelativo; *Narāśaṁsa*, que, nos dois hinos anteriores, precede *Īlita*, é aqui omitido.

<sup>4</sup> Veja 1.13.5, [nota 6].

<sup>5</sup> Os epítetos aqui dados às portas são incomuns, – *virāt samrāt vibhviḥ prabhviḥ bahvīs ca bhūyasīs ca yāḥ*, eles são explicados pelo comentador como no texto, mas ele acrescenta que os dois últimos podem ser entendidos como epítetos de número, e o resto como nomes; o apartamento tendo quatro portas diferentes, cada uma designada pelo seu nome apropriado; no original, os dois primeiros, *virāt samrāt*, estão no nominativo sing., os outros, mais corretamente, no acusativo plural.

<sup>6</sup> Sāyaṇa faz de Bhāratī a deusa que preside sobre o céu, Ilā sobre a terra, e Sarasvatī sobre o firmamento; mas elas são todas as três consideradas manifestações especiais da majestade do sol.

<sup>7</sup> *Tvaṣṭā rūpāṇi hi prabhuh;* *kartum*, fazer, estando subentendido; Tvaṣṭṛ é descrito pelo comentador como o deus que preside os instrumentos de sacrifício, mas também é atribuído a ele o ofício de formar os seres no útero logo que gerados, baseado em um texto do *Veda*, citado como, *retasah siktasya Tvaṣṭā rūpāṇi vikaroti*, ou, como explicado pelo comentador, *yonau sṛṣṭānī rūpāṇi kartum prabhuh*.

---

## Hino 188. Āprīs<sup>8</sup> (Griffith)

1. Ganhador de milhares, aceso, tu<sup>9</sup> brilhas um Deus com Deuses hoje.  
Leva as nossas oblações, enviado, Sábio.
2. Filho de Ti mesmo!<sup>10</sup> o sacrifício é para o virtuoso misturado com hidromel,  
Apresentando iguarias aos milhares.
3. Invocado e digno do nosso louvor traz os Deuses cujo direito é sacrifício;  
Tu, Agni, dás inúmeras dádivas.
4. Para assentar mil Heróis eles espalharam para o leste a grama com poder,  
Sobre a qual, Ādityas,<sup>11</sup> vocês brilham.
5. As Portas Soberanas todo-imperiais,<sup>12</sup> amplas, boas, muitas e variadas,  
Derramaram seus rios de óleo sagrado.
6. Com adornos vistosos, belas de se ver, em beleza gloriosa elas resplandecem;  
Que a Noite e a Manhã repousem aqui.
7. Que esses dois Sábios<sup>13</sup> primeiros de todos, arautos divinos e eloquentes,  
Realizem para nós esse sacrifício.
8. A vocês eu me dirijo, Sarasvatī, e Bhāratī, e Iḷā,<sup>14</sup> todas:  
Incitem-nos adiante para fama gloriosa.
9. Tvaṣṭar o Senhor fez todas as formas e todo o gado do campo;  
Faze-os se multiplicarem para nós.
10. Manda para os Deuses, Vanaspati,<sup>15</sup> tu mesmo, a dose sacrificial;  
Que Agni torne as oblações doces.
11. Agni, predecessor dos Deuses, é honrado com a canção sagrada;  
Ele brilha em oferendas abençoadas com Salve!<sup>16</sup>

---

<sup>8</sup> As Āprīs são as várias formas de Agni, segundo Sāyaṇa, que são invocadas no hino.

<sup>9</sup> Agni.

<sup>10</sup> Veja 1.13.2 [nota 14].

<sup>11</sup> Veja 1.14.3 [nota 11].

<sup>12</sup> Do salão sacrificial através das quais os Deuses entram. Elas são os símbolos dos portais do Leste pelos quais a luz entra no mundo. Veja Wallis, *Cosmology of the Rgveda*, p. 19.

<sup>13</sup> Aautos ou invocadores, porque eles chamam os Deuses. Veja 1.13.8 [nota 18].

<sup>14</sup> Veja 1.13.9

<sup>15</sup> Veja 1.13.11 [notas 11 e 23].

<sup>16</sup> Veja 1.13.12 [nota 12].

## Hino 188. Hino Āprī<sup>17</sup> (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 188.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 5, VARGA 8-9.

1. Estando aceso tu reinas hoje, um deus com os deuses, ó conquistador de (riqueza) multiplicada por mil! Como mensageiro, como um sábio, carrega as oblações (para os deuses).
2. Ó Tanūnapāt! Para aquele que anda na retidão o sacrifício é ungido com mel. Que ele<sup>18</sup> conceda alimentos aos milhares.
3. Recebendo libações, digno de ser magnificado<sup>19</sup> traze para cá para nós os deuses veneráveis. Agni! Tu és um ganhador de (bem-aventurança) multiplicada por mil.
4. Eles espalharam com força a erva sacrificial voltada para o leste, abençoando (a nossa tribo) com mil homens,<sup>20</sup> (no local) onde vocês reinam, ó Ādityas!
5. O príncipe, o Soberano, as poderosas, as eminentes,<sup>21</sup> as (Divinas) Portas, que são muitas e mais do que muitas, enviaram rios de *ghee*.
6. Adornadas com ouro, usando belos ornamentos vocês de fato reinam elevadas em seu esplendor. Sentem-se aqui, vocês duas Auroras.<sup>22</sup>
7. Que os dois Hotṛs divinos de voz excelente, os sábios, realizem como o primeiro esse sacrifício por nós.
8. Bhāratī! Iḷā! Sarasvatī! Todas vocês (deusas) a quem eu invoco, promovam-nos ao esplendor.
9. Tvaṣṭṛ de fato, o (deus) eminente moldou todas as formas, todo o gado. Produz tu o aumento deles por meio de sacrifício.
10. Entrega por ti mesmo, ó árvore, (o alimento sacrificial) para a morada dos deuses.<sup>23</sup> Que Agni torne as oferendas saborosas.
11. Agni que segue na frente dos deuses é ungido com essa canção Gāyatra; ele brilha quando Svāhā é pronunciada (sobre as oferendas).

[Índice](#) ◀▶ [Hino 189 \(Oldenberg\)](#)

<sup>17</sup> Este Hino Āprī está estreitamente relacionado com o hino 10.110, o autor do qual sem dúvida conheceu e imitou o nosso hino.

<sup>18</sup> Eu tomei *dadhat* como uma terceira pessoa, o sujeito sendo Tanūnapāt. Mas ele pode ser um participio referindo-se a *yajñāḥ*: ‘o sacrifício que obtém alimentos aos milhares é ungido com mel’.

<sup>19</sup> O texto tem *īḍyaḥ*.

<sup>20</sup> ‘Esse é o sacrifício Daśavīra dos Śāktyas. Dez filhos valentes nascem para aqueles que o realizam’. *Pañcaviṃśa Brāhmaṇa*. XXV, 7, 4.

<sup>21</sup> Esses são evidentemente nomes das portas divinas. [Veja a nota 5.]

<sup>22</sup> Amanhecer e Anoitecer.

<sup>23</sup> Literalmente: ‘para a morada, para os deuses’. Compare com o verso correspondente (10) do Hino Āprī 10.110.

## Hino 189. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

O deus é Agni; o Ṛṣi, Agastya; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 10. **1.** Agni, conhecendo todos os tipos de conhecimento, leva-nos por bons caminhos à prosperidade; remove para longe de nós o pecado que nos forçaria a seguir um mau caminho, para que nós possamos oferecer a ti a mais ampla adoração.<sup>1</sup>

**2.** Adorável Agni, conduze-nos pelos atos sagrados (de culto), além de todos os maus caminhos; que a nossa cidade seja espaçosa; nossa terra seja extensa; sê o concessor de felicidade à nossa prole, aos nossos filhos.

**3.** Agni, afasta de nós a doença e aqueles homens que, sem a proteção de Agni, são hostis a nós; e, divindade adorável, (visita) a terra, com todos os imortais, para o nosso bem-estar.

**4.** Nutre-nos, Agni, com bênçãos incessantes; brilha sempre na tua residência favorita; que nenhum perigo, mais jovem (dos deuses), assalte o teu servo hoje; nem, poderoso, que ele o ataque em qualquer outra época.

**5.** Não nos abandones, Agni, para um inimigo perverso, voraz, malévolo; não (nos abandones) para aquele que tem presas, e que morde;<sup>2</sup> nem para um sem dentes;<sup>3</sup> nem para o maligno;<sup>4</sup> nem nos entregues, poderoso Agni, à desgraça.

Varga 11. **6.** Agni, nascido por sacrifício, (um homem) louvando a ti, que és excelente, para (nutrir) seu corpo, torna-se tal como tu és; livra a si mesmo de todos os que estão dispostos a prejudicá-lo ou insultá-lo; pois tu, Agni, és o adversário especial daqueles que fazem o mal.

**7.** Adorável Agni, tu és sagaz, e em um tempo curto discernes entre aqueles dois homens (que te adoram e que não te adoram); aproxima-te do adorador no momento apropriado, e sê complacente (com os desejos dele); como um instituidor do rito, (que é guiado) pelos desejos (dos sacerdotes).

**8.** Nós dirigimos nossas preces piedosas a ti, Agni, o filho da prece,<sup>5</sup> o subjugador de inimigos; que nós obtenhamos, por meio dessas súplicas sagradas, riqueza infinita, para que nós possamos daí obter alimento, força, e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 190 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Esse verso é essencial nas fórmulas que acompanham oblações com fogo; ele ocorre três vezes no *Yajush*, V. 36; VII. 43; e XL. 16; a explicação da Mahīdhara é a mesma que a de Sāyaṇa nos dois primeiros; no terceiro ela é levemente diferente.

<sup>2</sup> Cobras e répteis venenosos.

<sup>3</sup> E que, portanto, causa dano com outras armas naturais, como chifres e garras.

<sup>4</sup> *Riṣate*, para aquele que prejudica; como por exemplo, ladrões e Rākṣasas.

<sup>5</sup> [*Mānasya*; o filho de Māna. Poderia ser 'o filho da mente', pois de acordo com o *Monier-Williams Sanskrit-English Dictionary*, *māna* significa 'mente (em seu sentido mais amplo, como aplicado a todos os poderes mentais), o intelecto, a inteligência, a compreensão, percepção, sentimento, consciência, vontade', etc.]

## Hino 189. Agni<sup>6</sup> (Griffith)

1. Por caminhos agradáveis leva-nos às riquezas, Agni, tu Deus que conheces todo dever sagrado. Remove o pecado que nos faz nos perder e vagar; a mais ampla adoração nós traremos a ti.
2. Conduze-nos de novo à felicidade, ó Agni, leva-nos para além de todo perigo e aflição. Sê para nós um castelo grande extenso amplo; abençoa, torna prósperos em seu caminho os nossos filhos e descendentes.
3. Afasta de nós, Agni, todas as doenças; que elas aflijam terras que não têm o salvador Agni.<sup>7</sup> Deus, faze o nosso lar novamente ser uma bênção, com todos os Deuses Imortais, ó Santo.
4. Preserva-nos, Agni, com auxílio perpétuo, refulgente na residência que tu amas. Ó conquistador, o mais jovem, que nenhum perigo toque aquele que te louva hoje ou depois.
5. Não dês-nos como vítimas para o pecado, ó Agni, ao inimigo voraz que nos traz problemas; nem ao de presas<sup>8</sup> que morde, e nem para o sem dentes;<sup>9</sup> não nos entregues, ó Conquistador, ao saqueador.
6. Tal como tu és, nascido conforme a Lei, ó Agni, quando louvado dá proteção aos nossos corpos, de quem quer que possa censurar ou ferir, pois tu, ó Deus, resgatas de toda opressão.
7. Tu, discernindo bem ambas essas classes,<sup>10</sup> vens aos homens de manhã cedo, ó santo Agni. Sê obediente<sup>11</sup> ao homem ao anoitecer, para ser adornado, como ardente,<sup>12</sup> por solicitadores ansiosos.
8. A ele nós temos endereçado os nossos discursos piedosos, eu, filho de Mãna, a ele o vitorioso Agni. Que nós ganhemos incontáveis riquezas com os sábios. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 190 \(Griffith\)](#)

<sup>6</sup> Esse hino, como Ludwig observa, parece ter sido composto em uma época de pestilência.

<sup>7</sup> Ou, que não mantêm o fogo sagrado; cujos habitantes não cultuam Agni.

<sup>8</sup> Serpentes venenosas.

<sup>9</sup> Animais selvagens que não mordem, mas que ferem com seus chifres, etc.

<sup>10</sup> Adoradores e não adoradores.

<sup>11</sup> Sê um servo útil na casa.

<sup>12</sup> *Akraḥ*, aplicado a Agni em todos os lugares onde ele ocorre no R̥gveda, parece significar ligeiro, violento, ávido ou ardente. Ludwig pensa que ele aqui significa um poste sacrificial, e Grassmann, uma bandeira. Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia: 'sê complacente (com os desejos dele); como um instituidor do rito, (que é guiado) pelos desejos (dos sacerdotes)'.

## Hino 189. Agni (Oldenberg)

MAṄḌALA I. HINO 189.  
AṢṬAKA II, ADHYĀYA 5, VARGA 10-11

1. Agni! Leva-nos à riqueza em um bom caminho, ó deus que conheces todas as regras. Afasta de nós o pecado que nos faz mal. Nós te ofereceremos o louvor mais completo.
2. Agni! Tu que és jovem, ajuda-nos seguramente através de todas as dificuldades. Sê para nós uma fortaleza grande, ampla, extensa, para nossos amigos e parentes, com sorte e bem-estar.
3. Agni! Afasta de nós todas as pragas. (Então) ela infestarão povos que não estão sob a proteção de Agni. (Dá-)nos de volta a terra, ó deus, junto com todos os imortais, ó adorável, para que ela possa ir bem conosco.
4. Protege-nos, Agni, com teus guardiões incansáveis, tu que flamejas em teu lugar amado. Que nenhum perigo, ó mais jovem dos deuses, atinja o teu adorador, nem agora nem no futuro, ó poderoso!
5. Não nos entregues, ó Agni, ao inimigo perigoso, ao ganancioso, ao impostor, ao infortúnio. Não nos abandones, ó poderoso, para algum que tem dentes, que morde, nem para um que não tem dentes, nem para um que vai nos ferir.
6. Que um (deus) como tu, ó Agni, que és nascido de acordo com Rta, sendo louvado espalhe um abrigo para o corpo (do adorador que proteja) de todo aquele que tenta prejudicá-lo ou maltratá-lo. Pois tu, ó Deus, és um discernente de tudo o que nos leva ao erro.
7. Tu, ó Agni, distinguindo ambos (os tipos de homens, os piedosos e os ímpios, ou os arianos e os Dasyus), te aproximas ansiosamente dos homens (arianos) na (hora do) avanço (do dia), ó adorável. Na (hora do) descanso tu te tornas governável para o homem (ou para Manu; ou, tu deves ser louvado pelos homens); tu deves ser alisado como um cavalo pelos Uśijs.
8. Nós pronunciamos as nossas invocações, eu, o filho de Māna, diante desse poderoso Agni. Que nós obtenhamos (os nossos desejos), através de mil Rṣis. Que nós encontremos um dador de alimento ... rico em chuva vivificante.

[Índice](#) ◀

---

## Hino 190. Bṛhaspati (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é Bṛhaspati;<sup>1</sup> o Ṛṣi, Agastya; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 12. **1.** (Sacerdotes), aumentem por seus hinos Bṛhaspati, que não abandona (seu adorador); o derramador (de benefícios), o de linguagem agradável, o adorável; de quem resplandecente, deuses e homens, (os ministros) do instituidor do sacrifício, êmulos em canções sagradas, proclamam (o louvor).

**2.** Os hinos da estação (chuvosa)<sup>2</sup> são endereçados a ele, que é na verdade o criador (da chuva), e a tem concedido (às preces) dos devotos; pois aquele Bṛhaspati é o manifestador (de todos), o vento expansivo que (distribuindo) bênçãos foi produzido para (a difusão de) água.

**3.** Ele está pronto<sup>3</sup> (para aceitar) o louvor oferecido, a apresentação da homenagem, o hino, como o sol (está pronto para estender) seus raios; pelos atos dele a quem os Rākṣasas (não resistem), o (sol que gira) diariamente existe, e ele é forte como um animal predador temível.

**4.** A glória desse Bṛhaspati se espalha pelo céu e a terra como o sol; recebendo culto, e dando inteligência, ele concede (as recompensas do sacrifício); como as armas dos caçadores,<sup>4</sup> assim essas (armas) de Bṛhaspati caem diariamente sobre os produtores de fraude.

**5.** Divino Bṛhaspati, tu não concedes (riqueza) desejada àqueles (homens) estúpidos que, vis e pecaminosos, vivem, considerando a ti, que és auspicioso, como um boi velho;<sup>5</sup> mas tu favoreces aquele que (te) oferece libações.<sup>6</sup>

Varga 13. **6.** Sê um caminho (agradável) para aquele que segue bem e faz boas oferendas, como o amigo afetuoso de (um governante que) reprime os maus; e que aqueles homens impecáveis que nos instruem, embora ainda envolvidos (pela ignorância), se livrem da cobertura deles.<sup>7</sup>

**7.** Para quem louvores (necessariamente) procedem, como homens (se reúnem em volta de um mestre); como rios, rolando entre suas margens, fluem para o oceano; aquele sábio Bṛhaspati, ávido (atrás de chuva), e estacionário no meio, contempla ambos<sup>8</sup> (a balsa e a água).

**8.** Desse modo, Bṛhaspati, o poderoso, o beneficente, o poderoso, o derramador (de benefícios), o divino, foi glorificado; louvado por nós, que ele nos torne possuidores de progênie e gado, para que daí nós possamos obter alimento, força e vida longa.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 191 \(Wilson\)](#)

<sup>1</sup> Bṛhaspati é aqui definido como *mantrasya pālayitāram*, o protetor ou nutridor da prece.

<sup>2</sup> *Ṛtvijā* é explicado como, 'orações conectadas com a época da chuva'.

<sup>3</sup> Ou o pronome pode se aplicar ao *Yajamāna*, que se esforça para oferecer o louvor, a oblação, etc.

<sup>4</sup> Como as armas daqueles que procuram matar.

<sup>5</sup> *Tvā usrikam manyamānāḥ: usriyā* é explicado, uma vaca velha ou que dá pouco leite.

<sup>6</sup> *Cayasa it piyārum*, tu vais conferir proteção àquele que sacrifica com o suco *Soma*, mas, de acordo com o *Nirukta*, as palavras podem ter um sentido diferente, significando, tu destróis os malévolos. – iv. 25.

<sup>7</sup> *Abhi ye cakṣate noḥ*, aqueles que falam para nós; o comentador diz, que, *bodhayanti*, nos despertam ou instruem; mas não está claro como aqueles que são *apīṛtā*, envolvidos por ignorância, podem ser competentes para ensinar; outra explicação é, que aqueles que nos insultam, e que estão sendo protegidos, sejam privados daquela proteção.

<sup>8</sup> A passagem é muito obscura, identificando Bṛhaspati com Indra; *ambos* pode denotar o céu e a terra, entre os quais, no *antarikṣa*, ou firmamento, a região da chuva, é o lugar apropriado dele.

## Hino 190. Bṛhaspati (Griffith)

1. Glorifica Bṛhaspati,<sup>9</sup> o incólume, que deve ser louvado com hinos, poderoso e de língua doce, a quem, como líder da canção, resplandecente, digno de louvores, os Deuses e os mortais ouvem.
2. A ele servem canções de acordo com a estação, assim como um rio de homens piedosos colocado em movimento. Bṛhaspati – pois ele dispôs as extensões<sup>10</sup> – era, no sacrifício, o vasto Mātariśvan.
3. O louvor, o verso que oferece adoração, que ele possa trazer, como o Sol envia seus braços, aquele<sup>11</sup> que dá luz diária<sup>12</sup> através da sabedoria desse Deus, forte como uma fera terrível, e inofensivo.<sup>13</sup>
4. Seu cântico de louvor permeia o céu e a terra; que o adorador sábio o atraia, como um corcel. Esses<sup>14</sup> de Bṛhaspati, como flechas dos caçadores, vão para os céus que mudam de cor como serpentes.<sup>15</sup>
5. Aqueles, Deus, que te consideram como um boi inútil, e, pecadores ricos, vivem em ti o Generoso, – a tolos como esses tu não concedes nenhuma bênção; Bṛhaspati, tu punes o maldosos.
6. Como um caminho belo é ele, onde a grama é agradável, embora difícil de ganhar, um Amigo amado muito ternamente. Aqueles que não feridos por inimigos nos observam, enquanto eles os tornariam expostos, permaneceram rigorosamente cercados.<sup>16</sup>
7. Ele para quem canções de louvor partem como torrentes, como rios redemoinhando sob as margens fluem para o mar, – Bṛhaspati o sábio, o ávido, olha de perto para ambos, as águas e o recipiente.<sup>17</sup>
8. Assim Bṛhaspati, grandioso, forte e poderoso, o Deus extremamente poderoso, foi trazido para cá. Que ele louvado dessa maneira nos dê vacas e cavalos. Que nós encontremos alimento fortalecedor em total abundância.

[Índice](#) ◀▶ [Hino 191 \(Griffith\)](#)

<sup>9</sup> Senhor da Prece. Veja 1.14.3 [nota 8].

<sup>10</sup> Espalhou e revelou para os olhos dos homens as amplas regiões do céu e da terra. O sentido do segundo hemistíquio não é claro. [Veja a versão de Wilson.] Não parece haver nada no R̥gveda para justificar a identificação de Mātariśvan com o vento, e só na linguagem posterior *ṛtā* tem o sentido de água. Veja 1.31.3 [nota 18].

<sup>11</sup> Bṛhaspati.

<sup>12</sup> O aparecimento regular do Sol depende da sabedoria de Bṛhaspati.

<sup>13</sup> *Arakṣasaḥ*, segundo Sāyaṇa, livre da oposição dos Rākṣasas.

<sup>14</sup> Esses cânticos sagrados, comparados a flechas.

<sup>15</sup> *Ahimāyān*. Veja 1.3.9.

<sup>16</sup> Essa estrofe é ininteligível para mim. [Veja a versão de Wilson.]

<sup>17</sup> Essa estrofe também é muito obscura. É dito que Bṛhaspati olha para as águas e o recipiente, isto é, o rio a ser cruzado e o bote que é para ser usado, significando talvez o sacrifício e tudo o que é usado na realização dele. Ludwig pensa que um jogo com as palavras é pretendido, *āpaḥ* significando tanto água quanto uma cerimônia religiosa e *taraḥ* tanto balsa quanto energia pronta.

## Hino 191. Água, Grama, Sol (Wilson)

(Sūkta XII)

Considera-se que os deuses são as Águas, a Grama, e o Sol; o R̥ṣi é Agastya; a métrica do décimo, décimo primeiro e décimo segundo versos é Mahāpañkti; do décimo terceiro, Mahābṛhatī; do resto, Anuṣṭubh.<sup>1</sup>

Varga 14. **1.** Uma criatura de pouco veneno; uma criatura de grande veneno; ou algum réptil venenoso aquático;<sup>2</sup> criaturas dos dois tipos,<sup>3</sup> tanto destrutivas (de vida), quanto criaturas invisíveis (venenosas),<sup>4</sup> me ungiram<sup>5</sup> com seu veneno.

**2.** (O antídoto), chegando (à pessoa mordida), destrói as (criaturas venenosas) invisíveis; partindo, (ele as destrói); privado (de substância),<sup>6</sup> ele as destrói (por seu odor); sendo moído, ele as pulveriza.

**3.** (Folhas de) grama *śara*, (de) *kuśara*, (de) *darbha*, (de) *sairya*, (de) *muñja*, (de) *vīraṇa*,<sup>7</sup> todas (o habitat) de (criaturas venenosas) invisíveis, juntas me ungiram (com seu veneno).

**4.** As vacas tinham se deitado em seus estábulos; os animais selvagens tinham se retirado (para suas tocas); os sentidos dos homens estavam em repouso; quando as (criaturas venenosas) invisíveis me ungiram (com seu veneno).<sup>8</sup>

**5.** Ou elas podem ser descobertas (no escuro),<sup>9</sup> como ladrões no (crepúsculo da) noite; pois embora elas não sejam vistas, contudo todos são vistos por elas; portanto, homens, sejam vigilantes.

Varga 15. **6.** O Céu, (serpentes), é seu pai; a Terra, sua mãe; Soma, seu irmão;<sup>10</sup> Aditi, sua irmã; não vistas, vendo tudo, permaneçam (em seus próprios buracos); desfrutem (a sua própria) boa vontade.

**7.** Aqueles (que movem com seus ombros), aqueles (que movem com seus corpos),<sup>11</sup> aqueles que picam com presas afiadas,<sup>12</sup> aqueles que são virulentamente venenosos; o que vocês fazem aqui, ó invisíveis, partam juntos para longe de nós.

<sup>1</sup> Este é um hino bastante singular; de acordo com o comentador, ele é um antídoto místico contra veneno, tendo sido recitado por Agastya sob uma apreensão de ter sido envenenado; assim Śaunaka diz: Que qualquer um que sofre por veneno repita diligentemente o hino *Kankato na*, quando ele não terá efeito sobre ele, embora causado por uma serpente, ou uma lança envenenada; ele superará todo veneno em répteis, aranhas, insetos, escorpiões, raízes, e venenos artificiais, por repeti-lo silenciosamente.

<sup>2</sup> *Karikata na-karikato satīnakaṅkata*, são explicados dessa maneira por Sāyaṇa: algo de pouco veneno, e o oposto disso, de não pouco veneno, como grandes cobras e semelhantes; *satīna* é um sinônimo de água no *Nirukta*.

<sup>3</sup> De pouco ou de muito veneno, ou criaturas da terra ou da água.

<sup>4</sup> *Adiṣṭā*, de formas invisíveis; o nome, de acordo com o comentador, de certos insetos venenosos; no comentário sobre o verso oitavo ele o explica como uma classe de venenos ou de criaturas venenosas.

<sup>5</sup> *Alipsata*, cobriram, espalharam sobre todos os membros.

<sup>6</sup> *Avaghnatī, avahanyamānauṣadhiḥ*; uma droga ou antídoto sendo destruído; perdendo sua substância, e reduzido ao seu odor; ou isso pode significar apenas que um determinado medicamento, implícito, é destrutivo de criaturas venenosas.

<sup>7</sup> Essas são, respectivamente, a *Saccharum sara*, uma espécie inferior dela, *Poa cynosuroides*, *Saccharum spontaneum*, *Saccharum munja*, *Andropogon muricatum*, gramas longas como junco, em meio às quais répteis podem espreitar não vistos.

<sup>8</sup> Esses répteis sendo mais frequentes durante à noite ou no escuro; o verso ocorre no *Atharvana*, vi. lii. 2, com uma leitura diferente na primeira parte da segunda linha; *nyūrmayo nadīnam*, as ondas dos rios se aquietaram.

<sup>9</sup> Como serpentes por sua respiração, de acordo com Sāyaṇa.

<sup>10</sup> *Soma* aqui será a lua; ou, conforme o comentador, o Céu, a residência do *Soma*, – *Somadharo dyulokah*.

<sup>11</sup> *Ye aṃsyā ye aṛigvāḥ*; as expressões são bastante vagas, implicando o que se relaciona com os ombros, ou o corpo em geral; desse modo, *aṃsyā* pode significar, sendo adequado para os ombros, movendo-se com ou por eles, nascido ou produzido em ou sobre eles, mordendo com eles; assim *aṛigya* pode significar, movendo-se com o corpo, ou envenenando com o corpo, como certas aranhas, cujo contato é venenoso, e semelhantes; o *anse bhavāḥ*, produzido nos

8. O Sol que tudo vê ergue-se no leste, o destruidor do não visto,<sup>13</sup> afastando todas as (criaturas venenosas) invisíveis, e todos os maus espíritos.

9. O Sol ergueu-se no alto, destruindo todos os muitos (venenos); Āditya, o que tudo vê, o destruidor do não visto, (ergue-se) para (o bem dos) seres vivos.<sup>14</sup>

10. Eu deposito o veneno no orbe solar, como uma garrafa de couro na casa de um vendedor de bebidas alcoólicas; de fato, aquele adorável (Sol) nunca morre; nem, (pela graça dele), nós morreremos (do veneno); pois, embora longe, contudo, puxado por seus corcéis, ele alcançará (o veneno); a ciência dos antídotos converteu a ti (Veneno), em ambrosia.<sup>15</sup>

Varga 16. 11. Aquele pequeno pássaro insignificante<sup>16</sup> engoliu teu veneno; ela não morre, nem nós morreremos; pois, embora longe, mas puxado por seus corcéis, (o Sol), alcançará (o veneno); a ciência dos antídotos converteu a ti (Veneno), em ambrosia.

12. Que as três vezes sete faíscas (de Agni)<sup>17</sup> consumam a influência do veneno; elas realmente não perecem, nem nós morreremos; pois, apesar de longe, o Sol, puxado por seus corcéis, alcançará o veneno; a ciência dos antídotos transformou a ti, (Veneno), em ambrosia.

13. Eu recito os nomes dos noventa e nove (rios), os destruidores de veneno; embora distante (o Sol), puxado por seus corcéis, alcançará o veneno; a ciência dos antídotos converteu a ti, (Veneno), em ambrosia.

14. Que as três vezes sete pavoas,<sup>18</sup> os sete rios irmãs, levem embora, (ó Corpo), o teu veneno, como donzelas, com jarros, levam água.

15. Que o mangusto insignificante<sup>19</sup> (leve embora) a tua peçonha (Veneno); se não, eu esmagarei a vil (criatura) com uma pedra; para que o veneno saia (do meu corpo), e vá para regiões distantes.

16. Apressando-se adiante pelo comando (de Agastya), assim falou o mangusto: O veneno do escorpião é inócuo; escorpião, teu veneno é inócuo.<sup>20</sup>

ombros, pode prover aqueles que procuram por analogias entre as lendas iranianas e indianas com um paralelo na história de *Zohāk*.

<sup>12</sup> *Sūcīkāh*, tendo ferrões afiados como agulhas, como um escorpião.

<sup>13</sup> *Adṛṣṭahā* também pode significar, o dissipador da escuridão; mas *adṛṣṭā* logo ocorre novamente no sentido de criaturas venenosas invisíveis, que, assim como os *Yātudhānas* ou *Rākṣasas*, desaparecem ao nascer do sol. Nos temos essa estrofe, com alguma variação, no *Atharvana*, v. xxiii. 6: a segunda metade da estrofe é, destruindo os visíveis e invisíveis; matando todos os répteis.

<sup>14</sup> Esse também ocorre no *Atharvana*, vi. lii. 1; a segunda parte é a mesma, a primeira lê: o sol nasce no céu do leste, dispersando os *Rākṣasas*.

<sup>15</sup> A idéia que permeia esta estrofe, e constitui o refrão das três seguintes, é derivada, de acordo com Sāyaṇa, da *Viṣa-vidyā*, a ciência dos venenos, ou dos antídotos, por isso ela é também denominada *Madhu-vidyā*, ciência da ambrosia; pelo *Sūrya maṇḍala*, ou orbe do sol, provavelmente deve ser entendido um diagrama místico, ou figura totalmente ou parcialmente simbólica da esfera solar; o sol sendo considerado como especialmente útil em neutralizar a operação do veneno; a ciência dos antídotos também é chamada no texto de *madhulā*, como sinônimo de *Madhuvidyā*. Ela foi originalmente ensinada por Indra para Dadhyanch, que a comunicou aos Ásvins, e por isso perdeu sua cabeça. – Veja 1.116.12 [nota 13].

<sup>16</sup> A ave, de acordo com o comentador, é a *kapiñjala* fêmea, ou perdiz francolim, que, segundo ele, é bem conhecida como uma removedora de veneno.

<sup>17</sup> As sete línguas, ou chamas de fogo, podem ser multiplicadas como vermelhas, brancas e pretas; ou *viṣpuliṅgakā* pode ser um sinônimo de *caṭakā*, um pardal fêmea; do qual há vinte e uma variedades, comedoras de veneno impunemente.

<sup>18</sup> *Triḥ sapta mayūryah*; a inimizade entre pavão e cobras é notória, mas que existem vinte e uma variedades de *mayūrī*, ou pavoas, carece de autoridade; os sete rios, diz o comentador, são aqueles do céu, ou os ramos da divina Gangā, mas nós os tivemos antes; todos os rios correntes são possivelmente considerados como antídotos.

<sup>19</sup> *Kuṣumbhako-nakulah*, o *nēul*, ou Mangusto *viverra*, cuja hostilidade para com a serpente também é notória.

<sup>20</sup> O Sr. Langlois preferiu uma interpretação totalmente diferente desse *Sūkta*, supondo que ele alude ao estado do céu antes do início de um sacrifício; ele, portanto, interpreta *viṣa* como escuridão, – as trevas, ou os vapores da noite, os quais

## Hino 191. Água, Grama, Sol<sup>21</sup> (Griffith)

1. Venenoso, pouco venenoso, ou verme aquático venenoso,<sup>22</sup> –  
Ambas as criaturas,<sup>23</sup> picantes, não observadas, me infectaram com veneno.
2. Vindo, ela mata despercebida;<sup>24</sup> ela as mata quando vai embora,  
Ela as mata quando as afugenta, e ferindo as fere até a morte.
3. Grama Śara, Darbha, Kuśara e Sairya, Muñja, Vīraṇa,<sup>25</sup>  
Onde todas essas criaturas habitam invisíveis, me infectaram com veneno.
4. As vacas tinham se estabelecido em seus estábulos, os animais predadores tinham  
buscado suas tocas; as luzes dos homens estavam apagadas, quando coisas não vistas me  
infectaram.
5. Ou esses, esses répteis, são observados, como ladrões à espreita ao anoitecer.  
Videntes de tudo, eles mesmos invisíveis; sê, portanto, muito vigilante.
6. O Céu é seu Pai,<sup>26</sup> sua Mãe a Terra, Soma<sup>27</sup> seu Irmão, Aditi  
Sua Irmã; vendo tudo, não vistos, fiquem imóveis e vivam alegremente.
7. Mordedores de ombro ou de membro, com ferrões de agulha, os mais venenosos,  
Invisíveis, quaisquer que vocês sejam, desapareçam juntos e vão embora.
8. Matador de coisas invisíveis, o Sol, visto por todos, sobe, ao leste,  
Consumindo todos os que não são vistos, e os maus espíritos da noite.
9. Lá elevou-se o Deus-Sol, que caustica muito e tudo.  
O próprio Āditya das colinas, visto por todos, destruindo as coisas não vistas.
10. Eu penduro o veneno no Sol,<sup>28</sup> um odre de vinho na casa de um negociante de vinhos,  
Ele não morrerá,<sup>29</sup> nem nós morreremos; seu caminho é distante; ele a quem Cavalos Baios  
conduzem te transformou em hidromel doce.
11. Essa pequena ave,<sup>30</sup> muito pequena, tem engolido todo o teu veneno.  
Ela não morrerá, nem nós morreremos; seu caminho é distante; ele a quem Cavalos Baios  
conduzem te transformou em hidromel doce.

---

são dissipados pela luz da manhã, ou pelos raios do sol; sobre qual autoridade se baseia essa compreensão da intenção do hino não foi declarado; nada do tipo é sugerido por Sāyaṇa, cuja interpretação é confirmada pela aplicação lendária do hino como relatado por Śaunaka e pelos textos correspondentes do *Atharvāna*; há, sem dúvida, muitas expressões de significado duvidoso, e algumas das quais são utilizadas em outros lugares, como no *Yajush*, em uma acepção diferente; mas a interpretação dada por Sāyaṇa parece ser a mais coerente com o sentido geral do texto.

<sup>21</sup> Esse assim chamado hino é um feitiço ou encantamento dito ter sido recitado por Agastya quando ele suspeitou que tinha sido envenenado. Diz-se que sua repetição silenciosa é um antídoto eficaz contra ‘todo o veneno em répteis, insetos, escorpiões, raízes, e venenos artificiais’. Eu geralmente sigo Sāyaṇa; mas suas explicações nem sempre são satisfatórias, e várias passagens devem ser deixadas em sua obscuridade original.

<sup>22</sup> O significado exato das palavras da primeira linha é incerto.

<sup>23</sup> Ambas as classes, ou as venenosas e as levemente venenosas, ou répteis da terra e cobras-d’água.

<sup>24</sup> A erva, usada como um antídoto, chegando ao homem que foi mordido mata as criaturas venenosas que o atacaram secretamente.

<sup>25</sup> Essas são diferentes espécies de grama nas quais cobras e outros répteis venenosos espreitam.

<sup>26</sup> O Céu, ou Dyaus, é dito aqui ser o pai das cobras.

<sup>27</sup> A Lua.

<sup>28</sup> ‘Eu deposito o veneno no orbe solar, ...’ [Veja a versão de Wilson e a nota (15) que a acompanha.]

<sup>29</sup> O Sol não morrerá dos efeitos do veneno aplicado desse modo, e nós também que fomos mordidos nos recuperaremos pela graça dele.

<sup>30</sup> Segundo Sāyaṇa, a ave a qual nós chamamos de perdiz francolim, dita ser uma ‘removedora de veneno’.

**12.** As três vezes sete faíscas<sup>31</sup> brilhantes de fogo consumiram a força do veneno. Elas não morrerão, nem nós morreremos; seu caminho é distante; ele a quem Cavalos Baios conduzem te transformou em hidromel doce.

**13.** De noventa rios e de nove<sup>32</sup> com poder de parar o curso do veneno – Os nomes de todos eu garanti; seu caminho é distante; ele a quem Cavalos Baios conduzem te transformou em hidromel doce.

**14.** Assim as três vezes sete pavoas,<sup>33</sup> assim as Sete Irmãs donzelas<sup>34</sup> Levaram teu veneno para longe, como as moças carregam água em seus jarros.

**15.** O inseto venenoso<sup>35</sup> é tão pequeno; eu esmago a criatura com uma pedra. Eu por isso desvio o veneno para longe, afastado para terras distantes.

**16.** Saindo do lado da montanha o inseto venenoso falou e disse: O veneno do escorpião não tem força; Escorpião, teu veneno é apenas fraco.

[Índice](#) ◀

## FIM DO PRIMEIRO MAṄḌALA.

---

<sup>31</sup> Ou, diz Sāyaṇa, as sete chamas de fogo multiplicadas, ou as vinte e uma variedades de outro tipo de ave não afetada por comer veneno.

<sup>32</sup> Os números são usados indefinidamente em lugar de todos os rios da região.

<sup>33</sup> Pavões são considerados como grandes inimigos das cobras. O número parecer ser meramente fantasioso e emprestado do verso 12.

<sup>34</sup> Os sete rios principais da região.

<sup>35</sup> Como *kuṣumbha* quer dizer bolsa de veneno, Ludwig e Grassmann consideram que *kuṣumbhakāḥ* no texto significa inseto venenoso.

Sāyaṇa o explica como o *nakula*, *nēul* ou mangusto cuja hostilidade com a cobra é notória. Wilson parafraseia, [veja a versão acima].

## Métrica

A rima não é usada no R̥gveda. As métricas são reguladas pelo número de sílabas na estrofe, a qual consiste geralmente em três ou quatro Pādas, medidas, divisões, ou quartos de versos, com um intervalo marcado distintamente no fim do segundo Pāda, e assim formando dois hemistíquios ou semi-estrofes de extensão igual e desigual. Esses Pādas muito usualmente contêm oito ou onze ou doze sílabas cada; mas ocasionalmente eles consistem em menos ou às vezes em mais do que esses números. Os Pādas de uma estrofe são em geral de extensão igual e de quantidades métricas mais ou menos correspondentes, mas às vezes dois ou três tipos de métricas são empregados em uma estrofe, e então os Pādas variam em quantidade e extensão. Em relação à quantidade, as primeiras sílabas do Pāda não estão sujeitas a leis muito estritas, mas as últimas quatro são mais regulares, sua medida sendo geralmente iâmbica<sup>1</sup> em Pādas de oito e doze sílabas e trocáica<sup>2</sup> naqueles de onze. No texto impresso o primeiro e segundo Pādas formam uma linha, e o terceiro, ou terceiro e quarto, ou terceiro, quarto e quinto, completam o dístico ou estrofe. Eu segui essa organização na minha tradução.<sup>3</sup>

Abaixo, em ordem alfabética, encontram-se os nomes, com descrições breves, das métricas usadas nos Hinos do R̥gveda. O Índice dos Hinos mostrará a métrica ou métricas usadas em cada Hino.

*Abhisāriṇī*: uma espécie de Tr̥ṣṭup, na qual dois Pādas contêm doze em vez de onze sílabas.

*Anuṣṭup* ou *Anuṣṭubh*: consistindo em quatro Pādas de oito sílabas cada, dois Pādas formando uma linha. Essa é a forma de métrica prevalecente no Mānava-dharma-sāstra, no Mahābhārata, no Rāmāyaṇa, e nos Purāṇas.

*Anuṣṭubgarbhā*: uma métrica da classe Uṣṇih: o primeiro Pāda contendo cinco sílabas, e os três Pādas seguintes de oito sílabas cada.

*Anuṣṭup Pipīlikamadhya*: uma espécie de Anuṣṭup tendo o segundo Pāda mais curto do que o primeiro e o terceiro (8 sílabas + 4 + 8 + 8).

*Aṣṭi*: consistindo em quatro Pādas de dezesseis sílabas cada, ou sessenta e quatro sílabas na estrofe.

*Āstārapaṅkti*: consistindo em dois Pādas de oito sílabas cada, seguidos por dois Pādas de doze sílabas cada.

*Atidhṛti*: quatro Pādas de dezenove sílabas cada, = 76 sílabas.

*Atijaṅatī*: quatro Pādas de treze sílabas cada.

*Atinicṛti*: consistindo em três Pādas contendo respectivamente sete, seis, e sete sílabas.

*Atisākvarī*: quatro Pādas de quinze sílabas cada.

*Atyaṣṭi*: quatro Pādas de dezessete sílabas cada.

*Bṛhatī*: quatro Pādas (8 + 8 + 12 + 8) contendo 36 sílabas na estrofe.

*Caturviṃśatikā Dvipadā*: uma Dvipadā contendo 24 sílabas em vez de 20.

<sup>1</sup> [Formada de iambos: ênfase nas sílabas de número par, isto é, uma sílaba átona e uma sílaba tônica (fraco-forte; ou breve e longa).]

<sup>2</sup> [Formada de troqueus: ênfase nas sílabas de número ímpar, isto é, uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona (forte-fraca; ou longa e breve).]

<sup>3</sup> [Eu não mantive essa configuração na tradução dos versos para o português.]

*Dhṛti*: consistindo em setenta e duas sílabas em uma estrofe.

*Dvipadā Virāj*: uma espécie de Gāyatrī consistindo em dois Pādas somente (12 + 8 ou 10 + 10 sílabas); representada inadequadamente na tradução por duas linhas decassilábicas iâmbicas.

*Ekapadā Triṣṭup*: uma Trīṣṭup consistindo em um único Pāda ou quarto de estrofe.

*Ekapadā Virāj*: uma Virāj consistindo em um único Pāda.

*Gāyatrī*: a estrofe geralmente consiste em vinte e quatro sílabas, organizadas de modo variado, mas geralmente como um grupo de três Pādas de oito sílabas cada, ou em uma linha de dezesseis sílabas e uma segunda linha de oito. Há onze variedades dessa métrica, e o número de sílabas na estrofe varia conseqüentemente de dezenove a trinta e três.

*Jagatī*: uma métrica que consiste de quarenta e oito sílabas organizadas em quatro Pādas de doze sílabas cada, dois Pādas formando uma linha ou hemistiquio que na tradução é representado por um duplo alexandrino.

*Kakup* ou *Kakubh*: uma métrica de três Pādas compostos de oito, doze e oito sílabas respectivamente.

*Kakubh Nyāṅkuśīrā*: consiste em três Pādas de 9 + 12 + 4 sílabas.

*Kṛti*: uma métrica de quatro Pādas de vinte sílabas cada.

*Madhyejyotis*: uma métrica na qual um Pāda de oito sílabas fica entre dois Pādas de doze.

*Mahābrhatī*: quatro Pādas de oito sílabas cada, seguidos por um de doze.

*Mahāpadapaṅkti*: uma métrica de duas linhas de trinta e uma sílabas, a primeira linha composta quatro Pādas de cinco sílabas cada, e a segunda sendo uma Trīṣṭup das usuais onze sílabas. Veja os *Vedic Hymns*, part I. (S. Books of the East) XXXII, p. xcvi.

*Mahāpaṅkti*: uma métrica de quarenta e oito sílabas (8x6 ou 12x4).

*Mahāsatobrhatī*: uma forma alongada de Satobrhatī.

*Naṣṭarūpī*: uma variedade de Anuṣṭup.

*Nyāṅkusārīṇī*: uma métrica de quatro Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

*Pādanicṛt*: uma variedade de Gāyatrī na qual uma sílaba está faltando em cada Pāda: 7x3 = 21 sílabas.

*Pādapaṅkti*: uma métrica que consiste de cinco Pādas de cinco sílabas cada.

*Paṅkti*: uma métrica de cinco Pādas octossilábicos, como Anuṣṭup com um Pāda adicional.

*Paṅktyuttarā*: uma métrica que termina com uma Paṅkti de 5 + 5 sílabas.

*Pipīlikāmadhyā*: qualquer métrica cujo Pāda central é mais curto do que o precedente e do que o seguinte.

*Pragātha*: uma métrica no Livro 8, composta de estrofes que combinam dois versos, isto é, um Brhatī ou Kakup seguido por um Satobrhatī.

*Prastārapaṅkti*: uma métrica de quarenta sílabas: 12 + 12 + 8 + 8.

*Pratiṣṭhā*: uma métrica de quatro Pādas de quatro sílabas cada; também uma variedade da Gāyatrī consistindo em três Pādas de oito, sete e seis sílabas respectivamente.

*Purastādbṛhatī*: uma variedade de Brhatī com doze sílabas no primeiro Pāda.

*Pura-uṣṇih*: uma métrica de três Pādas, contendo 12 + 8 + 8 sílabas.

*Śakvari*: uma métrica de quatro Pādas de quatorze sílabas cada.

*Satobr̥hatī*: uma métrica cujos Pādas pares contêm oito sílabas cada, e os ímpares doze:  $12 + 8 + 12 + 8 = 40$ .

*Skandhogr̥ivī*: composta de Pādas de  $8 + 12 + 8 + 8$  sílabas.

*Tanuśirā*: composta de três Pādas de  $11 + 11 + 6$  sílabas.

*Triṣṭup* ou *Triṣṭubh*: uma métrica de quatro Pādas de onze sílabas cada.

*Upariṣṭādbṛhatī*: composta de quatro Pādas de  $12 + 8 + 8 + 8$  sílabas.

*Upariṣṭāj̥jyotis*: Uma estrofe *Triṣṭup* cujo último Pāda contém só oito sílabas.

*Ūrdhvaḥṛhatī*: uma variedade de *Bṛhatī*.

*Uroḥṛhatī*: uma variedade de *Bṛhatī*:  $8 + 12 + 8 + 8$ .

*Uṣṇiggarbhā*: *Gāyatrī* de três Pādas de seis, sete e onze sílabas respectivamente.

*Uṣṇih*: composta de três Pādas de  $8 + 8 + 12$  sílabas.

*Vardhamānā*: uma espécie de *Gāyatrī*;  $6 + 7 + 8 = 21$  sílabas.

*Viparītā*: uma métrica de quatro Pādas, semelhante à *Viṣṭārapaṅkti*.

*Virāḍrūpā*: uma métrica *Triṣṭup* de quatro Pādas,  $11 + 11 + 11 + 7$  ou  $8$  sílabas.

*Virāj*: uma métrica de quatro Pādas de dez sílabas cada.

*Virāṭpūrvā*: uma variedade de *Triṣṭup*.

*Virāṭsthānā*: uma variedade de *Triṣṭup*.

*Viṣamapadā*: métrica de estrofes ímpares.

*Viṣṭārabṛhatī*: uma forma de *Bṛhatī* de quatro Pādas contendo  $8 + 10 + 10 + 8 = 36$  sílabas.

*Viṣṭārapaṅkti*: uma forma de *Paṅkti* consistindo em quatro Pādas de  $8 + 12 + 12 + 8 = 40$  sílabas.

*Yavamadhyā*: uma métrica que tem um Pāda mais longo entre dois mais curtos.

Ralph T. H. Griffith.





## Índice<sup>1</sup> dos Sūktas do Maṇḍala 1

### Primeiro Aṣṭaka

#### Adhyāya 1

#### Anuvāka 1

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>Ṛṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
I	1	Agni	Madhucchandas Vaiśvāmitra	9	Gāyatrī
II	2	Vāyu (1-3); Indra e Vāyu (4-6); Mitra e Varuṇa (7-9)	II	9	II
III	3	Aśvins (1-3); Indra (4-6); Viśvedevas (7-9); Sarasvatī (10-12)	II	12	II
<b>Anuvāka 2</b>					
I	4	Indra	II	10	II
II	5	II	II	10	II
III	6	Indra (1-3,10); Maruts (4, 6, 8, 9); Indra e Maruts (5,7)	II	10	II
IV	7	Indra	II		II
<b>Anuvāka 3</b>					
I	8	II	II	10	II
II	9	Indra	Madhucchandas Vaiśvāmitra	10	Gāyatrī

<sup>1</sup> Esse Índice é composto daquele encontrado na pág. 331 do primeiro volume da Rg Veda Saṃhitā por Wilson, que vai até o Hino 121, e que continua na pág. 337 do segundo volume, com algumas adições. Essas consistem na inclusão da especificação do número das estrofes que são dedicadas a tal e qual divindade; de um segundo nome para cada Ṛṣi, indicativo do pai, ou professor, ou linhagem dele; do número de versos ou estrofes incluídos em cada hino; e da(s) métrica(s) na qual cada hino foi composto. Essas informações adicionais vêm do interior da própria obra traduzida, do Índice da versão de Griffith, e da obra de Gary Holland, *Rig Veda: A Metrically Restored Text with an Introduction and Notes*, second edition, disponível em [linguistics.berkeley.edu/people/person\\_detail.php?person=18](http://linguistics.berkeley.edu/people/person_detail.php?person=18) (site consultado em 06/2013).

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
III	10	Indra	Madhucchandasa Vaiśvāmitra	12	Anuṣṭubh
IV	11	II	Jetṛ Mādhuchandasa	8	Anuṣṭubh
<b>Anuvāka 4</b>					
I	12	Agni	Medhātithi Kāṇva	12	Gāyatrī
II	13	Āpr̥is: Agni (1); Tanūnapāt (2); Narāśam̥sa (3); Ila [ou Iḷita] (4); Barhis (5); Dev̥r Dvāraḥ (6); Uṣāsānaktā (7); dois sacerdotes sábios divinos (8); as três deusas Sarasvatī, Iḷā, Bhāratī (9); Tvaṣṭṛ (10); Vanaspati (11); Svāhākr̥tis (12)	II	12	II
III	14	Viśvadevas	II	12	II
IV	15	R̥tu, com: Indra (1,5); os Maruts (2); Tvaṣṭṛ (3); Agni (4, 12); Mitra e Varuṇa (5); Draviṇodā (7-10); os Ásvins (11)	II	12	II
V	16	Indra	II	9	II
VI	17	Indra e Varuṇa	II	9	Gāyatrī; 4,e 5: Pādanicṛt
<b>Anuvāka 5</b>					
I	18	Brahmaṇaspati (1-3); Brahmaṇaspati, Indra e Soma (4); os mesmos e Dakṣiṇā (5); Sadasaspati (6-8); o mesmo ou Narāśam̥sa (9)	II	9	Gāyatrī
II	19	Agni e Maruts	II	9	II
<b>Adhyāya 2</b>					
III	20	R̥bhus	II	8	II
IV	21	Indra e Agni	II	6	II
V	22	Ásvins (1-4); Savitṛ (5-8); Agni (9-10); as Devās (11); Indrāṇī, Varuṇānī, Agnāyī (12); Céu e Terra (13,14); Terra (15); Viṣṇu ou os Deuses (16); Viṣṇu (17-21)	II	21	II
VI	23	Vāyu (1); Indra e Vāyu (2,3); Mitra e Varuṇa (4-6); Indra Marutvat (7-9), os Viśvedevas (10-12); Pūṣan (13-15); as Águas (16-23a); Agni (23b,24)	II	24	Gāyatrī; 19: Purausṇih; 20,22,24: Anuṣṭubh; 21: Pratiṣṭhā

<b>Anuvāka 6</b>					
<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
I	24	Ka [Prajāpati] <sup>2</sup> (1); Agni (2); Savitr̥ (3,4); o mesmo ou Bhaga (5); Varuṇa (6-15)	Śunaḥśepa Ājīgarti	15	Triṣṭubh; 3-5: Gāyatrī
II	25	Varuṇa		21	Gāyatrī
III	26	Agni		10	
IV	27	Agni (1-12); os Deuses (Viśvedevas) (13)		13	Gāyatrī; 13: Triṣṭubh
V	28	Indra (1-4), o almofariz (5,6), o almofariz e o pilão (7,8), Prajāpati Hariścandra ou a pele na qual Soma é espremido (9)		9	1-6: Anuṣṭubh; 7-9: Gāyatrī
VI	29	Indra		7	Pañkti
VII	30	Indra (1-16); os Aśvins (17-19); Uṣas (20-22)		22	Gāyatrī; 11: Pādanicṛt; 16: Triṣṭubh
<b>Anuvāka 7</b>					
I	31	Agni	Hiraṇyastūpa Āṅgīrasa	18	Jagatī. 8,16 e18: Triṣṭubh
II	32	Indra		15	Triṣṭubh
<b>Adhyāya 3</b>					
III	33	Indra		15	
IV	34	Aśvins		12	Jagatī. 9,12: Triṣṭubh
V	35	Agni, Mitra e Varuṇa, Rātri (Noite), Savitr̥ (1); Savitr̥ (2-11)		11	Triṣṭubh. 1 e 9: Jagatī
<b>Anuvāka 8</b>					
I	36	Agni (1-12; 15-20); o pote sacrificial (13-14)	Kaṇva Ghaura	20	Bṛhatī nos versos ímpares e Satobṛhatī nos pares.
II	37	Maruts		15	Gāyatrī
III	38	"		15	Gāyatrī
IV	39	"		10	Bṛhatī nos versos ímpares e Satobṛhatī nos pares

<sup>2</sup> Veja a nota 2 do hino 24.

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
V	40	Brahmaṇaspati	Kaṇva Ghaura	8	Bṛhatī nos versos ímpares e Satobr̥hatī nos pares
VI	41	Varuṇa, Mitra, Aryaman (1-3; 7-9); Ādityās (4-6)		9	Gāyatrī
VII	42	Pūṣan		10	
VIII	43	Rudra (1,2; 4-6); Rudra, Mitra e Varuṇa (3); Soma (7-9)		9	Gāyatrī. 9: Anuṣṭubh
<b>Anuvāka 9</b>					
I	44	Agni, Aśvins, Uṣas (1,2); Agni (3-14).	Praskaṇva Kāṇva	14	Bṛhatī nos versos ímpares e Satobr̥hatī nos pares.
II	45	Agni (1-10ab); os Deuses (10cd)		10	Anuṣṭubh
III	46	Aśvins		15	Gāyatrī
<b>Adhyāya 4</b>					
IV	47	Aśvins		10	Bṛhatī nos versos ímpares e Satobr̥hatī nos pares.
V	48	Uṣas		16	
VI	49	"		4	Anuṣṭubh
VII	50	Sūrya; encanto contra doença, <sup>3</sup> upaniṣad (10-13); também contra inimigos (13cd)		13	Gāyatrī. 10-13: Anuṣṭubh
<b>Anuvāka 10</b>					
I	51	Indra	Savya Āṅgīrasa	15	Jagatī. 14-15: Triṣṭubh
II	52			15	Jagatī. 13,15: Triṣṭubh
III	53			11	Jagatī. 10,11: Triṣṭubh
IV	54			11	Jagatī. 6,8,9,11: Triṣṭubh
V	55			8	Jagatī
VI	56			6	
VII	57			6	

<sup>3</sup> Veja a nota 7 do hino 50.

<b>Anuvāka 11</b>					
<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
I	58	Agni	Nodhas Gautama	9	Jagatī. 6-9: Triṣṭubh
II	59	Vaiśvānara	II	7	Triṣṭubh
III	60	Agni	II	5	II
IV	61	Indra	II	16	II
<b>Adhyāya 5</b>					
V	62	II	II	13	II
VI	63	II	II	9	II
VII	64	Maruts	II	15	Jagatī. 15: Triṣṭubh
<b>Anuvāka 12</b>					
I	65	Agni	Parāśara Śāktya	5 (10) <sup>4</sup>	Dvipadā Virāj
II	66	II	II	5 (10)	II
III	67	II	II	5 (10)	II
IV	68	II	II	5 (10)	II
V	69	II	II	5 (10)	II
VI	70	II	II	6 (11)	II
VII	71	II	II	10	Triṣṭubh
VIII	72	II	II	10	II
IX	73	II	II	10	II
<b>Anuvāka 13</b>					
I	74	Agni	Gotama Rāhūgaṇa	9	Gāyatrī
II	75	II	II	5	II
III	76	II	II	5	Triṣṭubh
IV	77	II	II	5	II
V	78	II	II	5	Gāyatrī
VI	79	Agni ou Agni Madhyama (isto é, do meio ou central) (1-3); Agni (4-12)	II	12	1-3: Triṣṭubh. 4-6: Uṣṇih. 7-12: Gāyatrī

<sup>4</sup> Veja a nota 1 do hino 65.

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>Ṛṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
VII	80	Indra	Gotama Rāhūgaṇa	16	Pañkti
<b>Adhyāya 6</b>					
VIII	81	II	II	9	II
IX	82	II	II	6	Pañkti. 6: Jagatī
X	83	II	II	6	Jagatī
XI	84	II	II	20	1-6: Anuṣṭubh. 7-9: Uṣṇih. 10-12: Pañkti. 13-15: Gāyatrī. 16-18: Triṣṭubh. 19: Bṛhatī. 20: Satobrhatī
<b>Anuvāka 14</b>					
I	85	Maruts	II	12	Jagatī. 5,12: Triṣṭubh
II	86	II	II	10	Gāyatrī
III	87	II	II	6	Jagatī
IV	88	II	II	6	1 e 6: Prastārapañkti. 2-4 Triṣṭubh. 5: Virādrūpā
V	89	Viśvedevas	II	10	1-5,7: Jagatī. 6: Virāṭsthānā. 8-10: Triṣṭubh
VI	90	II	II	9	Gāyatrī. 9: Anuṣṭubh
VII	91	Soma	II	23	1-4: Triṣṭubh. 5-16: Gāyatrī. 17: Uṣṇih. 18-23: Triṣṭubh
VIII	92	Uṣas (Aurora) (1-15); Aśvins (16-18)	II	18	1-4: Jagatī. 5-12: Triṣṭubh. 13-18: Uṣṇih
IX	93	Agni e Soma	II	12	1-3: Anuṣṭubh. 4-7,12: Triṣṭubh. 8: Jagatī ou Triṣṭubh. 9-11: Gāyatrī
<b>Anuvāka 15</b>					
I	94	Agni (1-7, 8d, 9-16ab); os Devās (8abc); Agni ou Mitra, Varuṇa, Aditi, Sindhu, Terra, Céu (16cd)	Kutsa Āṅgīrasa	16	Jagatī. 15-16: Triṣṭubh

**Adhyāya 7**

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>Ṛṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
II	95	Agni ou o fogo da alvorada	Kutsa Āṅgīrasa	11	Triṣṭubh
III	96	Agni ou Draviṇodā	II	9	II
IV	97	Agni ou o fogo purificador	II	8	Gāyatrī
V	98	Agni ou Agni Vaiśvānara	II	3	Triṣṭubh
VI	99	Agni ou Agni Jātavedas	Kaśyapa Mārīca	1	II
VII	100	Indra	Os Vārṣāgīras: Ṛjṛāśva, Ambarīṣa, Sahadeva, Bhayamāna e Surādhas	19	II
VIII	101	II	Kutsa Āṅgīrasa	11	Jagatī. 8-11: Triṣṭubh
IX	102	II	II	11	Jagatī. 11: Triṣṭubh
X	103	II	II	8	Triṣṭubh
XI	104	II	II	9	II
XII	105	Viśvedevas	Trita Āptya ou Kutsa	19	Pañkti. 8: Mahābrhatī do tipo yavamadyā. 19: Triṣṭubh

**Anuvāka 16**

I	106	II	Kutsa Āṅgīrasa	7	Jagatī. 7: Triṣṭubh
II	107	II	II	3	Triṣṭubh
III	108	Indra e Agni	II	13	II
IV	109	II	II	8	II
V	110	Ṛbhus	II	9	Jagatī. 8,9: Triṣṭubh
VI	111	II	II	5	Jagatī. 5: Triṣṭubh
VII	112	Céu e Terra (1a), Agni (1b), os Aśvins (1cd-25)	II	25	Jagatī. 24,25: Triṣṭubh

**Adhyāya 8**

VIII	113	Uṣas (1ab, 2-20); Uṣas e Rātri (Noite) (1cd)	II	20	Triṣṭubh
IX	114	Rudra	II	11	Jagatī. 10,11: Triṣṭubh
X	115	Sūrya	II	6	Triṣṭubh

<b>Anuvāka 17</b>					
<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
I	116	Aśvins	Kakṣīvat Dairghatamasa, filho da escrava Uśij <sup>5</sup>	25	Triṣṭubh
II	117	II	II	25	II
III	118	II	II	11	II
IV	119	II	II	10	Jagatī
V	120	Aśvins <sup>6</sup>	II	12	1, 10-12: Gāyatrī. 2: Kakubh. 3: Kavirāj. 4: Naṣṭarūpī. 5: Tanuśirā. 6: Uṣṇih. 7: Viṣṭābrhatī. 8: Kṛti. 9: Virāj
<b>Anuvāka 18</b>					
I	121	Indra ou os Viśvedevas	II	15	Triṣṭubh
<b>Aṣṭaka 2</b>					
<b>Adhyāya 1</b>					
II	122	Viśvedevas	II	15	Triṣṭubh. 5, 6: Virāḍrūpā
III	123	Uṣas	II	13	Triṣṭubh
IV	124	II	II	13	II
V	125	(Dānastuti: 'louvor à generosidade' de) Svanaya	II	7	Triṣṭubh. 4 e 5: Jagatī
VI	126	Bhāvayavya (1-5, 7); Romaśā (6)	Kakṣīvat (1-5); Bhāvayavya (6); Romaśā (7)	7	Triṣṭubh. 6 e 7 Anuṣṭubh
<b>Anuvāka 19</b>					
I	127	Agni	Parucchepa Daivodāsi	11	Atyaṣṭi. 6: Atidhṛti
II	128	II	II	8	Atyaṣṭi
III	129	Indra (1-5; 7-11); Indu (6)	II	11	Atyaṣṭi. 8, 9: Atiśakvarī. 11: Aṣṭi

<sup>5</sup> Veja a nota 2 do hino 18.

<sup>6</sup> Segundo Wilson, a última estrofe é endereçada ao Remédio contra sonhos ruins.

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
IV	130	Indra	Parucchepa Daivodāsi	10	Atyaṣṭi. 10: Triṣṭubh
V	131	II	II	7	Atyaṣṭi
VI	132	Indra (1-5, 6b); Indra e Parvata (6a)	II	6	II
VII	133	Indra	II	7	1: Triṣṭubh. 2-4: Anuṣṭubh. 5: Gāyatrī. 6: Dhṛti. 7: Atyaṣṭi
<b>Anuvāka 20</b>					
I	134	Vāyu	II	6	Atyaṣṭi. 6: Aṣṭi
II	135	Vāyu (1-3, 9); Vāyu e Indra (4-8)	II	9	Atyaṣṭi. 7 e 8: Aṣṭi
III	136	Mitra e Varuṇa (1-5); vários deuses (6-7)	II	7	Atyaṣṭi. 7: Triṣṭubh
<b>Adhyāya 2</b>					
IV	137	Mitra e Varuṇa	II	3	Atiśakvarī
V	138	Pūṣan	II	4	Atyaṣṭi
VI	139	Aos Viśvedevas, ou vários deuses: Viśvedevas (1 e 11); Mitra e Varuṇa (2); aos Aśvins (3-5); Indra (6); Agni (7); aos Maruts (8); Indra e Agni (9); Br̥haspati (10)	II	11	Atyaṣṭi. 5: Br̥hatī. 11: Triṣṭubh
<b>Anuvāka 21</b>					
I	140	Agni	Dīrghatamas Aucathya	13	Jagatī. 10: Jagatī ou Triṣṭubh. 12 e 13: Triṣṭubh
II	141	II	II	13	Jagatī. 12 e 13: Triṣṭubh
III	142	Hino Āprī (1-12); Indra (13)	II	13	Anuṣṭubh
IV	143	Agni	II	8	Jagatī. 8: Triṣṭubh
V	144	II	II	7	Jagatī
VI	145	II	II	5	Jagatī. 5: Triṣṭubh
VII	146	II	II	5	Triṣṭubh
VIII	147	II	II	5	II
IX	148	II	II	5	II
X	149	II	II	5	Virāj
XI	150	II	II	3	Uṣṇih

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
XII	<b>151</b>	Mitra (1); Mitra e Varuṇa (2-9)	Dīrghatamas Aucathya	9 <sup>7</sup>	Jagatī
XIII	<b>152</b>	Mitra e Varuṇa		7	Triṣṭubh
XIV	<b>153</b>			4	
XV	<b>154</b>	Viṣṇu		6	
XVI	<b>155</b>	Viṣṇu e Indra (1-3); Viṣṇu (4-6)		6	Jagatī
XVII	<b>156</b>	Viṣṇu		5	
<b>Anuvāka 22</b>					
I	<b>157</b>	Aśvins		6	Jagatī. 5 e 6: Triṣṭubh
<b>Adhyāya 3</b>					
II	<b>158</b>			6	Triṣṭubh. 6: Anuṣṭubh
III	<b>159</b>	Céu e Terra		5	Jagatī
IV	<b>160</b>			5	
V	<b>161</b>	R̥bhus		14	Jagatī. 14: Triṣṭubh
VI	<b>162</b>	Louvor a um cavalo		22	Triṣṭubh. 3 e 6 Jagatī
VII	<b>163</b>			13	Triṣṭubh
VIII	<b>164</b>	Viśvedevas (1-41); Vāc (42a e 45); as Águas (42b); Fumaça de esterco (43a); Soma (43b); Agni, Sūrya, Vāyu (44); Sūrya (46 e 47); a Roda das Estações [Kāla, ou Tempo] (48); Sarasvatī (49); os Sādhyas (50); Sūrya, ou Parjanya, ou Agni (51); Sarasvat, ou Sūrya (52)		52	Triṣṭubh. 12,15,23,29,36,41: Jagatī. 42: Prastārapañkti. 51: Anuṣṭubh
<b>Anuvāka 23</b>					
I	<b>165</b>	Indra acompanhado pelos Maruts	Indra (1,2, <sup>8</sup> 4,6,8,10-12), os Maruts (3,5,7,9), e Agastya (13-15)	15	Triṣṭubh

<sup>7</sup> A tradução desse hino por Wilson, devido a uma repetição, tem dez versos.

<sup>8</sup> Esses dois primeiros versos, segundo Max Müller, são proferidos pelo sacrificador. Veja a nota 21 desse hino.

## Adhyāya 4

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>R̥ṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
II	166	Maruts	Agastya Maitrāvaruṇi	15	Jagatī. 14 e 15: Triṣṭubh
III	167	Indra (1); os Maruts (2-11)	II	11	Triṣṭubh
IV	168	Maruts	II	10	Jagatī. 8-10: Triṣṭubh
V	169	Indra	II	8	Triṣṭubh. 2: Virāj
VI	170	Indra	Indra (1,3); Agastya (2,5); Indra ou Agastya (4)	5	1: Bṛhatī. 2-4: Anuṣṭubh. 5: Triṣṭubh
VII	171	Maruts (1,2), Indra acompanhado pelos Maruts	Agastya	6	Triṣṭubh
VIII	172	Maruts	II	3	Gāyatrī
IX	173	Indra	II	13	Triṣṭubh
X	174	II	II	10	II
XI	175	II	II	6	Anuṣṭubh. 1: Skandhogrīvī. 6: Triṣṭubh
XII	176	II	II	6	Anuṣṭubh. 6: Triṣṭubh
XIII	177	II	II	5	Triṣṭubh
XIV	178	II	II	5	II
XV	179	Rati (Prazer)	Lopāmudrā (1,2); Agastya (3,4); Discípulo (5,6)	6	Triṣṭubh. 5: Bṛhatī

## Anuvāka 24

I	180	Aśvins	Agastya	10	Triṣṭubh
II	181	II	II	9	II
III	182	II	II	8	Jagatī. 6 e 8: Triṣṭubh
IV	183	II	II	6	Triṣṭubh

## Adhyāya 5

V	184	II	II	6	II
VI	185	Céu e Terra	II	11	II
VII	186	Viśvedevas	II	11	II
VIII	187	Louvor ao Alimento	II	11	1: Anuṣṭubhgarbhā. 2,4,8-10: Gāyatrī. 3,5-7: Anuṣṭubh. 11: Anuṣṭubh ou Bṛhatī

<b>Sūkta</b>	<b>(Hino)</b>	<b>Divindade</b>	<b>Ṛṣi</b>	<b>No. Versos</b>	<b>Métrica</b>
IX	188	Hino Āpṛī	Agastya	11	Gāyatrī
X	189	Agni		8	Triṣṭubh
XI	190	Bṛhaspati		8	
XII	191	Água, Grama, Sūrya		16	Anuṣṭubh. 10-12: Mahāpañkti. 13: Mahābṛhatī

## Índice Rápido

a: por Wilson; b: por Griffith; c: por Oldenberg; d: por Müller

<a href="#">001a</a>	<a href="#">011a</a>	<a href="#">021a</a>	<a href="#">031a</a>	<a href="#">041a</a>	<a href="#">051a</a>	<a href="#">061a</a>	<a href="#">071a</a>	<a href="#">081a</a>	<a href="#">091a</a>	<a href="#">101a</a>	<a href="#">111a</a>	<a href="#">121a</a>	<a href="#">131a</a>	<a href="#">141a</a>	<a href="#">151a</a>	<a href="#">161a</a>	<a href="#">171a</a>	<a href="#">181a</a>
<a href="#">001b</a>	<a href="#">011b</a>	<a href="#">021b</a>	<a href="#">031b</a>	<a href="#">041b</a>	<a href="#">051b</a>	<a href="#">061b</a>	<a href="#">071b</a>	<a href="#">081b</a>	<a href="#">091b</a>	<a href="#">101b</a>	<a href="#">111b</a>	<a href="#">121b</a>	<a href="#">131b</a>	<a href="#">141b</a>	<a href="#">151b</a>	<a href="#">161b</a>	<a href="#">171b</a>	<a href="#">181b</a>
<a href="#">001c</a>	<a href="#">012a</a>	<a href="#">022a</a>	<a href="#">031c</a>	<a href="#">042a</a>	<a href="#">052a</a>	<a href="#">062a</a>	<a href="#">071c</a>	<a href="#">082a</a>	<a href="#">092a</a>	<a href="#">102a</a>	<a href="#">112a</a>	<a href="#">122a</a>	<a href="#">132a</a>	<a href="#">141c</a>	<a href="#">152a</a>	<a href="#">162a</a>	<a href="#">171d</a>	<a href="#">182a</a>
<a href="#">002a</a>	<a href="#">012b</a>	<a href="#">022b</a>	<a href="#">032a</a>	<a href="#">042b</a>	<a href="#">052b</a>	<a href="#">062b</a>	<a href="#">072a</a>	<a href="#">082b</a>	<a href="#">092b</a>	<a href="#">102b</a>	<a href="#">112b</a>	<a href="#">122b</a>	<a href="#">132b</a>	<a href="#">142a</a>	<a href="#">152b</a>	<a href="#">162b</a>	<a href="#">172a</a>	<a href="#">182b</a>
<a href="#">002b</a>	<a href="#">012c</a>	<a href="#">023a</a>	<a href="#">032b</a>	<a href="#">043a</a>	<a href="#">053a</a>	<a href="#">063a</a>	<a href="#">072b</a>	<a href="#">083a</a>	<a href="#">093a</a>	<a href="#">103a</a>	<a href="#">113a</a>	<a href="#">123a</a>	<a href="#">133a</a>	<a href="#">142b</a>	<a href="#">153a</a>	<a href="#">163a</a>	<a href="#">172b</a>	<a href="#">183a</a>
<a href="#">002d</a>	<a href="#">013a</a>	<a href="#">023b</a>	<a href="#">033a</a>	<a href="#">043b</a>	<a href="#">053b</a>	<a href="#">063b</a>	<a href="#">072c</a>	<a href="#">083b</a>	<a href="#">093b</a>	<a href="#">103b</a>	<a href="#">113b</a>	<a href="#">123b</a>	<a href="#">133b</a>	<a href="#">142c</a>	<a href="#">153b</a>	<a href="#">163b</a>	<a href="#">172d</a>	<a href="#">183b</a>
<a href="#">003a</a>	<a href="#">013b</a>	<a href="#">024a</a>	<a href="#">033b</a>	<a href="#">043d</a>	<a href="#">054a</a>	<a href="#">064a</a>	<a href="#">073a</a>	<a href="#">084a</a>	<a href="#">094a</a>	<a href="#">104a</a>	<a href="#">114a</a>	<a href="#">124a</a>	<a href="#">134a</a>	<a href="#">143a</a>	<a href="#">154a</a>	<a href="#">164a</a>	<a href="#">173a</a>	<a href="#">184a</a>
<a href="#">003b</a>	<a href="#">013c</a>	<a href="#">024b</a>	<a href="#">034a</a>	<a href="#">044a</a>	<a href="#">054b</a>	<a href="#">064b</a>	<a href="#">073b</a>	<a href="#">084b</a>	<a href="#">094b</a>	<a href="#">104b</a>	<a href="#">114b</a>	<a href="#">124b</a>	<a href="#">134b</a>	<a href="#">143b</a>	<a href="#">154b</a>	<a href="#">164b</a>	<a href="#">173b</a>	<a href="#">184b</a>
<a href="#">004a</a>	<a href="#">014a</a>	<a href="#">025a</a>	<a href="#">034b</a>	<a href="#">044b</a>	<a href="#">055a</a>	<a href="#">064d</a>	<a href="#">073c</a>	<a href="#">085a</a>	<a href="#">094c</a>	<a href="#">105a</a>	<a href="#">114d</a>	<a href="#">125a</a>	<a href="#">134d</a>	<a href="#">143c</a>	<a href="#">155a</a>	<a href="#">165a</a>	<a href="#">174a</a>	<a href="#">185a</a>
<a href="#">004b</a>	<a href="#">014b</a>	<a href="#">025b</a>	<a href="#">035a</a>	<a href="#">044c</a>	<a href="#">055b</a>	<a href="#">065a</a>	<a href="#">074a</a>	<a href="#">085b</a>	<a href="#">095a</a>	<a href="#">105b</a>	<a href="#">115a</a>	<a href="#">125b</a>	<a href="#">135a</a>	<a href="#">144a</a>	<a href="#">155b</a>	<a href="#">165b</a>	<a href="#">174b</a>	<a href="#">185b</a>
<a href="#">005a</a>	<a href="#">015a</a>	<a href="#">026a</a>	<a href="#">035b</a>	<a href="#">045a</a>	<a href="#">056a</a>	<a href="#">065b</a>	<a href="#">074b</a>	<a href="#">085d</a>	<a href="#">095b</a>	<a href="#">106a</a>	<a href="#">115b</a>	<a href="#">126a</a>	<a href="#">135b</a>	<a href="#">144b</a>	<a href="#">156a</a>	<a href="#">165d</a>	<a href="#">175a</a>	<a href="#">186a</a>
<a href="#">005b</a>	<a href="#">015b</a>	<a href="#">026b</a>	<a href="#">036a</a>	<a href="#">045b</a>	<a href="#">056b</a>	<a href="#">065c</a>	<a href="#">074c</a>	<a href="#">086a</a>	<a href="#">095c</a>	<a href="#">106b</a>	<a href="#">116a</a>	<a href="#">126b</a>	<a href="#">136a</a>	<a href="#">144c</a>	<a href="#">156b</a>	<a href="#">166a</a>	<a href="#">175b</a>	<a href="#">186b</a>
<a href="#">006a</a>	<a href="#">016a</a>	<a href="#">026c</a>	<a href="#">036b</a>	<a href="#">045c</a>	<a href="#">057a</a>	<a href="#">066a</a>	<a href="#">075a</a>	<a href="#">086b</a>	<a href="#">096a</a>	<a href="#">107a</a>	<a href="#">116b</a>	<a href="#">127a</a>	<a href="#">136b</a>	<a href="#">145a</a>	<a href="#">157a</a>	<a href="#">166b</a>	<a href="#">176a</a>	<a href="#">187a</a>
<a href="#">006b</a>	<a href="#">016b</a>	<a href="#">027a</a>	<a href="#">036c</a>	<a href="#">046a</a>	<a href="#">057b</a>	<a href="#">066b</a>	<a href="#">075b</a>	<a href="#">086d</a>	<a href="#">096b</a>	<a href="#">107b</a>	<a href="#">117a</a>	<a href="#">127b</a>	<a href="#">137a</a>	<a href="#">145b</a>	<a href="#">157b</a>	<a href="#">166d</a>	<a href="#">176b</a>	<a href="#">187b</a>
<a href="#">006d</a>	<a href="#">017a</a>	<a href="#">027b</a>	<a href="#">037a</a>	<a href="#">046b</a>	<a href="#">058a</a>	<a href="#">066c</a>	<a href="#">075c</a>	<a href="#">087a</a>	<a href="#">096c</a>	<a href="#">108a</a>	<a href="#">117b</a>	<a href="#">127c</a>	<a href="#">137b</a>	<a href="#">145c</a>	<a href="#">158a</a>	<a href="#">167a</a>	<a href="#">177a</a>	<a href="#">188a</a>
<a href="#">007a</a>	<a href="#">017b</a>	<a href="#">027c</a>	<a href="#">037b</a>	<a href="#">047a</a>	<a href="#">058b</a>	<a href="#">067a</a>	<a href="#">076a</a>	<a href="#">087b</a>	<a href="#">097a</a>	<a href="#">108b</a>	<a href="#">118a</a>	<a href="#">128a</a>	<a href="#">138a</a>	<a href="#">146a</a>	<a href="#">158b</a>	<a href="#">167b</a>	<a href="#">177b</a>	<a href="#">188b</a>
<a href="#">007b</a>	<a href="#">018a</a>	<a href="#">028a</a>	<a href="#">037d</a>	<a href="#">047b</a>	<a href="#">058c</a>	<a href="#">067b</a>	<a href="#">076b</a>	<a href="#">087d</a>	<a href="#">097b</a>	<a href="#">109a</a>	<a href="#">118b</a>	<a href="#">128b</a>	<a href="#">138b</a>	<a href="#">146b</a>	<a href="#">159a</a>	<a href="#">167d</a>	<a href="#">178a</a>	<a href="#">188c</a>
<a href="#">008a</a>	<a href="#">018b</a>	<a href="#">028b</a>	<a href="#">038a</a>	<a href="#">048a</a>	<a href="#">059a</a>	<a href="#">067c</a>	<a href="#">076c</a>	<a href="#">088a</a>	<a href="#">097c</a>	<a href="#">109b</a>	<a href="#">119a</a>	<a href="#">128c</a>	<a href="#">139a</a>	<a href="#">146c</a>	<a href="#">159b</a>	<a href="#">168a</a>	<a href="#">178b</a>	<a href="#">189a</a>
<a href="#">008b</a>	<a href="#">019a</a>	<a href="#">029a</a>	<a href="#">038b</a>	<a href="#">048b</a>	<a href="#">059b</a>	<a href="#">068a</a>	<a href="#">077a</a>	<a href="#">088b</a>	<a href="#">098a</a>	<a href="#">110a</a>	<a href="#">119b</a>	<a href="#">129a</a>	<a href="#">139b</a>	<a href="#">147a</a>	<a href="#">160a</a>	<a href="#">168b</a>	<a href="#">179a</a>	<a href="#">189b</a>
<a href="#">009a</a>	<a href="#">019b</a>	<a href="#">029b</a>	<a href="#">038d</a>	<a href="#">049a</a>	<a href="#">059c</a>	<a href="#">068b</a>	<a href="#">077b</a>	<a href="#">088d</a>	<a href="#">098b</a>	<a href="#">110b</a>	<a href="#">120a</a>	<a href="#">129b</a>	<a href="#">140a</a>	<a href="#">147b</a>	<a href="#">160b</a>	<a href="#">168d</a>	<a href="#">179b</a>	<a href="#">189c</a>
<a href="#">009b</a>	<a href="#">019d</a>	<a href="#">030a</a>	<a href="#">039a</a>	<a href="#">049b</a>	<a href="#">060a</a>	<a href="#">068c</a>	<a href="#">077c</a>	<a href="#">089a</a>	<a href="#">098c</a>		<a href="#">120b</a>	<a href="#">130a</a>	<a href="#">140b</a>	<a href="#">147c</a>		<a href="#">169a</a>	<a href="#">180a</a>	<a href="#">190a</a>
<a href="#">010a</a>	<a href="#">020a</a>	<a href="#">030b</a>	<a href="#">039b</a>	<a href="#">050a</a>	<a href="#">060b</a>	<a href="#">069a</a>	<a href="#">078a</a>	<a href="#">089b</a>	<a href="#">099a</a>			<a href="#">130b</a>	<a href="#">140c</a>	<a href="#">148a</a>		<a href="#">169b</a>	<a href="#">180b</a>	<a href="#">190b</a>
<a href="#">010b</a>	<a href="#">020b</a>		<a href="#">039d</a>	<a href="#">050b</a>	<a href="#">060c</a>	<a href="#">069b</a>	<a href="#">078b</a>	<a href="#">090a</a>	<a href="#">099b</a>					<a href="#">148b</a>		<a href="#">170a</a>		<a href="#">191a</a>
			<a href="#">040a</a>			<a href="#">069c</a>	<a href="#">078c</a>	<a href="#">090b</a>	<a href="#">099c</a>					<a href="#">148c</a>		<a href="#">170b</a>		<a href="#">191b</a>
			<a href="#">040b</a>			<a href="#">070a</a>	<a href="#">079a</a>		<a href="#">100a</a>					<a href="#">149a</a>		<a href="#">170d</a>		
						<a href="#">070b</a>	<a href="#">079b</a>		<a href="#">100b</a>					<a href="#">149b</a>				
						<a href="#">070c</a>	<a href="#">079c</a>							<a href="#">149c</a>				
							<a href="#">080a</a>							<a href="#">150a</a>				
							<a href="#">080b</a>							<a href="#">150b</a>				

														<a href="#">150c</a>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	----------------------	--	--	--	--